

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

IRENE CRISTINA DE MEXIA HEITOR DE MEDEIROS PORTELA

A PRETEXTO DA IRLANDA - (DES)MUNDOS, GUERRAS, SUJEITOS, VOZINHAS, DEMOCRACIAS

VOLUME I

NITERÓI DEZEMBRO DE 2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

P843 Portela, Irene C. M. H. de Medeiros.

A pretexto da Irlanda : (des)mundos, guerras, sujeitos, vozinhas, democracias / Irene Cristina de Mexia Heitor de Medeiros Portela ; orientador: Claudio de Farias Augusto. – 2017.

2 v. (xxxiv, 527 f.)

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2017.

Bibliografia: f. 450-482 (v.2).

1. Irlanda. 2. Guerra civil. 3. História política. 4. Sociedade; aspecto histórico. 5. Democracia. I. Augusto, Claudio de Farias. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

Bibliotecária: Mahira de Souza Prado CRB-7/6146



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

IRENE CRISTINA DE MEXIA HEITOR DE MEDEIROS PORTELA

A PRETEXTO DA IRLANDA - (DES)MUNDOS, GUERRAS, SUJEITOS, VOZINHAS, DEMOCRACIAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor. Área de concentração: Fundações da Teoria Política.

ORIENTADOR: PROF. DR. CLAUDIO DE FARIAS AUGUSTO

IRENE CRISTINA DE MEXIA HEITOR DE MEDEIROS PORTELA

A PRETEXTO DA IRLANDA -

(DES)MUNDOS, GUERRAS, SUJEITOS, VOZINHAS, DEMOCRACIAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para obetenção do grau de Doutor. Área de concentração: Fundações da Teoria Política

Aprovada em 05 / 12 / 2017 BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dr. Claudio de Farias Augusto (orientador)		
Profa. Dra. Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro (examinadora interna)		
Prof. Dr. Carlos Henrique Aguiar Serra (examinador interno)		
Profa. Dra. Vânia Morales Sierra (examinadora externa - UERJ)		
Prof. Dr. Ilié Antonio Pele (examinador externo - PUC-Rio)		
Prof. Dr. Marcial Alécio Garcia Suarez (suplente interno)		
Profa. Dra. Heloisa Meireles Gesteira (suplente externo - PUC-Rio / UNIRIO)		

For Eoin, Joaquim and Valentina - my life and my always present

Para Claudio e Eleanor - bardos, seres fantásticos

Para a minha criança maravilha

Por um grande encontro de crianças maravilha

Saoirse - Liberty, by Seán Ó Ríordáin, 1952

I will go down amongst the people on foot And I will go down tonight

I will go down seeking bondage from the venom liberty that howls here:

and I will tie the pack of thoughts that snarl around me in the solitude:

And I will seek an ordered temple where people congregate at a set time:

And I will seek out people who never practised liberty or solitude:

And I will listen to the shilling thoughts that are exchanged like money:

And I will give the love of my heart to people who never imagined other than second hand.

Oh, I will remain with you day and night, And I will be lowly And I will be faithful to your stub-thoughts.

Because I heard them grow in my mind, grow without control, without moderation.

and I gave them my heart's love fiercely to the thing that is bridled, to every copied thing:

To discipline, to law, to the peopled temple, To the poor and commonplace word, to the set time:

To the abbot, the bell, the servant, to the hesitant comparison, to cowardice:

To the mouse, to measurement, to the tiny flea, to the chapter and the line of the alphabet:

To the majesty of going and coming, to gambling at night, to salutations:

To the farmer measuring the wind in the autumn as he thinks of a field of barley:

To co-understanding, to co-tradition to co-behaviour of co-people, to the co-copied thing.

And I bestow my hatred now and forever on the doings of liberty on independence

Weary is the mind that has fallen in the deep trough of liberty, no hill erected by God exists there, only abstract hills, the particular hills of / the imagination, and each hill is full of desires climbing, unfulfilled, liberty is without limit, so are the hills of the imagination the desires are unlimited and there exists no release.

(trans. Seán Ó Ríordáin)¹

O poema original, em irlandês, consta do álbum *The Gloaming*, de 2014, na voz de Iarla Ó Lionaird. Há uma filmagem em que Muldoon declama sua tradução, entremeada por Iarla Ó Lionaird: https://www.youtube.com/watch?v=WUONgApP1jQ. Acesso 2016-04.

¹ Ó RÍORDÁIN, Seán. 2014, *Selected poems / Rogha dánta*. Edited by Frank SEWELL. New Haven & London / Indreabhán: Yale University Press / Cló Iar-Chonnacht. pp. 106-11. Seán Ó Ríordáin viveu entre 1916 e 1977. O Prefácio à coletânea editada por Frank Sewell é do também poeta irlandês Paul Muldoon. O Prefácio é constituído por uma outra tradução de *Saoirse*, que Muldoon intitula *Freedom* (ao invés de *Liberty*):

I'm going down among the ordinary people. / I'm going to get up on my own two feet and go right / down to where tey're gathered tonight. / I'm going down in search of some good old Servitude / instead of this poisonous Freedom stuff / that turns out to be so grim and gruff. / I'll try to restrain the pack of thoughts / snarling and snapping at my heels / through the great loneliness I tend to feel. / I'll go looking for a holy chapel / with a huge crowd that'll have gathered in it / at a time nailed down to the nearest minute. / I'll go looking for the company of those / who could never see / the point of being cut off and free. / I'll listen to the two cents worth / they'll rearrange / like so much spare change. / I'll try to show a little respect to the people / who still can't stand / any idea that isn't second-hand. / I'll stick with you day and night, / keeping my head down, staying loyal only to the crop-cron. / I've had thoughts springing of late in my skull, / these thoughts springing of late / unruly and intemperate. / But I'll try to give my attention / to things that are all tied up, / to every dogged idea and its pup, yup. / To power, to contracts drawn up by the hour, to ex cathedra / pronouncements, to the predictable word, / to the hours riding herd. / To the vice-abbot, the clock-face, the time serving servant, / to the comparison that falls apart, / to the chicken-heart. / To the mousy one, the measured one, the flea-sized flea, / the quoting chapter and verse, / to the cursive alphabet that's more a curse. / To all those majestic to-ings and fro-ings, / to the nightly casting of dice, / to the once-blessed, the thrice-. / To the farmer riddling the autumn wind / as he looks out over a field / of barley and contemplates its yield. / To partnering in insight, partnering in memory, / to buying into a startup when we could have stopped it, / to the co-opting of the co-opted. / For I'm here to rail now and forever / against Freedom and all its works, / against everything about independence that irks. / The mind that falls into the deep furrow of Freedom / will never spring up afresh. / That mind is pre-trampled. Prethreshed. / There aren't any God-made hills in that vicinity / but abstract hills, hills of the imagination / keeping their own hard station. / Every last one of these hills is coming down / with wishes and deep desires / that never meet the goals to which they aspire. / There are no limits to the idea of Freedom / nor the range of the imagination. There are no bounds / to any of those deep desires. There's no reprieve to be

AGRADECIMENTOS

Só vou agradecer àqueles diretamente ligados à tese ou a mim própria - o que é a mesma coisa que dizer à minha família direta, construída. Noutros termos, por favor, que ninguém de quem eu seja próxima se sinta ofendido(a) / magoado(a) por não ter sido referido. Amo muitas pessoas, em graus diversos é bem verdade, mas a relação delas com a tese é, no mais do tempo, remota, pelo que me pareceu adequado não entrar com essa listagem aqui, até para não incorrer em 'esquecimentos' que poderiam ferir alguém.

Eoin, Joaquim e Valentina - bem como Joaquim Two, o nosso gato, não mencionado na dedicatória, até porque menos, e aí junto com Margarida e Bauê - são tão parte integrante de mim que, realmente, não sei quem seria, como existiria, o que escreveria se, coisa impensável, eles não estivessem no meu âmago. O agradecimento é, portanto, pelo estar e existir na vida que provêm deles e das nossas crianças maravilha, que juntos e cada um resgatamos.

O Cláudio e a Eleanor são dois seres incríveis, desses que parece que já fizeram a passagem para outros mundos de sentido bem mais pleno. Louvo a existência deles e é quase impossível exprimir a gratidão que sinto por tê-los no meu caminho. Carmencita é uma pessoa maravilhosa, que me ajudou demais na época do mestrado e que hoje cuida com grande desvelo da minha família, do Eoin, do Joaquim e da Valentina. Na mesma linha, pelo apoio a nós quatro, é fundamental agradecer de coração a Zeloi, Carol Lobo e Rosane.

Oscar - e Martha, com carinho muito, muito profundo - se tornou bem mais do que um amigo, um irmão, alguém de conexão imensa. A dor deles, pelo Leo, é algo que só posso dizer que partilharei sempre, na dimensão que me cabe. O Leonardo Almeida, a Elaine - que partiu, tão absurdamente -, o Rodrigo, a Vanessa, a Fernanda, o Carlos, o George, a Naiara, o Daniel se tornaram recordações boas, mesmo que fugazes, de colegas de turma de doutorado no PPGCP da UFF. Na secretaria, Manoel é sempre de uma gentileza e eficiência fantásticas. Maria Lúcia e Sérgio, no MAST, generosamente leram, ao menos parte, e comentaram 'o capitulão'. De antes, do doutorado no IUPERJ, pessoas com quem construi algo próximo de amizade e companheirismo: Alexandra, Zé Mauro, Carlos Augusto, Felícia, Vicente, Robert, Liene, Inês, Fernando, Cristina, Marcelo, Aparecida.

Numa história pregressa na academia, Luiz Fernando Dias Duarte, que me orientou no mestrado no PPGAS do Museu Nacional, com uma dedicação e calor talvez maiores do que ele próprio reconheça, é alguém a quem sempre serei muitíssimo grata e por quem nutro enorme carinho e admiração. Renato Lessa aceitou me orientar e confiou em mim, logo na época do IUPERJ, mas também depois, já no ingresso no doutorado no PPGCP da UFF. Nunca abandonou a postura de estímulo e crença na minha capacidade de 'abarcar o tema' de modo particular. Sou-lhe

profundamente grata. Outra pessoa que teve uma atitude muito parecida foi Tom Garvin, que era chefe do então Department of Politics da University College Dublin - UCD, e atuou como orientador quando lá fiz o período sanduíche. Ainda na UCD, os professores John Coakley, Attracta Ingram e Fergal O'Connor foram de uma empatia e generosidade raras. Como Renato, penso que Tom Garvin algumas vezes se questionou sobre a confiança que me outorgava, mas deu-a assim mesmo. É bom, muito bom, ter contado com esse suporte, que foi, em muitos sentidos, fundamental.

Carlos Henrique Aguiar Serra e Marcial Alécio Garcia Suarez estiveram na banca de projeto e de qualificação do doutorado. Alguns comentários na banca de projeto causaram inquietação mas, e isso foi fundamental, aspectos destacados e sugestões feitas na qualificação deram alento e ajudaram muito na conformação final que a tese ganhou - com as indicações, sempre tão leves e pregnantes, que Claudio fez ao longo de todo o caminho. Agradeço muito por tudo isso.

Carlos Henrique, para mais, ajudou e deu ideias ótimas nas aulas dos seminários de projeto de tese, numa chave agradabilíssima. Claudio, nas disciplinas que ofereceu, inclusive de supervisão de tese, foi sinônimo de inspiração, estímulo, generosidade, expressos também no debate e na escuta dos alunos. No 'doutorado anterior', no IUPERJ, é impossível deixar de recordar a marca que Ricardo Benzaquen de Araújo deixou e, no mestrado, no PPGAS do Museu Nacional, as aulas de Luiz Fernando, Moacir Palmeira e Afrânio Peixoto, Otávio Velho, Giralda Seyferth e, ainda, por um convívio, mesmo que distante, até pelo 'quilate acadêmico' diferencial, com José Sérgio Leite Lopes, António Carlos de Souza Lima e Tânia Stolze Lima. Pierre Sanchis esteve na banca do mestrado e foi bastante importante.

Na reta mais do que final, tese pronta, diante de confusões que emergiram, Larissa Rosa Correa e Heloisa Meireles Gesteira foram de um carinho e apoio ímpares, quanto ao que não tenho palavras para agradecer. Bem hajam sempre, amigas!!!

Aos membros da banca examinadora, por terem aceito participar e pela compreensão para a forma e os prazos como a tese foi entregue, além de, em alguns casos, por uma ligação maior bem significativa: Profas. Dras. Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro, Vânia Morales Sierra e Heloisa Meireles Gesteira, Profs. Drs. Claudio de Farias Augusto, Carlos Henrique Aguiar Serra, Ilié Antonio Pele, Marcial Alécio Garcia Suarez.

Carinho muito grande a todos os aqui referidos - e a, como disse, vário(a)s outro(a)s, que optei por não trazer para este baile, Irene

RESUMO

A tese intitula-se "A pretexto da Irlanda - (des)mundos, guerras, sujeitos, vozinhas, democracias". Como se explicita logo em "Introduções", foi escrita em vários momentos, embora o tema básico e eixo que percorre o conjunto tenha permanecido: partir da bem sucedida experiência democrática da Irlanda / Eire / Irish Free State, que se separou da Grã-Bretanha em 1922, para refletir sobre condições de democracia que vão além da dimensão procedural 'clássica'. O desejo é contribuir para construções de mundo, (des)mundos, que levem mais em conta diferentes dimensões dos sujeitos, que se propõe encarar também como 'vozinhas'. Bem como, além disso, para o encontro de formas de envolvê-los mais nas próprias arquiteturas possíveis que vão surgindo, inclusive numa espécie de substituição dos modelos 'formais' e 'acadêmicos', cujo teor autoritário, pensa-se, deveria ser avaliado e diminuído. De forma alguma se pretende que a Irlanda corresponda a um modelo 'ideal' - em nenhum dos dois sentidos típicos do termo. Acredita-se, contudo, que, talvez por razões idiossincráticas, aí se manifestaram e continuam a ter curso, em diversos âmbitos, tensões, 'guerras', onde aporias democráticas foram jogadas e, no cômputo final, os 'muitos' (expressão que se emprega no sentido dado por Sheldon Wolin na edição expandida de *Polítics and vision*, de 2004) foram tendo certa supremacia, maior do que em outros lugares.

Dividiu-se a tese em dois "tempos". No "Primeiro tempo - longo", no capítulo I, "Introdução - A pretexto da Irlanda", aponta-se para o interesse do 'caso', embora amplamente explorado, que para alguns autores parece constituir um desafio aos modelos gerais, mas que, para outros, funciona como instigação para olhar para concretudes inevitáveis de que a democracia se reveste. Esta última perspectiva aquela onde se deseja inserir a tese, além de tomar 'o caso' como deflagrador possível para olhares que nos permitam refletir sobre sentidos amplos das dimensões democráticas. No capítulo II, "(Des)mundos - Um diálogo com Clifford Geertz (e um pouco com Edmund Burke, a partir de Geertz)", pretendia-se situar a questão e o objeto da tese, ainda que só tangencialmente, no cenário geral da conexão entre relativismo e universalismo, a que Walzer, por exemplo, nos habituou. A presunção do capítulo era sugerir que a superação do medo da inconstância, do burburinho, do alarido, do desconhecido, dos (des)mundos - base da 'política das identidades', que Todorov apontou para os séculos XVI e XVII, mas que ainda nos persegue - pode ser uma base importante para formas políticas que afastem melhor os horrores associados à exclusão e ao abuso. No capítulo III, "Guerras de fardos ou Culturas, atemporalidades e libertações, além das in the middle of the night", acompanha-se um certo debate irlandês a respeito da discussão 'comum' sobre a existência de uma relação entre a produção 'cultural' e o afirmar de uma dimensão de 'nacionalidade'. Isto é contrastado com expressões, como a de Sean O'Faoláin, que defendem associar até possíveis idiossincracias 'nacionais' à afirmação de diversidades expressivas e, no limite, de inumeráveis vozes que estariam na sua base. No capítulo IV, "Guerras de histórias, temporais, isolamentos", o último desse "Primeiro tempo", busca-se destacar como a 'história' da Irlanda é objeto de apropriações múltiplas, generalizadas, de certa forma incontáveis. Aponta-se também para o debate historiográfico entre 'revisionistas', 'nacionalistas' e autores que pretendem situar-se 'após' e 'além' da querela, no sentido de destacar como, por um lado, representam diversas vozes na própria historiografia irlandesa e, por outro, ilustram a ausência de uma 'dominação acadêmica' sobre as 'apropriações da história'. Essas questões podem parecer ter apenas um aspecto insular, limitado. Ao invés contudo, pensa-se, apontam para a relevância democrática que pode estar associada ao(s) 'domínio(s)' da história.

O "Segundo tempo - corrido" começa, no capítulo V, "Intróito - Balbúrdia de vozinhas e democracias", por um esforço de situar a reflexão da tese no contexto que o Brasil, e o mundo, está atravessando. É aí que se explicita como a noção mais comum de "sujeito" passou, na tese, a se revestir da de "vozinhas", que não se tem pretensão de esmiuçar teoricamente. Aproveitou-se para associar a reflexão com a ideia de 'consideração' de Rousseau, como evocada por Todorov, e para discutir com algumas apropriações de 'nacionalismo' e de 'sujeito nacional', que expressam ideias correntes a respeito, das quais em alguma medida se busca passar ao largo, inclusive no apontar, ao invés, para a importância das 'vozinhas' nas possibilidades de construção de (des)mundos. O capítulo seguinte, o VI, "Levante de 1916, Guerra Anglo-Irlandesa, Guerra Civil e algum depois: ou, já que todos estivemos na outra fação, o que fazemos agora? (junto com tentativa de conversa com alguns 'clássicos' da ciência política)", lida, de fato, com aspectos concretos da história irlandesa recente, sobretudo a partir de 1916. Usa-se sobretudo dois autores para fazer o acompanhamento do período inicial, novamente como duas 'vozes' que elaboram o tema, e ilustrar a diversidade de posições posta em jogo. Igualmente, aspecto importante, como exemplo das 'irresoluções' que estiveram, e permanecem, presentes, inclusive em termos de traduzir essa história política recente da Irlanda, espécie de 'abertura' para outros caminhos que, por vezes não deliberadamente, acabaram por ser trilhados a partir de finais da década de 1950. Tece-se também uma 'conversa', ainda que por vezes um tanto exdrúxula, com alguns 'clássicos' da ciência política sobre o tema. O último capítulo desse "Segundo tempo", é VII, "À guisa de conclusão - cem anos e guerras, sujeitos, vozinhas, democracias". Ao invés de sumariar o que foi feito, optou-se por uma leitura de eventos recentíssimos na cena política irlandesa, para ilustrar a relação que aí ocorre entre governo, departamentos de estado e 'sociedade', longe de 'ideais', mas onde a 'demanda democrática' tem uma precedência forte - capaz de, ao menos, moldar um funcionamento 'nacional' que serve de exemplo para uma certa obrigação de levar em conta as, permanentemente mutantes, 'vozinhas' dos sujeitos que estão na sua base.

Palavras-chave: Irlanda; aporias de democracia; sujeitos como vozinhas; Levante da Páscoa de 1916; Guerra Civil irlandesa; história política; sociedade e governo irlandeses.

ABSTRACT

The dissertation is entitled 'On the excuse of Ireland - (un)worlds, wars, subjects, little voices, democracies.' As is explained in 'Introductions,' it was written at various moments, although the basic theme and central point which runs through it has remained the same: using the successful democratic experience of Ireland / Eire / Irish Free State, which separated from the Great Britain in 1922, to reflect on conditions of democracy that go beyond the 'classical' procedural dimension. The intention is to contribute to constructions of the world, (un)worlds, taking into account different dimensions of subjects, which it is also proposed to consider as 'little voices.' In addition, it is also suggested that it would be interesting to try to move towards an encounter with forms allowing them a deeper involvement in the various possible architectures that emerge, including in a type of replacement of 'formal' and 'academic' models, whose authoritarian content ought to be assessed and reduced. In no way is it intended for Ireland to correspond to an 'ideal' model – in neither of the two typical senses of the term. However, it is believed that, perhaps for purely idiosyncratic reasons, in Ireland, tensions and 'wars', where democratic aporias get played, showed and remain present, in several areas. In the end, this allowed the 'Many' (an expression used in the sense given to it by Sheldon Wolin in the 2004 extended edition of Politics and Vision) to gain some sort supremacy, greater than in other places.

The doctorate is divided into two 'movements.' In the 'First Movement – Long,' the Chapter I, 'Introduction – On the excuse of Ireland,' points to the interest of the 'case,' although it has been widely explored, which for some authors appears to constitute a challenge to general models, but for others functions as an instigation to look at the inevitable concreteness in which democracy is dressed. It is in the latter perspective that this dissertation is inserted, in addition to seeing 'the case' as a possible trigger for views which allow us reflect on the broad meanings of the democratic dimensions. In Chapter II, '(Un)worlds – A dialogue with Clifford Geertz (and a little with Edmund Burke, through Geertz),' it was intended to situate the question and the subject of this dissertation, even if tangentially, in the general scenario of the connection between relativism and universalism, to which Walzer, for example, accustomed us. The presumption of the chapter was to suggest that the overcoming of the fear of inconstancy, rumbling, uproar, of the unknown, of (un)worlds – the foundation of the 'politics of identity' which Todorov points to for the sixteenth and seventeenth centuries, but which still haunts us – can be an important foundation for political forms which better drive away the horrors associated with exclusion and abuse. In Chapter III, 'Wars of burdens, or Cultures, atemporalities and liberations, apart from those in the middle of the night,' accompanies an Irish debate about the 'common' discussion about the presence of a relationship between 'cultural' production and the affirmation of a dimension of 'nationality.'

This is contrasted with expressions, such as those of Sean O'Faoláin, which go as far as defending that even the possible 'national' idiossincracies should be associated with expressive diversities, and, as such, with the uncountable voices at its core. In Chapter IV, 'Wars of histories, storms of time, isolations,' the final chapter in the 'First movement,' it is sought to highlight how the 'history' of Ireland has been the object of multiple and generalized appropriations, to a certain extent uncountable. Also discussed is the historiographic debate between 'revisionists,' 'nationalists,' and authors who intend to locate themselves 'after' and 'beyond' this quarrel, in the sense of highlighting how, on the one hand, they represent diverse voices in Irish historiography and, on the other, illustrate the absence of an 'academic domination' over the 'appropriations of history.' These

questions may appear to have only an insulate and limited aspect. However, it is considered instead that they point to the democratic relevance that can be associated with the 'dominion(s)' of history.

The 'Second movement – fast' starts in Chapter V, 'Beginning – A confusion of little voices and democracies,' with an attempt to locate the reflection of the dissertation in the context through which Brazil and the world is passing. There it is made clear how the more common expression 'subject' came to be 'covered' by that of 'little voices', which there is no intention to examine theoretically. The reflection was used to associate with Rousseau's idea of 'consideration,' as evoked by Todorov, and to discuss some appropriations of 'nationalism' and the 'national subject,' which express current ideas about this, and which to some extent it is sought to stay away from, also by pointing instead to the importance of the 'little voices' in the possibilities of the construction of (un)worlds. The following chapter, VI, 'The 1916 Rising, the Anglo-Irish War, the Civil War and something after: or, since we were all in the other faction, what do we do now? (together with an attempt to converse with some 'classics' from political science),' deals with concrete aspects of recent Irish history, especially from 1916 onwards. Two authors are especially used to accompany the initial period, once again as two 'voices' which develop the theme, and illustrate the diversity of positions which were at play. Moreover, an important aspect, as an example of the 'irresolutions' which were – and remain - present, including in terms of translating this recent political history of Ireland, a type of 'opening' for other paths which, often not deliberately, were followed from the end of the 1950s. Also woven here is a 'conversation,' albeit at times akward, with some 'classics' from political science about the theme. The final chapter of this 'Second movement' is VII, 'By way of a conclusion - one hundred years and wars, subjects, little voices, democracies.' Instead of summarising what was discussed previously, a reading of very recent events in Irish politics was opted for, to illustrate the relationship which occurs there between the government, departments of the civil service, and 'society,' far from 'ideal' but where the 'democratic demand' has a strong precedence – capable of, at least, moulding a 'national' functioning which serves as an example for a certain obligation to take into account the, permanently changing, 'little voices' of the subjects who are its foundation.

Keywords: Ireland; aporias of democracy; subjects as little voices; 1916 Easter Rising; Irish Civil War; political history; Irish society and government

Já que este Resumo / Abstract foi escrito após o "Introduções", coloca-se aqui três poemas / canções do **Madredeus** que aí então, com tristeza, deixara de lado (acabaram antes, pois...):

O Mar

Não é nenhum poema O que vos vou dizer Nem sei se vale a pena Tentar-vos descrever

O mar, o mar

E eu aqui fui ficando Só para o poder ver E fui envelhecendo Sem nunca o perceber

O mar, o mar

Ao Longe O Mar

Porto calmo de abrigo De um futuro maior Inda não está perdido No presente temor

Não faz muito sentido Já não esperar o melhor Vem da névoa saindo A promessa anterior

Quando avistei

Ao longe o mar Ali fiquei

Parada a olhar

Sim, eu canto a vontade Canto o teu despertar E abraçando a saudade Canto o tempo a passar

Quando avistei Ao longe o mar Ali fiquei

Parada a olhar

Quando avistei Ao longe o mar Sem querer deixei-me

Ali ficar

A Vaca de Fogo

À porta daquela igreja Vai um grande corropio À porta daquela igreja Vai um grande corropio

Às voltas de uma coisa velha Reina grande confusão Às voltas de uma coisa velha

Reina grande confusão

Os putos já fogem dela Deitam fogo a rebentar Os putos já fogem dela Deitam fogo a rebentar

Soltaram uma vaca em chamas Com um homem a guiar Soltaram uma vaca em chamas Com um homem a guiar

São voltas

Ai, amor, são voltas

São as voltas

São as voltas da maralha

Ai, são voltas Ai, amor, são voltas São as voltas da canalha Ai, são voltas, sete voltas São as voltas da maralha Ai, são voltas, sete voltas São as voltas da canalha

À porta daquela igreja Vive o ser tradicional À porta daquela igreja Vive o ser tradicional

Às voltas de uma coisa velha E não muda a condição Às voltas de uma coisa velha E não muda a condição

À porta daquela igreja Vai um grande corropio À porta daquela igreja Vai um grande corropio

Às voltas de uma coisa velha Reina grande confusão Às voltas de uma coisa velha Reina grande confusão

São voltas
Ai, amor, são voltas
São as voltas da maralha
Ai, são voltas
Ai, amor, são voltas
São as voltas da canalha
Ai, são voltas, sete voltas
São as voltas da maralha
Ai, são voltas, sete voltas
São as voltas, sete voltas
São as voltas, sete voltas

A pretexto da Irlanda - (des)mundos, guerras, sujeitos, vozinhas, democracias

Sumário

Introduções ou caminhos de uma tese particular, como talvez sejam todas i-xxxiv			
Primeiro tempo - longo			
I - Introdução - A pretexto da Irlanda			
Geertz)			
III - Guerras de fardos ou Culturas, atemporalidades e libertações, além das <i>in the middle of the night</i>			
IV - Guerras de histórias, temporais, isolamentos			
Segundo tempo - corrido			
V - Intróito - Balbúrdia de vozinhas e democracias			
VI - Levante de 1916, Guerra Anglo-Irlandesa, Guerra Civil e algum depois; ou, já que todos			
estivemos na outra fação, o que fazemos agora? (junto com tentativa de conversa com alguns 'clássicos' da ciência política)			
VII - À guisa de conclusão - cem anos e guerras, sujeitos, vozinhas, democracias			
Anexo			
Bibliografia			



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

IRENE CRISTINA DE MEXIA HEITOR DE MEDEIROS PORTELA

A PRETEXTO DA IRLANDA - (DES)MUNDOS, GUERRAS, SUJEITOS, VOZINHAS, DEMOCRACIAS

VOLUME II

NITERÓI DEZEMBRO DE 2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

P843 Portela, Irene C. M. H. de Medeiros.

A pretexto da Irlanda : (des)mundos, guerras, sujeitos, vozinhas, democracias / Irene Cristina de Mexia Heitor de Medeiros Portela ; orientador: Claudio de Farias Augusto. – 2017.

2 v. (xxxiv, 527 f.)

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2017.

Bibliografia: f. 450-482 (v.2).

1. Irlanda. 2. Guerra civil. 3. História política. 4. Sociedade; aspecto histórico. 5. Democracia. I. Augusto, Claudio de Farias. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

Bibliotecária: Mahira de Souza Prado CRB-7/6146

Sumário

Introduções ou caminhos de uma tese particular, como talvez sejam todas i-xxxiv				
Primeiro tempo - longo				
I - Introdução - A pretexto da Irlanda				
III - Guerras de fardos ou Culturas, atemporalidades e libertações, além das <i>in the middle of the night</i>				
IV - Guerras de histórias, temporais, isolamentos				
Segundo tempo - corrido				
V - Intróito - Balbúrdia de vozinhas e democracias				
VI - Levante de 1916, Guerra Anglo-Irlandesa, Guerra Civil e algum depois; ou, já que todos estivemos na outra fação, o que fazemos agora? (junto com tentativa de conversa com alguns 'clássicos' da ciência política)				
VII - À guisa de conclusão - cem anos e guerras, sujeitos, vozinhas, democracias				
Anexo				
2.0.00				

Introduções ou caminhos de uma tese particular, como talvez sejam todas

Com tristeza, não transcrevi O Mar e A Vaca de Fogo. Estão aqui também.

O Paraíso - Madredeus	O Pastor - Madredeus	O Ladrão - Madredeus
Subi a escada de papelão	Ai que ninguém volta	Basta-me um segundo
Imaginada	Ao que já deixou	Saio porta fora
Invocação	Ninguém larga a grande roda	Quando o criminal
Não leva a nada	Ninguém sabe onde é que andou	Acordar a senhora
Não leva não		
É só uma escada de	Ai que ninguém lembra	Vou ser eu quem conta
papelão	Nem o que sonhou	Tudo ao seu polícia
	(E) aquele menino canta	E acordar a esquadra
Há outra entrada no Paraíso Mais apertada	A cantiga do pastor	A trazer a milícia
Mais sim senhor	Ao largo	A porta fechou-se
Foi inventada	Ainda arde	E ninguém lhe bateu
Por um anão	A barca	O senhor ladrão
E está guardada	Da fantasia	Nem sequer apareceu
Por um dragão	E o meu sonho acaba tarde	
	Deixa a alma de vigia	Abriu-se a janela
Eu só conheço	Ao largo	Veio o jardineiro
Esse caminho	Ainda arde	Agarrou-se a ela
Do Paraíso	A barca Da fantasia	Não sei que lhe deu
	E o meu sonho acaba tarde	-Ah mas onde é que estão
	Acordar é que eu não queria.	As aldeias todas?
		Não veio o ladrão,
		Já não há pessoas?
		A porta fechou-se
		E ninguém lhe bateu
		O senhor ladrão
		Nem sequer apareceu
		Oh senhor Sinistro,
		Tenha lá cuidado
		Que o melhor do mundo

-Ah, mas onde é que estão As aldeias todas Não veio o ladrão Já não há pessoas?

É não ser enganado...

I

Esta tese começou a ser escrita em 1995, talvez antes. 1995 foi o ano em que entrei no programa de doutorado em Ciência Política do IUPERJ, feliz com um primeiro lugar na seleção. Um dos créditos que apresentei foi a relativamente alentada dissertação de mestrado¹, com cabalísticas 333 páginas quando incluída a bibliografía, feita junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ, em 1992.

Entrara no PPGAS bem antes, em 1981/2. Não, de fato não dá para remontar aí o início desta tese. Mas está ligada à dissertação que acabei por produzir e a temas, professores e autores 'com' quem então convivi². Há questões que percorreram os dois trabalhos, assim como outras produções ligadas a trilhas mais diretamente 'profissionais' - fora da 'academia'. Vale tentar remontar algumas, porque marcam caminhos que busquei percorrer, inquietudes a que me afinquei, 'soluções' - têm que ser sempre precárias, não é mesmo? - cuja busca guiou os desenvolveres díspares da tese que ora tenho para apresentar e que, assim, ajudarão aquele eventual leitor em quem insisto em pensar a ver alguma 'lógica' nos caminhos.

_

GOLDMAN, Márcio. 2011, Pierre Clastres ou uma Antropologia contra o Estado. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2011, v. 54 No. 2, pp. 577-599.

http://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/39640/43136. Acesso 2017-06-16.

LIMA, Tânia Stolze & GOLDMAN, Márcio. 2003, Prefácio. CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify.

https://www.academia.edu/13330500/Pref%C3%A1cio_a_A_Sociedade_Contra_o_Estado_de_Pierre_Clastres. Acesso 2016-06-16.

TODOROV, Tzvetan. 2014, A vida em comum - Ensaio de Antropologia geral. São Paulo: Ed. Unesp.

¹ PORTELA, Irene. 1992. Dos *brasileiros*, da civilização e de África: um estudo antropológico da identidade nacional portuguesa na segunda metade do século XIX. Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² A distinção entre autores 'sobre' e 'com' quem se trabalha seria de Foucault. Dela ganhei noção a partir do texto de Márcio Goldman "Pierre Clastres ou uma Antropologia contra o Estado", quando, fazendo igualmente referência ao "Prefácio", que escreveu com Tânia Stolze de Lima, à nova edição, de 2003, de A sociedade contra o estado: pesquisas de antropologia política (estado por vezes aparece grifado sem o e maiúsculo, o que faz bastante sentido no contexto), menciona tentativa dos dois, no doutorado, de, num trabalho que só bastante depois publicaram, "transformar em exposição conceitual aquilo que nos afetava tanto" (2011: 594). Que seja permitido acrescentar um excerto de Clastres, aí citado por Goldman, a partir da edição de 2003 de A sociedade contra o estado, pois que se trata de um 'reencontro' profundo, ideia central da tese, que 'esquecera' estar com essa clareza num autor 'com' quem tanto passei a andarilhar desde os tempos do mestrado: "se o homem é um 'animal doente' é porque ele não é apenas um 'animal político', e que da sua inquietude nasce o grande desejo que o habita: o de escapar a uma necessidade apenas vivida como destino e de rejeitar a obrigação da troca, o de recusar seu ser social para se libertar de sua condição" (Clastres, 2003: 142 apud Goldman, 2011: 593). Em sentido análogo, como coloca Goldman, "Esse 'sonho' de não sermos o que somos não habita, portanto, apenas os mitos e os cantos indígenas, mas constitui um devir imanente à experiência humana, devir com o qual uma antropologia minoritária, como a de Clastres, não pode deixar de se articular" (Goldman, 2011: 593). A ideia iria além das "tradições associais" de pensamento que Todorov (2014: particularmente 15-75) aborda com requinte e precisão.

Uma delas é quem produz o quê, para quem. (Numa fase ainda anterior da vida me formei e cheguei a trabalhar como jornalista. Como é sabido, a isso correspondia uma espécie de moto: quem disse / fez o quê para quem como quando e aonde? - quase que sem vírgulas mesmo). Ou seja, o que é que é esse 'saber' e em que sentidos pode ser 'útil', não necessariamente do ponto de vista 'prático', antes de seus rebatimentos, tendo consciência que, em última análise, sua remissão, como seu ponto de partida, tem sempre limites pessoais. O tom é aqui fortemente português, no sentido de dimensões que se evoca e que se sabe nunca poderem ser preenchidas. Uma espécie de certeza de que o tempo sempre está além e aquém de qualquer presente, que, no fundo, nada é capturável, apenas pode ser sentido, vivido ou, melhor, evocado. E que, mesmo que nessa perspectiva, ainda assim pode valer a pena (quando a alma não é pequena etcetera...) buscar ecoar questões.

Em quem podem repercutir é algo diáfano, sim, mas também se articula com a formulação, o atrativo, que se lhes consegue dar, além de um certo 'encontro' com 'entes concretos'. Pergunto para satisfazer indagações pessoais mas, creio que para todos aqueles envolvidos com ciências humanas, para abranger uma certa parcela da humanidade, que 'sinto', julgo partilhar certas dimensões comuns. Walzer colocou isso com clareza, na própria elasticidade constitutiva do *Thick and thin*; e o que talvez não seja disparatado associar à argumentação de Rawls, à ideia subjacente ao "véu da ignorância", que se tornou tão corrente a partir de *A theory of justice*³. Aqui remito apenas ao fato, talvez banal, de que as perguntas que se formula, as sendas que se persegue nas buscas de resposta e algumas repercussões que possa haver, embora circunscritas, inclusive a determinados 'terrenos acadêmicos', partilham do desejo de adentrar outras ordens e tocar outros atores, que não há como precisar.

Desde dado momento da elaboração da dissertação de mestrado, que teve como mote dois grupos distintos de migrantes portugueses para o Brasil, 'tradicionais' e de origem rural *versus* associados ao 25 de Abril e com formação como profissionais liberais, a preocupação era o 'controle' que os sujeitos exerciam sobre suas condutas e, mais, sobre as trajetórias de vida que seguiam. Talvez a 'dominação' não os incomodassse - ou só parcialmente. Mas estava lá e, mantendo certa distância epistemológica, queria perceber 'donde' provinha, 'de que' se constituía. Como desenvolvi em razoável detalhe e, espero, com certa capacidade de convencimento, a 'submissão' variava de acordo com a alocação em diferentes 'níveis' da hieraquia portuguesa 'de origem' mais ou menos facilmente assemelhada a arranjos sócio-

-

³ As referências são bem conhecidas: WALZER, Michael. 1994, *Thick and thin*: moral argument at home and abroad. Notre Dame / London: University of Notre Dame Press; RAWLS, John. 1973, *A theory of justice*. Oxford University Press.

econômicos 'clássicos'. Por outro lado, havia um espaço grande de latitude 'existencial' no 'ambiente novo', o Brasil, que em parte seguia uma ordem inversa à 'posição hierárquica' anterior em Portugal. Isto, aliás, ligava-se ao que denominei "paradoxo do retorno", para referir os aspectos sociológicos que diferenciavam a trajetória migração dos dois grupos entre Portugal e Brasil, correspondente a uma alta incidência de retorno dos profissionais liberais a Portugal e a uma grande permanência dos imigrantes 'tradicionais'. O aquiescer aos mandatos da *Arte de ser português* de Teixeira de Pascoaes, como que pesava sobre todos. Todavia, isso não impedia exercícios de ser que escapavam, iam além, 'não estavam previstos', ao menos não em detalhe, nos desenhos de 'fidelidade' que Pascoaes, como que para-academicamente⁴, desenhara. Por outro lado, os esboços como que serviam de 'âncora' social para permitir 'viagens', ainda que circunscritas, num 'mundo' que ia além das fronteiras - no caso 'portuguesas' -, dos ramos da árvore, metáfora que não lhe é estranha, do pertencimento traçado por Pascoaes.

Uma resposta que até hoje não obtive com clareza foi por que não ter continuado na antropologia, ainda mais pela convicção que permanece de que 'uma vez antropólogo, sempre antropólogo'. Tem aquela outra piada um tanto banal de que quem tem problemas consigo vai estudar psicologia, quem tem com a sociedade sociologia, quem tem com os dois antropologia. Onde se situaria pois a ciência política? Havia uma certa noção que se tratava de contiguidade, de dar prosseguimento a algo que, à falta de melhor expressão, pretendia ser um atrevimento - mas sem as exigências correlatas que sempre haviam parecido impossíveis de atender - na filosofia, na filosofia política, numa certa teologia, que 'já estavam lá', desde a insatisfação com a ausência de profundidades maiores de vozes nos atores, cenários, composições que os ditames do fazer jornalístico - olhando para trás, tão singelo - definiam os 'corretos'.

Muito recentemente, esse ser fantástico que é Claudio de Farias Augusto, que tive o merecimento de ter-se tornado meu orientador neste 'segundo momento' de incursão num doutorado em ciência política, agora no PPGCP da UFF, ofereceu o agradável acalanto de colocar, numa linguagem bem mais sofisticada da que consigo reproduzir aqui, que a morte é

_

⁴ Por uma série de razões, recorri de maneira mais clara ao arcabouço proposto por Louis DUMONT, particularmente em 1967, *Homo hierarchicus*: essai sur le système des castes. Paris: Gallimard, e em 1976, *Homo aequalis I*: genèse et épanouissement de l'idéologie économique. Paris: Gallimard (Tel) (e assim indiretamente a ROSANVALLON, Pierre. 1979, *Le capitalisme utopique*: critique de l'idéologie économique. Paris: Seuil.) (O fato de não provir das ciências sociais pode servir de escusa à familiaridade tardia com Tocqueville e à percepção do quanto sua leitura de mundo havia deitado raízes nos autores que então lia). A 'presença' de Pierre Bourdieu foi, todavia, uma 'constante'. É por referência a Bourdieu que penso em Teixeira de Pascoaes como para-acadêmico.

central para Sócrates, para além do de certa forma banalizado aforismo "filosofar é aprender a morrer". Nesse nível básico que sou capaz de apresentar, a vida, o ser, seus sentidos, só podem ser pensados na transitoriedade, nas evocações, de tanto que não está 'ali' contido mas que provê efetividade para a existência. Na mesma conversa, Claudio me instou reler o final do Leviatã:

E assim cheguei ao fim de meu discurso sobre o governo civil e eclesiástico, ocasionado pelas desordens dos tempos presentes, sem parcialidade, sem servilismo, e sem outro objetivo senão colocar diante dos olhos dos homens a mútua relação entre proteção e obediência, de que a condição da natureza humana e as leis divinas (quer naturais, quer positivas) exigem um cumprimento inviolável. (...) E com esta esperança volto para minha interrompida especulação sobre os corpos naturais, na qual (...) espero que a novidade agrade tanto quanto desagradou nesta doutrina do corpo artificial. Pois a verdade que não se opõe aos interesses ou aos prazeres do homem é bem recebida por todos (1979⁵: 410).

Certamente, jamais houve qualquer suspeita de partilha das certezas louvadas por Hobbes em relação à mecânica clássica. Neste sentido, Claudio também me 'ordenou' (faz isso de formas tão incríveis que jamais se associaria o verbo a suas propostas), como talvez não pudesse deixar de ser, que retornasse prontamente a La Boétie. Tratávamos do tema da liberdade e havia pois um nível evidente, que o próprio texto da Wikipedia sobre o *Contr'Un* ilumina:

Pour La Boétie, la liberté n'est pas l'objet de la volonté, mais désir (volonté) et liberté sont confondus : désirez et vous êtes libre, car un désir qui n'est pas libre n'est pas concevable, n'est pas un désir. La liberté c'est ce que nous sommes, et si vous n'êtes pas libre, c'est que vous avez renoncé à votre désir. Le point central de la domination est ainsi le refus par le moi, le je, de s'assumer comme liberté.⁶

O outro tópico era o das 'vozes', de tantos, que estão presentes no fazer da vida, podendo ou não 'perceber-se' - no nível óbvio de ter-lhes outorgada 'legitimidade' - como tal. Num certo nível, colocava a angústia de em quem poderia ecoar o discurso - que, sem grande prejuízo, talvez seja suscetível de por sob a sigla 'libertário', tendo noção das implicações deletérias que aí por vezes estão contidas - que buscava produzir. Meia dúzia de leitores imaginários, mas, mais a sério, era possível que as formulações colocadas, 'a pretexto da Irlanda', ecoassem e, caso afirmativo, em quem? Alguma pregnância era imaginável? No penúltimo parágrafo do *Leviatã*,

não há nada em todo este discurso (...) de contrário à palavra de Deus ou aos bons costumes, ou à manutenção da tranquilidade pública. Penso portanto que pode ser impresso com vantagem e com mais vantagem ainda ensinado nas Universidades, no caso de também o pensarem aqueles a quem compete o juízo sobre tais matérias. Pois dado que as Universidades são as fontes da doutrina civil e moral, com cuja água os pregadores e os fidalgos, tirando-a tal como a encontram, costumam borrifar o povo (...), devia certamente haver grande cuidado em conservá-la pura, quer em relação ao veneno dos políticos pagãos, quer em relação ao encantamento dos espíritos enganados. E por este meio os homens, em sua maioria

⁵ HOBBES, Thomas. [1651] 1979, *Leviatã* ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores).

⁶ https://fr.wikipedia.org/wiki/Discours_de_la_servitude_volontaire. Acesso 2017-06-15.

conhecendo seus deveres, estarão menos sujeitos a servir à ambição de alguns descontentes em seus desígnios contra o Estado" (Ibid: Ibid).

Redigindo estas "Introduções", quase que como resposta, lá vinha La Boétie, para além de qualquer exegese mais direta do *Discours de la servitude volontaire*, novamente apenas via recurso à Wikipedia:

Tout le monde est considéré comme tyran. Ceux qui sont en bas de la pyramide, les fermiers et les ouvriers, sont dans un certain sens « libres » : ils exécutent les ordres de leurs supérieurs et font du reste de leur temps libre ce qui leur plaît. Mais « s'approcher du tyran, est-ce autre chose que s'éloigner de sa liberté et, pour ainsi dire, embrasser et serrer à deux mains sa servitude » ? En d'autres termes, ceux qui sont en bas de l'échelon sont bien plus heureux et en quelque sorte bien plus « libres » que ceux qui les traitent comme des « forçats ou des esclaves ». « Est-ce là vivre heureux ? Est-ce même vivre ? », se demande La Boétie. Ces favoris devraient moins se souvenir de ceux qui ont gagné beaucoup auprès des tyrans que de ceux qui, « s'étant gorgés quelque temps, y ont perdu peu après les biens et la vie ».

A sugestão com que, creio, Claudio procurava alentar-me era que é possível realizar um esforço de 'liberdade', mesmo na 'academia', mesmo apesar dos vínculos das estruturas do pensar acadêmico com o 'forçar' de comportamentos e ideias que, ao menos no limite, negam possibilidades múltiplas de existir - e, por convicção ou complacência, impingem sobre os sujeitos formas de controle, correspondentes a modos de sociabilidade, que, em grande medida, são eles próprios fruto de construções de ideias que pouca ligação têm com as densidades da vida das pessoas. Ou, para retomar a indagação de Clastres, a partir do diálogo tecido por Goldman:

'O que será que "possuiu" esse jovem e lhe permite adiar sua morte por várias horas, até poder lançar um último olhar a seu pai para então, cumprido esse último desejo, morrer?'. E ele responde que 'na realidade, as desencarnadas categorias do pensamento etnológico não nos parecem capazes de avaliar a profundidade e a densidade do pensamento indígena e, mais simplesmente mesmo, sua diferença. A antropologia deixa assim escapar, em nome de impalpáveis e pálidas certezas, um campo ao qual ela permanece cega (como a avestruz, talvez?): aquele que conceitos tais como os de espírito, alma, corpo, êxtase etc. não conseguem circunscrever, mas no centro do qual maliciosamente a Morte coloca sua questão' (Clastres 2004: 44; *apud* Goldman 2011, op. cit.: 590)⁸.

Nesse plano direto, cabia pois afastar qualquer meta de produzir 'interpretações corretas', sobre 'pensamentos', 'grupos sociais', assim como a vã pergunta de quem vai ou não aderir ao que está sendo sugerido. Seria de uma vaidade abstrusa almejar acordos em torno do que colocasse, mais ainda quando, pretensão assumida, se trate de fazer parte de teias, de enormes

_

⁷ https://fr.wikipedia.org/wiki/%C3%89tienne_de_La_Bo%C3%A9tie. Acesso 2017-06-15. A versão da internet do original a que recorri: Étienne de LA BOÉTIE (1530-1563). [1549]. *Le discours de la servitude volontaire ou Le contr'un*. Manuscrit de Mesme. Édition électronique réalisée par Claude Ovtcharenko.http://classiques.uqac.ca/classiques/la_boetie_etienne_de/discours_de_la_servitude/discours_servitude volontaire.pdf Acesso 2017-06-15.

⁸ A referência é ao póstumo CLASTRES, Pierre. [1980] 2004, *Arqueologia da violência*. Pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac &Naify. Embora sem convívio direto com seu trabalho, parece que a noção de "perspectivismo" operada por Viveiros de Castro leva adiante a questão de Clastres: "trata-se da concepção, comum a muitos povos do continente, segundo a qual o mundo é habitado por diferentes espécies de sujeitos ou pessoas, humanas e não humanas, que o apreendem segundo pontos de vista distintos". (Viveiros de Castro apud Tiburi, 2016: 189). VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2006, *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosafnaify. TIBURI, Marcia. 2016, *Como conversar com um fascista* - reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Record.

colchas de retalhos (rendas de bilros, diria Luiz Fernando Dias Duarte? - meu orientador no mestrado, por quem nutro imensa gratidão, afora admirá-lo muitíssimo), sempre em reteceres, que só em parca medida se nutrem dos 'saberes' produzidos na 'academia'. Era, contudo, viável buscar um exercício de certo modo autôctone, coerente com a vontade de afirmar que era interessante percebê-lo como possibilidade dos 'sujeitos' envoltos nos 'fenômenos' que buscava explicar.

Desenvolvi uma ideia, talvez necessariamente tênue e imprecisa, a respeito de 'ser' (sem entrar no mérito de se característico apenas da modernidade), de seu caráter 'livre' e 'inconstante'⁹, e de possibilidades de 'materializações políticas' que congreguem o seu exercício em formações sociais - de modo específico numa conjunção 'nacional', a irlandesa com tal indefinição. Espero - e lá irei em alguns trechos de capítulos da tese - demonstrar que o 'sucesso democrático' irlandês pode ser explicado 'de forma interessante' a partir desse 'construto' (que, como já indicado e como se voltará a pontuar, encontra apoio em vários 'pensadores/as'; apesar de, provavelmente de modo necessário, nenhum deles fazer parte do panteão maior, do cânone se quisermos, da 'academia', das 'ciências humanas' e, também, da 'ciência' no sentido mais genêrico). Uma míriade de outras explicações são possíveis para tal 'sucesso democrático' e a algumas lá se irá também. Optei, contudo, por perseguir essa senda. Não, como já deve estar claro, por adesão a qualquer 'linhagem' acadêmica. Tampouco porque o 'objeto' assim o 'exigisse'. A 'vida anterior' desta tese, como comentado, ocorreu no IUPERJ. Na época, quando do exame de qualificação, o Prof. César Guimarães inquiriu se eu não estava numa expedição de pesca - e não tenho qualquer ilusão que o comentário fosse elogioso. Na época ainda almejava um trabalho comparativo entre Portugal e Irlanda, ainda

-

FREITAS BRANCO, João Maria. 2006, Agostinho da Silva - Um perfil filosófico. Lisboa: Zéfiro.

⁹ A companhia de Agostinho da Silva foi uma das maravilhosas surpresas da tese. Que seja permitido colocar aqui dois parágrafos de Freitas Branco, constantes do "perfil filosófico" que dele traçou, depois de considerar que é provável que Agostinho da Silva, em outras circunstâncias de vida, tivesse "optado pela Trindade hindu em lugar da Trindade cristã", já que "é tão-só essa fundamental ideia de diversidade constitutiva de unidade que importa reter":

Pecar contra o Espírito Santo é impedir que de nós se possa soltar o imprevisível - ou seja, a força criativa. Nos parâmetros da cultura portuguesa, dir-se-ia que é negar Pessoa na sua natureza heteronímica; é não entender o valor supremo da possibilidade de manifestação do imprevisível. O Espírito Santo é símbolo máximo dessa *imprevisibilidade* que pessoanamente cada um deve não restringir, sob pena de matar em si as possibilidades de ser - as suas potencialidades várias de ser. É nesse abrir-se ao Espírito Santo, ao talvez absolutamente imprevisível, que cada homem encontra o caminho para se *cumprir* a si mesmo - a única exigência que se lhe faz. Pôr o espírito *à solta*, pôr o pensamento *à solta*, fazendo do mesmo passo com que ele *permaneça* nesse estado, passando a *estar* à solta (forma de ser livre) é dar chão à mais forte criatividade que, por isso mesmo, é necessariamente o imprevisível. (Criatividade = imprevisível).

E em todo este cogitar há, a meu ver, uma preponderante preocupação prática: a de perspectivar um *agir* no plano do sujeito singular portagonista da história futura (: 93).

tinha a miragem, para mais 'dupla', de um referente sociológico, Barrington Moore Jr. sombra inspiradora forte, que daria certo 'amparo' à estrutura da escrita. Portugal ficou pelo caminho¹⁰, como ficou também qualquer vontade de acreditar que a tese seria algo além de uma expedição de pesca.

Marcel Mauss foi provavelmente o autor que deixou maior impressão do mestrado. Sua apologia foi feita por inúmeros e seria fútil acrescentar mais uma pequena voz. 11 Que o *Ensaio sobre a dádiva* é uma obra-prima ninguém duvida. Deveria analisar aqui *Efeito físico no indivíduo da idéia de morte sugerida pela coletivade* (Austrália, Nova Zelândia)? A palestra *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do 'eu'* é, consabidamente, brilhante, e com certeza inspira reflexões perseguidas na tese, inclusive no sentido do 'contato' através desse 'primeiro mestre' com 'clássicos', Spinoza, Leibnitz, Berkeley, Hume, Kant, Fichte, com alguns dos quais 'convivi' depois no doutorado, para marcar a transformação, recente e que prossegue, da noção de pessoa em "categoria do 'eu'" (1974¹²: 236-9). O ponto que gostaria de fazer é simples, associado à famosa "Introdução" de Lévi-Strauss à coletânea *Sociologie et Anthropologie* de trabalhos de Mauss, organizada por Georges Gurvitch em 1950:

O risco trágico que sempre espreita o etnógrafo, lançado nessa empresa de identificação, é o de ser a vítima de uma *malentendido*, isto é, a apreensão subjetiva à qual ele chegou não apresenta, com a do indígena, nenhum ponto comum, além de sua própria subjetividade. Esta dificuldade seria insolúvel, sendo as subjetividades, por hipótese, incomparáveis e incomunicáveis, se a oposição entre mim e outro não pudesse ser superada num terreno que é também aquele em que o objetivo e o subjetivo se encontram, isto é, o inconsciente. De um lado, de fato, as leis da atividade inconsciente estão sempre fora da apreensão subjetiva (podemos tomar consciência delas, porém, como objeto); e de outro, porém, são elas que determinam as modalidades desta apreensão" (1974:18).

Em outro ponto da argumentação:

No momento mais decisivo, Mauss é pois tomado de hesitação e de escrúpulo. Não sabe mais se deve fazer o quadro de uma teoria indígena, ou a teoria da realidade indígena (...). Porém, indígena ou ocidental, nunca é mais do que teoria. Oferece, quando muito, uma via de acesso, pois aquilo que os interessados, fueguinos ou australianos, acreditam pensar ou fazer, está sempre muito afastado do que pensam ou fazem efetivamente. Depois de haver desembaraçado a concepção indígena era preciso reduzi-la por uma crítica objetiva que permitisse alcançar a realidade subjacente, pois esta tem muito menos chance de ser encontrada nas elaborações conscientes do que nas estruturas mentais insconscientes, que podemos atingir através das instituições e, melhor ainda, na linguagem (Ibid: 26).

¹⁰ A brincadeira é evidente, mas alguma associação com os 'tempos históricos' de Portugal e da Irlanda em termos de participação em desenhos de modernidade e democracia talvez esteja, ainda que sub-repticiamente, por detrás da frase.
¹¹ Que seja permitido, não obstante, uma referência pessoal: quando trabalhei como professora substituta na

¹¹ Que seja permitido, não obstante, uma referência pessoal: quando trabalhei como professora substituta na UERJ e propuseram que oferecesse uma disciplina eletiva... 'dei' Mauss, tornei-o mais próximo de uma (pequena) turma com a qual desenvolvi - inevitável? - grande afinidade.

-

¹² A edição brasileira usada aqui, igualmente para a "Introdução" de Lévi-Strauss: MAUSS, Marcel. [1950] 1974, *Sociologia e antropologia*. (Com uma Introdução à obra de Marcel Mauss de Claude Lévi-Strauss). Vols. I e II. São Paulo: EPU / EDUSP.

Na sua apresentação à edição das obras completas, Victor Karady, atento à importância da publicação de Sociologia e antropologia para uma história das ideias, explicita o quanto Lévi-Strauss e o próprio Georges Gurvitch buscaram colocar-se como legatários da sua herança intelectual, isso na mesma medida em que considera que existem "peu d'oeuvres sociologiques qui soient plus multiformes et plus malaisées à délimiter sans ambigüité que celle de Mauss" (1968¹³: VII). Em momento anterior do processo atual do doutorado fiz alusão à qualidade de narrador que Walter Benjamin atribui a Nikolai Leskov¹⁴. Mauss é um daqueles autores que tanto me valem como narradores¹⁵. O motivo principal das referências liga-se às crenças aí expressas por Lévi-Strauss¹⁶, análogas àquelas sobre as quais hoje comumente se erige 'ciência' em algo indubitável e como se fosse bom em si, um certo exumar do lugar que Hobbes atribuía ao estudo dos "corpos naturais" e desejava conseguir para o dos "corpos artificiais", inclusive através do ensino nas universidades, "fontes da doutrina civil e moral". Num certo sentido, está-se pois muito perto do Um, do topo da tirania. A outra implicação, correlata, é a de ser esse o lugar onde as demarcações são feitas, onde se inscreve a realidade de categorias. Usei o parágrafo inicial da abertura, "O outro: esse difícil", de Identidade & etnia de Carlos Rodrigues Brandão como epígrafe do primeiro capítulo da dissertação de mestrado:

O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo o que eu sou e nem todos são *como* eu sou. Homem e mulher, branco e negro, senhor e servo, civilizado e índio... O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza. É preciso domá-lo e, depois, é preciso domar no espírito do dominador o seu fantasma: traduzi-lo, explicá-lo, ou seja, reduzi-lo, enquanto realidade viva, ao poder da realidade eficaz dos símbolos e valores de quem pode dizer quem são as pessoas e o que valem, umas diante das outras, umas através das outras. Por isso o outro deve ser compreendido de algum modo, e os ansiosos, filósofos e cientistas dos assuntos do homem, sua vida e sua cultura, que cuidem disso. O outro sugere ser decifrado, para que os lados mais difíceis de meu eu, do meu mundo, de minha cultura sejam

LÉVI-STRAUSS, Claude. [1964] 1978, Mythologiques *: Le cru et le cuit. Paris: Librairie Plon.

¹³ KARADY, Victor. 1968, Présentation de l'édition. Marcel MAUSS. *Oeuvres. 1*. Les fonctions sociales du sacré. Paris: Les Éditions de Minuit. pp. I-LIII.

¹⁴ BENJAMIN, Walter. 1994, O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense. pp. 197-221. No momento ecoa junto a Clastres, Claude Lefort, La Boétie, Montaigne, Rancière...

¹⁶ Não há qualquer pretensão de aprofundar as dimensões que o tema assume na obra de Lévi-Strauss, particularmente quando se consideram os Mythologiques, em especial, como notório, a "Ouverture" que encaminha Le cru et le cuit. A beleza é enorme. No trecho final:

Ici et là, par conséquent, la musique est absente. Après avoir dressé ce constat désabusé, qu'il me soit au moins permis, en manière de consolation, de caresser l'espoir que le lecteur, franchies les limites de l'agacement et de l'ennui, puisse être par le mouvement qui l'éloignera du livre, transporté vers la musique qui est dans les mythes, telle que leur texte entier l'a préservée avec, en plus de son harmonie et de son rythme, cette secrète signification que j'ai laborieusement tenté de conquérir, non sans la priver d'une puissance et d'une majesté connaissables par la commotion qu'elle inflinge à qui la surprend dans son premier état: tapie au fond d'une forêt d'images et de signes, et toute imbue encore des sortilèges grâce auxquels elle peut émouvoir, puisque ainsi, on ne la comprend pas (1978: 40).

traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e é às vezes ali onde eu melhor me vejo. Através do que ele afirma e torna claro em mim, na diferença que há entre ele e eu (1986¹⁷: 7; itálico do original).

Em colocações antigas, australianos e fueguinos apareciam como 'outros naturais' na reflexão antropológica. Depois eram grupos 'mais próximos', às vezes encarados como parte de 'entidades' maiores - e várias categorias tornaram-se semelhantes às operadas pela sociologia e pela ciência política. Nestas últimas 'disciplinas', o esforço classificatório talvez não surgisse como um problema tão pungente, na medida em que as demarcações em grande medida continuaram a ser encaradas como existindo em si. ¹⁸ A questão básica que permanece é que não estão alheias ao sujeito vocalizador e à própria 'distância' instauradora, inclusive à construção de leituras de 'eu' e 'outro' e das relações entre ambos como núcleo do que deve ser apreendido ¹⁹. É a partir da dubiedade desse lugar, da incerteza mesma sobre qualquer

http://sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/identidada_etnia.pdf. Acesso 2017-05-27.

assesses the extent to which institutional change has produced a consensus democracy in the Republic of Ireland. It measures this change over time, examining each of the variables Lijphart associates with the distinction between majoritarian and consensus democracy. We show that the Irish system is moving away from its Westminster roots, but some variables on the executive–parties dimension have hardly changed at all. Hence, we relate the Irish preference for 'divided power' forms of consensus democracy to the strong British imprint on the state's core legislative institutions.

BULSARA, Hament & KISSANE, Bill. 2009, Arend Lijphart and the Transformation of Irish Democracy. *Journal of West European Politics*. Volume 32, 2009 - Issue 1. pp. 172-95. http://dx.doi.org/10.1080/01402380802509933. Último acesso 2017-07-31.

Tenho noção de que há uma gama vasta de pensadores, talvez podendo atribuir-se destaque a Foucault, que analisam esses temas com uma densidade que sequer saberia começar a esmiuçar. Quanto a autores atuais, ocorre-me Slavoj Žižek, (em particular Bem vindo ao deserto do Real!. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003), e Giorgio Agamben (quem ainda me sinto incapaz de entender com um mínimo de acurácia) ou, para ficar mais 'perto de casa', Vladimir Safatle, Peter Pál Pelbart e Antonio Pele. Na verdade, o jogo de referências talvez seja inevitável. Quanto a Safatle, a primeira lembrança de fato remete a um livro em si intenso: SAFATLE, Vladimir. 2016, O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica, a que se voltará em capítulo da tese. Mas logo a seguir a evocação é o "Posfácio" ao livro de Žižek: SAFATLE, Vladimir. 2003, Posfácio: a política do real de Slavoj Žižek. In ŽIŽEK, Slavoj. Bem vindo ao deserto do Real! São Paulo: Boitempo Editorial. pp. 179-191. O acesso ao artigo de Antonio Pele, que também se tocará de novo, seguiu uma trajetória particular, ter sido texto enviado para meu marido verter para o inglês, e que li no eixo de não endossar de modo pueril a ideia de 'dignidade do homem', a qual, desde que convivi com o texto em curso de Ricardo Benzaquén de Araújo no IUPERJ, tenho dificuldade de 'situar', tendendo a encará-la como provida de uma potência 'natural', que transcenderia o contexto renascentista onde Pico de modo paradigmático a formula. Nesse jogo de referências que mencionava. Pele mergulha em Foucault para, se assim se pode colocar, 'historicizar', dar forma, 'encarnar' os sentidos que 'dignidade' ganha: PELE, Antonio. Examining human dignity through a Foucauldian perspective. Em contato pessoal no início de 2017, Pele explicitou que não havia ainda uma referência específica a ser feita. De qualquer modo, o blog, Human Dignity Through Critical History and History, com alunos seus, é voltado para o tratamento do tema. Uma das metas é "provar, na direção oposta do que é normalmente defendido nos estudos do assunto, que dignidade humana, definida como um valor inerente, não é a causa, mas a consequência de sua definição como valor absoluto".

¹⁷ BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1986, *Identidade & etnia*: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense. Brandão disponibiliza trabalhos na internet:

¹⁸ A referência em mente é aos trabalhos de Arend Lijphart e Robert Dahl, amplamente consagrados no campo da ciência política, inclusive ao buscar incorporar, com generosidade, questões derivadas do "pluralismo cultural", como destacado, p.e., em DEVEAUX, Monique. 2000, *Cultural pluralism and dilemmas of justice*. Ithaca (NY): Cornell University Press. Dentre os autores irlandeses recentes, pode-se destacar a vasta produção de Bill Kissane, desde a sua tese de doutorado, esta publicada como KISSANE, Bill. 2002, *Explaining Irish democracy*. Dublin: University College Dublin Press. Um artigo de 2009, por exemplo,

vantagem epistemológica que quem produz 'a partir', ou 'para', da 'academia' tenha que se empreendeu a expedição de pesca da tese, caráter que só fez se acentuar crescentemente desde essa 'primeira' qualificação no IUPERJ²⁰. Se tivesse que definir o 'tema central', não hesitaria, apesar da aparente presunção, em dizer que se trata de pensar democracia. Isto a partir de um lugar, a 'Irlanda' (a conveniência das aspas já deve estar clara), que teve um histórico de continuidade democrática essencialmente ininterrupto desde sua separação da Grã-Bretanha, em 1922, basicamente segundo quaisquer parâmetros modernos usados para essa classificação. Mas como pensar democracia a não ser a partir de uma compreensão que essa categoria nada tem de evidente, quanto mais não seja para não recair numa evidente falácia de que, se assim não fosse, o 'caráter democrático' que busco aflorar, para além do esfacelamento, das eclosões, se esvairia? Havia que afastar a 'crença' na partida do que os 'sujeitos' - quais? - formulariam como democracia. Isto embora não se tenha abandonado, como se elaborará em um pouco mais de detalhe no "segundo tempo" da tese, a defesa do 'caráter desejável' de todos e cada um - por suposto crianças, 'loucos' etc incluídos - serem encarados como mundos múltiplos, capazes de 'trocar', desejar (precisar é um termo talvez excessivo) entrar em interações de que derivem acordos, coerentes com partilhas comuns, acionados em espaços, categorias para as quais se vão forjando sentidos, 'identidades' - que não correspondem a um 'real', como Žižek coloca com precisão, mas que nem por isso deixam de fazer parte de instâncias de realização do vivido, nas formas que se percorre diante da morte. Entre O paraíso, O pastor e O ladrão de Madredeus talvez seja possível calcorrear caminhos com todos, cada um com muitos mais, consigos e cons outros.

A estrutura presente e os textos dos capítulos da tese refletem essas inquietações. Como um todo, trata-se de *disjecta membra* - termo que já ocorria quando do 'sanduíche' na

ht

https://dignitygenealogy.wordpress.com/. Já quanto a Pál Perbart, na verdade o contato, propiciado por Sila, uma ex-aluna, permitiu considerar a possibilidade da existência de proximidades, senão mesmo de afinidades, com Agamben, de que não suspeitava anteriormente, além de, da mesma forma que comentava a respeito de Safatle, se estar aí 'respirando' inquietações, 'densidades' semelhantes. As referências diretas são: PELBART, Peter Pál. 2014, A potência de não: linguagem e política em Agamben. Num blog, de onde não dá para baixar o artigo em si: https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/05/31/a-potencia-de-nao-linguagem-e-politica-emagamben-peter-pal-pelbart/. Acesso 2017-06-25. Um outro texto onde aflora com extrema propriedade pontos que busco identificar é PELBART, Peter Pal. 2015, Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... *Saúde Soc.* São Paulo, v.24, supl.1, p. 19-26, 2015. http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24s1/0104-1290-sausoc-24-s1-00019.pdf. Acesso 2017-06-25.

²⁰ Para voltar, talvez com certa presunção, ao manto protetor de Foucault, "O 'ensaio' – que é necessário entender como experiência modificadora de si no jogo da verdade, e não como apropriação simplificadora de outrem para fins de comunicação – é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma 'ascese', um exercício de si, no pensamento". (*apud* Silva, 2009: 134). A referência é a FOUCAULT, Michel. 1994, *História da sexualidade* 2: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal. p. 15. SILVA, Marta Regina. 2009, Infância, experiência e resistência: o exercício da liberdade como prática na educação com crianças. *Revista Múltiplas Leituras*, v.2, n.2, pp. 133-47, jul./dez. 2009.

Irlanda, no 'primeiro doutorado'. Nesse mesmo sentido, os tempos de redação foram díspares. A busca de uma equalização seria vã. Como que cada capítulo é datado e, de certo modo, fechado em si. Coisas foram escritas agora, no último ano e meio do 'atual doutorado', que em parte foi um 'retrazer', sob a égide dos tempos nefandos que se atravessa, de algumas questões 'mais gerais' que tinham emergido, tinham ganho voo, e a que se buscou dar traduções para encaminhar o 'fechamento' da escrita de uma tese, mas sem fugir - e nisso, mais uma vez, foi fundamental a adesão de Claudio - a perceber sua evidente incompletude; e o esforço, patente nos textos de escrita mais recente, de transformar essa angústia em algo que tivesse certa potência.

Além do mais - na verdade depois que estas "Introduções" tinham sido escritas -, foi colocada a necessidade de defender a tese até dezembro de 2017, um pouco antes do que se imaginara. Previamente, os capítulos seguiam caminhos próprios, como se disse, mas havia pretensão de, para a apresenteação na defesa, podá-los, agregar pontos, em suma fazer com que ao menos parecesse haver certa integração num 'corpo maior'. O prazo mais curto do que esperado para a conclusão tornou vã tal perspectiva. Assumiu-se pois, integralmente, que cada um tem como que autonomia própria, stands alone, e seguer foram feitas alterações ou cortes, a não ser de pouca monta, nos textos originais. No todo, fizeram parte, representaram reflexões em torno de um tema, saíram de um 'berço' comum (gostaria muito de poder evocar as imagens dos berços de estrelas, mas seria presunção bem mais do que excessiva). A estrutura geral, porém, como talvez em grande parte ainda se espere na 'área de humanas', não se encaminha para 'demonstrar uma tese'. Tem antes 'vontade' de ser constituída por 'reflexões', de certo modo 'diálogos', sem necessariamente chegarem a 'ensaios', sobre um 'núcleo' de temas, esse 'berço' que se acredita interessante. Talvez possa 'apelar' - para tentar transformar o defeito se não em qualidade pelo menos em algo aceitável - para a 'tranquilidade' que Hobbes busca na mecânica clássica e sugerir que 'agregações' desse gênero são aceites, quase se tornaram moeda comum, nas áreas que lidam com os "corpos naturais". Nào é o caso, mas...

II

Optou-se por dividir a tese em dois "tempos", um "Longo" e outro "Corrido", essencialmente porque ao primeiro corresponderam capítulos de feição mais 'clássica', ao passo que o segundo obedeceu antes a momentos específicos, forçando um pouco os termos de sua escrita e em relação à Irlanda. O "Primeiro Tempo - Longo" tem quatro capítulos e o

"Segundo Tempo - Corrido" três. O capítulo I, que se segue a estas Introduções, foi inicialmente redigido como... introdução - pelo que se intitula "Introdução - A pretexto da Irlanda". É um mapear de 'razões comuns' para que se considere a Irlanda um 'objeto' 'bom para pensar' (inescapável Lévi-Strauss, aí também através do olhar, omnipresente na trajetória de 15 anos para cá, inclusive na sua 'compra do festim', de Octavio Paz²¹). Tratou-se de situar o 'objeto' e o trabalhar 'a pretexto da Irlanda' como algo 'legítimo', marcado pela existência de uma multidão de olhares - aos quais, nesse plano direto, busco acrescer mais alguns aspectos - para a Irlanda e seu 'sucesso democrático', que foi até algumas décadas atrás considerado inusitado; fosse por destoar de modelos explicativos de teor 'sócio-econômico' 'confortáveis', embora já bem entrados em desuso, fosse por, afinal, prestar-se a apontar para fatores que normalmente não eram considerados. Acredito que é um capítulo norteador suleador é termo igualmente simpático, senão mais - no sentido de que marca que as questões afloradas não estão 'soltas', não são mero fruto de uma 'viagem pessoal' a 'pretexto da Irlanda'. Noutros termos, que Irlanda e democracia, embora parte de uma expedição de pesca e, portanto, peculiar, exdrúxula mesmo, são temas conectados que encontram âncora, referência, no mundo coerente, da academia, mais pausado. O que se fez aí para a atual versão da tese foi essencialmente cortar o que seriam voos excessivos, buscas de conexão com 'filósofos clássicos' da ciência política (assumindo-se pois que não se tentou levar adiante a possibilidade, existente e trabalhada por alguns autores, de adensar tais conexões).

No capítulo II, após esse, procurava-se apoio em Clifford Geertz e Edmund Burke para tecer algumas considerações. A parte que tocava diretamente em Burke ainda requereria um trabalho de certo fôlego, que não houve como empreender, razão por que, nesse recorte final para 'levantar um corpo' para a defesa, acabou por se restringir essencialmente a Geertz e por ter ficado pequeno e com o título "(Des)mundos - Um diálogo com Clifford Geertz (e um pouco com Edmund Burke, a partir de Geertz)". Em parte, a escolha inicial derivava de serem 'clássicos laterais' da antropologia e da ciência política. Igualmente por Geertz frequentemente pensar em paralelo os 'grupos' sobre que se debruça e as condições para refletir sobre eles. Nessa mesma linha, em Geertz está presente o 'dilema' associado a definir o

_

²¹ Provavelmente um dos trechos de Lévi-Strauss mais populares, "as espécies animais e vegetais não são conhecidas na medida em que sejam úteis; elas são classificadas úteis ou interessantes porque são primeiro conhecidas" (1976: 29), é também mote para o título do livro de "impressões e meditações" sobre seus escritos de Octavio Paz (1993: 8). LÉVI-STRAUSS, Claude. [1962] 1976, *O pensamento selvagem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. PAZ, Octavio. 1993, *Claude Lévi-Strauss ou o novo festim de Esopo*. A marca regular de Paz nesses últimos anos deve-se, todavia, sobretudo ao PAZ, Octavio. [1983] 1992, *One Earth, four or five worlds*: reflections on contemporary history. London: Paladin. Versão em português: 1989, *Uma Terra, quatro ou cinco mundos*: reflexões sobre história contemporânea. Lisboa: Editorial Presença.

que são 'identidades' e, em alguns de seus textos, o pressuposto de que teriam certa irredutibilidade - mesmo que não se trate de vinculação a 'traços' -, referência para pensar os 'resultados políticos' que estariam associados às interações entre esses 'núcleos' e a sua interpretação. Dedica-se a Burke em determinados momentos, sem esconder afinidade e simpatia, e a sugestão era que em parte o ecoa. Como dito, não se irá propriamente a Burke, o que não impede de evocar aqui um que outro ponto que se consideraria interessante colocar. Burke busca convencer que o "little platoon"²² é uma âncora fundamental para os sujeitos, numa formulação do tipo "grande cadeia do ser"²³. Há o desejo de afirmar uma 'contenção', de afastar o 'perigo' que, de modo evidente, denuncia no ideário da Revolução Francesa e nas ações que seriam correlatas. Deriva igualmente do temor, associado, do que poderia decorrer do 'exercício livre', de sujeitos ou grupos, aplacado através da 'aceitação' do primado do "sublime"²⁴, de que o "little platoon" não deixa de ser uma expressão. Burke é com frequência apropriado como um conservador.²⁵ Parece cabível também lê-lo da perspectiva de denúncia do 'caráter autoritário' do modelo abstrato, de 'ideias' que, uma vez 'naturalizadas', se

_

To be attached to the subdivision, to love the little platoon we belong to in society, is the first principle (the germ as it were) of public affections. It is the first link in the series by which we proceed towards a love to our country, and to mankind. The interest of that portion of social arrangement is a trust in the hands of all those who compose it; and as none but bad men would justify it in abuse, none but traitors would barter it away for their own personal advantage (1909-14: parág. 75).

BURKE, Edmund. 1909–14, *Reflections on the French Revolution*. The Harvard Classics. http://www.bartleby.com/24/3/4.html. Acesso 2017-07-09.

Rancière refere-se a MILNER, Jean-Claude. 2003, *Les penchants criminels de l'Europe démocratique*. Paris: Verdier e a LÉVY, Benny. 2002, *Le meurtre du pasteur*: critique de la vision politique du monde. Paris: Grasset-Verdier. RANCIÈRE, Jacques. 2014, *O ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo.

O'BRIEN, Conor Cruise. 1993, *The great melody*: a thematic biography and commented anthology of Edmund Burke. London: Minverva.

²² A passagem é sobejamente conhecida:

Como talvez seja de esperar, o livro associado à noção é LOVEJOY, Arthur. [1936] 1964, The Great Chain of Being: a study of the history of an idea. Harvard University Press.
 A referência é ao seu tratado de 1757, A Philosophical Enquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime

²⁴ A referência é ao seu tratado de 1757, *A Philosophical Enquiry into the Origin of Our Ideas of the Sublime and Beautiful*. Rancière marca que a ideia continua a ter pleno curso, como evidenciado nas propostas de Milner e Lévy. Para esta 'linhagem' de pensamento, a "aflição dos indivíduos democráticos"

é a dos homens que perderam a medida pela qual o Um pode se conciliar com o múltiplo e os uns podem se unir em *todos*. Essa medida não pode se fundamentar em nenhuma convenção humana, mas somente no cuidado do pastor divino, que cuida de todas as suas ovelhas e de cada uma delas. Este se manifestou por uma força que faltará sempre à palavra democrática, a força da Voz, cujo impacto, na noite de fogo, foi sentido por todos os hebreus, enquanto era dado ao pastor humano, Moisés, o cuidado exclusivo de ouvir e explicitar suas palavras e organizar seu povo segundo o ensinamento transmitido por elas (Rancière 2014: 45).

O Apêndice a *The great melody*, trabalho especialíssimo, de Conor Cruise O'Brien, sobre Edmund Burke, é constituído por uma troca de cartas entre o autor e Isaiah Berlin. Numa carta de Berlin consta: "After all, what drew Maistre to him was something deeply illiberal: respect for hierarchy; and for rule by a gentlemanly elite (whether hereditary or created by moderately recent wealth). Should one describe a man with such views as a liberal pluralist? Still, you are fundamentally right, and I withdraw his name from the proscribed list of reactionaires" (1993: 613).

tornariam impositivas²⁶, ao mesmo tempo em que, de fato, teme a possibilidade de se dar curso a formas 'imprevistas' de exercício social, numa chave que guarda semelhanças com Geertz. A proposta do capítulo era pois a de recorrer a pontos aflorados por esses dois 'clássicos laterais' para sugerir uma leitura do 'sujeito', e, assim, da 'política', despertada a partir da companhia de Geertz e Burke, mas que incorpore uma dimensão de inesperado, de incontido, que vá além de categorias definidas - na 'realidade' e na sua apropriação. A ideia é prescindir do temor dos 'sujeitos em si' - um tipo de entrada na perspectiva democrática que se alinhava em certos momentos da tese - e, ao mesmo tempo, produzir afastamentos, ao menos relativos, das formulações constrangedoras que se busca afirmar e que não os levam em conta.²⁷ Esta 'noção', 'a pretexto da Irlanda', constituiria uma espécie de 'tipo ideal'; sabendo

Num dos cursos do mestrado em Antropologia, li texto, que não fui capaz de recuperar mas que creio ter sido "A Polish Peasant Family" de W.I. Thomas e Florian Znaniecki, na coletânea editada por SHANIN, Teodor. 1971, Peasants and peasant societies: selected readings. Harmondsworth: Penguin, Gravara então a expressão em polonês "Nic o nas bez nas", que, em inglês, significaria "Nothing about us without us", uma dimensão, ainda que extremamente simplificada, do âmago das práticas 'democráticas' ou, ao menos, dos aspectos 'contratuais' a elas associados. Na busca recente pelo texto, encontrei a referência a "Nihil novi nisi commune consensu" ("Nothing new without the common consent"), título latino do ato constitucional de 1505 adotado pelo Sejm, o parlamento polonês, em 1505, que teria marcado o estabelecimento da "democracia dos nobres", na se tornou conhecida como Commonwealth (ou República) Nobreza (https://en.wikipedia.org/wiki/Nihil novi. Acesso 2017-05), talvez um tanto afastado da abrangência do 'contrato' pensado por Rousseau.

Ainda nessa busca, deparei-me com artigo sobre a apropriação em certos cenários de encarar o 'sujeito' e suas representações - no caso cartas, tomadas como guia - como 'refazer', subjacente ao projeto de Thomas e Znaniecki:

Life writing, and in particular epistolarity, is central to their project, because the new ways in which people represent themselves and their lives in circumstances of social change and mass migration provide an index to the times and so make available in representational form what 'self' is and becomes under such conditions. Thomas and Znaniecki's notion of self is not inner-reflecting, but rather a socially embedded, relational, situational and temporally-located self which reflects on the outer world of happenings and situations so as to re-engage with these. For them, it is less that people 'construct a self', in the sense of self-making, and more that a self is constructed and eventuates in situational, relational and responsive ways, with the representational forms of life writing providing the key to analysing this (Stanley 2010: 139).

STANLEY, Liz. 2010, To the letter: Thomas and Znaniecki's *The Polish Peasant* and writing a life, sociologically. *Life writing*, Vol. 7, No. 2, August 2010, pp. 139-51.

http://www.oliveschreinerletters.ed.ac.uk/ToTheLetter.pdf. Acesso mais recente: 2017-07-09.

²⁶ Neste sentido, talvez não seja disparatado associar os temores burkeanos aos desenvolvimentos que Max Weber vai colocar sob a rubrica "jaula de ferro" (ou "casa da servidão").

²⁷ Pode parecer presunçoso, mas trata-se de um certo esforço de pensar 'concretudes' para o contrato social de Rousseau. Ou seja, não se estabeleceria 'um contrato', antes os 'sujeitos' eventualmente se envolveriam em lides resultantes em ações concertadas, operantes por certos períodos. Do mesmo modo, não há uma 'unidade natural' com base na qual o 'contrato' se instaure. Isto não impede que a fortuna histórica tenha conduzido a 'entidades', a exemplo dos estados nacionais ou de regiões, a que se haja feito corresponder dimensões de 'poder político'. Não se cristalizarem estaria relacionado com manterem-se tributários dessa espécie de permanente renegociação do 'contrato social' - senão mesmo da sua própria definição e abrangência. Quero crer que esta ideia é coerente com a análise da "socialidade" em Rousseau feita por Todorov, a que se voltará no capítulo V. A contribuição essencial de Rousseau estaria na "afirmação de que o homem já começa a existir com uma insuficiência congênita, e que cada um de nós tem, portanto, muita necessidade dos outros, necessidade de ser considerado, 'necessidade de prender seu coração a alguma amarra'" (Todorov, 2014: 32). TODOROV, Tzvetan. [1995] 2013, *A vida em comum*: ensaio de Antropologia geral. São Paulo: Unesp.

que a expressão tem mais do que um sentido. Permitiria explicar parte dos desenvolvimentos 'democráticos' ocorridos na Irlanda e também situações dramáticas de controle e ocultação, associadas a tentativas de impedir ou limitar seu curso mais efetivo.

'A pretexto da Irlanda' supõe uma delimitação social, política, geográfica, ainda que, no caso de modo bem evidente, tais fronteiras estejam longe de explícitas e, na verdade, sua construção e definição estejam associadas ao cerne do que se tenta discutir na tese. Isto não estava tão claro no início do caminho que, de certa maneira, o 'objeto' delineou. Assim, uma entrada no debate a respeito do que seria 'cultura' e 'literatura' irlandesas parecia algo quase inquestionavelmente adequado. No título do terceiro capítulo após estas Introduções, consta 'libertações' além das "in the middle of the night" (o que é uma referência à explosão do pilar em homenagem ao vice-almirante Horatio Nelson por republicanos, talvez do IRA, em 1966, na época das comemorações do cinquentenário do Levante da Páscoa de 1916, na O'Connell Street, no centro de Dublin²⁸). Quis jogar com as palavras mas o aspecto principal a ressaltar era o da irrupção da 'política concreta', à falta de melhor termo, ao qual os debates acadêmicos parecem infensos. Às vezes plácidos outras mais acalorados, ficam em larga medida circunscritos a si, distância de onde buscam se outorgar a capacidade de definir as 'entidades' e as questões que seria relevante considerar a respeito. No caso da literatura - para incorrer propositalmente na possível armadilha -, vários autores / personagens 'irlandeses' se evidenciam. De certo modo, é quase como se expressasse a presença de um curso grande para o exercício da 'incontinência' dos sujeitos, essa dimensão cuja importância se procura destacar para o delinear de possibilidades democráticas - parte do 'a pretexto da Irlanda' - e para dar conta de desenvolvimentos ocorridos na 'entidade política' mais 'concreta'. Como com Geertz (e Burke), não se tratou de uma escolha direta, canônica. Na sequência do argumento tecido com outros autores, Sean O'Faoláin ganhou destaque. Em princípio, poderia ter sido 'qualquer um' e a vontade básica era essa.²⁹ Todavia, na circunscrição da 'entidade' a partir dos 'tracos'

-

²⁸ Quis a coincidência que, ao fazer a revisão deste "Introduções" para a entrega da tese, *The Irish Times* on line traga reportagem da morte, e enterro com referências 'fenianas', de Liam Sutcliffe, considerando que lhe teria cabido de fato a explosão do 'Nelson pillar'. https://www.irishtimes.com/news/ireland/irish-news/funeral-of-man-who-blew-up-nelson-s-pillar-held-in-dublin-

^{1.3284549?}utm_source=morning_digest&utm_medium=email&utm_campaign=news_digest Acesso 2017-11-09.

²⁹ Rancière é claríssimo sobre o 'horror' que a ideia de 'qualquer um' desperta, do período clássico até hoje, inclusive na associação de democracia com sorteio. Há várias declarações de Burke nesse sentido. A que faz aos eleitores de Bristol, a 03 de novembro de 1774, ligada ao 'nacionalismo' inglês que propugna, é bem conhecida. Como se sabe, trata do caráter do mandato, mas não deixa de estar baseada na firme crença na capacidade e no papel diferencial que deve ser atribuído aos sujeitos:

To deliver an opinion, is the right of all men; that of constituents is a weighty and respectable opinion, which a representative ought always to rejoice to hear; and which he ought always most seriously to consider. But *authoritative* instructions; *mandates* issued, which the member is bound blindly and

xvii

mais comumente destacados, a Irlanda com grande frequência aparece marcada pela 'fala', em particular na forma escrita. Neste sentido, O'Faoláin, que além de ficção, sobretudo contos, produziu uma série significativa de biografias historiográficas³⁰, parece ter 'se oferecido', a

implicitly to obey, to vote, and to argue for, though contrary to the clearest conviction of his judgment and conscience,--these are things utterly unknown to the laws of this land, and which arise from a fundamental mistake of the whole order and tenor of our constitution.

http://press-pubs.uchicago.edu/founders/documents/v1ch13s7.html. Acesso 2017-07-12.

Nas *Reflections...*, há várias passagens. Uma que toca precisamente na recusa da ideia de 'sorteio': "Everything ought to be open; but not indifferentely to every man. No rotation; no appointment by lot; no mode of election operating in the spirit of sortition, or rotation, can be generally good in a government conversant in extensive objects. Because they have no tendency, direct or indirect, to select the man with a view to the duty, or to accommodate the one to the other" (1893: 323).

BURKE, Edmund. [1790] 1893, *Reflections on the Revolution in France* and on the proceedings in certain societies in London relative to that event. London and New York: Bell & Sons. (Reprint from Vol. II of *Burke's Complete Works* in Bohn's Standard Library).

É a essa leitura clássica, ecoada através dos tempos, que Rancière responde, de modo semelhante ao que Claude Lefort apresenta, com que, no nível mais básico, "é necessário que a democracia - sem ter de matar nenhum rei nem nenhum pastor - já tenha proposto a mais lógica e a mais intolerável das respostas: a condição para que um governo seja político é que seja fundamentado na ausência de título para governar" (op. cit. 2014: 60). As implicações são profundas:

A palavra democracia não foi inventada por um acadêmico preocupado em distinguir por meio de critérios objetivos as formas de governos e os tipos de sociedades. Ao contrário, foi inventada como termo de indistinção, para afirmar que o poder de uma assembleia de homens iguais só podia ser a confusão de uma turba informe e barulhenta, que equivalia dentro da ordem social ao que é o caos dentro da natureza (Ibid: 117).

Ou, nos termos do belíssimo parágrafo final, cujo texto retornará:

A democracia está nua em sua relação com o poder da riqueza, assim como com o poder da filiação que hoje vem auxiliá-lo ou desafiá-lo. Ela não se fundamenta em nenhuma natureza das coisas e não é garantida por nenhuma forma institucional. Não é trazida por nenhuma necessidade histórica e não traz nenhuma. Está entregue apenas à constância de seus próprios atos. A coisa tem por que suscitar medo e, portanto, ódio, entre os que estão acostumados a exercer o magistério do pensamento. Mas, entre os que sabem partilhar com qualquer um o poder igual da inteligência, pode suscitar, ao contrário, coragem e, portanto, felicidade (Ibid: 122).

³⁰ Como é comum quando se trata de personagens e assuntos irlandeses, há uma produção vasta sobre O'Faoláin. Aqui quero apenas referir uma conferência de Hiram Morgan, proferida na Universidade de Cork por ocasião do centenário de O'Faolaín. Em função de sua própria formação, Morgan opta por destacar o O'Faolaín historiador e as "fantásticas biografías históricas" que escreveu, terminando por se deter sobre The Great O'Neill - A biography of Hugh O'Neill, Earl of Tyrone, 1550-1616, correspondente a um período da história irlandesa no qual Morgan é especialista. Morgan refere que "His biography of O'Neill has made the greatest impact on historiography, especially popular historiography. Like all O'Faoláin's biographies - for instance The King of the Beggars about Daniel O'Connell – this book is as much about working through his frustrations about traditional, hide-bound Ireland as it is about the subject itself". Adiante Morgan considera que "O'Faoláin pode ser considerado um revisionista avant la lettre", situando-o num debate a que se irá no capítulo seguinte ao agora mencionado. Já perto do final de sua alocução, antes de citar o penúltimo parágrafo de The Great O'Neill, Morgan volta a destacar "O'Faoláin's novelistic style, strong throughout the book and getting stronger crescendo-like at the end, still inspires in its attempt to evoke tension and atmosphere", para logo adiante concluir: "Great stuff for sure but it is not history". A preocupação com esse tipo de distinção, em parte afim ao debate sobre revisionismo e nacionalismo na historiografía irlandesa que, como dito, constituirá o centro de capítulo posterior, está distante dos objetivos da tese. Isto na verdade talvez propicie reiterar a adequação de O'Faoláin como 'exemplo' de 'incontinência', da presenca de lugares para expressões variegadas dos 'sujeitos' como parte importante do quadro que se tenta compor. Hiram Morgan se corresponde com meu marido, que trabalha com o mesmo período, final do XVI, início do XVII, da história irlandesa e foi assim que primeiro recebi a palestra: MORGAN, Hiram. 2000, O'Faoláin's Great O'Neill. Paper presented at the Sean O'Faolain Centenary Conference at University College Cork on 25th February 2000. Disponível em https://celt.ucc.ie/OFaolain.pdf - Último acesso 2017-07-10.

autobiografía *Vive moi!* com certo caráter providencial, como um exemplo afortunado para fechar o capítulo.

'História', outro 'símbolo forte' da Irlanda, frequentemente considerado central quando se trata de entidades nacionais, é o mote do alentado capítulo seguinte: "IV - Guerras de histórias, temporais, isolamentos". Alinha-se com o anterior na medida em que se supõe que os discursos acadêmicos que buscam definir a historiografia 'adequada' são, em si, componentes, embora com certo destaque e capazes de despertar 'interesse público' significativo, de uma variedade de apropriações da 'história' que 'sujeitos comuns' fazem, quando o querem, em momentos e de formas diversas, que podem ou não incluir essas tentativas dos 'historiadores profissionais' na sua construção de narrativas historiográficas. É talvez evidente que há proximidade com a proposta de Pierre Nora, conhecida sobretudo pela clássica coleção Les lieux de mémoire. Na síntese feita por Regina Abreu, Nora distingue a memória social, que permearia todas as sociedades em todas as épocas, da história, uma construção da sociedade ocidental, associada à segmentação dos saberes em disciplinas, própria do Iluminismo que ocorreu em finais do século XVIII na Europa. Nos termos de Abreu, para Nora, "o exercício da memória depende apenas de uma vivência em comum, sendo também fundamental para a vida em sociedade". Já "o exercício da história liga-se necessariamente à ação de um corpo de especialistas altamente treinados: historiadores, museólogos, arquivistas, bibliotecários, cientistas sociais". Além disso, "seleções efetuadas pela memória são sempre afetivas, nunca da ordem da razão. Já as seleções regidas pela história são única e exclusivamente racionais. Visam a grosso modo dar conta de um grande número de informações e nunca reviver uma experiência singular". Haveria "uma tendência crescente no Ocidente de esvaziamento e perda da memória seguida do aumento da percepção histórica". A chamada "memória nacional" seria um dos "últimos baluartes da memória coletiva na sociedade ocidental moderna", onde "movidos por uma memória comum (a memória da nação), os indivíduos revisitam ritualmente experiências que tocam a todos, reforçando laços de identidade" (1996³¹: 37-8). A ideia seguida aqui é que, 'a pretexto da Irlanda', essa crença iluminista na capacidade e no sentido da produção de um "exercício da história" separado do "exercício da memória" - bem como a distinção entre seleções afetivas e racionais - talvez tenha uma circulação mais limitada do que normalmente se lhe atribui. Para continuar mais um pouco com Nora e sua terminologia, seria possível dizer que a 'história dos historiadores' aparece bastante como dimensão de memória coletiva associada a

-

³¹ ABREU, Regina. 1996, Memória, história e coleção. *Anais* do Museu Histórico Nacional, vol. 28, pp. 37-64.

uma "memória nacional", seus esfacelamentos e composições, mais tênues ou duradouros. A própria abundância de visões de especialistas, neste sentido, estaria associada à "memória nacional" irlandesa, ajuda a compô-la, perspectiva que vários historiadores assumem. De um modo geral, pode-se falar numa 'história de historiadores' que acompanha preceitos de racionalidade. Mesmo nesse âmbito, porém, varia a importância que os historiadores atribuem a suas narrativas, como 'produção de verdade' e 'discurso adequado'. Isto está em parte correlacionado a um maior reconhecimento ou recusa da força e efetividade de outras narrativas historiográficas - mesmo que, no conjunto, dificilmente se proponha considerar um universo maior, daquelas articuladas e reconstruídas por sujeitos variegados, em suas participações em entidades e momentos diversos.

O mote, sugerido por Renato Lessa, orientador no 'primeiro doutorado', a quem também sou profundamente grata, foi o enfrentamento, no âmbito da produção de 'especialistas' em historiografia irlandesa, entre 'revisionistas', 'nacionalistas' e, definição menos clara, historiadores que buscavam situar-se 'para além do debate'. Em linha com o eixo do capítulo, busquei entremear a apreciação de pretensões subjacentes a argumentos dos contendores com a montagem de uma narrativa possível da 'história' da Irlanda. Novamente, não cabia qualquer vontade de construir uma 'fala correta', ou contemplar uma gama ampla de visões, senão apenas de ser uma narrativa possível, de certo modo sui generis, até porque fruto de um momento e um contexto articulador peculiares. Recentemente, entrei em contato com *Trials of Irish history*, de Evi Gkotzaridis, um de vários livros que lidam com o debate. No Prefácio, a autora declara que "I have taken into account in all seriousness the objections raised against revisionism while at the same time not departing from my original commitment, which was to defend it". Para ela, o mergulho na investigação empírica seria capaz de evidenciar a "superficiality of all our disembodied speculations and presumptions when compared with the suprise of what actually took place" (2006³²: x). O objetivo, que vai além de outros trabalhos nessa linha, que essencialmente se propõem 'apresentar' a querela, é discutir a 'qualidade historiográfica' das diferentes 'correntes', inclusive a partir de negação de singularidade ao debate, inserindo-o num cenário maior, no caso via associação com o que teria ocorrido na França, na Alemanha e na Grécia (op. cit.: 4). Como provavelmente já está claro, o objetivo aqui está longe do de Gktozaridis, não é interno ao campo da historiografia. Num certo nível, trata-se mesmo de marcar a relativa futilidade, ao menos para a leitura e proposta de democracia que se opera, do confronto, na medida em que esteja imbuído da

-

³² GKOTZARIDIS, Evi. 2006, *Trials of Irish history* - genesis and evolution of a reappraisal, 1938-2000. London and New York: Routledge.

presunção de que o mundo deve ser entendido e agido a partir das concepções construídas pelos 'especialistas' - melhor dizendo, a partir da construção 'demonstrada' vitoriosa -, a exemplo do que Gkotzaridis assume com clareza: "my ambition is to oppose the perception still prevalent in Ireland today that history is made solely by political actors and that historians are not that much involved in the transformation of mentalities and sensibilities", o que defende que deve ser conseguido na época atual através de um tipo de história "mais conceitual, analítico e intelectual" (Ibid: xi). Isso não impediu que se tenha tentado mapear posições relativas das diversas correntes e, precisamente, como referido, quais, na produção correlacionada ao debate, se arvoravam mais a pretensão de deter a 'historiografia correta', determinando então a 'melhor história' a ser desenvolvida, no 'presente' que é, a partir daí, circunscrito e nas interações de 'grupos', de atores, definidos como relevantes e cujas 'características' demarcam.

O "Segundo Tempo - Corrido", tendo noção, como já dito, que há uma certa pretensão envolvida nisso, trata de 'condições de democracia' - a Irlanda como mote por demais reiterado. Inicia-se com o capítulo "V - Intróito - Balbúrdia de vozinhas e democracias", no que não deixa de ser mais uma tentativa de 'reerguer' um eixo para a tese. Começou a ser escrito durante o período absurdamente nefando que vivemos, em abril de 2016. É difícil imaginar qualquer vantagem dessa marca. Houve, contudo, e tal intróito - claramente parte da composição pouco canônica da tese - é de certo modo uma reflexão sobre isso. O esforço, muitas vezes enlouquecedor, de responder mentalmente a perguntas que o cotidiano político brasileiro colocava levou a articular possibilidades que talvez de outra forma não teriam surgido. Assim, a ideia da importância dos 'sujeitos em si' para a realização de um cenário democrático efetivo ganhou uma dimensão que antes não tinha.³³ Foi então que 'vozinhas', no incío timidamente mas, depois, com toda a clareza, ganhou o lugar de 'sujeitos', inclusive como termo que figuraria no título da tese. As suas possíveis diferentes remissões mais 'concretas', a crianças, a falas às quais se atribui baixa intensidade, a 'avós' com seus sentidos de ecos e memórias, de fluidez variável, deixaram de assustar e passaram a ser encaradas como, na verdade, capazes de traduzir bem o grau forte de indeterminação com que se quer

-

³³ Um livro de grande ajuda nesse processo de pensar 'a partir do Brasil' foi o já citado *Como conversar com um fascista* de Marcia Tiburi. Após comentar sobre "obras que fazem parte de um esforço de alguns intelectuais em situar a questão da formação da sociedade brasileira de um ponto de vista que, por mais que tenha tido sua poesia e sua luz, já não nos diz respeito", a autora coloca

Há um Brasil que só cabe nas bibliotecas. Assim como há um Brasil que passa na televisão. Um Brasil da classe média. Assim como há um Brasil que nunca iremos conhecer, esse Brasil de quem não contou sua história porque foi vencido e não vencedor. Esse Brasil que escapa a quem pretende abarcá-lo porque não é catalogável não é texto, é outra coisa, é uma pergunta escancarada e, eu direi sem medo de exagerar, tantas vezes, insuportável (:156).

operar. Neste sentido, também ficou límpida a arbitrariedade - o caráter de expedição de pesca? - da construção da tese e, particularmente, o modo como buscaria ancorar a ideia de democracia na chave pretendida em eventos históricos irlandeses, com desque para o Levante da Páscoa de 1916 e a Guerra Civil. As 'vozinhas' permitiram pois resolver o drama inicial, tornado insano pelos acontecimentos no Brasil, de que de alguma forma 'todos' teriam que poder ter voz e ser levados em linha de conta em concertos que tivessem de fato caráter democrático, e dar uma leitura melhor ao que se considerava estar no âmago da 'democracia irlandesa', tanto sua 'afirmação', como, moto contínuo, seu sucesso procedural. As 'vozinhas' - díspares, 'informes', múltiplas, incontidas, a 'pessoa comum', o "homem humilde", para usar a expressão de Iris Murdoch³⁴ -, viabilizavam um outro ponto de partida, reformular a perspectiva, como que ter outro olhar para conjunções democráticas, inclusive na sua dimensão de ação comunicativa habermasiana, como instauradora de múltiplas possibilidades de realizações de 'contrato' e de uma base mínima de 'consideração', no sentido rousseauneano, cuja relevância se quer afirmar.

Aproveitou-se para fazer uma breve discussão com correntes a respeito de nacionalismo e 'política' não 'pertencentes' ao contexto irlandês, de certa forma uma volta ao caminho traçado com Geertz - e que deveria ter contado mais em detalhe com Burke. Estão ligadas a concepções de 'sujeito', seus envólucros e limitações, ou '(re)invenções' desejáveis para a 'política' que, como já apontado, encontram raízes muito antigas, às quais muito rapidamente se foi. É possível perceber uma certa correlação com os lugares que 'revisionistas' e 'nacionalistas' buscaram ocupar na contenda em torno do 'sentido correto' da

_

acredito que haja um lugar tanto dentro quanto fora de religião para um tipo de contemplação do Bem, não apenas por especialistas dedicados, mas pelas pessoas comuns: uma atenção que não é apenas o planejamento de boas ações específicas, mas uma tentativa de desviar o olhar do eu em direção a uma distante perfeição transcendente, uma fonte não contaminada de energia, uma fonte de virtude *nova* e não sonhada. Essa tentativa, que implica desviar a atenção do particular, pode ser a coisa que ajuda a maioria quando as dificuldades parecem insolúveis, e sobretudo quando sentimentos de culpa continuam atraindo o olhar de volta para o eu (2013: 138, itálico do original).

No parágrafo final do livro, que voltará a ser referido:

A bondade está ligada à aceitação da morte real, do acaso real e da transitoriedade real, e é só contra o fundo dessa aceitação, psicologicamente tão difícil, que podemos entender o que é a virtude em sua plena extensão. A aceitação da morte é uma aceitação da nossa própria nulidade, uma pontada automática em nossa preocupação com aquilo que não somos. (...) O homem humilde, por se ver como nada, pode ver outras coisas como elas são. Ele vê a falta de propósito da virtude e seu valor único, e a extensão infinita de seu apelo. (...) O homem humilde percebe a distância entre o sofrimento e a morte. E, embora ele não seja por definição o homem bom, talvez seja o tipo de homem que tem mais chance de se tornar bom (Ibid: 140-1).

MURDOCH, Iris. [1971] 2013, A soberania do Bem. São Paulo: Ed. Unesp.

Maria Alice Rezende de Carvalho é autora que enfatiza a importância da "reapropriação pelo homem comum do espaço público", através da "experiência, pelo conjunto de saberes que é capaz de organizar", como expresso na palestra "Sociedade autoritária, cultura cívica e democracia", proferida no Instituto CPFL, a 08 de junho de 2004. https://vimeo.com/66316758, acesso 2017-01-12.

³⁴ Para ir aos belos termos da autora:

historiografia irlandesa, de que tratáramos no capítulo IV. Simplificando bastante, a versão Whig³⁵, que tende a subjazer os textos 'revisionistas' e a perspectiva de 'superioridade' que os autores que a subscrevem com mais denodo costumam assumir na contenda, endossa, mesmo que de modo sofisticado, a ideia dos 'perigos' contidos na defesa da importância das 'massas' e em narrativas que lhe estejam associadas - em eventos históricos marcantes (e a própria atribuição de relevância a acontecimentos é disputada). Ao invés, a ênfase recai na high politics e esse destaque é percebido como adequado tanto do ponto de vista historiográfico como de suas consequências sobre a vida social. Já a concepção 'nacionalista' encara as 'entidades', sobretudo as que se teriam desenvolvido e sido construídas por contraste com forças dominantes ou hegemônicas, como dimensão mais importante de ser considerada, objeto básico de análise e onde estariam alojadas as 'forças motrizes' relevantes da história. Mesmo nessa apresentação simplificada, ambas as concepções não negam relevância aos sujeitos, mas muito pouco, contudo, à 'pessoa comum', ao "homem humilde", para voltar à terminologia de Murdoch, ou à enorme variedade de 'vozinhas', essa outra expressão que se insinuou e a que, como acabado de referir, se aderiu e se passou a empregar com certo àvontade. Nas duas versões teríamos pois, de um lado, os 'homens de destague', que assumem a frente de cena, e cuja ação corresponde a maneiras de se posicionarem diante de tensões nos bastidores, que se pode apreciar, inclusive através deles, correspondentes ao 'espírito do lugar e do tempo'. No outro lado, os sujeitos tendem a ganhar tanto maior expressão pública e relevância quanto mais sejam capazes de galvanizar questões que ecoariam no 'grupo que lhes corresponde'. Em ambas, não há propriamente lugar para o 'sujeito em si', das 'vozinhas' já agora, que vá para além das definições colocadas e das determinações que sobre ele pesam. Num certo sentido, é como se partilhassem o temor da dificuldade e da perda da garantia de alocação explicativa que a aceitação das 'vozinhas' implicaria. Permanece-se pois no terreno dos desenhos 'especialistas', para voltar aos termos de Nora. Assim, a possibilidade de 'ação livre', seja dos 'atores destacados' seja de 'representantes' de grupos maiores torna-se, ela própria, algo limitado. No conjunto, não se os encara, e menos ainda aos 'sujeitos simples', na sua imensa variedade, como atores desejosos de serem vistos e levados em consideração, como Todorov aponta que Rousseau destaca (2014, op.cit.: 31). Deste modo, os 'especialistas' também garantiriam a limitação das possibilidades criadoras e de irrupções

³⁵ A bibliografía a respeito é enorme, com destaque inclusive para a produzida no contexto da historiografía irlandesa. Para ficar numa referência simples, colhida rapidamente da internet: PRESTES, Maria Elice. 2010, O whiggismo proposto por Herbert Butterfield. *Boletim de História e Filosofia da Biologia* 4 (3): 2-4, set. 2010. http://www.abfhib.org/Boletim/Boletim-HFB-04-n3-Set-2010.htm. Acesso 2017-07-17.

democráticas³⁶, em termos que vêm do período clássico, como vimos Jacques Rancière descrever. A servidão apontada por La Boétie, e na formulação que ele descreve, permanece, seu pensar alojado também onde Hobbes concebeu que residia.

O sexto capítulo depois do que se expõe aqui é talvez o que, em si, mais caráter de *disjecta membra* tenha. Foi inicialmente escrito durante o 'primeiro doutorado', como trabalho para curso, Teoria Política II, ministrado no IUPERJ por Jairo Nicolau, embora diretamente orientado pela preocupação de vir a constituir parte da tese. Assim, optou-se por manter sua estrutura e parte da discussão original, inclusive quanto ao tema, talvez já ultrapassado, dos pressupostos de 'racionalidade' dos 'sujeitos' contidos em formulações de autores 'clássicos', como Schumpeter e Olson. Como o anterior, guarda analogia com o capítulo IV, "Guerras de histórias", a que, embora numa chave diferente, dá continuidade. Faz-se um apanhado, longe de qualquer pretensão de que seja o 'correto', a partir do 'a pretexto da Irlanda', de 'momentos' da história irlandesa do século XX, optando-se por destacar o Levante da Páscoa de 1916 – e o caráter, que se quer apresentar, de promovido por 'múltiplos', essa entrada fortíssima das 'vozinhas', que ganharam maior ou menor destaque ³⁷ -, a construção de alteridades /

36

a razão metonímica tem essa dupla ideia das dicotomias e das hierarquias, por isso não é possível pensar fora das totalidades: não posso pensar o sul sem o norte; a mulher sem o homem; não posso pensar o escravo sem o amo. Mas o que devemos inquirir é se nessas realidades não há coisas que estão fora dessa totalidade: o que há no sul que não depende da relação com o norte; o que há no escravo que não depende da relação com o amo. Ou seja, pensar fora da totalidade. (...).

A Sociologia das Ausências é um procedimento transgressivo, uma sociologia insurgente para tentar mostrar que o que não existe é produzido ativamente como não existente, como uma alternativa não crível, como uma alternativa descartável, invisível à realidade hegemônica do mundo (2007: 28-9).

SANTOS, Boaventura de Sousa. 2007, *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo.

³⁷ A TG4, rede de televisão em irlandês, produziu uma série de programas relativos ao centenário do Levante da Páscoa de 1916. Os programas trataram de 'líderes conhecidos' e de 'líderes laterais' envolvidos com o Levante, no que pode ser encarado como amostra da diversidade - e da densidade - que lhe esteve associada. O texto de apresentação da sequência, *1916 Seachtar Dearmadta - The Forgotten Seven*, ligada aos 'líderes laterais':

On the evening of Sunday, the 30th April, 1916, the last of the Dublin rebels to surrender after the Easter Rising were rounded up and escorted to Richmond barracks. Over the following two weeks, fourteen of them would be executed by firing squad in Kilmainham Gaol.

Seven of the executed men had signed their own death warrant by putting their names to the Proclamation of the Irish Republic, but the other seven were executed for more obscure reasons. Some of them were well known to Dublin Castle, others had played a central role in the fighting. In certain cases, the British Empire was settling scores against old enemies, and others were simply victims of circumstance.

In this sequel to their award-winning profiles of the seven executed signatories, Abú Media's new series explores the lives of these seven other executed men. One hour-long programme is dedicated to one of them: Michael Mallin, Ned Daly, John MacBride, Willie Pearse, Micheál O'Hanrahan, Seán Heuston and Con Colbert.

Through a combination of interviews and dramatic reconstructions 1916: Seachtar Dearmadta brings their stories to life and shows the path each of them took to rebellion and examines the contribution they made during Easter week, a contribution that has often been overlooked.

https://www.dailymotion.com/video/x17eupt. Último acesso: 2017-07-30.

³⁶ Boaventura de Sousa Santos é autor que tem se destacado por esforço de avançar tal linha:

identidades, pela 'pérfida Albion', e a espécie de 'grande outro' que constituiu, na Guerra de Independência, na ação dos Black and Tans, mas ainda, com intensidade, em ligação com a Guerra Civil. Também se enfatiza a importância que Michael Collins e Eamon de Valera teriam, inclusive como símbolos das linhas centrais do processo como um todo, sem dúvida uma dimensão de *high polítics* que é preciso considerar. Recorre-se a trabalhos de historiadores / cientistas políticos irlandeses e não houve um esforço de mapear as diferenças entre eles, nem mesmo do modo como a contenda entre 'revisionistas' e 'nacionalistas' aí se manifestou, com nuances próprias. Muitas vezes sem que eles deem destaque evidente a isso, é todavia perceptível que alguns autores vão enfatizar aspectos ligados à ação de 'líderes' nos desenvolvimentos ocorridos. Já outros buscam marcar como 'correntes' histórico-políticas mais gerais se manifestaram na Irlanda, associando a relativa 'vitória' da concepção impessoal de estado à sequência da Guerra Civil ter podido redundar num proceduralismo democrático.³⁸

Ш

Fazendo uma espécie de parênteses, o tema das categorias acionadas por 'especialistas' para definir o que é a 'realidade' e o que é relevante para pensá-la, pode ser igualmente visto como o das classificações, as 'rubricas', sob as quais os sujeitos são colocados e se colocam. Tende a estar menos presente na linha de pensamento que enfatiza a high politics - que, em si, como que as 'recusariam' -, a qual, no caso irlandês, costuma se auto-caracterizar como visão 'constitucionalista', e a ficar mais evidente na que advoga a força e relevância do nacionalismo - que corresponderia a um exemplo de partilha de experiências, senão crenças, por comunidades amplas. Outra maneira de referir a questão seria pela via das 'identidades', das 'subjetividades coletivas' se quisermos, e da sua relevância, para os 'sujeitos' bem como em termos operacionais. Numa definição sucinta, por muito tempo aceita como referência, Fredrik Barth considera "identidade étnica" aquela "auto-atribuída e

Depois que escrevera este "Introduções" (parece mesmo impossível se livrar do 'work in progress'...), Eoin O'Neill me mostrou o trabalho de divulgação "Taking names from the darkness", de mais de cinco mil arquivos relacionados a demandas de pessoas que estiveram envolvidas diretamente em ações no 'período revolucionário' (grosso modo, normalmente considerado o entre 1916 e 1923): http://www.rte.ie/special-reports/taking-names-from-darkness/ Acesso 2017-10-25.

³⁸ Vários autores poderiam ser situados numa ou noutra dessas duas concepções, sendo que é comum, mesmo quando construindo a narrativa a partir de uma delas, recorrer a aspectos da 'versão concorrente'. Tenho, contudo, dois 'especialistas' particularmente em mente, cujas colocações estão longe de díspares, mas sendo que esses vieses ficam claros nos seus livros: FANNING, Ronan. 2013, *Fatal path* - British government and Irish Revolution, 1910-1922. London: Faber and Faber; FANNING, Ronan. 2015, *Éamon de Valera* - a will to power. London: Faber & Faber; e GARVIN, Tom. 1996, *1922: the birth of Irish democracy*. Dublin: Gill & Macmillan.

atribuída por outros".³⁹ Pode-se usá-la para destacar processos de exclusão e de incorporação, indo além da mera perspectiva descritiva das 'identidades' e de sua suposta neutralidade. Não obstante, há um ponto delicado aí, relacionado à ideia e à defesa de 'sujeito em si' e dos 'contratos' de que eventualmente participa que advogo, também relacionado à suposição de equivalência hierárquica contida na formulação de Barth.⁴⁰

Para tornar mais explícito esse ponto, vale recorrer a dois filmes marcantes lançados no Brasil em 2017, *I am not your negro* e *Moonlight*. Em *I am not your negro*, James

30

Whatever you think about the past and future of what used to be called 'race relations' — white supremacy and the resistance to it, in plainer English — this movie will make you think again, and may even change your mind. Though its principal figure, the novelist, playwright and essayist James Baldwin, is a man who has been dead for nearly 30 years, you would be hard-pressed to find a movie that speaks to the present moment with greater clarity and force, insisting on uncomfortable truths and drawing stark lessons from the shadows of history.

E prossegue:

Baldwin could not have known about Ferguson and Black Lives Matter, about the presidency of Barack Obama and the recrudescence of white nationalism in its wake, but in a sense he explained it all in advance. He understood the deep, contradictory patterns of our history, and articulated, with a passion and clarity that few others have matched, the psychological dimensions of racial conflict: the suppression of black humanity under slavery and Jim Crow and the insistence on it in African-American politics and art; the dialectic of guilt and rage, forgiveness and denial that distorts relations between black and white citizens in the North as well as the South; the lengths that white people will go to wash themselves clean of their complicity in oppression.

Quanto a *Moonlight*, dirigido por Barry Jenkins, trata-se de uma adaptação da peça não encenada de Tarell Alvin McCraney, *In moonlight black boys look blue*. A análise publicada por *Carta Capital* é bonita, inclusive em termos de retratar os caminhos / momentos de Little / Chiron / Black (entre muitas outras, analogia com o bom, o belo e o justo/verdadeiro?): http://telatela.cartacapital.com.br/em-moonlight-uma-longa-jornada-em-busca-desi-mesmo/. Acesso 2017-04-21. No *The Guardian*, Peter Bradshaw descreve esses 'momentos' como um "palimpsesto de identidades" (https://www.theguardian.com/film/2017/feb/16/moonlight-review-masculinity-naomie-harris), cuja analogia com a estrutura, tríptica e fraturada, do filme *Three times* de Hou Hsiao-hsien's tanto Mark Kermod (https://www.theguardian.com/film/2017/feb/19/moonlight-review-five-star) como Andrew Pulver (https://www.theguardian.com/film/2017/feb/07/moonlight-barry-jenkins-director-interview) destacam. Acesso 2017-07-26. Nesta última matéria, Pulver reporta trechos de entrevista com Barry Jenkins. Um em que, de certa forma, Jenkins se coloca indo além dos meros 'jogos de identidade':

He frowns. 'I did have reservations. Can I, as a straight man, really tell this story fully – in the way it needs to be told? But I approached this as an ally. Tarell is very openly gay and I felt like if I preserved

³⁹ BARTH, Thomas Fredrik. 1969, Introduction". In: Barth, T. F. (ed.). *Ethnic groups and boundaries*: the social organization of culture difference. Londres: G. Allen & Unwin.

Evans-Pritchard cunhou a noção de "oposição segmentar" na famosa monografía *Os Nuer*, que remete para a ausência de uma linearidade na construção dos processos de 'identificação'. Está relacionada ao sistema político e ao de linhagens. Contudo, como expresso exemplarmente no "chefe da pele de leopardo", na narrativa - que Evans-Pritchard assume como tal - construída trata-se de uma estrutura que, na sua 'totalidade', guarda diferenças radicais em relação aos modos de dominação característicos do 'Ocidente', inclusive como evidenciados nos processos de colonização - quanto ao que a Irlanda seria exemplo paradigmático, primeiro mesmo, de colonização pela Inglaterra. Aliás, logo no começo Evans-Pritchard apresenta o "chefe da pele de leopardo" como "uma pessoa sagrada sem autoridade política"e afirma que "os Nuer não têm governo e seu estado pode ser descrito como uma anarquia ordenada" (1978: 11). EVANS-PRITCHARD, E.E. [1940] 1978, *Os Nuer*: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva.

⁴¹ O trailer oficial de *I am not your negro*, documentário de Raoul Peck, em parte baseado no manuscrito inacabado *Remember this house*, mas também em trabalhos como *The devil finds work*, de James Arthur Baldwin, colocado como 'coautor' do filme, pode ser visto em https://www.youtube.com/watch?v=rNUYdgIyaPM. Último acesso 2017-07-17. Logo no início de um artigo sobre o filme no *The New York Times* (https://www.nytimes.com/2017/02/02/movies/review-i-am-not-your-negro-review-james-baldwin.html. Acesso 2017-07-26), A. O. Scot coloca

Arthur Baldwin claramente advoga que há uma dimensão fundamental de 'identidade', no caso "negro" - indissociável da brutalidade da história norte-americana que busca negá-la. Assim também se tornou carregada de memórias, forjou arquétipos, e precisa ter lugar na frente de cena. Se aproxima muito do sentido que movimentos 'nacionalistas' atribuem a 'identidade' em diversos momentos, uma espécie de arma de que não se deveria abrir mão levianamente sob pena de aceitar o processo de obscurecimento, inclusive da violência que esteve associada à existência da 'marca'. 42 Isto não impede que se considere a presença de outras múltiplas dimensões nos sujeitos, como expresso com clareza numa fala de Baldwin: "I am not a nigger. I am a man. But who thinks I am a nigger means you need it. And you've got to find out why". 43 Faz, contudo, como Baldwin ressalta num debate com Paul Weiss, um professor de filosofia de Yale, no The Dick Cavett Show, reproduzido no filme, que as 'identidades' não constituam um mero mercado onde as pessoas vão escolher e que algumas tenham uma 'carga' inelutável, que precisa ser aceita, 44 até para que o 'jogo de identidades' possa deixar de demandar que os 'sujeitos' o joguem para serem 'considerados', no sentido já algumas vezes referido posto por Rousseau. Noutros termos, é como se enquanto a 'identidade americana', que nega a presença dos 'sujeitos' negros e que implica, numa gama imensa de dimensões, a imposição da 'marca' negro, queira continuar a apresentar-se, seja preciso denunciar sua 'mentira constitutiva' e, assim, sua incapacidade de olhar para si própria. Ou, para voltar a falas do filme, desta feita constantes do trailer, "The story of the negro in America is the story of America. It is not a pretty story"; "I can't be a pessimist, because I am alive. The question you've got to ask yourself, the white population of this country has got to ask itself, is why it was necessary to have a nigger in the first place". Isso conduz a pensar que uma 'identidade'

his voice it would at least pass the smell test. I saw myself in Chiron in every way - except for that one aspect of his identity. If I turned my back on him for that, it would be cowardly. I couldn't have lived with myself if I'd done that. So I felt I had to become a better man, a more secure man, to make this film.' He pauses. 'Once I got past that, I wasn't a straight man or a gay man. I was the man telling the

⁴² Dois artigos que abordam sua força na Irlanda, e em cuja construção Edmund Spenser teve papel destacado, no início do período moderno: O'NEILL, Eoin. 2016, Uma dança de mal-entendidos: religião e conceitos de poder na Irlanda elisabetana. Pavão, Eduardo et al. (orgs.), Anais. X Semana de História Política: Minorias étnicas, de gênero e religiosas. Rio de Janeiro: UERJ. pp. 906-16. O'NEILL, Eoin. Gloriana: Elizabeth I, responsabilidade e honra na Guerra dos Nove Anos na Irlanda. Revista Brasileira de História, Vol. 34 No. 68, Jul-Dez 2014. pp. 193-214.

⁴³ Uma palestra de Baldwin em Londres, em 1969, da qual alguns trechos são reproduzidos no filme, lida com as dimensões que se procura abordar. Duas passagens em que sublinha a abrangência do que está em jogo: "we know, everybody knows, (...) that we are not barring people out of existence in the name of freedom. (...) We are concerned with power, nothing more thant that" (8:40 - 9:15); "It is not a racial problem, it's a problem whether you are willing or not to look at your life and be responsible for it and then begin to change it" (12:33 - 12:46). https://www.youtube.com/watch?v=hnIjXmfTSYg. Último acesso: 2017-07-26.

⁴⁴ O comentário de A. O. Scott a respeito no artigo referido no *The New York Times* é particularmente apropriado: "The initial spectacle of mediocrity condescending to genius is painful, but the subsequent triumph of self-taught brilliance over credentialed ignorance is thrilling to witness".

como essa, que tal gênero de requerimento de auto-identificação e identificação por outros com 'caráter sólido', de 'marca', reflete o medo de um olhar efetivo para si, da liberdade de existência dos 'sujeitos em si', como que obrigados a se escorar por detrás desse jogo. Neste sentido, o esforço de construção e negação do 'outro' - de recusar sua autonomia, a de cada um dos 'sujeitos', inclusive e particularmente no sentido amplo de serem 'vozinhas', amplas e indeterminadas, e dominá-lo - é expressão de um medo avassalador de si próprio e de suas dimensões possíveis. E, assim, da vida como fluir, lugar de 'contratos' que se constituam nos caminhos, 'ações comunicativas' se quisermos, que os 'sujeitos' entretecem, fazem e refazem entre si.⁴⁵

Moonlight não tem como personagem principal um 'coautor intelectual', a exemplo de James Baldwin. Little / Chiron / Black, 'herói' do texto teatral que lhe deu origem e do filme, pode, por outro lado, ser visto como exemplo de 'homem comum' e, deste modo, por paradoxal que pareça, expressão da liberdade possível, do bem do 'sujeito em si', 'vozinha' ou 'vozinhas' mesmo -, diante das circunstâncias de dominação em que vai estando colocado. Assumindo-se a falta de condições de entrar no debate sobre o discurso cinematográfico / teatral, a força e intensidade do 'herói' decorrem da sua existência muito para além do 'jogo de identidades', aquilo que o torna um ser efetivo, 'dono de si', e, para mais uma vez voltar à questão de Rousseau apresentada por Todorov, que deve ser 'levado em consideração'. A ausência, por vezes abissal, de sua escuta, de suas possibilidades de expressão, de 'interagir' com outros entes e 'identidades' em presença, não tira nada de sua liberdade e menos ainda do 'bem' de que é portador. Ao contrário, na perspectiva que se busca esboçar aqui, a densidade de sua 'existência', aquilo com que o diretor do filme nos faz 'interferir', remete aos 'contratos' em que em última análise está engajado, embora aqui essencialmente pela negativa. Num tipo de reflexão equivalente, Tiburi, tratando da questão indígena no Brasil, vai destacar o papel do "paradigma eurocêntrico caracterizado pelo precário princípio da identidade" na produção

⁴⁵ Para recorrer mais uma vez ao artigo de A. O. Scott, inclusive e sobretudo no sentido das possibilidades de 'interação' entre os 'sujeitos' que os tornem 'considerados' e partícipes nos múltiplos 'contratos' em que adentrem:

^{&#}x27;I want to be an honest man and a good writer,' he wrote early in his career, in the introductory note to his first collection of essays, *Notes of a native son*. The disarming, intimate candor of that statement characterized much of what would follow, as would a reckoning with the difficulties of living up to such apparently straightforward aspirations. Without sliding into confessional pathos, his voice was always personal and frank, creating in the reader a feeling of complicity, of shared knowledge and knowing humor.

I Am Not Your Negro reproduces and redoubles this effect. It doesn't just make you aware of Baldwin, or hold him up as a figure to be admired from a distance. You feel entirely in his presence, hanging on his every word, following the implications of his ideas as they travel from his experience to yours. At the end of the movie, you are convinced that you know him. And, more important, that he knows you. To read Baldwin is to be read by him, to feel the glow of his affection, the sting of his scorn, the weight of his disappointment, the gift of his trust.

de discursos negativos dos outros, "discursos anticomunicativos, que promovem uma espécie de contraditória 'comunicação violenta' que destrói laços políticos entre sujeitos participantes da sociedade" (2016, op.cit.: 158). Recorre a Todorov, Adorno e Viveiros de Castro⁴⁶ no esforço de "elaborar uma crítica ao princípio de identidade, esse procedimento do pensamento europeu tradicional que é devorador de toda realidade que nele não se encaixa senão por esforços epistemológicos falsos" (Ibid: 160). Como os filmes, ideias avançadas por Tiburi têm grande proximidade com as explorações neste quintal, da tese. Ao final do livro, com certa esperança, a autora associa uma "promessa de epifania" ao fato histórico e linguístico do "crescimento da palavra dos povos nativos do Brasil". Nos termos dela,

a expressão própria dos envolvidos tal como vem mostrar-se na internet tem um poder totalmente diferente daquele proporcionado pelos órgãos representativos dos povos indígenas 'autoautorizados' a falarem em seu nome. A expressão própria dos povos ameríndios e seus descendentes põe em jogo um elemento castrador ao discurso autoritário, por assim dizer, do sujeito eurocêntrico que emite o discurso enquanto se furta ao diálogo (Ibid: 163).

Na tese não se pretende descartar a relevância de 'identidades', 'subjetividades coletivas', a 'história', enquanto "memória coletiva" - para, mais uma vez, retornar a Nora, independentemente da ideia da 'memória nacional' como seu reduto último - e enquanto capaz de dar sentido, estruturar mesmo, movimentos que correspondam a ações sobre o 'real', em diversas dimensões.⁴⁷ Aliás, nesse capítulo VI, que trata da Irlanda a partir - um pouco no duplo sentido do termo - do Levante de 1916, aceita-se a consideração, mais comum à vertente 'nacionalista', de que a 'grande alteridade' face à Grã-Bretanha, onde a dominação por excelência teria estado alocada, é aspecto fundamental dos desenvolvimentos ocorridos. Como comentado ainda agora, a perspectiva da high politics tenderia a considerar recortes a partir das 'identidades' como associados à não percepção das exigências de uma 'política real' e, em decorrência, mesmo que por mera ingenuidade, como alinhados com os 'perigos' de liberar as forças aí residentes. De qualquer forma, ambas as concepções buscam 'conformar' os 'sujeitos', garantir que o irromper das 'vozinhas' seja 'contido', siga ditames e, assim, não contradiga concepções vigentes sobre as possibilidades relativas aos arranjos sociais em presença. Em parte ao menos, isso explica o caráter extraordinariamente rígido que as relações sociais assumiram na Irlanda a partir da década de 1930, sob a face do forte domínio da Igreja Católica. A priori, as 'identidades', a oposição remanescente pós Guerra Civil, em

⁴⁶ As referências colocadas por Tiburi são: TODOROV, Tzvetan. 2003, *A conquista da América*: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes; ADORNO, Theodor. 2009, *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2006, *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Cosac Naify.

⁴⁷ Pode parecer excessivamente 'fácil', mas vale recorrer aos termos de Lázaro Ramos: "Esta viagem que começa aqui só é possível porque redescobri um mundo que é meu, mas que não pertence só a mim. Ele parte de uma busca que todos nós devemos fazer para compreendermos quem somos. Por isso, sempre que eu falar de mim neste livro, estarei também falando sobre você. Ou, ao menos, sobre essa busca saudável por identidades" (2017: 13). RAMOS, Lázaro. 2017, *Na minha pele*. Rio de Janeiro: Objetiva.

1922-23, é entre o lado favorável ao Tratado com a Inglaterra, que se cristalizaria em torno do Fine Gael, e o 'republicano', que ganhará expressão no Fiana Fáil. As duas 'entidades', 'irlandesas' e, essencialmente, equivalentes do ponto de vista hierárquico, contudo, apesar de com diferenças, impedem uma expressão democrática mais radical, padecem da desconfiança do 'sujeito comum', das 'vozinhas', associada à invizibilização de parcelas enormes da população e ao acobertamento de absurdos e ignomínias. O exercício da dominação, e a recusa do 'olhar para si', não tinha mais, pois, uma configuração análoga à denunciada por James Baldwin em relação aos Estados Unidos. Todavia, os esforços de 'contenção' e o 'não considerar' o 'sujeito comum', de não alargar o espaço para as 'vozinhas', igualmente expressam uma tentativa de permanecer numa certa arena identitária, desta feita do que constituiria o 'ser irlandês', e da sujeição necessária a tais ditames, a par de um exercício interno - com sua contraface de política exterior - de *high politics*. Tal definição está presumida e corresponde a uma supressão efetiva de dimensões da vida social que, na crença aí subjacente, precisariam ser contidas, inclusive pelos conflitos potenciais, espécie de ameaça à 'ordem constituída', que se crê que emergeriam se tal não ocorresse.

Aos 'múltiplos sujeitos' que tiveram participação destacada no Levante de 1916 correspondeu uma míriade diversa de outros personagens. Depois da Guerra de Libertação (ou Guerra Anglo-Irlandesa) e do horror dos Black and Tans, na Guerra Civil 'todos estiveram na outra fação' (e provavelmente ninguém terá sido santo). As instituições políticoadministrativas e o próprio funcionamento governamental, com forte analogia com os em vigor na Grã-Bretanha, sofreram pouquíssimas alterações em relação ao período que precedeu a separação, o que será abordado no capítulo, servindo para ilustrar como provavelmente teria pouco rendimento buscar refletir sobre as características peculiares do 'sucesso democrático' irlandês a partir dessa chave. Parece antes, com efeito, que em torno do Levante de 1916 com sequência na Guerra Anglo-Irlandesa e, em especial, na Guerra Civil, bem como, de certo modo, no período que se lhe segue -, se constituem possibilidades 'outras', que se julga, como dito, terem associação com a presença forte de 'sujeitos múltiplos', de uma 'míriade de vozinhas', mais ricos em termos de explicá-lo; em que pese deverem ser consideradas junto com a ação de personagens, tanto mais 'laterais' como mais 'destacados' da frente de cena e da high politics irlandesa. Além do quadro institucional e de governo básico, o sistema eleitoral, o PR-STV (proportional representation - single transferable vote), também foi herdado do período ainda do domínio inglês, muito embora não vigorasse na 'grande ilha' vizinha (nem nos condados do que veio a constituir a Irlanda do Norte). A inspiração do PR-STV, implantado a partir das eleições de 1918, vem, consabidamente, de John Stuart Mill. Não se tentou considerar se houve influência direta dele como 'pensador' sobre as elites políticas irlandesas da década de 1910 e 1920. O ponto, não obstante, que vale destacar - novamente sem que se pretenda ter claro se a vontade de fazer essa associação encontra respaldo 'na realidade' ou é apenas fruto da afinidade com esse 'clássico lateral' da filosofia e da ciência política - e a que se pretende buscar ir num futuro próximo, é o da 'presença' de questões de Stuart Mill a respeito do 'sujeito' - aqui talvez fosse excessivo dizer das 'vozinhas' - como expressas com clareza em *On Liberty*, em formas que se busca entreter 'a pretexto da Irlanda'.

O último capítulo, à guisa de conclusão, pretendia - antes desse prazo mais curto se impor e fazer com que tal reflexão precisasse ficar para um momento posterior - ser uma espécie de conversa com políticos entrevistados, county councillors, TDs (Teachta Dála - membro do Parlamento -, plural Teachtaí Dála) e uma senadora (pelo Labour panel), ligados ao condado de Kerry, que, a partir da reforma implementada que vigorou para a eleição geral de 2016, se tornou um único distrito eleitoral. Não cabe encará-los como exemplo dos county councillors, TDs e senadores da 'República' em geral - e talvez menos ainda de Dublin. O condado de Kerry, se representando inclusive como "Kingdom of Kerry", em parte prima por assumir seu lado *culchie / gombeen* (caipira seria um tradução bem cabível), e o 'clã' político dos Healy-Rae construiu-se fortemente em cima da assunção - de par com a própria criação - desse estereótipo e de se opor à 'ditadura' da perspectiva *jackeen*, dublinense. ⁴⁸ De qualquer forma, há aspectos que nenhum político irlandês pode se permitir desprezar, associados à oferta de *clinics* e a um árduo trabalho pessoal de *canvassing*, interligados. Na sua formulação atual, mais urbana, os políticos com frequência oferecem seminários sobre temas que

-

⁴⁸ Um livro publicado sobre eles, que é também uma eulogia: HICKEY, Donal. 2015, *The Healy-Raes*: a twentyfour seven political legacy. Killarney (Co. Kerry): Rushy Mountain Books. A 'capacidade política' do 'clã' não é homogênea. Jackie Healy-Rae deu início à 'dinastia', primeiramente como diretor de eleições do Fianna Fáil, no então distrito eleitoral de Kerry South, e como county councillor, a partir de 1974. Afastou-se do Fianna Fáil em 1997, que não o indicara candidato a TD nas eleições gerais, e, como independente, ficou em segundo lugar nas preferências de voto. Foi reeleito em 2002 e 2007, após o que não voltou a disputar eleições. (A respeito: https://en.wikipedia.org/wiki/Jackie Healy-Rae. Último acesso2017-07-31). Michael Healy-Rae, seu filho mais novo, elegeu-se TD em 2011 e 2016. (A respeito: https://en.wikipedia.org/wiki/Michael_Healy-Rae. Último acesso: 2017-07-31). Assume com habilidade alguns aspectos do estereótipo de Kerrymen que seu pai utilizara, bem como a mesma postura de 'defesa dos interesses locais' versus o 'domínio dos jackeens', dos dublinenses, e de sua 'falta de consideração' pelo resto do país. Outro irmão, Danny Healy-Rae, que atuara como county councillor, também se elegeu TD em 2016, segundo lugar na preferência de voto no agora único distrito eleitoral de Kerry. A chegada dos dois irmãos ao Parlamento revestiu-se de um aspecto chamativo: http://www.independent.ie/irish-news/election-2016/healyraes-harness-black-beauty-in-their-victory-parade-tothe-dil-34530846.html. Último acesso 2017-07-31. O perfil deste último como TD mostrou-se bem mais contestável do que o do irmão, de certa forma beirando o rídiculo, como expresso, entre várias outras, numa fala, pouco após tomar posse, de negação das mudanças climáticas, que seriam atributo exclusivamente divino, cujo vídeo (https://www.youtube.com/watch?v=oeiEO6rv97s. Acesso 2016-05-06) teve repercussão significativa, o que faz com que sua continuidade como representante do 'Kerry Kingdom' seja algo duvidosa. Um filho deste último, Johny Healy-Rae, é county councillor e Maura, também filha dele, substituí-o no county council quando se elegeu TD.

imaginem relevantes para seu eleitorado e passam nas casas indagando a posição sobre assuntos cuja 'atualidade' é consabida. No fundo, trata-se de 'mostrar-se disponível' para os 'sujeitos' que constituem seu eleitorado potencial, que 'problemas individuais', mas também curiosidade e opiniões a respeito de 'temas políticos', são levados em conta, na esperança de que, na hora das eleições, lhe deem uma boa posição na cédula eleitoral. A 'dimensão local' e, em certa medida, 'pessoal', é traço marcante da política irlandesa e tem ligação com o PR-STV. Houve e há políticos que se lhe opõem, mas todos os referendos que propuseram mudar o sistema eleitoral, dois inclusive promovidos por Éamon de Valera, foram rejeitados. Qualquer alteração constitucional tem que ser objeto de referendo e esse próprio fato, bastante relevante no cenário político irlandês, é uma forma de limitação do poder dos mandatários. Não se buscou 'analisar' como as pessoas percebem o funcionamento do sistema político. Houve uma série de observações esparsas, diversas, que na verdade se prolongaram por mais de duas décadas de períodos na Irlanda. Pediu-se aos políticos ouvidos que falassem de democracia, sistema eleitoral, clinics e canvassing, 'peso da história' e dos partidos nesse contexto, bem como suas mudanças, em termos de resultados eleitorais, afora sobre local, Irlanda e União Europeia. As posições foram díspares sobre vários aspectos mas, a favor ou contra, sempre ficou clara a 'submissão' aos eleitores, a necessidade de levá-los em conta, desde em questões 'menores', pessoais mesmo, como na 'formação de agendas' e enquanto 'voz' que, embora indefinida e difusa, se deve procurar contemplar em tomadas de decisão e em formulações legislativas que ocorrem em espaços dos county councils ou do Oireachtas. Não se chegou a conversar com nenhum deputado que fosse ou tivesse sido ministro (houve uma possibilidade de conversar com um vice primeiro-ministro, mas mostrou-se difícil e não se concretizou). De qualquer forma, não é absurdo pensar que mudanças eleitorais recentes (por exemplo, o aumento de independentes e a fragorosa queda no número de deputados do Labour da eleição de 2011 para a de 2016⁴⁹) estão associadas à percepção dos eleitores sobre a 'fidelidade' a suas 'vontades', que o símbolo de traição não paire sobre os eleitos.

O último capítulo acabou por assumir pois um aspecto mais singelo, de 'fecho' da tese. Assim, buscou-se apenas evocar uma ligação entre 1916 e 2016, entre as 'vozinhas' que povoaram o Levante e algum 'depois' - sem com isso desprezar aspectos pontuais da *high polítics* e do lugar de personagens centrais, Michael Collins e Éamon de Valera - com a tranquilidade, ao menos relativa, presente diante da ausência de definição sobre quem seria

⁴⁹ Um artigo extremamente interessante de Diarmaid Ferriter, publicado no *The Irish Times* de 28 de fevereiro de 2016, é "There should be no dancing on Labour Party's grave". https://www.irishtimes.com/news/ireland/irishnews/there-should-be-no-dancing-on-the-labour-party-s-grave-

^{1.2552543?}mode=print&ot=example.AjaxPageLayout.ot . Último acesso 2017-05-11.

Taoiseach e formaria o governo, após as eleições de 26 de fevereiro, indefinição que durou 63 dias, até 29 de abril, ⁵⁰ e período durante o qual houve várias celebrações, incluindo a de segunda-feira 28 de março, do centenário do Levante, descrito no site da RTE sob "Hundreds of thousands of people lined the streets of Dublin for the largest public spectacle in the history of the State" ⁵¹.

A Irlanda talvez seja um dos países onde se vê mais crianças em espaços públicos, sem que sua autonomia incontida seja encarada como um problema. Isto não impediu que horrores fossem cometidos contra elas - como a pedofilia que não era, não é, prerrogativa exclusiva de clérigos católicos. A 'mãe irlandesa' é quase tão famosa quanto a 'mãe judia', aspecto associado a uma valorização grande do papel da mulher. Isto não impediu que o feminino fosse encarado como perigoso, a ser controlado, e responsável por 'descaminhos' que precisavam ser punidos e / ou escondidos / além de gestados. Outras 'categorias', 'identidades', em parte 'criadas', não tinham, têm, vez: doentes mentais, viciados em drogas, alcóolatras (embora aqui a questão seja bem mais delicada), alguns 'estrangeiros' e, mais recentemente, de certa forma pós 'tigre celta', os 'incapazes de se adaptar' a formulações mais 'modernas'. Em janeiro de 2017, numa ilha no sudoeste da Irlanda, no condado de Kerry, conhecemos Aidan num pub. Apesar de se ter que sair para fumar e das leis sobre bebida e dirigir, os pubs ainda são locais de forte socialidade. Aidan foi faroleiro - o que não é pouca coisa, para mais quando se pensa no Atlântico na costa da Irlanda. Quando começaram a automatizar os faróis, ainda reteve, por alguns anos, o posto na Skellig Michael. Depois, todos foram automatizados e aos cinquenta e poucos anos Aidan se tornou redundant - redundante, obsoleto, desnecessário, excedentário, inútil, supérfluo, pleonástico, tautológico, são alguns dos sinônimos constantes do dicionário on line Linguee⁵². Quais seriam as 'subjetividades', as 'identidades' adequadas para caracterizar Aidan? Fossem quais fossem, várias se esvaíram quando 'políticas nacionais' definiram que passava a ocupar a de *redundant*. 53

⁵⁰ https://en.wikipedia.org/wiki/Irish_general_election,_2016. Último acesso 2017-11-09.

⁵¹ https://www.rte.ie/news/ireland/2016/0327/777698-easter-rising/ Acesso 2016-04.

⁵² http://www.linguee.com.br/ingles-portugues/traducao/redundant.html. Acesso 2017-07-31.

⁵³ Um tempo depois que 'fechara' este 'Introduções', li um belíssimo texto de Fiona O'Connor, publicado no *The Irish Times* de 07 de setembro de 2017, que traça o elo entre a brutalidade imposta à vida, das crianças, sob a 'revolução industrial' (depoimentos de há meros 150 anos atrás!), uma gênese afetiva da construção de Marx, bem como a todas as destituições que foram sendo impostas, agora ao pensar 'lento', mas também, de um modo geral, ao estar na vida para além do 'carro de Jagrená', que passou a operar na velocidade da luz. O'Connor recorre a um texto de Christian Marazzi, que se teria baseado com intensidade num poema de Ida Börgel, *The sabotage manuals*, que parece magnífico. Deixando para saber do texto do poema apenas o que consta no artigo de O'Connor: "Economic theory makes an unusual muse for poetry; Börjel signals the need for literature to react to the violence being done to it. Because if Marazzi's thesis is correct, then the craft of writing is being consumed by the machine as comprehensively as were the crafts of the peasant classes in the industrial revolution". Uma das razões fundamentais é que

As formulações políticas na Irlanda não são de molde suficiente a permitir que se discuta de modo denso e eventualmente se barre desenvolvimentos desse tipo. Há possibilidades maiores do que em outros lugares, em outros 'arranjos' que funcionam como bases identitárias de tipo 'nacional', como exemplificado na rejeição ao Tratado de Lisboa, em 12 de junho de 2008, mas também na 'exigência europeia' de um segundo referendo, em 02 de outubro de 2009, que causa sua aprovação (processo que pode ter sido um dos primeiros símbolos que resultaram na fraqueza eleitoral crescente do Labour Party). O espetáculo exercido pelos políticos tem seu lugar, mais ainda quando ocupam lugares no gabinete. Continua a pesar sobre eles, todavia, uma exigência de 'respeitarem', de serem coerentes com um 'espírito' que precisam ter buscado 'ouvir' de seus eleitores, de 'vê-los' como 'vozinhas' que, em algum nível, precisam ser 'consideradas'. Em Dublin, e talvez alguns nichos em outras zonas ou cidades, pode ser que as 'agendas' de certos grupos sociais sejam uma espécie de réplica das 'internacionais', que costumam buscar apresentar-se como 'evidentes', e, neste sentido, que um certo modelo de 'político' estaria ganhando espaço. Mesmo em Dublin, todavia, não caberia pensar que isso é hegemônico. A imagem da modernidade como carro de

the craft of writing is its time intensity; writing is snail-paced rewriting in the nanosecond age. (...)

The writer's successive and differing states, her hesitations, expansions and changes – of self as much as of codex – the edits and re-edits – 'real paths into which the highroad of consciousness leads, as Henri Bergson put it in *Time and Free Will*, may eventually result in the teeny tiny commodity that is the book. In following this book on its journey towards its reader we enter the realm of finance, a kind of Mordor to the Shire of the bookshelf.

Marazzi details the historical shifts that have taken place since the 1970s, whereby public finances – initially the pension funds of New York City-employed manual workers (refuse collectors, road sweepers, toilet attendants) were siphoned off by private finance initiatives. 'In 1975 the United States initiated the process of multiplying the devices for draining off savings in order to reinforce stock-market financing of the economy,' Marazzi writes. Thus unleashed, deregulation galloped across the plains of finance like Dark Riders swarming over Middle-earth: neoliberalism was born.

Our precious, the book, relates to this burgeoning of the free market through the system's dependence on the creative force of prophecy. How the world is represented has an effect on prices in the stock market. 'The obstacles between people and their happiness are no longer exogenous natural constrictions but their own beliefs.' (Orléan, 1999) This rhetoric of belief is manifested via the explosion of the internet and online trading – what Marrazi terms, 'the socialisation of finance. The essential substance of such trading is liquidity. The more liquidity is pulled into the prophecy machine, the more that speculation can throw up immense profits for the trading outfits. Thus, the tech industry enters the narrative, and thus remuneration for writers and artists exits.

Digital technology, founded in part on an ethos of communality, of shared, free knowledge, provides the means for the global expansion of deregulated market trading at the same time as it facilitates the hunt for liquidity. And it is liquidity not books that mainstream publishing answers to. Only a vast, deep market, permanently animated by voluminous transactions, offers players the certainty, at any moment, of finding a counterpart; that is, the possibility to get out without losing capital. This property has a name: liquidity. (Lordon 2000, cited by Marazzi).

What was firmly rooted

lies rotted. What was cast solid

is perforated. Into those openings the

saboteur sticks her fingers.

From *The Sabotage Manuals* by Ida Börjel

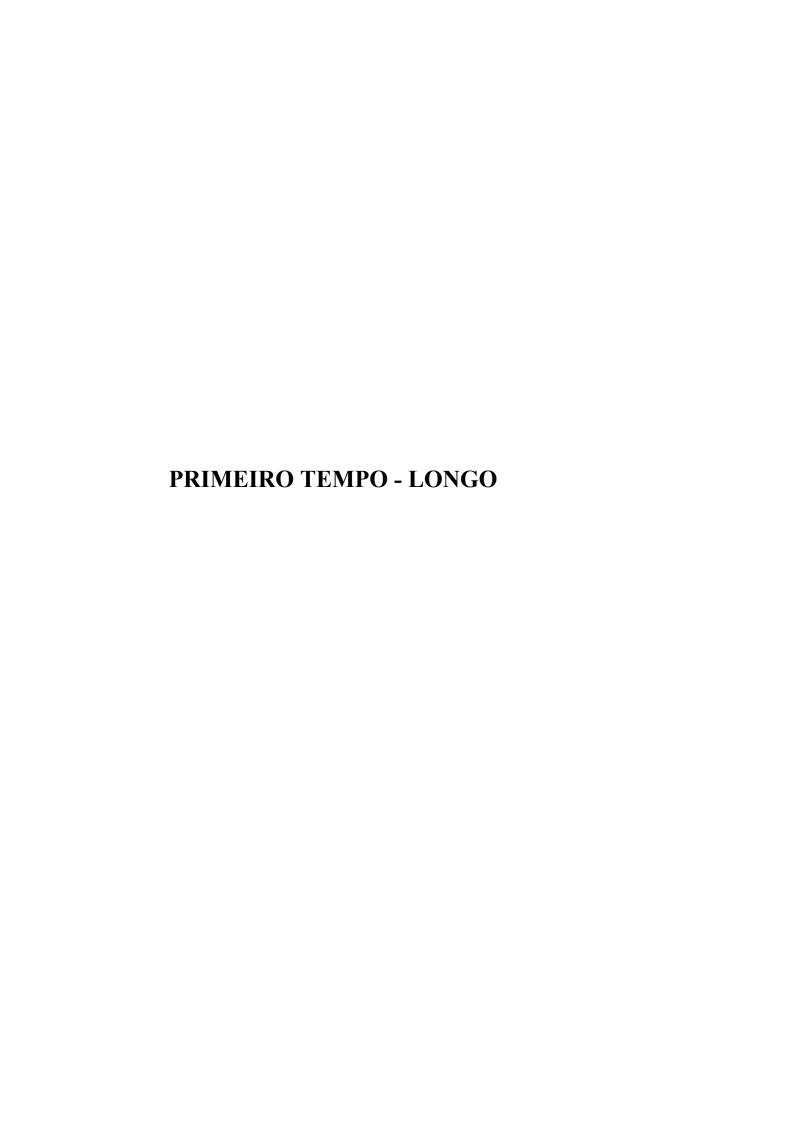
https://www.irishtimes.com/culture/books/the-writer-s-calling-is-now-increasingly-an-unremunerated-one-1.3210083?mode=print&ot=example.AjaxPageLayout.ot Acesso: 2017-09-07.

Jagrená que Giddens (op. cit.) trás só em parte, pois, corresponde aos sentidos de político na Irlanda. Assim também, esperançosamente, *gombeens* e *jackeens* não constituem propriamente inimigos⁵⁴. Talvez que os diversos *gombeens* - e muitos dos *jackeens* - venham a ganhar mais espaço no seu exercício sobre a política, correspondente a possibilidades de que adentrem 'ações comunicativas' de que resultem 'contratos' que os levem 'em consideração'; e que ampliem o lugar para as 'vozinhas' - ou os 'sujeitos em si', para voltar aqui ao termo em que pensara originalmente - no estar e nas criações de mundos. Tamancos (*sabots*) foram arma de sabotagem, como Fiona O'Connor tão precisamente lembra. Muito compele a que saiamos, sabe-se lá de onde e para onde. Mas as artes dos vários *nós*, com suas vozinhas e tecidos tão múltiplos, são princípios de sabotagem e, portanto, construções de existência - de comunalidades possíveis. Bastaria então voltar a dar a "liberdade" o sentido que sempre teria tido. Para regressar a Ó Ríordáin, que se tornou imprescindível, nos versos finais de *Daoirse* (*Daoirse* complemento, mais do que oposto, de *Saoirse* - *Freedom* ou *Liberty*; Daoirse no livro traduzida como *Limitation*)⁵⁵:

Ná thabhair don daoirse diúltamh Is tabharfar saoirse duit, Mar domhan is ea an tsaoirse, Is tír gach daoirse inti, Is níl laistigh d'aon daoirse Ach saoirse ón daoirse sin. Don't baulk at limits, and you'll be given freedom. Because freedom is a world, and every limit a country within it. And all that's in any limitation is freedom from its limits.

⁵⁴ A imagem é retirada de Octavio Paz: "As tiranias e os despotismos necessitam da ameaça de um inimigo externo para justificarem o seu domínio. Quando esse inimigo não existe, inventam-no. O inimigo é o diabo. Não um diabo qualquer, mas uma figura, semi-real, semimítica, em que se unem o inimigo de fora e o inimigo de dentro" (1989, op. cit.: 84).

⁵⁵ Ó RÍORDÁIN, Seán. 2014, *Selected poems / Rogha dánta*. Edited by Frank SEWELL. New Haven & London / Indreabhán: Yale University Press / Cló Iar-Chonnacht. pp. 148-9. A tradução do poema é de Celia de Fréine.



I - Introdução - a pretexto da Irlanda

The Circus Animals' Desertion

I sought a theme and sought for it in vain, I sought it daily for six weeks or so. Maybe at last being but a broken man I must be satisfied with my heart, although Winter and summer till old age began My circus animals were all on show, Those stilted boys, that burnished chariot, Lion and woman and the Lord knows what. (W. B. Yeats. 1937-1938)

Começo a tese com a sensação de que não tenho um tema, não tenho uma tese. Penso, de um lado, que tenho coisas a dizer, aspectos a comentar; que eles são vastos e quiçá interessantes. Logo a seguir, o susto: se eles são vastos, muitos autores já os trabalharam e só uma genealogia do sujeito soberano, por exemplo, é que constituiria uma contribuição relevante. Tento consolo, de outro lado, com a lembrança de que apenas pretendo refletir sobre um caso, o da Irlanda, vulgarmente apresentado como idiossincrático. Imediatamente o temor retorna: seja por sua particulariedade ou não, diz-se que à Irlanda corresponde o quilômetro quadrado mais estudado do mundo.

Como o título desta introdução aponta, a Irlanda funcionou como pretexto. A ilha - em particular, os vinte e seis condados integrantes do Irish Free State a partir do Anglo-Irish Treaty de 6 dezembro de 1921, uma república desde 1949 (através do Republic of Ireland Act, de 21 de dezembro de 1948 mas só implementado a 18 de abril do ano seguinte) - foi, ao mesmo tempo, um ponto de partida e de chegada. A primeira vez que pus os pés na ilha foi em 1992, aniversário de 70 anos do Tratado e do início da Guerra Civil. Retornei no ano seguinte, já com um esboço de projeto de doutorado ligado à Irlanda, embora na época ainda pensasse num viés mais de Antropologia Social e numa correlação com Portugal (área em que fiz o mestrado) e com temas associados à União Européia e às modulações em cada um dos dois países dos esforços 'europeizantes' em curso. Acabei por seguir o programa de doutorado em Ciência Política do IUPERJ e por uma concentração na Irlanda, inclusive por recomendação da banca do projeto de tese, período em que voltei várias vezes à Irlanda, sendo um deles de quinze meses, junto ao Departamento de Ciência Política da University College Dublin, sob orientação do Prof. Tom Garvin, que o chefiava.

Nesse trajeto, o eixo de fundo do interesse pela Irlanda continuou na essência o mesmo; como tampouco mudou o misto de familiariedade e distância - que é o lugar de onde

inevitavelmente escrevo. Fiquei fascinada, desde o início, com o constante falar, sobre si, sobre a Irlanda, sobre a história e a 'tragédia' da Irlanda, sobre o mundo, em 'estórias' onde mito, epopéia, farsa, piada (as *Irish bulls*), quotidiano apareciam misturados sem o menor pudor; e isto para uma óbvia estrangeira e vindo de pessoas de lugares tão diversos quanto uma aldeia minúscula a 10 quilômetros de Tralee e da classe média da capital, Dublin, que seriam banalmente classificadas como de origens sócio-econômicas e ocupacionais muito diversas. Havia uma espécie de forma comum que me lembrava, nesse momento, a ideia de história sem fim, de fênix permanentemente renascida e atualizada por todos. Este aspecto reflete-se, de qualquer modo, no estereótipo da *talkativeness* irlandesa (cultuado para turistas, para quem também é representado no beijo da pedra de umas das ameias do castelo de Blarney) e no apregoar de que o melhor inglês do mundo é o da Irlanda, o que os quatro prêmios Nobel de literatura e Joyce só fariam reiterar. (Os dois Nobel da paz associados aos Troubles, cujos início é vulgarmente situado em 1969, por seu turno, apontam para a vertente mais explicitamente 'trágica' com que a Irlanda é representada).

Esse 'falar' que refiro apresentava, contudo, aspectos elusivos. Por um lado, parecia convidar à proximidade, implicava em supor que 'o estrangeiro' tinha, ou poderia vir a ter, familiariedade com o que era tratado; como que se procedia a uma incorporação do mundo exterior a esse mundo presente e passado, abundante e borbulhante, de que se tratava. Por outro, apontava para um mundo tão vasto em si e tão amplamente praticado que, de alguma forma, como que excluía, ou ao menos prescindia do exterior; a não ser o que dele essa 'interioridade' apropriasse e trabalhasse, no seu sentido próprio de cosmopolitismo. De qualquer forma, este plano de *Irishness* é certamente parte dos jogos identitários, incluindo representações para si e para o exterior, que, como Handler marcou, não devem ser interpretados ao modo de manifestação de uma 'essência' ou de uma 'cultura profunda', que estejam na base ou além dos jogos em si mesmos. Um aspecto apenas continuou a incomodar: o de que tal 'exposição', exercer-se e 'falar' de si parecia independer de um público; quase que ter moto próprio e como que estar voltado para vários outros de um si mesmo - também fragmentário e sem contornos definidos.

- Método, entende, mon ami? É tudo uma questão de método. Ponha os fatos em ordem. Ponha as suas próprias idéias em ordem. E se algum pequeno fato por acaso não se ajustar...

¹ HANDLER, Richard. 1988, *Nationalism and the politics of culture in Quebec*. Madison: The University of Wisconsin Press. Para uma problematização da 'autenticidade' na mesma linha, comparando Ouro Preto e Colonial Williamsburg, cf. GONÇALVES, José Reginaldo. 1988, Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais". *Estudos históricos*, vol.1, n.2, pp.264-75.

ao invés de descartá-lo, examine-o ainda mais atentamente. Embora o significado dele possa lhe escapar no momento, fique certo de que é importante. (Hercule Poirot para o capitão Hastings).

(Agatha Christie. Assassinato no campo de golfe. 1923)

A continuidade da experiência democrática do Eire² é elemento recorrente na representação da particulariedade irlandesa. Por um lado, a Irlanda com frequência era apontada como um caso incômodo para a proposta de Lipset³ de correlacionar indicadores sócio-econômicos com potencial democrático. Apesar de Kissane⁴ tentar mostrar que uma leitura mais alargada dos indicadores conducentes a poliarquia, no próprio período pré-

_

² A nominação, tanto dos 26 condados que, com o Anglo-Irish Treaty, constituiram o Irish Free State, com sede política em Dublin, como dos 6 que até hoje integram a Irlanda do Norte e cuja 'capital' é Belfast, é um dos assuntos mais controversos na ilha. Eire, por exemplo, que vem do idioma irlandês (a ênfase é sobre ser Irish e não Irish Gaelic, como quando se trata da língua afim, o Scottish Gaelic), corresponde à designação oficial internacional em irlandês (em inglês, Ireland). Isto não impede que, na própria Constituição de 1937 (esta parte emendada como resultado do referendo de maio de 1998 no âmbito do último acordo de paz que então ocorrera), Eire se refira aos 32 condados em que a ilha está dividida. A maioria dos irlandeses dos 26 condados tenderia, contemporaneamente, a se auto designar Irish e, caso uma clarificação fosse pedida, a dizer que do Sul ou da República. Já quanto aos seis condados no nordeste da ilha, Walker, num capítulo do seu livro em que acompanha as transformações nas etiquetas de auto-classificação ao norte e ao sul do border (ou, melhor The Border; não me atrevo a traduzi-lo por fronteira...; as implicações são excessivas; e voltando à tona em pleno com o Brexit...), reproduz os dados de pesquisa: "A 1993 survey revealed that among catholics, 12 per cent opted to describe themselves as British, 1 per cent as Ulster, 61 per cent as Irish, and 24 per cent as Northern Irish. For protestants, 2 per cent saw themselves as Irish, compared with 69 per cent as British, 15 per cent as Ulster, and 11 per cent as Northern Irish" (1996: 124). WALKER, Brian. 1996, Dancing to history's tune: history, myth and politics in Ireland. Belfast: The Institute of Irish Studies. Sem dúvida que as formas de classificação e auto-classificação em parte seguem o princípio de oposição segmentar que Evans-Pritchard tão bem descreveu para os Nuer. EVANS-PRITCHARD, E.E. 1978, Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva. Contudo, como Walker destaca, "The nature and extent of Irish identity has changed dramatically over the years, owing to the influence of political, religious and cultural factors" (Ibid: 110). Face a esse explosivo quebra-cabeças, gostaria de deixar claro que farei uso indistinto de qualquer uma das formas possíveis e adequadas ao contexto histórico: Irlanda, Eire, República (se depois de 1949), os 26 condados etc.; Irlanda do Norte, os seis condados ou os seis condados do Ulster. Afinal, ainda acho que RSVP significa apenas RSVP e não vou imediatamente tentar identificar aí uma nova dissensão do IRA (como numa das cenas de humor brilhante do programa da BBC1 "Give My Head Peace", ambientado em Belfast). Não, não é brincadeira. Fergus Finlay, que foi assessor-chefe do então Tánaiste (Vice Primeiro-Ministro) Dick Spring, do Labour Party, começa o capítulo intitulado "Peace Work", com trecho de carta do Provisional IRA ao Taoiseach (Primeiro-Ministro, que era então Albert Reynolds, líder do Fianna Fáil, partido que estava no governo em coalizão com o Labour): "We are very serious about this project... we accept the integrity of BAC's seriousness... we have accepted concepts which form no great part of our traditional vocabulary...". Logo a seguir, Finlay afirma que a carta

^{...} chilled me to the bone. (...).

There were things about the letter I didn't understand. What did BAC mean, for instance? It was explained to me that BAC was short for Baile Atha Cliath [Dublin], and was the Provos' way of referring to the Irish government.

But that wasn't what I found chilling. The letter was written a couple of weeks after a bomb had ripped through the centre of Warrington in England (...).

On the day Tim Parry had died, five Catholics had been killed in Derry and Belfast in UDA shootings, bringing the number killed in Northern Ireland to an average of more than one a week since the start of the year. (1998:180).

FINLAY, Fergus. 1998, Snakes & ladders. Dublin: New Island Books.

³ LIPSET, Seymour Martin. [1960] 1981, *Political man:* the social basis of politics. Baltimore: The John Hopkins University Press.

⁴ KISSANE, Bill. 1995, The not-so amazing case of Irish democracy. *Irish Political Studies*, 10, pp.43-68.

independência e após, sugere uma revisão da suposta excepcionalidade irlandesa, o fato é que a experiência democrática permanece como uma espécie de apanágio, algo que seria intrínseco à Irlanda desde sua independência. Por outro lado, trabalhos como o de Garvin de 1987 - onde analisa a mentalidade da geração que esteve à frente da separação da Grã-Bretanha e do primeiro governo pós-tratado - e o de Munger - onde acompanha a transição pacífica do governo do Cumann na nGaedheal para o Fianna Fáil (grosso modo, os dois grupos que lutaram na Guerra Civil) - efetivamente apontam para aspectos peculiares da experiência irlandesa. Ñão é que estes autores queiram destacar qualquer espécie de substância irlandesa inimitável. Trata-se, sim, de atentar tanto para acontecimentos que estiveram associados à aceitação do jogo democrático formal, caso do trabalho de Frank Munger, como para uma multiplicidade de fatores de vária ordem - incluindo os ligados ao 'renascimento celta' e às concepções de política e nacionalismo correntes - caso do livro de Tom Garvin, que foram parte integrante do 'sucesso' político irlandês.

Uma sensação, que se esboçou logo no primeiro retorno à Irlanda, foi que, de alguma forma, a talkativeness, sobretudo consigo mesmo, guardava uma relação significativa com tal persistência democrática - chamemo-la assim. A armadilha estava pronta e caíra nela redondamente, foi reflexão que passou a assediar. Nesse sentido é que se pode traduzir esta tese como busca de um caminho, espera-se que não ardiloso, de interpretação da experiência através da reflexão sobre sentidos, que teriam atualidade, de sujeito e de irlandesa democracia - ao ter 'precisado' recorrer, para entendê-la, a possibilidades 'universais' neste âmbito. Caso se tentasse correlacionar diretamente certos comportamentos, uma 'cultura', ao sucesso democrático irlandês, com toda a certeza se cairia numa tautologia; além de que não parece haver grande diferença entre operar com determinantes sócio-econômicos e operar com determinantes culturais. Por outro lado, o interesse de tal análise seria reduzido. Se se trata de uma característica única ela também é supostamente irrepetível e o discurso que produzisse serviria, quando muito, para reforçar alguns dos estereótipos que são brandidos por grupos dentro da ilha ou contrapostos aos que vêm ou vieram do outro lado do mar da Irlanda, da pérfida Albion. Assim, a saída tentada foi a de considerar aspectos da história política e nacional irlandesa recente e atual para, a partir daí, formular hipóteses sobre concepções ainda que, na sua maioria, não explícitas - sobre sujeito, nacional, que permitam indagar tanto a respeito dos conteúdos de democracia, então ligados a sua experiência persistente, quanto,

⁵ GARVIN, Tom. 1987, *Nationalist revolutionaries in Ireland, 1858-1928*. Oxford: Clarendon Press. MUNGER, Frank. 1975, *The legitimacy of opposition:* the change of government in Ireland in 1932. London: Sage Publications.

no mesmo movimento, a respeito do sujeito e ator com base em quem e para vista de quem uma tal 'democracia alargada' se exerce.

Colocando de uma forma mais direta, faz-se uma reflexão sobre a história irlandesa recente, particularmente desde 1916, na busca de pistas que permitam ajudar a pensar a democracia moderna. Os acontecimentos que se produziram na ilha são, por definição, únicos e irrepetíveis - apesar de, evidentemente, estarem associados e se assemelharem, quanto mais não seja em termos estruturais, a eventos em curso em outros países europeus. Walker assim sintetiza essa constatação da ciência política:

In many parts of Europe the particular divisions that emerged as important at the end of the nineteenth and the beginning of the twentieth centuries have remained significant throughout the succeeding years. Party systems have continued remarkably true to the traditions and shape of the politics established at this point where broad-based modern parties, with a wide franchise, came into being for the first time. People have subsequently voted simply for the same parties as their parents (1996, op.cit.: 32).

Como o autor prossegue, foi nesse período que "Nationalism and unionism, along with religious divisions, emerged (...) to dominate modern politics in Ireland". Contudo, o caso irlandês foi distinto do de outros países europeus na medida em que "besides religious differences, there was also a split over the national questions and (...) each division powerfully reinforced the other" (Ibid: Ibid).

Não se refletirá diretamente sobre a Irlanda do Norte, a não ser eventualmente quanto aos diferentes significados que assumiu da perspectiva dos 26 condados do sul; e, nesse sentido, como subsumida, englobada por assim dizer, nos sentidos de 'sujeito nacional' e de divisão se tenta prescrutar na República⁶. Parte-se do pressuposto, junto, p.e., com Garvin, no seu livro 1922 - *The Birth of Irish Democracy*⁷, e Munger, (1975, op.cit.), que é no período que se situa entre o Levante de 1916 e a transição de poder do Cumann na nGaedheal para o Fianna Fáil em 1932 que ocorreram, na Irlanda, os eventos históricos que produziram a cultura e a estrutura político-partidária das décadas seguintes. Mais ainda, marcaram também um tipo de 'unidade' para efeitos externos, expressa, de maneira emblemática, na associação entre Irlanda e catolicismo⁸ e que se traduziu, no plano governamental, por uma forte

⁶ Levando-se em conta as disputas a respeito de nominação apontadas acima, talvez seja necessário reafirmar que a escolha desta perspectiva é meramente de ordem teórico-metodológica e que não implica, de forma alguma, tomada de posição, seja ela nacionalista ou unionista.

⁷ GARVIN, Tom. 1996, 1922 - The birth of Irish democracy. Dublin: Gill & MacMillan.

⁸ Estatisticamente, 10% da população era protestante, nos 26 condados que constituiram o Free State em 1922. Esse percentual foi reduzido para cerca de 3%, no final do século XX. Um poema de Paul Durcan, "What is a Protestant, daddy?", traduz muito bem uma das dimensões deste ponto: "Protestant were Martians / Light years more weird / Than zoological creatures / But soon they would all go away / Soon there would be no more / Protestants..." (apud Longley, 1996: 9). LONGLEY, Edna. 1996, The Irish Republic: part of the problem / part of the solution. *Times Change*, Number 8, Summer / Autumn 1996, pp. 9-15.

Em resenha de Church, state and social science in Ireland: knowledge institutions and the rebalancing of power,

predominância do Fianna Fáil - no poder de 1932 a 1948, de 1951 a 1954, de 1957 a 1973, de 1977 a 1981, (bem como de março a dezembro de 1982, mas aí como um governo de minoria) e de 1987 a 1989; até 1973 sob a forte dominância de De Valera⁹. O Fine Gael (reagrupamento, pós-dissolução, do Cumann na nGaedheal), liderou os demais governos de 1932 até 1981, sempre através de coalizões. De qualquer forma, desde 1989, os governos passaram a ser sempre de coalizão, tanto os liderados pelo Fine Gael como pelo Fianna Fáil. Em conferência em 1998, Peter Mair considerava que essa seria a senda daí por diante¹⁰, o que pode derivar de uma revisão no sentido de unidade nacional investido no Fianna Fáil bem como de um certo fim, embora ainda indefinido, do alinhamento político irlandês em torno das duas forças que se opuseram na Guerra Civil¹¹ - o que, de fato, se tem expressado no crescimento do número de Teachtaí Dála (deputados) independentes.

Em suma, as primeiras décadas do século XX e, muito particularmente, o Levante de 1916, a Guerra Civil e o período sequente são chave para se entender a face explícita da bem sucedida democracia irlandesa. Uma hipótese que se levantou - que guiará a segunda seção desta introdução e será retomada em outros momentos da tese - é a de que a personalização das figuras do Levante de 1916 e a proximidade, a percepção do envolvimento de 'todos', com que a Guerra Civil foi vivida ressaltou uma espécie de potencial enorme de 'divisão', no limite no âmago de cada um; bem como a impossibilidade, a não ser sob o manto da destruição - no caso, portanto, também de si mesmo - de imprimir uma solução única para essa multiplicidade. A luta não foi travada entre liberais e absolutistas como em Portugal entre 1828 e 34, nem mesmo se tratou de duas concepções de sociedade, com que Barrington

1937-73, de Peter Murray e Maria Feeney, Tom Inglis aponta para um dos aspectos centrais dessa associação: What made the Irish state different is that until the end of the twentieth century it never played a part, let alone became a significant player, in the religious field. Moreover, for decades it ceded control of education, health and social welfare to the Catholic church. In doing so, it handed over much of its role in creating a monopoly over the means of symbolic domination to that church. In the language of the French sociologist Pierre Bourdieu, for many decades it ceded much of its roles as the central bank of symbolic capital to the church. The church defined, blessed and legitimated the ways in which people attain wealth and status and other forms of power. While there was recognition and acceptance of religious minorities, particularly Protestants, the 'we' of the nation-state became Irish Catholics.

INGLIS, TOM. 2017, Christian knowledge (review of Church, state and social science in Ireland: knowledge institutions and the rebalancing of power, 1937-73, by Peter Murray and Maria Feeney, Manchester University Press). Dublin Review of Books, Issue 92, September 2017.

⁹ A respeito da 'fase inicial' do Fianna Fáil, cf. DUNPHY, Richard. 1995, The making of Fianna Fáil power in Ireland, 1923-1948. Oxford: Clarendon Press.

¹⁰ A referência é a conferência que Peter Mair proferiu a 26 de fevereiro de 1998, no Dublin Castle, por ocasião das comemorações de 25 anos do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da University College Dublin. Não tive acesso a possível publicação posterior dessa conferência.

¹¹ Um artigo, publicado em 2016-03-03, em *Front de Gauche*, "Législatives en Irlandes: des élections porteuses de changement - à terme", a propósito das que ocorreram em fevereiro de 2016, busca interpretá-las como sintoma de caminho do país no sentido de uma oposição mais 'clássica', entre esquerda, que, aí se considera, teria, ao menos em certa medida, sido representada pelo Sinn Féin, e direita. https://www.ensemblefdg.org/content/legislatives-en-irlande-des-elections-porteuses-de-changement-terme. Acesso 2016-04.

Moore¹² analisa a guerra civil americana. A hipótese que se coloca é de que esta guerra civil tardia acabou por corresponder a uma exposição de diferenças e divisões em que os níveis público e íntimo, se é que se pode exprimir assim, já estavam imiscuídos; e que, portanto, a solução política 'nacional', embora sob o manto da 'unidade', precisava, ao menos de algum modo, contemplar espaço para a multiplicidade, não podia ser uma invenção única nem de fundamentos. De certo modo, estão presentes as práticas e o projeto mais individualistas da Union do norte americano destacado por Barrington Moore, também com a densidade da visão a que Alexis de Tocqueville habituou 'o mundo' a partir de A democracia na América. Andou-se, contudo, no tempo. Assim, a divisão esteve situada não só literalmente no bairro ao lado, como ilustrado por Belfast ou Derry, e o que a partition (uma das causas da Guerra Civil) entre norte e sul no tratado acabou por reforçar, como na mesma casa e, transporte que se julga possível, dentro de cada um, numa luta intestina radical, fonte e consequência da disparidade e variedade de fidelidades, alianças, deveres que orientaram minúsculas decisões, também mutantes e não necessariamente coesas - em última análise, reportando à própria multiplicidade do sujeito base da democracia moderna. Desta forma, o sucesso da democracia formal irlandesa - a continuada "competição livre pelo voto livre" segundo a definição de Schumpeter¹³ tornada 'clássica' - esteve ligado tanto a decisões, a uma 'cultura' das elites políticas como, sobretudo, foi coeso com um "divided self", um "eu dividido", para empregar o termo de Walzer¹⁴, ao nível dos vários atores, com a ausência, só aparentemente paradoxal, de uma definição sobre 'o indivíduo' base do exercício do nacional. A Guerra Civil, em torno do tratado que estabeleceu o Free State, foi, é claro, um fenômeno único, ligado a uma conjunção de fatores irrepetível. A pretexto da Irlanda, contudo, espera-se contribuir para a reflexão sobre as bases e a dimensão da democracia moderna, ao acrescentar a ideia da 'multiplicidade do sujeito', que, pensa-se, se conjuga sem dificuldades, por exemplo, a propostas de análise na linha da 'democracia consorcional' avançada por Lijphart¹⁵.

Com efeito, a contraface social, se é que se pode usar o termo, da democracia irlandesa, em particular até à década de 1980, esteve longe de se assemelhar a um modelo pluralista, no sentido em que se tornou comum defini-lo hoje em dia. A redução do número de

¹² MOORE Jr., Barrington. [1967] 1975, As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno. Lisboa: Edições Cosmos.

¹³ SCHUMPETER, Joseph A. [1942] 1976, Capitalism, socialism and democracy. New York: Harper Torchbooks.

¹⁴ WALZER, Michael. 1994, *Thick and thin*: moral argument at home and abroad. Notre Dame and London: University of Notre Dame Press.

¹⁵ Cf., p.e., LIJPHART, Arend. 1977, *Democracy in plural societies*: a comparative exploration. New Haven and London: Yale University Press.

protestantes para 3% da população é uma das manifestações dessa tentativa de produção de uniformidade, em particular sob o manto do catolicismo. Já em "Gas from a Burner" Joyce comentava acidamente: "This lovely land that always sent / Her writers and artists to banishment / And in a spirit of Irish fun / Betrayed her own leaders, one by one. / (...) / O Ireland, my first and only love, / Where Christ and Caesar are hand and glove." (1959¹6: 243). A *Bunreacht na hÉireann* (Constitution of Ireland), de 1937 e que permanece em vigor com as alterações que foram aprovadas em referendos, abre com uma declaração de fé, neste caso também no sentido literal da palavra, (como todo o texto da constituição primeiro em irlandês e depois em inglês), a que se voltará na tese, que vale a pena transcrever:

In the name of the Most Holy Trinity, from Whom is all authority and to Whom, as our final end, all actions both of men and States must be referred,

We, the people of Éire,

Humbly acknowledging all our obligations to our Divine Lord, Jesus Christ, Who sustained our fathers through centuries of trial,

Gratefully remembering their heiroic and unremitting struggle to regain the rightful independence of our Nation,

And seeking to promote the common good, with due observance of Prudence, Justice and Charity, so that the dignity and freedom of the individual may be assured, true social order attained, the unity of our country restored, and concord established with other nations,

Do hereby adopt, enact, and give to ourselves this constitution.

Eamon e Valera, líder do Fianna Fáil, Taoiseach em 1932 e sombra omnipresente na Irlanda do sul até ao final da década de 50, tornou-se, ele próprio, sinônimo da austeridade e do rigor moral que deveria pautar a vida quotidiana. Imagens de isolamento, ruralidade e catolicismo, conjugaram-se a um exercício de controle moral, que o romance de Brinsley MacNamara *The valley of the squinting windows* bem ilustra. Em nome de 'padrões morais', este e vários outros livros foram censurados, com base no Censorship of Publications Act, de 1929, que refletia "the moral concerns and principles of the leaders of the new Irish Free State" (Carlson 1990¹⁹: 3). Apesar de ter sua abrangência reduzida, ainda em 1979 era mantida a proibição de livros que lidassem com aborto (Ibid: 5). A hierarquia católica, para

¹⁶James JOYCE. [1912] 1959, Gas from a burner. MASON, Ellsworth and ELLMAN, Richard (eds). *The critical writings of James Joyce*. London: Faber and Faber.

¹⁷ A produção, acadêmica e mais 'popular', a respeito de De Valera, como, aliás, a respeito de seu 'grande rival', Michael Collins, é profusa. Para ficar apenas em dois livros, de caráter acadêmico, que mereceram aplauso: FERRITER, DIARMAID. 2007, *Judging Dev*: a reassessment of the life and legacy of Eamon de Valera. Dublin: Royal Irish Academy. e FANNING, Ronan. 2015, *Éamon de Valera*: a will to power. London: Faber and Faber.

¹⁸ MacNamara é o pseudônimo de John Weldon, que, além de romancista, foi membro da Abbey Theatre Company. *The valley...* foi escrito em 1916 e publicado pela primeira vez em 1918. Só voltou a ser publicado normalmente a partir de 1964.

¹⁹ CARLSON, Julia (ed). 1990, *Banned in Ireland*: censorship & the Irish writer. London: Routledge. Para uma análise das variantes da censura durante a 2a Guerra Mundial, inclusive na sua ligação com a política de neutralidade, em parte colocada como apanágio necessário da unidade e diferença da Irlanda, sobretudo face à Grã-Bretanha, cf. Ó DRISCEOIL, Donal. 1996, *Censorship in Ireland*, 1939-1945: neutrality, politics and society. Cork: Cork University Press.

além de várias organizações católicas leigas, ganhou poder crescente a partir de 1922, controlando, até à década de 1980, a grande maioria das escolas e hospitais, controle que, embora muito diminuído, ainda se exerce. Assim é que "It is through its highly developed bureaucratic apparatus that the Church, like the State in political matters, has been able to maintain control over Irish moral discourse and practice, regardless of whether people are fully committed to it" (Inglis 1987²⁰: 33). Os avós da geração que tinha 30 a 40 anos no final do século XX, viveram a Guerra Civil e tomaram partido, quando não agiram diretamente, no lado pró-tratado e no que ficou conhecido como republicano. Eles próprios, na sua maioria, foram fruto de uma educação de viés católico, paralela à constituição de um "clerical monopoly of the social and moral sciences in the new national university that was set up for Catholics in 1908" (Garvin 1987, op.cit.: 62). As duas gerações seguintes também frequentaram escolas católicas, dado tão mais significativo quanto a população da Irlanda tem um dos mais elevados índices de escolaridade dentro da UE. Os Christian Brothers particamente se tornaram sinônimo de ensino secundário, como coloca Fintan O'Toole:

Another riddle: who made the world? As every catechism told us, God made the world. But there were times when it seemed that the Christian Brothers had been his main subcontractors. On the back of all my brick-coloured and red-margined copybooks, (...) was a map of the world. At the centre of this world was Ireland, and arcing out of Ireland like shooting stars were lines leading to Australia, North America, Argentina, Africa - the contours of a spiritual conquest that had begun in 1802 when Edmund Ignatius Rice founded the Christian Brothers in Waterford. (...) It was our Empire, our answer to the British maps of the world in which its colonial possessions glowed scarlet in every continent (1997²¹: 75).

O controle do corpo e da 'saúde', até finais do século passado, pareceria estranho do ponto de vista da 'modernidade ocidental'. Um debate que volta repetidamente, sempre com grande controvérisa, é em torno do aborto. Só na última década do século XX, é que um referendo (constitucional) deu direito a médicos de prestarem informações sobre clínicas no exterior onde poderia ser feito (traduzindo-se isto, no essencial, por médicos dizerem a suas pacientes, menores, vítimas de estupro ou em risco de vida, os dados de clínicas que poderiam fazer o aborto, na Grã-Bretanha; já que, antes mesmo de legislação mais genérica da UE, qualquer cidadão irlandês podia usar serviços médicos da Grã-Bretanha). Até muito recentemente, resultado de exames, acesso a medicação, tudo permanece com o GP (general practitioner) do paciente e a relação com um paciente internado é entre o hospital e o GP. Até o século XXI, a grande maioria dos hospitais era gerida por ordens religiosas e era nesse âmbito que se provia todo o treinamento de enfermagem. Um dos confrontos mais nítidos

_

²⁰ INGLIS, Tom. 1987, *Moral monopoly*: the Catholic Church in modern Irish society. Dublin: Gill and MacMillan. Vide igualmente nota de rodapé anterior onde se menciona resenha de Tom Inglis de 2017.

²¹ O'TOOLE, Fintan. 1987, *The ex-isle of Erin*: images of a global Ireland. Dublin: New Island Books.

entre políticas 'leigas' e igreja emergiu em 1951, em torno do Mother and Child Scheme. Noël Browne, um dos dez deputados eleitos pelo Clann na Poblachta (partido de que ele próprio fora um dos fundadores), era Ministro da Saúde do primeiro governo, instalado em 1948, de coalizão (coalizão ampla, liderada pelo Fine Gael e com dois ministros do Clann na Poblachta), desde que o Fianna Fáil chegara ao poder em 1932. Ainda no governo do Fianna Fáil, fora passado o Health Act de 1947 e o "Mother and Child Scheme", no essencial, inseria-se nesta lei. Como para grande maioria dos assuntos governamentais que foram de algum modo polêmicos na Irlanda, muito se escreveu a respeito da crise ligada ao Mother and Child Scheme, cuja interpretação ainda é objeto de controvérsias. De qualquer forma, após uma oposição inicial da Irish Medical Association, a disputa com a hierarquia católica assumiu a frente de cena e é indicativa do peso que detinha na condução de políticas governamentais. Num dos primeiros desenvolvimentos em torno do assunto, o arcebispo de Dublin e um grupo de bispos endereçam carta ao Taoiseach informando "what features in the scheme the hierarchy found objectionable", a maioria deles com base num princípio, o da "subsidiariedade" (conceito que, até finais do século XX, irlandeses do sul considerariam quase auto-evidente). Entre outros pontos, o documento arguia que

The right to provide for the health of children belongs to parents, not to the State. (...). The scheme contained provision for the physical education of children and for the education of mothers. These were matters in which the State had no competence. Furthermore they could cover topics, such as birth control and abortion, on which the Catholic Church has definite teaching. There was no guarantee in the scheme that this teaching would be respected (Whyte 1980²²: 213-4).

Na sua auto-biografia, Noel Browne, o ministro da saúde que propôs a introdução do Mother and Child Scheme, considera que era decisiva a distinção que tentou fazer valer entre "Catholic moral teaching" e "Catholic social teaching":

my question was 'Is the scheme contrary to Catholic moral teaching?' Inevitably the bishops' reply was that the scheme was contrary not to Catholic 'moral' teaching, but to Catholic 'social' teaching. As already explained by my theological advisor such a decision is not binding on a conscientious Catholic under pain of sin. On the authority of the bishops I could now claim that the scheme was not immoral and that the ruling of the bishops against the scheme could be ignored by the Cabinet (1986²³: 165).

Um pouco adiante no capítulo, ele faz uma profissão de fé sobre separação entre igreja e estado: "In Cabinet I decided to make a stand on two issues: the fundamental rights of the electorate, with power coming from the people to the elected government, and the right of the public to a proper health service. Under no circumstaces could we concede to the bishops the

²² WHYTE, J.H. [1971] 1980, Church and state in modern Ireland, 1923-1979. Dublin: Gill and MacMillan.

²³ BROWNE, Noël. 1986, *Against the tide*. Dublin: Gill and MacMillan.

right to set aside a law already passed by the Oireachtas²⁴" (Ibid: 166). Browne conclui com um comentário acre, a respeito de onde as decisões, que, no caso, redundaram em sua saída do gabinete, eram efetivamente tomadas:

My visits to the bishops were a wanton squandering of valuable time, both mine and theirs. I was merely a mendicant government minister uselessly pleading (...). The truth was that neither they nor I had anything of value to say to one another. A final decision dictated by Rome had already been taken in Maynooth, and readily accepted by all members of the Cabinet, that they should rid themselves of this tiresome colleague who continued to believe in the principle of representative parliamentary democracy. (Ibid: 170).

O equilíbrio das relações entre estado e igreja sofreu grandes rearranjos. O próprio suposto domínio inconteste da moral católica passou por graves abalos ainda em finais do século XX; os mais diretos pelo emergir em público de escândalos de pedofilia e abusos sexuais por parte de membros da igreja. Exemplo significativo foi a queda da coalizão (Fianna Fáil e Labour), liderada por Albert Reynolds, no final de 1994, que em parte se deveu ao seu aspecto público mais notável, a insistência de Reynolds em nomear Harry Whelehan para o cargo de presidente da High Court, apesar deste, como Attorney General, posição que ocupava até então, ter postergado, sem justificativa suficiente, a extradição para a Irlanda do Norte dos padres Brendan Smyth²⁵ e Duggan, acusados de pedofilia²⁶. Fergus Finlay, assessor e espécie porta-voz do Tanáiste e líder do Labour Party desde 1982, Dick Spring, no seu livro *Snakes & adders* já referido, no capítulo "Parnership Shattered", que dedica ao fim da coalizão, insinua que o Fianna Fáil, sobretudo mas não só nas atitudes de Reynolds, presumia poder conduzir o processo exclusivamente à sua maneira, de certa forma como se o sentido de 'coalizão', em que só recentemente o Fianna Fáil passara a ter que entrar, ainda fosse algo estranho. Quanto ao começo do processo:

_

O Oireachtas é essencialmente o Parlamento Nacional, constituído pelo Dáil Éireann (a Câmara dos Deputados), pelo Seanád Éireann (o Senado) e pelo Presidente. Todos os membros do gabinete, formado por, no máximo, 15 ministros, são Teachta Dála, mais conhecidos pela abreviação TDs, ou seja membros eleitos pela população para o Dáil.
Numa apreciação do caso do padre Brendan Smyth (que foi julgado na República em 1997, processo durante o

²⁵ Numa apreciação do caso do padre Brendan Smyth (que foi julgado na República em 1997, processo durante o qual acabou por assumir culpa em vários casos de pedofilia), Moore tece comentários que ilustram sua associação com a queda do governo e as revisões de postura pública a que a Igreja Católica foi compelida:

At the end of a dramatic week in Irish politics, which saw the resignations of the Taoiseach and the newly appointed President of the High Court, there was an overwhelming sense of bewilderment in the corridors of power in Leinster House (Ireland's parliamentary building). There were few people in Ireland who did not believe that the Fr Smyth extradition affair once again raised questions about the special relationship between the Catholic Church and the state as defined in Article 44 of the Irish Constitution.

The finger of suspicion is directed towards the Catholic Church, for this is a story that many in the Catholic hierarchy did not want told, a story they did not want anyone to hear or read about, because of the shame its tellings brings on those charged with the moral and spiritual leadership of Ireland's Catholic population (1995: 16).

MOORE, Chris. 1995, Betrayal of trust: the Father Brendan Smyth affair and the Catholic Church. Dublin: Marino Books (Mercier Press).

²⁶ Para uma apresentação detalhada dos assuntos políticos do ano de 1994, incluindo os eventos que conduziram à dissolução do governo Fianna Fáil - Labour, cf. MARSH, Michael e WILFORD, Rick. 1995, Irish Political Data 1994. *Irish Political Studies*, vol. 10, 1995, pp. 262-339.

In summary, I've always believed that the whole matter would never have become controversial in the first instance had it not been for the attempt to slip it through the cabinet when Dick was out of the country, and had it not been for the efforts to promote Harry Whelehan through the media in advance of any decision being made. (...)

(...) in the ensuing weeks, the controversy continued. And the more public it became, the more determined Albert seemed to be to have his way" (1998 op.cit.: 250).

Dentro dos principais partidos atuais o Labour é o único que não derivou do Sinn Féin, pertencendo, por assim dizer, a uma árvore própria²⁷, e, dentre os três maiores partidos (são, além do Labour, o Fianna Fáil e o Fine Gael; o próprio Sinn Féin só tendo voltado a ocupar um espaço significativo já na segunda década do século XXI), o mais preocupado, até recentemente, com "pureza ideológica" (ibid: 1). Finlay não coloca nada nessa linha, mas sua insinuação a respeito do Fianna Fáil de Reynolds permite elocubrar sobre um paralelo entre o fim de certa hegemonia do Fianna Fáil, expressa na sua incapacidade de constituir maioria parlamentar desde a década de 80, e as transformações na representação do catolicismo do estado irlandês. O catolicismo não aparece mais como fornecedor único e primordial de uma 'unidade' supostamente inconteste, num processo que é paralelo à perda de vigor da imagem do Fianna Fáil como 'o partido republicano' da Guerra Civil e em que a própria democracia ganha crescentemente o lugar de apanágio, de símbolo unificador da república da Irlanda; emblema que agora como que prescinde de uma distinção face à antes todo poderosa, sombria e pérfida, sobretudo em relação aos católicos (assim a construção vai) Albion.

Ao par dessas mudanças explícitas de diminuição do peso da igreja católica na condução dos assuntos governamentais, a tônica geral sobre ela também foi alterada e passa a estar no alheamento, espécie de fossilização diante de questões atuais, demonstrado por membros do clero, como O'Brien ironicamente pontua: "Most Reverend Dr Lucey, Bishop of Cork, fears that the country is not in danger of pollution from the oil rigs of Bantry Bay but that there is much more to dirty the minds of the people and to pollute their souls in the books, papers and films circulating through Ireland" (1976²⁸: 21). Edna O'Brien, no que está acompanhada por uma enorme quantidade de escritores e ensaistas irlandeses²⁹, vai contudo

²⁷ Para uma 'árvore' dos principais partidos irlandeses, cf. McART, McKENNA & CAMPBELL. 1997, *Irish almanac and yearbook of facts 1998*. Burt (Co. Donegal): ArtCam Publishing. pg. 36.

²⁸ O'BRIEN, Edna. 1976, *Mother Ireland*. London: Penguin Books.

²⁹ Particularmente preciosas, nesse sentido, são as dez coletâneas em que Donal Foley agrupou seus artigos para o *Irish Times*, intituladas *Man bites dog*. Dublin: The Irish Times. Como o título indica, a maioria das crônicas são profundamente irônicas, tratando assuntos da vida quotidiana e ações de membros do Oireachtas e do governo ao modo de *Irish bulls*. Não sei traduzir o termo; seriam uma espécie de 'piadas de português' só que voltadas para dentro, onde ganham um sentido mais pleno. Um de seus elementos é o da literalidade, comum assim ao 'português típico' da piada. Refletem, contudo, mais uma 'atitude' diante dos eventos 'práticos' da vida e dos absurdos discursivos do que propriamente um 'tipo'. Nesse sentido também, julgo que é impróprio vê-las ao modo de um estereótipo ou mesmo de uma 'resposta' a estereótipos ingleses a respeito dos irlandeses da república - plano ideológico que existe mas que se situa noutra dimensão que não a das *bulls*.

bem além, ao traçar a permanente discrepância entre 'o que se faz e o que se diz', entre comportamentos, ações, idéias, pensamentos, postulados, que seriam, para um estranho ao menos, essencialmente sem nexo. O que O'Brien de certa forma está dizendo é que a coerência não só não é requerida como, se se insistir em usar esse prisma, a 'vida irlandesa' parecerá ou insuportável ou um disparate completo, desprovido de qualquer sentido. Vale a pena reproduzir aqui um excerto das várias dimensões do quadro, cujos desenho e relação com ele nunca são fixáveis, numa espécie de reprodução da impossibilidade de definir um lugar e os traços de si mesmo:

You have gone in for help and the driver is telling the woman what a bugger of a day it's been and he hopes he won't have to get a new engine. Orange juice is being consumed by the children and the father, a game man, says 'Say sorry' whenever a child burps. There isn't a hire car in the neighbourhood. Every driver is either gone to see relations in hospital or to evening Mass or 'went out and never came back'. This information is transmitted to you by the well-meaning woman as she makes condolences to the wife or mother or mother-in-law that she has been talking to on the phone.

Suddenly you must get away. Yes you wanted to come back but as time passes you feel they will pinion you down with their beliefs and their unyielding opinion. You read that the Countrywomen's Association favour bringing back the birch and a 'broadminded' person considers Ingmar Bergman's Persona as filth and pulp. (...). What would Yeats have to say now? - his literary revival gone to ashes with no phoenix poised.

You are Irish you say lightly, and allocated to you are the tendencies to be wild, wanton, drunk, superstitious, unreliable, backward, toadying and prone to fits, whereas you know that in fact a whole entourage of ghosts resides in you, ghosts with whom the inner rapport is as frequent, as perplexing, as defiant as with any of the living" (Ibid: 23).

Já se estendeu um pouco demais este tópico. O aspecto que se quer destacar é que essa face externa, onde os "links between church and state were publicly emphasised" (Walker 1996, op.cit.: 81) e a hierarquia católica intervinha de modo direto em negócios governamentais, como no caso quase que excessivamente exemplar do Mother and Child Scheme, elementos, correntes ao menos até à década de 1970, estão, todavia, longe constituir uma base única adequada para se refletir sobre a experiência irlandesa. Uma ideia de 'unidade' se construiu em torno desse catolicismo, paralelo a um reavivamento do ruralismo,

Só um pequeno exemplo do tom de Foley, extraído da última coletânea publicada, da número 10, de 1981. Sob o título "The Hidden Ireland":

First results of the Census have yelded some astounding results. For instance, it seems some 50% of the people do not know what religion they are at all. (...) Some 40% said they were practising members of the Church of Ireland [Igreja Anglicana], but of course they never go to church.

Fifteen per cent go to work in ass and carts and some 70% take lunch to work, mainly consisting of jam sandwiches. (...)

But perhaps the most astounding revelation in the Census was that in fact there are now 10 million people in the Republic. Many of these people have been under the bed since 1916 and have never shown themselves since. It was presumed they had died in the Rising, and they have long since been regarded as Irish martyrs.

A distraught Taoiseach [Charles Haughey, do Fianna Fáil] asked last night: 'What in the name of God are we going to do with all these people? No doubt they will be claiming IRA pensions, or disablement pensions'. (...) Dr Garret FitzGerald [líder do Fine Gael] wanted to know would they be all counted as Fianna Fáil voters. (1981: 67-8).

à 'descoberta' e valorização de uma 'Irlanda escondida'³⁰ e do passado celta; compatíveis com a valorização do isolamento e com políticas públicas e educacionais visando à promoção dos Gaeltacht e ao fomento do Irish (Gaeilge) como "primeira língua nacional", bem como à ênfase na historiografia de cunho nacionalista³¹ - 'corrente historiográfica' a que se voltará no capítulo IV da tese. A se permanecer, contudo, nesse plano, não se faria mais do que repetir o estereótipo - mesmo que assumindo-se certa 'auto-construção' -, reforçando a razão de ser de slogans escritos em muros por unionistas, como um visto em Ballymeena (que era 'terra de Ian Paisley'): "papists out; no Rome here"; parte do fraseado que inclui KAC e KAP (kill all Catholics ou Protestants).

No seu livro a partir da Grécia, Herzfeld (1992³²) analisou o peso que os estereótipos têm na produção de comportamentos públicos rotinizados, nos processos de inclusão e exclusão social de pessoas e grupos e como isto influi nas suas possibilidades de exercício e acesso a decisões, tanto de cunho mais político como que as afetam quotidianamente. No caso da Irlanda, em particular quando se pensa nos seis condados do Ulster, os estereótipos ganharam, além disso, uma dimensão, muitas vezes efetivamente, letal. Da perspectiva dos unionistas, na opinião de Walker, tal começou a ocorrer, ainda na segunda década do século XX, como uma resposta às "nationalist claims that Ireland as a nation must be independent as a single unit, and partly as a result of growing northern demands that Ulster, or part of it, should be treated separately" (1996, op. cit.: 115). Novamente se trata, portanto, do tema da unidade, nesse momento deslocada para a associação entre unidade nacional e unidade da ilha. Os estereótipos - e aqui também várias das categorias com que as ciências sociais operam - encapsulam os atores sob uma única rubrica ou uma série definida delas. É possível dizer que nos 26 condados do sul se forjou e aceitou o manto da unidade católica - que provê a vantagem adicional de uma cosmogonia universal, que contempla e inclui todas as divisões - como forma de afirmação 'nacional', além de aliança - desta feita com os católicos dos seis condados do norte -, face à homogeneização percebida no englobamento pela Grã-Bretanha,

_

³² HERZFELD, Michael. 1992, *The social production of indifference: exploring the symbolic roots of Western bureaucracy*. Chicago and London: The University of Chicago Press.

³⁰ O termo é usado por causa do influente livro de CORKERY, Daniel. [1924] 1989*The Hidden Ireland:* a study of Gaelic Munster in the eightenth century. Dublin: Gill and MacMillan. Pessoalmente, Corkery lecionou e suas ideias tiveram impacto sobre membros destacados da geração que participou da Guerra Civil, como o escritor Frank O'Connor (pseudônimo de Michael O'Donnovan) relata na sua auto-biografia: O'CONNOR, Frank. [1961] 1993, *An only child.* e [1968] 1994, *My father's son.* Belfast: The Blackstaff Press. No capítulo III tratase com algum detalhe da concepção de nacional cultural de Corkery.

³¹ Fanning é um dos autores que vai defender que havia razão de ser na fortíssima ênfase de De Valera na associação do estado com a religião católica e com a língua irlandesa: "Latterday critics of the state's identification with the Catholic religion and with the Irish language as embodied in de Valera's constituion too easily loose sight of their function as device for boding together a deeply divided people" (2015, op. cit.: 177).

onde, supostamente, a 'diferença' irlandesa não era contemplada. Neste sentido, a proposta de Carlton Hayes de se entender o nacionalismo como uma forma de religião, com a qual frequentemente se imiscui³³, encontra aqui clara realização bastante literal. Como já insinuado, é de crer que haja mais, contudo, e que esse manto católico tão profusamente carregado também se liga à outra experiência da divisão, vivida na Guerra Civil e associada à partição da ilha. Boa parte dos líderes da Guerra Civil tinha forte formação religiosa. Michael Collins, por exemplo, que se acompanhará em outro capítulo da tese, ia à missa todo o dia. Já Yeats, Sean O'Casey, Lady Gregory, A.E. (George Russell), figuras de proa do renascimento literário irlandês que teve influência marcante no Levante de 16³⁴, eram protestantes; além de Douglas Hyde, que foi o primeiro presidente da Irlanda em 1937 (apesar da República só ter sido promulgada em 1949, o cargo de presidente estava previsto, e foi 'exercido', na Constituição de 1937). A roupagem teve seus efeitos e, até pela queda na população protestante (judaica também, aliás), tornou-se praticamente impossível que tantos protestantes voltassem a se destacar. A questão é, todavia, muito mais de que uma expressão de unidade aflorou e foi forjada para o que se pode denominar 'face externa'; sem que uma

_

There are degrees of nationalism, as of any emotion. Our loyalty to nationality and national state may be conditioned by other loyalties - to family, to church, to humanity, to internationalism - and hence restricted in corresponding degree. On the other hand, nationalism may be a paramount, a supreme loyalty, commanding all others. This usually occurs when national emotion is fused with religious emotion, and nationalism itself becomes a religion or a substitute for religion (1960: 10).

Carlton Hayes vai além na associação entre nacionalismo e cristianismo e no capítulo XII do livro coloca que Indeed, nationalism, seems to owe its better features in large part to Christianity. The Christian Church has long regarded patriotism as a needful and ennobling virtue; and ecclesiastical organization functioning along lines of nationality antedated and contributed to the rise of national states. But at the same time it set bounds to excessive nationalism by its insistent claim to be catholic, that is, universal, for all men and all nations, and also by its persistent teaching of the precept of its Founder that, while Christians were to render to Caesar what is his, they were to render to God what is His. In other words the demands of earthly nationalism must not be confused, for the Christian, with those of supernatural religion; he does indeed have a divided allegiance, for above and beyond his national loyalty is his duty of loyalty to Christian faith and morals (ibid: 181).

³⁴ O'Connor, no seu livro sobre o movimento, assim associa a vida de Dublin, em que o pai de William Buttler Yeats vem viver, aos Anglo-Irish - como os protestantes mais abonados eram conhecidos:

Dublin was a city of the colon. The Protestant ruling class controlled the banks, the civil service, the major industries, though they numbered themselves only one in five of the population. As privilege obtained at all levels clerical jobs in the civil service were not awarded on a competitive basis, and it was impossible for a Catholic to get an appointment. Protestant workers were assured of what jobs were available, while Catholic ones remained idle. The middle class on the whole existed in a world that was a 'little England'. Their children were taught to look on Catholics as a different class - even to speak French with an English accent so as to show contempt for foreigners. (...)

Behind this façade of power existed a sullen dissatisfied working class who cherished memories of the two rebellions against Castle rule [Dublin Castle, a sede do governo inglês], that had taken place in the city in living memory. Their heroes were Robert Emmet, Wolfe Tone, Lord Edward Ftizgerald, handsome young Protestant idealist who had led forays against English rule (1991: 88-89).

O'CONNOR, Ulick. [1984] 1991, Celtic dawn: a portrait of the Irish literary renaissance. London: Black Swan.

³³ HAYES, Carlton J. H. 1960, *Nationalism*: a religion. New York: The MacMillan Company. Num trecho, o autor afirma:

correspondência prática e, menos ainda, sem que uma multiplicidade de dimensões estivesse efetivamente coberta pelo catolicismo.

Noutros termos, para retomar o ponto do pluralismo, tudo se passa como se, com efeito, não houvesse diversidade significativa; mais, a que existia foi eliminada, seja na prática seja representacionalmente. Assim, o rendimento de se analisar a democracia irlandesa com base em grupos substantivos, sejam eles de caráter religioso, 'étnico', ou mesmo de classe, é muito reduzido. Kissane afirma que "Tactically Irish democracy was a product of compromise" (1995, op.cit.: 66). Não parece have dúvida que as elites políticas aceitaram a regra de maioria e a transição de poder. Contudo, tal ocorreu exatamente ao par da produção de uma suposta homogeneidade e de uma persistência muito significativa do Fianna Fáil no poder; sem impedir, porém, que ambos os aspectos se tenham vindo a diluir nas últimas décadas. Isto parece corroborar a conveniência de pensar que a multiplicidade, a base do pluralismo, se quisermos continuar a usar a expressão, - que, inclusive, permitiu tais transformações -, está presente mas noutro plano que não o substantivo, nem o dessa 'face externa'. Ou, também, que a produção de uma unidade não só foi compatível como, mesmo, precisou de quase radical multiplicidade em outros níveis - do sujeito, famílias, aldeias, cidades ou, em última análise, o próprio país -, que como que grassou e ocupou os espaços da vida quotidiana, com reflexos na vida política. Continuando com a imagem, é como se a democracia irlandesa pudesse ser lida como composta pelas várias resultantes dos encontros entre face externa, unidade, e o movimento dessa multiplicidade, necessariamente mais aleatório e plural; incluindo-se aí várias 'camadas' e arranjos temporários, mosaicos que detêm razoável autonomia, ainda que perene.

Este nível é, por suas próprias características, mais difícil de precisar do que o da 'face externa', em grande parte oficial e correspondente a estereótipos que eram - em boa medida, em que pesem mudanças, continuam a ser - acionados internamente e brandidos no campo de lutas travadas entre unionistas e republicanos no Norte. O texto visto de Edna O'Brien vai nesse sentido, bem como romances e ensaios de enorme quantidade de autores: Joyce, Brinsley MacNamara (pseudônimo de John Weldon), Flann O'Brien (Myles na gCopaleen and Brian O'Nolan eram pseudônimos que usava, além do próprio nome), Liam O'Flaherty, Sean O'Casey, Sean O'Faolain, Frank O'Connor (pseudônimo de Michael O'Donovan), Iris Murdoch (sim, ela própria), John McGahern, Brian Moore, Brian Friel, Dermot Bolger, Roddy Doyle, Fintan O'Toole, Joseph O'Connor, Colm Tóibín, Pat McCabe; para só referir nomes das três últimas gerações que ocorreram meio que 'de imediato'. Livros de humor

político, como as coletâneas de Donal Foley ou os de Lysaght e O'Byrne³⁵, bem como a leitura de jornais, talvez sobretudo o The Irish Times - dos artigos assinados, da sessão de cartas, e mesmo de colunas regulares como a que era assinada por Kevin Mayers e a de Drapier (a referência evidente é a Swift, o autor 'real', supostamente um deputado, é segredo; lida com eventos do Dáil e do governo), da de assuntos ligados à Grande Fome de 1847-49, a de seções ligadas a literatura e mesmo às transformações na paisagem urbana e rural, das várias discussões que emergem em épocas eleitorais e de referendos -, evocam a mesma impressão do riso sobre si mesmo e de muitas vozes, de uma talkativeness, para voltar a empregar a expressão, que prescinde de sentidos definidos mas que é, em si, necessária; ao menos no que sua prática regular atesta de necessidade. Até certo ponto, isto se liga à recusa, talvez mais nítida apenas em finais do século XX - e conjunto, incluindo a transformação, posto em jogo, ao menos pelos jackeens, de Dublin, em oposição aos gombeens da "rural Ireland", com o advento do "tigre celta" na primeira década do século XXI -, de englobamento por estereótipos, em particular de uma unidade estabelecida via catolicismo. O emblema - que, inclusive, pode ser acionado para contrapôr ao velho estereótipo inglês de uma Irlanda de Paddys bêbados, briguentos e ingovernáveis -, se um for requerido, torna-se o da democracia e, exatamente, o de uma democracia que corresponderia a exercícios permanentes da diversidade e dos temas, garantindo a emergência do inusitado e o enfraquecimento do poder dos próprios estereótipos; afirmando também a provisoriedade da face externa e a precariedade dos que a encarnam.

Antes de passar ao ponto seguinte, cumpre ressalvar que esse é, antes de tudo, um modelo ideal. Parece interessante, rico, não obstante, para entender tanto as características como o sucesso da democracia irlandesa; imbricados que estão, se a hipótese colocada for válida e modelo ao qual também, talvez deva esclarecer, se atribui um valor positivo. Embora

-

³⁵ LYSAGHT, Paddy. 1987, *How to become a sucessful TD*. Dublin: The O'Brien Press. e O'BYRNE, John. 1996, *O'Machiavelli (or How to survive in Irish politics)*. Dublin: Leopold Publishing. Só para dar uma pequena idéia do tom dos livros, o de Paddy Lysaght, na capa, contém, "Government Warning: The Contents of this Book Could Damage Our Health". Na folha de rosto, consta o seguinte texto de convite ao leitor:

The author tells how he entered politics, became a County Councillor, rose through the ranks, became a TD; of his early days in the Dáil, the 'honest deception' he uses to hold on to his vote, how he catches the floating vote; he outlines the strategy of attending funerals and functions, explains how a TD should select the ideal wife, tells how to get more out of golf than health and sport, how to benefit from inside information, how to keep awkard and clever civil servants on one's side.

Machiavelly, eat your heart out!

O'Byrne cria um personagem, W.B. O'Carolan - que teria sido Senador e assessor de Éamon de Valera e que haveria "emigrated to Florence in September 1966 (apparently after a sudden and mysterious row with Dev) and never set foot in Ireland again" (:11) - para ironicamente compor uma 'filosofia política irlandesa' d'*apud* Maquiavel segundo O'Carolan (o personagem). O tom de brincadeira é evidente. Na capa, no canto, lê-se "featuring the O'Carolan love letters". Na contra-capa, ao final e destacado, em maiúsculas: "Guaranteed Michael Collins - Free".

possa ser evidente, é importante frisar que não cabe pretender, contudo, que o modelo traduza a 'vida' ou a 'sociedade' irlandesas, nem que, para usar uma expressão do senso comum, 'seja tudo um mar de rosas'. Diferentes grupos sociais - com muita nitidez os *travellers* ou *travelling people* ³⁶ mas também parte dos trabalhadores não qualificados e, mesmo, parte dos que detinham qualificações agora tornadas obsoletas, bem como boa parte dos emigrantes que retornam - só por um grande *tour de force* poderiam ser considerados como tendo acesso aos diferentes jogos de participação num plano equivalente aos demais membros da população. A atenção à diversidade no sentido mais substantivo parece, com efeito, ter vindo a emergir mais, inclusive em função dos irlandeses terem se confrontado, progressivamente, com a afluência de imigrantes muçulmanos - iraquianos, palestinos, iranianos - e do Leste Europeu, romenos ganhando 'acento particular', num processo em parte ligado a movimentos interno à União Europeia. Aliás, na primeira década do século XX também foi a primeira vez desde a década de 1970 (quando, de qualquer forma, foi de pequena dimensão) que houve um retorno expressivo de emigrantes e que o número dos que reimigravam ultrapassava o dos que saíam. Assim é que o debate 'clássico' sobre as 'minorias' internas, como as mulheres e, no caso da

_

Trabalhos acadêmicos de feição mais antropológica são raros, ao menos em comparação com os que caem em rubricas afins, como sociologia histórica, história e política. Os que lidam com os *travellers* constituem uma excepção e são, na maioria, de cunho antropológico. Exemplo é a coletânea McCann, M.; Ó SIOCHÁIN, S.; RUANE, J. (eds.). 1996. *Irish Travellers:* culture & ethnicity. Belfast: Institute of Irish Studies (for The Anthropological Association of Ireland). No prefácio, Mary Robinson, então presidente da Irlanda e que teve como uma das marcas do seu mandato a defesa da inclusão de diferentes grupos sociais, afirma que

The points made and the arguments raised here are erudite and often fascinating. But their purpose will remain incomplete if we fail to bring to them that single, vital act of imagination which turns facts into faces and statistics into human adventures. The story of the travelling people is our story also. Too often, it has been a narrative of our anxiety and resistance to difference. Yet in the relation between a settled and a travelling community there are precious and important possibilities for dialogue. It is a dialogue which cannot happen unless perceptions shift and perceptions will not shift until understanding replaces fear (:ix).

Já os editores, na introdução, fazem a apologia dos direitos das minorias, situando a constatação da diversidade e o desenvolvimento de uma concepção pluralista 'clássica' como tendo emergido no último quartel do século XX:

In the past 20 years majority groups in Ireland, North and South, have had to accept that the communities in which they live are far from homogeneous. Minorities exist - whether religious, political, cultural or sexual - with rights which must be recognised. The minorities in question have long been disadvantaged, but until recently were slow to assert their rights. This has changed and minority rights are now a central political issue. The disadvantages vary from group to group, but they might be summed up as the denial of the right to full participation in the society in which they live, the right to participate as different but as equal. Irish Travellers are one of these minorities (:xi).

³⁶ Os *travellers* podem ser assemelhados, embora não pertençam fenotipicamente, nem sua fala seja essencialmente romani, a ciganos. Os dados não são precisos, até porque muitos deixaram de ser *travellers*, mas devem totalizariam cerca de 30.000 pessoas. Uma certa tradição diz que seriam descendentes de pessoas expulsas de suas terras por Cromwell mas parece haver indicações que os fazem reportar a tempos anteriores como uma população distinta. Do ponto de vista linguístico, usam uma variante do Irish. Até há pouco tempo, eram conhecidos como *tinkers*, por lidarem com 'metais'. Uma versão positiva associa os *tinkers* a uma liga de artesãos medievais. Recentemente *travellers* ou *travelling people* passou a ser usado como sendo mais 'politicamente correto', até porque *tinkers* remetia, na experiência quotidiana, à reparação de panelas. É comum a erupção de conflitos, sobretudo em bairros mais valorizados de cidades, ao nível dos *county councils*, quando grupos de *travellers* se estabelecem provisoriamente em áreas vagas.

Irlanda, os *travelling people*, que em parte começara a aflorar, passou a se processar, 'em função das circunstâncias', junto com a discussão mais geral de 'barreiras' e 'fronteiras étnicas'; e já na segunda década do século XXI, das aplicáveis aos 'refugiados'. Vale notar que redigira estas observações, não muito elaboradas, há quase vinte anos, mas que continuam cabíveis. Há um processo em curso e, agora como antes, em que pesem transformações de monta associadas à União Europeia e ao debate em torno dos refugiados, continua a vigir uma fluidez, sendo impossível sugerir se 'vencerá' uma tendência restritiva, com relativa inclusão de algumas categorias sociais, ou se, pelo fato da entrada, e persistência, do tema como algo relevante e que penetra parte do discurso político, poderá acarretar em mudanças de monta³⁷.

Do mesmo modo, em finais do século XX, quanto a 'indicadores', o *Irish Independent*, que tinha vendagens superiores em 50% às do Irish Times, tampouco oferecia suporte para que aí se encontrasse diversidade, diafonia, uma *talkativeness* como a que se buscou indicar; muito embora jornais 'locais', de Kerry, Cork ou Donegal certamente se prestassem, apesar de sob temáticas diferentes das do *The Irish Times*, a uma leitura desse tipo - e, comparativamente, diante da 'crise, do mercado jornalístico, se tenham mantido como veículos com penetração significativa entre os públicos para que se orientam. Na mesma linha, é possível dizer que programas de televisão, como o popularíssimo *Late Late Show*³⁸, que fora comandado por Gay Byrne desde 1962 até 1999, e o *Prime Time* de debates políticos, de rádio, sobretudo o *Morning Ireland* e o de que Gay Byrne era 'âncora' ou os de entrevistas e discussão de temas da política que eram apresentados por Brian Farrell³⁹ e Vincent Browne, revistas como a *Maggill* e a *Phoenix*, todos e cada um deles faziam - e,

_

BRENNAN, Paul. 1999, Croissance économique et exclusion sociale: éléments du problème". Études Irlandaises. Irlande: Fins de Siècles, No. 24-2, Automne 1999, pp. 155-63.

³⁷ Paul Brennan destaca que uma indefinição semelhante ocorria - novamente, pode-se usar também o ocorre do tempo presente, embora aqui caiba marcar que, sob o "tigre celta", um *ethos* de 'distinção', social e econômica, associado a 'capacidade', 'enriquecimento' etc, tenha ganho peso e mantido certo destaque, como expresso, em 2017, em Leo Varadkar, o primeiro-ministro, do Fine Gael, querer afirmar-se como líder sob o slogan "Republic of Opportunity" - no que toca a desigualdade e exclusão econômicas. Ele afirma que "Ces deux idéologies, la catholique et la nationaliste, fortement imbriquées, ont contribué grandement au maintien d'une chohésion sociale en Irlande et l'on peut ajouter à cela la nature plutôt égalitaire du système économique des sociétés traditionelles comme celle de l'Irlande" (1999: 158) - e não cabe aqui discutir se a Irlanda deveria ou não ser considerada uma 'sociedade tradicional' nem se estas sociedades teriam uma "natureza essencialmente igualitária". A indagação com que conclui seu artigo aponta para uma escolha política que - e esse talvez seja o aspecto mais relevante - no limite ainda não foi feita, ao menos não inequivocamente nem para a 'unidade':

Bien que disposant de peu de marge de manoeuvre et, en même temps, attirée par le modèle économique anglo-saxon, l'Irlande semble hésiter encore quant à son choix définitif. Quel sera l'effet de l'évident accroissement de l'inégalité et de la pauvreté? reverra-t-elle sa copie, ou, au contraire, au vu des résultats particulièrement favorables, poursuivra-t-elle dans la même voie pour mieux s'intégrer à un modèle où le marché constitue la valeur suprême? (Ibid: 162).

³⁸ É quase uma *Irish bull*: o Late Late Show começava às 21h30m (dificilmente tão *late* assim), às sextas-feiras.

³⁹ Talvez valha notar que Brian Farrell, repórter, entrevistador e comentarista político dos canais de televisão e rádio da RTE - Radio Telefís Éireann -, também fora professor Departamento de Política da UCD e autor e editor de vários livros de teor acadêmico.

repetindo, apesar de mudanças significativas, continua adequado associá-los ao presente parte da multifonia, inclusive na forma como a audiência adentra os programas e a composição de textos. Num programa de televisão semelhante ao Prime Time, o Questions and Answers, por exemplo, boa parte do programa era de perguntas da audiência a figuras políticas ou públicas destacadas. Os partidos e grupos partidários tentavam garantir a presença de simpatizantes na audiência, oferecendo-lhes convites de que dispõem com facilidade. O curioso é que - até por simpatizantes ser uma categoria muito genêrica e bastar encontrar regularmente algum *fianna failer* no pub - as linhas argumentativas do grupo da audiência que se supõe que iria defender a postura do Fianna Fáil num dado assunto acabam por apontar nas direções as mais inusitadas e por lançarem no debate dimensões inesperadas. Por outro lado, da mesma forma que com o Irish Independent, os programas de televisão e rádio de Pat Kenny, por exemplo, que haviam sido lançados para irem ocupando o espaço dos de Gay Byrne, acabaram por seguir um formato bastante mais 'convencional', de modo que não há muito interesse em tentar vê-los como apontando para algo mais do que si próprios. Em suma, o olhar mais 'nítido' permitido pelos processos que ocorriam há quase vinte anos continua válido e, então como hoje, não parece haver nenhum processo unívoco em curso.

A presença de multiplicidades, dimensões da *talkativeness*, é difícil de aferir. É possível, contudo, pensar que está relativamente espalhada, numa espécie de contraste, tanto quanto à forma como ao conteúdo, com a univocidade do manto oficial, da 'face externa'. A correspondência entre tal multiplicidade e a incorporação da diferença de tipo 'étnico' nada tem de linear. Este último eixo de valor de certo modo correspondeu à entrada em cena de debates correntes no 'ocidente', em particular como fletidos no contexto 'central' da União Européia e dos Estados Unidos. Nesse sentido, durante um período, acreditou-se que poderiam se tornar uma componente relevante do novo jogo de forças político, no próprio compasso em que o monolitismo da representação 'oficial' se dissolvia; e que, num certo sentido, a Guerra Anglo-Irlandesa e a Guerra Civil, a própria história da opressão pela pérfida Albion, se iam esvaindo 'nas brumas da memória'⁴⁰. Em certo nível, partia-se aí de uma ingenuidade analítica que o tempo, de um modo geral, e os tempos, no sentido nefasto recente, se encarregaram de dissolver, o que, em certa medida, fez com que se buscasse 'fundamentos maiores', imbricados precisamente com o Levante de 1916, a Guerra Anglo-Irlandesa e a Guerra Civil, como fonte possível para pensar 'caminhos outros' para além dos

-

⁴⁰ O termo "brumas da memória" é do hino nacional português, composto no final do século XIX, por ocasião do Ultimato da Inglaterra, em 1890, quanto a Portugal abandonar a foz do rio Zaire, evento diretamente ligado aos acontecimentos que conduziram à promulgação da República em 1910. Os hinos nacionais europeus desse período sóem remeter para 'mitos' e 'mundos' análogos...

níveis de que a 'realidade política' parece insistir em se recobrir (e isso aflorará no Segundo Tempo da tese). Era nesse sentido também que se via a República se distanciando 'objetivamente' da Irlanda do Norte, o que se expressara em que quase 93% dos eleitores que compareceram às urnas tivesse votado a favor da modificação dos artigos 2 e 3 da Constituição (os que se referem ao conjunto da ilha e ao governo dos 32 condados) no referendo de 1998 ligado ao Acordo da Sexta-Feira Santa. A história não fora a mesma, nem substantivamente nem nas mudanças que sua leitura sofrera no sul - inclusive com todos os debates e acusações entre historiografia 'nacionalista' e 'revisionista' 41. Os laços da violência no Norte haviam perdido sentido na República, até porque se tratava de 'outra guerra', não uma guerra civil entranhada em si mesmo, como fora a de 1922-23. Católicos e Protestantes estão, e lutavam - lutam? - com quem está, ao lado, mas, de qualquer forma, a própria estereotipização, a demarcação do outro como outro, mais ou menos radical, torna-o diferente, separa-o de si mesmo. Assim, é quase como se na Irlanda do sul o reconhecimento dado ao Ulster, como expresso com clareza no referendo, tivesse passado a ser o de um enfrentamento 'étnico', no caso entre Católicos e Protestantes, cada um recorrendo a símbolos, manifestações - como as provocadoras marchas - e 'histórias' que, não fora a violência prática que delas decorre, em tudo se assemelhariam a outros casos de estados multi-étnicos; onde se pressupõe que a violência nem sempre aflore. Cabe então à República um interesse algo fraternal - afinal está-se na mesma ilha -, embora algo distante, maior mas não muito diverso do que despertavam eventos trágicos na Algéria, no Kosovo ou na Córeia (quando a opinião pública e campanhas de ajuda e intermediação costumavam ser prontamente mobilizadas⁴² - e

⁴¹ O debate permanece intenso e, como comentado, voltaremos ao assunto no capítulo IV deste "Primeiro Tempo" da tese. Só a título de ilustração, vale colocar trecho de artigo de Tom Dunne, onde rebate com veemência posições de Luke Gibbons e, sobretudo, de Seamus Deane, que, numa defesa da vertente historiográfica 'nacionalista', se teriam colocado "so at odds with the most literary and sophisticated of our political historians, Roy Foster" (1992: 3). Dunne argumenta que:

If 'revisionism' is explicable, historically, as a characteristic post-colonial reaction against the early dominant nationalist orthodoxies, then we are already well into a 'post-revisionist' phase, to use O Gráda's description of his own radical re-evaluation of the Famine. What is implied is a recognition that Irish historians - like the population at large - are less preoccupied with nationalist rhetoric, and as one consequence of this, for example, can feel less defensive about research findings that *support* rather than subvert, elements of the traditional account (...). More profoundly, 'post-revisionism' involves a new focus on vital areas (marginalised in the nationalist account) such as women's history or local history, and the many other narratives of ordinary life, such as those uncovered by techniques as diverse as those of oral history and Archaeology" (ibid: 11-2).

DUNNE, Tom. 1992, New histories: beyond 'revisionism'. *The Irish Review*, No. 12, pp. 1-12.

Para uma análise ampla a respeito da controvérsia em torno do revisionismo, inclusive sobre seus reflexos em termos dos 'Northern Ireland troubles', cf. BOYCE, D. George and DAY, Alan (eds.). 1996, *The Making of modern Irish history: revisionism and the revisionist controversy*. London and New York: Routledge.

⁴² Não é fortuito que Mary Robinson, que foi presidente de 1990 a 1997, haja sido quem os Estados Unidos queriam para chefiar as Nações Unidas. Recusou, já que a Irlanda apoiava oficialmente a recondução de Boutros Boutros-Ghali. Mary Robinson tronou-se então High Comissioner for Human Rights das Nações Unidas. A

ainda o são, embora em grau menor, talvez pela percpeção que 'tomou a todos' de como estão espalhados). Tornou-se um 'outro mundo' e, se ainda estão indefinidas as próprias formas de lidar internamente com grupos 'minoritários', a dificuldade, que, mesmo assim persiste, de classificar 'os do Norte', de aceitar ou não tratá-los 'apenas' como Católicos ou Protestantes⁴³, transforma o Ulster em algo sobre o qual é melhor ter 'quase nada a dizer' - ao modo de um parente relativamente próximo mas nem tanto, como expresso nos próprios debates relativos ao Brexit. Collins colocava que "the question most frequently asked about the party system in the Republic is how long the 'civil war' division will continue to sustain the two largest parties, Fianna Fáil and Fine Gael" (1994⁴⁴: 11). A resposta à pergunta remete ao fato que, durante várias décadas, a memória da divisão permaneceu; apanágio da ausência de uma solução única e motor de alternância no poder político. Não é claro que a 'memória' tenha ido embora; nem, sobretudo, se não será interessante que continue a funcionar como repositório de possibilidades, muitas ainda não exploradas, de representação na - e apresentação para cena pública. A entrada em cena, segundo Mair para ficar, de governos de coalizão, agora também para o próprio Fianna Fáil, refletiria o realocar da memória da Guerra Civil e, no mesmo passo, da Irlanda do Norte; para lugares, num certo sentido, mais simples, de arranjos político-institucionais vulgares. De qualquer modo, mesmo ficando neste plano quase que só 'descritivo', nada impede que se associe seu vigor à 'ciência' da divisão e das multiplicidades intestinas, que impeça a naturalização - e consequente monolitismo - de soluções formais.

Outro tópico é o dos sistemas de governo, administrativo e eleitoral, para além da prática do referendo para qualquer alteração constitucional. O sistema de governo é, no

presidente que lhe sucedeu, Mary McAleese, indicação do Fianna Fáil, teve carreira profissional semelhante à de Mary Robinson, mas era, porém, de forte persuasão católica e de perto de Belfast. A candidata indicada pelo Labour Party, Adi Roche, que despontara inicialmente como a franca favorita, trabalhava como organizadora de um programa de ajuda a crianças vítimas de Chernobyl. Além das duas, também foram candidatos, pelo Fine Gael, a M.E.P. Mary Banotti, a 'ultra-católica' cantora Dana, Rosemary Scallon, e o ex -membro da Garda Síochána - 'guardians of the peace', a força policial - Derek Nally; os dois últimos, ambos indicados, num processo inédito na história da Irlanda, embora previsto constitucionalmente, por *county councils*. Dustin, o famosíssimo peru *jackeen* (apelido para os dublinenses), estrela do programa infantil Zig & Zag da RTE e autor de vários discos (consumidos por adultos), como sempre, apresentou-se candidato, desta vez com o slogan "Vote Dustin for n. 1 - Bringing the Olimpics to Termofenckin" em vários posteres espalhados por Dublin. Embora, evidentemente, outras razões e acontecimentos tenham estado envolvidos na vitória de McAleese, a disputa pelo cargo envolveu exatamente o acenar da presença dos católicos do Norte na República (John Hume, líder do SDLP, fora sondado pelo Fianna Fáil para ser candidato; quando, provavelmente, teria sido indicado por unanimidade do Oireachtas). Em 2011, o presidente que se sucedeu a Mary McAleese foi Michael D. Higgins, do Labour Party.

⁴³ A exigência classificatória era muito forte na própria Irlanda do Norte. Um aluno da Queen's University relatou ter, junto com um grupo, enfrentado uma barreira intransponível ao tentar recusar a apresentação de filiação religiosa em postos de trabalho. A piada mais comum a respeito é a que se refere a quem se apresenta como ateu, ou como judeu e recebe imediatamente a pergunta: "Tá, mas ateu (ou judeu) católico ou protestante?"

⁴⁴ COLLINS, Neil. 1994, Parties and elections: recent developments. COLLINS, Neil (ed.), *Political issues in Ireland today*. Manchester and New York: Manchester University Press. pp. 5-25.

essencial, uma reprodução do sistema inglês. Nos termos de Schmitt: "The structure of Irish government, for the most part, follows the British model. The Cabinet is usually composed of leaders of the majority party in the Dáil (lower house) or, in the case of a coalition government, the leaders of the parties forming the coalition" (1973⁴⁵: 7). O Dáil é semelhante à Câmara dos Comuns (a constituição estabelece um mínimo de um deputado para cada 30mil e um máximo de um para cada 20mil membros da população). Os poderes do Séanad, com 60 senadores, são também similares aos dos da Câmara dos Lordes, embora haja, evidentemente, diferenças na forma de indicação - até pelo seu desenho ter-se valido em parte de uma idéia de corporativismo, de tipo católico, e por pretender aproximar-se de um 'painel' da nação. Já o Presidente, apesar da mudança na imagem do cargo que Mary Robinson (presidente de 1990 a 97) imprimiu⁴⁶ e do interessante processo de renúncia de Cearbhal Ó Dálaigh (presidente de 1974 a 76), desincumbe-se de funções análogas às que pertenciam ao rei da Grã-Bretanha. Segundo Chubb, logo quando da independência,

The constitutional forms adopted were those of British parliamentary democracy: the governmental system was based on the Westminster model; the administrative system, on the Withehall model. The main lines of many public services had been laid down under the aegis of the British government and parliament in the formative period of the welfare state in the late nineteenth and early twentieth centuries. These services continued barely touched by the takeover by a native government and parliament (1982⁴⁷: 9).

Farrell acrescenta mais alguns aspectos do governo que provieram da tradição inglesa:

three core conventions of the Westminster model were absorbed into the Irish system: the doctrine of collective responsibility (requiring, at a minimum, that all ministers acquiesce in governmental decisions), the principle that individual ministers are answerable to parliament for the functioning of their departments, and a commitment to cabinet confidentiality that has built into a formidable tradition of executive secrecy (1993⁴⁸: 167).

Diferentemente do Reino Unido, a Irlanda do sul tem uma constituição escrita. A primeira, de 1922, foi a *Free State of Ireland Constitution*, substituída em 1937 pela *Constitution of Ireland*. Para além disso, como Kennedy destaca, o "tratado internacional" constitui-se num outro "tipo de instrumento constitucional presente na ilha da Irlanda"

⁴⁵ SCHMITT, David E. 1973, *The irony of Irish democracy:* the impact of political culture on administrative and democratic political development in Ireland. Lexington (MA), Toronto, London: Lexington Books.

⁴⁶ Sinnott assim se refere à eleição de Mary Robinson: "the presidential election (1990) put into office a feminist, a reformer and a radical individual rights campaigner who had been closely identified with the liberal side on the divorce and abortion issues" (1995: 1). SINNOTT, Richard. 1995, *Irish Voters Decide: Voting behaviour in elections and referendums since 1918*. Manchester and New York: Manchester University Press.

⁴⁷ CHUBB, Basil. [1970] 1982, The government and politics of Ireland. London and New York: Longman.

⁴⁸ FARRELL, Brian. 1993, The government. COAKLEY, John and GALLAGHER, Michael (eds.). *Politics in the Republic of Ireland*. Dublin and Limerick: Folens and PSAI Press. pp. 167-89.

(1994⁴⁹: 27), de que são exemplo não só o Tratado Anglo-Irlandês de 1921 e o Acordo Anglo-Irlandês a respeito da Irlanda do Norte de 1985 como o de entrada na Comunidade Européia e os que lhe sucederam, no mesmo âmbito. Nos dois textos constitucionais propriamente ditos, de 1922 e 1937, está prevista a submissão de alterações a referendo. Na de 1922, "Article 50 made a referendum obligatory in the case of constitutional amendment, after, that is, the passage of an eight-year period [após a entrada em vigor da constituição] during which amendment was possible by ordinary vote of the Dáil" (Sinnot 1995, op.cit.: 217). A proposta do texto constitucional era ampla e prescrevia, por exemplo, que petição assinada por 20% dos eleitores (ou seja, cerca de 100.000 pessoas, à época) poderia submeter leis promulgadas pelo Oireachtas (salvo as sobre assuntos orçamentários ou ligadas a segurança e saúde nacionais) a referendo. A explicação para tal previsão ampla é de duas ordens: "the spirit of democratic radicalism that influenced all constitution-making in the period, and the concern of the authors of the Constitution to emphasize popular sovereignty as a means of expressing Ireland's new national independence (Manning 1978⁵⁰, pp.193-7)." (Sinnot Ibid: Ibid). Apesar disso, enquanto a constituição de 1922 esteve em vigor não houve referendos. A constituição de 1937, ela própria promulgada após referendo, prevê a prática desse mecanismo para alterações constitucionais e também, a pedido de maioria simples dos senadores e de um terço dos deputados, para lei aprovada pelo Dáil mas que "contains a proposal of such national importance that the will of the people thereon ought to be ascertained" (Art. 27.1, apud Sinnott Ibid: 218). O mecanismo passou a ser usado com regularidade e "between 1937 and 1992 there have been seventeen referendums (this includes the 1937 plebiscite by which the Constitution was enacted). Two of the seventeen can be set aside as involving merely technical constitutional adjustments. However, the remaining fifteen referendums have dealt with issues of at least some importance" (Sinnott Ibid: 219). (Daí em diante, mais uma série ocorreu, incluindo o de maio de 2015, cujo resultado foi a aprovação do casamento homosexual, algo que, até pouco tempo antes, teria sido considerado anátema). Significativamente, desses quinze referendos, seis envolviam assuntos morais e/ou religiosos, sendo, dentre os demais, seis sobre o regime de governo e aspectos eleitorais (aqui incluída a extensão do direito de voto a não-cidadãos, ou seja a cidadãos da Grã-Bretanha, aprovada em

-

⁴⁹ KENNEDY, Denis. 1994, Constitutional change in the 1990s. COLLINS, Neil (ed.), *Political issues in Ireland today*. Manchester and New York: Manchester University Press. pp. 26-39.

⁵⁰ A referência é a MANNING, M. 1978, Ireland. BUTLER, D. & RANNEY, A. (eds.), *Referendums, a comparatives study of practice and theory*. Washington (DC): American Enterprise Institute for Public Policy. pp. 193-210.

1984) e três sobre a Comunidade e União Européias. (Cf. Gallagher 1993⁵¹: 56; listagem em Sinnott Ibid: 221).

O aspecto institucional em que a Irlanda mais se destaca da Grã-Bretanha é, contudo, o sistema eleitoral, o PR-STV (proportional representation - single transferable vote)⁵², profundamente distinto do *first past the post*⁵³. A PR já constava da constituição de 1922, embora o STV só tenha sido formalmente incorporado na de 1937 (constava, todavia, do Electoral Act de 1923). Esta constituição, apesar de manter as linhas da anterior, fora um projeto mais que tudo do Fianna Fáil e de Éamon de Valera, que "achava necessário que o estado tivesse uma constituição inteiramente" (Gallagher 1993, op. cit.: 51); quanto mais não fosse para prover um rompimento simbólico com a do Irish Free State. Apesar disto, o Fianna Fáil (ainda sob a firme liderança de Éamon de Valera) tentou por duas vezes substituir o PR-STV por voto de maioria e distritos uninominais, análogo ao *first past the post*, em referendos apresentados em junho de 1959 e outubro de 1968, exatamente a partir do momento em que começou o relativo declínio nos seus votos. Em 1959, 58,36% dos eleitores votaram no referendo: 51,79% dos votos válidos foram contra e 48,21% a favor. Já em 1968, compareceram 65,77% dos eleitores registrados: 60,84% dos votos válidos foram contra e 39,16% a favor. (Cf. Sinnott Ibid: Ibid).

O PR -STV foi usado na Irlanda pela primeira vez em janeiro de 1919, numa eleição local em Sligo. Anteriormente, Arthur Griffith, que fundou o Sinn Féin em 1905, criara a *Proportional Representation Society of Ireland*, em parte na mesma onda de favorecimento

1 .

⁵¹ GALLAGHER, Michael. 1993, The constitution. COAKLEY, John and GALLAGHER, Michael (eds.). *Politics in the Republic of Ireland*. Dublin and Limerick: Folens and PSAI Press. pp. 49-66.

⁵² Para uma descrição do sistema, cf., p.e., NICOLAU, Jairo Marconi. 1999, *Sistemas eleitorais*. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas. cap. 2 e particularmente pp. 31-4. Nicolau sintetiza os princípios do PR-STV:

O STV permite um grau de escolha não conhecido em nenhuma outra variante de sistema eleitoral. Os eleitores podem votar em candidatos de diferentes partidos e ainda ordená-los de acordo com sua predileção. Outra vantagem do STV - quando comparado ao sistema proporcional de lista com voto preferencial - é o controle do eleitor sobre a natureza da transferência de votos. Enquanto no sistema de lista um voto dado a um candidato pode ajudar a eleger outro pelo qual o eleitor não tem simpatia, no STV a transferência de votos é feita exclusivamente para os nomes especificados pelo eleitor.

Como fica claro pelo processo utilizado para distribuir as cadeiras, a preocupação maior dos defensores do STV não é garantir uma proximidade aritmética entre os votos recebidos pelos partidos nas eleições e a representação parlamentar destes. Para eles, o principal objetivo do sistema é assegurar que as opiniões relevantes da sociedade estejam proporcionalmente retratadas no Congresso, já que em muitos casos elas perpassam os diversos partidos existentes. Justamente por isso, o STV é mais um sistema de representação de opiniões do que de partidos (:34).

⁵³ Houve discussões na Grã-Bretanha sobre a adoção de uma forma representação proporcional que seguisse, ao menos em alguma medida, o o STV. O sistema foi, sintomaticamente, discutido no contexto da eleição dos então recém-instituídos parlamentos galês e escocês. Foi empregado na eleição de parte dos deputados para o Parlamento Europeu (M.E.P.s) em junho de 1999.

do PR que grassou entre reformistas eleitorais na Grã-Bretanha, no final do século XIX. Bogdanor assim apresenta o STV e os argumentos em que se baseia:

The single transferable vote is a modification of the system developed by Thomas Hare, whereby voting takes place in multi-member constituencies rather than the single nationwide constituency he originally advocated. It stems (...) from a liberal conception of representation according to which the task of the representative is to represent the opinions of electors rather than the community in which they live, as in the plurality system, or their party allegiance, as in the list systems. According to this conception, an elector is not properly represented unless there is a member of the legislature to speak for him. For this reason, many early advocates of the single transferable vote referred to it as providing for 'personal' or 'real' representation. (1981⁵⁴: 232).

Boa parte do debate no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX a respeito de representação proporcional na Grã-Bretanha girou em torno da 'questão irlandesa', em particular das disputas entre unionistas e nacionalistas irlandeses e do tema da Home Rule, assunto a que se voltará, e, sintomaticamente, em associação com debates sobre prática de referendos (para um acompanhamento desses desenvolvimentos, vide, p.e., Bogdanor 1981, op. cit.: 97-143). É interessante que um líder nacionalista como Arthur Griffith tenha defendido a PR, que foi adotada na Irlanda essencialmente visando proteger a minoria protestante. Como Bogdanor aponta, a opinião pública inglesa foi favorável a esse sistema, em particular no período da primeira guerra mundial, por razões que iam além da perspectiva da 'defesa de minorias' e é provável que Griffith⁵⁵, além de outras lideranças irlandesas, partilhasse dessa concepção mais abrangente a respeito das vantagens políticas da representação proporcional:

Public opinion was more likely to prove sympathetic to proportional representation at a time when a large extension of the franchise was being made under conditions of considerable uncertainty. Moreover, on political as on other questions, the war brought men face to face with first principles, compelling a re-examination of hitherto hallowed practices. Proportional representation was (...) in tune with the spirit of cooperation to which the war had given rise, and which many hoped would survive the conclusion of hostilities. It might have made coalition government the norm in postwar politics, and encouraged a more fluid and flexible grouping of parties (1981, op.cit.: 132).

Os resultados da eleições gerais na Grã-Bretanha em 1918, tendo-se mantido o sistema anterior, mostraram, no tocante à Irlanda, que o maior beneficiário fora o Sinn Féin, em

⁵⁴ BOGDANOR, Vernon. 1981, *The people and the party system*: the referendum and electoral reform in British politics. Cambridge: Cambridge University Press.

⁵⁵ O personagem de Griffith será um pouco mais elaborado adiante na tese. Particularmente interessante neste sentido é MAUME, Patrick. 1995, The ancient constitution: Arthur Griffith and his intellectual legacy to Sinn Féin. *Irish Political Studies*, 10, 1995. pp. 123-37.

detrimento dos candidatos pelos demais partidos nacionalistas; já para os candidatos unionistas, o número de cadeiras em Westminster seria particamente o mesmo sob o sistema majoritário ou sob o de representação proporcional. Isto porque "Nationalist support was fairly evenly distributed across Ireland, and so more votes were needed to elect a Nationalist MP than a Sinn Féin MP or a Unionist, whose strenght was concentrated in North-East Ulster" (Bogdanor Ibid: 135). Assim é que, considerações eleitorais - os 72 deputados eleitos pelo Sinn Féin, entre os quais a primeira mulher eleita na Grã-Bretanha, a Condessa Markievicz, recusaram-se a 'tomar assento' em Westminster, ao passo que o Irish Nationalist Party se mostrava relativamente mais 'confiável' -, junto com a preocupação de 'proteger' a minoria protestante, levou a que as eleições locais de 1920 e a eleição geral de 1921, prevista no Government of Ireland Act - promulgado durante a guerra Anglo-Irlandesa -, fossem feitas sob a forma da PR-STV. Assim, como Sinnott coloca:

Thus, by 1921, PR-STV had not only been endorsed by a significant section of the nationalist movement but had actually reached the statute books. It is not surprising, therefore, that when independence negotiations were under way and the issue of representation of minorities was being considered, the desirability of PR was common ground. The result was that PR was included in the 1922 Free State constituion (1993⁵⁶: 68).

Independentemente das razões que estiveram na base de sua adoção, o sistema de PR-STV passou a ser praticado desde 1921 e tornou-se apanágio da democracia irlandesa. O sistema, na forma usada na República, só é também utilizado para a eleição dos membros da câmara baixa de Malta (com diferenças, é empregado nas eleições para o senado australiano, nas eleições da Tasmânia e da Irlanda do Norte). Este aspecto, longe de ser um problema, serve para reforçar a suposta excepcionalidade e, moto contínuo, a excelência da democracia irlandesa. A armadura político-institucional, como apontado, permaneceu, quando do Tratado e até hoje, em tudo semelhante à da Grã-Bretanha; e houve pouco ou nenhum questionamento a respeito de sua adequação a uma Irlanda independente. Mais ainda: como Munger (1975, op.cit.), p.e., indica a continuidade administrativa também foi notável e isso num sistema em que a burocracia que controla os Departamentos de Estado é mantida relativamente inalterada a cada mudança de governo. Coakley assim sintetiza o processo ocorrido após a independência:

While the birth of the new Irish state marked a decisive political shift, we should not ignore the extent to which its political institutions built on pre-1922 roots. Although there was a sharp break in constitutional theory and at the level of the political elite, narrowly defined, there was little change in much of the administrative infrastructure.

⁵⁶ SINNOTT, Richard. 1993, The electoral system. COAKLEY, John and GALLAGHER, Michael (eds.). *Politics in the Republic of Ireland*. Dublin and Limerick: Folens and PSAI Press. pp. 67-85.

While local government was radically restructured, the civil service, the judicial system and the educational system were merely overhauled; but all continued to be staffed by much the same personnell after 1922 as before (1993⁵⁷: 23).

Desta maneira é que o marco fundacional de uma constituição operou tanto no sentido de marcar a diferença face à Albion⁵⁸ como de, sobretudo através do postulado de recurso a referendos, traduzi-la em termos da existência de 'vontades do povo irlandês'; a própria idéia de 'vontades' e seus conteúdos como algo profundamente alheio e incompreensível para a Inglaterra, ao menos em sua face imperial. Novamente, o que está em questão não é apenas a afirmação de uma unidade distinta - como se observou no caso do manto católico. O jogo tem várias faces. Assim, trata-se de mostrar que pode haver dissenso nas possibilidades de mudança. Não obstante, essa diversidade tanto parte como reverte, a cada exercício formal de referendo, para um estabelecimento comum; um todo com suas peculiariedades contrastado à suposta incapacidade colonialista da Albion de para ele atentar e de ser mais do que mera provedora de administração formal e regular⁵⁹. Por outro lado, de qualquer modo, a existência de uma constituição, o recurso a referendos e, talvez sobretudo, a forma própria do sistema de representação proporcional, constituem em elementos de contraste e ligação com a história recente que, no caso, seria a história do próprio país. Estes aspectos também como que fornecem um 'elo de ligação', ainda que não direto, entre a 'face externa' - essa que, até à década de 60, envergava o manto do catolicismo e de predominância do Fianna Fáil - e a dimensão da multiplicidade e da polifonia. É possível encará-los ao modo tanto de garantias como de filtros moduladores do exercício da diversidade, da existência de fluxos entre o plano mais formal e o mais difuso; cuja persistência e não pré-contenção, não obscurecimento, se constitui, exatamente, no demarcador da diferença face à 'perversidade' e 'inadequação' do domínio anterior e, passo seguinte imediato, do próprio existir de uma dominação, então associada a tirania.

-

⁵⁷ COAKLEY, John. 1993, The foundations of statehood. COAKLEY, John and GALLAGHER, Michael (eds.). *Politics in the Republic of Ireland.* Dublin and Limerick: Folens and PSAI Press. pp. 1-24.

⁵⁸ Seria curioso tentar ler o tipo de valorização positiva que é feita na Irlanda das Brehon Laws, grosso modo vistas como acatadas até o *Fligth of the Earls* de 1603 (após a derrota de Hugh O'Neill em Kinsale para as tropas de Elizabeth I), quando comparadas à *common law* inglesa. Apenas um tema...

⁵⁹ Esta própria capacidade com frequência aparece como questionável, sobretudo quando o assunto é a Grande Fome de 1846-49. O debate é extremamente acalorado e oscila entre considerações sobre a insuficiência das medidas inglesas para lidar com a tragédia e leituras - sobretudo norte-americanas - que encaram o encaminhamento dado pelas autoridades vitorianas como um genocídio. Uma abordagem considerada 'clássica' sobre a Grande Fome é WOODHAM-SMITH, Cecil. [1962] 1991, *The Great Hunger: Ireland 1845-1849*. London: Penguin Books, acusada, contudo, por historiadores revisionistas de um viés excessivamente 'calamitoso' e, assim, de inserido na mitologia 'nacionalista'. A discussão insere-se na polêmica entre historiografía nacionalista e revisionista a que voltaremos no capítulo IV.

O recurso à prática de PR-STV é espantoso. É empregada não só nas eleições de deputados para o Dáil, nas para presidente⁶⁰, nas para county councillors, nas para M.E.P.s (Members of the European Parliament), na escolha dentro dos painéis através dos quais são apresentadas as candidaturas a senador (afora os 11 cuja indicação é prerrogativa do Taoiseach), como também nas escolhas do candidato a presidente que a bancada parlamentar de cada partido faz, nas indicações para os membros do Údarás na Gaeltachta (espécie de orgão que supervisiona políticas para as Gaeltacht - áreas com quantidade apreciável de pessoas que têm o irlandês como primeira língua), nas eleições dos cargos de sindicatos, nas eleições estudantis e até, por vezes, na escolha dos candidatos e de líderes que os partidos apresentarão a eleições gerais. Ou seja, o recurso ao PR-STV é muito frequente e como que funciona como marca de 'lisura' e democracia; imprescindível a qualquer eleição que se preze⁶¹. Uma das características mais propaladas da política na Irlanda é seu 'personalismo', paralelo a seu caráter 'clientelista'. Um dos sub-produtos é o "encouragement of intra-party clientelistic factions." (Garvin 1976⁶²: 369). Na análise que faz de ativistas e simpatizantes políticos dos diversos partidos em Dublin, Garvin encontra suporte para o "stereotype of the Irish local party organization as a rather clientelistic group" (ibid: 379); ou seja esse padrão é recorrente mesmo na capital. Da perspectiva dos eleitores em geral, em 1972, "The local TD was (...) seen as the main point of access to the political system". Já em 1976, aproximadamente 60% "of the voters surveyed (...) regarded their vote as being directed at choosing a government, a Taoiseach or a set of policies", ao passo que mais de 40% "saw their franchise as being used to choose a TD to look after the needs of the constituency". (Garvin 1982⁶³: 33). Em termos gerais, como Garvin coloca em outro artigo:

The Irish Republic is a liberal democracy (...). Furthermore, it is probably one of the most populist of such political systems. By populist I mean a political system in which elites and masses, or political leaders and the general population, (...) are unusually vulnerable to influence by each other. The Irish population is very close to its leaders, knows them with a directness and intimacy unsual in larger nation-states and the

⁶⁰ Embora, tecnicamente, tanto na eleição para presidente como quando se trate de uma única indicação - como em *by-elections* -, e não de várias (no caso da Irlanda de 3 a 6 deputados por distrito eleitoral, quando das eleições gerais), mas empregando-se o mesmo método do voto único transferível, a definição correta seja voto alternativo e não representação proporcional. A respeito cf. Sinnot 1993, op. cit.: 69-72.

⁶¹ Brincando um pouco mas não muito, é bem possível que a escolha do empregado do ano de uma loja também seja feita através de PR-STV. A da Rose of Tralee do ano é a única que, provavelmente, está isenta desse furor pela representação proporcional...

⁶² GARVIN, Tom. 1976, Local party activists in Dublin: socialization, recruitment and incentives. *British Journal of Political Science*, Vol 6, Part 3, July 1976. pp. 369-82.

⁶³ GARVIN, Tom. 1982, Change and the Political system. LITTON, Frank (ed.). *Unequal achievement: the Irish experience*, 1957-1982. Dublin: Institute of Public Administration. pp. 21-40.

leaders are, in their turn, abnormally open to pressure from their electors and even at times terrorised by them" (1991⁶⁴: 44).

O sistema eleitoral é normalmente visto como responsável por esse cenário e torna a democracia irlandesa algo tão peculiar que sugere o chiste:

It is commonly argued that PR-STV parochialises the decision-making process by giving local and sectional vested interests the power to make and unmake governments because of their control over local blocs of voters. In other words, PR-STV is seen to give us a political process best described as Madisonian pluralism or competitive representative democracy gone mad (Ibid: Ibid).

Vários autores partilham da crença nos impasses associados à PR-STV. Schmitt, por exemplo, considera que "with a small number of constituents, opportunities for face-to-face interaction between constituents and deputies, and for personal considerations by the deputies of constituents' problems are greatly increased." (1973, op. cit.: 13). O autor postula logo no início do livro que "will be particularly concerned with authoritarianism and personalism in social relations - two especially pronounced and important features of Irish culture" (Ibid: 1). O problema é que, ao fazê-lo, está abandonando a possibilidade de entender o lugar que tal "personalismo" ocupa na democracia irlandesa, para além da mera correlação linear, antecipada à partida, que faz nas conclusões:

Indeed, greater personalism may be more significant to the future of modern democracies than greater participation and democratization. (...) the ultimate problem for modern democracies is legitimacy, not excessive authority. Radical democratization could produce chaos and weaken governmental legitimacy (...). The pace and rate of democratization are perhaps as crucial as its scope. (...) In Ireland, (...) traditional values are likely to make future democratization a slow, evolutionary process. Thus authoritarianism and personalism may very well help sustain future democratic political development in that nation (Ibid: 80).

O trabalho de Carty é mais sofisticado e aponta para o dinamismo, só aparentemente paradoxal, envolvido em práticas clientelistas de busca de voto: "What seems theroretically implausible is an extremely stable system of clientelist politics in which neither the local notables themselves, nor their parties as broader political alliances, are able to institutionalize control of sufficient governmental patronage resources to cement their respective organizations together; but that is what exists in Ireland (1981⁶⁵: 9). No capítulo em que analisa a fidelidade partidária dos eleitores, Carty conclui:

Despite the prevalence of informal organization and the persistence of clientelist practices in Irish political life, the parties are supported by blocs of committed and consistent party voters. (...) Individuals do not learn their partisan allegiances as a natural consequence of their place in the social mosaic. Party identities are adopted by

⁶⁵ CARTY, R.K. 1981, *Party and parish pump*: electoral politics in Ireland. Waterloo (Ontario): Wilfrid Laurier University Press.

⁶⁴ GARVIN, Tom. 1991, Collective somnambulance and public policy. *Administration:* Journal of the Institute of Public Administration of Ireland, Vol. 39, No 1, 1991. pp. 42-54.

virtue of membership in a particular family whose partisan allegiances are already established (Ibid: 83).

Prager trabalha numa linha de certa forma análoga à de Schmitt e recai em falácia semelhante ao postular a presença de 'autoritarismo' como uma variável auto-explicativa. Diferentemente dele, porém, está atento para desenvolvimentos concretos envolvidos na operação de personalismo e democracia. À pergunta de como "Ireland democratic structures were able to accomodate to this personalistic ethos without sacrificing the universalistic principles of allocation and distribution" responde com:

A more complete and historically specific answer to the problem of accomodation begins with the recognifition that personalism became institutionalized within an active and vital party system - a system that, by its very nature, confirmed and strengthened the democratic structures. Second, and paradoxically, personalism was accommodated because the same people who held to a personalistic understanding of political relationships also possessed a strong authoritarian strain. (...).

Ireland's authoritarian strain further explains the state's capacity to accommodate sentiments that might otherwise have weakened democratic forms. Popular support for a given political party, (...), stemmed increasingly from its ability to deliver resources to its constituents. But, in addition, party support resulted from the popular identification of the party with a nationalist vision of Ireland. These two dimensions together have rarely intersected in Irish politics, producing, in the words of Conor Cruise O'Brien, 'a long and complex tradition of nationalist rhetoric, combining with material interest politics' (1986⁶⁶: 222-4).

Como Paddy Lysaght coloca, no seu divertidíssimo *How to become a successful TD*, "It has become fashionable, indeed necessary, for TDs to have a room or rooms available where their constituents can come for advice and to discuss their problems. These are, for some reason, called clinics" (1987, op.cit.: 44). (O desenho-diagrama detalhado da página seguinte inclui, todos estrategicamente posicionados: uma "hard chair for constituents", uma "basket filled with paper", retratos na parede de Robert Emmet, John F. Kennedy e Pádraig Pearse, um "supply of government forms" e uma "pen in hand" - do TD, é claro). A primeira vez que ouvi a palavra *clinics* nesse sentido fiquei espantada. É perfeitamente comum e é curioso que a única contestação à validade das *clinics* no final da década de 1990 viesse apenas de um deputado do partido verde. Noel Dempsey, ministro do governo no poder em 1997 e encarregado de eleições do Fianna Fáil, voltara a propor que fosse apresentado referendo para substituir a PR-STV por um sistema majoritário, nos moldes do francês. Num debate em que defendia a idéia fez questão de afirmar, contudo, que as *clinics* não seriam afetadas. É interessante notar, como no exemplo dos três autores em que se tocou ainda agora,

⁶⁶ PRAGER, Jeffrey. 1986, *Building democracy in Ireland: political order and cultural integration in a newly independent nation*. Cambridge: Cambridge University Press. O autor extrai a referência de Conor Cruise O'Brien de SACKS, Paul M. 1976, *The Donegal Mafia:* an Irish political machine. New Haven (Conn): Yale University Press. p.4.

que, na perspectiva deles - para além de recorrer a 'autoritarismo' ou a fixações familiares de fidelidade partidária -, clientelismo e personalismo teriam que estar no pólo oposto ao de um funcionamento democrático regular e universalista. Mesmo quando os autores, aqui especialmente Carty e Prager, mostram que a convivência não precisa ser problemática, parecem ver-se obrigados a postular mundos paralelos, um em que recai a ordenação - partidária e de extração nacionalista - e outro em que estariam os interesses 'materiais' e estritamente individuais; inclusive como se público e privado constituissem uma oposição nítida. Paddy Lysaght não vê necessidade para nenhuma divisão deste tipo. Há lugar para tudo mas o fundamental é o TD não se esquecer quem é que vai alinhar os candidatos de acordo com sua preferência; e que, afinal, o princípio universal básico é o da igualdade - no caso a do exercício da idiossincracia - e que há uma vontade comum de que a burocracia administrativa do estado possa ser pessoalizada:

A TD, especially if he has been to college and considers that his IQ is above average, will be tempted to ignore grass roots politics and wrestle instead with the major issues that he reads about in the papers. He will read all about the Treaty of Rome, the European Economic Community, our link with sterling; he will try to come to grips with the situation in the North, and to understand the plethora of complicated economic problems besetting the nation.

Now all this may be praiseworthy as the country needs politicians of this calibre if we are not to get swamped in a bigger mess than we find ourselves in today, but it is of little value to a local TD in search of votes. You cannot get ordinary people interested in the Treaty of Rome or what have you. They are far too busy trying to make ends meet to bother about complicated questions that they do not understand. So what a local TD must do is drop all these put-you-to-sleep issues and say something that will wake people up, something that they can feed and get a little excited about. (...)

What a TD wants is direct contact with his people, doing them a good turn when he can, in the hope that they will not forget him on election day.

So even if your head is swelling with ideas about all these important issues both national and international keep them to yourself till such time as you are elected Taoiseach (Ibid: 47).

Trata-se de personalização e, para recorrer ainda a Paddy Lysaght, de lhe dar uma dimensão efetiva: "I maintain that a TD who was able to address each and everyone of his constituents by his Christian name would easily top the poll. A certain rapport is forged if you can say, 'Hello Seán', or 'Well, Michael', to someone who does not expect to be thus recognised". Os lucros serão certos: "It may not mean a No. 1 at the next election, but a No. 2 or 3 is not to be sneezed at either" (Ibid: 46).

Uma das outras dimensões notáveis da vida social quotidiana irlandesa - à qual, aliás, correspondem algumas piadas⁶⁷ - são os exercícios constantes para descoberta (até porque alguma certamente existirá) de relações de afinidade e parentesco. Em Carlow-Kilkenny, por exemplo, todos se conhecem. Mais ainda: com alta probabilidade, se se remontar algumas gerações, todos são, ao menos, fourth ou fifth cousins once removed. E com toda a certeza alguém que more em Carlow-Kilkenny já fez - ou alguém fez por ele -, de modo oral é mais provável, o mapa com a rede, inclusive de parentescos com todos os once removed que couberem, que o liga aos demais Carlwegian-Cats (Cats como é são conhecidos os habitantes de Kilkenny)⁶⁸. (Não, não é exatamente Heródoto e o parentesco com os deuses, apesar de que). Imagine-se agora um Carlwegian-Cat indo para Dublin (ou seja, deixe-se de lado, para efeitos do exemplo, os que foram para a Inglaterra, Austrália, Estados Unidos ou Nova Zelândia). Evidentemente ele não vai transformar-se num jackeen (como, já se disse, são conhecidos os dublinenses) nem vai estar circulando permanentemente entre Carwelgian-Cats. Todavia, quase que a cada novo encontro social - desde que não com um estrangeiro ou com um emigrante de segunda geração⁶⁹ -, uma detalhada troca de informações e detalhes sobre amigos, parentes de amigos e primos de cunhados de parentes de amigos que trabalharam na loja que era de um primo de uma tia em segundo grau cujo second cousin once removed ... acaba por revelar que, afinal, somos íntimos e que Carlow-Kilkenny é um eixo donde o mundo, relevante, irradia ou para o qual pode ser feito convergir. Está-se parodiando mas não muito. A narração no rádio de jogos de gaelic football e de futebol, incluía fantásticas referências cruzadas sobre o parentesco do jogador, com outros jogadores, com sua

⁶⁷ Conta-se, não como piada mas como fato, que uma das apostas prediletas em festas, na Alemanha (por que na Alemanha, não faço muita idéia) à qual estejam presentes irlandeses é quantos minutos levará para que descubram algum grau de parentesco entre eles.

⁶⁸ Pula-se aqui por cima do fato de que chamar um Carlwegian ou um Cat de Carlwegian-Cat é algo profundamente ofensivo. Carlow-Kilkenny é um distrito eleitoral comum, abrangendo os dois condados, Carlow e Kilkenny, que elege cinco TDs. Para efeitos do que se descrevia, praticamente todos os habitantes de Carlow conhecem os de Kilkenny e vice-versa. Assim é que uma candidata nova, que jamais fora incumbente, pelo Green Party, pode, inclusive, preocupar-se homogeneamente com o distrito eleitoral como um todo e declarar que suas chances de se eleger são boas porque ela "has walked highroad and byroad in the two counties, knocking on doors and shaking hands. 'I started last October, walking 15 to 20 miles a day' (...). She estimates she has covered over 2,500 miles and met over half the electorate personally". *The Irish Times*, Tuesday, May 27, 1997, p. 6. O assunto não é, contudo, tão simples assim e o fato é que um candidato de Kilkenny terá muito pouca chance de obter quantidade significativa de primeiras preferências em Carlow; e vice-versa. Assim é que, por exemplo, a respeito de um outro distrito eleitoral, desta vez de quatro lugares, que combina dois condados, o de Sligo-Leitrim, se alerta no *Irish Times*: "Over a third of the population of the constituency, about 27,000 people, lives within five miles of O'Connell street in Sligo. The destination of the votes in the town, therefore, is of concern to all the candidates. Yet neither of the major parties has a viable candidate from the town". *The Irish Times*, Monday, May 19, 1997, p. 10.

Vale notar que a busca de parentes ou o traçar de genealogias em moldes mais convencionais, como inclusive usados em propaganda turística, presta-se a demarcar distância e estranhamento, até por seu contraste com essas outras práticas que pressupõem redes de conhecimentos, cada um dos elos, assim se credita, 'real'.

própria família, com o técnico, com um local TD, com o locutor (numa assunção de valor, temo que isso praticamente se tenha perdido). Cartas pessoais de referência eram - e, novamente, em larga medida provavelmente ainda são - fundamentais para a obtenção de empregos (mesmo nas multinacionais que se espalharam pela República). Do mesmo modo, alguém precisa dizer em Dublin ao funcionário do Department of Welfare State, por exemplo, que eu sou... um Carwelgian-Cat; ou seja, a impessoalidade burocrática, que corresponde a incerteza sobre o reconhecimento do pertencimento social - também uma forma de localização no mundo e de situar o mundo relevante - precisa ser trazida para o universo sabido e praticado. Assim é que, ao menos metaforicamente, isto corresponde à exigência de que os TDs 'conheçam' todos os seus potenciais eleitores. Não precisam saber o nome de Seán ou de Michael mas é fundamental que o jogo se processe, mutuamente, como se assim fosse e tanto as *clinics* como a prática do *canvassing* de porta em porta, tentando cobrir idealmente todas as casas da constituency, apontam para tal. Desta maneira, também, é que a lealdade partidária - inclusive com todo o peso que a memória da Guerra Civil continua tendo na reiteração do Fianna Fáil como o maior partido, sempre seguido do Fine Gael - não impede, no sistema de voto de PR-STV, muito pelo contrário, que se 'torça' por que tal ou qual candidato - por vezes apesar de ser 'do outro partido' mas, sobretudo, no caso de independentes ou de candidatos de partidos menores -, consiga eleger-se, seja na terceira, quarta, quinta ou até décima contagem.

Outro aspecto significativo dessa prática continuada do 'reconhecimento' é que não implica, ao menos não diretamente, alocações sociais valorativas. Trata-se apenas, porém com todo o peso aí subjacente, de situar, de 'dar realidade' ao conectar, os novos entes que se vai encontrando. A única - embora fundamental - exceção é quando a referência é à Guerra Civil⁷⁰. Afora isto, o que o estabelecimento dessas conexões produz é uma espécie de rede, de grande mapa, que não é menos real pelo fato dos elos intermediários serem remotos, poderem envolver gerações passadas ou, em suma, prescindirem de conhecimento face-a-face. Por outro lado, ser um Carwelgian-Cat, só para voltar ao espécime, não corresponde a nenhum estereótipo alargado, a nada além do próprio dado do pertencimento. É fato que a alguns locais, Kerry ou Cavan por exemplo, correspondem estereótipos mais definidos; o que, aliás, ajuda a explicar que o independente Jackey Healy-Rae - já foi feita referência ao 'clã' dos Healy-Rae - tenha se valido de se 'travestir' num dos personagens do estereótipo para *top the polls* em Kerry nas eleições gerais de 1997. Encarado, todavia, da perspectiva do jogo

 $^{^{70}}$ Há belos textos a respeito, um deles o conto "Korea" de John McGahern ou os seus romances *The barracks* e *Amongst women*.

cotidiano, o 'reconhecimento' apenas indica pessoalização e, nesse sentido, aponta, exatamente, para a peculiariedade e idiossincracia que caracterizam a existência de cada um e dos vários de cada um; sem significar, tampouco, que o dito Carwelgian-Cat pretenda ter um tratamento discriminatório, positiva ou negativamente, quando lida com a esfera 'pública'. O TD ou postulante a TD não só não pode como não deve, nesse espaço que é o da prática geral entre eleitores e candidatos, conhecer detalhes, discrepâncias, incongruências, multiplicidades dos membros do seu distrito eleitoral; como, aliás, ele nunca saberá se tal ou tal Carwelgian-Cat o colocou, ou colocará em eleições futuras, em primeiro lugar na sua lista de preferências ou, até, se chegou a dar-se ao trabalho de colocar um número na frente do seu nome. E provável que a eleição de um 'filho dileto' da cidade - ou, melhor, dizendo, do second cousin once removed do amigo do concunhado de uma moça que trabalhou para a minha avó, moça a qual, aliás, migrou para Boston mas depois voltou e acabou por casar com um outro primo... e, em particular, seu aparecimento no noticiário se se tornar ministro ou secretário membro do gabinete, seja um fator eleitoral relevante tanto na primeira candidatura quanto na reeleição de incumbentes. Contudo, o ponto que vale destacar é que o espaço para o qual os TDs são deslocados, no próprio processo de PR-STV, é outro - correspondendo, aliás, à ida para a Leinster House, na 'central' Dublin -, o da política; que assim se imbrica mas não se confunde com o da multiplicidade de cada um e com o poder de exercer um papel político cujo resultado também nada tem de pré-definido.

Desta forma, não parece haver nenhuma vantagem nem necessidade de postular-se qualquer espécie de autoritarismo, como um suposto traço 'natural' ou indelével da política irlandesa. Na verdade, no caso da argumentação de Schmitt, isto acaba por impedir também que se entenda de que personalismo se trata e de que forma é operado; sendo um dos elementos, inclusive, de que nos podemos valer para explicar a questão de Carty de por que é que não ocorre uma rigidificação do sistema. Os partidos, em particular Fianna Fáil e Fine Gael, tampouco estiveram - para lidar aqui mais diretamente com um ponto de Praeger -, *a priori* ou por uma espécie de 'excelência' peculiar dos seus líderes políticos, voltados para a manutenção de estruturas democráticas. O contexto da independência, a seguir à guerra anglo-irlandesa, esteve diretamente imiscuído com o da Guerra Civil e assim é que, se alguma razão de fundo há que ser buscada para a transição pacífica de poder em 1932, esta é simples: a única alternativa, cuja memória nem em memória se havia transformado ainda, era algo na linha da Guerra Civil. O sistema administrativo e de governo herdado do período de 'domínio' inglês não havia sido objeto de questionamento anterior. A conjuntura em que se produziu o Tratado Anglo-Irlandês não só não favorecia - afinal os termos foram os de um

tratado em que a Irlanda, ao menos formalmente e em algumas esferas, permanecia como parte da 'comunidade' - transformações nesse nível como, de fato, elas não eram encaradas como ideologicamente relevantes. A existência de uma constituição - ainda que, até 1937, o texto do próprio tratado com todas as emendas que lhe foram sendo feitas -, prevendo referendo, e a prática de PR-STV foram, estes sim, os aspectos em torno dos quais a 'singulariedade' nacional e política irlandesa se afirmou. A Guerra Civil estourou quase imediatamente em seguida ao Tratado e a divisão deu-se, explicitamente ao menos, por causa da permanência de um certo domínio inglês, expressa no *oath of allegiance* e na 'ausência' de um estatuto de república, além de pela partição entre norte e sul - tópicos a que se voltará. Nesse plano a questão era, pois, a da dimensão da diferença face à Albion. Ninguém negava, antes pelo contrário, que o novo estado era 'herdeiro' de um passado de dominação inglesa. A história, tanto da 'tirania' quanto da 'libertação', não passava, porém, por qualquer contestação da armatura formal e aceitar tal plano como relevante seria, na verdade, condescender com um debate, na sua forma e conteúdo, 'inglês'; e que já fora lutado sem sucesso, da perspectiva dos nacionalistas irlandeses.

A Guerra Civil instituiu alianças e fidelidades partidárias duradouras, como destaca Carty, e o sistema partidário ganhou de fato uma dinâmica própria, como defende Praeger. Todavia, essa própria consistência é tributária, antes do mais, da internalização da Guerra Civil, do seu caráter de luta intestina evidenciando a ausência de univocidade a respeito do 'novo' ente Irlanda. Talvez que de forma análoga ao que se apresentou e operou de fato, na fase posterior da história da Irlanda, sob o manto do catolicismo - infelizmente não se dispõe de conhecimento de teologia para poder adensar esse aspecto -, a capa comum mostrou estar cobrindo uma enorme gama de diferenças, cujo potencial disruptor, caso unidade sobre elas fosse forçada, se revelou na Guerra Civil. A memória direta da Guerra Civil continuou, desta maneira, a expressar-se na relativa fidelidade partidária demonstrada pelos eleitores. Essa foi, contudo, uma questão 'nacional' voltada ainda para o término da 'dominação' inglesa e a política na Irlanda certamente contempla um tal plano; que, aliás, pode-se dizer, como que tem um grau de cristalização imediatamente inferior ao da estrutura de governo e administrativa. A memória mais duradoura da Guerra Civil é, contudo, a que se liga ao seu próprio fantasma, a evitá-la e, assim, à incorporação da multiplicidade, da diafonia potencialmente radical - ao nível mesmo do "divided self", para voltar a empregar o termo de Walzer - sob formas que, ao mesmo tempo, permitam que se manifeste e controlem sua capacidade de brutal fragmentação. O sistema eleitoral acabou, desta maneira, por ser uma das esferas em que esse papel é cumprido. Por um lado o PR-STV, presta-se, como vimos, a

servir de apanágio da excentricidade da democracia irlandesa; assim também um elemento fácil através do qual expressar distinção e excelência - na remissão à suposta maior representatividade do PR-STV em comparação com o *first past the post* - face à Albion e isso no próprio terreno comum de funcionamento das democracias ocidentais. Por outro lado, talvez mais significativamente, a personalização - e o tipo de clientelismo que lhe está associado - ligada à prática desse sistema eleitoral implica num reconhecimento da idiossincracia - expressa por exemplo no criar de redes que, em última análise, a todos conectam sem, contudo, jamais traduzir a multiplicidade e diversidade de aspectos de cada um - e do seu poder, marca maior do compromisso e da 'excentricidade' da democracia irlandesa.

II - (Des)mundos - um diálogo com Clifford Geertz (e um pouco com Edmund Burke, a partir de Geertz)¹

All politics is quarrel, and power is the ordering such quarrel sorts out: that much is general. What is not general is the nature of the quarrel or the shape of the ordering. (Clifford Geertz. *After the Fact*. 1995)

I

A presunção inicial era que seria conveniente começar por um breve retrospecto historiográfico sobre a Irlanda, com ênfase no século XIX, ao modo, digamos, de uma espécie de 'antecedentes', calamares cuja tinta sépia teria desembocado nas agitadas décadas iniciais do século XX, o Levante de 1916 seu símbolo mais evidente. Isso como que constituiria um arcabouço para os desenvolvimentos posteriores: a separação da Grã-Bretanha, a Guerra Civil e a continuidade democrática que passou a caracterizar a Irlanda, que constitui o moto central da tese. Que pretensão ingênua! É evidente, como no debate historiográfico frequentemente se ressalta desde meados do século XX, que a 'história' de nenhum país é um relato neutro. Na Irlanda, contudo, a questão é quase que absurdamente acesa e o próprio sentido do que seja história e de quais devam ser seus objetos e 'conclusões' é, tanto para o senso comum como para seus analistas profissionais, os historiadores, causa de acirrados debates. Uma ideia, dita em tom algo jocoso, que se ouve com frequência é "história é o que aconteceu ontem, na porta de nossa casa; a pré-história pode ser que tenha acontecido semana passada, talvez em Meath". Nos termos de Owen Dudley Edwards, "the first millennium was as close as the

¹ Uma nota de rodapé ao título de um capítulo não é a primeira nem última idiossincrasia da tese. É necessária. A pretensão deste capítulo era tocar em pontos das elaborações de Clifford Geertz e Edmund Burke para, de certo modo, apresentar o que foi uma das deflagrações do trabalho, um dos disparadores de questões que ficaram perpassando as várias construções que, julga-se, fariam sentido, uma das quais a que se apresenta. São autores que 'perturbaram' bastante, admirados, Geertz a quem recorri muito com alunos de graduação, em disciplinas que tinham um viés antropológico, mas não só. Geertz que labora Burke, Burke que é laborado por Conor Cruise O'Brien: redobrares. Conor Cruise O'Brien é um dos autores 'acadêmicos' irlandeses com os quais Tom Garvin, que atuou como orientador no ano do sanduíche na Irlanda, quase logo me pôs em contacto. Há quem diga, inclusive na academia, que C.C. O'Brien, como é conhecido na Irlanda (e é muito conhecido!: um funcionário dos correios, numa das várias ocasiões em que enviava livros para o Brasil, discutiu prós e contras da trajetória de C.C. O'Brien), que The great melody é uma biografia que tem, precisamente, o sentido de um redobrar maior, daquele presente não só em biografías como em algumas autobiografías. Por 'razões mais do que razoáveis', coube encerrar o texto da tese aqui apresentado para defesa num determinado prazo, que não permitiu o retorno, com o alento necessário para apresentar a troca com Burke (e Geertz e Conor Cruise O'Brien) a partir de uma estruturação mínima adequada. Esta é a razão do título e das restrições do capítulo, da relativa ausência de Burke - que, contudo, fica claro, fantasmou se conjunto. Quanto à referência para a 'biografia': O'BRIEN, Conor Cruise. (1992), The great melody: a thematic biography and commented anthology of Edmund Burke. London: Minerva

events of the previous century" (1969²: 27). Desta forma, "In Ireland (...) the intending traveller needs maps with dimensions not merely of space but of time. At any stage he may find himself engaged in an experience which throws him against a past still as active as ever whether prehistorical, historical or unhistorical" (Ibid: 32). Para adentrar um pouco mais no novelo, na cornucópia, vale a pena citar o que Terry Eagleton, no seu dicionário brincalhão *The truth about the O Irish*, coloca no verbete "History":

Like pubs and litter, there's too much of this around in Ireland. History for the British means how they have always done things; for some of the Irish it means how they have always been done. They have an appallingly tragic history of war, foreign occupation, insurrection, famine, religious persecution, grinding poverty, and buses which never run on time. You can see, then, why they're also the wittiest people in the world. Without their wit they would all just leap *en masse* into Dublin bay.

It's a myth, however, that the Irish are all obsessed with their history. Even in the North, history is mainly a way of clashing over current issues. It's true that many of the Irish have a keener sense of their history than other nations, partly because there's so much of it around, and partly because it's still an important factor in moulding the present (1999³: 98-9).

Eagleton acrescenta, o que se pode aceitar provisoriamente, embora tal colocação seja um dos objetos de contenda entre o lado 'nacionalista' e o 'revisionista' da historiografía sobre a Irlanda, um debate de que nos ocuparemos no capítulo IV, que os 'usos' e o sentido de história inglês e irlandês seriam bem diversos: "For the English, an injustice which took place in the past will gradually fade from memory with the passage of time. For some Irish ways of thinking, past injustices linger on in the present. They don't go away just because they happened a long time ago" (Ibid: 99).

No seu texto "A ideologia como sistema cultural", do bem *conhecido A interpretação das culturas*, Clifford Geertz busca ir além do que considera serem as duas abordagens dominantes de ideologia, a "teoria do interesse" e a "teoria da tensão" mas acaba, como ele próprio admite, por permanecer mais próximo da "teoria da tensão": "É a perda de orientação que dá origem mais diretamente à atividade ideológica, uma incapacidade, por falta de modelos utilizáveis, de compreender o universo dos direitos civis e das responsabilidades no qual as pessoas se encontram localizadas" (1978: 191). Neste contexto traz Burke - sombra constante do, e sobre o, cenário irlandês - à baila, como um dos mais árduos defensores de que se prescinda de ideologias: "Nas comunidades políticas firmemente implantadas, como a inestimável reunião de Edmund Burke, de 'opiniões e regras de vida antigas', o papel da ideologia é marginal em qualquer sentido explícito" (Ibid: 190). Por outro lado, a prédica de Burke é, fora de dúvida, profundamente ideológica:

⁴ GEERTZ, Clifford. [1964] 1978, A ideologia como sistema cultural. ____. [1973] 1978, *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. pp. 163-205.

-

² DUDLEY EDWARDS, Owen. 1969, The Burden of Irish History. DUDLEY EDWARDS, Owen (ed). 1969, *Conor Cruise O'Brien introduces Ireland*. London: Andre Deutsch. pp. 21-32.

³ EAGLETON, Terry. 1999, *The truth about the O Irish.* Dublin: New Island Books.

como ocorreu na França revolucionária que Burke estava julgando e, na verdade, na sacudida Inglaterra de onde Burke, como o maior ideólogo de sua nação, estava julgando a França, quando essas opiniões e regras de vida consagradas são colocadas em questão, floresce a procura de formulações ideológicas sistemáticas, tanto para reforçar as já consagradas como para substitui-las (Ibid: Ibid).

Geertz afirma que as ideologias podem ser além disso como várias outras coisas mas certamente se distinguem como "mapas de uma realidade social problemática e matrizes para a criação da consciência coletiva" (Ibid: 192). É por tal razão que tenderiam a fazer-se mais presentes em momentos de convulsão e a denotar mudanças ou a derrocada de princípios organizadores centrais, em última análise políticos, razão porque os "estados novos" estariam mais sujeitos a vê-las em ação intensa - ideia que, aliás, Geertz vai desenvolver, com foco sobretudo na Indonésia, na parte final de "A ideologia como sistema cultural" e no capítulo, "A política do significado" que se lhe segue no livro. Após a independência,

A heterogeneidade da cultura indonésia e do pensamento político moderno procuravam entrosar-se entre si para produzir uma situação ideológica na qual um consenso altamente generalizado em um nível – o de que o país deve ascender coletivamente aos píncaros da modernidade embora continuando a aderir, também coletivamente, aos elementos básicos de sua herança – era contrariado em outro por uma crescente dissensão sobre a direção a ser tomada nessa ascensão, e quais seriam esses elementos básicos. (...) a sociedade se reagrupava em *familles d'esprit* competitivas (...) as quais se preocupavam não apenas em governar a Indonésia, mas sobretudo em defini-la (1978: 216).

Geertz assume o fato, "inegável e habitualmente negado", que "qualquer que seja a curva do progresso, ele não segue uma fórmula graciosa". Isto "desarma qualquer análise da modernização que parta do pressuposto de que ela consiste na substituição do nativo e obsoleto pelo importado e atualizado" (Ibid: 215). Na sua produção dessa época, embora não chegue a referir-se a formas de "desencantamento do mundo", nos moldes descritos, por exemplo, por Pierre Bourdieu, Geertz, ao refletir sobre processos de modernização e nacionalismo, sobretudo nos "estados novos", acaba por presumir que a lide de modos 'tradicionais' com 'modernos' é geradora inevitável de conflitos graves - pela "falta de modelos utilizáveis, de compreender o universo dos direitos civis e das responsabilidades", sentido geral de 'modernidade' que conteria, assim, certa inexorabilidade.

De modo análogo ao que já exprimira em texto anterior, a propósito de "laços primordiais" e "laços cívicos", Geertz afirma que "Não é apenas na Indonésia, mas em todo o Terceiro Mundo – e em todo o mundo – que os homens são atraídos por um duplo objetivo: permanecerem eles mesmos e manterem o ritmo século XX, ou talvez superá-lo" (Ibid: Ibid). Os "estados modernos", estabelecidos há mais tempo, teriam em maior medida superado a tensão daí decorrente – e em consequência recorrer-se-ia menos a "formulações ideológicas".

⁵ GEERTZ, Clifford. 1978, A política do significado. ____. [1973] 1978, *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. pp. 206-22.

sistemáticas" -, a "unidade nacional" tendendo a ser mantida por uma "aderência vaga, intermitente e rotineira a um estado civil, suplementada em maior ou menor grau pelo uso governamental de poderes de polícia e exortação ideológica" (1994⁶: 31). Por seu lado, os "estados novos" como que estariam fadados a reatualizar a 'impossibilidade' de conciliar visões de mundo já desprovidas de poder encantatório com uma concepção moderna de estado: "Uma tensa conjunção de conservadorismo cultural e radicalismo político está na raiz do nacionalismo dos novos Estados, e em nenhum outro lugar isso se exibe mais conspicuamente do que na Indonésia" (1978: 215).

Como elegante e hábil arguidor que era, Geertz não afirma que haja uma dicotomia inarredável entre "estados novos" e "estados modernos", ou mesmo entre "laços primordiais" e "laços cívicos"; seria muito mais um problema de gradação. Fica todavia claro que Geertz presume que os "estados modernos" teriam desenvolvido uma capacidade de limitar o alcance dos "laços primordiais", essencialmente à esfera da vida privada, com isso também evitando os 'excessos', associados, da irrupção, na política e no quotidiano, de "formulações ideológicas sistemáticas", preocupação cuja partilha deixa clara em nota de rodapé de "A ideologia como sistema cultural":

Como é grande o perigo de ser mal interpretado aqui, espero que a minha crítica seja considerada técnica e não política quando digo que minha própria posição ideológica geral (como eu a chamaria francamente) é praticamente a mesma de Aron, Shils, Parsons e outros, e que estou de acordo com o apelo que eles fazem por uma política civil, temperada, não heróica (1978: 170).

O objetivo central com a tese é apresentar 'sugestões' de leitura - que se espera sejam persuasivas - sobre o 'caráter', diretamente ligado ao sucesso - este 'atestável', inclusive nas avaliações formalistas comuns -, da democracia irlandesa, em particular até a década de 1990. Um dos aspectos que como que se insurgem é exatamente a presença, constante, exagerada, multifacetada, de "formulações ideológicas", partilhadas tanto por "familles d'esprit competitivas" - para recorrer à expressão de Geertz sobre a Indonésia - como por núcleos múltiplos menores; presença essa que se manifesta densamente em torno de 'história'. Esse foi um traço básico, talvez evidente, da Guerra Givil mas, sobretudo, do modo como se deram os

_

⁶ Tradução minha, feita para alunos de graduação. Excerto usado: GEERTZ, Clifford. [1963] 1994, Primordial and Civic Ties. HUTCHINSON, John & SMITH, Anthony D. (eds). 1994, *Nationalism*. Oxford / New York: Oxford University Press. pp. 29-34. O texto de Geertz de onde foi retirado o excerto constante na coletânea organizada por Hutchinson & Smith foi originalmente publicado como "The integrative revolution: primordial sentiments and civil politics in the new states". GEERTZ, Clifford (ed). 1963, *Old societies and new states:* the quest for modernity in Asia and Africa. New York: Free Press. pp. 107-13. Texto integral http:// www.iwp.unilinz.ac.at/lxe/sektktf/GG/HyperGeertz-1960.1969.htm . Acesso 2007-05-15. Referência de publicação aí dada: GEERTZ, Clifford (ed). 1963, *Old societies and new states: the quest for modernity in Asia and Africa*. New York & London: The Free Press of Glencoe & Collier-Macmillan. pp. 105-57.

arranjos posteriores, jamais acabados e presumindo, na verdade, a 'inconveniência' de se buscar definições, de tentar ir além de formas gerais que viabilizem que conjunturas particulares, modos específicos, se expressem.

É claro que poderia apenas ler a Irlanda como um "estado novo" 'atípico', até por sua independência ter-se dado antes dos 'casos clássicos' do pós II Guerra Mundial. A questão que mesmo assim permaneceria é que a "dissensão sobre a direção a ser tomada" – para voltar aos termos de Geertz sobre a Indonésia – não foi algo que se "resolveu", a Irlanda como que ingressando no reino dos "estados modernos" no mesmo passo em que seu caráter democrático se afirmava; e nesse sentido a Irlanda se insere perfeitamente no que Geertz considera "estados novos". A hipótese que se sustenta vai noutra direção: o caráter democrático esteve diretamente ligado à 'aceitação' de que a dissensão é algo irresolúvel no seu âmago mas que, nem por isso, deva se restringir à esfera privada. De certo modo, antes, essa impossibilidade de solução passa a constituir as 'únicas certeza e razão' da esfera política, no caso nacional, irlandesa – dissensões e irresoluções que se atualizam de modo claro nos esforços de construir e demarcar o que sejam a 'cultura' e a 'história' irlandesas e aspecto que acabou por se constituir no *leit motiv* dos dois próximos capítulos; definitivamente abandonada que foi a expectativa de apresentar uma 'narrativa' dos desenvolvimentos historiográficos recentes da Irlanda.

Há um pouco mais ainda: esse novelo, essa cornucópia que se movimenta a partir de muitas pernas e em muitos sentidos possíveis, como que leva a pensar que a distinção entre esferas privada e pública é inadequada e - consequência direta? - que a entre "estados novos" e "estados modernos" talvez tampouco tenha um bom rendimento analítico. Na Irlanda - e o título da tese é, de fato, a pretexto da Irlanda - a dimensão da política como que seria algo ocupado pelos vários entes nas suas diversas formas possíveis de 'aparecimento', tanto as mais 'individualizadas' - normalmente associadas a demarcações do tipo 'nichos sócioeconômicos' - quanto as que derivariam da ligação a "familles d'esprit" - leituras a respeito do 'passado' e da Guerra Civil, da política parlamentar e de governo, bem como vertentes mais supostamente modernizantes e autoritárias versus outras mais tradicionais e libertárias são alguns eixos que ocorrem -, passando ainda por essa teia de 'familiaridade extensa' que semirecobriria potencialmente todos os irlandeses, ao menos todos os que nasceram e continuassem a viver de modo 'regular' na ilha da Irlanda, em especial na República. A tese em parte se constituiu assim em torno de 'manifestações' e 'atualizações' disso. Os embates em torno de 'história', a presença de uma enorme variedade de versões e memórias, são talvez o sintoma mais evidente. Um momento 'histórico' dos mais significativos nessa mesma linha é o Levante de 1916, a Guerra Civil e o período logo sequente, quando se instala - muito embora, precisamente, sem jamais afirmá-lo - a 'certeza' da vacuidade da busca de definições estritas sobre o corpo político. Outras manifestações são os próprios arranjos governamentais e parlamentares que se sucederam, passando por essas 'coisas concretas' como governos de coalizão, sistema eleitoral e uma função básica dos deputados eleitos ser "viver à caça de funcionários públicos" para pessoas de seu distrito eleitoral. Talvez se esteja assim dando curso, mesmo que a partir de uma 'posição' um pouco diferente, ao que Geertz de certa forma preconiza na seção final de "A revolução integradora":

A satisfactory understanding of the reasons for the chronic tension in the new states between the need to maintain a socially ratified personal identity and the desire to construct a powerful national community demands, therefore, a more circumstantial tracing of the stages through which their relationship to one another passes as each proceeds along the special lines of its own development. And it is in the histories of those states as they unfold before our eyes that such a tracing is most readily to be accomplished. The diverse constitutional, quasiconstitutional, or simply ad hoc experiments in government that characterize at least those new states described here represent, among other things, an attempt to establish a pattern of politics in which the looming headlong clash of primordial and civil loyalties can be averted. (...) It is by watching the integrative revolution happen that we shall understand it (1963, http2007, op.cit.⁷).

Geertz destaca o lugar que a "etnicização" assume nas "revoluções integradoras". No caso irlandês, pode-se pensar que seu papel em termos de geração de conflito foi deslocado para a Irlanda do Norte. A 'secessão' do Norte, dividido - e onde, de fato, a linguagem 'étnica' tem presença e força duradouras -, constituiu um dos estopins retóricos, embora não exatamente o principal, para os dois lados que se opuseram na Guerra Civil.⁹ Por outro lado,

⁷ Trecho da seção V do texto integral referido na nota anterior.

The emergence of a nationwide system of 'ethnic blocs' engaged in 'total relations with one another' sets the stage for a direct clash between personal identity and political integrity in the new states. By generalizing and extending tribal, racial, linguistic, or other principles of primordial solidarity, such a system permits the maintenance of a profoundly rooted 'consciousness of kind', and relates that consciousness to the developing civil order. It allows one to continue to claim public acknowledgement of one's existence and import in terms of the familiar symbols of group uniqueness, while at the same time becoming more and more drawn into a political society cast in a mold wholly different from the 'natural' community those symbols define. But, on the other hand, it also simplifies and concentrates group antagonisms, raises the specter of separatism by superimposing a comprehensive political significance upon those antagonisms, and, particularly when the crystallizing ethnic blocs outrun state boundaries, stirs international controversies. The integrative revolution does not do away with ethnocentrism; it merely modernizes it (1963, op. cit.).

⁸ No seguinte excerto de "A revolução integradora", Geertz é particularmente explícito a respeito:

⁹ Isto talvez tenha ligação com a parquíssima, até hoje, reflexão acadêmica de cunho antropológico - por contraste com a maciça produção de caráter historiográfico, associada à de sentido político - no Eire, reflexão que é, todavia, relativamente mais comum na Irlanda do Norte. A exceção, notável, é a produção sobre os *travellers* ou - como se lhes referia até há poucas décadas e ainda vulgarmente assim chamados - *tinkers* (por ligação com seu trabalho com panelas e etc de estanho). Apesar de constituirem um pouco exceção e haver certa produção sobre eles como 'outros étnicos', chama a atenção a relativa lacuna de dados, inclusive de ordem 'objetiva', sobre os *travellers*, sobretudo por estarem num 'país' tão densamente palmilhado. É, desta forma, sintomático que, numa das coletâneas de trabalhos de cunho antropológico sobre os *travellers* (publicada pela Universidade de Belfast, muito embora com uma apresentação de Mary Robinson, então Presidente da Irlanda), os autores sintam dever chamar a atenção, de certo modo candidamente, para que "Minorities exist - whether

na que viria a se tornar a República da Irlanda, nos anos que se seguiram à separação, assistiuse a um 'apagamento', sociológico mesmo, da dimensão 'étnica', associada a religião. ¹⁰ Num compasso análogo, no Norte, protestantismo gradativamente era equacionado com 'lealismo' e 'unionismo'; e catolicismo com os '700 anos de opressão inglesa' e com 'republicanismo'. Estes últimos acoplados a um certo suposto de 'integração' ou 'reunião' da ilha como um todo enquanto que os primeiros a um de 'identidade natural' das 'ilhas britânicas'. 11 No 'Sul', no Eire, o antagonismo 'étnico' ficou centrado na leitura do Tratado Anglo-Irlandês de 1921 mas, exatamente, sem que houvesse uma espécie de simetria entre os dois lados que se opunham. Assim, não há porque encará-los como expressão de emergência de um "nationwide system of 'ethnic blocs' engaged in 'total relations with one another'" que "sets the stage for a direct clash between personal identity and political integrity in the new states" (Geertz, Ibid). Antes parece que o desenvolvimento democrático que caracterizou o Eire pós Guerra Civil esteve diretamente associado ao 'afastamento' de definições quanto à 'forma' e quanto aos 'conteúdos' que estariam em jogo no 'nacional'. Tanto as conformações e enfrentamentos 'étnicos' são 'empurrados' - se manifestando antes nas divergências a respeito da leitura e do papel da 'cultura' e, sobretudo, da 'história', forma que já se insinuava nos debates a respeito

religious, political, cultural or sexual - with rights which must be recognised" (1994: xi) e que Judith Okely, no início de seu artigo, considere necessário explicitar que "Social anthropology looks at the full range of human societies and cultures and takes seriously the understanding and study of alternative ways of life. It confronts what has come to be called ethnocentrism" (Ibid: 1). McCANN, May; Ó SÍOCHÁIN, Séamas; RUANE, Joseph. (eds). 1994, Irish Travellers: culture and ethnicity. Antrim: The Institute of Irish Studies, The Queen's University of Belfast (for The Anthropological Association of Ireland). O artigo específico da coletânea mencionado é: OKELY, Judith. 1994, An anthropological perspective on Irish Travellers. pp. 1-19. Tem-se noção que uma das possíveis causas dessa 'ausência' dos travellers - e da reflexão antropológica em geral - seja a própria ambiguidade a respeito da localização da língua e, sobretudo, da 'cultura irlandesa' (aqui no sentido mais 'literal', de gaélica) como ocorreu a partir da década de 1950. Embora a língua irlandesa permaneça como a 'primeira língua oficial' e haja uma série de exigências formais e oferta de benefícios a quem domine a língua eleita, aliás, uma das línguas 'oficiais' da União Européia, em 2006 - isso, de certa forma, entrou no terreno da 'arqueologia que não o é' e quanto ao que as dificuldades de trato são poderosas. Alguns aspectos deste 'dilema' aparecerão no capítulo seguinte, onde se observa o esforço de afirmar que o 'ser gaélico', língua e literatura inclusas, encompassa e de certa forma supera o 'ser histórico', que em parte se confundiria com o 'ser político'. ¹⁰ A respeito vide, por exemplo, o comentário de Tom Garvin, sobre o que passou a ocorrer logo a partir da década de 1920:

An aloofness between Catholics and Protestants was intensified by an aggressive policy on mixed marriages enforced by the Catholic Church: all children of such marriages had to be reared as Catholics. Within a generation, a large proportion of the Protestant minority in the Free State had been married out of existence. However, the new state treated its minorities well within the confines of an overwhelming and often triumphalist Catholic consensus (Garvin 2004: 2).

GARVIN, Tom. 2004, *Preventing the future*: why was Ireland so poor for so long? Dublin: Gill & Macmillan. ¹¹ No universo 'acadêmico' tal perspectiva também aparece, embora, sob roupagem própria. Um exemplo é KEARNEY, Hugh. [1989] 1995, *The British Isles*: a history of four nations. Cambridge: Cambridge University Press:

The viewpoint adopted in this book is that the histories of what are normally regarded as four distinct 'nations' appear more intelligible if they are seen first within a general British Isles context and secondly if they are seen in terms of 'cultures' and 'subcultures'. Upon closer examination what seem to be 'national' units dissolve into a number of distinctive cultures with their own perceptions of the past, of social status (...), of religion and of many other aspects of life (: 10).

do Tratado - como, de certa maneira, se 'prescinde' de uma 'modernização'. Nesse sentido é que não cabe associar na Irlanda a "modernização do etnocentrismo" a uma maior facilidade de convivência com "instituições políticas nacionais desenvolvidas" - quanto ao que, aliás, vale destacar que basicamente foram mantidas as instituições que vigiam antes do Tratado Anglo-Irlandês -, como Geertz considera que ocorreu nos países de que se ocupa em "A revolução integradora" (1963, http 2007, op. cit.). Logo a seguir, Geertz acrescenta:

The effective operation of such institutions does not require the simple replacement of primordial ties and identifications by civil ones. In all probability, such a replacement is a sheer impossibility. What it does demand is an adjustment between them, an adjustment such that the processes of government can proceed freely without seriously threatening the cultural framework of personal identity, and such that whatever discontinuities in 'consciousness of kind' happen to exist in the general society do not radically distort political functioning.

Um dos aspectos que se almeja é adensar perspectivas que Geertz abriu ou a que deu uma formulação particularmente convincente, inclusive a sua leitura da ideologia como sistema cultural; e é nesta senda que se procura encarar visões a respeito de 'cultura' e de 'história' irlandesas. Para poder fazê-lo, todavia, é preciso insistir em que a distinção que Geertz apesar de tudo traça, nesse seu texto de 1963, entre "funcionamento político", "governo" e "enquadramento cultural da identidade pessoal" não é um caminho útil para deslindar o sucesso da construção democrática irlandesa. Ainda está excessivamente ligada a uma concepção compartimentalizadora, que considera, em última análise, que seria benéfico que as esferas pública e privada, política e cultural, individual e social tivessem funcionamentos próprios. Um pouco, como colocado antes, que haveria uma certa primazia do "cívico" sobre o "primordial", no sentido deste último, num ambiente de modernidade, tender a fomentar mais "formulações ideológicas sistemáticas", estar mais próximo da tensão e dos 'riscos' a ela associados - muito ao modo dos temores de Burke -, mesmo quando sob a roupagem de uma maior 'etnicização'.

Esta é uma das razões que fundamentam a insistência em que a Irlanda não é um mero caso isolado, exceção a várias leituras teóricas 'clássicas' que, como afirma o nosso senso comum, estaria aí para confirmar a regra - ao modo de uma Bora Bora mais perto do núcleo

-

¹² Esse aspecto é central na argumentação de Tom Garvin em *Preventing the future*. A respeito do período que vai da década de 1920 à de 1950, coloca:

Quite apart from the 1921 divisions, there was also a clear anti-modernist streak in Irish official and clerical thinking, generating a reluctance to engage seriously with the modern world. (...) After all, if one really wanted modernity, one could go next door to England or over the Atlantic to America, where there was plenty of the thing. In turn, these *mentalités* encouraged a cultural pessimism, passivity or even hopelessness. Ireland was to pay dearly for these choices, choices which the country scarcely realised it was making, partly because they consisted not so much of positive decisions as of *non-decisions*, or unspkoken decisions, sometimes uncounscious ones, not to follow certain policies. The Irish, it sometime seems, were hell-bent on preventing the future while pretending to embrace it (2004, op.cit.: 4-5; itálico no original).

dos 'acontecimentos centrais' -, e cujo deslindar como que exigiria, em si, abordagens de feição empírica, detalhando eventos, períodos, conformações sociais, personagens e agrupamentos políticos, necessariamente sui generis. O busílis tanto da 'questão irlandesa' e do sucesso democrático da República como, quer-se crer, de uma reflexão mais abrangente sobre democracia - em parte como construída em 'espaços nacionais' mas sem que a eles se restrinja - estaria, ao invés, na 'mistura' de campos, político e cultural, público e privado, individual e social, na existência de formas de 'apropriação' que garantem que a própria 'modernização' e a própria 'política civil', se quisermos usar as expressões, não apareçam como algo estranho e exôgeno, senão como parte e pertença das várias esferas da vida social; muito no sentido geral da leitura que Geertz propõe. Noutros termos, sugere-se que a Irlanda foi um "estado novo" - para manter a expressão - bem sucedido exatamente porque foi democrático e que o que permite caracterizá-lo como democrático é o entrelaçamento das diversas esferas. Essa tessitura ocorreu não porque houvesse produção de um consenso ou de um acordo a respeito do que deveria constituir a esfera pública mas antes pela 'aceitação' de que a dissensão, com ênfase na leitura da 'história' - que estaria na origem do que 'se é' - e do que 'se lhe seguiria', era parte intrínseca do que se aceitava como esfera comum.

II

Não se vai aqui recorrer a comparações como as de que Geertz se vale em boa parte de seus trabalhos de análise interpretativa. Na verdade, não saberia muito por onde começar. Num plano linear, a Irlanda partilhava, por um lado, com outros países da Europa o caráter de periferia e, assim, o fato dos desenvolvimentos que aí ocorreram terem seguido um caminho diverso dos, digamos, de Portugal, Espanha, Itália e Grécia na mesma época - apesar, exatamente, da partilha de aspectos sociológicos comuns, como ênfase no corporativismo, uma certa 'recusa' da modernidade, no próprio sentido apontado por Garvin etc. -, já justificaria que sua experiência fosse pensada em termos que remetam a 'outros contextos'; (embora se admita que poderia ser interessante jogar um outro olhar sobre as experiências de Portugal, Espanha, Itália e Grécia, para ficar nesses casos, a partir da Irlanda). Uma construção, que se poderia denominar mais 'cultural', a respeito da Irlanda, como a que se verá no próximo capítulo, inclui autores que buscam desenhar uma 'Irlanda irlandesa', em moldes e seguindo eixos muito semelhantes aos que podem ser encontrados em 'correntes de pensamento' desses países, e outros autores, com produção mais recente, que no fundo acompanham tal matriz mas que buscam incorporar as 'características irlandesas' à

experiência de colônia, em particular da Albion, numa espécie de filiação que aproximaria pois a Irlanda das outras ex-colônias do império britânico, de outros "estados novos" para ainda manter essa nomenclatura que Geertz empregou. Tal leitura da Irlanda é sem dúvida curiosa mas antes ajuda a apontar para "familles d'esprit", para esforços de definição, de compartimentalização portanto, que, exatamente, ao buscarem apontar uma sequência como primordial, se perdem do 'mosaico múltiplo', da sua composição e evolução, e do próprio papel desempenhado pela temática que priorizam. A ênfase desta perspectiva é na 'cultura', na literatura em particular, esse como que sendo o terreno adequado para uma 'afirmação nacional' que deveria prescindir da 'modernidade política' - ou da própria política - cuja gênese, no caso específico na Grã-Bretanha, teria estado associada à dominação e o que seria, se quisermos, uma forma de 'escapar' da "tensão" que - como vimos em Geertz - acabaria por propiciar não só "formulações ideológicas" mas também a sua manifestação sob a forma de dissensões e conflitos em parte insolúveis. É também uma abordagem que não deixa de remeter à 'história', tanto ao a ela recorrer para definir 'traços comuns' e exclusões como ao, de certa forma, tentar afirmar que a Irlanda teria ganho um lugar 'fora da história' e deveria ser lida por suas manifestações perenes - as quais, ao mesmo tempo, seriam uma afirmação de sua 'vitória da história'.

Sean O'Faólain, embora de algum modo opere dentro dessa construção mais afim a um desenho de 'cultura', vai, precisamente, além de tal esforço de, em última análise, 'definir e conter' o 'ser irlandês'. O'Faólain busca, como veremos, conjugar - de modo semelhante à leitura que Geertz propôs por exemplo em " 'Do ponto de vista dos nativos' "13 -, ao deambular, ao fazer uma ida e volta constante, dimensões que atravessam as esferas de 'líderes notórios' e de 'indivíduos comuns' e as que percorrem a esfera 'maior', em parte nacional irlandesa, mas que jamais pode ser encarada como restrita a si própria; com direito ainda a como que um desmembrar, exatamente, do sujeito, de si próprio, O'Faólain, como condição e medida para sua celebração e possibilidade de atravessar e ser atravessado por tais dimensões. Nesse sentido, O'Faólain como que 'aponta' que uma leitura da Irlanda não só

¹³ GEERTZ, Clifford. 1998, 'Do ponto de vista dos nativos': a natureza do entendimento antropológico. ____. 1988, *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes. pp. 85-107. Na última seção do texto, bem conhecido, Geertz descreve sua proposta como em tudo análoga à trajetória do método que Dilthey chamou de círculo hermenêutico:

o movimento intelectual característico, e o ritmo conceptual interno de cada uma dessas análises, (...) é um bordejar dialético contínuo, entre o menor detalhe nos locais menores, e a mais global das estruturas globais, de tal forma que ambos possam ser observados simultaneamente. (...) saltando continuamente de uma visão da totalidade através das várias partes que a compõem, para uma visão das partes através da totalidade que é a causa de sua existência, e vice-versa, como uma forma de moção intelectual perpétua, buscamos fazer com que uma seja explicação para a outra (: 105).

pode como tem tudo para ser um bom pretexto para uma reflexão ampliada a respeito da "ideologia como sistema cultural", mas, mais, novamente recorrendo aos termos de Geertz, para pensar a "política como disputa" e como disputa da qual os ordenamentos resultantes podem ser meramente provisórios, formas de 'evitar' que apareçam sob a forma de poder e sobretudo de um poder isolado e cristalizado.¹⁴

Nada vejo contra encarar a Irlanda como uma excrescência no tempo-espaço, um caso único, desde que isso não impeça que sirva de pretexto para se refletir sobre 'caráter' e assumindo agora as aspas - 'condições' de democracia, que se possa abandonar distinções entre 'entidades' que, do ponto de vista intrínseco ao menos, nada têm de eminentemente distintas, como 'privado' e 'público', como "estados novos" e "estados modernos"; tais dicotomias constituindo talvez o aspecto fulcral da nossa "ideologia" que, precisamente, 'foge' à sua percepção como "sistema cultural" e nos faz recair numa leitura de "tensão" como averso de algo, ao invés de como um dos elementos constituintes da vida social e política, do próprio tipo de quotidiano dominante em que operamos nos últimos séculos. A Irlanda é sem dúvida sui generis porque, quanto mais não seja, todo e qualquer país, toda e qualquer região, todo e qualquer período - e faria sentido dizer também, no 'contexto irlandês' ao menos, todo e qualquer sujeito (as 'vozinhas' surgiram depois e só aparecerão de modo direito no "Segundo Tempo" da tese) - é. Mas talvez, sobretudo, porque aí as próprias dicotomias se revelem ilusórias, se mostrem como o que se sugere que são, algo que nos despista, nos impede de refletir mais densamente por exemplo sobre "estado", sobre sentidos e possibilidades da política e da democracia. (Um parênteses evitado faz-se necessário: uma das razões por que se foge de precisar política e democracia é porque tal esforço contrariaria o que parece ser sua característica possível, pensável 'a partir da Irlanda' para o de que se trata aqui, a de que estão imbricadas quando, precisamente, conseguem escapar de apreensões unívocas é bastante óbvio mas também variadas -, antes conseguindo ganhar materializações sempre mutantes, fruto de forças, agentes e conjunturas que com elas interagem em permanência, nem as determinando nem sendo essencialmente moldados por elas.)

¹⁴ É clara aqui a influência do trabalho de Pierre Clastres, como aparece na coletânea, CLASTRES, Pierre. [1974] 1978, *A sociedade contra o estado*: pesquisas de antropologia política. Rio de Janeiro: Francisco Alves, e como comentado brilhantemente por BARBOSA, Gustavo Baptista. 2004, A socialidade contra o estado: a antropologia de Pierre Clastres. *Revista de Antropologia*, São Paulo. Jul/Dez 2004, vol. 47, No. 2. pp. 529-76 (http://www.scielo.br/pdf/ra/v47n2/a06v47n2.pdf . Acesso 2006-10-12) ou ainda por MOATI Yoram em *Pierre Clastres:* l'anthropologie anarchiste (http://perso.orange.fr/libertaire/archive/2000/228-mai/Clastres.htm Acesso 2006-10-13).

Ш

Creio que é em parte disto que Geertz trata no capítulo final, "O Mundo em pedaços: cultura e política no fim do século"¹⁵, do último livro que publicou em vida, onde busca refletir sobre "o esgarçamento generalizado do mundo com que de repente nos vemos confrontados" (2001: 193). A proposta de Geertz é que se façam "investigações específicas de diferenças específicas": "se é que vamos encontrar normas de navegação num mundo estilhaçado e desmontado, elas terão que vir desse trabalho paciente, modesto e criterioso" (Ibid: 195). Na mesma medida em que o coloca como sinal dos dias que correm, Geertz abre espaço para a ideia desse esgarçamento provavelmente estar presente há tempos e de, para voltar a usar os termos, os desenvolvimentos nos "estados novos" terem se prestado a 'evidenciar' aspectos que eram como que constituintes 'velados' dos "estados modernos":

A contribuição da sublevação do Terceiro Mundo para a compreensão que o século XX tem de si mesmo reside menos em suas imitações do nacionalismo europeu (...) do que no fato de ela haver obrigado a se perceber o caráter compósito da cultura que é negado por esse nacionalismo. Com o tempo, talvez venhamos a considerar que a reconstrução política da Ásia e da África contribuiu mais para transformar a visão de identidade social da Europa e da América do que o inverso (Ibid: 220).

É fato que a tônica, nesse texto, é a percepção da mudança e da incerteza como radicais - muito nos moldes do "carro de Jagrená" que Giddens evoca em *As consequências da modernidade*¹⁶ -, inclusive no que isso implica de lide com a diferença. Fica portanto claro que não se acompanha mais qualquer padrão que distingua, por exemplo, "estados novos" de "estados modernos": "essas entidades chamadas países começaram a se ordenar de maneiras inéditas, maneiras que submeteram a uma pressão crescente as concepções europeias, aliás já não muito seguras, do que é um país e de qual é sua base" (Ibid: 202). Por outro lado, Geertz assume nesse texto um tom claro de 'intervenção'. Na seção intitulada "O que é um país, se não é uma nação?", é bem explícito:

Parecemos necessitar de uma nova forma de política, uma política que não encare a afirmação étnica, religiosa, racial, linguística ou regional como uma irracionalidade arcaica e ingênita, a ser suprimida ou ultrapassada, como uma loucura censurada ou uma escuridão desconhecida, mas que a veja, como a qualquer outro problema social (...), como uma realidade a ser enfrentada e modulada, com a qual de algum modo é preciso lidar e chegar a um acordo. 17

¹⁵ GEERTZ, Clifford. 2001, O mundo em pedaços: cultura e política no fim do século. ____. 2001, *Nova luz sobre a antropologia*. (tradução de *Available light*: anthropological reflections on philosophical topics). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 191-228.

¹⁶ GIDDENS, Anthony. 1991, As consequências da modernidade. São Paulo: Unesp. Especialmente pp. 151-77. Permita-se notar a analogia entre a preocupação de Geertz e a expressa por Octavio Paz em "Revolt and resurrection" que, sintomaticamente, inicia-se com uma apreciação sobre "Quarrels on the periphery". O confronto entre os Estados Unidos e o Irã seria emblemático por representar a incapacidade de ultrapassar a mera leitura do outro como oposto:

It was impossible for Khomeini to understand the Americans' juridical and diplomatic arguments, He was possessed by a religious and revolutionary fury - the two adjectives are not contradictory - and

O desenvolvimento dessa política (...) Depende de adaptarmos os princípios do liberalismo e da democracia social, que ainda são os nossos melhores guias do direito, do governo e da conduta pública, a questões com respeito às quais eles têm sido, com demasiada frequência, desconsiderados, reativos ou incompreensivos - filosoficamente cegos. Mas, o que talvez seja mais importante, depende de construirmos uma concepção mais clara, mais detalhada, menos mecânica, estereotipada e carregada de clichês daquilo em que consiste a política, do que ela é. Ou seja, depende de obtermos uma compreensão melhor do que vem a ser a cultura - as estruturas de sentido em que as pessoas vivem e formam suas conviçções, suas individualidades e seus estilos de solidariedade - como força ordenadora das questões humanas (Ibid: 215).

Nesta 'tradução' da "nova forma de política" necessária - "uma compreensão melhor do que vem a ser a cultura" - fica patente, apesar de todo o brilhantismo da argumentação, que Geertz ainda adere a uma distinção - a palavra dicotomia talvez seja excessivamente forte - entre 'política' e 'cultura', em parte um reduplicar de 'público' e 'privado'. A distinção, aliás, é de certa forma assumida quando escolhe analisar "O mundo em pedaços" em duas seções: "O que é um país, se não é uma nação?" e "O que é a cultura, se não é um consenso?". A concepção que defende nesta última é de uma cristalina beleza:

o que se revela muito instrutivo não é a simples realidade da heterogeneidade cultural em si e de sua grande visibilidade, mas a imensa variedade de níveis em que essa heterogeneidade existe e surte efeitos; tanto, na verdade, que é difícil saber organizar um quadro geral, saber onde traçar as linhas de separação e colocar os focos. (...) É difícil encontrar um compartilhamento de visões, formas de vida, estilos comportamentais, expressões materiais ou seja lá o que for que, por sua vez, não torne a se dividir em outros menores, embutidos nele como caixas dentro de caixas, ou incluídos por inteiro em outros maiores, incorporadores, como prateleiras empilhadas sobre outras prateleiras. Pelo menos na maioria dos casos, e desconfio que em todos, não há nenhum ponto em que se possa dizer que é ali que o consenso termina ou começa. Tudo depende do quadro de comparação, do pano de fundo com que se coteja a identidade, e do jogo de interesses que a envolve e a anima (Ibid: 221).

Carter's language must have struck him as secular and profane - that is, satanic, inspired by the devil, the father of falsehood.

Nor could the American understand what Khomeini and his followers were saying: it struck them as the language of madmen. Again and again they dismissed the ayatollah's statements as incoherent, delirious ranting. For the modern consciousness, irrationality and delirium are what demoniacal possession was for the ancients. Hence there is a certain simmetry between the attitude of the Americans and that of the Iranians (1992: 98).

A 'proposta' de Octavio Paz também guarda proximidade com a de Geertz, apesar de não abraçar tão decididamente a solução liberal, que busca situar. Ao invés, Paz sugere que nos lembremos de 'forças mais profundas' - cujo 'esquecimento' pode ser uma das origens da corrente percepção, 'ocidental', de 'mundo em pedaços':

Khomeini's language is that of other centuries and the American's language is modern. It is the optimistic, rationalist language of liberalism and pragmatism, the language of the bourgeois democracies, proud of the conquests of the psysical and natural sciences that have given them dominion over nature and over other civilizations. But neither science nor technology can save us from natural or historical catastrophes. Americans and Europeans must learn to hear the *other* language, the buried language. Khomeini's language is archaic, and at the same time it is profoundly modern: it is the language of a resurrection. Learning this language means rediscovering that wisdom forgotten by modern democracies but never by the Greeks, save for those times when, out of sheer exhaustion, they forgot themselves: man's tragic dimension" (Ibid: 99; itálico no original).

PAZ, Octavio. [1983] 1992, Revolt and ressurrection". ____. *One Earth, four or five worlds:* reflections on contemporary history. London: Paladin (HarperCollins). pp. 80-99.

A mesma ideia está presente na crítica ao "discurso dos 'povos e culturas'", os quais, assim como os "grupos étnicos", "não são um punhado de agregados de semelhanças, distinguidos pelos limites do consenso: são vários modos de implicação numa vida coletiva que ocorre numa dezena de níveis diferentes, numa dezena de escalas diferentes e numa dezena de âmbitos diferentes ao mesmo tempo" (Ibid: 223). Como talvez faça sentido, considerando-se a história da sua trajetória pessoal de pesquisa, é a propósito da Indonésia que Geertz mais aproxima 'cultura' de 'política' - ou, para deixar mais claro, que a formulação que Geertz dá melhor descreve a leitura que se busca de 'cultura e política': "A maneira e o grau em que os aspectos contrastantes do conglomerado global devem ser representados na formulação da identidade indonésia são o cerne da questão. O que está em pauta é menos o consenso do que uma maneira viável de prescindir dele" (Ibid: Ibid).

No trecho usado de epígrafe, Geertz defende que "política é querela". Ao longo de todo "O mundo em pedaços", Geertz fala da 'cultura' como estando de certa forma na base da querela, bem como de sua natureza mutante, necessariamente imprecisa. Fala ainda - mais do que sobre a peculiaridade, em que já muito insistira em vários de seus trabalhos - sobre o caráter sempre provisório dos ordenamentos resultantes: uma maneira de 'evitar' que formas culturais (de poder) se cristalizem, vão além do circunstancial? Para Geertz, como se viu, a "nova forma de política" exige que a 'cultura' seja percebida desse modo. Todavia, como que ele opta por permanecer 'aquém do salto' que, crê-se, seu texto insinua o tempo todo: ler 'política' e 'cultura' juntas, exatamente da maneira que propôs; e, num sentido amplo, como parte de "sistemas culturais". Na curta 'seção de fecho', sem título, Geertz retoma Aristóteles para afirmar que a teoria política deveria ser "uma escola de julgamento, não uma substituição dele" e, como parte dessa tarefa, num mundo que "está se redistribuindo em estruturas de diferença cada vez mais variadas", tornar-se também numa "política prática de conciliação cultural" (Ibid: 224). Apesar de, sem dúvida, belamente colocada, é um pouco decepcionante a profissão de fé no liberalismo com que conclui o texto:

Isto me traz à última questão que quero abordar aqui, de maneira sumamente superficial. Trata-se da capacidade muito discutida, mas não muito decidida, de o liberalismo (ou, mais exatamente, para que eu seja colocado ao lado de Isaiah Berlin e Michael Walzer, e não de Friedrich von Hayek e Robert Nozick, de o liberalismo social-democrata) colocar-se à altura desse desafio, de sua capacidade de se envolver na política rancorosa, explosiva e não raro homicida da diferença cultural, e, a rigor, de sobreviver na presença dela. O compromisso do liberalismo com a neutralidade do Estado em matéria de crenças pessoais, seu individualismo resoluto, sua ênfase na liberdade, na lei e na universalidade dos direitos humanos, e, pelo menos na versão de que sou adepto, sua preocupação com a distribuição equitativa das oportunidades de vida, são tidos como impedindo-o de reconhecer a força e a durabilidade dos laços da religião, da língua, dos costumes, do lugar, da raça e da ascendência nos assuntos humanos, ou de encarar a entrada dessas considerações na vida civil como algo diferente do

patológico - do primitivo, atrasado, retrógrado e irracional. Não creio que isso seja verdade. O desenvolvimento de um liberalismo com a coragem e a capacidade de se comprometer com um mundo diferenciado, um mundo no qual seus princípios não são bem compreendidos nem sustentados por todos, e no qual, na maioria dos lugares, ele é um credo minoritário, estranho e suspeito, não é apenas possível, como é também necessário (Ibid: 225-6).

Profissão de fé que se traduz também na "obrigação moral" que afirma no último parágrafo:

Parecemos estar condenados (...) a viver, se tanto, no que alguém chamou (...) de 'paz de baixa intensidade' - o que não é o tipo de ambiente em que normalmente floresce o liberalismo. Mas esse é o tipo de ambiente em que ele terá que funcionar, se quiser persistir e surtir efeito, e se quiser manter o que me parece ser seu compromisso mais profundo e mais central: a obrigação moral de ter esperança (Ibid: 227-8).

A impressão é que Geertz talvez fique 'aquém do salto' por, de certa forma, ter uma crença limitada nas possibilidades de realização no mundo, tal como o apresenta e sugere que vejamos, como fonte de "esperança". É como se a "política como escola de julgamento" tivesse que permanecer à parte, guardar uma unicidade e uma distância, sob pena de 'submergir' na volatilidade das "caixas dentro de caixas" ou das "prateleiras empilhadas sobre outras prateleiras", quando "não há nenhum ponto em que se possa dizer que é ali que o consenso termina ou começa". Ora se Geertz nos propõe vermos "o mundo em pedaços", como um mundo que em si se constituiu, ou constitui, de 'pedaços' mutantes, em arranjos sempre diversos, que formam coalescências provisórias, e, na verdade, como sendo essa a percepção adequada à necessária "nova forma política", por que não ler as próprias práticas políticas - e inclusive, a variabilidade nas e das 'unidades' que a compõem, bem como, a rigor, a ideia de que a política constitua uma 'ordem' à parte - dessa mesma perspectiva? Noutros termos, se, como bem coloca, não foi a "desmontagem do mundo político" que

A ideia - bem como a de que é a esse 'fato' que o pensamento social deve adaptar-se - perpassa o conjunto do texto. Talvez se possa contudo destacar um trecho, com que Geertz como que conclui a 'abertura' do artigo, onde é bastante claro a respeito:

Em termos culturais, assim como em termos políticos, a 'Europa', digamos, ou a 'Rússia' ou 'Viena' não deve ser entendida como uma unidade de espírito e valor, contrastada com outras dessas supostas unidades - o Oriente Médio, a África, a Ásia, a América Latina, os Estados Unidos ou Londres -, mas como um conglomerado de diferenças profundas, radicais e resistentes aos resumos. E o mesmo se aplica às diversas subpartes que demarcamos, de um modo ou de outro, dentro desses conglomerados - protestantes e católicos, islamitas e ortodoxos; escandinavos, latinos, germânicos, eslavos; urbanos e rurais, continentais e insulares, nativos e migrantes. A desmontagem do mundo político não provocou essa heterogeneidade, é claro. Foi a história, instável e caprichosa, e dilacerada pela violência, que o fez. A desmontagem apenas tornou patente a heterogeneidade: flagrante, impossível de encobrir com ideias grandiosas, já agora impossível de não ver.

O que precisamos, ao que parece, não é de ideias grandiosas nem do abandono completo das ideias sintetizadoras. Precisamos é de modos de pensar que sejam receptivos às particularidades, às individualidades, às estranhezas, descontinuidades, contrastes e singularidades, receptivos ao que Charles Taylor chamou de 'diversidade profunda', uma pluralidade de maneiras de fazer parte e de ser, e que possam extrair deles - dela - um sentimento de vinculação, de uma vinculação que não é abrangente nem uniforme, primordial nem imutável, mas que, apesar disso, é real (2001, op. cit.: 195-6).

Tem-se plena noção de haver vários pontos de contacto, bem como discrepâncias, entre o argumento de Geertz e o que Michael Walzer propõe em *Thick and thin*, que se optou por não explorar, inclusive pelas referências mútuas que os autores se fazem em alguns de seus trabalhos. WALZER, Michael. 1994, *Thick and thin:* moral argument at home and abroad. Notre Dame / London: University of Notre Dame Press.

provocou a heterogeneidade, por que não pensar esse mundo como parte e característica de tal heterogeneidade? E, neste sentido, que formulações e arranjos políticos são parte e característica da "'diversidade profunda', uma pluralidade de maneiras de fazer parte e de ser", dos quais, portanto, se poderia igualmente buscar extrair "um sentimento de vinculação", "uma vinculação que não é abrangente nem uniforme, primordial nem imutável, mas que, apesar disso, é real" (Ibid: 196)?

O que de certa forma se propõe é pois substituir o bastião do liberalismo que Geertz tão bem defende por seu colocar na 'roda', na dança dos 'bichos em movimento'. Isto seria um meio de aprofundar a compreensão do mundo que Geertz reveladoramente apresenta como pedaços de sentido e identidade provisórios. Seria também uma forma de perceber as querelas e disputas, e seus resultados, como eminentemente provisórios, mutantes mas nem por isso - muito pelo contrário, até para manter a 'vontade' de Geertz - despidos de "esperança", da possibilidade de que deles se possa extrair um "sentimento de vinculação (...) real". Ora isto seria tão mais viável quanto mais se adentrasse e entendesse conjunturas e arranjos específicos, para caracterizá-los sim mas, sobretudo, para, uma vez conseguida uma compreensão minimamente densa, buscar fios, eixos, calamares que talvez possam permitirnos visualizar cornucópias possíveis e seus movimentos - no fundo apenas outra vez a proposta que Geertz coloca em " 'Do ponto de vista dos nativos'", afirmando sua analogia com a da trajetória do método que Dilthey chamou de círculo hermenêutico.

IV

Pode parecer que nos tenhamos afastado muito da Irlanda. Não creio que seja o caso. O mais provável é ter-se sucumbido a uma de 'suas' supostas características, da divagação e da fala, que seria inapreensível ao mesmo tempo em que tudo 'nela' caberia. Tal 'queda' não constitui necessariamente um problema - certamente não na perspectiva de Geertz. É, aliás, um dos aspectos que instruem a construção que se abordará mais voltada para a literatura e para a 'cultura' e, por isso mesmo, um aspecto que deve caber no trabalho de 'ida e volta' permanente - à Irlanda, como a qualquer lugar, qualquer grupo, qualquer formação. Uma questão mais grave talvez pudesse, contudo, ser colocada: a de se não estaria em certa medida digressando a partir da Irlanda para propor uma espécie de substituição da defesa que Geertz faz do liberalismo, social-democrata, por uma defesa da democracia - mesmo que num sentido amplo, análogo aliás à leitura do liberalismo de Geertz. Em certa medida, é disso que se trata. Como já colocado acima, penso que a Irlanda, quando se queira refletir em termos de

"estados", pode ser vista como um "estado novo" bem sucedido porque foi democrático e que - este aspecto é essencial - o que seria básico na sua caracterização como democrático é a indistinção, o cruzamento, a multiplicidade das esferas da vida social envolvidas no 'todo', sem que um grupo ou, sobretudo, uma 'forma', fosse erigida em sinal distintivo, em marco orientador, antes o potencial de conflito como que garantindo que diferentes acomodações e processos sempre teriam curso. Ou seja, repetindo, a referência aqui não é à democracia procedural, à poliarquia de Dahl ou ao consocionalismo de Lijphart, embora isto esteja com efeito bastante 'garantido' do ponto de vista formal na Irlanda, inclusive, e não por acaso, através de instituições eleitorais, de governo, administrativas e civis que na sua maioria já vigiam antes da separação da Grã-Bretanha. É sim, todavia, a uma percepção de democracia como desenho necessariamente vago, que incorpora a dissensão e o conflito sem que estes sejam vistos como confrontos entre entidades substantivas, que se poderia demarcar ou circunscrever.

Como evidente, a Irlanda não constitui nenhuma unidade natural, sempiterna. Por curioso que pareça num local onde o 'nacionalismo' é tão nítido, esse 'sucesso democrático' que se vê em exercício, é fato, num espaço 'nacional', mesmo quando se trate do referente União Européia - como que serve para mostrar seu caráter amplo, mutante e, a priori ao menos, 'independente' das unidades às quais se aplique. É claro, por outro lado, que há esforços também bastante permanentes de substantivar a 'entidade' Irlanda e é de certa forma por isso mesmo que me atrevo a propôr uma espécie de substituição do liberalismo socialdemocrata por democracia. Ao invés da volição abstrata cara ao liberalismo - como lindamente descrita por Geertz, por exemplo -, a democracia (mais uma vez reabrindo o parênteses feito antes) que se tenta 'apegar' aqui se caracteriza pela possibilidade - inclusive sem 'obrigação' explícita - de presença dos atores sociais, suas 'pertenças', seus 'lugares' e 'opções' variáveis como parte dos desenhos que constituem a vida social e, ao mesmo tempo, lhe dão um caráter 'integrado', sem constituição de esferas separadas; ou seja que, para puxar a brasa para a minha sardinha, cultura e política não se apartem e que esta última não esteja sujeita a um domínio e a arranjos que deixem de refletir, de alguma maneira, o corpo social que esteja momentaneamente em questão. Tal possibilidade se apresenta sob uma dimensão comunicativa, que guardaria analogias com a colocada por Habermas¹⁹, só que no caso da Irlanda centrada na 'história'.²⁰

Na verdade, exagerando um pouco o quadro, é quase como se o debate discursivo em torno da 'história' - que abrange esforços de definição da Irlanda, inclusive geograficamente, de seus atores e cenários 'culturais e políticos' e que só há pouco mostra sinais de abrandamento - pudesse ser encarado como encompassador das demais esferas e, portanto, 'da cultura e da política'. O apego a essa ideia nos levaria, contudo, a permanecer na própria ilusão que ela constrói, além de a uma mera substituição, assim inviabilizando o procedimento afim com o do círculo hermenêutico de Dilthey sugerido por Geertz. A Irlanda continuaria uma excrescência no tempo-espaço - o que não há porque deixar de ser - mas pouco ou nada além disso. O ponto situa-se pois algo adiante, na democracia que, no caso da Irlanda, se centrou no aporte múltiplo de versões sobre a 'história' - essa mesma a que se creditou o papel e a capacidade de legitimar a 'cultura' e as 'políticas' conjunturais -, sem que haja 'vitória' de quaisquer delas. O debate vai além da historiografia e está na base, por exemplo, dos vários, múltiplos, intersectados mapas que referia Owen Dudley Edwards. Não que os historiadores dele estejam ausentes, antes pelo contrário. Na verdade, ao menos em parte, creem que caberia ao discurso historiográfico o 'controle' desse processo comunicativo. Em trecho citado no início deste capítulo, Eagleton pretende que, na Irlanda, "history is mainly a way of clashing over current issues", o que vários historiadores pretendem 'domar' através de uma produção historiográfica 'neutra' - como veremos, essa volição está presente sobretudo entre os que são classificados, pelo 'outro lado', o dos historiadores "nacionalistas", como "revisionistas"; exemplos do tipo de familles d'esprit mais correntes na Irlanda. Ora o que se sugere é que o debate em torno da história é de fato central na Irlanda, prática recorrente e comum a quase 'todos', aspecto nodal do seu sucesso democrático mas, exatamente, não como uma forma mecânica de se situar nos embates do presente. Os confrontos não são entre categorias supostamente substantivas, de caráter mais ou menos 'étnico' - apesar disto ser de fato vívido na Irlanda do Norte e de com frequência se lhes tentar dar esse aspecto na República, sobretudo no terreno da historiografía. Mais, essa polifonia, de memórias, de discursos 'historiográficos', essa variedade, inclusive faz com que, embora compitam entre si não

-

¹⁹ Como discutida, num exemplo entre vários outros possíveis, por Costa, em particular no capítulo VIII, no seu livro *As cores de Ercília*. COSTA, Sérgio. 2002, *As cores de Ercília*: esfera pública, democracia e configurações pós-nacionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

²⁰ É possível sugerir - mas não se empreenderá esforços de apreensão desse aspecto - que noções afins à ideia de política como justiça e como equidade tenham tido presença forte nos movimentos sociais e políticos da segunda metade do século XIX e início do XX na Irlanda, de certa forma ocupando o 'lugar' que a trama discursiva em torno da história ganhou com clareza no século XX.

apareçam como meros opostos; e de certa forma serve para 'evitar' que o confronto se manifeste como tal. A tentativa - sobre a qual nos deteremos longamente no capítulo IV - de 'controlar' a historiografia por parte dos historiadores pode ser vista, assim, como expressão da 'presença' que a 'história' ganhou na Irlanda, ao mesmo tempo em que ilustra, no contexto, a 'tentação' que parece perseguir-nos de 'encontrar' e reafirmar andamentos de caráter 'étnico' para os fenômenos contemporâneos.

Para voltar, todavia, ao ponto mencionado acima, não se trata tampouco de sugerir que, de alguma maneira, 'historicidade' substitua 'etnicidade'. Trata-se, antes, de levantar a hipótese de que a 'aceitação' de uma polifonia - na verdade, provavelmente, de uma disfonia - discursiva, associada às pertenças vividas como tais pelos atores, que talvez costume assumir um tipo de tema como central - em relação ao qual talvez precisem ocorrer formas, por indiretas que sejam, de 'impedimento' de controle e univocidade -, é aspecto caracterizador de 'sucesso democrático'. No caso da Irlanda, a 'história' ganhou e em parte ainda mantém esse papel - muito embora, como já mencionado em nota de rodapé, talvez equidade e justica tenham ocupado tal lugar no século XIX e início do XX, bem como haja indicadores de perda de sua centralidade nos últimos tempos²¹. Desta forma, a Irlanda - ao menos aquela, necessariamente recortada, sobre a qual se reflete -, repetindo, constitui uma excrescência no tempo-espaço e, por isso mesmo?, pode ajudar a compreender, ler e 'avançar' na aproximação de outras saliências do mundo contemporâneo. 'Outros países outras histórias' seria algo a levar ao pé da letra mas haveria que ir além, num dos caminhos possíveis de busca por 'democracia' e 'sucesso democrático': valeria a pena, caso se creia que esse é o caso, tentar encontrar dimensões - nas diversas esferas mas, para o tipo de unidades com que ainda se costuma lidar, nos países - que possam prestar-se ao exercício da pluralidade, do embate comunicativo. Serão, provavelmente, "caixas dentro de caixas" ou "prateleiras empilhadas sobre outras prateleiras". Far-nos-ão sentir que "não há nenhum ponto em que se possa dizer que é ali que o consenso termina ou começa". Por isso, neles e com eles, com todos esses bichos em movimento, talvez seja possível lançar-se num caminho que prescinda de

-

²¹ A propósito, num artigo abrangente sobre os desenvolvimentos recentes do nacionalismo, que tem como base a Irlanda, Tom Garvin coloca:

The long-term winners in this debate appear to have been those hard-headed people the lawyers, whose concept of *citizen* (another idea with classical roots) offers only a secularised and emotionally unappealing substitute for the religious, linguist, historicist, communitarian, socialist or racist ideas of the past. Academic history, long an intellectual handmaiden of nation-builders, is in trouble because its role seems less necessary than it was, and the 'death of history' in the sense of a lessened sense of the importance and immediacy of a sometimes mythicised past seems indeed to be occurring (2006; itálico no original).

GARVIN, Tom. 2006, National Identity in Ireland. *Studies:* An Irish Quarterly Review. Issue 379, vol. 95, Autumn 06. (Identity and Irish Literature). http://www.studiesirishreview.ie/j/page113. Acesso 2007-08-13.

construções que - independentemente da beleza descritiva que se lhes dê, como Geertz faz - partem de um núcleo que nega espaço e 'poder' equivalente à míriade de outros seres; outras 'culturas', outras 'etnias', outras 'políticas', outros bichos.

Um dos textos mais conhecidos e influentes de Geertz talvez seja "O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem"22. Basicamente Geertz defende que ser humano é ser cultural. Seres humanos sem cultura "seriam monstruosidades incontroláveis", "verdadeiros casos psiquiátricos" (1978: 61). Geertz substitui aí a ideia vulgar de capacidade humana de aprendizado pela de necessidade humana de aprendizado, de pertencimento a cultura, no sentido mais visceral. Numa das afirmações que praticamente ganharam caráter axiomático após a publicação de seu texto, Geertz coloca: "Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas" (Ibid: 64). De certa forma, o que creio que a Irlanda ajuda a ilustrar é que há, como, aliás, Geertz não deixa de insinuar, também um caminho inverso. Evidentemente não se trata de simetria, não é que os padrões ou sistemas culturais sejam constituídos a partir dos indivíduos de que se compõem. Trata-se, todavia, de uma 'percepção' ou 'crença' na capacidade de afetar os padrões culturais, cogente a certo ideário individualista forte no século XX, e que, de certa forma, funcionaria também como sinal de sua fluidez, de que, como Geertz destaca, apesar de serem específicos - e por isso mesmo - albergam uma imensa latitude de comportamentos.

O 'caráter democrático' estaria então ligado a essa conexão entre cultura e política, aos jogos múltiplos que fariam com que as pessoas pensassem, acreditassem que os sistemas pelos quais se orientam são também produto das suas falas sobre eles, falas que, em parte, refletem as próprias maneiras pelas quais neles se orientam. Como Geertz sempre enfatizou, não faz qualquer sentido buscar listas ou denominadores comuns. O que penso é que o pretexto da Irlanda nos permite adicionar a essa noção as falas - na sua ligação com os padrões -, uma certa forma de 'política' se for permitido colocar assim, à leitura da nossa dimensão humana corrente. Essa adição teria a vantagem de viabilizar o abandono de um núcleo de valores, ainda que diminuto, na leitura - e avaliação, talvez seja inevitável assumir essa lente - dos processos 'culturais e políticos', ao passá-la para a percepção que os sujeitos, múltiplos e mutantes, têm de sua ligação com as entidades, múltiplas e mutantes, nas quais se constróem, conectam, desligam e afetam. Com isso, a 'ideologia' deixa efetivamente de precisar ser lida

_

²² GEERTZ, Clifford. [1973] 1978, O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. ____. [1973] 1978, *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. pp. 45-66.

do lado dos 'interesses' ou do da 'tensão'; diluída num sistema cultural, que é peculiar mas cuja possível abrangência fica assim clara, é como se seu 'poder' se esvaísse, ao entrar numa dança ampla onde talvez até o próprio uso do termo perca sentido.

V

Dizer que a maioria dos paradoxos costuma ser apenas aparente não é nenhuma novidade. Assim, a ideia de que na Irlanda se contribuiu para "resolver", ou ao menos atenuar, o 'medo' de Edmund Burke talvez seja mera expressão dessa tendência dos paradoxos. Geertz destaca a ambiguidade de Burke. Ele teme as 'ideologias', causadoras de disrupções, do afastamento das certezas que ancora no covenant. Covenant, bem como ligação a comunidades de regras de vida aceitas e pactuadas, que é, todavia, na leitura de Geertz, que o associa à Inglaterra, expressão do papel de Burke "como o maior ideólogo de sua nação" (Geertz 1978, op.cit.: 190). Desta forma, pode ser importante trazer Burke para o quadro irlandês e, exatamente, para a mescla entre cultura e política que, defende-se, é aspecto notável desse quadro. O espaço facultado às múltiplas falas, às digressões sobre o que, de certa forma, ocupa o 'lugar' de um covenant, para tentar usar essa terminologia, é parte integrante de sua própria resiliência, da sobreposição entre confronto e abandono de busca por uma 'substância'. Esse desenho pode ser encarado como 'de todos' ou, ao menos, 'desprovido de donos'. Isso não implica, antes pelo contrário, que as 'falas' sejam idênticas ou tenham peso semelhante. Há desenhos, novelos que ganham contexturas mais ou menos densas e onde 'personagens' emergem inclusive como parte das articulações que redundaram no esqueleto democrático maior. Trata-se contudo de ver tais personagens não tanto pelo viés de elites, políticas ou culturais, senão pelo fato de terem sido parte, bichos relevantes, das cornucópias construídas. Conjuntos e personagens que constantemente ganham novos esqueletos, desenhos, rearranjos.

Burke, exatamente, é um desses vultos. Outra ideia força que como que sempre se impôs é a que Lévi-Strauss bem reafirmou há poucas décadas, aquilo de que Burke é um dos defensores 'clássicos' mais enfáticos e conhecidos, que as ideias e valores não crescem num vácuo, ganham conteúdo e sentido nos núcleos concretos da vida social e cultural. De maneira mais precisa, para Burke isso é algo que se deve almejar, já que ideias e valores 'espúrios' podem ganhar espaço quando tal ancoragem que defende se vê ameaçada. Deste modo é que o fantasma de Burke 'sobre' a Irlanda talvez decorra de sua 'origem' irlandesa mas também, sobretudo, dos traços que o 'dilema' com que procurou lidar imprimiu nos desenvolvimentos

irlandeses e no tipo de *covenant* - certamente com um desenho que lhe pareceria peculiar e de certa forma afastado da segurança própria do *little platoon* que o torna atraente - democrático a que se chegou. As suas 'ideias' afetaram, derivaram de 'modos de estar', 'modos de buscar agir'; fantasmaram e foram fantasmadas, entrando com densidade, a partir da teia Irlanda. Há muitos outros desses personagens: como O'Faólain, Moran, Maume, Corkery, Deane, Kiberd; como De Valera, Collins, MacManus; como os próprios autores acadêmicos contemporâneos que tratam de história ou política, a exemplo de Garvin, Deane, Bradshaw, Foster ou Kissane. A lista jamais podia ser exaustiva. Não se trata de detalhar os personagens e suas contribuições, 'políticas ou culturais', 'ideológicas', mas tão somente de trazer 'vozes', que adentraram os arcabouços democráticos que se articularam, espécie de calamares dos diferentes desenrolares ocorridos e que, por isso, nos ajudam a traçar um de seus desenhos possíveis. Na verdade talvez o próprio Geertz entre como uma dessas vozes cujos ecos permitem que a reflexão seja tanto a pretexto da Irlanda como a pretexto de democracia - um forjando o outro e sendo, por seu turno, pretexto e lugar para busca de sentidos de, e no, mundo.

Em termos lineares, o sentido 'unionista' da história quase que se poderia dizer diretamente extraído da construção burkeana nas *Reflections on the Revolution in France*. Expressou-se com clareza em torno da oposição à Home Rule²³ - a qual grassou na Irlanda do

_

²³ Em janeiro de 1801, em parte por causa do Levante de 1798, promovido sobretudo pelos United Irishmen, entrou em vigor o Act of Union, mediante o qual se extinguia o parlamento que funcionara em Dublin desde 1782, que 'passou à história' como Parlamento de Grattan, e que promulgava a união parlamentar em Westminster. Houve uma enorme quantidade de movimentos, normalmente associados à vertente constitucionalista do nacionalismo irlandês, que pleitearam a volta do parlamento a Dublin - inclusive numa certa ligação ou oscilação com os movimentos de repúdio (*repeal*) às penal laws e de libertação (*relief*) dos católicos. O termo Home Rule teria sido cunhado já na década de 1870. Segundo o *The Oxford Companion to Irish history*:

The most authoritative statement of what home rule meant was made by Isaac Butt, who envisaged an arrangement whereby Ireland, Scotland, and England would have a common sovereign, executive, and 'national council' at Westminster for the purposes of statehood in the international arena, while each country would have its own parliament for domestic affairs. (...)

Butt's approach to the home rule question was followed by his successor Parnell, and the vagueness of 'home rule' took on an enhanced importance as the character of the movement changed in the 1870s, with the decline in landlord involvement and the growing prominence of Fenians, Catholic clergy, and, from 1879, agrarian radicals. (...) Home rule took a concrete form only when Gladstone became converted to the policy and used Butt's ideas (...) as the groundwork for the home rule bill of 1886. (...) Gladstone's plan of 1886 failed to get the unanimous support of the Liberal Party. (...) to defeat it in the Commons. Nevertheless, despite its weaknesses, it became the template for the second home rule bill, rejected by the Lords in 1893, and for the third, introduced by a Liberal government dependent on Irish nationalist support in 1912. Politically, as distinct from constitutionally, the most significant weakness of the home rule schemes was the failure to cater for the specific interests of Protestant north-east Ulster; and it was from that quarter that the most strenuous opposition to home rule came in the pre-war period. The enactment of the third home rule bill in 1914, despite Ulster Unionist opposition, was purely formal, its implementation being suspended until the end of the First World War, by which time the Irish parlimentary party and home rule had been superseded by Sinn Féin and the demand for a

Norte no final do século XIX e nas duas primeiras décadas do século XX - mas deitou raízes profundas e é fácil percebê-lo no ideário 'lealista'. Na verdade, há vários debates diretos, a respeito, por exemplo, do próprio significado das medidas endossadas por Burke em finais do século XVIII. Num caso, Bew considera que se a defendida ampla emancipação - com o fim das penal laws²⁴ - dos católicos tivesse ocorrido, o apelo do republicanismo, jacobino, na Irlanda teria sido bem menor, enquanto O' Leary, por seu turno, discorda e destaca que "Burke wanted only a small number of the propertied to be enfranchised and also presumed that emancipated Catholics would be quiescent, deferential, grateful, and therefore socially conservative", deixando pois de lado as outras dimensões discriminatórias envolvidas que, essas sim, estariam associadas à afinidade com republicanismo e, sobretudo, a um ideário

republic. By a supreme historical irony the only part of Ireland to be given home rule was Unionist Ulster, which had done so much to oppose it (1988: 245-6).

CONNOLLY, S.J. (ed). 1988, Home rule. *The Oxford Companion to Irish history*. Oxford: Oxford University Press.

²⁴ A legislação que se tornou conhecida como penal laws foi exarada após a derrota das tropas de James II para as de William de Orange, marcada nas batalhas de Boyne e Aughrim, na Irlanda, em 1690 e 1691. Em 1688 - em função sobretudo dos programas de erradicação do poder e de propriedade dos chefes gaélicos e dos Anglo-Norman ou Old English (como ficaram conhecidos os descendentes da ocupação normanda no século XII) por parte de James I e de Cromwell, que incluiram projetos de colonização e de entrega de terras a soldados e chefes que lhes eram leais -, a população católica já detinha apenas 22% das terras da ilha. Em 1703, depois do "Williamite settlement" reduzira-se para 15% e em meados do século XVIII esse percentual fora reduzido a menos da metade, 7% (Kee 1989: 19). KEE, Robert. [1972] 1989, *The green flag, Volume one: The most distressful country*. London: Penguin Books. Há várias descrições do caráter, da aplicação e dos efeitos das *penal laws*. Kee provê o seguinte sumário:

The injustice and inhumanity of these laws (there was actually one curious legislative proposal to castrate Catholic priests) is here less relevant than their effect on the country's social future. For many years they excluded Catholics from all public life and much normal private social activity. They made any form of Catholic education illegal. Most important of all was the effect they had on the system of land ownership and tenure. They made it illegal for Catholics to buy land, obtain a mortgage on it, rent it at a reasonable profit or even inherit it normally. When a Catholic land-owner died his estate could not descend to his elder son by the normal law of primogeniture, but had to be divided equally among all his sons. On the other hand, if any of the sons were to turn Protestant he automatically inherited the whole estate over the heads of any elder brothers. Similarly, if the wife of a Catholic turned Protestant she automatically acquired part of her husband's estate. While a Catholic was legally allowed to rent land on a lease not exceeding thirty-one years, if he made a profit of more than one-third of his rent he might lose the lease to the first Protestant who could inform against him. In this way not only did the penal laws prevent Catholics from acquiring land by purchase or lease, they also saw to it that such land as was still left in the hands of the Catholic majority after all the confiscations dwindled with the years (Ibid: Ibid).

O próprio Edmund Burke assim se refere às penal laws (em carta a Sir Hercules Langrishe):

All the penal laws of that unparalleled code of oppression were manifestly the effects of national hatred and scorn towards a conquered people whom the victors delighted to trample upon and were not at all afraid to provoke. They were not the effect of their fears, but of their security (...) whilst that temper prevailed, and it prevailed in all its force to a time within our memory, every measure was pleasing and popular just in proportion as it tended to harass and ruin a set of people who were looked upon as enemies to God and man; indeed, as a race of savages who were a disgrace to human nature itself (*apud* MacManus 1990: 399).

MACMANUS, Seumas. [1921] [1945] [1966] 1990, *The story of the Irish race*: a popular history of Ireland. Old Greenwich (Connecticut): The Devin-Adair Company.

nacionalista. ²⁵ Outra voz próxima da de O'Leary, é a de McDowell, num artigo publicado na coletânea *The United Irishmen: republicanism, radicalism and rebellion.* ²⁶ Em 1772, Burke afirmara haver perdido interesse na política irlandesa (1993: 103) e, embora se manifestasse em 1782 favorável ao que ficou conhecido como Parlamento de Grattan, é o risco potencial associado à discriminação dos católicos na Irlanda, que também em si repudia, que o faz retornar ao tema (Ibid: 105-7). Neste sentido, McDowell defende que, tivesse sobrevivido duas ou três décadas e observado os desenvolvimentos do movimento de emancipação e da hierarquia católicos, após o Act of Union de 1800, "Burke, highly critical of democracy, concerned to defend property rights and broad in his churchmanship and his theological sympathies, would have been distressed" (Ibid: 114). Ou seja, isto tudo, à primeira vista, tornaria um anátema a simples ideia de recorrer a Burke para refletir sobre aspectos ligados a acontecimentos que, em última análise, tiveram forte coloração 'nacionalista' - o Levante de 1916, o Free State, a 'solução' da Guerra Civil e os arranjos democráticos posteriores; processo que em boa parte ganhou contextura própria em que pese a permanência ou não da 'sombra' colonial inglesa.

É todavia importante fazê-lo, por várias razões. Uma delas é não perder a dimensão da paródia, inclusive na leitura 'irlandesa' dos 'ideólogos' ingleses, como Owen Dudley Edwards, para voltar ao texto, marca: "It was as if the Irish realized that defeat gives a psychological (or, as the word is used in Ireland, a spiritual) advantage to those who sustain it. There is a widespread delusion that the Irish are anti-English. It is a very absurd one. The English have to exist in order to listen to the Irish, by way of a start, for the Irish certainly won't listen to each other" (1969, op.cit.: 28). Essa 'superioridade ter-se-ia tornado numa tônica irlandesa, que estaria presente na avaliação dos próprios 'unionistas' mas também de 'ideólogos' em geral - aqueles a que são dados espaço e alguma relevância, os de extração 'irlandesa' mas que 'optam' por se aproximar da leitura 'inglesa'. Para usar um tom mais 'sério', o advogar de certa superioridade de fato percorre parte do ideário sobre a 'cultura' irlandesa, sobretudo em autores ligados à afirmação linguística e literária - e onde não é

_

²⁵ A referência para O'Leary, mas também para o próprio Bew, é um ensaio onde O'Leary discute o livro de Paul Bew, de 2008, *Ireland*: the politics of enmity, 1789-2006. Oxford: Oxford University Press, em paralelo com uma análise da trajetória intelectual e política de Bew. O'LEARY, Brendan. 2008, A Long March: Paul Bew and Ireland's nations. *Dublin Review of Books*, Issue Number 5, Spring 2008. http://www.drb.ie/apr08_issues/a_long_march.htm . Acesso 2008-08-17.

²⁶ McDOWELL, R. B. 1993, Burke and Ireland. DICKSON, D.; KEOGH, D.; WHELAN, K. (eds). 1993, *The United Irishmen:* republicanism, radicalism and rebellion. Dublin: The Lilliput Press. pp. 102-14.

²⁷ Vários autores destacam o quão comum seria esse jogo mútuo de papéis. Declan Kiberd, por exemplo, constrói seu artigo sobre *John Bull's Other Island* [1904] de Bernard Shaw em torno dessas reafirmações / reversões de esterótipos e suas consequências sobre o desenvolvimento do enredo da peça. KIBERD, Declan. 2006, Bernard Shaw: John Bull's other Irishman. *Blackrock Society*. Proceedings, 2006. Vol. 14. pp. 34-9.

infrequente certo recurso a Burke. Além de buscar reverter as construções negativas dos 'colonizadores' a respeito do passado e de, em ligação com isso, formular propostas 'autôctones' para a época, declara-se uma positividade que teria, agora já numa leitura atual, potencial de atemporalidade e de ser sempre superior à da Inglaterra, exatamente pela experiência de colônia de que esta jamais poderá partilhar. A questão que parece, todavia, encompassar ambas as perspectivas, a 'lealista' - voltada para a defesa de um certo status quo na Irlanda do Norte - e a 'culturalista' - baseada numa afirmação da excelência irlandesa, além da República -, é mais ampla e podemos vê-la remetendo a Burke. Nesse plano, podemos pensar que, para Burke, a 'história' apareceria mais como uma chave que circunstancialmente precisa ser afirmada - e, para isso, construída - do que algo a que se deva atribuir valor em si, como base de configurações ou de sua superação. Noutros termos, interpretando Burke, a história poderia - talvez, até, deveria - assumir um papel de ideologia; o que então eventualmente se traduziria na sua capacidade de operar como sistema cultural. É claro que há bem mais do que isso em Burke - como há bem mais em Geertz - no que toca ao sentido da história: um, central, é o potencial de neutralização dos efeitos disruptivos que o aceitar da abstração, decorrente do dedutivismo cego, teria. Burke - e, de certa forma, Geertz - buscaria então, na ida e volta à concretude, a possibilidade de 'acalmar' a tensão que o descolar para sistemas genéricos, o 'abstrato' sua epítome, geraria. Na Irlanda, as falas e a contenda certamente não um valor presente em Burke e problema que Geertz de certa forma circunvalou - em torno da história teriam desempenhado esse papel, tornado fúteis esforços de afirmação de 'substâncias' únivocas e evitado que 'sistemas abstratos' dominassem a cena.

Determinada perspectiva sugere que um dos problemas de interpretar o nacionalismo e parte da historiografia irlandeses como uma espécie de reverso dos ingleses, como sugerido por Eagleton, é que Burke talvez estivesse produzindo, ele mesmo, as suas *Reflexões sobre a Revolução na França* para lidar com uma triangulação, que Burke encarava como extremamente delicada, que tinha a Irlanda não apenas como uma das pontas mas, na verdade, como foco do dilema que presidia seus enunciados. Conor Cruise O'Brien afirma que "the element of the obsessive, discerned by contemporaries, in the passion and pertinacity of his commitment (...) comes from the intensity of the internal conflict, at the level of the Irish layer" (1992²⁸: 396). Declan Kiberd, que sistematicamente propõe a leitura da Irlanda sob o

-

²⁸ O'BRIEN, Conor Cruise. 1992, *The great melody:* a thematic biography and commented anthology of Edmund Burke. London: Minerva. É possível encontrar, embora não formulada de maneira tão explícita, uma ideia análoga a respeito do foco da produção de Burke em dois trabalhos anteriores de C. C. O'BRIEN: 1968, Introduction: 'The manifesto of a counter-revolution'. in *Edmund Burke. Reflections on the Revolution in France.* London: Penguin (Classics), pp. 9-76 e 1972, An anti-Machiavel: Edmund Burke'. . . *The*

viés do 'pós-colonialismo', é ainda mais énfatico: "In no set of writings is the notion of Ireland as England's uncounscious more deeply or more sustainedly explored than in those of Edmund Burke" (1995²⁹: 17). Para Kiberd, o aviso desesperado que Burke teria em mente no tratamento da revolução francesa, é o dos efeitos - no caso da Irlanda retardados, mas com potencial explosivo permanente - da colonização inglesa da ilha menor. Acompanhando Kiberd, a relação entre as duas ilhas haveria sido tudo menos linear e nenhum autor 'irlandês' deveria ser lido sem considerar essa teia fantasmática; que, não obstante, se calca em acontecimentos históricos. Para Kiberd, Burke, portanto, não seria nenhum ideólogo de uma "sacudida Inglaterra", como Geertz refere, mas alguém que - do mesmo modo que autores indianos, paquistaneses ou nigerianos - pode e irá, mesmo que não explicitamente, falar do 'império' tal como ele é, como contentor de tragédias e opressões coloniais, todo um mundo além das "opiniões e regras de vida antigas", para retomar os termos de Geertz, a cuja garantia Burke se devota com tanto fervor. Para que tais eventos não irrompam sob a forma de um 'retorno do reprimido' há que tentar dar-lhes um estatuto de equivalência, valorizá-los como quaisquer outros acontecimentos históricos, para evitar que, para voltar a usar termos de Eagleton, sejam vividos como "past injustices [which] linger on in the present":

He contended that what happened to the native aristocracy in Ireland under Cromwell and the Penal Laws befell the nobility of France in the revolution of 1789: an overturning of a decent moral order. He believed that the same sickness lay not far beneath the composed surface of English civil society, and that it was his duty to warn people of its likely long-term effects. Under the Penal Laws in Ireland a son, simply by converting to Protestantism, could usurp his father's prerogatives, or a wife her husband's, and this Burke saw as a blueprint for revolution (Kiberd Ibid: Ibid).

Num de seus trabalhos, Seamus Deane vai além, na própria direção aqui apontada, e considera que "the relationship between the world of ideology and the world of politics is central to Burke's understanding of the Irish situation" (1985³0: 143). Numa espécie de analogia com a França, na Irlanda - bem como na Índia, embora nesta a responsabilidade recaísse sobre a Companhia das Índias Orientais -, "Burke feared the presence within the state of a highly organised group which sought to gather the reins of power into its own hands". Os mais variados grupos, "they all seemed to him dangerously insulated from the full range of complex interests which constituted the political world". É este medo - de certa forma da não incorporação dos atores e negação dos componentes da 'história' - que impediria uma formulação 'liberal' clara e que estaria na base da distinção que Burke elabora "between the

suspecting glance. (The T.S. Eliot Memorial Lectures, delivered at Eliot College in the University of Kent, at Canterbury, November, 1969). London: Faber and Faber.

²⁹ KIBERD, Declan. 1995, *Inventing Ireland*: the literature of the modern nation. London: Vintage.

³⁰ DEANE, Seamus. 1985, Edmund Burke and the ideology of Irish liberalism. KEARNEY, Richard (ed). 1995, *The Irish mind:* exploring intellectual traditions. Dublin: Wolfhound Press, pp. 141-56.

state and nation, favouring the latter as an entity which was beyond the range of doctrinaire apprehension or definition but yet was within the experience of all who formed part of its history" (Ibid: 149). Representantes posteriores da tradição liberal inglesa vão ler, na opinião de Deane adequadamente, Burke sob essa chave, dando prolongamento à sua leitura 'inglesa' do 'problema irlandês':

John Stuart Mill, Matthew Arnold and John Morley read Burke correctly in relation to Irish affairs, although their reading of those affairs left a deal to be desired. They understood (...) that large-scale disaffection and radical intellectualism formed an explosive mixture when combined together for any length of time. It was the aim and purpose of liberalism to avoid this, either by curing the disaffection, or by defusing the radical implications of the ideology, or by both (Ibid: 143).

Em suma, nesse plano relativamente direto, um ideólogo tão contumaz do liberalismo inglês quanto Edmund Burke, que deitou raízes significativas na filosofia política e que aparece como contribuição 'inglesa' a esse terreno, deve ter seu pensamento analisado, ao menos para Conor Cruise O'Brien, Declan Kiberd e Seamus Deane, levando em consideração a presença da Irlanda e a relação entre a Irlanda e a Inglaterra. Neste sentido, não é que a história tenha um sentido diferente nas duas ilhas, que signifique "for the British (...) how they have always done things", enquanto que "for some of the Irish (...) how they have always been done". Tal plano provavelmente exista mas deixa de incorporar o que seriam, pelo menos de uma certa perspectiva, as condições para que as próprias formulações diferentes se processassem e para que se possa, pois, ir além da mera ironia superficial. Há duas faces mas elas não pertencem a uma mesma inequívoca moeda, inclusive porque até aqueles referenciais comuns às duas narrativas são lidos de forma diferente em cada uma delas, tanto por um efeito de contextualização como de prisma acumulado e transformado de leitura. Noutros termos, uma 'história neutra'31 inglesa talvez tivesse sido possível sem a Irlanda. Para os autores mencionados, entre vários outros, a Irlanda tendo, contudo, sido parte e desincumbido o papel que teve no desenrolar da história moderna da Albion e de seu império passou a integrar mais do que como mera 'dominada' ou 'ocultada' - o relato da Inglaterra; como que chegou mesmo a deter o poder de definir formas, complementariedades de que, não obstante, seria capaz de escapar.

-

³¹ É deliberado o fato de não se estar usando aqui o termo historiografia. Como ficará claro mais adiante na tese, há um debate forte que é visto girar em torno da 'história'. Embora seja mais sua interpretação, em alguns casos são os próprios fatos, ou, ao menos, aspectos e detalhes, que são disputados. É sintomático, aliás, que um dos traços da insulariedade do debate irlandês seja a relativa ausência nele da discussão historiográfica mais geral, inclusive a que gira em torno do tratamento dado ao Holocausto, como Brady (1999), Curtis Jr. (1994) e Nutt (1994) destacam. BRADY, Ciaran [1994] 1999, 'Constructive and Instrumental': the dilemma of Ireland's first 'new historians'. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 3-31. CURTIS JR., L.P. 1994, The Greening of Irish history. Éire - Ireland, XXIX:2, Samhradh-Summer 1994, pp. 7-28. NUTT, Kathleen. 1994, Irish identity and the writing of history. Éire - Ireland, XXIX:2, Samhradh-Summer 1994, pp. 160-72.

Olhando esse mosaico por outro prisma, uma 'história neutra' da Irlanda parece algo que pertence ao terreno do indizível. Lyons afirma que "The tired old witticism that every time the English came within sight of solving the Irish question the Irish changed the question, contains, like most jokes about Ireland, a small grain of truth submerged in a vast sea of misconception" (1973³²: 15). É como se - e isto independentemente do grau de 'maldade' ou de 'neutralidade' que se tente atribuir ao domínio inglês sobre a Irlanda - o tratamento da história implicasse sempre em assumir juízos de valor, uma normatividade; e esta certamente não é uma concepção da qual Lyons compartilharia. Exagerando os termos e recorrendo novamente à fórmula, é como se a ausência de um 'isolamento' - que, embora não factível, tem operacionalidade como marca da diferenciação e da história que poderia ter sido, contrafatual mesmo - colocasse o passado e o relato dessa impossibilidade contíguos ao presente; a mistura peculiar do tempo contendo, em si, uma chave para diferentes modos de operar a história e o quotidiano.

Repetindo o texto usado na epígrafe, Geertz afirma que "All politics is quarrel, and power is the ordering such quarrel sorts out: that much is general. What is not general is the nature of the quarrel or the shape of the ordering" (1995³³: 39). No caso da Irlanda, no século XX, a 'natureza da disputa' passa pela ordem da história e, ao menos em parte, pela indefinição na 'forma do ordenamento', que é antes, em si, a disputa, contínua, em torno da história - bem como do papel decorrente que se lhe atribui em termos de presente; e a própria feição política e partidária contemporânea é constituída por reflexos desse embate, côsmico se a brincadeira é permitida. Handler (1988³⁴) mostrou que, no Quebec, cultura e patrimônio funcionam como foco sacralizado e fonte suposta de uma identidade que então seria passível de substantivação. Na Irlanda é a 'história' que melhor cumpriu esse papel. Todavia, como que há um repositório excessivo de passados, supostamente geradores de identidade, que, até por serem muitos e muito disputados, acabam para apontar, antes, para a querela, quando não para a talvez mais serena indefinição, nos jogos de presente e de futuro, como aspecto nodal.

Há alguns outros aspectos de Burke relevantes para entender o desenvolvimento democrático irlandês e de que forma a querela e a indefinição foram características básicas desse processo - um modo de 'solução', concerteza inesperado e distante das suas cogitações, de dilemas centrais que atravessaram seu pensamento e suas propostas. O'Leary (2008, op.

³² LYONS, F. S. L. [1963] 1973, *Ireland since the Famine*. London: Fontana Press.

³³ GEERTZ, Clifford. 1995, After the fact: two countries, four decades, one anthropologist. Cambridge (MA) e London: Harvard University Press.

³⁴ HANDLER, Richard. 1988, *Nationalism and the politics of culture in Quebec*. Madison: The University of Wisconsin Press.

cit.), opõe-se ao resgate que Paul Bew, entre outros autores, faz de Burke. Uma das razões, como vimos, estaria no nível da interpretação direta das propostas de Burke. Todavia, a argumentação mais de fundo é que, em *The politics of enmity*, Bew teria rejeitado "any comparative parallels with colonial societies to explain the politics of enmity in Ireland or to treat British imperialism as an independent causal force in explaining Irish politics", o que estaria em consonância com a recusa em perceber que "In Northern Ireland (and historic Ulster, and pre-partition Ireland) class divisions were not as politically serious as other divisions – or enmities, that is those based on nationality, ethnicity and religion". Como talvez não pudesse deixar de ser, O'Leary é um claro defensor do consocionalismo de Arend Lijphart e de sua adequação à Irlanda do Norte.

Seamus Deane, em *Foreign affections*, uma coletânea de textos a respeito de Burke, sugere que um dos 'fantasmas' centrais de Burke tivesse sido uma certa modernidade - quanto ao que seria possível perceber paralelos com Tocqueville, que também destaca³⁵.

_

The argument against uniformity and the tyranny as well as the dullness that it heralded had already been developed extensively by Burke. But with him it had been reinforced by something more than a defence of aristocratic society as aesthetically attractive. (...) The pathos of that disappearing civilisation in Burke is the greater because of the ruinous and selfish dullness that is to succeed it. Tocqueville's ostensibly more objective analysis of the conformity and uniformity of the commercial-democratic society reduces this Burkean appeal but it also incorporates something of its note of regret for such an inevitable and disenchanting transition (Ibid: 110).

No ideário liberal, Burke costuma vir mais diretamente associado ao tema da liberdade e Tocqueville ao da igualdade - sendo bem mais difícil encontrar 'pais ideológicos' para o da fraternidade (que talvez nunca tenha chegado a lhe pertencer?). Tocqueville tenderia a encarar todas as sociedades sob a mistura de elementos modernos e arcaicos e é sob esse viés também que vai interpretar a entidade política britânica ["British polity"] e a 'questão irlandesa' (Ibid: 112). A leitura da Irlanda e, em particular, da Catholic Association e do movimento liderado por O'Connell da Catholic Emancipation teria levado Tocqueville a considerar que o catolicismo favoreceria a igualdade ao passo que o protestantismo (embora não sua vertente irlandesa) favoreceria a liberdade (Ibid: 114).

Ambos se defrontam com o imperialismo, inclusive na sua manifestação na Irlanda, e sua associação com modernidade, mas Tocqueville estaria de certa forma bem mais 'preparado' do que Burke para levar adiante as consequências 'lógicas' dos postulados centrais. Burke desenvolve argumentos intricados para defender "a necessidade de reter a integridade das culturas locais no âmbito de um cenário imperial" mas isso não lhe impede de reconhecer a "violência e rapacidade da Irish Protestant Ascendancy e dos empregados da Companhia das Índias Ocidentais" (Ibid: Ibid). Burke, ao mesmo tempo que aceitava encarar o imperialismo como um "projeto melhorador ou modernizador", também considerava que, como projetos de "nation-building", precisava "learn the arts of reverence towards ancestry, antiquity, historical survival. The great antiquity of Irish or Indian civilisation should have been an educative influence on the British colonial system (...); such ancient civilisations and their laws and practices constituted versions of the Political Sublime" (Ibid: Ibid).

A violência, que Burke teme, é tanto revolucionária como imperial. A solução que Burke de certa forma dá é que a violência imperial não é constitutiva, está ligada às facções que assumiram um lugar que jamais lhes pertenceu, já que "qualquer verdadeira universalidade", como a que deseja seja uma possibilidade associada ao Império Britânico - e certamente não à Revolução Francesa - (e portanto uma espécie de antítese da 'outra' modernidade

³⁵ DEANE, Seamus. 2005, *Foreign affections:* essays on Edmund Burke. Cork: Cork University Press in association with Field Day. As afinidades e particularidades de ambos são tratadas particularmente no capítulo 1, introdutório, "Liberty: The universal event" (pp. 1-10), e 7, "Burke and Tocqueville: new worlds, new beings" (2005: 103-17) e de certa forma sintetizadas numa frase de efeito que é não obstante significativa: "Tocqueville was an aristocrat who envisioned the New World; Burke was a new man who re-envisioned the aristocratic world" (Ibid: 117). No tocante à passagem em curso para a modernidade, um dos pontos marcados por Deane a respeito dos dois autores é que:

Como é sabido, a Revolução de 1688 justificava-se por ter sido antes de tudo uma restauração. O sublime - "uma fusão de elementos religiosos e políticos que suscitam respeito temeroso e reverência", bem como terror, por sua proximidade com o poder, de que é uma modificação (2005: 88) - é para Burke, na leitura de Deane, um valor central. Está associado à defesa de uma tradição que significa sobretudo "modes of feeling that are the more precious for always being anachronistic, for being out-of-time and therefore enduring rather than in time and therefore merely fashionable or transient", sentimentos tão mais tradicionais "quanto incluíssem em si o sentido da dimensão trágica da experiência humana" (Ibid: 86-7).

O "mundo de uma modernidade sem lugar, utópica" é exatamente o oposto do representado por essa tradição, em cujas práticas costumeiras Burke acredita residirem a soberania e a fragilidade da preservação do melhor dos sistemas políticos (Ibid: 87). A abstração associada a essa modernidade, "hostil à desordem e ao intricado das comunidades humanas e suas histórias", ocorre em situações onde o monopólio do poder se concentra nas mãos de uma facção ou seita, exemplos óbvios os jacobinos franceses, os protestantes ingleses na Irlanda e os representantes na Índia da Companhia das Índias Orientais (Ibid: Ibid). O que as revoluções, a Francesa (e, antes dela, a Reforma), operam é uma substituição do "mundo real", sempre superior, pelo "mundo representado", este na verdade "um mundo, peculiar, próprio da sensibilidade e do imaginário de um indivíduo" (Ibid: 90). A ambição da Revolução Francesa foi ir além de apagar, borrar, a distinção fundamental entre o real e o imaginário. Pretendia-se desertar o primeiro, tornando-o perdido ou, na melhor das hipóteses, recuperável apenas na memória, a partir da suposição de que uma "natureza humana universal

que via se afirmar?), "could not be constitutively violent, that any violence attendant upon it was the

que via se afirmar?), "could not be constitutively violent, that any violence attendant upon it was the consequence of a local corruption or a contingency which would, in time, fade. The future would be with the empire of liberty even if, in the short or medium term, it was surrendered to revolutionary freedom" (Ibid: 9). Isto não impediu que Burke percebesse que tanto a Revolução Francesa como a dominação colonial tinham feito com que a única alternativa a elas fosse a "invenção de tradições que se lhes opunham". Assim, "Counterrevolution or national resistance could succeed in on sense against their enemy, but they could not reinstate the world that was lost; they could only pretend to do so, while actually inaugurating a new world" (Ibid: 2). Por outro lado, o conhecimento direto que Burke detinha era da Irlanda e da Grã-Bretanha, bem como da natureza mutante da relação desta com a Irlanda, com as 13 colônias da América e com a Índia, e tentou esclarecer o que seria a natureza da "nação-estado", ou do "Estado-nação como um poder imperial" (Ibid: 8). No contexto buscou - não necessariamente com muito sucesso, através da afirmação de que "o futuro estaria com o império da liberdade" e que a violência, revolucionária e imperial, era meramente contingente (Ibid: 9) como dito - demonstrar que o paradoxo que derivava dessa dualidade não era intrínseco ao Império:

He thought it possible to extend 'British liberty' to the Empire but unwise to think of liberty itself as a universal right. The successful extension of liberty was for him an exercise in prudence; the universalisation of it as an idea for humankind was an exercise in delusion. He sought to defend it against the charge of provincial inadequacy by claiming that it was because of a failure in policy not because of any inherent limitation that it had not been realised elsewhere (Ibid: 8).

se tornaria visível em si mesma". A decorrência colateral inevitável era que "os sentimentos e expectativas normais fossem brutalmente invertidos e pervertidos" (Ibid: 91).

..

Como se disse na nota de rodapé ao próprio título do capítulo, não foi possível elaborar adequadamente os demais trechos escritos a partir de Burke. O parágrafo logo acima que começa com "Seamus Deanne" era, ele próprio, o início de várias páginas que foram redigidas e que precisariam ser trabalhadas. A questão básica, que não teria sentido tratar apenas de forma leviana, era ver o temor de Burke como um temor mais geral, de abrir mão dos enquadramentos, das 'caixas' de que Geertz nos fala, da etnicidade, da nacionalidade, de outras localizações, mas também o que se expressa nos esforços de 'controle', do 'poder' e das construções acadêmicas. Colocar assim a possibilidade de que um certo olhar para a Irlanda, 'origem' de Burke, e para a experiência democrática irlandesa - essa recorrência dos paradoxos aparentes? - talvez servisse para, ao menos, abrandar tais medos e ampliar a confiança nos potenciais de liberdade, de todos. Seamus Deane coloca logo no início do livro que a própria 'pessoalidade', que ganhava sentido na época e que se expressava, por exemplo, na forma de 'cartas públicas', indicaria "his capacity to find in subjectivity a universal dimension. For him, impartiality was founded in partiality, not in its repression" (Ibid: 5). Burke estaria assim abrindo aí uma possibilidade de construções outras, de (des)mundos que, no limite, por que não?, poderiam ser uma implicação de muitos na universalidade humana.

III - Guerras de fardos ou Culturas, atemporalidades e libertações - além das "in the middle of the night"

Galleys of the Lochlanns ran here to beach, in quest of prey, their bloodbeaked prows riding low on a molten pewter surf. Danevikings, torcs of tomahawks aglitter on their breasts when Malachi wore the collar of gold. A school of turlehide whales stranded in hot noon, spouting, hobbling in the shallows. Then from the starving cagework city a horde of jerkined dwarfs, my people, with flayers' knives, running, scaling, hacking in green blubbery whalemeat. Famine, plague and slaughters. Their blood is in me, their lusts my waves. I moved among them on the frozen Liffey, that I, a changeling, among the spluttering resin fires. I spoke to no-one: none to me.

(James Joyce. "Proteu". Ulysses. 1914-1921)

I

O que fazer com a história irlandesa, em particular no que se imiscui com o domínio da Albion, é uma das questões mais constantes no 'pensamento nacional' irlandês. O ponto, na verdade, como que remete ao lugar que se poderia ou deveria atribuir à Irlanda e, consequentemente, a como qualificar o 'ser irlandês' e a experiência decorrente. Já em 1790, um dos membros do Grattan Parliament, Sir Laurence Parsons, reclamava da inferioridade irlandesa. Apesar da reforma de 1782, abolindo ambos, a Poyning's law (de 1494-95) e o ato de George I que decretava que o parlamento inglês podia legislar sobre a Irlanda, o sistema de patronagem da coroa continuava a impedir que o parlamento de Dublin tivesse poderes efetivos. A questão de Sir Parsons é, porém, mais ampla, apontando, em última análise, para a unidade e a glória que Maquiavel elabora¹:

Boast of the prosperity of your country as you may, and after all I ask: what is it but a secondary kingdom? An inferior member of a great Empire without any movement or orbit of its own... We may pride ourselves that we are a great kingdom, the fact is that we are barely known beyond the boundaries of our shores. Who out of Ireland ever hears of Ireland? Who respects us? Where are our ambassadors? What treaties do we enter into? With what nation do we make peace or war? Are we not a mere cipher in all these, and are not these what give a nation consequence and fame? (Parsons apud Kee 1989^2 : $37)^3$.

¹ Talvez seja conveniente recorrer a um comentador famoso de Maquiavel, Quentin Skinner, para corroborar a idéia. Num capítulo em que trata mais especificamente dos Comentários sobre a Primeira Década de Tito Lívio mas em que também há referências a O príncipe, Skinner afirma que, para Maquiavel,

se quisermos entender o 'que tornou possível a posição dominante' à qual a república romana foi elevada, devemos reconhecer que a resposta reside no fato de Roma possuir 'tanta virtù' e ser capaz de garantir que essa qualidade crucial fosse 'mantida naquela cidade por tantos séculos'. Foi porque os romanos 'misturaram à sua Fortuna a máxima virtù ' que eles mantiveram sua liberdade original e finalmente puderam elevar-se à condição de dominar o mundo.

Logo adiante, Skinner acrescenta: "a posse da virtù" é representada como uma disposição de fazer o que for necessário para alcançar a glória cívica e a grandeza, quer ocorra serem as ações que isto envolve de caráter intrinsecamente bom ou mau" (1988: 86). SKINNER, Quentin. [1981] 1988, Maquiavel. São Paulo: Brasiliense. ² KEE, Robert. [1972] 1989, The green flag, Volume one: The most distressful country. London: Penguin Books.

Sir Parsons não está se referindo às outras duas questões que estão na pauta do parlamento irlandês na época, a da reforma no voto e sua dependência do sistema de patronagem e o tema - mais polêmico e, por isso, deixado em segundo plano - dos três quartos católicos da população, inteiramente excluídos de voto e do direito a se elegerem para o parlamento. O ponto dele é tanto mais simples como mais 'atemporal'. Citou-se o excerto do discurso porque precisa um aspecto que frequentemente escapa ao debate a respeito dos sentidos que 'histórias nacionais' ganham. O modelo, o espelho mais comum parece ter sido o dos impérios, da honra e glória que vencem o tempo, de Roma se quisermos⁴. As demais 'histórias', a da Irlanda no caso, se constituiriam, então, por oposição a tais centralidades - e o 'passado gaélico' tem a vantagem de prover um relato de poder disperso e de descentralização⁵. A leitura de tais 'histórias' sob o viés do pós-colonialismo enfatiza os

3

³ Vale lembrar que, até ao Act of Union de 1800, Dublin era a segunda cidade mais importante do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. Nos termos de Daly: "At the time of the union Dublin was easily the second largest city in the British Isles and among the ten largest cities in Europe" (1985: 2). DALY, Mary E. 1985, *Dublin, the deposed capital:* a social and economic history, 1860-1914. Cork: Cork University Press. A Union é, aliás, normalmente responsabilizada pelo decair de Dublin, tanto em prestígio como em magnificência arquitetônica, fazendo com que, "By 1860 she was merely fifth in the U.K. rankings and by the end of the century was to suffer the ultimate indignity of being overtaken by upstart Belfast as Ireland's largest city" (Ibid: Ibid). O discurso de Sir Parsons, de 1790, está pois voltado para o papel secundário que a inclusão sob um império implicaria.

⁴ No caso da Irlanda há uma espécie de adicional de negatividade na relação com o modelo representado em Roma, como no desdém expresso por Tácito quando, em *Vida de Agrícola*, coloca este afirmando que "podia com uma legião e pouca tropas auxiliares vencer e ocupar a Hibérnia". TÁCITO. [98] 1974, *Obras menores: Diálogo dos Oradores, Vida de Agrícola, A Germânia*. Lisboa: Livros Horizonte; afirmação que Geraldus Cambrensis (Gerald of Wales) e Spenser em seu *A View of the Present State of Ireland* vão atualizar no final do século XII e em 1598, respectivamente. (Devo esta observação a Eoin O'Neill). Isto pode ajudar em parte a explicar por que é que o nacionalismo antiquário de feição romântica inglês se baseou, para sua 'oposição a Roma', mais numa idealização dos 'povos teutônicos' do que na suposta herança gaélica ao passo que na Escócia e, sobretudo, na Irlanda, a ênfase quase exclusiva foi de fato no gaelicismo. A respeito da disputa pelas 'origens' e sobre o espalhamento da 'herança' do ciclo feniano na Irlanda, cf. O'HALLORAN, Clare. 1989, Irish re-creations of the Gaelic past: the Challenge of MacPherson's Ossian. *Past & Present*, Number 124, August 1989. pp. 69-95. Sobre uma das recepções que ganhou, a autora comenta que proveu "a new powerful weapon in the attack on the 'barbarous Irish' stereotype" (1989: 89).

⁵ A título de ilustração, vale a pena citar um trecho do livro *Irish national tradition*, de Alice Stopford Green: "If we turn to Ireland (...) we find a country where for some 1,500 years, as far back as historic knowledge can reach, one national force has overshadowed and dominated all others. It has been the power of a great literary tradition. Political power was not centralized, and no single man was in a position to determine what the people should think, believe, or do" (*apud* Corkery 1989: 69). CORKERY, Daniel. [1924, 1967] 1989, *The hidden Ireland*: a study of Gaelic Munster in the eighteenth century. Dublin: Gill and MacMillan.

Em outro de seus livros, *Irish Nationality*, Stopford Green elabora o que considera ser o modelo gaélico de governo - uma espécie de democracia alargada e descentralizada *avant la lettre*, chave, segundo ela, para interpretar a história da Irlanda -, que opõe à do império romano e que considera favoravelmente como alternativa ao modelo feudal europeu, inglês em particular:

The tribal system has been much derided as the mark of a savage people, or at least of a race unable to advance beyond political infancy into a real national existence. This was not true of the Gaels. Their essential ideal of a state, and the mode of its government and preservation, was different from that of mediæval Europe, but it was not uncivilised.

The Roman Empire stamped on the minds of its subject peoples (...) the notion of a state as an organisation held together, defended, governed and policed, by a central ruler (...). The essential life of the nation came to be expressed in the will and power of its master.

efeitos da dominação. Insiste que, quando se minimiza a importância do passado colonial, o que se produz, com grande probabilidade, é um povo sem auto-confiança e facilmente *bullied* pelo estrangeiro (Kiberd 1994⁶: 96-7). Ou seja, ter-se-ia na verdade uma continuidade da dominação, um reificar permanente de que não é possível ser Roma; destino que, contudo, não só não impede como fomenta mesmo a emergência de uma produção peculiar, sobretudo nos terrenos da arte e da literatura, até porque "o conteúdo utópico da grande literatura nunca

The Gaelic idea was a wholly different one. The law with them was the law of the people. They never lost their trust in it. Hence they never exalted a central authority, for their law needed no such sanction. While the code was one for the whole race, the administration on the other hand was divided into the widest possible range of self-governing communities, which were bound together in a willing federation. (...) At the least the Irish tribal scheme of government contained as much promise of human virtue and happiness as the feudal scheme which became later the political creed of England, but which was never accepted in Ireland. Irish history can only be understood by realising this intense national life with its sure basis on the broad self-government of the people (1922: 13-5).

STOPFORD GREEN, Alice. [1911] 1922, Irish nationality. London: Williams and Norgate.

Curtis Jr., num ensaio intitulado "The greening of Irish history", destaca Alice Stopford Green como uma espécie de antecessora do anti-revisionismo entre os historiadores irlandeses - a referência mais direta, no caso, a Bradshaw -, debate de que se tratará no capítulo seguinte. Para Curtis, Green voltou atrás no tempo ao partilhar da "Young Ireland's romantic vision of Gaelic life before the coming of the Anglo-Normans" (1994: 23). Por outro lado, "In language that foreshadowed Bradshaw's (...), Green found all the ingredients of 'true democracy' and a 'true patriotism or the essential spirit of a nation' in pre-Tudor Ireland. Indeed, her devotion to the task of dignifying Irish culture and validating 'the Gaelic mystique' may explain why the title of this essay is not entirely metaphorical" (Ibid: 24). CURTIS Jr., L.P. 1994, The greening of Irish history. Éire - Ireland, XXIX:2, Samhradh-Summer 1994. pp. 7-28.

O trabalho de Alice Stopford Green pode ser situado dentro do esforço da Ascendancy de construir uma nova história para si, baseada, desde finais do século XVIII, não mais numa referência à Inglaterra mas à Irlanda que essa elite anglo-irlandesa então 'redescobre':

The Gaelic past that was discovered and appropriated by the Anglo-Irish elite in these decades was, it is true, distorted by faulty scholarship and a romantic idealization; but it was not, properly speaking, an invention or deliberate fake. What happened was that Anglo-Ireland decided to write itself out of its English-oriented ancestral history and instead to trace its cultural origins in a nationally Irish, and therefore aboriginally Gaelic, frame of reference. (...) and as relations worsened between the Anglo-Irish elite and the British government, this Gaelic history was slowly absorbed into the national narrative (Leerssen 1996:12).

LEERSSEN, Joep. 1996, Remembrance and imagination: patterns in the historical and literary representation of Ireland in the nineteenth century. Cork: Cork University Press (in association with Field Day).

George Boyce ironiza brilhantemente a valorização do celtismo pela versão nacionalista da história irlandesa:

Modern Irish nationalists would perhaps be surprised to learn that they had anything in common with Cromwellian Englishmen; but, like the radical thinkers of the English Revolution, they believed that 'our very laws were made by our conquerors'. And, just as those Englishmen appealed to Anglo-Saxon rights against seventeenth century encroachment, so did Irish nationalists appeal to Gaelic tradition against foreign innovation. 'Foreign' applied to anything which followed the Normans in 1169; and the Gaelic dispossession of the earlier inhabitants of Ireland was conveniently forgotten. (...) Nevertheless, later generations of Irishmen, whatever their political or religious complexion, have all found it necessary to come to terms with the belief that the Gaels in some sense represent 'the Irish in the infancy of their race' (1991: 25).

BOYCE, D. George. [1982] 1991, Nationalism in Ireland (Second Edition). London: Routledge.

⁶ KIBERD, Declan. 1994, Post-Colonial Ireland - 'Being different'. Ó CEALLAIGH, Daltún (ed). *Reconsiderations of Irish history and culture*. (Selected Papers from The Desmond Greaves Summer School, 1989-93). Dublin: Léirmheas for The Desmond Greaves Summer School. pp. 94-112. O capítulo XXXI de *Inventing Ireland* (pp. 551-61), que é posterior, de 1995, é, afora alguns poucos parágrafos que constam num e não noutro e vice-versa, uma transcrição literal deste artigo. Esta frase, na mesma sequência exata de texto desde o início do capítulo e do artigo, aparece assim à pg. 553. KIBERD, Declan. 1995, *Inventing Ireland*: the literature of the modern nation. London: Vintage.

pode ser inteiramente reprimido" (Kiberd Ibid: 112). Se quisermos, seria uma espécie de vitória da Grécia, de Atenas em particular, sobre Roma. O que se pode pensar, porém, é que, nessa continuação, agora invertida, do lamento de Sir Parsons, se permanece esquecendo o fato de que a 'história da dominação' foi, pelo menos, dupla; que a Inglaterra de Burke - que, como já se colocou algumas vezes, 'fantasmou' vários momentos da tese - teria sido outra sem a Irlanda mas, também, que a Irlanda sofreu a leitura de Burke. Mais ainda, se deixa de lado a positividade, a experiência, inclusive da 'história política' e da 'dominação', que vai além da díade e que, assim, foi capaz de informar, essa é a hipótese, a configuração peculiar que a democracia irlandesa assumiu; democracia de certa forma tão representante do modelo hodierno que ganhou hegemonia no 'ocidente' quanto a de qualquer outro país da área, seja ele a ex-imperial Albion ou a pouco populosa Islândia.

II

Os pressupostos políticos ocidentais não foram construídos apenas em centros, sejam eles um ou vários, apesar deste ser, com efeito, um aspecto recorrente na retórica que lhes é própria. Quando se reifica a dominação, quando se considera que o fato relevante para entender uma experiência, no caso a irlandesa, é o descentramento, acaba-se por afirmar que ela tem um caráter periférico; e isto exatamente quando, como é o caso de Kiberd, se tenta destacar que há uma espécie de adicional que essa posição provê, ao menos em certas áreas. Ainda no mesmo artigo, referindo-se a literatura, Kiberd recorre a um texto de Jorge Luiz Borges: "Borges suggested that, like the Jews in world culture, the Irish have been outstanding in English, 'because they act within that culture and at the same time do not feel tied to it by any special devotion'. This is what allows them to make innovations". E Kiberd acrescenta: "it is less a matter of the Irish mind revealing its essence than of an Irish predicament producing definite characteristics in those caught up in it" (Ibid: 110). Em outros termos, e embora Kiberd certamente não se reconhecesse nessa afirmação, o predicament implicaria em que a Irlanda fosse menor, incapaz e ausente - a não ser como periferia, espécie de sombra, de 'inconsciente', a idéia que Kiberd usa a respeito dos escritos de Burke - dos processos políticos típicos da modernidade, dado seu envelopamento sob o modo 'colônia'. Ganha relevância quando é incorporada na dimensão 'pós-colonial', quando é vista como membro de uma variedade de países que, não ausentes mas sob a égide do centro dominante, teriam sido capazes de, das sombras, refletir sobre a perenidade do mundo e das conjunturas do poder e assim passar - forjar mesmo, pode-se dizer - para a atemporalidade que seria característica do 'espírito', fruto do 'gênio' que ultrapassa a história⁷.

De certa forma, a 'pós-modernidade', que caracterizaria o momento atual, se encarregaria de 'justiçar' o passado. Para Kiberd, a correlação que Burke fazia entre os males da Revolução Francesa e os erros da dominação inglesa teria encontrado certa emenda na história política posterior. A reparação foi, porém, incompleta e isto porque o que a colonização engendrou não é solúvel na arena da política, pois esse ainda é o cenário onde o centro anterior domina; continua a tratar-se, se quisermos voltar a Sir Parsons, do terreno onde a honra e glória está adstrita a Roma e à unidade mundana do poder. Já a 'pósmodernidade' relegaria a política a um terreno secundário e a justiça poética - aqui no duplo sentido do termo - pôde fazer-se, a Irlanda emergindo de maneira destacada no redemoinho dos novos fazeres, agora múltiplos e prenhes de possibilidades, não sabidos nem controlados univocamente, mais do terreno da 'cultura' e da 'língua'. Shaun Richards defende que Kiberd, em particular em *Inventing Ireland*, é contrário ao "amálgama regressivo" de Hyde entre anglicização e modernização (1999. 57). Para Richards, "Kiberd's 'remembering', his

_

GOLDRING, Maurice. (1993), *Pleasant the scholar's life*: Irish intellectuals and the construction of the Nation State. London: Serif.

⁷ Tem-se noção dos ecos fortes do romantismo alemão que se está supondo presentes no pensamento de Kiberd quanto aso aspectos aqui esboçados. Não há proposta de elaborar este ponto em maior detalhe. Goldring é um autor que associa o nacionalismo cultural irlandês às correntes nacionalistas românticas européias. Não trata do trabalho de Kiberd, até porque enfatiza os autores, periódicos, personagens e movimentos, bem como o debate, que mais diretamente deram forma ao Free State irlandês nas suas décadas iniciais. Segundo Goldring,

In Ireland, cultural nationalism was constructed by the poetry of the Young Irelanders, the autobiographies of the Fenians, the songs and poetry of Gaelic story-tellers, the fairy-tales written by Standish O'Grady, Douglas Hyde and W.B. Yeats, petrified by Daniel Corkery into an official history in *The Hidden Ireland* which outlined the main features of an eternally sacred nation. (...) Cultural nationalism (...) tended to see the nation not as a state but as a distinctive historical community which evolved into a synthesis of the traditional and the modern (...). So cultural nationalists, in a line descending directly from Herder and Fichte, considered themselves primarily as educators (...). The success of cultural nationalism was 'to create a counter-culture, socialising through their networks an elite, a revolutionary strike force'. (...) cultural nationalism was an essential process in forging the identity of the Irish people in the sense that it helped to delineate culturally who was an Irish citizen and who was not. The Irish citizen was a Catholic, a Gaelic-speaker and a man (1993: 173-4).

O ponto, que se espera defender na sequência, é que o modelo 'pós-colonial' e a ênfase na 'cultura' - literatura em particular - de Kiberd está situado num universo semelhante ao de autores anteriores (quanto ao que se dará atenção sobretudo a Corkery).

⁸ No dia 10 de dezembro de 1997, o Departamento de Ciência Política da University College Dublin organizou um simpósio intitulado "Ireland's modernity", com Tom Garvin, Declan Kiberd, Luke Gibbons, Angela Bourke e Attracta Ingram. A fala de Declan Kiberd foi bastante no sentido que se tentou retratar aqui. Para ele, o mundo foi moderno para os que viviam dentro dessa modernidade, o que não foi o caso da Irlanda. Por exemplo, a Inglaterra pode apresentar a revolução gloriosa de 1688 como pacífica porque o lado sangrento se desenrolou na ilha menor. Os ingleses queriam tornar os irlandeses "strangers in their own country". Tudo isso teria, não obstante, corroborado para a sofisticação irlandesa atual, profundamente adaptada ao fim da modernidade, conjugando "extreme tradition and extreme innovation without feeling they're living in contradiction" (Excertos de anotações feitas).

⁹ RICHARDS, Shaun. 1999, Transcending regressive nostalgia: Declan Kiberd's *Inventing Ireland*. Études *Irlandaises*. *Irlande: Fins de Siècles*, No. 24-2, Automne 1999. pp. 57-66.

'backward look' has a revolutionary rather than regressive intent" (Ibid: 64). É possível que Richards tenha razão embora - e esse é o ponto que se tentou ressaltar - isto se dê ao custo de um afastamento da política e, nesse sentido, da história política como terreno rico para pensar a experiência e a contemporaneidade irlandesas. Na medida em que o passado é fundido sob um manto único de 'colonialismo', dimensão que também provê a nova espécie de universalidade que seria partilhada pelas ex-colônias do mundo (embora a ênfase explícita de Kiberd recaia nas ex-colônias da Inglaterra), a história deixa, nesse paradoxo aparente, de poder prover a diversidade e de ser uma das fontes de explicação para a peculiariedade da democracia irlandesa e para seu arrolar nas experiências democráticas contemporâneas.

III

A distância entre Kiberd e Douglas Hyde¹⁰ talvez também seja um fato - Kiberd certamente não recai no dualismo por vezes simplista de Hyde -, muito embora a que o separa de outros contemporâneos de Hyde, como D. P. Moran e, especialmente, Daniel Corkery deva ser nuanceada¹¹. A descrição que Maume oferece de D. P. Moran é sucinta: ele ficou

_

¹⁰ Quando faz essa afirmação, Richards está-se referindo particularmente a "The necessity for de-anglicising Ireland" (discurso que Hyde proferiu na Irish Literary Society em 1892 e que foi publicado em GAVAN DUFFY, Sir Charles; SIGENSEN, George and HYDE, Douglas. 1894, The revival of Irish literature. London). Douglas Hyde foi uma das figuras notáveis do Celtic Revival e teve papel fundamental na constituição e nos desenvolvimentos da Gaelic League (de que foi o primeiro presidente). A respeito do papel de Hyde na Gaelic League e de suas convicções, Comerford observa: "The Gaelic League made a point of declaring itself to be above and beyond political and confessional divisions. This stance was given enhanced credibility by the presence at the helm of Dr. Douglas Hyde (...). Hyde himself had come to see cultural matters as being vastly more important than politics, but he did have political learnings that were decidedly nationalist" (1989: 29). COMERFORD, R.V. 1989, Nation, Nationalism and the Irish Language. HACHEY, Thomas E. & McCAFFREY, Lawrence J. (eds). Perspectives on Irish nationalism. Lexington: The University Press of Kentucky. pp.20-41. Hyde também foi o primeiro presidente da Irlanda, empossado em 1938 (apesar da Irlanda não ser ainda uma República - que só foi declarada em 1949, quando foram rompidos os laços remanescentes com a British Commonwealth - mas de acordo com a constituição de 1937). Além disso, escreveu a peça The twisting of the rope, encenada em 1900, no âmbito da Irish National Theatre Society, sociedade que esteve diretamente ligada a George William Russell (AE), Yeats e Lady Gregory e ao começo do Abbey Theatre.

¹¹ Por vezes tem-se a impressão que a própria distância com relação a Hyde deva ser colocada sob suspeita; isto, sobretudo, porque Douglas Hyde tem uma relação estreita com seus contemporâneos, Moran e Corkery, e porque a tentação de interpretar qualquer um deles sob forma diádica é tão grande quanto a de fazê-lo com relação a Kiberd, como Richards critica. A respeito de "The necessity for de-anglicizing Ireland", O'Callaghan coloca: "Hyde's thesis was that as political Irish nationalism seemed likely to succeed (...) the terms of debate ought to return to a re-examination of the basis of Irish nationality. Hyde's suggestion was that the Irish language and the 'Gaelic tradition' constituted the ground of separateness, the basis of nationality" (1993: 148). O'CALLAGHAN, Margaret. 1993, Denis Patrick Moran and 'the Irish Colonial Condition', 1891-1921. BOYCE, D. George; ECCLESHALL, Robert and GEOGHEGAN, Vincent (eds). *Political thought in Ireland since the seventeenth century*. London and New York: Routledge. pp.146-60. Ora, como se verá no desenvolver do capítulo, com as diferenças esperadas na montagem e apresentação, a defesa da "Irish language" - em ligação com a "Gaelic tradition" - está no cerne da causa de Corkery que, como se procurará demonstrar, tem como base uma leitura da história como 'dominação' semelhante à de Kiberd. Quanto à proximidade entre Hyde e Moran, O'Callaghan afirma, referindo-se a *The philosophy of Irish Ireland*, coletânea publicada em 1905 de artigos de Moran, que saíram na *New Ireland Review* entre 1898 e 1900, que "Moran's thesis was not as simple as later

conhecido como um "aggressive and articulate exponent of a Catholic Gaelic vision of Irish identity, summed up in his slogans 'Irish Ireland' and 'The Gael must be the element that absorbs" (Maume 1995¹²: 3). Fundou e foi editor do influente semanário *The Leader* e ativo propositor de um revivalismo cultural, inclusive através da Gaelic League, que "rapidamente passou de pedir um tratamento equânime para os falantes de irlandês e o ensino da língua a quem quisesse para a defesa de uma repressão pela força da cultura anglo-irlandesa nos mesmo moldes em que a cultura gaélica havia sido reprimida" (Ibid: 54). É evidente que Kiberd não propõe nenhum revivalismo nem a construção de uma "Irish Ireland", até porque ele está produzindo after the fact, para usar o título do livro de Geertz que se usou como epígrafe do capítulo anterior. O plano é outro e escapa de qualquer ativismo mais concreto embora, em última análise, se trate também da 'vitória' da Irlanda. Na verdade, a própria defesa que Moran faz da língua irlandesa não é no sentido de aí residir a possibilidade de um retomar de passado mas de, face aos desenvolvimentos ocorridos, se constituir numa via para o reencontro com a 'especificidade' irlandesa: "Passionately devoted though he was to the language, too, it was for Moran only an instrument to be used in a more importante cause; the revival of an Irish attitude of mind" (Inglis 1960¹³: 111). Moran também argumentava que "Irish nationalism since Grattan had turned its back on its true (Gaelic) identity to pursue a political nationalism which derived from the Pale and combined romantic fantasies about Irish greatness with provincial imitation of Britain in real life" (Maume 1996¹⁴: 2); e a proposta de 'libertação', embutida nessa acusação à 'história', como se verá, ecoa em Kiberd, a despeito das diferenças nos argumentos dos dois autores.

O fim maior de Moran efetivamente era, segundo Inglis, "libertar" a Irlanda - dos 'males da história' na conformação que haviam assumido na época -, tornando-a, termo recorrente nas veiculações do próprio Moran, viril¹⁵, livre de 'cant', de *raimeis*: "his aims (...)

commentators have suggested. His prime identification was with Douglas Hyde's (...) 'The necessity for deanglicizing Ireland" (Ibid: Ibid).

¹² MAUME, Patrick. 1995, D. P. Moran. Dublin: Historical Association of Ireland (printed by Dundalgan Press). ¹³ INGLIS, Brian. (1960), Moran of *The Leader* and Ryan of the *Irish Peasant*. O'BRIEN, Conor Cruise (ed). 1960, The shaping of modern Ireland. London: Routledge & Kegan Paul. pp. 108-23.

¹⁴ MAUME, Patrick. 1996, *The rise and fall of Irish Ireland:* D. P. Moran & Daniel Corkery. Ulster Editions & Monographs. Pamphlet Series: 1. Coleraine: University of Ulster.

¹⁵ Um outro autor, O'Callaghan, assim sumariza a visão de Moran: "It was Moran's mission to polemicize and inform the people of Ireland that their sense of self was faulty and inadequate, unless linguistically and culturally grounded. He claimed to battle against a sense of national inferiority (...). Ireland was, he alleged, sunken in 'the feminine' and in need of 'the masculine' principle" (1993, op.cit.: 149). É quase impossível deixar de ver aqui ecos transformados de Sir Parsons e, talvez mais diretamente, por banal que isso possa parecer, de uma das famosas - 'infames' passagens de Maquiavel, no capítulo XXV de O Príncipe: "Estou convencido do seguinte: é melhor ser impetuoso do que tímido, porque a fortuna é mulher, e é necessário, para dominá-la, bater-lhe e contrariá-la. Vê-se que ela se deixa vencer mais pelos que agem assim do que pelos que agem friamente; e, como mulher, é sempre amiga dos jovens, porque são menos tímidos, mais ferozes e a dominam com maior audácia"

were to kill raimeis - to expose and thereby destroy cant; to kill the 'stage Irishman'; to kill bigotry; to dethrone 'Bung' - to reduce the influence of the Liquor Trade; to sweep away the Irish Party at Westminster; to industrialize Ireland (...); to make Ireland Irish; to make Ireland Catholic; and to make Ireland fit for freedom" (1960, op.cit.: 109). Moran, como Kiberd, pretende denunciar o que tem caráter 'colonial' - o que é, se quisermos, símbolo da submissão, de feminino -, para poder ir, em linguagem hodierna, além da mera transformação da Irlanda num "touristic Celtic theme park" (O'Callaghan 1993, op.cit.: 150). O alvo de Moran, porém, não é tanto a 'pérfida Albion' como sobretudo o raimeis que campeia na própria ilha menor e todas as 'falsas' idéias sobre o nacionalismo irlandês que se desenvolveram desde o final do século XVIII. Para ele, como mencionado, é a partir do parlamento de Grattan que um sentido 'errado', não viril nem auto-suficiente, de nacionalismo teria começado a grassar. O parlamento de Grattan "was the liberation text of the colony, not of the mass of the Gaelic nation. The articulation of this colonial nationalism (...) sat uneasily on remembered popular history. That disjunctive connection led, according to Moran, to a political infantilism that expressed itself in a willingness to evince blind submission to an adored leader" (Ibid: 149)¹⁶. Por outro lado, Moran "wanted Catholic puritanism to perform the role of industrialising Ireland, which was sometimes attributed to

(1990: 119). MAQUIAVEL, Nicolau. [1513] 1990, O príncipe. São Paulo: Martins Fontes. No seu tratamento da Fortuna, Maquiavel, segundo Quentin Skinner, "recorre a um estoque conhecido de imagens retóricas" (1988, op.cit.: 51), onde é nítida a influência dos moralistas romanos: "tal como os moralistas romanos, Maquiavel descarta a aquisição de riquezas como um objetivo básico, argumentando que o mais nobre propósito para um príncipe 'prudente e virtuoso' deve ser o de criar uma forma de governo 'que lhe trará honra' e dará glória ao seu nome" (Ibid: 52). O mesmo ocorre quando se trata da Fortuna: "A imagem mais vívida em que Maquiavel traduz esse sentimento do homem como senhor do seu destino é, mais uma vez, de inspiração clássica. Ressalta que 'a Fortuna é mulher'e que, por conseguinte, é prontamente seduzida por qualidades viris" (Ibid: 49-50). Não há como, nem se pretende, avançar aqui na, sem dúvida interessante, indagação a respeito de como é que o 'catolicismo puritano' defendido por Moran - distinto da versão mais 'piedosa' e 'frugal' do período de De Valera, a partir dos anos 30 do século XX - se coaduna com sua defesa da virilidade para a Irlanda, aspecto que, uma vez atingido, expressaria o ultrapassamento dos 'maus caminhos' a que líderes haviam conduzido a Irlanda, e caminhos, não fora isso, ontologicamente masculinos, Gael; a capacidade, portanto, da Irlanda não mais sucumbir nem ser manejada pelos ventos da Fortuna estava, para ele, associada à sua virilização e a um 'catolicismo puritano', que combinaria manifestação de capacidade industrial com abstencionismo (teatotalism ou quase).

¹⁶ Neste sentido, vale a pena transcrever um trecho do capítulo "The Pale and the Gael" de *The philosophy of* Irish Ireland de Moran:

Grattan truly put a new soul into Ireland, but what he vivified with it was not the once illustrious Gael, but an English-speaking, English-imitating mongrel, a people without a past, a people who, we were afterwards to see, could not by any chance, carve out a future of its own (...). It is sickening to contemplate the smug satisfaction with which at the present day Irishmen reflect on and gloat over the Dublin of those decadent 'Independent Parliament' days, (...) which the first feverish rush to turn English threw up on the surface of the polite society of those days. All the while they have no thought for the leaderless, powerless millions, the real historic Irish race - hunted to the hills, and clinging to the language which should have been that of all Irishmen: those millions that were to be slowly, insidiously conquered by all this Anglo-Irish parade of sentimental Paleism. (apud O'Callaghan1993, op.cit.: 151; itálico no original, supostamente a partir do trecho original citado).

its Protestant counterpart in industrialising Europe"¹⁷ (Maume 1995, op.cit.: 55). Ou seja, num sentido sua proposta era simples e apenas visava reverter uma afirmação de possível superioridade protestante mas, mesmo Moran, "tinha consciência do aperfeiçoamento individual viabilizado por um despertar cultural" (Brown 1985¹⁸: 57). O catolicismo, até nessa reversão, não era, porém, suficiente e o verdadeiro ser Gael, eminentemente masculino e potente, da "Irish Ireland" a realizar deve passar por uma política, que inclui a língua irlandesa, atributo essencial do 'verdadeiro nacionalismo', distinta da arena política convencional que, para ele, na realidade o encobre. A Gaelic League é, pois, o lugar dessa construção: "It was through the Gaelic revival that this shell of a political culture was to reconstitute itself and 'seduce the average snob'. (...). The Gaelic League would be the engine to remould the national character which 'as much as an individual character, cand be moulded an changed" (O'Callaghan 1993, op.cit.: 152). Os males têm origem na história recente, não são atávicos. Tiveram consequências no presente o que faz com que ações sejam fundamentais para retificá-los e conduzir o nacionalismo irlandês, o dos Gael¹⁹, a sua

_

the politicians, he suggested, were so obsessed by the need to destroy English rule in Ireland before undertaking major social and economic changes, that they opposed almost automatically any non-political movement as being a diversion from the sole object of their existence. (...) thus contributed to the shirking of responsibility and the lack of moral courage which Plunkett regarded as two of the more deplorable Irish characteristics (Ibid: Ibid).

Moran, que afirmava que o 'verdadeiro' nacionalismo, quando muito, havia passado ao largo da política e que via no industrialismo um modo fundamental de afirmar a grandeza da 'Irish nation', certamente concordou com a idéia de 'fibra moral', advogada por Plunkett. Já o 'diagnóstico' de Plunkett, a respeito de presbiterianos e católicos - Lyons afirma que, aqui, "Plunkett went on to make the worst of both worlds" (Ibid: Ibid) -, não poderia ser mais adverso à concepção de Moran. Para Plunkett, "his experience had shown him that the Roman Catholics, while freer from bigotry, 'are apathetic, thriftless and almost non-industrial, and they especially require the exercise of strenghtening influences on their moral fibre" (Lyons Ibid: Ibid). Trata-se, com efeito, de propôr uma 'fusão', até porque "north and south each had virtues the other lacked" mas, crime dos crimes para a perspectiva católica, "he concluded confortably, 'the home of the strictly civic virtues and efficiencies is Protestant Ireland" (Lyons Ibid: 74-75). Evidentemente, em Moran não há qualquer espaço para 'fusões': a "Irish Ireland" é católica. Foi por mero acidente que eficiência ou industrialismo estiveram do lado protestante e há que pugnar com veemência contra qualquer consideração a respeito de não-industrialismo ou de pouca fibra moral e masculinidade serem inerentes ao catolicismo; ainda que o remédio necessário - a injecão de forca, coragem e fibra - possa ser o de Plunkett. A Irlanda Gael, máscula e católica, que está para ser construída, exatamente se encarregará de desfazer tais imagens ao mesmo tempo em que eliminará opostos ou complementariedades.

¹⁷ Sir Horace Plunkett, que Lyons situa como defensor de uma "cultural fusion", dentro da corrente Anglo-Irish - as outras correntes no período, na análise de Lyons, são a cosmopolita e a da Irish Ireland, de que Moran seria lídimo representante -, no livro publicado em 1904, *Ireland in the new century*, vai "lecture [the Irish people] about their defect of character, most of which he attributed to the politicians and to the Roman Catholic Church" (1982: 74). LYONS, F.S.L. 1982, *Culture and anarchy in Ireland, 1890-1939* (The Ford Lectures delivered in the University of Oxford in the Hillary Term of 1978). Oxford and New York: Oxford University Press. Plunkett exibe uma crítica aos políticos - embora por razões situadas em quadros diferentes - em tons próximos aos de Moran:

¹⁸ BROWN, Terence. [1981] 1985, *Ireland, a social and cultural history, 1922-1985*. London: Fontana Press.

¹⁹ Note-se, como O'Callaghan marca com muita propriedade, que não se trata da "peasant nation" que Corkery quererá encontrar, em *Hidden Ireland*, no passado e erigir em base de futuro, como se apontará adiante: "The romanticization of 'the peasant' was central to the Anglo-Irish Literary Renaissance. Moran, however, became

verdadeira rota. Assim, o agir deve ser eminentemente mundano e contemporâneo. Trata-se de afirmar a diferença e a excelência irlandesas, de garantir, ainda, que o lamento de Sir Laurence Parsons seja revertido. Nesse contexto de idéias, a dimensão da glória e da universalidade pode ser devidamente colocada no catolicismo, sem que haja qualquer apostasia²⁰; e a independência e masculinidade dos Gael funcionará como mais uma luz nesse mundo.

the voice of the peasant as jumped-up literary hack. His position involved an insistence that the terms of the debate would be set by 'the Gael', the post peasant' (1993, op.cit.: 148).

²⁰ Brown (S.J.), num artigo de 1912, relativamente contemporâneo portanto ao *The philosophy of Irish Ireland* de Moran, este publicado em livro pela primeira vez em 1905, é exemplo de defesa de uma visão diversa - e de certa forma mais sofisticada - a respeito de 'nação' e de religião da que Moran propõe. Para Brown:

we cannot think that the Christian religion is of itself an influence that makes or deepens racial differences. So long as the unity of Christendom lasted, we believe[d] that the idea of a common Christianity was stronger than that of loyalty to separate nationalities. The enemies of Christianity were, so to speak, the national enemies of all. But when this unity was broken by the Reformation, churches, national in a new sense, sprang up, and the characters of the nations have since been strongly coloured by the complexion - often the outcome of seeming chance - of their national churches. (...)

We recognise, therefore, the part that a national religion plays in the formation of national character. But the experience of modern nations has shown the absurdity of the notion that there can be no national unity without religious unity, or, at least, a dominant religion, that difference of religion prevents devotion to a common country (Brown, S.J.1912: 504).

BROW, S.J., Stephen J. 1912, What is a nation? *Studies:* An Irish Quarterly Review of Letters, Philosophy & Science. Vol. I, No. 3, September, 1912. pp. 496-510.

O autor vai, aliás, defender uma visão do papel da história na conformação do 'patriotismo' que, mutatis mutandis, reaparece no debate irlandês contemporâneo em torno do 'revisionismo', debate de que iremos nos ocupar daqui a pouco: "A nation looks back upon its past as a lesson for its national life in the present, and as a justification of its continued national life in the future. Common memories are the nourishment of patriotism, the foundation of national counsciousness" (Ibid: 505); aspecto coeso a seu pleno endossar do que traduz ser a definição de Vico de nação: " 'a natural society of men, who, by unity of territory, of origin, of customs, and of language, are drawn into a community of life and of social conscience'" (Ibid: 510). Definição esta que é, talvez valha a pena marcar, semelhante à de Fredrik Barth para 'etnia', não fora a ênfase de Barth na auto-atribuição e atribuição por outros, até porque se está aqui num campo semântico distinto do da ênfase na 'sociedade' e na 'unidade' transcendentes de Vico. A definição de Barth, que ficou famosa: "A categorical ascription is an ethnic ascription when it classifies a person in terms of his basic, most general identity, presumptively determined by his origin and background. To the extent that actors use ethnic identities to categorize themselves and others for purposes of interaction, they form ethnic groups in this organizational sense" (1969: 34), BARTH, Fredrik. Introduction. BARTH, F. (ed), Ethnic groups and boundaries: the social organization of culture difference. London: G. Allen & Unwin. Ernest Renan, que Brown refere no seu artigo apesar de não em ligação com o título comum, numa outra definição que deitou longas raízes, de certa forma partilha dos dois campos semânticos e ideológicos, inclusive na espécie de ligação entre história e atores presentes que elabora como componentes fundamentais do 'princípio' superior e transcendente 'nação':

A nation is a soul, a spiritual principle. Two things, which in truth are but one, constitute this soul, this spiritual principle. One is in the past, the other in the present. One is the common possession of a rich heritage of memories; the other is the actual consent, the desire to live together, the will to preserve worthily the undivided inheritance which has been handed down. (...)

A nation is then a great solidarity, constituted by the sentiment of the sacrifices that its citizens have made, and of those that they feel prepared to make once more. It implies a past; but it is summed up in the present by a tangible fact - consent, the clearly expressed desire to live a common life. A nation's existence is - if you will pardon the metaphor - a daily plebiscite, as the individual's existence is a perpetual affirmation of life (1970: 80-1).

RENAN, Ernest. [1882] 1970, Qu'est-ce qu'une nation?. [1896], *The poetry of the Celtic races, and other studies by Ernest Renan*. Port Washington (NY) / London: Kennikat Press.

Já para Kiberd, houve uma vitória da Irlanda que prescinde de ativismo, mas que corresponde também, num sentido análogo ao que tem para Moran, ao ultrapassar de ser mera cópia, mera colônia da Inglaterra; sombra alargada que vai, nesse sentido, além da reversão do lugar da 'capacidade' que Moran propõe. Exatamente quando se abandona a perspectiva do industrialismo e do gaelicismo, a Irlanda surge no firmamento como vencedora, resultante inacabada e inesperada da repressão, da história de que fora objeto; o "aperfeicoamento individual", para usar os termos de Brown, quase que mais preso à suposta matriz póscolonial do que às fontes católica e gaélica de Moran - ao menos nas suas formulações anteriores ao Free State²¹. Passaram-se mais de cem anos da queda de Parnell e, assim, supostamente, não há mais uma arena em que "intelectuais das mais variadas vertentes discutiam sobre a forma da nova Irlanda" (Maume 1996, op.cit.: 1). Kiberd estaria apenas encontrando uma explicação para 'o que foi', a sua historiografía e crítica literária como que recorrendo aos atores, sejam eles intelectuais, ativistas ou 'pessoas comuns', apenas enquanto produtores de obras. A análise construir-se-ia a partir, e restringir-se-ia, a elas, ao 'gênio' onde as grandes correntes submersas acabariam por se materializar. É como se, para ele, "a natureza da disputa ou a forma da ordenação resultante" a que vimos Geertz (1995²²: 39) se referir escapassem da ordem direta do humano e passassem para a 'do espírito' - de certa forma, do que para Moran o catolicismo representava -, do mesmo modo que uma história presente relevante deveria adentrá-lo.

_

²¹ Terence Brown advoga que a dogmatização que passou a caracterizar os textos dos autores ligados ao movimento da Irish Ireland foi, essencialmente, "resultado de frustração" (1985, op.cit.: 63), face ao declínio no número de falantes de irlandês, decorrente, em parte, da emigração das fior-Ghaeltacht (áreas onde 80% ou mais da população era falante de irlandês) e das breac-Ghaeltacht (25 a 79% da população falante de irlandês); que, mesmo quando não era a causa direta no declínio, o era ao fazer com que os pais optassem pelo inglês no lugar do irlandês como língua preferencial na lide com os filhos (Ibid: 60-62). Brown é enfático quando ao "radical humanism which for many had been the most attractive aspect of its [linguistic revival] ideology" (Ibid: 60). Assim é que é sobretudo no contexto da 'desilusão', ao invés de em características intrínsecas das formulações sobre a Irish Ireland, que se deve explicar o caráter dogmático que veio a assumir, inclusive em textos de D. P. Moran e, sobretudo, no Catholic Bulletin, publicação mensal iniciada em 1911, que rapidamente "became dedicated to waging cultural and psychological war against the malign influence of Protestant Anglo-Ireland" (Ibid: 63). Creio que o argumento de Terence Brown pode, de fato, apontar para uma das dimensões envolvidas no que ele mesmo define como "conservative and authoritarian notes drowning the radical strains of their message" (Ibid: Ibid). Parece-me, contudo, incompleto, na medida em que, apesar do tom de um editorial do Catholic Bulletin de 1924 que ele transcreve ser mais explícito do que os textos por que Moran e Corkery ficaram conhecidos, a ideia base é a mesma, como inclusive se tentará apontar na sequência. Nesse editorial portanto: "The Irish nation is the Gaelic nation; its language and literature is the Gaelic language; its history is the history of the Gael. All other elements have no place in Irish national life, literature and tradition, save as far as they are assimilated into the very substance of Gaelic speech, life and thought' (Catholic Bulletin, vol. xiv, No. 4, 24 April 1924, pg. 269, apud Ibid: Ibid).

²² GEETZ, Clifford. 1995, *After the fact*: two countries, four decades, one anthropologist. Cambridge (MA) e London: Harvard University Press.

IV

O paralelo entre Kiberd e Daniel Corkery é, crê-se, bastante nítido, apesar da óbvia distinção no papel que cada um deles atribui à ação política mais direta. Kiberd virtualmente produz 'em isolamento' - a sua batalha é 'acadêmica', trabalha a interpretação da Irlanda a partir da literatura e não se quer diretamente da ordem do 'ativismo'²³, a não ser intelectual -, ao passo que para Corkery a Gaelic League - em que Moran jogou papel predominante - lhe "deu (e a muitos de seus colegas professores) uma vida social e um meio de interpretação de seu descontentamento" (Maume 1996, Ibid: 3). A impressão que se tem é, todavia, a de que há uma espécie de linhagem forte, sendo que Kiberd, na sua convicta defesa do póscolonialismo e do 'gênio' como eixos interpretativos abrangentes, tenta, precisamente, escapar da armadilha que Corkery montou para si mesmo na afirmação de um medievalismo gaélico - inclusive negador de relevância à criatividade individual - como única fonte legítima de identidade e diferença, de 'honra' para a Irlanda para voltar a usar a expressão. Noutros termos, Corkery representa uma continuação, ainda que com um outro quadro de idéias, da concepção de nacionalismo da Young Ireland²⁴ (cuja inspiração proveio de Mazzini²⁵), no que

2

²³ Guardada a distância já ressaltada acima, isto reforça a semelhança com Moran, no sentido de que este "advised his followers to concentrate on cultural revival and dismiss politics as irrelevant" (Maume 1996, op.cit.: 4). Já em Corkery a conexão é mais complexa, no sentido de que, apesar da política ser por ele considerada um terreno espúrio e menor - da mesma forma que Moran -, Corkery defendeu ardentemente a participação na guerra de independência e, pouco depois, no lado republicano da Guerra Civil.

Por 'isolamento' tampouco se quer dizer que Kiberd não venha a ser membro do Seanad, nos moldes em que Joe Lee, uma das estrelas dos historiadores de finais do século XX, se tornou em 1993, eleito pelo painel da National University of Ireland, que dispõe de três vagas. O Seanad não é, contudo, um dos orgãos mais ativos do sistema parlamentar irlandês. Curiosamente, para Inglis, "If ever a man would have made a worthy senator, it was Moran; but he was never brought in to the Senate" (1960, op.cit.: 113) - isso exatamente porque seu 'realismo' foi perdedor face às às idéias de martírio, republicanismo e vilificação do 'domínio inglês' que acabaram por dominar.

dominar. ²⁴ Um dos mais notáveis 'ancestrais' do nacionalismo cultural de Corkery é Thomas Davis, principal ideólogo do movimento Young Ireland - embora tenha morrido antes das tentativas de levante em 1848 - e um dos cofundadores do jornal *The Nation* que tinha uma circulação de 25.000 exemplares, estimando-se que cada cópia era lida, com frequência em voz alta, em público, por pelo menos dez pessoas. Na comparação que traça entre Davis e O'Connell, que foram contemporâneos, Goldring assim sintetiza Davis:

a Protestant lawyer and graduate of Trinity College, repeated Wolfe Tone's appeals to all the religions in Ireland, but primarily to the Protestant aristocracy and, in a more general way, to the cultured elite of the nation. (...). Thomas Davis stood for the spirit, culture, the elite. (...). [He] wanted to give a soul to his country. (...); Thomas Davis asked them [his compatriots] to educate themselves, to learn the history of their country, to sing and paint the heroes of the past (1993, op.cit.: 32-33).

Como Gibbons destaca, as ideias a respeito de diferentes temas de Davis não possuem a coerência de um sistema totalizante, que é próprio das de Corkery. Assim é que, "In emphasizing the ideal rather than the actual as the pre-requisite of history painting, Davis was, in fact, making a virtue of necessity for, as he candidly admits, the mundane realities of Irish life - 'an indifferently made, ordinary, not very clean, nor picturesquely-clad people'did not lend themselves to the requirements of the grand style" (1991: 100-101). Gibbons prossegue: "Davis enlisting of the aura of classical antiquity in the cause of a national art movement is ironical, given that the whole basis of the neo-classical revival in the eighteenth century was that it addressed universal themes, allowing artists to escape the limiting horizons of a particular culture or society." (Ibid: 101). GIBBONS, Luke. 1991, 'A Shadowy Narrator': history, art and romantic nationalism in Ireland, 1750-1850. BRADY, Ciaran (ed). *Ideology and the historians*. (Historical Studies XVII). Dublin: The Lilliput Press. pp.99-127.

toca à diferença e à existência de especificidades, que encontram a razão de ser para seu 'revivalismo' tanto na suposta partilha e contribuição para uma 'herança' e um 'destino' maiores como na sua irredutibilidade. Corkery acaba por ver-se preso dessa irredutibilidade, inclusive ao encarar o estado como uma "imposição estranha", uma "alien imposition", e ao "advogar a possibilidade de substituição por uma folk-culture baseada numa sociedade estática" (Maume Ibid: 7). Mais ainda, no referente do cenário irlandês, Corkery "denounces political history as irrelevant 'grubbing in alien State Papers'" e clama por sua substituição por uma história cultural (Ibid: Ibid). Para colocar este ponto de outra maneira, Corkery, ao tentar juntar a 'identidade' irlandesa oculta que julga ter encontrado com a construção de um modelo de sociedade e de cultura pós-movimento de independência em que foi ativo, cai nos inevitáveis reducionismo e fixidez que resultam do querer juntar um passado 'além da história' com um dever ser de presente. Kiberd não se vê preso desse impasse na medida em que o passado, relevante, é investido num manto comum que é também fonte de continuidade quando é transformado em 'pós' - colonial. A diversidade, por seu turno, passa a estar nos autores e nas obras literárias que eles produzem, o conjunto sendo a contribuição permanente, não estática é claro, apontando para a dimensão da cultura, entendida sobretudo como literatura, como a significativa.

Como comentado antes na tese, Corkery foi um autor de grande influência na geração de escritores e ensaístas que participaram do período da Guerra Anglo-Irlandesa e da Guerra Civil, Sean O'Faoláin e Frank O'Connor dentre os mais conhecidos. McCaffrey descreve que problemas numa perna impediram Corkery de se tornar participante da guerrilha na guerra de libertação da Irlanda, embora fosse um defensor do "blood sacrifice" e se espelhasse nos homens de ação (1973²⁶: 36). Quanto ao seu papel: "Corkery went beyond the training of creative writers. In his two books on literary criticism, *The Hidden Ireland* (1925) and *Synge and Anglo-Irish Literature* (1931), he interpreted Irish history and became a philosopher of Irish cultural nationalism, one of its most articulate spokesmen since the Young Irelanders of the 1840's" (Ibid: 37). Na opinião de Maume, *The Hidden Ireland* representou para Corkery uma "reconciliação com seu prévio nacionalismo cultural e com suas atividades políticas posteriores" (1996, op.cit.: 7) e o principal trabalho que se lhe seguiu, *Synge and Anglo-Irish*

²⁵ Para uma discussão a respeito das principais concepções de Giuseppe Mazzini, sua influência sobre movimentos nacionalistas no século XIX e a ligação de suas idéias com pensadores como Herder, Hegel, Rousseau e Lamennais, cf. McMENAMIN, Ian. 1997, Mazzini's Political Thought. (Paper submitted for publication to *History of European Ideas*, September 1997). Department of Politics, UCD. (mimeo, entregue pessoalmente).

²⁶ McCAFFREY, Lawrence J. 1973, Daniel Corkery and Irish cultural nationalism. *Éire - Ireland*, VIII:I, Earrac

McCAFFREY, Lawrence J. 1973, Daniel Corkery and Irish cultural nationalism. *Éire - Ireland*, VIII:I, Earrac
 Spring 1973. pp. 35-41.

Literature, seria "na verdade um livro profundamente confuso" (Ibid: 8); pode-se pensar que porque tributário da armadilha que Corkery criou com querer colocar o passado gaélico que ele 'descobrira', no lugar mesmo do 'renascimento' que o Celtic Revival propunha. Isto conduziu-o a um grande pessismismo quanto às possibilidades de uma literatura anglo-irlandesa e a afirmar que "an Irish literature, an Irish reading public, could only exist in the Irish language" (Ibid: 8-9).

Corkery valoriza explicitamente os movimentos românticos que estariam resgatando, sob formas nacionais, a vida que a ditadura dos moldes e da uniformidade, advinda com o Renascimento, negaria. Ao Renascimento falta 'espírito', falta 'sensibilidade', falta, em suma, vida; ele é artificial e desenraizado, representa a morte e, até que enfim, está morrendo, com a volta aos "padrões nacionais" (Corkery 1989, op.cit.: 14): "In every live country, literature is creeping back to the national hearth, as if it would there find a mother tongue in which to express its judgment on such human souls as most deeply move its affections" (Ibid: 15); e esta é a razão porque Corkery irá votar-se prioritamente para o aspecto literário da Irlanda escondida, a poesia bárdica do século XVIII. A ambição do livro é bem maior. Se essa Irlanda está oculta é porque a própria leitura dominante anteriormente feita, a de Lecky em particular, é inadequada, está presa a um formalismo que é, em última análise, produto da mesma forja, cuja agonia se deve precipitar, do Renascimento²⁷. Não é capaz de olhar para a Irlanda falante de irlandês porque não dispõe da língua e, assim, presume morto um corpo que está não apenas eminentemente vivo como que deverá transformar-se - isto via ativismo - no arauto da morte dos moldes e formas que foram incapazes de contemplá-lo. Desta maneira é que Corkery pretendia não só revelar aspectos desconsiderados pelo oponente que em particular escolhe, Lecky e sua History of Ireland in the Eighteenth Century, como, através dessa

.

²⁷ Corkery estaria assim também fazendo da necessidade uma virtude. Na sua historiografia, a Irlanda escondida, tanto a dos bardos como a dos camponeses espoliados, é prenha de características que são atributo só seu - antítese de qualquer universalidade. Nesse sentido é que se trataria, com efeito, de afirmar uma 'outra natureza' para a *Irishness*, em tudo distinta do conceito de natureza humana na pintura, heróica, Renascentista. É de certa forma irônico que essa 'outra natureza' que Corkery afirma acabe por ser nada mais do que um ideal, uma abstração equivalente à que a Renascença postula; aspecto que, evidentemente, Corkery irá negar: tanto a sua 'realidade' passada como sua transformação em prática, em futuro, é aquilo porque irá pugnar pelo restante da sua vida, inclusive orientando a redação de *Synge and Anglo-Irish Literature*. Segundo Gibbons,

The dignified concept of human nature eulogized in history painting owed its origins to a tradition of civic humanism which entered English political discourse from Renaissance political theory. Central to this tradition, as J.G.A. Pocock pointed out, was a concept of virtue based on the classical republican ideal of a dedication to the common good through full participation in political life. The common good in this sense was not to be identified with any particular interest, whether it be that of a private individual or even a particular nation. This was another way of saying it did not exist in the real world but was an ideal, an abstraction from the interests of the various individuals and social groupings which comprised the body politic (1991, op.cit.: 103).

revelação, modificar o próprio quadro que Lecky traçara (Cullen1988²⁸: 1): "we shall make on for thresholds that they never crossed, in hope that what we shall further discover will not only complete the picture they have given, but frankly alter it, as a dead thing is altered when the spirit breathes upon it and it speaks" (Corkery 1989, op.cit.: 21)²⁹. Trata-se, sim, do 'levanta-te e anda' a Lázaro, inclusive no sentido de que, uma vez a revelação feita, o mundo todo será alterado.

Para Corkery, é a própria história que tem que mudar e, mais, que cessar, quando o 'espírito' nacional - da "peasant nation" (Ibid: 23), falante de gaélico -, da Irlanda escondida e ao mesmo tempo "coterminous with Ireland itself, bounded only by the same four seas" (Ibid: 21), a bafeje; e a isso Corkery irá dedicar-se com afinco. Torna-se preciso substituir o retrato existente, a história, que é transformada em algo ativo e maligno, que tinha feito com que isso acontecesse, ao tomar, séculos antes, as terras ricas das mãos dos Gael, por uma simples afirmação, da Gaelic Ireland, auto-contida e vital (Ibid: 23); e esta não é apenas um simétrico melhor da história maligna - ou das formas mortas dos historiadores que dela participam - mas, antes, uma revelação, uma ontologia que transformará a Irlanda e sua história. Goldring exprime este ponto com grande clareza:

Historians, Daniel Corkery claimed, have ignored that unique tradition which guaranteed national continuity. They have become attached to the city, to Dublin and the Ascendancy, and turned their backs on the greater part of Ireland - the Gaelic-speaking peasantry - those who the foreigners called 'domestic enemies' or the 'savage old Irish'. They have reduced Ireland's history to its parliamentary, constitutional and aristocratic elements (1993, op.cit.: 29).

Uma vez o novo relato colocado no plano que lhe é devido, há, porém, que difundi-lo, garantir sua eleição ao pódio do ser irlandês. A literatura bárdica em irlandês é a fonte que os 'estrangeiros' não puderam penetrar. Da mesma maneira, Corkery irá buscar e 'ler corretamente' as insurreições agrárias - para ele bem mais do que isso - como expressão da Irlanda escondida e oprimida. A Guerra Anglo-Irlandesa, que redundou no Free State, está relacionada com esses movimentos: para Corkery o ímpeto nacionalista é-lhes comum - e vale lembrar que Corkery produziu *The Hidden Ireland* em 1924, no ano seguinte à Guerra Civil que sucedeu ao Anglo-Irish Treaty. Falta, contudo, a inserção adequada na 'tradição' na qual,

-

²⁸ CULLEN, Louis M. [1969] 1988, *The Hidden Ireland*: reassessment of a concept. Gigginstown: The Lilliput Press.

²⁹ Vale a pena notar que a *History of Ireland in the eighteenth century* de Lecky não se caracteriza por qualquer postura 'anti-nacionalista' - e de fato, não é por isso que Corkery irá negar-lhe revevância. No prefácio, Lecky é enfático na denúncia das atittudes da 'pérfida Albion', num tom em tudo semelhante ao da 'versão nacionalista' da história: "The suppression of the native race was carried on with a ferocity which surpassed that of Alva in the Netherlands, and which has seldom been exceed in the pages of history" (*apud* MacManus 1990: 404). MacManus, Seumas. [1921] [1945] [1966] 1990. *The story of the Irish race*: a popular history of Ireland. Old Greenwich (Connecticut): The Devin-Adair Company.

mesmo boa parte dos que participaram do lado republicano, não sabem estar; falta, portanto, gaelicizá-la, retirá-la, nesse sentido, da história que a produziu para reconduzi-la ao seu amplo berço matriz. Para Corkery, como Maume coloca: "The Hidden Ireland is hidden not only from the Ascendancy historians but from the heirs of those who inhabited it; it was its unconscious influence which provided the motive for the independence struggle, and that struggle will only be complete when the Gaelic culture which inspired it has been re-created" (1996, op.cit.: 7); e essa é a outra 'guerra civil' a que se irá votar. Corkery está nisto junto com Douglas Hyde, Moran e Eoin MacNeill, todos partilhando da ideia de que é vital a recuperação da língua irlandesa, de modo a que a civilização que pensavam estar aí consignada possa florescer (Brown 1985, op.cit.: 57). Torna-se, assim, a única forma de romper com a "opressão colonial"; entendimento que, contudo, estaria longe de auto-evidente, já que a marca mesma da opressão tinha sido transformar os irlandeses em seres "mute in their own language, ignorant of the most appropriate, perhaps the only, vessel capable of bearing that life into the future" (Ibid: Ibid). O retorno à língua 'original', que é o âmago irlandês, saibam-no ou não os irlandeses, é, desta maneira, eleito em sinônimo de trazer o "povo irlandês" de volta, para "si próprio" (Ibid: Ibid para os termos). A política educacional perseguida pelo governo irlandês pós Guerra Civil iria no mesmo sentido correto, de supor que a volta ao irlandês poderia, idealmente, eliminar a 'alienação' representada pela cultura inglesa e, de um só golpe, apagar, através do englobamento, a experiência da colonização: "The children in their Irish-speaking National Schools were not in a spiritual sense enduring any imposition. They were encountering the language of the essential Gaelic strand in Irish life, the language of the past and their own language which would eventually, the most optimistic hoped, absorb English and the cultural life associated with it" (Ibid: 59).

Quanto à da descrição 'sociológica' da 'opressão', do sistema de *land-tenure* que "worked like a screw-press", sobre a Irlanda rural e 'real', Corkery traça uma cadeia da dominação que, para ele, é o que causaria os levantes agrários que haviam irrompido³⁰. Na verdade para ele, como Corkery coloca num outro texto, trata-se de "movimentos nacionais" em tudo justificados pela presença, inclusive na própria Irlanda, do 'domínio estrangeiro': "In a country that for long has been afflicted with an ascendancy, an alien ascendancy at that, national movements are a necessity: they are an effort to attain to the normal. The vital-minded among the nation's children (...) are quickest to become conscious of how far away

_

³⁰ Whiteboys é uma designação geral do século XVIII, transformada em Ribbonmen no XIX, que encompassa uma variedade grande de movimentos de agitação agrária que ocorreram na Irlanda.

everything has strayed from the natural and native" (1929³¹, *apud* Brown 1985, op.cit.: 64). A cadeia de opressão segue um gradiente de maior afastamento, inclusive geográfico - de Londres ou Bath, passando por Dublin e chegando às *local towns* - e financeiro, até ao exercício direto da 'opressão' por "renegade Gaels and renegade Catholics"; e fica subentendido que o estado inglês e o governo nomeado para a Irlanda - bem como o modelo parlamentar em operação - são mera réplica, paralelo dessa mesma ausência e opressão. Os únicos que 'se salvam' - e cujo material ele está resgatando - são os poetas, os bardos, eles mesmos parte inseparável da Irlanda, 'oprimida' e salva em si mesma, que quer revelar. Na descrição de Corkery, a distância entre as duas Irlandas que constrói torna-se, deste modo, total, como radicalmente diferente e separada deverá ser tanto a história como a 'nova Irlanda'. Vale a pena apresentar aqui a descrição de Corkery até porque, não fora o julgamento moral conduzindo a esse esquematismo - essa díade rígida, em que ele tanta incorporar todas as relações sociais e de produção relevantes, além de marcar um dever ser -, dá razoavelmente conta do modelo geral que vigorava:

The landed proprietor - the undertaker or the undertaker's descendant - would let his estate or portion of it, ten thousand acres perhaps, to a middleman; having done this, the noble lord went away to the delights of London or Bath. The middleman, renting a large house in Dublin, then became one of the crowd of placehunters who, in the phrase of the day, spent their time in Ploughing the Half Acre - that is, the Castle yard - keeping their eyes open, pushing their children forward, and periodically petitioning to the King, through the subservient Parliament in Dublin, not to grant relief to the Catholics. The middleman usually acted as agent to a number of noble lords: impossible to oversee his far-flung and scattered acres, he in turn had recourse to men living in the various districts. These local agents, these under-agents, squireens, or stewards, usually kept an office in or near the local town. They in turn again employed bailiffs to collect the rents. These bailiffs were, in many cases, renegade Gaels and renegade Catholics; they were, indeed, the actual torturers, the actual headsmen under the horrible system. It was with them, and with the next nearest circle above them, the squireens, that the peasant came in contact; and the poets, who were, of course, peasants themselves, make us bitterly aware of what that contact meant for the harried people (Corkery 1989, op.cit.: 37).

Como Maume (1996, op.cit.: 7), Brown (1985, op. cit.: 58) e Goldring (1993, op.cit.³²) também ressaltam, Corkery está muito longe de sozinho no desenvolvimento de tal sequência

³¹ CORKERY, Daniel. 1929, Literature and life. *Irish Statesman*, 13 July 1929. p. 372.

³² Passim. Aproveito para referir um trecho do capítulo 5, onde Goldring usa a famosa frase de Walter Benjamin do capítulo "The work of art in the age of mechanical reproduction" de *Illuminations* - "All efforts to render politics aesthetic culminate in one thing: war" - como epígrafe:

In the Irish case, what came to predominate was a cultural nationalism founded on the European, essentially German tradition. The nation is a person, composed of similar Irishmen, a race apart from others. Its most striking feature, the language, was used as a proof of the long-standing existence of this race apart (...). The existence of Gaelic revealed an idyllic ancient society free and uncorrupted by foreign invasion. With the conquest by Britain came the supreme fight to reconquer the body of the nation-person, its territory, and its soul, the nation's language, culture and religion (1993: 126-128).

de idéias e tampouco se trata de uma particulariedade do nacionalismo cultural irlandês³³. Isto fica mais evidente ainda quando se considera sua construção da Irlanda escondida, os bardos como uma espécie de 'intelectuais orgânicos' *avant la lettre*, portadores de uma "grande tradição literária" que no decorrer do tempo "must have touched every active, every unclouded mind in the community" (Corkery 1989, op.cit.: 94); assim legítimos defensores da "culture's real self" (Ibid: 93), do que é, no fundo e nunca inteiramente morto, um "espírito de rebeldia" (Ibid: 92). A imagem ideal - de certa forma, o que a Irlanda recém-'libertada' deve tornar-se - é a das antigas "Gaelic houses", todos hierárquicos³⁴ - e cosmopolitas mas apenas porque primeiro firmemente assentes. Aí não haveria lugar para os males que derivam da cisão e da dominação, do individualismo, em suma, próprio do 'sistema' colonial que, inclusive, implicara na opressão e no apartar, no esconder da Irlanda real e do que ela, bafejada antes pelos bardos e agora por Corkery, sempre deveria ter sido. O eco romântico é, a um tempo, ridículo e plangente. Extremamente interessante na medida em que percorreu

³³ Na dissertação de mestrado explorei em detalhe construções literárias portuguesas da segunda metade do século XIX que apontam para polaridades - *mutatis mutandis* a inserção da produção literária no contexto português da época bem como a 'história' e as referências, inclusive geográficas e de personagens-tipo, dos escritores - estruturalmente semelhantes às de Corkery. PORTELA, Irene. 1992, Dos *brasileiros*, da civilização e

escritores - estruturalmente semelhantes às de Corkery. PORTELA, Irene. 1992, Dos *brasileiros*, da civilização e de África: um estudo antropológico da identidade nacional portuguesa na segunda metade do século XIX. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. PPGAS / MN / Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. PPGAS / MN / Universidade Federal do Rio de Janeiro. ³⁴ Aqui, mas também em outras passagens, vale-se da noção de 'hierarquia', de um sistema e práticas sociais holistas que se confrontam com a crença moderna no individualismo - bem como da discussão correlata -, tal como elaborada por Louis Dumont, por exemplo em Homo hierarchicus e Homo aequalis, e cuja relação com os desenvolvimentos modernos em torno de nação ele explorou em "Religion, polítics e society" e em L'Idéologie allemande, bem como em alguns capítulos de O individualismo. DUMONT, Louis. 1966, Homo hierarchicus: le système des castes et ses implications. Paris: Gallimard (Ed. Tel).; ___. 1977, Homo aequalis: genèse et épanouissement de l'idéologie économique. Paris: Gallimard.; ___. 1970, Religion, politics, and aociety in the individualistic universe (The Henry Myers Lecture 1970). Proceedings of The Royal Anthropological Institute of Greate Britain and Ireland for 1970.; ____. 1991, Homo equalis, II: l'idéologie allemande, France-Allemagne et retour. Paris: Gallimard.; ____. 1985, O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco. Já para concepções a respeito de 'self' e individualismo, inclusive como aparecem na crítica de Corkery, na de Kiberd a O'Faolain e Conor Cruise O'Brien e em sentidos que teriam em O'Faolain, é importante que se refira que, além de pelo L'idéologie allemande, o tratamento dado ao tema foi fortemente influenciado pela leitura do texto de Greene, "The flexibility of self", que parte da Oratio - Discurso sobre a dignidade do homem de Pico della Mirandola, e pelo livro de Greenblatt, Renaissance self-fashioning: GREENE, Thomas. 1968, The flexibility of the self in Renaissance literature. DEMETZ, P.; GREENE, T.; NELSON Jr., L. (eds). The disciplines of criticism: essays in literary theory, interpretation and history. New Haven and London: Yale University Press.; Giovanni PICO DELLA MIRANDOLA. [1496] 1998, Discurso sobre a dignidade do homem. Lisboa: Edições 70; GREENBLAT, Stephen. 1984, Renaissance self-fashioning: from More to Shakespeare. Chicago & London: The University of Chicago Press. O uso que se faz, tanto do trabalho de Dumont como destes autores é, de certa forma, indireto e, por isso, prescindiu-se de fazer referências específicas ao longo do texto. Por outro lado, mais concretamente, não haverá ocasião de discutir aqui de que forma o valor de 'individualismo' que Corkery credita ao Renascimento, que confronta ao gaelicismo e a que se opõe, se aproxima e afasta do 'self fashioning' de que Greene e Greenblatt tratam. Nesta nota de rodapé a respeito de 'leituras motivadoras', aproveita-se também para mencionar que o livro de Clifford, The predicament of culture, inspirou, ainda da mesma forma indireta, parte da discussão deste capítulo: CLIFFORD, James, 1988, The predicament of culture: twentieth-century ethnography, literature, and art. Cambridge (Mass) and London: Harvard University Press; bem como que The art of memory de Frances Yates funcionou como uma espécie de referência 'transcendente' para situar o papel que Corkery atribui à poesia bárdica e Kiberd à literatura: YATES, Frances A. [1966] 1996, The art of memory. London: Pimlico.

não poucos nacionalismos culturais e que, na Irlanda, encontrou um curso, embora sem dúvida muito peculiar, nas décadas 30 e 40 do nosso século, quando o Fianna Fáil de De Valera se assenta no poder. Vale a pena transcrever aqui parte da imagem, sendo importante notar que, neste caso, o que distingue as "Gaelic" das "Planter houses" é um "sentido de continuidade histórica" - além da "closeness to the land". Evidentemente Corkery não se dá conta do paradoxo, mas o que a sua construção da "continuidade histórica" implica é no próprio suspender e cessar da história:

We must (...) conceive of those Gaelic houses first as very much resembling the Planter houses that surrounded them - each a landmark, the centre of a little world; built of local stone after local traditions; self-supporting, seating a hundred at its tables of a daytime, marshalling its followers by the hundred; patriarchal in the vastness of its flocks and herds. But then we must, at the same time, conceive of those Gaelic houses as possessed of certain notes of their own - freer contact with Europe, a culture over and above that which they shared with their neighbours, and a sense of historic continuity, a closeness to the land, to the very pulse of it, that those Planter houses could not even dream of (Ibid: 66-67).

O capítulo de conclusão de *The Hidden Ireland* é bastante curto. Corkery reafirma, o que já se insinuava desde o início do livro, o paralelo entre a arte grega e a poesia bárdica irlandesa, ambas sacrificadas, seus aspectos essenciais incompreendidos e velados por esse "gigantesco acidente", "not duly in the nature of things", o Renascimento (Ibid: 282). Este não tem qualquer correspondência com uma "tradição", é um mal que assolou e impediu o florescer - este natural e da ordem das coisas - de tradições e sua compreensão, além da fútil busca, renascentista, por "individualidade" nas obras que elas geram e que as traduzem. Corkery afirma que "To be free of a tradition, really to know it, is to be unconscious of the moulds it is accustomed to use" (Ibid: 283). Noutros termos, é misturar-se com ela, dissolverse, abandonar quaisquer pretensões de estar produzindo como ente isolado e, assim, tornar-se um homem com a tradição, numa fusão perene. A literatura inglesa ou de "praticamente qualquer povo 'moderno'" (Ibid: Ibid), literatura na verdade como a concebe o Renascimento, não teria sobrevivido ao que a Irlanda sofreu nos séculos XVII e XVIII. A conclusão de Corkery, é, pois, a de que é irrelevante, quando não lesiva - e bem pode desaparecer da face da 'Irlanda rediviva': "In such study one also becomes aware of the violence, the annihilating violence, such moulds inflict on what we so glibly name 'individuality'. And perhaps this explains why these moulds are necessary, for such sort of individuality as they destroy is not really the man: it consists usually of merely assumed characteristics, worthy of nothing except annihilation" (Ibid: 284).

V

A ruptura entre Corkery e Frank O'Connor e Sean O'Faolain, que haviam sido seus alunos, de certa forma seus 'discípulos', é bem conhecida. É talvez possível dizer que, enquanto a sombra principal, do mundo 'externo', para além de sua mãe e seu pai pois, do segundo volume da auto-biografia de O'Connor são George William Russell (AE) e Yeats -O'Faolain ausência e presente permanente mas como colega, e isto num cenário em que quase todas as figuras do mundo literário e teatral irlandês circulam -, Corkery tem um papel semelhante no primeiro volume. Referências e memórias de Corkery aparecem no segundo volume mas o afastamento é a tônica. A despedida é como que suave. Corkery assumira uma guerra da qual O'Connor se quer ausente: "I did not enjoy my years in Cork, because it was no longer the place I had known. O'Faolain was in America and I found it impossible to talk to Corkery. He was too gentle and considerate to be rude, but he made he made it plain that he was taking sides and that I was on the wrong one³⁵" (1994³⁶: 57). O'Faolain, no "Proem" do seu King of the beggars, livro por sinal dedicado a Frank O'Connor, vai propor uma visão radicalmente diferente da de Corkery a respeito da Irlanda no século XVIII. O livro é um ensaio biográfico sobre Daniel O'Connell. O próprio período que O'Faolain define para o Proema, 1691 - assinatura do tratado de Limerick, marcando a derrota dos jacobitas e o início das Penal Laws - e 1775, ano do nascimento de O'Connell³⁷, é em si, uma certa provocação à tese de Corkery. Não há nenhuma Irlanda escondida a descobrir como não há poesia, nem literal nem metafórica, que possa reviver um corpo miserável. Para ele, a Gaelic Ireland tinha morrido no século XVIII e não havia muito sentido em tentar ressuscitá-la (Brown 1985, op. cit.: 156). Trata-se de uma nação de *beggars* - nesse sentido, O'Faolain não vai sequer tratar dos movimentos agrários dos séculos XVIII e XIX associados a Whiteboys e Ribbonmen -, os quais o carisma e a argúcia política de um indivíduo, O'Connell, que em tudo se destaca das massas que consegue juntar em manifestações-monstro, vão resgatar da sua servidão. Já os

_

³⁵ Para Lyons, Moran havia sido ainda mais radical nessa exigência de tomada de posição, ele fora "one of the most formidable opponents of cultural fusion. He was formidable because he refused to admit that a middle ground was possible" (1982, op.cit.: 61). Embora outros autores, como Inglis e O'Callaghan que vimos, encarem Moran sob uma forma mais nuanceada, segundo Lyons, para Moran, "the battle of two civilizations was the cultural form of the age-old struggle between England and Ireland. In that struggle each individual had to choose which side he or she would be on" (Ibid: Ibid).

³⁶ Os dois volumes da auto-biografía são: O'CONNOR, Frank. [1961] 1993, *An only child* e [1968] 1994, *My father's son*. Belfast: The Blackstaff Press.

³⁷ Chevenix Trench assim refere o nascimento de O'Connell e as Penal Laws: "Born on 6th August 1775, eldest son of Morgan and Catherine of Carhen, Daniel O'Connell had no personal experience of the rigours of the Penal Laws or of their less than rigorous implementation. But the former, burnt deep into the Catholic Irish counsciousness, were and are remembered from one generation to another - with 'advantages'"(1986: 12-13). CHEVENIX TRENCH, Charles. 1986, *The Great Dan:* a biography of Daniel O'Connell, the 'Liberator of Ireland'. London: Triad, Grafton Books.

poetas gaélicos, não faziam mais do que "sang of old glories from an aristocratic age, of clan chieftains, or the return of the Stuarts, all irrelevant visions to humble peasants suffering under the burdens of tyranny and manorialism" (McCaffrey 1973, op.cit.: 37). O tom obsequioso e folclórico de algumas baladas, que para Corkery era apenas um disfarce para um nacionalismo anterior - e uma camada mais profunda e atemporal - que permanecia vivo, é, para O'Faolain, antes indicador de 'ilusão', alívio benfazejo talvez, mas não mais do que isso. Para ele, The Hidden Ireland, peca por "oversoftness" e por "romantismo" 38. Contudo, "On that book will be found a tribute to the real and (from the O'Connell point of view) only value of these old traditions - their literary power to distract the hovels from their misery, and to keep, at whatever cost of illusion, their native pride alive" (1995³⁹: 36). Um sintoma da alienação histórica dos bardos - o tema forte do Proema de O'Faolain - está no seu "útlimo suspiro", "last dying spurt", em 1827, quando entretiveram uma Grande Convenção Bárdica em Dundalk: "The set subject, ironically, was 'A Welcome to Dan O'Connell'. There the poets come into line with the folk, and there they, about to die, salute their exterminator" (Ibid: Ibid). As suas trovas não eram literatura, no sentido em que, para O'Faolain, "literature must inform life, reveal its bones, or else become a mere distraction or amusement" e, assim, perdeu-se a oportunidade de que se tivessem "integrado à vida da democracia que O'Connell criou" (Ibid: 37).

O'Faolain está interessado, como ele mesmo afirma, em "realismo político" (Ibid: 36). Desta forma, ele vai, com efeito, reverter inteiramente o argumento de Corkery. O que o povo miserável tinha não era uma literatura representante de uma tradição que, uma vez reinstaurada, daria o sentido da nova Irlanda, gaélica. O que os agrupava era apenas "one possession, a not inconsiderable inheritance - their religion" (Ibid: 38). Este livro de

-

Newman, Newman's way, Lynch refere crítica de Donat O'Donnell aos dois ensaios anteriores de O'Faolain, King of beggars e The great O'Neill (sobre Hugh O'Neill, o último 'rei do Ulster' e líder da Nine Years War contra Elizabeth I, há uma produção ampla de Eoin O'Neill. Uma síntese de sua tese de doutorado sobre o tema pode ser encontrada em O'NEILL, Eoin. 2008, Guerra, formação do estado e identidade nacional nas franjas do mundo atlântico. Dados - Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 51, no 1, 2008. pp. 239-60). Para O'Donnell, estes teriam sido "Ó Faolaín's attempts to develop and illuminate half-mystical ideas of the Irish nation. These attempts were frustrated according to Mr. O'Donnell by a fundamental contradiction - 'the impossibility of making a race-religion about a 'race' that already had a quite different religion of its own as a moulder of its 'racial' character" (Lynch 1953: 628). LYNCH, Patrick. 1953, Ó Faoláin's way. The Bell: A Magazine of Ireland To-Day. Vol. XVIII, No. 10, March, 1953. pp. 628-631. A título de curiosidade, vale dizer que, no brilhante livro de McCORMACK - W.J. 1986, The battle of the books: two decades of Irish cultural debate. Gigginstown: The Lilliput Press - encontrou-se a referência de que Donat O'Donnell era um pseudônimo que Conor Cruise O'Brien utilizou para publicar textos na Bell, bem como, em 1952, para publicar o livro, na opinião de McCormack insuficientemente considerado na análise da trajetória intelectual e política de O'Brien, Maria Cross: imaginative patterns in a group of modern Catholic writers.

³⁹ O'FAOLAIN, Sean. [1938] [1980] 1995, King of the beggars - a life of Daniel O'Connell. Dublin: Poolbeg.

O'Faolain não é, nesse sentido, prospectivo: O'Connell celebrizar-se-á por conseguir o Catholic Relief Act de 1829, a partir da mobilização maciça que obtém com a Catholic Association. Apesar de sem sucesso, a campanha seguinte a que se dedica é a do Repeal do Act of Union de 1801. É para trás, portanto, que O'Faolain compõe o que seria a memória efetiva e passível de agregar a 'raça': "They had, in a word, with that one exception of their faith, nothing, neither a present, nor a past, nor a future. They had no parliament, no vote, no papers, virtually no books, no leaders - no hope. One other thing only they had. They had a cry that brought them back to first causes. That was: Remember Limerick! / They were slaves with a thirst for revenge" (Ibid: Ibid). Em suma, para O'Faolain, produzindo em 1938, não há nada imemorial, não há nenhuma 'tradição' a que voltar e pela qual pautar o futuro uma vez eliminada a coerção. O que era necessário, na conjuntura das décadas finais da primeira metade do século XIX, era um líder, capaz de viver de acordo com os tempos; ele - e não qualquer literatura saudosista - é que teria representado uma "recomposição dos variados elementos de sua raça": "His emotional instinct for life was their instinct. He vibrated as they vibrated". O século XIX requer a cena política - não a literária, menos ainda a partir de uma compreensão romântica da literatura do século anterior -, participativa, que 'resgata'. É nesse cenário que O'Connell é situado, aglutinador do verdadeiro potencial libertário, dentro da história: "He was a potential conspiracy from the day of his birth because he spoke the secret language of fellowship in helotry. No Irishman before or after him did that but Michael Davitt and, to a far less degree, Michael Collins" (Ibid: 39). É a mesma idéia, o mesmo tipo de 'realismo' e sentido de presente, que deveria basear o olhar contemporâneo dos grupos que constituem a população irlandesa; há que recusar o antiquarismo que, esse sim, lhes retiraria tanto a dimensão de presente como a da 'história real', da luta que houve até o Free State:

To us the Irish fisherman and the Irish farmer and the Irish townsman is the result of about one hundred and fifty years of struggle. And that, for history, is long enough for us. To us, Ireland is beginning, where to Corkery it is continuing. We have a sense of time, of background: we know the value of the Gaelic tongue to extend our vision of Irish life, to deepen and enrich it (...); but we cannot see the man ploughing against the sky in an aura of antiquity (1936⁴⁰ apud Brown 1985, op.cit.: 156).

O passado que importa ressaltar, as "vitórias democráticas ganhas por Daniel O'Connell no século dezenove", é o que é relevante para o presente. Quaisquer outras afirmações podem, na perspectiva de O'Faolain, ser danosas, impedindo que se situe a Irlanda moderna no contexto de um "mundo que se orienta inexoravelmente em direção à democracia" (Brown Ibid: Ibid), para o que o país já tem todos os antecedentes necessários, na figura de O'Connell. No

-

⁴⁰ O'Faolain, Sean. (1936), The Dublin Magazine, vol. XI, no. 2. pp. 60-61.

parágrafo final de *King of the beggars*, O'Faolain recorre a Lecky para fechar o retrato de O'Connell como, ao mesmo tempo, líder carismático inigualável, personificação da Irlanda, de 'realismo' e caminho de futuro - quase que uma antítese do Lázaro de Corkery porque desta feita criado e criador de si mesmo e de 'caminho' para a Irlanda -, traçado este que, de certa forma, O'Faolain propõe e que luta, ainda que no seu trabalho ensaístico e literário, por que seja seguido⁴¹:

What he gave us is hard to tell. Much good, much bad, but one thing was priceless - the principle of life as a democracy. He taught simple men to have pride, and he taught them how to fight. He gave them the elements of life-cleverness and the seed of a civilization. (...) In whatever way one might try to define the ideal life of the Irish people, his image is likely to rise before the mind - always remembering that he came at the beginning and was only following his instinct in a groping use of the material to his hand. Lecky said that he studied men, not books; in studying men he found himself, and in finding himself he presented to his people a mirror of their reality. He is interesting in a hundred ways, but in no way more interesting than in this - that he was the greatest of all Irish realists, who knew that if he could but once define, he would thereby create. He did define, and he did create. He thought a democracy and it rose. He defined himself, and his people became him. He imagined a future and the road appeared. He left his successors nothing to do but to follow him. They have added precision to his definition, but his definition is not altered; they have added to his methods, but his methods remain. You may break gold but it is gold still, fashion wood but it is wood still (1995, op. cit.: 329-30).

VI

É conveniente fazer aqui um parêntese a respeito do que Moran considerara a respeito de O'Connell - e Parnell. Isto porque Moran guarda semelhanças aparentes com O'Faolain, inclusive no partilhar com O'Faolain da crítica à romanticização e valorização indiscriminada do 'passado' e, mesmo, ao culto da língua irlandesa nos moldes de Corkery. Num certo

Thus, although he is deliberately trying to evade the romantic tradition of late nineteenth- and twentieth-century historians, influenced by the prevailing nationalistic point of view, he succumbs to his own instinctive romanticism by searching in history for heroes with whom he can identify, whose action give proof of an outlook similar to his own, and from whose behavior he can draw satisfying support for his own opinions about the new Ireland (1984: 11-2).

HARMON, Maurice. [1967] 1984, Sean O'Faolain: a critical introduction. Dublin: Wolfhound Press.

⁴¹ Na sua 'biografia' de O'Faolain, Maurice Harmon considera que O'Faolain encontrou, no retrato de O'Connell, um reflexo de suas próprias preocupações: "In creating this complex characterization O'Faolain has found satisfying reflections of his own psychological state. In depicting O'Connell's loyalty to his people he is presenting his own; by showing O'Connell's establishment of a pattern of political revolution and social reform he is expressing his own reforming instincts". Por contraste, os seus heróis ficcionais, são "frustrated reformers. All tend to be perplexed by the conditions of their time", aproximando-se da 'realidade' vivida por O'Faolain: "All reflect O'Faolain's own insecurity and lack of an intellectual perception of an emergent order. Their frustration is his; their isolation and disbelief, their recurrent, useless martyrdom is his". Assim é que, para Harmon, no desenho de O'Connell, O'Faolain dá vazão aos seus lados 'mais profundos', ainda que à distância que o caracteriza como retratista - para a Irlanda, do modelo do passado relevante que O'Connell representaria e que inaugura - e, portanto, necessariamente, não como imitador: "Daniel O'Connell is such a redeemer, a man who took the broken world of Irish life in the eighteenth century and formed a new and fruitful synthesis. In him O'Faolain's deepest needs and desires both as a person and as an artist are exemplified. It is understandable that in considering the man's political career he should be guilty of some overemphasis". De qualquer maneira, O'Faolain não teria conseguido escapar da tentação, comum a biógrafos anteriores e do seu tempo:

sentido, a idéia de 'libertação' subjacente nos escritos de Moran, parece 'antecipar' e preconizar o tipo de 'democracia alargada', que O'Faolain explorará em ensaios mais tardios, como The Irish, a que se irá. Há, contudo, uma diferença de fundo nos dois desenhos que é importante marcar. A opinião que Moran expressa a respeito de Davis e O'Connell é declaradamente diversa da de O'Faolain. Isto na própria medida em que teriam impedido ou, pelo menos, não teriam incentivado, o desenvolvimento da "auto-confiança irlandesa" que Moran almeja como expressão de "verdadeiro nacionalismo". Como já referido, para Moran o mal é anterior, provém da *Protestant nation* do período do Parlamento de Grattan, quando "the country became fixed, not as an Irish nation but as an English province" (Moran apud Lyons 1982, op.cit.: 60). Mas os líderes subsequentes também demonstraram seguir uma "ordem de prioridades errada": "O'Connell had been a disaster. Indeed, just because he was a giant in his own way, he was a gigantic disaster. (...) As for Yound Ireland, despite Davis's noble aim of reconciliation, they only compounded O'Connell's folly" (Lyons Ibid: Ibid). Nos termos de Inglis: "The original sinner, Moran thought, was Daniel O'Connell. In order to awaken the masses - a feat for which Moran greatly admired him - O'Connell had flattered them egregiously, with the intention of giving them a better conceit of themselves; a clever political ruse" (1960, op. cit.: 111) - e até aqui Moran só está, de certa forma, antecipando o que O'Faolain expressará sobre O'Connell em King of the beggars. O problema, para Moran, é que tal atitude face à liderança política se teria espalhado e não se haveria constituído como O'Faolain vai querer ler - numa experiência 'inicial' de democracia, adequada, para O'Faolain, ao século XIX, e passado que, para ele, é orientador da 'nova democracia' que almeja para a Irlanda do século XX. Para Moran, ao contrário, O'Connell fez com que os irlandeses olhassem para liderança e não para si próprios como fonte de 'libertação' e

later politicians of far less ability [than O'Connell] had continued the process until the Irish voter had come to accept flattery as their due; when a politician told them that they were the greatest, bravest, most long-suffering, noblest, and most patriotic people on earth they did not throw rotten eggs at him: they turned out for him with a torchlight procession and a band (Inglis Ibid: 111-2).

Parnell tinha sido um líder tão formidável quanto O'Connell e, não fora por sua 'queda', os rumos da Irlanda teriam sido diferentes. Ele "teria percebido a adequação de anexar a Gaelic League, já que fora um 'mestre na tática'" (O'Callaghan 1993, op.cit.: 150). Seus sucessores, porém, tinham sido "incompetentes demais para perceber sua força" (Ibid: Ibid); e aqui Moran descarta tanto o Irish Parliamentary Party como o Sinn Féin republicano de Arthur Griffith - que apelida 'the Green Hungarian band' (cf. Inglis 1960, op. cit.: 112). O que está em jogo para Moran é uma "batalha de duas civilizações" (o título do último capítulo de *The philosophy of Irish Ireland*), que, essa, é de certa forma atemporal, data ao menos do tratado

de Limerick de 1691, mas reflete sobretudo o confronto permanente entre a civilização que se impõs - pior que tudo sob um falso pretexto, uma falsa roupagem, como anglo-irlandesa -, a inglesa, e a gaélica⁴². O sentido da Irish Ireland como lado da batalha de civilizações tem que ser resgatado para que o nacionalismo seja coerente, até porque de forma alguma deve ser confundido com a política (cf. O'Callaghan 1993, op.cit.: 153) -, esta cena responsável, desde o período do Parlamento de Grattan, por que a ilusão a respeito do nacional se instaurasse. Uma vez o foco verdadeiro restabelecido, o conjunto se assentará e o catolicismo, associado a industrialismo - este último um aspecto que Moran partilha com O'Faolain, embora o termo de O'Faolain vá ser "desenvolvimento econômico" e, mais relevante, se insira num contexto e numa construção de ideias diversa -, mostrará o 'reto caminho' da Irlanda, enfim alçada ao seu lugar de merecido destaque e independência entre as nações, como na definição da Irish nation que traça, no primeiro número de *The Leader*:

a self-governing land, living, moving, and having its being in its own language, self-reliant, intellectually as well as politically independent, initiating its own reforms, developing its own manners and customs, creating its own literature out of its own distinctive consciousness, working to their fullest capacity the material resources of the country, inventing, criticizing, attempting and doing (Moran *apud* Inglis 1960, op. cit.: 115).

Com efeito, a linguagem e o desenho de Moran são distintos dos de O'Faolain na medida em que o que Moran pretende é afirmar um 'todo', uma civilização dos Gael, que tem na língua - aqui, sem dúvida, num paralelo forte com Corkery - e na religião católica, e não em quaisquer líderes, sejam eles brilhantes ou menores, seus componentes essenciais. Tais elementos são a fonte portanto, tanto da civilização como da 'raça' irlandesas; são o que individualiza, o ser Gael. Para Moran essa fonte continua viva, embora careça de 'realismo' e 'masculinidade' afirmativa - inclusive no sentido de apontar para os 'caminhos falsos' que podem impedir sua efetivação -, para garantir que sua 'vocação' inerente tenha curso. Novamente numa proximidade significativa com a construção de Corkery, no pensamento de Moran está embutida uma mistura muito peculiar de passado e futuro, como O'Callaghan refere: "Moran insists upon historical discontinuities. (...) In effect he requires an abnegation of history as lived, for history and the past as it *ought* to have been" (1993, op.cit.: 152; itálico no original). A versão de Moran é, contudo, menos 'piedosa' e menos crente numa 'justiça

⁴² Moran e outros membros do nacionalismo cultural propõem a idéia de batalha entre duas civilizações de maneira forte, tentando anular a oposição entre 'civilização' e barbárie que se afirmava, ao menos do 'lado inglês', desde Giraldus Cambrensis, no século XII, ganhando impulso com Edmund Spenser no século XVI e que voltou a ser reiterada por 'viajantes ingleses' do século XIX, como Carlyle e Charles Kingsley (cf. Lyons 1982, op.cit.: 11-2). Aliás, três anos após a publicação inicial do ensaio de Moran na *New Ireland Review*, Yeats, em 1903, usará termos idênticos para referir-se, no sentido genêrico, ao conflito de que trata Moran: "If you examine to the root a contest between two peoples, two nations, you will always find that it is really a war between two civilisations, two ideals of life (cited by Robert O'Driscoll, 'Return to the Hearthstone', in Andrew Carpenter (ed.), Place, Personality and the Irish Writer (Gerrard's Cross, 1977), p.49)" (Lyons Ibid: 61).

histórica' do que a de Corkery - e de Kiberd -, na medida em que a 'língua e cultura' irlandesas não são um fim em si nem, por si só, bastam para recuperar a 'nação'. Por outro lado, trata-se também de definir um ideal de Gael que, supostamente, existiu no passado apesar de, de fato, tal existência ou não ser uma consideração prescindível, o que não é o caso em Corkery - e que carece de re-afirmação para ter projeção ampla futura. Esse 'descaso' pelo passado, bem como a atenção prioritária às 'ilusões' da política irlandesa no lugar de à 'dominação' - aquilo, para Moran, de que efetivamente há que ganhar 'libertação' -, é coerente com que a definição de que a 'nação irlandesa' a vigir pressuponha e englobe o que os Gaels deverão ser - muito mais, portanto, do que foram ou não: cada membro apenas um performador da energia masculina que animará o conjunto do corpo. Deste modo, o desenho de O'Faolain de uma 'democracia alargada' é profundamente diferente da nação Gael de Moran, exatamente porque O'Faolain estará negando validade a definições abrangentes do ser irlandês, tanto as baseadas num modelo estreito de catolicismo como na língua. É também neste sentido que, embora advogando uma 'libertação' do 'passado', tanto do antiquarista como do que é fascinado pela 'dominação inglesa', O'Faolain quer resgatar períodos e líderes recentes que estariam na base da história nacional como caminho para a democracia que defende. Assim é que Daniel O'Connell, Michael Davitt e Michael Collins (a emergência de Collins na cena política irlandesa é posterior aos principais escritos de Moran) são, para O'Faolain, figuras chave porque associadas, exatamente, a diferentes momentos da história e a características peculiares que a 'massa' dos irlandeses assumiu em cada período. A democracia que O'Faolain julga devida para os dias correntes é, pois, fruto de uma história recente, de transformações que a tornaram viável e, desta forma, algo a ser defendido. Nesse quase que oposto da trans-historicidade de Moran, precisou de líderes para que, agora, a liderança seja dispensável e seu 'espalhamento' a característica notável.

VII

Voltando mais diretamente para Corkery e O'Faolain, segundo Larkin - que ao longo do seu artigo enfatiza que O'Faolain tem mais em comum com seu professor, Corkery, do que provavelmente se dá conta (1973⁴³: 45) -, é pela "natureza do nacionalismo" - "it demands sincerity, integrity, style for its utterances, in other words, poetry" (Corkery *apud* Larkin Ibid: 44) - que o "nacionalismo cultural pressupõe um trabalho mais fundamental do que o nacionalismo político" (Ibid: Ibid). Dito de outra maneira, a partir da distinção entre

-

⁴³ LARKIN, Emmet. 1973, A reconsideration: Daniel Corkery and his ideas on cultural nationalism. *Éire - Ireland*, VIII:I, Earrach - Spring 1973. pp. 42-51.

"nation building" e "state-building" a tarefa é, para Corkery, da ordem da primeira. Assim é que a 'identidade' pela qual se há de pugnar é aquela que é única e que a ordem da política não endereça senão superficialmente. O terreno da 'cultura', da literatura em particular, é o que carrega esse potencial realizador; e a língua é seu veículo. Neste terreno, para Corkery, duas 'tradições' estariam em disputa na Irlanda: uma "nativa" e a outra "estrangeira", "alien" (Ibid: 46), sendo que a nativa, a da "real nation", engloba também a dimensão religiosa, o catolicismo. A política, que não seja a cultural, é incapaz de abarcar o nacionalismo e tem como agravante o ter-se travado num terreno de que a 'nação' estava ausente; inglês em todos os sentidos. Seria nesse contexto de idéias que, por um lado, Corkery irá negar negar validade à literatura anglo-irlandesa. Ele está, deste modo, preso da sua crença e afirmação de que é no terreno da língua - do inconsciente, se quisermos usar uma terminologia mais próxima de Kiberd - que a 'verdadeira independência' teria que estabelecer-se. Paradoxalmente, uma figura como O'Connell⁴⁴ - pecado grave, apesar de ter o irlandês como sua primeira língua, recusava-se a usá-la nas suas transações diretamente políticas 45 -, bem como seus exdiscípulos, que tiveram em Corkery um grande estímulo para lutar na Guerra Civil pelo lado republicano, homens de letras contemporâneos que se alinham com o movimento literário anglo-irlandês - até porque insistem em escrever em inglês -, precisam ter seu papel reduzido a quase nada; a menos que, como ele, Corkery decreta, aceitem ser sujeitos da língua, da tradição, da tarefa de obrar a cultura nacional. Obrigação evidentemente paradoxal na medida

-

⁴⁴ Para Corkery, como Goldring nota, O'Connell não deixa de ser um herói legítimo do panteão irlandês: "For Daniel Corkery, Wolfe Tone was not to be considered as a 'political leader', no doubt because he could not forgive the rebellious Protestant his dislike of traditional singing and mores. Daniel O'Connell is a hero more to his heart, and with his arrival Ireland awoke, shook off a long period of passivity and showed her strenght" (1993, op.cit.: 31). O problema - para Corkery como para outros autores do nacionalismo cultural - representado por O'Connell, como, aliás, também por Parnell, persiste, contudo:

One of the major dilemmas for the 'poets' was how to reconcile the role of prophet - of which they dreamed - and their literary desire to overturn a certain number of prejudices. (...)

They reconciled their contradiction rather unsatisfactorily. Their models for influencing the masses were indeed those of O'Connell and Parnell, but O'Connell's and Parnell's power was due to their development and exploitation of themes inspired by dominant and generally accepted ideas (Ibid: 25).

⁴⁵ A respeito disto, Lyons comenta, referindo também um livro clássico de Macintyre: "Daniel O'Connell, himself the product of an Irish speaking environment, had turned his back on the language. 'I am suficiently utilitarian', he proclaimed, 'not to regret its gradual passing'. His own movements for Catholic emancipation and for repeal of the Union further contributed to the decline of Irish, since the mass meetings and the popular propaganda which were central to his agtitation were conducted primarily in English" (1982, op.cit.: 9). O trecho de O'Connell que Macintyre refere (extraído de DAUNT, W. J. O'Neill. 1848, *Personal recollections of Daniel O'Connell*, vol. I, pp. 14-5) é um tudo nada diferente da citação de Lyons: "'I am sufficiently utilitarian not to regret its gradual abandonment'" (1965: 128). MacINTYRE, Angus. 1965, *The Liberator*: Daniel O'Connell and the Irish Party, 1830-1847. London: Hamish Hamilton. D.P. Moran é, neste sentido, mais crítico de O'Connell do que Corkery. Segundo Lyons, "from this standpoint, O'Connell had been a disaster. Indeed, just because he was a giant in his own way, he was a gigantic disaster" (1982, op. cit.: 60). Na coletânea, *The philosophy of Irish Ireland*, Moran afirma "He did more than any other man (...) to kill the Gaelic language and distinctive nature of the people" (1905: 34 *apud* Lyons Ibid: Ibid).

em que Corkery afirmava que era porque estava no âmago do 'ser irlandês', porque nunca desaparecera, que devia ter continuidade.

Na sua auto-biografia, significativamente intitulada *Vive Moi!*⁴⁶, O'Faolain, num capítulo que inclui a narrativa de sua disputa com seu "antigo amigo" Corkery pela cátedra de Inglês na University College Cork, menciona *Synge and Anglo-Irish literature* como "not, to put it mildly, a very good book" (Ibid: 258)⁴⁷. Para Maume, a "negação do individualismo" por Corkery, exibida com particular clareza nesse livro, também destruiria sua relação com O'Connor and O'Faolain (1996, op.cit.: 8). Corkery insiste num passado, numa tradição e num gaelicismo como únicas fontes de nacionalidade irlandesa, que devem, inclusive, orientar a avaliação da produção literária contemporânea; e que só será, pois, legítima quando fruto dessa tradição - além de na língua irlandesa - que para Corkery, como vimos, implica uma 'fusão' e uma espécie de ausência de autoria individual. É nessa base que Corkery, em *Synge*, irá negar validade ao Celtic Revival:

He insisted that the Dublin school led by Yeats did not produce a truly national literature. Corkery argued that a national writer should be 'one with his people', participating in their historical experience, sharing their frustrations, expressing their hopes. He must describe, discuss, and contribute to the forces molding the nation. (...) The writer's standard of criticism must be the standard of the people. The Anglo-Irish writers failed to meet Corkery's qualifications.

Corkery decided that Yeats and his colleagues were not of the Irish people. They were rootless colonials, more British than Irish (McCaffrey 1973, op.cit.: 38).

Nos termos do próprio Corkery, não se trata de recusar o Celtic Revival *in totum*, mas de perceber a literatura dos autores que produzem à sua sombra como meramente exótica, com certeza estranha à 'realidade' irlandesa, contexto face ao qual sua "impropriedade", sua "impertinence" se revela:

⁴⁶ O'FAOLAIN, Sean. [1963] 1965, *Vive Moi!* - an autobiography. London: Rupert Hart-Davis. É deliciosa a descrição que O'Faolain provê da escolha do título:

It is in this chaste and chastened mood of surrender and acceptance, all boasting done, that I call this book *Vive Moi!* I am where and what I was born. The two wry words of French came to me from a long brick garden wall in Paris on which somebody had chalked the words VIVE PÉTAIN, which another hand had crossed out and followed with VIVE BIDAULT, and another crossed out in favour of VIVE MENDÈS FRANCE, and yet another rejected to write VIVE DE GAULLE, until one last wavering, wandering drunken hand drew a line through the whole bang lot and signed himself with a flourish VIVE MOI! (...) So, in his footsteps, do I write now, borrowing his piece of chalk (1965: 10).

⁴⁷ Esta breve menção a Corkery e a seu *Synge* é um contraste flagrante com o carinho que O'Faolain demonstra na descrição de sua relação com Corkery na juventude e o elogio que tece ao único romance de Corkery, *The threshold of quiet*, num capítulo anterior de *Vive Moi!*:

In the whole history of the city [Cork] I know only one writer who never left it, that kindly and most hospitable man, Daniel Corkery, who warmly encouraged me in my first efforts at writing. He was a teacher in an elementary school (...). By hard self-discipline, for his profession was an exhausting one, he (...) published a novel of real quality, *The Threshold of Quiet*, not only a far better novel than most Irish novels but one of the best Irish novels ever written, far and away better certainly than any I ever wrote, as well as some short stories of merit. (...)

In the boredom of Cork I do not know what I would have done without his friendly door (1965, op.cit.: 133-4).

_

If one approaches 'Celtic Revival' poetry as an exotic, then one is in a mood to appreciate its subtle rhythms, and its quiet tones; but if one continues to live within the Irish seas, travelling the roads of the land, then the whitewalled houses, the farming life, the hill-top chapel, the memorial cross above some peasant's grave (...) impressing themselves as the living pieties of life must impress themselves upon the imagination, growing into it, dominanting it, all this poetry becomes after a time little else than an impertinence (1966⁴⁸ apud Brown 1985, op.cit.: 65).

Na verdade, na opinião de Larkin, o que Corkery estaria preocupado seria com "the danger (...) that Irish writers in English would continue to be absorbed by a more powerful English culture, and Irish literature would remain provincial" (1973, op.cit.: 48). Larkin considera que a oposição de Corkery ao que era o gênio excepcional da tradição anglo-irlandesa (Ibid: Ibid) devia-se essencialmente à sua recusa em aceitar o emblema religioso, católico, como dominante - opondo-se, neste sentido, a Moran. É a Irishness, que para Corkery é sinônimo de gaelicismo, que deve englobar; e isto num modelo que vai além da afirmação de Moran, mais atreita à possibilidade de que fontes diferentes conduzam à masculinidade da Irish Ireland. Trata-se, nos termos de Brown, de uma "essential Irish mind", que, ao mesmo tempo, é pertença e precisa exprimir-se numa "literatura irlandesa autêntica", que deve, para Corkery, sem que haja aí qualquer contradição, "exibir as virtudes do classicismo" (1985, op. cit: 66-7). Para que não se estiole precisa de novos bardos, cordatos com o espírito da língua, que revelem sua grandeza, seu não provincialismo e que, assim, sejam capazes de manter acesa a compreensão que os próprios estado e igreja estão "obrigados à nação" (Larkin 1973, op.cit.: 50) 49, que é um corpo vivo em permanente expansão. O'Faolain concordaria com Larkin mas

_

⁴⁸ CORKERY, Daniel. [1931] 1966, Synge and Anglo-Irish literature. Cork: The Mercier Press. p. 24.

⁴⁹ É importante notar, como já mencionado rapidamente, que, embora os vocalizadores mais explícitos da Irish Ireland, D. P. Moran, Eoin MacNeill e Daniel Corkery, todos concordassem com que se devia obedecer a um "imperativo nacional" e respeitar a "verdadeira identidade irlandesa", havia diferenças importantes na concepção dessa identidade e na ordem de 'prioridade' em que seus componentes deveriam ser levados em consideração:

D.P. Moran was vigorously certain that to be truly Irish would be to cultivate masculinity, in a 'racy Irish atmosphere' where the Celtic note of melancholy would be deried as an alien absurdity. He aspired to 'making the people sober, moderate, masculine and thereby paving the way for industrial advancement and economic reform'. Eoin MacNeill by contrast made more of the noble, natural piety of the people and was disinclined to venerate the masculine virtues or berate weakness. (...) His vision was of an historic Irish rural Christian civilization, chaste and learned, which must be allowed to express its rich life in the present. Corkery felt able to identify with even greater precision the forces wich preoccupy a properly Irish racial mind. They are (...) (1) religion, (2) nacionalism, (3) the land (Brown 1985, op. cit.: 66).

O próprio desenvolvimento da idéia do catolicismo como traço definidor por excelência do ser irlandês só vai encontrar um espaço pleno com De Valera, a partir de 1932. Não há dúvida que o elemento religião está presente nos três autores e que Moran é muito vocal a respeito de catolicismo. Em nenhum dos casos se chegara, contudo, a afirmar a Irishness como sinônimo de catolicismo; o que De Valera fará, como explícito no próprio preâmbulo da constituição de 1937. Este aspecto já estava, é bem verdade, presente, ao menos desde o Censorship Act de 1929, emanado por um governo Cumann na nGaedheal (que se tornou, em 1933, o Fine Gael). A equação não fora até então, todavia, tão linear como se tornou nos anos 30, quando De Valera era "unambiguous in his identification of Catholic Ireland with the Irish nation" (Ibid: 151).

Conor Cruise O'Brien também descreve o mosaico complicado, a variedade de perspectivas que se debatiam a respeito da feição que a Irlanda deveria assumir, nas primeiras décadas do século XX:

só até um certo ponto. Em tom leve, para ele, "Corkery, when I knew him first, was aware of the threat of provincialism, but not fully aware, as none of us was. He, like us, used to think of it as only a psychological threat; never as a hard, unconquerable, all-dominating, determining, lethal economic force" (1965, op.cit.: 134-5). Já então, Corkery, "used to warn us that provincials always look weakly elsewhere for their standards and values, and that we must never do this" (Ibid: 135). O problema, do ponto de vista de O'Faolain, é que a catedral que Corkery vai construir em *The Hidden Ireland* e a perspectiva porque vai pugnar logo adiante na sua vida, é, mesmo afirmando o oposto, provinciana, presa de uma incapacidade de reconhecer autonomia e individualidade na arte, que, em última análise, não houve uma arte irlandesa digna desse nome; e votando Corkery a sua enfatuada e ridícula guerra pela língua irlandesa:

The harder inevitabilities of provincialism never became fully clear to him. Later in life he did, if I understand his motives rightly, seem to be trying to build a protective or liberating aesthetic against provincialism on the idea that since Ireland was never Romanised, and never experienced the Renaissance, it must be considered a medieval country, to which fructifying tradition a man could attach himself anywhere, even in Cork, without any metropolitan or other external connections. (...) The sole valuable result of his ingenious, if unsupportable idea - for if Ireland ever had a Middle Ages where is there even an hatchet-made madonna? - was an interesting book, *The Hidden Ireland* (...). He did not write again creatively. In his old age he devoted himself to the enthusiastic support of the Irish language and to a stern disapproval, expressed in forcible English, of the practice of writing in English⁵⁰.

One sighs. There is none of us who does not make some lunatic misjudgment about the nature of his circumstances. The hard fact remains that it is all up with the artist who does not pull out of his mistakes or obsessions and then exploit them (...). Otherwise it would seem that there are certain situations to which the only answer is a clean pair of heels from the soft smother of the provincial featherbed (Ibid: Ibid).

Durante a segunda guerra mundial, O'Faolain publicou a influente revista *Bell* - secundado por Peadar O'Donnell, até 1954, quando a revista cessou de circular -, que Goldring, entre outros autores, considera um dos primeiros sintomas do que veio a ser definido como "revisionismo" (1993, op.cit.: 149). A *Bell* pugnava essencialmente contra o provincianismo e o isolamento - inclusive como expresso na censura a respeito dos eventos da guerra. Nela se afirmava que a neutralidade que a Irlanda escolhera era uma opção política legítima. Já o isolamento cultural que lhe estivera associado era absurdo e provinha, de fato,

7

Very roughly we can say that a Lagan Valley solution, in the sense of industrialization and dense population, attracted or repelled people, somewhat as follows: the tendency of Sinn Fein was in favour of it, so was that of Progressive Unionism; William Martin Murphy favoured it, so did Larkin and Connolly; the Gaelic League was against it in feeling if not in theory; the Irish-Irelanders who read *The Leader* were supposed to be militantly for it; the G.A.A. [Gaelic Athletic Association], which never caught on in the cities, was against it by nature, as also were most of the Ascendancy. And finally, most explicitly and consciously against it was the remarkable reactionary movement known as the Irish Revival (1976: 129).

O'BRIEN, Conor Cruise. [1965] 1976, Writers and politics: essays and criticism. London: Penguin Books.

⁵⁰ Margaret O'Callaghan, no seu artigo sobre Moran, assim refere essa mesma contradição em Moran: "Moran, condemning literature and polemic in the English language, was a master of the English verbal polemic he claimed to despise and be shackled by. *Odi et amo* - I hate and I love." (1993, op.cit.: 153).

de concepções redutoras anteriores, alinhadas com o tipo de visão sobre nacionalismo de que Corkery fora um dos representantes e que faziam, por exemplo, com que obras de Joyce e Sean O'Casey fossem censuradas e banidas. A opinião editorial da *Bell* é que o ridículo e a hipocrisia campeavam: "The Dail [Parlamento] tried to ram Gaelic down young children's throats, but all its discussion of the language issue was conducted in English. The country was dominated by hypocritical humbug, by a middle class swollen with religion, profits and ignorance, leaving it devoid of hope or inspiration" (Goldring 1993, op.cit.: 153). Nesse mesmo período da guerra, em 1943, Naosc A'Ghleanna publicou um artigo em *Bell*, ironicamente intitulado "Twenty Years a A-Whitering" em que considera que a própria

_

The language, like the life, is largely medieval - vigorous, direct, rich in oaths and asseverations, and delighting in neat and witty turns of phrase which are largely lost in translation. In these respects it resembles the speech of other peasantries, but it also possesses an elegance and grace which is due to its peculiar history; for, whence the clan system on which Irish culture was based finally broke down in the seventeenth century, the poets and scholars were scattered among the common people (1933, 1992: ix).

Outro livro, este a que as crianças irlandesas são compulsoriamente submetidas para o 'leaving certificate' (exame de conclusão do segundo grau, hoje Ensino Médio no Brasil), também é de uma Irish speaking storyteller das ilhas Blasket: SAYERS, Peig. [Irish 1936] [English 1939] [1962] 1989, An old woman's reflections (Machtnamh seana mhná): the life of a Blasket Island storyteller. Oxford University Press. (Aparentemente esta versão é adaptada do livro que as crianças têm que ler no original irlandês e cuja tradução para o inglês por Bryan MacMahon foi publicada como: Sayers, Peig. (1983), [1936] [1974]. Peig - The autobiography of Peig Sayers of the Great Blasket Island. Dublin: The Talbot Press.) Para o introdutor da versão inglesa primeiro referida, W. R. Rodgers, "The Gaelic story-tellers are the caretakers of a peasant tradition, the carriers of an oral culture, that once covered the Atlantic fringe of Europe. (...) Unlettered but not unlearned, they are the inheritors of a considerable art." (1989: viii). A major das ilhas Blasket, "lies three stormy miles from the mainland of Kerry. (...) Yet this small island had been a crowded nest of Gaelic life and story-telling, and had contributed several minor classics to the world of books: The Islandman, by Tomás Ó Crohan; Twenty Years Agrowing, by Maurice O'Sullivan; and now Peig's own reflections" (Ibid: xi). A valorização romântica de um 'medievalismo', atributo suposto das regiões onde se fala irlandês, também se faz presente: "Remote in time as in space, these Gaelic-speaking regions of the West have a medieval simplicity. The people are close to earth and to each other. Every field-stone has been hand-turned a thousand times and every turn of a man's mind is known. And Heaven, too, is close to earth here" (Ibid: xi-xii). Curiosamente, isto contrasta com os parágrafos finais do livro de Peig, de tom pragmático, não fora a certeza das bençãos divinas - mas a própria necessidade do recurso a elas não deriva de nenhuma romanticização da vida na ilha:

A person would say, maybe, that it was a simple life we were living, but nobody would say that our life was comfortable. Our own hardships followed us. It's often we were in a way to go with fear and fright, because when winter came it wasn't its habit to come gentle and kind. We had but to send our prayer sincerely to God that nobody would be taken sick or ill. We had our own charge of that because there wasn't a priest or doctor near us without going across the little strait and the little strait was up to three miles in lenght. But God was in favour with us, eternal praise to Him! For with my memory nobody died without the priest in winter-time (1962: 130-131).

⁵¹ A brincadeira é com um dos livros em Irish de autores das Blasket Islands, no extremo sudoeste da Irlanda, hoje desertas, que foi tornado num 'clássico' de literatura em irlandês e que as crianças eram estimuladas a ler. No caso trata-se de O'SULLIVAN, Maurice. [Irish 1933] [English 1933] [1953] 1992, *Twenty years a-growing (Fiche blian ag fás)*. Oxford University Press. Vale a pena referir trechos das introduções / prefácios que constam da edição inglesa. Para E. M. Forster, o leitor "is about to read an account of neolithic civilization from the inside. Synge and others have described it from the outside, (...) but I know of no other instance where it has itself became vocal, and addressed modernity." Mais, Maurice O'Sullivan, teria sido capaz de "keep our world in its place, and to view it only from his own place, and his spirit never abandons the stronghold to which, in the final chapter, his feet will return". A preocupação maior de O'Sullivan seria com a versão original, em irlandês, porque "it will be read on the Blasket. They will appreciate it there more than we can, for whom the wit and the poetry must be veiled" (1933, 1992: v-vi). No texto dos tradutores, Moya Llewelyn Davies e George Thomson, mais ecos da visão que Corkery representou ficam patentes:

língua irlandesa está 'se esvaindo' por conta da estreiteza e da incapacidade de lidar com o presente, tributárias da recusa da história e do monolito que passa a traduzir o dever ser irlandês, patentes nas políticas linguísticas do governo de De Valera. Goldring acrescenta:

Naosc A'Ghleanna's sardonic proposals for the revival of Gaelic were even more devastating than his criticisms. He suggested publishing a Gaelic newspapaer with horse-racing news, making Gaelic compulsory in all official functions, publishing in Gaelic all books banned by the censor and, finally, if all other measures failed, making it a crime to speak Gaelic. Overnight, the Irish people's militancy would be brought back to life (Ibid: 155)⁵².

Em suma, para os editores da Bell, eram as várias dimensões da realidade efetiva dos irlandeses que estavam sendo desprezadas em políticas que tanto se baseavam como construiam uma definição identitária estreita e paródica; que assim recusava tanto a irrupção do presente como a outorga de uma dimensão efetiva à história: "The younger generations brought up since independence had lost all sense of history because, as taught in Irish schools, history had become sham Celtophilia" (Goldring Ibid: 154). Nesse sentido é que a própria partition (dos seis condados, que constituem até hoje a Irlanda do Norte, dos restantes vinte e seis incluídos no Free State), para O'Faolain, não é o mal em si senão o sintoma da pequenez e da restritividade em que a Irlanda embarcou após o tratado: "partition had been a catastrophe above all for the South, as it served to reinforce the country's homogeneity and defensiveness against the outside world" (Ibid: 158). Neste contexto emerge o que pode, com efeito, ser visto como afirmações precursoras dos fitos dos atuais historiadores 'revisionistas'. O Ulster joga um papel fundamental no projeto do Bell, cuja relação com a crítica às políticas derivadas do nacionalismo cultural exclusivista do Free State fica clara em um de seus editoriais. Neste é afirmado que "People living in the North were called Irish, and yet in their majority they did not share the manners, the morals, the religion or the politics of their Southern brethren, and neither did they accept the essential pillars of Irishness as defined in the Free State - nationalism and Catholicism" (Ibid: Ibid). Não se tratava, assim, de reafirmar a validade da partition segundo a perspectiva de grupos políticos protestantes que se haviam

He wanted the language to be *spoken*. At all costs, he begged, let it be preserved from the academicians, the grammarians, the philologists and the spelling cranks. Once such people got hold of the language, he realized, it was goodbye to the prospects of it being spoken in the market place, or the coktail party. (...) when Irish was spoken over cocktails, the future of Irish would be assured. For he understood that we are all snobs: and that ability to speak the true language must be made the aim of snobs, if it was to recover its social status. Therefore, there must be no attempt (...) 'to force one particular brand, or one particular nostrum, down the country's throat' (Inglis 1960, op.cit.: 110).

Inglis acrescenta que a proposta de Moran não foi vitoriosa mas sim a concepção a que ele se opunha, dando azo à verve do artigo de Naosc A'Ghleanna: "it seems reasonably clear now that his method would have stood more chance of success than the way he condemned - the way that was ultimately adopted, with all its standardization and examinations and grammatical niceties" (Ibid: Ibid).

_

Apesar de emanadas num outro contexto, anterior, de estarem voltadas para a afirmação da Irish Ireland e da virulência de Moran não ser apenas irônica, as suas concepções sobre como a língua irlandesa deveria ser promovida apontam para um 'realismo' - a que falta a ironia! - muito parecido com o de Naosc A'Ghleanna:

oposto à Home Rule (nas negociações do tratado representados com nitidez por Carson), como é o caso de alguns autores 'revisionistas' contemporâneos - Conor Cruise O'Brien um dos que acabou por ganhar destaque. Mais do que apontar para a alteridade em si, o que os editores de Bell visavam era alterar a concepção do ser irlandês, inclusive através da denúncia da contradição representada em ter-se um "Irish people" que não partilhava desses valores, nacionalismo e catolicismo, mas que, não obstante, vivia numa área que sua constituição reivindicava como parte do "Southern state" (Ibid: Ibid). Para Goldring, "os escritores da Bell eram intelectuais criativos que não tinham qualquer vontade de substituir os antigos obstáculos culturais por novos, auto-impostos" (Ibid: 159). Era o conjunto do nacionalismo irlandês que precisava ser 'liberto' - e a esta noção abstrata certamente nem Corkery nem Moran se oporiam. Ocorrera, porém, que o ímpeto original acabara por traduzir-se numa restrição efetiva: 'livres' da Inglaterra mas obrigados ao enquadramento em outros mantos pré-definidos, sejam eles o catolicismo de Moran - ainda que, para Moran, catolicismo na verdade representasse a realização de um industrialismo e a disponibilização para demonstrar o caráter empreendedor que ele lhe atribui - ou o celtismo de Corkery, meras antíteses e, desta forma, tão cerceadoras quanto o domínio anterior. Pior ainda, contudo, era o que se havia generalizado no Free State e que não era atribuível a nenhum autor em particular, como já foi comentado, expresso na entrada em cena do Censorship Act de 1929, pela equação entre catolicismo e Irishness de De Valera, coerente com seu "idealismo direto, ingênuonaive", que o faziam defender uma "versão pastoral" do próprio nacionalismo econômico (Brown 1985, op.cit.: 159). Assim é que, segundo Brown, os escritores dos anos 30 e 40, particularmente Sean O'Faolain e Frank O'Connor (um pouco depois também Mary Lavin) vão-se concentrar na redação de contos, short stories - os dois foram também ensaistas e autores de romances de maior fôlego - nas quais registravam uma "social reality that flew in the face of nationalistic self-congratulation. Instead of de Valera's Gaelic Eden and the uncomplicated satisfactions of Ireland free, the writers revealed a mediocre, dishevelled, often neurotic and depressed petitbourgeois society that atrophied for want of a liberating idea" (Ibid: Ibid)⁵³. Considerando especificamente O'Faolain, Harmon vai além, afirmando que

-

⁵³ Vale a pena notar que Donoghue discorda desta apreciação de Brown, em particular no tocante aos contos da primeira fase de O'Faolain. Para Donoghue, nesses,

The reader is forced to believe that life in Ireland was simpler, more beautiful, nobler then than now, that the people were a nest of simple folk, richly, expressive, articulate, eloquent, that the grass was greener, the rain softer, the mackerel-crowded seas more mackerel-crowded than any seas a man of my age can describe. (...) O'Faolain's early stories want you to feel that life in Ireland was always a romance and sometimes an epic (1986: 235-236).

Donoghue credita este aspecto dos contos iniciais a uma excessiva preocupação com estilo, ao invés de com 'realismo', que caracterizaria o 'jovem' O'Faolain: "I don't believe that O'Faolain's early luscious style

it is the peculiar fate of the O'Faolain hero to be forever denied a happy conclusion to his search for fulfillment. (...) Left to work out his destiny in a chaotic world, he has to rely on his own character and will, his own intense demand for a rich and varied existence. That he is doomed to failure is not completely his fault. He is strongly infuenced by his sense of the past greatness of his country and strongly dissatisfied with its present condition. Caught between the memory of a strong past and his awareness of a weak present he can only work for a better future (1984, op.cit.: 140).

VIII

A 'libertação' teria que ser pois, ao menos enquanto 'projeto', a da 'criatividade', o abrir de espaço para o variado e para o múltiplo, cujos lugares de emergência não estavam pré-definidos, ao menos não nos terrenos da cultura e de um passadismo; só assim, se quisermos continuar a usar o modelo, uma síntese comprometida com o presente e com 'cada irlandês' seria obtida, um espaço aberto para o inusitado, para os "acontecimentos criativos" que, para O'Faolain, constituiam a história real, no sentido de digna de atenção, relevante para entender o presente. Em The Irish O'Faolain vai dar livre curso a esta concepção. É com base nela que vai considerar o século XIX como o de fato relevante, mais uma vez afirmando uma visão antitética à de Corkery a respeito do período anterior e da literatura então produzida: "Irish literature in Gaelic, like the Irish aristocracy, had received in the seventeenth century blows from which it never recovered. Being the literature of a caste it died with the caste" (1980⁵⁴: 122). Assim é que tudo o que dela persiste "into the eighteenth century, and in a ragtag-and-bobtail way into the nineteenth century, was the kind of survival which, by its very persistence, achieves honour mingled with pity, alike for what was patently lost along the way and for what more is certain to be lost in the future" (Ibid: Ibid). Ora uma visão 'inovadora', uma 'libertação' efetiva, não pode ser tributária de mero antiquarismo nem subordinar-se a

represents his effort to be equal to the rich occasions he describes. I believe, rather, that the style came first, and demanded incidents, landscapes, and sentiments fit for the style to live in and to adorn" (Ibid: 236). Por outro lado, Donoghue também considera que a 'hidden Ireland' permanece como uma espécie de referência fantasmática dos trabalhos iniciais de O'Faolain:

There is the large, general problem of Romantic Ireland. In the first years of the twentieth century it was impossible for a young writer to see Ireland 'as in itself it really was': he saw it only through a veil of associations, ancient pieties, sagas not entirely forgotten. Corkery's 'hidden Ireland' had to be recalled, disclosed. Romantic Ireland called for heroic emotions or, in defeat, elegiac emotions: either way, styles extraordinarily high and grand. The particular version of this general problem, for O'Faolain as a short-story writer, was to imagine characters and situations large enough to contain not only the 'object' but the halo, the aura, that already surrounded it, the words that were already poetry, if only bad poetry. His early stories rarely succeed in finding such characters, such situations. (...) So the narrative style has to force the characters to feel more than they could really feel, consistent with the probability the stories claim (Ibid: 238).

DONOGHUE, Denis. 1986, We Irish: essays on Irish literature and society. Berkeley and London: University of California Press.

⁵⁴ O'FAOLAIN, Sean. [1947] [1969] 1980, *The Irish*. London: Penguin Books.

sentimentos românticos e passadistas⁵⁵ - estes sim adequados a uma Ascendancy que busca 'origens locais' e 'purgar culpas'. Na realidade, para O'Faolain, nem mesmo o cultivo da língua irlandesa - como foi ativamente defendido pela Gaelic League mas como também serviu de inspiração ao Celtic Revival literário - se mostra uma ferramenta adequada para um adentrar do 'passado real'. É uma questão de linguística histórica pura e simples, o que há que ser reconhecido e única maneira de sair da ilusão que o culto deformado do passado constitui:

As for Gaelic learned for patriotic reasons, spoken only very occasionally by townsmen, it is a literary key only to the comparatively poor storehouses of the eighteenth - and nineteenth - century poets. It does not open the doors to the really rich past of the old Gaelic world, back through the middle ages to the times of the sagas. To open those doors one has to master Old and Middle Irish, a task which demands many years of hard and patient study (Ibid: 123).

Para O'Faolain trata-se, sem dúvida, de um trabalho legítimo, só que próprio de *scholars*. Não tem como sustentar, muito pelo contrário, o gaelicismo virulento de Corkery nem - e a associação entre O'Faolain e Corkery, como Larkin apontava, é aqui nítida, embora voltada para um contexto irruptor da idéia completamente diferente - o misticismo celta de William B. Yeats. Isto não se dá por qualquer menos legitimidade de Yeats em relação à Irishness corrente por produzir em inglês. Muito longe disso. É porque tem o potencial de impedir que a míriade que Yeats representa ecloda, aquilo que efetivamente constitui seu gênio e sua idiossincracia: "The truth is that Yeats had not a single idea in his head; he had thousands; all fighting one another, as the pursuing reader of his poems soon discovers on noting how often he will discard whatever idea possessed him so forcefully the year before in favour of another, often cognate idea, again expressed with equal force" (Ibid: 135). Yeats deve assim ser concebido não como representante de uma tradição, seja ela gaélica ou anglo-irlandesa⁵⁶, mas apenas como Yeats, lídimo porque infindável, porque acabou por ser capaz de traduzir o que é o próprio 'ser liberto'. Desta maneira - e para O'Faolain não há aí nenhum

_

⁵⁵ É notável a semelhança entre O'Faolain e D. P. Moran quanto a este aspecto. Muito embora O'Faolain esteja bem longe das razões de Moran para criticar a literatura irlandesa em inglês, o alvo é essencialmente o mesmo. Moran "was even more disliked by the other wing of the Irish literary revival, then engaged in spreading the story of the Gaelic past in prose, poetry and drama written in English. Moran regarded this as nothing more than a clever piece of stock-jobbing on the English market" (Inglis 1960, op.cit.: 111).

⁵⁶ Donoghue sintetiza a concepção explícita de Yeats a respeito das 'duas tradições' da Irlanda do seu tempo:

Yeats believed that Ireland had two traditions worth maintaining. The Anglo-Irish tradition, mainly Protestant and aristocratic, was capacious enough to include the 'old fathers' Yeats celebrated (...). There was also the Gaelic tradition, to which Yeats had only indirect access by way of translations of the Celtic sagas, and the stories Lady Gregory and other enthusiasts collected in Sligo and Galway. Yeats well knew that the constituents of the Gaelic tradition had been suppressed if not destroyed (...) but he joined with Douglas Hyde and the translators in hope that much of Gaelic culture could be revived in poetry, song, and drama. The translators (...) opened the right doors. Yeats was easily persuaded that this culture was as noble as any, and that its values were those of freedom, fantasy, imaginative excess. If these two traditions could be brought together, they would provide a moral basis for the development of an independent Ireland. (...)

Not at all incidentally, such a union would suppress - or at least intimidate - the new, petit-bourgeois class, (...) which Yeats despised and feared (1986, op.cit.: 55).

paradoxo, já que criatividade é o apontar para a 'essência' mutante da vida e da história, que se opõe ao provincianismo redutor -, Yeats sintetiza o presente que se deveria almejar para cada irlandês e para cada homem, a fuga de Lilliput⁵⁷. Para ele, em Yeats - neste sentido estrito uma espécie de alter ego positivo de O'Faolain e do 'humano livre' - "there is, in fact, no end. There could be none for so insatiable an explorer. / If his readers are Irish writers his work has the additional interest that wherever those beginnings were, wherever his flight took off, (...) his course was as wide as the universe" (Ibid: 137)⁵⁸. A 'descoberta da Irlanda' chegou a levar Yeats a afirmar que, para os grandes poetas, "everything they see has its relation to the national life" (Yeats *apud* O'Faolain Ibid: Ibid) e ele quase se perdeu no labirinto a que essa linha de idéias pode conduzir. Foi, contudo, capaz de ir além, de prosseguir e, assim, de conectar, dar a dimensão que, para O'Faolain, é a única que capaz de fornecer sentido ao próprio nacionalismo irlandês: "he went on, firmly, '... and through that [the national life] to the universal and divine life. There is unity everywhere'" (Ibid: Ibid; *apud* incl.).

Esta capacidade conectiva, aliás, mostraria que "o contraste com Joyce" não é mais do que aparente (Ibid: 139). Muito embora, sob esse aspecto, Joyce, se alguma escolha há-de ser feita, seja o símbolo mais candente, pois que nunca se deixou prender pelo fascínio da transcendência de Yeats - que poderia ter resvalado para um celtismo trôpego e estreito, não fora a sede que o impeliu a sua dimensão universal. Assim é que, nas palavras de O'Faolain, Joyce "was a realist with his feet planted on the ground, or, if one wishes to say so, in the gutter" mas, sobretudo, ele foi "the novelist insisting on the human", que sempre "refused absolutely to underwrite anything in mortal life" (Ibid: Ibid). O risco de se perder permaneceu em Yeats, em função de seu dualismo. Ele é capaz de ir além e de ser, mais do que uma síntese, um futuro-presente porque, ao mesmo tempo, odeia seu dualismo e, embora afirme "there is unity everywhere", não quer de fato dizer "his 'everywhere'" (Ibid: Ibid). Para

-

⁵⁷ Como se verá melhor no capítulo VI da tese, Frank O'Connor também recorre à imagem de Lilliput para situar a morte de Michael Collins - lembrando que, para O'Faolain, Collins se aproxima um tanto do gênio de O'Connell -, o fim da Guerra Civil e o sonambulismo em que a Irlanda adentra:

[&]quot;Admirable normality! Lilliput needed a rest. Genius is a troublesome bedfellow. (...)

What can normality do but keep the bed warm till her troublesome bedfellow, his night-wandering over, returns, and she (...) looks again with alarm at the rugged frame (...); till the eternal, restless marriage is renewed, and new generations, new ways of thought, are in the womb again?" (1991: 214-5).

O'CONNOR, Frank (Michael O'Donovan). [1937] [1965] [1979] 1991, *The big fellow*. Dublin: Poobelg Press.

⁵⁸ Numa resenha de *Inventing Ireland* de Declan Kiberd, Colm Tóibín, ao afirmar um paralelo forte entre Yeats e o arquiteto catalão Gaudí - bem como entre Joyce e Picasso -, aponta numa direção muito semelhante à que O'Faolain traça: "other echoes between the careers of the visionaires Yeats and Gaudí, one of whom embraced magic and the other extreme Catholicism, in a fraught political and emotional climate where everything from the self to the nation was open to invention" (1996: 14). TOIBÍN, Colm. 1996, Playboys of the GPO - *Inventing Ireland*: the literature of the modern nation. *London Review of Books*. 1996-04-18. pp. 14-6.

O'Faolain - se ainda não ficou claro, talvez se deva explicitar certa partilha desta construção de ideias -, a afirmação de unidade em Yeats só ocorre por causa da visão dualista de que, apesar de em luta contra ("he perpetually wavering between them"), preenche o mundo - "Body and Soul, the Beautiful and the Ugly, the Reason and the Imagination" (Ibid: Ibid). Já Joyce vai além: ele "insisted on holding all seeming opposites together" (Ibid: 140). Para O'Faolain - e aqui é de crer que seu pessimismo foi excessivo, embora sociologicamente sensível - Joyce é, se algum modelo tem que ser encontrado, o exemplo a ser seguido: o de um

writer offering at least one coherent and liberating idea to the generation emerging after Yeats, if they really wanted intellectual and imaginative freedom from the pagan swaddling clothes of their country's infancy and the small-clothes of its over-prolonged Christian adolescence. Unfortunately the generation of and after Yeats did not hear or heed Joyce (Ibib: Ibid)⁵⁹.

Muito pouco teria faltado para que esse sentido de 'libertação' fosse atingido pelos irlandeses em geral. O modelo romântico e seu espelho na natureza que vigiu na literatura anglo-irlandesa entre a última década do século XIX e as três primeiras do século XX deu evidentes sinais de esgotamento, para não falar na ruptura representada por Joyce, George Moore, Synge, O'Casey e Liam O'Flaherty. O caminho, para O'Faolain, estava assim aberto: "Once the people began to see themselves in these various lights it could only be a matter of time before they became intellectually and imaginatively free - free of their own feeble or flattering self-opinions, free of all sorts of assumptions about themselves, native or foreign; free about easy assumptions about others" (Ibid: 143). Esta experiência, contudo - e aqui a coerência de O'Faolain é notável -, "dificilmente poderia ser indolor e o processo está longe de terminado" (Ibid: Ibid). Há eventos, da ordem das políticas - neste ponto, mais uma vez, a insistência de Larkin numa semelhança entre Corkery e O'Faolain se mostra razoável exaradas pelo Free State, cujo governo estava, desde 1932, nas mãos de De Valera e do seu Fianna Fáil, bem como de uma certa 'opinião pública', que impedem que a 'liberdade' tenha curso. Esse fato é tão inescapável quanto o do exílio - auto-exílio e negação a que foi votado de Joyce: "It is a matter of record that the Irish theatre has probably seen more riots than any

⁵⁹ É notável que O'Faolain considera que, como Joyce, Yeats teve realtivamente pouca influência direta na literatura irlandesa (1980, op. cit.: 134). A razão principal para isso, na opinião de O'Faolain, é sua "Kantian insistence on the ineluctable limits of Reason as compared with the penetrating power of Imagination" (Ibid: 134-135). Isto tornara extremamente difícil para Yeats comunicar-se "with a Roman Catholic people - ninetenths of peasant origin - trained, after the manner of Aristotle and Aquinas, by their priests to establish themselves in the mortal present before taking off for the immortal future, rather than the other way round, as he did" (Ibid: 135). Assim é que, como apontado ainda agora, a "diferença vital" entre ele e Joyce é "one of emphasis, the poet reaching for the transcendent element, the novelist insisting on the human" (Ibid: Ibid). E aqui se insere o lamento de O'Faolain: "Looking back now at the 1920-50 my most profound regret is that it had not been possible for us all to have real cold Joyce in our warm teens. For after Yeats this green corner of the universe refused any longer to play romantic ball. Ireland ceased to be a romantic island. We had needed the colder guide" (Ibid: 142).

other; and it is probable that, between 1929 and, say, 1955, a greater proportion of native writers of note were banned in Ireland than in Russia" (Ibid: Ibid). Em parte, isto existe desde o "very beginning of our history", no sentido de que - note-se a peculiariedade do uso dos termos - "we are rooted in the land and in individualism", aspecto que equivale ao suposto fato de que "we have always feared towns" (Ibid: Ibid), por percebê-las como "spear-heads of life-ways which are complex, troublesome and challenging" (Ibid: 143-4) e, assim, simplificar a dificuldade através do rótulo unívoco de estrangeiras, como se dicotomicamente opostas a camponesas - "especially Catholic peasant" (Ibid: 144)⁶⁰. A oposição, mais do que tudo, é irreal, até porque uma enorme variedade de 'modas estrangeiras' campeia no quotidiano; a emigração seu sub-produto. Tudo isso seria uma ilusão mas o fato é que o 'homem comum' insiste em proteger-se "behind a formal religion and an emotional Nationalism that is, at least, a century out of date" (Ibid: Ibid)⁶¹.

O'Faolain contrói seu *The Irish* sob a forma de uma árvore com seis grandes ramos, o último dos quais é o dos políticos que, desde O'Connell, tinham tudo para se transformar nos arautos reais do nacionalismo de 'libertação' que o inspira. Quanto a eles, o problema não

opposed the isolating influences both of Gaelicism and of the nationalistic writings of Thomas Davis. The one, by insisting upon the primacy of a language nobody else knew, was bound to cut Ireland off from the main stream of European culture. And the other, which was offered as a temporary substitute, was almost worse, because Davis had given 'a sort of religious or idealistic status to modern Irish patriotism which it has retained'. To demand that 'Irishness' should be the touchstone of whatever new literature was to be written, was to condemn the Irishman to speak in his national rather than in his human capacity. This, he insisted, was a kind of death (1982, op. cit.: 66).

Difícilmente O'Faolain endossaria a crítica à língua irlandesa nos termos de Eglinton. De qualquer forma, ele parece com efeito partilhar dos demais aspectos da visão 'cosmopolita'. Nesse sentido, vale inclusive destacar que o que Eglinton percebe como fonte de morte é quase que o simétrico exato da idéia de Corkery, que vê no irlandês o sopro que restaurará a vida do corpo da Irlanda escondida, só aparentemente morta. Arthur Griffith é um dos principais adversários da visão cosmopolita, em artigos publicados no seu jornal, o *United Irishman*, em outubro de 1903, usando termos que virão a ser, quase que palavra por palavra, os de Corkery: "Cosmopolitanism never produced a great artist nor a good man yet and never will"; "If [the National Theatre] substitutes *Cathleen ni Houlihan* by *The Widow of Ephesus*, we are certain it will pass and leave not a wrack behind. When it ceases to be national, it will also cease to be artistic, for nationality is the breath of art" (*apud* Lyons Ibid: 67). O'Faolain não está exatamente querendo ser 'programático' e, assim, os seus termos não são tão radicais, a oposição não é entre vida e morte, nacionalismo e cosmopolitismo não aparecem como mutuamente excludentes. Os tons são mais nuanceados, embora ventos cosmopolitas sejam necessários se há que sair do cinza e do provincianismo, para ele sem dúvida ligado ao nacionalismo exclusivista, que se instalou na Irlanda.

61 É possível dizer, embora O'Faolain não faça nenhuma conexão explícita nesse sentido, que é dessa libertação do 'homem comum' que Joyce se ocupou, em particular com seu Leopold Bloom de *Ulysses*. A sua produção literária foi uma construção de autoria - e, assim, de honra e glória - mas, sobretudo, uma construção de si mesmo, como gerado a partir do tumulto que informa inicialmente - *Retrato do artista quando jovem* - e liberto do recurso à transcendência. Além de, em *Finnegan's wake*, da trindade, com a introdução do 'quarto elemento' - ao mesmo tempo movimento e espessura / rompimento em cada palavra - como origem permanente do que sempre é, porque sempre se está produzindo. (Quanto a *Finnegan's* estou me valendo de conferência de Jacques Aubert, "Joyce avec Lacan", proferida no IBAM, dia 13 de maio de 2000, no âmbito de um seminário sobre Joyce promovido pela Escola Letra Freudiana).

⁶⁰ Lyons divide as correntes de opinião a respeito do 'que fazer' com a Irlanda, em voga no final do século XIX e primeiras décadas do século XX, em três ramos: cosmopolita, Anglo-Irish e da Irish Ireland. John Eglinton é um dos principais representantes da visão 'cosmopolita'. Segundo Lyons, Eglinton

está no passado, nem mesmo recente. Afinal, "three creative events - the only kind of events that we are concerned with here - occurred in nineteenth-century Ireland. They were Catholic emancipation, land reform, and the literary revival" (Ibid: 122); e a associação com personagens históricos é fácil: O'Connell, Michael Davitt e Charles Stewart Parnell (embora Parnell seja uma ausência quase embaraçosa dos escritos de O'Faolain⁶²) e Yeats. Mas questões pesam, sem dúvida, sobre os políticos do Free State, nenhum inteiramente isento: "the dominating problem for all Irish politicians, ever since the founding of the Free State, has been what to do with their lovely Past. ('O lost, and by the wind grieved, ghost come back again!')" (Ibid: 145). O ridículo é semelhante ao dos suíços que continuam buscando por seu Guilherme Tell: "We Irish could tell them. He is probably managing a factory in Kerry or Tipperary, side by side with our Cuchulainn, and a large number of hard-worked and hardheaded Irishmen, and a number of other foreigners (...). But whatever they are manufacturing one thing is certain: it is nothing to do with the Past" (Ibid: Ibid). Ridículo da busca suíça idêntico à dos jovens membros do IRA que "went on for years blowing up things in the middle of the night - the Nelson Pillar did not go until 1966 - to show that the glorious traditions of liberty still lived on untarnished" (Ibid: Ibid). Trata-se, na verdade, de uma ambiguidade que seria comum a períodos pós-revolucionários: "Realism versus Idealism. New Wealth rather than old Virtue. Past or Future? Progress or Stasis? Bang! Bang! Bang! The history of all post-revolutionary periods is loud with this kind of controversial gunshot" (Ibid: 146). Neste sentido, a causa é maior - ainda que de ordem semelhante - do que a que Conor Cruise O'Brien lhe atribui: "The burden of Dr. O'Brien's speech was that Romantic Ireland is not dead and gone, alas. The ideology of Romantic Ireland is still active: and life in Ireland cannot be peaceful until that ideology is abandoned" (Donoghue 1986, op.cit.: 153). Para O'Faolain, não se sabe ao certo o que atacar nem por que propugnar e, assim, todos, inclusive os "would-be modernizers", permanecem presos a uma contradição inexistente que deriva de continuarem agarrados a uma idéia de cultura como um "quadro na parede", "as a bonus stuck like a stamp on the envelope of life" (1980, op.cit.: 147). O "man in charge of Change - the politician" permanece o "favourite butt" de todos os tradicionalistas (Ibid: 145), mas apenas porque estes últimos são incapazes até de se dar conta de que a paralisia é mais geral e que a mudança, em última análise, não provirá mais, na Irlanda que não é mais uma história de dominação, de caminhos pré-traçados, da busca por Brian Boru - ou Guilherme

_

⁶² É importante referir, nesse contexto, que McCormack (1986, op.cit.: 21) comenta um ensaio de Conor Cruise O'Brien - "The parnellism of Sean O'Faolain", a que infelizmente não consegui ter acesso -, em que, como o título indica, O'Brien sugeriria uma 'linhagem' entre Parnell e O'Faolain.

Tell -, por explodir símbolos do passado colonial, o Nelson pillar, 'in the middle of the night', mas sim da possibilidade de romper com o dualismo paralisante, de entrar no presente.

O retrato que O'Faolain traça dos principais partidos políticos irlandeses em ação no século XX é desalentador. A explicação sócio-histórica, digamos assim, que provê é também uma crítica ao ambiente em que se encontra, visto como algo semelhante ao desagrado que Yeats exprimira em relação à pequena burguesia:

The reason why, apart from the land war, Irish Nationalism in the nineteenth and early twentieth century was lacking in social content is simple. The backbone of all nationalist politics since Daniel O'Connell was a semi-educated peasantry, led by a comparatively few men and women of the middleclasses and lower middleclasses mostly urbanized but also rarely more than a generation or two removed from the land (Ibid: 148).

Esta falta de um proletariado industrial teria implicado num nacionalismo sem "conteúdo social", que se desenvolvera "quase exclusivamente como uma mística" 63. Isto, por seu turno, haveria feito com que a política, como "tecnologia" e "modelo para um novo modo de vida", ficasse aquém do nacionalismo (Ibid: Ibid). O Labour Party, fundado em 1912, só muito tardiamente veio a assumir um lugar no Dáil - e O'Faolain desconsidera a associação que fez com o Fianna Fail em 1932, que conduziu este partido pela primeira vez ao poder -, na verdade, como partido de feição socialista só a partir de 1967 e, mesmo assim, evidenciando um socialismo ultrapassado, carente portanto da dimensão de presente que considera vital. O Sinn Fein⁶⁴ tomou a frente da cena, desde o 'primeiro Dáil' de 1919, aspecto a que se voltará na tese, constituído pelos membros eleitos para o Parlamento inglês que se recusaram a tomar assento em Westminter. O problema com o primeiro Dáil é que "just as Sinn Fein remained strictly asocial the Labour Party remained at this time strictly apolitical" (Ibid: 150); e tal situação prossegue no segundo Dáil, constituído a partir da eleição de 1921. Arthur Griffith, fundador do Sinn Fein e que mais tarde seria o 'premier' inicial do Free State, em particular, equacionava "influência socialista" com "influência britânica": "The man', he [Arthur Griffith] wrote, 'who injures Ireland, whether he does it in the name of Imperialism or Socialism is Ireland's enemy" (Ibid: Ibid). Quanto aos dois principais partidos que derivaram do Sinn Fein, o Cumann na nGaedheal - dissolvido e, junto com outras organizações políticas, reagrupado no Fine Gael⁶⁵ em 1933 - e o Fianna Fail⁶⁶, ambos se viram apanhados, ainda que

⁶³ Referindo-se ao 'lock out' (os operários foram impedidos de entrar nas fábricas) que os empresários de Dublin fizeram quando os operários se filiaram ao Irish Transport and General Workers Union, liderado por James Larkin e por James Connolly, na segunda metade de 1913, Lyons faz uma afirmação que vai na mesma linha da crítica de O'Faolain ao 'descolamento' do nacionalismo irlandês: "While the conflict lasted, the workers had not met merely the full force of entrenched capitalism, but also the indifference, and often the hostility, of a society none of whose cultures seemed to have a place for the urban proletariat" (1982, op.cit.: 77).

⁶⁴ A tradução de Sinn Fein é 'ourselves' ou, mais enfaticamente, 'us ourselves', ou, ainda 'ourselves alone'.

⁶⁵ A tradução de Cumann na nGaedheal é 'party' ou 'league of the Irish'. A de Fine Gael é 'kindred of the Irish'.

retrospectivamente, pela Guerra Civil, a mesma que, em última análise, lhes deu origem⁶⁷. O Fine Gael exibiu maior 'praticidade', inclusive no fato de o partido se ter constituído pela aderência ao texto do Tratado Anglo-Irlandês, que criou o Free State, e à maioria dos votos dos membros do segundo Dáil, favorável ao tratado. Membros do partido estiveram no poder durante os dez primeiros anos do Free State, até 1932 e, assim,

they were the sponsors of the form of society that was to set the broad pattern for Irish life ever since: one based on a philosophy of laissez faire qualified only, and happily, by the creation of (...) publicly owned entreprises (...), to compensate for the inadequacies and timidities of the new, native, acquisitive middle classes, whose social thinking proved to be no more than a simplified replica of the acquisitive society they displaced (Ibid: 151).

O partido sofreu transformações mas é essa imagem que perdurará, da mesma maneira que a incapacidade de efetivamente inovar dos grupos sociais, sobretudo das classes médias, que se expandem. O Fianna Fail apresentou-se, no seu início, como um "partido de reforma social" (Ibid: 152). Acabará por permanecer, contudo, por demais preso a suas "memórias da derrota" que, sobretudo nos cinco anos em que De Valera recusa que os membros eleitos assinem o oath of allegiance (ao rei da Grã-Bretanha) e tomem assento no Dáil, cultivam "humilhação e frustração", anos que foram "of temptation and longing, for revenge, for power, and (...) for some sort of steady income" (Ibid: 154)! É pois para uma Irlanda romanticizada, semelhante mas com uma mística mais forte ainda do que a do 'retorno' idealizado por Corkery, que seus olhos permanecem voltados: "The Irish idealist had only one mistress. Always at their backs they had the loving and inspiring memories of their dead comrades; always before them there shone the light of the promised land, the day when they would once more proclaim the living Republic and undo all the harm that had been done to the National faith by their faithless fellows" (Ibid: 155). Desta forma é que, quando chegam ao poder, nada efetivamente se transforma. Eles pretendiam quando isso se desse, conduzir os assuntos da Irlanda tão bem ou melhor do que os "traidores" que lhes haviam precedido. Fizeram-no: "just as well, sometimes better, and in exactly the same manner" (Ibid: Ibid). A Irlanda como um todo seguiu a mesma tônica: os comerciantes e as classes médias proliferam. parte fruto das políticas iniciais, parte pela inércia que levou apenas ao espalhamento do que já existia; os fianna failers, na sua "mística ardente", não tinham "contéudo social" e, assim, não processaram nenhuma transformação política efetiva. Alguns aspectos mais repulsivos do tratado que deu à luz ao Free State, como o oath of allegiance, a presença de um governador geral e a própria previsão de bases navais inglesas vão, através da introdução de pequenas

⁶⁶ A tradução de Fianna Fail é 'soldiers of destiny'.

⁶⁷ Volta-se a este ponto mais adiante na tese. Aqui interessa apenas marcar rapidamente o quadro que O'Faolain traça da política pós Free State.

alterações legais, acabar por ser purgados. Só quanto à *partition* nada foi feito - "ninguém podia" (Ibid: 156). A República, por que os *fianna failers* tanto se haviam batido - a razão maior porque a Guerra Civil eclodira -, acaba por ser declarada, ironicamente por John Costello, primeiro-ministro de um governo Fine Gael, em 1948. Nesse retrato algo cinza que O'Faolain traça do estabelecimento da 'normalidade', onde a política e os políticos ficaram aquém do "conteúdo social" e de elaborarem um "modelo para um novo modo de vida", ele marca, contudo, excepções individuais que considera importantes, como Noel Browne e Garret Fitzgerald (Ibid: 147). De um modo geral, porém, ainda era a veneração de um passado, a-histórico, mítico, crença que pertence a terrenos mais vastos do que os da política estrita, que acabou por fazer com que a ação tivesse que ter esse caráter diluído; aspecto este que, para ele, esteve longe de constituir algo inteiramente negativo. Até que, em dado momento, o conjunto se modificou: "At what point and by whom it was decided that something must finally be done about our lovely and accursed Past it is now impossible to say, but done it was, and with the apparent agreement of all our political leaders, in a most interesting way" (Ibid: 156).

De Valera simboliza o crente dos crentes, muito mais enfronhado no seu delírio do que Corkery jamais fora, donde a necessidade que Corkery, não De Valera, creditara à pugna pelo retorno ao gaelicismo. Na opinião de O'Faolain, para De Valera: "According to this view of history nothing at all need be done about old tradition because they were, are and always would be virginal, perennial, omni-present and indestructible, their purity never in the least scathed by any (...) cross-breedings, vicissitudes or reformations" (Ibid: 157). Esta versão do mito do passado gaélico leva, assim, a cair num quietismo, prescindindo-se tanto de qualquer sentido de história como de necessidade de ação presente: "Our culture, from the beginning to the end, was therefore held to be the perfect fruit of the continuous and uninterrupted development of an ancient Gaelic civilization. (...) nobody need do anything about the past, except serenade its constant and effortless reincarnation. Indeed, nobody should try. Gods, not men, produce national metempsychosis" (Ibid: 157-8; itálico do original). Diferentemente de autores 'revisionistas' atuais, a que se irá no próximo capítulo, O'Faolain não vê um grande problema no imiscuir de mito com história. A sua preocupação é apenas, para o que recorre a um artigo de Lévi-Strauss, com que não se obtenha apenas um "falso mito" do passado e que se tenha a dimensão do delírio de De Valera, "nosso Luiz XVIII", que "held (...) that the Conquest had been no more than an unmannerly interruption of our history; that our famous seven hundred years of slavery had accomplished nothing; and that nothing had happened in or to the republican vision of life since Pearse and his men died for it in 1916" (Ibid: 158). O

que é importante, para O'Faolain, é que se encare "o passado" como nada mais do que o que antecede o amanhecer, o "twilight of the dawn", e que, assim, se possa chamar de "República de Papel" o que o é na Irlanda (Ibid: 159). Uma melancolia, certo grau de cinismo sobre a política e os políticos, se construiu nos primeiros cinquenta anos desde a implantação do Free State (Ibid: Ibid). Mas isso não impede, muito pelo contrário, que se deva afirmar os políticos como 'representantes' - "No politician represents only himself. In representing millions he can do nothing and say nothing that is not contingent on the aggregate wishes of those millions" (Ibid: 160) -, de possibilidades de mudança cujos sentidos, portanto, eles não mais galvanizam. Numa Irlanda 'assentada', talvez não haja mais lugar para O'Connell nem Michael Collins. A famosa pretensão de De Valera, que "dizia que quando queria saber o que a Irlanda desejava, olhava para seu próprio coração" é, contudo, obviamente néscia, até para ele mesmo: "he knows well that his essential information comes from the fields, the streets and those few uncommitted thinkers whose vocation it is to interpret the grumbling murmurs of the pavements and the ominous silences of the ploughlands" (Ibid: Ibid). Na espécie de republicanismo cívico alargado que O'Faolain propõe, é importante a defesa do protesto -"the role of all protesters is not to answer questions but to ask them, uncomfortably and persistently" (Ibid: 161) -, que seria essencial para o controle democrático do governo e, assim, para a própria democracia representativa. Se tivesse sido adotados desde 1922, "there need have been no stagnation, no IRA, no censorship" (Ibid: Ibid).

As mudanças acabaram por ocorrer, tardiamente em função do tributo ao passado e à consequente recusa da temporalidade, de colocar na história o que é da história. Talvez que no próprio sentido de mesmice que a Guerra Civil acabou por imprimir como consequência, a democracia como O'Faolain define permaneceu. Contudo, após o cansaço, "The Irish electorate of the fifties had asked for change and they got it. They had wanted modernization and found it about them in a flood. If they were weary of the Past they should, by 1965, have been weary no more" (Ibid: 165). O terreno da história saiu do passado e passou para a política, com a sua feição peculiar da época: T. K. Whitaker, ministro das Finanças, e Sean Lemass, depois Jack Lynch, primeiros ministros, lideram transformações econômicas de porte, inclusive em termos de investimentos estatais e do que acabou por ser a adesão ao Mercado Comum Europeu. O próprio vernáculo se modificou: "Time was when common words on every lip in every Irish pub were Partition, The Civil War, The Republic, The Gun. The vocabulary of the mid-fifties and sixties was very different - The Common Market, Planning, Growth Rates, Strikes, Jobs, Educational Opportunities" (Ibid: 166). Em síntese, para O'Faolain não são nem as instituições políticas nem os políticos propriamente ditos que

lideram mudanças. No conjunto devem representar as 'pessoas vivas' e o seu sentido de presente e refletir uma "forma de vida humana" com que, de qualquer forma, não se confundem; as "actiones" como um todo devendo ser encaradas como o que são, de fato apenas "passiones" (Ibid: 169; O'Faolain está aqui recorrendo a R. G. Collingwood; itálico no original). A modernização em si, bem como o aspecto que deverá assumir - inclusive em termos de diminuir a "desigualdade de oportunidades para a grande maioia das pessoas", como O'Faolain defende (Ibid: 167) -, deve, nesse seu credo democrático, responder a propostas e latências de grupos da população, que tampouco são lineares, antes refletem "tensões humanas reais" (Ibid: 169). A história confunde-se assim com nacionalismo, no sentido em que, para O'Faolain, o que ambos devem prover é o oposto da nostalgia em relação ao passado, os dois constituirem uma forma particular da experiência, um "processo em constante desenvolvimento", "all its events not so much events as thoughts hammered into mortal heads" (Ibid: Ibid). A história da Irlanda pode, com efeito, ser vista como feita de "tenacidade", de "endurances", mas isso não implica, muito pelo contrário, que se defina o nacional irlandês - e talvez se possa lembrar de novo que o título do livro é *The Irish* - como o que estaria, à la Corkery, por debaixo e para além do que foi vivido. Trata-se, antes, de ter uma gama muito vasta de experiências que tanto impedem que se busque no passado como que se defina univocamente o 'ser' de presente. Nem a história nem indivíduos - não há, de fato, mais lugar para O'Connell, o presente não é mais de "tenacidade" que não a autoinflingida - são capazes de prover respostas e todos, de certa forma, estão condenados a escolhas que delimitarão futuros.⁶⁸

_

⁶⁸ Vale a pena notar que William Hayes, num artigo publicado em 1971, mais ou menos portanto à época da edição revista de The Irish de 1969, indica uma leitura semelhante para o "câncer da alma" que uma pesquisa feita pela University College, Cork, teria identificado como vigindo na Irlanda em 1967. O artigo é extremamente curioso e passeia pela desconsideração de fatores econômicos - afinal uma recuperação forte começara a processar-se na década anterior -, por uma análise da constância emigratória e pelos traumas que imprimiria, por mitos a respeito da história, da pobreza e da "incapacidade congênita" de criar algo mais do que um "Great hatred, little room / Maimed from the start" (versos do famoso poema de Yeats Remorse for intemperate speech), pelas diferentes fações do nacionalismo, pelas atitudes da hierarquia católica - incluindo o Cardinal Cullen - face ao nacionalismo 'violento', pelo levante de 1916, pelo movimento literário do Celtic Revival, pelo antiquarismo gaélico, pela Gaelic League, pela Guerra Civil, pelo ideal de uma Gaelic Ireland, pela censura e por líderes políticos recentes, afirmando que "It is this schizophrenia between ideals proclaimed and reality accepted that best explains the quality of Irish life since 1922". Muito no mesmo sentido da crítica de O'Faolain, Hayes afirma que é a "tirania dos mortos" que gera tal esquizofrenia, expressa, por exemplo, em que, apesar de haver uma desilusão com o ideal da Gaelic Ireland, uma "piety" determina sua sobrevivência enquanto ideal (1971: 190). A discussão final é a respeito de se a Irlanda deve ser encarada como uma sub-cultura, antes da inglesa agora da americana. Aí Hayes também recorre a Yeats, quando este diz que "o mundo moderno não apresenta uma imagem do homem unitária ou fixa" (Ibid: 196), para concluir com Joyce, primeiro afirmando que as iniciais do "cypher" do Finnegans Wake, Humphrey Chimpden Earwicker" seriam um "augúrio amplificado", um "amplified spell" para "Here Comes Everybody" (Ibid: 196-197) e, finalmente, no capítulo "The Vision" (provavelmente Hayes está aqui jogando com o título de um dos textos mais místicos de Yeats, A Vision - Yeats, W.B. (1981) [1937], A Vision. London: Papermac.), com o recurso ao "Yes" final do monólogo de Molly Bloom

O apêndice de *The Irish*, escrito em 1980, é coerente com a linha de argumentação que desenvolveu: O'Faolain vai ocupar-se das fontes e do uso de energia na República! Como ele mesmo refere, trata-se de analisar as condições para "melhorar a subsistência material", que devem fazer parte do cenário onde entram as "considerações culturais mais amplas e profundas" (Ibid: 174)⁶⁹. De certa forma é como se O'Faolain se estivesse conformando com o fato de que se o século XIX foi o século da liderança política, de O'Connell, o XX só poderá ser o da cultura - e da literatura -, nesse sentido abrangente em que a define, se

(o último capítulo, "Penelope", de *Ulysses*, todo ele sem qualquer pontuação e constituído por oito blocos de mil e quinhentas palavras - blocos que Joyce indica deixando um pequeno espaço ao final de cada um) como afirmação de transcendência humana possível. Encerra dizendo: "Nationalism supplies a ground for judgment. It will not be surrendered easily - nor should it. It is to be hoped that a new ground can emerge without a search for the imposed certainty of a totalitarian regime or an atavistic regression. In view of present events, in Ireland as elsewhere, such a hope remains just that" (Ibid: 198). HAYES, William. 1971, Nationalism: Ireland: a case study. *Thought*, vol. XLVI, No. 181, 1971. pp. 165-98. Para uma análise perspicaz dos três monólogos interiores de *Ulysses* - Proteu / Stephen Daedalus, Lestrygonians / Leopold Bloom, Penelope / Molly Bloom - cf. PINHEIRO, Bernardina. 2000, Ulisses: Um monólogo a três. Comunicação apresentada no IBAM, dia 12 de maio de 2000, no âmbito de seminário sobre Joyce promovido pela Escola Letra Freudiana

⁶⁹ Num artigo extremamente interessante, Saris discorda da análise vulgar de De Valera, que com frequência toma como paradigma o discurso que proferiu na Radio Éireann, no dia de São Patrício de 1943:

That Ireland which we dreamed of would be the home of a people who valued material wealth only as the basis of right living, of a people who were satisfied with frugal comfort and devoted their leisure to things of the spirit - a land whose countryside would be bright with cosy homesteads, whose fields and villages would be joyous with the sounds of industry, the romping of sturdy children, the contests of athletic youths and the laughter of comely maidens, whose firesides would be forums for the wisdom of serene old age. It would, in a word, be the home of a people living the life that God desires that man should live (Mac Aonghusa, comp., 1983: 14-15).

MacAONGHUSA, Proinsias (Compiled and introduced by). 1983, *Quotations from Eamon de Valera* (with a Preface by Charles J. Haughey, TD). Dublin: Mercier Press.

Para Saris, "Throughout his long political career, De Valera never ceased to play along a line (one of his own discursive elaboration) between the 'traditional' and the 'modern'. His Ireland was at once isolated from history, a community similar to his vision in the St. Patrick's Day speech, and at the vanguard of the struggle for humanity's political transformation" (2000: 15). Segundo o autor, "De Valera's musings have roots in the intellectual and political debates around Irish national sensibilities that emerged towards the end of the nineteenth century" (Ibid: 14); e pode-se acrescentar que também em outros países europeus, Portugal sendo um caso cujo imaginário semelhante analisei na dissertação de mestrado (Portela 1992, op.cit.). Saris acrescenta que as imagens a que De Valera recorre são "a combination of a valorization of a rural-based economy, with limited industrial development and non-materialist, generally anti-cosmopolitan sentiments. This ideal Ireland would keep one eye on a glorious past (...) and one eye on a cosy future of non-consumerist contentment (...)" (Ibid: Ibid). SARIS, A. Jamie. 2000, Culture and history in the halfway house: ethnography, tradition and the rural middle class in the West of Ireland". *The Journal of Historical Sociology*. Vol. 13, No. 1, pp. 10-36.

Neste sentido é que se pode considerar que O'Faolain, em *The Irish*, está disputando não apenas com a valorização do passado mas também opondo-se à idéia de uma 'tradição restaurada' (essa foi uma expressão a que recorri no título de capítulo da dissertação onde analisei *A Cidade e as Serras* [1900] de Eça de Queiroz) como 'via' defensável para a Irlanda. Para O'Faolain, bom ou mau grado, o "desenvolvimento industrial" é necessário para a 'libertação', para que tanto o culto do passado como essa idéia de "conforto frugal" sejam relegados ao seu devido lugar, à imaginação descolada do 'real' e de suas possibilidades presentes. O 'personagem' central do artigo de Saris é Joe O'Brien de Kilronan (nome fictício), um fianna failer, enfermeiro e proprietário rural que usa métodos 'modernos', parte de um estrato social da Irlanda rural que é "too historically transformative to be unproblematically part of 'traditional' Ireland" (Ibid: 12). É possível sugerir quase que uma com o próprio O'Faolain. Evidentemente O'Faolain não se coloca apenas como 'representante' de grupos, como o de Joe O'Brien, que Saris sugere que sejam encarados como "ponte entre mundos locais e estruturas mais amplas" (Ibid: 29). Mas, de qualquer forma, O'Faolain tampouco é passível de uma classificação unívoca e sua 'proposta' aponta, de modo semelhante, para o reconhecimento das várias contribuições que estão envolvidas nos "redesenhos", "refigurings" da cultura irlandesa (Saris Ibid: 30).

primeiro se conformar a considerações econômicas⁷⁰ que, no caso de O'Faolain, incluiam uma postura socialista.

IX

No livro que escreve a partir de *Hidden Ireland*, Cullen (1988, op.cit.) afirma que Corkery teria tomado o conceito de obras de James Anthony Froude⁷¹, em particular a partir da leitura que padre Dinneen⁷², enorme influência sobre Corkery, teria feito de Froude; e Froude também haveria sido o motivador da 'resposta' *History of Ireland in the Eighteenth*

_

^{7f} Cullen menciona particularmente dois textos de Froude: os dois volumes da coletânea 1894, *Short studies on great subjects*. London e 1889, *The two chiefs of Dunboy*. London.

⁷² Os trabalhos de Dinneen, em irlandês P. Ua Duinnín, mencionados são: 1906, *Filidhe na Máighe*. Dublin;

⁷² Os trabalhos de Dinneen, em irlandês P. Ua Duinnín, mencionados são: 1906, *Filidhe na Máighe*. Dublin; 1902, *Amhráin Sheaghain Chláraigh Mhic Dhomhanaill*. Dublin; e 1902, *Amhráin Eoghain Ruaidh Uí Shuilleabháin*. (2nd ed). Dublin. Não são oferecidas traduções dos títulos, em parte, provavelmente, porque Cullen está disputando, ao longo do texto, o uso das fontes em irlandês que Corkery fez da poesia do século XVIII e início do século XIX. Afirma mesmo que Corkery apenas "read the readily accessible poets and informed his historical opinions with impressions drawn from a tiny handful of authors" (Ibid: 52). A maioria dos trechos dos poemas a que Cullen recorre são, contudo, felizmente, traduzidos, por Máirin Ní Dhonnchadha. De qualquer maneira, em inglês os títulos dos três livros de Dinneen são: *Poets of Meath, Songs of Sean Cleary MacDonnell* e *Songs of Eoghan Ruadh O'Sullivan*.

Numa de suas "Lectures on the Irish Language Movement", proferida em 1904, o Revd. P. Dinneen afirma uma concepção abrangente da língua que, sem dúvida, influencia a defesa que Corkery dela faz - e que partilha da concepção que Moran já advogara:

the language is the root on which all the other elements are grafted, and it is the language in its living state, and not the language as found in books and manuscripts, that is the true basis of this general national revival. If the Irish language were to become extinct as a living speech, as, say, Cornish is extinct, even though it should be studied in every school in Ireland, it could not be taken as the basis of a national regeneration. It is the living word, and the living word alone, that possesses the spell that is powerful enough to call back the nation as a whole from the degrading life of foreign imitation, and give it strength and nerve to develop a native civilisation. (...) It is impossible, however, for the language to exist and thrive at the present time without growth and extension. It must be made the vehicle of education, it must be used for all the purposes of civilised life, it must be cultivated to the point of spontaneous literary expression, it must produce a literature that will be able to hold its own against contemporary English literature (apud Crowley 2000: 208-9).

CROWLEY, Tony. 2000, *The politics of language in Ireland, 1366-1922:* a sourcebook. Londond and New York: Routledge. Synge, o 'objeto' declarado da segunda monografia de peso de Corkery, é um dos oponentes mais claros do que considera a falácia da Gaelic League - antecipando, embora a respeito de um outro plano, a crítica de O'Faolain ao culto do passado - e situando-se do 'outro lado', ao advogar uma inserção 'cosmopolita':

I believe in Ireland. I believe the nation that has made a place in history by seventeen centuries of mandhood, a nation that has begotten Grattan and Emmmet and Parnell will not be brought to complete insanity in these last days by what is senile and slobbering in the docrtince of the Gaelic League. (...) This delirium will not last always. It will not be long (...) till some young man with blood in his veins, logic in his wits and courage in his heart, will sweep over the backside of the world to the uttermost limbo of this credo of mouthing gibberish. (...) This young man will teach Ireland again that she is part of Europe, and teach Irishmen that they have wits to think, imaginations to work miracles, and souls to possess with sanity" (Synge, J.M., 1907, "Can We Go Back Into Our Mother's Womb?" *apud* Crowley 2000: 213).

⁷⁰ Inglis, numa parte do seu artigo em que trata mais particularmente de Liam ORiain - William Patrick Ryan -, que teve seu jornal *Irish Peasant* virtualmente suprimido pela hierarquia católica irlandesa, por causa do debate que promoveu a respeito de padres como professores primários, refere a posição, o 'realismo' se quisermos, de Ryan e Moran em termos que se aproximam da postura de O'Faolain: "the point which Ryan was making was not so very different from Moran's: that precepts and ideals are not enough in themselves: certain social and economic (Moran would have added spiritual) conditions must be created in which they can be realized." (1960, op.cit.: 121).

Century de Lecky que Corkery, por seu turno, como vimos, elegeu opositor para Hidden Ireland. O ponto de Froude seria em tudo distinto do de Corkery, na medida em que Froude tentava, na sua história - também dando, para Cullen, uma "atenção desproporcional" para os condados de Cork and Kerry (Ibid: 5) -, mostrar que o "evidente fracasso" da União entre 'Britain' e Irlanda - o Act of Union, que entrou em vigor em 1801, extinguindo o Parlamento em Dublin - não tinha relação com o "caráter nacional", não estava inscrito na "natureza das coisas", mas antes derivava das instituições: "If institutions and law were right, harmony between Saxon and Celt could be achieved" (Ibid: Ibid). A sua preocupação era portanto mostrar como os "interesses ingleses na Irlanda podiam ser preservados" (Ibid: Ibid). É ao padre Dinneen - ele mesmo fortemente influenciado pelo "renascimento cultural e linguístico" (Ibid: 7) -, porém, que se deve creditar a visão de uma Irlanda esmagada sob o "jugo da opressão" (Dinneen apud Cullen Ibid: Ibid), que se exprimiria através dos bardos principais dessa época (apud Ibid: Ibid), já se centrando inclusive num dos poetas que Corkery irá destacar, Eoghan Ruadh Ó Súilleabháin.

Cullen afirma que Corkery impunha um padrão sobre o século XVIII, ao invés de descrevê-lo (Ibid: 8) e não há dúvida que, em Hidden Ireland, o objetivo está longe de ser o explorar da complexidade das relações sociais, comerciais e fiduciárias presentes na Irlanda do século XVIII - mesmo que limitado à província de Munster 73. Isto não impede, todavia, que uma observação análoga deva ser feita a respeito do livro de Cullen. Preocupado que está em refutar o que Corkery afirma 'ter encontrado', Cullen acaba por ser anacrônico, querer impôr à, a qualquer título significativa, massa de poesia em irlandês que trás à tona, critérios de avaliação que também soam estranhos ao contexto literário dos bardos, critérios mais próprios de uma crítica literária hodierna. É só através desse artificio que Cullen demonstra a tese que quer evidenciar, essencialmente uma negativa de Corkery: que a opressão estava longe dos tons que Corkery - e Dinneen - lhe atribuíram, que os poetas representavam a aristocracia gaélica decadente e, ao mesmo tempo, dependiam de uma patronagem que se vai modificando e, nesse sentido, se tornam mais "middlemen" do que qualquer outra categoria social. Pontos muito interessantes são levantados mas, por causa dessa 'deformação' de intento original, acabam por ser mal explorados... a mesma crítica de fundo que Cullen faz ao livro de Corkery. Explicitando, Cullen afirma que o Hidden Ireland "was written from set

-

⁷³ Talvez já se devesse ter feito esta observação. A atual república da Irlanda é constituída por vinte e seis condados, distribuídos em quatros províncias: Munster (a sudoeste), Leinster (a leste e sudeste); Connaught (a oeste) e Ulster (a noroeste /norte, da República; embora os condados ao norte fiquem ao sul da Irlanda do Norte). O Ulster 'pertencente' à República da Irlanda inclui três condados: Donegal, Cavan and Monaghan. Os seis condados que formalmente constituem a Irlanda do Norte, com frequência também definida como Ulster, são: Antrim, Armagh, Derry (ou Londonderry, dependendo do falante), Down, Fermanagh e Tyrone.

ideas about Irish history and the Irish condition, and the poetry itself is interpreted or manipulated to fit into that context". Ao sugerir que a situação da Gaelic Ireland era evidente, o livro de Corkery teria desencorajado o desejo de pesquisar mais profundamente essa sociedade ou sua "mentalidade" (Ibid: 52). Ora, em parte ao menos, é exatamente o que ocorre com o texto de Cullen: ao centrar-se e à interpretação que faz dos poemas na refutação da tese de Corkery - ao esquecer, portanto, que Corkery não precisa ser lido como historiador senão, talvez, como ideólogo de uma vertente, forte, do nacionalismo cultural irlandês -, também deixa de aproveitar a riqueza do material que trás para compor o retrato historiográfico cuja falta lamenta; e, desta maneira, dá continuidade ao centramento num debate contemporâneo para tratar do passado, ainda que, desta feita, sob o rótulo de 'revisionista' - o que a apresentação do livro, "um clássico do revisionismo", bem demonstra⁷⁴.

Não há pretensão de fazer a crítica do livro de Cullen, até porque ele é mais conhecido por seus trabalhos como historiador econômico da Irlanda, terreno que, assim o crê o senso comum, ensejaria atitudes 'revisionistas'. O que mais prendeu a atenção, a partir das traduções dos poemas que provê, foi o por que O'Faolain - sobretudo sabendo-se seu voto socialista, já mencionado, que aliás transparece em *The Irish*, e seu domínio da língua irlandesa - tão sistematicamente descartou o recurso à poesia irlandesa do período de que Corkery - e Cullen, em resposta - trata. Afinal nesses poemas, apesar da inserção que Cullen deles tenta fazer, surgem clamores 'econômicos' nítidos - mesmo que Cullen provavelmente tenha razão ao afirmar que boa parte aponte mais para uma "antipatia profunda e instintiva em relação a estrangeiros", para um "orgulho da raça gaélica" e uma "consciência exacerbada de sua antiguidade", do que para uma "animosidade religiosa" (Ibid: 18); mas aspectos que, provavelmente, Corkery inseriria sem qualquer problema no seu argumento central. Neles trata-se do pagamento de rendas, de como os produtos do cultivo tinham que traduzir-se em

_

⁷⁴ Leersen, no prefácio do seu livro sobre a conformação, até o século XVIII, da idéia de nacionalidade irlandesa, traça com precisão a principal crítica à historiografia irlandesa de feição nacionalista - de cujo debate com a vertente 'revisionista' se tratará no próximo capítulo da tese: "I still believe that in studying Irish cultural history our task is to study the variability and the dynamics of history rather than to assume and reiterate the received version of its continuity and self-similarity; that it is more rewarding to study the dynamics and variability of the past than to pass judgement upon it by our present-day political standards, or to distill from it some master-plot or invariant formula ('English hegemony and Irish resistance')." (1996: 3). LEERSSEN, Joep. [1986] 1996, *Mere Irish and Fíor-Ghael:* studies in the idea of Irish nationality, its development and literary expression prior to the nineteenth century. Cork: Cork University Press in association with Field Day. Ora o que se tentou apontar é que, se Corkery de fato baseia seu trabalho numa suposta continuidade, numa condenação do 'domínio' inglês, e, assim, numa imputação de valores para o presente que lhe são caros, Cullen assume, na sua avaliação de *Hidden Ireland* de Corkery, uma perspectiva *a priori* condenatória e valorativa análoga, com isso também inviabilizando a emergência de um retrato da literatura bárdica que inclua mais suas variâncias e sua relação dinâmica com a composição social irlandesa do período.

dinheiro ou espécie para pagá-las - "a high price for the goods, that we might make the rent" (Uilliam Ó Maoil Chiaráin. É. Ó Muirgheasa, ed. trad. apud Ibid: 44-5) -, de como, idealmente, "the fair land will be ours for little rent" e como se anseia por que "the poor man's cobblers will have plenty of leather, and we'll not ask a pair of them for less than a crown, we will have shoes without God awarding them and not eat a meal without meat any more" (prov. Reachtabhraigh / Raftery. An Craiobhín Aobhinn, ed. trad. apud Ibid: 41). Como, também, há um tom satírico óbvio - Cullen não segue essa interpretação - que é, ao mesmo tempo, um clamor pelo 'direito' a que assim não seja, o autor (os que representa) não tenha que transformar-se num metodista ou num presbiteriano, como em: "Tréighfidh mé ceol, cuideachta is spórt / agus cromfaidh mé le fónamh chun an tsaoil seo, / ceannóchaidh mé bó, capall nó dhó / agus, b'fhéidir, gabhair agus caorigh" (Ibid: 30) ("I will abandon music, fellowship and sport, and set about advancement in this world, I will buy a cow, a horse or two and, maybe, goats and sheep" [Peadar Ó Doirnín. S. de Rís, ed. trad. apud Ibid:45]). O conjunto dos poemas abunda em imagens do que foi, do que deveria ser, idealmente será; e como Cullen, aliás, percebe - as próprias litanias românticas dispensando dote também se referem a um mundo em que a 'lacuna' de bem estar material é plangente. Contudo, O'Faolain opta por descartar, in totum, essa literatura. É como se, para ele também, o século XVIII tivesse que ser lido à luz do que Corkery sobre ele colocou; e Corkery é o personagem e a proposta que cumpre refutar. A ordem própria do século XVIII não importa mais. É possível que se trate de literatura legítima, mas não há interesse em adentrar seus temas ou clamores. O presente domina e requer considerações de ordem econômica, até para que 'cultura' - no sentido que, para O'Faolain, lhe deve ser atribuído - entre adequadamente em cena. Assim, o único passado legítimo passa a ser o do século XIX, esse que requereu liderança política - um antecessor democrático - e a encontrou em O'Connell. A política parece contudo, para O'Faolain, quase que desaparecer no século XX, na Irlanda pós Free State; ou talvez - provavelmente porque assim quero ler O'Faolain - porque, para ele, se torna a de cada um, credo democrático que precisa declinar de atribuir papéis destacados, seja a 'intelectuais' - e os poetas do século XVIII seriam feitos recair nesta categoria, no máximo espécie de resquício literato e antiquário, como Cullen encara - seja a 'líderes' políticos, salvo quando cumpram seu papel de 'representantes', eventualmente de mudanças a cuja enformação todos estão condenados.

X

A primeira versão publicada, em 1994, do texto de Kiberd, porta a marca de Borges, a partir do próprio título: "Post-colonial Ireland - 'Being Different"; o sub-título extraído da referência que faz a Borges. Já o capítulo de Inventing Ireland, publicado em 1995, que o reproduz na maior parte, porta, no título - "Post-Colonial Ireland - 'A quaking sod" uma referência direta a um trecho de Corkery que cita⁷⁵: "In Ireland, too, Corkery detected not just a lack of native forms, but the want of any foundation on which to shape them. 'Everywhere in the mentality of the Irish people are flux and uncertainty. Our national consciousness may be described in a native phrase, as a quaking sod. It gives no footing. It is not English, nor Irish, nor Anglo-Irish'" (1995: 555). A frase está presente, identicamente, na versão de 1994 (:100), até porque, na verdade, a ideia básica é a mesma. A diferença é com relação a um centro, no caso inglês, e é por relação a este que, mau ou bom grado, a 'consciência' tem falta de forma, é uma geléia, um "quaking sod". No artigo, Kiberd situa O'Faolain como um "revisionista" muito particular, que encontraria em Conor Cruise O'Brien seu descendente. Para Kiberd, "Seán Ó Faoláin (...) critique of his teacher Corkery remained unsatisfactory, because it invoked only the values of European individualism, values which (...) had often been invoked to justify the colonial nightmare from which the country was but slowly emerging" (1994: 108). E acrescenta: "Ó Faoláin and Cruise O'Brien represented the idea of a liberal-European Ireland, cut free of its problematic past, whose only tense was the present and its needs. But (...) the conditions for such transcendence were never propitious" (Ibid: Ibid).

A crítica ao 'individualismo' e a um 'liberalismo europeu' como despido de vínculos com a 'realidade do passado' irlandês é um eco direto de Corkery. No que se refere a 'individualismo', por exemplo, trata-se, quase que literalmente, da interpretação que Corkery lhe dá, de um valor espúrio e oposto ao efetivo e apropriado englobamento que a 'cultura nacional' provê aos seus portadores. É curioso, aliás, notar que, por causa dessa filiação, Kiberd se mostra incapaz de perceber que O'Faolain está longe de fazer a defesa do individualismo liberal 'clássico'. O indivíduo em O'Faolain é aquele que existe pela sua

⁷⁵ As referências bibliográficas foram feitas acima, perto do início do capítulo. Repetidas aqui para conforto daquele leitor imaginário: KIBERD, Declan. 1994, Post-Colonial Ireland - 'Being Different'. Ó CEALLAIGH, Daltún (ed). *Reconsiderations of Irish history and culture*. (Selected Papers from The Desmond Greaves Summer School, 1989-93). Dublin: Léirmheas (for The Desmond Greaves Summer School). pp. 94-112 e KIBERD, Declan. 1995, *Inventing Ireland:* the literature of the modern nation. London: Vintage. Especificamente trata-se do capítulo XXXI: "Post-colonial Ireland - 'A Quaking Sod'" (pp. 551-61).

⁷⁶ Talvez valha a pena notar que, em *Inventing Ireland*, Kiberd critica versões correntes de celtismo no século XIX por construírem seus heróis com base no modelo imperial britânico. Referindo-se a Matthew Arnold - que,

'obra', arlequim que transita habilmente em mundos duplos e mutantes, como no caso de Hugh O'Neill, aglutinador que carrega a 'multidão' para o universo da política, caso de O'Connell⁷⁷; ele mesmo, O'Faolain, pela via de seu circular pelos terrenos da literatura, do ensaio e da inserção em mundos, que incluem o irlandês. É também um 'tema' quase que ausente de *The Irish*. Aliás, para Donoghue, como já apontado, O'Faolain tenderia a pecar, em seus contos, por construir personagens, heróis, que se mostram incongruentes com a história apresentada e, assim, não conseguem apresentar-se como um "personagem real":

The trouble is that O'Faolain, on his hero's behalf, is trying to make me feel more, and more tenderly, than anything the story compels me to feel. (...) The style is in excess of any event or sentiment he can remember or imagine for it. It remains a lovely story because we feel in it the void between the hero's feelings and anything the world might offer him to appease them (1986, op.cit.: 237-8).

apesar de contemporâneo de Ernest Renan, teria sido incapaz de absorver as colocações deste a respeito do gaelicismo na Irlanda e de suas possibilidades de futuro -, Kiberd afirma:

This did not prevent his generation of Celticists from asserting that Irish glories were all in the past, a past which invariably turned out on inspection to have been a disguised version of the contemporary British imperial present. So the ancient hero Cuchulain died strapped to a rock, single-handedly defending the gap of the north after a lifetime spent knocking the heads off his rivals' bodies; and as his life ebbed away a raven alighted and drank his blood. This combination of pagan energy and Christ-like suffering was of just the kind recommended for the production of muscular Christians at Rugby, suggesting that the revivalist Cuchulain was little more than a British public-schoolboy in drag. (...)

(...) Scholars have demonstrated that even when his intention was to praise some positive qualities in the Celt, Arnold never ceded his authority: he was the consummate surveyour, the Celt the consummately surveyed. (...) Any recalcitrant complexities had to be converted back into a more familiar terminology in a tyranny of books over facts. And yet it was with the tyranny of facts that Arnold had proclaimed the Celt quite unable to cope!" (1995, op.cit.: 31)

⁷⁷ Maurice Harmon destaca a semelhança entre os retratos de Hugh O'Neill e Daniel O'Connell em O'Faolain: "The evidence of O'Neill's behavior postulates a most conspiratorial Irish mind, despite the fact that he came close to having the cold, pragmatical mentality of the Renaissance and is, therefore, similar to Daniel O'Connell - another Renaissance figure in O'Faolain's eyes - calculating, whorled with reservations, 'a humming conch of arrière-pensées'" (1984, op.cit.: 24-5). A semelhança entre ambos iria mais longe, inclusive em que suas trajetórias pessoais devem ser destacadas, eles são heroicizáveis, na medida em que agregaram e representaram 'causas' que vão além e, mesmo, os fizeram suplantar suas características 'individuais' - apesar de que a 'preferência' de O'Faolain recai no mais próximo e mais relevante para o presente, O'Connell:

Both men were saved from the degenerative influence of their own natures by the restraining effect of a great cause, O'Neill by the religious idealism of the Counter-Reformation, O'Connell by the ennobling inspiration of his people, who regarded him as their savior. There are, indeed, many similarities in the characters of these men. Both were realists and intelligently creative; both learned the technique of opportunism in England; both were capable of rising to extremes of dedication; both could be ruthless, arrogant, ingratiating, and cunning. Of the two O'Connell is shown to have more human kindness, more tenderness - the evidence of letters and diaries. O'Neill stands far back in time, half-barbaric in his killings, his elopment with Mabel Bagenal, his mistresses, his pride in the patriarchal society of which he is a product. O'Connell is a man of the people, rough, emotional, vulgar, ambitious, by reputation promiscuous, a personification of latent power and frustration.

There are similarities, also, in their intentions, methods, and achievements. (...)

Both men finally, and this is probably the greatest single aspect of their lives to be considered since it embraces all the others, were personifications of the basic drives of their people, united with them atavistically in a common sense of compression, frustrated talent, injustice, and hurt pride, motivated basically by the virtue of *pietas*. O'Neill had seen the Renaissance and had understood how far behind his own people were (...). In the same way O'Connell's struggle for Catholic emancipation was not merely a religious conflict. It embraced much wider and deeper issues. Religion was the symbol of contrasting concepts of life, values mutually contemptuous. Emancipation meant freedom to project the whole native genius in every way (Ibid: 25-7).

Há, nesse sentido, um herói central, um indivíduo se quisermos, mas, para Donoghue, o aspecto relevante e inescapável é o de sua inadequação, sua distância com relação ao cenário, a plausibilidade; uma espécie de sintoma, pode-se dizer, análogo à 'diferença' que Kiberd considera constitutiva da situação 'pós-colonial'⁷⁸ e do que o sistema educacional seria um dos principais culpados: "In the post-colony, school students engage in rote-learning of the old, familiar texts, on courses often taught by mediocre lecturers from the former colonial power" (1994, op.cit.: 97).

Kiberd cita Corkery, fazendo suas palavras as dele - quanto a este excerto, chega a ser difícil precisar que se trata de termos de Corkery -, a respeito da educação das crianças irlandesas: "his education, instead of buttressing and refining his emotional nature, teaches him (...) not to see the surroundings out of which he is sprung, (...) provides him with an alien medium through which he is henceforth to look at his native land! (...) sets up a dispute between his intellect and his emotions..." (Ibid: 100-1). Kiberd prossegue afirmando, sem manifestar o menor desconforto, que termos de Ngugi a respeito do Quênia poderiam ser intercambiados com os de Corkery, como se as dificuldades das crianças quenianas fossem idênticas às das irlandesas ao terem de lidar com uma "reality for which there were no obvious forms and a set of proffered forms which did not cohere with that reality" (Corkery apud Ibid: 101); ou seja, como se houvesse uma identidade evidente entre Irlanda, Quênia e Índia pela sua lide com o 'estranho', a língua e a literatura inglesas em particular, por terem sido 'dominados' pela mesma 'pérfida Albion', que em tudo se sobrepõe ao mero acidente geográfico - evidentemente jamais lembrado por Kiberd, nem por Corkery - das duas grandes ilhas onde ficam a Irlanda e a Grã-Bretanha constituirem um arquipélago e, assim, geologia, latitude e outros fenômenos menores fazerem com que, ao menos na paisagem, as 'native lands' sejam bastante semelhantes. Esses pequenos detalhes não importam já que o que há que reforçar, a qualquer preço, é a "disputa entre intelecto", uma porta aberta para que se trate do todo abrangente 'dominação', chave também, desta vez nas palavras de Gauri Visvanathan, para que se entenda que "Division is the key to canonical power, inducing the

-

⁷⁸ É interessante mencionar que Kiberd também coloca O'Faolain na lista dos autores que refletem sobre o afastamento e sobre a possibilidade de estabelecer conexões, embora num contexto bastante diferente. O romance *The last September*, de Elizabeth Bowen - amiga pessoal de O'Faolain -, passa-se em Cork, durante a Guerra Anglo-Irlandesa:

tells of a big house whose younger members yearn for some intrusion from the world of the actual rebels; and a former insurgent himself, Seán Ó Faoláin, in reading the book could not help wishing for one of a different kind, a truly contrapuntal narrative about a Danielstown house 'that was at least aware of the Ireland outside... that, perhaps, regretted the division enough to admit it was there'. Protesting against the elegant self-enclosure of the novel, he asked for Irish books which were not water-tight compartments (1995, op.cit.: 365-6).

reader to absorb another identity and respond in another voice" (apud Ibid: Ibid). Kiberd reconhece que Corkery "se fez cego para nove décimos da realidade" (Ibid: 103), ao recusar validade à literatura anglo-irlandesa em Synge, e atribui esse fato ao abatimento com o esvair da língua irlandesa: "Perhaps the lack of a native language left the West Indians less prone to depression than their Irish, African or Indian counterparts who felt that something good had been taken away" (Ibid: Ibid) - o que dá vontade de perguntar se todos os habitantes das Índias Ocidentais eram mudos ou, alternativa, se as ilhas eram desertas ou, ainda, se colonizadores que não os ingleses prescindem de qualquer rótulo de maldade! De qualquer forma, é através do eixo da diferença, da distância e do exílio - concreto ou figurado - que Kiberd vai construir a sua filiação a Corkery, incorporando, contudo, os 'nove décimos', a literatura em inglês, a que Corkery recusara legitimidade. Mais ainda, é ao recuperar a

_

Num livro que se tornou uma espécie de Bíblia de segmentos unionistas e lealistas, Heslinga, um geógrafo, vai além ao considerar que a *partition*, entre a Irlanda e a Irlanda do Norte, deriva de um aspecto natural, geográfico, que fez com que o Ulster, mesmo antes da *plantation* de James I, já constituisse uma região peculiar, especificidade que desenvolvimentos históricos posteriores só acentuaram e corroboraram. A conclusão da última parte do livro é expressiva, inclusive pela ligação vai estabelecer com a dimensão religiosa:

the question why Ireland does not form a political entity cannot be separated from the question why the British Isles no longer form a political entity. In my opinion the main problem is not why the majority of the people of the 'Six Counties' refused to cut through their constitutionl links with Great Britain and throw in their lot with the people of the 'Twenty-Six Counties', but rather why the majority of the people of the 'Thirty-Two Counties' desired to withdraw from the United Kingdom of Great Britain and Ireland. However that may be, the two questions come to virtually the same thing: both Separation and its immediate aftermath Partition ultimately derive from religious cleavages (1962: 202-3).

HESLINGA, Dr. M. W. 1962, *The Irish border as a cultural divide*: a contribution to the study of regionalism in the British Isles. Utrecht: Assen.

Ou seja, para Heslinga, o aspecto relevante são as diferenças regionais, todas elas pacificamente subsumidas - até o evento da irracionalidade divisiva da religião - e interagindo a partir de suas diferenças, sob o Reino Unido.

⁷⁹ Não se está com isto querendo dizer que se partilha da visão de autores como Kearney, Ellis ou, mesmo, Canny, que consideram a proximidade geográfica - o tratar-se das "ilhas britânicas" - como fator que deveria conduzir a uma recolocação de questões historiográficas, inclusive de historiografia política, a respeito da Irlanda. Kearney, por exemplo, argumenta que "the 'British Isles' constituted a historical unit comparable to the valley of the Danube, the Iberian peninsula or the Italian peninsula in which various cultures struggled for supremacy or survival over a thousand years and more", perspectiva que o conduz a afirmar que "Beneath the political unity symbolised by the Crown, however, distinctive cultures and religious identities survived, as they did also in the Habsburg empire" (1995: 286). KEARNEY, Hugh. [1989] 1995, The British isles: a history of four nations. Cambridge: Cambridge University Press. Ellis é um historiador especialista no período Tudor. É, contudo, clara sua partilha da idéia de que a historiografia deve privilegiar a interação de 'culturas', também particularmente no âmbito das "ilhas britânicas", como forma de refutar a visão nacionalista: "the dominant interpretative framework remains a national one: it inclines to treat the island as a political rather than a geographic entity, its history shaped by interaction between inhabitants, and the impact of outside factors ignored or dismissed as deleterious" (1999: 163). Desta forma é que, mais adiante no texto, Ellis vai defender que a distância entre os desenvolvimentos regionais era grande - "polítics in the Gaelic world were localised and dynastic; events in Munster rarely had much impact in Ulster" -, maior do que a com relação à corte inglesa e que é portanto o conjunto dos acontecimentos nos territórios ingleses que deve constituir o cenário de análise dos historiadores do início do período moderno: "The English lordship of Ireland (...) was part of a much wider group of territories, in which the English crown and court culture acted as a strong centralising force. Thus it is seriously misleading to discuss its internal history or interaction with Gaelic Ireland either witout reference to developments elsewhere in the English territories or with the crown, court and political community treated as an external factor" (Ibid: 171). ELLIS, Steven. [1986] 1999, Nationalist historiography and the English and Gaelic worlds in the late middle ages. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, Interpreting Irish history: the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 161-80.

"consciência dividida" (Ibid: 101), ao modo de uma "dissociação de sensibilidade", como Eliot a valorizaria (Ibid: 102), uma "in-betweeness" (Ibid: 109), que Kiberd consegue proclamar a excelência, a capacidade inovadora e única da literatura 'pós-colonial'; a irlandesa a que tem mais em mente. Por esta via, Kiberd mantém a 'dominação', o 'colonialismo' como um mal e reitera a distância entre irlandeses e o sistema educacional. Em 1922, "the images of national possibility froze with the country's teachers cast as curators of a post-imperial museum (...). Down the corridor, many curators of the post-colonial Gaelic museum, known as the Irish Department, made equally certain that no radical revisions occurred" e tudo isto se deu às custas de um elevado nível de "auto-repressão" (Ibid: 111). Ou seja, os males do império, a sombra que impôs à Irlanda, estiveram longe de se encerrar com o Free State e, deste modo, o presente continua a ser algo irrecorrível como fonte de honra e glória, congelado em réplica de um passado - todo condenável, mesmo porque nem o irlandês ganhou um sopro vital. A saída - e é curioso notar que Kiberd não pode prescindir, para sua argumentação, desse 'fado' a que as ex-colônias estariam condenadas - é pois perceber que há que ser pós-colonial: ao mesmo tempo reforçar o caráter daninho do domínio passado e traduzir o passado por esse único fato relevante. Isto precisa conduzir à descoberta e à afirmação da nova honra e glória, literária, que revela que a glória imperial é fátua e que o tempo só pode ser efetivamente cruzado por aqueles que se distanciaram do presente e evidenciaram que a história eficaz se exerceu na literatura - um tipo de individualismo sem dúvida muito peculiar, ainda mais quando o que se tenta é transformá-lo numa bandeira senão de dever ser, como era a de Corkery, de como o que foi recentemente tem que ser lido; e esqueça-se de novo o que está ocorrendo nos dias de hoje que não possa ser colocado sob essa luz.

Tóibín considera, a propósito de *Inventing Ireland* de Kiberd e de um texto de Seamus Deane publicado no *The Field Day Anthology of Irish Writting*, que se trata de uma "batalha pela alma de Joyce", que se teria tornado quase tão intensa quanto fora a batalha pelo GPO (General Post Office) no Levante da Páscoa. A dificuldade que essa vontade brutal de inserção de Joyce numa versão, na Versão como a Irlanda deve ser lida, representa, na perspectiva de Tóibín, é que

For Joyce, the idea of England, or Britain, as a mainland was an even sourer joke than Irish nationalism. He himself, rather than any society or nation, was the centre (...). But he was not a political idealist, and the Ireland he invented was not the Ireland of the Revival, or of Pearse and Yeats, and he cannot be treated as part of the same tradition, just as he cannot be treated as apolitical (1996, op.cit.: 15).

O modo que Kiberd encontra para lidar com O'Faolain e com Conor Cruise O'Brien - bem como o esforço para amalgamá-los - provém, ao menos em parte, da impossibilidade de situá-

los de uma maneira unívoca, já que eles próprios refletem sobre o presente da Irlanda segundo cânones distintos do do pós-colonialismo. O'Faolain é então rubricado como defensor dos valores do 'individualismo europeu', potencialmente associados ao "pesadelo colonial", como se viu, e isto no registro de sua oposição ao Corkery de cujas conviçções Kiberd explicitamente partilha. Já Cruise O'Brien é convenientemente cindido em dois - e para isso Kiberd conta com o fato de que O'Brien, que, entre outras coisas, foi ministro, pelo Labour Party, de um governo de coalização com o Fine Gael, já mais perto do final do século XX, abraçara abertamente o unionismo, orientação política que adentrou sua produção acadêmica: "The career of O'Brien was divided between a post-colonial youth and a neo-colonial age: and in this respect he was the exemplary, representative intellectual of independent Ireland" (1994, op.cit.: 107). O que Kiberd - se estou correta, ele mesmo proponente e representante destacado da forma que o nacionalismo cultural de Corkery de certo modo assumiu na Irlanda - deixa de considerar é a possibilidade de que, como Joyce, eles possam ser expressão essencialmente de si mesmos, 'indivíduos' mais do que 'tradições'; que apenas têm um certo compromisso com o presente no sentido do lugar no qual tentam avançar suas indagações, proposituras e textos literários, onde desempenham seu esforço próprio de glória, para voltar a usar o termo - isto apesar e talvez mesmo porque Joyce, O'Faolain e Cruise O'Brien tenham relativamente pouco em comum, a não ser a recusa da rotulação, honrosa ou malfadada, numa fama nacional atemporal.

Essa construção de 'fama' tão explícita em Joyce - são conhecidos seus comentários sobre que a literatura depois de *Ulysses* sempre teria que ter o livro como referência ou que estudiosos ainda se debruçariam sobre suas obras daí a trezentos anos - certamente passa ao largo de O'Faolain. Já Conor Cruise O'Brien estava tão envolvido em defender a visão de que a 'comunidade unionista' na Irlanda do Norte se encontrava "sitiada" e como tal tinha direito a 'defender-se' que chegava a prescindir das honras associadas a seu nome por sua alentada obra acadêmica e ensaística. Kiberd evidentemente está atento à pujança do trabalho de O'Brien e, inclusive, a suas posições críticas anteriores à defesa do unionismo, como quando, em 1966, no artigo "The Embers of Easter", inicialmente publicado num suplemento do *The Irish Times* comemorativo dos cinquenta anos do Levante da Páscoa de 1916, Cruise O'Brien "charged that there was 'no cause for self-congratulation', since the two major national objectives (reintegration of the national territory and restoration of the Irish language) had

been quietly abandoned" (Kiberd 1991⁸⁰: 6-7). A explicação para a flexão na trajetória de O'Brien tem pois que vir associada a um movimento externo, que na verdade encontraria sua origem no mesmo centro ocidental da 'dominação' que causou os males e que agora, rapidamente demais, quer aquietar sua consciência:

By the 1970s, western intellectuals were repenting of their support for national liberation movements, as the new States of Africa and Asia sank into chaos, censorship and even dictatorship. Those who saw such problems as a predictable legacy of colonialism were drowned out by a new kind of commentator, often from a former colony, who gravely assured his old masters that these troubles were largely due to the inherent incapacity of such peoples to govern their own affairs" (1994, op.cit.: 105-6).

V.S.Naipaul, com seu *India*: a wounded civilization, é, para Kiberd, exemplar, deste tipo de atitude que garantiria "lucrativas carreiras midiáticas" (1991, op.cit.: 10), fazendo com que "By a subtle modulation, all remaining British guilt about the colonial adventure could be expunged, because one of the talented, witty natives had given permission, and in beautiful, eighteenth-century prose of which readers of The Observer or the New York Times could approve" (Ibid: 8). Conor Cruise O'Brien poderia prescindir dessa fama fácil, até porque já conquistara seu lugar por mérito próprio quando ainda estava do lado correto, o pós-colonial. Mas o quadro do neo-colonialismo tem uma força atratora quase tão grande quanto a representada pelo império; no pensamento de Kiberd funciona, nesse sentido, como uma réplica da capacidade diluidora - e, por isso, a ser veementemente combatida - que Corkery via na cultura e na língua inglesas. O pós-colonialismo precisa, assim, ser afirmado a todo o custo e é através dessa espada que Kiberd vai travar sua batalha com a forma particular de revisionismo anti-nacionalista que estaria associada a uma "amnésia generalizada", uma "communal amnesia" - que, é claro, rapidamente rotula de característica da maior parte dos estados pós-coloniais (Ibid: 10). Já às possíveis convicções que estariam na base desse revisionismo - como que a glorificação dos rebeldes do Levante da Páscoa levaria os jovens a se juntarem ao IRA (Ibid: 11) -, ele responde com a afirmação, desta feita baseada em sua análise de *Ulysses*, de que "There is little in the ethos of Irish life or culture to glorify violence" (Ibid: 13)81. Como para Corkery não havia lugar para outras existências que não as que o passado escondera e que agora precisam de um 'esplêndido isolamento' para que

⁻

⁸⁰ KIBERD, Declan. 1991, The elephant of revolutionary forgetfulness. Ní DHONNCHADHA, Máirín and DORGAN, Theo (eds). *Revising the Rising*. Derry: Field Day. pp. 1-20. O texto de Conor Cruise O'Brien é: O'BRIEN, Conor Cruise. 1967, The embers of Easter. DUDLEY EDWARDS, Owen and PYLE, Fergus (eds). *1916: The Easter Rising*. London: MacGibbon and Kee.

⁸¹ Kiberd com efeito defende esta interpretação de *Ulysses* e, em particular, dos sentidos atribuíveis ao que pode ser considerado o personagem-guia central, Leopold Bloom, na Introdução que fez para a edição da Penguin Books. KIBERD, Declan. 1992, Introduction. James JOYCE. *Ulysses*. London: Penguin Books. pp. ix-lxxxix. Para uma interpretação quase que oposta, embora perspectivada sobretudo a partir do personagem de Blazes Boylan, cf. ESSLINGER, Pat M. and CARR, Duane R. 1975, Hugh (Blazes) Boylan: the last O'Neill. *Éire-Ireland*, X:II, Samhradh-Summer 1975. pp. 32-43.

possam florescer e dar feição gloriosa à nova Irlanda, Kiberd também recorre ao que estava de certa forma escondido, existindo nos interstícios, 'recalcado' pela dominação, como única fonte legítima e única emergência a que corresponderá a honra de ultrapassar o esquecimento. A luta, para ambos, está no terreno da cultura, entendida essencialmente como literatura, cujos arautos, Corkery antes Kiberd hoje, definirão se é digna de prover a honra e glória maiores, de garantir que a Irlanda é atemporal.

XI

Noutros termos, e para encerrar este capítulo, tanto para Corkery como para Kiberd - e para Moran também, embora o seu recurso ao catolicismo proveja uma dimensão adicional -, como que se trata ainda do lamento de Sir Parsons: não houve qualquer honra ou glória na história passada da Irlanda, nem poderia haver na medida em que se estava submetido a um império, um centro que precisava 'tudo' ocultar. O único jogo aceito era o da política parlamentar e, por força de pressões, acaba por ocorrer a extensão desse terreno para um universo irlandês, 'independente'. A existência de um estado separado, para os autores que partilham desta visão, não é, todavia, um fenômeno relevante em si enquanto não se possa encontrar um campo que seja, simultaneamente, único e provedor de glória diante do mundo. O que estava 'oculto' e 'opresso' - bem como o próprio fato da 'dominação' -, o que é um universo que passa ao largo da política e da história política, emerge, então, como o lugar relevante, aquele que carrega em si o potencial de 'vingar' a história e a política; o permanente reafirmar dos males do 'passado colonial' transformando-se, assim, numa desculpa para a 'glória que não foi' e numa ontologia para a que sempre existiu, apenas velada.

Sean O'Faolain - longe de sozinho, ele mesmo carreando um certo Yeats e Joyce, além de estar com Frank O'Connor e com a *Bell* -, Conor Cruise O'Brien, ao menos até um certo ponto, aportam com uma face bem distinta do poliedro: o que pertence à história é um trajeto, não necessário nem obrigatório mas que encontrou personagens que estiveram de acordo com o seu tempo e com as ambiguidades ou certezas que desembocaram num país que precisa encarar-se como democrático, composto de seres muitas vezes disjuntos e cujos universos que constroem frequentemente se esbatem com o quotidiano; onde a política, terreno que, para eles, pode e deve aglutinar os sentidos de mudança, deve estar espalhada, a obra mesma que o passado teria construído. A 'libertação' é, pois, a possibilidade de alhear-se da história que foi e agudizar a entrada no mosaico do presente, já que, além do

comprometimento democrático, a história pouco mais tem a aportar. Não há nada oculto e explodir símbolos no meio da noite constitui, ainda, acreditar que algo exista nas sombras, da história. A luz do dia não provê nenhuma resposta unívoca e está longe de garantir a fama mas isto apenas porque elas talvez não existam além das memórias, várias, que se carregam para a experiência do presente. O'Faolain, desta maneira, mantém, não obstante, uma porta aberta para o passado; apenas este e seus personagens devem ser lidos como o que foi e não como um dever ser. Esta tensão sobre como ler o passado funciona como uma espécie de pano de fundo nos confrontos dos historiadores irlandeses, em torno das que ficaram conhecidas como versões 'nacionalista', 'revisionista' e 'anti-revisionista' da história do país. É para estes temporais que nos voltaremos agora.

IV - Guerras de histórias, temporais, isolamentos

Juliet knew now - but didn't know how she knew - that wherever there were other stories she would find them and write them down also. They would come to her in dreams and in real things that happened and in things people said. She would change bits of them and add bits to them because that was what you had to do, making them your own.

Stories made the world go round, Juliet said to herself, while Kitty Ann chattered on and they lay in the long grass in the evening sunshine.

(William Trevor. Juliet's Story. 1991)

Neste capítulo veremos alguns aspectos do debate contemporâneo na Irlanda em torno de 'revisionismo', 'anti-revisionismo' e 'nacionalismo'¹, travado por historiadores - mas também por acadêmicos ligados a literatura e tendo, de certa forma, entrada junto a um público mais vasto. O assunto pode parecer anacrônico. Afinal, o termo teria sido cunhado ainda nos alvores do século XX, no campo marxista, funcionando como uma acusação: "revisionism was tantamount to surrender, to a retreat from the revolution" (O Ceallaigh 1994²: 7). Já em meados dos anos 1950, serviu para o ataque chinês às políticas de Kruschev de desestalinização da União Soviética. O argumento de Kruschev que principalmente despertara a acusação chinesa e a ira de setores socialistas era o de que "as the situation had radically changed it had now become possible to effect the transition from capitalism to socialism through parliamentary institutions" (McCartney 1994³: 135). Na década de 1960, os termos revisionismo e revisionista tornam-se moeda corrente no jornalismo irlandês 'de esquerda', para classificar eventos que teriam analogia com o processo movido por Kruschev mas, rapidamente, passaram a ser usados no tratamento das políticas, sobretudo nacionais embora também externas, irlandesas - um sinônimo peculiar de história e de história política.⁴ Por ocasião das comemorações do cinquentenário de Levante da Páscoa de 1916, Conor Cruise O'Brien publicou o artigo "The embers of Easter", mencionado em capítulo anterior,

-

¹ Doravante no capítulo, para não carregar o texto, os termos revisionimo, revisionista, anti-revisionismo, nacionalismo e correlatos serão usados sem aspas.

² Ó CEALLAIGH, Daltún. 1994, Reconsiderations. Ó CEALLAIGH, Daltún (ed). 1994, *Reconsiderations of Irish history and culture*. (Selected Papers from The Desmond Greaves Summer School, 1989-93). Dublin: Léirmheas for The Desmond Greaves Summer School. pp. 5-26.

³ McCARTNEY, Dónal. 1994, History revisions - good and bad. Ó CEALLAIGH, Daltún (ed). 1994, *Reconsiderations of Irish history and culture*. (Selected Papers from The Desmond Greaves Summer School, 1989-93). Dublin: Léirmheas for The Desmond Greaves Summer School. pp.134-56.

⁴ O epiteto revisionista até hoje é de uso corrente do outro lado do Atlântico, nos Estados Unidos, normalmente associado a controvérsias entre historiadores, ou 'divulgadores de história', a respeito da 2a Guerra Mundial e do Holocausto. É irresistível mencionar que George W. Bush teria recorrido ao termo quando começou a ganhar vulto a contestação sobre a posse de armas de destruição em massa pelo regime de Saddam Hussein (na mesma época em que "o resgate da soldado Lynch" perdia qualquer áurea de glória). Em matéria intitulada "Armas: senador acusa CIA", no *Jornal do Brasil*, é dito que "Bush descartou ontem os que duvidam de suas afirmações de antes da guerra, chamando-os de 'historiadores revisionistas' " (4a feira, 18 de junho de 2003: A6).

questionando se o Levante não teria sido mais efetivo dois anos mais tarde, em 1918. Ele não chegou a ser acusado de revionista, mas apenas de 'neo-Redmondita'. Na mesma ocasião, um historiador jesuíta, Father Frank Shaw, teve seu artigo, questionando a personalidade de Padraig Pearse e a sua teoria do sacríficio de sangue, não incluído na revista jesuíta *Studies*. Costuma-se datar de então o barulho das trovoadas e o amolar das facas. Não por acaso, voltou a intensificar-se, segundo Ó Tuathaigh, em 1991, na controvérsia em torno das celebrações do 75° aniversário do Levante (19996: 306). Em 2006 - e a declaração de cessarfogo unilateral do IRA, desta feita com tons fortes de definitiva, feita pelo Sinn Féin a 28 de julho de 2005, não pareceu perturbar quase nada a superfície -, mais uma vez o nonagésimo aniversário do Levante da Páscoa deu azo a tempestades com sons bem semelhantes às anteriores, sem deixar de fora referências a historiadores revisionistas e a revisões que seriam convenientes. O ribombar dos trovões, senão o som das pedras sendo preparadas para amolar

_

⁵ O artigo em questão, publicado em 1972, é: SHAW, S.J., Francis. 1972, The canon of Irish history - a challenge. *Studies* - An Irish Quarterly Review of Letters, Philosophy & Science, LXI, Summer 1972. pp. 113-53. McCartney (1994: 135-6) apenas relata o fato. Já Roy Foster, considerado por seus oponentes - e talvez também por si próprio - uma espécie de *paragon* dos historiadores revisionistas atuais, é bem mais enfático a respeito:

a Jesuit historian, commissioned to write an article on Patrick Pearse to celebrate the anniversary, produced an intemperate and violent attack on Pearse's preference for striking a rhetorical blow against an England that had put Home Rule on the statute book, instead of taking on the Ulster Volunteers who had prevented its implementation; and went on to denounce Pearse's falsification of past history in the interests of present politics.

Not the least significant thing about this outburst, however, was the fact that the article was deemed unsuitable for publication in 1966, and saw the light of day six years later, only after its author's death. By then, the results of simplistic historical hero-cults had become obvious in the carnage of Northern Ireland (1995: 17).

FOSTER, Roy. [1993] 1995, History and the Irish question. _____. 1995, *Paddy & Mr. Punch:* connections in Irish and English history. London: Penguin Books. pp. 1-20. Republicado em BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 122-45.

⁶ Ó TUATHAIGH, M.A.G. [1994] 1999, Irish historical 'revisionism': state of the art or ideological project?. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 306-26.

Em artigo publicado a 09 de abril de 2006, no *The Observer*, versão de domingo do *The Guardian*, e intitulado "The evil legacy of the Easter Rising", Geoffrey WHEATCROFT manifesta-se radicalmente crítico do Levante. Isto fica claro logo no sub-título: "For Ireland to celebrate the 80th [sic] anniversary of the 1916 rebellion is to betray democracy". A derrota dos líderes do Levante que acabou por conduzir à criação do Estado Livre em 1922 só poderia mesmo ter resultado no que um "Tory politician predicted at the time, the most reactionary corner of Europe". Logo antes de associar a Irlanda da época à Itália de Mussolini e à Alemanha de Hitler, bem como ao "terrorismo" recente - é claro que não deixando de lado uma longa lista de mortos em atentados do Provisional IRA e assemelhados -, Wheatcroft comenta que "Although revisionist Irish historians have spent the past generation examining the creation of the state and its underlying myths, even the best of them tend towards insularity and have not noticed how Ireland fitted into a European pattern". http://politics. guardian.co.uk/comment/story. Acesso 2006-04-10. Curiosamente - e aí talvez haja algum afetar da superfície das águas do temporal pelo momento da época - apenas uma das pessoas que fizeram comentários ao artigo o defendeu minimamente, ainda assim referindo-se a política e direito internacionais. Na mesma semana, a 12 de abril, Danny MORRISON escreveu "1916 and all that..." no *Daily Ireland*, essencialmente um jornal ligado ao Sinn Féinn, artigo que parcialmente reproduziu no The Guardian no mesmo dia ao comentar os vários emails que lhe foram enviados a propósito. O argumento de Morrison é, como se esperaria, uma espécie de imagem

as facas, já ecoava antes de 1966 e continua até hoje. Marcos celebratórios trazem-nos para a frente da cena mas mesmo quando não destacados parecem ser elementos constantes nos camarins e trocas de bastidores.

I

Ao longo do capítulo ficará, assim espero, mais clara a posição onde revisionistas, anti-revisionistas e nacionalistas tentam situar-se, inclusive uns em relação aos outros. Talvez valha a pena, em benefício daquele leitor que insisto em imaginar, apontar desde já, de forma necessariamente muito esquemática e um tanto estereotipada, os aspectos centrais de cada uma dessas correntes. A versão nacionalista onde se pode, ao menos em parte, incluir a leitura pós-colonialista de Kiberd que foi abordada antes, tende a enfatizar os males que a Albion causou à ilha menor. Os livros e textos de feição nacionalista costumam enfocar um ou vários dos aspectos da sucessão, mais ou menos 'clássica', que evidenciaria seja a incapacidade administrativa e política seja o inflingir deliberado de punições e sofrimentos pelos dominadores aos irlandeses; os quais, por seu turno, guardariam sempre, na boa tradição romântica, um núcleo norteador do seu ser e de suas ações que vai além e ultrapassa a simples condição de dominados, garantindo sua existência apesar da história e, mesmo, superando-a. Nesta leitura, o 'ser irlandês' aparece pois como algo que sempre existiu, que se manifestou e várias direções são aceitas - em si e em reação à dominação inglesa e que, através da ênfase e da 'honra' associada que a concepção nacionalista seria capaz de trazer à tona, poderá revelar sua especificidade, suas dimensões e potencial de grandeza: redimido da história e quase que capaz de redimi-la, tanto para si quanto para o mundo.

especular do de Wheatcroft. Ambos recorrem ao poema "Man and the Echo" de Yeats e aos versos da sua mais famosa estrofe "Did that play of mine send out / Certain men the English shot?". Enquanto Wheatcroft volta a Yeats para afirmar que " 'the blood-dimmed tide is loosed' and ever since 1916 Ireland has been lapped by that tide (...) cannot escape the legacy of the rising which has poisoned Irish life"(Ibid), Morrison afirma que "To justify or to sympathise or, at the minimum, to understand, 1916, is to justify, sympathise or understand the IRA's armed struggle in the North". O problema de Morrison é com a preocupação do governo de Dublin, no jogo de palavras que faz, de se "'Does this commemoration of ours / Justify the men who shot the English?'". É aí que insere sua demanda por uma 'outra revisão':

The answer is, yes, it does, but no one, not the IRA, not Sinn Féin, not Fianna Fáil or any party or organisation owns the Rising or its legacy. Celebrating it, however, triggers certain imperatives, primarily an examination of the malignity of British rule in Ireland, the divisions it caused between brothers and sisters, families, communities, political parties. It should encourage a revision of what really happened to the North and an analysis of the forces at play. It can only lead to conclusions which will not harm but explain the republican movement, its motivation, its history, and how it survived and thrived.

http://dailyireland.televisual.co.uk e http://commentisfree.guardian.co.uk/danny_morrison/2006/04 .Acesso 2006-04-12.

Nacionalismo e anti-revisionismo são termos às vezes utilizados como sinônimos. Essa equação é, contudo, imprecisa. Há duas correntes bastante diferentes no antirevisionismo. Uma é, com efeito, expressão de um nacionalismo exacerbado e comum entre alguns jornalistas e articulistas, como Desmond Fennell. Neste caso, trata-se da denúncia dos males, dos horrores mesmo, que a perspectiva revisionista representaria. A ideia é que há que apegar-se a um 'ser' profundo, nacional, que os revisionistas estão tentando detratar ou corromper. Há que ser fiel à boa tradição irlandesa que, nessa versão, de fato se aproxima muito do ímpeto revolucionário que Kruschev supostamente teria traído com seu revisionismo. A outra corrente anti-revisionista é essencialmente mais leve e, na verdade, guarda muito pouca relação com a vertente mais dura. É possível, creio, filiar aqui sobretudo historiadores da atual geração acadêmica com produção recente. Dizem que, ao menos diante de certos assuntos, como a Grande Fome de 1846-49, é difícil ter um olhar isento e, como quereriam os revisionistas, deixar de tecer comentários e fazer avaliações a respeito do encaminhamento, das políticas inglesas para lidar com os fatos que se apresentaram. Por outro lado, consideram que a análise de determinados períodos deve incluir conjuntos abrangentes de atores e não apenas, como às vezes defendido por revisionistas, incidir sobre grupos e personagens que a leitura nacionalista costuma deixar de fora. Na concepção de Kevin Whelan, que se auto-situa neste tipo de abordagem, houve uma mudança significativa na historiografia irlandesa de 1995 em diante, nítida em trabalhos sobre 1798 e sobre a Grande Fome, numa "direção pós-revisionista". A análise não reverteu novamente para "the old nationalist version of the history but has moved on from the simplifications of the revisionist approach" (20018: 44). Esta linha, que poderia ser mais propriamente chamada de não-revisionista, recusa qualquer caráter militante e os textos dos autores que aí se incluem são os que, de um modo geral, apresentam um caráter 'neutro', familiar, digamos assim, a leitores menos afeitos às querelas irlandesas.

O revisionismo - incluindo-se aí autores como o 'moderado' F.S.L. Lyons e Roy Foster mas também alguns que, como A.T.Q. Stewart, produzem de uma perspectiva norte-irlandesa 'clássica' - pretende exatamente ter esse caráter, praticar apenas uma 'história de historiadores', depurada do aspecto tendencioso e militante do nacionalismo, inclusive no tocante aos temas escolhidos e à sua abordagem. O fato porém é que, ao menos naqueles

-

⁸ WHELAN, Kevin. 2001, The colossus of Clonegal. (Entrevista a Tommy Graham). *History Ireland*. Vol. 9, No. 4, Winter 2001. pp. 42-5. Ó Tuathaigh, destacando nesse sentido sobretudo um texto em irlandês de Whelan, "Clio agus Caitlín Ní Uallacháin", publicado em 1990 em *Oghma* 2, situa-o como crítico severo da leitura revisionista: "For Whelan the charge against the 'revisionist' writing is that it is too present-centred, too Anglocentric, too narrowly political in its focus, historiographically naive, methodologically stale and unexciting" (Ó Tuathaigh 1999, op.cit.: 308).

trabalhos em que o ímpeto revisionista é mais forte, há um evidente tom 'de luta' supostamente contra o obscurantismo nacionalista. O artigo mencionado do jesuíta Francis Shaw é um bom exemplo desse 'tom', do esforço de denegrir, se possível de forma corrosiva, qualquer construção que não partilhe do credo revisionista, ideário jamais assumido como tal. Os editores da Studies de 1972 em que o artigo foi finalmente publicado são cuidadosos quanto às razões da primeira versão não ter sido incluída no volume de 1966, comemorativo do cinquentenário do Levante da Páscoa de 1916, citando o próprio Frank Shaw: "a critical study of this kind might be thought to be untimely and even inappropriate in what was in effect a commemorative issue' "(1972⁹: 113). Concluem, porém, com uma adesão parcial à atitude de Shaw, já à luz do retorno intenso dos troubles na Irlanda do Norte, novamente citando-o: "There can be no more criminal disservice to Ireland than the determination to keep the fire of hatred burning' " (Ibid: 114) – expressão essa, chama do fogo do ódio, muito comum na produção literária e poética do século XX. No seu artigo, como o próprio título -"The canon of Irish history - a challenge" - indica, Shaw tenta definir o cânone do ideário nacionalista que teria inspirado Padraic Pearse, um dos líderes mais notáveis do Levante da Páscoa de 1916. Tal ideário poderia continuar a ser alimentado na década de 1960 a menos que historiadores, como ele próprio, fossem capazes de desafiá-lo, mostrar sua verdadeira cara, corroê-lo, de preferência tanto interna quanto externamente. Nesse sentido, o objetivo de Shaw é bem diverso da defesa do canône literário ocidental que Harold Bloom popularizou, ainda que de forma polêmica, quase três décadas mais tarde: "Without the Canon, we cease to think. You may idealize endlessly about replacing aesthetic standards with ethnocentric and gender considerations, and your social aims may indeed be admirable. Yet only strength can join itself to strength, as Nietzsche perpetually testified" (1996¹⁰: 41). Bloom afirma que sua proposta não é nem uma apologia do Ocidente nem um empreendimento nacionalista (Ibid: 40). Contudo, é o âmago mesmo da ideia de cânone, como algo que, queiramo-lo ou não, é parte daquilo que somos, defendida por Bloom, que a posição revisionista ataca. Nesta perspectiva, o cânone da história nacionalista irlandesa seria, grosso modo no seu conjunto, um amontoado de inverdades, de falácias, e há portanto que 'recriar', que mostrar, a 'história real', 'imparcial' - 'não canônica' - que deverá substitui-lo.

Pode parecer fútil mencionar esse tipo de detalhes mas, no contexto feérico – o explosivo não ocorre na República, queiram-no ou não os opositores envolvidos – do debate

⁹ McGARRY, C., S.J. & TRODDYN, P.M., S.J. 1972, The canon of Irish history - a challenge: foreword. *Studies* - An Irish Quarterly Review of Letters, Philosophy & Science, LXI, Summer 1972. pp. 113-4.

¹⁰ BLOOM, Harold. 1996, *The Western canon:* the books and school of the ages. London: Papermac (MacMillan).

acadêmico irlandês sobre o assunto tais firulas ganham notoriedade e, assim, é prudente e até relevante dar-lhes atenção. Roy Foster, no artigo "History and the Irish question" acima referido, coloca que o artigo de Francis Shaw lhe teria sido encomendado enquanto que os editores de 1972 afirmam que o próprio Shaw é que teria pedido para contribuir para o número comemorativo da *Studies* de 1966; tendo aportado, além disso, com um texto com mais do dobro do tamanho vulgar na revista. Foster, no seu artigo, logo a seguir admite que o ataque de Shaw a aspectos da figura de Pearse foi "destemperado e violento". O ponto, todavia, parece ser muito mais o de que Foster não quer ser diretamente associado ao tipo de retórica e linguagem de Shaw, antes preferindo tentar situar seus próprios textos de diatribe revisionista como meramente obra de um 'historiador moderno, ponto final' - se a expressão é permitida. De fato, Foster mostra-se capaz de uma elegância discursiva que escapa ao texto de Shaw; em parte talvez na medida em que este último se apresente numa cruzada, aspecto que Foster evade em nome da simples, e normalmente mais eficaz, recusa a dar qualquer dimensão significativa ou relevância a seus oponentes e à historiografia que produzem.

Shaw assume, logo no início do artigo, uma atitude à la Burke, embora, ao mesmo tempo, profundamente católica, declarando que os irlandeses seus contemporâneos "owe it to their fathers and grandfathers to think again before accepting a facile judgment which charges a whole people with national apostasy" (1972, op.cit.: 118); como, segundo ele, Padraic Pearse teria feito. O seu objetivo é claro: "challenge this chain of error in Ireland's history" (Ibid: Ibid); que Pearse haveria atualizado, através da leitura que fizera de Wolfe Tone - o principal idealizador dos United Irishmen e do levante a eles associado no final do século XVIII - e de figuras anteriores, inclusive as de tom algo mítico, como a de Cúchalainn, um dos personagens chave do *Táin*¹¹. O esforço de demolição da figura de Pearse segue, assim,

-

¹¹ The Tain é por vezes considerado um equivalente celta da Iliada de Homero na medida em que o panorama de fundo são as guerras associadas à captura e roubo de gado, a principal fonte de riqueza na época, entre grandes grupos 'tribais' na Irlanda, sobretudo de Ulster e Connaught. Os manuscritos que se conhece do Táin Bó Cuailnge são de vários períodos, os mais antigos produzidos no monastério de Clonmacnoise no século XII, possivelmente contendo excertos feitos no século X. Thomas Kinsella, que compilou e traduziu o Táin para o inglês com base em várias fontes manuscritas, dá um excelente sumário a respeito da linguagem usada e do que se pensa sobre o cenário e época de desenvolvimento dos eventos aí 'relatados':

The origins of the *Táin* are far more ancient than these manuscripts. The language of the earliest form of the story is dated to the eight century, but some of the verse passages may be two centuries older, and it is held by most Celtic scholars that the Ulster cycle, with the rest of early Irish literature, must have had a long oral existence before it received a literary shape, and a few traces of Christian colour, at the the hands of the monastic scribes.

As to the background of the *Táin*, the Ulster cycle was traditionally believed to refer to the time of Christ. This might seem to be supported by the similarity between the barbaric world of the stories, uninfluenced by Greece or Rome, and the La Tène Iron Age civilisation of Gaul and Britain. The *Táin* and certain descriptions of Gaulish society by Classical authors have many details in common: in warfare alone, the individual weapons, the boastfulness and courage of the warriors, the practices of cattle-raiding, chariot-fighting and beheading. Ireland, however, by its isolated position, could retain

de perto o esforço paralelo de quebrar as figuras que este tentou erigir em sustentáculo 'histórico' e inspiração do seu ímpeto nacionalista revolucionário. É curioso notar que a maneira que Shaw usa para tentar denegrir os 'antecessores' eleitos por Pearse é muito semelhante à que o nacionalismo de feição culturalista - inclusive na versão de Corkery e em críticas a ele com que se lidou no capítulo anterior - escolhe para atacar aqueles eleitos seus opositores; e, na verdade, esse aspecto pode ser associado ao nacionalismo vigente no início do século XVII, de que Geoffrey Keating é o autor mais destacado¹². Assim é que a filosofia política de Tone, por exemplo, é caracterizada, por Shaw, como tendo tido "very little nourishment from Irish soil"; seria de fato uma "synthesis of a personal London-born hatred of England and a rationalist's enthusiasm for the French revolution" (Ibid: 120). O tom é em tudo similar ao que usa para falar de textos do próprio Pearse, inclusive quanto ao 'estilo' deste último, que adjetiva: "sentimentality (...) much more English than Irish"; "the lush sentiment is very un-Irish, certainly very un-Gaelic" (Ibid: 132). Essa naturalização do ser gaélico ou irlandês para atacar Pearse, como fizera com Wolfe Tone, vem a propósito de referências de Padraic Pearse a Cúchulainn, 'herói' do Táin. Nesses comentários, Shaw valese rapidamente de uma discussão a respeito de fontes e de autores que parece ter um certo sabor contemporâneo mas que, de fato, pode também ser remontada a Keating. O ponto

traits and customs that had disappeared elsewhere centuries before, and it is possible that the kind of culture the *Táin* describes may have lasted in Ireland up to the introduction of Christianity in the fifth century (1970: ix).

KINSELLA, Thomas. 1970, Introduction. *The Tain*. Translated from the Irish epic *Táin Bo Cuailng*e by Thomas Kinsella. Oxford: Oxford University Press. pp. ix-xvi.

¹² Keating é um autor da primeira metade do século XVII a que voltaremos adiante no capítulo. Por vezes é considerado o primeiro historiador nacionalista moderno. Ele mantém uma longa diatribe com autores anteriores que teriam uma perspectiva protestante e inglesa, a soldo ou não da coroa. Stanihurst, na verdade um católico que se tornou padre e que escreveu nos anos 1580 e 1590, é um dos autores cuja legitimidade Keating tenta descartar. As razões que advoga para isso têm um tom muito próximo ao das que Shaw utiliza para atacar Pearse, Tone e os outros 'antecessores' que Pearse elegera, fato tanto mais notável quanto mais de três séculos separam Keating de Shaw e quanto sua recorrência, em vários autores de diversas feições no espectro nacionalismo-revisionismo, parece apontar para a 'naturalidade' de que essas acusações passaram a se revestir. O âmbito predileto para lançá-las é, com efeito e como talvez não pudesse deixar de ser no caso irlandês, o da história e o da capacidade ou não de produzir uma historiografia 'correta'. Nesse sentido, talvez Keating tenha de fato sido um pioneiro dos termos do debate que continua a ecoar até hoje, malgrado as roupagens algo diferentes ou os tons mais refinados que possam ser utilizados. Vale a pena transcrever uma das passagens em que Keating explica porque Stanihurst não teria legitimidade como historiador:

Understand, reader, that Stanihurst was under three deficiencies for writing the history of Ireland, on account of which it is not fit to regard him as an historian. In the first place, he was too young, so that he had not had opportunity for pursuing inquiry concerning the antiquity of this country, on which he undertook to write. The second defect, he was blindly ignorant in the language of the country in which were the ancient records and transactions of the territory, and of every people who had inhabited it; and, therefore, he could not know these things. The third defect, he was ambitious, and accordingly, he had expectation of obtaining an advantage from those by whom he was incited to write evil concerning Ireland (1987: 41-3).

KEATING D.D., Geoffrey. [circa 1634] [1902] 1987, Foras Feasa ar Éirinn (The History of Ireland). Part I containing The Introduction and The First Book of the History. (Edited with Translation and Notes by David Comyn). London: Published by the Irish Texts Society.

central do padre Shaw é tentar substituir a versão romanticizada do jovem Cuchulainn formulada por Pearse por uma outra, que tem sabor igualmente abstruso: o menino de sete anos inicialmente celebrado no *Táin*, na verdade, "aterrorizava crianças e adultos com a violência de seu comportamento", até que se tornou um "assassino" (Ibid: Ibid).

Colum Cille - ou São Colomba, se quisermos, até porque era chamado Pomba da Igreja - é outro dos escolhidos por Pearse como antecessor exemplar e um terreno no qual o jesuíta Francis Shaw como que se sente obrigado a refutá-lo. Pearse considera Colum Cille um modelo de cristão patriota e atribui-lhe a frase "if I die it shall be from the excess of the love I bear the Gael" - mote inicial da frase que Yeats retomará num de seus famosos poemas sobre 1916 e que provavelmente também foi criada por Keating. Shaw recorre a fontes, inclusive a São Columbano, que teria sido contemporâneo de Colum Cille, para afirmar enfaticamente que tal sentimento só pode ser parte da massa de apócrifos que foram associados a este último santo. Aqui o ponto de Shaw fica ainda mais evidente: Pearse não só não tem legitimidade como irlandês - ou, melhor, gaélico - mas também é desprovido de legitimidade cristã; ambas essas acusações invalidando-o como historiador e, moto contínuo, como alguém capaz de elaborar, intelectualmente ou de que forma seja, qualquer projeto para a Irlanda. O ideal que Pearse atribuira a Colum Cille revelaria essa falta de legitimidade, advinda da falta de compreensão, do acesso mesmo, ao 'ser' irlandês e católico, ao não perceber que a frase que atribui a São Colomba está "in opposition not only to the ancient Irish tradition but to Christian tradition generally" (Ibid: 135). 13

_

¹³ Este tipo de argumento certamente não seria usado por historiadores revisionistas contemporâneos mais militantes; e talvez resida aí uma das razões do modo como Foster se refere ao artigo de Shaw, guardando uma distância prudente de reificações que não assentam bem à mesa da suposta elegância e neutralidade do que, na perspectiva de Foster, deveria ser a produção historiográfica atual. A.T.Q. Stewart é um autor que - na linha de Cyril Falls, este da geração acadêmica anterior à de Stewart - pretende produzir uma "história unionista", tal como analisada por exemplo por Jackson (1999: 253-68); concepção que referirei novamente no capítulo e por vezes denominarei "nacionalismo unionista", para marcar a semelhança entre esses dois supostos inimigos fidagais, nacionalismo e unionismo. Foster – bem como, antes dele, para referir dois historiadores de peso, J.C. Beckett e F.S.L. Lyons – não parece ter qualquer problema com ser associado com uma produção historiográfica como a de A.T.Q. Stewart. Este, contudo, apesar de empregar uma linguagem mais refinada e 'moderna' que a de Shaw - talvez por estar menos preocupado do que Foster com uma inserção prioritária pelo viés acadêmico assume temas e um tom que soam próximos aos de Shaw como quando, no seu The shape of Irish history, recorre à geologia, à arqueologia e à antropologia física (campos que, na opinião de Stewart, a narrativa nacionalista costumaria negar e cujo reconhecimento do significado historiográfico haveria tentado inviabilizar) e não sente qualquer pejo em aportar com um dado genético como base para a suposta evidente comunhão dos habitantes das "ilhas britânicas" (uma das designações que maior furor desperta nos nacionalistas e até em 'irlandeses comuns' da República); aspecto com que pretende descartar o recurso, típico da historiografía nacionalista, tanto acadêmica quanto 'popular', a, por exemplo, um pujante passado celta, como demarcador da especificidade irlandesa. As questões que a afirmação de Stewart deixa no ar vão bem além do espectro que ele propõe, mas o ponto que se quer realcar é apenas o do recurso a naturalizações, a busca, sem que o autor sinta, aparentemente, maiores problemas, por argumentos que soam, a nossos ouvidos, estranhos, quando não espúrios, exatamente ao modo das naturalizações que Shaw empregara:

Um outro recurso que Shaw emprega para refutar o suposto canône nacionalista atualizado nos escritos e discursos de Padraic Pearse, tanto no que se refere a Cúchulainn como a Colum Cille mas que perpassa o conjunto do texto, é acusá-lo de encontrar manifestações de nacionalismo onde este não existiu. Este aspecto é curioso e, por estranho que pareça, comum a trabalhos de vários autores dentro do espectro revisionista. É fato que os relatos nacionalistas mais 'populares', onde o tom e o arranjo românticos imperam, buscam reafirmar uma unidade, um 'traço de unidade' que supostamente funcionaria como 'matriz nacional', vindo desde os tempos 'pré-históricos' - e isto será tratado adiante no capítulo. O inusitado é que o outro lado da contenda, a perspectiva revisionista, embora supostamente procurando construir bases diversas para a reflexão histórica, inclusive e sobretudo no tocante à ilha da Irlanda, ainda assim se preocupe com refutar a 'veracidade' de afirmações nacionalistas de modo pontual, aceitando, desta maneira, que, por exemplo, um ímpeto nacionalista fosse algo crível no século XII. Shaw é exemplar a respeito, ao contrastar a suposta clareza de perspectiva presidindo a invasão normanda e, posteriormente, inglesa -"to conquer the whole island" - às características da reação irlandesa: "Neither in the beginning nor later had the Irish a comparably clear idea of resisting at national level". 14 Como se poderia esperar, o argumento tem, mais uma vez, uma feição inteiramente à la Burke: "The Irishman did not fight for Irish nationality or for any other abstraction" (Ibid:

The first genetic map to be prepared for the whole of the British Isles has shown that there is no significant genetic variation. We all share a common gene pool, which is many thousands of years old. (...) This suggests that the original gene pool has hardly been disturbed by the waves of invading Celts, Gaels, Romans, Vikings and Normans.

These findings have predictably not been well received by enthusiasts for national and regional identity (2001: 32).

JACKSON, Alvin. [1989] 1999, Unionist history. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press, pp. 253-68. Publicado anteriormente em *The Irish Review.* Autumn 1989, pp. 58-65 e Spring 1990, pp. 62-9. STEWART, A.T. Q. 2001, *The shape of Irish history.* Belfast: The Blackstaff Press.

¹⁴ A discussão a respeito da presença ou não de um ímpeto nacionalista no século XII não é, cumpre notar, habitual na historiografía mais recente; embora, como mencionaremos adiante no capítulo, se insinue na produção historiográfica e nos esforços de sua popularização comuns até a década de 1970. Há não muito tempo, o debate sobre o assunto foi comum e, com frequência, aceso, mas no tocante sobretudo aos séculos XVI e XVII. A poesia bárdica e gaélica constitui tópico rico quanto a isso, na sua interpretação opondo-se autores como Brendan Bradshaw e Marc Caball - defensores da 'presença' de um nacionalismo -, de um lado, a, do outro lado, Michelle O'Riordan, Tom Dunne, Joep Leersen e Bernardette Cunningham. Só para dar um exemplo de uma das vertentes da contenda, Caball, na introdução do seu livro sobre a poesia bárdica dos séculos XVI e XVII, define como objetivo: "to restore to the *fileadha* their rightful place in the story of the development of Irish national consciousness and to redress the historiographical imbalance which has erroneously characterised their world view as obscurantist and arcane". E acrescenta: "Bardic poetry is a rich and fascinating historical source and the light it sheds on the responses of the vanquished to conquest and colonisation is well worth the labour of sustained examination" (1998:13). CABALL, Marc. 1998, *Poets and politics:* continuity and reaction in Irish poetry, 1558-1625. Cork: Cork University Press (in association with Field Day).

139). ¹⁵ Francis Shaw demonstra aqui um esforço em tudo semelhante ao de nacionalistas, de diversos matizes, ao afirmar que existiriam características 'irlandesas', autôctones, e que estas dispensariam e, mesmo, passariam ao largo das perspectivas conquistadoras e expansionistas, como as que teriam sido demonstradas por normandos e ingleses. Isto não o impede de projetar um outro tipo de unidade, de, em última análise, subscrever um 'ser', uma 'identidade' gaélica que, na verdade, da perspectiva de Shaw, Pearse teria ameaçado e impedido de seguir seu 'curso natural', 'essencial', burkeano.

Tal visão se constitui num reverso especular quase por demais óbvio da perspectiva nacionalista 'dura'. Nesta, o ideal nacional só do ponto de vista dos 'colonizadores' pode ser encarado como abstrato. O curso de seus aspectos mais variados e 'naturais' foi impedido pela 'ocupação' e, por isso, precisou ganhar tal caráter de fito principal, norteador da luta no passado e à luz do qual este deve ser lido. O que haveria, portanto, seriam características autôctones que, por efeito da 'dominação' - esta sim passível de ser classificada como abstrata e algo a ser denunciado, para não fugirmos da sombra de Burke -, não tiveram nem o espaço nem o florescimento que lhes seria próprio fora a história outra. Revisionistas desejosos de aceitação e afeitos aos canônes da academia 'moderna', que, com frequência, utilizam sua leitura da ilha como senha, também auto-construída, para entrada na suposta

BREWER, J.S. (M.A.) and BULLEN, William (Esq.) (eds). 1869, *Calendar of the Carew Manuscripts*, preserved in the Archiepiscopal Library at Lambeth. 1589-1600. London: Longmans, Green, & Co. Cerca de quarenta anos mais tarde, a assim chamada Confederação de Kilkenny, afirmaria um nacionalismo católico ainda mais inflamado. Sem entrar em detalhes desse período extraordinariamente complicado - mesmo no contexto da complicação 'habitual' da história irlandesa - a primeira assembléia definiu o moto dos

no contexto da complicação 'habitual' da história irlandesa - a primeira assembléia definiu o moto dos confederados como sendo "Pro Deo, Rege et Patria, Hibernia Unanimis (For God, King and Fatherland, Ireland united)" (1998:108) na supostamente insuspeita, até do ponto de vista revisionista, versão do Oxford Companion. CONNOLLY, S.J. (ed.). 1999, *The Oxford Companion to Irish history*. Oxford: Oxford University Press.

¹⁵ De novo o debate sobre o assunto é aceso. Entrando talvez excessivamente na refrega - ao invés de apenas tentar uma espécie de exegêse que possa fornecer parâmetros para pensar a relação da 'história' e do debate historiográfico com o desenho de 'sujeito nacional' associado à democracia irlandesa, que, em última análise, é o que se tenta neste capítulo - vale notar que, no final do século XVI e início do XVII, a noção de 'nacionalidade irlandesa' não é acionada, por 'líderes' do período, como nenhuma abstração. Não só é utilizada num sentido bastante direto como é também colocada em conjugação com um catolicismo típico da Contra-Reforma. Nos termos, por exemplo, da missiva de Hugh O'Neill, earl of Tyrone, 'intimando' Lord Barry a comparecer, no 'espírito' por ele proposto, a encontro - uma das várias ações político-diplomáticas promovidas por Hugh O'Néill no âmbito da Guerra dos Nove Anos movida contra o reino de Elizabeth I:

We have, for the maintenance of the Catholic religion to be planted in this realm, as also for the expelling of our enemies from their continual treachery and oppression used towards this poor country, undertaken a journey to visit these places which as yet have not joined into that godly enterprise. And for that your Lordship, by sinister persuasions, is altogether seduced to hold with the Queen of England, and to serve against us and the Church, we thought fit to write unto your Lordship, and to entreat you withal to add your helping hand in the accomplishing of our said enterprise, and to meet us at Glanmoyre on Thursday next, or soon as you may, with a good pledge for performance. Otherwise we will fytt that course which shall be little to your liking and your country. And also urge not, we pray, the ruin of your followers, which we would be loghe (loath) to work. Tipperary, 13 February 1599 (apud 1869: 362).

universalidade da produção historiográfica contemporânea, talvez não caiam nessa armadilha fácil em que Shaw entra. Não tentam apenas refutar 'ponto a ponto' a existência de manifestações nacionalistas, como essas supostas do século XII. Há, contudo, uma similitude de fundo - e não apenas entre, digamos assim, 'nacionalistas românticos' e 'revisionistas ingênuos' -, espraiando-se por uma grande parte dos autores que produzem dentro de cada uma das duas perspectivas, supostamente antagônicas: as duas tentam, embora ambas seguindo, sem dúvida, argumentações e disjuntivas peculiares, definir o 'olhar adequado', 'aquilo que efetivamente foi' a 'história da Irlanda'. Os eventos sobretudo - mas, às vezes, os próprios atores -, aparecem com frequência sob a forma daquilo que poderia ter ocorrido e do que poderia ter sido evitado; ou, noutros termos, são associados à apresentação de características 'naturais' - onde podem ou não ser alinhados - e de suas prováveis decorrências não fora insurgirem-se aspectos de caráter 'abstrato'. Os dois lados empregando, assim, sinais idênticos, inclusive para definir a 'tensão' básica que presidiria a história e a historiografia irlandesas - sombra da oposição composta de Burke entre 'abstrato' e 'natural', com a desejável vitória encompassadora do 'natural' -, só que associando-os a eventos, conjuntos de atores e motivações para a ação diferentes.

No mesmo sentido, vale a pena destacar o fato dos autores de ambas as linhas, nacionalismo e revisionismo, costumarem ter a ilha menor como referente geográfico exclusivo. Stewart, como observado, até faz menção a um suposto contexto "ilhas britânicas" mas isto apenas no âmbito da refutação dos 'nacionalismos regionais' (rótulo do qual sempre exclui o unionismo da Irlanda do Norte, que é a partir de onde elabora sua produção historiográfica). Steven Ellis e Richard Kearney - revisionistas um tanto peculiares, se quisermos manter o esforço classificatório - são dos poucos autores que tentam uma abordagem 'coerente', buscando evidenciar a fraqueza de laços e conexões nacionais por comparação com outros vínculos, como os associados, por exemplo, à ideia de Gaeldom ou 'gaelicidade', que denotariam paralelos fortes entre Irlanda e Escócia; muito embora, como veremos, se eximam, Ellis em particular, de perceber algumas das consequências lógicas de suas teses. Que a grande maioria dos autores nacionalistas - bem como os 'moderados', termo que talvez traduza bem os não-nacionalistas e os pós-revisionistas que buscam ausentar-se da contenda direta - mantenha acontecimentos próprios da ilha menor como foco é algo perfeitamente esperável. O que é, contudo, mais curioso é que o mesmo ocorra do lado revisionista, a diferença se manifestando apenas no tocante aos atores, eventos e sua interpretação considerados relevantes. Isto parece corroborar a ideia de que a disputa se trava não no campo da construção acadêmica da historiografía e do que deva ser seu objeto e

formas conceituais de lide mas sim quanto a quem detém o 'relato fidedigno', o Relato que precisa, na opinião dos dois lados da contenda, conquistar os 'corações e mentes' - peço licença para a referência - dos irlandeses. Ou seja, e antecipando um dos aspectos que se tentará evidenciar melhor neste capítulo, o âmago das duas versões, quando se olha, ainda que minimamente, para seus eixos centrais, é muito parecido. Ambas se voltam para tentar criar um cânone, no sentido mais comum do termo - embora também na ligação inevitavelmente forte para que Bloom chama atenção - e para evidenciar seus aspectos relevantes ou traços 'ocultos'; estes supostamente pelo 'outro lado' que cada uma dessas visões erige em opositor. As duas pretendem portanto deter a feição 'verdadeira' ou, aproximando mais a historiografia da história e dos efeitos da memória histórica, aquela que haveria que resgatar para os 'irlandeses comuns', que só a partir daí estariam providos de um sentido para guiar o seu tempo presente; uma espécie de orientação 'canônica' devida. Num certo sentido, é como se cada um dos lados buscasse, na legitimação acadêmica para o tipo de historiografia que professa, ser aceito como o poeta-rapsodo por excelência, o portador da versão fidedigna dos mitos - e isto apesar da acusação de mitologização só ser acionada, ao menos de maneira frequente e enfática, pelos revisionistas contra os nacionalistas - e, portanto, capaz de sua transmissão adequada para efeitos do presente¹⁶.

A consequência óbvia e curiosa desse aspecto é o debate historiográfico aparecer como se fosse algo central para a compreensão da Irlanda e de seu presente; traço que é, de fato, destacado tanto para efeitos do público irlandês quanto externo. Por outro lado, como que permite supor um temor com relação às múltiplas 'histórias sobre a história' que os vários agentes - sim, prioritariamente os irlandeses, afinal alguma naturalização talvez possa ser permitida - carregam sobre o tema, com frequência, embora não necessariamente, tão mais densas e 'cheias' quanto mais nos aproximemos do nosso tempo, do século XX irlandês

¹⁶ Ao longo do seu livro Marilena Chauí assume uma distinção entre mito e pensamento filosófico, bem como científico - em que pese certo recurso à leitura antropológica de mito, em particular a Lévi-Strauss - que não é o ponto que se quer referir aqui. Há, contudo, um pequeno trecho no início do livro que traduz com precisão a ideia que se tenta apontar:

Para os gregos, mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que recebem como verdadeira a narrativa porque confiam naquele que narra; é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador. E essa autoridade vem do fato de que ele ou testemunhou diretamente o que está narrando ou recebeu a narrativa de quem testemunhou os acontecimentos narrados.

Quem narra o mito? O poeta-rapsodo. (...) Sua palavra - o mito - é sagrada porque vem de uma revelação divina. O mito é, pois, incontestável e inquestionável (2000: 28-9).

CHAUÍ, Marilena. 2000, Convite à filosofia. São Paulo: Ática.

Quero, por outro lado, desde já assumir qualquer ausência de pretensão de refletir sobre o que seja mito e seu papel, inclusive na produção de memórias e de historiografias específicas. Uma reflexão desse tipo implicaria entrar num debate amplo e recurso a autores, com destaque para Mircea Eliade, além de Lévi-Strauss etc, que de modo algum proponho fazer.

e dos antecedentes e desenrolar do Levante de 1916, da Guerra Anglo-Irlandesa e da Guerra Civil. Tal proximidade implicaria num conhecimento direto, ou em 'memórias próximas' de antepassados que participaram diretamente desses eventos mas, mais do que isso, em referências cujas implicações poderiam escapar do controle, não fora a historiografia fornecer quadros onde incluir e classificar essa massa de relatos, enfeixando-os, exatamente, num arcabouço, da 'naturalidade' do 'ser irlandês' por um lado, e, num nível mais simples, da linhagem da 'história irlandesa' que teria relação com o presente. O ponto, assim - aqui avança-se uma sugestão básica da tese -, é que o esforço para subsumir o conjunto dos atores e dos eventos, sobretudo os mais próximos, sob a capa do debate historiográfico pode ser encarado como representando um esforço para impedir a irrupção de outras dimensões, supostamente mais difíceis de controlar, afins à criação e desenvolvimento da democracia irlandesa, inclusive no que esta tenha de imersão na história; subsidiariamente, dificultaria também a percepção dos aspectos que a conformação democrática que se desenrolou acabou por tornar secundários ou, mesmo, inviabilizar, ao menos do ponto de vista sociológico estrito. Deste modo, boa parte do intensíssimo debate em torno da historiografía, afinal o assunto deste capítulo, é revelador de um esforço de contenção e, mesmo, com frequência, de afastamento da 'história' tal como foi parte do desenvolvimento e da conformação da democracia irlandesa. Ao mesmo tempo, paradoxalmente, como é comum ocorrer, a discussão travada nesse campo é uma das áreas onde melhor se pode perceber a disfonia, a multiplicidade de vozes que acabaram por desembocar, inclusive, no arranjo político concreto, muito bem sucedido, que é suporte para a democracia irlandesa; este mesmo várias vezes questionado - até hoje sem sucesso.

Colocando de forma mais direta, os textos de historiografia nacionalista implicam na defesa de um propósito de união, patente sobretudo na resistência à ocupação e domínio ingleses, como algo que percorre a história da Irlanda. Esse seria o aspecto 'natural', que se contrapõe à abstração - e à consequente incapacidade de reconhecer a diversidade e a variedade de que o 'ser irlandês' se revestiria - das ações e do olhar ingleses sobre a ilha menor. Acentuou-se no século XIX e desembocou, com razoável felicidade, no Levante de 1916 e no processo sequente que acabou por conduzir à independência de fato, senão por completo na forma, em 1922. O desenlace teve uma feição política, a Irlanda transformou-se num estado-nação razoavelmente soberano, não tanto por esse aspecto estar ou não inscrito no âmago do ser irlandês senão porque se tratou de romper com a principal potência imperial da época e a situação de colônia. Até aqui, a maioria dos historiadores da feição nacionalista concordariam, embora, de fato, poucos se dediquem a esse período mais recente. Alguns

autores do espectro nacionalista, hoje basicamente fora da academia, expandem essa concepção: partilham da leitura 'republicana' forte, de certo modo do lado de De Valera na Guerra Civil de 1922-3, e explicam os *troubles* na Irlanda do Norte como fruto da incompletude do processo, o retorno à 'plena naturalidade' para o conjunto da ilha como a única forma de extirpar os males da abstração, da estranheza e suas inevitáveis decorrências; uma fórmula que se aproxima muito, sem dúvida, do discurso das várias dissidências do IRA - Irish Republican Army, talvez caiba lembrar mais uma vez - associada à permanência da luta armada. A fórmula política deveria ser republicana embora, na verdade, se trate de insistir na recomposição da 'unidade natural' como forma de suplantar os litígios; em última análise associados à política como algo abstrato e à busca de 'soluções políticas', no conjunto um fenômeno e um tipo de recurso associados ao fato e à história da dominação inglesa e por isso de alcance limitado.

Na historiografia recente, as supostas implicações 'bélicas' da leitura nacionalista são destacadas sobretudo pelos revisionistas. Haveria, de certa maneira, que alertar os irlandeses para as consequências danosas da crença em, e do encontro com, ímpetos nacionalistas. A presença de padres católicos era marcante na educação e na academia irlandesas até a década de 1970 e, sem dúvida, parte da 'facilidade' que Shaw exibe na afirmação de seus pressupostos se funda no fato de ser um historiador jesuíta dessa época; o que provavelmente também contribua para que a confiança que preside sua pregação seja distinta do tom de historiadores revisionistas contemporâneos. Não parece, porém, correto encarar Shaw apenas como uma 'figura de transição' - por exemplo, entre o domínio religioso e o domínio acadêmico mais estrito - nem tampouco como mero 'precursor' do pensamento revisionista mais articulado, no âmbito da República, que se lhe segue. O seu texto tem todavia, como já destacado, um 'frescor' e uma falta de pejo que escapam aos artigos e livros revisionistas mais recentes. No caso destes últimos, com efeito, a 'naturalidade' não é um argumento que apareça de forma explícita. Destaca-se a míriade de atores e de forças que estiveram em jogo em diferentes momentos da história irlandesa e, quando muito, sugere-se uma inclusão - mais 'natural' neste sentido - da Irlanda num processo de desenvolvimento comum ao em curso na ilha maior; a abstração sendo assim implicitamente relegada à visão contrária, à insistência em buscar e encontrar um ideário, nacionalista, ao invés de se ater à leitura dos 'fatos' e à compreensão dos atores envolvidos em movimentos consentâneos. Desta maneira, a valorização explícita de um certo tipo de unidade feita por Shaw, de fato, não aparece nos artigos e livros revisionistas posteriores. Há, contudo, como talvez já se tenha ressaltado suficientemente, 'certezas' análogas, o conjunto voltando-se, ainda que, em boa parte da literatura, de modo apenas subjacente, para o reforço da ideia que a Irlanda na verdade teria uma outra 'índole', uma outra 'natureza' e um outro sentido de unidade que escapariam à abstração política então representada no nacionalismo e no Levante de 1916 - de novo um paralelo evidente com o pensamento nacionalista, apenas com o sinal invertido usual.

Francis Shaw escreveu o artigo em pauta e morreu antes do recomeço dos troubles. Apesar de não ter portanto em mente os eventos do último quartel do século XX, como boa parte dos historiadores revisionistas, é perfeitamente crível supor que o que conduz Shaw a, primeiro, dirigir seu ataque preferencial à figura de Padraic Pearse e, em segundo lugar, a ocupar-se dos traços 'mundanos', também sob forma acusatória, da trajetória de Pearse seja a concatenação suposta, nas 'mentes comuns', entre 'passado remoto' e acontecimentos recentes - neste caso o Levante de 1916 e Pearse como marco e personagem evidentes. Isto no próprio sentido de ambos guardarem, para os dois lados da contenda, o sentido de referenciais simbólicos fortes, mesmo quando os eventos das últimas décadas passaram a ser os mais comumente trazidos à tona. Não há dúvida que Shaw tentou publicar seu artigo no número comemorativo da Studies - já então uma das mais prestigiosas revistas historiográficas da Irlanda - de 1966 mas parece que redigiu o artigo por achar o esforço de demolição de Pearse necessário, buscando assim aproveitar a oportunidade para publicação do seu texto. O objetivo básico do artigo é essa tentativa de demolir Pearse, primeiro no âmago, através do esforço por caracterizá-lo como um estrangeiro, não-membro do ser irlandês e cristão, e a seguir pela crítica das estratégias e opções políticas dos seus últimos anos de vida; no tocante, por exemplo, ao relativo descarte da Gaelic League e à filiação à Irish Republican Brotherhood, quando é apresentado, tipicamente, como tendo alterado suas posições - pouco antes defendera a proposta de Home Rule - e como tendo deliberada e continuadamente iludido e traído amigos anteriores. Em suma, Pearse não só seria indigno de que se lhe atribua qualquer caráter 'natural', 'irlandês', como tampouco mereceria 'distinção histórica'; e a atenção que Shaw lhe dedica só não constitui um paradoxo porque é voltada para a erosão de sua figura (fica claro que Shaw não cogita a possibilidade de vir a fomentar o debate em torno de Pearse inclusive pelas repercussões e leituras, até mesmo acadêmicas, do seu artigo, antes crente no efeito direto da 'denúncia' presente na sua preleção - aspecto provavelmente coerente com a época em que o artigo foi redigido).

De qualquer forma, Shaw considera 1916 um puro destempero, fruto do delírio da abstração nacionalista ilustrado no personagem de Pearse e visão que, mesmo não aparecendo sob essa forma, repito, subjaz a leitura revisionista do Levante. Na construção do seu artigo, Shaw, bem ao modo dos textos revisionistas, aponta para visões concorrentes à de Pearse à

época do Levante. Fá-lo de uma forma mais valorativa da que os historiadores revisionistas atuais se permitem, assim destacando um aspecto importante subjacente ao pensamento revisionista, o da suposta unidade que existiria na ilha e que, não fora a ruptura representada pela leitura do nacionalismo com suas consequências históricas, inclusive e sobretudo o Levante de 1916, haveria igualmente correspondido a uma unidade temporal, uma continuidade pacífica que, a seu modo, suprimiria o lado maléfico da história - aqui associado à ruptura dos laços com a Grã-Bretanha, do mesmo modo que, no pensamento nacionalista, está ligado à dominação inglesa. Desta forma é que Shaw tanto afirma uma espécie de desinteresse dos irlandeses seus contemporâneos pelo tema do nacional como prega sua retomada sob o eixo da unidade:

Today, for the most part, the Irish people have turned their backs equally on the romantic dream of Pearse and the realistic programme of Hyde and MacNeill. Yet, today, the people would do well to examine again the comprehensive cultural and national ideal which at one time gave promise of uniting all Irishmen of every creed and class and which was received with enthusiasm in every part of the land. This ideal could still unite all who dwell in this island (Shaw, op.cit.: 138).

Uma vez despida do seu caráter abstrato e da possibilidade disruptora - concentrados e magnificados, para Shaw, em Padraic Pearse - , cabe reafirmar, portanto, a unidade geográfica e cultural da ilha - uma vez também devidamente disssociada da linhagem que Pearse haveria construído e de seu apologista anterior mais famoso, Wolfe Tone - como algo indubitável e para o que se encontraria profundo respaldo na história, quando encarada sob o viés da historiografia correta, e ao nível do local - em nomes, história, lendas, música, heróis locais. Ao mesmo tempo, como era de esperar, Francis Shaw refuta que a unidade política para a mesma entidade tenha qualquer relevância, símbolo mesmo da abstração que decorre da ilusão nacionalista; e aqui, novamente, Shaw veicula de forma explícita um 'credo', sem dúvida quase nunca assumido, presente nos textos revisionistas: "the Irish never subscribed to the conventional ideas of state and sovereignty (...). The idea of nation (...) came to them more naturally than that of state. They thought more of personal and local freedom, which they understood and prized, than they did of national freedom which they imperfectly appreciated" (Ibid: Ibid). (O argumento quase parece uma transcrição literal das Reflections...). Na medida em que não tem qualquer pejo em naturalizar a história, logo adiante Shaw recorre a uma miscelânea de supostos heróis e autores do passado irlandês alguns igualmente parte da narrativa popular nacionalista, outros que escolhe destacar de modo mais idiossincrático - para tentar afirmar a atemporalidade dessa recusa da dimensão política da unidade, seu caráter abstrato, estabelecendo, em última análise, a própria "Gaelic mind" como fonte para o descarte e recorrendo - como seria de esperar - à discussão da terminologia na língua irlandesa a respeito de poder para corroborar o seu ponto. Trata-se pois de afirmar que a historiografía nacionalista - na época de Shaw o termo corrente provavelmente fosse 'história nacionalista' -, Pearse então tomado como porta-voz desse ideário, não passa de mentiras, de falácias que, além disso, contêm potencial daninho, orientadas que estão para tentar voltar os irlandeses para um ideal abstrato, em tudo estranho ao seu 'ser', estranho à "national consciousness [which] was more subtle, more spiritual and, I am glad to say, more peaceful" (Ibid: 145). Com o tipo de naturalização que faz, Shaw prescinde de tentar situar seja o tema da unidade política seja Pearse no seu próprio tempo; a crítica e o esforço de demolição passando a dar-se em bloco. A outra face do seu argumento é postular a existência de uma 'unidade efetiva', patente na "Gaelic mind", de caráter 'nacional', e encompassando na verdade quaisquer distinções e linhas de clivagem, tanto de ordem histórica como sociológica, que se possa querer destacar.

Nos textos revisionistas mais recentes a crítica, apresentada de forma mais sútil do que a de Shaw, ao tema da unidade política, tanto da ilha como da simbolizada no período de conformação e desenvolvimento do Irish Free State, é clara. Por um lado, na mesma linha prenunciada por Shaw, há uma denúncia e, assim, uma sugestão de descarte do nacional como tema político. Este é apresentado sob o rótulo da inadequação, estranheza, abstração, podendo conduzir e, mais, provavelmente induzindo ao acirramento de ânimos. Seria também a causa da falta de consideração de 'minorias', de 'grupos', pela historiografía nacionalista correspondendo ao seu 'esquecimento' de fato, ocorrido ao longo dos anos 30 a 60 do século XX no que entretanto se transformou na República da Irlanda - que, ao invés, haveriam tido um lugar na história que deveria ser 'corretamente' assumido. A ideia soa em tudo 'politicamente correta' e defensável - quase ao modo 'integrativo', de uma 'convivência pacífica', advogado por Shaw. Um dos aspectos associados a esta concepção subjacente à maioria dos autores no espectro revisionista é, todavia, a naturalização, com frequência extremada, no tocante aos grupos 'minoritários' - a respeito do que a última parte, a que vse voltará no capítulo, "Modes of minority", do famoso *The narrow ground* de A.T.Q. Stewart¹⁷ é exemplar, apesar de assumidamente exacerbado pelo viés 'Norte'. Trata-se, assim, de que os relatos revisionistas - de modo análogo embora, como já destacado várias vezes, empregando referentes diversos ou dando aos mesmos significantes um valor invertido do que é feito nos relatos nacionalistas - presumem a existência de grupos e atores que, uma vez naturalizados e tornados 'defensáveis' por haverem sido excluídos de consideração e do

-

¹⁷ STEWART, A.T.Q. [1977] 1997, *The narrow ground, aspects of Ulster, 1609-1969*. Belfast: The Blackstaff Press. pp. 157-85.

processo concreto que se desenvolveu no que veio a se tornar a República da Irlanda, passam a ganhar a frente do cenário e, mais, a ganhar o papel dos únicos atores que deveriam ser levados em consideração - além de tudo esquecendo-se aqui o recurso, diferencial mas comum à maioria desses protagonistas, à autoridade constituída Albion. Deste modo, tanto no passado mais remoto - isto pode referir as épocas mais diversas embora, nos relatos revisionistas, haja uma certa ênfase em 'começar a história' com a 'entrada' inglesa e as plantations associadas, ou seja os alvores do século XVII¹⁸ - como no presente, o que há que trazer à tona são os atores, seus grupos, então naturalizados, que também teriam direito à entrada na disputa sobre a Irlanda. De tal forma, a versão revisionista constrói um tipo de naturalidade e unidade histórica que, de fato, impede a consideração da história recente; apesar deste período, sobretudo como lido pela historiografía nacionalista, supostamente constituir a época que mais precisaria ser 'denunciada' em termos do tratamento dado a tais 'minorias'. Na concepção revisionista, ao mesmo tempo em que é negada validade, 'legitimidade', à arquitetura nacionalista e aos atores que esta destaca, é construído um cenário de unidades, de conjuntos de agentes independentes, cada qual com suas razões para a ação, que desemboca, assim, na visão, sem dúvida perspicaz mas, creio, ao menos geográfica e politicamente limitada, expressa - mais uma vez com uma clareza que outros autores revisionistas se sentiriam constrangidos em assumir - por Stewart no seu The shape of Irish history, como quando afirma, no capítulo conclusivo, "The Cain-Abel business":

there is no misunderstanding between Catholic and Protestant in Northern Ireland, none whatsoever. Nor do they need to get to know each other better. They know each other only too well, having lived alongside each other for four centuries, part of the same society yet divided by politics and history. This is not just a clash of cultures; it is a culture in itself (op.cit., 2001: 185).

Para fechar esta já muito longa e prolixa seção introdutória a este, bastante longo em si mesmo, capítulo da tese, marque-se que o ponto básico que se tentará destacar é o da similaridade entre a historiografia nacionalista e revisionista produzida na República da

¹⁸ Um dos livros mais conhecidos de Roy Foster, extraordinamente bem sucedido em termos de divulgação e de vendagem, pode servir de exemplo, como indicado no próprio título: FOSTER, R. F. 1989, Modern Ireland, 1600-1972. London: Penguin. A datação inicial supostamente obedece apenas ao tema época moderna até porque, segundo o autor, uma profusão de 'marcos' em décadas próximas a 1600 como que se ofereceriam para ser escolhidos. O ponto básico que destaca é que "In 1600, as later, Ireland was characterized by a fragmented polity: varieties of peoples, defining their 'Irishness' differently, many of whom denied the legitimacy of the official state apparatus and lived indifferently outside its writ" (1989: 3). O livro como um todo, na verdade, seria uma resposta à versão comum na historiografia nacionalista irlandesa. Foster afirma que a era desta historiografia já terminou mas como que pretende, com o livro, colocar a pedra tumular:

The tradition of writing the 'story of Ireland' as a morality tale, invented around the seventeenth century and retained (with the roles of hero and villain often reversed) until the twentieth, has been abandoned over the last generation. (...)

^{(...).} This book is an attempt to clarify some of the realities behind such supposed desires and regrets over the period since 1600 (Ibid: ix).

Irlanda. Autores não-nacionalistas ou pós-revisionistas serão chamados à baila em alguns momentos mas, de fato, não constituirão destaque. Procurar-se-á mostrar que ambas as visões almejam destacar uma unidade, recorrendo pois, cada uma a seu modo, a uma naturalização da história e dos seus atores. A versão nacionalista tende a presumir que uma unidade existiria no passado ou, ao menos, a tê-la como uma espécie de referente à luz do qual haveria que ler as 'identidades' irlandesas e a presença de 'incompletudes'. A concepção revisionista aloca o ideário de unidade num período mais recente e, mais concretamente, em atores ou grupos que, na mesma tacada, como que passam a significar 'identidades étnicas', embasadas ao modo comum típico dessa classificação - em que pese o eternamente presente viés da história da Irlanda. Nesse sentido também, as duas visões como que tentam cristalizar e paralizar a história e seus processos, definindo atores, modos de concebê-los e formas de encarar as consequências das concepções defendidas que deveriam tanto ser aceitas pelos 'irlandeses comuns' quanto transformadas em cânone da história da Irlanda propalada no exterior - Estados Unidos um dos lugares preferenciais - mas, mais, ser encaradas como uma tradução da Irlanda, sob a forma de um embate sobre a história e, assim, sobre a 'história correta', a definição de quem é o poeta-rapsodo que pode relatar o mito-história mais fidedigno. Esquece-se, nisso tudo, o processo concreto de desenvolvimento da história mais próxima - incluindo, embora no tocante à tese só muito subsidiariamente, os troubles e os acordos na Irlanda do Norte. Nestas construções inviabiliza-se a percepção do período recente - refiro-me, vale explicitar, a cerca de noventa anos como algo recente, aceitando, talvez incautamente, a ideia de passagem de memórias geracionais, de forma direta ou próxima, como instituidora de uma certa peculiaridade - como constituído por aspectos vividos ou pensados e que, portanto, escapam a reducionismos historicistas. Paradoxalmente, também se complica o entendimento do papel que visões concorrentes, tanto historiográficas como sociológicas e políticas, desempenharam no período, inclusive ao modo de forças díspares que, enquanto tal, foram parte importante do processo.

Dificulta-se ainda, no mesmo passo, a 'apreensão' desse período da história da Irlanda em termos de discrepâncias e dissensões ocorrendo até no nível de cada agente individual (as subjetividades que Seamus Deane sugere que Burke propunha?). A possibilidade de que, em si, este não constitua uma unidade tem, assumidamente, certo caráter ontológico. Por outro lado, esta concepção ganhou conteúdos e um trânsito peculiares no contexto da modernidade ocidental. A ideia de um sujeito fragmentário como ator principal da contemporaneidade não é nova, sobretudo na área da literatura - deixando de lado seu *locus* talvez mais evidente, a

psicologia¹⁹. Declan Kiberd, como referido no capítulo anterior, de fato talvez por, na academia, estar situado nesse terreno da literatura, de certa forma trabalha com a ideia mas, mesmo ele, tenta explicá-la pela via historiográfica, através de um suposto pós-colonialismo que conferiria aos irlandeses uma capacidade 'superior', uma espécie de antena que os tornaria capazes de ser 'mais modernos do que os modernos', ao mesmo tempo que, exatamente, sempre fora do exercício específico da modernidade; a política e o jogo democrático quase que aparecendo como manifestações espúrias, uma espécie de excrescência, das quais esses sujeitos se furtariam. O que se pretende portanto é, de certa forma, singelo, apesar de, espero, não reducionista nem naturalizador: associar o tipo de indefinição ocidental contemporânea associada ao 'sujeito' a possibilidades efetivas de prática democrática - ambos como que constituindo aspectos, lados de um Janus multifacetado, por acaso coerentes no mar de valores em que parecemos navegar. O exercício vai, assim, além da Irlanda - apesar de, sem qualquer dúvida, lidar com constelações específicas associadas talvez a circunstâncias extraordinariamente peculiares -, na medida em que aí teriam sido postos em ação modos de funcionamento políticos que vão de encontro e realimentam aspectos básicos do ideário democrático 'clássico'²⁰. Uma espécie de 'acordo' quanto à impossibilidade e mesmo indesejabilidade de uma 'construção acabada', essa é a hipótese, tanto estaria na base da formulação democrática irlandesa como constituiria um dos ímpetos que deram fôlego ao valor democracia.

Noutros termos, tenta-se associar a ideia de 'sujeito fragmentário'²¹ à construção de um nacional - particular e, cabe reafirmar, não necessariamente 'defensável' no que se refere a certos aspectos sociológicos concretos - que, exatamente nos processos de disputa entre próximos, entre os que estiveram na base das redes de definição identitária e social, ganhou características, formais e além, de 'continuidade democrática'. Aliás, entre parênteses, o 'caso irlandês' talvez seja precisamente revelador da possibilidade de conexões fortes - embora

_

¹⁹ Já foi dito antes, as 'vozinhas' só adentraram a tese (sua autora) num momento posterior. No próximo capítulo, o V, primeiro do "Segundo tempo", procura-se afirmá-las. Ainda não 'estavam' aqui.

²⁰ O autor que tenho sobretudo em mente - como talvez seja óbvio - é John Stuart Mill, em particular, seus *Sobre a liberdade* e *Considerações sobre o governo representativo*. Pontos deste último, aliás, tiveram efeitos 'diretos' na Irlanda, inclusive em termos do sistema eleitoral, o PR-STV (proportional representation - single transferable vote), adotado, a que se voltará. Tenho noção que a fortíssima ênfase liberal de Stuart Mill no indivíduo remete a questões de ordem talvez distinta das que tento enfatizar aqui.

STUART MILL, John. [1859] 1984, *On liberty*. London / Melbourne: Dent (Everyman's Library). (Edição em português utilizada: 1942, *Sobre a liberdade*. SP / RJ / Porto Alegre: Companhia Editora Nacional).

STUART MILL, John. [1861] 1984, Considerations on representative government. London / Melbourne: Dent (Everyman's Library). (Edição em português utilizada: 1981, Considerações sobre o governo representativo. Brasília: Editora da UnB).

²¹ Como já comentado em capítulo anterior, a ideia das 'vozinhas' surgiu depois e, assim, também só aparecerá mais adiante na tese, no capítulo V, o "Intróito" do "Segundo Tempo".

pouco exploradas - na base dos ideários nacionalista e democrático, que não por acaso partilham "pais fundadores", foram contemporâneos em sua influência e estiveram na origem de processos encarados como marcos da modernidade, inclusive de seus 'primórdios'.²² Desta maneira, tentar garantir o controle de uma concepção historiográfica sobre as "visões da história" seria apenas uma forma de buscar cercear aquilo que embora constitua uma peculiariedade da experiência irlandesa talvez remeta a dimensões maiores: a possibilidade de buscar na conformação democrática - e na sua relativa indefinição - modos de defender formas de existência, de avançar demandas - tanto genéricas quanto profundamente particulares - que, em última análise, constituam uma possibilidade de garantir primeiro e, depois, marcar a existência 'histórica' de cada um dos agentes na 'história sem fim', nesse mundo supostamente moderno e individualizado; e traço que, no caso da 'Irlanda do Sul', pressupõe ainda o recurso a redes, quase que infinitamente extensas, de familiariedade, compadrio e vizinhança como reforços de sociabilidade e comunidade, nem tão 'imaginários' assim.²³

Em termos de Irlanda do Norte, se é que é permitido o atrevimento de uma entrada nesse terreno, a visão de Stewart acaba por implicar numa espécie de 'condenação eterna', pelo próprio fato de recusar a possibilidade de que exista uma 'susbstância comum' a católicos e protestantes²⁴; 'substância' essa que, à luz do exercício democrático que se está

_

²² Para uma síntese de desenvolvimentos ideológicos e históricos do fenômeno geral do nacionalismo, vide, por exemplo, HUTCHINSON, John & SMITH, Anthony D. 1994, Introduction. HUTCHINSON, John & SMITH, Anthony D. (eds). 1994, *Nationalism*. Oxford / New York: Oxford University Press. pp. 3-13.

²³ Como já deve estar claro, sou grande admiradora do trabalho de Clifford Geertz e da sua proposta de uma antropologia interpretativa. Não obstante, há um texto dele com que implico profundamente (aspecto que fica inequívoco no capítulo II!): "A revolução integradora: sentimentos primordiais e política civil nos estados novos". Nesse texto, de certa forma 'de juventude', publicado em 1963, Geertz estabelece uma distinção entre "estados novos", tipicamente os surgidos após o fim da II Guerra Mundial, e os "estados modernos", mais antigos. Nos primeiros, haveria uma tensão praticamente insolúvel entre os "laços primordiais" e as exigências hodiernas de pertencimento a um estado grande, bem constituído e bem gerido, inclusive em termos políticos e de provisão de bem estar social. Já nos segundos, as sociedades modernas tenderiam a cada vez mais manter a "unidade nacional" através de uma "aderência vaga, intermitente e rotineira a um estado civil, suplementada em maior ou menor grau pelo uso governamental de poderes de polícia e exortação ideológica" (1994: 31). A possibilidade de 'aplicar a casos concretos' o que é apresentado torna o texto à primeira vista muito atraente. Todavia, creio que Geertz padece aí, exatamente, de uma síndrome análoga à que perpassa o esforço de controle e homogeneização corrente em parte da historiografia irlandesa, sobretudo na de feição revisionista, quando presume que a cena política precisaria estar despida de densidade social, de energia mesmo, para poder funcionar de modo adequado.

Excerto usado: GEERTZ, Clifford. [1963] 1994, Primordial and civic ties. HUTCHINSON, John & SMITH, Anthony D. (eds). 1994, *Nationalism*. Oxford / New York: Oxford University Press. pp. 29-34. (Originalmente publicado 1963, The integrative revolution: primordial sentiments and civil politics in the new states. GEERTZ, Clifford (ed). 1963, *Old societies and new states*: the quest for modernity in Asia and Africa. New York: Free Press. pp. 107-13.)

²⁴ Uma concepção análoga, apesar de não explícita, está presente em textos de Ernst GELLNER, como em seu clássico [1983] 1993, *Nations and nationalism*. Oxford: Blackwell ou no póstumo 1997, *Nationalism*. London: Weidenfeld and Nicolson. Cumpre explicitar porém que o viés de Gellner é, sem dúvida, de uma ordem 'temporal', ou seja, pertence a um tipo de historicismo distinto do seguido por Stewart.

procurando destacar, teria que prescindir de qualquer naturalização, antes podendo significar apenas, para nos mantermos próximos a Stewart, o reconhecimento da presença da multiplicidade ao nível individual e de grupos próximos, mesmo quando magnificada pelas adesões que, na instância pública, acabam por ajudar a compor a prática da existência. De qualquer forma, tanto nacionalistas quanto revisionistas parecem estar pouco interessados em lidar com o processo histórico tal como ocorreu e em levar em conta a hipótese de sujeitos múltiplos, compostos, não suscetíveis de enquadramento em definições formais - que sem dúvida recorrem tanto a versões históricas próximas como 'dos livros', além de a suas redes de 'familiariedade' construída, afora sei lá que outras dimensões - como o motor que emergiu dos eventos históricos recentes; e que, portanto, não estão exatamente dispostos a ser 'domados' por relatos que, apesar da elegância, estilística ou acadêmica, evidentemente não os traduzirão. Caim-Abel é uma imagem, de fato, muito sedutora para traduzir a Irlanda do Norte. O problema, semelhante ao que subjaz a maioria dos textos da historiografia revisionista, é que implica em supor Caim de um lado e Abel de outro ao invés de sua presença, ao menos no limite, na mesma pessoa, na possibilidade, que Stewart explicitamente nega, de que essa incorporação - quase que no sentido religioso, cristão, forte - do outro possa ser fonte para aquilo cuja ocorrência foi regra, mesmo que talvez nunca explicitada, na Irlanda pós Guerra Civil: um encarar do si próprio e das definições abstratas assumidas como algo genérico, em permanente transformação e, de qualquer forma, tendo que prescindir de panacéias óbvias quando se buscam soluções. Isso, ao mesmo tempo, viabilizando - aqui em associação estreita com a conformação política específica que se definiu e com o PR-STV (proportional representation - single transferable vote) - que demandas pessoais sejam acolhidas e, o processo de seu acolhimento sendo aceito como determinante, a presença de demandas individuais e sociais nos desenhos do quadro político maior.

Não há, assim, porque supor que, uma vez aceito o 'véu da diferença', a Irlanda do Norte não possa processar um desenvolvimento político semelhante ao que se dá na República. Ao nível formal, PR por exemplo, isso já foi algumas vezes cogitado no Reino Unido (e para partes do próprio Reino Unido)²⁵. Incorporar o outro como parte de si e do seu núcleo íntimo, inclusive social, talvez seja - embora uma dose de humildade profunda por demais caiba com relação a este tema - o 'pulo do gato' - que provavelmente tenha que ser acionado como "apesar do que aconteceu no Sul" - que ajudará a suplantar os *troubles*; de qualquer maneira, certamente saídas não irão surgir de sua solidificação, num jogo e num

-

²⁵ Na verdade utilizado na eleição de deputados para o Parlamento Europeu - o que não deixa de remeter para questões, que certamente não cabem aqui, da 'exterioridade' associada à 'Europa' no seio da Grã-Bretanha...

irredentismo próprios de Caim e Abel. Comunidades imaginárias ao modo 'clássico' descrito por Benedict Anderson, no norte como no sul, certamente foram algo posto em jogo, inclusive de modo forte em versões historiográficas concorrentes, desde há mais de dois séculos e que continuam em vigor no processo atual. A questão que subsiste é de que formas o nacionalismo - que, no sul, foi vitorioso - se revestiu, já que teve, aceitando-se um viés valorativo, sucesso, desembocou numa democracia efetiva e altamente operacional (não esquecendo, repita-se, a recusa da ideia, sem dúvida por vezes suposta na concepção historiográfica nacionalista, de qual tal realização, em si, está longe de qualquer plenitude que, do ponto de vista concreto, implicou e implica na omissão de muitos sujeitos e de sua expressão no cenário político constituído). Tal não foi o caso do 'norte', por mais que se busque uma visão 'isenta'.

Afirmar um 'sucesso' do sul ou um 'fracasso' do norte é, concerteza, uma idiotia. Talvez valha a pena, contudo, tentar escapar do esforço de congelar a história, de afirmar unidades, patente nas versões nacionalista e revisionista, de supor que a fonte da 'comunidade imaginária' estaria no passado remoto e irredento ou, antes, nos conjuntos de atores que pululariam, como que auto-gerados, entre os séculos XVII e XIX. Sem dúvida as pessoas, os irlandeses no caso, são imaginados e criados por vários mecanismos mas - e não somenos também definem formas possíveis e aceitáveis, ou não, de ser expressados e de lidar com um mundo de 'comunitários' - o trocadilho, inclusive no tocante à União Europeia, é proposital -, que garantam a inclusão, tanto do esforço de posse das histórias de Juliet como da placidez de Kitty Ann. Esse talvez seja um daqueles segredos da Irlanda - como todos os bons segredos, certamente de Polichinelo também - que permite tratá-la como uma democracia bastante efetiva, eludido pelos historiadores dos dois campos que se opõem. Parecem incapazes de percebê-lo e, mais, reforçar seu ocultamento quando se recusam a ver as várias forças que, de fato, contrastam e conflitam, que apontam para a inexistência mesma de uma solução única e previsível - isto incluindo até, no limite, embora talvez apenas no limite mais óbvio e evidente, a insistência unionista no reconhecimento de 'identidades' e o afă nacionalista no encontro de uma identidade gaélica ou pré e pós-colonial, um eterno e sempre irrealizado sentido unificador. Ao invés disso cada um dos lados da contenda insiste e crê que a sua visão será a apaziguadora, assim impedindo que uma visão mais abrangente emerja mas, sobretudo, que os atores efetivos possam ganhar a frente da cena, que na verdade detêm.

II

A conexão entre Shaw, o Levante da Páscoa de 1916 - as celebrações dos aniversários de 'maior peso', a exemplo dos 50°, 75° e 90°, como que epitomizando significados potenciais - e a Irlanda do Norte parece de fato algo renitente. Alguns autores alegam que foi com a irrupção dos troubles na Irlanda do Norte, entre 1969 e 1972, que o uso do termo revisionismo - junto com as acusações sobre seu co-irmão nacionalismo - se espalhou e adentrou o campo dos historiadores: "When the Northern problem erupted (...) it was (...) inevitable that the debate would be about the interpretation of Irish history and especially about the role that nationalism had played in it" (MacCartney 1994, op.cit.: 136). McCartney destaca, aliás, que isto pode em parte ter-se devido à coincidência de os principais políticos da época, Conor Cruise O'Brien, John Hume e Garrett FitzGerald, terem eles próprios formação em história 26. Rapidamente "politics and political commentary were (...) masquerading as history, and claiming to be extracting political lessons from it. History was an armoury to which controversialists went for weapons to be used on their political debates" (McCartney Ibid: Ibid). A partir daí a equação básica, ao menos ao nível do senso comum, tornou-se a entre revisionismo e anti-nacionalismo. É essa equação que Hillenbrand, por exemplo, coloca como representante do IRA, num artigo da revista Time, a propósito de celebração no cemitério de Deans Grange (em Dublin) do - talvez não pudesse deixar de ser -Levante da Páscoa, em abril de 1993: "the marchers heard Mary Nellis, a Republican stalwart, condemn enemies and cowards on all sides. 'We are,' said Nellis, 'the respectable minority,' betrayed by the Dublin administration, peace marchers and revisionist academics 'who have forgotten that armed struggle won us independence' "(1993²⁷: 19).

No terreno acadêmico, a equação entre revisionismo e anti-nacionalismo nem sempre é apresentada de forma tão linear. Em abril de 2000, numa lista na internet (H-Albion - H-Net

²

²⁶ O argumento reverso, de que, no contexto da Irlanda, uma formação em história representa, ou representou, uma certa adequação para a chegada a posições de destaque na carreira política, também é bastante atraente. Não gostaria de explorar este aspecto mais longamente mas creio que vale notar que os acadêmicos ligados à área de literatura - bem como jornalistas, caso de Desmond Fennell -, como Declan Kiberd e Seamus Deane, tendem a concentrar-se nas fileiras anti-revisionistas. Os historiadores dividem-se entre uma e outra perspectivas ou tentam 'ausentar-se' como é o caso de Ó Gráda e Ó Tuathaigh ou dos que produzem de uma perspectiva marxista, caso de Bew, Gibbon e Patterson. Entre os cientistas políticos, Tom Garvin também se quer 'ausente' do debate e, como os demais que fazem esse esforço, tem-lhe por vezes aposto o rótulo de revisionista, sobretudo pela corrente mais explicitamente nacionalista. Kiberd, como vimos no capítulo anterior, pretende que a história da Irlanda seja lida através do modelo de 'pós-colonialismo' que ele propõe; insistência que, de fato, parece ter uma certa analogia com a vontade de historiadores nacionalistas, como Bradshaw, de que os males da dominação inglesa não sejam esquecidos e com a convicção de que a Irlanda atual é, em grande parte, fruto de uma *endurance* de colonizados que se mostraram capazes de reverter e ir além da matriz imperial.

²⁷ HILLENBRAND, Barry. 1993, Revolt against the I.R.A.: sickened by violence, the public south of the border is calling for peace. *Time*. April 26, 1993. p. 19.

List for British and Irish History), vários interlocutores, da Irlanda, Inglaterra e Estados Unidos, apresentaram posições divergentes a respeito do 'que fazer' com o assunto revisionismo. Alan Ford, numa das primeiras opiniões expressas na lista, afirmou que "I'd be very wary of reading Irish historiography in terms of a fierce battle between revisionist and anti-revisionist. Practitioners, with a very few exceptions, tend to avoid the polemics and just get on with their research and writing". Praticamente nenhuma das outras pessoas que se exprimiram na lista o secundou. No mesmo dia, Sean Moran, por exemplo, disse que "I would have to disagree strongly with the notion that one can just 'get on' with the 'doing' of Irish history paying no attention to the lively and sometimes deeply acrimonious issue of revisionism and orthodoxy in the practice of Irish history. For one thing, Irish history has an advantage (...) of having popular interest inhpart because of the debate". Thomas Finan também afirma discordar de Alan Ford, embora alegando motivos que, vale notar, são semelhantes aos de parte da retórica revisionista, que crê que tudo o que estão fazendo é "just getting on with it" Para Finan, "Regarding Irish historiography, I can not accept the notion

_

Na introdução ao volume que organizaram em torno do assunto, Boyce e O'Day afirmam que "though the writing of Ireland's history is international in origin, including 'revisionist' studies, the controversy about 'revisionism' is intensely parochial" (1996: 5). Embora o argumento deles não vá no sentido de "just getting on with it", o sumário dos objetivos do livro indica o papel que atribuem ao debate no contexto da historiografia irlandesa:

Overall, the volume has three primary objectives - to augment the growing interest in how historical writings and ideas are shaped and transmitted, to advance the understanding of 'revisionism', and also to serve as a practical guide to students and tutors on the writings about particular themes. (...) Although the individual pieces note areas for further research, this is not an attempt at agenda-making but merely an effort to discover why, where and how historical interpretation has moved during the past decades (Ibid: 13-4).

BOYCE, D. George and O'DAY, Alan. 1996, *The making of modern Irish history*: revisionism and the revisionist controversy. London and New York: Routledge.

O artigo do próprio O'Day no livro - "Home Rule and the historians" - é uma aplicação desse objetivo, constituindo-se essencialmente num mapeamento dos, na prática poucos, trabalhos, revisionistas ou não, produzidos sobre o assunto. O'Day conclui com uma discordância quanto à assertiva comum sobre o foco dos trabalhos revisionistas: "Once again the question of whether or not Gladstonian Home Rule was the best solution we never had rears its head, beautiful or ugly depending on the eye of the beholder. (...) examination of the literature on Home Rule does not sustain the usual assumption that 'revisionism' is most pronounced in Irish

Apesar do tom provocativo do artigo, essa é, de certa forma, a opinião subjacente em FOSTER, Roy. 1986, We are all revisionists now. *The Irish Review*, number one, 1986. pp. 1-5, como quando ironiza "in Irish academe the old battles are so long forgotten that those once called 'revisionists' are now being themselves revised (*quis revidebit ipsos revisores?*)" (:4). Desmond Fennell, um jornalista que é um dos propositores mais aguerridos do anti-revisionismo, da versão nacionalista forte mesmo, embore aceite que é possível uma certa 'neutralidade' na pesquisa historiográfica - "I know that new historical facts are continually being discovered and I welcome this" (1999: 184) -, recusa considerar que os historiadores revisionistas seus contemporâneos possam produzir essencialmente orientados por essa perspectiva. Ele é enfático na sua acusação, cujo tom é em tudo semelhante ao da querela em torno do marxismo desde o início do século XX: "Revisionism, both in its ultimate thrust, and as a matter of objective fact, is the historiography of the Irish counter-revolution" (Ibid: 186). FENNELL, Desmond. [1988] 1999, Against revisionism. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history*: the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 183-90. Publicado originalmente em *The Irish Review*, No. 4, Spring 1988. pp. 20-6. A publicação original na *The Irish Review* correspondeu a trabalho apresentado em seminário sobre "Revisionism on Irish history", ocorrido em 24 de setembro de 1987, na University College Dublin.

that it is possible to just get on with it and write history. Getting on with it, in my mind, means maintaing the status quo, and not trying different ways of interpreting the past, and not challenging our preconception about the past". E prossegue: "Irish history is stuck with the baggage of the twentieth century, like it or not. The field has not tried to adopt different approaches to interpreting the past, and as a result, the same paradigms for understanding the past are maintained" Um outro interlocutor da lista, Mike Hutchenson, dá a dimensão do debate no empreendimento de trabalhos historiográficos a respeito da Irlanda:

political history" (1996: 160). O'DAY, Alan. 1996, Home Rule and the historians. BOYCE, D. George and O'DAY, Alan. 1996, *The making of modern Irish history*: revisionism and the revisionist controversy. London and New York: Routledge. pp. 141-62.

A preocupação de Boyce e O'Day quanto a não se tratar de estabelecer uma 'agenda' de trabalho, refere-se à proposta detalhada de Moody, feita pouco após o aniversário, em 1967, de 30 anos da *Irish Historical Studies* quanto à *New History of Ireland*, que inclui uma listagem dos temas e períodos, bem como dos autores, das vinte e duas contribuições que a constituiriam. Nesse artigo, publicado em 1968-9, Moody é explícito com relação ao corte que considera ter existido entre a historiografia irlandesa anterior e posterior a 1938:

there is a world of difference between the prospects for Irish historiography in 1938 and now.

The pre-1938 era in Irish historiography was characterised by scholars (...) who, working largely in isolation, not only made important specialist contributions themselves, but also attempted boldly to construct general history on inadequate foundations. The historiography of the succeeding thirty years (...) has been dominated by the need to lay new foundations, and to repair and reinforce old ones. The historians of this period have devoted themselves with energy and success to intensive research on a large range of special subjects (...). But their preoccupation with specialist work has meant that general history has tended to become ossified (1999: 38).

MOODY, Theodore William. [1968-69] 1999a, A new history of Ireland. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 38-53. Originalmente publicado em *Irish Historical Studies* xvi, 1968-69. pp. 241-57. É essa falha que Moody pretende - do alto do seu positivismo, ainda que suave - suprir com a *New History of*

Ireland; totalização que agora teria 'bases corretas', nas pesquisas individuais e no intercâmbio ao nível dos departamentos universitários, para ser feita. Dez anos mais tarde, agora referindo os 40 anos da Irish Historical Society e da Ulster Society for Irish Historical Studies, foi a vez de Edwards apresentar "An agenda for Irish history, 1978-2018", onde menciona a publicação do terceiro volume de A New History of Ireland. Edwards partilha das preocupações de Moody mas a sua apresentação, apesar do título, não detalha temas nem períodos que requereriam atenção ou que se inseririam numa totalização histórica. Após indagar "Are we not in danger of ignoring the reality if we succumb to the temptation of underplaying the violence of these discords? Must we not endeavour to see ourselves in the wider context?" (1999: 58), reafirma a crença no papel 'educacional' dos historiadores, comum ao neo-positivismo que partilha com Moody: "future historians will fail to influence society if they cannot present the greater community locally in the first instance, educating their peoples as Europeans and ultimately as citizens of the world" (Ibid: Ibid). Coerentemente, o restante do artigo - após uma notável discussão sobre estilos e recurso a fontes, como as baladas, de apelo popular - é dedicado a apreciar de que modo manuscritos, documentos e outras fontes devem ser preservados e catalogados e, já que se trata da "collective responsibility of historians for the state of the nation" (Ibid: 63), que eles devem decidir sobre a classificação e lide com as fontes, sempre garantindo manipulação de originais de autenticidade atestada. EDWARDS, Robert Dudley. [1978-9] 1999, An agenda for Irish history, 1978-2018. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, Interpreting Irish history: the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 54-67. Originalmente publicado em Irish Historical Studies xxi, 1978-79. pp.3-19.

²⁹ Embora Foster exprima uma pretensão a respeito dos efeitos do trabalho de historiadores revisionistas, como ele, que não há como saber se Finan espousa ou não, há uma ideia algo semelhante à de Finan em Foster quanto este último afirma que "If there's one single unalloyed good that has come out of the overdone debates about historical 'revisionism', it's the idea of the historian as subversive" (1989: 18). FOSTER, Roy. 1989, Varieties of Irishness" (Inaugural Lecture). CROZIER, Maurna (ed). *Cultural traditions in Northern Ireland:* Proceedings of the Cultural Traditions Group Conference, 3-4, March, 1989. Belfast: Institute of Irish Studies. pp. 1-24. Republicado em FOSTER, Roy. [1993] 1995, *Paddy & Mr. Punch:* connections in Irish and English history. London: Penguin Books. pp. 21-39. Um ano antes da conferência em Belfast, Foster dera o mesmo título,

While framing the issue as a 'nationalist v. revisionist' duologue woud be a misleading caricature, there are fundamental debates in Irish historiography that shape the writing available (...). I would argue that without some knowledge of these debates, it is difficult (...) to 'get down to the business of writing history'. (...) Some contact with these historical debates can provide (...) valuable resarch questions, and give (...) a sense that practicing history is more than a positivistic collecting of data.

Na verdade, um debate intenso em torno da historiografia - associado à ideia de que tem um papel e consequências graves - não só antecede a polêmica marxista como parece ser muito anterior ao século XX. MacDonagh considera que a historiografía irlandesa moderna nasceu com a publicação de *Antiquities of Ireland*, do Reverendo Edward Ledwich, em 1790. Já então Ledwich "was signalling the fact that the Irish past had become an additional arena for current Irish political conflict" (1992³⁰: 1). Os oponentes que Ledwich escolhe, Charles O'Connor e Thomas Wyse, fundadores do Catholic Committee em 1760, estariam "using the remote past to support their claims to social and civic parity. (...) they were pressing the fact and character of a pre-conquestal native civilisation into service as a means of establishing their equality of footing with their overlords" (Ibid: 1-2). Jacqueline Hill mostra que é possível remontar o debate ainda mais, levando-o para o século XVII: logo em 1646, Sir John Temple publica sua *History of the General Rebellion*, confirmando, segundo "'depositions' taken by the authorities from Protestants affected by the rising" que "Catholics had planned and perpetrated a 'massacre' of Protestants in 1641" (1988³²: 100). No século XVII,

[&]quot;Varieties of Irishness", a um texto diferente, o prólogo do seu alentado e já referido [1988] 1989, Modern Ireland, 1600-1972. London: Penguin Books. pp.3-14.

³⁰ MacDONAGH, Oliver. [1983] 1992, States of mind: two centuries of Anglo-Irish conflict, 1780-1980. London: Pimlico.

³¹ 1641 continua como um símbolo dos mais fortes do nacionalismo unionista da Irlanda do Norte e o *slogan* 'Remember 1641' é frequente em muros de zonas protestantes. Num artigo em que resenha trabalhos sobre o "começo da era moderna irlandesa", Morgan, num trecho sobre trabalho de Gillespie, assim se refere a 1641: "The rising itself utilised the surviving Gaelic kinship network to good effect. However, the nobles lost control of events after a space and the rising degenerated into a series of brutal massacres perpetrated on the settlers by the Gaelic peasantry. Setting aside the obvious sectarianism, this stage of the 1641 was the closest that early modern Ireland came to a peasant rising and a measure of peasant consciousness" (1988: 707). MORGAN, Hiram. 1988, Writing Up Early Modern Ireland. The Historical Journal, 31, 3, 1988. Cambridge University Press. pp.701-7. Gillespie assim comenta os efeitos da rebelião no período:

It is almost impossible to overestimate the impact of the Irish war between 1641 and the early 1650s on the minds of contemporaries both in Ireland and in England. Politically it was to prove a decisive factor in shaping both Irish and English attitudes in the first half of the 1640s. Economically it was no less significant since it was to be the ruin of many of the key early-seventeenth century landed families in Ireland who were not sufficiently solvent to withstand almost ten rentless years. Moreover, as contemporaries were not adverse to pointing out, the rebellion had hit the crown where it hurt most - in the exchequer. (....) The rebellion also had an important symbolic significance demonstrating to contemporaries the fundamental disloyalty of the native Irish. (...)

These attitudes were as much the product of propaganda as of reality (1986: 191).

No século XIX, a revolta de 1641 ainda era combustível e se constituía em foco de embates historiográficos:

The nineteenth-century scholars who approached the Irish rising did so in an attempt to prove either how savage the rising had been or how well the rebels had behaved - depending on the political viewpoint of the author. (...) Political considerations also influenced explanations of causality, one camp arguing that the rising was the result of treachery and 'popish bigotry' and pointing to the long

estabelecem-se controvérsias historiográficas acerca de, ao menos, três 'grandes temas' - que se prolongaram, não obstante as diferenças de ênfase e tratamento, até hoje: o da existência de uma civilização gaélica milenar; o passado cristão na Irlanda, que vinha associado ao da colonização ou não da Escócia por irlandeses, com o adendo da discussão antiquária e linguística sobre o uso da palavra Scoti para nomear ambos, irlandeses e escoceses; e os conflitos políticos e religiosos relacionados com a Revolução Gloriosa de William de Orange. O debate historiográfico é ainda mais prolífico na primeira metade do século XVIII - quando se intensifica o que cerca a Revolução Gloriosa de 1688 - sustentando, por exemplo, a emergência da tradição 'patriótica' - "patriot sentiment (...) should not be taken as indicating disloyalty towards the link with Britain" (Ibid: 102) -, que orientará parte da ideologia Anglo-Irish do século XIX e começos do XX. Para Hill, portanto, uma grande variedade de versões sobre o passado compete nos séculos XVII e, sobretudo, XVIII, parte das quais alimenta ou, mesmo, inspira conflitos de ordem não historiográfica. A razão porque essa variedade só raramente é percebida reside, na opinião de Hill, na "continuing influence of the nineteenthcentury historiographical tradition (..), which emphasizes the divisive nature of the penal laws" (Ibid: 98). A versão corrente é que, no século XVIII, "historians in Ireland clung to a timeless or repetitive framework in which events long past were invoked in current political controversies", enquanto que uma "developmental or progressive view of the past was gaining ground in England." (Ibid: 96). Ora, como Hill procura demonstrar, inclusive com a multiplicidade de versões que aborda no seu artigo, essa ideia não se sustenta: há variedade onde vários historiadores contemporâneos insistem em encontrar apenas homogeneidade.

O pressuposto da historiografia do século XIX, ainda corrente, é, contudo, o de que "no general agreement on the past could emerge because of the enormous gulf between the different communities in Ireland" (Ibid: Ibid). Ou, para recorrer à concepção de Lyons

history of rebelliousness among the Catholic Irish, while the other camp justified the rising as a reaction to official cruelty and repression (Ibid: 192).

GILLESPIE, Raymond. 1986, The end of an era: Ulster and the outbreak of the 1641 rising. BRADY, Ciaran and GILLESPIE, Raymond (eds). *Natives and newcomers:* essays on the making of Irish colonial society, 1534-1641. Dublin: Irish Academic Press. pp. 191-213.

Num livro de 'história oficial' que não tem data de publicação mas posterior ao estabelecimento do Free State cujo culminar é parte do relato, como era de se esperar, a gravidade do 'massacre' é minorada e atribuída a propaganda inglesa visando acobertar os - esses efetivos na perspectiva defendida no livro - massacres ingleses: "Feidhlim Ó Néill was not a strong or capable leader, and some of his followers, in their desire to avenge the wrongs done to their fathers, ill-treated and killed some of the planters. These cruelties were grossly exaggerated by the English, and were afterwards used as an excuse to justify the extensive and bloody massacres carried out by themselves" (s/d: 19). The EDUCATIONAL COMPANY OF IRELAND. s/d, *The educational history of Ireland, Part II - from A.D. 1603 to modern times*. Baile Átha Cliath & Corcaigh (Dublin & Cork): The Educational Company of Ireland.

³² HILL, Jacqueline R. 1988, Popery and protestantism, civil and religious liberty: the disputed lessons of Irish history, 1690-1812. *Past & Present*. Number 118, February 1988. pp. 96-129.

(1982³³), que cada 'cultura' necessariamente construiria uma visão particular do passado: "Without the recognition that cultural unity and cultural diversity constitute the burden of our history all political ingenuity seems to me vain" (1999³⁴: 102). A "cultura nativa", católica, seria mais tendente, ao menos desde o século XIX, a insistir numa atemporalidade. MacDonagh partilha desta perspectiva - muito embora "cristão" seja evidentemente extensível tanto a católicos como a anglicanos e presbiterianos. Assim, na perspectiva de MacDonagh,

early history-writing both shaped and solidified what was to prove an enduring characteristic in Irish political attitudes. Negatively, it may be described as an absence of a developmental or sequential view of past events. Positively, it implies a mode or habit of judgement and apprehension outside a chronologically calibrated (...) time scale. It may be no coincidence that the society in which this mode or habit prevailed was deeply Christian (1992, op.cit.: 6).

Apesar do que a aparente neutralidade dessa apresentação poderia sugerir, com mais clareza ainda do que Lyons, MacDonagh vê aí consequências graves: "this rendered and renders the past an arsenal of weapons with which to defend both inveterate prejudice and that ignorance which wishes only to remain invincible. But it also implies historical interpretations in terms of law and morals" (Ibid: 7). Um dos pontos que se procurará evidenciar neste capítulo, de certa forma acompanhando Hill, é que essa visão segundo a qual a diferentes 'culturas' correspondem diferentes historiografias, comum sobretudo em autores que se situam da perspectiva revisionista, está na verdade trazendo para os dias de hoje o 'congelamento' - sobretudo em torno de católicos e protestantes, mas incluindo o desenvolvimento da corrente Anglo-Irish - das 'divisões' que se teriam manifestado a partir de finais do século XVIII e do Act of Union de 1800.

Existiu e persiste, sem dúvida, uma leitura do passado que, como Lessa coloca, opera ao modo de um truísmo que é menos "decorrência de inclinações retóricas" do que um "recognition of some undisturbed and ordained historical pattern" (1989 35 : 1). Uma concepção deste tipo está presente, como vimos no capítulo anterior, no nacionalismo cultural advogado por Corkery e encontra continuidade na proposta 'pós-colonial' de Kiberd - tributária, em parte ao menos, da ideia de "duas civilizações" propalada por Moran e por Yeats. A 'história popular', de clara inspiração nacionalista, comum até a década de 60, também partilha desse arranjo. No terreno acadêmico, porém, logo desde finais da década de

_

³³ LYONS, F.S.L. 1982, *Culture and anarchy in Ireland, 1890-1939* (The Ford Lectures delivered in the University of Oxford in the Hillary Term of 1978). Oxford and New York: Oxford University Press.

³⁴ LYONS, F.S.L. [1978] 1999, The burden of our history. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press, pp. 87-104

³⁵ LESSA, Renato. 1989, Back we went to Cromwell again? : remote past and recent history in the Irish dilemma. UFF (mimeo).

30, nunca foi entronizada. Theodore William Moody e Robert Dudley Edwards, que haviam estudado com Herbert Butterfield, assumem lugares-chave em universidades de Dublin (Moody tornar-se-á *Professor* no Trinity College, Dublin, posição que Edwards deterá na University College, Dublin) e propõem-se aplicar à Irlanda a crítica de Butterfield à 'interpretação Whig' da história inglesa³⁶. No terreno mais 'vulgar', a dúvida de Yeats - "Did that play of mine send out / Certain men the English shot?"³⁷ - certamente procede. É, aliás, questão semelhante à que Thompson coloca no seu livro a respeito do 'imaginário' do Levante de 1916, sobre cujo desenrolar Yeats indaga sua responsabilidade: num desses supostos ciclos seculares, o de meados para final do século XVIII, o antiquarismo e o celtismo então em voga deram azo a que "for a brief period it (...) seemed that Irish history and poetry could be a matter of *belles-lettres*". Como depois o de 1916, rapidamente o levante de 1798 viria, contudo, mais uma vez provar "the incorrigibility of the Irish" e, na sequência, fazer com que "Irish history and poetry again became a political matter" (1982³⁸:

_

First, it is not clear how aware the two-London-based scholars were of the Cambridge don before they had commenced their work in Ireland. *The Whig Interpretation*, to be sure, was published in 1931, but it was of only a decade later, after the publication of Butterfield's own far from value-free, and decidedly Whiggish, book on *The Englishman and his History* (1944), that he came to have as examiner and collaborator an undoubtedly close connection with the Irish historians (1999: 17).

BRADY, Ciaran. [1994] 1999, 'Constructive and Instrumental': the dilemma of Ireland's first 'New Historians'. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp.3-31.

37 Os mesmos versos da estrofe do poema referidos logo no início deste capítulo a propósito de controvérsias

³⁷ Os mesmos versos da estrofe do poema referidos logo no início deste capítulo a propósito de controvérsias surgidas em torno da comemoração do 90º aniversário do Levante da Páscoa de 1916. William Butler YEATS. [July-October 1938] 1996, Man and the Echo. ALBRIGHT, Daniel (ed). 1996, *W. B. Yeats - the poems*. London: J.M. Dent (Everyman). pp.392-3. Os versos estão na primeira estrofe de "Man and the Echo", classificado como um dos "últimos poemas" de Yeats: "

Man: In a cleft that's christened Alt / Under broken stone I halt / At the bottom of a pit / That broad noon has never lit, / And shout a secret to the stone. / All that I have said and done, / Now that I am old and ill, / Turns into a question till / I lie awake night after night / And never get the answers right. / Did that play of mine send out / Certain men the English shot? / Did words of mine put too great strain / On that woman's reeling brain? / Could my spoken words have checked / That whereby a house lay wrecked? / And all seems evil until I / Sleepless would lie down and die.

Echo: Lie down and die.". Mais de duas décadas antes, ainda no calor dos acontecimentos, Yeats de certa forma apresenta um outro tipo de lide com os eventos no seu poema "Easter, 1916" (Ibid: 228-30), escrito entre 11 de Maio e 25 de Setembro de 1916: "For England may keep faith / For all that is done and said. / We know their dream; enough / To know they dreamed and are dead; / And what if excess of love / Bewildered them till they died? / I write it out in a verse - MacDonagh and MacBride / And Connolly and Pearse / Now and in time to be, / Wherever green is worn, / Are changed, changed utterly: / A terrible beauty is born.

³⁶ Bradshaw, num artigo que 'detonou' o debate mais recente em torno do revisionismo dos historiadores irlandeses, faz essa assunção. (A referência é: BRADSHAW, Brendan. [1988-89] 1999, Nationalism and historical scholarship in modern Ireland. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 191-211. Publicado inicialmente em *Irish Historical Studies*, vol.xxvi, No 104, 1988-9. pp.329-51). Na introdução à coletânea que editou, Brady chama a atenção para um possível exagero de Bradshaw quanto à influência de Butterfield sobre Moody e Edwards:

³⁸ THOMPSON, William Irwin. [1967] 1982, *The imagination of an insurrection, Dublin, Easter 1916*: a study of an ideological movement. West Stockbridge (Mass.): The Lindisfarne Press.

8). Ou seja, tanto para trás, como, se quisermos forçar a leitura pendular e encarar os *troubles* no Norte como outra manifestação 'explícita' do "problema irlandês", para a frente no tempo, ao menos desde o século XVII a historiografia e a literatura parecem ter grande contiguidade com os eventos. Por um lado, talvez se esteja apenas estatuindo o óbvio. Por outro, contudo, quer-se sugerir que a acusação lançada por autores revisionistas ao nacionalismo historiográfico contemporâneo nada tem de novo, antes parece inserir-se numa tradição com, ao menos, três séculos. Mais, a contenda entre ambos os lados - cada um com linhagens próprias - parece, ela também, ser aspecto intrínseco dessa tradição, refletindo-se ainda na persistente recusa em buscar outras maneiras de pensar a relação entre as historiografías produzidas e as várias vozes que para elas contribuem, de modo mais explícito ou indireto.

Como já mencionado na tese, é corrente a divisão da história política irlandesa entre revolucionária, supostamente violenta, e constitucional ou legal. Goldring, referindo-se a Daniel O'Connell e a Parnell no século XIX, afirma que "It is (...) difficult to draw a firm line between the constitutionalist and the 'physical force' traditions in Irish nationalism. The two traditions support one another. This means that in Ireland armed violence has acquired historical legitimacy through the use made of the threat of violence by its declared opponents" (1993³⁹: 138). Thompson, por seu turno, considera que "In Ireland the cultural phase followed upon the highly dramatic fall of Parnell and the sudden ruin of what had been a brilliant decade of Irish politics" (Ibid: 31); fase cultural da qual Yeats é um dos expoentes mais notáveis e que teria portanto ganho força a partir da década final do século XIX. Para Thompson, a realização na Irlanda de uma tendência que então grassava na Europa "signaled the disintegration of the British Empire" e, como na Alemanha, "political violence developed out of seemingly nonpolitical cultural enthusiasm" (Ibid: 30). É nesse contexto que um 'passado remoto' e a língua irlandesa se irão prestar ao nacionalismo militante de Padraic Pearse, que desembocou no Levante de 1916. A ideia de uma 'antiga civilização' que aí aparece só se torna, porém, fonte de insurgência quando ela é transformada em 'outra civilização' e, sobretudo, quando sua sobrevivência é colocada como em risco pela maldade da pérfida Albion, do império que colonizou e que impediu que o caminho fosse reto e sem máculas. Noutros termos, é preciso que a 'civilização', ou 'cultura', 'original' seja encarada como sempre tentando 'libertar-se', de uma outra que, supostamente, a tentara destruir ou subjugar - impedir sua 'auto-determinação', para usar uma linguagem vulgar contemporânea; e este é, com efeito, o "undisturbed and ordained historical pattern", para recorrer à expressão

-

³⁹ GOLDRING, Maurice. 1993, *Pleasant the scholar's life:* Irish intellectuals and the construction of the nation state. London: Serif.

de Lessa, que emerge tanto nas versões oficiais como 'populares' do passado irlandês. Contudo, tal suposição de um ímpeto nativo - e, em certa medida, trans-histórico - não necessariamente implica num recurso à violência ou ao 'sacrifício' nos termos de Pearse⁴⁰. Isso requer uma visão dual, eminentemente simplificadora, onde o 'eu' e o 'outro' são apresentados como o bem e o mal frente a frente, como Thompson, seguindo Crane Brinton⁴¹, coloca brilhantemente:

What a Yeats or an Ellison learns in the camp of the enemy is, of course, complexity. This knowledge of complexity disqualifies him for revolutionary action, for the revolutionary agents are the great simplifiers; they unqualifiedly turn away from the terror of complexity. The agents must be great simplifiers if they are to rise to the purity of heart that is to hate one thing (1982, op.cit.: 242).

A paródia é, tipicamente, outra forma de recusar a substantivação, tanto do si como do inimigo, requisito necessário para ações que seguem uma orientação, um norte único, como se ele existisse e fosse indubitável. A brincadeira tende, com efeito, a ser um traço frequente na 'escrita irlandesa' contemporânea e, inclusive, de certa forma marca os autores acadêmicos que se recusam a tomar partido e a ser situados sob o rótulo de nacionalistas ou de revisionistas. É comum também, como já notei, em ensaios e artigos jornalísticos. Um exemplo é o delicioso texto que Kevin Myers redigiu na sua coluna "An Irishman's Diary" do *Irish Times*, a propósito da recusa, pela Gaelic Athletic Association - GAA, de admitir soldados ingleses e membros do Royal Ulster Constabulary - RUC (a polícia da Irlanda do Norte) nos clubes afiliados⁴². É um exemplo entre muitos e muitos possíveis, delicioso como disse, onde Myers faz um uso hilariante dos recursos habituais à história - sua sempiterna omnipresença -, e, com isso, espero justificar a extensão do excerto que optei por reproduzir

_

⁴⁰ Em 1977 Ruth Dudley Edwards escreveu uma biografia de Patrick Pearse que foi considerada, por seus detratores, um dos primeiros exemplos da sanha revisionista 'moderna'. No prefácio Ruth Edwards afirma acreditar que "the political climate in Ireland now leaves room for hope that Pearse's admirers and detractors will be equally prepared to view him more objectively." Segundo ela, "the Irish have always tended to impose on their patriots, posthumously if necessary, impossibly high standards". No lugar disso, propõe mostrar que "Pearse (...) was a human being, with considerable virtues, and faults to be seen in context" (1990: Preface). DUDLEY EDWARDS, Ruth. [1977] 1990, Patrick Pearse: the triumph of failure. Swords: Poolbeg Press. A ideia, de assumida inspiração católica, de sacrifício de sangue e de auto-sacrifício, aplicável antes de tudo a si próprio, é central em Pearse. Inscreve assim o Levante num sentido de missão. Como Thompson relata, até os apupos por parte da população de Dublin durante o Levante - a condenação das medidas inglesas veio após a execução de quinze dos líderes, entre os quais Pearse, algumas semanas após o Levante - estariam contidos nas 'visões' sobre como o martírio ocorreria: "So very much like a tragic hero, Pearse had confused his own imagination with reality; the vision which had made him kneel and vow to free Ireland was seen by none. And yet even this humiliation before the crowd was part of Pearse's self-created myth, for this moment of encounter had been anticipated: Pearse could never forget the dream he had had of a fool dying in front of a 'silent unsympathetic crowd' " (1982, op.cit.: 98).

41 Thompson refere-se ao seminal BRINTON, Crane. [1938] [re1952] 1965, *The anatomy of revolution*.

 ⁴¹ Thompson refere-se ao seminal BRINTON, Crane. [1938] [re1952] 1965, *The anatomy of revolution*.
 (Revised and Expanded Edition). New York: Vintage Books.
 ⁴² Trata-se da Rule 21 da GAA, em vigor desde 1897 e que só deixou de estar em 2001, quando foi criado o

⁴² Trata-se da Rule 21 da GAA, em vigor desde 1897 e que só deixou de estar em 2001, quando foi criado o Police Service of Northern Ireland (PSNI), como parte do processo de paz. https://en.wikipedia.org/wiki/Rule_21. Acesso 2017-09-14.

no corpo do meu texto. Note-se que não é por acaso que Kevin Myers faz 1641 figurar no fantástico nome que atribui ao comitê decisório da GAA para a Irlanda do Norte:

The president of The Redoubtable Sons of Ulster O'Donnell Abu go Bragh 1641 Forever United Defenders GAA club of Aughnafuil of the province of Ulster was the first to take the floor on the thorny issue of admitting RUC men and Britih soldiers into his beloved sporting organisation. His peroration opened shortly after breakfast with a detailed survey of Irish history, beginning with the Firbolgs and their love of the ancient sports of our land. Cuchulainn, Finn McCool, the Knights of the Red Branch all appeared, as did St Patrick.(...)

Brian Boru's love of games

He dabbed his soiled mouth with a handkerchief before continuing, dealing at lenght with Brian Boru and his love of Gaelic games. Would Brian Boru have compromised his principles by permitting disloyal Irishmen, agents of a foreign power, traitors, into the GAA when he was in charge of the organisation in the Clontarf area? He would not. (...) At this point, the meeting broke for lunch. The morning speaker resumed his address in the early afternoon with the Cork plantation in the early 16th century. The ordeal of barony by barony was spelt out in bloody detail. He paused, and took a long draught of water, and for a moment it seemed he was about to burst into contemporary events - or the 17th century at least. But no: the plantations of Laois and Offaly followed, as did the effects of the Reformation on the Gaelic Church, and he rounded up that century with a detailed survey on Essex's campaign in Elizabeth's time.

The meeting broke for tea, and the speaker resumed with a moving peroration upon events at Kinsale in 1601. The delegates were so overcome with the tragedy that there was a motion from the floor that the vote be put there and then, the RUC should be anathematised for all time and the meeting should vote for a resumption of the war of liberation in revenge for Kinsale.

Oh so nearly

The speaker called for calm. He had, after all, only reached 1601 - there was so much to discuss before they could consider the vexed issue of what they should be doing in 1998. Moreover, he said with relish, he had yet to come to the great and glorious year of 1641, when the invader was nearly, oh so very nearly, expelled once and for all from the land of the Gael, and with him, lock stock and barrel, his barbarous foreign games. But alas, it was not to be. The Sassenach was again triumphant, aided by treacherous natives. (...)

There was much applause at this, but then the gathering grew sombre, for they knew the point in the debate as to whether or not RUC men were going to be permitted to join the GAA had reached Cromwell, whose policy towards gaelic sports of any kind was well known. But that did not mean he was going to skip the details. This was an important issue, and the facts had to be made known before people could vote.

The damage done to GAA grounds in both Drogheda and Limerick was outlined in detail to a shocked audience, who had forgotten some of the worst aspects of Cromwellian conquest. The 17th century continued in all its horrors, (...)

(...) For now he had come to the penal laws, whose excesses were many and various, and he could not deal with them all.

There was a motion from the floor that he should deal with them all. It was seconded and the vote was carried unanimously. So he dealt with them all (...)

His face grew even more sombre as he approached the end of the century, and the gallant rising by the United Irishmen, led by the flower of the hurling and football-playing youth. (...). He then spoke movingly and at length about the Famine, the eviction, the coffin ships, all of which had done terrible damage to gaelic sports. And after that calamity there had been the calamity of the 1848 Rising, when yet again Irishmen showed their true mettle. And who put that Rising down, he asked, but none other than the men of the Royal Irish Constabulary royal, unquestionably, constabulary, indubitably, but Irish? Never!

On to the vote

Uproar followed, which only subsided when he dealt spiritedly with the Fenians, the Manchester Martyrs, the Home Rule bills destroyed by perfidious Albion, at which point he came to the 1916 Rising. He was about to dilate upon the disgraceful role of the RIC in that when a delegate rose from the floor and said he had heard more than enough; the vote should now be put. It was, and carried unanimously, that the ban on RUC men and British soldiers should remain.

The next item on the agenda was an application to the British government for increased grants for the GAA, and that too was carried unanimously (Myers 1998⁴³).

Para o título de seu artigo, Lessa recorreu ao comentário de Lloyd George a respeito do primeiro encontro que este teve com De Valera⁴⁴, em 14 de Julho de 1921, quanto à possível negociação de um tratado entre a Irlanda e a Grã-Bretanha, comentário que MacDonagh também usa na abertura do capítulo inicial de seu livro: "I made no impression. I listened to a long lecture on the wrong done to Ireland (...) [by] Cromwell, and when I tried to bring him [de Valera] to the present day, back he went to Cromwell again" (apud MacDonagh 1992, op.cit.: 1). De Valera acaba por recusar-se a ir a Londres negociar o tratado - que será produzido em Dezembro de 1921, aspecto que será detalhado adiante na tese -, ao invés disso 'ordenando' a Michael Collins que se incorpore à comissão irlandesa. Como já foi mencionado, os termos do tratado, particularmente a partição da Irlanda - entre os seis condados da Irlanda do Norte e os vinte e seis do que se chamou então de Free State of Ireland - e o oath of allegiance ao rei inglês, deflagraram, ao menos no nível explícito, a Guerra Civil. O oath of allegiance não servirá de empecilho para que De Valera e seus seguidores, já então do Fianna Fáil, ingressem no Dáil (Parlamento) em 1927 e que, na sequência, assumam o poder em 1932. O ponto central, suficiente para detonar a Guerra Civil, parece assim, com efeito, ter residido na ruptura com a ideia de unidade irlandesa - e, nesse sentido, com a ideia correlata de uma civilização una que sempre lutou contra o dominador, no caso, inclusive, tendo nas plantations do Ulster o símbolo forte da violência do opressor que legitima a necessidade de erradicá-lo - expressa no tratado. Desta maneira é que De Valera precisa insistir nos grandes males causados à Irlanda pela Inglaterra. É mesmo provável que tenha recorrido a Cromwell num ato de boa-vontade, julgando escolher um símbolo de cuja animosidade Lloyd George poderia partilhar razoavelmente⁴⁵, no lugar dos

⁴³ MYERS, Kevin. 1998 (12 de junho), "An Irishman's Diary". *The Irish Times*. 1998-06-12. Email edition.

⁴⁴ A grafia, nos textos em inglês, do sobrenome, do pai espanhol, do 'd' de Eamon De Valera é com minúscula. Aqui, como em outras partes da tese em que o nome surja no texto em português, optou-se por usar, ao invés, a forma maiúscula, pela confusão com a preposição de, corrente demais na nossa língua para que se possa evitar ter "de de Valera" numa mesma frase.

⁴⁵ Na resenha do livro de WHEELER, (James Scott. 1999, *Cromwell in Ireland*. New York: St. Martin's Press), Bennett coloca: "Nothing allegedly epitomises Britain's colonial policy in Ireland as much as the campaigns of Oliver Cromwell in 1649-1650. The unarguable brutalities of the New Model Army at Drogheda and Wexford seem to summarise not only the colonial experience, but also the attitudes of the man who was to become the

desdobramentos da Revolução Gloriosa na Irlanda, das Penal Laws, do tratamento dado a Wolfe Tone e ao Levante de 1798, a Robert Emmett, da Grande Fome, do enforcamento dos 'mártires' fenianos em 1867... - *apud* The Redoubtable Sons of Ulster O'Donnell Abu go Bragh 1641 Forever United Defenders GAA club of Aughnafuil of the province of Ulster... Owen Dudley Edwards, aliás, após parodiar a insistência do historiador vitoriano James Anthony Froude num pedido de desculpas que os irlandeses deveriam formular pelo 'massacre' de 1641, conta outro episódio das negociações entre Lloyd George e De Valera: "Two can play that game. During his negotiations with De Valera (...), Lloyd George, at an interval in the talks, was asked how far they had got. 'To the Confederation of Kilkenny', he answered bitterly" (1969⁴⁶: 22). Logo adiante, Dudley Edwards acrescenta: "At the height of the Cold War, the Irish-language pantomime in the Abbey Theatre presented Stalin as the villain one year, Cromwell the next. To the audience, both were equally real, Cromwell probably the more so" (Ibid: Ibid).

O aspecto nodal não é, assim, apenas o recurso ao passado, e nem mesmo a uma história de 'males' causados à Irlanda. É o enfeixar, tanto da Irlanda como de sua oponente Albion, sob mantos únicos, terrenos opostos que nada podem contemplar além do outro; algo como um espelho que precisa fixar imagens imutáveis das duas e onde a congruência depende dessa rigidez mas também, e sobretudo, da possibilidade de, nesse nível sempre imaginário, jogar o jogo de 'eliminar o inimigo', jogo que garante que ele não pode de fato perturbar a perfeição da minha imagem. A possibilidade de eclosão para outros planos, de multiplicar sentidos e existências, tanto face a contingências - a exemplo das associadas ao Tratado anglo-irlandês de 1921, como a postura de Craig e Carson, ligada a seu 'nacionalismo

le

leader of the British and Irish Republic, towards the Irish" (2000: 1). Assim é que a tarefa que Wheeler se propôs é nada menos que "to rewrite a story 'everyone knows'" (Ibid: Ibid). O modo que escolhe para fazê-lo, na opinião de Bennett corretamente, é "by clearly locating Cromwell's campaign within the context of the twelve years war" (Ibid: 2). Por outro lado, a estratégia de Wheeler é exatamente não corroborar a "centralidade" que faz parte do mito de Cromwell (centralidade que De Valera apenas estaria reiterando): "The early attempt to define blame and redirect recrimination in the aftermath of the Restoration was to shift Cromwell very much to the centre stage, not just for the period when he was the leader of the Republic (1653-1658) but for the entire civil war period (defined here as being 1641-1660)" (Ibid:Ibid). BENNETT, Martyn. 2000, Review of James Scott Wheeler. *Cromwell in Ireland*. H-Net Book Review. Published by H-Albion@net.msu.edu (August, 2000).

⁴⁶ DUDLEY EDWARDS, Owen. 1969, The burden of Irish history. DUDLEY EDWARDS, Owen (ed). 1969, Conor Cruise O'Brien introduces Ireland. London: Andre Deutsch. pp. 21-32. 1641 é, com frequência, considerado como a causa próxima da guerra civil inglesa, através da recusa do parlamento de conceder dinheiro e exércitos a Charles I para combater na Irlanda (os detalhes são muitos mas, de qualquer forma, o parlamento inglês acusava Charles I de ter deflagrado a rebelião irlandesa para obter concessões do parlamento). A Confederação de Kilkenny, cerca de seis meses após o suposto 'massacre de 1641', pretendia congregar todos os católicos irlandeses contra as forças protestantes / do parlamento inglês e, de certa maneira, deu origem à chamada 'guerra dos onze anos' na Irlanda, que terminou formalmente em 1653, cerca de três anos após Cromwell desembarcar na Irlanda.

protestante³⁴⁷, e a ameaça inglesa de deflagrar uma guerra efetiva na Irlanda - como em termos de possibilidades futuras, simplesmente não pode ser colocada. A Guerra Civil que se sucedeu à assinatura do tratado - com a enorme gama de motivos que levou pessoas a lutarem de um lado ou de outro, incluindo-se aí ameaças físicas -, talvez nem tão paradoxalmente, evidenciou a existência de uma grande quantidade de dimensões na vida da Irlanda e, assim, no próprio projeto 'independentista'⁴⁸. Quando De Valera adentra o Dáil com seus seguidores

_

Parece pois, dos dois lados, que quanto mais afirmação de unidade e irredentismo maior o número de siglas, senão divisões... Não resisto, a colocar aqui um trecho da crônica "Soldiers are We" (que é o primeiro verso do hino nacional; em irlandês "Sine Fianna Fáil"), do humor genial de Donal Foley em *Man Bites Dog* No 2:

Chiefs of staff of all Irish armies will attend top level military conference in the Curragh Camp next week. It is intended to launch a giant recruiting campaign and to arrange procedures for regular exchange of information between the various Irish armies. (...)

Step Together

One of the major difficulties encountered by the official Irish army is that of obtaining practical experience in the field. Here it is felt that both wings of the I.R.A. could help the Government army. Army recruits may be seconded to the I.R.A. so that they can go trough a toughening up process.

The special defective unit (the former Special Branch) has agreed to regulate the flow of information between the Irish armies. A military information bureau will be established forthwith at the Curragh. The Bureau will deal with all actions claimed by the various Irish armies. The Curragh conference is regarded in world military circles as of great significance. It is the first time in more than 30 years that all the Irish military forces have agreed to sit around one table.

Explanatory Note

The confusion about the legitimate military forces began after the treaty when two armies claimed to be the Irish Republican army. The confusion had persisted ever since, and now that there are two Republican armies, and an official State Republican army, confusion becomes more confounded.

LATE NEWS - The conference had to be abandoned because of a bomb scare. The scare was claimed by the Irish Countrywomen's Association, Termonfeckin Command - Signed: Joan, Johanna McGarrity (1973: 12-3).

FOLEY, Donal. 1973, (The Best of) Man Bites Dog No. 2. Dublin: The Irish Times.

⁴⁸ Uma das expressões mais notáveis da diversidade de personagens, motivos e desenrolar de comportamentos durante a Guerra Civil está contida na coletânea de 'short stories' *Guests of the nation*, de Frank O'Connor, inicialmente publicada em 1931. A história que serve de título para a coletânea foi encarada como "one of the greatest anti-war stories ever written" (excerto do texto da contra-capa). Trata, inclusive, da evidente dificuldade de se manter alguém, no caso dois ingleses, como 'inimigo' após sua personalização, ainda que num intercurso

⁴⁷O termo, como evidente, é anátema tanto para unionistas e lealistas da Irlanda do Norte como para nacionalistas. Um dos fenômenos que mais me deixaram confusa quando comecei a estudar 'Irlanda' foi que o nacionalismo, vulgarmente associado à República e, desde 1969, ao Sinn Féin e aos vários IRA (em 1969 o IRA dividiu-se entre Official e Provisional; o Official declarou um cessar-fogo em 1972 e, na prática, foi 'eclipsado' pelo Provisional em 1975; quanto ao Provisional, por sua vez, embora não tenha se dividido - houve 'ameaças' quanto às implicações que decorreriam de uma 'divisão' -, dois grupos 'saíram', o Continuity IRA, ligado ao Republican Sinn Féin - criado em 1988 -, e o Real IRA; além disso, em 1974, o INLA - Irish National Liberation Army foi criado como uma cisão do Official IRA e, em 1985-86, por seu turno, sofreu uma cisão com a formação da IPLO - Irish People's Liberation Organization [Qualquer dúvida, recorrer ao filme A Vida de Brian do grupo Monty Python!]), tem - ou tinha até recentemente - a unidade da ilha da Irlanda como primeiro item programático. Já os unionistas e lealistas têm a partição da ilha e a lealdade à coroa da casa de Hanover / Windsor como emblema paradigmático. Os vários grupos para-militares unionistas e lealistas são também tão múltiplos e com cisões e conexões - com partidos políticos, com os B-specials, que eram um grupo dentro das forcas policiais do Ulster - tão complicadas quanto os nacionalistas. Alguns nomes e dados apenas: UVF - Ulster Volunter Force, o mais antigo, emergiu no final dos anos 60, com o início dos Troubles, tornou-se PUP, Progressive Unionist Party; UDA - Ulster Defence Association, criado nos anos 70, tornou-se UDP, Ulster Democratic Party; UFF - Ulster Freedom Fighters, criado em meados dos anos 80; LVF - Loyalist Volunteer Force, dos anos 90; The Red Hand Commandos - criado nos anos 70, desapareceu nos anos 80, o nome era também usado por outros grupos para-militares como disfarce.

do Fianna Fáil em 1927 o 'inimigo' já estava eliminado; isso porque, no que é, este sim, um aparente paradoxo, "partition allowed the homogeneous 26-county state to exist as a stable country after its civil war, providing a contrast to many pluralist postcolonial states" (Power 1996⁴⁹: 93). O manto, a aparência de unidade, cobrindo os múltiplos que haviam irrompido, já se havia estabelecido; embora o conveniente rosto católico, para o qual De Valera com tanta veemência contribuirá a partir de 1932, ainda não reinasse em esplêndido isolamento. A ideia de 'vingança', de eliminação do inimigo, persiste como suposto símbolo do Fianna Fáil republicano mas, em tudo e por tudo, cada vez se esfumando mais, assumindo seu caráter de emblema fantasmático; como Ferdia Mac Anna ilustra muito bem no seu romance The Ship *Inspector*: "Children, your mother has become a soldier of destiny.' / Nobody was surprised. In the three years since Dad disappeared, Mother had spent almost all of her free time going to Fianna Fail meetings. (...). / 'I am now a member of the one true party, the party of the past, present and future' " (1994⁵⁰: 76). Na sequência, a mãe do narrador é candidata vitoriosa - pelo distrito eleitoral de Redrock, pelo Fianna Fáil, numa by-election. O discurso que profere na véspera do dia de votação é uma paródia primorosa do estereótipo da continuidade da 'vingança' - e nem mesmo se precisa recorrer, ao menos não diretamente, à massa infindável dos males da história, história que, é claro, é história dos males infligidos -, como preceito fianna failer (relembro que Fianna Fáil significa "soldiers of destiny"):

'It's time the people took their REVENGE'.

At the mention of revenge, there was an unexpected, intense silence in the room. (...)

'There's nothing wrong with revenge. It's been getting a bad press for hundreds of years, and do you know why? Because the other parties are afraid to rock the boat. I'm not ashamed to say that I want revenge for the wrongs that have been done to our nation, to its people, to its culture and architecture, to the very fibre of our society. Well, I'm not afraid to take revenge. I'm sick of the FOOLS, the CHARLATANS, yes, the GOMBEENS. (...) I feel humble and proud to be chosen as the one to reclaim my part of this great nation for the REAL people of Ireland, the people of Parnell, the people of Emmet and Grattan and Wolfe Tone, the people of Padraig Pearse, the people of REDROCK. (...)'.

(...) Mother's voice rose above the cacophony.

'I know what the people want - they're crying out for leadership, vision, common sense and free dental treatment. I'm going to take this seat for the honour of the country. This is more than a political campaign. This, my friends, is DESTINY' (Ibid: 116-7, maiúsculas no original).

A paródia é, efetivamente, o tom adequado para lidar com o irredentismo, ou fundamentalismo, contido na ideia da história como criadoura, jorro inevitável de 'vingança' - dos inimigos que se erige, Inglaterra primeiro e, a seguir, na Guerra Civil, os *free staters*,

⁵⁰ MacANNA, Ferdia. 1994, *The ship inspector*. London: Michael Joseph.

social curto e já pré-definido por serem eles 'prisioneiros'. O'CONNOR, Frank [O'Donovan, Michael]. [1931] 1979, *Guests of the nation*. Dublin: Poolbeg Press.

⁴⁹ POWER, Paul F. 1996, Revisionist nationalism's consolidation, republicanism's marginalization, and the Peace Process. *Éire-Ireland*. Earrach / Samhrad - Spring / Summer (Double Issue) 1996. pp. 89-122.

porque supostamente se aliaram com o 'inimigo eterno'. Mas talvez seja conveniente aplicar uma ironia semelhante à pretensão de atribuir à 'história popular', de feição supostamente nacionalista, a capacidade de despertar tais sentimentos de vingança. As versões 'populares' são sérias, dramáticas mesmo, mas a crença na sua capacidade 'mobilizadora' - e as classificações decorrentes - também carece da capacidade brincar; brande elementos de uma contenda, que cria, em tudo análoga à que se supõe existir nas 'versões menores' cujos riscos são proclamados. Em suma, é como se tanto os detratores, normalmente posicionados no campo revisionista, quanto os proponentes de uma visão dramática da história irlandesa acreditassem na ideia de sabor provavelmente hegeliano de que "history is a kind of testing ground for competing sets of political ideas backed by different social forces"; ideia que se baseia "on the very questionable proposition that that which wins historically also wins the philosophical argument" (Garvin 1995⁵¹: 9). Ambos ignorando, portanto, "the possible validity of the Shakesperian proposition that History may be but a tale told by an idiot, full of sound and fury and signifying nothing" (Ibid: 10). O que leva a indagar se, na batalha atual, não se estaria tentando apenas substituir a assim apelidada mitologia nacionalista por algo encarado como "a better, more appropriate myth"; ainda que, é claro, recusando essa classificação e do alto de um suposto recurso ao "scientific instinct or ordinary reason", implícito no argumento 'acadêmico'52.

Um processo paralelo ocorre na insistência em separar o nacionalismo constitucional do violento, normalmente criando genealogias em cada um dos lados, umas mais e outras menos 'aceitáveis'; também definindo inimigos internos, dicotomias entre 'mocinhos e bandidos', cuja alocação é claro dependerá do lado em que o autor da classificação se situe. Ora as 'histórias populares', se bem que tendo em comum o repúdio, com frequência simplista, de várias políticas inglesas - em particular as que estariam ligadas à manifestação do domínio e ao 'desprezo pelos colonizados', sua classificação como bárbaros, inferiores, portadores do mal ou, de qualquer forma, correspondentes a uma humanidade 'inferior' da dos cidadãos da metrópole -, normalmente contemplam uma variedade, por sinal enorme, de grupos, eventos, histórias, lendas, fontes, personalidades - que incluem destaques tanto do

-

⁵¹ GARVIN, Tom. 1995, Tell me a story: emotion, myth and political life" (Final Draft). UCD, mimeo.

⁵² O texto integral do parágrafo desse artigo de Tom Garvin de onde extraí os termos é:

Another characteristic of myth is that it does not justify itself by appeal to scientific instinct or ordinary reason, but rather to a combination of reason and passion, the latter commonly overcoming the former. Thus, Popperian falsification cannot destroy a myth; possibly only a better, more appropriate myth can do that, or else the palpable physical destruction of the political cause, as occurred in the case of Communism and Nazism. In the end, a political myth dies when it loses its spiritual hold on the minds of men and women (Ibid: 6).

nacionalismo violento como do constitucional - na sua composição. É bem verdade que esta versão da história cumpre um papel análogo ao que Handler (1988⁵³) identifica no Ouebec para cultura e patrimônio, foco sacralizado e fonte suposta de uma identidade que então seria passível de substantivação; essa espécie de seriedade hegeliana que Garvin refere. Sintomaticamente é a 'história política', equacionada com 'história da dominação', que é o objeto por excelência de maior univocidade e onde a 'libertação do opressor', a independência, em última análise o fato também de tratar-se de uma República - submetida, no preâmbulo da constituição, à divina trindade que sustentou os tormentos dos *forefathers*⁵⁴ -, funciona como símbolo identitário básico. No conjunto, todavia, essas histórias carreiam também lugares, artefatos, acontecimentos, lendas⁵⁵ na conformação de um 'todo' que não é

⁵³ HANDLER, Richard. 1988, Nationalism and the politics of culture in Quebec. Madison: The University of Wisconsin Press.

⁵⁴ Relembro o prólogo da *Bunreacht na hÉireann*, citado na Introdução, e a que voltaremos:

In the name of the Most Holy Trinity, from Whom is all authority and to Whom, as our final end, all actions both of men and States must be referred,

We, the people of Éire,

Humbly acknowledging all our obligations to our Divine Lord, Jesus Christ, Who sustained our fathers through centuries of trial,

Gratefully remembering their heroic and unremitting struggle to regain the rightful independence of our Nation,

And seeking to promote the common good, with due observance of Prudence, Justice and Charity, so that the dignity and freedom of the individual may be assured, true social order attained, the unity of our country restored, and concord established with other nations,

Do hereby adopt, enact, and give to ourselves this Constitution (1990: 2-3).

^{[1937] 1990,} Bunreacht na hÉireann (Constitution of Ireland).

55 A Irlanda é, com efeito, cheia de monumentos que atestam antiguidade e diversidade de ocupação. Por exemplo, Brú na Boinne, que inclui Newgrange, Knowth e Dowth, três grandes túmulos cobertos, com elaboradas decorações em pedra - quanto a Newgrange adicione-se que até hoje o sol atinge a parte central do túmulo no solstício de inverno -, data de antes de 4000 AC, sendo portanto anterior às pirâmides do Egito. Os celtas gaélicos, cuja última leva chegou à Irlanda por volta de 300 AC, construíram a ideia de que era de Brú na Boinne que seus deuses provinham. A colina de Tara (em Meath, no centro da Irlanda) e seu passage grave, por seu turno, data de cerca de 2500 AC; até os séculos VII ou VIII DC era o local de aclamação do Ard-Rí (high king) dentre os chefes (o sistema era basicamente hierárquico, no sentido mais vulgar do termo: chefes locais, reis, reis de províncias; o high king sobrepunha-se ao conjunto). Emain Macha (Navan Fort), perto de Armagh, é mais recente, provavelmente dentre os séculos IV e VII AC. Era o centro do reino do Ulster e está associado às lendas do Táin Bó Cuailnge (The Cattle-Raid of Cooley; também conhecido como o Ulster Cicle), que já foi mencionado, constituído por relatos escritos por monges, provavelmente entre os séculos VI e XII, em que os heróis e adversários Cú Chulainn, Queen Medb, Conchobar mac Nessae (rei do Ulster) e Ferdia - com associação de histórias paralelas, como a de Deirdre e Naoisi - se teriam enfrentado por volta da época do nascimento de Cristo. Na costa oeste, nas ilhas Aran, Dún Aengus (Fort of - the god - Aengus), Dún Dúchathair (Fort of the Black Town), Dún Eoghanachta (Fort of the race of Eoghan), Dún Eochla (Fort of Eochla), Dún Chonchúir (Fort of Chonchúir) e Dún Fearbhaí (Fort of Fearbhaí) datam de entre 2000 e 1000 AC e provavelmente foram utilizados até o início da era cristã. A fortificação de Grianán of Aileach (Sun Palace of the goddess - Aileach), a nordeste de Donegal, também data de cerca de 2000 AC e foi ocupada até por volta do século XI. O forte em Rock of Cashel (condado de Tiperary) teria sido construído por volta do século IV AC e tornou-se no 'lugar' dos reis de Munster no século IV DC. Transformado num mosteiro, foi dado, no século XII, ao bispo da diocese de Cashel e é até hoje sede da província católica de Cashel (nome da província católica que corresponde ao conjunto da província de Munster), Glendalough (em Wicklow, perto de Dublin), Clonmacnoise (condado de Offaly, centro da Irlanda), Kells (em Meath), a rocha de Skellig Michel (em Kerry, na costa sudoeste) e vários outros são centros monásticos criados entre os séculos VI e IX DC, evidências de uma pujante vida religiosa que parece ter tido grande independência com relação a Roma, sintoma de um período que levou

fechado e cuja afirmação é imprescindível para dar conteúdo à própria ideia de uma entidade a ser libertada. De certa maneira, é como se a multiplicidade, que podia inclusive conter lutas e convivência de vários diversos, tivesse sido interrompida pela 'dominação'. A representação dá à entrada inglesa - sobretudo a partir do período Tudor mas tendo em James I, Cromwell e Guilherme de Orange uma espécie de reforços da mácula que se torna inarredável - um caráter de ontologia negativa, que, ao apresentar-se como una e poderosa, exatamente forçaria o surgimento de uma entidade também única - e aí, com efeito, passa-se a descartar as diferenças no seu interior. Nesta sequência, é que se instauraria uma 'história política' como sinônimo de luta, supostamente una, contra a homogeneização, que aparece também como descarte da possibilidade - de católicos, sobretudo, como expresso nas penal laws - de tomar parte num cenário político que, não fora isso, poderia ser encarado como legítimo e ampliado. Para que esse tipo de 'história' ganhe uma feição militante é necessário, contudo, que o nacionalismo violento seja percebido como única forma de aglutinação efetiva (e os representantes do nacionalismo constitucional devidamente relegados a papéis de meros coadjuvantes). Noutros termos, é preciso que a substantivação de que fala Handler apareça como devendo 'realizar-se', 'concretizar-se', ao modo de um enfrentamento físico com o que, noutro plano correspondente, é visto como uma 'cultura', uma 'religião' ou, por fim, uma 'entidade' contrastante que é necessário 'eliminar' para que a univocidade se reafirme - como expresso, por exemplo, na defesa arraigada pelo lado republicano, a respeito da partição presente no tratado que estabeleceu o Free State, que a ilha da Irlanda é una e para sempre livre; bem que há uma univocidade inglesa cuja dominação, nesse paradoxo, teria gestado a unidade irlandesa.

Thomas CAHILL a escrever o bem sucedido (foi inclusive traduzido em português e publicado no Brasil) 1995, *How the Irish saved civilization:* the untold story of Ireland's heroic role from the fall of Rome to the rise of medieval Europe. London: Sceptre. O National Museum of Ireland, em Dublin, exibe, na coleção "treasury of Ireland", peças de fina decoração, inclusive um conjunto de *torcs* (presumivelmente usados como colares masculinos) de ouro e artefatos de bronze, alguns dos quais datam de antes de 1000 AC; bem como, numa sala àparte, peças religiosas com motivos celtas, já do período cristão e pós São Patrício (presumivelmente começou sua missão na Irlanda em 432), incluindo o Tara Broch, o Ardagh Chalice, o Derrynaflann Chalice, vários *croziers* (báculos), *psaltas* (cofres para livros), *shrines* (nichos para relíquias em vários formatos), sinos manuais e cruzes. Outra visita turística - e, nesse sentido, também símbolo da 'pujança do passado', neste caso cristão obrigatória é à Trinity College para ver o *Book of Kells* e o *Book of Durrow*, feitos por volta do século VIII. O National Museum abriu em 1997 uma outra seção, fisicamente separada, em Collins Barracks (um quartel até cerca de 1990), onde fica o material e são montadas as exibições relativas à história do século XVII em diante - se quisermos quando a Inglaterra entra e uma 'outra civilização', de certa forma homogênea e homogeneizadora se impõe sobre a suposta 'riqueza e diversidade nativas'.

Ш

Como dizia, as 'histórias populares' seguem, com efeito, o viés dos males da dominação inglesa e a necessidade de 'libertação' mas, por um lado, frequentemente aportam com vários elementos, concordantes e mesmo dissidentes, nesse 'caminho' para a Irlanda 'livre'. Por outro lado, a menos que efetivamente militantes, panfletárias digamos, tendem a querer, senão precisar, ressaltar uma pujança e diversidade 'passadas' que, aí se supõe, teriam sido negadas e tido seu curso inviabilizado pela 'opressão'. Mas gostaria de avançar um pouco mais devagar e propor que nos detenhamos no conteúdo de algumas narrativas de teor nacionalista, que se pretendem historicamente fundadas embora não acadêmicas. Iniciemos com uma cuja origem, ao menos em termos autorais, está distante do cenário contemporâneo irlandês. O livro do americano Leon Uris, Trinity⁵⁶, é um dos exemplos mais acabados da versão 'nacionalista' da história, militante pode-se dizer, construída a partir da atual Irlanda do Norte; em termos que, afirmariam detratores, são os que agradam ao público americano e aos descendentes de irlandeses que subscrevem políticas nacionalistas no Norte. Provavelmente Uris nomeou o livro trindade por referência tanto às 'três entidades' do deus católico - há divergências significativas entre católicos, episcopais (ao menos os praticantes da Low Anglican Church) e presbiterianos quanto à transubstanciação que permitem que a trindade inconteste seja operada como sinônimo de catolicismo - como ao shamrock (uma planta com três folhas miúdas, menor do que o trevo, que é um dos símbolos da Irlanda). O shamrock é verde e, assim, também a trindade se torna verde, supostamente a cor da Irlanda (a bandeira da República é verde - junto ao mastro - branca e laranja; o senso comum diz que representa o verde da Irlanda em paz com os associados a William of Orange, o que mais ou menos encompassa os protestantes). A representação da Irlanda como verde e como Emerald Isle parece ser oriunda do século XVIII mas, de qualquer maneira, vige com tranquilidade até hoje, para consumo interno e, sobretudo, para efeitos de propaganda turística. No livro de Uris a Irlanda surge pois como verde e como católica. O romance prolonga-se por cerca de cento e trinta anos, desde a geração anterior à Grande Fome de 1846-49 até os anos 60 do século XX, da 'perspectiva' de várias gerações de uma família católica, oriunda do condado de Londonderry, antes das idas para as cidades de Derry (o 'nome católico e nacionalista' para Londonderry), Belfast e Dublin. O recurso, comum, é às memórias que o 'protagonista'

-

⁵⁶ URIS, Leon. (ed.s/d.) 1976, *Trindade:* o romance da Irlanda. Rio de Janeiro: Editora Record. O original americano intitula-se apenas *Trinity*.

tem da geração de seu avô, bem como às histórias contadas por um *shanachie*⁵⁷, que vão sendo entremeadas com a 'descrição' de sua trajetória de vida até o envolvimento na luta nacionalista. A vida 'nativa' é essencialmente apresentada como composta por laços familiares e 'comunais' estreitos, música, dança, *story-telling* e poesia fazendo parte do quadro, acentuando-se em momentos de celebração, casamentos, início de plantio e colheita ou nos - até hoje famosos - funerais, precedidos pelo aparecimento 'tradicional' da *banshee*.

A Grande Fome, como não podia deixar de ser, é o momento em que a espoliação se torna evidente, os laços são quebrados; relações anteriores com a *big house* local são muito poucas e, de qualquer forma, insuficientes para minorar os sofrimentos, a fome, as doenças e mortes correlatas e a expulsão da terra; com a consequente ida para as *workhouses* do período cujas condições, é claro, são retratadas como insustentáveis. Os estaleiros e as fábricas de linho - nestas o operariado era quase que exclusivamente feminino - de Belfast constituem, finalmente, o meio onde o nacionalismo fervoroso, por necessidade violento - a importação de armas da Inglaterra serve para evidenciar que a coragem e o espírito de aventura seriam componentes básicos desse nacionalismo -, do 'protagonista' tem que ser gestado; mostrando que a 'história' da Irlanda católica do norte não tem outro culminar possível que não o nacionalismo armado. A imagem dos ingleses e, especialmente, de *landlords* e seus prepostos, de políticos e industriais da Irlanda do Norte, é quase homogênea na sua negatividade. Os católicos teriam sido, assim, por força, tornados numa 'raça' à parte. Toda a sua vida, tanto 'cultural' como social e econômica, seguiria caminhos diversos dos da

Here let us understand that the ancient historical legends of Ireland are, generally speaking, far from being baseless myths. The Irish people are a people who eminently cling to tradition. Not only were the great happenings that marked great epochs enshrined in their memory forever, but even little events that trivially affected the history of their race, were, and are, seldom forgotten. We know that away back to the remotest antiquity, the *seanachie* (shanachy, the historian) and the poet were honored next to the king, because of the tremendous value which the people set upon the recording and preserving of their history. The poet and the *seanachie* following the fashion of the time, took advantage of their artist privilege to color their narrative to an extent that to the modern mind would seem fantastic. But it was with the details of the story that they were granted this liberty. The big essential facts had to remain unaltered. The things of importance no poet of repute, however he might color, could or would dare to falsify (1990: 9).

MacMANUS, Seumas. [1921] [1945] [1966] 1990, *The story of the Irish race:* a popular history of Ireland. Old Greenwich (Connecticut): The Devin-Adair Company.

⁵⁷ O *shanachie* pode ser vulgarmente considerado como um contador de histórias. Nas suas notas à edição bilíngue (irlandês 'antigo', anterior à modernização ortográfica - inglês) a *Foras Feasa ar Éirinn (The History of Ireland)* de Geoffrey Keating, já referido neste capítulo, terminada de escrever provavelmente em 1634, David Comyn, que a traduziu e publicou em 1902, confere-lhe um estatuto superior: "Seanchaidhe [em irlandês], i.e. an antiquary" (1987, op.cit.: 51), basicamente acompanhando a interpretação e o uso que deles faz o próprio Keating. Seumas MacManus segue uma linha semelhante. Os *shanachies* seriam uma das fontes legítimas para a história da Irlanda - sendo que a supremacia dos fatos e eventos essenciais permaneceria inconteste nas versões por eles apresentadas -, o que a posição social que ocupavam corroboraria. A colocação de MacManus é ilustrativa do sentido nacionalista forte da história - presente no conjunto do seu livro, como veremos melhor adiante -, inclusive em termos do papel atribuído à memória para a 'raça irlandesa', e vale a pena citá-la em detalhe:

maioria protestante do Norte. Há uma 'história anterior', ao mesmo tempo mítica e quotidiana, que, junto com essa 'ordem do vivido', também lhes confere especificidade. A 'história próxima', aquela que se refere à lide com uma esfera política e econômica mais abrangente é, por outro lado, apontada únicamente como fonte de exclusão e de negação. Num certo sentido, é uma dimensão que se gostaria de poder descartar, de eliminar. Impõe-se, todavia, da maneira mais densa, inclusive sob a forma de poder de retirar a terra e os meios de sobrevivência, de não prover um mínimo de auxílio, de matar tanto no sentido literal como metafórico - quando se trata de representação política, sindical ou liberdade de culto.

A mensagem, afeita ao público norte-americano se quisermos, é clara: a responsabilidade pela violência é dos dominadores e de seus representantes - aqui incluindose protestantes e, embora em menor grau, presbiterianos e seus ministros da igreja e políticos. Os católicos, os irlandeses - a inferência de que os dois termos são sinônimos é clara, como já marcado -, poderiam ter seguido com a sua vida, que seria também muito mais rica e variada, não fora a ameaça à sua existência, enquanto seres individuais e 'representantes de sua cultura e religião', perpetrada, uma vez e sempre, pelos 'invasores' que, eles, se recusam à convivência com o diverso e, evidentemente, à outorga de qualquer estatuto de igualdade. É possível encarar este discurso como produtor de uma legitimidade para a violência católica no Norte, mesmo porque no romance também aflora uma certa ambiguidade quanto à falta de um apoio mais inconteste por parte do governo de Dublin. A ênfase recai, efetivamente, na afirmação da maldade da dominação e, assim, na ideia de que, para recuperar a sua 'existência', os católicos precisam retomar a ilha, até porque não se podem depositar esperanças no 'outro lado' - o que inclui a Albion, do outro lado do Mar da Irlanda. Quem impõe o uno, recusando a trindade, é quem domina. Talvez - essa é uma ideia que, embora menor, perpassa o romance - se a má-fé e o suporte de setores da Albion aos 'não-católicos' da Irlanda forem eliminados, a variedade que teve por força que ser abandonada possa voltar a recrudescer. Ou seja, mesmo num texto razoavelmente militante como este - em que pese americanos e irlandeses descendentes de americanos terem provavelmente sido seu público alvo prioritário -, o que aparece não são 'culturas' antagônicas mas um discurso em que a sobrevivência e o florescimento da variedade são inviabilizados por uma 'má história', de dominação e exclusão. A violência encontra, portanto, justificativa - e mesmo um certo caráter imperativo - nessa 'história' mas não chega a constituir-se na única via possível. É-o apenas na medida em que a 'dominação imperial' mantenha suas características, recuse a percepção dos 'males do passado' e mantenha as mesmas práticas, tanto quotidianas como

políticas, que configuraram sua 'maldade', sua vontade de, como Cromwell se quisermos voltar a De Valera, condenar os católicos a 'to Hell or to Connaught'⁵⁸.

-

It is no marvel that Stanihurst should be without knowledge of this matter, since he had never seen the records of Ireland, from which he might have known her previous condition; and I fancy he did not make any great inquire after them, since he is so ignorant about Irish affairs that he asserts Rosmactriuin [Ross, Co. Wexford] to be in Munster, and that Meath is a province, (or 'fifth'), in opposition even to Cambrensis, who does not reckon Meath as a province, and contrary to the Book of Invasion of Ireland. (...)

From the worthlessness of the testimony Stanihurst gives concerning the Irish, I consider that he should be rejected as a witness, because it was purposely at the instigation of a party who were hostile to the Irish that he wrote comtemptuously of them; (...). He also says, however excellent the Gaelic language may be, that whoever smacks thereof, would likewise savour of the ill manner of the folk whose language it is. What is to be understood from this, but that Stanihurst had so great an hatred for the Irish, that he deemed it an evil that it was a Christian-like conquest the Gaill* had achieved over Ireland and the Gael, and not a pagan conquest. For, indeed, he who makes a Christian conquest thinks it sufficient to obtain submission and fidelity from the people who have been subdued by him, and to send from himself other new people to inhabit the land over which his power has prevailed, together with the people of that country. Moreover, it is the manner of him who makes a pagan conquest, to bring destruction on the people who are subdued by him, and to send new people from himself to inhabit the country which he has taken by force. But he who makes a Christian conquest extinguishes not the language which was before him in any country which he brings under control: and it is thus William the Conqueror did as regards the Saxons. (...) pagan conquest (....). And it is the same way Stanihurst would desire to act by the Irish; for it is not possible to banish the language without banishing the folk whose language it is: and, inasmuch as he had the desire of banishing the language, he had, likewise, the desire of banishing the people whose language it was, and, accordingly, he was hostile to the Irish; and so his testimony concerning the Irish ought not to be received (1987, op.cit.: 33-

* Logo na primeira página de *Foras Feasa*, Comyn coloca, a propósito de "old foreigners" no texto em inglês, a nota: "*Sean-Ghaill: i.e.* the first Norman invaders of Ireland in the twelfth century and their descendants: distinguished carefully by Keating from the *Nua-Ghaill, i.e.* the more recent English settlers, and the planters of his own time". Na nota seguinte: "*Gaedhil; i.e.* the Gael, the native inhabitants of Ireland" (Ibid: 3). Na seção IX da "Introduction", Keating afirma que "it is of the Gaels I chiefly treat"; e acrescenta: "Whoever thinks it much I say for them, it is not to be considered that I should deliver judgment through favour, giving them much praise beyond what they have deserved, being myself of the old Gall as regards my origin" (Ibid: 77).

De qualquer forma, Connaught, na parte centro-oeste da ilha, cujo pólo regional é a cidade de Galway, é uma das áreas mais inóspitas da Irlanda; nas ilhas Aran, por exemplo, algas marinhas eram usadas como base para plantio sobre rocha, com mínima cobertura de terra em função sobretudo dos ventos fortes e relativamente constantes. Cromwell tornou-se conhecido por esse moto, quando da condenação, de proprietários de terra católicos do leste da Irlanda, a irem para "Hell or Connaught", cedendo lugar para o "Cromwellian settlement", constituído, na sua maioria, por soldados de Cromwell. O assunto é tratado com detalhe em ELLIS, Peter Berresford. [1975] 1989, Hell or Connaught!: the Cromwellian colonisation of Ireland 1652-1660. Belfast: The Blackstaff Press. Vale referir que Ellis não assume uma postura nacionalista exagerada, que é frequente no

⁵⁸ Connaught é uma das quatro províncias - Leinster, Munster, Connaught e Ulster - em que a Irlanda era dividida (a mesma divisão permanece na República embora, no tocante à província do Ulster, seis condados estejam na Irlanda do Norte e três na província do Ulster ... da República). É contestável a existência, por um determinado período, de uma quinta, Meath. Nacionalistas, especialmente os que usam a perspectiva linguística, argumentam a favor na medida em que a palavra irlandesa para província, *cúige*, significa também quinto ou quinta. Nesse sentido, por exemplo, é que num dicionário 'oficial' de irlandês-inglês, sob a rubrica "**cúige**", consta: "1. *Hist.*: One of five divisions of Ireland. **Cúig cúigí na hÉireann**, the five fifths, the whole, of Ireland. 2. Province". (1981: 189). An ROINN OIDEACHAIS (Department of Education). 1981, *Gearrfhoclóir Gaeilge-Béarla* (Shorter Irish English Dictionary). Baile Átha Cliath (Dublin): Oifig an tSoláthair (Government Publications). Geoffrey Keating se opõe com firmeza a esta sugestão, em sua *Foras Feasa ar Éirinn* presumivelmente concluída em 1634 e antes portanto de Cromwell na Irlanda -, na seção V da "Introduction" em que se dedica a desqualificar a argumentação de Stanihurst. É, inclusive, a partir dessa discordância que ele constrói a oposição entre "conquista pagã", pressuposta, segundo Keating, no argumento de Stanihurst e base das ocupações recentes, e "conquista cristã", a exemplo da de William o Conquistador, mas também da normanda na Irlanda - da qual ele próprio, Keating, descende -, tinha sido exemplo:

Já do lado 'interno', produzida na República da Irlanda, nos finais da década de 50 e começo da de 60 do século XX, uma das representantes mais populares da 'história' nacionalista é a trilogia - uma certa trindade - de Walter Macken composta por Seek the fair land, The silent people e The scorching wind⁵⁹. O relato como um todo começa bem antes do de Trinity, com o cerco de Drogheda em 1641 por forças que tinham efetuado um levante no Ulster e seu posterior cerco e destruição pelas tropas de Cromwell⁶⁰, e termina com o fim da Guerra Civil no Free State. O segundo volume - inevitavelmente - é centrado nas várias fomes do início do século XIX e, sobretudo, na Grande Fome de 1846-49. O'Connell, como também não podia deixar de ser, aparece como o grande líder da massa de católicos, quase totalmente despossuídos antes mesmo da emergência da Grande Fome. Para efeitos ficcionais, personagens com o mesmo nome (pequenas modificações ortográficas para expressar 'o espírito da época'), supostamente com 'caráter' semelhante, aparecem nos três volumes, ao modo de símbolos da Irlanda, que 'permanece' - uma forma de analogia com a Irlanda escondida de Corkery, ideia que a trilogia no seu conjunto expressa. Há um trio básico - Dominick, Dualta, que é irmão de Dominick, e Finola - relacionando-se com outros personagens tipo, às vezes quase caricatos, sobre os quais o 'julgamento', pela 'nação' irlandesa e católica em suas variantes temporais, paira como uma constante. Cada volume é antecedido por uma pequena "historical note". Vale reproduzi-las porque o conjunto é, com efeito, uma síntese quase perfeita da versão nacionalista 'forte' da história - culminando, no caso de Macken, como não podia deixar de ser, com o 'fim da história da dominação' na independência, um pouco dúbio e doloroso em função da Guerra Civil, último mártirio e

tratamento do tema e do período, como quando afirma, referindo-se a um outro trabalho, que "it dispels the commonly held belief that only Irish Catholics were tried for alleged massacres of Protestant colonists. The documents relating to the trial of Scottish colonists for the murder of Irish Catholics at the Isle of Magee disprove this belief" (1989: 251).

In fact Cromwell's unabridged lust to inflict pain led him to carry out the most savage massacres. Later he wrote graphically of the killings in his diary, which is still a standard texbook for Sado-Massacrists. At Drogheda, Cromwell told the garrison that if they surrendered they would come to no harm. But as soon as the defenders laid down their arms, Cromwell had them all boiled alive. Later he explained that the stupid Irish had mistaken his intentions when he said they would come to *know* harm and suffering (1987: 57).

NEWMAN, Theo. 1987, *Celtic mists*: the amazing Irish history handbook. (A chronicle of woesome happenings & abject failings cunningly arranged for your sympathy). Dublin: Phoenix.

⁵⁹ MACKEN, Walter. [1959] 1988, *Seek the fair fand* (1649 - The curse of Black Cromwell); [1962] 1988, *The silent people* (Famine and tiranny in the early 19th century); [1964] 1976, *The scorching wind* (The Blood-Drenched Years). London and Basingstoke: Pan Books. Note-se que os 'sub-títulos', que coloquei entre parênteses, dos três volumes, só aparecem no último livro, cuja edição de que disponho é a mais antiga, de 1976. Vale a pena mencionar que, apesar do evidente apego à versão nacionalista da história da Irlanda que expressará na trilogia e de sua participação, desde cedo, no Galway Gaelic Theatre, Macken teve seus dois primeiros romances, *I am alone*, de 1948, e *Rain on the wind*, de 1949, censurados durante alguns anos.

⁶⁰ Um contraponto com algum sentido de paródia sobre Cromwell e o 'massacre de Drogheda' aparece, por exemplo, num livro de Theo Newman:

último sofrimento que a pérfida Albion tinha que impor. Trata-se, de qualquer maneira, também do aceno da 'nova história' de futuro, pela personagem, Finola; de certa forma pela Irlanda, após a travessia pelos mares tenebrosos do passado - Finola um dos personagens-símbolo: "if she looked behind her she would see the smoke rising from the captured town. / But she didn't look behind her. / She kept looking ahead of her" (1976: 304). Quanto às 'historical notes', o 'enredo' do primeiro volume, *Seek the fair land*, é antecedido por:

When Murdoc and Dominick meet in Chapter One, Drogheda is invested by Irish insurgent forces who rose in rebellion in 1641 against, among other things, (a) the forcible plantation of Ulster by Scots and English; (b) the Act of Supremacy, whereby to be a judge, lawyer or government official required an oath that the King of England was Head of the Church - an impossible oath for Catholics; (c) the Act of Uniformity, whereby Catholics could be fined or imprisoned for not attending Protestant services; (d) the militant anti-Catholic attitude of the Parliament in England who were already in opposition to King Charles and determined to remove all Catholic land-onwers, Irish and Anglo-Irish, from their estates.

By Chapter Two, Cromwell is investing Drogheda with his Ironsides, King Charles has been executed, and Irish and Anglo-Irish, Catholic and Protestant, are partly united in a last despairing effort to avert a terrible destruction by a gloomy and pitiless enemy.

In the event the whole of the country was to be reduced for the first time; the remnants of the powers of the Gaelic chieftains to be shattered for ever; the Brehon laws by which they lived to be finally abolished; Gaelic judges and bardic poets to sink into poverty and virtual oblivion; all Irishmen to be deprived of their possessions unless they took the Oath of Abjuration, which was an oath of apostasy. So, deprived of their leaders by apostasy or exile, the fate of the nation was to be left in the hands of the little men, who over the centuries and almost from scratch were to build a new nation, tenaciously, slowly and indomitably, sustained by their hunted priests who 'cried to God' in 'wood and bower and attic tower on mountain side and bleak sea-shore' (1988: 3).

A primeira estrofe do poema, de Flan McCarthy, com que Macken introduz *The silent people*, o segundo volume da trilogia, seria um prefácio perfeito para *The Hidden Ireland* de Daniel Corkery: "We are the silent people. / How long must we be still, / to nurse in secret at our breast / an ancient culture?" (1988: 5). Já a segunda, não fora seu apelo ao 'destino', provavelmente agradaria a Sean O'Faolain, quando ele trata de O'Connell: "Let us arise and cry then; / Call from the sleeping ashes / of destiny a chieftain who will be our voice". A terceira e última como que tenta uma combinação: "He will strike the brass / and we will erupt / from our hidden caves / into the golden light of new-born day" (Ibid: Ibid). Na verdade é como se Macken, através da voz de Flan McCarthy, acreditasse que havia uma Irlanda escondida, inclusive nutrindo uma "cultura ancestral". Não se trata meramente de uma "nação de mendigos", como O'Faolain quer, cuja única coisa que possuem é memória e religião, 'nação' que O'Connell vai 'refundar' através da "democracia" que instila à Catholic Association. Por outro lado, para Macken, é um líder, é O'Connell quem garante a possibilidade de 'ressurgimento', de irrupção do que estava escondido, num dia novo de uma nova história, e não uma política cultural que deve a todo o custo afirmar a língua e a

literatura como repositório atemporal da nação, como Corkery defendera. Este segundo volume da trilogia tem duas curtas "notas históricas", ligadas à 'cena política'. A 'outra face', o contraste é dado mais ao final do enredo. O'Connell já morrera, a Grande Fome adentrou e, assim, os limites do 'nacionalismo constitucionalista', advogado por O'Connell, veem-se expostos, apontando mais uma e outras vezes para a 'maldade inevitável' que cerca tudo o que implica em lide, submissa, com a Inglaterra que sempre impõe as regras desse jogo. É o que um personagem, Cuan, exprime sobre O'Connell:

Spoke the wrong things. He should have called them out. Clontarf. Before. Millions to fight with bare hands. They would have done so. He held them. He had the power. Now you see. They could not have killed millions. Clean death and victory. Not like this, the way. By the roadside. In the ditches. Smelly stinking death. What came of peace? This. All this came of peace. Turning away wrath (1988: 329).

Como disse, as "historical notes" deste segundo volume são quase 'neutras'. Referem-se a dois tópicos da 'cena política' como jogada no período e relevante para situar O'Connell:

The Union

The Irish House of Commons, although a sectarian and unrepresentative Assembly, was still an Irish voice. It was destroyed by William Pitt, who succeeded in having the Act of Union passed in 1800. From January 1st, 1801, Ireland was represented in the United Kingdom Parliament by 100 members in the House of Commons and 32 Peers in the House of Lords. No Catholic could be a member of Parliament although four-fifths of the Irish nation were of that Faith.

O Connell was always opposed to the Union. When elected to Parliament, after the passing of the Catholic Emancipation Act in 1829, he devoted the remaining part of his life to the Repeal of the Act of Union, hoping once again to see an Irish Parliament sitting in Dublin. *Catholic Rent*

The expenses of organisation being overwhelming, the Catholic Rent was inaugurated. Each person paid one farthing a week, or one shilling a year, to the Rent, which was collected at Parish level. By this means O Connell (who was earning £8,000 at the Bar in 1828) could abandon the law and devote all his time to the cause of Catholic Emancipation. When this succeeded, the same device was later used to support the cause of the Repeal of the Union (1988: 6).

The scorching wind já começa com um sentido de disputa, entre Dominic, que está indo juntar-se ao exército inglês na I Guerra Mundial - de acordo com os apelos de John Redmond, líder do Irish Parliamentary Party depois da 'queda' e morte de Parnell (que, assim, também pode convenientemente ser uma ausência da "trilogia dos anos negros na história irlandesa"), o qual acreditava que uma expressão de lealdade à 'causa comum' pelos irlandeses contribuiria para garantir que a Home Rule Bill, que passara em 1913, fosse rapidamente promulgada -, e seu pai. O discurso do pai de Dominic é, de modo bastante evidente, o do nacionalismo que, supostamente, inspirará o Levante da Páscoa de 1916 e, após o tratado que declarou The Irish Free State, fomentou o lado republicano da Guerra Civil, onde - como se pode esperar desde o início deste terceiro volume do romance - o irmão de Dominic, Dualta irá lutar. O pai de Dominic acusa-o: "'You are betraying your people

(...). You are betraying seven hundred years of the blood of martyrs' "A seguir: "He hit the table with his fist. 'All those.' He was waving his hand at the pictures on the walls. They were all engraving of drawings or framed ballads. Wolfe Tone, Robert Emmet. Meagher of the Sword. Mitchell, Davis, Davitt; the place was like a museum" (1976: 110).

Com este último comentário - e é provável que ele 'parta de Dominic' -, Macken tenta mostrar a existência de 'dois lados' no que é, não obstante, o evidente ímpeto nacionalista que quer defender a respeito do período; de certa forma ecoando a distinção entre os propositores de movimentos nacionalistas que advogam a via legal, constitucional, e os que advogam a via revolucionária ou violenta. Neste terceiro volume, Macken retoma o tema, que colocara na voz de Cuan em *The silent people*, a respeito da falha na leitura dos que propõem meios parlamentares: confia-se excessivamente na Inglaterra e esquece-se do que ela é capaz. Isto ocorre exatamente quando se tenta abandonar a 'história do martírio', entregar ao passado o que pertence a um museu e confiar nas aparências da cena política presente. É este ponto que Macken ressalta na "nota histórica", inclusive quanto à Inglaterra e o parlamento inglês terem sido responsáveis por que o Irish Parliamentary Party desapareça da cena eleitoral, em decorrência da não promulgação da Home Rule; por que a via da 'guerra', com a Inglatera, se tenha constituído, por fim, no único recurso razoável; e, em última análise, pela Guerra Civil em torno dos termos do tratado de independência:

After the Great Famine (1846), the spirit of nationhood was kept alive in Ireland by the Young Irelanders' abortive revolt in 1848, by the Fenian Rebellion in 1867, and by the Land League, which by 1909 succeeded in winning for thousands of tenants the ownership of their small farms

Political affairs since the Union (1800) were handled by elected members of the Irish Parliamentary Party, who attended the British Parliament at Westminster. By 1906, when the Sinn Fein movement was founded with the aim 'that national freedom should be sought not in London but at home', these men were out of touch with the thinking of the young men in Ireland. Alarmed at the founding of the Irish Volunteers (1913) they forced their way into this organization and when the Great War broke out in 1914, on a vague promise of Home Rule after the conflict, they advised the Volunteers to join the British Army. A majority of the Volunteers did so, but a hard core stood fast and, led by dedicated men who believed the country could only be awakened from apathy by sacrifice, instigated and fought the Easter Rebellion of 1916.

The majority of the people were aroused by the deliberately spaced execution of fifteen of the leaders of the Rebellion and by the imprisionment in camps and jails of thousands of young men and women. The Irish Parliamentary Party was wiped out at the General Election of 1918, and Dáil Éireann in 1919, with most of its elected members in jail, established a National Government at the Mansion House in Dublin, and the fight for Independence continued

The signing of the Treaty (1921) establishing the Free State brought the struggle to a close, but its terms, including Partition (dividing the country into Six Counties of the North and Twenty-six Counties of the South) led to a bitter split in the ranks of Sinn Fein. This split erupted into a state of civil war which persisted until 1923 (1976: 5).

IV

Retornando ainda um pouco mais no tempo cronológico - que apesar de tudo tem alguma existência efetiva! - gostaria que fôssemos a um dos relatos que começa dos 'primórdios'. The story of the Irish race, de Seumas MacManus, cuja primeira edição é de 1921⁶¹, de certa forma sintetiza a versão da história da Irlanda que se popularizou, vista como nacionalista por seus detratores. O livro almeja explicitamente reduzir a "American ignorance of Ireland's story", derivada da "ignorance of our own exiles, and the children of those exiles" (1990: foreword), que também pretende mitigar. É um objetivo perfeitamente de acordo com o 'espírito da época'. Segundo Murphy, a única influência americana nítida no nacionalismo irlandês foi, além da guerra de independência sobre o levante de 1798, o movimento feniano, pela simples razão de que foi criado por irlandeses nos Estados Unidos. Para Murphy, não é de surpreender o desconhecimento da Irlanda pelos americanos: a distância entre Irlanda e América do norte é a tônica. Apesar de afirmações em contrário, seria cada vez maior, mesmo entre os descendentes de irlandeses, e viria desde, ao menos, Parnell: "Once the dramatic days of the land struggle were over, political, social, and cultural development in Ireland were very little influenced by America. (...) Perhaps the American Irish never really understood the course of these events, and the gap between the old country and Irish America continued to widen" (62:113). Murphy está aliás, num certo sentido, ecoando a queixa de Michael Collins a respeito da incompreensão americana dos problemas efetivos em jogo na negociação do Tratado. No discurso que fez de defesa do Tratado, a 19 de dezembro de 1921, após o pronunciamento contrário de De Valera, Collins se queixa do idealismo e da falta de sentido de realidade americanos - que considera parecidos aos de De Valera: "I am not going to say anything or hide anything for the sake of American popularity. I received a cablegram from San Francisco, saying, 'Stand fast, we will send you a million dollars a month'. Well my reply to that is, 'Send us half-a-million and send us a thousand men fully equipped' " (Collins apud McLoughlin 1996⁶³: 101). Permanece, contudo, uma diferença significativa com relação às afirmações de Murphy, já que Collins se refere a

⁶

⁶¹ A referência bibliográfica já foi feita no capítulo mas repito-a aqui: MacMANUS, Seumas. [1921] [1945] [1966] 1990, *The story of the Irish race*: a popular history of Ireland. Old Greenwich (Connecticut): The Devin-Adair Company. Todas as datas entre colchetes correspondem a datas de *copyright* por Seumas MacManus. Não obstante, na edição que estou usando, de 1990, que consta como "edição revisada", os comentários e a bibliografía dos dois últimos capítulos vão apenas até 1938, embora o parágrafo final indique que MacManus concluiu o texto pouco após o início da II Guerra Mundial.

⁶² MURPHY, John A. 1980, The influence of America on Irish nationalism. DOYLE, David N. and DUDLEY EDWARDS, Owen (eds). 1980. *America and Ireland*, 1776-1976: the American identity and the Irish connection. Westport (CT): Greenwood. pp. 105-15.

⁶³ McLOUGHLIN, Michael. 1996, Great Irish speeches of the twentieth century. Dublin: Poolbeg Press.

acontecimentos concretos, de que foi um dos principais protagonistas, e não estatui a distância como um aspecto inarredável ou desqualificador.

Donnelly trata mais diretamente da construção da memória da Grande Fome a partir da diáspora irlandesa para os Estados Unidos. No acompanhamento detalhado dos temas recorrentes na literatura e nos 'depoimentos' sobre a Grande Fome, Donnelly pretende identificar as fontes do que é, para ele ao mesmo tempo, sua "compreensão popular e nacionalista" (1996⁶⁴: 26). Donnelly assume que o desconforto com o questionamento do tema é tão grande na Irlanda quanto entre os americano-irlandeses: "so strong are popular feelings on these matters in Ireland and especially in Irish-America that a scholar who seeks to rebut or heavily qualify the nationalist charge of genocide is often capable of stirring furious controversy and runs the risk of being labeled an apologist for the British government's horribly misguided policies during the famine" (Ibid: 27). Na verdade, para Toíbín, o significado da Grande Fome na Irlanda hoje é mínimo. Em 1997 para rememorar seus 150 anos, foi marcado um concerto de rock em Cork, no qual o ator Gabriel Byrne leu um discurso de desculpas do então recém-eleito Primeiro Ministro Tony Blair. Isto despertou, evidentemente, a ira de nacionalistas mais convictos, como o comentarista John Waters: "the Irish public will be invited, as paying spectators, to commodify the destruction of our ancestors and offer it up at the altar of tourism in 'one great big party'. In this she [a junior minister, Avril Doyle] has created the perfect metaphor for the Ireland of the Celtic Tiger, a travesty of nature built upon the graves of its dead" (apud Toíbín 1999⁶⁵: 81). Já nos Estados Unidos, o sentido da comemoração foi bem diferente, indicando, na visão de Toíbín, que, enquanto na Irlanda se quer agora "to celebrate our 'skills and talents', our 'rich culture and vitality', as Blair would have it' (Ibid: Ibid), o nacionalismo mais exacerbado e virulento está a pleno vapor na América:

In the US, on the 150th anniversary, the Governor of New York, George Pataki, signed a Bill which would legally require high school students to study the Great Famine. 'History teaches us,' he said, 'that the Great Hunger was not the result of a massive Irish crop failure, but rather a deliberate campaign by the British to deny the Irish people the food they needed to survive'. (...)

The Irish Famine Curriculum Committee had already submitted a document to the New Jersey Commission on Holocaust Education in 1996. It was intended for inclusion in the Holocaust and Genocide Curriculum at secondary level. The text is full of emotional language, selective quotation and a vicious anti-English rhetoric. It asserts, despite all the evidence to the contrary, that Ireland remained a net exporter of food during the Famine. ⁶⁶ It is as shocking in

66 Tanto Donnelly como Ó Gráda são historiadores que se propõem apresentar leituras balanceadas da Grande Fome. Donnelly descarta assertivas a respeito como genocídio deliberado. Contudo, não deixa de concluir que

-

⁶⁴ DONNELLY Jr., James S. 1996, The construction of the memory of the Famine in Ireland and the Irish diaspora, 1850-1900. *Éire-Ireland*. Earrach / Samhrad - Spring / Summer (Double Issue) 1996. pp. 26-61.

⁶⁵ TOÍBÍN, Colm. 1999, *The Irish Famine*. London: Profile Books.

its carelessness and its racism as *The Times* editorials were about Ireland during and after the Famine (Ibid: 81-3).

what has sustained the nationalist perspective on the famine in the face of more recent revisionist assaults is a lively appreciation of a truth more fundamental than the case for rewriting the meaning of food exports and imports during the late 1840s. What is that fundamental truth? As the great majority of professional historians of Ireland now recognize, it is that a million people should not have died in the backyard of what was then the world's richest nation, and that since a million did perish while two million more fled, this must have been because the political leaders of that nation and the organs of its public opinion had at bottom very ambivalent feelings about the social and economic consequence of mass eviction, mass death, and mass emigration. Too many Britons of the upper and middle classes came to think in the late 1840s and early 1850s that major long-term economic gains could not be achieved in Ireland without a massive amount of short-term suffering and sacrifice. Irish and Irish-American nationalists were and long remained outraged at what such Britons were prepared to tolerate and at how they justified their tolerance. Historians do well to remember and to preserve that sense of moral outrage among nationalists as well as the record of what provoked it (1996, op.cit.: 60-1).

Cormac Ó GRÁDA é um historiador com uma produção alentada sobre o século XIX irlandês e sobre a Grande Fome; como, p.e., ___. 1988, Ireland before and after the Famine: explorations in economic history, 1800-1925. Manchester Univ. Press e ____. 1989, The Great Irish Famine. London. Num artigo de 1992 ele reporta a 'saga' do livro que fora cogitado publicar em 1945-46, por ocasião dos 100 anos da Grande Fome. A ideia inicial partira do então Taoiseach (Primeiro Ministro), Eamon de Valera, e a edição ficaria a cargo de Robert Dudley Edwards, 'Professor' da University College, Dublin, e de Theodore W. Moody, 'Professor' do Trinity College, Dublin; além de Dr. David B. Quinn, da Queen's University, Belfast. A 'saga' do livro durou de 1944 até 1956 e os editores acabaram por ser R. Dudley Edwards e T. Desmond Williams. Ao final, na opinião de Ó Gráda, The Great Famine (título do livro) "was far from being the comprehensive history of the Famine commissioned in 1944. Rather, it reads more like and administrative history of the period" (1999: 278). Ó GRÁDA, Cormac. [1992] 1999, Making history in Ireland in the 1940 and 1950s: the saga of the Great Famine. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, Interpreting Irish history: the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 269-87. Publicado anteriormente em The Irish Review, No. 12. Spring/Summer 1992. pp. 87-107. Uma cópia do livro foi mandada a De Valera, que estava então na oposição: "He thanked them graciously enough, though he also felt it necessary to remind them in his reply of the conditions endured by 'ordinary people' (...). Later he expressed unhappiness with the book, presumably because it seemed to downplay those aspects of the tragedy that had been etched in his own memory" (Ibid:280). The Great Famine acabou por ser publicado poucos anos antes de The Great Hunger: Ireland, 1845-1849, de Cecil WOODHAM-SMITH, [1962] 1991. London: Penguin Books, que rapidamente se tornou, e continua a ser, um sucesso de vendagem. De Valera claramente preferiu a versão de Woodham-Smith, que foi atacada tanto por Edwards como por F.S.Lyons e, mais recentemente, por Foster. Para Ó Gráda, "Woodham-Smith's book has many weaknesses but, to its lasting credit, it laid bare anew the horrors of the tragedy glossed over in The Great Famine. That Irish historians in the 1950s should have sought to rid Irish history of its undue emphasis on the tragic is understandable; but the appalling catastrophe of the 1840s was an unhappy choice for that campaign" (Ibid: 283). O próprio Dudley Edwards se teria dado conta disso: "The relevant passages in his diary - and his remarks on Woodham-Smith - suggest a healthy scepticism towards nationalist 'genocide' interpretations of the Great Gamine. Yet Edwards worried that in their eagerness to produce an antidote to the 'ochon, ochon' emphasis of Irish nationalist historiography (...) some of the contributors might come across as too unfeeling about what was, after all, an immense human tragedy" (Ibid: 287).

Hopen é outro autor bastante crítico da 'versão nacionalista' da Grande Fome: "although the government's response was extremely inefficient, grudging, and limited (Ó Gráda 1988: 110-18), perhaps only an authoritarian state committed to the welfare of the poor at all costs could have *achieved* a great deal more. The problem after all lay not only in a general failure of food supply but in the inability of the poor potato eaters to *buy* food" (1996: 57; itálico no original). HOPEN, K. Theodore. [1989] 1996, *Ireland since 1800*: conflict and conformity. London and New York: Longman. Contudo, tampouco adere integralmente à "ortodoxia revisionista" a respeito do tema:

It has in recent years become something of a revisionist orthodoxy to deny that the Famine represented the most significant social and economic watershed of nineteenth-century Ireland. (...) But while such claims were once at least historiographically invigorating they have always seemed strained and have more recently been subjected to intense and on the whole convincing attack. (...) it was the Great Famine, which, by concentrating their fully-armed emergence into a few terrible years, saw to it that, in many crucial respects, Irish society experienced change not so much by slow and steady evolution as by something akin to a Big Bang (Ibid: 57-8).

De qualquer forma, com efeito, a produção, inclusive historiográfica, americana a respeito da Irlanda tornou-se presa fácil de ataques revisionistas. A assunção vulgar segue a ideia de Murphy de que, quando muito, os americanos desconhecem a maioria das dimensões envolvidas na história irlandesa. *Emigrants and exiles* de Miller, por seu turno, é exemplo de um trabalho acadêmico sobre emigração irlandesa que acaba, mesmo que esse não seja um objetivo do livro, por reforçar a tese de que o nacionalismo esposado pelos imigrantes e seus descendentes nos Estados Unidos é essencialmente espúrio. Miller quer explicar a ideologia da emigração como exílio continuado como resultante, sobretudo, da culpa e tensão 'psicológica' imposta aos emigrantes por uma Irlanda tradicional: "Irish-American homesickness, alienation, and nationalism were rooted ultimately in a traditional Irish Catholic worldview which predisposed Irish emigrants to perceive or at least justify themselves not as voluntary, ambitious emigrants but as involuntary, nonresponsible 'exiles'" (1988⁶⁷: 556). Sem poderem perceber as motivações ou sentidos 'reais' do que lhes ocorre, os emigrantes ficariam, desta forma, envoltos numa desculpa que, convenientemente, é a mesma do ideário acusatório nacionalista: vêem-se tendo sido "compelled to leave home by forces beyond individual control, particularly by British and landlord oppression" (Ibid: Ibid); o que é ainda uma outra forma de dizer que o nacionalismo próprio dos emigrantes segue parâmetros que pouca ou nenhuma relação guardariam com os desenvolvimentos concretos na 'Mother Ireland', como Murphy advoga⁶⁸. Nos termos de Foster, as "comunidades

_

When success finally came to Irish America, it did not always reduce inferiority complexes. Frequently, Anglos and other Protestants (...) did not accept middle or upper working-class Irish Americans as equals. This encouraged a quest for respectability in their nationalism. Linking social subordination in the United States with Ireland's bondage many of the economically mobile Irish decided that by liberating their mother country they would improve their American situtation (Ibid: Ibid).

⁶⁷ MILLER, Kerby A. 1988, *Emigrants and exiles*: Ireland and the Irish exodus to North America. New York and Oxford: Oxford University Press.

⁶⁸ Evidentemente tal ideia a respeito dos emigrantes irlandeses e seus descendentes, bem como sobre sua

os Evidentemente tal ideia a respeito dos emigrantes irlandeses e seus descendentes, bem como sobre sua participação nos desenvolvimentos nacionalistas, sobretudo a partir de meados do século XIX, está longe de lugar-comum entre autores que tocam no assunto. Num artigo notável, inclusive por conseguir apresentar um relato extraordinariamente bem balanceado do nacionalismo irlandês em menos de vinte páginas, McCaffrey afirma que "Irish-American nationalism was imprinted on the personality as well as the progress of Irish nationalism" (1989: 11). De modo muito concreto, por exemplo, "Without the diaspora, the Irish nationalism would have had survival problems" (Ibid: 10) e tal consideração procede desde o movimento pelo Repeal de O'Connell, passando pelo fenianismo e pela Irish Republican Brotherhood, pela Land League e por Parnell, até a influência sobre o parlamento inglês e sobre a atribuição à Irlanda do estatuto previsto no Tratado estabelecendo o Free State. Ou seja, não tem cabimento questionar se havia ou não uma distância, uma 'falsidade', na apreensão americana dos desenvolvimentos na Irlanda, na própria medida em que os americano-irlandeses e seus descendentes foram parte integrante do desenrolar dos acontecimentos. Por outro lado, para o que McCaffrey recorre ao livro de Brown, Thomas N. 1966, *Irish-American nationalism*. Philadelphia, tais considerações não impedem que se leia o ativismo dos americano-irlandeses à luz de sua experiência enquantos imigrantes nos Estados Unidos:

irlandesas no exterior" - ao modo dos ingleses contemporaneamente - acatam o 'pacote' nacionalista e endossam "influential popular histories written by zealous converts like Cecil Woodham-Smith" (Foster 1986, op.cit.: 3). Assim, mostram-se incapazes de perceber que a própria acusação de revisionismo é ridícula, "a term which is of greater political than historiographical significance", cujo uso apenas "trai" ou "desvenda" a "motivação ideológica" dos que o empregam (Fanning 1999⁶⁹: 157).

No geral, o que tanto Toibín como Murphy, mas sobretudo Foster, querem marcar é a incapacidade dos 'estrangeiros' para tratar da história ou para avaliar a cena contemporânea irlandesa. Para Foster, no estilo invectivo típico dos textos em que se coloca como patrono do revisionismo e líder da historiografia irlandesa atual digna desse nome, os 'estrangeiros' tenderiam inevitavelmente a aceitar a versão nacionalista, que rotula mero conto de fadas: "'Revisionists!' In Toledo and London, growing up, working and living in Ireland are apparently considered disqualifications for thinking about Irish history; distance, especially transatlantic distance, lend a storybook enchantment to the historical view" (1986, op.cit.: 3-4). Na verdade, essa classificação - a de 'americano' a que carrega a pecha mais negativa - é utilizada como uma arma para marcar os opositores, no caso a versão nacionalista, num tipo de contecioso em que quase sempre se tenta exibir uma verve sardônica. A introdução de Tom Dunne a um volume de *The Irish Review* dedicado ao debate em torno do revisionismo é exemplar nesse sentido:

More recently Bradshaw has added a specifically Catholic element to this view of history writing as a weapon in some unspecified modern war, declaring (in Fortnight No. 297, supplement) his support for reinstating 'the popular perception of Irish history as a struggle for the liberation of "faith and fatherland" from the oppression of the Protestant English'. One explanation for such bizarre proposals is suggested in Hugh Kearney's recent riposte in History Workshop (No. 31, Spring 1991), which links them to attacks by London-Irish groups on visiting Irish historians and to the criticism by Irish-American historian, Kevin O'Neill, that Foster is Anglo-centric. Have we here a modern example of the remoteness from contemporary Irish opinion and hence the greater extremism - of the emigré nationalist intellectual? (1992⁷⁰:7).

O etnocentrismo e a presunção, que a distância 'geográfica' ou 'de origem' produziria a priori, contidos nesse descarte cumprem, deste modo, diversas funções, todas razoavelmente integradas. Afirma-se que o monopólio da 'história' pertence não só aos

McCAFFREY, Lawrence J. 1989, Components of Irish nationalism. HACHEY, Thomas E. & McCAFFREY, Lawrence J. (eds). 1989, Perspectives on Irish nationalism. Lexington: The University Press of Kentucky. pp.1-

⁶⁹ FANNING, Ronan. [1988] 1999, 'The Great Enchantment': uses and abuses of modern Irish history. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, Interpreting Irish history: the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR); Irish Academic Press, pp. 146-160. Publicado anteriormente em DOOGE, James (ed). 1988, Ireland and the contemporary world: essays in honour of Garrett Fitzgerald. Dublin, pp.131-47.

⁷⁰ DUNNE, Tom. 1992, New histories: beyond 'revisionism'. *The Irish Review* No. 12, Spring/Summmer 1992. pp. 1-12.

irlandeses como, particularmente, aos historiadores irlandeses que conhecem o debate e que, portanto, são capazes de mostrar 'o outro lado' como o que é: terreno da fantasia, do mito, do desconhecimento. Romances como o de Leon Uris mas também a trilogia de Macken, logo de imediato, não são merecedores de qualquer consideração. As categorias acusatórias são tão vastas e, na verdade, tão plásticas - quase que se pode dizer que construídas no seu próprio desenrolar -, que se aplicam a todo e qualquer oponente ou leitura que escape ao novo credo, da historiografia como sempre deveria ter sido e é. The story of the Irish race, é claro, ganha, assim, uma dupla ou tripla inexistência: é voltado para o público americano e para americanos descendentes de irlandeses, recorre a diversas fontes, incluindo poesias, baladas e relatos controversos e, em suma, tenta construir uma história que, ao mesmo tempo, abarca uma suposta grande variedade do passado remoto e que é, não há dúvida, profundamente nacionalista na condenação do domínio inglês e no relato de um longo 'sofrimento' que culminou em 'libertação'. Um dos problemas - que não é meramente sintoma, como por vezes se quer - do descarte dessas versões 'populares' é que elas não só proveem relatos coerentes como diversos a respeito do passado e presente da Irlanda. Nesse sentido, escapam de formular uma 'verdade única', como são acusados; univocidade que, por outro lado, acaba por emergir nos arcanos dos historiadores que formulam a acusação. É certo que o uso desse instrumento classificatório não está restrito a autores revisionistas. Nos textos que estão fora desse espectro não cumpre, porém, o mesmo papel, de rótulo mágico que seria capaz de esvanecer os oponentes. É apenas um elemento que pode ser usado para reforçar a discordância; embora permaneça a ideia de que a 'distância geográfica' teria implicações cognitivas.

Em *The battle of the books*, McCormack recorre a aspectos 'biográfico-religiosos' para analisar a perspectiva e a trajetória de autores e movimentos histórico-literários contemporâneos. Atribui a Conor Cruise O'Brien um papel pioneiro como crítico, da literatura e da história, e considera que a aparente mudança de O'Brien - que de anti-particionista passou a militar na defesa da ideia de que os protestantes se encontram acuados e, assim, precisam operar ao modo de uma tribo e têm direito a defender-se como uma 'minoria'⁷¹ - pode ser lida a partir de tensões 'biográficas' que também se espelham na sua

⁷¹ É muito interessante a maneira que McCormack usa para colocar a questão, aqui em particular a respeito de Conor Cruise O'Brien, o autor a que primeiro dá destaque:

Virtually from the moment he took office as a Labour member of Liam Cosgrave's coalition government (1973), Conor Cruise O'Brien set about the rebuttal of any view of the Troubles which implicated a colonial or class basis to the conflict. His Labour colleagues had no difficulty abandoning class-analysis, but the denial of a colonial role played by Britain stirred up vestigial memories of the war of independence and before. As if to scotch any such memories, O'Brien went further, and argued

produção intelectual. Aliás, vale notar entre parênteses que Conor Cruise O'Brien, com seu habitual estilo brilhante, numa passagem em que comenta a produção literária irlandesa contemporânea, partilha integralmente do descarte da "sub-literatura", aí incluídos romances para o público americano, que revisionistas consideram ser o material por excelência do cânone nacionalista: "writer and reader are unwittingly drawn into a kind of collusion in the invention of a special country; the Ireland of literature. (...) in literature - as distinct from the sub-literature of popular songs, musicals and novels written for an Irish American public -Ireland's peculiarity emerges as an oppressive quality" (1969⁷²: 15). Nesse mesmo texto, anterior à eclosão mais recente dos troubles na Irlanda do Norte, ocorrida em 1969-70, e à sua participação no governo liderado por Liam Cosgrave, Conor Cruise O'Brien descreve as "duas nações", termo que ele mesmo coloca entre aspas, como "basically the Protestant descendants of the seventeenth-century settlers and the Catholic descendants of the autochthonous Gaelic-speaking inhabitants"; tendo o evidente cuidado de acrescentar, em nota de rodapé, que se trata "rather, in both cases, [of] persons who deem themselves to be so descended" (Ibid: 18). O tom ainda não é o de defesa da 'minoria protestante', que O'Brien assumirá poucos anos depois, mas antes esperançoso: "some kind of fusion between them seemed possible at the time of Wolfe Tone's United Irishmen; and (...) such a fusion may

that the Irish Constitution made, in effect, a colonial claim on the territory of Northern Ireland. From this it followed that the Protestants of that province, already hard pressed by the violence of the Provisional IRA, should be defended in all instances. Certainly, such an attitude appeared to be a classic case of putting one's tribe before all else. The problem lay in the knowledge that Dr Conor Cruise O'Brien was not of the tribe in question (1986: 27).

McCORMACK, W.J. 1986, *The battle of the books*: two decades of Irish cultural debate. Gigginstown: The Lilliput Press.

Em meados da década de 1990, Conor Cruise O'Brien filiou-se e foi candidato, para uma espécie de assembléia que redigiria uma proposta de acordo político para a Irlanda do Norte, não eleito, pelo UKUP - United Kingdom Unionist Party, um pequeno partido saído do UUP - Ulster Unionist Party, esse que foi liderado por David Trimble. Em 1998, por ter afirmado que, no futuro, a Irlanda deveria eliminar a partição e voltar a constituir uma unidade, acabou por ser expulso do UKUP.

Ainda a respeito de Conor Cruise O'Brien e sua relação com 'colonialismo', vale a pena citar um excerto do divertido *Celtic mists* de Theo Newman, a que já se recorreu, onde ele joga com um dos livros de O'Brien, *To Katanga and back*, publicado em 1962, na época em que "Back in Dublin he had something of a reputation as an articulate opponent of Irish partition" (McCormack 1986, op.cit.: 21):

Long Ago in the Congo

Irish expansionism in the early Sixties allowed us the luxury of a foreign policy adventure in Africa, fuelled by a whipped-up campaign at home to 'save the black babies'. (...)

These nasty colonial excesses happened largely in Katanga, with the natives rioting in the streets and massacring themselves, possibly as a result of Mr. Camera Crew O'Brien and his insistence on going back and forth. (...)

With the heroic liberation of the Congo and the salvation of Mr. O'Brien, our brave Irish lads put an end to these frightful mud baths, footpaths and bloodbaths. Then, since we were rather good at it, Irish soldiers started keeping the peace everywhere, including Congo, Tonga, Togo and Mongolia. Everywhere, that is, except at home (1987, op.cit.: 141-2).

⁷² O'BRIEN, Conor Cruise. 1969, Introducing Ireland. DUDLEY EDWARDS, Owen (ed). 1969, *Conor Cruise O'Brien introduces Ireland*. London: Andre Deutsch. pp. 13-20.

take place in the future. / (...) after a reduction of the propaganda level on both sides, (...), the quarrels of the seventeenth century may at least be laid to rest" (Ibid: 18-9).

McCormack é profundamente crítico do uso da ideia de 'culturas' - ou de 'tribos' -, presente nos trabalhos de O'Brien, ideia que ganhou ímpeto na historiografía com *Culture* and anarchy in Ireland⁷³ de Lyons, livro que McCormack satiriza:

Precisely how one English-speaking, monogamous, carnivore Christian in Ulster differs from another in such fundamental ways as to constitute no less than *two* civilizations and as many as *three* cultures, we are not told (cf. the Inca, the Roman, the Assyrian). We are told, however, that this is a 'society none of whose cultures seemed to have a place for the urban proletariat' (1986, op.cit.: 42).

Terry Eagleton partilha da crítica - bem como do tom de paródia - de McCormack e estende-a ao pensamento associado aos "Irish studies", onde inclui os revisionistas, segundo ele fruto de uma conjunção entre ideologia "liberal de classe média" e "pós-moderna": "the model has (...) hardly anything useful to say about the fact that in a lot of other respects they understand each other only too well and are not all that allergic to each other's quaint cultural practices as long as their political power isn't threatened, or as long as they don't find themselves on the dole or citizens of the wrong state" (1997⁷⁴: 13). No capítulo em que trata da reação de Edna Longley ao movimento do Field Day, McCormack alarga o alcance de suas observações, num sentido análogo ao colocado por Eagleton: "The fallacy of her position is not so much one of critical theory as of political fact - Northern Ireland is not a state" (Ibid: 61). Longley também quer achar 'culturas' e assim é que, para McCormack, ela vai analisar, no caso o escritor Derek Mahon, a partir de suas próprias categorias políticas e aí encontrar, evidentemente, o que queria encontrar, "a way towards buttressing the notion of Mahon's people, the Protestants of Ulster" (Ibid: 62). Introduz John Wilson Foster, que "joined [Ms Longley] in her battle with Field Day", como "now a resident of the Canadian Pacific coast" (Ibid: 67) - o que mostra que, com efeito, a imputação de 'distância' é uma arma retórica de uso frequente. J. W. Foster, no seu livro Forces and themes in Ulster fiction, exclui autores, como Flann O'Brien e Francis Stuart e o romance 'ulsteriano' Tarry Flynn de Patrick Kavanagh. Através desse artíficio, considera McCormack, foi fácil para J. Foster "to represent Ulster Fiction as realistically concerned with the mystique of region and the perennial antagonism of denominational loyalties". Noutros termos, "it is easy to see that Foster's Ulster is essentially that forged by the Home Rule crisis of 1912-14: territorially, that is the six counties remaining in the United Kingdom, plus Donegal for summer holidays (Ibid: 68).

_

⁷³ LYONS, F.S.L. 1982, *Culture and anarchy in Ireland, 1890-1939* (The Ford Lectures delivered in the University of Oxford in the Hillary Term of 1978). Oxford and New York: Oxford University Press.

⁷⁴ EAGLETON, Terry. 1997, The ideology of Irish Studies. *Bullán: An Irish Studies Journal*. Vol. 3, Number 1, Spring 1997. pp. 5-14.

No contexto da análise da produção de Edna Longley e de J. W. Foster, McCormack volta a explicitar sua crítica a Culture and anarchy: "The problem with Lyons is not so much his emphasis on difference between various population groups in Ulster, it is his total silence on the massive degree to which they share a common pattern of behaviour and assumption, including a common belief in their difference" (Ibid: 62). Num outro trabalho, Lyons é ainda mais explícito quanto à sua crença nas implicações necessárias da leitura em que insistira em Culture and anarchy: "Without the recognition that cultural unity and cultural diversity constitute the burden of our history all political ingenuity seems to me vain" (1999⁷⁵: 102). A ênfase crítica deste livro de McCormack recai portanto - e essa é a principal razão para tê-lo introduzido - sobre afirmações de oposições, entre 'culturas', entre 'nacionalismos' se quisermos, como traduzindo o âmago da 'questão irlandesa' e os problemas da Irlanda, do Norte em particular. Na oposição, junto com Terry Eagleton, a uma leitura reducionista como essa, também se aproxima da abordagem de Jacqueline Hill, quando ela discorda dos vários autores que insistem em 'encontrar', ter por natural a Home Rule como foco da "partição". Ou seja, McCormack, Eagleton e Hill apontam para uma tendência, tanto na historiografia, de tendência revisionista ou não, como em ensaios sobre literatura e história, a buscar diferenças e semelhanças que não possuem qualquer correspondência necessária com as que foram significativas. Antes se trata de um corroborar de divisões que têm efetividade no presente ou que ganharam um estatuto de 'auto-evidência' em desenvolvimentos mais ou menos recentes. Nesse sentido, podem encobrir uma variedade muito maior a qual, no processo, tem sua validade e significado negados, substituídos pela reiteração das oposições construídas pelos próprios autores. Podem, ainda, impedir o reconhecimento de semelhanças, de terrenos comuns, sobre os quais mapas, diversidades e tensões, bem distintos dos que se insiste em afirmar, têm curso; numa analogia profunda com a versão nacionalista mais simples da história da Irlanda.

V

The story of the Irish race começa com a descrição dos povos que teriam antecedido a "Irish Race of to-day", conhecida como "Milesian Race, because the genuine Irish (Celtic) people were supposed to be descended from Milesius of Spain" (MacManus 1990, op.cit.: 1).

_

⁷⁵ LYONS, F.S.L. [1978] 1999, The burden of our history. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press, pp. 87-104. O texto fora anteriormente apresentado como uma palestra: "The W. B. Rankin Memorial Lecture delivered on 4 December 1978 and published by Queen's University of Belfast".

Outras colonizações teriam antecedido a celta: dos Firbolgs, dos Fomorians e, finalmente, dos Tuatha De Danann. A respeito desses 'primeiros invasores' e da 'convivência' do passado no presente, Owen Dudley Edwards refere-se a um conto de H. P. Lovecraft, "whose historical matter relates to the Parthalonians, or earliest of Irish legendary invaders, his interpretation being based on the oldest source-material relating to them", provendo uma nota de brincadeira deliciosa: "If Lovecraft be correct, the insidous influence of the Parthalonians is with us to the present day, a circumstance which would make teenagers of the Tuatha Dé Danaan, as far as influence goes, and leave St Patrick a veritable babe in arms" (1969, op.cit.: 29). O tom de MacManus ao longo de todo o livro é de extrema seriedade, embora aqui assuma que se está num terreno algo movediço, onde lenda e fato se misturariam. Recorre a antiquários e 'autoridades', inclusive Geoffrey Keating, aos *Anais* dos Four Masters, ao *Book* of Invasions, a shanachies - no sentido que apontei em nota de rodapé a propósito do romance de Leon Uris - e a historiadores seus contemporâneos, como Eugene O'Curry, Douglas Hyde e Eoin MacNeill - estes dois últimos membros ativos da Gaelic League referidos no capítulo anterior - para situar 'os fatos' mais prováveis. Assim é que, apesar da admissão de que alguns eventos têm caráter lendário, o conjunto pretende ser um relato acurado, estabelecer a 'verdade' sobre da trajetória da 'raça irlandesa'.

Isto não o impede, antes pelo contrário, de trazer à tona discrepâncias e destacar a presença de múltipos grupos. Por um lado, esses 'primeiros povos' estão em confronto na ilha e - apesar de não pertencerem ainda à 'raça irlandesa contemporânea', celta - já demonstram qualidades, que MacManus faz questão de frisar: "Over the island, which was now indisputably De Danann, reigned the hero, Lugh, famous in mythology. (...) Most conquerors come to despise the conquered, but here they came to honor, almost to worship those whom they had subdued" (Ibid: 5). Depois de dar espaço ao debate em torno da data provável de sua chegada à ilha (concluindo dever ser por volta de 1.000 A.C.), os celtas são apresentados como um "eminently warlike people, rich in the arts of civilized life"; "they seem to have been a federation of patrician republics" e "at various times (...) allied themselves with the Greeks to fight common enemies" (Ibid: 7). Os milésios creem-se 'predestinados' a ir para a Irlanda: "When, after they had long sojourned in Spain, they heard of Ireland (...) and took it to be the Isle of Destiny, foretold for them by Moses, their leader was Miler or Milesius, whose wife also was a Pharaoh's daughter, and named Scota" (Ibid: 8). A chegada e instalação na 'terra predestinada' não se dá sem dificuldades, que incluem o lidar com a magia e enfrentar os De Danann em batalha. Os sobreviventes destes "fled into the remote hills and into the caves", o que, "coupled with the seemingly magical skill which they

exercised, gave foundation for the later stories of enchanted folk, fairies, living under the Irish hills" (Ibid: 10); ou seja, as próprias peculiariedades 'folclóricas' irlandesas encontrariam respaldo nessa 'história remota', nada se perdendo. De qualquer modo, "the peace (...) fell upon the land", apenas eventualmente quebrada por disputas entre mulheres poderosas, por tentativas de assentamentos dos pictos (foram dadas mulheres irlandesas aos seus chefes, com as quais foram para Alba - Escócia - "on condition that henceforth their royal line should descend according to the female succession" (Ibid: 12)) e por querelas com fomorianos. A tradição de bardos e *shanachies* se estabelece e, como o próprio "British Camden, another authority not partial to Ireland, but sometimes hostile, says: 'They deduced their history from memorials derived from the most profound depts of remote antiquity, so that compared with that of Ireland, the antiquities of all other nations is but novelty, and their history is but a kind of infancy' " (Ibid: 12-3).

Essa passagem de Camden é citada por Geoffrey Keating na seção VI de seu Foras Feansa, em que refuta declarações de Hanmer. A ela, Keating ainda acrescenta outra do "mesmo Camden": "- 'Not unjustifiably was this island called 'Ogygia' by Plutarch, i.e. most ancient' " (1987, op.cit.: 45). Para descartar Hanmer, Keating afirma a superioridade dos registros irlandeses sobre os ingleses: "For Samuel Daniel, Gildas, Rider, and Nennius, and many other authors who have written the history of Great Britain, acknowledge that the old account they have themselves on the ancient condition of Britain was inexact, because the Romans and Saxons deprived them of their records and their ancient texts" (Ibid: 47). Um dos pontos centrais do argumento de Keating na "Introdução" ao Foras Feansa é o da 'validade' da história irlandesa como a irá construir - ponto idêntico ao que Seumas MacManus defende, sob roupagem 'mais moderna' - que, até o período em que escreve (por volta de 1630), na verdade constituiria um modelo, uma paternidade ideal para a própria 'história': "From this it may be understood that Ireland was free from the invasion of enemies by which her ancient history and her former transactions would be extinguished; and it is not so with any other country in Europe. Wherefore I think that it is more fitting to rely on the history of Ireland than on the history of any other country in Europe" (Ibid: 83). Bernardette Cunningham defende que o Foras Feasa ar Éirinn de Keating, que antes redigira dois tratados de caráter teológico, sobre a missa e sobre a morte, não se situa na linhagem da tradição católica dos Old Irish e deve antes ser encarado como "the work of an Old English, continental-trained,

catholic diocesan clergyman" (1987⁷⁶: 123), produzindo no contexto da Contra-Reforma. Nesse âmbito, Keating estaria essencialmente demonstrando "a consciousness of the standards of the age as applied to works of history" (Ibid: 221), análoga à de historiadores da pós-Renascença continental europeia - e aí se inclui a própria leitura que faz dos feitos dos Old Irish, os Gaels. O valor da história da Irlanda se baseia pois, para Keating, na permanência dos registros, bem como em seu controle - "it has been expurgated by Patrick, and by the holy clergy of Ireland, from time to time" (Keating 1987, op.cit.: 83) é uma das formas em que esse controle se manifestaria -, que seriam sinônimo dos próprios Gaels e de seu aportar à "island of destiny". Assim é que Keating, a propósito de ter feito alterações na computação dos anos de alguns reis pagãos da Irlanda, "apart from how it is set down in the Roll of Kings" (Ibid: Ibid), justifica-se dizendo que "I find them not agreeing with the enumeration of the epochs from Adam to the birth of Christ" (Ibid: Ibid). A razão para essas discrepâncias, contudo, não se deve aos Gaels mas, sim, à entrada em cena dos Galls (grupo onde, lembremos, o próprio Keating se auto-insere). A invasão dos 'Norsemen' tinha colocado alguns empecilhos mas "the historical compilation was preserved" (Ibid: 81-3). Contudo, "since the time the suzeranity of Ireland passed to the Galls, the Irish have abandoned making the revision which was customary with them every third year of the ancient record, and so the professors of archæology have neglected its purification, having lost the immunity and the emolument which it was customary with them to obtain from the Gaels" (Ibid: 85). MacManus talvez não desse tal justificativa para afirmar a excelência dos registros históricos celtas mas, ainda assim, a ideia é a mesma. A maneira como Keating argue a favor de se tomar os celtas como a melhor fonte possível é deliciosa:

Some people profess astonishment how it should be possible to trace to Adam the origin of any man. My answer to that is, that it was easy for the Gaels to keep themselves (traced) even to Adam, because they had, from the time of Gaedheal down, 'druids' who used to preserve their generations of descent and their transactions in every expedition (of all) that befell them up to reaching Ireland, as is clear from the history following [Foras Feasa ar Éirinn]: and, moreover, they had an affection for science, insomuch that it was owing to his learning Niul,

-

⁷⁶ CUNNINGHAM, Bernardette. 1987, Seventeenth-century interpretations of the past: the case of Geoffrey Keating. *Irish Historical Studies*. Vol. XXV, 1986-7. Antrim: W. & G. Baird. pp- 116-28. Talvez valha repetir que Keating é frequentemente encarado como precursor da historiografia nacionalista. Não há qualquer ironia na sua filiação aos Old English se, como parece ser um fato, se aceitar que a tradição dos Old Irish não teve formas de continuidade direta na historiografia que se prolongou até nossos dias, diferentemente do caso da produzida por Keating. Como Cunningham, aliás, marca com precisão, o que se trata é da definição de um público para o qual as questões levantadas teriam relevância, o que - cumpre concordar com historiadores de feição revisionista - implica de fato num 'esquecimento' de outros atores, dos New English no caso:

Keating appears to be writing exclusively for and about the catholic community. The distinctions he makes between the diverse ethnic elements in Ireland are primarily within the context of that catholic community, and the time-scale of his history precludes the necessity of his really coming to terms with a New English protestant presence at all. The New English are portrayed merely as alien commentators on that society, and not recognised at all as co-inhabitants of the same territory (1987: 121).

the father of Gaedheal, obtained every possession he got; and also the length the Gaels have been without change in the possession of one and the same country, and the excellence of the order they laid down for the preservation of the record, as we have said (Ibid: 91-3).

Os celtas trouxeram portanto, tanto para MacManus como para Keating, continuidade e certeza à Irlanda; num certo sentido construiram a própria possibilidade de uma história, detalhada, fiel - como apontei, para Keating, a 'revisão' periódica é mais uma garantia desta fidelidade e nunca um empecilho -, central na existência e na continuidade da vida irlandesas. Mais ainda, como o recurso que fazem a Camden evidencia, a historiografia que os celtas teriam criado se constituiria numa matriz e num modelo para 'História'; que só não pode ser universalmente aplicado porque outros povos não tiveram a sorte ou a capacidade de mantê-la irredenta, como o irlandês. É nesse ambiente que, como se poderia esperar, uma míriade de personalidades, feitos e grupos notáveis encontrará condições de florescer. Nessa toada, MacManus preenche a 'história' dos séculos após a chegada dos milésios com acontecimentos e personagens que, de outra forma, soariam não muito críveis, míticos se quisermos usar a palavra no sentido vulgar; como os títulos dos capítulos indicam: "Some Notable Milesian Royalties"; "Ireland in the Lore of the Ancients"; "Conor Mac Nessa"; "Cuchullain"; "Two First Century Leaders"; "Conn of the Hundred Battles"; "Cormac Mac Art"; "Tara"; "The Fairs"; "Fionn and the Fian"; "Niall of the Nine Hostages"; "Irish Invasions of Britain". Após uma "General Review of Pagan Ireland", entra por fim no cristianismo, que já existiria antes de St. Patrick, mas que tem nele, além de St. Bridget e Colm Cille, uma espécie de símbolo maior do catolicismo, particular inclusive, que supostamente passa a ser apanágio da Irlanda. Esse catolicismo não impede, muito pelo contrário, que a organização social, política e jurídica irlandesa tenha características particularíssimas, cuja excelência cabe realçar, que estariam exemplificadas nas Brehon Laws, no papel de destaque e autonomia dado às mulheres na "ancient Ireland", bem como no elevado estatuto atribuído aos "poets". Esse jardim onde tantas plantas tão variadas foram brotando torna-se, assim, o espaço por excelência para o emergir da santidade, da Irlanda como "island of saints and scholars", fecundidade e riqueza que, se não tivessem sido quebradas, primeiro e em menor grau, pela invasão viking e, depois, pela invasão inglesa de Henrique II, teriam afetado, mais ainda do que fizeram, no sentido de pacificidade e culto do saber, o curso da história europeia - imagem esta que continua tendo largo curso hoje em dia, como exemplificado pelo sucesso do livro de Cahill, How the Irish saved civilization, já mencionado.

A invasão viking representa, no livro de MacManus, uma certa interrupção do curso frondoso que a história da Irlanda seguia. Por outro lado, as dificuldades que os vikings

encontram na ilha prestam-se a reiterar a contribuição que a Irlanda já prestara - com seus saints and scholars - ao mundo ocidental: "Indeed at one time, that is about the middle of the ninth century, it looked as if the Vikings were on the point of becoming masters of the greater part of northern and western Europe. But their victorious career was stopped for all time and the western world saved from becoming Norse by the final defeat which they met with in Ireland" (1990, op.cit.: 268). Os vikings não eram inteiramente desprovidos de qualidades, mesmo porque a eles é atribuída a fundação de cidades portuárias, embora, como MacManus quer destacar, Dublin em si já existisse antes, como "a village which the Irish had founded at least two centuries earlier and which they called, and still call, Ath Cliath" (Ibid: 269; Baile Atha Cliath - numa tradução literal "the town of the ford of the hurdles" - é o nome em irlandês para Dublin). Suas invasões continham, porém, líderes com pretensões blasfemas, como um cujo "design included the supplanting of Christianity by the heathenism of his own country" (Ibid: 270). Houve diversas ondas de invasão e os vikings eram também de estoques distintos, sendo que os dinamarqueses ficaram conhecidos como Danair ou "black heathens" e os noruegueses como Lochlannaigh ou "white heathens". Eles disputam entre si e os dinamarqueses acabam por sair vitoriosos, "it is said, by calling upon St. Patrick for help" (Ibid: 271). De qualquer forma, a island of saints and scholars tivera seu 'florescer autônomo' perturbado pelas hordas estrangeiras. Já antes "the nation was broken up into numerous clans, which of course stood in the way of national union" (Ibid: 273). Agora, as lutas entre os diferentes grupos de vikings adentram o tecido irlandês: "Now one side and now the other invited the Irish to help them, and Irish chieftains in turn, in their internecine wars, sought the aid of the foreigners" (Ibid: 272). Casamentos, alianças, desenvolvimento das artes da guerra e naval, da construção civil e de fortificações e, sobretudo, conversão ao cristianismo, passam a ser característica da ilha. Como em outros países europeus, "the warrior-churchman" torna-se uma "conspicuous figure in Ireland in the ninth-tenth centuries" (Ibid: 274). A transformação do conjunto é, todavia, a tônica. Uma vez alterado o equilíbrio que continha as lutas, incluindo os *cattle raids*, entre os clãs, as cortes, onde os poetas tinham posição destacada, e os centros de vida monástica -, não há mais retorno e assim é que a própria vitória das tropas de Brian Boru contra os vikings (evidentemente havia tropas irlandesas do lado dos vikings e vice-versa), em Clontarf em 1014, é apenas uma meia vitória. Brian Boru morre após a batalha e "the days of Ireland's glory were departed" (Ibid: 282): "Had he or his family lived, the chance is that with the prestige of his name and the great victory at Clontarf, they would have founded an hereditary monarchy which would have put an end to disunion and demoralisation and provided one of the strongest bulwarks against the Norman invasion which was soon to fall upon the country" (Ibid: Ibid).

A invasão normanda é que se constituirá propriamente na primeira invasão, no primeiro esforço de extrair os irlandeses da 'sua história' que, de qualquer forma, só terá algum sucesso, através do exercício extremo da força e da 'tirania', que se instala a partir do reino de James I, após a guerra dos nove anos (1594-1603)⁷⁷, guerra movida a mando de Elizabeth I. Desta maneira é que, no relato nacionalista de MacManus, quanto ao período viking há que afirmar que "there was no real conquest or occupation of the country. The Norse and the Irish had to understand each other to some appreciable extent, and it was the language of the invader that gave way to that of the invaded" (Ibid: 284). MacManus considera que "the Viking invasions checked the normal development of Irish civilisation, undid what the efforts of successive centuries had realised, and gave Ireland such a shock that learning scarcely ever fully recovered from it" mas, mesmo assim, "a brilliant intellectual life prevailed during that period and, in all the things that pertained to the mind, the Irish were far superior to their invaders and Irish genius made itself felt upon them" (Ibid: 285). Ou seja, há que garantir que os efeitos dão-se ao nível da 'superfície' e que, portanto, o 'gênio profundo' permanece; o mesmo, aliás, que nem inimigos mais ferozes - e mais estúpidos, porque incapazes de reconhecer essa grandeza -, que se recusam a trocar e apenas querem submeter, serão capazes de esmaecer. Sintomaticamente, MacManus vai dedicar os capítulos seguintes, antes de tratar da invasão normanda, aos 'aspectos estruturais' - hospitalidade, tribos e clas, "oficios diversos", "modos de vida" - da sociedade irlandesa até então. De certa forma, é como se MacManus considerasse que um modo da história, uma 'progressividade', que permitiu o florescer dos saints and scholars e seu papel 'civilizatório' e que ainda encontrou curso na lide com os vikings na ilha, perdeu lugar com a invasão normada. Cabe, assim, marcar esses aspectos, garantir que têm uma existência 'profunda' e anterior à história, mais 'superficial', que se seguirá. Nesse momento entram pois em linha de conta 'constantes', aspectos que caracterizariam a 'raça irlandesa' e que, até então, haviam se manifestado e sido esculpidos pela 'história' mas que, doravante, têm que ser afirmados à parte do que começa a ser não mais a 'história da raça' mas a da sua invasão.

7

⁷⁷ A respeito da Guerra dos Nove Anos, vide O'NEILL, Eoin. 2005, O estado que nunca foi: guerra e formação do estado na Irlanda do século XVI. Tese de doutorado (em Sociologia). Rio de Janeiro: IUPERJ. Disponível online em: http://www.iuperj.br/biblioteca/teses/Eoin%20tese.pdf.

Uma versão mais sucinta: O'NEILL, Eoin. 2008, Guerra, formação do estado e identidade nacional nas franjas do mundo atlântico. Dados, Vol. 51, N^{o} 1, 2008.

Para MacManus, isto não significa que o domínio ou o estatuto da 'história irlandesa', no sentido que Keating afirmou na primeira metade do século XVII, fiquem abalados, seja sob que perspectiva for. Muito pelo contrário: não só a historiografia que se imbricou com a história anterior é excelente, a melhor, e sinônimo de acuidade, como se transforma num atributo permanente 'dos irlandeses'. Aliás, como Cunningham aponta, a historiografia da Irlanda como a da Irlanda católica, empreendida por Keating no Foras Feasa ar Éirinn, permitiu a inclusão dos normandos no quadro: "The Old English could not readily identify with the *Annals* of the Four Masters, but Keating's treatment of the coming of the Normans fitted the Old English community into the Irish origin myth" (1997, op.cit.: 126). Provavelmente também esteve na origem da leitura dos normandos como 'menos invasores', na semi-incorporação - sob a forma de "oposição segmentar" que Evans-Pritchard tornou clássica - aos irlandeses, quando se trata de constrastá-los aos 'invasores efetivos'; significando, sobretudo, a 'invasão' inglesa, tipificada então como distância, alheamento completo da Irlanda 'densa', inclusive na forma expressa no The story of the Irish race. O uso do termo New Irish que, a partir do século XVI, passa a ser uma alternativa a normandos ou Old English para classificá-los, de certa forma denota essa entrada, esse relativo partilhar da grandeza da historiografia irlandesa e do estatuto que sempre se lhe deverá atribuir. Para Geoffrey Keating, como para os autores que acompanharam sua proposta, os relatos dos supostos historiadores ingleses, que produzem imagens o mais das vezes negativas sobre os 'bárbaros irlandeses', estão condenados a priori. 78 Não procedem da 'tradição historiográfica' irlandesa e desconhecem-na, mesmo porque, assim segue o argumento de Keating - segundo Cunningham, como mencionado, de acordo com os cânones da historiografía pósrenascentista vigente -, não dominam suficientemente o irlandês antigo para acessar as fontes nem ficam tempo suficiente na ilha para apreenderem efetivamente sua vida. Em termos atuais, se quisermos, seu trabalho careceria das pré-condições mínimas para que os resultados possam ter validade, fidedignidade, seja ela histórica, sociológica ou antropológica. Isto quanto aos poucos a que se pode dar o crédito de querer de fato 'conhecer', de, para voltar a usar linguagem contemporânea, não apenas reafirmar ideias pré-concebidas, agradáveis

_

⁷⁸ Eoin O'Neill tem trabalhado com a questão das identidades na Irlanda em finais do século XVI e primeira metade do XVII, bem como com os efeitos complicados resultantes da não tomada em consideração, por parte do poder inglês, das diferentes narrativas identitárias e de possibilidades decorrentes de aliança que estavam em jogo: O'NEILL, Eoin. 2013, Cruzando, construindo e atenuando fronteiras: identidades, formação do estado e o fim da Irlanda gaélica. *Anais* do SILEL - UFU 2013. Vol. 3, No. 1. Uberlândia: EDUFU; O'NEILL, Eoin. 2015, Uma dança de mal-entendidos: religião e conceitos de poder na Irlanda elisabetana. PAVÃO, Eduardo et al. (orgs). *Anais* da X Semana de História Política: minorias étnicas, de gênero e religiosas. Rio de Janeiro: UERJ. pp. 906 -16.

àqueles cujo favor esses trabalhos esperam granjear. A diatribe historiográfica que Keating mantém alcança, assim, um duplo efeito - que ecoa com clareza na concepção nacionalista de MacManus: descartar as visões negativas construídas a respeito da Irlanda, voltem-se elas para os Ghaill, os antigos ocupantes, ou para os Gaeil, os supostos nativos, e marcar a forma e os atores que são dignos de consideração no que então é definido como 'história da Irlanda'. É nesse sentido que se pode ler a seção VII da "Introduction" à *Foras Feasa* de Keating, onde refuta especificamente Fynes Moryson - mas num argumento que aplica ao conjunto dos autores cuja validade descarta - e estabelece os princípios que devem basear a atividade de um historiador - segundo Keating de acordo com Polidoro em *De Rerum Inventoribus*:

I discard the witness of Fynes Moryson who wrote jeeringly on Ireland; for, though his pen was skilful for writing in English, I do not think that he intended by the power of the pen to disclose the truth, and so I do not consider that it is worth (while) giving him an answer. For, the historian who proposes to furnish a description of any people who may be in a country, ought to report their special character truthfully [on them], whether good or bad; and because that it was of set purpose, through evil and through a bad disposition (at the suggestion of other people, who had the same mind towards the Irish), he has left in oblivion, without estimating the good qualities of the Irish, whereby he has abandoned the rule most necessary for an historian to preserve in his narrative, and, therefore, the status of history ought not to be accorded to his writing. These are, indeed, the rules which should be most observed in writing history, according to Polydorus (...): here is the first rule he sets down - That he should not dare to assert anything false'. The second rule: - 'That he should not dare to omit setting down every truth': here are the author's words: - 'in order (says he) that there should be no mistrust of friendship or unfriendliness in the writing' " (1987, op.cit.: 55-7).

A colocação de Keating tem, como é evidente, uma abrangência que vai além da historiografía nacionalista e, mesmo, da historiografía irlandesa. De qualquer forma, esse é um dos aspectos do *Foras Feasa* que ganhará uma entrada peculiar nas versões historiográfícas que se lhe seguirão. Como sugerido há pouco, a corrente assumidamente revisionista atual também se vale da acusação de distância, desconhecimento, falta de isenção, para descartar considerações, classificadas como nacionalistas, a respeito da história irlandesa. Nesse sentido, ambas as vertentes em disputa como que se apropriaram e transformaram de maneira idêntica o preceito de Keating / Polidoro de reportar "todas as verdades" sobre um dado povo. É como se, embora voltando-se para lados antagônicos, ambas as vertentes clamassem a capacidade de trazer a 'verdade', imputando à outra 'falsidade' ou, no mínimo, preconceito. Seamus MacManus está, neste sentido, apenas preocupado com estabelecer os fatos que, como afirma no prefácio, considera que são desconhecidos - nos termos em que coloca, sobretudo do público americano e dos descendentes de irlandeses. Na medida em que o texto não se pretende acadêmico, não há porque sair refutando versão nenhuma mas apenas assinalar 'a verdade' e é esta estratégia

que, de fato, presta-se à afirmação da solidez do conjunto - e o que dá também particular relevância à maneira como a narrativa é desenvolvida no livro.

Textos de feição mais acadêmica, mesmo que assumidamente de disputa pelo terreno da 'história', como é o caso dos de autores revisionistas contemporâneos, não escapam, contudo, desse esforço de afirmar que suas versões deveriam, idealmente ao menos, ser encaradas como 'a versão', 'a verdade', enfim colocada, sobre a história da Irlanda. Embora, como é de se esperar, contribuam com relatos que 'complexificam', que 'pluralizam' - se quisermos usar esse termo tão vago e tão em voga -, que trazem atores menos usuais para a cena da história irlandesa; no lugar, segundo seus proponentes, da versão nacionalista simples, que clama a existência de uma 'luta nacional' contra o dominador inglês, que começa a esboçar-se quando a 'opressão inglesa' dá seus primeiros passos e quando, como se pode ver no desenho do livro de MacManus, a 'história' muda de feição. Em termos nacionalistas, é aí, exatamente, que a 'capacidade historiográfica' irlandesa precisa ser afirmada, que ganha toda a sua relevância, como garantia e fonte de denúncia do que lhe é alheio e, assim, para ela não contribui. O ponto que talvez se deva marcar é que os revisionistas mais destacados, Roy Foster sendo quem de modo bem direto clama por tal posição, pretendem, essencialmente, usar o argumento de 'autoridade acadêmica', no que, creio, acaba por ser apenas um deslocar da crença historiográfica nacionalista. Ou seja embora por vezes trazendo à tona atores e 'documentos' antes desconsiderados ou preteridos -, ao definirem que sua leitura deve suplantar qualquer outra, nacionalismo alvo acusatório predileto, recaem numa afirmação análoga, de detentores da 'verdade', do relato que deve substituir, desta feita não a ignorância ou o desconhecimento, mas, de qualquer forma, 'falsidades' que tinham curso. A bem da clareza da minha perspectiva, talvez seja conveniente destacar que, se a argumentação nacionalista passa ao largo, a revisionista tampouco trás para a composição de retratos da Irlanda, vozes díspares, a multidão de figuras, os 'comuns' que tiveram lugar - e, essa é uma hipótese central, acabaram por, na sua disparidade, ganhar a frente da cena -, desempenharam, portanto, um papel efetivo de protagonistas - de forma tão vasta que, exatamente, tornou-se impossível nominá-los, classificá-los em grupos -, no desenrolar da 'história' irlandesa; com efeito em tudo significativos, não só no passado como, sobretudo, no que esse fletiu o presente do país.

Voltando a *The story of the Irish race*, 1171 é dado como ano marca do começo das desditas sobre a Irlanda - concerteza que funcionando como antítese da suposta glória da

batalha de Hastings em 1066, início da *British*⁷⁹ *history*; e vale notar que estamos aqui por volta de na metade das setecentas e poucas páginas do livro. Um tema correlato que, de certa forma, ainda hoje é debatido, é o da concessão, pelo papa Adriano IV, duma bula, *Laudabiliter*, de autenticidade profundamente questionada, em que a Irlanda era outorgada a Henrique II, com base na qual ele efetua a invasão de 1171. Como se disse há pouco, MacManus faz um intervalo de vários capítulos entre as invasões dinamarquesas e a de Henrique II. Mas, de qualquer forma, mantém alguma conexão entre ambas:

dispute unending has raged around the two questions whether Ireland had lapsed into irreligion as represented, and whether the Papal Bull was genuine. Undoubtedly, the centuries of the Danish terror had had disastrous effect upon religion - and the question arises how far had religious Ireland recovered itself in the century and a half since the Danish power was broken (1990, op.cit.: 319).

Na versão de MacManus, não há dúvida, contudo, a respeito do sentimento que se deve ter face a essa primeira invasão normando-britânica⁸⁰: "On Devorgilla, the wife of Tighernan

_

⁷⁹ Talvez já se devesse ter mencionado que British e Briton aparecem, em relatos historiográficos nacionalistas, essencialmente como sinônimos; ambas as palavras negativizadas. A razão para usar repetidamente britânico é óbvia: bretão - a palavra em português - perde qualquer sentido acusatório e torna-se meramente descritivo. O deslize é, inclusive, mais grave, na medida em que os bretões, da Brittany, continuam a ser, potencialmente, membros da 'comunidade' linguística celta geral. Na verdade, o p-celtic estaria na base tanto do galês (variante Northern Brittonic) como da variante bretã e da falada na Cornualha (variante Southern Brittonic), as três provenientes do ramo Brythonic do p-Celtic, já que não houve sobrevivência do outro ramo de p-celtic, o pictish. Já o q-celtic estaria na origem do gaélico irlandês (variante Western Gaelic), do gaélico escocês e do que era falado na Isle of Man (variante Eastern Gaelic), ambos provenientes do Goidelic / Gaelic, o único ramo do q-celtic. (Para essa classificação linguística 'oficial', cf. JAMES, Simon. 1999, *The Atlantic Celts*: ancient people or modern invention? London: British Museum Press. pg. 46). Os bretões teriam saído do país de Gales, Cornualha e outras regiões do sul da Inglaterra por volta do século V, por pressão dos Saxões, 'origem' dos 'britânicos'. Sassaneach (Sasanach / Sasanaigh [plural]) é, inclusive, sinônimo de ingleses em irlandês e, com frequência, as invasões inglesas são parafraseadas como invasões pelos Sassaneach; os nacionalistas escoceses também se referem aos ingleses como Sassaneach.

⁸⁰ Como mencionei logo na Introdução deste "Primeiro Tempo" da tese, nominações são sempre assunto gravíssimo. A discussão de John Gillingham, e também sua ironia, sobre como titular esta invasão é um bom exemplo da seriedade de que o assunto é investido inclusive - particularmente? - na área acadêmica:

^{&#}x27;For centuries', as F. X. Martin has observed, 'historians and political writers, English and Irish, nationalist and unionist, were content to speak of the 'English conquest' of Ireland'. But then the word 'English' went out of favour and a period of fluctuating terminology set in. Nowadays, if modern scholars wish to inform themselves about the twelfth-century invasion of Ireland, they find themselves reading not about the English but the Normans, or Anglo-Normans, or Anglo-French, or Cambro-Normans. Inevitably, one side-effect of this new nomenclature is to break a continuity which earlier generations had taken for granted, to create instead a presumption that the English thought-world of the sixteenth and seventeenth centuries may have been significantly different from the now differently labelled thought-world of the twelfth. Questions of terminology are therefore important (...).

^(...) The sheer weight of academic respectability behind the term 'Norman' seems to have persuaded even 'nationalist' historians who had long regarded Henry II's intervention in Ireland as English malevolence that if they wanted to be regarded as serious students of the past then they had better abjure 'English' and adopt 'Norman'. More recently, academic historians, when giving some thought to the matter of nomenclature, have tended to shy away from 'Norman' (...). For example, in an important and strategically sited discussion, F. X. Martin argues against use of the terms 'Norman invasion' or 'Norman conquest', not however (...) on grounds of lack of contemporary warrant for them, but on grounds that they 'endowed a political event with racial overtones, in keeping with the concept of the Normans as a Herrenvolk'. Thus he prefers the more anodyne 'Anglo-Norman' or 'Cambro-Norman'. Others have suggested 'Anglo-French' or 'Anglo-Continental'. If, as many historians believe, these

O'Rourke, prince of Breffni, is placed the indirect, and on Diarmuid MacMurrough, king of Leinster, the direct, odium of bringing in the English" (Ibid: 321). Não só a irreligiosidade irlandesa seria altamente contestável como, sobretudo, a capacidade de Henrique II de ser um tutor do retorno aos cânones adequados é igualmente questionável. Mais do que tudo, porém, como já se podia imaginar pelos capítulos em que trata da invasão viking, o problema relevante é o do domínio 'mundano', de disputa pelo poder entre chefes e mulheres destacadas irlandesas, que havia ganho a frente da cena. Os *saints and scholars* não mais são o apanágio e o mal que daí resulta é que alianças temporais suplantam a própria vontade de inclusão no para-sempre, o registro 'na história', a que os *poets* garantiriam entrada. É através dessas disputas menores internas, de terem ganho predominância, que o malfadado Strongbow, que dá o "taste of the conqueror's savagery that was henceforth to fill the centuries" (Ibid: 325), entra e marca o futuro da ilha, sem que o drama secular por vir, o mau fado a cujo bafo é dada entrada, seja percebido.

Leituras mais 'acadêmicas' dão um retrato análogo, ainda que, por não estarem comprometidas com apresentar um 'relato fidedigno' - como *The story of the Irish race* -, desprovido da exaltação do passado e do caráter acusatório sobre a entrada normanda:

When the Norman English arrived in late twelfth-century Ireland, they encountered a Gaelic nation united in language and tradition with a clan social structure, a system of Brehon laws, and a Catholicism that was more monastic than diocesan and remote from Rome in both distance and loyalty. But politically Ireland was in chaos. The árd-rí was high king in name only. Feuds and jealosies started and perpetuated conflict between kingdoms and clans. It was a civil war that brought Richard fitz Gilbert de Clare, Earl of Pembroke, known as Strongbow, to Ireland to assist Dermot MacMurrough in the recovery of his lost Leinster throne (McCaffrey 1989, op.cit.: 1).

Num texto publicado no *The course of Irish history*, que foi exatamente parte do esforço empreendido por Moody, Edwards e Martin de oferecer relatos 'populares' alternativos da história da Irlanda, mais 'fidedignos' e 'livres de mitos', e cujos artigos foram a base para uma série de vinte e um programas de televisão transmitidos pela Radio Telefís Éireann⁸¹,

hybrid terms at least reflect inconsistencies and ambiguities in contemporary usage, then even if none of them is entirely satisfactory, it doubtless makes sense to prefer one without resonance in contemporary political debate. However, if there is a satisfactory term it does not help historical understanding to avoid it. And in my view there is such a term, the old-fashioned one: English (1993: 29-30).

GILLINGHAM, John. 1993, The English invasion of Ireland. BRADSHAW, B.; HADFIELD, A.; and MALEY, W. (eds). 1993, *Representing Ireland*: literature and the origins of conflict, 1534-1660. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 24-42.

⁸¹ No Prefácio à primeira edição, de 1967, os editores colocam: "the aim of the series was to present a survey of Irish history that would be both popular and authoritative, concise but comprehensive, highly selective while at the same time balanced and fair-minded, critical but constructive and sympathetic. (...) whatever unity this book possesses is not imposed (...): the contributors have no thesis to prove, no official line to follow" (1994: 5). MOODY, T. W. and MARTIN, F. X. 1966, Preface to the 1967 edition. [1967] [1984] 1994, MOODY, T. W.

Brian Ó Cuív também comenta, chegando a lamentar, a ausência de uma unidade política anterior, unidade que reputa, contudo, ter sido encaminhada no terreno religioso: "Had the political evolution of Ireland towards a strong national monarchy proceeded as satisfactorily as the ecclesiastical reform, the *Laudabiliter* grant might never have been used by Henry II. Unfortunately the rivalry over the high-kingship did little to promote a sense of national unity" (1994⁸²: 121). Aliás, da mesma forma que MacManus, Ó Cuív igualmente credita a Brian Boru a possibilidade, não aproveitada, para tal 'unificação': "In the political sphere the accession of Brian Bóruma (otherwise Boru) to the high-kingship marked a break with the past. It paved the way for a strong central monarchy, and, in spite of considerable strife among the various dynasties, Ireland seemed to be moving in that direction when the Anglo-Norman invasion occurred and changed the course of history" (Ibid: 107).

As considerações de MacManus vão, portanto, num sentido idêntico às de McCaffrey e Ó Cuív no que toca às disputas em curso. De modo muito nítido, para MacManus essa ausência de unidade é que permitiu a 'invasão': "They knew that there was not, and had not been, the cohesion amongst them that would enable them to maintain a united front against an invader with such a powerful army" (1990, op. cit.: 326). Há, e o relato é quase neutro, uma incapacidade de perceber o que estava por vir, que romperia com a autonomia - não obstante não mais florescente e da ordem da história perfeita - e com a 'soberania' até então existente. No comentário sobre a submissão de chefes locais a Henrique II - "they only considered it in the light of minor kings giving a kind of formal acknowledgment to the might of a greater - a thing they had always been used doing toward the greater one of their own" (Ibid: Ibid) -, MacManus dirige-se-lhes quase que como a contemporâneos, no seu reparo: "Yet well they must have known the vast difference between submission to one of their own, and to a foreign invader. It shows lamentable demoralisation, and stamps their memory with lasting shame" (Ibid: Ibid). A questão, para MacManus, é que, em última análise, uma outra ordem que, de certa forma, já se insinuara antes, passou a vigorar plenamente e o jogo de amigoinimigo sequer segue uma atribuição de 'nacionalidade': "such demoralisation set in, that in short time not only was Irish chief warring upon Norman baron, but Irish chief was warring with Irish chief, Norman baron warring with Norman baron, and a Norman-Irish alliance would be warring against Normans, or against Irish, or against another combination of both"

and MARTIN, F.X. (eds). *The course of Irish history*. Dublin: Mercier Press (in association with Radio Telefis Éireann).

⁸² Ó CUÍV, Brian. [1966] 1994, Ireland in the eleventh and twelfth centuries. [1967] [1984] 1994, MOODY, T. W. and MARTIN, F.X. (eds). *The course of Irish history*. Dublin: Mercier Press (in association with Radio Telefis Éireann). pp. 107-22.

(Ibid: 328). Em suma, instala-se na Irlanda uma situação de desordem mas de uma desordem muito peculiar que reflete, sobretudo, a ausência de um 'sentido nacional', tanto de santidade como de academicismo, ao mesmo tempo histórico-nacional e de universalidade. Desapareceu aquilo que existia antes e que, assim vai a construção do relato de MacManus, provia sentido, inclusive acompanhando proficuamente a seta do tempo, garantia um destaque único na história da humanidade; ao mesmo tempo em que, também através da 'diversidade cultural' que a forjara, permitia que uma *Irishness* clara emergisse. O período é, sobremaneira, de confusão e esse é também o caráter da lide com os frutos da invasão por Henrique II (que, assim a historiografía moderna costuma aceitar, entrou na Irlanda sobretudo pelo receio de que os barões normandos, que tinham vindo por solicitação de chefes irlandeses, se constituissem numa ameaça ao seu reino na ilha vizinha⁸³). Os bons fados não estavam todavia mais do lado da ilha ocidental e, assim, outros tempos - simbolizados exatamente nas lutas fratricidas - se anunciam:

the Irish princes had recovered enough proper pride and national spirit to form a compact, under Connor of Maenmagh, son of Roderick, for driving out the English - which might now have been easily accomplished. But before their plans were perfected Connor was slain, and the growing compact dissolved. Indeed had they at any time after Henry's leaving been able to combine and strike together, the English, despite the great advantage of discipline, skill, and equipment, could have been driven into the sea. The key of the arch, however, which should have been the strongest stone was the weakest - ever ready to crumble. This was Ard-Righ Roderick, who not only lost Ireland but eventually lost Connaught. His own sons warred against him and warred against one another as well (Ibid: 329).

A desordem quase que se assemelha a uma guerra civil, no próprio linguajar de MacManus. Porém, embora admita, com MacCaffrey e Ó Cuív como vimos, que a

⁸³ Duffy, por exemplo, coloca: "historians have rightly stressed that when Henry came to Ireland himself in 1171, he did so more to bring the pioneers there back into line than to conquer the Irish" (1997: 69). Logo acrescenta, contudo: "That said, one should not lose sight of the fact that coming to Ireland (the first king of England ever to do so), having the Irish province-kings submit to him, adding Ireland to the already long list of his dominions, alongside England, Normandy, Aquitaine and Anjou, and adopting the title 'lord of Ireland', was not something Henry II reluctanctly embraced" (Ibid: 69-70). DUFFY, Seán. 1997, Ireland in the Middle Ages. Dublin: Gill & MacMillan. Já Michael Dolley, no relato dos vários movimentos de tropas, alianças, rendições, ataques, contra-ataques, destruições e vaivéns de comunicados a Henrique II, assim descreve o período imediatamente antecedente ao seu desembarque na Irlanda: "In September [1171] Montmorency returned with Henry II's terms, and also the news that the king himself (...) was on his way. Strongbow was advised to slip over to England and make his peace before Henry should see for himself the state of Ireland" (1972: 67). Na sua entrada na Irlanda, "a siege-train was included which suggests that Henry still feared defiance from his Anglo-Normans who had or might soon have garrisons in all the walled towns of the Ostmen (...). By 18 October Henry was in Waterford and receiving Strongbow's formal homage" (Ibid: 68). DOLLEY, Michael. 1972, Anglo-Norman Ireland, c1100-1318. Dublin: Gill and MacMillan. Otway-Ruthven vai além, sugerindo que Henrique II desembarcou na Irlanda tanto para impedir a progressão no poder de barões normandos, Strongbow especialmente, como por solicitação de chefes irelandeses: "the immediate occasion of Henry's intervention in 1171 is said to have been an appeal from the Irish themselves, which must have been sent off shortly after Dermot's death at latest (...). Clearly Henry could not afford to let Strongbow establish himself as an independent ruler, and we need not suppose that he was unwilling to acquire fresh lands for himself, especially if he had been given reason to think that the Irish might welcome him" (1980: 48). OTWAY-RUTHVEN, A. Jocelyn. [1968] 1980, A history of medieval Ireland. New York: Barnes & Noble Books.

desorganização era anterior à vinda dos normandos e à invasão de Henrique II, o seu clamor orienta-se, claramente, contra os 'estrangeiros'. Não há para ele, pois, nenhuma qualidade normanda digna de relevo, mesmo porque agiram como "viceroys for the King of England" (Ibid: 331), e as construções de castelos e fortificações que empreenderam apenas refletem o fato de que não há como atribuir-lhes nenhum intento católico ou evangelizador, que "the sword of Mars, God of War, was their sceptre, not the Cross of the Prince of Peace" (Ibid: Ibid). Sua irreligiosidade efetiva se manifestou em que "the Irish Church was treated with great cruelty and the direst oppression" (Ibid: Ibid). Mais do que tudo, "they extended the long arm of excommunication against our race" (Ibid: Ibid). Esse certamente foi seu maior pecado, mesmo porque tal excomunhão é sobretudo metafórica, tem um sentido mais 'cultural' do que religioso, representando, para MacManus, o tratamento que os pretensos 'dominadores' darão aos gaélicos⁸⁴. Justifica-se, portanto, que os 'estrangeiros', agora

_

Ellis - como Bradshaw especialista no período medieval tardio e moderno inicial irlandês - é um dos alvos do artigo de Bradshaw que detonou a refrega mais recente entre nacionalistas e revisionistas e um artigo de Ellis aparece na parte III, que trata das "Assumptions and implications" da perspectiva revisionista, na alentada coletânea editada por Ciaran Brady (1994, op.cit.) sobre a contenda. Não obstante, num livro recente sobre o período Tudor na Irlanda, espécie de final da fase de ocupação iniciada com Henrique II, Ellis afirma, logo na Introdução, que "English officials had long regarded 'the wild Irish' as an untamed bestial people living in idleness and brutality in their woods and bogs" (1998: 15). Além disso, coloca com clareza que essa concepção teria estado na base das políticas, ainda que diferenciadas, voltadas primeiro para a 'conversão' e depois 'submissão' dos irlandeses:

hitherto it had been supposed that the extension of English law and government throughout those parts would soon bring the native, like other primitive peoples such as 'the mere Welsh', to a knowledge of their allegiance and a recognition of the benefits of English civility. Yet, as policy became more interventionist, so Elizabethan officials became increasingly frustrated at the apparent obstinacy of the Gaelic Irish and the continuing failure of successive attempts to extend English rule by reform and persuasion. From the late 1580s, there was a growing disillusion in government circles with traditional Tudor reform strategy and increasing support for the idea that English aims could only be achieved by a massive reassertion of English armed might so as to break Gaelic resistance by military conquest and extensive plantations (Ibid: Ibid).

⁸⁴ Já referi a disputa que Keating, ele próprio um 'descendente' das invasões normando-inglesas, mantém, escrevendo na primeira metade do século XVII da perspectiva da Contra-Reforma, com as 'falsas concepções' a respeito dos irlandeses e de sua história produzidas por autores ingleses. Como Bradshaw coloca: "it is now clear that Foras Feasa (...), in confomity with the philosophy which informed the antiquarian movement of the early modern period generally, it was designed to address contemporary issues and preoccupations" (1993: 167). Em consonância com Bernardette Cunningham, Bradshaw acrescenta: "What Keating set out to do, in short, in line with a series of such projects then being mounted by humanist antiquarians throughout Europe, was to mould the lore relating to the early history of Ireland into an origin-legend tailored to the need of its senventeenth-century Catholic community" (Ibid: Ibid). BRADSHAW, Brendan. 1993, Geoffrey Keating: apologist of Irish Ireland. BRADSHAW, B.; HADFIELD, A.; MALEY, W. (eds). 1993, Representing Ireland: literature and the origins of conflict, 1534-1660. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 166-90. Nesse, como em vários outros sentidos, Keating é um dos 'precursores' mais significativos do nacionalismo irlandês, embora em especial, como destacado por Cunningham e Bradshaw, de sua feição católica, em moldes que vimos regerem o nacionalismo de D.P. Moran - o que é aliás indicado pelo termo "Irish Ireland" no título do artigo de Bradshaw. De qualquer forma, não parece haver dúvidas entre os historiadores, mesmo dos que perfilham, se obrigados à escolha, o credo revisionista, de que a representação pelos autores ingleses dos irlandeses, do século XII ao período Tudor pelo menos, é, no seu conjunto e a priori, não só negativa como simplificadora, recusando um 'conhecimento efetivo' como o preconizado por Keating.

normandos mas já ao serviço dos britânicos, sejam percebidos como endemoinhados; como, ao menos, tocados pelo, e portadores do, grande mal que se abaterá sobre a Irlanda - já autores de *progroms* se quisermos -, mas de cujas trevas a unidade anterior, aquela que antecede, na verdade os próprios vikings, um dia ressurgirá vitoriosa, no fundo irredenta. Assim é que, a propósito da presunção de *Hibernia Expugnata* - "Ireland fought to a finish" (Ibid: 333) - de Giraldus Cambrensis (Cambrensis escreveu na década de 80 do século XII), que, note-se, é um dos autores com quem Keating mais debate, MacManus pode fazer sua profissão de fé na fênix Irlanda:

he did not understand, nor did his successors down the ages understand, the amazing vitality of the Gaels' power of recuperation, mental and physical. Beaten they have been, time and again, but never conquered. The spirit of exaltation of our manhood, the intense prayerfulness of our spiritual-minded, white-souled, indomitable womankind, have mocked at Despair, laughed in the face of Misfortune itself. And when the race was thought to have been prostrated forever it arose and rang out its triumphant battle-cry! (Ibid: Ibid).

Tem-se aqui, pois, um jogo claro de simplificação, tanto no que se refere ao 'ser gaélico' como aos 'invasores'. Mais do que tudo porém, os 'inimigos' é que teriam, para continuar a brincar com níveis de metáfora, produzido o mal. Se levas alheias, que não podiam ser inscritas na história sempiterna, não tivessem instalado confusão e produzido desunidade, as diferenças teriam seguido seu curso harmonioso. Neste sentido - é evidente que isto não constitui nenhum paradoxo para MacManus - a unidade, sobretudo essa unidade trans-histórica da profissão de fé ainda agora referida, só se torna um problema após a entrada dos potenciais dominadores mas, mais ainda, só se torna num credo a ser reiterado quando a suposta variedade anterior não encontra mais lugar para exercer-se; isto também por 'culpa' do próprio discurso dos 'dominadores'. É, no fundo, o mesmo tipo de irredentorismo, presente nos relatos irlandeses de feição nacionalista produzidos a partir do século XIX, que foi um integrante fundamental nos levantes anti-ingleses: "The apparently endless procession of 'risings-out' against British rule was seen by Irish nationalist ideologues as so many steps taken by, or on behalf of, the Irish people, on the way to the glorious achievement of Irish independence, perhaps generations away in the future" (Garvin 1995, op.cit.: 4) 85.

ELLIS, Steven G. 1998, *Ireland in the age of the Tudors 1447-1603*: English expansion and the end of Gaelic rule. London and New York: Longman. (Versão original de 1995, *Tudor Ireland: crown, community and the conflict of cultures 1470-1603*).

⁸⁵ A Proclamação de Independência do Levante de 1916 claramente estabelece a ideia de continuidade e 'dever' histórico que seus líderes creem representar quando aí se afirma: "In every generation the Irish people have asserted their right to national freedom and sovereignty: six times during the past three hundred years they have asserted it in arms" (POBLACHT na hEIREÁNN. The Provisional Government of the Irish Republic to the People of Ireland). A respeito, Liam de Paor coloca, com limpidez: "this poetic history, supplemented by the statement of republican ideology, is the essence of the Proclamation. It is a mythic definition of Ireland, powerful because it is transcendental, raising its vision above the shameful contingencies of the present, to find a

Irredentorismo que se congrega à questão da unidade; ao mesmo tempo em que, no relato de MacManus - cuja primeira edição é de 1921 repita-se - é consentânea com a 'ocupação' e, assim, com o início da 'longa luta' pela independência.

Uma das diferenças mais significativas entre as versões nacionalistas e as assim chamadas revisionistas, da perspectiva destes últimos, seria exatamente a recusa nacionalista de 'complexificar' a história, de trazer para a cena não só uma variedade maior de grupos sociais, sobretudo os que não perfilharam do ideário 'libertador', como de permitir que os personagens sejam menos monolíticos. O ponto para que gostaria de chamar aqui atenção é que, com efeito, parece haver muito pouco lugar na versão nacionalista para diferenças, mas isto apenas após a invasão normanda - e, sobretudo, após as investidas do período Tudor. A trilogia de Macken, que, como vimos, começa com Cromwell, símbolo maior e que torna indubitável a maldade inglesa, é, aliás, exemplar neste sentido: o maniqueísmo dos personagens principais é enorme contrastando, por outro lado, com, por exemplo, no primeiro volume, descrições curiosíssimas não só de côrtes como de 'tribos', como os Joyce, que conseguiriam se manter ao largo dos desenvolvimentos 'nacionais'. Noutros termos, trazer para a cena uma diversidade de atores, ainda que sendo preciso afirmar o equilíbrio resultante entre eles, cujo principal sub-produto é uma 'História', nos moldes advogados por Keating e MacManus, é aspecto central da retórica nacionalista. Desta maneira é que a unidade, embora também vital, como que vem depois: sua ausência permitiu a entrada da 'dominação' e garanti-la como que purgará o passado - o que se desenrolou desde a invasão normanda, purgará a história que, na verdade, foi não existente enquanto 'História'.

Ainda a propósito, é interessante notar que F. X. Martin, "Professor" de História Medieval na University College Dublin, contemporâneo de Edwards e Moody - e que partilhou de seus esforços por 'desmitologizar' a historiografia irlandesa, inclusive como editor, junto com Moody, do *The course of Irish history*, como mencionado há pouco em nota de rodapé -, num texto a propósito do período normando, irá manter a chave da unidade, embora sob uma roupagem quase que antitética à de MacManus:

The tragedy of the Norman invasion was not the conquest of Ireland - for that never took place - but the half conquest. The Normans never came in sufficient numbers to complete the conquest; and the kings of England, on whom rested the responsibility for the peace and progress of Ireland, were either unwilling to assist their barons in Ireland or too distracted by dangers in England and wars on the Continent to turn their minds seriously to the Irish problem. If the conquest had been completed as in Normandy, England, and Sicily, a new nation would have emerged, combining the qualities of both peoples.

Instead, by the year 1300 there was a drawn battle, with the Normans controlling most of the country, but the tide was already beginning to turn against them. The Irish question had become part of the heritage of Ireland and England (1994⁸⁶: 142-3).

Ou seja, em Martin, que Bradshaw (cf. 1994, op. cit.) sem dúvida situaria do lado do neo-positivismo, o qual encara como típico da corrente revisionista que teria passado a ocupar as cátedras e a impor a norma da historiografia irlandesa a partir da década de 30 do século XX, o tema da unidade aparece sob uma roupagem mais 'moderna', de certa forma própria do 'concerto das nações', tal como se veio modificando desde o Congresso de Viena de 1815,87 até estar em nossos dias talvez algo ameaçado pela ideologia globalizante e, em parte da Europa ao menos, pelo ideário e políticas da União Europeia - noções que de certa forma subjazem o desenho de Martin da completude 'desejável' da conquista.

O ponto que interessa aqui destacar, contudo, é que Martin apresenta a incompletude da conquista normanda e do mando inglês como responsáveis pela 'falta' de emergência de uma nação. Se o processo tivesse sido concluído - e, vale reparar, Martin presta-se a escusar os 'ocupantes' - a Irlanda não se teria transformado na permanente disrupção, na "questão irlandesa", no "problema irlandês" que atravessará os séculos seguintes. A ideia, assim, é a de que uma 'fusão', uma 'mistura', teria constituído, se é permitido forçar talvez um pouco os termos, um 'caráter nacional' mais dócil porque dotado, precisamente, de uma combinação, no seu interior, que eliminaria a possibilidade, a própria existência de diferenças, sociológica, cultural ou politicamente relevantes, uma vez diluídas na história. Noutras palavras, o conflito como que estaria, desta forma, envelopado e enfraquecido, na substituição pelo 'ser misto'

0

⁸⁶ MARTIN, F.X. [1966] 1994, The Normans: arrival and settlement (1169-c.1300). [1967] [1984] 1994, MOODY, T. W. and MARTIN, F.X. (eds). *The course of Irish history*. Dublin: Mercier Press (in association with Radio Telefis Éireann). pp. 123-43.

with Radio Telefís Éireann). pp. 123-43.

87 Em *The nation-state and violence*, Giddens considera necessário estabelecer uma distinção entre "nacionalismo", "estado-nação" e "nação". Centralização administrativa e mobilização pelo estado de classes e estratos sociais variados teriam estado associados a sentimentos nacionalistas desde o século XV mas o nacionalismo moderno, fenômeno do final do século XVIII e após, ter-se-ia originado sobretudo com o romantismo e nos estados não unificados e principados da Europa Central. Já uma "nação", para Giddens, "existe apenas quando um estado tem alcance administrativo unificado sobre o território sobre o qual proclama soberania" (1996: 119). Sua consolidação está diretamente associada ao desenho de um 'concerto de nações': "O desenvolvimento de uma pluralidade de nações é fundamental para a centralização e expansão administrativa do domínio interno do estado, uma vez que a fixação de fronteiras depende da ordenação reflexiva de um sistema estatal" (Ibid: Ibid). GIDDENS, Anthony. [1985] 1996, *The nation-state and violence*. Volume two of a contemporary critique of historical materialism. Cambridge: Polity Press.

⁸⁸ O pressuposto de Martin assemelha-se ao contido em "A revolução integradora: sentimentos primordiais e política civil nos estados novos" de Clifford Geertz, referido antes. Ambos, e certamente têm companhia de vários outros autores, parecem crer que a 'tranquilidade' que poderia existir em estados modernos - a "aderência vaga, intermitente e rotineira a um estado civil", para voltar a usar os termos de Geertz (1994, op. cit.: 31) - estaria ligada à 'distância', tanto 'cultural' como política e mesmo historiográfica, entre a definição da 'unidade' - que, em si, seria necessária - e sua operação quotidiana. Assim, não se estaria de forma alguma traindo o espírito desse texto de Geertz se se pensasse que ligações primordiais associadas a religião e costumes teriam ganho o papel de focos de mobilização e 'instabilidade' e transformado a Irlanda no "problema irlandês" que Martin - como tantos outros - considera central.

que haveria caracterizado a nova 'nação', caso a conquista tivesse sido bem sucedida. Sem dúvida que a Irlanda nem por isso se teria transformado num país de destaque, à la império inglês, como lamenta Sir Parsons, no discurso que se usou de mote para o capítulo anterior. Teria sido mais uma de muitas nações, cujo recair em 'zonas de influência' o Congresso de Viena tão habilmente tratou, mas não a sombra desagradável, a espécie de 'pedra no sapato' do Império Britânico que, desde o período dos anglo-normandos, nisso Martin concorda inteiramente, afetou os desenvolvimentos da metrópole maior tão próxima⁸⁹ e, assim, os próprios arranjos com 'outras nações' européias. A preocupação de F. X. Martin é bem mais atual: a Irlanda teria sido mais uma de muitas nações, assim essa ideia supõe, contentes com sua simples existência, voltadas para suas preocupações mundanas - uma espécie, se quisermos, para usar a imagem vulgar, de Suiça -, que não só não participam de diatribes internacionais como contêm, pacificamente, as diferenças internas, não permitindo, ao menos, que irrompam como desagradáveis conflitos explícitos.

Um aspecto curioso é, pois, que esta vontade de um acordo, uma 'harmonia de nação', expressa por Martin, se valha dos mesmos elementos da argumentação nacionalista de MacManus, embora, como dizia, quase que invertidos. Para MacManus, houve esforço de conquista e submissão dos irlandeses, que só não foi bem sucedido porque a 'civilização gaélica' era, sempre tinha sido, mais potente, não em força bélica mas naquilo que é relevante, que traduz uma civilização perene e não da mera ordem da contingência. É excusado procurar outras causas, como se costuma tentar - "The ressurrection of thirteenth century Ireland, and its subtle conquering of the conqueror, has been a souce of wonder to English [and] Irish historians who have tried to explain it in many futile ways" (1990, op. cit.: 333-4) - já que a explicação salta à vista: "The truth is that the free-hearted, culture-loving, gracious comity of the Gaels and of Gaelic civilisation irresistibly insinuated itself into the mind and soul of the Norman French - and won from them eager capitulation" (Ibid: 334). Ou seja, e aí não há como não reparar que nesta 'aceitação' MacManus escolhe o termo franco-normandos, os irlandeses podem até ter perdido no terreno da espada mas foram vitoriosos,

.

⁸⁹ Liam de Paor, no seu livro a propósito da Proclamação do Levante de 1916, numa passagem em que lida com a Declaração de Independência americana em comparação com a irlandesa, assinala, com maior precisão, que "Both the American statement and the Irish one of 140 years later renounced the same Crown. One signalled the breakup of the First British Empire. The other signalled the breakup of the Second British Empire." (1997, op.cit.: 16). de Paor acrescenta:

for 140 years before 1916, America had been for Irish patriots and nationalists the Promised Land; not just a haven for emigrants, but the home of the free and - in time - an example for democrats. That much said, it must also be said that the two documents are remarkably unlike. They proceed from different premisses and much of the feeling of the American document would be expressed better in the tenet of Irish unionism than in the affirmation of Irish nationalism (Ibid: 16-7).

como sempre, no que tocou à existência, bem mais do que mundana, incluindo portanto, em si, os normandos; e, com isto, é possível para MacManus separá-los das 'invasões' inglesas posteriores, essas, na sua concepção, movidas apenas e exclusivamente pela força, pelas armas, com as quais, de qualquer maneira, os *gaels* não estão disputando. Já para Martin o esforço de conquista através das armas foi comum. Trata-se, contudo, talvez paradoxalmente bastante no mesmo sentido de MacManus, de retirar força do argumento bélico, aquele que estabelece continuidade e fornece o caráter de 'invasão' às levas normandas. O que há que lamentar, para Martin, é que não se tenha rapidamente instaurado uma 'outra ordem', que a submissão - termo de 'nacionalistas ferrenhos' - não tenha ocorrido logo e sido geral, permitindo que a 'nova nação' se voltasse para seu desenvolvimento mundano, coeso, normando e gaélico, quiçá podendo mesmo olvidar os conflitos em que a ilha maior ainda iria se envolver - os piores dos quais acabaram por se alojar na menor, ocidental.

VI

É a partir da 'invasão normanda' - e por isso hão de perdoar ficar tão longamente em torno do assunto -, do relato sobre o período que, com efeito, uma distância significativa entre nacionalistas 'da velha guarda', como MacManus, e outras correntes historiográficas se torna mais explícita. Para os nacionalistas, é nesta época que se evidencia o que será, durante os famosos '700 anos de opressão', o traço da 'história contingente' da Irlanda: a civilização gaélica e católica aparentemente submetida, mas nunca morta, pelo impiedoso e blasfemo braço-de-ferro inglês. Normandos, galls, podem até sofrer um tratamento gentil, Keating pode tornar-se numa voz fundamental do nacionalismo irlandês e Garret Fitzgerald (o sobrenome é indicação evidente de sua origem) foi mesmo aceito como Taóiseach por períodos entre 1981-87 (Fine Gael, é claro, afinal não se pode exagerar tanto assim a incorporação dos normandos!). MacManus irá mesmo dedicar um capítulo aos "Gaelicised Fitzgeralds (the Geraldines)" (1990, op.cit.: 353-61). Isso não impede, muito pelo contrário, que se continue a perceber Fitzgeralds e Chevenix-Trenchs - com a agravante de que os Chevenix-Trench são protestantes -, como ouvi Tom Garvin brincar um dia, como, lá no fundo, um tanto estrangeiros; ainda que mais palatáveis do que os britânicos, que eles trouxeram consigo, há que não esquecer. Até o período de Elizabeth I e um pouco além, os normandos, sob a rubrica de Old English, Irish-English ou Anglo-Irish, distinguem-se dos propriamente Irish, os Gaels - como, repare-se de novo, Keating faz. A partir de Cromwell e de Guilherme de Orange, contudo, os normandos, católicos e gaelicizados, passam, com efeito, a ser encarados, pelo menos nas representações e políticas inglesas, em conjunto com os Gael, os dois grupos subsumidos na rubrica Catholic Irish, supostamente oposta à dos New English -90 oposição que Keating e boa parte das versões nacionalistas posteriores também operarão como aquela efetivamente relevante -, estes por vezes também definidos como membros da Ascendancy. O último 'grupo', supostamente a base da classe dos *landlords*, volta a ser conhecido, a partir de meados do século XVIII, como Anglo-Irish, embora a designação de Ascendancy permaneça igualmente em uso.

A diferença entre a historiografía nacionalista e as demais, digamos assim, não reside porém, neste caso, ao menos não essencialmente, nas classificações em si. Aparece, contudo, na maneira como o jogo é operado. Para os nacionalistas, os normandos até são passíveis de uma certa inclusão, como ainda agora referi. Todavia, eles próprios mantêm uma marca, uma diferença inicial, que só deixa de ser problemática quando sua conquista pela 'civilização gaélica' pode ser apresentada como inconteste. Os demais, particularmente os New English, devem - esse aspecto é curioso, quase ridículo, não fora os elementos trágicos de que se reveste - como que ser 'esquecidos', apagados da 'história contigente' que se insurgiu com toda a força na ilha a partir de Henrique VIII e de Elizabeth I⁹¹. Na medida em que é

The conquest of Ireland had been going on for four centuries. The rock against which every attempt to complete it had broken was the immemorial laws of Ireland, the Brehon Laws. These bound Irishmen within the four seas to one social and legal rule. All attempts to plant the feudal system in Ireland by England went down before them. (...)

The time had arrived when the two civilisations stood at last fully face to face. The one represented by feudalism - feudalism unshackling itself - and the one represented by the Brehon Laws*. The first had long denounced the other as barbarous. (...) England's wish, often expressed in the four hundred years, was to civilise Ireland. If that were impossible, then extermination.

The other objective, besides the Irish laws, was now the religion of the people. (...) Strong measures were now used. (...) But no real headway was made (Ibid: 374-5).

⁹⁰ Cabe remeter aqui novamente para os trabalhos de Eoin O'NEILL já citados, particularmente 2013 e 2015.

⁹¹ Henrique VIII foi o primeiro dos reis britânicos a usar o título de King of Great Britain and Ireland. MacManus assim inicia o capítulo que intitula "Políticas de Henry VIII": "From the beginning of his reign (1515) Henry VIII undertook to destroy the basis of Irish resistance. With this object in view he issued 'most secret' instructions to his officials to capture our trade and commerce, by every subtle device. All the laws against Irish civilisation, against marriage, fosterage and gossipred, against the use of native literature and its language, against every phase and aspect of National life, were re-enacted" (1990, op.cit.: 362). O primeiro capítulo, o XLIII, em que trata de Elizabeth intitula-se "Elizabeth continues the conquest". O período da história irlandesa que corresponde ao reino de Elizabeth vai estender-se por mais capítulos, sem dúvida mesmo porque há figuras e heróis notáveis da história irlandesa nacionalista que importa ressaltar, incluindo-se Red Hugh O'Donnell e Hugh O'Neill, os principais líderes da Guerra dos Nove Anos (a respeito, cf. a tese de doutorado de Eoin O'NEILL, 2005, op.cit.). De qualquer forma, vale a pena mencionar o modo como MacManus situa o enfrentamento 'da Irlanda' com Elizabeth I, como, para ele já então, uma 'batalha de duas civilizações', recorrendo, aliás, a um linguajar presente, por exemplo, nos trabalhos de Alice Stopford Green:

^{*} É irressistível transcrever aqui a nota de rodapé de MacManus: "Dr. Sigerson says of the early Brehon Laws, 'I assert, that, speaking biologically, such laws could not emanate from any race whose brains have not been subject to the quickening influence of education for many generations'" (Ibid: 373).

Para uma análise do papel e do que esteve envolvido nessa atuação de Elizabeth na Guerra dos Nove Anos, vide O'NEILL, Eoin. 2014, Gloriana: Elizabeth I, responsabilidade e honra na Guerra dos Nove Anos na Irlanda. *Revista Brasileira de Historia*, Vol. 34 No. 68, Julho-Dec. 2014.

fundamental, nesse tipo de relato, a afirmação de que a unidade sempre existiu e, no passado remoto, contemplou a diferença, não há como recusá-la em termos de cenário presente. Ora, exatamente, essa unidade, postulado da glória da civilização irlandesa irredenta, não pode ser vista como estando, em momento nenhum, ameaçada pela existência de qualquer 'grupo social', aí incluídos os New English ou, num linguajar e num referente mais atuais, os protestantes ou presbiterianos do Ulster⁹². Todos são transformados, em alguma medida, em 'filhos da Irlanda', mesmo porque laços sociais e românticos, a pessoalidade, a fruição da beleza feminina pelos homens, em parte escapam das divisões 'históricas' e ultrapassam, mesmo sem que se queira, atribuições unívocas de maldade; ir além que Austin Clarke, por exemplo, coloca no seu poema *The planter's daughter*:

When night stirred at sea / And the fire brought a crowd in, / They say that her beauty / Was music in mouth / and few in the candlelight / Thought her too proud, / For the house of the planter / Is known by the trees. // Men that seen her / Drank deep and were silent / The women were speaking / Wherever she went - / As a bell that is rung / Or a wonder told shyly / And O she was the Sunday / In every week (1992⁹³: 38-9).

Assim é que, embora os New English não deixem de ser encarados como membros e atores da malevolência britânica, a culpa mais grave é deslocada, quase sempre, para o governo, para, se quisermos, a vontade imperial da ilha maior, geradora das ações 'coloniais', incluindo a cegueira e recusa violenta do esplendor irlandês que irão tentar esmagar. O 'mal' é, por esta via, como que tornado abstrato, na medida também em que a batalha assume a coloração de uma entre o 'vigor católico', o 'espírito', a 'pujança histórica' e a 'mundaneidade', a 'força bruta', a 'incapacidade de transcendência'.

É evidente que essas versões também contemplam uma certa dose de, digamos assim, 'realidade sociológica'. A categoria 'maioria católica' surge como sinônimo de oprimida, face, sobretudo, às vantagens outorgadas a soldados, membros da corte e, mesmo, 'traidores' - que se tornaram membros da igreja anglicana ou que se deixaram fascinar pelos acenos fátuos do poder, acreditando que os esforços de conquista e dominação da Inglaterra seriam capazes de condenar a civilização gaélica. Esse alocar da 'origem do mal' permite, contudo,

Ulster opposition to Home Rule by a calculated policy of 'Divide et impera' " (1997, op.cit.: 74).

93 CLARKE, Austin. 1992, The planter's daughter". MacMONAGLE, Niall (ed). 1992, *Lifelines:* letters from famous people about their favourite poem. Dublin: Town House. Não é fornecida a data em que o poema foi escrito. Austin Clarke nasceu em 1896 e morreu em 1974.

⁹² O assunto é bem vasto e alguns aspectos serão retomados. De qualquer forma, vale referir que num trecho da Proclamação do Levante de 1916 consta: "The Republic guarantees religious and civil liberty, equal rights and equal opportunities to all its citizens, and declares its resolve to pursue the happiness and prosperity of the whole nation and of all its parts, cherishing all the children of the nation equally, and oblivious of the differences carefully fostered by an alien government, which have divided a minority from the majority in the past". A respeito, de Paor comenta: "What they intended, or rather wished for, was that the differences would disappear; the Proclamation calls again upon history, to suggest that these differences were externally inspired and that, with independence, they would fade away. The implied accusation is that English Government had caused the Ulster opposition to Home Rule by a calculated policy of 'Divide et impera'" (1997, op.cit.: 74).

mesmo nesse plano mais concreto, que até os supostos descendentes dos New English ganhem potencial de incorporação na unidade irlandesa que, afinal, como que será capaz de traçar um grande arco, que inclui 'todos', ao mesmo tempo que, em paralelo, tanto passa por cima como não pode esquecer e relembra os 'sete séculos de dominação pela Inglaterra'; a ameaça que, todavia, foi incapaz de impedir que o arco se restabelecesse.

Num sentido semelhante, vale a pena mencionar um livro bilíngue, irlandês-inglês, editado em 1971, um manual destinado aos professores de escolas primárias, onde é demonstrada uma preocupação com 'modernizar' o ensino da história, tornando-o 'abrangente': "Illustration of History should not, however, be confined to sublime examples of patriotism, courage, self-sacrifice and devotion to noble ideals, lest the lessons that History conveys for the conduct of ordinary life might come to be over-looked. (...) foster also a proper admiration for those who served Ireland in humbler ways" (1971⁹⁴: 87). O quadro não deve ser apenas grandiloquente, mesmo porque, pode-se agora admitir, também ocorreram infaustos: "Care should also be taken that in the presentation of facts there is no distortion or suppression of any truth which might seem to hurt national pride" (Ibid: Ibid). O propósito de evitar 'sectarismo' é explicitado junto com, desta feita, o de incluir diferentes 'credos e classes': "The picture of events (...) should be true to the facts and unspoiled by special pleading of any kind. It should, in particular, represent fairly the contribution of all creeds and classes to the evolution of modern Ireland" (Ibid: 87-88). Isto na medida em que há a garantia, católica mas aqui apresentada como própria das 'mentes jovens', de que os 'sofredores' sempre granjeam a maior dose de simpatia e adesão e, afinal - essa é a crença subjacente -, a opressão dos irlandeses é um aspecto histórico que sempre transparecerá: "The sympathy of the generous young mind will naturally lie with the oppressed and all the more so when, in the main, its own people were the sufferers" (Ibid: 88). Tanto esse 'fato' seria evidente que há a preocupação de garantir que a 'história' não se intrometa e não se confunda com o presente, não alimente, se quisermos, oposições: "The special problem (...) is how to present past ill-doing without so arousing the child's emotion as to prejudice his mind in relation to existing conditions" (Ibid: Ibid). Isto porque - embora a ideia não seja explicitada nesses termos - a República deve prescindir dos males e, se possível, afastar a própria sombra deles de sobre seus sujeitos; o que a insistência na divisão poderia acarretar: "It is well to remember in this regard that prejudices can be at least as harmful to their holder as to those against whom they are directed" (Ibid: Ibid).

⁹⁴ An ROINN OIDEACHAIS. 1971, Primary school curriculum. Teacher's handbook. Part 2. (Curaclam Na Bunscoile. Lámbheleabhar An Oide. Cuid 2.). Rialtas na hÉireann.

Neste, como em outros relatos análogos, é dado papel de destaque ao 'local'. Passa a constituir-se no provedor, por excelência, de diferença e, ao mesmo tempo, de imersão na 'história'; exatamente porque, pode-se considerar, funcionaria como referência quotidiana e abrangente. Esta 'característica' do local seria capaz de diluir as divisões, inclusive na remissão inevitável das diferenças para o 'passado', suplantadas pela 'constatação' de uma variedade de 'iguais', 'cidadãos irlandeses', no presente. Desta forma, o manual para professores parece traduzir, com efeito, um esforço de 'isenção' face à história e de destaque das 'diferentes contribuições' que é muito semelhante à preocupação da historiografia revisionista. Por outro lado, apesar de quase sem querer, esposa credos da historiografia nacionalista, como o da "dimensão catastrófica da história irlandesa" (Bradshaw 1999, op.cit.: 215) e o de que esta necessariamente despertará empatia. Em certos trechos a proposta apresentada quase que parece extraída da de Bradshaw para a historiografia irlandesa atual: "an imaginative and empathetic approach holds out the prospect of a professional Irish historiography which concedes nothing in the way of critical standards of scholarship, while at the same time responding sensitively to the totality of the Irish historical experience" (Ibid: Ibid).

A ênfase no regional e, particularmente, no local foi, com frequência, apontada como uma saída salutar para as divisões que teriam o mau hábito de se insurgir, a exemplo da colocação de Whelan: "the power of place, the parochial as a counterbalance to the faded rhetoric of nationalism" (1992⁹⁵: 19). O próprio Kevin Whelan, embora alerta para as críticas feitas à *heritage industry* e à "coisificação da cultura" - por vezes "eliding conflict and variety in the past in the service of a benign, conservative interpretation" (Ibid: 13), com "centros interpretativos" "despidos de contextualização", que "oferecem uma perspectiva antisséptica e truncada" (Ibid: 17) -, acaba por sugerir que "Such regional perspectives (sometimes assigned with a patronising patina to the rubric 'local history') challenge or subvert the centralised orthodoxy, and in this respect proclaim a genuinely pluralistic message" (Ibid: Ibid). Na perspectiva de Whelan, isto não impede que local e nacional estejam imbricados, conexão em tudo semelhante à feita no manual pedagógico de 1971. Num de seus artigos anti-revisionistas mais conhecidos, num trecho em que abertamente critica Roy Foster, Whelan afirma que "A third ploy is to separate national from local issues in analysing any political or national organisation, to judge subsequently that local (agrarian, sectarian, atavistic) influences were dominant, and to then dismiss the nationalist elements as

-

⁹⁵ WHELAN, Kevin. 1992, The power of place. *The Irish Review* No. 12, Spring/Summer 1992. pp. 13-20.

duplicitous, a mirage, a mere cloak to conceal baser motives" (1991%: 24). Trata-se aqui do 'passado', para cuja diversidade, inclusive sob a forma do intento nacionalista aí comum, Whelan quer chamar a atenção, contra a bipolarização que imputa a Foster. No 'presente', o 'local' manteria a capacidade de apontar para a multiplicidade e, desta feita, ajudaria a diluir a "retórica nacionalista". Em termos mais gerais, Liam de Paor sugere que "Reminders of the past are perhaps more numerous in Ireland than in most places, and perhaps partly because of this the attention of the Irish has often seemed to be too much directed to the past" (1969⁹⁷: 42) e é um pouco neste sentido que vai o manual de ensino de história. A preocupação com 'abrangência' e 'inclusão', uma vez assente que os sofrimentos do passado sempre despertarão o eco necessário, sugeriria um uso do 'lugar' como meramente instrumental. Os 'locais' provêm monumentos, ruínas, mosteiros que atestam o passado. Não obstante, um investimento corrente a partir do 'local' poderia ajudar a despir o passado de parte de sua força. Whelan, como mencionado no começo do capítulo, com efeito representa uma corrente no pensamento historiográfico e político contemporâneo irlandês não diretamente classificável em termos da oposição entre nacionalismo e revisionismo: apesar de defender, junto com autores revisionistas, noções como 'pluralismo' e 'multiculturalismo', fá-lo de uma perspectiva muito crítica aos usos que revisionistas como Foster lhes dão. Sugere-se, contudo, que tanto o manual como os autores que defendem noções correlatas às aí subjacentes, continuam presos à ideia de que o discurso e a historiografia nacionalistas têm um certo potencial perigoso, precisando ser purgados através de um discurso alternativo, que quer salientar a diversidade mas que precisa continuar a afirmar alocações precisas, em 'culturas', 'grupos', 'classes' mesmo, ou no mais vago, mas nem por isso necessariamente menos substantivante, 'local'. O que talvez deva ser destacado é que uma simplificação permanece, que ainda se continua longe do complexificar efetivo do 'inimigo', e portanto do si mesmo para que Thompson chama a atenção, como observamos -, e, desta maneira, que as 'novas correntes' historiográficas e educacionais podem, com efeito, estar mantendo mais em comum com a simplificação do discurso nacionalista do que pretendem.

⁹⁶ WHELAN, Kevin. 1991, Come all you staunch revisionists: towards a post-revisionist agenda for Irish history. *Irish Reporter*. Issue Two, Second Quarter 1991: *1916 and Beyond*. pp.23-6. O título dado ao artigo que consta no sumário da revista é quase que o simétrico exato do do artigo propriamente dito: "Come All Ye Blinkered Nationalists: A post-revisionist agenda for Irish history". A hipótese de que pudesse tratar-se de uma brincadeira do editor é imediatamente desfeita com a profissão de fé constante na abertura da revista: "Issue Number Two of the Irish Reporter appears as Ireland celebrates, or, at official level, fails to celebrate, the 75th anniversary of 1916. This has revealed the deep embarrassment which exists throughout official society with our colonial past and the fight against British domination, and our failure to deal with the continuing problem of the North" (1991: 2).

⁹⁷ de PAOR, Liam. 1969, Antiquities. DUDLEY EDWARDS, Owen (ed). 1969, *Conor Cruise O'Brien introduces Ireland*. London: Andre Deutsch. pp. 33-42.

Como se dizia alguns parágrafos atrás, versões historiográficas não nacionalistas, do que o Culture and anarchy de Lyons é exemplo significativo, usam o jogo classificatório de modo diverso daquele operado por versões como a de MacManus. Na concepção nacionalista é considerado importante perceber formas de continuidade do 'mal', da 'dominação'; como expresso na introdução a uma coletânea historiográfica recente, a propósito de um dos artigos: "By reorienting these eventful years in terms of the familiar opposition between English civility and Irish barbarity, Carlin provides a timely antidote for that revisionist disease which dismisses the continuity of Elizabethan and Cromwellian views of Ireland. Mainstream colonialism rather than religious extremism was behind Cromwell's conquest" (Hadfield and Maley 199398: 18). Já a preocupação dos não-nacionalistas é com a ênfase na existência de grupos sociológicos e de interesses distintos que, por sua vez, poderiam apresentar clivagens internas. O esforço, embora raramente explícito, vai no sentido de outorgar legitimidade na 'confecção da Irlanda', inclusive seu 'núcleo central', a grupos que o relato nacionalista só aceita uma vez tendo-os inscrito e incorporado à Irlanda gaélica e católica. Trata-se, se quisermos, de uma atualização da proposta sobre o nacional irlandês de F.X. Martin no texto em que trata da conquista normanda, com o adendo de que não há aqui nenhuma ênfase na ideia de fusão, antes haveria atores diversos cuja relevância precisa ser destacada, com 'direito' a formular e levar avante sua 'visão da Irlanda'. Nesta perspectiva, a vitória do discurso nacionalista teria causado o menosprezo pelas 'contribuições efetivas' de tais grupos. Como nem Lyons nem, sobretudo, Foster - aqui, portanto, já do ponto de vista diretamente revisionista - negam, o alerta para tal 'cegueira' seria fundamental na desmistificação do nacionalismo, para todos os efeitos o principal alimentador das lutas que se continuam a travar na Irlanda do Norte. Alguns autores revisionistas procurariam mesmo, na opinião de O'Tuathaigh, estender à ideologia unionista os 'efeitos benéficos' dessa 'tarefa' dos historiadores, na medida em que o "projeto revisionista" visaria "to create a sense of

⁹⁸ HADFIELD, Andrew and MALEY, Willy. 1993, Introduction: Irish representations and English alternatives. BRADSHAW, B.; HADFIELD, A.; MALEY, W. (eds). 1993, *Representing Ireland*: literature and the origins of conflict, 1534-1660. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 1-18. O artigo da coletânea a que os autores se referem é: CARLIN, Norah. 1993, "Extreme or mainstream?: The English Independents and the Cromwellian reconquest of Ireland, 1649-1651. pp.209-26. A autora inicia o texto afirmando que "In recent times, academic investigations of Anglo-Irish relations in the seventeenth century have tended to avoid any serious examination of the outlook of the English Independents, the party of Cromwell and Milton". Esta recusa a perscrutar aspectos peculiares da colonização inglesa se deveria, talvez paradoxalmente, à "determinação revisionista" de refutar "mitos nacionalistas": "The revisionist determination to explode old nationalist myths has encouraged neglect of the high points of Anglo-Irish conflict, perhaps in order to avoid the dilemma described by Brendan Bradshaw when 'the historian who sets out to explode the nasty historical myths that have bedevilled Anglo-Irish historical relations (...) discovers that the myths correspond with the truth' " (1993: 209).

pervasive idiosyncracy about Irish nationalist (and to a considerable degree, also, unionist) political rhetoric and ideas" (1999, op.cit.: 319).

Steven Ellis, como mencionado, é um historiador que se dedica mais especificamente ao período medieval tardio e começo do moderno da Irlanda - aquele a que, talvez deva lembrar o eventual leitor, chegamos até agora com MacManus -, ao passo que Foster e Lyons trabalham com épocas mais próximas. O artigo de Ellis, "Nationalist historiography and the English and Gaelic worlds in the late middle ages", republicado na coletânea organizada por Ciaran Brady, é, como também já comentado, o alvo inicial do artigo de Bradshaw, "Nationalism and historical scholarship in modern Ireland", também aí republicado⁹⁹. Para Ellis, o problema essencial da historiografia sobre o período é que "the dominant interpretative framework remains a national one: it inclines to treat the island as a political rather than a geographic entity, its history shaped by interaction between inhabitants, and the impact of outside factors ignored or dismissed as deleterious" (1994¹⁰⁰: 163); o que, noutros termos, considera ser uma "whig-nationalist interpretation" (Ibid: 164). A Irlanda, por um lado, teria sofrido desenvolvimentos em muitos aspectos semelhantes aos de outras áreas das ilhas britânicas¹⁰¹. Nesta linha, a historiografia whig-nacionalista, como Ellis destaca noutro livro, impediria a percepção de uma unidade forte entre 'autóctones' da Irlanda e da Escócia e na sua relação com os normandos, ao separar o "process of interaction and assimilation between Gaedhil and Gaill (...) into (...) Irish and Scottish experiences", ignorando o "Scottish Gaeldom"; assim dificultando também a colocação de "fundamental questions concerning the end of Gaelic rule and the nature of Irish identity" (1998, op.cit.: 244). Quanto a isto Ellis faz, aliás, uma afirmação sobre a 'história dos historiadores' cara à versão unionista, embora sob uma égide distinta: "In fact, the key to the fortunes of Irish Gaeldom in our period was the North Channel passage linking Ulster and the Western Isles. History has not been well served by the historian's practice of dividing up the Gaelic world into modern national units" (Ibid: Ibid). Haveria peculiariedades no desenvolvimento irlandês, sem dúvida, mas, por exemplo, as "departures in the lordship from southern-English norms are not necessarily the product of Gaelic influences" (1994, op.cit.: 167). Algo contraditoriamente,

00

⁹⁹ Vale contudo notar que a disputa entre Ellis e Bradshaw em torno de nacionalismo e revisionismo de forma alguma os impede de se referirem e creditarem mutuamente, e com frequência, quanto a aspectos historiográficos do período a que ambos sobretudo se dedicam.

¹⁰⁰ ELLIS, Steven [1986] 1999, Nationalist historiography and the English and Gaelic worlds in the late middle ages. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history*: the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp.161-80. Originalmente publicado em *Irish Historical Studies* xxv, 1986-7. pp. 1-18.

¹⁰¹ Para não variar, o termo "ilhas britânicas" é altamente controverso, quase impensável em textos ou outros discursos de feição nacionalista e tenderia a ser evitado por autores 'neutros'.

Ellis, embora insista em que categorias correntes na época devam ser privilegiadas, não hesita em colocar-se 'contra as fontes' - no caso produzidas no século XVII, cerca de cem anos após o período que enfoca de modo mais direto - quando se 'desviam' do padrão que ele propõe, a ênfase na ordem geográfica como base da 'diferença irlandesa': "The Gaelic annals of Ireland persisted in dividing the island's inhabitants into *Gaeil* and *Gaill* even though (...) the geographic term *Erennchaib* was available and occasionally used" (Ibid: 169). De modo mais interessante ainda, Ellis vai a seguir apresentar no artigo não só uma grande variedade classificatória como também regional e de relações sociais e políticas, inclusive com a coroa inglesa, com o Pale ¹⁰² e com o parlamento em Dublin, bem como associadas às transformações que se processavam nestas esferas. Por estranho que pareça, num dado momento do artigo Ellis recorre a *Peasants into Frenchmen*: the modernization of rural France, 1870-1914, de Eugen Weber, publicado em 1977, para apontar que "as late as the nineteenth century one quarter of all Frenchmen understood no French at all" (Ibid: 171) e como se a conexão disso com o que está discutindo fosse evidente.

Mais adiante, a sua proposta de abordagem, por assim dizer, se esclarece: "an English identity was an important political phenomenon to which the crown appealed in its dealings with foreigners, whereas regional animosities were a significant, but latent, factor in internal administration of which the crown had to take account" (Ibid: 177). As consequências que daí tira vão na mesma linha, aliás, dos comentários de F. X. Martin a respeito da 'ocupação normanda': "What was at stake was not 'English interference' in, or 'English domination' of, and 'Anglo-Irish community', but the king's occasional failure to govern the Englishry of Ireland in accordance with accepted English norms" (Ellis Ibid: 178). Donde Ellis conclui: "Thus the abandonment in Ireland of the traditional methods by which the Tudors were successfully assimilating outliers like Wales and the north, in favour of a strategy of military conquest, was chiefly a cause rather than a consequence of the island's separate development" (Ibid: 180). Este último ponto é, com efeito, razoavelmente claro. Para Ellis há que dar maior atenção às estratégias e políticas da coroa, bem como a parte das elites irlandesas que partilhavam de certos valores 'da corte', não esquecendo a lide da coroa com esta últimas. A queda dos Fitzgeralds em 1534 teria sido um desastre para a coroa inglesa, só então "encouraged to experiment with unorthodox methods of government which seriously

Talvez valha referir ao menos parte do constante sob essa rubrica no *The Oxford Companion to Irish history*: more correctly 'English Pale', a term applied to the region around Dublin, asserting its character as a fortified area of English rule. (...) As the English crown moved after 1400 towards a defensive, containing strategy against Gaelic Ireland, the area which was firmly under the Dublin government's control - 'the land of peace' or 'maghery', as opposed to the marches or 'the land of war' - was increasingly equated with 'the four obedient shires' around Dublin (Connolly 1999, op.cit.: 424).

exacerbated, if they did not actually create, an Irish problem" (Ibid: Ibid). Ou seja, Ellis defende que existe uma ruptura nas políticas da coroa inglesa com relação à Irlanda e, mais, que o arranjo existente anteriormente à 'ocupação militar' - com cadeias de comando, alianças e lealdades internas que permitiam uma relação 'mais distante' com a ilha menor - era, na verdade, conveniente para a coroa. Aceita, portanto, a ideia de que um antagonismo se instaurou; embora para ele, claramente, só se o possa considerar firmado a partir de finais do reinado de Henrique VIII. O aspecto do argumento de Ellis para o qual gostaria de chamar mais a atenção, contudo, é, mais uma vez, o da diversidade que o autor, não obstante sua enorme preocupação com destacar a semelhança com outras regiões das ilhas britânicas e européias, acaba por apontar como existente na Irlanda. Neste sentido é que o próprio recurso ao livro de Eugen Weber é sintomático: Ellis quer marcar que não se pode falar numa unidade, nem no século XIX quanto mais nos XV e XVI de que está tratando.

Se é permitida uma ilação talvez um pouco ampla demais - todavia no espírito da que ele fez -, quase parece que Ellis se estaria confrontando com um dilema análogo ao de D.P. Moran e Daniel Corkery, apenas invertido. Moran e Corkery precisam afirmar que o irlandês, o gael, é o que absorve, o que tem que absorver. Já Ellis quer garantir que a unidade é uma falácia, nada tem de intrínseco, mas isto exatamente após asseverar que as mudanças na estratégia da coroa inglesa e a 'conquista militar' produziram um "desenvolvimento separado", um "problema irlandês" que, como tal, foi fonte de um separatismo que construiu uma ideia de unidade. Ao enfatizar a semelhança, sobretudo com a Escócia e com as ilhas ocidentais escocesas, Ellis quer contestar a legitimidade de um 'nacionalismo' que tem a unidade geográfica da ilha como base. Isto todavia não impediria, muito pelo contrário embora Ellis talvez não subscrevesse essa formulação -, a possibilidade de membros de gaeldoms, inclusive como apartados e desconsiderados pelo 'centro', ausentes da Englishry, serem fonte de ideias que se poderiam encarar como 'sentimentos nacionalistas', ¹⁰³ de certa forma extensíveis ao conjunto das ilhas britânicas. Aliás, vale notar, noções desse gênero se tornaram relativamente correntes num período recente: uma espécie de 'commonwealth cultural', que tanto se aplicaria às ilhas britânicas como, sobretudo quando o tema são os troubles da Irlanda do Norte, a uma solução no contexto da União Europeia (pré Brexit, é claro). O adendo, este certamente não endossado por Ellis embora uma constante que subjaz o

-

¹⁰³ Apesar de Giddens querer salientar o papel do estado ao invés de qualquer aspecto 'endôgeno', haveria certa analogia dessa possibilidade com a presença de sentimentos nacionalistas na Escócia no século XV. Giddens recorre a G.W.S. Barrow - 1956, *Feudal Britain*. London: Arnold; pp. 410 e segs. - para tanto marcar sua presença como afirmar que estariam associados à "mobilização pelo estado de diferentes classes e estratos para a luta contra um inimigo comum" (1994, op.cit.: 118).

'nacionalismo cultural e literário' que vimos no capítulo anterior, é que os membros de *gaeldoms* também poderiam ser vistos como 'sofredores' de processos semelhantes de 'conquista e dominação' - por um *kingdom* se quisermos jogar com a oposição; e, nesse sentido, que a 'história' das ilhas com efeito provê exemplos conjuntos de sua 'recusa'. Exemplos concretos, como a guerra civil inglesa ter-se iniciado na Irlanda e expandido através das ilhas bem como, cerca de cinquenta anos mais tarde, a sustentação da causa jacobita, mas, também, exemplos de feição mais geral, na persistência entre os vários 'dominados' do esforço por se 'libertar' das regras comuns da 'dominação'.

Dando outro salto, é curioso observar que esta foi exatamente a ideia defendida por Robinson, um dos deputados do Dáil que se opôs à ratificação do Tratado que estabeleceu o Free State. Nos acalorados debates em torno do tratado, a 6 de Janeiro de 1922, Robinson afirma a capacidade da Irlanda de vencer a Inglaterra, através de guerrilha e terrorismo, por sua posição peculiar na Grã-Bretanha mas que seria análoga à da Escócia e do País de Gales: "Our war is not a war between two ordinary nations such as England and Germany; England had no German subjects. Our position is unique; we can, and will if necessary, strike the Empire where and how no other people could do it - except the Scotch and Welsh if they should so choose" (apud Ó Corráin 2000¹⁰⁴: 290). A versão nacionalista mais comum é, sem dúvida, a da peculiariedade irlandesa, inclusive na sua 'luta contra o opressor', como numa das célebres colocações de um dos ideólogos do movimento Young Ireland e do fracassado levante de 1848, John Mitchel: "so long as our island refuses to become, like Scotland, a contented province of her enemy, Ireland is not finally subdued. The passionate aspiration for Irish nationhood will out live the British Empire" (s/d¹⁰⁵: 220). Por outro lado, e para voltarmos a MacManus, a impressão que fica é que Ellis estaria apenas trazendo a diversidade para um tempo cronológico mais próximo do que aquele que relatos nacionalistas

¹⁰⁴ Ó CORRÁIN, Donnchadh (comp.). 2000, Versão eletrônica. Debate on the Treaty between Great Britain and Ireland, signed in London on the 6th December 1921: Sessions 14 December 1921 to 10 January 1922. Author: The Deputies of Dáil Eireann. File Description: compiled by Donnchadh Ó Corráin. Funded by University College Cork: Department of History and Computer Centre and Professor Marianne McDonald via the CURIA Project. https://celt.ucc.ie/published/E900003-001.html Último acesso, para referência, 2017-11-14. A sequência imediata do discurso explicita a crença de Robinson nos efeitos do terrorismo, bem como na força que adviria de uma luta consentânea, no caso entre Irlanda, Índia e Egito, contra a 'dominação':

We are not a definite objective to the British, while they will always be a vulnerable objective to the Irish Empire, because one thousand effective shots and one thousand effective fires in Britain would ruin England for ever, while we could recover any damage in five years—we have no debt and no great factories, comparatively speaking, and their destruction would mean comparatively little to us. We could fight the English for three years—the English themselves could not fight us for longer than six months, especially if we took the fight up seriously in England as well as in Ireland and India and Egypt (Ibid: Ibid).

¹⁰⁵ MITCHEL, John. ed. s/d, circa 1850, *The last conquest of Ireland (perhaps)*. Author's Edition. London: Bruns Oates & Washbourne Limited.

lhe conferem. Ambos, no caso Ellis e MacManus, de qualquer forma, tanto apresentam multiplicidade, diversidade e, mesmo, alianças e conflitos, no passado - mais ou menos remoto e com ênfase em umas ou outras esferas de ação -, como atribuem à 'conquista' e a políticas de estado inglesas - embora, novamente, sua localização no tempo e as valorizações atribuídas possam variar bastante - a capacidade de transformar a Irlanda num 'problema', num foco de insurreição e de luta, seja por motivos específicos seja com objetivos 'independentistas' e, neste caso, de 'unidade nacional'.

VII

Algum eventual leitor (transformei o imaginário num interessado!) pode sentir falta do resto do The story of the Irish race. Voltemos assim ao livro, não só para satisfazer tal suposto interlocutor mas também porque se entra agora no período da história irlandesa que será igualmente disputado pelo nacionalismo protestante, ou unionismo, na construção de sua versão separatista - desta feita do restante da ilha Irlanda, tópico a que se voltará no final do capítulo. Como observei, MacManus associa o conjunto da 'ocupação inglesa' a um esforço de "suprimir a raça" irlandesa. MacManus irá ressaltar, é claro, as revoltas e insurreições 'nativas' e, neste sentido, o tema das relações com o poder da coroa inglesa faz-se presente. De qualquer forma, o ponto que reitera constantemente é o do antagonismo entre a coroa, o "poder cego e militar", e o que, então, é apresentado como uma 'cultura', que tal poder precisa recusar in totum. Cultura que, note-se, como MacManus quer destacar, incluía fluência tanto em irlandês como em latim; ou seja, o partilhar de uma mundaneidade letrada de que os 'bárbaros ingleses' - o esforço de inversão do estereótipo é nítido, apesar de não explicitado -, com seu ideário estreito de conquista e domínio, sempre seriam incapazes. A promulgação dos Estatutos de Kilkenny em 1366 teria sido necessária pela atração exercida sobre os normandos pela 'cultura' e a vida social gaélica e, exatamente, os Estatutos são dirigidos à condenação do que já fora definido como 'selvagem' e 'bárbaro' por britânicos temerosos da incapacidade de, de outra forma, reagir ao evidente fascínio, atestado pelos normandos terem-se tornado ipsis Hibernicis Hibernicies ("more Irish than the Irish themselves"): "This Statute made it high treason to adopt the Irish dress, speak the Irish language, practise the Irish customs, avail of the Irish laws (...), follow Irish fosterage or gossipred, or intermarry with the Irish" (1990, op.cit.: 401). É sobretudo com Elizabeth I que a religião católica assume a frente da 'cultura irlandesa'; na medida mesma em que as sanções se dirigem contra ela, em que a coroa reformista elege a recusa de participar dos cultos

protestantes em símbolo da barbárie irlandesa, a ser varrida. O projeto não deixa contudo, para MacManus, de ser o mesmo, de morte, de erradicação da 'vida irlandesa', da pujança e magnificência que a 'nova ordem' bárbara inglesa é incapaz de contemplar: "It was not alone the religion of the Irish people that was then sought to be wiped out, but their very life. Her armies with torch and sword, converted a smiling fruitful country into a fearful desert" (Ibid: 403). Em suma, a História, que inclusive contempla diversidade e conflito, é aquela antiga, milenar, que permite o florescer da árvore da cultura não apenas irlandesa como universal. Com a invasão dos vikings e, sobretudo, dos normandos, muita coisa cessa e não há mais um 'desenvolvimento autóctone'; a Irlanda transforma-se, assim, numa 'cultura' que, embora profundamente letrada e ciosa do seu passado, é obrigada a enfrentar uma 'nova ordem', de poderes militares e imperiais - num certo sentido MacManus entrando aqui em jogo, para o século XVI, se quisermos, com a ideia de 'culturas nacionais' que se tornará moeda corrente a partir de meados do século XVIII. Para MacManus, desse período em diante instaura-se, com efeito, uma história mas que é, em tudo, diversa da História remota: trata-se agora dos esforços britânicos de destruir a raça - sinônimo de cultura - irlandesa e, portanto, na equação que o autor elabora, de evidenciar essa perfídia junto com a 'resistência' irlandesa, tanto dos que lutam por suprimir o 'poder externo' como dos que continuam apegados à 'cultura', à religião católica, à língua, aos 'usos e costumes'.

A plantation do Ulster é a evidência inicial e, por isso, o sintoma mais vulgarmente oferecido da 'maldade' da coroa britânica. Uma certa ambiguidade costuma residir na avaliação dos soberanos da dinastia Stuart, em função da deposição de Charles I por Cromwell e das batalhas finais entre jacobitas, sob comando direto de James II, e orangistas terem-se travado na Irlanda. Em *The story of the Irish race*, contudo, James I não é desculpado: ordenou a plantation do Ulster e garantiu que seus prepostos a executassem como política de estado. MacManus não isenta por completo os que vieram a ocupar terras no Ulster, até porque "Among those whom divine Providence did send to Ireland (...) the most part were such as either poverty or scandalous lives had forced hither" (Reid 106 apud MacManus, Ibid: 407). Porém, a 'culpa' maior, inclusive em termos da animosidade que se desenvolverá no Ulster, recai sobre a coroa inglesa e seu nefando projeto de erradicação dos

-

¹⁰⁶ MacManus faz questão de introduzir essa citação de *History of the Irish presbyterians* de Reid com a seguinte frase: "The character of the Planters who were given the land of the hunted ones is recorded for us by the son of one of them, and also by a later one of their own descendants" (Ibid: 406-7). No parágrafo seguinte, MacManus prossegue no mesmo tom, para reforçar a ideia dos 'colonos' como 'escória': "And Stewart, the son of a Presbyterian minister who was one of the Planters, writes: 'From Scotland came many, and from England not a few, yet all of them generally the scum of both nations, who from debt, or breaking or fleeing justice, or seeking shelter, came hither hoping to be without fear of man's justice'" (Ibid: 407).

irlandeses. Assim, na classificação negativa dos 'descendentes' dos colonos, embora longe de eximidos de responsabilidade própria, há que destacar sua ligação com a persistência na defesa de tais políticas: "thus a new nation was planted upon the fair face of Ireland's proudest quarter. / (...). The written conditions upon which the new people got their lands specifically bound them to repress and abhor the Irish natives - conditions which through hundreds of years since the new people have faithfully endeavoured to carry out" (Ibid: 406). Para MacManus, 1641 foi o "natural outcome of the great wrong of the generation before" (Ibid: 408), inclusive em termos dinásticos ingleses. Como observado, a acusação de massacre de protestantes em 1641 não teria passado, na visão nacionalista forte, de uma invenção com o objetivo "of inciting the English at home to wipe out the Irish - and thus provide more estates for the covetous in Britain" (Ibid: 410). A ferocidade de que os irlandeses foram acusados é alocada nos colonizadores, com a agravante moral de ter sido planejada e extensa, como exemplificado na repressão do levante: "the calculated savagery, and unspeakable brutality, which in return the Scottish and English troops visited upon the native population, of both sexes and all ages, during the fearful decade that followed" (Ibid: 408).

O período que se segue inclui as complicadíssimas alianças e contra-alianças associadas à Confederação de Kilkenny - ou Confederação dos Católicos da Irlanda - entre 1642 e 1647, ligadas também ao crescente desgaste nas relações entre Charles I e o Parlamento inglês. Para MacManus, serve tanto para ilustrar que continuam a existir 'grandes' chefes irlandeses, particularmente Owen Roe O'Neill, mas, sobretudo, que os britânicos já haviam sido capazes de infligir dramáticas divisões internas e que "Although the Parliamentarians in Britain steadily treated all sections of Irish as if they were, not humans but beasts, each of the two sections of the Irish at times united with the bitterest of the anti-Irish to fight the other" (Ibid: 420-1). Owen Roe O'Neill chegara a ser declarado rebelde pela Confederação e a aliar-se, e depois ter problemas, com o núncio papal recém enviado, Rinuccini. Quando Cromwell chega à Irlanda, Owen Roe O'Neill ainda se torna figura unificadora mas as sementes da discórdia e, com elas, a incapacidade de perceber o verdadeiro inimigo, já haviam deitado raízes fundas demais para que a unidade pudesse ser útil. Sinal bíblico talvez, pouco após o desembarque de Cromwell, Owen Roe adoece e morre: o período de maior sofrimento e penitência se iniciara e a volta à terra prometida só ocorrerá quando o uno aponte o inimigo com precisão e se mostre capaz de bani-lo, de preferência para todo sempre, embora jamais deixando de nomeá-lo.

No capítulo sobre Cromwell, MacManus assume um tom completamente diferente do que usara até aí no livro: é sátira só que levada a um paroxismo tão grande que fica evidente que, para ele, se trata do próprio mal encarnado. MacManus - como os demais nacionalistas e revisionistas mais ferrenhos que vimos até agora - quer que seu relato seja considerado fidedigno e o 'espírito do texto' em geral é portanto grave. Neste capítulo todavia ele como que se imbui do credo de Cromwell e de seus seguidores, em particular dos soldados que o acompanham à Irlanda: "They were extraordinary men, his Ironsides - Bible-reading, psalmsinging soldiers of God - fearfully daring, fiercely fanatical, papist hating, looking on this land as being assigned to them, the chosen people, by their God" (Ibid: 423). Os homens de Cromwell acreditam pois ser o povo escolhido e, mais ainda, a Irlanda ter-lhes sido atribuída por Deus. Evidentemente não têm nenhuma História, essa que de fato garante a pertença imemorial à raça descendente dos milésios - e, embora em menor grau mas fato já que os novos tempos se insinuaram, aos Old English. A maldade e o fanatismo de Cromwell e seus homens são tão grandes, suas contradições tão evidentes, tão do âmago do seu próprio ser, que a ironia imediatamente deixa de ser paródica: "The first rare taste of the qualities of this agent of God the Just, and first Friend of the Irish was given to the people at Drogheda. When he took this city he gave it and its inhabitants to his men for a three days' and three nights' unending orgy of slaughter" (Ibid: 424); "After Drogheda, Cromwell (...) then turned and swept southward to Wexford - where he again exhibited to the people the face of the King and Friend. Two thousand were butchered here" (Ibid: 425). Ao período que se segue, do 'Cromwellian settlement', que inclui a suposta expulsão dos católicos para a província de Connaught, MacManus recusa-se a dar o nome de paz. A descrição, como se esperaria, é de mais uma tentativa de "suprimir a raça", desta feita "so that the smiling fields of the fertile three- quarters of Ireland might be divided among the children of the conqueror" (Ibid: 428). Os poucos soldados irlandeses que restam e gente de outras classes emigram, na construção de MacManus dando, por um lado, continuidade à 'tradição' de participações em exércitos e centros letrados mais afamados da Europa e, por outro, à de uma 'nação no exílio', inaugurada com o *flight of the Earls* em 1607, após perderem, em 1603 a Guerra dos Nove Anos - Elizabeth tendo morrido poucos meses antes.

MacManus é mudo sobre Charles II: não há porque referi-lo se não foi responsável por nenhuma medida no sentido de continuar a "supressão da raça" irlandesa. James II é talvez o único dos soberanos ingleses sobre o qual chega a recair uma valorização positiva; quase que se pode falar da possibilidade de despi-lo do manto, necessariamente maculado no seu todo, da suserania inglesa e de, ainda que ele acabe por revelar-se indigno de tão grande

honra, 'irlandecizá-lo'. É bem conhecida a defesa que Edmund Burke faz da Revolução Gloriosa, em seu *Reflections on the Revolution in France*, bem como do *covenant* que a justifica e que obriga todos os homens e gerações às gerações que constituem o 'contrato social' implícito da nação, no caso inglesa. Para Burke, a sociedade civil é fruto de uma 'convenção' que, não obstante, constitui sua 'lei'. Assim é que, no contrato fundador de qualquer sociedade, "each person has at once divested himself of the first fundamental right of unconvenanted man (...). He abdicates all right to be his own governor. (...) Men cannot enjoy the rights of an uncivil and of a civil state together" (1955¹⁰⁷: 68). Como comentado antes na tese, é no mínimo delicado tentar deslindar o papel que a Irlanda - e, mais ainda, qual das Irlandas, admitindo-se a simplificação classificatória dessa expressão - desempenhou no pensamento de Burke. O oposto também é verdadeiro: ideias de Burke como que pairam sobre as mais diversas correntes ideológicas e historiográficas irlandesas, quase que ao modo das figuras de pinturas famosas de El Greco, aparecendo sob formas 'distorcidas', cada vertente ou autor, com frequência sem explicitá-lo, recorrendo a camadas e projeções diferentes.

MacManus vai fazer um uso, por assim dizer, instrumental de textos de Burke. Cita-o como um dos comentaristas privilegiados, numa espécie de argumento de autoridade - incluído entre aqueles sobre os quais nenhuma informação adicional, como origem presbiteriana ou episcopal, é requerida -, ao mesmo tempo em que constrói uma espécie de *covenant* irlandês, de feição razoavelmente burkeana, a partir de acontecimentos e indicadores algo distintos dos destacados por Burke. O unionismo, e inclusive a historiografia que o acompanha mais diretamente, como iremos ver, apoia-se fortemente na noção de Burke do *covenant*; na verdade, aliás, estendendo-a também à ideia de 'sociedade civil' do Ulster e ao 'grupo', 'étnico' ou 'cultural', constituído pelos protestantes - embora haja aqui um *tour de force* e se recorra a ideias e valores alheios ao universo de Burke -, um tanto ao modo presente em escritos de historiadores revisionistas em geral. Na perspectiva do nacionalismo unionista, a fidelidade a William de Orange e à Revolução Gloriosa é um traço fundamental e o discurso parece, às vezes passo a passo, extraído diretamente das *Reflections* de Burke, como se a distância geográfica e histórica não tivessem qualquer efeito. ¹⁰⁸ Já a leitura

¹⁰⁷ BURKE, Edmund. [1790] 1955, *Reflections on the Revolution in France, and on the Proceedings in Certain Societies in London Relative to that Event.* (Edited, with an introduction, by Thomas H. D. Mahoney, with an analysis by Oskar Priest). Indianapolis and New York: The Liberal Arts Press, The Bobbs-Merrill Company.

¹⁰⁸ O recurso a Burke parece assim fazer parte do caráter mítico com que o período é encarado pelo pensamento unionista, no sentido que Ian McBride coloca com precisão, numa nota de rodapé do seu livro, exatamente sobre as interpretações em torno do cerco a Derry, entre dezembro de 1688 e agosto de 1689: "In speaking of the siege as a myth I do not intend to question its status in Irish historiography, as some Jacobite and revisionist scholars

nacionalista de MacManus, embora possa parecer fugir da noção de *covenant* explícita nas Reflections de fato retoma-a e situa-a num tipo de patamar que se pode considerar como próprio da historiografía nacionalista pós década de 1930. Num certo sentido, a historiografía presente no The story of the Irish race não deve, com efeito, ser apenas encarada como uma transposição do que se costuma chamar de versão whig da história inglesa. Em MacManus, a Revolução Gloriosa inglesa sequer assume esse título - o que de fato talvez se devesse esperar. Na medida em que o irredentismo do 'ser irlandês' é procurado e afirmado inclusive numa capacidade historiográfica que antecede e vai além da história concreta, sobretudo a referente à 'dominação', não há motivo para enaltecer qualquer suposta continuidade inglesa; menos ainda quando, caso da Revolução Gloriosa, se tratou de romper definitivamente com a hipótese, ainda que tênue, de diminuir a distância entre as duas ilhas - e entre as duas visões da história. Nessa chave de leitura, a Revolução Gloriosa tem um sentido exatamente oposto ao que teria tido para a Inglaterra: é o culminar da interrupção, até aí ainda um pouco incerta, do percurso natural, do acúmulo de saber e devoção geracionais aos platoons, como Burke os destaca, e ao todo que deles deriva. Para o pensamento nacionalista, o seu equivalente tornase então o Levante de 1916 e, em particular, a corrente de De Valera; bem como todos os movimentos ocorridos desde finais do século XVIII que, exatamente, visariam a recomposição do covenant, com o afastamento da dominação externa; esta então eleita em centro único de disrupção do *covenant*, com a grande vantagem, com frequência reiterada, de que nenhuma 'casa estrangeira' - não é à toa que o orangismo é um símbolo muito forte dos dois lados irlandeses do border - precisa ter entrada para garantir a recomposição do 'corpo natural'109.

Essas semelhanças de fundo entre a proposta expressa no livro de MacManus e a defendida por Burke provavelmente estão na origem do uso sem restrições que MacManus faz de passagens de um defensor tão contumaz da Revolução Gloriosa para o contexto inglês. Em Burke, como Jasmin coloca,

ha

have sought to do. By political myths I mean stories about the past told to justify or undermine political institutions and practices; their usefulness depends not on their fidelity to the historical record, but their relevance to the contemporary situation" (1997: 11). McBRIDE, Ian. 1997, *The siege of Derry in Ulster Protestant mythology*. Dublin: Four Courts Press.

¹⁰⁹ Uma das maneiras possíveis de interpretar o caráter central e, ao mesmo tempo, a dificuldade de lidar com a Guerra Civil, em torno do Tratado que entrou em vigor em janeiro de 1922, é que aí se faria presente uma situação análoga à expressa na Revolução Gloriosa. Esse olhar permite também entender porque a historiografia nacionalista *whig*, se quisermos empregar o termo, associada à 'vitória' posterior de De Valera, constrói Michael Collins e os defensores do Tratado como disruptores de um progresso 'natural' do *covenant* que De Valera teria recomposto - uma réplica peculiar de William of Orange mas sempre destacando-se a estranheza de William por comparação com a, então 'esquecida', nacionalidade americana de De Valera (filho de mãe irlandesa e pai espanhol), em nome de sua 'imersão'e infância na Irlanda.

A convição de que o mundo histórico desenvolve-se por forças imanentes superiores à vontade racional levaria à formulação do desencadeamento necessário de efeitos perversos, uma vez contrariadas essas forças. Os constrangimentos ontológicos à razão têm de manifestar-se, mas só podem ser apreciados quando dessa manifestação, espécie de restauração trágica da continuidade natural desrespeitada (1998¹¹⁰: 87).

Jasmin prossegue destacando que a imediata condenação moral que Burke faz da Revolução Francesa implica num enfraquecimento da sua "teoria", já que não havia como ter certeza que os eventos que denuncia são parte dos "efeitos perversos" esperados. Tal aspecto provavelmente está, na avaliação de Jasmin, associado ao "caráter essencialmente pragmático do pensamento burkeano, que se limita, nas suas conclusões, a um instinto prudencial da política" (Ibid: Ibid). Conor Cruise O'Brien é, sem dúvida, um especialista em Burke; personagem com quem, aliás, parece manter um longo jogo especular, na sua própria carreira como intelectual e político. A "Introdução" que redigiu para a publicação em 1968 das Reflections pela Penguin Books (então Pelican Books) é um dos textos em que defende que a "situação" peculiar de Burke é peça fundamental para entender a trajetória de suas ideias e a postura assumida nas Reflections: "Burke's Irish origin and connexions affect his response to the Revolution". Enquanto os "Englishmen of rank and wealth in the late eighteenth century before 1793 - could not easily imagine social revolutions as a reality", os "'The Burkes', close to the rawness and deep social and political resentments of Ireland, were much more aware of the underside of society, and conscious of danger" (1986¹¹¹: 30). Mais, para O'Brien, "Burke distinguished between revolutionary movements arising from 'wantonness and fullness of bread' and those which draw their sustenance from 'the bottom of human nature' "; Burke entenderia perfeitamente os "sentimentos de um povo conquistado", fazendo com que até sua condenação de "terrorismo" fosse mitigada, que ele "reluctantly condoned that form of revolutionary action which comes first to a desperate peasantry: agrarian terrorism" (Ibid: 64), como então praticado na Irlanda pelos Defenders católicos. C.C. O'Brien conclui a "Introdução" afirmando:

He never became a revolutionist but there continued to smoulder in him, in relation to Irish matters, a badly suppressed rebel. It is not a peculiarity of temperament, but the peculiarity of his situation - what I have called the Jacobite/Whig situation - that shapes his form of conservatism. (...) On this interpretation, part of the secret of his power to penetrate the processes of the revolution derives from a suppressed sympathy with revolution, combined with an intuitive grasp of the subversive possibilities of counter-revolutionary propaganda, as affecting the established order in the land of his birth (Ibid: 75-76).

110 JASMIN, Marcelo G. 1998, Racionalidade e história na teoria política. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

¹¹¹ O'BRIEN, Conor Cruise. [1968] [1982] 1986, Introduction. Edmund Burke. *Reflections on the Revolution in France and the Proceedings in Certain Societies in London Relative to that Event*. (Edited with an Introduction by Conor Cruise O'Brien). London: Penguin Books (Classics).

Num sentido, pode-se pois pensar que o covenant defendido por Burke, apesar de apresentado num contexto de intensa condenação moral da Revolução na França e de defesa irrestrita da Revolução Gloriosa, covenant do qual 1688 seria uma espécie de corolário, ainda assim, tem como um de seus referentes aspectos da sociedade irlandesa, é um modo de leitura historiográfica da Irlanda, mesmo que sob a forma dessas múltiplas intrusões e distorções que o país onde nasceu imporia a Burke - a aceitar-se a perspectiva de Conor Cruise O'Brien. Isto seria uma forma de aproximar Burke da exposição nacionalista irlandesa, ao menos no período que antecede a Revolução Gloriosa, embora a concatenação de eventos de MacManus constitua uma forma muito menos potente e articulada, até pelo detalhismo e pelo alvo do The story constituirem de fato, nesse plano direto, um modo whig de apresentação historiográfica, do lado dos acontecimentos já objetivamente vitorioso. Girando-se um pouco o prisma, contudo, a presença de estruturas ideais comuns revela-se notável. Por um lado, Seumas MacManus quer afirmar a existência de uma longa, imemorial série de eventos que teria configurado a "raça irlandesa", que coloca como sem dúvida fruto, para usar os termos de Jasmin a respeito de Burke, de "forças imanentes superiores à vontade racional" e também da "experiência dos antepassados concretamente plasmada na história da ordem social e intelectualmente registrada pela historiografia" (1998, op.cit.: 84). MacManus, esse exemplo escolhido da historiografia 'popular' nacionalista - plasmando-se muito na 'linhagem' de Geoffrey Keating, como observado -, volta-se exatamente para a 'demonstração' da existência de tais forças e, mais, para que derivariam de uma forja recheada de eventos, tendo assim caráter bem distinto da construção burkeana, que deles pode prescindir. Enquanto que, em Burke, a história das muitas gerações pode ser apenas esboçada através dos grandes traços que escolhe para pintá-la, já que não há pejo, como inclusive destacado por Jasmin, em estar 'agindo' moralmente, MacManus, como Keating, procura multiplicar, encher o relato de 'fatos', de uma espécie de empiria, esta garantidora de legitimidade e, mesmo, da própria existência do covenant irlandês.

O destaque dado ao conhecimento e, em particular, ao conhecimento historiográfico, como fruto em si da míriade de eventos pode ser visto, então, como parte do processo de construção de uma leitura moral da Irlanda. Nesse sentido, destaca-se tanto a história e seus detalhes como, sobretudo, a capacidade historiográfica sob a forma de algo autóctone, ao modo de aspectos que - uma vez resgatados, 'racionalizados', com perdão do exagero da fórmula - ganham 'autonomia' e, aí, o caráter de traços centrais do próprio *covenant*. Para que não se perca, no longo hiato constituído pelo domínio inglês, que traz no seu bojo a possibilidade da égide da ilusão de outras interpretações, inclusive em torno da Revolução

Gloriosa, essa 'racionalidade' deve ser mantida como alvo permanente. Em termos mais próximos da própria historiografía nacionalista, há um covenant na base da Irlanda, tão ou mais profundo do que aquele desenhado, com tanto ímpeto moral, por Burke para a Inglaterra. Na medida em que, contudo, teve que passar pelas 'sombras', seu resgate precisa ocorrer sob a forma da garantia da capacidade historiográfia, de uma fidedignidade que se imponha a construções abstratas - onde, então, o próprio Burke e sua grande pintura, Revolução Gloriosa em destaque, deveriam ser encaixados. A semelhança de fundo situa-se, assim, igualmente no nível do que a expressão "situação jacobita/whig" de Conor Cruise O'Brien traduz tão bem. Na concepão nacionalista, há um desenrolar de 'fatos' que define uma índole. A conformação do melhor vai-se dando pouco a pouco, associada tanto aos acontecimentos como a 'forças profundas' que, não obstante obedecerem a ditames quase irrefreáveis, também são moldadas pelos eventos, ganhando densidade crescente. A diferença fulcral entre Burke e a leitura nacionalista seria então sobretudo referente a momentos, ao tempo e ao lugar de realização do 'destino', da possibilidade do desenrolar pleno, do covenant, com todas as implicações que isto tem nos dois desenhos historiográficos. Os personagens James II e a Revolução Gloriosa surgem deste modo portanto como uma espécie de deflagradores da forma de abordagem nacionalista; do mesma maneira que, na opinião de C.C.O'Brien, da de Burke, apesar dos vários sinais e 'tempos' invertidos.

Em The story of the Irish race, James II de início merece reverência ao, assim que assume o trono da Inglaterra e o "governo da Irlanda", em 1685, reconhecer a Irlanda como "entidade cultural" - que já foi devidamente estabelecida e associada a catolicismo, na composição nacionalista traçada por MacManus -, banindo as penal laws contra católicos e dissenters (na época constituídos, na sua maioria, por presbiterianos; os metodistas só adentram a cena nos finais do século XVIII). No seu projeto de reforma do governo da Irlanda, nomeou Richard Talbot - "an Irishman and a Catholic" (1990, op.cit.: 436) -, a quem outorgou o título de Duque de Tyrconnell, para o comando das tropas na ilha. Tyrconnell não só revogou "charters of the Corporations", que haviam sido mudadas em favor dos settlers, como nomeou, como juízes e magistrados, e chamou para o seu Conselho, católicos. Mais do que tudo, porém, enviou três mil soldados irlandeses como reforço para as tropas de James II. Quando William de Orange desembarca na ilha maior, James II não oferece resistência já que sua causa na Inglaterra parecia efetivamente perdida. MacManus não o afirma explicitamente mas a ideia é clara: seu apoio aos católicos e as tropas irlandesas, que "the English believed (...) to be bloodthirsty banditti" (Ibid: Ibid), são parte fundamental dessa 'deserção' do rei pelos ingleses. Como inimigo dos inimigos, James merece portanto uma certa

'irlandecização' ou, ao menos, justifica-se que "as a body the Irish nation declared for him; the English settlers, Elizabethan and Cromwellian, for William" (Ibid: 437). A ideia de 'todo nacional' não poderia ser expressa com maior clareza, exatamente, como algo a um tempo semelhante e distinto da 'sociedade civil' de Burke. Por um lado, deve sua existência a uma convenção interna, multisecular, que obriga, mas, por outro, também a uma História anterior, um outro tipo de multiseculariedade que obriga mais ainda, e, já agora, também ao catolicismo e à unidade 'existencial' - inclusive a encontrada nessa história retrospectiva que agrega o conjunto de diversidades anteriores -, promulgada por serem declarados como 'selvagens' e 'bárbaros' pelo 'inimigo', por serem 'oprimidos'. Os colonos são também apresentados como um grupo - evidentemente, o detalhe dos que vieram no período elizabetano com certeza já terem quase todos morrido não é objeto de consideração - e, de fato, não há qualquer ambiguidade na sua caracterização como estando do 'lado oposto' e fora da 'nação irlandesa'. Na descrição dos cinquenta mil homens que se teriam incorporado ao exército irlandês de Tyrconnell, MacManus mais uma vez dá vazão ao romantismo de que a sua concepção da Irlanda como unidade cultural - após a 'chegada' dos normandos e, particularmente, dos ingleses - se reveste: "To the cold, hostile eye they seemed but savages. But there was native learning, and poetry, and wonderful oral tradition, wit, generosity, resource and clever brains among them in spite of the frightful poverty of their lives, and the grinding cruelties of their oppressors" (Ibid: 437-8).

A propósito destas tropas e também dos Rapparees - grupos 'autônomos' que promovem assaltos e ataques, inclusive às tropas de William na Irlanda -, MacManus vai aproveitar para tecer loas à qualidade dos homens, numa ponte com o capítulo que dedicará aos *wild geese*, que se incorporarão a exércitos continentais. Estes últimos são um outro ramo que prova a excelência dos irlandeses, dentro do tema do 'exílio forçado' da ilha, permitindo sustentar a ideia de que o 'ser irlandês' ultrapassa barreiras geográficas embora, também, que esse 'espírito' demonstra o 'direito' à terra, não apenas prometida senão nunca abandonada - e onde o 'espírito', mesmo debaixo de todo o sofrimento, sempre se manteve presente. *En passant*, a semelhança com noções populares sobre o ideário judaico parece, de fato, flagrante, não fora talvez a presunção da persistência de uma "mother Ireland" que mantém

¹¹² Mother Ireland é o título de livro de Edna O'Brien a que se recorreu no capítulo introdutório da tese. A representação da Irlanda como mulher e, bastante mais forte, como mãe, é recorrente. Vale a pena citar um excerto da paródia da 'mãe Irlanda', cheia de referências, criada por Conor Cruise O'Brien:

An Irishman invited to 'introduce' Ireland is faced with an odd kind of challenge. The lady is of venerable age and already of wide, though mixed, reputation. To the introducer she 'means' as they say 'a lot'; though exactly what she does mean he cannot be quite sure. (...) Such an introduction

certo caráter geográfico, a qual continua aguardando seus filhos de sempre, que não têm culpa por terem sido incapazes de atrair a atenção das nações onde serviram, "to which they had given their all in life and in death" (Ibid: 471); certamente porque temerosas do sentido do poder inglês e, então, cegas para o transbordante significado da 'cultura' irlandesa - bem como do que esta poderia aportar em termos de novos sentidos para história. Essa percepção pode estar velada para as outras nações; a "mother Ireland", contudo, sempre permanece olhando para seus filhos e para a redenção que, ela o sabe embora às vezes quase duvide, um dia virá: "Always the hope remained with her that one day they would return, and avenge her wrongs on her iniquitous oppressor. And that hope gave her courage to endure" (Ibid: Ibid).

Como já observado, esta ideia do exílio e dos filhos que sempre o serão, não obstante o tempo decorrido, tornar-se-á profundamente disputada quando o tema são os séculos XIX e início do XX e os emigrantes; ganhando uma reduplicação muito peculiar no demérito da capacidade de 'estranhos próximos', emigrantes ou estrangeiros - e os ingleses sofrem uma inclusão muito própria, destacada aliás, nessa categoria -, de apreenderem os desenvolvimentos da ilha Irlanda. Dentro da perspectiva nacionalista, essa participação não pode ser negada. Vários, autores, Sean O'Faolain um exemplo, para não falar no auto-exílio de James Joyce, 'experimentaram' o exterior. Este conflito implícito na visão nacionalista

necessarily feels like introducing one's mother descriptively, to a roomful of strangers. Its wording might, in 1968, run like this:

'I should like you to meet Mother. She is quite an ignorant woman, I'm afraid, and very superstitious in fact that has been her most marked characteristic, apart from the bottle to which she is also, as you can see for yourselves, much given. Her slatternly appearance is in no way misleading; she does hardly any work and her housekeeping is both incompetent and extravagant. It is true that she has had a hard life. It seems she had some kind of affair with her next door neighbour. The facts are hard to make out. He seems to have acted rather possessively and - according to her - he used to beat her and often let her go hungry. She says this went on for seven hundred years but of course this is just her exaggerated way of talking - another of her characteristics. I took the trouble to check with this neighbour, as a matter of fact, without saying who I was. He's a big fellow, getting on in years now, a bit pompous perhaps. He says he hardly knows the woman, but that she has a bad reputation in the neighbourhood for brayling and untruthfulness. He denies that he used to beat her, but adds that if he did, it was for her own good. If she went hungry it was her own fault, for not eating. He also denies her story that he still has some property of hers. My own opinion is that neither of them is telling the whole truth, but I cannot see that it matters very much now. As a matter of fact, since she got the TV, Mother herself doesn't go on nearly so much about the whole business. She's changed a lot these last few years. (...). She hardly ever talks any more about that property she used to say she had in the North and that's a relief too. The other day one of us said something about Cathleen ni Houlihan's Four Beautiful Green Fields - you know, Yeats - and she said she supposed so, but she couldn't get colour on her set. Quite a change, that. Then there was that language that she'd forgotten herself, but insisted on teaching to all of us. We don't hear so much about that any more, either. Luckily she still goes to Mass in the morning and the pub in the evening: if she didn't we'd hardly know it was still Mother. (...). But sometimes, you know, we miss the old days of ranting and roaring and Up the Republic, It wasn't very reasonable and it didn't, as you say, get us anywhere, except, of course, where we are, however you interpret that. But it seemed to suit Mother; it gave her a good colour, kept her spirits up, brought her out in the open air and provided her with plenty of exercise. Now she's much more gentle and sensible of course but, with being indoors all the time watching TV, she seems to have faded somehow. And we can't help worrying about that beacause, you see, she is our Mother, and we love her very much' (1969, op.cit.: 14-5).

quanto à lide com 'individuação' e 'estrangeirismo', de personagens como Sean O'Faolain, torna difícil o recurso a classificações fortes, como 'individuação perigosa'¹¹³. Não há como recusá-los, ao menos não *in totum*, e, assim, vozes acabam por insinuar-se; embora isto não impeça, é fato, que roupagens gerais, como a do discurso católico e nacionalista, ganhem a frente de cena com uma força que, por vezes, as faz assumir um caráter excludente. Já para correntes que não partilham do credo nacionalista - aí incluídos autores que vimos, que não estão exatamente do mesmo lado da mesa retórica, como Dunne, Foster e McCormack -, tal constrangimento não se aplica. Para os revisionistas em particular, auridos da crença num cosmopolitismo que - o paradoxo, é claro, não lhes surge - ultrapassaria qualquer nacionalismo, os 'estrangeiros' perfilham crenças e elaboram versões sobre a Irlanda que são inteiramente descabidas, fruto de sua ausência da 'realidade', a qual, nesse raciocínio, se opõe ao 'espírito irlandês' abrangente; o mesmo que é tão caro ao nacionalismo.

Mas James II, Tyrconnell e, novo personagem, Patrick Sarsfield, nos aguardam. O desembarque de James em Kinsale e sua progressão até Dublin foram objeto de enorme gáudio popular: "women kissed him as the deliverer of the country" (Ibid: 438); até que ele declarou que as beijoqueiras não poderiam mais aproximar-se... A resistência ao famoso central no ideário unionista - cerco de Derry, por curioso que pareça, é objeto de um galante elogio de MacManus, como galante teria sido a defesa da cidade: "From that day Derry defended herself gallantly until she was relieved. It was one of the magnificently gallant defences of history" (Ibid: Ibid). Como que o autor pode permitir essa gentil colocação, na medida em que está tratando da perambulação de um rei pela Irlanda, ausência portanto, ao menos em parte, dos dramas 'efetivos' da vida no país. James II retorna a Dublin e convoca o Parlamento: "It was the first Parliament since the Parliament of the Pale had been established in the thirteenth century that represented the Irish nation. It is known as the Patriot Parliament" (Ibid: 439). Na abertura, James declara que ali estava na defesa das "Irish liberties" e de "his own right" (Ibid: Ibid). MacManus elogia o conjunto dos trinta e cinco atos promulgados pelo parlamento e faz questão de ressaltar não só o seu conteúdo como que os atos tinham passado "with due deliberation and the advice of counsel" (Ibid: Ibid). Quanto ao conteúdo, destaca a 'liberdade' e 'independência', que assumiriam uma míriade de facetas: com relação ao parlamento inglês; das decisões tomadas pelo parlamento irlandês; das consequências do 'Act of Settlement' de Cromwell; de consciência; para os arrendatários

-

¹¹³ Elaborei o tema na dissertação de mestrado, em particular no tocante à apreciação 'portuguesa' de Eça de Queiroz e, em decorrência, à leitura de parte de sua produção: PORTELA, Irene. 1992, *Dos* brasileiros, *da civilização e de África*: um estudo antropológico da identidade nacional portuguesa na segunda metade do século xix. Dissertação de Mestrado (em Antropologia Social). Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ.

(tenants); na distribuição do pagamento dos dízimos; no tocante ao incremento do comércio e da navegação; de importação e exportação; e, sobretudo, no 'tratamento justo', quanto a taxas e fornecimento de homens para o exército - "the two rebellious counties, Derry and Fermanagh, receiving no heavier tax than the others" (Ibid: 439) -, quanto ao pagamento de estipêndios a bispos protestantes e católicos e, até, quanto às compensações, "to be given to all innocent persons" (Ibid: 440), aos colonos do período de Cromwell que deviam devolver as terras aos seus anteriores donos. MacManus recorre a Thomas Davis, um dos líderes do Young Ireland na primeira metade do século XIX como já lembrado, para uma colocação, referida mais especificamente às taxas e rendas incidentes sobre os tenants: "Where, in distracted or quiet times, since, has a Parliament of landlords in England or Ireland acted with equal liberality?" A descrição de MacManus é, efetivamente, a de um parlamento que soa algo estranho para o século XVII, donde o recurso a Thomas Davis. Não só estaria adiante do seu tempo como proveria um exemplo de equidade e justiça, mais uma evidência da capacidade irlandesa em todas as áreas, inclusive na política legislativa. É, na representação de MacManus, um parlamento autóctone e ponderado, o que, por si só, já garante o primeiro plano, imprescindível, de independência da Inglaterra. O que se vê então aflorar é mais do que mera antítese das acusações contra ele: "Such was the Patriot Parliament against which its detractors hurled the words 'bloody' and 'rapacious' " (Ibid: Ibid). É, para a linhagem nacionalista, uma consideração das 'liberdades' dos vários irlandeses, uma organização, a um só tempo, fruto da atenção às variáveis existentes - e não a aplicação de um modelo abstrato e geométrico, ao modo do que Burke acusa a Revolução Francesa de fazer - e preocupada com garantir, com uma aplicação 'equânime', o funcionamento das instituições, militares, religiosas e fiduciárias, o desenvolvimento 'racional' dos negócios da 'nação irlandesa'. Ou seja, o ponto central de MacManus a respeito do Parlamento então convocado, e de James II nesse contexto, parece ser o de afirmar que a Irlanda pode rivalizar com o modelo inglês e que, mais ainda - até por prescindir de colônias e de infligir tratamentos desiguais -, já estava dotada, nos finais do século XVII, de um modelo político 'nacional', autôctone, que, inclusive, o suplantava. Isso dá-se sem precisar recorrer a qualquer abstração e racionalismo, despidos de fundamento na 'realidade' da nação. Não procede, portanto, qualquer acusação historiográfica posterior que tente associar a Irlanda à 'ameaça' da Revolução Francesa como retratada por Burke. Muito pelo contrário - e nisso a presença de James II como "rightful king", senão da Irlanda ao menos na Irlanda, é um elemento importante -, os atos do Parlamento irlandês exprimiriam uma 'representatividade', do 'todo nacional', mais abrangente e superior à do próprio modelo

inglês; a qual encompassa e, assim, resolve o próprio debate em torno do que seja mandato e 'representação parlamentar', onde talvez haja uma referência crítica, mesmo que não intencional - MacManus não está interessado no ponto em si -, à posição de Burke a favor da delegação incondicional. *En passant*, vale mencionar que esse modelo, se assim se pode chamá-lo, de 'representação nacional' - que MacManus aliás transporta para o século XX - novamente permite o uso instrumental, por assim dizer, de Burke, doravante chamado, em várias passagens, a 'testemunhar' sobre os desmandos e a inadequação administrativa impostos à Irlanda pela Inglaterra.

O restante do longo capítulo é dedicado às guerras propriamente ditas do período. É aqui que James II se mostrará aquém de digno 'rei da Irlanda', do potencial que lhe fora atribuído. É também aqui que Patrick Sarsfield assume o manto de grande irlandês do período. William acreditara poder trazê-lo para o seu lado mas Sarsfield mostra-se, desde o início, 'incorruptível'. Na primeira derrota para as tropas holandesas, em Carrickfergus e, a seguir, em Dundalk, James não apenas se mostrou um mau estratega e delegador de poderes militares - inclusive pela fraca opinião a respeito de Sarsfield - como, "leaving his soldiers to take care of themselves, he returned to Dublin, where he amused himself with 'disgraceful amours' " (Ibid: 441). Ou seja, inclusive provavelmente pela 'mácula' de ter sido um 'soberano inglês', uma cepa em tudo distinta da dos grandes líderes irlandeses, a inadequação de James a um papel que se assemelhasse ao de rei da Irlanda logo fica evidente. Tropas francesas lutam ao lado de James II e o embaixador de Luís XIV, d'Avaux, de pronto reconhece as qualidades de Sarsfield e quer enviá-lo à França: "But Sarsfield did not go. His work, he knew, was in Ireland" (Ibid: Ibid). Os franceses - como, um século depois, em 1798 - não se dão conta da importância das campanhas na Irlanda; de certa forma também como os espanhóis, no começo desse século XVII onde se desenrolam os acontecimentos de agora, quando da Guerra dos Nove Anos contra as tropas de Elizabeth I. Espanha e França apoiam a Irlanda apenas por razões estratégicas, por jogos políticos que derivam de enfrentamentos no macro-cenário europeu, elocubrações de estado que pouco ou nada levam em consideração o 'impeto nacional' profundo, e o arrojo que é capaz de despertar entre os irlandeses, o maior, senão único, móvel de suas lutas contra o 'opressor'. Assim, 'agora e sempre', aquilo com que os irlandeses podem contar é com sua própria força, mesmo que devidamente capazes de agradecer e de, apesar de em última análise em vão, chegar a solicitar apoio externo. Líderes são importantes e a Irlanda - apesar de em alguns períodos não imune às confusões vindas do exterior, seja da Albion seja de aliados conjunturais - não falha em prover homens, irlandeses, que se mostram à altura da função, como Sarsfield. Mais do que líderes, porém, o que a

Irlanda provê sem cessar são massas de 'patriotas' que, por destituídos, sem trajes ou armas, que sejam, nunca deixam de responder aos apelos; agora juntando-se às tropas de Tyrconnell e Sarsfield ou integrando-se à luta de guerrilha dos Raparees.

A batalha de Boyne foi travada, no antigo calendário, no dia 10 de julho de 1690, que corresponde, no novo calendário, a 11 de julho; uma das datas mais intensamente celebradas com os desfiles dos apprentice boys e dos membros das Orange lodges em trajes especiais, tambores e toda a encenação própria habitual - pelos unionistas e lealistas na Irlanda do Norte como marca da vitória 'sobre os católicos'. Sintomaticamente portanto, MacManus vai afirmar que "the battle of the Boyne (...) was not the cardinal battle of the war" (Ibid: 442) mas sim a de Aughrim¹¹⁴. Quanto à batalha de Boyne, MacManus garante que William tinha dez mil homens a mais - e faz questão de destacar que havia dinamarqueses, ingleses, holandeses e huguenotes franceses; de certa forma, que era um exército profissional - e muito melhor armado do que o exército 'irlandês'. James II, logo quando da formação para a batalha, se mostra desprovido do espírito de bravura - ele "had secured his retreat to Dublin" (Ibid: Ibid) - que, se o houvera tido, poderia ter-lhe granjeado uma liderança e um reino na Irlanda. A meio da tarde, James retira-se da batalha e mais tarde, na sequência, as tropas irlandesas também são obrigadas a recuar. De qualquer forma, MacManus reitera, "The battle of the Boyne was not a decisive victory for the Prince of Orange; it was in reality a drawn battle" (Ibid: 443). Apesar das boas condições das tropas que retornam a Dublin, James afirma que nunca mais liderará um exército irlandês. Dando mostras do pouco estofo de que era efetivamente constituído, aconselha a Irlanda a submeter-se a William e "then he hurried to Waterford, took ship to Kinsale, and thence to France" (Ibid: Ibid). Os irlandeses bem sabem que o que está em jogo é muito mais do que uma mera coroa: "Deeper hopes than the restoration of the Stuarts stirred many of the soldiers' hearts. James had gone! Let him go! He

¹¹⁴ A afirmação, apesar de coerente com o ideário nacionalista, é corroborada por boa parte dos historiadores que tratam do período. Hayes-McCoy, embora por vezes mencionado como tendo 'simpatias nacionalistas', é um historiador militar o que tornaria sua alocação, de um ou de outro lados do campo, secundária. Inicia um capítulo sobre a batalha de Aughrim, em 1691, com uma colocação análoga à de MacManus: "Seen in retrospect, the battle of the Boyne must (...) be regarded as decisive, but it was not the end of the war. The defeated Jacobites were still a fighting force and were still to fight stubbornly before King William could claim victory in Ireland" (1990: 238). HAYES-McCOY, G.A. [1967] 1990, Irish battles: a military history of Ireland. Belfast: The Appletree Press. Em The Oxford Companion to Irish history, um livro sobre o qual não pesariam 'dúvidas', consta: "Less strategically important than Aughrim, the battle owed its subsequent fame primarily to the presence in person of both William, who remained in the centre of the fighting throughout, and James, whose precipitate flight from the battlefield aroused derision on both sides" (Connolly 1999, op.cit.:56). Já quanto à data efetiva e às celebrações em torno, Connolly coloca no Oxford Companion: "Overshadowed for most of the 18th century by celebrations of King William's birthday (4 Nov.), its anniversary became the central festival of the Orange society from the 1790s. The Order's decision to celebrate the main anniversary on 12 July seems to have derived from a misunderstanding of the 1752 calendar reform. The battle was in fact fought on 11 July new style" (Ibid: Ibid).

was no true king, no leader! They would defend Limerick, Galway, Athlone, the passes of the Shanon!" (Ibid: 443-4). Na medida em que a causa de James estava perdida, Lauzun advoga que as tropas francesas deveriam retirar-se da Irlanda¹¹⁵. Tyrconnell também se mostra favorável a uma negociação dos termos e submissão a William. Sarsfield ganha então sua real estatura, mantendo-se firmemente a favor da continuidade da luta e de manter as posições 'irlandesas'... em Limerick, Galway, Athlone e nos vaus do rio Shannon. Contra todos os prognósticos, graças à bravura de homens e mulheres, excelente estratégia militar, astúcia e apoio dos Rapparees, os irlandeses são capazes de resistir às invectivas sobre Limerick, então sob governo do francês Boisseleau. William volta para a Inglaterra e Lauzun retorna à França com suas tropas. Tyrconnell continua a defender uma negociação de paz, contra os que propõem continuar a guerra. Uma armada inglesa toma os portos de Cork e Kinsale. St. Ruth, general francês, traz armas, munição, roupas e provisões mas não traz tropas. Os irlandeses, novamente contra todos os prognósticos, conseguem defender Athlone, em atos de enorme bravura, por dez dias. Um deste atos, na descrição de MacManus, corresponde a dois grupos de onze voluntários, dos vinte e dois só dois tendo sobrevivido - "twenty wore the martyr's crown" (Ibid: 449) -, que derrubaram uma ponte sobre o Shannon, adiando a passagem das tropas dos generais de William. O comando da defesa estava com um estrangeiro, St. Ruth. Preocupado apenas com estratégia militar e, assim, desprovido da garra e da ciência do inimigo que só irlandeses teriam, ele crê que o cerco pelas tropas de William, sob comando de Ginckel, fora levantado e retira-se de Athlone com o grosso da tropas irlandesas: "Thus, in half an hour Athlone was captured after a stout defence of ten days" (Ibid: 449).

A batalha de Aughrim acabará por ser perdida pela mesma razão de fundo. Num momento estratégico crucial, St. Ruth ordena que só metade dos homens da cavalaria de reserva, sob comando de Sarsfield, avancem sobre o Pass of Aughrim e que o próprio Sarsfield permaneça com a outra metade: "By this act Aughrim was lost" (Ibid: 451). Exércitos haviam se enfrentado e os respectivos comandantes e generais tinham concebido as batalhas apenas do ponto de vista militar. St. Ruth era corajoso e vai na frente de suas tropas quando a sua cabeça é decepada por uma bala de canhão. Além disso, em parte, a perda da batalha de Aughrim se devera a um infortúnio: um pequeno forte, que fora tomado pelas tropas irlandesas, portando armamento francês, que esperavam aí se reabastecer, tinha balas

¹¹⁵ Hayes-McCoy relata: "Recalled by Louis XIV, the French regiments embarked in their transports in Galway Bay in September 1690, and returned rather ingloriously to their own country. Wolfe Tone was to remark, when he himself was a suitor for French help a century later, that Louis, presented with an opportunity of 'separating Ireland from England, contented himself with feeding the war little by little, until the opportunity was lost' " (1990, op.cit.: 238).

de canhão e mosquete próprias para armamento inglês. Mas, para MacManus, o ponto fundamental é que o que está sendo jogado pelos irlandeses é algo bem maior do que meros enfrentamentos de exércitos, forças que jogam o xadrez da política europeia, já quase que ao modo imperial. Sarsfield, nesse sentido, torna-se símbolo, para o período, do líder do 'espírito da nação irlandesa' que, então como sempre, carreia seus filhos para a luta, mesmo que profundamente desigual em termos de poder bélico. Tal espírito dota-os de características ímpares e, assim, acaba por inclusive capacitá-los a demonstrar, além de bravura e aceitação de sacrifícios, uma habilidade militar inaudita - até mesmo no terreno das batalhas convencionais, do que os *wild geese* são o referente comum. Embora, na medida em que não contém internamente com os recursos físicos mínimos necessários e em que a ajuda externa obedeça a uma lógica própria - não seja uma ajuda efetiva e 'desinteressada' às 'forças endógenas da nação irlandesa' -, vá ser preciso encontrar outros caminhos, essencialmente alheios aos da macro-política europeia e imperial, para garantir a expulsão do domínio inglês e, moto contínuo, sua expressão plena.

Por enquanto, Sarsfield, ao dar-se conta de que a batalha estava perdida, retorna com seus soldados para Limerick. Ginckel, um holandês, principal comandante das tropas inglesas, fora investido por William de amplos poderes para oferecer termos favoráveis ao irlandeses. De fato, como Hayes-McCoy coloca, "None of the kings, save - irony of ironies -William, comes well out of the Irish war" (1990, op.cit.: 238). Ele não fora um fraco, indeciso e mulherengo, como James II, nem um calculista que, não obstante, é incapaz de avaliar o real potencial do que estava sendo jogado na Irlanda, como Louis XIV - como MacManus nolos apresenta. Tivera o apoio dos ingleses, apesar de seu exército ser constituído por soldados profissionais, de vários países, que não estavam lutando 'por sua nação', e mostrara-se bravo o suficiente para estar presente à maioria das batalhas na Irlanda, bem como para reconhecer a galhardia e a bravura de seus oponentes, inclusive ao querer oferecer termos honrosos para o fim da guerra, para encerrar a longa lide que os irlandeses lhe tinham aposto. No cerco de Limerick, Ginckel chega a garantir um "perdão incondicional" para todos e a garantia de que "the Catholic gentry would be restored to their estates", o que gera imediatamente um "peace party within the city" (MacManus, 1990, op.cit.: 452). A questão é, porém, maior do que um arranjo satisfatório para encerrar a guerra e Sarsfield é o líder que precisa representar isso com clareza e, assim, apesar do bombardeio inglês a partir do outro lado do rio Shannon, "Limerick remained untaken. Once more she showed the soul of her army and her citizens" (Ibid: Ibid). Um traidor, como se poderia temer "an Anglo-Irish officer, long suspected, showed him [Ginckel] a pass over the Shannon" (Ibid: Ibid). Ainda assim, Limerick lutou mais uma vez e mais uma vez foram oferecidos termos de paz decentes. A 'resistência' durara quase um mês. Sarsfield finalmente aceitou os termos de paz e o Tratado de Limerick foi assinado, incluindo o direito de oficiais, tropas, Rapparees e voluntários de se juntar aos exércitos que escolhessem: "the splendid column wheeled to the side of France. That day [5th October 1691] of the fourteen thousand men of the Irish army, only one thousand and forty-six men turned to William's standard" (Ibid: 453). Com o regular atraso já observado, "A few days later a French fleet came up the Shannon. It brought men, money, arms, ammunition, stores and clothing. The news reached Sarsfield" (Ibid: Ibid). O código de honra é partilhado por todos os líderes minimamente dignos desse nome, que vão muito além das conveniências e considerações políticas 'realistas', e Sarsfield concerteza é um deles: "Stunned, he remained silent for a few moments. Then: -'Too late,', he said, 'the Treaty is signed. Irelands's and our honour is pledged. Though one hundred thousand Frenchmen offered to aid us now, we must keep our word!' " (Ibid: Ibid).

Sarsfield, evidentemente, não tinha como saber que os termos do tratado não seriam respeitados, que o comprometimento da honra não tinha o mesmo sentido para os britânicos - e para o próprio William - que ele julgava tão evidente. Uma das cláusulas do tratado de Limerick referia-se à garantia de que a prática do catolicismo não seria mais fonte de discriminação. Logo em 1698, contudo, as *penal laws* voltam a vigorar plenamente. É interessante que MacManus vai aqui assumir o mesmo tom de forçada ironia que utilizara para referir-se a Cromwell:

And by such liberality of the British was the Irish nation repaid for the generosity it had shown them (...). And the new and improved era of persecution which began under William - whose faith and honour were pledged that the Irish Catholics should be 'protected in the free and unfettered exercise of their religion'- marched onward henceforth with marvellous stride' (Ibid: 456).

Na verdade, MacManus vai encarar o século XVIII e o próprio parlamento que então vigora em Dublin - até à novidade expressa com o que ficou conhecido como Parlamento de Grattan, em 1782 - como mera continuidade do desprezível exercício inglês do poder, na sua tentativa continuada de suprimir a 'raça irlandesa' através das *penal laws*; para cuja qualificação, aliás, recorre a Montesquieu e mais de uma vez a Burke¹¹⁶. A supressão da indústria e do

Like good wine the Penal code improved with age. It was only in the 18th century that it attained the marvellous perfection which caused Edmund Burke to describe it as a 'machine of wise and elaborate contrivance, as well fitted for the oppression, impoverishment, and degradation of a people, and the debasement in them of human nature itself, as ever proceeded from the perverted ingenuity of man' -

Aqui trata-se do uso 'intrumental' de Burke, como já destacado ao modo de um argumento de autoridade, de uma corroboração plena do julgamento das medidas inglesas que está fazendo. Vale a pena citar o trecho em que MacManus se vale de Burke e do "jurista" Montesquieu para comentar as *penal laws*:

comércio irlandeses, inclusive no Ulster, é outro dos malignos fitos ingleses perseguido com clareza no século XVIII e para cuja acusação Burke novamente é chamado: ele teria "excoriated the English Government for its gross breach of faith" (Ibid: 489) - o que, em última análise, constituiria uma característica profunda e inarredável, portanto inscrita antes e assim alheia a tempos da história concreta, da 'dominação inglesa', mesmo que seja preciso expor seu acontecer para torná-la crível e revelar a dimensão que assumiu.

VIII

Espera-se ter deixado clara a estratégia perseguida na apresentação da versão nacionalista expressa por MacManus, de aproveitar para introduzir ocorrências - estas, relativamente ao menos - incontestes que compõem uma história da Irlanda. Apesar de mal termos entrado no século XVIII aproximamo-nos já do seu final. Esse século é, com efeito, um período bastante 'vazio' em termos de eventos políticos, o que se reflete numa historiografia parca - tanto de feição nacionalista como revisionista ou 'não posicionada' -, sobretudo quando comparada com a que lida com os séculos anteriores e com o XIX. Talvez seja sintomático, aliás, que o século XVIII seja o período escolhido por Lecky para a 'história de normalidade' que constrói no seu History of Ireland in the eighteenth eentury e, em consequência, o período tomado por Corkery, em The Hidden Ireland, no seu esforço de afirmar a língua irlandesa e a Irishness como fontes vitais, num corpo que, se a visão de Lecky estivesse correta, nada mais seria que um corpo morto por debaixo do desenrolar dos acontecimentos cercando a ascendência da Ascendancy - redundância assumida. O 'longo século XIX' é vulgarmente visto como se estendendo do "Grattan Parliament", que começa em 1782¹¹⁷, passando pelos movimentos dos Volunteers, Defenders e United Irishmen, que culminam no Levante de 1798, até, grosso modo, 1916. Este foi o ano do evento decisivo -

and the French jurist Montesquieu to say of it that it was 'conceived by demons, written in blood, and registered in Hell' " (Ibid: 455).

The parliament which met for the last time on 2 August 1800 had been in existence for over five hundred years but only in the last century of its life did it function as an essential component of the machinery of government. The period of its hey-day coincided with the ascendancy of the protestant landowning class who had gathered the fruits of the Williamite victory and who found in it an instrument for the protection and promotion of their interests. (...) for the greater part of the century the bulk of the unenfranchised were specifically excluded on politico-religious grounds and (...) they were deprived of what eighteenth-century political theorists called virtual representation" (Ibid: 23).

McCRACKEN, J. L. 1971, *The Irish parliament in the eighteenth century*. Dundalk: Published fot the Irish Historical Association by Dundalgan Press. (Irish History Series, No. 9).

¹¹⁷ McCracken, no seu opúsculo sobre o Parlamento irlandês no século XVIII, destaca que os dezoito anos do período que ficou conhecido como "Grattan Parliament", entre 1782 e 1800, não representaram alterações fundamentais: "Neither the fall of the undertakers nor the winning of legislative independence solved the fundamental problem of relations betweeen the legislature and the executive or affected the unrepresentative character of parliament" (1971: 20). Como um todo,

apesar dessa classificação, como já deve ter ficado claro, ser sempre algo fortemente contestado -, o Levante da Páscoa de 1916, o qual, para usar a linguagem de paralelismos de historiadores europeus contemporâneos, teria então definido, de modo inconteste, o início do século XX; do que o "lock out"- quando os operários foram impedidos de entrar nas fábricas, ao que se seguiu a greve geral - em Dublin, agitações "no Norte" e uma míriade de outros acontecimentos seriam antecedentes próximos.

O 'longo século XIX'118 é, sem dúvida, objeto de disputa entre nacionalistas e revisionistas, inclusive quanto ao tipo de abordagem adequada e a que 'atores' devem ser privilegiados mas, embora isso talvez possa parecer paradoxal, não creio residirem aí as diferenças mais notáveis entre as duas construções. A historiografia revisionista tenderá a destacar biografías e arranjos políticos das lideranças bem como a relevância sociológica e o papel da Ascendancy, aspectos que, os escritores dessa corrente afirmam, são relegados ao esquecimento pela versão nacionalista. Esta, com efeito, irá dar maior destaque movimentos e personagens 'nacionalistas' que abundam no século XIX, passando por 1798 e Wolfe Tone, Robert Emmet, o Young Ireland, os fenianos, a Land League e, embora sob uma tonalidade peculiar, os próprios O'Connell e Parnell - para não falar na Grande Fome de 1846-50 e tudo o que lhe está associado. Poder-se-ia contudo dizer que as duas versões, não fora o antagonismo expresso por seus autores, são complementares na composição do quadro do período. Sem dúvida a atenção a, e a valorização de, uns ou outros atores - com a correspondente atribuição de 'maldade' ou 'adequação' - irá variar grandemente, via de regra de acordo com o posicionamento a respeito dos eventos pós Levante de 1916 e ao 'lugar' considerado como devido à historiografía, e à 'verdade historiográfica'. Ainda assim, e não obstante o século XIX ser parte do pomo mais óbvio da discórdia, que pode se revestir de grande pujança exclamatória, os aspectos fundamentais da diferença entre as concepções nacionalista e revisionista encontrariam aí apenas um eco ao invés de uma manifestação nítida.

No tocante ao século XIX, a ênfase nacionalista, exemplificada em MacManus, apresenta as lideranças de destaque, como O'Connel e Parnell, ao modo das lideranças e capacidade de luta do passado mais remoto, bem como dos caminhos próprios que os irlandeses são obrigados a traçar na sua permanente luta por 'libertação' do 'domínio

Todorov situa o 'longo século XIX' entre 1789 e 1914, por contraste com o 'curto século XX', entre 1914 e 1989. Num paralelo possível com o que se discute aqui, duas "famílias de espírito" particulares referidas por Todorov, a "conservadora" e a "cientificista", teriam estado na base de tentativas de rejeitar as "grandes opções da modernidade" (1999: 320). TODOROV, Tzvetan. 1999, *El jardín imperfecto*: luces y sombras del pensamiento humanista. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós.

imperial'. O *Act of Union* de 1800 - que entrou em vigor em janeiro de 1801 e que unificou a representação parlamentar em Westminster - e, como não podia deixar de ser, a Grande Fome - demonstram a ineficácia e a maldade inglesas. Os britânicos não só recusam que os irlandeses - e isto mesmo o 'Parlamento de Grattan' tendo sido constituído e eleito sem a participação dos católicos - tenham quaisquer 'rédeas de seu destino' como evidenciam, nas medidas tomadas durante a Grande Fome, total incapacidade administrativa; para não falar na possibilidade de tratar-se de um 'genocídio deliberado', mais uma tentativa de 'supressão da raça' e de beneficiar os *absentee landlords*¹¹⁹. A rainha Victoria e o governo inglês da época,

1.1

¹¹⁹ Como com certeza já deve ter ficado claro, inclusive na longa nota de rodapé anterior sobre o assunto, o tema da Grande Fome é um dos mais sensíveis na historiografia irlandesa - e americano-irlandesa. Louis M. Cullen é um dos primeiros historiadores econômicos modernos, cujo texto refutando The Hidden Ireland de Corkery vimos em capítulo anterior. Como historiador econômico foi particularmente influente nas décadas de 1960 e 70. Numa coletânea, extraída de uma série de programas que a Radio Telefís Éireann levou ao ar, por ele editada, Cullen explicita o projeto de 'autonomização' da história econômica, de independência dos terrenos que, de ordinário, insistem em ter primazia: "One of the themes of this series has been that Irish economic development is more independent of non-economic factors than has been generally believed. In particular, political and religious factors were far from having a decisive influence in the economic field" (1969: 113). CULLEN, L.M. 1969, Irish economic history: fact and myth. CULLEN, L. M. (ed). 1969, The formation of the Irish economy. (The Thomas Davis Lectures). Cork: The Mercier Press, pp.113-24. A Grande Fome de 1846-49, como eventos semelhantes embora de proporções menos dramáticas em décadas anteriores, foi causada, como é sabido, por uma praga nas batatas, que, junto com o leite usado para diluí-las, constituia a base quase exclusiva da alimentação dos trabalhadores rurais, pequenos rendeiros e agricultores da Irlanda - população quase exclusivamente católica. Num artigo de 1968, Cullen procura demonstrar que a introdução da dieta de batata foi muito mais tardia do que se costuma assumir, tendo ocorrido já no final do século XVIII e consolidando-se no início do XIX. Neste artigo, em mais um debate de 'separação de campos', Cullen quer refutar a tese de que a dieta de batata teria sido responsável pelo incremento populacional notável que a Irlanda sofreu no século XVIII, quando a população da ilha se aproximou dos oito milhões - só para efeitos comparativos, decai para pouco mais de seis milhões uma década após a Grande Fome e, no século XX, variou em torno dos cinco milhões, sendo três a três milhões e meio nos vinte e seis condados que vieram a constituir a República e o restante na Irlanda do Norte. No contexto da Irlanda - onde, diga-se, a batata continua a ser item alimentar fundamental -, o artigo de Cullen pretendia ser bastante provocativo. Isto não o impede de concluir que "We cannot therefore exclude the potato from Irish history, for it had an important part in the Famine and in the developments that led up to it and that made such a disaster inevitable" (1968: 83). Contudo, embora Cullen reconheça que seu esforço de refutar 'teses dietéticas' a respeito da batata não resolve a questão sobre as causas do aumento populacional que a Irlanda experimentou, sente-se como que obrigado a reiterar o potencial 'demolidor' - no caso sobre a batata... - que o conhecimento derivado da 'pesquisa histórica', não obstante, guarda: "But, if the potato as a staple food came late, if the period of general dependence on it is as narrow as the half century before 1845, and if its dominance was a response to demographic difficulties rather than their cause, then it sheds that pervasive significance often attached to it, and its special association with Ireland's history, character and conditions, loses much of its meaning." (Ibid: Ibid). CULLEN, L. M. 1968, Irish history without the potato. Past & Present. Number 40, July 1968. pp.72-83. Batatas à parte, a historiografia econômica posterior encarregou-se de refutar parte do ideário nacionalista mais inflamado, inclusive como também expresso nos livros de Leon Uris e de Macken abordados rapidamente antes neste capítulo, sobre os absentee landlords terem sido os grandes beneficiários da Grande Fome. Joe Lee, por exemplo, comenta que nas décadas posteriores à Grande Fome ocorreu um "sharp reversal of existing patterns of behaviour" (1989:3), inclusive no tocante a idade de casamento, herança da terra e emigração. Do ponto de vista estatístico, Lee considera o fato mais notável o aumento no tamanho médio das 'propriedades' agrícolas, com uma diminuição extremamente acentuada das correspondentes aos cottiers, abaixo de cinco acres, e a concentração, cada vez mais nítida, em propriedades de maior tamanho; indicando pois que, ao menos no médio prazo, os landlords estiveram longe de ser os principais beneficiários com a tragédia. Em termos das 'classes' sociais presentes no campo irlandês, a evolução foi no sentido da solidificação do grupo dos farmers, proprietários agrícolas de médio e grande porte, grupo e ethos até hoje relevantes na economia e na política irlandesas: "Between 1845 and 1851 the number of labourers and cottiers fell 40 per cent, the number of farmers 20 per cent. During the following 60 years the

bem como o credo do 'laissez faire' e da 'livre concorrência', tornam-se agora alvo do mesmo tipo de tom irônico que MacManus aplicara aos 'tiranos' anteriores: "Thus, the sagacious statesmanship of the English ruler in Ireland, sought to relieve want caused by shortage of crops, by paying men sixpence a day to refrain from raising further crops - and do work that was guaranteed by the Government experts not to produce anything for the country's aid" (Ibid: 606). O governo britânico não esquecia os seus, só que, evidentemente, jamais tratou os irlandeses como 'seus', súditos ou cidadãos. Não se trata de prestar ajuda nem apenas, por mais insensível que já isto seja, de insistir em teorias econômicas abstratas, mas apenas de garantir interesses particulares que se beneficiam com o 'sofrimento' da Irlanda. O caráter 'satânico' é tão evidente que só a ironia pode ser o tom adequado: "But to relieve acute distress among the poor absentee landlords in the gambling hells of Europe, the Government gladly contributed troops to aid the Absentee's agent and bailiffs in seizing the sheep, the cow, the oats, the furniture, of the starving people" (Ibid: Ibid). É coerente, portanto, que a emigração, que foi maciça no período e que continuou em larga escala até muito recentemente, vá ser classificada como "the great Exodus of the race" (Ibid: 608).

A emigração constitui, desta forma, também uma ponte para MacManus encarar o movimento feniano - e os que se desenvolveram na sua pegada - como endógeno e seus líderes como integralmente na linhagem dos que, com apoio das "massas irlandesas católicas", desde as invasões normandas e sobretudo inglesas, não cessam de buscar a retomada da grandeza e singulariedade da Irlanda. O'Connell, apesar de vitorioso na condução de uma política de massas que conduzira à Emancipação dos católicos, falhara em

number of labourers and cottiers again fell about 40 per cent, the number of farmers only 5 per cent. Within the rural community the class balance swung sharply in favour of farmers, and within the farming community it swung even more sharply in favour of bigger and against smaller farmers" (Ibid: Ibid). LEE, Joseph. [1973] 1989, The modernisation of Irish society, 1848-1918. Dublin: Gill and MacMillan. No livro monumental que publicou posteriormente, Lee é explícito a respeito dos beneficios que os farmers obtiveram com a Grande Fome: "The two biggest gains made by Irish farmers during the nineteenth century came from the Great Famine and from the Land War. The famine of 1845-50 allowed the survivors to tack on the cleared or vacated holdings to their own farms. They owed this windfall to no obvious merit of their own, beyond their capacity for survival". LEE, Joseph J. (1989), Ireland, 1912-1985: politics and society. Cambridge: Cambridge University Press. Breen et al. assim sintetizam as consequências diretas da Grande Fome e suas implicações sociológicas: "The effects of the Great Famine were dramatic - a million deaths and massive emigration continuing into the late nineteenth century - but also highly class-selective. Both famine and emigration disproportionately affected the class of propertyless farm labourers, cottiers and very small tenant farmers" (1990: 185). BREEN, R.; HANNAN, D.; ROTTMAN, D.; WHELAN, C. 1990, Understanding contemporary Ireland: state, class and development in the Republic of Ireland. Dublin: Gill and MacMillan. Bull trabalha mais no plano das ideias sobre a questão agrária irlandesa. Para ele, "the question of tenure of agricultural land dominated the political life of Ireland in the second half of the nineteenth century and played a major part in shaping British perceptions of the difficulty of governing Ireland" (1996: 5). A Grande Fome teria "enormously intensified the passion and the desperation surrounding the issue" e colocado em relevo "the imperatives driving each side and the incompatibility of their [landlords and tenants interests as they currently conceived them" (Ibid: 26). BULL, Philip. 1996, Land, politics and nationalism: a study of the Irish land question. Dublin: Gill & MacMillan.

perceber o caráter maligno da condução dos interesses ingleses na Irlanda e em opor-se-lhes à altura, donde movimentos como a Young Ireland e o dos fenianos ganham um aspecto de necessidade, trilhando os caminhos que a perfídia inglesa requer. A Land War, que grassou nos anos oitenta do século XIX, e a Land League liderada por Michael Davitt - sendo que boa parte do crescimento político de Parnell e do seu Home Rule / Irish Parliamentary Party se deveu à associação com Davitt e com a estrutura da Land League -, são vistas, como se poderia esperar, de forma semelhante por MacManus; e não sob o viés socialista, que era a perspectiva explícita de Davitt. O'Connell fora, sem dúvida, um formidável líder. Parnell mostrar-se-á, contudo, o mais capaz de utilizar o jogo parlamentar em benefício dos "reais interesses nacionais". É sintomático que o capítulo sobre o período final de Parnell se intitule "Fall of Parnell and of parliamentarianism" (Ibid: 659). MacManus associa, como a maioria dos autores, o início da queda de Parnell ao escândalo provocado por sua citação, como corespondente ou corresponsável, no processo de divórcio movido pelo Captain O'Shea contra sua mulher Katharine O'Shea, logo depois Mrs. Parnell. Todavia, não elabora a questão moral nem o papel que a hierarquia católica irlandesa teria tido na promoção de seu fim político, como na biografia 'clássica' de Parnell feita por F.S.Lyons (1991¹²⁰). Embora trate com algum pormenor dos bastidores parlamentares, inclusive os do Irish Party, e por vezes seja crítico das oscilações de Gladstone a respeito da liderança de Parnell, tampouco considera, como Ford (1978¹²¹) faz, que o 'fim' de Parnell e da crença irlandesa no jogo político em Westminster deva ser entendida nesse plano. A nítida sensação que o capítulo passa é que o esforço em resolver a 'questão irlandesa' pela via parlamentar estava, em si e a

¹²⁰ LYONS, F.S.L. [1977] 1991, Charles Stewart Parnell. London: Fontana Press (Harper Collins).

¹²¹ FORD, Trowbridge H. 1978, A. V. Dicey and the destruction of Parnell. Éire-Ireland, XIII: 2. Samhradh-Summer, 1978. pp.17-45. Ford, como o título do artigo indica, quer demonstrar a relevância do papel de parlamentares opostos ao Irish Party tanto no entrave a políticas 'pró-Irlanda' em Westminster - "Dicey was instrumental in helping cause the Liberal split over the first Home Rule bill" (1978: 19) - como no jogo paralelo de 'bastidores', incluindo-se a suposta ocultação por Dicey que os documentos que indicavam a participação de Parnell nos assassinatos de Phoenix Park eram falsificados; documentos estes ligados à criação da "Parnell Comission" e a um rumoroso processo entre Parnell e o *The Times*. O alvo de Ford, como explicita, é Lyons, tanto a biografia ainda agora mencionada como um trabalho anterior: LYONS, F.S.L. 1960, The fall of Parnell, 1890-91. London: Routledge. Segundo Ford, Lyons considera que "Parnell's fall was self-inflicted, bordering upon suicide" (Ibid: 18). Apontando para um aspecto particular da contenda entre revisionistas e nacionalistas, ao mesmo tempo em que clama por uma 'autonomização' da política como via explicativa, Ford acrescenta: "The trouble with this explanation is that while its historiography is popular, and its message is highly reassuring to pro-English audiences, it misunderstands important political relations, developments and conditions. Lyon's explanation exhibits the danger of assuming that things happening in society represent social factors, and that they are fairly independent of politics" (Ibid: Ibid). Uma consequência curiosa da tese de Ford é que A.V.Dicey - que o autor apresenta como um personagem desprezível, vira-casaca, manipulador, influenciável, apenas preocupado em 'salvar a própria pele', megalomaníaco e a quem quase ninguém dá atenção - teria desempenhado um papel fundamental no "destino de uma nação" (Ibid: 45) e que, assim, o principal erro de Parnell, e da Irlanda, fora não ter-se dado conta do poder de tais figuras, tão antitéticas a seus firmes princípios e ações políticas nacionalistas.

priori, embora nem O'Connell nem Parnell sejam 'culpáveis' por não estarem cientes do fato, condenado ao insucesso. MacManus, assim, inscreve Parnell junto com O'Connell na 'memória irlandesa', ambos, porém, na medida em que acreditaram no jogo fátuo da política parlamentar na ilha adjacente, abaixo dos que comungaram, com "seu sangue", da caminhada pela libertação: "Irishmen are kind to the memory of Parnell. He sinned, and he was punished. No other man - not even O'Connell - always excepting men who had sealed their allegiance to Dark Rosaleen with their blood - was more dearly beloved by the Irish Catholic people than this Protestant" (1990: 664). Com a morte de Parnell acaba também qualquer dúvida a respeito de obter sucesso, ainda que relativo - como o representado pela Home Rule - em Westmister. O Irish Party cinde-se em vários: o de Dillon, o de O'Brien, o de Healy e o de John Redmond, que se auto-denomina parnelita. Quando o partido se restabelece como uma única entidade e, finalmente, o Home Rule Act aprovado terá que entrar em vigor - tendo sua aplicação postergada pelo início da I Guerra Mundial -, no Norte Edward Carson e os orangistas já haviam evidenciado que não aceitariam nem tal arremedo de independência de independência de independência de de independência de

A maré havia mudado por completo e irreversivelmente: "National consciouness was awakening" (Ibid: 667). Os fenianos e a Land League não estavam mais movendo suas batalhas em relativo isolamento. Com a evidência de que Westminster não faz parte do cenário político efetivo, o Irish Parliamentary Party - que, inclusive, defende a participação dos irlandeses nos regimentos ingleses na I Guerra - perde qualquer representatividade que pudesse ter. O Sinn Féin de Arthur Griffith adentra com toda a força, para MacManus também por evocar o passado glorioso que ele próprio gastou metade do livro para destacar e que, finalmente, voltara a animar a "imaginação popular": "a vision of historic Ireland, that traditional nation whose heroes were not the orators of College Green but the O'Neills and the Fianna and the chivarly of the Red Branch. (...) / Hence Irish politics began forthwith to reflect the mind of the real Irish race" (Ibid: 685). Com a criação da Gaelic League em 1893,

¹²² É curioso notar que, embora essa ênfase seja relativamente comum, Foster, num dos vários textos que escreveu ligados a Parnell, também escolha destacar sua proximidade com os católicos: "something rarely stressed enough about Parnell himself, perhaps because we view his career backwards, through the clericalized politics of the Split: that is, his easy friendships with Catholics and his lack of bigotry". Ao que imediatamente acrescenta, "He represented a belief in the possibilities of a future pluralist Irish identity - unrealistic as that may have been in contemporary terms" (1995: 60), aspecto que conecta ao papel do local na carreira de Parnell, que de certa forma constitui o argumento principal desse artigo. FOSTER, Roy. [1993] 1995, Interpretations of Parnell: the importance of locale. in: *Paddy & Mr. Punch:* connections in Irish and English history. London: Penguin Books. pp. 40-61.

¹²³ MacManus recusa-se a atribuir qualquer importância à lei de Home Rule que então finalmente entraria em vigor: "In 1914 a so-called 'Home Rule' Act was passed - empowering the Irish people to play at a 'Parliament' in Dublin, whose enactments could be vetoed by either the British Lord Lieutenant or the British Parliament - or ruled illegal by the High Court of Justice! Also it provided that Ireland's finances should chiefly remain in England's hands!" (1990, op.cit.: 666).

"by slow degrees the Irish people were taught to rely on themselves, to rebuild their ancient, though shattered civilisation, to rediscover their soul as a people, and confront the world as an ancient, cultured and dignified race, and no longer an obscure beggar seeking for English doles" (Ibid: Ibid).

Entretanto, MacManus vai, como se poderia esperar, dissertar sobre a literatura irlandesa dando ênfase à que foi escrita em irlandês, começando pelos Four Masters que, no século XVII, escreveram os *Anais* baseados nos manuscritos antigos que recolheram. Preocupa-se em exaltar a produção existente até o período em que escreve e inicia o subcapítulo "The literature of Anglo-Ireland" com uma frase que é, por completo, Corkery: "Gaelic Ireland is the real Ireland, the secret Ireland" (Ibid: 678). Apesar disto, admite que "Anglo-Irish literature is not undistinguished body of work", embora precise reiterar que "Even down till the end of the last century, English-writing authors in Ireland mostly came of a caste partly separated from the mass of the people" e que "Only in our own days has Ireland been genuinely articulate in the English language, and the best of modern Anglo-Irish literature owes something to English literature, while failing to express certain unstranslatable elements of Irish-Ireland thought and feeling" (Ibid: Ibid)¹²⁴. O problema básico para MacManus é não deixar de fora por completo, apesar de convenientemente envelopá-los sob a rubrica de "escritores coloniais", autores do século XVIII como Molyneux - cujo *Case of*

¹²⁴ O ponto é, talvez evidentemente, bastante controverso. Richard KEARNEY pertence ao meio acadêmico irlandês e suas obras costumam ser razoavelmente polêmicas. Um trabalho, nem tão recente, dos mais contestatados foi a coletânea, que editou e introduziu, 1985, *The Irish mind*: exploring intellectual traditions. Dublin: Wolfhound Press. Na "Introdução" (pp. 7-38), Kearney situa-se de modo explícito na linhagem de ideias perfilhada por MacManus e que viria de Douglas Hyde. Os termos e as questões específicas podem ser diferentes - e há uma sofisticação epistemológica em Kearney a cujos requintes MacManus está alheio - mas a ideia base é a mesma, a da existência de uma "mentalidade irlandesa" específica, preocupação a qual, na opinião de Kearney, poderia exatamente ser retraçada ao *Irish Revival*:

Both these positive and negative strategies of discrimination had as their attendant aim the provision of an ideological vindication of colonial domination in Ireland. The Irish Revival, when it finally flowered in the early decades of this century, operated on a number of fronts - linguistic, literary and political - to counteract the colonial prejudice against, among other things, the Irish mind. The revival's campaign to liberate the Irish from their incarcerating colonial self-image was pursued with the idea of reconquest, but reconquest no only of territory but more fundamentally of mind (1985: 8).

Kearney recusa a distinção entre "poetas e filósofos" e, indo além, conclui sua "Introdução", recorrendo a *One way street* de Walter Benjamin, com uma profissão de fé que tem, do meu ponto de vista, grande relevância:

In the field of Irish intellectual history which concerns us, this means accepting our tradition as a medley of rupturing, irregular and often suppressed perspectives (...).

To interrogate this plurality of conflicting interpretrations is to open ourselves to those other, often occluded possibilities of being ourselves from which our constricting present may have alienated us. Hence the necessity for an openended hermeneutic which Benjamin describes as a 'science of history whose subject matter is not a tangle of purely factual details, but consists rather of the numbered group of threads that represent the weft of the past as it feeds into the warp of the present'. Such a hermeneutic disengages us from the reifying predeterminism of history; it sidesteps both the historicist cult of a pre-ordained continuum and the post-modernist cult of arbitrary fragmentation, in order to engage us with genuine questioning (Ibid: 37-38).

Ireland, afinal, foi condenado à fogueira -, o suposto nacionalismo de Berkeley além de seu crédito como filósofo, os próprios escritos de Grattan e os do inevitável herói 'nacional' Wolfe Tone, afora Swift, Goldsmith e Sheridan; até porque pode então clamar a inexistência de quaisquer dúvidas a respeito do 'cunho irlandês' dos mais hodiernos Oscar Wilde e Bernard Shaw, num sentido análogo ao da tese de Kiberd do 'adicional' fornecido pela 'experiência irlandesa': "The flexibility of style which marks Anglo-Irish prose writers, particularly the dramatists, is traceable to the animation of Irish conversation, which in turn is attributable to our bilingual conditions" (MacManus Ibid: 680). Os outros autores, apesar de membros da Ascendancy, tampouco podem ser descartados. Afinal, trata-se de homens como Thomas Davis e John Mitchell e seus textos e poemas, apesar de escritos em inglês, "have never been excelled as patriotic" e claramente propunham "the return of Gaelicism" (Ibid: 681); o mesmo ocorrendo, embora talvez em menor grau, com Clarence Mangan e Samuel Ferguson. Thomas Moore, Maria Edgeworth e, sobretudo, Carleton são menos relevantes; este último pela razão, 'evidente' para MacManus, de que o "anti-Irish bias" de seus contos "renders them displeasing to modern readers" (Ibid: 682).

A influência de D. P. Moran e, além dele, do ideal gaélico e agrário que será marca de De Valera - a existência de uma correlação efetiva não é um problema que se coloque -, também é nítida no texto de MacManus: "The centre of gravity in national life changed from the anglicised towns to the rural population, sturdy, unspoilt, patriotic, virile, the offspring and living representatives of the tradition Gael" (Ibid: 685). O Levante da Páscoa de 1916 e o próprio Padraig Pearse são encarados na mesma linhagem mista, de ações nacionalistas que adequadamente passam ao largo da política parlamentar, por definição inglesa, e de recuperação do gaelicismo. Há um ligeiro tom de cautela na avaliação dos escritos de Pearse, que "expound a philosophy that sets the Irish cause in the light of a tremendous religious mission" (Ibid: 695) e na medida em que, assim, vão além das convicções de Corkery e Moran, das quais MacManus partilha sem restrições, ao prescindir até de nomeá-los. MacManus não chega, em momento algum, a ser crítico da historiografia empreendida por Pearse, embora, de fato, a narre como sendo de Pearse e não inteiramente igual à que ele próprio arrolara, sobretudo no que toca à evidência do 'nacional irlandês':

Pearse held that English commercialism was the wickedest thing that ever corrupted the hearts of great nations. Irish nationality, on the other hand, he saw as a sacred trust, committed to the race by God, who spoke through Tone and Mitchel and Davis and Lalor as the Four Evangelists of Ireland, and was crucified in Robert Emmet, who made the supreme sacrifice to keep the spirit of the nation alive. Every generation, Pearse said, must make protest in blood against foreign dominion; otherwise Ireland's claim to independent nationhood would be annulled" (Ibid: Ibid).

IX

Antes de por um ponto final no comentário sobre *The story of the Irish race*, é importante referir que se toca aqui num aspecto central da argumentação nacionalista: a tentativa de mesclar a visão historiográfica que se cristalizou e ganhou largo curso, MacManus como vocalizador paradigmático a quem escolhi dar particular atenção, com os ideários que basearam cada um dos vários levantes e movimentos que grassaram no século XIX e início do XX - esforço, comum aos dois tipos de imaginário, de garantir que tudo é parte e deriva da mesma 'luta de libertação'. Numa das contestações de maior denodo do ideário revisionista, Desmond Fennell claramente assume a suposta pertinência desse nexo, que o revisionismo historiográfico tentaria negar:

No, we are told, Ireland had been brought to its present pass in the North by theories of revolution, of nationality, and of history, which we Irish had entertained and must now reexamine; the present dire situation had been caused, in other words, by *ourselves*, by the ideas and convictions inspiring our freedom struggle, by our nationalism. The cause of the present evil was not the wrong mind and action of British imperialist nationalism, but the wrong ideas and action of our liberationist nationalism (1994, op.cit.: 185).

A historiografia revisionista critica, não sem razão, o amálgama produzido, que subentende a afirmação que os irlandeses, sempre que o fossem - ou seja, sempre que dignos desse título -, almejariam 'libertar-se' das 'garras inglesas'; que até hoje teriam claro que esse foi o fito perseguido pela 'raça' e portanto a memória que há que manter viva. Quase que de imediato, contudo, os autores revisionistas acrescentam que essa ideia não só seria falsa como teria um potencial belicoso; em particular, nas últimas décadas - que também correspondem à eclosão do debate historiográfico sobre revisionismo e anti-revisionismo - de alimentar o conflito na Irlanda do Norte.

Do alto da sua certeza no "triunfo do revisionismo na historiografia acadêmica irlandesa" - um nítido ufanismo *whig*, aqui aplicado do ponto de vista de seu próprio lugar no terreno acadêmico -, Roy Foster afirma que "events in the island since 1969 have both emphasized the power of ideas of history, and the time it takes for scholarly revolutions to affect everyday attitudes" (1995, op.cit.: 18-9). No artigo "A new history of Ireland", publicado inicialmente em 1968-9, Moody é mais moderado e, assim, mais modesto no tocante às supostas "revoluções acadêmicas" como independentes de um público relutante em perfilhá-las. Para Moody, houvera uma "rapid change in the intellectual climate of Ireland, which has become incomparably more favourable to the historian's reconstruction of the Irish past" (1999a, op.cit.: 46). Neste sentido, acredita que "the reading public is following the lead of historians in breaking away from servitude to national myths and instead has taken to

studying them" (Ibid: Ibid), assim colocando "new questions for the historians to answer" (Ibid: 46-7). Escrevendo antes - na verdade praticamente na véspera da eclosão - dos troubles na Irlanda do Norte, não deixa de considerar que o "changing climate of opinion also owes much to the impact of the ecumenical movement in Ireland" (Ibid: 47). Num artigo posterior, baseado num pronunciamento de 1977, Moody também se queixa que o efeito da "nova historiografia (...) on the public mind appears to be disappointingly slow", que "has been making its impact on the teaching of history in the schools all too slowly" (1999b¹²⁵: 86). Moody acredita na capacidade desmitologizadora da historiografía que produz - apesar de, nem tão otimista assim, afirmar que "the mental war of liberation from servitude to the myth is an endless, and it may be an agonising, process" (Ibid: 86). Aliás, neste último pronunciamento elabora a "descontrução" de nove "mitos capitais" da história irlandesa. O último que considera, "o mito da 'nação predestinada" (Ibid: 84), teria sido "revived by the Provisional I.R.A. in its irredentist war to abolish partition. Like the Fenians, they have no doubt of their moral right to wage war" (Ibid: 85). Este argumento de refutação em particular, mas também o relativo aos demais mitos, é conduzido, assim, sob a perspectiva dos 'males' presentes que tais apropriações poderiam causar. Haveria pois que libertar a história, verdadeira, tirando-a do jugo da mitologia o que, quase que moto contínuo, a despiria de qualquer potencial danoso: "it is not Irish history but Irish mythology that has been ruinous to us and may prove even more lethal" (Ibid: 86).

Foster, com seu triunfalismo academicista, não tem quaisquer dúvidas a respeito do revisionismo que professa e, em consequência, que as demais 'ideias sobre história', erradas no seu essencial senão no seu todo, para mais padecem do pecado adicional de fomentar o cotidiano; papel que a historiografia 'correta' não só deveria parar de desempenhar como também poderia encarar com desdenho - e, com efeito, não se trata mais apenas de considerar que a 'história em si' seria despida de tal potencial, como para Moody. Através deste afastamento, Foster descarta qualquer preocupação com o aspecto enfatizado por Garvin, já referido, de que "a falsificação popperiana não é capaz de destruir um mito" (1995, op.cit.: 6). Com efeito, Foster constrói sua argumentação do alto de um cientificismo de tom popperiano, de um academicismo que, não obstante, pode ser encarado como insinuação de um "mito mais apropriado" (Garvin Ibid: Ibid, para a expressão e para a ideia de substituição) e com o qual - fato que não assume - tentaria suprimir 'mitos' anteriores. Moody parece, em certa

-

¹²⁵ MOODY, T. W. [1978] 1999b, Irish history and Irish mythology. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 71-86. Baseado num pronunciamento que fez na Dublin University History Society a 10 de maio de 1977 e publicado inicialmente em 1978, *Hermathena*, 124, 1978. pp. 7-24.

medida, acreditar no poder do falsificacionismo contra o mito. Tanto ele como Edwards partilham da ideia de que a "'história'" é uma "continuing, probing, critical search for truth about the past" (Moody 1999b, op.cit.: 85). A colocação de Maley sintetiza bem a posição desses propositores da geração anterior à de Foster: "In most revisionist historiography, 'myth' means popular misconception, 'history' is truth and 'ideology' is reactionary thought, usually nationalist" (1999¹²²6: 22). Para Moody, todavia, essa "contínua busca pela verdade", apesar de válida em si mesma, dá-se em conjunturas que tornam não só a pesquisa como, sobretudo, a 'aceitação popular' dos resultados mais ou menos propícia. A tarefa de tornar a "verdade sobre o passado" conhecida é vital para Moody, exatamente porque os mitos teriam efeito sobre o presente. Assim é que - apesar de nem Moody nem Edwards parecerem dar-se conta das implicações dessa pretensão - boa parte da 'nova versão' sobre determinados eventos que irá emergir encontra-se inevitavelmente voltada para refutar o que os historiadores em questão julguem ser os mitos, a-históricos, duradouros portanto, que sobre eles incidem.

Voltando ao ponto da versão nacionalista que referi no início desta seção, tanto Foster quanto Moody e Edwards, para ficar nos três casos, se mostram incapazes de perceber modulações e variantes no nacionalismo. Ou seja, embora partindo de plataformas específicas a respeito da historiografia e do seu papel, bem como do 'caráter da história', encaram o ideário nacionalista sob uma forma unitária, idêntica àquela que afirmam constituir o principal 'erro' da versão nacionalista; ao modo de um único mito, que só poderia ser refutado no seu conjunto - até porque, reverso evidente da medalha, presume-se que os nacionalistas, historiadores nacionalistas aí inclusos, o acatariam no seu conjunto. Se quisermos colocar noutros termos, a recusa da diversidade de que os nacionalistas são acusados - que, como tentei mostrar, nas versões historiográficas apontadas como nacionalistas só se torna a tônica no discurso referente ao período após as invasões normandas e inglesas - é a mesma que revisionistas aplicam à consideração do nacionalismo; neste caso, o 'outro lado', de fato, afiando facas, negando complexidade e, portanto, votandose para constituir um inimigo e uma contenda, como se algo inevitável. Terry Eagleton, num texto sobre Roy Foster, com o estilo preciso e irônico que tão bem esgrime, assim traça a dependência que o revisionismo teria com relação ao nacionalismo: "Just as the relativist is a closet absolutist and the cynic a topsy-turvy metaphysician, so the revisionist historian is too

¹²⁶ MALEY, Willy. 1999, Nationalism and revisionism: ambiviolences and dissensus. BREWSTER; CROSSMAN; BECKET; ALDERSON (eds). 1999, *Ireland in proximity*: history, gender, space. London and New York: Routledge. pp. 12-27.

often an inverted mirror-image of the traditional nationalist. (...) so that what sets out as a rectifying of the record ends up as yet another skewing of it" (1994¹²⁷: 2). Seamus Deane, num de seus textos anti-revisionistas mais conhecidos, afirma que existe semelhança entre as duas versões. Fá-lo, todavia, acusando os revisionistas de efetivamente defenderem um nacionalismo, o britânico, inclusive sob a forma da "teoria das duas nações" associada ao unionismo no Norte: "Revisionists are nationalists despite themselves; by refusing to be Irish nationalists, they simply become defenders of Ulster or British nationalism, thereby switching sides in the dispute while believing themselves to be switching the terms of it" (1999¹²⁸: 242).

Até parece que estamos num dos "reinos de terror e virtude" próprios das revoluções, como paradigmaticamente 'anatomizadas' por Crane Brinton, embora talvez tenha sido o 'campo revisionista', inclusive pelo tipo de 'linguagem' acadêmica' eleita, que definiu a existência de uma batalha: "The opponents of these revolutionists are not just political enemies, not just mistaken men, grafters, logrollers, or damned fools; they are sinners, and must not merely be beaten - they must be wiped out. (...) If there is but one truth, and you have that truth completely, toleration of differences means an encouragement to error, crime, evil, sin" (Brinton 1965, op.cit.: 194). O que os proponentes da versão revisionista não conseguem entender é a mesma coisa de que os nacionalistas irredentos - o Sinn Féin / IRA apresentado como seu símbolo mais frequente nas últimas décadas - supostamente tanto se queixam: a dificuldade de encontrar sustentação para suas teses ou ações. A ideia simples, de que não se trata de nenhuma revolução e que, portanto, o terçar de armas e as afirmações de monopólio da história é que estão isolados tanto do presente como das múltiplas possibilidades de apropriação do passado, parece fora de cogitação para os dois. Para voltar a recorrer à terminologia direta de Brinton, é como se ambos os lados insistissem em encarar revoluções ao modo da "escola das circunstâncias" ou da "escola conspiracional", negando a possibilidade de uma combinação; a percepção que, quando ocorrem, "revolutions do grow from seeds sown by men who want change, and that these men do a lot of skillful gardening; but that the gardeners are not working against nature, but rather in soil and in a climate propitious to their work; and that the final fruits represent a collaboration between men and nature" (Ibid: 86). Ou, noutros termos, como se ambos recusassem a constatação de Garvin, que "In the end, a political myth dies when it loses its spiritual hold on the minds of men and

-

¹²⁷ EAGLETON, Terry. 1994, A postmodern punch. *Irish Studies Review*, No. 6, Spring 1994. pp.2-3.

¹²⁸ DEANE, Seamus. [1991] 1999, Wherever green is read. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history*: the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 234-45. Publicado inicialmente em Ní DHONNCHADHA, Máirín and DORGAN, Theo (eds). 1991, *Revising the Rising*. Derry: Field Day. pp. 91-105.

women" (1995, op.cit.: 6) e não por uma decisão de 'especialistas' nem por um resultado, jamais definível, de uma contenda que entre si estabeleçam; a qual parece arrastar-se há mais de três séculos, não obstante as diferentes roupagens dos atores em cena.

Não é de espantar, portanto, que historiadores revisionistas se ressintam da falta de eco das suas 'descobertas'; o que, é claro, só os torna mais tenazes no seu revisionismo, na sua luta contra a 'mitologia nacionalista' - e novamente o paralelo com movimentos de luta armada na Irlanda do Norte, inclusive os que se inspiram de modo mais acrítico nessa 'mitologia nacionalista', é flagrante. Na medida em que, como Foster, proclamem que "revoluções acadêmicas" ocorreram independentemente de outros desenvolvimentos e que se auto-legitimam, perdem a possibilidade de analisar - para não dizer de simplesmente dar-se conta do fato - o apelo 'popular' diverso dos variados elementos historiográficos, inclusive da historiografia nacionalista - e, na prática, ainda que, por vezes, sob diversas inversões, também no seio da academia. Para colocar doutra maneira, é como se validassem o 'tempo mítico', não se apercebendo que 'a história avançou' e que não se está mais exatamente lutando 1916 - ou 1690, 1912, para referir 'o Norte'. Em 1916, como Garvin coloca com precisão, "Many on all sides fought for visions of political freedom. That does not mean that we are somehow committed to the realizations of their visions by their self-sacrifice; (...). That is exactly as Pearse or Connolly, in *their* more lucid moments, would have wished it; in their different ways, they wanted us to be free" (1991129: 28); itálico no original. É apenas saindo desses isolamentos - e da correspondente fixação num 'inimigo' simplificado, que torna seu autor num sujeito também monolítico - que será possível empreender a tarefa de refletir, isto no próprio terreno 'acadêmico', sobre os efeitos da historiografía para além da mera rigidez acusatória; nos moldes, por exemplo, do que Ó Tuathaigh propõe, um

study of popular historical consciousness in Ireland over the *longue durée*, with a view to establishing what constituted this 'consciousness' at different times, in different forms, to different purposes (...); what the evidence is for continuities and discontinuities, and what implications will follow (...) for our assessment of the dynamics of popular politics in Ireland in the modern period (1999¹³⁰: 324).

Apesar da excessiva preocupação de Bradshaw, no seu artigo inicialmente publicado em 1988-89 que 'reanimou' o debate em torno do fazer historiográfico, com garantir a vitória da 'via nacional' - para dar conta da "dimensão catastrófica da história irlandesa", que postula - e da sua presunção que a historiografía pode lidar com "a totalidade da experiência histórica

¹²⁹ GARVIN, Tom. 1991, The rising and Irish democracy. Ní DHONNCHADHA, Máirín and DORGAN, Theo (eds). 1991, *Revising the Rising*. Derry: Field Day. pp. 21-8.

¹³⁰ O TUATHAIGH, M.A.G. (1999) [1991], Irish historical 'Revisionism': state of the art or ideological project? BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 306-26.

irlandesa", cabe referir sua proposta neste contexto: "the alternative lies (...) in (...) combining a fully critical methodology in the analysis of the evidence with a more sensitive response to its content' (1999, op. cit.: 215). Bradshaw, aliás, prefere centrar fogo em Roy Foster e Fanning, além da peculiar querela com Steven Ellis, preocupando-se com trazer autores, como Joe Lee, para o panteão dos que partilhariam de uma compreensão adequada da história da Irlanda e abrindo mão, desta maneira, de estabelecer uma 'conexão' revisionista entre Lyons, Foster e Lee, como enfatizada, por exemplo, por McCartney (1994, op.cit.: 137). Tanto Ó Tuathaigh, entre outros 'não-revisionistas', como Bradshaw insistem em mostrar seu domínio e partilha do valor de 'cientificidade' na prática historiográfica, no caso de Bradshaw num certo caráter de 'verdade'. Em outro artigo, Bradshaw defende a adoção do "historicismo", na linha de Collingwood, que tornaria "possível ser tanto objetivo quanto engajado" e "to practise constructive revisionism, to expurgate the received account of Irish history of its myths without depriving the community of their heritage" (1994¹³¹: 41). Ou seja, ao menos em parte, Bradshaw não abre mão de advogar que os historiadores deteriam uma enorme primazia e, portanto, responsabilidade pelos efeitos e rotas que a 'transmissão da história' seguiria. Brian Murphy, num texto em que claramente partilha do historicismo de Bradshaw, mostra-se mais sensível ao simplismo por vezes envolvido no tratamento do 'mito': apesar de afirmar que o mito pode ser "historicamente errado", não deixa de considerar que uma "idea of myth (...) shapes our mind, our individual identity, and our community bonding" (1994¹³²: 73). Além disso, Murphy lembra com propriedade um aspecto, talvez evidente em outros 'contextos nacionais', que "if the past can shape the present, so too present events may fashion our interpretation of the past" (Ibid: 76). Ainda assim, vai-se dedicar à crítica do Modern Ireland de Foster, porque, segundo Murphy, como o próprio Foster teria afirmado, a produção históriográfica tem "consequências históricas e políticas" (Ibid: 74), poderosas e destacadas. Deste modo, até autores contemporâneos que avançam críticas à presunção de Foster de uma "revolução acadêmica", não conseguem mitigar a importância de sua própria tarefa de historiadores e acreditam continuar a deter a capacidade de determinar eventos em outras esferas, a da política em particular - para a qual, aliás, configurações são definidas; muito nos termos provocativos com que Laffan inicia seu artigo

¹³¹ BRADSHAW, Brendan. 1994, Revising Irish history. Ó CEALLAIGH, Daltún (ed). 1994, *Reconsiderations of Irish history and culture*. (Selected Papers from The Desmond Greaves Summer School, 1989-93). Dublin: Léirmheas for The Desmond Greaves Summer School. pp.27-41.

¹³² MURPHY, Brian P. 1994, Past events and present politics - Roy Foster's 'Modern Ireland'". Ó CEALLAIGH, Daltún (ed). 1994, *Reconsiderations of Irish history and culture*. (Selected Papers from The Desmond Greaves Summer School, 1989-93). Dublin: Léirmheas for The Desmond Greaves Summer School. pp.72-93.

"Insular attitudes": "Shelley saw poets as the unacknowledged legislators of the world. Some years ago a prominent historian [Michael Howard] disagreed with him and (predictably?) ascribed that role to historians" (1991¹³³: 106). Fanning é outro autor que, após outorgar a Roy Foster o papel de liderança do 'movimento' - no seminário sobre revisionismo que incluiu a colocação de Desmond Fennell no sentido oposto, parte da qual foi transcrita antes -, reitera, com uma presunção e do alto de um tom supostamente irônico análogos aos de Foster, que a função dos historiadores seria a de "escrever a história", no "sentido objetivo": "But then 'revisionism' is merely a cloak covering the real indictment. For it is not the rewriting but the writing of history, in the objective sense, that offends. The truth is that writing history involves repudiating myths and legends" (1988134: 16). A incompreensão diante da tarefa, a única adequada a historiadores dignos desse nome, de tentar "escrever a história" e, assim, a própria atribuição do epiteto de revisionistas derivaria, portanto, da total falha em compreender que o que já foi feito não pode, jamais, ser considerado 'história', tomado como uma historiografia digna; isto até por, exatamente, as questões - e os autores coetâenos ao desenrolar dos eventos, cujo descarte Fanning intenta de forma mordaz - mais controversas serem as cronologicamente mais próximas: "much of the history of the most central and controversial period - the twentieth century revolution and its afertmath - has yet to be written, never mind rewritten. Indeed historians charged with revisionism may derive amusement as well as satisfaction by simply asking their accusers what historical works are they indicted with revising" (Ibid: Ibid).

Nesses esforços de garantir que o seu lugar na contenda é o único legítimo, a possibilidade de interseções, de 'fertilizações cruzadas' se for permitido o termo, entre diferentes áreas e, sobretudo, entre diversos 'níveis de saber' histórico, simplesmente não é colocada. Menos ainda a de encarar os vários discursos e disputas como material significativo em si e a de, como Eagleton sugere, por as historiografias acadêmicas também sob discussão: "Revisionists are absolutely right to louse up nationalist paranoia with the facts. But in doing so, they are often enough wrong at a deeper level - at the level of a world-view, a whole set of

¹³³ LAFFAN, Michael. 1991, Insular attitudes: the revisionists and their critics. Ní DHONNCHADHA, Máirín and DORGAN, Theo (eds). 1991, *Revising the Rising*. Derry: Field Day. pp. 106-21. Laffan coloca-se claramente contra a crítica nacionalista à historiografia revisionista, como fica claro na conclusão do artigo: "In the future we may even face a pattern whereby nationalist and republican critics devote less attention to criticizing the way in which the history of Ireland's revolutionary years has been written, and tackle the more formidable problems of writing some of that history themselves; that they may become the new revisionists. They are welcome to their label" (1991: 121).

¹³⁴ FANNING, Ronan. 1988, The meaning of revisionism. *The Irish Review*, No. 4, Spring 1988. pp. 15-9. A publicação na *The Irish Review* correspondeu a trabalho apresentado em seminário sobre "Revisionism on Irish history", ocorrido em 24 de setembro de 1987, na University College Dublin.

implicit valuations, which their discourse usually places out of bounds as an object of legitimate critical debate" (1997, op.cit.: 7). No que pode parecer paradoxal, a presunção tanto de 'deter a verdade' como de 'afetar os acontecimentos' de maneira privilegiada acaba por estar ligada a um isolamento da historiografia irlandesa, que é tão mais notável quanto se trate dos períodos mais próximos: o longo século XIX, sem dúvida, mas, sobretudo, os eventos, a partir do Levante de 1916, que conduziram à Guerra Civil e que são vividos como diretamente ligados ao presente da Irlanda. Isolamento da própria multiplicidade de apropriações da história, nesse país onde parece de fato constituir-se num terreno privilegiado da política encarada num sentido amplo. Isto está associado a que nenhum discurso, seja ele o acadêmico ou o que visa à ação política, incluindo a armada ou o esforço por negar-lhe validade, detenha monopólio sobre as 'historiografias' correntes. Terry Eagleton certamente tem razão quando afirma que "It's a myth (...) that the Irish are all obsessed with their history" (1999¹³⁵: 99) - frase do trecho a que já se recorreu no prelúdio a este capítulo da tese. A obsessão - e a recusa em considerar que, no limite, cada irlandês ou cada interessado na Irlanda tem leituras, parciais, próprias, recompostas e mutantes, da história da Irlanda, que inclusive incorporam vertentes historiográficas contemporâneas - talvez só permaneça, com efeito, entre quem julga 'saber' o que é a história e, portanto, crê que pode existir e ser usada de modo unilateral, como uma arma, independentemente dos sujeitos nos quais os relatos ofertados encontram eco e transformação. A democracia irlandesa acabou por ser tributária do 'espalhamento' da história, de seu 'excesso' de certa maneira, que impediu - contrariamente ao credo nacionalista e revisionista - que fosse apropriada de um modo único, que, este, recusa flexões, dissensos e a incorporação de fontes múltiplas. Aliás, é esse o sentido subjacente às colocações de O'Faolain que vimos no capítulo anterior. Embora, na Bell e em The Irish, por vezes utilize uma linguagem própria do nacionalismo cultural - que, por isso mesmo, transforma num dos seus oponentes -, o que preocupa O'Faolain é mostrar as ambivalências, para não falar no potencial autoritarismo sempre presente, de um discurso único e, deste modo, de uma leitura única da história e do presente da Irlanda que, na verdade, nega existência aos sujeitos concretos, os isola e trata de forma excludente, ao instituí-los através de um imaginário que cria.

Bradshaw, na diatribe particular que mantém com Ellis nesse artigo que detonou o debate historiográfico recente, coloca que, para Ellis, a "escola moderna da historiografia irlandesa" é um "produto da conjuntura política" (1999, op.cit.: 196). Segundo Ellis, assim

¹³⁵ EAGLETON, Terry. 1999, *The truth about the O'Irish*. Dublin: New Island Books.

considera Bradshaw, a "escola moderna" teria emergido após 1922, como a "sort of intellectual adjunct. Its function, in short, was to create and propagate of version of Irish history responsive to the ideology of the triumphant nationalist monoculture" (Ibid: Ibid). Ellis refere-se, é claro, à historiografia nacionalista, que equaciona com o nacionalismo ferrenho e monolítico. Bradshaw imediatamente descarta tal ideia, inclusive através do recurso a historiadores eminentes do período, como Art Cosgrove, cuja prática acadêmica estava longe de tais pretensões. No lugar disso, o que se percebe em Cosgrove, como exemplo, é "the ideology of professionalism which has gained increasing hold on Irish historical shcolarship for the past half-century and more" (Ibid: 197). O fenômeno que interessa a Bradshaw é o desenvolvimento do que denomina historiografia "value-free", a que se opõe, que teria tido como principais patronos Theo Moody, Robin Dudley Edwards e David Quin - este último a partir da Queen's University em Belfast. A explicação que avança é, portanto, de outra ordem da de Ellis. Não teria havido produção nenhuma de ideólogos por parte do Free State, sobretudo no seio da academia. A sua queixa com relação aos três é que lhes faltara originalidade efetiva, eles não teriam sido "philosophically reflective" nem "intellectuals in the manner that the founding fathers of the literary revival amply revealed they were" (1994, op.cit.: 31). Isto se deveria à "desilusão generalizada" que teria caracterizado os anos 30, em comparação com o entusiasmo das prolíficas décadas entre 1890 e 1920 do revival literário: "There had recently been a dreadful civil war which was followed by a period very different from those heady days leading up to the achievement of the Free State in 1921/22. Society was generally divided and unsettled. And the 1920s culminated in an economic decline of catastrophic dimensions" (Ibid: Ibid). Tais 'ambiente' e incerteza é que teriam levado os historiadores a aceitar acriticamente a nova voga na historiografia inglesa, liderada por Namier e Butterfield. A hipótese de Bradshaw é razoavelmente convincente e, de fato, tem a grande vantagem sobre a de Ellis de tentar relacionar as transformações na historiografia acadêmica com as que haviam ocorrido na cena política e social. Tampouco postula uma historiografia nacionalista, monolítica, do tipo que Ellis acredita que teria existido e que Bradshaw considera que não tem qualquer respaldo na realidade. Contudo, em seus artigos sobre o tema, Bradshaw não se dedica a explorar as características, as mudanças e o papel que a versão nacionalista da história teve no período talvez porque seu objetivo inclua a recuperação das dimensões "catastrófica", "trágica" e "heróica" da história irlandesa, que afirma serem centrais e cujo significado a 'nova escola' e o revisionismo não perceberiam e que até mesmo negariam. Assim é que a possível abrangência dos textos de Bradshaw ressente-se da cruzada que move contra a hegemonia do

cientificismo na historiografia irlandesa a partir da década de 30. Condu-lo a esquecer que a apropriação nacionalista da história não foi anulada pela Guerra Civil - que não houve meramente um reverso do que Ellis pressuposera - e, desta forma, que a questão pode ser bem mais ampla do que, como por vezes parece querer, fomentar um novo nacionalismo na historiografia, que leria - criticamente é claro, mas lá encontraria inspiração - e teria como modelo possível a produção das "décadas entusiastas". Bradshaw às vezes insiste que os 'irlandeses' seriam nacionalistas de per si e que aí residiria a causa do "worrying credibility gap between the historical profession and the public" (Ibid: 39). A 'nova historiografia', a espécie de 'nacionalismo crítico' que propõe, não só eliminaria esta distância como, do alto do seu papel de provedora de coerência, restauraria, num todo harmônico e mais ciente dos caminhos a trilhar, o nacional irlandês. Uma das decorrências possíveis desta concepção é, de modo semelhante ao dos revisionistas ferrenhos, afirmar a priori o que a historiografia é - no caso deveria ser - e o que as outras versões, do 'público', sobre história são; quase que mera inversão no alocar de 'mocinhos e bandidos'. Por mais que na proposta e nas análises de Bradshaw haja, e creio que de fato há, um esforço maior de incorporar outras dimensões e atores à reflexão sobre os rumos da historiografia, não se percebe ainda um transporte desse esforço, de modo denso e efetivo, para a reflexão acadêmica. Mantêm-se postulados sobre o 'público' e sobre o papel dos historiadores, o que faz com que as várias versões, seus componentes, ambiguidades e espaços de vocalização não cheguem a adentrar o discurso historiográfico. Por outro lado, essa assunção de um 'fundo de nacionalismo' no 'público' irlandês também pode estar associada a definições simplificadas de unidade, impedindo, quanto mais não seja, que se percebam as modalidades e as formas como o próprio nacionalismo, admitindo-se sua razoável extensão, é operado e funciona no tecido social e político e nas variadas apropriações da história.

X

MacDonagh, num artigo menos citado do que a maioria dos demais que constam da coletânea editada por Brady sobre o debate em torno do revisionismo historiográfico, após lembrar que a ambiguidade é própria dos processos políticos, chama a atenção para a que caracterizaria o nacionalismo na Irlanda, "that most political of societies" (1999¹³⁶: 105). Para

⁻

¹³⁶ MacDONAGH, Oliver. [1981] 1994, Ambiguity in nationalism: the case of Ireland. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 105-21. Conferência proferida em Adelaide, em maio de 1980, inicialmente publicada em *Historical Studies* (Melbourne) 19. 1981. pp. 337-52.

ele, em boa parte essa ambiguidade reflete, é uma "mirror image of British attitudes towards Ireland" (Ibid: Ibid). MacDonagh considera que, de algum modo, o processo teria estado em ação desde o período Tudor, embora vá dedicar-se a analisar sobretudo movimentos e personagens do século XIX. Uma das funções que esse jogo desempenhou foi o de "overleap the fence, never too stout or straight in Ireland, between pacific and violent agitation" (Ibid: 113). A percepção da ambiguidade como aspecto central da operação do nacionalismo permite assim que se reconheça, como já vimos Goldring destacar, que "the orthodox Irish anthitheses, constitutionalism and physical force, Home Rule and a republic, open and covert organisations, and the rest, are in some respects misleading" (MacDonagh, Ibid: 120). MacDonagh - no que talvez se aproxime, provavelmente sem querer, de Kiberd - insiste que a 'situação colonial' teria estado na origem dessa permanente indefinição, que coloca para os pesquisadores a "more difficult but also more truly fundamental problem of determining the reality in the ambiguous" (Ibid: 121). Kiberd, em última análise, como observamos no capítulo anterior, acredita que o 'sofrimento da colonização', pelas ex-colônias inglesas mas também por países como a Argentina ou do Caribe, forneceria um adicional, uma 'capacidade' que, no caso da Irlanda, teria contribuído para o seu 'gênio' na literatura. MacDonagh não cai nessa armadilha de assumir uma espécie de 'traço', com razoável grau de fixidez, que se incorporaria ao 'espírito' irlandês e afirma: "The ambiguities of a people in a colonial state are not constants, but reflect dualisms inherent or potential in almost every individual in that community" (Ibid: 120). Ao enfatizar que a ambiguidade seria peculiar a "essa comunidade", ao "estado colonial", não deixa de se aproximar, contudo, do contexto de leitura de Kiberd, que Peter Berger, por exemplo, ao discorrer sobre o conceito de Erving Goffman de "distanciamento do papel", bem situou: uma "espécie de duplicidade [que] constitui a única forma pela qual a dignidade humana pode ser mantida na consciência pessoal de pessoas em tais situações", quando são obrigadas a desempenhar "papéis [que] possuem um significado que (...) interiormente rejeitam" (1998¹³⁷: 151). Nem MacDonagh nem Kiberd estão tratando propriamente da representação deliberada de papéis sociais mas, de qualquer forma, ambos mantêm que a ambiguidade, num caso, e um certo 'gênio', no outro, se deveriam a ter existido uma 'situação de colônia'; quase que por uma ênfase excessiva na história em MacDonagh e pela crença no seu 'desaparecimento' e 'superação', uma vez findo o mal do colonialismo, em Kiberd. Embora com maior sofisticação, é uma linha de ideias que se aproxima da de "caráter nacional", tal como expressa com singeleza

¹³⁷ BERGER, Peter. [1963] 1998, *Perspectivas sociológicas*: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes.

por Connery: "There were times in their history when their Irishness was all they had left. It was their whistle in the dark, their built-in survival kit. They became expert at passive resistance. They would slip and slide like blobs of quicksilver under a thumb. It is what makes the Irish so unsettling to the foreigner with an orderly mind. They seem so mentally untidy" (1968¹³⁸: 83).

A ideia central de MacDonagh é, fora de qualquer dúvida, extremamente útil para compreender os desenvolvimentos políticos irlandeses e as facetas de que o nacionalismo e o próprio 'nacional' se revestiram. O problema que persiste, todavia, é de que sua abrangência é maior do que a que MacDonagh acaba por lhe atribuir, ao ceder ao suposto império fático da 'situação colonial'. O autor inicia o texto com a afirmação: "Ambiguity is inherent in the political process" (1999, op.cit.: 105). Por que não estendê-la aos demais processos sociais ou, no limite, se quisermos entrar no jogo, aceitar que quase todos os 'países' passaram por experiências de colônia e que, no seio deles, a 'colonização' de pessoas e grupos é, essencialmente, uma constante - em que pese a mudança na alocação concreta de que se revista -, encobrindo, inclusive, a perspicaz colocação de Geertz a respeito de Burke e da Inglaterra da qual teria sido o maior ideólogo? Voltando a Peter Berger - e a razão principal pela qual se recorreu ao seu 'manual clássico' -, ele coloca: "desde que se acentu[e](...) o adjetivo 'essencial' ", "não existe diferença essencial entre a pessoa comum e aquelas acometidas pelo distúrbio que a psiquiatria chama de 'personalidade múltipla' ". Há, porém, constantes pressões externas e internas sobre as pessoas "no sentido de mostrarem coerência nos vários papéis que desempenham e nas identidades que os acompanham", uma obrigação que se "apresente ao mundo uma imagem razoavelmente coerente" (1998, op.cit.: 121). Noutras palavras, o risco que se corre ao usar a categoria ambiguidade como se estivesse atrelada à 'experiência colonial' é perder dimensões e variantes, inclusive as presentes no nacionalismo irlandês. Mais ainda, pode implicar em não se conseguir explorar o suficiente a relação que as manutenções 'externas' de coerência, no período em torno do Free State de 1922 mas até hoje, tiveram com a persistência continuada de multiplicidades, de "personalidades múltiplas" para usar a referência de Berger, e com a possibilidade de seu exercício no tecido político e social; o que constitui, a meu ver, uma chave para o 'sucesso democrático' irlandês e que torna significativo escrever a pretexto da Irlanda.

De Valera, o personagem com que MacManus como que encerra *The story of the Irish race*, é, para um 'observador externo', um poço de ambiguidade. Talvez não por acaso, os

¹³⁸ CONNERY, Donald S. 1968, *The Irish*. London: Eyre & Spottiswoode. O capítulo de onde a citação foi extraída intitula-se "National character".

propositores da historiografía revisionista como que passem ao largo do personagem., embora haja notáveis exceções. 139 Com ele, em parte sai-se do tempo mais comum da historiografía para nos aproximarmos do da história vivida: De Valera morreu em 1975 e manteve-se influente na cena política praticamente até uma década antes. Parte da brincadeira do livro *O'Machiavelli* de John O'Byrne é ser constituído por cartas do imaginário ex-deputado e exassessor de um Taoiseach (primeiro-ministro) O'Carolan a "The Chief" - que, fica claro para qualquer um que tenha um conhecimento mínimo da política irlandesa do século XX, não é outro senão De Valera. Numa das cartas, O'Carolan reflete sobre a 'máxima', quase desnecessária de referir ao "chief", de que "in politics, inevitably, you have to put aside previous personas and reinvent yourself with a new vigor" (1996¹⁴⁰: 33). No belo poema "De Valera at ninety-two", Brendan Kennelly coloca-o como uma dentre as várias vozes do livro:

Some say I started a civil war. / There are those who say I split the people. / I did not. / The people split themselves. / They could not split me. / I think now I was happiest when I taught / Mathematics to teachers in their training. / (...) / Here was a search for harmony, / The thrill of difficulty, / The possibility of solution. / (...) / I remember my grandfather / Telling of his brother's burial in Clare. / The dead man was too tall / To fit an ordinary grave / So they had to cut into a neighbour's plot, / Break the railing round a neighbour's grave / To bury a tall man. / (...) / I think of my own people, the tall man, / Their strange words, the land / Unmoved by all our passions about it, / The land I know from shore to shore, / The Claremen roaring their support / And all the odds and ends / (What was that word he had for them?) / Scattered on my grandfather's kitchen floor" (1990 141 :144-6).

De Valera, de fato, provavelmente jamais se percebeu como um personagem manipulador, ambíguo, capaz de sempre realinhar seus discursos ou mudar seu percurso - como alguém mais cínico diria - de acordo com as conveniências, inclusive da sua muito longa carreira política. É mais do que possível que De Valera se visse, ao invés, como um poço de coerência, embora - e esse é um aspecto que aflora melhor no poema de Kennelly do que em qualquer outro texto que tenha visto sobre ele - essa crença se dirija prioritariamente a si mesmo, de certa forma ímpar no meio dos demais, gerador de desmembramentos apenas enquanto parte da linhagem dos "homens altos". Há um trecho famoso de um dos discursos que De Valera pronunciou nas tempestuosas sessões do Dáil - entre 14 de dezembro de 1921 e 10 de janeiro de 1922, sobre a ratificação ou não do tratado assinado com a Inglaterra do

¹³⁹ Penso aqui em FERRITER, Diarmaid. 2007, *Judging Dev*: a reassessment of the life and legacy of Eamon de Valera. Dublin: Royal Irish Academy e, particularmente, FANNING, Ronan. 2015, *Éamon de Valera*: a will to power. London: Faber and Faber.

power. London: Faber and Faber.

140 O'BYRNE, John. (1996), *O'Machiavelli (Or how to survive in Irish politics)*. Dublin: Leopold Publishing.

141 KENNELLY, Brendan. 1990, *A time for voices*: selected poems, 1960-1990. Newcastle upon Tyne: Bloodaxe Books. Os poemas foram extraídos de livros ou coletâneas publicados entre 1963 e 1990 mas Kennelly não indica a data em que cada poema foi escrito. Uma das referências subjacentes ao poema é a altura de De Valera, mais de 1,90m, fato incorporado à historiografia, inclusive de teor mais 'popular'. Um exemplo desse recurso extremamente frequente à altura de Dev, é um livro que busca traçar em paralelo as biografias de De Valera e de Michael Collins: DWYER, T. Ryle. [1998] 2006, *Big fellow, long fellow*: a joint biography of Collins and de Valera. Dublin: Gill & Macmillan.

primeiro-ministro Lloyd George, documentação que foi liberada na década de 70 do século XX¹⁴², onde De Valera evoca sua infância em Limerick como garantidora da completude que o une ao âmago da Irlanda. O discurso foi proferido na sessão no Dáil, na tarde da sexta-feira 06 de janeiro, em que De Valera renunciava ao cargo de "(Príomh Aire) Presidente do Comitê Executivo" - bem como de Presidente do Primeiro Dáil, criado em janeiro de 1919, mês que marcou também o início da guerra anglo-irlandesa, pelos deputados eleitos em dezembro de 1918, que se recusaram a assumir seus cargos em Westminster -, cargo que era, na compreensão dele e do grupo que o acompanha, de 'Presidente do Comitê Executivo da República da Irlanda'; no qual tinha sido empossado a 1o de abril de 1919, na segunda sessão do Dáil Eiréann. De Valera defende sua posição, contrária à aceitação do tratado, alegando uma espécie de omnisciência sobre o ser irlandês: "The first fifteen years of my life that formed my character were lived amongst the Irish people down in Limerick; therefore, I know what I am talking about; and whenever I wanted to know what the Irish people wanted I had only to examine my own heart and it told me straight off what the Irish people wanted (Ó Corráin, comp., 2000¹⁴³, op.cit. : 274).

De Valera, como é sabido, não se incorporara à delegação que foi negociar um tratado em Londres, por outro lado ordenando a Michael Collins que a chefiasse, junto com Arthur Griffith, no que é vulgarmente considerada uma de suas 'manobras' políticas¹⁴⁴. De Valera defende o 'Documento No. 2' - ao qual, até hoje, setores do Sinn Féin se apegam, numa espécie de disputa que, de fato, tem grande analogia com as que eram comuns no campo marxista em torno das Internacionais -, que enviara à delegação, como o limite aceitável a que

¹⁴² Esse trecho, apesar de mencionado com certa frequência, não consta nem da compilação de citações de excertos de discursos feita por MacAonghusa nem do *Great Irish Speeches* de McLoughlin, livro este que não tem nenhum intento laudatório explícito, o que já não se pode dizer sobre o de MacAonghusa. O livro de McLOUGHLIN, Michael, já foi antes citado no capítulo, é: 1996, *Great Irish speeches of the twentieth century*. Dublin: Poobelg. O outro livro é: MacAONGHUSA, Proinsias (Compiler and Introducer). 1983, *Quotations from Eamon de Valera* (With a Preface by Charles J. Haughey, TD). Dublin and Cork: The Mercier Press. Após uma busca cuidadosa de Eoin O'Néill, encontrei, todavia, uma referência a parte do excerto em O'CLERY, Connor. 1986, *Phrases make history here:* a century of Irish political quotations, 1886-1986. The O'Brien Press: Dublin, à p. 74.

¹⁴³ Trata-se da compilação eletrônica das sessões do Dáil sobre o Tratado feita no âmbito da University College Cork, como já referido.

¹⁴⁴ No *The Oxford Companion to Irish history* (op.cit., 1999), no verbete "Valera, Eamon de", a movimentação política de De Valera nesse período é assim descrita:

After his return from America in December 1920, de Valera's relationship with Michael Collins, who had effectively masterminded the IRA campaign in his absence, came under strain as differences emerged over the conduct of the Anglo-Irish War. These were accentuated when de Valera decided not to lead the Irish delegation that negotiated the Anglo-Irish treaty. There have been two opposing interpretations of this decision. The more hostile view is that he allowed Collins to take the responsibility for what he knew would be a partial surrender. His own explanation was that by staying in Dublin he could better preserve national unity and ensure general acceptance of any agreement reached (: 577).

se poderia chegar e que fora, segundo ele, largamente ultrapassado no Tratado. Fá-lo com base na 'certeza' a respeito do "que o povo irlandês queria", que teria baseado suas propostas, e em nome de poder recusar, uma vez e sempre, "technically or otherwise", ser um "British subject, and please God I will die without ever being one" (Ó Corráin Ibid: Ibid). Quer inserir-se na 'história de resistência' - e o marco próximo, inevitável pode-se dizer, é o Levante de 1916 - que, assim, também funciona como doadora da coerência que acredita perseguir: "I, therefore, am holding to this policy, first of all, because if I was the only man in Ireland left of those of 1916 - as I was Senior Officer left - I will go down in that creed to my grave. I am not a member of the Irish Republican Brotherhood, but I hope when I die I will get a Fenian grave" (Ibid: Ibid). Para De Valera, toda a sua carreira se apresenta como uma 'sequência natural', imersa numa continuidade maior, e em momento algum se trata de 'conversão', nos moldes por exemplo de John Henry Newman, como descrito na Apologia Pro Vita Sua¹⁴⁵. Na apreciação de si próprio, De Valera encara-se, sem qualquer pejo de modéstia - talvez por essa 'incorruptibilidade', essa coesão de que se julga constituído, provinda das várias fontes do 'nacional' irlandês que o banhariam - como o único personagem que teria sido capaz de agregar em si "the political headship and the military

__

¹⁴⁵ De Valera, como já referido, nascera em Nova Iorque, filho de pai espanhol e mãe irlandesa, tendo sido mandado muito pequeno para Limerick, onde cresceu. Acredita-se que sua nacionalidade americana foi razão de peso para não ter sido executado junto com outros líderes do Levante de 1916. A conversão de Newman, que chegará a cardeal católico, torna-o, sintomaticamente, junto com o fato de 'ser inglês', figura algo reverenciada mas difícil de alocar no panteão do nacionalismo irlandês, de forte ênfase católica. Pode-se pensar, inclusive, que isto constitua uma das explicações para o quase 'desaparecimento' da biografia dele, Newman's Way, escrita por O'Faolain (publicada em 1952), tão mais notável quanto foi excelente a fortuna de duas outras que redigiu, sobre Hugh O'Neill (de 1942) e Daniel O'Connell (de 1938), livros até hoje republicados e vendidos em grande número e quanto, aspecto também relevante, o sucesso das sobre a Condessa Constance Markiewicz (de 1934) e sobre o próprio De Valera (de 1939) foi bem menor. Vale aliás, nesse contexto, referir o que Lynch comenta: "Newman's Way, (...) is the best of Mr. Ó Faoláin's biographies, perhaps the best of all his books; (...). Part of the fascination of his earlier biographical subjects lay in their varying shades of ambivalence, in the elasticity of their minds and the serpentine processes of their thought. For his new subject, however, he uses none of the old biographical apparatus" (1953: 628-9). LYNCH, Patrick. 1953, O Faolain's Way. The Bell: a magazine of Ireland to-day. March, 1953. pp. 628-31. A Apologia foi inicialmente publicada em 1864 e sua redação sobretudo motivada por uma provocação do reverendo Charles Kingsley, incluindo apreciações sobre as consequências na Irlanda, de supostas declarações teológicas de Newman. A edição de que disponho é: NEWMAN, John Henry. [1864] 1977, Apologia Pro Vita Sua. (Precedida por "A Correspondence between Mr. Kingsley and Dr. Newman" e por "Reply to a Pamphlet Lately Published by Dr. Newman" pelo "Rev. Charles Kingsley"). Glasgow: Collins (Fount Paperbacks). Munira Mutran destaca, como Lynch, que O'Faolain teria mudado seu 'estilo' como biógrafo em Newman's Way: "As soon as the story begins, we realize that the emphasis is in a fluent narrative. The biographer 'reconstructs' his sources, and thus enlarges the distance between himself and a historian" (2000: 104). Mutran aponta ainda um outro aspecto relevante para a discussão em pauta, desta feita claro na própria Apologia, o da 'auto-concepção' por Newman como alguém dividido, divisão que representa uma questão a ser resolvida apenas através do transcendente, diferentemente do que, como se vem apreciando, ocorre com De Valera. A Apologia "is a history of his soul and intellect, a spiritual autobiography (...), the description of a split self between two opposing forces. In being restricted to the religious battle it omits other important aspects of the multiple self mainly due to the belief in the wholeness of being which can be reached with the help of Divine Being" (Ibid: 101). MUTRAN, Munira H. 2000, Newman by Himself; New Man, by O'Faolain. ABEI Journal: The Brazilian Journal of Irish Studies, Number 2, June 2000. pp. 98-106.

headship; and it was the combination of these two - the military headship which represented the true aspirations of the Irish people, the headship of those who stood definitely for the Republic which was established in 1916 unequivocally, and the political headship - which enabled the two sides to work together" (Ibid : 272). Para ele, no momento em que essa combinação saiu da sua pessoa, a divisão se instituiu no Dáil: "I saw at once that we had for the first time in this Dáil got parties" (Ibid: 274); reclamação que parece um eco direto de David Hume, do que De Valera decerto não tinha consciência. Nesta 'fase', De Valera como que recusa validade ao jogo político comum. Afinal, é a "liderança militar" que representa "as verdadeiras aspirações do povo irlandês". Trata-se, como nos 'sete séculos de dominação', de lutar contra o jugo do governo britânico, de jamais ser seu 'súdito', e de, quando muito, aceitar um grau mínimo de 'política', assim mesmo se submetida às "aspirações" nacionais.

De Valera vai responsabilizar o 'governo inglês', desta feita o de Lloyd George, pela assinatura do tratado, fazendo um uso discursivo peculiar da ameaça inglesa de reabrir a guerra na Irlanda, agora com força total, a menos que se obtivesse um tratado dentro de certos termos. A divisão, inclusive como expressa no seio do Dáil, deixa, por esta via, de ser encarada como autóctone para, mais uma vez, ter sua autoria alocada na 'maldade' da soberania inglesa. Só muito raramente os 'ingleses' ou os 'britânicos', enquanto 'povo', são culpabilizados; aliás, no mesmo sentido que já notámos na versão de MacManus. Em geral, os monarcas são o alvo até ao século XVIII. Compatível com sua perda de poder na própria cena inglesa, a "real complaint of successive generations of Irish patriots" deixa de ser "against the monarch in person" para dirigir-se "against the actions of the British cabinet, the Westminster parliament and their perceived servants in Dublin Castle" (McNally 1999¹⁴⁶: 38). De um ponto de vista mais genêrico, isto se encaixa na ideia de que o domínio só ocorreu pela supremacia militar, pela força bélica superior, sem outra fonte de legitimidade. Não haveria, pois, absorção 'cultural' nem se poderia falar de semelhanças que sustentassem a existência ou a manutenção de laços políticos - nos termos do tratado, a permanência de

¹⁴⁶ McNALLY, Patrick. 1999, 'The whole people of Ireland': patriotism, national identity and nationalism in eighteenth-century Ireland. BREWSTER; CROSSMAN; BECKET; ALDERSON (eds). 1999, *Ireland in proximity*: history, gender, space. London and New York: Routledge. pp. 28-41. Note-se que McNally se refere aqui à variante dos "patriotas" que, no século XVIII, era composta sobretudo pela elite protestante e professava adesão à coroa inglesa. Como o autor menciona, "Only after the achievement of legislative independence in 1782 did patriotism begin to develop truly 'national' characteristics as some Protestant patriots began to contemplate a relaxation of the penal laws against Irish catholics." (Ibid: 32). McNally também observa que a progressão, essa 'nacionalização' do patriotismo, foi lenta e que teve imbricações muito peculiares com os nacionalismos do século XIX na Irlanda. De qualquer forma, creio que essa transposição na alocação da 'maldade' da soberania inglesa da coroa para o 'governo', quando a referência é a esse período e aos que se lhe seguem, é traço nítido das versões nacionalistas do século XX.

submissão legal à coroa britânica, inclusive na condução de 'assuntos externos'. 147 Na perspectiva de De Valera e na versão nacionalista que o acompanha, tratou-se de domínio militar e, assim, é no terreno militar, nas "lideranças militares" - das de 1916 ele, De Valera, é o remanescente direto, o que não foi executado - que o nacional se exprime. A política é um terreno, quando muito, menor, que se torna espúrio no momento em que divisões emergem, que "partidos" se evidenciam no Dáil; e a respeito do que rapidamente cabe garantir que o governo da Grã-Bretanha é culpado. Como De Valera expressa numa carta ao Arcebispo de Melbourne, em novembro de 1922, quando a Guerra Civil já estava em pleno curso e tanto Arthur Griffith como Michael Collins tinham morrido - Griffith de 'morte natural' -, para que o lado 'militar' prossiga como lídimo, para que essa leitura do nacional permaneça, é imprescindível encarar "the national right and the national destiny as (...) a religion" e recusar "the selling of the national birthright for an ignoble mess of pottage" (apud Mac Aonghusa, comp., 1983, op.cit.: 31). Há, assim, que descartar o Tratado e a política correlata do Dáil; Dáil que, segundo De Valera, se viu cindido - se tornou político no sentido mais propriamente dito - com a aceitação por parte de seus membros da possibilidade de oposição interna, de uma divisão na leitura do, e segundo ele causada pelo, 'opressor'. É curioso notar que poucos meses antes, como Lee e Ó Tuathaigh lembram, De Valera se comportara como um "realista" na aceitação da existência da Irlanda do Norte como uma entidade razoavelmente à parte. Quando negociou pessoalmente com Lloyd George o armísticio, em julho de 1921, De Valera encarara a partição como um fato e procurou persuadir o Dáil de que não era possível proceder, por enquanto, contra a existência da Irlanda do Norte: "He concluded that rhetoric must make way for reality. He was not going to risk the chance of independence for the South simply because the North existed" (1982¹⁴⁸: 91). A rejeição de De Valera parece, portanto, assentar no procedimento do 'nacional interno' sob o cunho da política, da divisão, e na crença que o conflito redundará na perda do ímpeto 'independente'; isto pela associação que faz entre identidade e unidade, só sustentável se um líder, como ele, contiver as diferenças.

_

¹⁴⁸ LEE, Joseph and Ó TUATHAIGH, Gearóid. 1982, *The age of de Valera* (Based on the Television Series). Swords (Co. Dublin): Ward River Press in association with Radio Telefís Éireann.

¹⁴⁷ Entre parênteses, pode-se salientar, que as instituições políticas formais, 'herdadas' do período do 'domínio inglês', não sofrerão modificações - nem mesmo quando da formulação da Constituição de 1937, vigente até hoje, que De Valera submete a plebiscito - e que o próprio sistema eleitoral, o PR-STV, fora introduzido na Irlanda pelo governo inglês, em 1918; embora De Valera de fato tenha, sem sucesso, proposto em referendo, por duas vezes, alterar o sistema eleitoral ,e membros tanto do Fine Gael como do Fianna Fáil de vez em quando defendam sua modificação. É possível que isto haja ocorrido exatamente por esse universo político não ter sido acoplado à ideia de cultura e de nacional e poder, assim, funcionar como uma estrutura que não há por que contestar, que abriga uma míriade de outras disputas, estas relevantes, inclusive em torno do 'nacional' e de sua feição - como atualizado de maneira mais dramática na Guerra Civil; nesse paradoxo aparente, a estrutura política como que acabou por tornar-se num dos símbolos mais fortes e incontestes do próprio 'nacional'.

De certa forma, parece-se com o efeito em Burke da 'experiência' de Irlanda que, na leitura de Conor Cruise O'Brien que se viu, subjaz a construção, e o temor dos efeitos de 'abstrações', por ele tecida da Revolução na França.

Ainda em termos de aproximações, mas desta feita de caráter especular, vale lembrar que a presunção de uma alteridade bastante radical entre a Irlanda e a Inglaterra encontra eco na construção sobre os irlandeses popularizada na Inglaterra desde Geraldus Cambrensis no século XII, passando, por exemplo, por Spenser no XVI e que se manifesta no século XIX, entre vários outros autores, em Matthew Arnold, como quando este coloca, algo ironicamente, no seu Culture and anarchy, a respeito de um estereótipo de feniano, que "He is evidently desperate and dangerous, a man of a conquered race, a papist, with centuries of ill-usage to inflame him against us, with an alien religion established by us at his expense, with no admiration of our institutions, no love of our virtues, no talents for our business, no turn for our comfort!" (149 apud Lyons, 1982, op.cit.: 4). Na mesma época em que Matthew escreve, Lord Salisbury assim se manifesta em 1886, a propósito da reivindicação nacionalista por Home Rule: "The confidence you repose in people will depend something upon the habits they have acquired. Well, the habits the Irish have acquired are very bad. They have become habituated to the use of knives and slugs which is wholly inconsistent with the placing of unlimited confidence in them" (apud Boyce apud Kissane 2002¹⁵⁰: 1). Novamente a classificação de Winston Churchill da liderança do Sinn Féin, quando o partido se divide em relação ao Tratado em 1922, segue a mesma linha: tratava-se de "terroristas irlandeses", homens "naturalmente voltados para imitar Trotsky e Lenin" (Kissane Ibid: Ibid). Na opinião de Tom Garvin, os membros da "tradição separatista" irlandesa partilhavam de misturas, de "síndromes ideológicas" comuns a várias correntes políticas europeias do período. De qualquer forma, o fato de haverem estado excluídos do poder - exercido por uma Grã-Bretanha que tende a representá-los como, no mínimo, incapazes para o jogo político, como se referiu - teria feito com que ocorresse "a rather pathological divorce between political dreams and a low-grade, unambitious empiricism developed in the political sub-culture of separatism. Even pragmatic minds like those of Griffith and Collins tended to be infected by the impulse to retreat to political dreamworlds" (Garvin 1987¹⁵¹: 118). É nesse contexto que, "As all groups, with the exception of Griffith's little cabal, had in common a horror of

¹⁴⁹ ARNOLD, Matthew. [1867], *Culture and anarchy, with Friendship's Garland and some literary essays*. pp. 121-2.

¹⁵⁰ Lord Salisbury a 15 de maio de 1886, citado em BOYCE, D.G. 1972, *Englishmen and Irish Troubles*: British public opinion and the making of Irish Policy 1918-22. London. KISSANE, Bill. 2002, *Explaining Irish democracy*. Dublin: University College Dublin Press.

¹⁵¹ GARVIN, Tom. 1987, Nationalist revolutionaries in Ireland, 1858-1928. Oxford: Clarendon Press.

English society, whether that horror was derived from romantic anti-commercialism, clerical moral puritanism, or Marxist anti-imperialism, the normal stereotypes of left and right became apparently irrelevant. (...) All they had in common was radicalism" (Garvin Ibid: 124). Além da partilha de radicalismo também houve a de um mesmo gênero de "incoerência", dado que, afora exceções como o socialista James Connolly, "uma figura de certa forma isolada e não representativa" (Ibid: 135), os revolucionários estavam familiarizados com apenas duas linguagens políticas, a do liberalismo democrático britânico e a do catolicismo internacional, o que fez com que "All Irish radicals had to enter into an 'uneasy alliance' with one or the other, or even devise a synthesis of both, as one of the cleverer, Éamon de Valera, eventually did. Liberalism and Catholicism made it difficult for people to articulate fascist or Marxist ideas, as these were not on the culture's 'agenda'. In this the Irish were very British" (Ibid: 124).

No dia seguinte ao da renúncia de De Valera ao cargo de Príomh Aire, a 07 de janeiro de 1922, o Dáil aprovou, por 64 votos contra 57, o Tratado estabelecendo o Irish Free State. Na sequência, Arthur Griffith é candidato ao cargo. De Valera opõe-se, alegando que isto representaria a aceitação de uma dubiedade intolerável, "he is supposed with the right hand to maintain the Republic and, with the left, to knock it down". Griffith se tornaria "Doctor Jekyll and Mr. Hyde in the matter. He cannot do it. No matter what Mr. Griffith says or undertakes to do, every Republican in the country will be suspicious of every act he is taking in the name of the Republic" (Ó Corráin, comp., 2000, op.cit.: 291). De Valera esteve longe de ser o único mas certamente foi um dos principais responsáveis pelo deflagrar da Guerra Civil, a que se voltará. Neste discurso, ele como que vaticina a ruptura, ao mesmo tempo que, ao formular a profecia, se exime de responsabilidade pelo seu cumprimento. Em parte, a síntese que Garvin considera que De Valera foi capaz de processar entre liberalismo democrático e catolicismo internacional ainda não era parte do cenário, só ganharia contornos claros na década de 1930. O que De Valera crê então que afloraria seriam dissenssões, rupturas, opostos cuja possibilidade de conciliação só podia ser confiada a um futuro - ainda a desenhar-se - e nele próprio. A representação acusatória inglesa como que está presente, De Valera parece que presumia que se "partidos" se instalassem no Dáil, se houvesse manifestação de diferenças, os acontecimentos confirmariam as predições britânicas, de Winston Churchill inclusive. Um redesenho ainda não aconteceu - vai ser um dos resultados da Guerra Civil, como se apontará - e De Valera teme permitir a existência de um curso dos acontecimentos que vá além de si, do norte que afirmava a que era preciso se apegar, no caso a forma república. Ele, De Valera, podia agregar em si os 'dois lados', uma vez que a

primazia do 'nacional militante' seria mantida e, mais, que com isso a divisão não se explicitaria. Griffith não pode fazê-lo, até porque sua própria candidatura - e, como ocorreu, condução ao cargo - corresponderia ao desfazer do suposto acordo que existira, 'por sete séculos', quanto ao inimigo ser a 'dominação inglesa' e que De Valera como que acreditava que precisava ser mantido a todo o custo. O transporte 'para dentro' da diferença - no quadro da profecia que traça e cujo cumprimento anuncia - "does not conduce, I hold, to the maintenance of order, (...) it is not to the interests of the country at the present time" (Ibid: Ibid). De Valera crê que a emergência de diferença se traduzirá na construção de um inimigo interno. Na medida em que a impossibilidade de resolver os "partidos no Dáil" no seu próprio personagem - sua explicitação - corresponderá ao ruir da alteridade pré-definida e da unidade, De Valera de fato tinha, se assim se pode colocar, razão. O que De Valera não 'se apercebe' na época - como tampouco o pensamento revisionista que insiste em aglutinar expressões diversas do nacionalismo irlandês como se fossem uma mesma unidade - é que foi exatamente a retirada do nacional da ordem do 'destino' e sua incorporação ao mundo prático, quotidiano, inclusive das múltiplas versões nacionalistas, dos irlandeses, à ordem do vivido se guisermos usar a expressão, que lhe conferiu densidade, existência efetiva; e que acabou por ter nele, De Valera, um líder capaz, inclusive, de operar sínteses políticas que estiveram no bojo do caráter democrático de que esse nacional acabou por se revestir.

A Guerra Civil ocorreu mas, talvez nem seja necessário dizê-lo, não era uma fatalidade. Como em toda 'guerra', inimigos foram construídos e os dois principais partidos políticos até hoje, Fianna Fáil e Fine Gael, correspondem aos dois 'lados opostos' - embora se deva lembrar que, mesmo nessa cartografia simples, o Labour e deputados "independentes" e representantes de interesses dos *farmers*¹⁵² existam desde então. Mais significativo porém - como talvez grande parte das guerras civis evidencie - é que tal construção de inimizade é

¹⁵² Como já mencionadp, o universo agrário irlandês é bastante particular e sua configuração – houve, é claro, alterações desde período do Free State, mas o desenho básico que permaneceu estava definido então - esteve diretamente ligada à Grande Fome e a lutas agrárias que, por seu turno, tiveram uma conexão forte com os acontecimentos políticos e as expressões do nacionalismo no século XIX. Brewster e Crossman assim se referem à Grande Fome e ao nacionalismo que prosperou a partir daí: "A reconfigured and revitalised nationalism prospered after the Famine through a hegemonic alliance between strong tenant farmers who had benefited from land clearances in the 1840s, a growing urban middle class and village tradespeople. This bourgeois nationalism was counterpointed by the declining influence of the Protestant landowning gentry" (1999: 47). BREWSTER, Scott and CROSSMAN, Virginia. 1999, Re-writing the Famine: witnessing in crisis. BREWSTER; CROSSMAN; BECKET; ALDERSON (eds). 1999, Ireland in proximity: history, gender, space. London and New York: Routledge. pp. 42-58. Optou-se por não traduzir farmers, por proprietários agrícolas, por exemplo, exatamente para chamar a atenção para essa especificidade. Vale notar, todavia, que, na sua maior parte, se trata de propriedades rurais de 'tamanho médio' e que essa 'classe' de certo modo detém uma representação significativa no Dáil, seus interesses normalmente sendo objeto de considerações que vão além do mero discorrer sobre a vantagem de atendê-los ou não. Como na maioria dos países europeus 'ocidentais', tem havido um declínio no número de pessoas ligadas à atividade agrícola e, na Irlanda, às farm em si.

limitada, que, na medida em que não houve nenhuma cisão efetiva - embora seja possível argumentar que, em parte, foi colocada no border, na fronteira criada entre Irlanda do Norte e Free State, inclusive como foi posteriormente interpretado por De Valera -, um 'nacional' não só permaneceu como se revestiu de novas dimensões e quase que ganhou, se assim é possível expressar, a frente efetiva da cena. Nesse sentido, o diverso e seu exercício – no interior, no espaço nacional se quisermos - emergiram como um dado que vai muito além e que tem uma premência muito maior do que a inimizade e a alteridade radicais - do ponto de vista 'prático', de certo modo então transferidos para objetos externos. Na verdade, esse é um dos argumentos da tese, a Guerra Civil evidenciou a impossibilidade de uma solução única, a definição de um modelo estrito como algo a que se precisasse ou devesse aderir. Assim, o próprio fato do debate da época ter-se cristalizado em torno de república ou não foi quase que mero acidente, como a semi-fortuituidade da declaração de mudança de regime em 1948 e sua entrada em vigor na segunda-feira da Páscoa de 1949, ocasião do 33o aniversário do Levante de 1916 - por um governo de coalizão Fine Gael e Labour, além de tudo - evidencia. É como se as próprias sínteses que Garvin menciona, para continuar a usar essa chave, tampouco pudessem ter um rosto fixo, antes devessem ser encaradas como construções precárias, que se vão produzindo na vida política e em grande parte independem de formulações explícitas. Deixou de haver lugar para o isolamento da história preconizado na ideia de 'destino' e para o de grupos ou personagens que julgam precisar controlar e impedir a exibição da variedade no presente – muito embora continuem a manifestar-se, de forma bem sonora. 153

A 'derrota' dos republicanos na Guerra Civil não impedirá De Valera de entrar a arena política propriamente dita e de fazê-lo dentro de ditames democráticos. Em junho de 1922, imediatamente antes da eclosão da Guerra Civil, novas eleições gerais foram convocadas, de acordo com um pacto que fora negociado entre os 'dois lados'. Dentre os deputados então eleitos, do total de 128, 58 eram pró-tratado, 36 republicanos, 17 do Labour, 4 unionistas, 7 do Farmer's Party e 6 independentes. A versão nacionalista que tem em De Valera um patrono indubitável alega, como se poderia esperar, que o partido do Free State rompeu o acordo ao não convocar imediatamente deputados republicanos para se formar um governo de coalizão. A constituição do Free State foi publicada e, mais uma vez, não se tratava do... Documento No. 2. MacManus vocaliza aqui quase que o próprio De Valera: "In England it

¹⁵³ Neste sentido, talvez não seja à toa que o próprio Sinn Féin - o partido vitorioso das eleições de 1918 e 1919, cujo nome em inglês, repita-se, é *ourselves* ou, com maior ênfase, *ourselves alone* -, que De Valera presidia, irá perder ímpeto no Free State e, depois, na República; inclusive a partir do surgimento do Fianna Fáil - que não tem o mesmo sentido de 'destino' preconizado por De Valera para o Sinn Féin -, criado por De Valera, e do Fine Gael como representantes da 'história' da Guerra Civil.

was held as a triumph of British diplomacy. Its terms convinced the Republicans of the impossibility of agreement being reached between them and the Free State party" (1990, op.cit.: 714). Durante a Guerra Civil, numa carta a Joe McGarrity do Clan-na-Gael em Filadélfia, De Valera vai aceitar que o 'seu lado' não está acatando a decisão da maioria: "resistance means just this civil war and armed opposition to what is undoubtedly, as I have said, the decision of the majority of the people" (*apud* MacAonghusa, 1983, op.cit.: 33). A carta é de setembro de 1922 e, na época, ele ainda defende que é necessário resistir porque "If the Republicans stand aside and let the Treaty come into force, it means acquiescence in and abandonment of the national sovereignty and in the partition of the country - a surrender of the ideals for which the sacrifices of the past few years were deliberately made and (...) consciously endured" (Ibid: Ibid).

A tônica é a mesma que já observamos. De Valera lamenta que não se siga a clara política de "Unity against the enemy" e que, assim, haja também, "so to speak, a civil war going on in the minds of most of us, as well as in the country" (Ibid: 34); que não se tenha mais um alvo seguro e definido e que - para ele como decorrência da confusão a respeito da inimizade que o acordo com o Inglaterra suscitou - a divisão se haja instalado até no interior de cada um. O discurso que De Valera fará às "forças republicanas", em 24 de maio de 1923, que de certa forma inaugura o fim da Guerra Civil, é de fato extraordinário em termos de busca de 'coerência' – um início de fim para a "incoerência" a que os revolucionários de certa forma estavam fadados, nos termos de Garvin -, quase que um oposto da avaliação de ambiguidade que um olhar menos atento, para o personagem e sua retórica, suscitaria. De Valera vai afirmar, por um lado, que se trata de uma 'retirada estratégica' e conjuntural, que de modo algum compromete a "sagrada tradição nacional": "Military victory must be allowed to rest for the moment (...). Other means must be sought to safeguard the nation's right. / Do not let sorrow overwhelm you. (...). Much that you set out to accomplish is achieved. You have saved the nation's honour, preserved the sacred national tradition, and kept open the road of independence" (Ibid: 36-7). Por outro lado, ao mesmo tempo em que o desculpa, profetiza que o "nosso povo" dentro em pouco reconhecerá o lado 'verdadeiro' – e o referente temporal, agora, deixara de ser o dos sete séculos de dominação e resistência para ser o dos sete anos que decorreram desde 1916: "Seven years of intense effort have exhausted our people. (...) they are weary and need a rest. A little time and you will see them recover and rally again to the standard. They will then quickly discover who have been selfless and who selfish (...). When they are ready you will be, and your place will be again as of old with the vanguard" (Ibid: 37).

Muito mais do que uma peça de retórica para seus seguidores, este discurso é uma construção da carreira política que perseguirá. Antes de quaisquer acontecimentos, De Valera elabora aqui uma justificativa, um mandato mesmo, para seu retorno à frente do cenário, desta feita no teatro mais formal da política que, com sua entrada, poderia assumir de novo o aspecto 'nacional', de permanente "vanguarda", que nunca fora abandonado à própria sorte. Aliás, o Fianna Fáil vai procurar, durante todo o 'período De Valera' - que dura até 1959, quando Seán Lemass o substitui na liderança da seção parlamentar do partido, De Valera tornando-se Presidente - manter-se como o partido que é 'nacional de fato', como se viu na paródia que Ferdia Mac Anna traça no *The ship inspector*. O retorno de De Valera ao Dáil em 1927 marcou o início da 'normalidade democrática', do ponto de vista institucional, como prossegue até hoje. Vários defensores do republicanismo foram contra a entrada de De Valera na política parlamentar, não mais submetida exclusivamente aos imperativos da 'independência' e 'unidade' nacionais e é importante notar que a 'partição' - entre os vinte e seis condados do Free State e os seis da Irlanda do Norte - teve, para grande parte dessas pessoas, um papel bem mais significativo do que para De Valera quando se opôs ao tratado. De Valera irá todavia, de fato, transformar o seu discurso e tornar-se num defensor da 'unificação', dos 32 condados, inclusive em nome de uma 'naturalidade geográfica', como no discurso - onde refuta legitimidade moral a pretensões imperialistas - que proferiu na Liga das Nações, em setembro de 1935, pouco após a invasão da Abissínia pela Itália: "The Irish nation has no imperialistic ambitions. Though a mother-country, we covet no colonies and desire no dominions. Our sole claim is that the ancestral home of our people, unmistakably delimited by the ocean, should belong to us" (apud McLoughlin 1996, op.cit.: 173).

Numa "family history" a que tive acesso - e 'histórias' semelhantes abundam - é relatado: "X and Y, especially, were involved in Anti-Treaty stuff. Y used to talk about the Pro-Treaty side as 'Willie Cosgraves Murderers'. Once Dev [De Valera] went into the Dail, he never voted again, until 1980 - he didn't recognise the Dail, as it wasn't a 32-County Assembly; Dev had 'sold out' in his opinion. (...). X, also, was political to the end of her life" (1998¹⁵⁴: 12). Aqui "política" tem pois duplo sentido, um deles análogo ao que De Valera lhe atribui ao recusar o Tratado, ao menos no apelo ao Levante de 1916 e na recusa da existência de um Dáil com "partidos". É ao discurso que conduziu à Guerra Civil - cujo fim De Valera acata em 1923, baseado na crença que o lado 'correto' vencerá inevitavelmente e que como

-

¹⁵⁴ Opúsculo intitulado "Family history", datado de fevereiro de 1998. Como de praxe, não cabe fornecer nomes nem de família nem próprios. Não creio que o comentário a respeito dos '32 condados' se deva à data recente do opúsculo; antes que expressa uma posição corrente à época, que o próprio De Valera enfrentou quando defendeu que a 'diferença' da Irlanda do Norte teria que ser encarada como um fato.

que tem por sequência sua entrada e de seu grupo no Dáil em 1927, já sob uma forma 'política', de "sínteses" e coerências, mesmo que longe de evidentes – que os personagens descritos no opúsculo continuam a apegar-se, como se a forma da inimizade interna precisasse deter a primazia, permanecer fora de qualquer dúvida, para além não só das circunstâncias como do próprio tempo, quase uma negação direta da concepção de Maquiavel. O grande sucesso e a longa permanência de De Valera na vida política irlandesa estiveram ligados a sua capacidade de se modificar em torno do tema da independência e da afirmação do nacional na Irlanda, mantendo, não obstante, uma forte roupagem nacionalista; ideia que Fanning (2015, op.cit.) corrobora. Isso, que o transformou numa das figuras chave para o sucesso democrático irlandês, foi também, paradoxalmente, uma das 'razões' mais fortes para a 'permanência da guerra civil' - e da 'exigência' de que a luta contra a Grã-Bretanha fosse mantida – como algo vívido, expresso inclusive na dominância da cena política parlamentar pelo Fiana Fáil e pelo Fine Gael, descendentes dos dois lados que se opuseram na guerra civil, cujo abandono no passado se recusa¹⁵⁵; no que, por outro lado, acabou por ser uma das bases da conformação e da permanência democráticas, pela indecibilidade de uma 'vitória', tanto por ser uma luta que já fora como por sua sequência ter se traduzido nessa indecibilidade mesma de um 'lado vencedor'.

Nas várias construções de De Valera, como no relato de Seamus MacManus, a 'guerrilha' que é movida antes da "guerra anglo-irlandesa" - e, em parte, a ela conduz -, a qual gera a proposta de negociação de um tratado (em julho de 1921), que veio a desembocar no Tratado Anglo-Irlandês, acaba por ser 'esquecida', envelopada na busca da afirmação de unidade, de se trilhar um caminho que teria existido desde sempre; mesmo quando se abandona a exigência de que este corresponda a marcos externos definidos. Num plano óbvio, isso em parte se deve a que De Valera não foi personagem central na guerrilha. Mais do que isso, porém, a guerrilha como que passa a representar o diverso, o variável, o incerto; o que,

¹⁵⁵ Como já mencionado na tese, Brian MOORE é um autor que aborda o tema da 'prisão' inescapável, e opressiva, que a Irlanda, embora de certo modo mais particularmente a do Norte, representa, em alguns de seus romances como [1962] 1994, *An answer from limbo*. London: Flamingo (HarperCollins), [1983] 1995, *Cold Heaven*. London: Flamingo (HarperCollins) e [1990] 1992, *Lies of Silence*. London: Vintage Paperbacks – este último mais diretamente ligado ao IRA e à obrigação de 'agir'. Já John McGahern ocupa-se diretamente com a 'permanência' da Guerra Civil e a quase impossibilidade de não continuar a vivê-la. Para seus personagens, a Guerra Civil e as várias 'entradas' da Irlanda têm que permanecer como 'memória viva' mas, essencialmente, como uma fonte moral; no sentido mais amplo do termo. Se desaparecerem é como se um modo de olhar o mundo, tanto interno como externo e que inclui uma maneira de frear as transformações - a história, passada, recente e do quotidiano -, se esvaisse. Isso de certa forma é oferecido como profundamente distinto do 'modelo inglês' – espelho fixo que continua, todavia, a funcionar como referente -, num sentido análogo ao que De Valera lhe havia dado, como vimos. Exemplo são os livros McGAHERN, John: [1963] 1983, *The barracks*; [1965] 1983, *The dark*; [1978] 1988, *Getting Through*; 1990, *Amongst Women*; bem como vários dos contos de 1993, *The collected stories*, todos eles publicados pela Faber and Faber de Londres. (Quero agradecer muito a Tom Garvin por, logo num de nossos primeiros encontros, me ter posto na pista de Moore e McGahern).

de qualquer forma, escapa da roupagem de um todo unificador, imbuído de justeza moral. Michael Collins foi o principal articulador da 'guerrilha' e é sintomático que esteja basicamente ausente da *Story of the Irish race*. Só 'aparece na história' já como defensor do "pro-Treaty party" (1990, op.cit.: 713), no que é o último capítulo do livro - antes do capítulo de epílogo, constituído por um longo poema que termina com "There shall be peace and plenty - the kindly open door; / (...) / When your splendid Sun shall ride the skies again - / Mo Chraoibhin Cno¹⁵⁶!" (Ibid: 724). A guerrilha foi essencialmente constituída por 'operações de bastidores' mas tanto De Valera e seções do Sinn Féin, incluindo as que tinham conexão direta com a I.R.B. (Irish Revolutionary Brotherhood) e o I.R.A. (Irish Republican Army), como membros 'do público' tiveram ciência e participação em algumas das ações promovidas. Na historiografia nacionalista à la MacManus, o 'desparecimento' da guerrilha coaduna-se, assim, com a negação de legitimidade às atividades que não traduzam o 'nacional' - ao menos o dos vinte e seis condados - da forma unitária e 'republicana' como se o tenta afirmar, equacionado com os atos 'visíveis' que precisariam aglutinar 'todos os irlandeses' e que teria em De Valera sua figura emblemática por excelência.

A Guerra Anglo-Irlandesa - trata-se evidentemente de outra rubrica disputada e "Guerra de Libertação" é termo também usado -, com a ferocidade dos Black and Tans e dos Auxiliaries ingleses, oferece o potencial de agregação 'contra o inimigo' e é perfeitamente adequada a figurar na versão nacionalista que insiste numa 'frente única' contra a 'dominação' inglesa; tendo, pois, razoável destaque na versão de MacManus. Para isso é necessário, contudo, expurgar, pelo menos em grande parte, elementos sobre a continuidade que houve entre as ações 'de bastidores' da guerrilha e as contra as forças inglesas na Guerra Anglo-Irlandesa – para não falar no recurso pelos dois lados a táticas em tudo semelhantes durante a Guerra Civil. A Guerra Anglo-Irlandesa é encarada como tendo sido movida pelo governo de Lloyd George contra um profundamente idealizado Dáil - tanto na versão de MacManus como por De Valera na época - e contra um 'governo' que operaram a partir das eleições gerais de 1918. No relato de MacManus, até a presença de Michael Collins como

¹⁵⁶ O título do 'poema', de Ethna Carbery, que constitui o capítulo LXXXII, espécie de epílogo, é "Mo Chraoibhin Cno". MacManus o introduz como sendo expressão da "radiant Dawn dethroning Eire's dark Night of Sorrow" e, na nota de rodapé sobre o título, escreve, referindo-se à antiga tradição dos *ashlings*, que também inspirou o famoso "Cathleen ni Houlihan" de Yeats: "Pronounced *mo chreeveen no*, 'My cluster of nuts'- my brown-haired girl, *i.e.*, Ireland. During our many dark ages when it was treason for our singers to sing of Ireland, the olden poets sang of, and to, their beloved [Ireland], under many such endearing and figurative titles" (Ibid: 723) — e talvez não seja por acaso que a "mother", com que vimos Conor Cruise O'Brien brincar tão bem, também corresponda à presença de mães, no sentido menos figurativo, que se prestam a representações, inevitavelmente sérias e semi-jocosas, sobre a 'mãe irlandesa' que em muitos aspectos lembram as sobre a 'mãe judia'...

ministro desse 'primeiro governo' se torna um 'não-fato', na medida em que Collins precisará ser associado aos 'bastidores', a uma certa traição à 'vontade e unidade nacionais' - irredentas e públicas, militares no sentido que De Valera emprega nos debates no Dáil -, para poder então ser apresentado como negociador do Tratado e ministro do governo do Free State, após sua aprovação, quando se origina a Guerra Civil; cuja responsabilidade evidentemente não pode recair sobre De Valera. O que emerge, portanto, é a Guerra Anglo-Irlandesa, como, na perpetração inglesa, uma "war of vengeance, unparalleled for blind fury and fearful cruelty by any war in any civilised country of the world since the seventeenth century" (Ibid: 706), junto com elevação de De Valera à estatura de 'grande líder', o presidente que "for the Irish Republic, accepted the invitation" para negociar a paz, já que "Ireland had proved unconquerable by any other mean" (Ibid: 710).

É realmente notável como a construção do personagem de De Valera por MacManus acompanha a que De Valera parece ter tecido de si próprio. Aliás, é de sobremaneira interessante pensar, nos moldes tornados claros por Greenblatt¹⁵⁷, tanto que houve um "self-fashioning" de De Valera como, sobretudo, que esse desenho de si se mesclou com enorme sucesso ao modo como entrou na construção historiográfica nacionalista 'clássica' e, mais ainda, que esse todo passou a fazer parte de uma roupagem que era, ao mesmo tempo, a da 'nova' Irlanda irredenta e a da Irlanda que se tornou eminentemente democrática. Na imagem que resulta dessas construções não há qualquer ambiguidade ou incoerência, nem o ingresso de De Valera na política parlamentar é colocado como uma 'traição' ao ideário de unidade e publicidade do nacional. Na verdade, o que aí transparece são as modulações - conceda-se,

And with representation we return to literature, or rather we may grasp that self-fashioning derives its interest precisely from the fact that it functions without regard for a sharp distinction between literature and social life. It invariably crosses the boundaries between the creation of literary characters, the shaping of one's own identity, the experience of being molded by forces outside one's control, the attempt to fashion other selves. Such boundaries may, to be sure, be strictly observed in criticism, just as we may distinguish between literary and behavioral styles, but in doing so we pay a high price, for we begin to lose a sense of the complex interactions of meaning in a given culture (Ibid:3).

¹⁵⁷ Refiro-me ao bem conhecido GREENBLATT, Stephen. 1984, Renaissance self-fashioning: from More to Shakespeare. Chicago & London: The University of Chicago Press. Tenho ciência que Greenblatt - acompanhando a noção que ganhou destaque, inclusive como expressa em "O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de domem" de Geertz (GEERTZ, Clifford. [1973] 1978, A interpretação das culturas. RJ: Zahar Editores. pp. 45-66), de que não faz sentido pensar em homem em si, independemente de culturas, e que a cultura é sobretudo um mecanismo de controle - está interessado nas mudanças nas "estruturas que governam a geração de identidades" no início do período moderno (1984: 1-4). A respeito do século XVI, Greenblatt coloca que "there appears to be an increased self-consciousness about the fashioning of human identity as a manipulable, artful process" (Ibid: 2) e certamente é ir longe demais pressupor quer uma "auto-consciência" quer a ideia de "manipulação" na construção do personagem De Valera. Uma vez separado do ideal da "imitação de Cristo", um dos aspectos que o "self-fashioning" adquire é que "it suggests representation of one's nature or intention in speech or actions", representação esta que remete para uma dimensão bem maior as possibilidades analíticas abertas com a reflexão sobre processos de "self-fashioning" e as múltiplas facetas envolvidas, incluindo-se as literárias ou, no caso de De Valera em pauta, as de literatura historiográfica:

talvez um outro termo para ambiguidades - presentes até no nacionalismo mais ferrenho. É a possibilidade deste jogo que permitirá não só que De Valera e o seu grupo retornem ao jogo político no Dáil em 1927 - e que assumam o poder em 1932 - como que o façam dentro de canônes democráticos. Se a sua definição do nacional fosse um monolito, não haveria aceitação da política parlamentar. Em maio de 1926, na reunião que inaugura o Fianna Fáil, De Valera já claramente insinua o tom a ser imprimido à mudança, bem como o caráter que doravante deverá ser atribuído ao seu personagem:

The duty of Republicans to my mind is clear. They must do their part to secure common action by getting into position along the most likely line of the nation's advance. (...) the direction of that line of advance at this moment is (...) [the] line a young man would be likely to take - a young man, let us say, with strong national feelings, honest and courageous, but without set prejudices or any commitments of his past to hamper him - who aimed solely at serving the national cause and bringing it to a successful issue." (apud MacAonghusa 1983, op.cit.: 57).

O principal motivo que De Valera alegara na sua peroração contra o Tratado fora o *oath of allegiance* à coroa britânica que os deputados do Dáil tinham que prestar. Sua 'avaliação' do juramento não vai mudar e nessa fala de 1926 ainda o encara da mesma forma, como um juramento a um "foreign king or to a foreign-made constitution" (Ibid: 58). Num discurso proferido no Dáil Éireann em 1932, já depois de ter assumido o governo como primeiro-ministro, De Valera reitera seu repúdio ao juramento - que propõe abolir inclusive em nome de também ser odioso para o partido que fora governo, o Cumann na nGaedheal / Fine Gael, agora na oposição - e dá uma fantástica demonstração de como traduzir a aparente mudança nos 'seus princípios' em mostra de coerência e de *cunningness*¹⁵⁸; tipo de esperteza, inclusive no uso do irlandês e da dubiedade a que a língua se prestaria, que, aliás, é frequentemente aposta a 'heróis nacionais', como O'Connell, e irlandês que é, na Constituição, a "primeira língua oficial":

When I came to take this so-called oath I (...) told him [the officer in charge] (...) that we were not prepared to take an oath, and I have here a written document in pencil in Irish - the statement I made to the officer (...). I said: 'I am not prepared to take the oath - I am not going to take it. I am prepared to put my name down here in this book in order to get permission to get into the Dáil, and it has no other significance'. (...) Is it not time to get rid of this nonsense? (...) I signed it in the same way as I signed an autograph for a newspaper. (...) I was told that deputies on the Cumann na nGaedheal benches were so disgusted with the whole performance that they used to walk into the room and say, 'Sign that for me' " (Ibid: 59).

Em suma, a compreensão da presença de modulações no nacionalismo do próprio personagem De Valera - se bem que, *et pour cause*, ancoradas num relato de coerência onde a

¹⁵⁸ Conor Cruise O'Brien é um dos defensores da ideia de que a *cunningness* - que é um pouco complicado traduzir por esperteza em função do sentido negativo que ganhou no Brasil - é parte integrante dos nacionalismos irlandeses. Não foi assim nada por acaso que intitulou uma coletânea de textos seus *Passion & cunning*: O'BRIEN, Conor Cruise. 1988, *Passion & cunning*: essays on nationalism, terrorism and revolution. New York: Simon and Schuster.

mudança ocorre sob a égide contínua do 'interesse nacional', 'interesse' este que em parte adentrou a ordem da política e do quotidiano - é fundamental para entender até mesmo a institucionalização da 'normalidade democrática' que ocorreu na Irlanda. A adoção da postura revisionista que encara o nacionalismo como um bloco único atrelado ao mito do 'destino' tampouco permite que se percebam as características da imagem de De Valera como líder - que De Valera e a versão nacionalista que lhe é consentânea constróem -, aspecto que tem várias implicações, inclusive em termos do desenvolvimento da feição dos dois maiores partidos, Fianna Fáil e Fine Gael, e do funcionamento da democracia irlandesa. Isto até sob o ponto de vista das dificuldades que a visão política 'pluralista' - tão cara a revisionistas e multi-culturalistas irlandeses atuais -, segundo eles, aí encontraria. Um olhar rápido para a parte final do relato de MacManus logo mostra que a diversidade, ao menos em termos de personagens, é encarada como tendo sido vital para o 'desfecho feliz', para o "esplêndido sol" que, por fim e agora para sempre, voltou a cruzar os céus de "Mo Chraoibhin Cno". O passado remoto fora variado e, fruto do conjunto, florescente, inclusive face ao mundo. Como Kevin Whelan marca, esta ideia de diversidade, que também defende, é rejeitada pela concepção revisionista: "Any effort to speak of the 'Irish people' as an historically rooted collectivity is to invite the 'revisionists' scorn and a charge of racism or exclusivity. This perspective fits badly with the assimilative power of Irish culture in the pre-modern period, and its ability to integrate diverse ethnicities into an inclusive and cohesive whole" (1991, op.cit.: 24).

Para MacManus, a "night of sorrows" viera por imposição de um único¹⁵⁹, através do poder militar. Agora também o "mother country" vai fornecer, numa única geração, os agentes necessários à recomposição de sua unidade e à volta à constelação das nações - assim se afastando de uma vez por todas a sombra da falta da honra e glória que Sir Parsons lamentava. Esses 'líderes' que MacManus traz, com diferentes habilidades, também são postos, sintomaticamente, como constituintes de uma trindade: "The stars were lucky when

¹⁵⁹ Numa nota de rodapé sobre a execução dos líderes de 1916, no trecho sobre a de James Connolly, MacManus, recorrendo ao sarcasmo que já vimos que usa para destacar o horror de que os britânicos são capazes, expressa claramente a ideia do domínio do um - junto com a da barbárie da 'besta':

Sir John Maxwell, in command of the British Army in Dublin, deserves having his name transmitted to posterity in conjunction with the names of the martyred ones. In response to the cry of the British nation for the blood of 'scoundrels' guilty of the fearful crime of fighting their land's invader, Sir John, with an expedition that won him praise, blotted out the lives of fifteen of Ireland's noblest - of the world's noblest. The manful Connolly was lying in hospital, helpless, and possibly dying from the wounds got in the fight. But the blood of the vanquished and dying was necessary to the victor's complete and happy satisfaction. So, the helpless one was borne on a stretcher to the place of execution, solicitously propped up against a support and shot dead. The rebel's foul crime was expiated. The Just One, the Owner of Ireland, was temporarily appeased. - S.M.M. (1990, op.cit.: 703-4).

Ireland was given three men so remarkable in one generation" (1990, op.cit.: 704). O primeiro, Pearse, "performed the revolutionary task he set himself, but we cannot imagine him as counsellor in days of peace or negotiation" (Ibid: Ibid). Griffith entra na constelação porque, afinal, fora o fundador do Sinn Féin e demonstrara suprema galhardia ao entregar a liderança do Sinn Féin a De Valera, mas ele "alone could not win the nation's adherence." (Ibid: Ibid). A estrela máxima, portanto, é De Valera que, logo que sai da prisão, "shot, as it were, to the nation's lead in a flash" (Ibid: Ibid). MacManus não alude à dupla nacionalidade, americana e irlandesa, de De Valera nem menciona que seu papel no Levante foi relativamente pouco destacado. A própria libertação dos prisioneiros, de que De Valera se beneficiou por ter nacionalidade americana, teria como objetivo apenas "English propaganda in America" (Ibid: Ibid). Pode-se, de fato, ver uma espécie de culto da personalidade no desenho que MacManus faz de De Valera: "Character alone was the cause of this remarkable ascendancy. Cool, resolved, gentle, masterly, humble, firm: Eamon de Valera impressed all" (Ibid: Ibid). MacManus está aqui, por um lado, querendo garantir que a Irlanda ganhou o líder de que precisava e que ele é, incontestavelmente, De Valera, que agrega todas as qualidades em si, inclusive - como teria sido colocado por Arthur Griffith - ser "both soldier and statesman" (Ibid: Ibid). Isto enquanto mantém - como o próprio De Valera - a ideia de que o país nunca desistiu da luta nos 'sete séculos de dominação' e que líderes e mártires nela sempre se destacaram; uma linhagem da qual De Valera descende. Mas, por outro lado, pode agora prescindir de afirmar que a luta é da 'nação', de uma espécie de todo; imagem que, quanto mais não seja, foi estilhaçada pela Guerra Civil. O 'nacional' vai, desta maneira, emergir sob seu aspecto 'externo': o foco passa a estar na recusa do juramento ao soberano inglês e, coerentemente, De Valera surge como um "homem de estado" e não como um político. As 'vitórias' celebradas estarão também na ordem da 'política externa': desde o fim do pagamento da dívida assumida junto ao governo inglês por conta da entrega das terras na ocasião da Land War - o que deu início à "guerra econômica" com a Grã-Bretanha -, passando pela recusa de continuar a aceitar o domínio inglês sobre portos irlandeses e, o comentário 'histórico' com que MacManus encerra seu relato, a presidência da Irlanda da Liga das Nações, sob a pessoa de De Valera, "with distinction and credit" (Ibid: 720).

A Irlanda recuperara não só sua 'independência' como, através da melhor liderança - De Valera plenamente digno dos líderes de antão -, estava capacitada a desempenhar de novo o papel de iluminadora do mundo, se apenas este quissesse ouvi-la: "Later, in 1938, he told the world, through the medium of the League, that civilization was heading for disaster and destruction in another world war. (...) - why should not a real peace conference come first? so

that the world might be saved pain, misery, disillusionment and destruction. His words were not listened to" (Ibid: Ibid). Não há dúvida que esse desenho de MacManus do personagem De Valera tem certo caráter monolítico. A exaltação vem junto com a da 'nova Irlanda' - e, justamente, seguindo a postura de De Valera, muito pouco destaque é dado à 'partição' -, a Irlanda que sempre foi. O caráter 'piedoso', católico, presente na Constituição redigida em 1937 não surge, evidentemente, associado a qualquer sectarismo senão como dando curso à base 'natural' das sociedades; no que, mais uma vez, a Irlanda constituiria um exemplo a ser beneficamente seguido por outros países. A ênfase constitucional na família, implicando o não-trabalho das mães¹⁶⁰, aparece, pois, como expressão de um ideário não essencialmente católico senão maior; que, de fato, seria o de De Valera: "His ideal was one of 'balance', both within economic affairs, and between economic and other aspects of human activity. The idea of an integrated personality, both individual personality and collective national personality, took precedence over economic efficiency" (Lee and Ó Tuathaigh 1982, op.cit.: 141). É essa suposta 'integração', uma harmonia compatível com o 'fim da história' da Irlanda, que MacManus quer crer que está contida na proposta de uma conferência de paz que De Valera avança na Liga das Nações.

Os males externos ainda existem mas a história do mal na Irlanda encerrou-se e, assim prega MacManus, não há mais que presumir a existência de divisões ou diferenças. Neste momento, com efeito, o discurso nacionalista ferrenho - cujo ocaso, aliás, começa então a avizinhar-se - postula um todo coerente, composto por 'famílias', pequenas unidades discretas, que marcham suavemente em direção a um eterno pôr do sol. Contudo, essa visão é quase que precisamente o contrário da que preside sua construção da 'história'. Por um lado, a fixação na 'história da dominação' como o grande mal só é possível, como reiterado antes, na medida em que há um passado mais remoto no qual o florescer 'da Irlanda' é imputado a uma sequência de povos e grupos que teriam garantido o privilégio 'das artes e dos saberes', inclusive e sobretudo no terreno da 'historiografia'. Por outro lado, até pelo esforço nacionalista de garantir a unidade como característica fundamental da 'nova história', uma míriade de contribuintes na 'história da luta pela independência' têm que ser trazidos à cena. Mais ainda - isto a divisão em torno do Tratado e a Guerra Civil tornaram evidente - a construção desse 'fim da história' e da 'coerência', inclusive como presente no desenho do personagem De Valera, só se sustenta como um relato que produz uma tessitura peculiaríssima em cima de eventos e atitudes que podem apontar, de forma gritante, em várias

-

¹⁶⁰ Até o começo da década de 1970 vigorou o que era conhecido como "marriage ban": as mulheres só podiam ser funcionárias públicas enquanto solteiras; se casassem, teriam que 'dedicar-se à família'.

outras direções. Neste sentido, como certos revisionistas fazem, destacar a não correspondência entre o discurso nacionalista e a realidade político-social irlandesa é de uma inocência ímpar, um 'querer ensinar o padre-nosso ao vigário' ou, colocando de outra maneira, um mero afirmar do óbvio, que a propaganda - inclusive política, do Fianna Fáil - não tem correspondência direta com a realidade.

Colocando em termos mais próximos, o papel peculiar de liderança que De Valera desempenhou, as posturas que assumiu e o fato disso ter ocorrido num contexto plenamente democrático, podem ser razoavelmente entendidos quando se olha para as nuances da historiografia nacionalista recente - que têm ligação estreita com a ênfase na diversidade no 'passado remoto' -, bem como para o caráter extraordinariamente conjuntural da emergência de um monolitismo, que foi pouco mais do que um esforço de criação de uma 'história' que pudesse se coadunar com a produção de legitimidade para De Valera e de identidade, circunstancial, para o Fianna Fáil. Certamente nenhuma chave é fornecida quando, como a leitura revisionista ferrenha tende a fazer, se atribui ao nacionalismo o aspecto de unidade e atemporalidade, típica apenas do olhar sobre um certo período da leitura republicana e 'de valerista'; antes se está deixando de poder pensar essa 'história' que, afinal, existiu, inclusive em muitas 'memórias' vivas e cujas sombras têm pleno curso no presente, até no terreno talvez menos plangente dos desenvolvimentos dos partidos políticos na República. Kevin Whelan sugere que essa dificuldade do revisionismo se deve a que sua contingência é ao menos tão marcada quanto a do nacionalismo ferrenho: "In retrospect, revisionism will be seen as a specific ideological response to the needs of the southern state in coming to terms with a major political crisis. In this sense it is an annalogue of the earlier incarnation of a politically motivated history in its 'nationalist' version. Plus ça change, plus c'est la même chose" (1991, op.cit.: 26).

A querela continua mas periga transformar-se numa trovoada distante. Alguns contendores proclamam seu 'esplêndido isolamento' dos mortais comuns e, nesse sentido, de fato se isolam da 'história', das histórias dessas múltiplas pequenas tempestades quotidianas que dão sentido ao mundo. Lévi-Strauss é pensador que bem ensinou que a principal sedução dos mitos está em proverem sentido para a experiência. Em *O novo festim de Esopo*, com a maestria que lhe é proverbial, Octavio Paz lembra que "Relação é atar alteridades, não resolução de contradições" (1993¹⁶¹: 104), até porque "Reduzir o mundo à significação é tão absurdo como reduzi-lo aos sentidos" (Ibid: 105). É possível pois sugerir que a inclusão de

¹⁶¹ PAZ, Octavio. 1993, Claude Lévi-Strauss ou o novo festim de Esopo. São Paulo: Editora Perspectiva.

várias memórias, 'mitos', experiências, bem como a querela, na historiografía irlandesa possa resultar em festins mais divertidos, que, de qualquer maneira, nunca poderão traduzir nem os ímpetos nem os imprevistos que acabam por compor o que acontece.

Aquele leitor imaginário há muito deve ter percebido que não há qualquer pretensão historiográfica na tese. No "Segundo Tempo", 'lá voltaremos nós a 1916' para falar dos eventos ligados ao Levante de 1916, à guerrilha e à Guerra Civil que se lhe seguiram. Desde finais do século XVIII até o Levante de 1916, houve movimentações, tanto na arena parlamentar, digamos assim, como de feição agitatória - com maior ou menor cunho nacionalista explícito -, constituindo um cenário que poderia, com efeito, ser traduzido como uma espécie de ebulição, indo em várias direções¹⁶². O 'pós-1916' representou, de certa forma, um 'alargamento' dos movimentos sócio-históricos anteriores mas, mais ainda, o processo correspondeu também a uma mudança no cunho da 'questão nacional' irlandesa. Deixa de ser agida por grupos mais ou menos fáceis de demarcar e em arenas específicas para, por assim dizer, tornar-se 'espalhada'. Sem dúvida que se pode pensar em repercussões variáveis dos acontecimentos conforme os grupos sócio-religiosos em questão e tampouco há como descartar a relevância das lideranças políticas para o estabelecimento da democracia estável irlandesa estável. Todavia, o aspecto que se quer destacar é que a compreensão de tal sucesso deve levar em conta o 'espraiamento' do que, à falta de melhor, se pode chamar 'questão nacional irlandesa'. Os papéis desempenhados por lideranças ou grupos sociais por si só não permitem explicar a 'saída' democrática da Guerra Civil e, sobretudo, sua continuidade, o que, assim se quer crer, pode ser conseguido com um olhar para os processos mais diretos que estiveram em jogo.

Ora, por um lado, não gostaria que essa leitura, cuja plausibilidade se defende, fosse vista como nacionalista, revisionista ou antes pelo contrário - mesmo que tampouco tenha qualquer pretensão de 'neutralidade'. Essa foi uma das razões por que se julgou importante discutir neste capítulo que ora se encerra alguns aspectos, alguns raios e trovões dos temporais a que os lados se votam quando debatem, como uma forma de, espera-se, clarear a 'ausência' face a isso donde tentarei estar situada. Por outro lado, o debate apresenta características muito interessantes, inclusive quanto ao papel atribuído aos historiadores, e às

-

¹⁶² Uma ideia deste tipo aparece, por exemplo, em McCARTNEY, Donal. 1987, *The dawning of democracy:* Ireland 1800-1870. Dublin: Helicon. Maura Murphy sintetiza que a tese central do livro está associada à "gradual democratisation of the Irish population": "By this is meant the displacement of the aristocracy as the natural leaders of society and the introduction of the Catholic middle classes and the masses to rudimentary political concepts, their harnessing to political movements, and the eventual development of their self-counsciousness as a nation" (1988: 130). MURPHY, Maura. 1988, Democracy and society. *The Irish Review*, No 4, Spring 1988, pp.130-1.

versões com que aportam, na conformação política contemporânea - o tema Irlanda do Norte aparecendo como se fosse uma espécie de catalizador inevitável, 'para o bem ou para o mal'. Há, com efeito, essa suposição de que a 'história' poderia ser uma arma, das mais potentes, para travar combates presentes e que os historiadores teriam, então, a suprema responsabilidade de decidir se vão ser 'demitificadores' (dos 'mitos' nacionalistas), 'pluralistas' e - embora a equação nem sempre seja essa - 'pacifistas' ou se se manterão fiéis à 'tragédia' da história irlandesa e ao ardor decorrente que conduziu à independência. O corolário é que os historiadores como que deteriam um monopólio forte sobre a política, que viria, idealmente, junto com o domínio sobre a apreensão que os irlandeses teriam da história e dos seus personagens. Isto sem dúvida reflete o fato, como Eagleton diz no trecho colocado logo perto do início deste capítulo, que "there's too much of this [history] around in Ireland". Mas também reflete o papel de 'iluminadores' da 'verdadeira história' que certos historiadores se creditam, como exemplificado no grupo de acadêmicos da área que circularam pela Irlanda dando palestras a respeito do levante de 1798 por ocasião do bicentenário. Mais ainda, aponta para a presunção de que a história relevante será aquela traçada pelos seus profissionais e que a talkativeness sobre o passado deveria restringir-se ao 'controle' que creem deter sobre ele. Sean Moran, como vimos na seção II do capítulo, julga que a historiografia irlandesa tem "popular interest in part because of the debate". Creio que ele está certo, inclusive no sentido de que num ambiente onde "there's so much around", o confronto entre revisionistas e anti-revisionistas como que peculiariza o campo dos que se querem portadores do saber e definidores do legítimo papel a ser dado à 'história'. É como se, nesse debate, os 'comuns' que dele não participam ativamente vissem outras estruturações, outros temporais organizando uma massa enorme de eventos com múltiplos significados para os quais, tomados isoladamente ou em conjuntos discretos ou mesmo como detalhes de eventos, cada um dos 'comuns' trás, ou prescinde de trazer, ao modo de Juliet e de Kitty Ann, outros conteúdos que, com frequência, sobretudo quando se trata de eventos mais recentes, são encadeados em relatos, uma 'historiografia', detalhada, que preenche e ajuda a dar sentido à história do presente, ao vivido.



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

IRENE CRISTINA DE MEXIA HEITOR DE MEDEIROS PORTELA

A PRETEXTO DA IRLANDA -(DES)MUNDOS, GUERRAS, SUJEITOS, VOZINHAS, DEMOCRACIAS

VOLUME II

NITERÓI DEZEMBRO DE 2017

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

P843 Portela, Irene C. M. H. de Medeiros.

A pretexto da Irlanda : (des)mundos, guerras, sujeitos, vozinhas, democracias / Irene Cristina de Mexia Heitor de Medeiros Portela ; orientador: Claudio de Farias Augusto. – 2017.

2 v. (xxxiv, 527 f.)

Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, 2017.

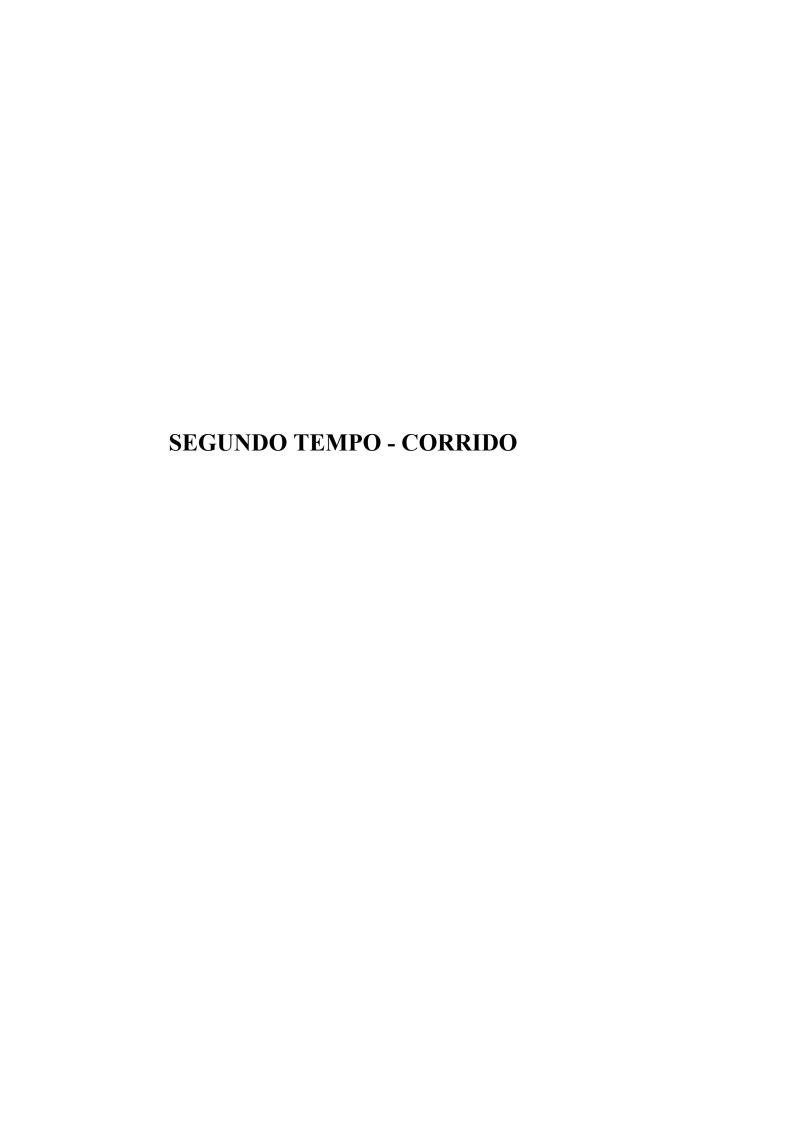
Bibliografia: f. 450-482 (v.2).

1. Irlanda. 2. Guerra civil. 3. História política. 4. Sociedade; aspecto histórico. 5. Democracia. I. Augusto, Claudio de Farias. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

Bibliotecária: Mahira de Souza Prado CRB-7/6146

Sumário

Introduções ou caminhos de xxxiv	uma tese particular, como talvez sejam toda	s i-
Primeiro tempo - longo		
I - Introdução - A pretexto da 37	ı Irlanda	1-
partir	ogo com Clifford Geertz (e um pouco com E de	Geertz)
III - Guerras de fardos ou Cul the night	lturas, atemporalidades e libertações, além das	in the middle of
126 IV - Guerras de histórias, ten 271	mporais, isolamentos	127-
Segundo tempo - corrido	0	
V - Intróito - Balbúrdia de vo 335	ozinhas e democracias	272-
todos estivemos na outra façã	ra Anglo-Irlandesa, Guerra Civil e algum de (10, o que fazemos agora? (junto com tentativa colítica)	de conversa com
<u>C</u>	ão - cem anos e guerras, sujeitos, vozinha	*
446		42/-
Anexo449		447-
-		450-



V - Intróito - balbúrdia de vozinhas e democracia(s)

I - Um pico pessoal?

We distinguish three things, arranging them in a certain graduated order. We put in the first place 'ability;' in the second, 'volition;' and in the third, 'actuality.' The 'ability' we place in our nature, the 'volition' in our will, and the 'actuality' in the effect. The first, that is, the 'ability,' properly belongs to God, who has bestowed it on His creature; the other two, that is, the 'volition' and the 'actuality,' must be referred to man, because they flow forth from the fountain of the will.

(Pelagius. Defense of the Freedom of the Will. Reconstructed by Rev. Daniel R. Jennings)¹

Não é comum um intróito no meio de uma tese, ainda mais em tom pessoal - mesmo em se tratando de uma candidata ao doutorado em Ciência Política que fez mestrado em Antropologia Social. Esse provavelmente não é o único nem o primeiro aspecto pouco canônico da tese. Mas há que buscar dar-lhe uma função razoável. Sua 'necessidade' esteve ligada ao momento da escrita do capítulo. Pode também ser encarado como apresentação da proposta central que o permeia e, num certo moto contínuo, da feição específica que acabou por ganhar. A formulação genérica tinha sido 'desenhada' antes. As ênfases particulares que as 'convicções' assumiram estiveram, contudo, imiscuídas nesses tempos da escrita. Qualquer pretensão de incluir aqui o tema da 'capacidade' seria fátua; mas a de situar a 'vontade' e uma 'posição na realidade' cabe e pode ser encarada como razão deste intróito.

Em "Sou ainda uma Brazilianist?", Barbara Weinstein aproveita o tema do simpósio da ANPUH 2015, "Lugares dos historiadores", para refletir sobre alguns aspectos da associação entre quem e o que produz, junto com o esforço atual de resgatar a "disciplina 'história' da hegemonia da nação" (2016²: 210). Por um lado, privilegia-se a circulação discursiva a respeito de diversos recortes temáticos, fazendo com que, embora sem desaparecer, o contexto nacional deixe de ser o foco evidente. Por outro, foi-se além da

1.

¹ http://www.seanmultimedia.com/Pie_Pelagius_Defense_Of_The_Freedom_Of_The_Will.html . Acesso 2016-05-12. Ricardo Benzaquen de Araújo foi quem me falou de Pelágio e da querela criada por Santo Agostinho entre uma miríade de outros assuntos e autores fundamentais que introduziu. Só mais de um ano depois de ter a referência acima é que li *Os inimigos íntimos da democracia* de Todorov, onde atribui a derivações do pelagianismo dimensões despóticas associadas ao messianismo político. A apropriação, Todorov marca, não deriva necessariamente das exigências que Pelágio colocaria sobre cada homem. Tendo noção que o debate a respeito é imenso, a empatia é sobretudo com a ideia de possibilidades de realização, num certo nível a "tomada do próprio destino nas mãos", exercícios de "autonomia" (Todorov, 2012: 16). TODOROV, Tzvetan. 2012, *Os inimigos íntimos da democracia*. São Paulo: Companhia das Letras.

² WEINSTEIN, Barbara. 2016, Sou ainda uma Brazilianista? *Revista Brasileira de História*, vol. 36, no 72. pp. 195-217.

"standpoint theory" - que teve seu auge nos anos 1980, ligada à teoria feminista -, e do relativo essencialismo e homogeneidade que a caracterizavam, em prol da ideia de perspectivas múltiplas, inclusive associadas à autoridade do saber como efeito de lutas políticas (Ibid: 210-11). Nem por isso, pontua Weinstein, se deve imaginar que o historiador trabalhe num espaço que transcende lugar e contexto (Ibid: Ibid). Nesse sentido, o quem e o que produz permanecem ligados, inclusive marcando o "um pouco fora do lugar" que a faz concluir dizendo que é "ainda uma brasilianista, mas nem tanto" (Ibid: 214). É quase lugar comum, como Rosana Pinheiro-Machado (2016³) comenta, num texto de opinião, em tom de brincadeira, que, enquanto os antropólogos acham os sociólogos "rasos generalistas", estes acham os antropólogos "bichos estranhos que falam de si mesmos". Na antropologia, o lugar de onde se fala é central, não apenas como forma de situar o olhar mas na própria reflexão sobre o que constituem as narrativas construídas, do que são feitas as 'experiências' - para usar o termo de modo vulgar⁴ - sobre as quais se 'fala', quem é esse sujeito, atravessado por que dimensões e reagrupamentos, que se fazem e refazem, que as apresenta - incluindo-se o 'pesquisador' e seus 'nichos' -, que outros recortes e multiplicidades faz desabrochar. A antropologia serviria, assim, para notar que a(s) fala(s), ao mesmo tempo, são 'fora do lugar' e 'a partir do lugar'.

No livro *Vida & Grafias*, Sueli Kofes, uma das organizadoras, no seu artigo próprio, "Narrativas biográficas", vai defender, acompanhando Victor Turner, que "a expressão de experiências supõe uma dimensão narrativa, e não uma redução à linguagem: ela dramatiza um vivido". Assim, "a narrativa daria forma e temporalidade à experiência, sem a dicotomia entre a percepção e a conceituação do mundo, sem partir de uma totalidade pré-fixada - como na dicotomia *indivíduo* e *sociedade*, por exemplo" (2015⁵: 36). A biografia de Martinho Lutero de Lucien Febvre ofereceria um exemplo muito interessante, ao optar por começar com Lutero cruzando os portões do convento agostiniano de Erfurt. Reitera ainda uma consideração, de certa forma já quase comum, ao inclinar-se a favor de concepções de etnografia e perspectivas biográficas "orientadas em sua atenção aos contextos de relações, às

³ PINHEIRO-MACHADO, Rosana. 2016, Precisamos falar sobre a vaidade na vida acadêmica. *Carta Capital* (Opinião). 24/02/2016.

http://www.cartacapital.com.br/sociedade/precisamos-falar-sobre-a-vaidade-na-vida-academica. Acesso 2016-10-11.

⁴ Tenho noção da importância e das sutilezas do debate em torno do conceito, inclusive como trabalhado por Walter Benjamin - cf., p.e., D'ANGELO, Martha. 2014, Notas sobre os conceitos de experiência e história em Walter Benjamin. Semeraro, Giovanni e D'Angelo, Martha (orgs). *Filosofia da história*. Niterói: Editora da UFF. pp. 75-108 -, que não proponho, nem saberia, operar.

³ KOFES, Suely. 2015, Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? KOFES, Suely & MANICA, Daniela (orgs). *Vidas & grafias*: narrativas antropológicas, entre biografía e etnografía. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ. pp. 20-39.

concepções, por uma atitude que não procura encaixar o objeto em categorias externas, mas extrair as construções com as quais operam os agentes em seus campos semânticos próprios" (Ibid: 37). O prefácio de *Vida & Grafias* é de Pedro Ferreira e intitula-se "Skatografias - o caso do 'pico'". Cientistas políticos / politólogos talvez não estejam muito longe de antropólogos (nem de sociólogos), com sorte perto dos skatistas a que o autor se refere na sua proposta de uma "picologia":

Em um caso, o pico é o efeito do encontro de skatistas e obstáculos; no outro, skatistas e obstáculos são o resultado de um encontro de seus elementos constitutivos na forma de um pico. Em ambos os casos (e em tantos outros possíveis), o que se diz é que o pico é uma ocasião privilegiada para o saktista manobrar seu *skate* e, assim, tornar-se mais uma vez skatista: transformar obstáculos em motivos e motivações para sair de seu estado atual, transformar-se, devir. Em tempos de esvaziamento do espaço-tempo público, a picologia bem poderia inspirar estratégias de ocupação criativa e desejante, positivando obstáculos e liberando potências (2015⁶: 14).

Uma vantagem dos antropólogos (mais do que dos sociólogos?) sobre os cientistas políticos / politólogos (e historiadores?) é terem clara a incerteza sobre seu 'objeto' - associada às releituras de si, dos 'agentes', das alteridades - e, assim, sobre a volatilidade inerente às categorias e às construções produzidas. Gregory Bateson comentava em 1935, em seu *Naven*, o sentido de 'reproduções' do conjunto de uma cultura, onde "Tout semblerait naturel, comme aux indigênes eux-mêmes qui ont vécu ainsi leur vie entière" (1971⁷: 9). Tratar-se-ia, efetivamente, de 'reproduções', pinturas ou romances, ancorados no fato de que a "maior parte das premissas da descrição estão implícitas". O artista

peut laisser à la tonalité générale de son oeuvre le soin d'exprimer les aspects les plus fondamentaux d'une culture. Il peut choisir les mots pour leur sonorité plutôt que pour leur signification lexicale pure. Il peut les grouper et les mettre en valeur de telle façon que le lecteur reçoive presque insconsciemment une information que l'artiste aurait du mal à analyser (Ibid: Ibid).

'Obras científicas', como algumas "monografias monumentais" ligadas à escola funcionalista, partilhavam da mesma pretensão: "décrire la culture comme une totalité où chaque élément apparaîtra comme la conséquence naturelle du reste de la culture" (Ibid: Ibid). O método é diferente: abandona-se o impressionismo e privilegia-se a descrição em termos analíticos e intelectuais dos elos de uma cultura. É nessa interseção que Bateson propõe situar-se e onde defende o recurso à noção de *ethos*: "Il est évident que l'élément sensible et émotif joue un rôle actif à l'intérieur d'une culture et aucune étude fonctionnelle ne sera complète si elle ne relie la structure et le fonctionnement de la culture à sa tonalité affective génerale, ou éthos"

⁶ FERREIRA, Pedro Peixoto. 2015, Prefácio: Skatografías - o caso do 'pico'. KOFES, Suely & MANICA, Daniela (orgs). *Vidas & grafias*: narrativas antropológicas, entre biografía e etnografía. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ. pp. 9-15.

⁷ BATESON, Gregory. [1935] 1971, *La cérémonie du Naven*: les problèmes posés para la description sous trois rapports d'une tribu de Nouvelle-Guinée. Paris: Les Éditions de Minuit. (Título Original: *Naven*).

(Ibid: 10). Sem qualquer pretensão, ou capacidade, de adentrar nos meandros, explorados por vários autores, da produção batesoniana, parece razoável associar esse 'equilíbrio' que ele procura montar a outra noção, a de "cismogênese", que desenvolvera em artigo anterior e a que recorre em *Naven*. Define "cismogênese" como um "*processus de différenciation dans les normes de comportement individuel résultant d'interactions cumulatives entre des individus*" (Ibid: 189; todo o trecho destacado pelo autor). Esse processo vai muito além dos Iatmul, abarca os diversos sistemas de relações entre indivíduos e grupos, sintoma de suas mudanças. É também índice para uma linha de preocupações distinta, que Bateson seguirá depois, mas que aqui se registra de modo simples, voltadas para a dimensão 'individual' da "cismogênese" e para a correlação entre seus aspectos 'internos' e 'externos' (Ibid: 195-6).

Seria sedutor empreender um diálogo com o capítulo 13 de Naven, em cuja itemização, por exemplo, Bateson recorre à "cismogênese" para tratar da política europeia da época, e leitura que, no seu conjunto, se às vezes pecaria por um funcionalismo algo simplista, outras vezes remete e usa uma linguagem que mantém clara atualidade e abrangência. Contudo, o aspecto que se pretende destacar a partir de Bateson e dessa obra marcante, de certa forma idiossincrática, é a vacuidade da presunção de se encontrar totalidades, seja no 'objeto' que se estuda, seja nos 'entes' que compõem tal 'objeto', nos 'indivíduos' - inclusive o próprio 'pesquisador' - e 'elementos' que se opta por colocar em destague, seja, ainda, no temário mais detalhado e no aparato descritivo a que se recorre. O esforço, a presunção, de 'cientificidade' passaria, deste modo, no caso das ciências humanas, e, pois, da ciência política, por um olhar para algumas possibilidades constitutivas dos componentes, nas suas diversas ordens, envolvidos com o que se escolheu como 'bom para pensar': o(s) lugar(es) e dimensões da busca do pesquisador, os 'seres' que 'pululam' o 'universo' particular enfocado e suas relações com o 'mundo' e o 'mundo temático' mais geral; modos de leitura que não conduzem a 'certezas', mas que permitem que se busque 'razoabilidade', 'hipóteses explicativas interessantes'. Last but not least, no caso aqui em pauta (um pouco como Bateson fez no capítulo 13 de Naven), corresponderia também a 'elocubrações' sobre a relação entre o 'sujeito múltiplo', cindido, tema que perpassa várias reflexões sobre a 'modernidade', e possibilidades de 'democracia', no campo evidente, 'macro', do funcionamento institucional, e na sua interrelação com o campo 'micro', das 'vozinhas', cujo efeito haveria que reconhecer (momento de 'ativismo' - não adequado à academia?). Caberia, no mesmo movimento, considerar suas próprias, constantes, "cismogêneses", bem como, nessa construção do objeto que vai par e passo com suas definições (com desejos de

antítese a processos legisferantes que teriam sido típicos do nazismo e cuja reprodução se observa no Brasil...), buscar apreensões de democracia como esforços de produção de deslocamentos do poder e de possibilidades - em que pesem limitações sociológicas de várias ordens - de exercício dessas 'vozinhas', em suas sempre mutantes composições. Sequência 'funcional' cuja aparência teria, espera-se, a potencialidade de ser atraente... Passa-se pois a uma possível 'dissecação' de dimensões presentes na construção, própria e específica, de um determinado 'lugar', do 'objeto' deste capítulo da tese, que tem uma centralidade que faz parte reconhecer. Interliga-se com 'associações' peculiares a certos autores e 'temas' e, assim, a uma formulação possível do dilema mais de fundo e do 'tempo e lugar' em que a leitura ganhou seu engendramento para a tese. A 'base conceitual' - as 'vozinhas' (no lugar de uma "picologia" uma 'vozinhologia'?...) e a 'disfonia' comum às entidades de análise e aos 'sujeitos da modernidade', este um tema de certa recorrência - juntou, precisamente, ideias anteriores, um fundo de reflexão mais 'acadêmica' e formal, ao 'momento' da produção, à cor e ao sentimento que inevitavelmente percorreram a escrita, nesse 'pico pessoal'.

II - O horror no Brasil como 'pico'8: a percepção das 'vozinhas' que ajudou a engendrar

Redigi partes do capítulo tempos atrás. A ocasião, num arranjo longe de ideal, em que pude retomar algum trabalho na tese e começar a dar forma à versão atual foi maio de 2016. Não deve haver quase ninguém no Brasil que não tenha tido conhecimento, de modo distante que fosse no início, dos acontecimentos na dimensão do que se costuma chamar cenário

Ao acolher a angústia como parte constituinte de uma pesquisa, em lugar de simplesmente recalcá-la sob o manto de uma suposta neutralidade, o pesquisador, defende Georges Devereux em *De l'angoisse à la méthode* (2012), rompendo com a dialética sujeito/objeto, pode ver a si mesmo como observador, fazer de suas inquietações uma 'tomada de consciência' e assim se implicar diretamente nas consequências de sua pesquisa.

FELDMAN, Ilana. 2017, Não entender: arquivos, documentos e criação no encontro com o Diário de David Perlov. GRINER et al. (coords.). Arquivos em movimento - Seminário Internacional de Documentário de Arquivo. Rio de Janeiro: FGV Editora.

Referência para o livro: DEVEREUX, Georges. 1980 [1967 para a edição original em inglês] 2012. De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement. Paris: Flammarion.

Marcia Tiburi aponta tanto para essa questão como para a conveniência de se colocar o "lugar de onde se fala", mencionado há pouco:

Um experimento filosófico parte necessariamente de um posicionamento narrativo em que o sujeito do pensamento precisa expor o lugar de onde fala. (...) Neste experimento o Brasil, como diria Vilém Flusser (...), é aquele lugar aonde se chega enquanto não se tem um chão. Enquanto se é *bodenloss*, aquele que vive na ausência de chão. (...) Tomemos o Brasil como vertigem, nessa experiência de pensamento em que é importante suspender nossos modos de pensar (2016: 153-4).

TIBURI, Marcia. 2016, *Como conversar com um fascista* – reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Record.

⁸ Um artigo de Ilana Feldman, em si profundamente imerso na proposta que aí /o constrói, legitima a associação feita aqui:

político, cuja associação com uma 'espiral' - à falta de melhor termo - maior no mundo rapidamente começou a ficar clara. A tristeza foi imensa ao longo do processo, tristeza que começara a ficar mais densa com as declarações de voto na Câmara dos Deputados a 17 de abril, que pareciam punhaladas, e se concretizaram com clareza devastadora a 31 de agosto. No início, buscava ao máximo, conscientemente, ficar distante de detalhes, evitar contacto com a grande mídia monopolizada. Além do mais, era então um desses seres estranhos que optavam por não ter Whatsapp nem Facebook (às vezes situados como membros de um MSF que não é o Médecins Sans Frontières...). Lia e repassava emails de amigos, ouvia comentários de pessoas de confiança, comprava Carta Capital, Le Monde Diplomatique. Mas o cenário, os tempos, assim mesmo entravam por todos os poros, pela respiração, não eram evitáveis. Consegui escrever textos (e postar no Facebook de meu marido - alguma traição ao MSF...) sobre o momento, sobre o horror, sobre a indecidibilidade, sobre como não podia acreditar no que estava ocorrendo, nos vários 'grupos de contentes', no "Coro dos tribunais" (referência direta a Zeca Afonso⁹, suas próprias remissões a Bertolt Brecht), a seguir na raiva ensandecida que, essa, jamais presenciara (pareceu pouco depois que numa analogia com 1961, os antecedentes de 1964...), na descrença que fosse real e tangível o fim da decência, do respeito, e, também, a loucura representada por um governo, inicialmente interino, depois 'assumido', e seus órgãos de mídia 'oficial', cujo cariz salazarista se coadunava num absurdo gritante com as memórias da primeira infância – cuja incrustração só então percebi como fora profunda e havia perdurado. Consabidamente, isso foi só o começo.

A traição ao 'MSF', em parte nessa sequência, se tornou completa, e entrei na ânsia de partilha de textos e *posts* com 'pessoas afins' - além do desligamento, doloroso, de outras -, no redemoinho dos algoritmos que o Face emprega, associados aos monopólios de controle,

0

https://www.letras.mus.br/jose-afonso/494778/. Último acesso 2017-08-20.

⁹ "Os vampiros", de 1963, parte do disco *Baladas de Coimbra*, é uma canção de Zeca Afonso muitas vezes considerada fundadora do canto político em Portugal durante a ditadura salazarista. https://pt.wikipedia.org/wiki/Os_Vampiros_(can%C3%A7%C3%A3o). Acesso 2017-08-20. *Coro dos tribunais* é o título do primeiro disco de Zeca Afonso depois do 25 de abril. A letra da música com o mesmo título:

Foram-se os bandos de chacais / Chegou a vez dos tribunais / Vão reunir o bom e o mau ladrão / Para votar sobre um caixão / Quando o inocente se abateu / Inda o morto não morreu / Quando o inocente se abateu / Inda o morto não morreu

A decisão do tribunal / É como a sombra do punhal / Vamos matar o justo que ali jaz / Para quem julga tanto faz / Já que o punhal não mata bem / A lei matemos também / Já que o punhal não mata bem / A lei matemos também

Soa o clarim soa o tambor / O morto já não sente a dor / Quando o deserto nada tem a dar / Vêm as águias almoçar / O tribunal dá de comer / Venham assassinos ver / O tribunal dá de comer / Venham assassinos ver Se o criminoso se escondeu / Nada de novo aconteceu / A recompensa ao punho que matou / Uma fortuna a quem roubou / Guarda o teu roubo guarda-o bem / Dentro de um papel a lei / Guarda o teu roubo guarda-o bem / Dentro de um papel a lei

que é comum caracterizar a introdução às 'mídias sociais'. ¹⁰ Como é vulgar, a avalanche cresceu. Pensei num efeito de sedução pelo "consumismo da linguagem", que, nos termos de Brum (2015¹¹), teria o problema de que "produz, como qualquer consumismo, muito lixo. E o problema de qualquer lixo é que ele não retorna à natureza como se nada tivesse acontecido. Ele altera profundamente nossas vidas em um sentido físico e mental". Nesse artigo, Brum se ancora fortemente em outros 'textos de urgência', em particular os que constituem o livro de Marcia Tiburi, *Como conversar com um fascista* (2016, op.cit.). Aí, não é que o excesso deixe de constituir um certo dilema mas, âncora de que é possível se valer, a distinção essencial está nas características da linguagem que se escolhe empregar. Assim, para Tiburi, o "consumismo da linguagem" é

a eliminação do elemento político da linguagem pelo incremento do seu potencial demagógico. O esvaziamento político é, muitas vezes, mascarado de expressão particular, de direito à livre expressão. A histeria, a gritaria, as falácias e os falsos argumentos fazem muito sucesso, são livremente imitados e soam como absurdos apenas a quem se nega a comprar a lógica da distorção em alta no mercado da linguagem (Ibid: 60).

A lógica da distorção caracterizaria pois o "consumismo da linguagem", sua meta a produção de violência e destruição. Para além da questão do que é produzido pelo Facebook e outras redes sociais, um antídoto possível estaria, neste caso sem precisar recriminar verborragias, na pergunta sincera sobre o que constitui a democracia, através de dar uma chance ao pensamento e ao discernimento que vão contra o ódio. Tiburi acredita que "o conhecimento que importa socialmente é aquele que surge como resultado do diálogo que temos que travar não só com os outros, mas com a gente mesmo, ali, dentro da nossa consciência, ela mesma muito limitada pela experiência, pelos afetos" (Ibid: 66-7), sentido familiar a vários autores, inclusive à cismogênese de Bateson. Neste sentido, os 'núcleos de apoio', facebooks,

⁻

Numa reflexão alguns meses após, provavelmente nada original, a ideia foi de que o Facebook era parte do processo de implosão, desfarelamento, despedaçamento, dos concertos provisórios que pessoas e grupos mais normalmente constituíriam, ainda que de modos não explicitados. Os pedaços que eclodem não se recompõem, nem são diretamente substituídos. Como que se despem dos sentidos que teriam na 'origem', um pouco mais 'integros' e duradouros, à falta de termos melhores, para serem jogados em redemoinhos onde são apropriados e podem assumir aspecto de farpas, que como que operam ao modo de 'cristais de massa' peculiares, ou então ancoram, anelam espirais diversas e contribuem para gerar novos processos de eclosão. A referência aos "cristais de massa" provém, sabidamente, de CANETTI, Elias. [1960] 1992, *Massa e poder*. São Paulo: Companhia das Letras. Para permanecer com *Massa e poder*, os esfacelamentos associados ao Face não deixariam de ter, no que talvez não seja um paradoxo, uma dimensão política relevante, ligada às possibilidades 'resgatá-los' como 'picos': Seja de que ângulo for que se contemple a ordem, na forma compacta e acabada que ela, após uma longa história, apresenta hoje, tornou-se o mais perigoso componente isolado da convivência humana. Há que se ter a coragem de enfrentá-la e abalar-lhe a soberania. Instrumentos e caminhos precisam ser inventados para manter livre dela a maioria dos homens. Não se pode permitir que ela vá além de arranhar-lhes a pele. Necessário faz-se transformar-lhe os aguilhões em espinhozinhos removíveis a um leve roçar da mão" (1992: 333).

¹¹ BRUM, Eliane. 2015, Parabéns, atingimos a burrice máxima - a 'baranga' Simone de Beauvoir e a importância de um livro que ensina a conversar com fascistas. *El País*, 12 de novembro de 2015, seção de Opinião. Cujo *link* recebi através de um grupo no WhatsApp...

http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/09/opinion/1447075142_888033.html Acesso 2016-11-14.

whatsapps etc, que buscara, podem, num certo plano, ser encarados como limites às possibilidades de ampliar o diálogo, de estabelecer ações comunicativas relevantes, mas a inscrição do ódio na vida social e política tem uma antecedência, 'ontológica' e 'epistemológica', a que o suporte das redes talvez apenas dê alento, faça crescer a faina na arena onde, para Tiburi, devemos perceber democracia e autoritarismo como contraposição central.

Quando o olhar ainda estava sobretudo voltado para o Brasil - que tinha atenção apenas restrita do 'resto do mundo' -, cada vez mais se afirmava a imagem do 'ovo da serpente', na 'Weimar tropical', sendo gestado há tempos, em fóruns diversos, como na ignomínia do "escola sem partido" ou do MBL, na mesma medida em que na frente de cena se projetava a escalda do 'incrível'. O conjunto das ocorrências, ampliado pelas redes sociais, se assemelhava, com uma 'concretude' mais gritante, à forma inexorável com que a modernidade nos é apresentada, para o que Giddens usa a imagem do carro de Jagrená¹². O desenrolar dos acontecimentos, das 'maldades' e personagens, que, de tão absurdos, soavam ficcionais, aparentava ser ininterrupto e, em si próprio, desprovido de quaisquer freios, peias - para usar um termo de infância lusitana -, de 'princípios', referentes que pudessem ancorar algum sentido mínimo na - hoje percebo ingênua - crença que um concerto básico de valores havia adentrado para sempre o Brasil (e o mundo... - o desejo, com frequência, impera sobre leituras que se faz; ao menos percebi que essa 'falha' era, felizmente, partilhada por muitos). A questão não era a do presidencialismo de coalizão ou as analogias e diferenças com o sistema e o funcionamento políticos norteamericanos; era mesmo da ordem de um telos que julgara incorporado ao desenho básico que passara a ter de Brasil que esboroava a olhos vistos. Entretanto teve o Brexit, já houvera Hungria, Filipinas, Polônia, as medidas legislativas e de mudança constitucional sem qualquer pudor, as eleições municipais no Brasil, a eleição de Trump a 08 de novembro, o fantasma de Marine Le Pen e do que aconteceria na Itália, na Holanda, o desmonte do estado, a venda do país salvaguardando meia dúzia de capitães-domato, o desejo de aniquilar ao menos 80% da população brasileira... Era aquele sentimento infantil de crença numa certa harmonia, num certo concerto na base da vida da humanidade, na 'verdade' de uma narrativa decente mínima, depois de todos os terrores do século XX, que se via permanentemente acossado, rasgado, substituído por uma sensação que ia bem além da anomia, era um engolfar numa maré de horror, desrespeito e impunidade, com paralelos no

_

¹² GIDDENS, Anthony. 1991, *As consequências da modernidade*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista

que de mais doloroso e assustador sabia que ocorrera nos séculos XX, XIX, XVIII, na longa crise do século XVII¹³, nas diversas inquisições...

Mas... no próprio olhar para o entorno, para as várias dimensões do 'ovo da serpente' e suas eclosões - que talvez fosse mais horrível, congregasse o que de mais tenebroso 'nossa geração' (a referência é à pré Face, de certo modo quase pré Orkut...) tinha 'memória próxima', que incluía uma narrativa agressiva que pegava o 'pior do Brasil' e despudoradamente o apresentava como 'encarnação adequada' do ser social - começaram a insinuar-se uma série de 'ruídos' contrários, que não deixavam de murmurar. Num nível evidente, havia falas que davam o conforto de seguir estruturas conhecidas, de amigos, colegas, de parte respeitável da 'academia', que formulava uma crítica consistente ao óbvio abandono dos preceitos formais democráticos mais básicos e à evidência de entrada num estado de exceção, que percorria as diversas esferas explícitas do poder - contrastada, logo no circo de enfrentamentos inicial mais evidente, pelas sabidas acusações de 'esquerdistas', 'petralhas', 'comunistas', 'gramscianos' e desqualificações correlatas, coerentes com os exercícios 'salazaristas' de 50 anos antes, cuja reprodução quase direta tanto estarrecia; e que depois, aqui como em várias outras partes do mundo, acabaram por se associar a construções bizarras e com objetivos evidentes, sem que por isso deixassem, não obstante, de obter adesões, como a associação entre nazismo e comunismo, defesa da legitimação do aborto com defesa do aborto etc...

A questão, todavia, era outra, e uma que se implicou diretamente na formulação que o capítulo por fim ganhou, nuançou-lhe o referente, e, assim, fez com que o 'a pretexto da Irlanda', pela angústia nos tempos a partir do Brasil, se tornasse possivelmente mais significativo. O que insistia em pulular, de forma estranha e para cujo detalhe não atentara antes, eram 'outras falas' - muitas, isso o que mais chamava a atenção -, que, pode-se dizer, estavam tanto além como aquém do enfrentamento explícito. Correspondiam a espaços, densidades críticas, inclusive - talvez sobretudo - na 'massa desprivilegiada', 'difusa', da população brasileira, que destoava do concerto mais visível - que continuava a descartá-la -, embora de certa forma o gravitasse. Aceita-se a mídia dominante, o discurso corrosivo e, até, em alguns momentos, se o amplia. Não necessariamente, contudo, se encampa o conjunto das 'falas oficiais'. Exercem-se comentários sobre a dimensão mais explícita da 'política', mas fazendo aproximações com outros planos, como que ligando-os à 'ordem da vida' - ao mesmo

¹³ Para a qual tive a atenção despertada por Ó NÉILL, Eoin. 2016, Providência divina, guerras, contratos sociais e Crise Geral: a historiografia da luta pela hegemonia europeia no longo século XVII. Projeto de pesquisa para o processo de seleção para professor de História Moderna. Departmento de História, PUC-Rio, dezembro de 2016.

tempo, tanto menos como mais efetivamente 'partilhável' -, que, esta sim, permite que se mantenha uma dimensão de existência, uma 'esperança', por tênue que apareça, associada ao exercício de sentidos próprios, capazes de marcar e evidenciar o estar no mundo, em (des)mundos, para ficar com o termo mote da tese - no caso no âmbito 'Brasil'. Guardando noção da armadilha contida em opor uma espécie de 'ordem do vivido' à 'ordem da política', pode-se então pensar em tais 'vozinhas' - os alaridos, em tons e arranjos tão diversos - como, quiçá, parte de '(des)mundos', de composições outras, entre 'vivido' e 'política'. A impressão foi pois a de que encontrara um 'pico'. Não cabia pensar numa 'vozinhologia' - até pelo risco implícito de replicar posturas intelectuais que se outorgam papéis classificatórios. Era, contudo, possível creditar a essas 'vozinhas', à sua própria disparidade e 'ausência de ordem', um papel de 'novidade', que idealmente aparece numa tese. Podiam também - por que não? - estar na base de outra expectativa de uma tese, algumas manobras no espaço 'intelectual', ajudando a exercê-las de forma um pouco menos desesperançada e 'distante', que leituras propostas ganhem mais sentido a partir da associação com esses 'alaridos'.

Ou seja, um quadro tão negro e assustador na frente de cena e nos bastidores explicitados como que levou a perceber a presença e a relevância de 'falas' que constituem dimensões de existência que, embora não deixem de estar subsumidas na 'ordem da 'política', aparecem providas de roupagens, discrepâncias, refinamentos que seguem caminhos próprios. Têm características distintas daquelas para que 'intelectuais', uma certa 'academia', costumam se voltar. Neste sentido, não se trata, inclusive como feito com cuidado nas últimas décadas, de escutar 'discursos específicos', estruturados a partir dos atores que ganham projeção na cena acadêmica, de definir 'entidades' e dissecar sua articulação, mas de aceitar que são vozes com uma estruturação diversa daquela a que nos habituamos, que sua como que 'opacidade' pode corresponder a construções públicas de mundo, para as quais não estávamos habituados a dar atenção. Passaria também por 'senti-las', no momento presente como capazes de dar alento, corresponder a 'reinvenções' e arranjos inesperados, potencial parte vital de um projeto cidadão e republicano, de que nossa 'civilização' seria tributária, e, assim, capazes de promover sua continuidade, para além das mônadas, que, no âmago, o aniquilam.

De certo modo, na frente de cena o que se anunciava era morte, aquela associada à vitória do sobrevivente para que Canetti com tanta intensidade alertava em 1960:

A grande questão hoje - a única, poder-se-ia dizer - diz respeito à possibilidade de se lidar com o sobrevivente, tendo ele atingido proporções tão monstruosas. A especialização e a mobilidade da vida moderna iludem-nos quanto à simplicidade e à concentração dessa questão fundamental. E isso porque a única solução que se apresenta para a apaixonada ânsia de

sobreviver - qual seja, a solidão criativa que faça por merecer a imortalidade - constitui, por sua própria natureza, uma solução para poucos" (1995, op.cit.: 469).

Talvez se possa pensar que essa roupagem de morte faça parte da projeção de negror movida pelo sobrevivente, até por ter contado com "cristais de massa" e com a própria formação de massas, as de maior intensidade possivelmente caracterizáveis, dentro da tipologia de Canetti por afetos dominantes, como "de acossamento" e "de inversão" (cf. espec. pp. 46-74; tão similares ao que La Boétie nos faz tocar...). Assim, a dimensão de governo e do parlamento, da grande mídia omnipresente e reproduzida em diversos fóruns e falas, cotidianos, onde grupos de sujeitos concretos são apresentados como conjunto coerente, como unicidade, corresponderia a formulações, mesmo que não deliberadamente articuladas, que levam a crer em seu caráter de massa, muito mais inelutável do que se se mantiver presente a questão básica de que não há como alcançar plenitudes de todos. 14 Ocorrem sempre resistências - e isso é mera repetição de lugar comum. Indo além - o que não significa sair do lugar comum -, há uma pletora de sujeitos que se ocupa, sempre se ocupou, 'ativamente' em produzir outras formas de reflexão (ou de silêncios mesmo, que vão além de 'ausência de reflexão') sobre o 'estar na vida' e a 'vida partilhada' ou, assumindo uma simplificação talvez necessária, sobre diversas possibilidades de configurações 'políticas', mesmo - sobretudo? - quando não sob os modos consagrados de concebê-las, pela mídia, pela academia e por partes desses mesmos sujeitos.

Noutros termos, as 'vozinhas' podem ser encaradas - por que não? - como envolvidas em processos densos. Talvez distantes da imagem da "solidão criativa" que Canetti afirma ser caminho de poucos, nem por isso deixam de constituir formas de estar, de refletir, de se apegar e, até, de exercer adesões temporárias a massas de diversos tipos, sem, contudo, com elas se confundir. Desta forma, tem certo nexo pensar as 'vozinhas' como veículo possível de enfrentamento, ainda que não explícito, da "transmissão das ordens", esse lugar onde a atividade do sobrevivente, que precisa ser desnudado, mais foi naturalizada. O "instrumento de libertação" do sobrevivente, do próprio medo da ordem no que ela representa de "uma sentença de morte suspensa", "é o súbito ordenar da morte em massa", porque "há nele uma profunda necessidade de que fileiras inteiras de sua própria gente sejam desbastadas" (Ibid: 469-70). Canetti encerra *Massa e poder*, como já mencionado, com "A morte como ameaça é a moeda do poder. Fácil é aí empilhar moeda sobre moeda, acumulando enormes capitais.

¹⁴ Tenho impressão, mas não foi possível acesso ao livro a tempo de apropriá-lo adequadamente aqui, que essa mesma ideia está presente em MAALOUF, Amin. 1998, *Les identités meurtrières*. Paris: Grasset.

Quem deseja lidar com o poder tem de encarar a ordem sem receio e encontrar os meios capazes de roubá-la de seu aguilhão" (Ibid: 470).

O pico representado pelas 'vozinhas' - que o horror no Brasil e a 'insuficiência' heurística de discursos 'vulgares' contribuíram para que ganhassem 'visibilidade', que seu alarido 'exigisse' ser reconhecido - prolongou-se 'naturalmente' para o tema da constituição da democracia na Irlanda. Havia elaborado explicações satisfatórias, até com certa elegância, vinculadas sobretudo à Guerra Civil de 1922-23 - que continuam 'interessantes' e, pois, não foram abandonadas. Faltava, todavia, lidar com 'anterioridades' (em particular as associadas ao Levante de 1916), que, precisamente, não tinham um aspecto 'estruturado', mas que, era claro, haviam jogado um papel fundamental nas conformações de desenhos 'vividos' que garantiam a não instauração forte da 'ordem', para voltar a uma conexão mais direta com Canetti, espraiando-se para além dos acontecimentos mais notórios. Assim, a densidade da reflexão (por bastante incompleta que tenha permanecido) a pretexto da Irlanda teve na situação do Brasil (e do mundo) um detonador próximo direto. O reverso, a apresentação de sugestões que podem ter algum valor para pensar democracia - no mesmo passo em que se lhe confere significados -, no caso particularmente no Brasil, talvez seja uma vantagem, do tempo de escrita - firmemente no duplo sentido - deste capítulo da tese.

Tem-se noção do debate corrente sobre a validade dos textos de feição 'pessoal' e de 'urgência' em detrimento dos mais acadêmicos na análise de situações e fenômenos. Todavia, os esforços interpretativos 'canônicos', embora continuem profundos, capazes de 'explicar' e até mesmo 'prever' o desencadear de acontecimentos, parecem ter perdido parte da 'potência' embutida no desejo, mesmo que nem sempre assumido, de evitar a replicação de 'horrores'. Neste sentido, 'pescar' possibilidades diferentes ganha um agradável respaldo. As 'vozinhas' estão sendo encaradas como uma dimensão interessante, frequentemente 'ausente', até por se vestir de estruturações outras daquelas às quais um 'olhar racional', esse fruto da modernidade e suas hierarquias, sociais e de 'saber', está habituado. Numa certa dimensão, remete ao Vive Moi! (e, embora noutra medida, ao análogo contrastante *The Irish*: a character study) de Seán O'Faoláin - no que não deixa de ser uma leve (re)visita aos capítulos anteriores da tese. A conexão não tem nada de evidente, ou mesmo imprescindível. É viável, contudo. O'Faoláin produz num contexto - destacando-se, por que não?, sua dimensão irlandesa - de valorização muito elevada da palavra escrita, que ele domina com maestria, paralelo à aceitação de um olhar fluído e atento, ao mesmo tempo, para a historiografía, onde se insere a que ele próprio exerce. Num certo plano, como marcado, busca ir além dos "limites" que o circunscrevem, os

quais de alguma forma denuncia. Faz isso junto com uma míriade de outros autores e numa associação que está longe de fortuita com a atribuição, quase folclórica, de *talkativeness*, ao ser irlandês.

Num certo sentido, é pois de atenção à talkativeness que se trata. Em 'outros lugares', outros conjuntos de falas, no Brasil, para voltar a esta 'partida', esse aspecto raramente ganha foros de válido. Chega a ser difícil definir conjuntos discursivos hegemônicos, afora os que ganham rótulos mais evidentes, como o da 'mídia dominante' etc. A academia tem os seus, com suas diatribes próprias, algumas espelho das que percorrem 'outros mundos'. Em termos do 'conjunto social' - não há qualquer pretensão de que isto constitua um conceito e tampouco se trata de mais do que uma 'convição' -, porém, é difícil achar 'coerências discursivas', antes ver-se-ia universos próprios, quase sem diálogo entre si, quando muito permeados por esforços de compreensão acadêmicos, ou político-acadêmicos, se a expressão é aceitável. A esperança de que isso fosse suficiente para suscitar uma maior aceitação da 'disfonia', da multiplicidade de falas, como característica interessante parece vã. A impressão que se tem é o oposto: encarniçamento em nichos, convolutos, de discursos cujo caráter autoritário é assumido sem pejo, até mesmo prescindindo-se de qualquer vontade de expandir seu alcance efetivo, no sentido incorporador, a grupos sociais maiores. Para usar o referente irlandês mais simples, talkativeness não tenderia a ser encarada como algo com nexo. O que não impede que... tenha, que as vozinhas tenham! Com remissões as mais 'impossíveis', 'ilegíveis', 'incontornáveis', 'incoerentes' - e outros "i" que queiramos acionar. 15 Para colocar de outra forma, é como se quase não houvesse sentido em falar de um 'nós', que visse em falas diversas, ainda que com pesos variáveis, uma base para sua existência - com repercussão na 'academia' e, sobretudo, no mercado de transações políticas mais amplo. Isso ocorre na Irlanda. Sem dúvida, há exclusões - e seria grave ignorá-las, bem como a suas consequências. De toda forma, e parece aceitável apontar para isso, tal não impede que falas, 'vozinhas', um tipo de talkativenes, constitua um material fundante do tecido social, que, se não modela diretamente, ao menos refreia alguns modos explícitos de exercício do poder. Não se quer dizer que constitua uma esfera 'mais real', nem mesmo que há por que - ou como - dissecar

¹⁵ Tendo noção que o tema remete para uma multiplicidade de dimensões que não se tem pretensão nenhuma de abarcar. Num parênteses, talvez se possa associar esses "i"s ao que Peter Burke refere a propósito do "estudo das práticas incorporadas de conhecimento tácito": "O conhecimento artesanal é literalmente passado de mão em mão (significado original de 'tradição'), do mestre para o aprendiz, por exemplo, quase sem falar nada. Portanto, o estudo das artes depende de trabalho em campo e observação, métodos impossíveis de seguir no estudo do passado" (2015: 41). BURKE, Peter. 2015, *O que é história do conhecimento?* São Paulo: Editora Unesp. Aqui não se trata de passado, mas, de fato, quer-se propor que, mais do que 'estudá-las', é importante reconhecer a presença e relevância das 'vozinhas' na configuração de um cenário democrático, que, assim, tem por característica, um grau muito elevado de incognoscibilidade.

suas características. A existência dessa dimensão e seu 'reconhecimento' são, todavia, a base de um 'nós', de uma entidade funcionante, que os aguilhões da ordem, no sentido proposto por Canetti, embora presentes, encontram dificuldade de permear e penetrar mais fundo.

III - Democracia(s) - ou algumas 'ajudas luxuosas'

Talvez nunca ninguém tenha defendido que qualquer fala valha a pena. Há falas de morte, de morte da vida e da própria fala, e parte dessas falas, discursos, recentes no Brasil aguçam in extremis a convicção de que várias não podem ser aceitas (para um exemplo claro, as relativas ao "escola sem partido"). Por outro lado, um dilema persistiu durante certo tempo: como defender a associação de democracia com um máximo alarido, ou, melhor dizendo, com que o espaço público e de poder não negue lugar para os exercícios contínuos das vozes, antes se veja compelido a considerá-las, e, ao mesmo tempo, presumir a recusa de algumas, definir quais seriam 'legítimas' ou não. O esforço de entender democracia para além de parâmetros 'externos' mais habituais, inclusive como definidos por algum campos da 'academia', pelos fóruns, think tanks variados, incluindo-se os da mídia comum (de certo modo excluídas as dimensões virtuais), permite perceber que não se trata de uma 'escolha'. Não se está partindo de 'vários', de 'entidades' que se pode apontar, para, por exemplo, operá-los dos modos cuidadosos como Dahl ou Lijphart tornaram comuns, com seu indubitável valor heurístico e operacional. Para novamente conectar com trechos anteriores da tese, busca-se evitar aqui a aproximação com dimensões mais 'substantivas', mais 'densas', como Geertz de certo modo fez ao lidar com a questão central dos limites para o relativismo. Trata-se antes, precisamente, de buscar associar democracia à ausência de conformações definidas, à possibilidade de 'exercícios' permanentes de redesenhos de configurações, nos mais diversos níveis da existência, nas 'subjetivações', nos 'encontros' e, no limite, no próprio funcionamento das regras e formulações mais evidentes. Isto presume uma certa leitura das 'vozes', de certo modo encará-las como uma das antíteses dos "cristais de massa" desenhados por Canetti. Neste sentido, as 'vozinhas' que estariam na base de possibilidades democráticas seriam simplesmente todas aquelas que não buscam formular hegemonias nem propalam exercícios da ordem, as que se apresentam díspares, cheias de 'i's, as que permitem, para usar uma linguagem valorativa nem tão antiga assim, a tolerância.

Não se pretende que construam, ou mesmo sirvam de base para, os arranjos governamentais formais, nem, diretamente, para as políticas públicas aventadas e

implementadas. Sugere-se, contudo, que são seu fundamento, ainda que não explícito. Existem estruturas anteriores, mais 'densas', sobre as quais a 'vida', sua dimensão 'política' assenta. Essas também tiveram, ao menos em parte, hipótese que se insinua e a que, no tocante ao Levante de 1916, se voltará, 'participação' de 'muitos', apesar de, em boa parte, corresponderem a uma 'história institucional' clara. Neste sentido, o ponto que se busca ressaltar aqui é o do 'concerto' a respeito da 'ausência' de definições sobre 'o real', que se coaduna, intimamente, com algo como um 'consenso', que faz com que 'vozinhas', talkativeness, exerçam controle sobre o poder e suas tentações de impedir o curso dos vários caminhos de 'vida', suas interações, a 'vontade' de exercer 'comando', 'controle', sobre o que se vai fazendo presente. Repetindo, não se trata de qualquer 'perfeição'. Configurações formais detêm graus efetivos de poder; a burocracia um deles. Não obstante, a 'tentação' - hoje em dia é difícil não colocar 'tendência'! - dos detentores do 'poder móvel', primeiros-ministros, senadores, deputados e - embora haja uma mudança importante aqui - vereadores de tomá-lo como 'seu', esta é permanentemente, no próprio 'arranjo' social e na forma eleitoral, contida; transformada em algo que deve, precisa, encarar como fundantes mandamentos ligados, em parte que seja, à algaravia dos entes que pululam nessa 'unidade', no caso República da Irlanda, e que se 'materializam' no seu funcionamento democrático concreto, como nas *clinics* e no tipo de *canvassing*, associados ao sistema eleitoral, o PR-STV, em vigor. ¹⁶

Há limitações na familiaridade com o pensamento de Žižek que preciso destacar de imediato, razão, inclusive, por que a interpretação de Safatle assume aspecto central. Contudo, creio que Žižek busca apontar para a fuga de um confronto com o 'real', patente nas representações que dele se buscou fazer no século XX, que se coadunaria muito com o que tento pontuar sobre democracia e formas de presença da vida na política e, pois, no social. Além disso, oferece uma muito desejada oportunidade para a ligação desse olhar para democracia com liberdade. No "Posfácio" a *Bem-vindo ao deserto do real!* de Žižek, Vladimir Safatle insiste na importância que a "articulação entre sujeito e negação", oriunda da perspectiva lacaniana, tem para Žižek, como quando este afirma que "o sujeito é inerentemente político no sentido que 'sujeito' (...) denota uma partícula de liberdade, já que ele não fundamenta suas raízes em uma substância firme qualquer, mas que se encontra em

¹⁶ A dívida, mencionada logo no começo da tese, para com o pensamento de Pierre Clastres, talvez particularmente como expresso em *A sociedade contra o Estado*, é por demais evidente para que precise ser mais uma vez ressaltada. Pode convir, no entanto, reafirmá-la.

uma situação aberta" (Žižek apud Safatle 2003¹⁷: 183). Noutros termos, o "sujeito é aquilo que nunca é totalmente idêntico a seus papéis e identificações sociais" (Safatle 2003: 183), donde a crítica de Žižek a toda política da identidade, como parte do jogo do capital, e, ao mesmo tempo, sua ideia da negação como "via para a fundação de um universal não substancial". Assim é que, "contra uma política das identidades", propõe "uma política da universalidade da inadequação", que estaria associada a defender que a "negatividade do sujeito deve ganhar a forma de uma violência criadora capaz de romper o ordenamento jurídico" 18, que não se restringiria, todavia, a uma "simples paixão de purificação", nos moldes, por exemplo, que Habermas associa a Carl Schmitt (Safatle 2003: 184-6). A paixão pelo Real, de que o livro de Žižek posfaciado por Safatle trata, que teria animado toda a história do século XX, seria uma "paixão estético-política pela ruptura, niilismo ativo apaixonado pela transgressão, pela radicalidade da violência como signo do aparecimento de uma nova ordem cujo programa positivo nunca foi exaustivamente tematizado". A "astúcia dialética" de Žižek lhe teria permitido "demonstrar como tal paixão pelo Real inverteu-se necessariamente em seu contrário anulando seu verdadeiro potencial corrosivo"; e, assim, "a violência criadora da política do Real normalmente acabou por acomodar-se à produção da imagem teatral de aniquilação" (Safatle 2003: 186-7). Isto é o que leva Žižek a afirmar - o ponto que interessa destacar aqui - que "o problema com a 'paixão pelo Real' do século XX não é o fato de ela ser uma paixão pelo Real, mas sim o fato de ser uma paixão falsa em que a implacável busca do Real que há por trás das aparências é o estratagema definitivo para evitar o confronto com ele" (Žižek 2003¹⁹: 39)²⁰.

Só para acompanhar Žižek um pouco mais, Safatle considera que é importante atentar para o modo como Žižek recupera a temática da crítica da ideologia, para reatualizá-la como uma "mutação do próprio sentido de 'crítica'" e na aproximação do conceito de ideologia de elaborações psicanalíticas, de modo que "fantasia transforma-se em categoria central do

.

¹⁷ SAFATLE, Vladimir. 2003, Posfácio: a política do real de Slavoj Žižek. ŽIŽEK, Slavoj. *Bem vindo ao deserto do Real!*: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. p. 179-91.

¹⁸ Tão forte o eco da "solidão criativa" de Canetti!

¹⁹ ŽIŽEK, Slavoj. 2003, *Bem vindo ao deserto do Real!*: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo Editorial.

²⁰ É possível considerar que o 'descomedimento', uma retomada da *húbris*, na democracia assume, para Todorov, um papel análogo a essa falsa paixão pelo Real denunciada por Žižek:

Os perigos inerentes à própria ideia democrática surgem quando um dos ingredientes dela é isolado e absolutizado. O que reúne esses diversos perigos é a presença de uma forma de descomedimento. O povo, a liberdade, o progresso são elementos constitutivos da democracia; mas se um deles se emancipa de suas relações com os outros, escapando assim a qualquer tentativa de limitação e erigindo-se em único e absoluto, eles transformam-se em ameaças: populismo, ultraliberalismo, messianismo, enfim, esses inimigos íntimos da democracia" (2014, op. cit.: 18).

político" (Safatle 2003: 187). Para Safatle, o que Žižek fez foi "insistir na existência de uma fantasia social que estrutura a determinação do valor e da significação da realidade socialmente compartilhada. Fantasia social capaz de produzir uma 'objetividade fantasmática' que tem um nome próprio: ideologia" (Safatle 2003: 188). Uma das consequências que daí decorre é o abandono da concepção de ideologia como construção reificada e o encarar da fantasia como "modo de defesa contra a impossibilidade de totalização integral do sujeito e de seu desejo em uma rede de determinações positivas". A crítica da ideologia passa então a ser feita "em nome dos direitos universais da negação no interior da esfera do político" (Safatle 2003: 189) e é por isso que Žižek (apud Safatle 2003: 189) afirma que "a ideologia não é tudo; é possível assumir um lugar que nos permita manter distância em relação a ela, mas esse lugar de onde se pode denunciar a ideologia tem que permanecer vazio, não pode ser ocupado por nenhuma realidade positiva determinada". A implicação que Safatle retira é que só "um discurso negativo poderia, pois, escapar da ideologia" - o que não significa uma adesão ao niilismo. Chama Claude Lefort para lembrar que "o único discurso feito em nome da invenção democrática contra o totalitarismo das construções ideológicas é o discurso de defesa do lugar do povo como um lugar vazio que nunca pode ser corretamente preenchido". Nos termos de Lefort: "A legitimidade do poder funda-se sobre o povo; mas à imagem da soberania popular junta-se a imagem de um lugar vazio, impossível de ser ocupado, de tal modo que os que exercem a autoridade pública não poderiam pretender apropriar-se dela" (Lefort apud Safatle: 190). A conclusão de Safatle a respeito é que, "assim, a verdadeira política do Real não é aquela animada pela tentativa violenta de purificação de toda opacidade do social, mas é aquela feita em nome da irredutibilidade dos antagonismos que fundam a experiência do político" (2003: 190-1).

Lefort, de cuja proposta a leitura aqui apresentada é evidente tributária, a respeito do Estado democrático, apresenta-o como "teatro de uma contestação cujo objeto não se reduz à conservação de um pacto tacitamente estabelecido, mas que se forma a partir de focos que o poder não pode dominar inteiramente". E acrescenta: "desenvolveu-se assim sobre a base dos direitos do homem toda uma história que transgredia as fronteiras nas quais o Estado pretendia se definir, uma história que continua aberta" (Lefort 2011²¹: 75). André Rocha associa diretamente a profundidade da concepção de Lefort à de Gramsci e afirma:

²¹ LEFORT, Claude. [1979, 1980] 2011, *A invenção democrática*: os limites da dominação totalitária. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. (particularmente [1979] 2011, Direitos do homem e política. pp. 59-86; e [1980] 2011, A lógica totalitária. pp. 87-102).

Lefort nos convida a pensar as diferenças radicais entre a política democrática e a política totalitária, entre uma 'lógica democrática' e uma 'lógica totalitária' de organização das instituições políticas. Ora, essas 'lógicas' são encarnadas, não são abstrações discursivas, elas são processos históricos particulares. Para apreendê-las (...) é preciso uma verdadeira prática interrogativa, uma prática que interroga a si mesma em seu contexto. Para compreender essas lógicas, é preciso abrir-se à indeterminação do presente, à percepção do movimento histórico que nos ultrapassa e que nos conserva pelo sentido do nosso trabalho e das nossas práticas (Rocha 2011²²: 54).

Para comentar mais um aspecto afim ao tema, Marilena Chauí (2011²³: 40) acrescenta a dimensão das possibilidades e escolhas - agônicas? - envolvidas na proposta de Lefort com seu próprio trabalho, para quem "o enigma da obra" "está em existir simultaneamente no texto do escritor e nos textos de seus leitores, no campo constituído por eles e no debate fecundo e interminável que aí se institui". A "concepção generosa do pensamento" é a da obra que "instaura um modo de existência como diferença interna entre escrita e leitura que abre o pensar, em vez de fechá-lo sobre si mesmo" (Chauí 2011: 40). Há, todavia, outra senda, associada, nos termos de Lefort, a "um obscuro desejo de dominação", que, parece, se poderia associar com os esforços de construção de 'entidades', nas descrições sobre o 'real' e nas consequências que daí decorrem em termos de seu 'funcionamento'. Como Chauí explana,

a 'objetividade' atribuída à obra permite ao leitor situar-se num lugar imaginário, fora do campo de pensamento a ele oferecido, num lugar de onde possa contemplá-la inteiramente, abarcando todas as perspectivas, num geometral onividente e por isso onisciente. Ora, curiosamente, esse lugar 'alto', externo, de onde tudo é visto e compreendido, não é apenas o lugar que nossa ciência atribui ao observador, é também o lugar que, em nossas sociedades, a imaginação confere ao poder. A 'objetividade' atribuída à obra, parecendo dar-lhe plena soberania sobre o simples leitor, é, de fato, sustentada pela subjetividade soberana do contemplador, imaginário. Dependerá do leitor escolher o tipo de leitura que pretende fazer (Chauí 2011: 40-1).

É cabível considerar que talvez não haja grande diferença entre os lugares que atribuímos a ciência, observador, obra - e poder. Todos estariam fora, se distinguiriam do 'restante', sobre o qual fariam incidir um olhar, quando não uma narrativa, unificador e que, em última análise, se julga capaz de definições (para não chegar a usar a ideia de estabelecer verdades). Montaigne coloca em "Dos Canibais", na que deve ser uma das mais famosas passagens dos *Ensaios*²⁴, que consideramos bárbaro tudo o que não se pratica na nossa própria terra, descrição precisa, *avant la lettre*, do que seja etnocentrismo, com que aí mesmo rompe. Num certo nível evidente, os Tupinambá são escolhidos para falar da sociedade sua contemporânea. Por outro lado, essa perspectivação é mote para projeções possíveis, é âncora

²³ CHAUÍ, Marilena. 2011, Apresentação. LEFORT, Claude. *A invenção democrática*: os limites da dominação totalitária. Belo Horizonte: Autêntica Editora. pp. 37-41.

_

²² ROCHA, André. 2011, Introdução: dialética e democracia. LEFORT, Claude. *A invenção democrática*: os limites da dominação totalitária. Belo Horizonte: Autêntica Editora, pp. 43-55.

²⁴ Edição utilizada: MONTAIGNE, Michel de. [1580] 19__, *Ensaios*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Ediouro.

para processos de identificação e transformação do próprio olhar - e, num mar maior, de outros olhares - e de si. Sarah Bakewell coloca que, para Montaigne, "O hábito torna tudo insípido, induz ao sono. Adotar uma perspectiva diferente é uma maneira de despertar de novo" (2012²⁵: 195). É isto que fazia com que os povos da América do Sul não fossem fascinantes apenas em si mesmos: "Constituíam um espelho ideal, no qual Montaigne e seus compatriotas podiam 'reconhecer-se de um ângulo adequado', despertando-os de seu sonho presunçoso" (Ibid: 202). De outro modo, pode-se dizer que os povos da América do Sul alavancavam olhares distintos, para o sujeito e os sentidos de sua 'obra'. Assim, Montaigne ficaria distante tanto do "preconceito de superioridade" como do "preconceito da igualdade", criticados por Todorov a propósito da Apologetica Historia de Las Casas: "Se é incontestável que o preconceito de superioridade é um obstáculo na vida do conhecimento, é necessário também admitir que o preconceito da igualdade é um obstáculo ainda maior, pois consiste em identificar, pura e simplesmente, o outro ao seu próprio 'ideal do eu' (ou a seu eu)" (1993²⁶: 162). Novamente, Montaigne escapa da convicção, mais moderna, de Vitória, associada à possibilidade de estabelecimento de um critério de justiça para uma causa (e para uma guerra): "Esta justica absoluta só é acessível para os sábios, e torna-se obrigação destes" (Ibid: 177). Aliás, afirma Todorov, "o próprio Vitória não ilustra com perfeição seu preceito - e assim encarna a separação característica do intelectual moderno, entre o dizer e o fazer, entre o conteúdo do enunciado e o sentido da enunciação" (Ibid: 178).²⁷

Em *O circuito dos afetos*, Safatle parte de *O processo* para afirmar que "Kafka nos lembra como compreender o poder é uma questão de compreender seus modos de construção de corpos políticos, seus circuitos de afetos com regimes extensivos de implicação, assim como compreender o modelo de individualização que tais corpos produzem, a forma como ele

²⁵ BAKEWELL, Sarah. 2012, Como viver ou Uma biografia de Montaigne em uma pergunta e vinte tentativas de resposta. Rio de Janeiro: Objetiva.

TODOROV, Tzvetan. [1982] 1993, A conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes.
 Não se seguirá aqui adiante com a proposta mais geral que Todorov coloca, a qual, todavia, deve ser apresentada, inclusive por seu refinamento:

A boa informação é o melhor meio de estabelecer o poder: vimos com Cortez e as ordenanças reais. Mas, por outro lado, o direito à informação é inalienável, e não há legitimidade do poder se este direito não for respeitado. Aqueles que não se preocupam em saber, assim como os que se abstêm de informar, são culpados diante de sua sociedade; ou, para dizê-lo em termos positivos, a função da informação é uma função social essencial. Ora, se a informação for eficaz, a distinção entre 'impôr' e 'propôr' continuará a ser pertinente.

Não é preciso fechar-se numa alternativa estéril: ou se justifica as guerras coloniais (em nome da superioridade da civilização ocidental), ou então se recusa qualquer interação com o estrangeiro, em nome de uma identidade própria. A comunicação não-violenta existe, e pode ser defendida como um valor. Isto poderia fazer com que a tríade escravismo/colonialismo/comunicação não seja apenas um instrumento de análise conceitual, mas acabe por correspondenter também a uma sucessão no tempo (1993: 178-9).

nos implica" (2016²⁸: 15); no que pode ser encarado como uma forma de delinear o que Rousseau postula, na análise de Todorov, que a "socialidade não é um acidente nem uma contingência: é a própria definição da condição humana". Todorov coloca que, para Rousseau, a "ideia da consideração" é central, associada ao viver em sociedade, característica 'de sempre' do humano, que faz com que "os homens experimentam a necessidade de atrair para si o olhar dos outros" (2014²⁹: 31); "consideração" que se coaduna, apesar de não se confundir, com a ideia de reconhecimento utilizada por Safatle³⁰. Este prossegue sua argumentação com o corolário de que se quisermos mudar o poder, "será necessário começar por se perguntar como podemos ser afetados de outra forma, será necessário estar disposto a ser individualizado de outra maneira, a forçar a produção de outros circuitos" (2016: 15). Noutros termos, "há uma adesão social construída através das afecções", que faz que "quando as sociedades se transformam, abrindo-se à produção de formas singulares de vida, os afetos começam a circular de outra forma, a agenciar-se de maneira a produzir outros objetos e efeitos" (Ibid: 16).

As nossas sociedades de democracia liberal teriam na base de seu modelo hegemônico de circuito de afetos a perspectiva hobbesiana, pela qual, "de todas as paixões, a que sustenta mais eficazmente o respeito às leis é o medo" (Ibid: 16-7). Safatle aproxima-se então muito da leitura de McPherson³¹ ao afirmar que se trata "principalmente e de maneira silenciosa, de

_

²⁸ SAFATLE, Vladimir. 2016, *O circuito dos afetos*: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

²⁹ TODOROV, Tzvetan.[1995] 2014, *A vida em comum*: ensaio de Antropologia geral. São Paulo: Editora Unesp.

³⁰ Como apresentada, p.e., no "Coda" ao capítulo introdutório de *O circuito dos afetos*, em que Safatle retoma seu livro anterior, *Grande Hotel Abismo*, onde teria procurado

apresentar as bases para uma ontologia subtrativa do sujeito e suas consequências para a reflexão sobre os processos de reconhecimento. Ontologia substrativa [sic] porque ela não visa fornecer determinações normativas sobre o ser, descrevendo o regime de sua substancialidade, seus atributos de permanência e estabilidade nocional. Antes, trata-se de conservar a ontologia como pressão subtrativa do que não se esgota na configuração da situação atual de determinações dos entes ou, se quisermos ser mais precisos, do que não se esgota nas determinações gerais de atualidade. Neste modelo, a ontologia pode aparecer, ao mesmo tempo, como crítica das formas atuais de determinação e apresentação de 'formas gerais de movimento' que desarticulam o campo das identidades (2016: 29).

³¹ A referência é ao influente, embora por vezes polêmico, MacPHERSON, C. B. [1962] 1979, *A teoria política do individualismo possessivo de Hobbes até Locke*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. A referência 'político-teórica', digamos assim, de Safatle e de MacPherson parece ter muito em comum, como quando, por exemplo, no fecho da parte II, "Hobbes: o dever político do mercado", MacPherson afirma: "O paradoxo do individualismo de Hobbes, que começa com indivíduos racionais iguais e demonstra que estes devem se submeter integralmente a um poder exterior a eles mesmos, é um paradoxo não da sua teoria, mas da sociedade de mercado", o que, precisamente, lhe permite considerar que "Hobbes captou tanto a liberdade quanto a compulsão da sociedade de mercado possessivo" (: 115). Termos de Safatle (quanto ao que o *Segundo tratado sobre o governo* de Locke é o referente direto):

A predicabilidade da pessoa, que aparece então como expressão máxima da autonomia e da autenticidade dos indivíduos, é definida como uma espécie de solo pré-político para toda política possível. O problema fundamental é que tal solo pré-político naturaliza não apenas uma antropologia, mas também um modo geral de

definir a figura do indivíduo defensor de sua privacidade e integridade como horizonte, ao mesmo tempo último e fundador, dos vínculos sociais". Isto faz com que a defesa da integridade individual não signifique apenas a "elevação da conservação da vida à condição última de legitimação do poder. 'Integridade' significa aqui também a soma dos predicados que possuo e que determinam minha individualidade, os predicados dos quais sou proprietário". Isto faria, em suma, com que o "medo como afeto político central" fosse "indissolúvel da compreensão do indivíduo, com seus sistemas de interesses e suas fronteiras a serem continuamente defendidas, como fundamento para os processos de reconhecimento" (Ibid: 17) - ou, para reiterar mais uma vez a ideia rousseauneana colocada por Todorov, para sua "consideração". A partir daí, Safatle propõe, remetendo sobretudo a Freud - embora também a Etienne de La Boétie e ao Discurso da servidão voluntária -, que se compreenda não o medo mas o desamparo como "afeto político central", recorrendo à "contingência" e à "errância" que o desamparo pressuporia e transformando "esses dois conceitos em dispositivos maiores para um pensamento da transformação política" (Ibid: 18). Na leitura de Safatle, a "lição política de Freud consiste em dizer que há uma espécie de aprisionamento do desamparo na lógica neurótica das narrativas de reparações" (Ibid: 18-9)³². Isto estaria

relação, já que pensar sujeitos a partir de sua predicabilidade é pensá-los a partir de relações de possessão, um pouco como indivíduos essencialmente definidos como 'quem tem uma propriedade em sua própria pessoa'. Um predicado é algo que possuo, que é expressão do que faz parte das condições que estabelecem o campo da minha

a um modo naturalizado de relação (2016, op.cit.: 23).

Talvez valha igualmente frisar a correlação - apesar da distância analítica - com um trecho de "Direitos do homem e política" em que Lefort relê Marx para identificar a presença de aspectos decorrentes de sua queda numa 'armadilha ideológica' que, quanto a esses tópicos, faz com que não perceba "sua captura pela ideologia burguesa dos direitos do homem" (2011, op.cit.: 69): "Na afirmação dos direitos do homem trata-se da independência do pensamento e da opinião face ao poder, da clivagem entre poder e saber e não somente, não essencialmente, da cisão entre o burguês e o cidadão, entre a propriedade privada e a política" (Ibid: 68-9).

propriedade. Por isso, ao definir a predicação como modo privilegiado de reconhecimento, eleva-se a possessão

Para não deixar de recorrer a Jung, um trecho citado com frequência relativo ao arquétipo da "criança":

A 'criança' nasce do útero do inconsciente, gerada no fundamento da natureza humana, ou melhor, da própria natureza viva. É uma personificação de forças vitais, que vão além do alcance limitado da nossa consciência, dos nossos caminhos e possibilidades, desconhecidos pela consciência e sua unilateralidade, e uma inteireza que abrange as profundidades da natureza. Ela representa o mais forte e inelutável impulso do ser, isto é, o impulso de realizar-se a si mesmo. É uma impossibilidade de ser-de-outra-forma, equipada com todas as forças instintivas naturais, ao passo que a consciência sempre se emaranha em uma suposta possibilidade de ser-de-outra-forma. O impulso e a compulsão da auto-realização é uma lei da natureza e, por isso, tem uma força invencível, mesmo que seu efeito seja no início insignificante e improvável. (cf., p.e., www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/a-crianca-interior-e-os-seus-arquetipos/51356, Acesso

³² Assumo aqui um tom decididamente pessoal, até por não ter qualquer presunção - ou competência - de argumentá-lo de forma mais 'teórica'. Na dedicatória da tese, consta a minha "criança maravilha" e coloco almejar um grande encontro de crianças maravilha. Esse 'conceito' (e o recurso ao termo 'conceito' incomoda) está associado a Jung e não a Freud. Partilho muito mais da visão junguiana do que da freudiana, de mundo, de sociedade, de liberdade - e, assim, de construção de mundos, como possibilidade e responsabilidade de cada um, sem com isso deixar de envolver outros, antes presumindo a existência de universos de 'sentido humano profundo' onde todos estão inelutavelmente imersos, tenham-no claro ou não. Isto posto, vale observar que essa denúncia do aprisionamento do desamparo é coerente com uma fundamentação vital junguiana.

associado a que não "há política sem corpo", como "dizem, cada um à sua maneira, Rosseau, Hobbes, Spinoza" e a que "constituir vínculos políticos é indissociável da capacidade de ser afetado, de ser sensivelmente afetado" (Ibid: 19). Neste sentido, não "há política sem a encarnação, em alguma região e momentos precisos, da existência da vida social em seu conjunto de relações", encarnação essa que é a que "afeta os sujeitos que compõem o corpo político, criando e sustentando vínculos", a qual "pode se dar sob a figura do líder, da organização política, da classe, da ideia diretiva, dos vínculos a certos arranjos institucionais, da lavadeira; mas que deve se dar de alguma forma" (Ibid: 20). É assim que Safatle propõe "pensar a política a partir da maneira como afetos determinados produzem modos específicos de encarnação" (Ibid: Ibid), ideia que tem apelo significativo, inclusive por seu potencial heurístico, embora, no que concerne ao argumento que aqui se busca desenvolver, padeça de uma 'exterioridade analítica', talvez melhor dizendo 'filosófica', que se evita.

Certamente Safatle não padece da postura comum do intelectual moderno, identificada com precisão por Todorov, de distância entre o fazer e o dizer. A proposta de se imiscuir no processo é clara. Isto também faz com que assuma um desejo mais direto, senão mais intenso, que o de Montaigne de influir 'possibilidades de real', mesmo que não o 'real' em si, colocando-se, ainda que não de modo deliberado, num certo lugar onividente e onisciente, como o para que Lefort alerta, no texto preciso de Marilena Chauí. Para girar um pouco a linguagem e o foco para o objeto aqui destacado, não é, de forma alguma, que a 'ampliação da escuta das vozinhas' seja contrária à formulação de Safatle, a uma reflexão sobre 'encarnações de afetos' que lhe possa ser consentânea e até, talvez, propiciá-la. A referência é, perdoe-se uma possível reiteração, às 'vozinhas' cujo significado o 'momento' brasileiro ajudou a evidenciar e que podem traduzir aspectos associados às dimensões de sucesso da experiência democrática irlandesa -, elemento que, se defende, dentre vários outros possíveis, cabe cultivar caso se almeje um um arcabouço democrático alargado. O aspecto que se quer

2017-10-03, e PIORSKI, Gandhy. 2016, *Brinquedos do chão*: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis.).

Já quanto à inevitável correlação entre indivíduos humanos e a coletividade, inclusive como base para a "individuação":

Now in so far as the human individual, as a living unit, is composed of purely universal factors, he is wholly collective and therefore in no sense opposed to collectivity. Hence the individualistic emphasis on one's own peculiarity is a contradiction of this basic fact of the living being. Individuation, on the other hand, aims at a living co-operation of all factors. But since the universal factors always appear only in individual form, a full consideration of them will also produce an individual effect, and one which cannot be surpassed by anything else, least of all by individualism" (1990: 148).

JUNG, Carl Gustav. [1959] 1990, *The basic writings of C. G. Jung*. Selected and Introduced by Violet S. de Laszlo. Bollingen Series. Princeton University Press.

destacar é antes, apenas, que 'ver' ('ouvir'?³³) as 'vozinhas' se recobre, está associado a uma possibilidade de revestimento, de corresponder a 'práticas' que, assim, se deram para além - o que, evidentemente, não significa sem influência - de reflexões que, ao menos em algum nível, se propõem guiá-las. Noutros termos, não é que as 'vozinhas' detenham uma 'bondade' maior ou menor em si, mas que corresponderiam, não obstante, à vantagem de ser forjadas na 'experiência' e em 'múltiplos', ao menos universos mais vastos do que os pertencentes ao repertório reflexivo hegemônico. ³⁴ Num sentido de que Safatle provavelmente não discordaria, advoga-se que 'encarnações', para manter a linguagem, traduzem apenas alguns dos aspectos que se fazem presentes nas expressões sociais e políticas. São, nesse sentido, um componente 'explicativo' de grande relevância. No que toca, todavia, à dimensão 'democrática', às possibilidades de 'consideração' - que afloram em escuta e olhar - ampliada, é importante prescindir de buscar construir convicções epistemológicas. Desta forma, seria importante um certo 'abandono'³⁵, ao menos em algum nível, às construções 'reais' (distantes,

_

algo que, ao mesmo tempo, me é heterônomo, mas me é interno sem me ser exatamente próprio. O que talvez

torno de seu livro anterior, Grande Hotel Abismo:

³³ Todorov coloca que, para Rousseau, o "órgão especificamente humano são os olhos". É, contudo, além das dimensões evidentes daí derivadas que a "consideração" surge:

A inovação de Rousseau não consiste em observar que os homens podem ser movidos pelo desejo de glória ou de prestígio - isso todos os moralistas o sabem-, mas em transformar este desejo no limiar para além do qual só podemos falar de humanidade. A necessidade de ser visto, a necessidade de consideração, essas propriedades do homem, descobertas por Rousseau, possuem uma extensão sensivelmente maior do que a aspiração à honra (2014, op.cit.: 31).

A outra referência que ocorre, quiçá estranha quiçá evidente, é ao segundo volume da autobiografía de Elias Canetti, *Uma luz em meu ouvido*, e à afirmação subjacente que as leituras e escritas vêm do estar humano, fonte para o ver e o ouvir (eco da interligação íntima entre fala e luz tão corrente?). CANETTI, Elias. [1980] 1988, *Uma luz em meu ouvido*: história de uma vida, 1921-1931. São Paulo: Companhia das Letras.

³⁴ Maria Alice Rezende de Carvalho é uma autora que consistentemente reflete sobre 'condições de democracia' e sua aplicação ao 'caso brasileiro'. Quanto ao tema em pauta, em artigo de 2002, um dos recursos de que se vale para propor suplantar versões pessimistas acerca da democratização brasileira é a crítica de Charles Taylor às teorias procedimentalistas, "cuja exigência de uma internalização de direitos na sua forma abstrata e reflexiva é considerada uma metaética, que limita a imaginação moral e concebe a trajetória humana como um progressivo 'esquecimento' das idéias de bem", associada à possibilidade de "afirmar que o singular entrelaçamento entre Estado, sociedade e regime democrático que caracteriza as democracias originárias foi condicionado por uma concepção moral do ser humano que é apenas uma das matrizes da identidade moderna - não a única e nem, segundo Barboza Filho (2001), a que caracterizaria a trajetória de modernização e ocidentalização brasileira" (2002: 312). CARVALHO, Maria Alice Rezende de. 2002, Cultura política, capital social e a questão do déficit democrático no Brasil. WERNECK VIANNA, Luiz (org.). 2002, *A democracia e os três poderes no Brasil*. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Ed. UFMG / IUPERJ-FAPERJ. A referência na citação é a BARBOZA FILHO, R. 2001, O sentimento de democracia. Texto apresentado no XXV Encontro da ANPOCS. Caxambu(MG). mimeo. ³⁵ É apropriado frisar a analogia com as declarações que Safatle faz no "Coda" da "Introdução", construído em

Neste sentido, há de se lembrar que o desemparo não é apenas demanda de amparo e cuidado. Talvez fosse mais correto chamar tal demanda de cuidado pelo Outro de 'frustração'. Mas há um ponto no qual a afirmação do desamparo se confunde com o exercício da liberdade. Uma liberdade que consiste na não sujeição ao Outro, em uma, como bem disse uma vez Derrida, 'heteronomia sem sujeição'. Uma não sujeição que não é criação de ilusões autárquicas de autonomia, mas capacidade de se relacionar àquilo que, no Outro, o despossuiu de si mesmo. Capacidade de se deixar causar por aquilo que despossui o Outro. No desamparo, deixo-me afetar por algo que me move como uma força heterônoma e que, ao mesmo tempo, é profundamente desprovido de lugar no Outro, algo que desampara o Outro. Assim, sou causa de minha própria transformação ao me implicar com

precisamente, da "paixão pelo real" como evidenciada, e denunciada, por Žižek), ao que os sujeitos - suas ações, falas, exibições, e, para evidenciar a conexão com Safatle, possibilidades, incorporações de afetos - exerceram; que bem podem estar ameaçadas, ausentes, ou, desejo de boa fortuna desta tese, sendo acalentadas em diversas conformações sociais e, em consequência, políticas.

A dado momento de sua argumentação, Safatle lembra que talvez parecesse cabível que seguiria com "teóricos sociais" como Claude Lefort, "em sua tentativa de descorporificar o social como forma de pretensamente garantir a invenção democrática através da abertura de um espaço simbolicamente vazio no centro" (2016: 21). A crítica de Safatle é, de certo modo, contundente: Lefort consideraria "a mobilização libidinal e afetiva que sedimenta os vínculos sociais, em suas múltiplas formas", como "uma regressão a ser criticada", "como se a dimensão dos afetos devesse ser purificada para que a racionalidade desencantada e resignada da vida democrática pudesse se impor, esfriando o entusiasmo e calando o medo" (Ibid: Ibid). Noutros termos, Safatle chega a sugerir que Lefort, e pensadores que lhe são afins, pretenderiam "descorporificar o social", "purificar o espaço político de todo afeto", o que patentearia certa partilha da "crença clássica na separação necessária entre crença e afeto" (Ibid: Ibid). Não se trata aqui de assumir uma 'defesa' (aliás solicitada por ninguém) de Lefort. Cabe plenamente, contudo, um recurso a sua 'qualidade' como 'pensador' que se colocou num 'lugar interessado', 'mobilizado', mas que conseguiu evitar o desejo de traçar desenhos sobre o 'real', sobre, para o que vem aqui ao caso e foi eixo da sua 'militância', democracia, em cujos textos e falas não percebo tal esforço 'purificador'. 36 É consabido que um tema central de Lefort é a denúncia do "empreendimento totalitário", que "supõe a concepção de uma sociedade que se basta a si mesma e, já que a sociedade se significa no poder, a um poder que

seja o sentido mais profundo de uma heteronomia sem servidão. O que também não poderia ser diferente, já que amar alguém é amar suas linhas de fuga (2016, op. cit.: 31).

³⁶ Maria Alice Rezende de Carvalho na verdade apresenta Lefort como exemplo de autor, junto com Michael Walzer e Charles Taylor, envolvido com a preocupação em problematizar o 'desencarnamento' atual:

A inquietude sem demandas definidas de 'policy' é o que denota a matriz constitutiva, quase transcendental da 'polity', da vida política nas sociedades contemporâneas (cf. Lefort, 1988). E é sob a tensão cognitiva que ela gera que se torna perceptível que a cultura do *homo civicus* anglo-saxão é fruto de um largo processo de subordinação da *potência constituinte*, ainda presente no radicalismo dos 'santos' (cf. Walzer, 1965), às formas racionalizadas de coordenação da ação moderna: o mercado capitalista e o Estado centralizado. foram essas instituições que conformaram, muito antes do advento da democracia, a identidade e a moralidade ocidentais, referindo-se à virtude da autonomia e à auto-responsabilidade e, afinal, desprendendo-as de qualquer referência localista presente em sua gênese, como os costumes ou o poder local (cf. Taylor, 1997) (Carvalho 2002, op.cit.: 318-9).

As referências na citação: LEFORT, Claude. 1988, *Democracy and political theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press; WALZER, Michael. 1965, *The revolution of the saints*. A study in the originis of Radical Politics. Cambridge: Harvard University Press. TAYLOR, Charles. 1997, *As fontes do self*. São Paulo: Edições Loyola.

se basta a si mesmo" (2011, op.cit.: 98). Este processo decorre de outro, mais geral, de "dissolução das antigas hierarquias 'naturais'", associado a que "só o Estado aparece a todos e se representa a si mesmo como o princípio instituinte, como o grande ator que detém os meios da transformação social e do conhecimento de todas as coisas", "advento desse 'ponto de vista do Estado' - de um Estado virtualmente no centro da potência e da ciência - que torna possível a formidável expansão das burocracias, cujos membros podem cultivar seu interesse próprio, cada um tirar para si o máximo de poder e de vantagens alegando a sua soberana distância face aos administrados" (Ibid: 93). De fato, pode-se considerar que Lefort não deseja o alimento desse 'corpo', mas isto porque, precisamente, contrasta a possibilidade de percepção do "lugar do poder", "não mais como simbolicamente mas como *realmente* vazio" - analogia clara das leituras de Lefort e Žižek, como vimos Safatle apontar -, o que implica "que os que o exercem não são mais percebidos senão como indivíduos quaisquer, como compondo uma facção a serviço de interesses privados" (Ibid: 92).

Lefort é um 'defensor' dos "direitos do homem" - conexão possível com a ideia de "dignidade", que costuma encontrar no *Discurso* de Pico Della Mirandola um dos textos chave iniciais³⁸ -, por cuja distinção face a 'interesses' pugna firmemente (Ibid: 86). Neste

_

I do not aim to criticize *implicitly* the idea that individuals should be entitled to rights because of their dignity. To the contrary, if grounding rights in moral claims can help to protect and universalize them, human dignity

³⁷ Uma outra face dessa moeda, a burocracia e seus aparatos como recurso para processos de exclusão e inclusão sociais, no caso na Grécia, é descrita com acuidade em HERZFELD, Michael. 1992, The social production of indifference: exploring the symbolic roots of Western bureaucracy. London & Chicago: The University of Chicago Press. Herzfeld trata sobretudo de sua aplicação a distinções 'étnicas' ou 'nacionais'. Associando-se a apreciações frequentes mais gerais, a exemplo de escritos do próprio Lefort e, pode-se dizer, na senda 'inaugural' traçada por Weber em "Parlamentarismo e governo...", cabe esse olhar geral para a burocracia como produtora de distância e não reconhecimento social (que, precisamente, esse um dos 'disparadores' centrais da tese, na Irlanda encontrou e ainda encontra, nas formas de operação da 'política', meios relativamente amplos de reduzir os 'esforços' consentâneos de 'nulificação de vitalidade', de configuração dos sujeitos em 'rubricas' de regras estatais). O texto de Weber é por demais conhecido: WEBER, Max. [1917/8] 1974, Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída (Uma contribuição à crítica política do funcionalismo e da política partidária). Max WEBER. Ensaios de sociologia e outros escritos. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural. Entre vários outros possíveis, para uma síntese relativamente recente do texto, a partir da perspectiva do lugar ocupado pela burocracia, uma vez tendo considerado que, junto com o "Política como vocação", é provavelmente a obra mais referida de Weber, vide: BRANDÃO, Thadeu de Sousa. Parlamentarismo e governo Alemanha reconstruída: política, governo partidos Max Weber. http://cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/le01.pdf. Acesso 2017-10-09.

³⁸ O tema 'fantasmou' todo este Intróito. A referência, a que fui levada, como a tantas outras 'obras preciosas', pelo inesquecível Ricardo Benzaquen de Araújo: MIRANDOLA, Pico Della. [1487] (1998), *Discurso sobre a dignidade do homem*. (Oratio de Hominis Dignitate). Lisboa: Edições 70. Não há pretensão aqui de discorrer sobre a noção de 'sujeito' associada, mas pode-se referir, entre vários artigos relevantes sobre o assunto no contexto de produção do *Discurso*, GREENE, Thomas. 2005, A flexibilidade do *self* na literatura do Renascimento. *História e perspectivas*, Uberlândia (32/33): 35-63, Jan.Jul./Ago.Dez.2005. Antonio Pele é crítico do estabelecimento de uma 'linhagem', considerando que "the idea according to which individuals possess an inherent and absolute worthiness, that is, what we usually define as 'human dignity,' is a contemporary phenomenon and does not have any serious premises that one can/should discover in the past". Isto não impede sua incorporação ao leque de 'valores humanos', que a apreensão e leitura do conceito a partir da perspectiva foucaultiana na verdade enriqueceria:

sentido, numa espécie de parênteses, pode-se colocar Lefort também como 'descendente' do grupo que Todorov vai chamar para compor sua 'corte' de pensadores franceses associados à "declaração de autonomia", título do segundo capítulo de *El jardín imperfecto*: luces y sombras del pensamiento humanista ³⁹, que, com clareza, Todorov preza e defende ⁴⁰. Montaigne é o primeiro autor que Todorov invoca na "declaração", precisando que, em associação com sua meditação sobre a condição humana, não se trata de um "humanista ingênuo" nem tampouco de um "humanista orgulhoso". É no trecho sobre Montaigne que Todorov traz Pico e sua *Oratio*, que antecede os *Essais* em cem anos, como obra que "a menudo se percibe como uno de los manifiestos del nuevo espíritu humanista", pois que, apesar de não ter caráter inaugural, portava uma eloquência maior do que os trabalhos anteriores - o que inclusive, até certo ponto, aproximaria Pico dos "humanistas orgulhosos" (1999: 77-87). Voltando aqui a Lefort, ele considera que a ruptura com o realismo político para sustentar os direitos do homem é uma ilusão, inclusive por torvar a percepção da diferenca entre totalitarismo e democracia (Ibid: 63-4)⁴¹. Como de certa forma já destacado,

(and other principles) can be defended. (...) introducing the concept of human dignity in a Foucauldian framework does intend to *surreptitiously* soften the Foucauldian critique in order to dissolve it in a more general humanist - or post-humanist - perspective.

O artigo é intitulado "Examining Human Dignity through a Foucauldian Perspective". Li-o em novembro de 2016, quando Eoin O'Neill o verteu para o inglês. Em email na época, a referência que Antonio Pele sugeriu que desse, na medida em que não estava publicado, foi de trabalho apresentado a 11 de novembro numa conferência em PennState, Columbia (http://blogs.law.columbia.edu/nietzsche1313/antonio-pele/). A produção de Pele tem ligação direta com o blog, por ele orientado, *Human dignity: its genealogy*:

The objective of this project is to understand the genealogy of human dignity in the light of power relations, considering the influence and reach of the discourse of fundamental rights on the contemporary paradigm of human dignity (while observing the particularism-universalism debate of human rights) and evaluating the disruption between the contemporary model of human dignity and the older paradigm of the concept. Furthermore, it is a goal to prove, in the opposite direction of what is generally defended in the studies of this subject, that human dignity, defined as an inherent value, is not the cause, but the consequence of its definition as an absolute value. It is also of importance to analyze the current signification of human dignity taking as a premise the 'humanity as a value', underlying idea from the fourth generation of human rights (https://dignitygenealogy.wordpress.com/. Útimo acesso: 2017-10-03).

39 TODOROV, Tzvetan. 1999, *El jardín imperfecto*: luces y sombras del pensamiento humanista. Barcelona,

³⁹ TODOROV, Tzvetan. 1999, *El jardín imperfecto*: luces y sombras del pensamiento humanista. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós. (Original: 1998, *La pensée humaniste en France*. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle).

⁴⁰ Todorov de forma alguma esconde sua adesão. Só para um exemplo, excerto de entrevista que deu a Karim Emile Bitar e publicada em 2007, que este reproduziu no seu blog no ano seguinte:

Romain Gary que j'aime tant, était un écrivain humaniste, mais cela ne veut pas dire qu'il voyait le monde avec des lunettes roses. Il en voyait tout le tragique, mais il savait aussi que l'être humain était quand même la seule valeur qui restait et c'était pour cette valeur qu'il se battait. C'est un peu cela que j'appelle aujourd'hui de mes vœux. Je ne voudrais pas distribuer de bons ou de mauvais points, mais nous vivons dans une époque d'individualisme extrême, qui dépasse le libéralisme de l'autre côté, qui oublie que nous ne pouvons pas survivre sans les autres autour de nous et que la vie, engendrement perpétuel du nouveau, est passionnante.

 $http://cyrano.blog.lemonde.fr/2008/04/01/entretien-avec-tzvetan-todorov-humanisme-liberalisme-et-esprit-deslumieres/\ .\ Acesso\ 2017-06-13.$

⁴¹ Cabe destacar que Lefort, junto com vários outros autores, presume que o totalitarismo se distingue de conceitos dos 'antigos', como ditadura ou tirania. Por outro lado, não considera fundamental restringir sua aplicação:

para Lefort, o próprio Marx teria sucumbido a essa ilusão, ao reter da revolução burguesa "o que ele chama de 'emancipação política', isto é, a delimitação de uma esfera da política como esfera do universal, à distância da sociedade, ficando esta reduzida, ao mesmo tempo, à combinação dos interesses particulares e de existências individuais, decompostos em elementos" (Ibid: 65). No que toca aos sujeitos, ao prosseguir na leitura do pensamento de Marx, considera que "ele circunscreve a função negativa 'não prejudicar' subordinando-lhe a função positiva 'poder fazer tudo que...', sem levar em conta que toda ação humana, no espaço público, seja qual for a constituição da sociedade, liga necessariamente o sujeito a outros sujeitos" (Ibid: 67) - o que, mais uma vez, pode ser visto como reafirmação do pressuposto da "consideração" de Rousseau, destacado por Todorov. 42 Haveria antes, assim, que perceber a 'positividade', a "supressão das múltiplas interdições que pesavam sobre a ação humana antes da revolução democrática", no caso sob o Antigo Regime (Ibid: Ibid). Há uma historicidade a recuperar, inclusive em termos de atentar para as mutações que ocorreram entre o estado monárquico e o que lhe sucedeu, que faz com que um novo ancoradouro seja fixado, no homem - o que não deixou de implicar numa série de paradoxos (Ibid: 73). O "poder totalitário" constitui a grande antítese. Sua vocação é, "levar o pensamento e a palavra públicos de volta a seu polo; cercar o espaço público - certamente um objetivo impossível de atingir e para o qual apenas tende - para convertê-lo em seu espaço privado: espaço que coincidiria idealmente com o 'corpo' do povo soviético e que seria só dele ao mesmo tempo que definiria a sua lei de organização" (Ibid: 69). A "autonomia", ligada à "questão do político", é algo que lhe pode servir de antídoto, desde que se assuma de imediato que só pode ser relativa e que é vão buscar fixar ou apagar seu limite na realidade empírica (Ibid: 82). Lefort assume uma profissão de fé, que não inclui, para voltar a ir contra a crítica de Safatle, uma 'purificação', nem uma 'descorporificação', a não ser a das tentações e encarnações

Lefort fait partie des théoriciens du politique qui postulent la pertinence d'une notion de totalitarisme dont relèvent le stalinisme comme le fascisme, et considèrent le totalitarisme comme différent en son essence des grandes catégories utilisées par le monde occidental depuis la Grèce antique, comme les notions de dictature ou de tyrannie. Cependant, contrairement aux auteurs comme Hannah Arendt qui limitent la notion à l'Allemagne nazie et à l'Union soviétique entre 1936 et 1953, Lefort l'applique aux régimes d'Europe de l'Est dans la deuxième moitié du siècle, c'est-à-dire à une époque où la terreur, un élément central du totalitarisme chez d'autres auteurs, avait perdu sa dimension paroxystique.

https://fr.wikipedia.org/wiki/Claude Lefort. Último acesso: 2017-10-09.

⁴² A propósito do sentido do "sujeito" para Lefort, vale citar aqui parte do penúltimo parágrafo de "A lógica totalitária", onde busca sintetizar a "causa mais profunda da cegueira da esquerda face à variante comunista do totalitarismo": "Paralizada pela justa crítica do individualismo burguês, pela da separação dos papéis e das atividades engendrada pelo capitalismo, não sabe acrescentar-lhe a crítica inversa: desmontar a ficção da unidade, da identidade, da substância do social e mostrar que ela conduz ao isolamento dos indivíduos levado ao seu mais alto grau, à dissolução do Sujeito, à destruição forçada da sociabilidade humana" (Ibid: 102).

totalitárias, que se configura(ra)m após a "revolução democrática", de 'concepções plenas do singular', elemento de uma política de identidades que Safatle também diz querer recusar:

Desfazer-se do revolucionarismo não significa ir ao encontro do reformismo; dizemos somente que de nada serve ignorar a atração pelo Um, de nada serve denegar a distinção entre o Baixo e o Alto; que mais vale obstinar-se a resistir à ilusão de um poder que coincidiria realmente com a posição que lhe é figurada e que ele tenta ocupar assim como à ilusão de uma unidade que se faria sensível, real e que dissolveria nela as diferenças. (...) No final das contas, o que se esconde da imaginação, apesar de aí encontrar recursos desconhecidos, é a democracia. Com seu advento erigem-se, pela primeira vez, ou numa luz inteiramente nova, o Estado, a Sociedade, o Povo, a Nação. E gostaríamos de, em cada uma dessas formas, conceber plenamente o singular, defendê-lo contra a ameaça de divisão, rejeitar tudo o que o induz à falha como sintoma de decomposição e de destruição e visto que a obra da divisão parece se desencadear na democracia, gostaríamos quer de jugulá-la, quer de nos desembaraçarmos dela. Porém, Estado, Sociedade, Povo, Nação, na democracia, são entidades indefiníveis. Carregam a marca de uma ideia de Homem que mina sua afirmação, ideia aparentemente derrisória face aos antagonismos que dilaceram o mundo, mas em cuja ausência a democracia desaparecia; e permanecem numa perpétua dependência da expressão de direitos rebeldes à razão de Estado e ao interesse sacralizado da Sociedade, do Povo e da Nação. (...) É antes necessário consentir em pensar e agir nos horizontes de um mundo onde se oferece a possibilidade de um depreciamento da atração pelo Poder e pelo Um, onde a crítica contínua da ilusão e a invenção política são feitas à prova de uma indeterminação do social e do histórico" (Lefort, Ibid: 85-6).

Numa entrevista que concedeu, junto com Pierre Rosanvallon, a 08 de maio de 2009, à Radio France Culture, por ocasião de um colóquio na Maison de la Culture de Grenoble, sob a rubrica "Les nouveaux chemins de la connaissance - la rénovation démocratique", e, particularmente, "Réinventer la légitimité démocratique" ⁴³, Claude Lefort descreve sua concepção de democracia - que, para mais uma vez voltar ao mote, não implica numa 'descorporificação', antes em acedê-la pelo viés da indeterminação. Indeterminação essa que, na perspectiva assumida na tese, se estende aos 'sujeitos', no sentido dos seres que estão na base das unidades provisórias nas quais se vão exercendo jogos mais ou menos democráticos e, que, assim, só tem a ganhar com o abandono de uma ontologia, a não ser aquela mínima necessária, como - lá vamos nós outra vez! - a da "consideração" de Rousseau que Todorov nos traz. Retomando, logo no início da entrevista, Lefort reitera considerar a democracia um regime incacabado e que isso é fundamental, na medida em que, precisamente, está ligado à capacidade de acolher o conflito e permitir integralmente a indeterminação do social (2009: 1:45-2:20). Na verdade, um dos vários pontos bonitos da reflexão de Lefort, para ele a dimensão do conflito - da perene criação, se quisermos - é "nécessaire à la démocratie et cette societé qui est, toujours, d'une certaine façon, en effervescence, qui n'est jamais reposée" (Ibid: 6:05-6:25). Aspecto presente nessa colocação e ponto a que retorna várias vezes, para

_

⁴³ LEFORT, Claude e ROSANVALLON, Pierre. 2009, Réinventer la légitimité démocratique. Radio France Culture. https://www.youtube.com/watch?v=uXrAsHuZYkE. A transcrição dos extratos da entrevista que pareceram mais relevantes foi feita em 2017-09. Não seria cabível nenhuma pretensão de 'corrigir' as falas.

ele a democracia precisa ser entendida não apenas como um regime mas como "une véritable forme de société"⁴⁴ (Ibid: 3:38), associada a uma nova forma de sociabilidade onde todos, mesmo que não de forma direta, estão em relação com os demais. A informação e o conhecimento circulam e a própria riqueza, embora gere uma oposição, uma diferença de classes, ainda assim não chega a fundamentar uma divisão radical entre 'grandes' e 'povo' (Ibid: 3:38-4:20) 45. Assume que, "aujourd'hui, je suis convaincu qu'on ne peut pas désintringuer purement et simplement l'économie de marché et la démocratie sociale et politique" (Ibid: 10:44 - 10:49), embora isso não o leve a chegar a considerar capitalismo e democracia uma conjugação inteiramente pacífica, até porque, antes da "evolução técnica" atual, conduzia a uma "polarização de classes" (Ibid: 9:06-9:44), que se lhe não era antagônica continha, na sua fundamentação, dimensões que se ajustavam mal a pressupostos da forma social democracia. Como coloca em mais de uma ocasião, Lefort partiu do totalitarismo para construir sua concepção de democracia. Neste sentido, sua formulação segue um caminho distinto do de Sheldon Wolin em *Democracy Inc.* 46, este mais afim com os processos 'internos' de sua 'perversão', nos Estados Unidos, expressos na motivação para o livro, com que Wolin conclui o "Prefácio":

⁴⁴ Aliás, é a partir daí que Lefort se distingue - ia dizer 'faz a crítica', mas de fato é mais uma perspectivação - de Tocqueville, que "n'imagine pas une societé mobilisée", a quem não ocorre "l'idée d'un espace sociale, d'un espace qui n'a pas un pouvoir en surplomb". Noutros termos, "Tocqueville ne voit, d'une certaine façon, que, d'un côté, des individus, et, d'un autre côté, cette somme d'individus elle nourrit une opinion qui devient une opinion uniforme". Em suma, "Tocqueville demeure quelqu'un qui n'a pas compris que la démocratie (...) est une forme de societé et non pas seulement ce régime qu'il critique" (2009: 48:36-49:41).

⁴⁵ Esse é um dos temas que, infelizmente, não houve como abordar com maiores delongas. Não obstante, vale a pena referir a similitude dessa apresentação com a formulação propositiva de Karl Deutsch de "povo", que subsume a nacionalidade como algo essencialmente funcional (embora também ligada, na "'época do nacionalismo", à presença, crescente, de mecanismos de pressão e poder para defini-la e mantê-la):

The community which permits a common history to be experienced as common is a community of complementary habits and facilities of communication. It requires, so to speak, equipment for a job. This job consists in the storage, recall, transmission, recombination, and reapplication of relatively wide ranges of information; and the 'equipment' consists in such learned memories, symbols, habits, operating references, and facilities as will in fact be sufficiently complementary to permit the performance of these functions. A large group of persons linked by such complementary habits and facilities of communication we may call a people (1994: 26; itálico no original).

DEUTSCH, Karl W. [1966] 1994, (excerto de) *Nationalism and social communcation*. 2nd ed. Cambridge (Mass.): MIT Press (pp. 96-8, 101, 104-5). HUTCHINSON, John and SMITH, Anthony. 1994, *Nationalism*. New York & Oxford: Oxford University Press. pp. 26-9.

⁴⁶ A referência clara é WOLIN, Sheldon S. 2008, *Democracy Incorporated*: managed democracy and the specter of inverted totalitarianism. Princeton and Oxford: Princeton University Press. A discussão é mote e perpassa o conjunto da entrevista, de 22 de outubro de 2014, Chris Hedges and Sheldon Wolin: Can capitalism and democracy coexist? (Full version). https://www.youtube.com/watch?v=LGc8DMHMyi8. Acesso 2017-04. Acessível também através de https://www.youtube.com/watch?v=YjfKosDBOzQ, postado antes, sob a forma de oito excertos. Uma transcrição de trechos da primeira dessas partes está disponível em http://therealnews.com/t2/index.php?option=com_content&task=view&id=31&Itemid=74&jumival=12550. Que seja permitido colocar aqui uma frase constante da página da Princeton University Press a respeito do *Democracy Inc.*, que trouxe o maravilhoso consolo de estar na companhia de Wolin: "He argues passionately that democracy's best hope lies in citizens themselves learning anew to exercise power at the local level". https://press.princeton.edu/titles/9175.html. Acesso 2017-10-10.

For the moment Superpower is in retreat and inverted totalitarianism exists as a set of strong tendencies rather than as a fully realized actuality. The direction of these tendencies urges that we ask ourselves - and only democracy justifies using 'we' - what inverted totaliarianism exacts from democracy and whether we want to exchange our birthrights for its mess of pottage (2008: xxiv).

Ambos, todavia - aliás junto com uma vasta gama de autores, como Pierre Rosanvallon, só para ficar em alguém muito próximo a ele, que participou da entrevista à Radio France Culture junto com Lefort e a quem já iremos, embora também só brevemente -, têm a democracia, moderna se quisermos precisar, como ponto de fuga valorizado, que recorrentemente se encontra, inclusive por características internas, sob ameaça, mas cuja resiliência cabe enfatizar, até por corresponder a valores, relativos a sujeito e a sociedade, que lhes são muito caros.

Correndo o risco de uma extrema simplificação, pode-se colocar que, em *Democracy Inc.*, Wolin está mais voltado para lidar com o sistema no seu conjunto, ao passo que Lefort e Rosanvallon, até pela orientação dada pelo entrevistador e pelo tema do colóquio de que participavam, associado à entrevista, estão mais mobilizados com o encontro de uma 'revitalização' da democracia, que, pela sua fala e presumindo-se uma 'França como cenário', não aparece como passível de sucumbir de modo grave. Lefort destaca, mas, é fato, em relação ao totalitarismo da União Soviética, quando fala do impacto da fuga e do livro J'ai choisi la liberté de Victor Kravchenko, a questão da "ménace perpetuelle qui pése sur chacun" (2009: 16:56). Neste sentido, para Lefort, a sombra profunda, o reverso denso se quisermos, da democracia é o totalitarismo, com a perversão dos direitos do homem que o teria caracterizado, muito embora, como já referido, seja impossível se prolongar na forma em que se projeta. Isto faz com que caiba uma atenção permanente à dimensão totalitária, que insiste em espreitar. 47 Nas referências aqui feitas, nem Lefort nem Rosanvallon - e nem, aliás, Wolin - se propõem lidar com a 'constituição' do "povo"; e, note-se, Rosanvallon chega a argumentar que há que se precaver contra a "lógica do separatismo" que se apresentaria caso não se definissem "formas de interesse comum que sejam superiores" (Ibid: 29:11 - 29:18). Na entrevista, aliás, num talvez inevitável estar imbuído do legado de Montesquieu e Rousseau, que conhece profundamente, Rosanvallon - mas também Lefort - associa a democracia à "vontade geral", a um "horizonte regulador", um "regime de legitimidade social", um "princípio de decisão", que o "povo seja constituído juridicamente"; em suma, a

⁴⁷ Como o próprio Kravchenko teria percebido, e querido alertar para no livro *I chose justice*, de 1950, que dá sequência ao *I chose freedom*, de 1946: "His inspiration came from a paranoia stemming from his 'Trial of the Century' and the McCarthy's, so-called, 'anti-communist witch hunt'. Kravchenko realized that the Western world engaged in injustices against humanity resembling the regime he originally fled from". https://en.wikipedia.org/wiki/Victor Kravchenko (defector). Acesso 2017-10-10.

que precisa estar associada a "deux régistres distinctes de légitimation: un régistre de légitimation de la discussion, qui doit admettre la division, le conflict; mais, en même temps, un régistre de fixation de régles générales doit, lui, recuillir une forme de consensus de tous", ainda que, como destaca, isso não caiba às mesmas instituições (Ibid: 23:00 -31:05).

Em parte por estímulo do entrevistador, a questão dos "esquecidos da representação", e dos sub-representados, central no pensamento dos dois, emerge com intensidade. Mais uma vez, Rosanvallon e Lefort partilham de um acordo forte, embora aqui Rosanvallon assuma uma fala mais central, quando postula que é necessário "enriquecer", "desenvolver a democracia", de duas formas: "d'abord en essayant d'améliorer très simplement les procedures électorales et représentatives" e, em seguida, encontrando "des façons d'inclure dans le système représentatif (...) les oubliés de la représentation", ou seja, "trouver des formes de prise de parole sociale qui viennent, qui rendent présents dans la societé les problèmes des populations, (...) donner une voix à ceux qui n'en ont pas" (Ibid: 36:45-37:30). O entrevistador conhece bem o tema e a obra dos entrevistados. Provoca-os com a possibilidade de que subscrevam um certo "poujadisme" ⁴⁸, se arvorem em "porte parole des sans voix, des éxclus" (Ibid: 38:00). Rosanvallon replica dizendo que o poujadisme parte de "Une analyse de la societé qui ne correspond pas à la realité de ses divisions. L'illusion du poujadisme c'est de faire comme si le peuple était UN" (Ibid: 38:15-38:58). A resposta de Lefort, contundente: "Le poujadisme (...) c'est la mobilization de tous les mécontents quels qu'ils soient, c'est de chercher dans les bas fonds des societés (...), mobilizer tous les égoismes" (Ibid: 39:07-39:35). 49 O tema dos "esquecidos da representação" (Ibid: 41:28) é mais amplo e Lefort não

⁴⁸ Desconhecia o termo até transcrever a entrevista. O texto na Wikipedia é elucidativo:

Le poujadisme, du nom de Pierre Poujade, est un mouvement politique et syndical français apparu en 1953 dans le Lot et qui a disparu en 1958. Ce mouvement revendiquait la défense des commerçants et des artisans, qu'il considérait comme mis en danger par le développement des grandes surfaces dans la France de l'après-guerre, et condamnait l'inefficacité du parlementarisme tel que pratiqué sous la Quatrième République. Les termes de poujadisme ou de mouvement Poujade désignent les activités de l'Union de défense des commerçants et artisans, le syndicat dirigé par Pierre Poujade, et de l'Union et fraternité française, bannière utilisée par Poujade et ses partisans pour participer aux élections.

Par extension, le terme poujadisme est devenu un terme péjoratif désignant un mouvement politique corporatiste à tendance réactionnaire des classes moyennes à supérieures ou 'conservatisme de petits-bourgeois'. Ainda aí:

Les méthodes musclées sont monnaie courante durant les manifestations poujadistes. Le mouvement dispose d'un service d'ordre qui n'hésite pas à faire le coup de poing. Jean-Marie Le Pen, député poujadiste après les élections législatives de janvier 1956, s'inscrit dans cette lignée. Il a intégré dans l'idéologie de son Front National à la fois la protestation contre les élus, les partis dominants, l'État prévaricateur, l'affirmation d'une identité nationale française contre tout ce qui la menacerait: l'immigration, l'Europe, le fisc. https://fr.wikipedia.org/wiki/Poujadisme. Último acesso 2017-10-10.

⁴⁹ Correndo o risco de certa inconsequência, parece possível associar o "poujadisme" a fenômenos políticos recentes da cena internacional, inclusive a sensação de 'avalanche' deles de que 2016 se revestiu, e, desta forma, também à sua presença no Brasil, expressos com clareza no golpe parlamentar-midiático. Como não poderia deixar de ser, aqui assumiu características peculiares, inclusive na 'revisita' às clivagens, violência e modos de

dominação e exclusão ligados à história pregressa do país, como apresentados, por exemplo, nos artigos de, um dos 'livros de urgência' que vêm sendo escritos, MATTOS, Hebe; BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz. 2016, Historiadores pela democracia: o golpe de 2016 e a força do passado. São Paulo: Alameda, associado ao grupo do Facebook de mesmo nome e ao blog "Conversa de historiadoras". Como destacado na introdução do livro, os textos tanto apontam para uma espécie de "indesejada capacidade de previsão", que se teria manifestado logo em 2009 (Ibid: 11), como buscam evidenciar "a permanência de uma cultura política antidemocrática, afeita a manobras, negociações e acordos espúrios que a Nova República não foi capaz de eliminar" (Ibid: 12). Com certeza há aí noção da proposta, vocalizada, entre uma míriade de outros autores, por Maria Alice Rezende de Carvalho, de se ter cuidado com seguir por demais o "modelo de indagação sobre por que o Brasil era autoritário, (...) buscar nas nossas formas estruturais, mundo agrário, a nossa sociologia profunda, a natureza desse autoritarismo. (...) tema da escravidão, da grande lavoura e assim por diante" (2004: 42:55). Todavia, permanece alguma ênfase no 'peso da história'. Neste sentido, é quase como se os acontecimentos houvessem implicado num 'esvaziamento', numa 'falta de apoio' das leituras acadêmicas mais recentes, donde a relativa singeleza de um 'retorno', apreensão historiográfica que de algum modo ajudaria a preencher, a por formas, que amenizassem o estupor e o profundo desespero vigentes. A conferência de Maria Alice é de 2004. Sua conclusão talvez seja, todavia, ainda de grande oportunidade, um dos alentos de que necessitamos:

Temos aí um imenso trabalho de reconstrução de conceitos, por um lado, e isso é universal. Temos assistido grandes debates, redes de pensadores se articulando no mundo inteiro, a sociologia vem passando também por uma por uma autocrítica também profunda, como uma instância de reflexão sobre a vida social. (...) Mas há coisas também que dizem respeito à nossa experiência, como atores, sujeitos políticos de uma determinada realidade política. (...) Em ambos os casos, é importante que a gente não se deixe paralisar pelo diagnóstico de uma decadência das instituições, da vida pública, do vigor cívico do mundo, e que a gente possa entender que, ao lado das formas que nós até hoje conhecemos, estão nascendo experimentos, solidários, e muito interessantes, em relação aos quais a gente pode emprestar alguma reflexão e o melhor de nossos futuros dias (Ibid: 53:50-54:49).

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. 2004, *Sociedade autoritária, cultura cívica e democracia*. Parte de Balanço do século XX, paradigmas do século XXI. Módulo Sociedade pós-tradicional: que sociedade é esta? (Curador Milton Lahuerta). Gravado no dia 08/06/2004, no Espaço Cultural CPFL (Campinas - CPFL Energia). https://vimeo.com/66316758, acesso 2017-01-12.

Pretendia-se trabalhar um pouco essa questão geral, junto com outra, que igualmente subjazeu esta parte da tese, relacionada ao que por vezes se coloca sob a rubrica de 'política das identidades', particularmente à veemência que ganhou no Brasil de hoje em dia, e quanto ao que a referência em mente é o livro de Marcia Tiburi, de 2016, *Como conversar com um fascista*, já citado, outra 'obra de urgência'. Perto do final do livro, como Rezende de Carvalho, Tiburi também associa a crítica firme à 'política das identidades' com a aposta num lugar para o 'pensamento' e na faculdade de exercícios, inclusive no próprio Facebook, que se insurjam contra a dominação: Complexo é o que aconteceu com a tarja 'somos todos Guarani-Kaiowá', pois quem estaria no lugar do 'mesmo' posicionou-se não apenas no lugar do outro, mas construiu um lugar 'entre nós'. Em vez de afirmar que o outro é

posicionou-se não apenas no lugar do outro, mas construiu um lugar 'entre nós'. Em vez de afirmar que o outro é e eu não sou, afirmou-se 'somos todos o outro', ou, 'eu - que não poderia ser - com o outro como o outro'. Neste ato linguístico - totalmente novo na história brasileira - a autoconsciência de si não foi usada contra o outro, mas contra a ideia geral de um mesmo que se opõe a um outro. (...) Se relacionarmos essas reflexões à questão da alteridade denominada indígena, em si mesma questionável porque heterodeterminada, percebemos que a carta de outubro mostra justamente a consciência de um autoconhecimento da cisão, a consciência de ter sido colocado no lugar ocupado. O que faz do sujeito dessa carta o sujeito da verdade insuportável para o discurso dominante. O que nos permite concluir que a expressão dessa cisão é a única saída, o único passo da saída, contra a dominação vigente (2016: 191-2).

Constituiriam uma seção, talvez intitulada "Histórias, identidades e recusas de sujeitos". Os livros foram fichados, pontos escritos, mas, infelizmente, não foi viável concluir a redação. A questão deflagradora central, que, como referido, talvez um pouco inconsequentemente se possa ligar ao "poujadisme", era pensar como conservar 'memórias sociais coletivas', como a de 'negro', 'escravo', 'mulher', 'indígena', 'criança', 'imigrante' (e 'emigrante' - para não deixar de remeter à minha dissertação de mestrado), sem com isso sucumbir à semântica acusatória, que, em certo nível, transforma tais memórias num 'vazio identitário'. Tiburi recorre, e esse, provavelmente, um dos caminhos que se percorreria, ao "perspectivismo" avançado por Viveiros de Castro, em ligação com o trabalho de Philippe Descola, e que, a voo de pássaro, pode ser evocado por:

Nosso jogo epistemológico se chama objetivação; o que não foi objetivado permanece irreal e abstrato. A forma do Outro é a coisa.

O xamanismo ameríndio parece guiado pelo ideal inverso. Conhecer é personificar, tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido - daquilo, ou, antes, daquele; pois o conhecimento xamânico visa um 'algo' que é um 'alguém', outro sujeito ou agente. A forma do Outro é a pessoa (2011: 358).

hesita endereçá-lo: entre os encontros democráticos que ocorrem a cada quatro, cinco anos, o que ocorre? Há movimentos sociais, uma vida sindical, jurídica, expressão de opiniões, o que o leva a postular que "le problème de la démocratie c'est de faire vivre toutes ces formes d'organization, de manifestation de la vie sociale et de la vie civile" (Ibid: 42:00-42:30). Considera, todavia, que se insurge um problema 'dos tempos', resultante do enfraquecimento da "representação social" e, noutro sentido, da "democracia difusa", de opinião, associada ao "mundo da blogosfera, na internet": "entre ces deux disséminations et cette polarization, il faut trouver des formes de parole intermédiaires" (Ibid: 42:45-43:18), uma "diversificação da representação", na medida em que "il faut que les voix de la societé trouvent une pluralisation de leurs formes d'expression" (Ibid: 43:55-44:04), quanto ao que, inclusive, para o caso francês, considera relevante a reforma do Conselho Econômico e Social, além de advogar o incremento do papel público atribuído a organizações da sociedade civil⁵⁰, permanecendo no

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2011, *A inconstância da alma selvagem* - e outros ensaios de antropologia. São Paulo: Cosac Naify.

A relação com o 'pretexto' da tese, a Irlanda, não está distante. Seria leviano defender que, nos modos de funcionalidade do político, há (ainda há, talvez seja formulação mais adequada), na Irlanda, um espaço relativamente inaudito de 'manifestação' dos sujeitos, sem levar em conta os absurdos de negação e vilipêndio do feminino, contundentemente exemplificados nas 'Magdalene laundries', (trans, homossexual não chegava a se colocar, negro era um tema, como Mary Douglas talvez sugerisse, cuja presença não detinha densidade suficiente para requerer a elaboração de nexos) e de abuso, particularmente do infantil e jovem, que ocorreu (e, embora num grau muito menor - até por sua associação ter chegado a estar ligada à queda de governos. o que é muito relevante -, ainda está presente), bem como, apesar de com intensidade menor do que em outros países europeus, expresso no tratamento dos imigrantes, refugiados e estrangeiros. Ou seja, tinha-se noção de que é importante, para dizer o mínimo, enfrentar, se é lícito recorrer à expressão, 'histórias de identidades' como algo que não pode ser descartado mas que tampouco deve ser lido sob os modos lineares e substantivistas que foram comuns - e isso constituiria o mote da seção. Em última análise, permanecia-se no campo central da "consideração", de como impedir que o esbulhassem e de mapear parte do que 'não lhe pertence'. Isso, de algum modo, estaria associado a refletir sobre práticas de ocultamento e controle, um cerne do autoritarismo, que, hipótese talvez trivial seguida, conjugaria a circunscrição e brutalidade sobre o outro com o pavor do olhar para si - 'vozes' essas, para voltar ao início deste capítulo, a que, de fato, não haveria como nem por que dar qualquer espaço. Que seja permitido colocar um trecho geral dos escritos produzidos que estavam sendo elaborados:

A recusa em aceitar a 'ausência de identidades', tanto de grupos de indivíduos como na constituição do próprio indivíduo, e a insistir nas que são construídas 'de fora', impositivas, buscando um lugar de 'verdade', teria o autoritarismo como resultante, ainda que as gradações possam ser imensas. Um discurso de alteridade, contém, mesmo que num maniqueísmo infinitesimal, a semente da fixidez, o desejo de conter o fluxo transformador, do 'outro' e de 'si'. Presume também que a vida social e das pessoas pode ser 'compreendida' nesses jogos, que essencialmente 'a traduziriam'. A tentação de buscar o demarcado - que teria seu paroxismo nas 'certezas' - faz com que se o associe 'àquilo que é'. Serve como fuga do medo do convívio com a espiral de imensas possibilidades que nos constitui. Na fala 'científica' - e não só das ciências humanas - provê um 'ancoramento' que demarca 'confiabilidade' e, assim, se presta à construção de uma hegemonia que permanece, ao menos parcialmente, inconteste.

parcialmente, inconteste.

Na conferência de 2004 referida, Maria Alice Rezende de Carvalho apresenta inquietações e sugere que são interessantes caminhos análogos aos colocados por Claude Lefort e Pierre Rosanvallon. Assim, para ela também, a democracia não é meramente um regime. A dimensão experiencial - inclusive no que remete a solidariedade, aspecto que destaca singularmente - está no seu âmago e é um dos elementos que aponta para a necessidade da diversificação das formas de representação - representação política que é também identitária. Dá como exemplo louvável a realização de uma espécie de seminários nos países nórdicos, sobre grandes temas, associados a "experiências muito importantes de representação pessoal da experiência de cada indivíduo no âmbito político", contribuições "para a a reapropriação pelo homem comum do espaço público", "pela experiência, pelo conjunto de saberes que é capaz de organizar"; e, assim, para um enfrentamento do "problema geral do déficit

âmbito da perspectiva do "interêt général" (Ibid: 44:56), o que, de certa forma, se liga à leitura de Tocqueville, já referida (Ibid: 49:41), com que encerra a entrevista, quanto a este não ter entendido que a democracia é uma forma de sociedade - e não apenas o regime que crítica, espécie de reverso do eixo, e talvez mote mesmo, da produção de Lefort.

É consabida a dedicação de Pierre Rosanvallon - numa senda análoga à de Claude Lefort, a quem várias vezes elogiou em vida e para quem produziu tocantes *eulogies*⁵¹ - ao tema da democracia em geral e a suas questões no século XXI⁵². Foi uma das preocupações que o levaram a fundar em 2002 "La Répúblique des Idées" (ligado ao site e à cooperativa intelectual "La Vie des Idées.fr", que também dirige), que visa nada menos do que ser "un atelier international souhaitant participer à la refondation intellectuelle en France et en Europe"53, que inclui a divulgação aberta de artigos, sobre o assunto, a exemplo do dele próprio "L'universalisme démocratique: histoire et problèmes"⁵⁴. Um obra recente sobre o assunto é Le Parlement des invisibles (2014⁵⁵). Logo no início da primeira parte do ensaio,

democrático que a forma democrática impõe", ajudando a construir o "horizonte de uma democracia radical",

No site da Seuil, a síntese colocada para La légitimité démocratique apresenta o livro como voltado, novamente, para a necessidade de associar a garantia dos imperativos democráticos ao incremento da atenção às especificidades:

Une appréhension élargie de l'idée de volonté générale s'est ainsi imposée. Un pouvoir n'est désormais considéré comme pleinement démocratique que s'il est soumis à des épreuves de contrôle et de validation à la fois concurrentes et complémentaires de l'expression majoritaire. Il doit se plier à un triple impératif de mise à distance des positions partisanes et des intérêts particuliers (légitimité d'impartialité), de prise en compte des expressions plurielles du bien commun (légitimité de réflexivité), et de reconnaissance de toutes les singularités (légitimité de proximité). D'où le développement d'institutions comme les autorités indépendantes et les cours constitutionnelles, ainsi que l'émergence d'un art de gouvernement toujours plus attentif aux individus et aux particulières. http://www.seuil.com/ouvrage/la-legitimite-democratique-pierrerosanvallon/9782020974622. Acesso 2017-10-13.

que decorre da democracia experiencial (2004: 13:00-21:15).
⁵¹ Parece que o termo "eulogia" não existe em português. Como não se trata de encômio nem propriamente de apologia, recorreu-se ao anglicismo. De qualquer forma, um exemplo é a entrevista "À l'épreuve du politique" que Rosanvallon disponibilizou, no dia 15 de outubro, quase logo após a morte de Lefort, a 04 de outubro de 2010, no La Vie des Idées.fr - http://www.laviedesidees.fr/A-l-epreuve-du-politique.htm, último acesso: 2017-10-13 - onde também aparece o link para conferência de Lefort, para dois dossiês e para o blog do Forum sobre "Réinventer la démocratie", de cuja entrevista com Lefort e Rosanvallon se faz aqui uso.

⁵² O 'diálogo' e a enorme admiração pelo pensamento de Rosanvallon são antigos, datam de um curso feito ainda no mestrado, em 1992, com o Prof. Otávio Velho, Como em relação a Lefort, não houve qualquer pretensão na tese de lidar em maior detalhe com seus trabalhos. Assim, só para referir, a trilogia em que trata da história de democracia francesa e, a seguir, a trilogia em que trata da democracia no século XXI: a) 1992, Le sacre du citoyen. Histoire du suffrage universel en France; 1998, Le Peuple introuvable. Histoire de la représentation démocratique en France; 2000, La Démocratie inachevée. Histoire de la souveraineté du peuple en France todos publicados pela Gallimard (Paris); b) 2006, La contre-démocratie. La politique à l'âge de la défiance; 2008, La légitimité démocratique. Impartialité, réflexivité, proximité; 2011, La société des égaux todos publicados pela Seuil (Paris).

⁵³ http://www.laviedesidees.fr/ Rosanvallon-Pierre .html. Último acesso: 2017-10-13.

⁵⁴ ROSANVALLON, Pierre. 2007. Indicação de citação: «L'universalisme démocratique: histoire et problèmes», La Vie des idées, 17 décembre 2007. ISSN: 2105-3030. URL: http://www.laviedesidees.fr/Luniversalisme-democratique.html. Último acesso: 2017-10-13.

⁵⁵ ROSANVALLON, Pierre. 2014, Le Parlement des invisibles. Paris: Seuil. (http://www.seuil.com/ouvrage/leparlement-des-invisibles-pierre-rosanvallon/9782370210166), um extrato da primeira parte do qual (ISBN 978-

intitulada "Une société à la recherche d'elle-même", coloca que pretende expor os objetivos do projeto - que é também uma coleção de textos e um site participativo - "Raconter la vie", onde fica clara sua "postura de espectador engajado", distante da de um Michelet, como Salih Dogan coloca na sua resenha: "C'est en redonnant la parole aux citoyens, en leur offrant la possibilité de s'exprimer que l'auteur entend faire participer le peuple à un nouveau projet de société qui, grâce à son site participatif, prendra la dimension d'un 'Facebook sociétal''⁵⁶. Por situada que seja uma tese, não cabe uma presunção de ativismo. Cabe, todavia, a propósito de Rosanvallon, levantar a questão, que já se aflorara, de por que privilegiar a 'escrita' (no limite a 'fala'?), a formalização - esse terreno confortável para os 'acadêmicos', inclusive os que, meritoriamente, se angustiam a respeito do que parece ser a crescente 'ausência de lugar da grande maioria', no âmbito de tantos países, sociedades. No mesmo sentido, não é fútil trazer à tona o tema de se a auto-outorga desse papel pela 'academia', a não ser o de - vontade de algum resgaste, por nela ter, ainda que mínima, participação? - deflagradora dessas possibilidades, corresponde a algo além de certo desejo de poder (afora o de buscar certa sobrevivência, aspecto este mais facilmente compreensível). Num registro de menos inquietação, vale, talvez seja comportamento mais propositado, ir logo além e estabelecer um vínculo, forte, com a proposta de Rosanvallon, inclusive no sentido de coadunar sociedade e regime para dar conta de um sentido denso de democracia, nos termos que Lefort usou para olhar e se distinguir de Tocqueville. Isto embora caiba, não obstante, ressalvar que certas colocações - provavelmente as mais 'mobilizadas' - de Rosanvallon talvez padeçam de uma leitura da democracia, ou do social democrático, como passível de uma 'adequação', uma 'correspondência', que beira uma idealização, supostos algo alheios ao pensamento de Lefort, mais perto de quem se está aqui situado. Em Le Parlement des invisibles claramente é uma questão societal, ampla, que está em jogo - e que se estende 'ao mundo', apesar do refinamento do cuidado de restrição à França exercido por Rosanvallon -, ligada, sem qualquer dúvida, ao ponto da "consideração" de Rousseau, destacado por Todorov, sempre 'remarcado' na tese - que aparece sob o viés da "representação" -, cuja relevância ontológica no cenário considerado é assumida. A citação, um pouco longa, vale a pena por sintetizar a espécie de 'mal estar na democracia', e na forma societal que lhe corresponderia, bem como

²⁻³⁷⁰²¹⁻⁰¹⁷⁻³⁾ acessível com facilidade, associação com Raconter la vie em (www.raconterlavie.fr/collection):

https://flipbook.cantook.net/?d=%2F%2Fwww.edenlivres.fr%2Fflipbook%2Fpublications%2F33048.js&oid=68 7&c=&m=&l=&r=&f=pdf.

⁵⁶ DOGAN, Salih. 2014, « Pierre Rosanvallon, Le Parlement des invisibles », Lectures [En ligne], Les comptes rendus, 2014, mis en ligne le 11 mars 2014, consulté le 10 octobre 2017. URL : http://lectures.revues.org/13865.

possíveis consequências daninhas - associadas a adesões sociais a Um, como as que diagnosticara a respeito do "poujadisme" -, denunciadas numa míriade de falas e escritos atuais, de autores e em meios bem diversos, que se colocam a partir de 'concepções clássicas', afins à do próprio Rosanvallon:

Le pays ne se sent pas représenté. Les existences les plus humbles et les plus discrètes sont certes les plus manifestement concernées. Mais le problème est plus général et vaut pour toutes les composantes de la société. La démocratie est minée par le caractère inaudible de toutes les voix de faible ampleur, par la négligence des existences ordinaires, par le dédain des vies jugées sans relief, par l'absence de reconnaissance des initiatives laissées dans l'ombre. (...) Des vies non racontées sont de fait des vies diminuées, niées, implicitement méprisées. C'est une absence qui redouble la dureté des conditions de vie. Être invisible - puisque c'est de cela qu'il s'agit - a d'abord un coût pour les individus eux-mêmes. (...) Être représenté, à l'inverse, c'est être rendu présent aux autres, au sens propre du terme. (...) L'aspiration à une société plus juste est donc inséparable aujourd'hui d'une attente de reconnaissance.

L'invisibilité a aussi un coût démocratique. Elle laisse en effet le champ libre au développement d'un langage politique saturé d'abstractions, qui n'a plus de prise sur le réel et s'enfonce dans l'idéologie, c'est-à-dire la constitution de mondes magiques et factices. (...) La tentation est alors forte, pour les citoyens, de se laisser séduire par les mouvements antipolitiques et populistes (...) Mais 'le' peuple qui est alors invoqué comme la figure restauratrice de toutes ces absences, la vérité d'un monde inconnu des puissants, n'a que l'apparence d'un être de chair. (...) l'invocation d'un peuple-un, indistinct, vise à conjurer la mal-représentation, mais elle ne formule pas les conditions positives d'une reconnaissance et d'une expression plus fidèles du monde social (2014, op.cit.: 10-2).

A proposta de Rosanvallon de encontro de modos de leitura da sociedade que volte a aproximá-la do mundo político ancora-se numa análise historiográfica dos diferentes momentos, mais e menos secionados, que estiveram na base do mundo moderno, bem como das mutações hoje em curso, que, entre vários outros aspectos, se manifestam numa percepção da desigualdade como decorrente de atributos individuais - "mérito" e "responsabilidade", ainda que associados à "falta de sorte" ou à "injustiça" -, ao invés de às "desigualdades tradicionais de condição", aspecto relativamente objetivo que as torna "psicologicamente mais tranquilizadoras" (Ibid: 20). Ou seja, aqui Rosanvallon, a exemplo de outros autores franceses famosos, como o próprio Bourdieu, dá início ao esforço de abandono de um certo lugar 'privilegiado', como o que ainda se apresenta numa proposta de renovar formas de leitura da sociedade e de sua apreensão pelas instituições, através do engajamento em 'escritas' que deseja mais 'múltiplas' e 'comuns', embora, como já sugerido, talvez na base dessa tentativa permaneça, inquestionada, uma 'concepção clássica' de democracia, partilhada e propalada pelos autores que propõem sua ampliação mas, assim, dentro dos limites de pensamento em que se encerram. Deixando o ponto de lado e voltando a um aspecto, já destacado algumas vezes, que teria alcance mais geral, essa concepção de democracia como forma social e política vem associada à de um indivíduo que busca 'reconhecimento' - a qual, nos últimos tempos, se revestiu de dramaticidade crescente, inclusive por "mutações" que ainda haveria

que entender. Neste sentido não cabe, ao modo de Safatle, para aí voltarmos, vontade de propor uma outra ontologia, por bela que seja. ⁵⁷ Como também já foi comentado, Rosanvallon assume a França como referente, embora fique claro que acredita lidar com um cenário maior. Em "L'universalisme démocratique", como se esperaria, o tema dos processos, inclusive semânticos, quanto ao que ele acompanha sobretudo a França e os Estados Unidos, que conduziram a aceitar a ideia da confluência de "realização do interesse geral" com instauração de democracia é enfrentado com clareza. Reitera que em vários casos foram sobretudo as "aparências democráticas que triunfaram" (2007, op. cit.: 2), fato que acabou por fomentar, por exemplo, o relativismo típico dos *post colonial studies*. Por isso, considera que "L'idée d'un *universalisme fermé du modèle* doit ainsi céder le pas à un *universalisme ouvert de la confrontation des expèriences*" (Ibid: 3; itálico do original). A tentação é grande de traçar um paralelo com o olhar de Montaigne para os Tupinambá, forma de despertá-lo do seu "sonho presunçoso", no modo colocado por Bakewell, paralelo que quase 'grita' na apologia e desenho de comparativismo encaminhados no final do texto por Rosanvallon:

Comparer signifie d'abord se déprendre de ses certitudes, résister aux évidences, accepter de voir son intelligence des choses bousculée. Comparer, c'est toujours prendre un écart qui fait problème comme levier de pensée. Comparer, c'est donc nécessairement rompre avec les visions dominantes et paresseuses. Comparer, c'est à ce prix se donner la possibilité de mieux comprendre sa propre situation, acquérir un supplément d'intelligibilité sur soi (Ibid: 16).

A clareza argumentativa e a capacidade de síntese historiográfica de Rosanvallon são notáveis. Do ponto de vista da estruturação social, digamos assim,

La valence sociologique du terme 'démocratie' est alors première en Amérique. L'opposition démocrates/aristocrates traduit la perception que les clivages politiques reproduisent l'écart qui sépare la multitude des élites ou des privilégiés. Mais cela contribue du même coup à éroder la démonisation de la démocratie. Comment rejeter en effet ce qui exprime la grande majorité? (Ibid: 9).

Uma das questões essenciais vinculada, todavia, é que

Si la démocratie devient un objet de foi, c'est qu'elle a aussi été expurgée des interrogations radicales qui sous-tendaient sa définition précédente, la débarrassant de son potentiel subversif. L'institution de la démocratie en dogme moral s'est ainsi accompagnée à cette époque de son abstractisation, de la négation de son contenu social, de la dissimulation de ses

⁵⁷ O argumento de Safatle é bastante sofisticado e não há pretensão de sintetizá-lo aqui. A voo de pássaro, perto do final do livro, numa reflexão a partir de Georges Canguilhem, um trecho apresenta elementos da proposta que avança:

^(...) é possível dizer que um acontecimento contingente é exatamente aquele que traz o não percebido e o incomensurável à cena. Incomensurável não por ser infinitamente grande ou pequeno, mas por ser infinitamente outro. Por isso, ele quebra a redundância de um sistema de informações que sempre precisa encontrar, entre fatos dispersos, um denominador comum de contagem. Essa outra cena produzida pelo reconhecimento da contingência é o que nos leva à auto-organização paradoxal na qual os sistemas vitais estão em contínua reordenação, instituindo novas normatividades que podem mudar radicalmente o modelo de regulação do sistema, afirmando sua capacidade transitiva. Essa outra cena, será o caso sempre de lembrar, existe radicalmente fora do tempo do Capital. Pois - e por que não dizer as coisas por completo? - é a vida em sua soberania insubmissa que nos puxa para fora desse tempo (2016, op. cit.: 313).

difficultés et de ses apories (Ibid: 11).

No processo, o "universalismo normativo", que se evidenciaria nos trabalhos de Rawls e Habermas, conduziu a um "retorno do político", mas numa perspectiva procedural forte, associada a uma "formalização" da realidade, ou, como sintetiza Rosanvallon: "La raison ne s'affirme dans ce cadre qu'à proportion de l'abstraction, de la distance prise avec les bruits et les fureurs du monde" (Ibid: 13). Aqui uma ontologia - a partir da 'garantia' de, na democracia, se terem interligado, enredado, a "história de um desencanto" e a "história de uma indeterminação" -, que não deixa de ter caráter de prescrição, pode começar a ser afirmada:

(...) il faut donc abandonner l'idée de modèle au profit de celle d'expérience. Les conditions du vivre ensemble et de l'auto-gouvernement, en effet, ne sont pas définies a priori, fixées par une tradition, ou imposées par une autorité. Le projet démocratique constitue au contraire le politique en un champ largement ouvert du fait même des tensions et des incertitudes qui la sous-tendent (Ibid: 15).

O que se associa ao corolário, que inclui alguma espécie de 'retorno' à 'democracia dos antigos', que "Parce qu'elle est fondatrice d'une expérience de liberté, la démocratie n'a cessé de constituer une solution problématique pour instituer une cité d'hommes libres", e que nela se "lient depuis longtemps le rêve du bien et la réalité du flou", o que conduz à necessidade de colocar que não apenas "a democracia tem uma história" como, mais radicalmente, que "a democracia é uma história" (Ibid: Ibid; itálico do original). Isto, em que pese a convicção de Safatle, já referida em nota de rodapé, de que isso não pode ocorrer no "tempo do Capital", evidencia a crença comum aos dois numa transição contínua como característica (de certo modo valorizada positivamente) da experiência atual de mundo. Rosanvallon conclui seu texto com uma, fundada, declaração de fé, que "La démocratie conçue comme une expérience ouvre la porte à un véritable universalisme: un universalisme expérimental", que considera o unico "universalismo positivo", "un universalisme des problèmes et des questions, que tous ont à résoudre de concert" (Ibid:17). O quadro onde os dois se movem é de engajamento com caminhos outros, certamente além de quadros normativos e de 'políticas de identidades', presumindo até 'ausências de racionalidade', 'outros afetos' e 'afetações', sem abandonar, todavia, a âncora da reflexão intelectiva como lugar, de certo modo considerado inarredável?⁵⁸, para as próprias invenções de (des)mundos que propõem.

⁵⁸ Aí Todorov de *A conquista da América* certamente se faz presente, como expresso em citação em nota de rodapé anterior.

IV - Nacionalismo(s), democracia(s) e sujeito(s) - ou para voltar às vozinhas

Provavelmente não caiba contornar tais propostas, às quais se adere em enorme medida. Mas talvez valha, para nos encaminharmos para o fecho deste capítulo, tatear outras direções, na verdade bastante próximas, como iluminadas por Rancière em O ódio à democracia⁵⁹, que ajuda a adensar a legitimidade de trazer à tona e defender a relevância de 'falas e comportamentos' democráticos, no sentido amplo; que, no caso, remetem à Irlanda. Sem grande formalização, isso pode contribuir para a reflexão sobre 'sujeitos' - 'indivíduos', 'pessoas', para não entrar na discussão terminológica - que estariam na base das defesas correntes de democracia como sociedade política, ao modo expresso por Lefort, Rosanvallon, Rezende de Carvalho, para voltar a autores referidos, entre tantos outros. O viés aqui sugerido é associar realizações democráticas procedurais com a atenção à presença de certas 'formas experienciais', uma ampliação do jogo da liberdade, que sequer implica numa radicalização evidente. Para colocar noutros termos, estaria ligado a partilhar da noção de Lefort de democracia como sociedade e, nesse âmbito, perceber, com Lefort pode-se dizer, que há uma gama grande na sua base, na sua configuração, de que participam sujeitos variados e ocupados com um grande multiplicade de experiências, ainda que admitindo, na linhagem de Rousseau, desejos comuns, 'humanos', de "consideração", a serem veiculados por entidades que, novamente, ao menos a priori, nada têm de evidente. A aceitação desse leque maior, potencialmente 'intraduzível', de formas e 'tipos de sujeitos' na base de democracia pode ajudar-nos a avançar com modelos capazes de ultrapassar o viés 'racional', que tanto conjur(a)ou a academia⁶⁰, associado às frequentes pretensões de definir 'boa sociedade' e 'boa política', bem como a colocar em questão - sem pretender respostas, como se pode esperar -, 'desnaturalizar' as 'unidades' onde os 'sujeitos' buscariam espaços de 'reconhecimento' - o que, talvez já esteja claro, se exprimiria, no contexto atual da modernidade, para frisar novamente, por uma míriade de sujeitos, em si múltiplos, e por uma imensa quantidade de dimensões,

⁵⁹ RANCIÈRE, Jacques. [2005] 2014, *O ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo.

⁶⁰ Um dos textos inarredáveis para essa crítica é WOLIN, Sheldon S. 1969, Political theory as a vocation. *The* 1969), Review, Vol. 63, No. (Dec., 1062-1082. Political Science 4 http://www.jstor.org/stable/1955072, inclusive como lido, por exemplo, por LESSA, Renato. 2011a, Da interpretação à ciência: por uma história filosófica do conhecimento político no Brasil. Lua Nova, São Paulo, 82: 17-60, 2011; LESSA, Renato. 2011b, O campo da ciência política no Brasil: uma aproximação construtivista. Revista Estudos Hum(e)anos. Número 2, 2011/01; LESSA, Renato. 2013, Filosofia política: para quê?. L(E)H, UFF: Breviário de Filosofía Pública. No. 88 - 08/2013. pp. 19-22; MOREIRA, Marcelo S. 2012, O debate teórico-metodológico na ciência política e o pensamento social e político brasileiro. Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política. Vol. 21, n. 1, p. 73-89, jan/jun.2012; e SOUZA, José Crisóstomo de. 1999, Filosofia social, ciências sociais: teoria, progresso cumulativo e verificação empírica no conhecimento da sociedade. Ideação, Feira de Santana, n. 4, p. 79-110, jul./dez. 1999. http://www.jstor.org/stable/1955072.

concretas, de existência, que estão além dessa esfera; as quais, aliás, no limite poderiam, entre muitas outras coisas, ser encaradas como 'espaços de reserva', com potencial de 'reanimar' e contribuir para novos sentidos de democracia, como política, como sociedade humana. Pode parecer que tenha havido um 'extravio' exagerado da linha de pensamento. Rancière, contudo, como pontuado, ajuda a dar sustentação a esse desvario. Antes de ir a Kedourie e a Kristeva, os quais se resolveu chamar à tona aqui, que seja permitido colocar alguns extratos de *O ódio à democracia*, como sustentação para esse caminhar em direção ao final do capítulo:

A democracia não é a 'ilimitação' moderna que destruiria a heterotopia necessária à política. Ao contrário, é a força fundadora dessa heterotopia, a limitação primeira do poder das formas de autoridade que regem o corpo social (2014, op.cit.: 61).

O processo democrático é o processo desse perpétuo pôr em jogo, dessa invenção de formas de subjetivação e de casos de verificação que contrariam a perpétua privatização da vida pública. A democracia significa, nesse sentido, a impureza da política, a rejeição da pretensão dos governos de encarnar um princípio uno da vida pública e, com isso, circunscrever a compreensão e a extensão dessa vida pública. Se existe uma 'ilimitação' própria à democracia, é nisso que ela reside: não na multiplicação exponencial das necessidades ou dos desejos que emanam dos indivíduos, mas no movimento que desloca continuamente os limites do público e do privado, do político e do social (Ibid: 81).

Toma-se usualmente a existência de um sistema representativo como critério pertinente de democracia. Mas esse sistema é ele próprio um compromisso instável, uma resultante de forças contrárias. Ele tende para a democracia na medida em que se aproxima do poder de qualquer um (Ibid: 92).

A palavra democracia não foi inventada por um acadêmico preocupado em distinguir por meio de critérios objetivos as formas de governos e os tipos de sociedades. Ao contrário, foi inventada como termo de indistinção, para afirmar que o poder de uma assembleia de homens iguais só podia ser a confusão de uma turba informe e barulhenta, que equivalia dentro da ordem social ao que é o caos dentro da ordem da natureza. Entender o que democracia é significa entender a batalha que se trava nessa palavra: não simplesmente o tom de raiva ou desprezo que pode afetá-la, mas, mais profundamente, os deslocamentos e as inversões de sentido que ela autoriza ou que podemos nos autorizar a seu respeito (Ibid: 117).

A democracia é, em primeiro lugar, essa condição paradoxal da política, esse ponto em que toda legitimidade se confronta com sua ausência de legitimade última, com a contingência igualitária que sustenta a própria contingência não igualitária" (Ibid: 118-9).

É difícil dizer a qual dos dois temas, democracia ou nacionalismo, corresponde produção maior (Irlanda provavelmente não fique muito atrás...).⁶¹ Seu entrelaçamento é

of Definition", "Theories of Nationalism", "The Rise of Nations", "Nationalism in Europe", "Nationalism outside

beixando a brincadeira da Irlanda de lado e ficando apenas no nacionalismo, é evidente como a produção é vastíssima. 'Qu'est-ce qu'une nation?" de Ernest Renan talvez permaneça como um dos símbolos mais conhecidos da defesa do conceito segundo parâmetros que se aproximariam de uma produção 'acadêmica' 'moderna', 'limpa' do ímpeto ativista característico, por exemplo, de um Mazzini e de sua associação com movimentos de fundo 'nacional', a exemplo da chamada Primavera das Nações de 1848. Costuma-se dizer que o pós II Guerra Mundial observou um novo recrudescer dessa produção, paralelo aos movimentos ocorridos ao redor do mundo. Para referir um único livro, uma coletânea, ela própria fruto do interesse e estímulo à exploração do assunto, associados à espécie de 'terceiro momento' de 'nacionalismo' que se desenrolou após a queda do muro de Berlim e o fim da URSS, vide HUTCHINSON, John and SMITH, Anthony D. 1994, *Nationalism*. Oxford and New York: Oxford University Press. Os tópicos em que os excertos - de autores que vão desde Ernest Renan aos editores da coletânea e outros contemporâneos da publicação - são distribuídos é interessante em termos de expressar um leque de 'questões' presentes no mapeamento então corrente do tema: "The question

forte. Muito se discorreu sobre a 'base' e a 'legitimidade' de construções 'nacionais', de uma variedade enorme de perspectivas - acadêmicas, literárias, que conjugam análise teórica com ativismo. A questão do exercício democrático, por seu turno, contém embutida a ideia de que se dá numa 'unidade', uma 'entidade' - palavras certamente complicadas - onde há uma partilha de aspectos que a distinguem de outras esferas, sejam elas da mesma ordem ou distintas. 62 Há também um debate extremamente abundante sobre as dimensões culturais e procedurais de 'espaços nacionais' que ensejariam ou dificultariam 'democratização' e o tornar-se rotineira. ⁶³ O ponto do 'lugar' e das 'características' dos 'sujeitos' em formas sociais democráticas parece mais elusivo; e talvez deva, de fato, assim permanecer, defesa pressuposta em O ódio à democracia, de que se partilha. Em termos genéricos - assumindo um nível alto de contingência - o 'reconhecimento', a "consideração" dos sujeitos que Rousseau postula e de que se quer aqui crer que seríamos herdeiros não demanda, em si, nenhuma dimensão pré-definida, ou, para ficarmos com um 'clássico recente', aplica-se tanto ao thick como ao thin. 64 Todavia, para voltar a fazer certa analogia com Safatle, ainda que pelo inverso, Rosanvallon, por exemplo, em Le Parlement des invisibles não deixa de presumir os 'sujeitos' como movidos por necessidades bastante 'cheias', ou, colocando de

Europe", "Nationalism and the International System", "Beyond Nationalism?". Curiosamente, talvez não por acaso, foi a partir deste 'terceiro momento' que se presenciou certa proliferação de cursos de Relações Internacionais e que parte dos cursos de Ciência Política, na América do Sul e na Europa (não saberia comentar sobre outras regiões), se fundiu com os de Relações Internacionais.

⁶² Tópico na base, mais uma vez, de uma imensa produção, que, numa de suas vertentes, busca refletir sobre questões que a 'globalização' coloca à democracia. Para ficar em dois exemplos: COSTA, Sérgio. 2002, As cores de Ercília: esfera pública, democracia, configurações pós-nacionais. Belo Horizonte. Editora da UFMG; SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. 2009, Sociedade da diferença: formações identitárias, esfera pública e democracia na sociedade global. Rio de Janeiro: Mauad X / FAPERJ.

63 Como se sabe, novamente há uma quantidade imensa de trabalhos sobre isso. Para ficar num único texto, a que

se foi antes aqui, vide a síntese de feições recentes do dilema constante em Rezende de Carvalho (2002, op.cit.).

⁶⁴ É consabida a proposta de Walzer de recusar um suposto dualismo moral e, ao invés, encarar minimalismo e maximalismo como dimensões distintas mas imbricadas, cuja precedência é, em última análise, impossível de estabelecer. Para ficar com um trecho afim com o que se trata aqui: "We march vicariously with people in trouble whoever they are; and we have our own parade. This dualist metaphor captures our moral reality. We should not try to escape the dualism, for it fits what I am inclined to call the necessary character of any humam society: universal because it is human, particular because it is a society" (1994: 8). Buscar o 'sentido' de uma 'marcha comum' é, no mínimo, inócuo, manifestação de "esquerdismo kitsch", nos termos de Milan Kundera em A insustentável leveza do ser, exemplo de "presunção filosófica" que não se adequa à nossa "experiência moral": "There is nothing to gain from the merger, for the chief value of all this marching lies in the particular experience of the marchers. They can join each other only for a time; there is no reason to think that they are all heading in the same direction" (Idib: 9). Neste sentido, para estabelecer uma analogia com a percepção de 'sujeito(s)' que interessa aqui:

the minimum is not a foundation of the maximum, only a piece of it. The value of minimalism lies in the encounters it facilitates, of which it is also the product. But these encounters are not (...) sufficiently sustained to produce a thick morality. Minimalism leaves room for thickness elsewhere; indeed, it pressupposes thickness elsewhere. If we did not have our own parade, we could not march vicariously in Prague. We would have no understanding at all of 'truth' or 'justice' (Ibid: 18-9).

WALZER, Michael. 1994, Thick and Thin: moral argument at home and abroad. Notre Dame / London: University of Notre Dame Press.

outra maneira, fazendo a "consideração" rousseauneana se traduzir numa 'psicologização ampla', fundada em predicados comuns⁶⁵.

O endereçamento do tema conjunto talvez seja mais comum em autores críticos do nacionalismo, numa linhagem que tem em Edmund Burke um eixo forte, mas que se fundamentaria, hipótese que se avança aqui rapidamente, 'na companhia luxuosa' de Rancière, na leitura platônica de democracia. Elie Kedourie constitui um dos melhores exemplos dessa 'postura', inclusive pela 'qualidade da escrita' e 'contundência retórica' 66, como expressas, por exemplo, no seu Nationalism, publicado inicialmente em 1960, um dos livros que se tornaram clássicos sobre o assunto. A primeira edição fora preparada a pedido de Michael Oakeshott, a partir de cursos que dera, na década de 1950, de certo modo sendo posto, talvez com outras obras, no lugar de 'sintese final' da avalanche sobre o assunto característica do 'segundo momento' do nacionalismo. Kedourie faleceu subitamente em 1992, quando preparava a introdução à quarta edição, de 1994, que ele via como associada ao 'terceiro momento' de que o nacionalismo se revestia no mundo. No comentário editorial, Sylvia Kedourie, destaca que seu marido sempre se incomodara com os rótulos nacionais de auto-classificação e classificação por outros (no que parece um uso direto da definição de Fredrik Barth), já que "his overriding concern was for the safety of the individual", sendo que "he always saw clearly how this would be threatend by the imposition of ideological patterns" (1996⁶⁷: ix).

Na introdução que Elie Kedourie preparava à quarta edição, a distinção entre "política ideológica", onde situa o nacionalismo, e a "política constitucional", que sustenta, não teria como ser mais clara. Numa definição que pode se apresentar como eco ou como fonte dessa visão, o objetivo da política constitucional seria dar conta dos "interesses comuns de uma

Les inégalités résultent dorénavant autant de situations (individuelles par nature) qui se diversifient, que de conditions (sociales, elles) qui se reproduisent. Les économistes parlent d'inegalités intracatégorielles pour caractériser ces nouvelles inégalités. Elles sont parfois les plus durement ressenties, car elles font ressortir des variables de trajectoires personnelles susceptibles d'être considérées comme marquées para l'échec ou l'incapacitié. Elles n'ont pas le caractère objectif, et donc psychologiquement rassurant, des inégalités traditionelles de condition. Si elles peuvent être attribuées à la malchance ou à l'injustice, elles n'en sont pas moins associées dans les têtes à un nouveau rapport aux idées de mérite et de responsabilité (2014, op.cit.: 20).

⁶⁷ KEDOURIE, Elie. [1960] 1996, *Nationalism* - Fourth, expanded edition. Oxford and Cambridge (MA): Blackwell.

-

⁶⁵ Como toda a simpatia que a colocação possa despertar, a parte final do que é disponibilizado para 'baixar' do *Le Parlement des invisibles* não deixa de constituir uma afirmação de 'semelhança identitária' dos sujeitos que talvez valha a pena, ao menos, suavizar:

⁶⁶ Permita-se o aposto, relativamente pouco fundamentado (passa por algunns textos teóricos e alguns outros a respeito da Irlanda, a um ou dois dos quais se irá no próximo capítulo), sobre como a 'forma' dos textos que se poderiam considerar 'conservadores', do lado da *high politics* ou, no caso da Irlanda, de advogar, no máximo, um nacionalismo constitucionalista ao invés de um nacionalismo mais 'popular', tende a um tipo de elegância estilística e argumentativa que, assim, não só os torna atraentes como mais difíceis de confrontar. É ponto de interesse antigo, que apenas cheguei a pensar aflorar na tese, ao qual espero ir em algum momento. Talvez, quem sabe, novamente a partir da 'ajuda luxuosa' de Rancière, para seguir tentações lançadas em RANCIÈRE, Jacques. [1992] 2014, *Os nomes da história*. Ensaio de poética do saber. São Paulo: Ed. Unesp.

dada sociedade" - cujo escopo aparece como dado, natural -, "to safeguard it against foreign assaults, to mediate disagreements and conflitcts between various groups through political institutions, through legislation and the administration of justice, and to uphold the law as being above and beyond sectional interests however important or powerful". A "política ideológica" é radicamente diferente, voltada para estabelecer "a state of affairs in society and state such that everyone, as they say in old-fashioned novels, will live happily ever after" (Ibid: xiii). Como referira logo no início, quando *Nationalism* viera a público, trata-se, para ele, de fenômeno europeu moderno, que aparece no período da Revolução Francesa, como expresso paradigmaticamente no panfleto À paz perpétua de Kant. A questão central, para Kedourie - é inevitável estabelecer um vínculo direto com Edmund Burke -, decorrente do pressuposto que os ideólogos teriam de que o estado e a sociedade devem ser encarados como uma folha em branco, é que, como qualquer um poderia depreender, "the very attempt to wipe the canvas clean must entail arbitrariness, lawlessness and violence on a stupendous scale, such that the ideological vision of perpetual peace and joy must recede further and further into the horizon". Assim, a "política ideológica" está sempre "necessarily and inevitably caught up in a perpetual disastrous and self-destructive tension between ends and means" (Ibid: xiv). Se o esquematismo é permitido, é como se de um lado tivéssemos uma sociedade e um estado 'naturais', essencialmente regrados, onde a função da política seria apenas a de aparar eventuais arestas, conflitos, sempre menores, que possam emergir entre grupos que lhes estão subsumidos, grupos também de caráter 'natural', que se teriam desenvolvido 'por si', ao longo da história. Já do outro lado, a 'razão exacerbada', sem o freio da 'existência efetiva', é apenas capaz de produzir maldade e destruição.

Isto é tão mais grave, para além de contraditório, quanto a perspectiva "ideológica" no pensamento moderno ocidental teria constituído uma resposta ao que alguns pensadores, influentes, consideravam o infeliz estado em que a humanidade se encontrava na época, que "for the governed government was now an imposition from the outside, exerting an arbitrary force on its subjects", em associação com os números e as estatísticas com base nos quais os recentes burocratas gestavam suas políticas, na prática "devoid of even the smallest spark of human sympathy or fellow-feeling" (Ibid: Ibid). A partir do tipo de "alienação", esta eleita em aspecto central das condições criadas pela vida moderna - para cuja ênfase na importância Schiller, particularmente seu *Letters on the aesthetic education of man*, publicado em 1790, teria sido central -, ganhariam preeminência e força duas correntes ideológicas, na Europa no começo e depois no mundo como um todo. (Neste sentido, talvez cumpra lembrar a

continuidade do tema da "alienação", num sentido próximo ao que Kedourie entende, associado a um certo tipo de 'psicologismo', bastante além da "consideração" de Rousseau, como presente, por exemplo, em Rosanvallon, no trecho de Le Parlement des invisibles que ainda há pouco se reproduziu em nota de rodapé). A primeira, exatamente, o nacionalismo, que encara a humanidade como dividida em nações, também unidades adequadas para a organização política (e cabe perguntar-nos qual a diferença, do ponto de vista ontológico, em relação às sociedades e aos estados que ele próprio definira como base da "política constitucional"...). O eixo central desta "obsessão ideológica" é o do entronamento da autodeterminação como princípio estruturante não só das nações como da ordem internacional, mas... "Experience - bitter experience - has shown that contrary to the dreams of Mazzini and President Woodrow Wilson national self-determination is a principal of disorder, not of order, in international life" (Ibid: xvi). A outra ideologia que considera - como talvez não pudesse deixar de ser - é a do socialismo, que associaria a "alienação" à propriedade privada, causa dos males prevalecentes, e que, "Like nationalism it has produced not happiness or spiritual fulfilment, or even material prosperity, but, on the contrary, unparalleled oppression and misery" (Ibid: Ibid). A "desintegração e derrocada do socialismo no império soviético e nos seus satélites" não teria marcado o fim do "estilo ideológico da política", antes teria trazido à tona como que a outra face da mesma moeda, "in a revulsion against socialist tyranny, a revival or recrudescence of nationalism - that other ideological obsession" (Ibid: xvii). Ou seja, não há qualquer saída aceitável que passe pelo que designa como "política ideológica", suas consequências sempre serão perigosas e maléficas, quando não explosivas, mais ainda quando um poder claro, no sentido clássico, perde sua força, a exemplo da União Soviética e, antes, do que fora o império austro-húngaro, com os acontecimentos decorrentes sabidos.

Kedourie abre o primeiro capítulo da edição original de 1960 do livro com a afirmação "Nationalism is a doctrine invented in Europe at the beginning of the nineteenth century. It pretends to supply a criterion for the determination of the unit of population proper to enjoy a government exclusively its own, for the legitimate exercise of power in the state, and for the right organization of a society of states" (Ibid: 1). Repetindo, cabe notar a total analogia com a sociedade na qual e sobre a qual se exerceria a "política constitucional". A única diferença, fundamental todavia, na perspectiva de Kedourie, é de que, no lugar de uma organização, que teria evolvido de modo historicamente 'natural', se trataria de identidade definida a partir um "critério", no seio de uma "doutrina" - e, portanto, sem as garantias da 'sedimentação'. Não se pretende reproduzir aqui o conjunto do argumento, detalhado e potente, apenas tocar em

alguns aspectos. Uma base fundamental do nacionalismo estaria nas concepções dos 'direitos naturais', ainda que diversas, esposadas pelos revolucionários. Nesse âmbito, um dos aspectos mais significativos teria sido que o Iluminismo "rejected alike Plato, Aristotle, and the Biblical account of the Creation, those systems which had hitherto supplied in Europe a principle of order, to justify and make bearable the disorder and inchoherence of the world" (Ibid: 12)⁶⁸. É com Kant, incluindo a consabida passagem por Hume, que se encontraria uma resposta para as inquietações derivadas do abandono das antigas certezas. Ao separar o mundo fenomênico, objeto do conhecimento, do da moralidade, Kant faria com que esta se tornasse no "outcome of obedience to a universal law which is to be found within ourselves, not in the world of appearances" (Ibid: 14). Como Heine já teria observado, "Kant's doctrine makes the individual, in a way never envisaged by the French revolutionares or their intellectual precursors, the very centre, the arbiter, the sovereign of the universe". Assim, não é apenas um elemento "in the natural order and possessed, as such, of the right to liberty and equality; it is rather the individual who, with the help of self-discovered, self-imposed norms, determines himself as a free and moral-being" (Ibid: 17). Neste contexto, "moral strenuousness became the hallmark of virtue": "Struggle, then, must accompany all attempts to realize virtue, in society as well as in oneself. Struggle is the guarantee of higher intentions, and compromise a surrender to base instincts. The autonomous man is a stern activist, a perpetually tormented soul. A politics fashioned in his image is a politics where struggle per

⁶⁸ Que seja permitido ir mais uma vez a Todorov, particularmente a um pequeno trecho de entrevista a Sophie Gherardi, publicada no *Le Monde* de 2016-03-06, a propósito da exposição *Lumières! Un héritage pour demain*, da qual fora curador, junto com Yann Fauchois, na Biblitohèque Nationale de France (site Tobiac), no início de 2006, como forma de mitigar essa crítica, que tanto adentrou o senso comum, de que os autores iluministas pretendiam prover resposta para tudo e, como Kedourie afirmara provocativamente, oferecer um "viveram felizes para sempre", com consequências das mais malévolas:

Les Lumières sont destinées à rester à tout jamais inachevées. On a beaucoup dit, mais à tort, qu'elles se confondaient avec l'idée de progrès. Pourtant, leurs plus grands protagonistes n'ont nullement cru à un progrès automatique et linéaire. Rousseau, dans son *Discours sur l'inégalité*, expose une vision de l'histoire dans laquelle chaque progrès dans une direction s'accompagne d'une perte dans une autre. (...) Le moindre progrès se paye, et souvent chèrement. L'obscurité ne disparaîtra jamais définitivement.

Débarrassons-nous aussi de ce cliché selon lequel les Lumières voulaient tout soumettre à la raison, rationalisme aride que nous aurions battu en brèche en découvrant l'inconscient. Les penseurs des Lumières savaient que l'homme est conduit par ses passions, mais aussi que la raison est l'instrument donné en partage à tous. Pour engager le dialogue, nous devons faire appel à ce qui nous est commun, cette capacité de raisonner et d'argumenter. Idée fausse encore: les Lumières pécheraient par trop d'abstraction. 'L'homme, monsieur, je ne l'ai jamais rencontré', ironisait Joseph de Maistre, ennemi juré de la Révolution. Or les Lumières ont inventé à la fois l'histoire et l'anthropologie, qui exigent toutes deux la reconnaissance de la singularité des sociétés. Il est vrai qu'elles ont maintenu aussi l'héritage de l'école du droit naturel, à savoir que les êtres humains, en tant que tels, étaient pourvus de droits, valables quels que soient le régime, le lieu ou le climat.

 $http://www.lemonde.fr/culture/article/2006/03/06/tzvetan-todorov-l-esprit-des-lumieres-a-encore-beaucoup-a-faire-dans-le-monde-d-aujourd-hui_747585_3246.html~.~Acesso~para~citação~2017-10-28.$

se is a necessary feature" (Ibid: 22). Em suma, na mesma medida em que se aprofundaria a tendência a "divorciar a moralidade da natureza e da história", a "euforia" apareceria como "produto da auto-determinação", que se tornaria uma "doutrina dinâmica", inclusive enquanto base do nacionalismo e da concepção das nações (Ibid: 23), sendo desta forma que, com destaque aí para o papel de Fichte, "full self-determination for the individual came to require national self-determination" (Ibid: 137).

Apesar das afirmações permanentes de distância epistemológica do seu objeto, é por demais evidente que Kedourie não é simpático ao nacionalismo, "ideologia e estilo de política" que emergiu e se difundiu em situações sociais específicas (Ibid: 145). Para além do que aparece na Introdução à quarta edição, no "Afterword" de 1984 (talvez à terceira edição do livro), a sua ressalva central, para o que se escuda em Hegel, é expressa com clareza:

Kant argued powerfully that conscience is the final arbiter of morality, and that it judges according to its own self-legislated criteria. But he did not allow for the paradoxical and dangerous possibility that self-legislation, restrained by nothing but itself, can adopt evil as its own good. One of Hegel's deepest insights is that conscience has to be subject to the judgement of its truth and falsity, 'and when it appeals only to itself for a decision, it is directly at variance with what it wishes be, namely the rule for a model of conduct which is rational, absolutely valid, and universal'. This is because there is no way of establishing that conscience and goodness automatically go together (Ibid: 138).

É em princípio em nome dessa distância que busca manter que Kedourie vai se opor ao que denomina "tentação sociológica" (Ibid: 140-1) para explicar a emergência frequente do nacionalismo, que considera presente inclusive na sua interpretação pelo marxismo, em que pese o viés mais economicista, e que chegaria ao paroxismo em colocações, como a de Frantz Fanon, de que "the real class-struggle in the modern world is not that between capitalists and proletariat in an industrial society, but between oppressor-nations and the nations they opress (Ibid: 142-33). Na verdade, vai contorcer o raciocínio que imputa a esse 'ideário' para dizer que as sociedades onde a industrialização ocorreu primeiro e foi mais intensa, como a Grã-Bretanha e os Estados Unidos - às quais sua adesão é nítida -, são aquelas onde o "nacionalismo é desconhecido"! (Ibid: 143).

Em *Nationalism*, democracia e nacionalismo não são identificados com todas as letras. Trata-se, sobretudo, de colocar o nacinalismo como uma ideologia, a que corresponde uma "política ideológica", de encará-lo como 'deturpação' de manifestações e desenvolvimentos históricos 'naturais' - em que pese a já observada sofisticação presente ao longo do texto - e provedor, junto com as dimensões da auto-determinação onde se ancoraram as formulações que ganhou, de um potencial grave de perturbação social. Num livro posterior, *Democracy*

and Arab political culture⁶⁹, ao invés, o tema do nacional como que não se coloca per se. A crítica é então à inadequação de buscar aplicar indiferenciadamente ideais iluministas democráticos de auto-governo que, como marca Barbi Weinberg, o prefaciador, aparecem associados com sua expressão inicial na Revolução Americana (1992: vii). A questão estaria na confusão na "opinião pública árabe" - um certo paralelo com a dificuldade de encarar o nacionalismo tal como de fato seria - sobre o sentido de democracia, um problema de 'cultura política', na medida em que é estranho à "concepção mental" do Islã, mas também porque "democracy is, in any case, today, itself by no means a clear or precise notion" (Ibid: 1). Kedourie vai destacar o estudo e conhecimento pelos filósofos muçulmanos clássicos dos filósofos gregos, particularmente a experiência da pólis como teorizada por Platão e Aristóteles, para quem democracia "was a low and degraded regime in which the masses, moved by their passions and appetites, sought to exercise unrestrained power". Assim, "for the Greek thinkers, as for their Muslim disciples, democracy signified despotism - a hydraheaded despotism, certainly no better, and perhaps worse, than the despotism of one man" (Ibid: 2). A questão, que se faria presente para nós e que na verdade representaria uma falsa questão é como, ele refere-se a um survey que fora aplicado, "respondents could reconcile preference for democracy with preference for a Sharia-governed polity" (Ibid: 1), mais ou menos em percentuais iguais. É uma falsa questão tanto pelo que se deixa de entender a respeito de democracia como por a própria demarcação da polity muçulmana seguir preceitos próprios que lhe seriam estranhos; ou, noutros termos, pela negação de sentido implícita na democracia, no caso ainda mais patente ao ir contra o prosseguimento de 'encaminhamentos normais'. O fato das revoluções nos dois lados do Atlântico terem tornado o termo democracia mais palatável, cada vez mais usado "to describe a polity in which sovereignty was unambiguously located in the citizen body" (Ibid: 2), só faria a denúncia de sua aplicação indiscriminada e inadequada mais pungente, quanto ao que a "tradição política do Oriente Médio" seria um excelente exemplo. Kedourie não recusa que "democracia" possa ser um termo usado para descrever uma polity como a norte-americana, inclusive "if we are fully to appreciate the gulf which separates modern and ancient democracies" (Ibid: 3), mas isso precisa ser feito levando em conta todo um complexo de ideias aí envolvido, que passa pela de Estado como começou a ganhar sentido no início da Era Moderna na Europa: "It connotes a particular piece of territory which is under sovereign power. Sovereignty has come to be understood as an impersonal public rule from which is derived the title of a government to

⁶⁹ KEDOURIE, Elie. 1992, *Democracy and Arab political culture*. Washington (DC): The Washington Institute for Near East Policy.

govern, regardless of its character" (Ibid: Ibid); evidente deslocamento do primado do sentido de democracia para "território", "soberania" e "governo". No processo ocorrido na Europa, soberania deixa de estar associada ao domínio da força e à prescrição divina. Contudo, e nisso aparece com clareza o desenho de sociedade - *polity*, melhor dizendo - e "política constitucional" que Kedourie - junto com uma corte grande de outros autores - defende como adequado para certa parte do 'mundo ocidental',

The consent from which sovereignty derives has to have a way, in other words, of expressing itself in order to confer legitimacy on the government in a manner which is both public and rule-governed. In large and complex modern societies this consent can be conferred only trough parliamentary institutions which represent the people and give public assent in recognized, proper and regular forms to laws and to the acts of government. The idea of popular sovereignty would otherwise have remained quite empty of content. That it has not done so in the Western world is due to the device of representation (...).

Representation implies elections and elections imply voting. (...) 'One man, one vote,' however, by no means implies that the citizens are a mass of undifferentiated units. If they were simply that, then 'one man, one vote' would indeed be the sinister emblem of tyranny wich it manifestly is in so many parts of the world. In a modern civilized state, the citizens are not a homogeneous mass of undifferentiated units - so many abstract statistics figuring in election returns. On the contrary, citizens organize themselves according to their various social, economic and political activities, in a multiplicity of groups and associations. It is the existence of these self-activated groups which gives vitality and power to the political institutions on which rests the legitimacy of government (Ibid: 4).

Uma das consequências de que a legitimidade política se baseia na soberania popular seria a ideia de que o povo soberano inclui a totalidade dos cidadãos, cuja caracterização depende exclusivamente de nascimento ou escolha, e que, assim, encompassa uma grande variedade de opiniões e crenças, implicando também a noção de secularidade do estado. De um modo geral, portanto, essencialmente nada nas "tradições políticas do mundo árabe", "que são as tradições políticas do Islã", lhes tornaria "familiares, ou mesmo intelegíveis, as ideias estruturantes do governo constitucional e representativo" (Ibid: 5). Essa "tradição" estaria diretamente ligada à umma, que derivaria da pequena comunidade presidida pelo profeta Moamé em Medina, e *umma* que constitui a *polity* muçulmana, fora da qual se está no domínio da guerra, domínio este contrastado ao dar-al-islam, que não corresponde a fronteiras territoriais permanentes mas a onde se exerça ou tenha exercido - e que teria como principal analogia no Ocidente a respublica christiana, que nunca se tornou uma realidade política (Ibid: 6). Antes desse comentário, todavia, e mais relacionado com aquilo de que nos ocupamos aqui, é a própria democracia que permanece "an ambiguous and equivocal word which can easily be explicited in double-talk, and which, taken on its own, is incapable of giving one and appreciation of the complex of ideas and institutions which serve as a specific against despotism and a safeguard for political freedom", razão porque considera que "It is

safer, more exact, and more intelligible to speak rather of constitutional and representative government" (Ibid: 5). Exagerando talvez um pouco, o recurso que Kedourie vai fazer às "tradições antigas do despotismo oriental" - que, talvez nem tão estranhamente, trouxe uma evocação das Cartas Persas de Montesquieu -, colocando a obediência ao califa como dever religioso, que acaba por se refletir na obediência a qualquer governante que detenha o poder como dever religioso, guarda relação com a crítica de fundo - que, é bem verdade, não explicita à democracia em si, digamos - ao que escape a ser um "governo constitucional e representativo"; o que, mudando-se alguns termos, estabeleceria uma certa analogia com 'os antigos', talvez um pouco perturbadora. Na "cultura política árabe", o dever de obediência passiva ao governante, de certo modo um sucessor apostólico do Profeta, se deve sobretudo a que "anarchy is to be feared above all else, since anarchy makes impossible the pursuit of a godly life, and thus endangers eternal salvation which is the ultimate goal of all human endeavor". Uma declaração do grande divino Ghazali (morto em 1111) só ampliaria retoricamente o que entra em jogo: "The tyranny of a sultan for a hundred years causes less damage than one year's tyranny exerted by the subjects agaisnt each other" (Ibid: 7-8). Esse conjunto de aspectos teria relação, aliás, com que o impacto inicial e mais significativo no Oriente Médio fosse do absolutismo esclarecido, antes do que do governo europeu constitucionalista e representativo, embora mesmo este modelo tenha falhado pela distância entre o universo discursivo da sociedade tradicional e o dos funcionários 'ocidentalizados'; fazendo com que até esse caminho inevitavelmente levasse a consequências nefastas. As razões para o fracasso variaram de país para país, mas um mal comum resultou dessa imitação e emulação do Ocidente: "ideological politics, whether secularist or fundamentalist, which provide no alleviation for the ills of the Arab world, nor can promise anything but heavyhanded rule conducive neither to welfare, nor to freedom, nor to prosperity" (Ibid: 103-5). É pois a crítica à proposição de democracia que deve ser avançada, já que "foi tentada em vários países e sempre falhou". O nacionalismo é, em si, uma "política ideológica", cuja decorrência maléfica assume aspecto de tirania. No fundo, democracia, a menos que precisamente circunscrita e com firmeza tornada numa "política constitucional", por um lado não abandonou o pejo da anarquia, e, por outro, resulta em "políticas ideológicas". Como quase tudo o que não evolve 'naturalmente', não 'pertence' 'àquela' entidade social e política própria, a democracia seria exemplo de 'ideia' 'estranha' e, por isso, nociva:

Until European ideas and the European example spread in the Middle East, the Arab world together with the rest of the Middle East was governed by regimes which were no doubt despotic, but whose methods were understood and accepted. Those methods were discredited

and irremediably damaged by the power and influence of Europe. Nothing as lasting, or even as satisfactory, has succeeded in replacing them (Ibid: 105).

Como se referia, o que creio ser o desenho e o alerta platônicos a respeito de democracia não parecem estar muito distantes do temor manifesto por Kedourie de 'democracia' e de 'nacionalismo', inclusive com suas interligações e sob a forma de "políticas ideológicas", que opõe às "políticas constitucionalistas", garantia de estabilidade das unidades, sociais e políticas, as quais, elas próprias, devem ser encaradas como fruto de um desenvolvimento 'natural' e equilibrado; que, de qualquer modo, não cabe questionar. Não é um tema que tenha qualquer pretensão de dominar minimamente. Parece, contudo, importante mencionar, mesmo que de modo extremamente superficial, a correlação entre 'regime' / politeía, éthos e psyké, presente em Platão e prosseguido em Aristóteles, que autores atuais acham importante enfatizar, inclusive como algo adequado a 'instruir' os tempos que correm. Haveria aí pressupostos a respeito dos 'sujeitos', a partir do que se faz uma série de inferências 'políticas', que, ao menos em parte, perpassam 'antigos e modernos', promotores d'O ódio à democracia que Rancière tão bem apresenta, e que cabe explicitar até para poder apresentar melhor as 'vozinhas' e o papel que podem jogar na conformação e no operar de possibilidades democráticas ampliadas - e nem por isso belicosas, embora talvez de fato anárquicas...

Um texto de Richard Oliveira como que se 'ofereceu' para fazer essa passagem. Foi um daqueles casos de 'aparecimento' na internet sem que fosse sequer muito possível remontar a sequência envolvida, a não ser que esteve, de fato, no contexto de leituras associadas a Kedourie. É de extrema clareza e elegância estilística, sendo que o autor precisamente sugere que "nas condições do *Zeitgeist* atual, nada mais pertinente do que essa meditação platônica" (2014⁷⁰: 46). Logo de início, Oliveira esclarece o "caráter visceralmente intelectualista" de Sócrates, incorporado por Platão, onde "a excelência (*areté*) da práxis encontrava-se substancialmente subordinada à orientação cognitiva fornecida pelo saber ou pelo conhecimento (*episteme*)" (Ibid: 31). A *República* orienta-se pela perspectiva socrática e, assim, que "na esfera política, toda ação correta depende da visão fornecida por um saber, de forma que o único regime que pode ser tido como legítimo é, em última análise, a sofocracia, i.e., aquele que entroniza o saber como sua instância reguladora suprema", bem como que a "prerrogativa do poder" deve ser concedida "àqueles que detêm a ciência relacionada à organização da cidade" (Ibid: 33), aspecto que Kedourie ecoa; mas com

⁷⁰ OLIVEIRA, Richard Romeiro. 2014, Platão e a questão da democracia na *República. Revista Estudos Filosóficos* nº 12/2014 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967. http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG. pp. 28 - 47. Acesso 2017-04.

percussões talvez ainda mais explícitas em 'grandes clássicos' como Maquiavel e o papel que busca para si, como contraface necessária do príncipe. Uma construção normativa básica orienta o edificio das formas políticas (socrático-) platônicas: a "polis perfeitamente justa (a *kallípolis*)" é o "modelo da forma política melhor e mais saudável"; na verdade, mais do que modelo 'ideal', essencialmente o único, até porque todos os demais se constituem abaixo, como "organizações políticas patológicas e corrompidas e doentias, cujas mazelas devem ser, assim, descritas e classificadas" (Ibid: 35).

Oliveira detém-se na qualificação da *politéia*, frequentemente traduzida pelo moderno termo 'constituição', ao qual prefere o de 'regime', no sentido de 'antigo regime' e em associação direta com o que Montesquieu subsumirá sob "espírito das leis". Num primeiro nível, "Em grego, como se sabe, politéia deriva diretamente de pólis, a cidade, e de polítes, o cidadão, e significa literalmente aquilo que configura, ordena e conforma uma pólis, aquilo que confere, pois, a uma pólis sua identidade política, moral e comunitária" (Ibid: 36). Num primeiro momento, o Estagirita descreveria, na *Política* de Aristóteles, "a matéria-prima ou os elementos constituintes básicos do corpo político, a saber, o complexo populacional formado pelas famílias, lares e tribos". No segundo momento, é introduzida a consideração de que essa matéria prima populacional deve ser ordenada por um princípio fundamental, o qual atuará como a causa responsável pela sua configuração e pela sua unidade: trata-se justamente da politéia" (Ibid: Ibid). Para Platão e Aristóteles, "a politeía, em sendo o éthos da comunidade política, determina-se, pois, como um fenômeno mais originário e mais fundamental do que a lei e o ordenamento jurídico", o que significa que "uma politeía democrática determinará o aparecimento de leis e instituições democráticas, uma politeía oligárquica o aparecimento de leis e instituições oligárquicas etc." (Ibid: 37). Mais do que isso, há "um vínculo intrínseco e essencial entre politeía e éthos, vale dizer, entre a dimensão política do regime e os diferentes tipos de hábitos morais e de caráter" (Ibid 37-8). Oliveira destaca que Platão dá um passo além ao considerar cada tipo de éthos como resultado de determinadas disposições psíquicas, "relacionadas à esfera das paixões e dos desejos": "Temse, assim, a identificação de uma conexão interna entre politeía, éthos e psykhé, o que permite a Platão pensar o funcionamento da cidade a partir daquilo que se passa nos recessos profundos da alma e vice-versa, o funcionamento da alma a partir daquilo que se passa na cidade" (Ibid: 38). Noutros termos, isso constitui o "princípio que estrutura o desenvolvimento de todo discurso político da República, qual seja, o princípio da correspondência estrutural entre a alma e a cidade, que veicula a concepção de que a cidade

constitui uma espécie de homem ampliado, e de que a alma, por seu turno, constitui uma espécie de cidade diminuída" (Ibid: Ibid).

A questão da 'origem' desses 'todos' articulados não é aflorada no texto de Oliveira. Apoiando-se em *Ordem e história* de Voegelin⁷¹, coloca que deve haver tantos tipos de caracteres quanto de formas políticas. Neste âmbito, as "formas podem seguir-se umas às outras de forma inteligível no tempo porque sua sequência como um todo é um processo dentro da alma" (Ibid: 39). O discurso platônico, porém, como já pontuado com Oliveira, assume "o aspecto de um relato da decadência", a partir de "uma perspectiva que se atém, antes de mais nada, às exigências do lógos (katà lógon)", constituindo uma narrativa que enuncia "a sucessão das formas políticas como um movimento de degradação progressiva, que parte de um ponto de perfeição suprema (a cidade justa), passa por graus intermediários de corrupção (timocracia, oligarquia e democracia), até chegar à perversão extrema, à máxima deterioração, representada pela tirania, nadir da vida política" (Ibid: Ibid). Retomando, para Platão "os regimes devem ser vistos como uma ampliação das estruturas da alma" (Ibid: Ibid). No interior da alma humana, Platão identificaria três elementos ou forças psíquicas (dynameis) principais: "o elemento racional ou intelectivo (logistikón), que se caracteriza pelo amor ao conhecimento; o elemento irascível ou ardoroso (thymoeidés), que se caracteriza pelo amor das honras, das vitórias (philonikón) e pelo espírito de competição; e o elemento apetitivo (epithymetikón), que se expressa no desejo de sexo, comidas e bebidas" (Ibid: 39-40). A supremacia de um ou de outro desses elementos no interior da alma acarretaria no aparecimento de diferentes costumes e, moto contínuo, irrupção de diferentes formas de governo. Mais uma vez, todavia, na República não se trata de formas concorrentes, ou que teriam qualquer equivalência, senão da exposição das transformações ou metabolaí das formas de governo, que ocorre numa linha de progressão decrescente, em que a ontologia geral que permite definir qual o funcionamento que preside a operação das almas dos seres da pólis, que se reflete em seus governantes - ou, talvez mais propriamente, vice-versa:

em primeiro lugar, temos a cidade perfeitamente justa, que se caracteriza por estabelecer, na alma dos governantes, uma ordem racional e sadia, fundada na supremacia do princípio intelectivo sobre o elemento colérico e apetitivo, e que tem o saber como seu valor mais elevado; em segundo lugar, temos o regime timocrático, primeira corrupção derivada do declínio do melhor regime, sistema político em que a ordem racional da melhor *politéia* é subvertida e em que o desejo das honras, de vitórias e êxitos guerreiros, impulsionado pelo *thymós*, substitui, na elite dirigente, a racionalidade e o amor ao saber como valor supremo da cidade; em seguida, temos a oligarquia, corrupção da timocracia, regime em que o desejo de riquezas se sobrepõe às honras e aos valores guerreiros; em quarto lugar, surge a democracia,

⁷¹ A referência de Oliveira é VOEGELIN, E. 2009, *Ordem e História. Vol. III. Platão e Aristóteles.* Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola. pp. 183-5.

sistema político proveniente da degradação da oligarquia, e caracterizado pela liberdade desenfreada e pela proliferação dos desejos supérfluos; e, por fim, a tirania, perversão máxima oriunda do declínio do sistema democrático, na qual triunfam o crime e os desejos ilícitos e mais bestiais (Ibid: 40).

Nessa tipologia platônica, as formas políticas não são equipolentes e o caráter da organização social também difere. Por outro lado, é ainda como se as 'almas' (os entes) que estivessem em jogo para caracterizá-las fossem de tipos diversos, a do 'sábio' no caso da melhor politéia, uma certa elite dirigente, embora com 'inclinações' diversas, no caso da timocracia e da própria oligarquia, ao passo que na democracia quase que as 'almas' desapareceriam, sob as vestes 'corporais' baixas, dos "desejos supérfluos", ensejados pela "liberdade desenfreada". Na verdade, como Oliveira destaca várias vezes, o princípio da deterioração já está na alma do homem timocrático, "contaminado pela influência do elemento apetititivo", que se traduz "pela ambição de ser reconhecido e pelo desejo desenfreado de status e honras". "O homem tipicamente oligárquico, cuja educação é ainda mais precária do que a do tipo timocrático que o antecede, apenas dará um passo adiante e, alijando qualquer tipo de pudor em relação ao dinheiro, deslocará inteiramente sua ambição para a esfera da aquisição de riquezas" (Ibid: 41). A cidade oligárquica é eminentemente plutocrática e, assim, produz a destabilização do corpo político, sua cisão, da qual decorre a democracia. Num certo sentido, pode-se pois ver a oligarquia como saída definitiva do modelo ideal e entrada numa certa 'concretude sociológica' - admitindo-se a mais do que provável enorme inadequação terminológica e imprecisão descritiva -, no sentido de não mais se ter um 'organismo único', que perfilha um mesmo ideário, que, por seu turno, corresponde a um princípio universal, postulado por aquele, como Platão, que o prescreve de fora, e 'para além da vida'. Essa 'concretude' é, neste cenário, encarada, como um todo, negativamente. É a cidade que precisa ser afirmada, seu caráter uno e inabalável. O que quer que vá contra isso não tem positividade possível, não está sob controle dos que a definem, e, assim, torna-se sinônimo de sedição, no mesmo movimento em que se afirma a baixeza de tudo o que aí possa emergir (sob a roupagem de que teria sido o que lhe deu origem). Os 'desejos', opostos ao 'intelecto', fazem-se presentes desde a timocracia. É, contudo, na oligarquia e na democracia, no "plano da economia psíquica", que se configura um "primado, na psykhé dos cidadãos, do elemento apetitivo sobre a razão e sobre o ardor". Todavia, "enquanto o homem oligárquico, por causa de sua avareza ou cupidez, reprimia ainda seus apetites e concedia satisfação apenas aos desejos necessários à sua conservação ou subsistência", "o homem democrático romperá esse limite e se entregará à satisfação de desejos supérfluos e desvinculados da esfera da necessidade" (Ibid: 43) - e é quase impossível não destacar a

despreocupação de Platão com a mais do que provável falta de 'respaldo sociológico' para esse tipo de afirmação. Ao nível da descrição formal, o caráter plutocrático da oligarquia origina a degeneração: "ao conceder um primado axiológico ao dinheiro e concentrar o poder e as riquezas nas mãos de uma só classe, produz uma cisão social que desestabiliza todo o corpo político" (Ibid: 41); os pobres cada vez mais ambicionam se apossar do lugar dos ricos o que, precisamente, faz da cidade oligárquica "uma cidade frágil e instável, habitada por uma tensão política permanente entre ricos e pobres, o que a torna permanentemente vulnerável à eclosão da sedição ou guerra civil (*stásis*)" (Ibid: 42) - aspecto cuja possível positividade não tem qualquer espaço nesse tipo de pensamento. A cidadade oligárquica encontrava-se dividida em duas facções políticas opostas e na cidade democrática menos ainda há qualquer possibilidade de unidade: "entronizando uma liberdade sem freios como seu valor máximo, permite o aparecimento de toda sorte de valores e de comportamentos, transformando-se numa verdadeira colcha de retalhos de tipos humanos e modos de vida" (Ibid: Ibid), descrição (que aqui, com Rancière, se quer valorizar) do diametralmente oposto ao que propugna:

Com uma ponta de ironia, Platão afirma, nesse sentido, que aqueles que se interessam pela pesquisa de formas políticas devem se dirigir preferencialmente a uma democracia, pois nela eles poderão encontrar, como em uma espécie de feira de regimes (pantopólion politeiôn), todas os modelos de politeía possíveis. Isso significa que na democracia a unidade e a estabilidade sociais que Platão considera como características essenciais dos regimes saudáveis e bem ordenados se encontram, pois, radicalmente comprometidas, expondo a cidade a uma perigosa e visceral fragmentação política (Ibid: Ibid).

Nesse texto de Oliveira, que de fato tem democracia no seu título, a tirania praticamente não aparece. Fazendo uma observação provavelmente inconsequente, fica a impressão de se em Platão a tirania (o despotismo) não cumpre, para voltar à referência feita a propósito de Kedourie, um papel de outro, 'tipo ideal' construído, algo semelhante ao que tem em Montesquieu, talvez como particularmente evidenciado no desenho do serralho em *Cartas Persas*. De qualquer forma, a democracia é aqui o mal evidente. Nos termos de Voegelin, a que Oliveira volta, "'Na democracia, as paixões desnecessárias, que levam à insolência, anarquia, desperdício e impudência são deixadas à solta'". E Oliveira prossegue: "o homem democrático ignorará qualquer tipo de moderação, e se comportará como o homem dos desejos múltiplos e variados, que dá livre curso aos seus apetites e paixões, num agradável e complacente *laissez faire*". Essa "emancipação dos desejos" só se dá porque a democracia se efetiva "do ponto de vista político, como o regime da liberdade irrestrita, a qual termina por instaurar uma situação de anomia e licenciosidade em todos os planos da vida social" (Ibid: 43), reiterada na substituição do sistema censitário pelo da equivalência e da "igualdade cívica", associada ao sorteio. Nessa absolutização do "princípio da igualdade", "a democracia

nivela, pois, todos os cidadãos e destrói todas as formas de subordinação política, o que acaba por promover um desenvolvimento sem precedentes da liberdade na pólis: com efeito, uma vez que todos são tidos como iguais, não há mais superior nem inferior, e cada um pode se considerar, portanto, senhor de si próprio e viver como bem lhe apraz" (Ibid: 44). Com efeito, para ir novamente, e associar à crítica de Kedourie a sua eleição em categoria 'ideológica' central, seria difícil ver os membros de tal politeía como sujeitos a 'alienação'. Não deixa de ser curioso, porém, notar o quão diretamente Platão, nessa leitura de Oliveira que se acompanha, opõe a obediência à disciplina, à norma e à autoridade (a arkhé) à 'vida boa', que ele mesmo reconheceria estar associada à "liberdade irrestrita", que " torna a vida mais leve, fácil e aprazível, permitindo que cada um satisfaça seus desejos da forma que bem entender e se entregue às mais diferentes e heteróclitas atividades (ginástica, filosofia, política, comércio, vida militar), conforme o humor do momento" (Ibid: Ibid). Noutros termos, na medida em que a vida comum é associada à ideia de ordem e estabilidade cívica, é como se não houvesse lugar, até por não existir 'necessidade', para a "consideração" de Rousseau; se for permitido anacronismo ainda maior, por estarmos no reino mais férreo possível do subsumido na "solidariedade mecânica" de Durkheim. A "proliferação dos desejos na alma humana e a entronização da liberdade como valor supremo" (Ibid: 43) teria inevitavelmente um "efeito político patológico" (que Oliveira descreve como "propício para o desenvolvimento do mais vulgar e rasteiro relativismo" [Ibid: 45]), o que significaria dizer que ambos precisariam estar radicalmente apartados, que a 'existência', (a 'alma humana'?) constituiria uma ameaça ao 'viver comum', ao invés da fonte de várias manifestações pelas quais o relativo e o universal encontram formas - possíveis - de 'metabolização' de (des)mundos ou, para recorrer a parte do trecho com que Rancière belamente conclui O ódio à democracia, de compreender que

A democracia não é nem a forma de governo que permite à oligarquia reinar em nome do povo nem a forma de sociedade regulada pelo poder da mercadoria. Ela é a ação que arranca continuamente dos governos oligárquicos o monopólio da vida pública e da riqueza a onipotência sobre a vida. Ela é a potência que, hoje mais do que nunca, deve lutar contra a confusão desses poderes em uma única e mesma lei da dominação. Recuperar a singularidade da democracia é também tomar consciência de sua solidão. (...) A sociedade desigual não tem em seu flanco nenhuma sociedade igual. A sociedade igual é somente o conjunto das relações igualitárias que se traçam aqui e agora por meio de atos singulares e precários. A democracia está nua em sua relação com o poder da riqueza, assim como com o poder da filiação que hoje vem auxiliá-lo ou desafiá-lo. Ela não se fundamenta em nenhuma natureza das coisas e não é garantida por nenhuma forma institucional. Não é trazida por nenhuma necessidade histórica e não traz nenhuma. Está entregue apenas à constância de seus próprios atos. A coisa tem por que suscitar medo e, portanto, ódio, entre os que estão acostumados a exercer o magistério do pensamento. Mas, entre os que sabem partilhar com qualquer um o poder igual da inteligência, pode suscitar, ao contrário, coragem e, portanto, felicidade (2014, op.cit.: 121-2).

Para fechar este capítulo que já começa a se alongar demais, vale retomar brevemente

um ponto já aflorado, sobre buscas de desenhos de 'sujeitos' que seriam propícios a formas 'outras' de exercício político comum. Mais uma vez, não se busca lidar com o tema em profundidade, senão apenas marcar que a defesa de evitar 'políticas de identidades', que se tornou relativamente comum, ainda assim por vezes não deixa de recair na construção de 'modelos alternativos', que os autores consideram heuristicamente mais ricos ou mais generosos, que lhe seriam relativamente equivalentes. Isso servirá para tecer um certo contraste e, ainda, na senda profundamente aberta por Rancière, tentar apontar o lugar e o caráter vago das 'vozinhas' que detiveram - e ainda, de certo modo, detêm - papel central na configuração democrática irlandesa; e cuja relevância para possibilidades de funcionamentos democráticos mais plenos se advoga. Como já se mencionou, nacionalismo e um 'sentido renovado' de democracia teriam partilhado um caminho conjunto recente. Um pressuposto concorrente, que pode aparecer evidenciado de formas bem diversas, como que corresponderia a uma restrição, uma dimensão de relativismo forte, do 'espírito das leis' (ou da políteía, para ficarmos na referência de ainda agora ao desenho de ideário platônico por Oliveira), foi o da existência de uma 'cultura', que permitiria, se não caracterizar, ao menos estabelecer aspectos que distinguiriam uma determinada 'nação' das demais. Na década de 1990, houve um debate importante na Antropologia a respeito, ao qual não cabe ir aqui⁷². De qualquer modo, o que se quer destacar, é a possibilidade de que exercícios democráticos em determinados espaços, 'nacionais' digamos, não precisam ter correspondência com nenhum 'tipo' de sujeito. No limite, basta que estejam estabelecidos, de modo formal ou informal, 'acordos' que definam que aquele 'espaço' - geográfico, simbólico, cultural, político, todos os termos aspeados - compõe uma 'unidade', que pode perfeitamente ter seu caráter provisório assumido, onde a "consideração", essa de Rousseau, entre os sujeitos está em operação.

Na verdade, com frequência somos levados a acreditar na existência de 'unidades

⁷² Um curso feito no âmbito do PPGAS do Museu Nacional, em 1995, ministrado pelos Profs. Marcio Goldman e Federico Neiburg, orientava-se para a crítica a essa perspectiva, inclusive como forma de refletir sobre 'cultura' e sobre o modo como se recobrem os 'objetos' da pesquisa antropológica. HANDLER, Richard. 1988, *Nationalism and the politics of culture in Quebec*. Madison: The University of Wisconsin Press foi um dos livros vistos onde a reflexão é perseguida com particular clareza. "Antropologia e política nos estudos de caráter nacional", de Federico Neiburg e Marcio Goldman, é um artigo síntese bastante exemplar. Os autores concluem: a crítica dos impasses a que pode conduzir o uso de noções como a de caráter nacional deve ir além de seu simples abandono ou da denúncia de seus atributos puramente imaginários e ideológicos. O exame do campo que envolve tais noções revela que os estudos de caráter nacional podem funcionar como um exemplo da possibilidade da antropologia lidar com temas centrais de nossa sociedade, evitando dois riscos simétricos: converter-se irrefletidamente em mais um foco de produção e difusão de representações coletivas, ou, sob o pretexto de permanecer livre de toda contaminação ideológica, perder o contato com as próprias representações que circulam nessa sociedade.

http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1997/anuario97_neiburgegoldman.pdf Acesso para a referência 2017-10-31.

naturais'. Numa certa linha de pensamento, como vimos em Oliveira e Kedourie, sequência platônica?, Edmund Burke sua vocalização nítida, existiriam 'desde sempre', fruto de processos históricos evolutivos, que não deveriam ser perturbados, mas sim respeitados, inclusive via submissão à guia pelo saber interpretativo de sua 'qualidade maior'. Noutra, que Kedourie considera oposta dessa primeira, como evidenciado, de fato, numa literatura abundante, pela afirmação de traços que lhe confeririam um 'caráter' especial, que deveria ser afirmado e preservado, inclusive no concerto das demais 'unidades', supostamente equivalentes. Nas duas versões, e em que pesem afirmações em contrário, a latitude conferida aos 'sujeitos', aos 'indivíduos' se quisermos forçar o termo, é muito pequena. Na primeira leitura, ainda que a linguagem não seja a mesma, continua-se associando politeía, éthos e psykhé, ou, para repetir a frase, considerando que há uma "correspondência estrutural entre a alma e a cidade" (Oliveira, 2014: 38). Em nome inclusive de evitar a tão famosa e comumente chamada à tona 'tirania da maioria' sobre os 'indivíduos' - embora, observe-se, isso não apareça como relação direta em Kedourie -, defende-se que a high politics, versão atual da sofocracia?, realiza a política necessária à 'unidade' - ia dizendo à cidade -, de preferência devidamente orientada pela 'academia', até porque algumas rutpuras ocorreram. Essa leitura presume que a cisão se dá pela presença de fações. Entre pobres e ricos sim, mas também, precisamente, entre os que insistem na afirmação e no desenho da 'unidade', espécie de membros menores da 'sofocracia'. Noutro viés, é como se houvesse diferentes 'universalismos', com pretensões de alcance retórico e aplicação a entidades de diversas dimensões. Mas ambos, seja como for, recusando o burburinho, o alarido, em si, como parte central, um dos elementos no âmago da cidade, de qualquer cidade, dimensão tanto específica quanto universal, que não só não a rompe como, antes, pode servir de eixo para a articulação entre o que existe/existiu e o que está sendo criado, entre os entes particulares - em seus momentos - e sentidos que vão sendo dados a 'unidades'; para o que se precisa apenas, aí voltando ainda mais uma vez, do fio da "consideração".

É comum pensar que a leitura do sujeito teria sofrido mudanças importantes em ligação com o advento das visões 'psi'. ⁷³ Repetindo, não há qualquer pretensão ou condições

⁷

⁷³ Para voltar à conexão com alguns dos sobressaltos tenebrosos que se vive no Brasil, um texto de Luiz Eduardo Soares, de 01 de novembro de 2017, recebido através da Newsletter on line de Carta Capital, intitulado "Judith Butler vem aí, trazendo a peste: bem vinda", começa com uma referência calorosa às possibilidades dessas visões:

Quando Freud chegava aos Estados Unidos, disse com ironia a um interlocutor que o acompanhava: eles não sabem que lhes trago a peste. A anedota é contestada por seus biógrafos, mas vale como alusão simbólica: a psicanálise destroçava o mito liberal do ator racional, auto-consciente, fundamento da antropologia rasteira, dominante na classe média americana. O novo saber subvertia a consagração do *american way of life*, utopia dos

de mergulhar seja em que nível for nesse terreno propriamente dito. Quer-se, contudo, apontar para pressuposições sobre o 'sujeito político', inclusive como embutidas na oposição construída na ótica descritiva de Kedourie, que não são explicitadas. Destacou-se ainda agora, nessa perspectiva é como se, em certo nível, inexistisse de fato um 'sujeito político', antes apenas seres que vivem uma vida a qual ficaria difícil associar à esfera política, a não ser se atendo ao sentido peculiaríssimo de 'alma' e 'psyché' platônicas que se pôde entrever através de Oliveira. Ou se adequam plenamente à 'alma da cidade' - embora a expressão talvez seja um atrevimento - ou se voltam tanto para si, para sua 'possessividade individual' - outro termo, além de anacrônico, algo absurdo? -, que necessariamente estão num campo de outra ordem. Há uma reflexão recente sobre o tema, como expressa, por exemplo, precisamente n'O circuito dos afetos abordado brevemente, onde Safatle busca desenhar, mas sem escapar de algum grau de 'sofocracia', caracterizações dos seres que, inclusive, possam amparar formas outras, partindo da relação com o "desamparo", de se situar nos contextos de poder ofertados. Em Nations without nationalism, Kristeva⁷⁴ também está à procura de um 'sujeito' que, a um tempo, possa afirmar como uma espécie de 'substrato universal' e como coerente com 'pertencimentos nacionais' - despidos, todavia, como o título indica, da dimensão 'nacionalista'; cuja interpretação aí se situa muito perto da de Kedourie; embora enfatizando o potencial disruptor e de produção de uma cisão mais ou menos visceral no 'corpo político', ao invés de associá-lo com tanta intensidade, como "política ideológica", ao perigo de desvio, ainda que temporalmente circunscrito, do 'corpo político' como um todo, alerta mais denso em Kedourie. Em Nations without nationalism, há também uma preocupação, que guarda alguma semelhança com a que vimos expressa por Lefort e, mais diretamente, Rosanvallon, com o que se poderia designar por 'adequação' entre os 'sujeitos' e o ambiente que os envolve. É evidente, contudo, que Kristeva parte de uma construção sobre o 'indivíduo', são e cindido ao mesmo tempo, que elabora - de modo profundamente poético - em *Strangers to ourselves*⁷⁵, o

subúrbios, que Hollywood espalhava pelo mundo, colonizando sentimentos e capturando esperanças. Era mesmo a peste que desembarcava em solo americano.

http://justificando.cartacapital.com.br/2017/11/01/judith-butler-vem-ai-trazendo-peste-bem-vinda/ .Acesso 2017-10-02.

⁷⁴ KRISTEVA, Julia. 1993, *Nations withouth nationalism*. (Translated by Leon S. Roudizez). New York: Columbia University Press.

⁷⁵ [A formatação desta nota, diferente das demais, deriva de não ter conseguido, apesar de tentado com denodo, suprimir a particular forma de hifenação que constava na parte transcrita do arquivo do livro em Word, que a 'contaminou' por inteiro]. KRISTEVA, Julia. 1988, Étrangers à nous-mêmes. Paris: Fayard. Para 'dar o tom', transcreve-se os dois parágrafos iniciais do livro, no capítulo que se intitula "Toccata et fugue pour l'étranger": Étranger : rage étranglée au fond de ma gorge, ange noir troublant la transparence, trace opaque, insondable. Figure de la haine et de l'autre, l'étranger n'est ni la victime romantique de notre paresse familiale, ni l'intrus responsable de tous les maux de la cité. Ni la révélation en marche, ni l'adversaire immédiat à éliminer pour pacifier le groupe. Étrangement, l'étranger nous habite : il est la face cachée de notre identité, l'espace qui ruine

qual é, apenas forçando um pouco o tom, tanto tradução do seu próprio *self* como modelo para o 'sujeito', de novo numa perspectiva que cabe perceber como padecendo de uma certa 'sofocracia'; talvez evocando, ainda que em modo menor, a busca de uma âncora para a construção de si que é um dos *leitmotif* de Montaigne com os *Ensaios*. É a partir daí que Kristeva não consegue hesitar em descrever-se como, essencialmente, uma cosmopolita e, no fundo parte da mesma arquitetura, que vai elaborar a ideia do "ódio a si próprio". A construção é um tanto mais sofisticada, e a ela se adere em larga medida, como quando associa a dificuldade de aceitar a fragmentação - à qual, apesar de não integralmente, junta certa ideia de liberdade - e a ausência de 'certezas' sobre quem se é como na base desse ódio:

when exposed to violence, individuals despair of their own qualities, undervalue their achievements and yearning, run down their own freedomns whose preservation leaves so much to chance; and so they withdraw into a sullen, warm, private world, unnameable and biological, the impregnable 'aloofness' of a weird primal paradise - family, ethnicity, nation, race (1993: 3).

Noutros termos, Kristeva como que afirma um primado do 'indivíduo fragmentado', cuja possibilidade de prosseguir sem medo numa vida 'social' ampliada - na verdade parte de

notre demeure, le temps où s'abîment l'entente et la sympathie. De le reconnaître en nous,nous nous épargnons de le détester en lui-même. Symptôme qui rend précisément le « nous » problématique, peut-être impossible, l'étranger commence lorsque surgit la conscience de ma différence et s'achève lorsque nous nous reconnaissons tous étrangers, rebelles aux liens et aux communautés.

L' « étranger », qui fut « ennemi » dans les sociétés primitives, peut-il disparaître dans les sociétés modernes? Nous rappellerons quelques moments de l'histoire occidentale où l'étranger a été pensé, accueilli ou rejeté, mais où aussi la possibilité d'une société sans étrangers a pu être rêvée à l'horizon d'une religion ou d'une morale. La question, encore et peut-être toujours utopique, se pose de nouveau aujourd'hui face à une intégration économique et politique à l'échelle de la planète : pourrons-nous intimement, subjectivement, vivre avec les autres, vivre autres, sans ostracisme mais aussi sans nivellement? La modification de la condition des étrangers qui s'impose actuellement conduit à réfléchir sur notre capacité d'accepter de nouveaux modes d'altérité. Aucun « Code de nationalité » ne saurait être praticable sans la lente maturation de cette question en chacun et pour chacun (1988: 9-10).

Versão em PDF: https://archive.org/stream/JuliaKristevaEtrangersNousMMmes1988/Julia%20Kristeva- . Versão em word: https://archive.org/stream/JuliaKristevaEtrangersNousMMmes1988/Julia%20Kristeva-

Etrangers%20%C3%A0%20nous-m%C3%AAmes%20(1988)_djvu.txt . Ambas acessadas 2017-05-15.

Num blog, a propósito de *Étrangers à nous mêmes*, em postagem de 21 de fevereiro de 2008, é colocado:

Selon Julia Kristeva, qui s'appuie ici sur la notion d'"inquiétante étrangeté" qu'elle emprunte à Freud, la peur de l'autre s'expliquerait par le fait que la rencontre de l'altérité nous renvoie à l'"étrange", ou bien à l'"étrangeté", qui est présente en nous-mêmes.

L'écrivain nous invite à admettre notre "troublante altérité", ce qui pourrait nous aider à ne pas rejeter l'étranger qui existe hors de nous (les étrangers). En théorisant l'existence de l'inconscient, Freud nous aurait ainsi invité à admettre la complexité insurmontable de notre étrange identité...

http://hansenlove.over-blog.com/article-16897089.html . Acesso 2017-05-15.

Uma bela fala, em vídeo, de Kristeva, a 01 de outubro de 2014, no Collège des Bernardins, sob o título "Réflexions sur l'étranger", transcrita praticamente na íntegra:

http://www.kristeva.fr/reflexions-sur-l-etranger.html . Acesso 2017-05-15.

Num trecho particularmente pujante qualifica os "males de idealidade" (tradução livre do termo):

Les maladies d'idéalités – ces étrangetés – sont une partie intégrante de l'appareil psychique, elles ne sont pas inéluctables, elles nous interpellent. Ces maladies de l'âme qui abolissent le besoin de croire et le désir de savoir de telle sorte que l'être humain, incapable d'investir et d'établir des liens, dépossédé de "soi » et dépourvu du sens de *l'autre*, erre dans une absence de "monde", dans un non-monde, sans "bien" ni "mal" ni "valeur" quelconque.

uma espécie de modelo 'evolutivo' - valoriza positivamente (valorização que, sem dúvida, guarda analogia com a proposta de Safatle a partir do "desamparo"). Ela não foge de mapear algumas formações 'nacionais', como a norte-americana e a britânica, e de buscar explicitamente lidar com o racismo expresso pelo Front National, inclusive por um capítulo central da (quase se pode caracterizar assim) coletânea Nations without nationalism ser uma "Carta aberta a Harlem Désir", que criou o SOS Racisme. Nesse capítulo, reitera o curioso 'ponto de compromisso', que já estabelecera antes no livro, de adesão ao esprit général, de Montesquieu é claro, e, não por acaso, na sua 'evidente' versão francesa. O freudismo é nítido na perspectiva que assume⁷⁶, mas nem por isso, talvez antes pelo contrário, menos expressivo de uma certa visão comum contemporânea a respeito do 'sujeito' e de sua 'imersão propícia' no 'espírito da cidade' - forçando um pouco os termos. Esse reconhecimento teria como consequência uma transformação - para jogar com as palavras, poder-se-ia usar a expressão 'metabolização'? - no próprio modo de definir o 'nacional', em duas frentes: "as guarantee for the identification pride of individuals and groups and as a historically indispensable transition for the insertion of national entitites inherited from the past into highter political and economic wholes" (1993: 52). Ou seja, para que essa percepção do que o 'sujeito' - indivíduo? - já era possa ganhar pleno vigor é preciso dissociá-lo de seu potencial disruptor, vinculado a particularidades - poderíamos dizer a 'intermédias cidades'? Para colocar de outra maneira, como que implicaria em, mais uma vez, manter a cisão longe da arena pública, restrita aos 'sujeitos', enquanto se recompõe a 'totalidade' numa 'esfera evolutiva' maior, capaz de apaziguar qualquer vontade faccional de romper com o acordo, com a politheía, desta feita menos tangível, que nessa própria capacidade revela seu fulgor. Apesar da eventual sofisticação e dos momentos de beleza do seu argumento. Kristeva não hesita em afirmar que

(...) the nation as *esprit général* (with the heterogeneous, dynamic, and 'confederate' meaning that Montesquieu gives to a political group) is one of the most prestigious creations of French political thought. Conceivably, it is a difficult one to actualize and even more difficult to

⁷⁶ Como expresso com todas as palavras na postagem sobre *Étrangers à nous-mêmes* no blog referido, que também evidencia o 'cosmopolitismo' que aí se crê que a perspectiva psicanalítica abririria:

En fait, cette distraction ou cette discrétion freudienne à l'égard du « problème des étrangers » - lequel n'apparaît qu'en éclipse ou, si l'on préfère, en symptôme, par le rappel du terme grec *xenoi* (les étrangers) - pourrait être interprétée comme une invitation (utopique ou très moderne?) à ne pas réifier l'étranger, à ne pas le fixer comme tel, à ne pas nous fixer comme tels. Mais à l'analyser en nous analysant. A découvrir notre troublante altérité, car c'est bien elle qui fait irruption face à ce « démon », à cette menace, à cette inquiétude qu'engendre l'apparition projective de l'autre au sein de ce que nous persistons à maintenir comme un « nous » propre et solide. A reconnaître notre inquiétante étrangeté, nous n'en souffrirons ni n'en jouirons de dehors. L'étrange est en moi, donc nous sommes tous des étrangers. Si je suis étranger, il n'y a pas d'étrangers. Aussi Freud n'en parle-t-il pas. L'éthique de la psychanalyse implique une politique il s'agirait d'un cosmopolitisme de type nouveau qui, transversal aux gouvernements, aux économies et aux marchés, oeuvre pour une humanité dont la solidarité est fondée sur la conscience de son inconscient désirant, destructeur, peureux, vide, impossible.

administer. (...) It seems, nevertheless, that the philosopher of the Englightenment had elaborated a higher perception of the national presence, one that avoided isolation, on the one hand, abstract and evolutive politics (citizenship) and, on the other, the weighty, deterministic national (nationality); but he suggested a concept, specifically his own and French, involving the integration, without a leveling process, of the different layers of social reality into the political and/or national unity (Ibid: 57).

É com base nesta noção que a *high politics* vai ser adequadamente exercida por um líder, De Gaulle⁷⁷, ele próprio não só imbuído como conformado pela 'estrangecidade' - com perdão pelo termo 'inventado' - que caracteriza o *esprit général*, francês, num passo subjacente embora não diretamente explicitado, da dimensão universal de que, nessa concepção, o *esprit général* se revestiria. Se quisermos, voltou-se à coerência entre *politeía*, *éthos* e *psykhé*, apesar de, sem dúvida, com o adendo da possível incorporação, futura que seja, de outras coerências nessa formulação mais geral, decorrente de uma 'sofocracia' abrangente e adequada aos novos tempos, capaz de incluir 'todos' no mundo não cindido. Algumas questões permanecem, duas das quais como que se insurgem com maior intensidade. A primeira refere-se à 'resistência' da 'sofocracia', ao esforço do pensamento, 'acadêmico' ou 'psi' - numa interação grande, de fato - de continuar a revestir-se do papel de 'guia', de portador e/ou criador de sentido para o que pode, ou deveria, caso se almeje uma 'boa cidade', ser gerado e, assim, em última análise para o tipo de 'sujeitos', com a ação derivada, que estariam na sua base. A segunda, interligação direta, é sobre o porquê da busca continuada de totalizações, como se essas 'unidades', essa 'cidades', agora múltiplas mas

⁷

⁷⁷ Como Kristeva vai explanar no capítulo "The nation and the word" - onde, aliás, a partir do desenho de De Gaulle, ressalta um paralelo extraordinário deste com o modo como De Valera se constrói, e é elaborado por uma determinada historiografía, em relação à Irlanda. Alguns trechos de Kristeva parecem quase espantosos: Neither Führer, nor Communist Generalissimo, nor Pope, de Gaulle was simply a Catholic general unlike any other. As it turned out he was the only one, with his 'popular monarchy', to offer not a 'model' (...), but a political attitude that regained the pride and joy of the Symbol, as well as an efficient hold on human beings who were led to make history. How did he do it?

By means of worshipping the Nation as a living and evolutionary unit and by anchoring his action on people's conscience in the radiance of the Word that gives access to each one's uncionscious: *de Gaulle has succeeded where the paranoid fails*" (1993, op. cit.: 69; itálico no original).

A analogia com De Valera (como, além disso, para ficar num terreno relativamente conhecido, de ambos com Salazar) é forte, em que pesem, precisamente, distinções ligadas ao 'ambiente' em que 'circularam' e que 'ajudaram a produzir', numa chave de leitura de high polítics que aqui parece de fato plenamente adequada. Só para ir a uma das declarações famosas de De Valera sobre sua 'relação íntima' com a Irlanda - nos moldes em que Kristeva coloca De Gaulle no quadro francês -, declaração ainda de sua 'fase inicial', quando, nas reuniões do Dáil (Parlamento) a respeito da ratificação ou não do Tratado Anglo-Irlandês que fora negociado, assumiu posições que claramente o tornaram num dos principais responsáveis pela Guerra Civil na Irlanda (e pensar em fazer um contraponto com a Guerra da Argélia provavelmente seria pretender ir longe demais): "I was reared in a labourer's cottage here in Ireland. I have not lived solely amongst the intellectuals. The first fifteen years of my life that formed my character were live amongst the Irish people down in Limerick; therefore, I know what I am talking about; and whenever I wanted to know what the Irish people wanted I had only to examine my own heart and it told me straight off what the Irish people wanted". Debate on the Treaty between Great Britain and Ireland, signed in London on the 6th December 1921: Sessions 14 December 1921 to 10 January 1922 (Author: The Deputies of Dáil Eireann). Session 9: Dáil Éireann Public Session, Friday, January 6th, 1922. https://celt.ucc.ie/published/E900003-001/text009.html . Acesso 2016-05-31.

partilhando um caráter essencial comum, precisassem funcionar como dadoras essenciais de sentido, inclusive para os novos 'sujeitos cindidos' que, de outra forma, não teriam âncora. Neste contexto, Safatle efetivamente parece ir além, ao propor uma espécie de 'se jogar', em si, como contexto significativo onde a 'vida' poderia ser exercida, ao modo da foto de Yves Klein, "Loup into the void", que reproduz (2016, op.cit.: 34). Uma pensadora de 'origem irlandesa', conhecida longe de apenas mas também por sua ligação amorosa com Canetti, ⁷⁸ Iris Murdoch, não nega sua filiação 'platônica' - muito embora, de fato, pareça distante de uma vontade de 'sofocracia'. Assim, a busca por 'valores maiores' que empreende pode ser lida nessa chave 'platônica', inclusive pois a 'soberania do bem' que postula e, para o que nos interessa aqui, a sugestão de que a 'bondade' está mais próxima da 'humildade', do 'homem comum', das 'vozinhas' - e, até, da "aceitação" postulada por Rousseau, na interpretação de Todorov, como talvez o único requisito relevante para se operar uma leitura que não deixe de ser 'política' e 'ativa' e, ao mesmo tempo, capaz da maior efetividade democrática - para que se tenta chamar atenção. Voltando a texto já citado em "Introduções":

A bondade está ligada à aceitação da morte real, do acaso real e da transitoriedade real, e é só contra o fundo dessa aceitação, psicologicamente tão difícil, que podemos entender o que é a virtude em sua plena extensão. A aceitação da morte é uma aceitação da nossa própria nulidade, uma pontada automática em nossa preocupação com aquilo que não somos. O homem bom é humilde; é muito diferente do Lúcifer neokantiano. Parece-se muito mais com o coletor de impostos de Kierkegaard. A humildade é uma virtude rara e antiquada, com frequência difícil de discernir. Muito raramente encontramos alguém em quem ela brilhe sem ressalvas, em quem podemos apreender maravilhados a ausência dos tentáculos ansiosos e avarentos do eu. (...) O homem humilde, por se ver como nada, pode ver outras coisas como elas são, Ele vê a falta de propósito da virtude e seu valor único, e a extensão infinita de seu apelo. (...) O homem humilde percebe a distância entre o sofrimento e a morte. E, embora ele não seja por definição o homem bom, talvez seja o tipo de homem que tem mais chance de se tornar bom" (2013⁷⁹: 140-1).

As 'vozinhas' no Brasil encontram formas tão parcas de expressão! Seus portadores - talvez se deva afirmar que mais de 80% da população, se ninguém cobrar uma fonte estatística - padecem de falta de 'ser considerados', esse mínimo que se quis resgatar, com Todorov, em Rousseau como característica de 'partilha humana'. É, por óbvio, impossível pensar que exista hoje no Brasil qualquer respeito aos sentidos do exercício democrático, nas suas dimensões formais mais básicas. As 'vozinhas', contudo, não estão ausentes. Sua característica, advoga-se, diferentemente dos 'grupos' ou 'identidades' que estariam na base

⁷⁸ Para uma matéria onde a ligação dos dois é abordada de forma relativamente 'neutra', vide https://www.theguardian.com/books/2004/feb/07/featuresreviews.guardianreview25 . Acesso 2017-10-27. A questão da 'irlandecidade' teria sido, em vários momentos de sua vida, algo complicado para Irish Murdoch, cf., p.e. https://en.wikipedia.org/wiki/Iris_Murdoch acesso 2016-07-08. Chegaria a arrepender-se, em 1978, da simpatia pela causa nacionalista em geral, expressa no romance *The red and the green* [1965], cuja celebração principal é, todavia, do caráter abnegado e desprendido de certos personagens.

⁷⁹ MURDOCH, Iris. *A soberania do Bem.* São Paulo: Editora Unesp.

dos, evidentemente elegantes e providos de riqueza heurística, desenhos consocionais e de busca de maior poliarquia, é, precisamente, escaparem dos contornos, mais 'ideológicos' ou mais 'psi', de, em última análise, serem arredias à 'vontade de sofocracia'. Repetindo, não é que não haja uma partilha 'humana', uma antropologia, mas, apenas, que não precisa - e, para que seu potencial democrático se adense, não deve - estar submetida a leituras, certamente não dos 'possuidores' do poder e que buscam avidamente agarrar-se a ele, como se presencia no Brasil, mas tampouco de um 'saber acadêmico' que busque 'conformá-las', 'dizer-lhes' a onde pertencem e de que forma devem se exercer. No país, há instituições, como as religiosas, e ativismos 'políticos' de vária ordem que buscam definir coisas que chamam de 'identidades'. No sentido mais clássico, construir um outro para, inclusive nos termos colocados por Kristeva, ser objeto de ódio e de evitação do jogar luz sobre si próprio, buscar garantir uma dominação tacanha e impedir esforços de libertação e ampliar de possibilidades vitais nos variados âmbitos sociais, imensos. Uma das formas de ir além desse jogo, de fato colocado com tanta virulência e de modo tão opressivo, como se fosse inescapável, nos dias que correm, é a atenção às 'vozinhas' - para além da outorga que talvez tenha certo grau de 'necessidade' -, no sentido básico de elaborações de 'contra-hegemonias', atribuição de importância, valor positivo, operar a construção de sistemas de reconhecimento e vinculação a estruturas mais amplas de exercício da vida, inclusive no âmbito do poder e dos desenhos de sociabilidade que lhe estão adstritos. Enfim, sugere-se que a reflexão, que talvez nunca tenha como escapar por completo da 'sofocracia', pode contribuir para processos de desenhos de (des)mundos - (des)cidades soa estranho! - que sigam, ao menos em larga medida, os caminhos de expressão - e, desejosamente, de liberdade 'considerada' - de todas as 'vozinhas' que nela encontrem desejo e meios de participar. O capítulo seguinte, precisamente, trata desse 'concreto', na Irlanda - pretexto e mote, como já se explanou várias vezes. Não é que lá se tenha conseguido uma expressão 'ideal', inclusive capaz de conjurar os processos de exclusão social que a 'alta modernidade', na terminologia de Giddens, busca impingir como derivados de construções socio-técnicas inarredáveis. É apenas - mas esse apenas não é pouco! - que, em associações de caráter idiossincrático, de multiplicidade - de 'vozinhas' - na oposição ao 'Grande Outro', na própria Guerra Civil, na condução da (nem tão) high politics interna quando da separação efetiva da Grã-Bretanha, da 'cara e coroa' de império da época, que encontraram no sistema eleitoral, o PR-STV (proportional representation - single transferable vote; baseado em formulação de John Stuart Mill) (cujas, várias, tentativas de modificação, via referendo, foram todas recusadas), nos associados canvassing e clinics oferecidas pelos políticos, bem como no requerimento de referendo para qualquer mudança constitucional, isto num modelo parlamentar de governo mais ou menos vulgar, em que pesem algumas idiossincracias, uma possibilidade de expressão razoável e, ao menos por vezes, potente, das 'vozinhas' como fundamento da 'cidade democrática' assim construída. Mas, mais, para não deixar de, novamente, voltar ao título da tese, abertura para possibilidades mais efetivas de "consideração", de 'sujeitos' que não estão, nem têm por que estar, definidos por nenhuma 'razão', mais ou menos 'socrática', senão apenas por suas possibilidades de exercer o estar na vida, neste momento, em 'unidades' que, talvez ainda necessárias, não precisamos considerar que constituam 'cercas' obrigatórias para o criar de (des)mundos.

VI - Levante de 1916, Guerra Anglo-Irlandesa, Guerra Civil e algum depois; ou, já que todos estivemos na outra fação, o que fazemos agora? (junto com tentativa de conversa com alguns 'clássicos' da ciência política)¹

Cândido teve curiosidade de ver algum sacerdote; mandou perguntar onde estavam. O bom velho sorriu. 'Meus amigos, disse ele, somos todos sacerdotes; o rei e todos os chefes de família entoam solenemente cânticos de ação de graças todas as manhãs, e cinco ou seis mil músicos os acompanham. - Como?! Não tendes monges que ensinam que discutem, que governam, que cabalam, e que mandam queimar as pessoas que não são de sua opinião? - Só se fôssemos loucos disse o velho. Somos todos aqui da mesma opinião, e não entendemos o que quereis dizer com vossos monges'. Cândido, durante toda a conversa, permanecia em êxtase, e dizia consigo mesmo: 'Isto é bem diferente da Vestefália e do castelo do senhor barão; se o nosso amigo Pangloss visse Eldorado, nunca mais diria que o castelo de Thunderten-tronchkh era o que havia de melhor sobre a Terra; sem dúvida, é preciso viajar.

(Capítulo XVIII: O que presenciaram no país do Eldorado. 1990: 78-9)

(Voltaire. François-Marie Arouet. [1759, 1771] 1990², *Candide*)

Toda a pequena comunidade associou-se nesse louvável desígnio; cada qual se pôs a exercer os seus talentos. A pequena propriedade rendeu muito. Cunegundes estava, na verdade, muito feia; mas tornou-se uma excelente doceira; Paquette bordava; a velha cuidava da roupa. Nem mesmo o frei Giroflée deixou de prestar serviços; revelouse um ótimo marceneiro, e até se tornou um homem honrado. Às vezes Pangloss dizia a Cândido: 'Todos os acontecimentos estão encadeados no melhor dos mundos possíveis; pois, afinal, se não tivesses sido expulso de um belo castelo com grandes pontapés no traseiro, por causa do amor da senhorita Cunegundes, se não fosses apanhado pela Inquisição, se não tivesses percorrido a América a pé, se não tivesses dado uma boa espadada no Barão, se não tivesses perdido todos os teus carneiros do bom país de Eldorado, não estarias comendo aqui cidras em calda e pistaches. - Isso está bem dito, respondeu Cândido, mas é preciso cultivar nosso jardim.

(Capítulo XXX: Conclusão.1990: 160-1)

A primeira constituição propriamente irlandesa, embora ligada ao Tratado de Independência (ou Tratado Anglo-Irlandês, assinado em dezembro de 1921), foi a do Irish Free State, de 1922. O voto feminino estava claramente previsto. (A Condessa Markievics já havia sido eleita para o parlamento inglês em 1918 - primeiro ano em que mulheres puderam ser eleitas para Westminter e, na verdade, a primeira mulher eleita para o parlamento da Grã-Bretanha - através do Sinn Féinn, embora, como todos os demais membros eleitos do Sinn Féinn, tenha-se recusado a tomar posse do cargo e, junto com os outros, tenha fundado o Dáil Éireann - grosso modo, Parlamento Irlandês). Ocorreram vários processos que redundaram na

¹ Como comentado no "Introduções", no seu essencial, este capítulo é um trabalho que foi apresentado, ainda no 'primeiro doutorado', no IUPERJ, para o curso de Teoria Política II, ministrado pelo Prof. Jairo Nicolau. Era um daqueles escritos que sofreria modificações de monta na redação ideal da tese. Foram feitas algumas alterações, além de adequação ao formato seguido em outros capítulos, mas optou-se por não fazer nenhuma 'cirurgia' maior. As questões 'de fundo', já se enfatizou bastante, permanecem as mesmas e, assim, fazia mais sentido deixar o texto em, relativa que fosse, paz do que buscar 'contorcê-lo' para se adequar aos 'novos tempos'.

² VOLTAIRE. François-Marie Arouet. [1759, 1771], 1991. Cândido ou o otimismo. São Paulo: Martins Fontes.

homologação, em 1º de Julho de 1937, pelo Dáil Éireann, do texto constitucional elaborado pelo Taoiseach ("the head of the Government or Prime Minister" como aí reza no Art. 13. [Bunreacht.... 1990: 22]³), Eamon De Valera (com o apoio de uma 'comissão de notáveis' que, presumivelmente, incluiu o arcebispo católico de Dublin), posteriormente à sua submissão a um referendo. Esse texto, que continua a vigorar (junto com as alterações que foram incorporadas após aceites em referendo), não se limita a 'liberar' a Irlanda da 'Commonwealth' e a tirar do rei da Inglaterra o status de head of state (homologador portanto das representações diplomáticas irlandesas, entre outros aspectos) bem como a (através do artifício de que, se devido, só o era ao rei Edward VII, que abdicou) excluir formalmente o oath of allegiance. O texto é eminentemente católico, moral na sua forma e na própria definição dos objetos; como expresso desde a abertura, que vimos no capítulo introdutório. De qualquer forma, essa é a mesma constituição que, no artigo 16, na parte sobre o Dáil Éireann, outorga direitos de ser eleito e eleger abrangentes - sobretudo se pensarmos no contexto europeu então em vigor⁴. Reza que:

1. 1º Every citizen without distinction of sex who has reached the age of twenty-one years, and who is not placed under disability or incapacity by this Constitution or by law, shall be eligible for membership of Dáil Éireann.

3

³ Bunreacht na hÉireann - Constitution of Ireland. 1990. Dublin: Government Publications

⁴ Um objetivo inicial da tese desse 'primeiro doutorado', abandonado a conselho dos membros da banca de qualificação, era trabalhar com o mesmo tipo de questões mas comparativamente, tendo como objeto, além da Irlanda, Portugal. Nesse contexto, De Valera, um 'líder carismático' para o caso irlandês, seria considerado em paralelo com Salazar, já que várias concepções a respeito da 'atitude' que os dois países deviam assumir era semelhante, desde ruralismo e catolicismo até um 'desejado' isolamento e, mesmo, uma certa ideia hierárquicocorporativa a respeito de nação ou (embora quanto a este aspecto haja diferenças importantes) 'pátria'. No que se refere à defesa do isolacionismo e do agrarismo, como fontes de preservação da singularidade face ao potencial diluidor da 'civilização' hegemônica, a semelhança de De Valera com Salazar é, de qualquer ângulo que se considere, notável; mais ainda se se pretende levar em linha de conta as 'histórias' e inserções pelas quais os dois países passavam na época. Nesse contexto, a persistência de um sistema democrático na Irlanda face à permanência de Salazar no poder, na verdade logo após 1926 sob formas ditatoriais (ainda que o termo não tenha significado explícito até o fim da 2a Guerra Mundial e que o debate em torno do "consulado de Salazar" [a respeito, vide, p.e., Nogueira, Franco. 1973] seja profundo), é digna de atenção. A participação de De Valera, ou Dev como é conhecido na Irlanda, na cena política é anterior à formação do estado irlandês (torna-se notável no Levante da Páscoa de 1916; não tendo sido incluído entre os executados por, além de menos expressivo que outros líderes, como Padraig Pearse e James Connolly [a respeito, vide, p.e., Bew, Hazelkorn, Patterson, 1989: 9], possuir cidadania americana. [Lá nasceu filho de um espanhol e de uma irlandesa]). Permaneceu no poder por longo tempo mas, desde que assinado o Tratado de Independência (Tratado Anglo-Irlandês), num sistema democrático; e, desta feita, livre de peias a respeito do caráter colonizador ou não da possibilidade da representação irlandesa em Westminter. Antes, desde 1918, foi chefe do governo revolucionário irlandês. De 1932 a 1937 foi primeiro-ministro (de acordo com o Tratado de Independência, o termo era "Presidente do Conselho Executivo do Estado Livre"); além de ministro dos Negócios Estrangeiros de 1932 a 1948 e primeiroministro eleito, pelo Dáil Éireann - o tipo de eleição previsto constitucionalmente -, em vários períodos: de 37 a 48, de 51 a 54 e de 57 a 59. Tornou-se presidente da República da Irlanda em 1959, reeleito em 1966 (eleição direta nesse caso, como previsto na Constituição de 1937; a partir de indicação dos partidos componentes do Dáil Éireann). NOGUEIRA, Franco. 1973, Salazar I: a mocidade e os princípios (1889-1928): estudo biográfico. Coimbra: Atlântida Editora. BEW; HAZELKORN; PATTERSON. 1989, The dynamics of Irish politics. London: Lawrence and Wishart.

2º All citizens (...) without distinction of sex who have reached the age of eighteen years who are not disqualified by law and comply with the provisions of the law relating to the election of members of Dáil Éireann, shall have the right to vote at an election for members of Dáil Éireann" (Ibid: 42).

A democracia irlandesa foi acionada logo a partir dos momentos iniciais de constituição de um estado independente; sendo que tanto a independência como sua consolidação estiveram fortemente correlacionadas a dois líderes - Michael Collins e Eamon de Valera. Alguns textos - particularmente *The big fellow* de Frank O'Connor e o *volume III* de *The green flag*: ourselves alone de Robert Kee⁵ - servirão como pano fundo, de certa forma ao modo de material primário e valorativo, a respeito inclusive do grau de 'vontade coletiva', de democracia, de personalismo e controle organizacional envolvidos no processo de 'guerra' com a Inglaterra e na guerra civil que se lhe seguiu. No seção seguinte será então feita uma descrição, sumária, da 'normalidade democrática', sistema eleitoral e governo do período de independência e unidade 'pós-guerras'; onde é notável a ênfase na submissão homogeneizadora expressa no texto constitucional promulgado em 1937.

Na seção final, faz-se uma tentativa brevíssima de leitura da democracia no contexto irlandês ao modo de uma espécie de variável de valor. Formalmente foi algo existente antes e que permaneceu após a independência. Valia pois correlacioná-la com o que esteve em jogo nos processos pós Levante de 1916; pensar que democracia se ligou a processos, líderes e formas de 'consenso' e 'dissenso'; como adentrou e, nesse sentido, se tornou elemento constituinte das disputas em torno de uma singularidade nacional. Assim, buscou-se, muito brevemente, repita-se, prescrutar 'autores de peso' da ciência política moderna, tentando aproximá-los da arena do nacional; e, em particular, das guerras e do sequente 'jardim democrático' irlandeses. Começou-se, com certeza imprudentemente, por tentar tratar de autores e formulações cuja aproximação com a temática parecia mais difícil. No encadeamento, evidenciou-se que as diferentes concepções de política, o caráter e o papel atribuídos, explícita ou implicitamente, pelos autores a suas teorias e enunciados pareciam ser uma chave para a maior ou menor dificuldade em trazê-los para as diatribes do nacional irlandês. Esta seção acabou, desta forma, por ser um paralelo, mesmo que mal traçado, com a

irlandeses. Robert Kee, um "jornalista inglês", produziu trabalhos televisivos para a ITV e para a BBC sobre a Irlanda. Escreveu vários livros sobre o assunto: além da trilogia *The green flag*, (que inclui, além do terceiro volume mencionado, 1989, *The most distressful country* e *The bold Fenian men*); 1993, *The laurel and the ivy*: the story of Charles Stewart Parnell and Irish nationalism. London: Hamish Hamilton.; e [1980] 1994, *Ireland*: a

history. London: Abacus.

⁵ O'CONNOR, Frank. [1937] [1965] [1979], 1991, *The big fellow*. Dublin: Poolbeg Press. KEE, Robert. [1972] 1989, *The green flag, volume three: ourselves alone*. Harmondsworth: Penguin. Vale a pena mencionar que Frank O'Connor (pseudônimo de Michael O'Donovan) [1903-1966] é um importante escritor irlandês que lutou na Guerra Civil do lado republicano. Posteriormente manifestou-se contra De Valera (figura de proa, ao menos explicitamente, do lado republicano), em patricular no tocante à censura imposta a vários trabalhos de escritores

seção inicial; uma espécie de batalha de clareamento do terreno para o 'jardim democrático' - em que pesem todas as ressalvas que lhe precisam ser colocadas - irlandês. Como o jardim não veio sem a guerra, antes nela se imbricou diretamente, quer-se crer que o caminho estará assim, ao menos em aparência, mais mapeado para a viagem; que sempre prossegue. Que as alvíssaras de CandIbide ajudem pois este breve caminhar entre 'guerras', 'normalidades democráticas' e outras lutas que se avistam. Vamos Pangloss...!

I

Há essencialmente consenso entre os autores que tratam da história e do nacionalismo irlandeses a respeito do significado do Levante da Páscoa de 1916: "There is no doubt that the Dublin Easter Rising of 1916, or perhaps more particularly the execution by the British of its leaders, including the romantic intellectual Padraig Pearse and the socialist leader James Connolly, unleashed a tide of emotional Irish nationalism which in the next five years effectively destroyed British rule in Ireland" (Bew; Hazelkorn; Patterson 1989, op.cit.: 15). Boyce, por seu turno, afirma que: "The Easter Rising of 1916, which marked the beginning of the end of the union of hearts, signalled the beginning also of the 'Irish revolution' which ended the union between Great Britain and Ireland and established two Irish states in its place" (19916: 295). É comum remontar-se a uma história anterior (a respeito dessa 'história' como um truísmo vide, p.e., Lessa 1989 ou Garvin 19937) para tecer considerações a respeito do caráter colonial ou não e do domínio da Inglaterra sobre a Irlanda. Neste ponto, contudo, o debate é acirrado, tanto sobre o início como quanto ao modo de encarar as relações entre os dois países e o estatuto atribuído à Irlanda no United Kingdom of Great Britain and Ireland; assunto em parte já abordado anteriormente.

Por diversas razões, o Levante fracassa, até mesmo no sentido de obter respaldo da população de Dublin. Vários líderes e participantes são presos e executados; em alguns casos, como no de Roger Casement, sendo acionada a Ibideia de alta traição por compra de armas alemãs, afora todo o processo de destruição de seu caráter que foi empreendido. Até a época do Levante, o Irish Parliamentary Party, liderado por John Redmond, era a força política dominante na Irlanda, geralmente atuando em bloco no Parlamento de Westminter e tendo como principal meta a obtenção de uma Home Rule - o estabelecimento de um Parlamento

⁶ BOYCE, D. George. [1982] 1991, *Nationalism in Ireland*. London and New York: Routledge.

⁷ LESSA, Renato. 1989, *Back we went to Cromwell again?:* remote past and recent history in the Irish dilemma. mimeo. GARVIN, Tom. 1993, Ethnic markers, modern nationalisms and the nightmare of history. KRÜGER, Peter (ed). *Ethnicity and nationalism*. Marbury: Hitzeroth.

em Dublin, em moldes semelhantes aos do Grattan Parliament no final do século XVIII, abortado com a rebelião de 1798. A questão da Home Rule arrastara-se por vários anos desde as décadas finais do século XIX, sendo que a terceira Home Rule bill, aprovada pela Câmara dos Comuns durante o governo de Asquith, é recusada pela Câmara dos Lordes, em 1913. Retornando para votação na Câmara dos Comuns voltou a ser aprovada. A Câmara dos Lordes não podia voltar a recusá-la e usou a prerrogativa de adiar sua aplicação por dois anos. A Primeira Guerra inicia-se. Os unionistas (sobretudo da atual Irlanda do Norte), sob liderança de Carson, manifestam-se fortemente contra a entrada em vigor da Home Rule - tópico que esteve ligado à criação das UVF, Ulster Volunteer Forces - e logram criar a ideia de que uma segunda frente de batalha, tanto concreta quanto parlamentar, ocorreria caso fosse instalado um Parlamento em Dublin.⁸ Uma espécie de acordo é gestado quanto a adiar a Home Rule para o fim da guerra.

O Levante não tivera apoio popular. Todavia, as condições e a quantidade das execuções que se seguiram acabaram por operar mudanças relevantes. Segundo Kee, p.e., a falta de habilidade do governo na Inglaterra para interpretar o significado potencial do Levante, foi decisiva na sequência dos acontecimentos. Representantes políticos ingleses na Irlanda estavam alertas para o fato, assim como Dillon - um dos líderes do Irish Parliamentary Party. Relata Kee:

On the Sunday afternoon of 30 April, as the last group of organized rebels (...) were about to surrender (...), Birrell wrote his last report before resignation to Asquith. 'It is not an *Irish* rebellion', he summarized. 'It would be a pity if *ex post facto* it became one, and was added to the long and melancholy list of Irish rebellions'.

It now seems astonishing that the danger should have been so accurately predicted - and not only by Birrell - and yet the very action most likely to enhance it was allowed to take its course. The same day Dillon wrote to Redmond in London, from Dublin: 'You should urge strongly on the government the *extreme* unwisdom of any wholesale shooting of prisoners. The wisest course is to execute no one for the present. (...) *So far* feeling of the population in Dublin is against the Sinn Feiners. But a reaction might very easily be created'. '(...), except the leaders, there should be no court-martial executions'.

Perhaps this preparedness to accept as inevitable the executions of some leaders shows that even Dillon underestimated the infinitely precarious balance of feeling in Ireland. Redmond, in London, clearly did. He saw Asquith at once and thought he was doing the right thing by securing agreement that while 'the real ring-leaders' would have to be dealt with 'in the most severe manner possible' the rest would be treated with leniency. Two days later, however, when definitely informed by Asquith that some executions would be necessary, he did make a protest. On the same day, 3 May 1916, Pearse, MacDonagh and Clarke were shot at dawn in a yard at Kilmainham gaol" (1989, op.cit.: 1; itálico no original).

O Sinn Féin (que significa ourselves alone) fora criado por Arthur Griffith em 1905.

Embora distante do Irish Parliamentary Party de Redmond e Dillon, o qual tinha seu foco na

_

⁸ Para uma análise detalhada da - inevitável da perspectiva do autor, quando se acompanha o jogo político-parlamentar inglês do período, o viés que considera adequado - partição da Irlanda, vide FANNING, Ronan. 2013, *Fatal path* - British government and Irish Revolution, 1910-1922. London: Faber & Faber.

permanência representacional em Westminter e na política de bastidores correspondente, era ainda assim considerado, por Plunkett e Michael Collins, excessivamente moderado: "Collins' secret organisation equally distrusted Griffith, whose maximum claim was the restoration of the independence enjoyed by the Old Irish Parliament of Grattan's day, which he believed could be won by moral force without recourse to arms" (O'Connor 1991, op.cit.: 40). O Sinn Féin pós-Levante ganhou características bem distintas, inclusive por influência de Collins. No início talvez até mais do que Eamon de Valera, Michael Collins é uma figura chave no processo de independência da Irlanda. Na descrição de Kee:

Collins had started his career as a clerk in the British Civil Service and had lived in London for nine years until the beginning of 1916 (...). He had become a London member of the IRB9 in 1909, and, having got wind of the coming rising, and not wishing to be conscripted in England under the new Conscription Act, had returned to Ireland in January 1916. He had taken part in the Rising and had been in the burning Post Office with the leaders to the end. In a letter from his prison camp at Frongoch in Wales (...), while expressing personal admiration for some of the leaders, specially Connolly and MacDermott, he strongly criticized the actual conduct of the Rising as being 'bungled terribly' and suffering from 'a great lack of very essential organization and cooperation'. He was himself, within four years, to become the most effective organizer of armed rebellion in Irish history" (1989, op.cit.: 21).

Collins é um dos 560 prisioneiros do Levante que se beneficiam de indulto no Natal de 1916, um "gesture of goodwill designed to encourage the Americans to enter the war"¹⁰ (Ibid: Ibid). Retorna a Dublin no início de 1917, onde, descreve O'Connor,

⁹ Irish Republican Brotherhood. Doherty & Hickey reportam que a 17 de março de 1858, "James Stephens founds the Irish Revolutionary Brotherhood (later known as Irish Republican Brotherhood) (I.R.B.) in Dublin, a secret, oath-bound organisation dedicated to establishment of an Irish republic through physical force; John O'Mahony establishes Fenians (by which title the whole movement is often known) in New York in Apr. 1859" (1989: 136). DOHERTY, J.E. & HICKEY, D.J.. 1989, *A chronology of Irish history since 1500*. Dublin: Gill and MacMillan.

¹⁰ Os Estados Unidos tornaram-se uma referência fundamental para os acontecimentos políticos na Irlanda desde que a Grande Fome de 1845-49 levou cerca de um milhão de irlandeses para lá - além de Grã-Bretanha e Canadá; e em menor número para a Austrália e Nova Zelândia. A Grande Fome, como já mencionado em capítulo anterior, é um assunto intensamente debatido. É encarada com frequência como um dos sintomas 'evidentes' da maldade ou descaso da administração inglesa, inclusive ao reforcar mais uma vez a concentação da propriedade de terras nas mãos de protestantes. Como também já referido, inclusive no acompanhamento da narrativa da The story of the Irish race de Seumas MacManus, no século XVII houve vários confiscos de terra. No século XVIII a legislação previa a divisão de terras por todos os filhos caso permanecessem católicos mas, de acordo com as penal laws, que a herdade iria automaticamente para o filho mais velho caso este se convertesse ao protestantismo; mesmo durante a vida do pai - que seria então considerado mero live tenant. Os land acts promovidos a partir de 1870 alteraram radicalmente este quadro. (A respeito das mudanças na propriedade da terra e na legislação correspondente, vide Dudley Edwards, 1981: 177-87). De qualquer modo, as modificações na distribuição da propriedade da terra e a concentração que ocorreu no período da Grande Fome são normalmente associadas de imediato às dimensões trágicas que assumiu - com cerca de um milhão de emigrantes e outro tanto de mortes na Irlanda. Aplica-se pois aí a representação geral a respeito do 'domínio' inglês como só operando administrativa e legalmente tarde demais - o caso dos land acts de 1870 - e não tendo mais do que uma política de evitar 'a sardinha que mata o burro'. No cenário a partir de meados do século XIX, os Estados Unidos aparecem, até por contraste, como o local apropriado para apoio, financeiro e político-diplomático mas também onde a luta independentista poderia ganhar corpo, entre irlandeses e descendentes; aspecto diretamente ligado à mencionada criação do IRB em Nova Iorque um ano após seu surgimento na Irlanda. Como se verá, também De Valera irá para os Estados Unidos na sua campanha de levantamento de fundos e de angariar apoio político e

the younger men who had been interned with him were already beginning to reorganise the movements which had been shatered by the revolution - the Volunteers and the Republican Brotherhood. In turn, the Brotherhood set about gaining control of such organisations as might prove useful. One of these was the national Aid Association (...). The association had considerable resources, and the young conspirators felt they might well be applied to purposes not so strictly charitable. Collins, now a member of the Supreme Council [of IRB], having shown a real flair for intrigue and a gread deal of energy, was selected for this job and appointed secretary (1991, op.cit.: 38).

Paralelamente, liga-se ao trabalho eleitoral. O primeiro envolvimento direto foi numa *by-election* em Roscommon, em fevereiro de 1917, onde se tratou de oferecer um candidato alternativo ao de Redmond e do Irish Party. A vitória deveu-se ao trabalho de Collins e de Arthur Griffith e muito pouco ao candidato (o [Papal] Count Plunkett). De qualquer forma,

the size of his majority amazed everyone. He received almost twice as many votes as Redmond's man. It was only at a celebration rally after the result that Plunkett declared that he had been considering whether or not to represent the people of Roscommon 'in a foreign parliament', but had decided that his place was beside them in their own country, 'for it is in Ireland that the battle of Irish liberty is to be fought' (Kee 1989, op.cit.: 23).

Na narrativa de *The big fellow*, não há pudor em, ainda que de forma leve, assumir tons valorativos. O'Connor é enfático com relação à mudança no caráter da política conduzida 'a partir da Irlanda' que essa *by-election* simbolizaria:

Collins worked on it on behalf of Plunkett, the father of his executed chief, and on snowy winter days made fiery speeches in little country towns and villages. Emotion at the executions and imprisonments had shaken a large minority of the people, but the parliamentary machine of the Irish Party - firmly embedded in the apathy, the dull-witted utiliarianism, of everyday life in Ireland - was still immensely strong. Brazen-tongued, brainless, insolent and sordid, it challenged every ideal, and the young orators replied with naked emotion and violent romanticism. The fight which was being waged in the slush of those January days in Roscommon would soon transfer itself to every corner of Ireland (1991, op.cit.: 40).

Em junho de 1917 os restantes prisioneiros do Levante são soltos. Entre eles Eamon de Valera, que é candidato vitorioso em uma *by-election* em East Clare. Os autores não são claros a respeito das razões da subida de Dev a um papel proeminente. ¹¹ Há como que uma estranheza em ter-se alçado alguém com suas características pessoais a um papel de liderança. Collins teria atributos externos e desenvolvido um comportamento, tanto público quanto de bastidores, que o fazem ser posicionado como 'evidentemente' dotado para líder. A luta, embora não imediatamente nesse período - onde meses, e até dias, são tomados como altamente significativos -, irá, de qualquer modo, acabar por ser encarada como travando-se entre ambos; e a 'vitória' de Dev - até pela morte de Collins, em agosto de 1922, nos

diplomático do governo americano a partir de pressão de grupos irlandeses. DUDLEY EDWARDS, Ruth. [1973] 1981, *An atlas of Irish history*. London and New York: Methuen.

¹¹ Fanning (2015) em última análise atribui à tenacidade do próprio De Valera sua alçada a posições de poder. Para um relato orientado para mapear acontecimentos concretos que, de algum modo, foram conduzindo De Valera a assumir papéis de destaque crescente no período entre 1916 e 1921-22, vide, p.e., Dwyer (2006). FANNING, Ronan. 2015, Éamon de Valera: a will to power. London: Faber & Faber. DWYER, T. Ryle. 2006, Big fellow, long fellow - a joint biography of Collins and de Valera. Dublin: Gill & Macmillan.

processos da Guerra Civil - está longe de ser, até hoje, algo sujeito a uma avaliação inequívoca. O'Connor assim se expressa a respeito dessa alçada de De Valera ao papel de líder:

This man, Eamon de Valera, the revolutionaries at home had selected almost blindfold as their leader. He was the only senior officer who had escaped the firing squad; his troops had put up the toughest fight of all; he had cried out at the the surrender that the people should have come out and fought with knives and forks. Here surely, they thought, was an extremist with whom they could beat Griffith, Plunkett, the politicians and anyone who might possibly be classed as a moderate. They had chosen unaware an extraordinary character, perhaps the most extraordinary the Revolution threw up. Tall, thin, sallow, with a drooping mouth set in firm lines and a colourless face which rarely smiled, de Valera had been an unnoticed teacher of mathematics before the Rising.

But the country was frenzied; it pushed this way and that, helplessly, blindly, seeking a leader - any sort of a leader, if only he would show it how to hit back. It was this obscure desire to hit back which put any moderate out of question and gave the secret organisation its chance (Ibid: 41).

Collins prossegue no seu duplo papel de obtenção de fundos - e compra de armas bem como de campanha por candidatos alternativos ao Irish Parliamentary Party. O lado 'público', chamemo-lo assim, é menos relevante do que o de aglutinação 'particular' de forças. Vocalizações explícitas de nacionalismo tinham por sequência prisões, com ou sem tortura, por parte do governo inglês. A formação de esquadrões, agindo no sentido de obter armas e informações, centrada em torno da figura de Collins, torna-se chave e ganha preponderância sobre qualquer 'jogo aberto', no cenário mais evidentemente político. Ações voltadas para libertar membros presos da organização vão junto com a execução de delatores e com compra de armamento para uma nova revolta que, de fato, não tem ainda nenhuma forma clara. Poder-se-ia descrever esse período como um jogo indefinido - e de modo algum necessariariamente sabido de antemão - no qual, não obstante, atores relevantes vão se movendo ao mesmo tempo em que operam as próprias características do jogo. É como se o que se vai acionando na Irlanda não tivesse ainda nenhuma conformação política explícita e, mais, cada líder acionasse, a seu modo pessoal, peças de um xadrez por montar. Os desenvolvimentos do nacionalismo seguem rumos que por vezes parecem encaminhar uma estrutura básica comum, como no que se refere à 'tomada' do Sinn Féin:

Collins was being looked upon as a hotheaded young fool. (...) The feeling of distrust on the part of the more levelheaded was intensified during the following month by the tactics which he and his extremist friends of the Republican Brotherhood adopted to force Griffith out of the presidency of Sinn Fein, which, having been fortuitously identified by the English with the Rising of 1916, had secured so much popular sympathy that it remained the only political organisation the country would cotton on to.

Fortunately Griffith, instead of forcing a split which would have resulted in victory for himself, stood down - had he not always maintained he was no leader? - and the new and untried de Valera assumed the leadership of a party which Griffith had founded and, during a lifetime of poverty, sustained (Ibid: 43).

É nesse processo que o Sinn Féin se torna dominante no cenário explicitamente político, uma espécie de cabeça vísivel da Hidra imersa. As operações fundamentais, incluindo as lutas e alianças por liderança - que, neste caso, vieram junto com a própria emergência do processo de independência como um todo -, estão todavia em curso, ainda que de sobremaneira no lado 'não visível'. Cathal Brugha é uma das figuras relevantes nesse cenário de bastidores - que é, não obstante, aquele onde, querendo-se ou não, o futuro próximo, que deitará raízes por décadas, está sendo jogado. Brugha, junto com Mulcahy, compõe uma história de independência onde parece não haver como escapar a aderir a uma perspectiva construtivista. Quase que mais ainda, detalhes, de vária ordem, são apontados como elementos de um sucesso que, de fato, seria difícil explicar - a menos que se recorra a uma 'ultra-transcendência' - fora dessas ocorrências quase que 'mínimas', de caracteres pessoais, fortuitas. Assim é que na convenção dos Irish Volunters, visando uma reorganização pós-Levante, Griffith aceita 'entregar sua legenda' partidária sem problemas, De Valera demonstra sua gratidaão através da recusa em se juntar à I.R.B (O'Connor Ibid: Ibid), do mesmo modo que se mostram outras forças distintas, se não em oposição a Collins:

The then Chief of Staff [of the Irish Volunteers], Charles Burgess, or Cathal Brugha, (...) was one of the heroes of 1916. He had been left for dead at his post, literally riddled with bullets and fighting until the last. (...) He was the North Pole to Collins' Equator. While Collins' nature was at boiling point and burst out in earthquakes, thunderstorms and showers, he dwelt amid ice floes and fogs. He was straightforward, rude in dispute, not with Collins' violent emotional rudeness, but calculatedly. As Griffith's adjusting of his tie proclaimed his nervous obstinacy, Brugha's buttoning of his blue reefer jacket expressed his courageous blindeness, his boxer's good temper and cheerful readiness to take any God's amount of punishment. (...) their failure in the Rising had so disgusted him that he forswore secret societies and frowned on Collins' reorganisation of the Republican Brotherhood.

Mulcahy, on the other hand, was a born dreamer. (...) He was a type which Terence MacSwiney later made familiar, and in this natural asceticism his affinity was with Brugha rather than Collins. Mulcahy, immersed in his own task, worked for years beside Collins, but the acquaintance never ripened into anything more (Ibid: 43-4).

É evidente que o 'mundo', defrontando-se com nada menos do que a Primeira Grande Guerra, continuava ocorrendo. De qualquer forma, nem Volunteers nem Sinn Feiners estavam *alone*. Se o fato foi causa ou ocasião para os desenvolvimentos específicos da independência irlandesa parece uma questão fátua. Ao nível micro, contudo, a decisão de estender o recrutamento compulsivo à Irlanda, tomado em abril de 1918, acabou por, nos termos de Kee,

to unite the whole of nationalist Ireland against the measure, and strengthen the Sinn Fein, the newest political force in the field, with all the vigour of the new protest. The blurring of all nationalist feeling into a Sinn Fein image - the very objective for which de Valera and others had been striving for the past nine months - was now virtually achieved in a matter of days (1989, op.cit.: 44).

Vale a pena referir a composição e a processualística de uma conferência ocorrida a propósito do assunto. Os Volunteers estão ausentes, até porque operavam, até então sobretudo sob uma

direção e controle personalizados de Collins, numa 'lógica de bastidores'. O peso dos pronunciamentos da hierarquia da igreja Católica, que se tornarão uma constante (ao menos no tipo de relato de acompanhamento detalhado empreendido por Kee - quando tenta confrontar as ações 'terroristas' dos Volunteers, gradativamente entrando a denominação do IRA, contra a RIC [Royal Irish Constabulary - as forças policiais regulares] e as ações dos Black and Tans), e que certamente entraram em linha de conta na formulação política de De Valera do novo estado, faz-se já aqui clara:

On 18 April an unprecedented type of conference took place at the Mansion House, Dublin, at which all sections of nationalist opinion were represented: Devlin and Dillon, for the Nationalist Party, de Valera and Griffith for Sinn Fein, Healy and William O'Brien for the dissident element in the old Home Rule Party and three representatives for Labour. After adjourning to consult personally with the Catholic hierarchy which was simultaneously meeting at Maynooth, the Conference issued the following unanimous declaration: 'The attempt to enforce conscription will be unwarrantable agression which we call upon all true Irishmen to resist by the most effective means at their disposal'. The Catholic hierarchy themselves issued a statement saying that conscription thus enforced was 'an oppressive and inhuman law' and that the Irish people had a right to resist it by all means consonant with the law of God (Ibid: 45).

Nas *by-elections* seguintes, *volunteers* e *sinn feiners* fazem campanha juntos e ocorrem vitórias em sequência, sendo que boa parte dos candidatos encontrava-se em prisões inglesas. Ciência de informantes, contra-informantes, delatores, compra de armas, fugas e organização de fugas de prisioneiros, morte de delatores, são ações organizadas, junto com uma detalhada contabilidade, por Collins e pelo grupo que lhe está mais próximo. Embora *sinn feiners* e *volunteers* de algum modo agissem no mesmo sentido, o processo foi peculiar, estendendo-se das *by-elections* associadas ao recrutamento compulsório até a indicação dos candidatos do Sinn Féinn à eleição geral de dezembro de 1918. Nos termos de O'Connor:

And so Collins organised his Volunteers, Boland his voters, each with the determination to go as far as the organisations would stand for. How the fight was to be fought neither of them quite knew; the second party to the quarrel had not yet shown his hand. All the plans of the patriots at this time show a curious streak of unreality which represents the transition stage between the romanticism of 1916 and the realism of 1921. (...) If the English had really decided to force conscription it is not at all certain what the result would have been. But Ireland, even if it was not actually ready for war, look ready (...). (...); the English had apparently lost nothing, but in fact they had lost everything - prestige, support, confidence. The Parliamentary Party was utterly discredited. (...)

(...). The English had shown they didn't want to fight - the Irish would show they did. Lloyd George had asked French [the Lord Lieutenant for Ireland] to get the Irish to shoot first. Well, the Irish *would* shoot first.

Some of the Irish, that is. There was still quite a respectable majority of the Sinn Fein Party which looked with the utmost suspection on Collins and Boland; there was even a large group among the Volunteers who thought the wild young man from Cork [Collins] was altogether too wild. They showed it at the Sinn Fein convention of October 1918, when again they plumped for safe and reasonable men and left the hotheads and firebrands alone. (...) The two young bosses (...). Later on, they went carefully through the nominees selected by the local Sinn Fein committees as candidates for the general election and ruthlessly eliminated every man who was likely to cause them trouble. At long last they had the opportunity of establishing an Irish Parliament; the period of waiting was over, and they would see that it

would be a fighting parliament. The candidates who did face the electorate when Collins and Boland had finished with the lists were all staunch Republicans; they might be lacking in other graces, but at least they had all proved themselves good haters of compromise. (...) These were the men selected to put Griffith's austere policy into effect; it was just as well he was then locked safely away in an English prison or he might have died of an apopletic fit (1991, op.cit.: 55-6; itálico do original).

A 1ª Grande Guerra havia terminado. Como comentado logo no início do capítulo, foram as primeiras eleições para as quais mulheres puderam se candidatar (teoricamente para Westminter). Além disso, o voto havia sido estendido a todos os homens com mais de vinte e um ano, sem requerimento de outra qualificação, e às mulheres com mais de trinta. Durante a própria campanha o Sinn Féinn apresentava-se como partido vitorioso: "Not only did a number of prominent Nationalist of the old school publicly come down in its favour (...), but in no fewer than twenty-six constituencies the Nationalist Party failed to muster even sufficient enthusiam to raise a candidate" (Kee 1989, op.cit.: 50). O debate a respeito da partition (a divisão) do país é central não só para O'Connor e Kee como para a maioria dos autores que tratam do assunto. Com efeito, os dois pontos polêmicos a respeito da futura assinatura do Anglo-Irish Treaty - e por cuja disputa, ao menos explicitamente, acaba por darse a Guerra Civil - eram a partition (que deveria ser revista numa posterior boundary comission - que acabou por conduzir apenas à manutenção da fronteira antes estabelecida) e o oath of allegiance ao rei da Inglaterra, em oposição portanto à perspectiva de uma república irlandesa. Lyons, por exemplo, assim se refere à vitória da perspectiva republicana do Sinn Féinn:

In vain the parliamentary party raised its sights to what appeared to be a demand for dominion status. The lure and glamour of the republic - which, apart from its intrinsic attractions, was the natural focus for the all-prevailing hatred of England - carried everything before it. (...) After the election, while the Unionists had increased their strenght to twenty-six [seats], the Independents and O'Brienites were completely wiped out and the once great parliamentary party was reduced to six seats, of which four were held in border-constitutencies which Sinn Féin and the party had agreed to divide among themselves without contests so as not to risk Unionist victories. Apart from these, all other seats, seventy-three in number, went to Sinn Féin (1985¹²: 398-9).

A argumentação de Kee a respeito do período seguinte ao da eleição geral, das ações 'terroristas' e da guerra civil, segue muito a linha de seu caráter 'não-democrático'. O 'grau de independência' não seria uma questão relevante para os que foram eleitores na vitória inconteste do Sinn Féin em 1918. Nesse sentido é que, embora reconhecendo o peso da ideia republicana, destaca sobretudo a não *partition*, a ilha da Irlanda como um todo obtendo

-

¹² LYONS, F.S. L.. [1963] [1973] 1985, *Ireland since the Famine*. London: Fontana Press. Numa nota de rodapé, Lyons acrescenta: "Owing to the fact that individual candidates (e.g. Mr de Valera) were returned for more than one seat, the seventy-three constituencies won by Sinn Féin were represented by sixty-nine members. Because of redistributions, the total number of Irish seats at the election was 105, not 103 as previously said" (Ibid: 399).

reconhecimento maior dentro do império britânico, como moto que haveria que entender no apoio dos eleitores ao Sinn Féin. Soluções conciliatórias, ainda que com base no forte apoio obtido - inclusive a respeito de ideias mais extremas -, seriam as desejadas pelos eleitores. O parâmetro de Kee para isso é atual, como explicita:

The manifesto [then issued], for all the mutilations of the censor, made clear that Sinn Fein stood for an Irish Republic and that its elected candidates, refusing to attend at Westminster, would form a national assembly in Dublin, which would appeal to the peace Conference. However, probably what most Sinn Fein voters were voting for was simply the greatest measure of independence, without partition of the country, which Ireland could get. If pressed, in the manner of *modern opinion polls*, as to what they thought they would actually be prepared to settle for, the majority would probably have replied: 'Dominion Home Rule', as a minimum. If asked the awkward question: 'How did they expect the British Government to concede this without the exclusion of six Ulster counties?' they would probably have given the Sinn Fein reply: 'By an appeal to the Peace Conference'. The one thing they were certainly not voting for was an attempt to win sovereign independence by force of arms or a campaign of terrorism. This was a goal believed in only by a minority of Volunteer activists, who in the long run saw violence rather than democratic politics as the final arbiter, though they would have maintained that they were thereby expressing the national will' (1989: 50-2; destaque meu).

O livro de Kee, como é corrente entre autores irlandeses, inclusive mais diretamente envolvidos com a academia, a exemplo do próprio Lyons - que foi *Provost* do Trinity College Dublin, de 1974 a 1981 -, é detalhista; a explicação, *a posteriori*, das ocorrências do período, passa pelo encontro de mínimas forças e atores, um quase radical 'construtivismo', como já referido, envolvidos na gestação da independência irlandesa. No caso de Kee isso é compatível com uma espécie de vontade de 'rever' a história, um esforço de destacar a 'violência' como um aspecto não democrático - ou, ao menos, sem qualquer relação possível com as eleições e com uma suposta 'vontade majoritária' irlandesa - e, portanto, com postular que os fatos sequentes à eleição geral de 1918 (como os que vieram ligados ao Levante de 1916) deveram-se mais à inabilidade política inglesa do que a qualquer ordem de consenso na Irlanda. Líderes 'de frente', como Collins e Brugha e, em outro *front*, De Valera, a quantidade de detalhes políticos que vão com o desenrolar concreto dos acontecimentos, tornam-se, nesse tipo de argumentação também, o aspecto fundamental a ser levado em conta. De fato, e como subjacente nas citações acima, como que tudo estava estava indefinido. Não havia nenhuma linha de conduta político-partidária evidente. Kee coloca:

Father Michael O'Flanagan, a Vice-President of Sinn Fein, declared: 'The people have voted for Sinn Fein. What we have to do now is to explain to them what Sinn Fein is'.

This would have been easier if Sinn Fein itself had known more precisely. The ambiguity of the movement, particularly where the role of Collins, Brugha and the other militant Volunteers was concerned, was largely concealed, and totally unresolved (Ibid: 53).

A respeito especificamente de Collins, O'Connor afirma que ele: "was still in the dark about the future. (...) What did he envisage? The most one can say is 'a good fight', and he

was a Sinn Feiner only because Arthur Griffits's policy was that which most quickly promised a clash with England" (1991, op.cit.: 57). A conferência de paz de Paris, do pós Primeira Guerra, na qual - e, mais especificamente, nas tomadas de posição esperadas por parte do presidente Wilson - bastante expectativa havia sido jogada, acabará por transcorrer sem grandes efeitos. Os representantes irlandeses não conseguem ter assento. A eleição geral e a vitória do Sinn Féin constituem pois o fato político relevante. No dia seguinte ao de sua abertura oficial, o "Dail Eireann, the first representative Irish political assembly since the demise of 'Grattan's Parliament' in 1800, met at the Dublin Mansion House" (Kee 1989, op.cit.: 56). Vale a pena ouvir a colocação de O'Connor a respeito - incluindo a sobre a indicação dos delegados para a conferência de paz -, ainda que um pouco longa, no sentido de que se trata de um evocar de 'razões' presentes no futuro próximo de que foi um ator; num processo que parece em si dificil de explicar:

On the twenty-first of January 1919 Dail Eireann, the assembly of Irish deputies, met for the first time. Collins and Boland were away in England on more urgent business. Huge crowds besieged the Mansion House. There was a big attendance of the world's press; (...) the session was opened by prayer; when the roll was called the clerk answered for most of those absent, 'Imprisioned by the English.'

Only Irish was spoken. (...) The Provisional Constitution was read. It provided for a president with a ministry of four. One of the ministries was that of Defence.

The next business was nothing less than a Declaration of Independence (...). Whereupon the assembly, having constituted itself a parliament, went on to select delegates to the Peace Conference.

Collins's spirit, if it turned at all to the Mansion House that January day, must have been well pleased. Unless the delegates had actually gone out forthwith and attacked Dublin Castle [the headquarters of English administration and policy in Ireland], they could hardly have been more extreme. (...)

And yet, admitting the magnificence of the gesture, the courage of the challengers, one must ask: was it wise? Was it not an overstatement, both of the intentions of the people and of their actual strenght (by strenght I mean all the resources, physical and cultural, of a nation)? From this Declaration of Independence, I feel, sprang all the disaster of succeeding years: disunion, anarchy, cultural disintegration. For it one can invoke only one excuse, that, failing such overstatement, the nation would never have risen to the occasion; that the historical process which began at the end of the eighteenth century, and which had turned a people of myths and sagas into something resembling a European nation, could progress only by such violent expansion of spirit, crowding into a few brief years the work of centuries, and, when they burst, plunging the whole nation into a decade of despair and inertia (1991, op.cit.: 57-58).

Kee assim refere a composição do 'governo' promulgado pelo Dail Éireann:

The official Constitution of the Dail was announced. It provided itself with full legislative and executive powers and a cabinet consisting of a Prime Minister, or President of the Dail, and other ministers to be nominated by him. These ministerial offices were soon to be filled (...) by, among others, de Valera (Prime Minister or President), Arthur Griffith (Home Affairs), Count Plunkett (Foreign Affairs) (...), Cathal Brugha (Defence), Constance Markievicz (Labour), (...) and Michael Collins (Finance). The elevation of Brugha to the rank of Minister automatically promoted his former Deputy, Richard Mulcahy, an IRB man (...), to be the new Volunteer Chief of Staff (1989: 56-7).

De Valera estava preso e Collins, como de hábito, foi o principal articulador das ações conducentes a sua fuga. Na sequência Dev segue para os Estados Unidos, como 'primeiro-ministro' do parlamento irlandês, numa campanha formalmente destinada à obtenção de fundos e de apoio político americano. Entre Brugha e Collins acaba por desenrolar-se uma disputa 'intestina', onde o que está essencialmente em jogo é o controle de homens e armas com que se inicia o estado beligerante, grosso modo por todo o país. Acusações são lançadas - segundo a maioria dos registros de autores que tratam do período - sobretudo por Brugha, que estaria de certo modo tentando eliminar, ou diminuir, o poder de Collins de controlar as forças 'efetivas'. Parece tratar-se também de uma disputa em torno de diferentes concepções sobre os 'segundos bastidores' e modos de conduzir uma 'luta' cujos perfis e fins ainda estavam longe de definidos. No relato de O'Connor:

No sooner was it made than this Declaration of Independence began to produce its appropriate evils. Up to this the independence movement had been divided roughly into moderates and extremists. Now the extremists were themselves being divided into those like Collins, who took the declaration for what it was worth, the largest standard on the highest mast, and those like Brugha, who took it for what it said. Though Brugha had never liked Collins' secret organisation he had been glad enough to see it used against Griffith and the moderates. Now with his loyalty to his oath, to the state which he had created, and to the government of which he was a member, he would tend more and more to look jealously at this Brotherhood, which had a different oath, and which looked upon its own Supreme Council as the real government of Ireland (1991, op.cit.: 59).

Estão em jogo concepções tanto a respeito do que já fora obtido como do sentido do que era público e de como o resto se deveria desenrolar. O lado 'pessoal' de cada ator significativo é relevante num desenho de futuro 'nacional' próximo que, por estranho que possa ser vê-lo dessa forma, surge como uma nebulosa de possíveis. Se é cabível usar tais termos, o processo e seus detalhes lembram a instalação, tormentosa, de 'mundo' e, pois, de sentidos e 'autorias' para a fundação do mundo - de um espaço nacional que ocorreria como mundo na medida inclusive em que todos os fatos relevantes estariam contidos nas concepções, desejos, ações de cada, no limite, indivíduo envolvido no processo. Em grande medida, o 'público', no sentido vulgar do termo, estava *at large*. Não deixa contudo de ser um sintoma expressivo o fato de que, num espaço de tempo bastante curto a partir da instalação do Dail Éireann e do fracasso de 'ser ouvida' na conferência de paz, a Irlanda vá estar mergulhada numa guerra civil - estado 'pré' que, embora divida o país, acaba por produzir uma unidade.

Antes do período conhecido formalmente como de Guerra Civil (grosso modo de junho de 1922 a maio de 1923), ocorrem várias ações, visando, na sua maioria, tanto a RIC (Royal Irish Constabulary, o que se entenderia vulgarmente por polícia) como, em Dublin e outras cidades importantes (embora muito menos em Belfast - um certo sintoma da diferença

do que veio a tornar-se a Irlanda do Norte), elementos públicos da 'dominação' inglesa ou espiões e delatores - esse que foi tão, simultaneamente obscuro e claro, o 'plano de jogo'. De Valera, nos Estados Unidos, semi que some de cena. Collins permanece, nesse 'interregno', o homem por detrás da maioria das ações de impacto, com os vários assassinatos que lhes estiveram associados. Kee, na sua tentativa de encontrar 'forças' históricas, ainda que particulares, em ação, afirma que: "But the most potent force of all operating in favour of Collins and the other militants was undoubtedly the British Government itself. The embittered Home Rulers and other moderates who had largely voted Sinn Fein into power had been offered nothing in response to their challenging demand for a radical new policy" (1989, op.cit.: 76). Boyce vai quase que no mesmo sentido:

The truth of the matter was that Arthur Griffith and his disciples needed a Gladstone in 1919, just as Parnell had needed one in the days of the land war, of the home rule struggle, of the plan of campaign. Griffith and de Valera must have visible proof of the efficacy of constitutional method, be they abstentionist or not. Instead they got a British cabinet minister remarking tritely that 'nothing would annoy the Irish more than the conviction that they were not absorbing the minds of the people of Great Britain'. This was all the more dangerous since there were those in the Volunteers who were alarmed lest political methods should eclipse military tactics altogether (1991¹³: 321).

O 'plano óbvio', o da frente do teatro político, Griffith e De Valera como figuras de proa aparentes, respaldado pela eleição geral, não foi o predominante na Irlanda nesse período. Collins, Brugha, Mulcahy e todas as ações empreendidas pelos Volunteers e pelo I.R.A. foram não só o 'elemento de realidade' como a dimensão que acabou por tomar conta da ilha (ou, ao menos, dos 26 condados que acabaram por formar o Irish Free State). Uma campanha, compulsória, de obtenção de fundos ocorre junto com emboscadas e assassinatos que constituem a realidade, 'local', desse período. Uma política de cenário mais aberto estava ausente - simbolizada também, por que não?, na campanha de De Valera nos Estados Unidos. Não há razões unívocas para o início do que ficou conhecida como Guerra Anglo-Irlandesa (embora, nesse terreno de disputa de nominações já referido, também como Guerra de Independência):

Though Ireland in 1919 was slipping into a state of war, neither side was in a hurry to precipitate the conflict. [English] Government policy, stumbling between inneffective repression and half-hearted attempts at conciliation, seemed to lack all direction. Sinn Féin was proclaimed an illegal organization in August, the Dáil in September; but even after this the government hesitated between a determined effort to restore its authority and a settlement by negotiation. The republicans awaited hopefully the outcome of their negotiations in the United States, where de Valera received an enthusiastic welcome in June. (...) in the autumn of 1919 the republican leaders were still sanguine of success; and in the meantime they were content to strenghten their organization and build up their military resources, for which purpose large sums of money were being raised both at home and in the United States. Some

¹³ BOYCE, D. George. [1982] 1991, Nationalism in Ireland. London and New York: Routledge.

clashes between republican forces and the police and military occurred throughout the year, and became more frequent towards its close; but they were isolated episodes, due for the most part to the iniatiative of local republican commandants, and did not form part of a coherent scheme of attack (Beckett 1981¹⁴: 446).

Esse trecho de Beckett aponta também para a 'pulverização' que as próprias ações 'de guerra' começam a ganhar no período. Chefes, como Collins e Brugha, embora tendo uma estratégia e empreendendo conjuntos de ações relativamente coerentes, não só estão em disputa - cada um se baseando em redes de militantes cuja tônica é a fidelidade pessoal - como cada vez controlam menos redes locais, que realizam atentados e 'cobranças de taxas' frequentemente contrários a diretrizes gerais. De qualquer forma, olhada de fora, a tática conjunta dos republicanos e do IRA vai no sentido de aumentar ao máximo os custos da manutenção do governo inglês:

In 1920, (...) before the middle of the year the long-threatened war was in full flood. The republicans did not follow the example of open assault set by the insurgents of 1916, nor did they attempt to occupy and hold any clearly-defined area. The Irish Volunteers had been reconstituted, early in 1919, as the army of the republic - (...) I.R.A.; but it was an army of guerrillas, operating in flying columns, fifteen to thirty strong, and conducting a war of raids and ambushes. Members of the I.R.A. rarely wore uniform, so that even in daylight they could easily achieve an element of surprise that baffled the ingenuity of the crown forces and shook their morale. (...) the republicans fought with the more limited aim of making regular government impossible, and the cost of holding the country so great that the British would be compelled to withdraw (Ibid: 446-7).

A prática político-administrativa anterior baseava-se no 'local' e em redes de conhecimento pessoal. Dublin Castle era um símbolo duplo da distância do governo inglês. Esforços de maior centralização chocaram-se com a operação, sobretudo depois do 1898 Act, dos "new councils [which] rapidly came under electoral and other local pressure to become providers of relief, employment and pattronage" (Garvin 1994 ¹⁵: 21). Inicialmente, "Resentment of, and contempt for, the perceived corruption of Irish local authorities was widespread in Sinn Féin and the other groups of nationalist and socialist radicals which emerged at the beginning of the new century" (Ibid: Ibid). Com a vitória na eleição de 1918, "it was obvious that the old party's domination of the local authorities was doomed to pass eventually to the new party. (...) The stage was set for a grand confrontation between the young, aggressive and militarised puritans of Sinn Féin and the local nationalist establishments" (Ibid: 22). Contudo o processo (como quase tudo na Irlanda?! - ao menos até à independência) não se dá de forma alguma de modo linear: em julho de 1920 "Castle Board announced that the annual grants-in-aid payable to augment local authorities' income would

Administration.

_

 ¹⁴ BECKETT, J. C.. [1966], 1981. *The making of modern Ireland, 1603-1923*. London, Boston: Faber and Faber.
 ¹⁵ GARVIN, Tom. 1994, The Dáil government and Irish local democracy, 1919-22. *Decentralisation of government:* proceedings of the fourth annual Daniel O'Connell workshop. Dublin: Institute of Public

be withheld if the councils did not accept fully the authority of the British government" (Ibid: Ibid). Ainda que provavelmente essa tenha estado longe de ser a única razão, autoridades e populações 'locais' (sendo que a grande maioria da população vivia fora de centros urbanos de porte significativo) acabam por, na sua maioria, professar uma não aderência aos dois principais lados em conflito. O Dáil e o 'governo' por ele empossado lançam cobranças de impostos, em parte para financiar a 'guerra'. O pagamento dos impostos ao governo inglês, por seu turno, é atestado necessário para obtenção de subsídios. A confusão está relativamente instalada no período:

between 1919 and 1922, ratepayer resistance was often very strong and effective, particularly in the more remote, poorer and 'republican' counties, that is, counties with an active IRA. Local IRA commonly sympathised with the resistance to ratepaying and often helped to organise it. On occasion, the RIC's efforts against the Dáil collectors possibly may have had the tacital approval of their military opponents in the IRA (Garvin Ibid: 23).

Políticas não oficiais de obtenção dos 'impostos de guerra', por outro lado, por vezes implicavam em represálias, a serem movidas por membros locais do IRA. Mais uma vez, contudo, tanto a prática ou não dessas represálias como o grau de 'violência aceitável' rapidamente deixaram de estar nas mãos de autoridades do governo do Dáil - nos bastidores onde tal governo era exercido. As tentativas de impor medidas do governo, proscrito, do Dáil, seguiram assim um padrão análogo ao apresentado pela 'pulverização' das ações 'militares' e de 'guerrilha'.

Os alvos mais regulares eram membros da R.I.C., embora, como relata Kee, "Collins, Mucalhy and Brugha among others had perfected plans (...) for a most daring assassination of no less a person than the Viceroy, Lord French, himself" (1989, op.cit.: 85). De qualquer forma, a tônica é a guerra 'direta', emboscando e matando membros da RIC ou exercendo represálias sobre pessoas 'suspeitas' - o que tanto podia significar que se haviam recusado a dar apoio a membros do IRA como a sustentar represálias sobre outras pessoas 'marcadas'. Kee é explicitamente crítico a respeito da violência personalizada envolvida nas mortes de membros da RIC:

What was (...) happening was that the Volunteers were goading the [English] government into goading the people into rebellion - a process in which, much aided by the government itself, they were eventually to be successful.

For the time being, however, though Volunteer successes were enjoyed and applauded when they were achieved without bloodshed, those that caused casualties were still regarded by the Irish people with considerabke reservation, if not dismay. Most of the victims after all were fellow Irishmen (Ibid: 83).

Segundo ele, a condenação de tais ataques era unânime entre todos os que não estavam diretamente envolvidos com a estratégia e com as ações - que, cada vez mais, eram movidas

por grupos 'independentes'. Jornais, vários membros da hierarquia católica, juízes, manifestam-se contra. Num dos vários casos que relata:

What punishment in the name of the Irish Republic meant (...) was illustrated in Clare when an Irishman who had been in the British Army was appointed schoolmaster at Knockjames. Notices were sent round to the parents of the local children reading: 'Keep your son from Knockjames, otherwise you will have reason to regret it. By Order of the Irish Republican Army.' The attendance was thus successfully reduced from forty-five children to sixteen, but one of the fathers who defied it received three hundred shot-gun pellets in both thighs, the groin and the lungs, in a manner that recalled the punishment of those who had always defied secret societies in Ireland. The Judge who tried the case in which the victim applied for compensation voiced the commom illusion of most Irishmen of the time. He said he was glad to believe that the perpretrators of such deeds got no sympathy whatsoever from 'any politician in this country. I would despair of my country,' he continued, 'if I thought the men elected to representative positions would or could for one moment sanction such outrages' (Ibid: 84-5).

Kee vai além na sua consideração quanto à 'responsabilização' pelo processo: Collins e os outros que "conduziam a campanha de violência", "Like all the revolutionaries they had a larger view of democracy than one governed by mere voting processes and were only interested in the latter inasmuch as they could be of use to them" (Ibid: 92-3). Outros autores, particularmente O'Connor, discordam quanto à ciência ou mesmo aprovação que Collins teria dado à campanha de violência na forma 'pessoal' como estava ocorrendo. Sua argumentação parece mais convincente do que a de Kee, inclusive no sentido de explicar o poder que as milícias locais do IRA começavam a deter e que acabou tendo como um de seus efeitos nada menos que o assassinato do próprio Collins, ao final da guerra civil. Por outro lado, Kee está pretendendo contestar o sentido do resultado que o Sinn Féin, apesar de banido, obtém nas eleições municipais de janeiro de 1920 - eleição na qual fora introduzido, em decorrência do Local Govoernment (Ireland) Act de 1919, o single transferable vote (voto único transferível), dentro da representação proporcional que já se aplicava, oficialmente visando garantir maior vocalização das minorias. Assim é que embora confirme que "It won control of eleven out of the twelve cities and boroughs of Ireland", "An analysis of the actual votes (...) shows a different picture of attitudes to the campaign of violence." (Ibid: 92). Foster, por seu turno, concorda com a visão de que "the local elections (...) do not show a Sinn Féinn hegemony; even outside the four counties of north-east Ulster, Sinn Féin capture only 572 seats to the 872 won by other parties" e indica também a presença do Labour como força política signficativa: "A local study of Meath town councils shows that Sinn Féinn captured less than 20 per cent of the electorate, far less than Labour candidates" (1989¹⁶: 497). Mais ainda, destaca o caráter 'localista' e pouco comprometido com a "estratégia republicana" por parte

-

¹⁶ FOSTER, Roy F. 1989, *Modern Ireland, 1600-1972*. Harmondsworth: Penguin.

do IRA: "It is also significant that the Dáil courts concerned themselves with controlling cattle-driving and land seizures that would otherwise have turned much respectable opinion against Sinn Féin; and that several local studies show early IRA engagements inspired by land hunger or even labour agitation, rather than by a controlling republican strategy" (Ibid: Ibid). De qualquer forma, a resposta do governo inglês à 'campanha de violência' dá-se com a entrada em cena dos Black-and-Tans e dos Auxiliaries. Anteriormente,

Lloyd George's coalition ministry, despite its electoral victory in 1918, was not in a strong position, and its conduct of Irish affairs was under constant attack in parliament and in the press; it dared not admit that Ireland was in a state of war, and insisted that the I.R.A. was supported by only a small section of the population, and could be dealt with by police action (Beckett 1981, op.cit.: 447).

As forças do RIC tinham sido o alvo principal dos ataques do IRA e também de um ostracismo imposto. Não só houvera várias desistências como não era factível recrutar mais membros para o RIC na Irlanda. Assim tiveram origem os famigerados Black-and-Tans e Auxiliaries:

To meet this situation, the government raised men in England, mainly among ex-soldiers; and since there was no immediately available supply of police uniforms, they wore khaki, with police caps and belts; it was from this mixed dress that they received their nickname - the 'Black-and-Tans'. About the same time the government raised another force also, the 'Auxiliary Division' of the constabulary, consisting for the most part of young ex-officers, and commonly known as 'Auxiliaries'. It was the Black-and-Tans and the Auxiliaries who formed the spearhead of the government's attempt to break the I.R.A. during the later months of 1920 and the first half of 1921 (Ibid: Ibid).

A violência e os enfrentamentos espalham-se pela Irlanda. É como se o grau de excentricidade dos uniformes e do nome dos Black and Tans se conjugasse à pulverização das ações do IRA. Beckett é claro a respeito: "The character of the war was largely determined by the forces engaged in it, for on neither side were the politicians in effective control" (Ibid: Ibid). Prossegue na sua análise valorativa:

In effect, (...) the struggle was fought between two largely irresponsible military organizations, in circumstances where the normal laws of war could hardly be said to apply, and the main object of each side was to break the morale of the other by a system of terrorism - an object that was pursued with increasing ferocity as the war went on. It was inevitable that civilians should suffer heavily (Ibid: 448).

O Dáil reune-se algumas vezes. Além de não dominar o IRA, nem mesmo através de comandantes do IRA e membros do gabinete, como Collins e Cathal Brugha, constantemente enfrenta prisões; como, por exemplo, a de Griffith em novembro de 1920, o que faz com que Collins atue como presidente do Dáil. De Valera, "who had been almost cut off from knowledge of events at home and probably feared a total collapse of the revolutionary movement" (O'Connor 1991: 130), por seu turno, volta no final de 1920. A oposição entre Collins e Brugha estava já mais do que declarada - e de Valera acabará por tomar, embora

sem defini-lo claramente, o lado de Brugha. Por outro lado, em termos do governo inglês, os custos da guerra, que de certa forma prossegue 'sem controle', vão-se tornando altos:

The I.R.A. had succeeded in making normal government impossible, but it could do no more; it could not force the withdrawal of the British forces while the government was prepared to face the cost, in men, money and prestige, of maintaining them. For Britain, the choice now lay between a systematic conquest of Ireland, which British public opinion would never tolerate, and the offer of terms that the republican leaders might reasonably be expected to accept. More than two years of bloodshed had, at last, opened the way for compromise (Beckett 1981, op.cit.: 448).

De Valera é personagem da história da Irlanda de grande ambiguidade. Os autores oscilam entre vê-lo como um gênio político, como capaz de grande cinismo, como um irrealista que, não obstante, acabou por mover e definir atos e, até mesmo, o que a Irlanda se tornou (ao menos enquanto esteve vivo na cena política irlandesa, o que correspondeu a um período longuíssimo, em princípio desde o Levante da Páscoa de 1916 até 1973, quando terminou seu segundo mandato como presidente da Irlanda, com 90 anos), com maior ou menor dose de convicção a respeito do que fazia. De qualquer maneira, O'Connor assim retrata sua postura no retorno à Irlanda em dezembro de 1920:

He had come home with new plans. On the one hand the war must be made to slacken off, so far as concerned the shooting of policemen and the minor ambushing of soldiers - this in order to save the civilian population from the savage reprisals with which those activities were associated; on the other, it must be pursued by huge bodies of men facing the enemy in pitched battles which would last for days. Collins, who knew the exact amount of labour it involved to equip one column of sixteen men, and how even these were constantly being forced into inactivity for lack of a few rounds of rifle ammunition, tried to disillusion him.

The Dail was summoned to meet de Valera, but at the last moment, acting on the advice of Brugha, he did not turn up. (...) The Dail was properly infuriated, and whatever effect de Valera might have hoped to have at first, it was certain he would have none now. A second meeting was hurriedly summoned. (...) The delegates were not long in informing de Valera that if he wished to lead them, it could only be in a fight. (...)

By February Collins and Mulcahy had apparently given de Valera up as a bad job" (1991, op.cit.: 132-3).

Tentativas de negociação parecem ter partido sobretudo do governo inglês e não serem dirigidas a nenhum líder em particular na Irlanda. Tanto o Sinn Féin como o Dáil não existiam para efeitos oficiais. Vários condados estavam sob lei marcial mas essa política vinha junto com a manutenção das forças dos Black and Tans e dos Auxiliaries e "their rough and ready methods, their indiscipline, and their random attacks on civilians as a means of hitting back at ruthless and elusive enemies brought down protest on the government's head from important sections of British public opinion" (Boyce 1988¹⁷: 63). Conforme o próprio Lord Birkenhead, "the military methods adopted by the government had not kept pace with, or overcome, those adopted by their opponents" (*apud* Ibid: 64). Do lado irlandês, várias

_

 $^{^{17}}$ BOYCE, D. George. 1988, *The Irish question and British politics, 1868-1986*. Houndmills and London: The MacMillan Press.

preparações de 'guerra' não necessariamente correspondiam a possibilidades de sua manutenção. De qualquer forma, parecem ter sido mais 'interinidades inglesas' que conduziram a ofertas de trégua e negociação - novamente um tipo de detalhamento, microcausas na origem dos desenvolvimentos ocorridos:

The [British] government maintained informal contacts with various nationalist leaders even when the fighting was at its worst. But it was not until May and June 1921 that Lloyd George turned his full attention to the Irish Question, after months in which there was a hardly a newspaper in Fleet Street that supported his policy: and Lloyd George was a politician who liked to keep in touch with the press. (...) Two events helped him move his policy forward. The recognition that by May 1921 the choice lay between peace talks or an all-out war, and Unionists as much as Liberals were anxious not to commit themselves to this latter alternative without one last attempt at peace. And the intervention of King George V who, at the opening of the Northern Ireland parliament on 22 June, urged peace and reconciliation: an appeal from the monarch which Unionists would find difficult to set aside (Ibid: 64).

Kee, olhando do lado irlandês, considera, numa perspectiva de valor, que o que estava em jogo era que "Aside from the moral issue that no civilized government should exercise its authority by uncivilized methods, what mattered politically was that in Ireland the conflict was being daily regarded more and more in the purely nationalistic terms in which the extremists had always painted it. Every day aggravated still further the original difficulty of achieving a political solution" (1989: 116).

Confrontado com forças de vários gêneros, incluindo problemas de legitimação das ações mantenedoras de ordem sob formas 'civilizadas' em que supostamente se baseavam, Lloyd George endereça carta de sugestão de negociação a De Valera, num reconhecimento implícito do governo empossado pelo Dáil. Nos termos de O'Connor, nesse Verão de 1921, na Irlanda, "Yet, for all the preparations for war, there was throughout the country far too great a feeling of confidence" (ibid: 155). O que acabou por constituir-se na Irlanda do Norte é elemento que joga papel fundamental nesse cenário, muito no sentido que Fanning (2013, op.cit.) considera. A instalação do parlamento separado do Ulster, com o discurso de George V na sua abertura, que se viu Boyce referindo, foi uma das peças que levaram à proposta de Lloyd George. Não cabe aqui alongar a questão dos seis condados (ou, mais particularmente, dos quatro que eram, inclusive nas eleições ocorridas, majoritariamente unionistas) que 'ficaram' como a Irlanda do Norte. De Valera, logo no início de 1921, havia demonstrado vontade de que Collins fosse aos Estados Unidos e, segundo O'Connor, "there is no reason whatever to suppose that the suggestion was dictated by jealousy. In view of de Valera's opinion that the fight should slacken off, it was only natural that the man who was looked on as head of the extremists should be got out of the way" (1991, op.cit.: 133-4). Collins, porém, encara a proposta de Dev diferentemente: ele "was firmly convinced that it had originated

with Brugha and Stack, and with no other idea than to get rid of him" (Ibid: 134). É, de qualquer modo, clara a existência de uma cisão ocorrendo dentro dos membros do governo do Dáil, decorrente mais especificamente da disputa entre Collins e Brugha - e que tinha incluído acusações de Brugha a supostas malversões de fundos, sobretudo em compras de armas, por parte de Collins. Por outro lado, nenhum relato é claro com relação às razões de nomear-se Collins - além de Griffith, dentro dos membros proeminentes - para a negociação possível de um tratado, como parte da trégua na Guerra Anglo-Irlandesa. O papel e as intenções de De Valera ao indicá-los também estão longe de ser consenso. O'Connor - alguém longe de fervoroso defensor de Dev - assim descreve o processo envolvido na aceitação de Collins de ir como negociador:

Then at long last came what seemed to be the opening of negotiations and de Valera's announcement that he would not go. Worse than that, he ordered Collins to go. Both decisions perturbed Collins, particularly that which concerned himself. (...) He felt he was the soldier, the commander, and should be left at home while the politicians made the peace.

(...) Yet when de Valera had tried to send him to America he had refused to go. Why did he not refuse now? The reason for his perturbation and his surrender are both clear enough. He realised the very difficult position of his chief. At last the monstrous shadow of the Declaration of Independence was mounting above them all. After the Truce must come the compromise, and the question was how best to make it. De Valera reminded the Dail that he was not a doctrinaire Republican; refused to allow the delegates' hands to be tied by any instructions from the Dail; refused to allow anything like a discussion on the terms which the Dail might find acceptable, lest Lloyd George should get to hear, and proceed to whittle down the minimum - that imaginary minimum, one should say, for it was never defined until both Collins and Griffith had committed themselves to accepting less. He begged his followers 'not to mention the word Republic' and implored Griffith to 'get him out of this strait waistcoat of a Republic'. The drift of all this was clear enough.

Collins went to London 'as a soldier obeying his commanding officer', to use his own words, because he felt de Valera wished him to make concessions which de Valera himself, as President of the Irish Republic, could not in all decency make, but which Collins, with his secret society and his immense pull with the Volunteers, could not only make but persuade others to make. De Valera's ingenious scheme of External Associaciation with the British Empire, as it emerged little by little from that subtle mind, he looked on as a way out of the horrible dilemma. It did not occur to him for an instant that de Valera's words and actions would be interpreted in a quite different way by others. This was only part of the mischief created in the cabinet by the open disagreement between Collins and Brugha (Ibid: 158-9).

O'Connor não está sendo cínico, embora saiba com precisão que as posições de Dev que cita em absoluto não corresponderão às atitudes que - embora talvez nunca mais tão abertamente - tomará nos meses sequentes. *The big fellow* é uma biografía de Collins por alguém, O'Connor, que foi ativo nos acontecimentos posteriores ao Tratado e que lutou do lado republicano, supostamente o de Dev, na guerra civil, onde Collins foi colocado representando o lado oposto, do Tratado. É evidente que com a trégua e com as negociações, o jogo do poder na Irlanda entra numa outra arena. Embora fora de qualquer controle público mais imediato - o poder está com os delegados indicados pelo Dáil - os acontecimentos saem

da guerra sendo lutada em todo e qualquer 'local', com maior ou menor controle por elementos centrais, para um espaço que pode ser acompanhado num nível 'neutro'; noutros termos, sai-se do direto envolvimento compulsório das pessoas para uma cena desenrolandose, ao mesmo tempo, fora e supostamente sujeita a um 'olhar' avaliativo. Nas negociações do tratado, Carson e Craig jogaram papéis importantes pelo lado dos Unionistas, lugar já então considerável nos arranjos 'internos' do governo britânico. A negociação foi, como parece evidente, longe de fácil e os delegados da Irlanda aparentemente defrontaram-se com a ameaça pela Inglaterra de uma guerra, desta feita em termos mais comuns do que a que havia sido travada, caso não chegassem a um acordo.

O Tratado grosso modo incluiu a aceitação de um estatuto de 'domínio' para a Irlanda, para cuja negociação inclusive o termo de Commonwealth com o Império Britânico, quanto ao que o exemplo do Canadá é várias vezes ofertado, pela primeira vez aparece. Além disso, no que a grande maioria dos autores que tratam do período, preocupados com o entendimento do desenrolar e do significado que a Irlanda do Norte ganhou - sobretudo a partir da década de 1970 -, destacam, aceitou a partitition da ilha; não definitivamente, já que uma futura boundary comission, comissão de fronteiras, deveria ser capaz de rever tais condições - o que acabou por não ocorrer, quando se reuniu e limitou a ratificar as fronteiras antes estabelecidas. Não havia um suposto de igualdade entre as duas comissões, inglesa e irlandesa, reunidas para discutir um tratado. A expectativa pública da Irlanda era de uma espécie de rendição inglesa, na medida em que 'eles' é que tinham proposto uma trégua para negociações. Mas mesmo que essa imagem do 'dominado' tivesse algum elemento de realidade quando visto de dentro da Irlanda, as forças jogadas na discussão do tratado eram de outra ordem. Collins e Griffith "as negotiations they were outclassed" (Kee 1989, op.cit.: 150). Na verdade, parece que os arranjos internos ingleses acabaram, como tinha sido o início, por ter papel predominante. Kee de certa forma subscreve tal ideia, embora insistindo no 'hiato' entre "the people of Ireland" e a "minoria" dos "republicanos dogmáticos", no que é, claramente, uma perspectiva particular sua, que, não obstante, quer definir como do "povo da Irlanda":

The chief mistake the Irish delegation made was to allow the two all-important issues of the Crown and Ulster to become confused. They did not sufficiently single out Ulster as the issue on which to challenge the British to renew the war. This was largely because, though the unity of Ireland was more important than the issue of allegiance, to the people of Ireland in general, the issue of allegiance was of equal importance to the minority of republican dogmatists whom the delegates also representend. In the event they fought both issues either simultaneously or alternatively and lost over both (Ibid: Ibid).

As declarações de De Valera, inclusive quando das várias viagens feitas pelos delegados entre Londres e Dublin no sentido de discutir e obter consentimento do Dáil a

novas redações de partes do tratado, são, para dizer o mínimo, variadas e ambíguas. Tudo indica que ele estava efetivamente se movendo para ganhar o cenário público e para fazer com que sua posição de presidente do Dáil pudesse passar a corresponder a um lugar mais ou menos inconteste na arena política comum que o tratado, assim sinais faziam prever, tornaria a arena predominante. De um ponto de vista 'externo' parece, com efeito, que a Irlanda ganha um estatuto, até então ímpar nos 'domínios' britânicos: "The very title of the agreement which the delegates brought back from London - 'Articles of Agreement for a Treaty Between Great Britain and Ireland' - announced a new era in Irish history (...). The use of the word 'Treaty' conferred a status Ireland had never before been granted" (Kee Ibid: 152). O 'retorno a casa' - e, sobretudo, as posições que De Valera toma a respeito dos 'Articles', muito mais na verdade no tocante ao *oath*, ao voto, ao juramento, à Coroa inglesa do que à *partition* - mostrar-se-á, todavia, longe de inequívoco:

The emotion with which de Valera and his supporters in the Dail now opposed Griffith and Collins and their supporters in debate was something which far out reached the significance of the literal points on which they differed. (...) Individual personal rivalries and jealousies, too, that had long had to be restrained or concealed, could now leap out into the open. Closer to the heart of the matter was the removal of the need for what had often been unnatural unanimity. (...) It was a struggle between those who were prepared to come down to earth from the loftiest flights of Irish nationalism and those who were not. And this, of course, was where the Irish people who had never been up there but had allowed their fate to be taken over by republican fantasists almost without realizing it, now suffered from being represented by an esoteric clique, which had to resolve its own contradictions in public.

The Dail in the end approved the Treaty by 64 votes to 57, a result which led to a number of near-theological political adjustments. De Valera resigned as President or Prime Minister and went into opposition to Griffith who took his place. The Treaty stipulated that a provisional government chosen by the Parliament of Southern Ireland was to implement its terms and produce the Constitution of the Irish Free State. But the mystical Republic continued in being for a time both in the minds of the supporters as well as of opponents of the Treaty. The Army, the pro-Treaty Mulcahy asserted in the last words of the entire twelve-day debate, remained the Army of the Republic (Kee Ibid: 156-7).

Talvez não seja tão fácil assim, como Kee por vezes parece querer, definir o que *the Irish people* pensava ou desejava a respeito do processo. Provavelmente, uma visão linear ou neutra eximir-se-ia de discorrer sobre ônus potenciais de uma suposta imponderabilidade da 'vontade' irlandesa. O fato é que o Tratado - num certo sentido de forma bastante distinta da dos acontecimentos que conduziram à Guerra Anglo-Irlandesa - adentra a cena pública. Com efeito, é o próprio Dáil Éireann e as decisões aí tomadas que ganham visibilidade. Mais do que as negociações visando um tratado, com delegados apontados por um Dáil, de existência ainda confusa, e ocorrendo em Londres, os eventos tornam-se caseiros; passam a uma esfera de poder 'local' - que embora centralizado em Dublin não é mais o único superveniente. O debate e as disputas, mesmo que não seus detalhes, tornam-se próximos, são - se é permitido exagerar os termos - 'localizados'. Os detalhes do que ocorre entre os membros do Dáil não

estão talvez na cena pública imediata, como o de que "On the sixth of January [of 1922] de Valera returned with a staggering proposal. 'I resign', he said in effect. 'Let us stop this futile debate. Re-elect me and I shall get rid of Collins and Griffith and face the English with Document No. 2'." (O'Connor 1991: 178)... Cria-se um Provisional Parliament distinto do Dáil. Mas esses 'personagens', mesmo que não imediatamente nos seus pequenos embates, acabam, também eles, por tornar-se símbolos de uma divisão que, já nessa fase, começa a tudo penetrar. A Guerra Civil é o próximo passo; ele também, se quisermos usar o rigor classificatório de Kee, longe de fruto de uma 'vontade popular'. Estende-se, de certa forma ao modo do 'localismo' das milícias dos Volunteers e do IRA, por toda a parte; embora, desta feita tendo tido, *a priori*, uma cisão no governo eleito do Dáil como base para sua ocorrência. O Dáil Eireann passa a corresponder ao "so-called Southern Parliament, except for one man who represented only an Ulster constituency and therefore was only a member of the Dail" - conforme o preciosimo de Kee (1989, op. cit.: 157). Nesse sentido, o movimento republicano não foi 'democrático' mas também não foi a arena política explícita que conduziu ao Tratado Anglo-Irlandês:

It is more than likely that had the Republican movement been a genuine democratic political movement there would have been, as de Valera stoutly maintained there was, and as all hoped there would prove to be, a proper constitutional way of resolving its internal political differences. (...)

But, of course, it was the Volunteers, the 'Army', acting quite regardless of the people's approval, who had brought about the situation in which there was a Treaty to be debated at all. (...). The IRA was the effective force in the country whatever happened on the political level (Ibid: 158).

Se a divisão em termos do Dáil é relativamente clara, uma divisão 'pública' dos anti e pró-Tratado - em que pese toda a discussão a respeito da ambiguidade do comportamento de De Valera antes, durante as negociações e as tomadas de posição que assumiu uma vez assinado -, o mesmo não pode ser dito a respeito do IRA. Kee sustenta que, em função do controle sobre a estrutura do IRA, inclusive porque baseada no personalismo e secretismo da IRB, "Collins, Mulcahy and the Provisional Government were able to carry about half the IRA with them in support of the Treaty, arming them, giving them uniforms and, with a certain amount of ambiguity of Republican terminology, transferring them simultaneously into a Free State Army" (Ibid: 159). O debate em torno dos motivos e da conformação da Guerra Civil está longe de ser assunto neutro na Irlanda e é difícil encontrar razões para essa divisão em dois do país; que acabou por conduzir à luta efetiva uma grande parcela da população até aí essencialmente apenas 'sofredora' da violência que adentrara o quotidiano. Os números são pouco claros mas, de qualquer forma, o imaginário, inclusive nas suas formas

coloquial e literária¹⁸, irlandês dá a Guerra Civil como o fecho do processo e como tendo engajado a maior parte da população masculina e percentagem significativa da feminina; marcando também a juventude dos que participam das mílicias e do Free State Army. O lado por que se lutava não ficou, nessa 'memória', como o dado relevante. A divisão 'íntima', 'em dois', é, como se poderia esperar, o elemento destacado. Ao nível dos atores mais públicos e das correntes que os seguem, O'Connor ressalta a 'força' das acusações lançadas e dá ideia de como adentram as relações quotidianas, numa quase 'pintura em movimento' do imediatamente ante Guerra Civil:

De Valera's rejection had given new justification to the objectors; the Treaty was no longer a matter of disagreement, it was a test of orthodoxy. One was at liberty to call Collins and the others traitors. The objectors grew shrill; the waverers, certain. The Press was so emphatically in favour of the Treaty that its supporters might well consider its critics at least mad; though the discussion had gone on so long, it was not unpardonable to let one's temper get the upper hand and remember that one's neighbour had not always been so unblemished a patriot; his brother had been a soldier, his father a policeman; one distinctly remembered that at first he had not favoured the ambushes. Obviously he had a bad streak somewhere. And the middle classes were so pleased that the young have-nots of the Volunteers might lawfully suspect them of grabbing for place in the new regime. The women were the most hysterical of all. As society women had stopped young men in the streets of London a few years before and presented them with white feathers, so now they came to the young Volunteer officers and asked if they would prove themselves 'cowards' and 'traitors'; if they would give the lie to Tom or Joe, who had died by their sides, for a new Union Jack, a new oath of allegiance! (1991, op.cit.: 172-3).

Embora a discussão maior relativa ao Tratado girasse em torno do *oath of allegiance*¹⁹, o fracasso de obter uma efetiva *boundary comission*, com relação à permanência ou não da *partition* e de suas fronteiras²⁰, é outro elemento forte do período. A guerra entre

MacGahern ou, então, ligar seu sucesso como escritor com tal temática e o modo como a encara.

The Irish Boundary Commission (Irish: *Coimisiún na Teorainne*) met in 1924–25 to decide on the precise delineation of the border between the Irish Free State and Northern Ireland. The 1921 Anglo-Irish Treaty, which ended the War of Independence, provided for such a commission if Northern Ireland chose to secede from the Irish Free State, an event that occurred as expected two days after the Free State's inception on 6 December 1922. The governments of the United Kingdom, of the Irish Free State and of Northern Ireland were to nominate one member each to the commission. When the Northern government refused to cooperate, the British government assigned a Belfast newspaper editor to represent Northern Irish interests.

The provisional border in 1922 was that which the Government of Ireland Act 1920 made between Northern Ireland and Southern Ireland. Most Irish nationalists hoped for a considerable transfer of land to the Free State,

¹⁸ A afirmação é genérica e não cabe aqui entrar em detalhes. Não obstante talvez valha referir que dois romances de John MacGahern, um autor irlandês importante das últimas décadas, em romances como 1963, *The barracks* e 1990, *Amongst women* (1990), têm esse viés, de personagens principais que lutaram na Guerra Civil, quando muito jovens, sem que o 'lado' por que lutaram seja apontado. Ambos também vagamente lutaram pelo IRA e têm direito ao recebimento de pensões ou obtiveram postos mais elevados no serviço público em função de terem participado na "guerra". Novamente *from the top of my mind*, um filme (feito em 1995) baseado em um conto de MacGahern, *Korea*, trata da aceitação ou não, no final dos anos 50, de que divisões da Guerra Civil teriam acabado. Qualquer assertiva mais coerente precisaria, no mínimo, sair desse universo de John

¹⁹ A respeito, vide as transcrições das sessões do Dáil Éireann: Debate on the Treaty between Great Britain and Ireland, signed in London on the 6th December 1921: Sessions 14 December 1921 to 10 January 1922 (Author: The DEPUTIES OF DÁIL EIREANN). https://celt.ucc.ie/published/E900003-00.

²⁰ O início do artigo da Wikipedia a respeito da Boundary Commission:

_

unionistas e nacionalistas prossegue firme no norte, já independentemente da presença dos Black-and-Tans e dos Auxiliaries. Uma guerra civil no sul - sobretudo se em torno do *oath* - teria como consequência, como acabou por ter, o 'esquecimento' da provisão do tratado de retomar a hipótese de uma *all Ireland* e, noutro plano, a 'aceitação' de que a guerra do norte era diferente da do sul. Esse aspecto parece ter sido forte nas considerações de Collins a respeito de tentar evitar a guerra civil, no que ele e de Valera ainda tentam um pacto eleitoral para a "general election [which] was due to give democratic status to the Provisional Government and its new Constitution based on the Treaty" (Kee 1989: 162) e que incluía a distribuição dos candidatos do Sinn Féin na mesma base de 64 pró e 57 anti Tratado que correspondera à divisão do Dáil. A resposta inglesa, na voz de Churchill e com base em ameaças de Craig - um dos principais vocalizadores das lideranças com peso político do Ulster - é radical: "Churchill declared that should a new Coalition Government such as might emerge from a Pact election set up a Republic in defiance of the Treaty it would produce a situation comparable to that which gave rise to the American civil war: 'We should no more recognize it than the Northern States of America recognized secession' (Ibid: 163).

Nesse contexto, o pacto eleitoral entre Collins e De Valera acaba por tornar-se longe de evidente ou de hegemônico em termos dos candidatos lançados por cada *constituency*. O Labour Party, por seu turno, parece funcionar como se uma 'normalidade democrática' estivesse em curso:

National unity' was further compromized by Labour's decision to put forward candidates in the 1922 election. Labour had lent its support, moral and practical, to the struggle for independence; but now it offered its own issues to the public with a programme of moderate social reform, and was rewarded with the return of seventeen out of eighteen candidates. Some of their success may have been because, in the worsening political atmosphere of the treaty dispute, they were regarded as a moderating influence; some votes came from old supporters of the Irish parliamentary party who had not yet found their new political home (Boyce 1991, op.cit.: 331).

De qualquer maneira, uma potencial 'vontade', evidenciada numa eleição de candidatos como os propostos pelo Labour, por 'normalidade democrática' e pelo apoio a assuntos que a caracterizariam, está longe de dominar a cena pública ou política da Irlanda na

on the basis that most border areas had nationalist majorities. However, the Commission recommended relatively small transfers, and in both directions. This was leaked to *The Morning Post* in 1925, causing protests from both unionists and nationalists.

In order to avoid the possibility of further disputes, the British, Free State, and Northern Ireland governments agreed to suppress the overall report, and on 3 December 1925, instead of any changes being made, the existing border was confirmed by W. T. Cosgrave for the Free State, Sir James Craig for Northern Ireland, and Stanley Baldwin for the British government, as part of a wider agreement which included a resolution of outstanding financial disagreements. This was then ratified by their three parliaments. The commission's report was not published until 1969.

https://en.wikipedia.org/wiki/Irish_Boundary_Commission . Acesso 2017-11-19.

-

época. Kee novamente é crítico a respeito das possibilidades democráticas da eleição, num contexto desse tipo, sem esconder sua simpatia pelo lado favorável ao Tratado: "It was difficult to think of an election taking place successfully in such an atmosphere. Ordinary public opinion in the country was overwhelmingly for the Treaty, but at the mercy of anti-Treaty men with revolvers who often had long training in the arts of intimidation" (1989: 164). As eleições de junho de 1922 dão o lado pró Tratado como vencedor: "Ninety-four out of the total of 128 members of the new Dail were for the Treaty. Collins made no move towards implementing the Coalition clause of the Pact, though de Valera waited for an invitation. Collins now had unmistakable democratic sanction for the Treaty" (Ibid: Ibid). Pouco depois sai o primeiro esboço de constituição do Irish Free State mas para ser causa de uma nova crise ...

O caráter 'mínimo' do desenrolar dos acontecimentos, detalhismo que os autores costumam seguir para tratar do período todo, ganha aqui caráter de frente. Gen. Sir Henry Wilson - consultor militar do governo da Irlanda do Norte - é morto em Londres por dois membros do IRA (cf. p.e., Doherty & Hickey, op. cit.: 222). As disputas com relação à ciência de Collins ou não a respeito do atentado, cujos dois autores ele no entanto - como sempre fazia no tocante a membros do IRA - tenta libertar, são acerbas. O governo inglês culpa, não obstante, os anti Tratado que tinham seu 'quartel-general' no prédio das Four Courts de Dublin. Mandam então um ultimato a Collins e Griffith, como heads do Provisional Government, para que derrubem Four Courts, sob pena de anulação do tratado. Os dois lados, a 'divisão' estava mais do que fortemente definida. Um estopim - e essa parece ter sido a causa próxima efetiva - qualquer era bastante para re-deflagar a guerra, desta feita civil. O peso da Inglaterra é evidente. Se o governo britânico não tivesse imputado a culpa aos anti Tratado, ou se houvesse ordenado um ataque pelas forças inglesas ainda presentes em Dublin, é provável que uma nova união, ao menos em parte da Irlanda, tivesse ocorrido. Não foi isso o que se deu. As forças anti Tratado estavam querendo agir - e tudo indica que o outro lado não estava tão menos impaciente. O edifício das Four Courts, bem como outros nas mãos de forças anti-Tratado, é tomado, e explode,²¹ marcando-se uma vitória em Dublin dos pró. A guerra civil espalha-se:

-

²¹ Sobre a destruição do edifício das Four Courts:

On 14 April 1922 the courts complex was occupied by IRA forces opposed to the Anglo-Irish Treaty, led by Rory O'Connor. On 27 June the new National Army attacked the building to dislodge the rebels, on the orders of the Minister for Defence Richard Mulcahy, authorised by President of Dáil Éireann Arthur Griffith. This provoked a week of fighting in Dublin. In the process of the bombardment the historic building was destroyed. The west wing of the building was obliterated in a huge explosion, destroying the Irish Public Record Office at the rear of the building. Nearly a thousand years of archives were destroyed by this.

Beaten in Dublin, the anti-Treaty IRA who began to be reffered to simply as Republicans or, from the government side, 'irregulars', consolidated in the South. De Valera, temporarily an irrelevant figure, joined them, as did Erskine Childers whose virulent propaganda techniques were now effectively displayed against the Free State. For the Free State, Collins, liberated suddenly from the insidious toils of politics into the field of action, threw himself into the campaigning with his old gusto (Kee 1989, op.cit.: 166).

Boyce dá algumas outras ordens de razões para a guerra civil além da disputa de Valera - Collins e dos eventos próximos; aliás concordando com Kee no que toca à não 'inevitabilidade' e à não 'evidência de vontade' de separação da Grã-Bretanha:

The struggle for independence had other significant effects on Irish nationalism. Sinn Féin won its electoral victory in 1918 on the issue of Anglo-Irish relations, with 'separatism' replacing 'home rule' as the formula for freedom. The compromise agreed on - that Sinn Féin aimed at securing the international recognition of Ireland as an independent republic, while leaving the Irish people free to choose their own form of government - did not, as an admirer of James Connolly, Desmond Greaves wrote, 'necessarily involve complete separation.' But when the military wing began to assert itself in 1919, when people like Collins feared that they had gone too far in condoning political methods, the republic became, for the IRA, the goal for which they were fighting, and the goal for which Sinn Féin and the people were struggling - or should be struggling, whether they wanted to or not. The casualties among the IRA, the heroic deed, the fast, hunger strikes, deaths in prison, death 'on the hillside or in quicklime near a barrack-wall', all created a host of martyrs for the cause, so that the republic attained an almost mystical quality; and the conviction, amounting almost to a quasi-religious belief, grew that Irishmen could live under 'no other law'. These were the words of Liam Lynch, commander of the 2nd North Cork Brigade of the IRA, who, once he became converted to republicanism, would speak on no other subject (Boyce 1991, op.cit.: 324-5).

Durante a guerra civil, Brugha morre logo nos primeiros enfrentamentos em Dublin. A imagem da guerra é efetivamente a de quebra de quaisquer lealdades e vínculos pessoais - um dos símbolos 'públicos' tendo sido a ruptura de Collins com seu velho amigo Boland, que lutou do lado republicano, e morreu pouco após o início. Griffith, então Prime Minister do novo governo do Free State, morre, por colapso, em agosto de 1922, sendo substituído por Collins. Este é morto numa emboscada em Cork dez dias mais tarde. Rory O'Connor e Liam Lynch, que haviam sido comandantes fundamentais do lado republicano são, o primeiro, executado em dezembro de 1922, e, o segundo, morto em luta em abril de 1923. Com a morte de Collins, a liderança do Governo do Free State é assumida por William Cosgrave e Kevin O'Higgins, que ambos tinham sido ministros de Griffith e, anteriormente, de De Valera. O lado pró Tratado, além de ter melhor suprimento de armas e estar 'vencendo', assume agora cortes marciais e leis de excepção que conduzem a várias execuções. Realismo ou idealismo político podem ter sido as principais motivações de um e outro lados - embora certamente a opção não tivesse esse tipo de 'clareza' para as mílicias e bandos em luta, um pouco por toda parte. De qualquer forma, o 'realismo' foi vencedor, o que não obstou a que, na leitura valorativa de ofertada por Kee,

The last few months of the civil war, though they presented no serious threat to the political stability of the new Free State Government, presented a continuous and horrible threat to the

peace and order of ordinary citizens' everyday lives. With only the newly-created police force, the unarmed 'Civic Guard', and a Free State Army of some 35,000 men it was often impossible to eliminate or even contain the small bands of irregulars who created for themselves fastnesses in mountainous country and descended from time to time to rob and terrorize and kill on behalf of the Republic. (...) And in such an atmosphere, and in the atmosphere created by the government's ruthless severity, other things besides human values got lost sight of. For all the corpses and all the burned houses, the worst casualty of the civil war from the point of view of the ideals of Irish nationalism was the cause of One-Ireland (1989, op.cit.: 171).

A guerra civil termina oficialmente em maio de 1923. De Valera faz um pronunciamento que é vulgarmente apresentado como epitáfio: "'Soldiers of the Republic, Legion of the Rearguard... Military victory must be allowed to rest for the moment whith those who have destroyed the Republic' "(apud Doherty & Hickey 1989, op.cit.: 206). O 'realismo' - nem mesmo na sua vertente collinsiana -, representado em O'Higgins, certamente vence, inclusive na aceitação do colapso do "Boundary Comission principle with which the Free State were soon to be presented as a fait accompli" (Kee 1989, op.cit.: 171). Vários autores creditam aí o começo definitivo dos problemas da Irlanda do Norte como acabaram por se conformar na segunda metade do século XX. Kee fala de Nemesis e da 'entrega' de parte do Ulster (houve arranjos administrativo-financeiros na supressão desse item do tratado) como o ato final de Nemesis. A preocupação com o que se tornou 'o Norte' marca o fim de sua trilogia. O'Connor refere-se a Lilliput (de As viagens de Gulliver do irlandês Jonathan Swift) para traçar o lugar ao qual Collins indelevelmente pertencia e aonde, simultaneamente, lhe faltava espaço. "The shadow falls" é o título do penúltimo capítulo do livro de O'Connor, livro sobre The big fellow que encerra, em "Apotheosis", com:

The day of lofty ideals was over; an evil twilight full of storm and sinister shadows succeded that long day, too long and bright for Lilliput's cross and weary eyes. (...)

But life can stand many things, even the death of a genius. The historical process is not defeated, and through hatred, despair and apathy we are approaching, however slowly, that enthronement of life which is the goal of every historical process before fulness spells its end. (...) They would be quick, too quick perhaps, to feel the cold touch of normality, and Collins' death left normality enthroned.

Admirable normality! Lilliput needed a rest. Genius is a troublesome bedfellow. When it is absent we sigh for it, when it is present we grow weary of its violence and impetuousness. O'Higgins once said, 'I have done nothing without asking what Collins would have done under the circumstances'- which is as though I were to say, 'I have written nothing without asking myself what Shakespeare would have written'.

What can normality do but keep the bed warm till her troublesome bedfellow, his night-wanderings over, returns, and she, forgetting how she had called God to witness her sighs and groans at his betrayal, looks again with alarm at the rugged frame, catches the breath scented with wine and that subtle odour in the hair which suggests strange contacts; till the eternal, restless marriage is renewed, and new generations, new ways of though, are in the womb again? (1991, op.cit.: 214-5).

De qualquer modo, o pano cai. Não só para O'Connor mas para a maioria dos autores, nada há de efetivamente palpitante na história irlandesa posterior ao fim da Guerra Civil.

Tudo parece tornar-se 'normalidade democrática' e pouco importa que o Fianna Fáil (soldiers of destiny), fundado por De Valera, só tenha retornado ao poder em 1932, ou mesmo que O'Higgins tenha sido assassinado em 1927. O mundo da Irlanda voltado sobre si, torna-se um, democraticamente regulado e regular. O Norte some, ainda que não constitucionalmente, e De Valera pode submeter a constituição de 1937 a um referendo certo de obter aprovação. O Cumann na nGaedheal (the group of the Irish) torna-se Fine Gael (united Gaels) em 1933. Os dois 'derivam' do Sinn Féin - com o que isso pode e não pode implicar. Alternam-se basicamente no poder - com uma relativa continuada participação do Labour Party, independentes e outros pequenos partidos, estes que costumam ter curta duração. A 'democracia formal', 'processual', não entra em linha de questão e o mundo do um pode então processar uma unidade que se quer afirmadora de um 'consenso', que não opõe mais o 'particular', o 'local' a um 'nacional' que tão fortemente fora marcado pelo dissenso e pela desmesura de líderes seus. Uma ordem maior se impõe, vinda do universalismo católico²² e que, assim, de certo modo pretende suprimir a importância de toda e qualquer divisão 'terrena'. É claro que há diferenças nas avaliações políticas dos contemporâneos iniciais desse 'estado de consenso' e que o processo posterior lhes seja tributário:

Mulcahy was always far more optimistic than his friend [James Kennedy] about the merits of the Irish people and consistently expressed a belief, even after years of Fianna Fáil putatively accursed rule, that the Irish people were fundamentally sound both morally and politically.

(...) The impulse behind the centralising and streamlining of local government was poweful and was not to expend itself in 1923. On the contrary, the Irish state, consistent with its beginnings in the Dáil government, was to impose central controls and standard practices on local government. In large part the new controls wiped out patronage and outright corruption. Neither side truly believed in secular participant local democracy. Local government was a British invention, expensive, anti-national and incompetent. The virtuous, as the two sets of Sinn Féiners saw themselvelves in their different ways, felt themselves under an obligation to clean out these Augean stables and, in particular, to take away from the local councils powers that might otherwise be wielded by unsuitable people. Irish democracy was to be heavily shaped by the idea of embattled heroes in power struggling against a perceived collective moral mediocrity ultimately originating in a popular slave culture (Garvin 1994, op.cit.: 30-1). O Free State, a Constituição de 1937 dando um presidente à Irlanda, que só em 1949

se torna a República da Irlanda - chamada de Irlanda ou Éire -, as 'ofertas' de Churchill, não aceitas por De Valera, de 'dar' os seis *counties* da Irlanda do Norte em troca da entrada da Irlanda na segunda guerra mundial, tudo aponta para um mundo que se tornou uno, um lugar de gestação de 'consenso', de um 'ser' uno, onde, não obstante, o 'jogo democrático' se processa impecavelmente. Mais, embora a unidade se estabeleça com base num jogo

_

²² Uma das explicações mais correntes para o 'manto católico', junto com o cultivo da língua irlandesa, que De Valera contribuiu de sobremaneira para construir na Irlanda é sintetizada por Fanning, em trecho já referido na tese: "Latterday critics of the state's identification with the Catholic religion and with the Irish language as embodied in de Valera's constitution too easily lose sight of their function as devices for bounding together a deeply divided people" (2015, op.cit.: 177).

'centralizador' e num 'descarte' do poder 'local', o que se insurge parece ser efetivamente um estabelecimento de unidade que tem como contrapartida um extremo 'localismo'. Os preceitos católicos da constituição de 1937 vão junto com um exercício de 'controle', um imenso *face to face*, melhor exercido quando a unidade transcendente se reporta a um transporte mundano de 'pequena vigilância', exercida tanto no 'ruralismo' como no 'familialismo' - este expresso, inclusive, na constituição -, sagrados em marca do país. Apresentam-se pois também na 'entidade' maior, que, embora centralizada em Dublin - a qual, aliás, apresenta um crescimento de tal ordem que, logo na década de 1970, faz a população 'urbana' superar a 'rural'²³ -, e numa ideia de não 'diversidade', reporta contudo a uma transcendência como meio de 'superar' as pequenas diferenças 'mundanas'; essas a arte do jogo político, 'plenamente democrático', que se passa a exercer; como um sub-continente, sub-contido no que seria 'de fato' significativo.

Há um esforço das lideranças, com destaque evidente para De Valera, de estabelecer uma linhagem entre o estado que se constrói, inclusive como expresso na constituição de 1937, e os movimentos nacionalistas anteriores, com certa referência ao Levante de 1798, que teve Wolfe Tone como líder historicamente reconhecido dos United Irishmen, profundamente rousseauneano na sua formulação, e nesse sentido bem distinto do caráter essencialmente mais burkeano que acabou por adentrar o país constituído a partir da década de 1930. Cronin, por exemplo, opõe-se firmemente à 'legitimidade' dessa filiação:

The republican tradition of Tone and the United Irishmen was the ideal of the nationalist struggle for independence that culminated in 1921 when Catholic Ireland won dominion status, like Canada, Australia, New Zealand, South Africa; the new state was rejected by Republicans because of partition and the link with the Crown. In 1937 the Republican leader, Eamon de Valera, gave the Irish Free State a new name and Constitution. The state claims its title deeds stem from the United Irishmen. But the Constitution is a Catholic document, for a Catholic state, and has little connection with the secular republic of Tone's ideology.

(...) The Catholic Church was given a 'special position', as the religion of the majority under Article 44, which was excised after a referendum in November 1972, with the consent of the Irish Catholic bishops (1980²⁴: 63).

Uma das razões da busca de encontro dessa 'genealogia' é a tentativa de negar continuidade à situação anterior, de marcar que teria havido uma ruptura essencial com o período do domínio inglês. Neste sentido, não há dúvida de que a narrativa foi bem sucedida, inclusive em termos de fazer com que as 'dimensões concretas' fossem relegadas para um segundo plano. No que toca, todavia, à permanência do sistema democrático e legal, o que ocorreu foi essencialmente

²³ A respeito vide, p.e., McKEOWN, Kieran. 1991. Urbanisation in the Republic of Ireland: a conflict approach. CLANCY et al. (eds). 1991, *Ireland:* a sociological profile. Dublin: Institute of Public Administration. pp. 362-79.

²⁴ CRONIN, Sean. 1980, *Irish nationalism: a history of its roots and ideology*. Dublin: The Academy Press.

uma prossecução do que existia. As mudanças, na opinião de Lyons, devem ser entendidas como restritas à dimensão processual e não de princípios (1985, op.cit.: 481). Lyons está se referindo ao sistema legal mas é todo um conjunto do sistema institucional que não sofreu alterações de monta com a separação da Grã-Bretanha; a não ser pela peculiaridade do sistema eleitoral mas o qual, como já mencionado, fora, tanto no que se refere à representação proporcional como, embora já em 1922, ao voto único transferível, implantado ainda no período de ligação com a ilha maior. Nessa narrativa, esteve em jogo a criação de uma 'unidade', que passou pela redução da 'influência' inglesa - aplicada inclusive aos momentos decisivos das 'guerras' que atravessaram o que viria constitiuir-se no Free State of Ireland -, o que foi coerente com a tentativa de afirmação de algo peculiar, 'isento', do ponto de vista de uma democracia de massas, das máculas de um império. O estatuto de free state é idiossincrático - tenha-se ou não inaugurado aí o termo commonwealth, como a maior parte dos autores parece pensar - mas também o é o sistema democrático continuado de que a Irlanda é um dos apanágios. O protestantismo quase que some²⁵ - e vale considerar que, embora deitando raízes na Guerra dos Nove Anos e no período imediatamente sequente²⁶, a versão recente da própria cisão religiosa associada à partition ganhou forma no período de 'pacificação'; no mesmo processo em que foi transformada num elemento 'externo' à unidade então afirmada para o Free State e para seu cenário democrático.

Cabe pois um primeiro ponto de fecho desta seção: correndo o risco de apostasia, não há nenhuma razão evidente para a democracia irlandesa... a não ser uma espécie de prossecução de sua 'experiência' sob o domínio inglês. É claro que a questão está muito longe de se encerrar aí - e a proposta da tese, como já deve ter ficado claro, vai num sentido bem distinto. Assim, o fato da Irlanda se constituir num 'exemplo democrático' pode ser ligado não apenas a uma espécie de continuidade 'neutra' da 'experiência inglesa' - que, de certa forma, quase que teria 'levado além', inclusive na ideia de *commonwealth* - mas também à

-

²⁵ Para um perfil do credo declarado na Irlanda na década de 1980, bem como para uma evolução das mudanças, cf. Nic GHIOLLA PHÁDRAIG, Máire. 1991, Religious practice and secularisation. CLANCY et al (eds). 1991, *Ireland*: a sociological profile. Dublin: Institute of Public Administration. pp. 137-54. A respeito da penetração do catolicismo até a década de 1990, vide também Tony FAHEY, que começa seu artigo com: "The Republic of Ireland is a very catholic country. Ninety-five percent of the population identify themselves as Roman Catholics and the vast majority of these practice their religion regularly. (...) Irish commitment to institutional catholicism remains quite exceptional by western standards - even, to some extent, by the standards of other very catholic country in Europe, Poland" (1992: 303). FAHEY, Tony. 1992, Catholicism in Ireland. in: CLANCY et al (eds). 1992, *Ireland & Poland*: comparative pespectives. Dublin: University College Dublin. pp. 303-13.

²⁶ A respeito, como referido antes na tese, vide O'NEILL, Eoin. 2013, Cruzando, construindo e atenuando fronteiras: identidades, formação do estado e o fim da Irlanda gaélica. *Anais* do SILEL 2013. Vol. 3, No. 1. Uberlândia: EDUFU e O'NEILL, Eoin. 2015, Uma dança de mal-entendidos: religião e conceitos de poder na Irlanda elisabetana. PAVÃO, Eduardo et al. (orgs), *Anais* da X Semana de História Política: minorias étnicas, de gênero e religiosas. Rio de Janeiro: UERJ. pp. 906 -16.

'univocidade' que parece ter adentrado a cena pública da existência irlandesa, coerente com uma narrativa de 'unidade nacional', que foi essencialmente vitoriosa. Houve, porém, uma outra dimensão, associada à *talkativeness*, expressa também na literatura - e os processos de censura provavelmente não foram fortuitos, assim como as tentativas de substituir o PR-STV por outro sistema eleitoral. Mais do que tudo, um certo busílis da tese, manteve-se a 'certeza' da multiplicidade e da inadequação, dos riscos de violência implicados em qualquer fixidez, quase que o oposto exato dessa 'univocidade', ao nível de 'cada um'. Esteve ligada ao PR-STV e às suas consequências em termos de relação das 'pessoas comuns' com os candidatos, nas *clinics* que como que são obrigados a oferecer, no contato próximo com quase todos os eleitores da sua *constituency*, do seu distrito eleitoral, que o *canvassing* envolve. Tem reflexos diretos ao nível dos *county councils* mas também do Oireachtas, particularmente no Dáil, marca modos como os candidatos se apresentam e desenvolvem seus exercícios. Isto encontra um paralelo no modo como 'cada um' se percebe a si própria e na construção do 'corpo político' da esfera representativa direta, quanto à qual, dessa maneira, é operado um forte controle, além de manter um 'vínculo' com a existências dos 'sujeitos' que estão na sua fonte.²⁷

Diferentemente de Portugal ou da Espanha, a Irlanda entrou a 'experiência moderna' como um país democrático e assim permaneceu. Portugal não teve nenhuma guerra civil expressa, após a da primeira metade do século XIX. Das 'revoluções que desciam o Chiado', nenhuma delas teve um sentido unificador, que o 'regime' de Salazar depois buscou construir, enquanto tentava inviabilizar qualquer multivocidade. A Espanha cindiu-se, numa cisão européia, e a ditadura logo assumiu caráter de garrote. O preço dos restabelecimentos de 'unidade' en Portugal e Espanha foi altíssimo e seu tempo ultrapassou a Segunda Guerra Mundial. A Irlanda 'sempre foi' democrática e seu brandir de 'evidência necessária' de democracia face ao império britânico foi um dos elementos-força tentando unir seu 'clamor' independentista com outras partes do mundo ocidental, inclusive Estados Unidos. É possível que o custo de uma 'não-democracia' fosse alto demais, no gênero de alianças almejadas nesse cenário. Parece, contudo, que a guerra, a Guerra Civil jogando papel prepoderante, fosse mais significativo. Havia uma enorme multiplicidade antes, inclusive como expressa, nessa frente de cena mais evidente, nos atores que tomaram parte do Levante da Páscoa de 1916. Na Guerra Civil, teve-se um país dividido em dois, antes mesmo da existência de um 'país' - num modo bem diferente do da Espanha. Uma analogia poderia assim ser feita - ainda que as dimensões e o 'peso' no cenário internacional a possem tornar relativa - com a guerra

²⁷ A dívida para com o pensamento de Clastres é por demais evidente, particularmente CLASTRES, Pierre. [1974] 1978, A sociedade contra o estado: pesquisas de antropologia política. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

civil americana. Trata-se de garantir a existência de uma 'unidade', 'nacional' com e apesar da radical cisão havida. O jogo 'democrático' e seus pressupostos surgem pois como uma condição, ainda que 'mínima', para essa garantia de 'nacionalidade' - de 'paisanidade'. É claro que isso não é sem condições, como já Tocqueville desenhava com limpidez para a América. No caso irlandês, ao menos, aceita-se um todo que vai além, bem além, um valor suficientemente extenso para garantir a supressão das diferenças evidentes. Que garante também que, mesmo no jogo democrático, esferas da vida 'mundana' estarão contidas na afirmação de 'comunidade', de partícipe num 'todo' do qual a 'democracia' é apenas um elemento externável mas, não obstante, fundamental - inclusive para a possibilidade de tentar, uma, mais e muitas vezes, reverter jogos dominantes e alçados a 'consensualidade'.

O primeiro governo do Free State - e os governos até 1932 - era liderado pelo lado que fora favorável ao Tratado, cujo partido principal era o Cumann na nGaedheal - que, em 1933, já depois do Fiana Fáil ter assumido o poder, após fusão com outros grupos, se transforma no Fine Gael. Garvin credita a esse governo, com destaque para alguns de seus líderes²8, a garantia do 'caminho democrático' que a Irlanda iria seguir. Considera que a Irlanda fora "recreated as an English-speaking country, subject to laws modelled substantially on those of England, in the seventeenth and eighteenth centuries" (1994, op.cit.: 195), cuja permanência e a implementação de medidas, inclusive de força, por parte desse governo, no sentido de garantir um estado burocrático moderno, foram a base e garantiram a 'história democrática' que se desenrolará. O *Censorship of Publications Board* foi criado em 1929 - e continua em existência, apesar de praticamente não ocorrerem mais proibições. Sua função é proibir qualquer livro ou revista que considere obsceno.²9 Essa censura atingiu vários escritores, inclusive de relevo internacional, inclusive, só para ficar num exemplo aqui longamente usado, Frank O'Connor. Em 1925, o então ministro da Justiça, Kevin O'Higgins, achava

_

²⁸ Nas conclusões, Garvin destaca:

^(...) in the Ireland of the 1920 a key group of almost forgotten but brilliant people, principal among them William Cosgrave, Hugh Kennedy, Kevin O'Higgins, and Kevin O'Sheil, created the polity that de Valera inherited and tried desperately and unsuccessfully to refashion after his own ideas and, in a way, after himself. De Valera was, strangely, the ultimate Free Stater: he legitimised the polity he did so much and so energetically to delegitimise ten years earlier. Furthermore, the electorate permitted its reluctant servant to get away with this rebaptism and become its leader and, eventually, obedient servant (1996: 194).

GARVIN, Tom. 1996, 1922 - The birth of Irish democracy. Dublin: Gill & MacMillan.

²⁹ A referência da Wikipedia:

The Censorship of Publications Board is an independent board established by the Censorship of Publications Act, 1929 to examine books and periodicals that are for sale in the Republic of Ireland. It is governed by the Censorship of Publications Acts of 1929, 1946 and 1967. The Board has the authority to prohibit any book or periodical that they find to be obscene. This makes it illegal to buy, sell or distribute that publication in the Republic of Ireland. The Board prohibited a large number of publications in the past, including books by respected authors. However, since the 1990s it does not prohibit publications very often. https://en.wikipedia.org/wiki/Censorship_of_Publications_Board_(Ireland) . Acesso 2017-11-20.

suficientes as leis de censura que existiam, no que não era, todavia, secundado por grupos vocais do 'público', pelo que convoca uma comissão, constituída por um professor de literatura, dois deputados, um clérigo protestante e um católico, que acabam por defender que o rigor precisava ser aumentado e que acabou por redundar na criação do Censorship Board. É interessante pensar que essa dimensão, 'intermédia' por assim dizer, onde a censura se implementou correspondeu aos esforços de definição 'social' do que a Irlanda 'devia ser' - e, não parece haver muita razão para duvidar, esteve ligada às práticas sequentes de controle e abuso sobre o feminino, sobre as crianças, sobre os 'desviantes' (inclusive em termos de criação de categorias associadas a 'saúde mental'), sobre corpo. Para além disso, no nível explícito, de certo modo afetou sobretudo os 'intelectuais', que, por essa via, sofreram um alijamento, que durou pelo menos até a década de 1950, da participação que desejavam, contavam ter nos desenhos, nesse caso razoavelmente múltiplos, da entidade Irlanda. Em mais um desses paradoxos apenas aparentes, isso talvez tenha feito com que o 'cidadão / homem comum', o que nos momentos mais recentes da tese acabei por nominar sob 'vozinhas', guardasse uma espaço maior de existência 'pública' do que teria ocorrido caso representações de 'intelectuais' tivessem ganho um domínio mais expressivo da cena. Não se quer com isso dizer, muito pelo contrário, que os controles sociais face a face não estivessem presentes, como denunciado, para voltar a apenas um dos exemplos mencionados antes na tese, em The valley of the squinting windows³⁰, mas apenas que esse 'espaço' não foi ocupado, ao menos não de forma direta, e, assim, pode, no sentido mesmo do bem da distância colocado por La Boétie, permanecer existindo, 'fora de controle' e, no caso peculiar da organização que se configurou na Irlanda, numa ligação boa com os mecanismos voltados para definir a representação política formal. Por outro lado, isto foi consentâneo à ausência de qualquer impedimento à 'contestação' (esse elemento fulcral na democracia dahlsiana) no cenário político direto, para o que, como ainda agora vimos Garvin destacar, foi fundamental o papel desempenhado pelas elites políticas. Assim, ainda que apenas a título de 'exercício' com autores 'clássicos' - como os a que os alunos são apresentados num curso de Teoria Política II... -, vale a pena o esforço de reflexão que se segue, de ver como alguns 'elitistas' e 'realistas' podem ajudar a situar e pensar esse funny place chamado Irlanda, seus alvores e

-

³⁰ MacNAMARA, Brinsley (John Weldon). [1918] 1968, *The valley of the squinting windows*. Tralee: Anvil Books. O título do livro se tornou sinônimo da 'pequenez' local e dos exercícios associados de controle social. Cumpre, porém, observar que foi escrito em 1918 e, nesse sentido, que está junto com toda uma corte de 'denúncias' na mesma linha propostas pelo 'realismo literário', inclusive o português, com que tive ocasião de lidar na dissertação de mestrado. PORTELA, Irene. 1992, Dos *brasileiros*, da civilização e de África: um estudo antropológico da identidade nacional portuguesa na segunda metade do século XIX. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). PPGAS / MN / Universidade Federal do Rio de Janeiro.

experiência democrática correlata - essa mistura de país do Eldorado com jardim a plantar; ou a viver, a incorporar, a partilhar com tantos - é o que será tentado na seção seguinte. Não me abandona Pangloss...!

II

Vai-se assim aqui propor uma breve, e talvez algo leviana, leitura do 'nacional' irlandês, com seu aspecto fundacional dramático, de guerra e Guerra Civil, e com o de 'normalidade democrática' e relativa 'supressão de história', produção de diferença e narrativa de homogeneização - inclusive via caracterizações constitucionais e políticas a respeito do catolicismo e de *gaeilge* (*Irish*) -, a partir de algumas discussões que estiveram na base da reflexão política relativamente recente. Nesse sentido, busca-se também apresentar algumas caracterizações, e dificuldades aí implícitas, mesmo que um pouco desfasadas, que permitiriam pensar o 'nacional' como político, num certo sentido 'politizá-lo'31.

Schumpeter e Olson constituem duas referências 'fortes' da reflexão política do século XX. Trabalhos deles estão entre aqueles cuja aproximação com o assunto soa mais difícil. Talvez que uma das razões para tal seja, paradoxalmente, sua importância para o pensamento político moderno, a ênfase na distinção entre mundos público e privado e na 'racionalidade' que prevaleceria na esfera política, que obedeceria a uma lógica própria e, por assim dizer, ausente da 'ciência do cidadão comum' (numa espécie de 'ciência do cidadão nacional', bem como, se quisermos, do 'nacional' em si). Schumpeter nos diz, sobre o que julga ser a incapacidade do eleitor de influenciar *outputs*, resultados, políticos, que

o cidadão privado que medita sobre a situação nacional não encontra campo de ação para sua vontade nem tarefa em que ela possa se desenvolver. Ele é membro de um comitê incapaz de

³¹ A historicização do 'nacional e de diferentes nacionais tornou-se preocupação evidente nos trabalhos da maioria dos autores que tratam do assunto. Além de Handler e Herzfeld, mencionados na seção anterior, é conhecida a perspectiva de Benedict Anderson, Gellner, Greenfeld, Hobsbawn... Uma certa 'politização' tem sido, por outro lado, concorrente com essa perspectiva. Em artigo de 1992, Reis, por exemplo, ressalta que: if the nation-state appears as a historical invention of modern Western Europe, the world's evolution towards a

collection of nation-states does not mean that all of these have repeated the original model. (...) The identification of distinctive patterns of citizenship linked to basic models of nation-state becomes possible when we renounce both mechanical conceptions of history as well as the search for the singularity of one experience (1992:24).

REIS, Elisa P. 1992, Nationalism and citizenship: bringing history back in. *International Forum on Development Problems*: nation, tribe, citizenship - the crisis of the State in contemporary societies. Rome. December 2-4, 1992. Cerfe / Stesam.

Embora de uma perspectiva de certo modo mais valorativa, Ruben toca em aspecto semelhante:

a nacionalidade não é a defesa das tradições e valores da sociedade, mesmo porque estes não possuem uma natureza irredutível. Mas também não é o fim da sociedade no seu caminho para a democratização. A nacionalidade continua a ser uma relação social que caracteriza o momento da história universal que nos toca viver. Mas também se transforma e, com ela, se transforma a sociedade universal na sua totalidade. O para quê da nacionalização se localiza justamente neste lugar (1987: 85).

RUBEN, Guillermo Raúl. 1987, O que é nacionalidade. São Paulo: Brasiliense.

funcionar - o comitê formado por toda a nação - e é por isso mesmo que emprega menos esforço disciplinado para dominar um problema político do que gasta numa partida de bridge (1961³²: 318).

Para ele, é consabido, a democracia é apenas um método capaz de produzir governo. Não reflete diretamente preferências do eleitorado, ou da maioria - mesmo que fosse possível qualificá-la. É dentro da oferta, de lideranças que se tornaram políticas, entre os que têm nos votos - e não são donas de casas preocupadas com o preço das laranjas ou com aparelhos domésticos (cf., p.e., Ibid: 314-5) - seu negócio e foco de interesse - para empregar imagens do texto de Schumpeter -, que escolhas podem ser feitas pelos eleitores³³. Schumpeter aceita a existência de 'vontades coletivas autênticas'. O ponto, contudo, é o de que "essas vontades não se afirmam diretamente. Mesmo que fortes e definidas, elas permanecem latentes, (...) até que são ressuscitadas por algum líder que as transforma em fatôres políticos" (Ibid: 329). A democracia passa pois a ser definida como "concorrência livre pelo voto livre", semelhante à concorrência expressa num "conceito de luta pela liderança" (Ibid: Ibid) e o "método eleitoral" torna-se em "pràticamente o único exeguível, qualquer que seja o tamanho da comunidade" (Ibid: Ibid). Schumpeter crê que "ao estudar as sociedades humanas, não encontraremos habitualmente dificuldades em especificar, pelo menos com relativo bom senso, os objetivos que essas comunidades procuram atingir" (Ibid: 342). Todavia, "a política", o "método democrático" ao menos, não guarda nenhuma relação essencial com tais aspectos cujo atendimento pode, quando muito, surgir como sub-produto do governo - nos mesmos moldes, aliás, em que legislação é um sub-produto da atividade parlamentar. Na sequência da última citação feita, Schumpeter digressa:

Pode-se dizer que êsses objetivos fornecem a razão de ser ou o significado de atividades individuais correspondentes. Mas não se segue que o significado social de um tipo de atividade forneça necessàriamente a mola propulsora e, daí, sua explicação. Se não fornece, uma teoria que se contente com uma análise do fim social ou necessidade a ser atendida não pode ser aceita como explicação bastante das atividades a que serve. (...) Da mesma maneira, o significado social ou função da atividade parlamentar é evidentemente votar legislação e, em parte, medidas administrativas. Mas, para compreender de que maneira a política democrática serve a êsse fim social, devemos partir da luta competitiva pelo poder e cargos e compreender que a função social é preenchida apenas incidentalmente, por assim dizer, da mesma maneira que a produção é incidental à obtenção do lucro (Ibid: 342-3).

Para Schumpeter, o mundo da política não é pois o do 'cidadão comum'. Ele limita-se a dar seu voto, a corroborar para que uma entre as opções ofertadas seja a resultante. Tem um

³² SCHUMPETER, Joseph A. [1942] 1961, Parte IV - Socialismo e democracia. ____. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Rio de Janeiro: Ed. Fundo de Cultura.

³³ No tocante à questão direta da escolha de representantes, Schumpeter coloca: "A escolha, glorificada idealmente como o chamado do povo, não é iniciativa deste último, mas criada artificialmente. E essa criação constituiu parte essencial do processo democrático. Os eleitores não decidem casos. Tampouco escolhem com independência, entre a população elegível, os membros do parlamento. Em todos os casos, a iniciativa depende do candidato que se apresenta à eleição e do apoio que possa despertar" (Ibid: 343; destaque do autor).

papel, que inclui a relativa manutenção de ordem, de governo, como sub-produto, mas apenas desde que os "eleitores comuns" respeitem "a divisão de trabalho entre si e os políticos que elegem" (Ibid: 357). Desse modo, é um partícipe acidental, não constitutivo. O 'indivíduo' - se a expressão é cabível - preocupa-se e mobiliza-se com coisas que ocorrem nos seus vários pequenos mundos, aqueles, semelhantes ao jogo de bridge [o dos pistaches], onde suas decisões têm retorno 'vísivel'. Para efeitos da 'política' é apenas massa, número. O mundo, seja ele o da economia, cujo princípio é o da obtenção de lucro, ou o da política, cujo princípio análogo é o de candidatos tentando conseguir votos, não pertence a indivíduos, ao menos enquanto componentes da 'massa' de eleitores. Aliás, não caberia sequer - parece possível colocar nesses termos - pensar se o político profissional ou o empresário têm 'noção', 'razão', das regras efetivas de processamento desses universos, de suas propriedades inelutáveis³4. Em tal credo 'realista', é como se só interessasse o que os 'pensantes', elaboram, do alto de sua distância jamais engajada, as coisas 'tais quais são' - um pouco ao modo da distância e da separação, da autonomia, dos 'campos de saber' assim afirmados³5 como apartados do mundo vulgar, 'vivido'.

_

³⁴ Talvez valha a pena notar que Durkheim, nas suas *Lições de sociologia* que tratam de "Moral cívica", apesar de partir de uma sociologia razoavelmente diferente e onde o credo numa possibilidade de que os indivíduos se deem conta da 'necessidade da subjugação - na verdade, quase que ao modo de possibilidade de 'superação' potencialmente universalizável - joga papel importante, também parece supor a existência de uma 'ordem' em si. Se se deixar de lado o 'evolucionismo' e a volição de um sentido na história da espécie humana que Durkheim tem, ou seu 'otimismo de racionalista, bem como o papel potencial dos 'indivíduos' daí decorrente, uma analogia poderia ser traçada, como quando afirma, por exemplo, que: "Lo que hace verdaderamente el respeto de la ley, es que ésta exprese adecuadamente las relaciones naturales de las cosas; sobre todo en una democracia, los individuos no la respetan sino en la medida en que le reconocen este carácter" (1974: 104). É evidente que a afirmativa de Durkheim de que o estado tem que 'estar fora' e 'ser independente', até dos indíviduos, de cuja condição de desenvolvimento é peça-chave, e para os quais não é provedor de socialização - os "grupos secundários" é que jogam esse papel cujo alcance deve, não obstante, ser permanentemente neutralizado pelo estado - pressupõe uma 'ilustração' que está muito distante do desenho schumpeteriano do primeiro-ministro, desse cavaleiro que tenta a duras penas manter-se na sela; e de quem, quase que apenas por uma fortuituidade depende, não obstante, a manutenção de um mínimo de ordem, aceite pelos comuns. DURKHEIM, Émile. [vários, 1950] 1974, Lecciones de sociologia: física de las costumbres y del derecho. Buenos Aires: Schapire. (Lecciones Cuarta a Novena; pp. 44-106).

³⁵ Será que Maquiavel ficaria envergonhado por seu maquiavelismo - teria noção do 'bicho' que estava criando? Isso pode parecer outro problema, mas talvez não tão distante quando se pensa como, por exemplo, O'Brien, que: The grand defence and justification of Machiavelli has always been, and remains, the fact that he founded the scientific study of politics. Others had talked about politics as it ought to be. Machiavelli cleared the cant away, and tried to 'tell it like it was'. He simply told the truth about how power works. [...] I believe it to be mainly true, but subject to more qualifications than it usually gets. The fact that the initial impetus is not scientific but patriotic does not invalidate the scientific character of the work itself [...]. But the patriotic intent does imply that, where the author has found something which he believes to be true, he will also wish to persuade the reader that it is true: the unscientific temptation to pile on a bit enters here. [...]

These considerations by no means negate the well-founded claim that Machiavelli is the father of political science. On the contrary they reinforce this: he was a funny kind of father, for a funny kind of science (1972: 28-9).

O'BRIEN, Conor Cruise. 1972, The ferocious wisdom of Machiavelli. ____. 1972, *The suspecting glance*. (The T.S. Eliot Memorial Lectures, delivered at Eliot College in the University of Kent, at Canterbury, November, 1969). London: Faber and Faber. pp. 15-31.

Schumpeter não parece estar nem um pouco preocupado, nesse sentido, com 'participação'. Uma esfera, tal a da política ou a da economia, existe ou não. Em existindo, cada sujeito privado é mero número. Não há "bem comum" e, portanto, "vontade comum" (p.e., Ibid: 305), assim como não há "vontade do povo"; embora possa, para ele, chegar a ser dificil afirmar-se que não há "vontade de uma nação" (p.e., Ibid: 308) - uma vez aceito que essa unidade tem existência. O ponto essencial é que tais 'áreas' partilham de uma 'lacuna de razão': "embora possa surgir ainda algum tipo de vontade comum ou opinião pública do emaranhado infinitamente complexo de situações, vontades, influências, ações e reações individuais e coletivas do processo democrático, os resultados não apenas carecem de unidade, mas também de sanção racional" (Ibid: Ibid). Não há possibilidade de se descobrir, no tumulto que compõe a variedade dos eleitores, uma 'unidade' ou 'consenso'. Há 'dissenso' e 'desrazão'; e isso faz sentido a partir duma perspectiva antropológica - ou, nos termos de Schumpeter, de "natureza humana na política" (Ibid: 320) - que assuma que:

há em funcionamento um eficiente mecanismo (...). (...) [mas] nem a intenção de agir tão racionalmente quanto possível e nem uma pressão constante para a racionalidade podem ser sèriamente cogitadas (...).

A mesma coisa acontece com a maioria das decisões da vida diária, situadas dentro do pequeno campo que a mente do homem pode abarcar com inteira compreensão de sua realidade. A grosso modo, consiste das coisas que interessam diretamente ao indivíduo, sua família, negócio, *hobbies*, amigos e inimigos, cidade ou bairro, classe, igreja, sindicato ou qualquer grupo social de que êle seja membro ativo, enfim, as coisas sob sua observação direta, os fatos que lhe são familiares independentemente do que o jornal diz, que êle pode influenciar ou decidir diretamente e para as quais êle desenvolve uma espécie de responsabilidade, induzida por uma relação direta entre os efeitos favoráveis e desfavoráveis de um determinado curso de ação (Ibid: 315).

O campo das "vontades individuais relativamente definidas" (Ibid: 316) é, pois, muito estreito. É possível que "assuntos nacionais" interessem "aos indivíduos e grupos tão direta e ineludivelmente que provo[quem] vontades genuínas e bastante definidas" (Ibid: 317). Para Schumpeter, há, porém, algo 'anterior': no limite nenhum tema, ou 'vontade' é pré-existente; o humano, nesses termos, é inelutavelmente da ordem do curto prazo. Nos termos dele, "A História (...) consiste de uma sucessão de situações a curto prazo que podem alterar para sempre o curso do acontecimentos". É nesse contexto que, inclusive, se deve explicar a sobrevivência da doutrina clássica de democracia, como "um ideal, ou melhor, parte de um

Schmitt, ao tratar da "publicidade de opinião" - no seu modo próprio de *clear the cant away* -, destaca que as "duas lógicas" são tanto inerentemente distintas como acabaram por estar imbricadas:

Ao ideal do poder de uma técnica política contrapõem-se agora os conceitos de direito e de justiça. (...) No histórico das ideias, a controvérsia é só um exemplo da antiga luta entre poder e direito: a técnica maquiavélica do poder é combatida com um ethos moral e jurídico. Mas essa caracterização não é completa, porque aos poucos desenvolvem-se exigências específicas contrárias: justamente aqueles dois postulados da publicidade e do balanceamento de poderes (1996: 37).

SCHMITT, Carl. [1923, 1926] 1996, A crise da democracia parlamentar. São Paulo: Scritta.

sistema ideal de coisas", "uma bandeira, um símbolo de tudo que o homem admira, de tudo que ama em seu país, seja razoàvelmente justificado ou não" (Ibid: 322-4). Poderia, mais ainda, pode tornar-se "ideologia nacional", do que os Estados Unidos são um bom exemplo (Ibid: Ibid). No contexto norte-americano 'a revolução democrática significou o advento da liberdade e da decência. O credo democrático constituía um evangelho de razão e melhoramento" (Ibid: 325) - o que se coadunaria perfeitamente com uma abordagem de caráter contingencial. De qualquer forma, a menos, e ainda, que se trate de um "país de camponeses", de um país, como a Suiça, onde "são tão simples e estáveis os problemas da política pública, que se pode esperar que a maioria do povo os entenda e concorde a respeito dêles" (Ibid: Iid), a "decisão política" proviria de outra 'razão'; de uma outra esfera que é, também, aquela cuja lógica importa considerar - e, nesse sentido, afirmar. É desta forma que a 'nação' como que aparece para Schumpeter como base exemplar para a apatia do "cidadão comum" - como na famosa citação do interesse no jogo de brigde versus a incapacidade de agir o comité nacional - mas também como lugar do processamento do arranjo institucional democrático. O "povo", esse que apenas tem "oportunidade de aceitar ou recusar aquêles que o governarão" (Ibid: 346) é o dos espaços nacionais, os que vão além das Suiças e, portanto também, de unidades ou possibilidades de reunião "debaixo da tília". Quando trata das condições que considera necessárias para o êxito democrático, restringe-se às "grandes nações industrializadas de tipo moderno" (Ibid: 352). Tornam-se, assim, tanto em fonte explicitadora do descarte do tema da 'vontade' como no lugar que Schumpeter releva para desenhar a sua engenharia política. É nesse espaço que se encontrará ou não "material humano da política (...) de qualidade suficientemente alta", "uma camada social, em si mesma produto de um processo rigorosamente seletivo, que aceita a política como coisa perfeitamente natural" (Ibid: 352-3), bem como uma "bem treinada burocracia" (Ibid: 355). É o conjunto que deve ser capaz de "autocontrôle democrático", de "subordinação voluntária" (Ibid: 357; itálico no original). Quanto a sua viabilidade Schumpeter é muito claro:

o govêrno democrático funcionará com o máximo de vantagem apenas se todos os intêresses importantes forem pràticamente unânimes na lealdade ao país e aos princípios estrutrurais da sociedade. Tôdas as vêzes que êsses princípios forem demasiados e surgirem casos que dividam a nação em dois campos hostis, a democracia funciona deficientemente. E pode deixar de funcionar por completo logo que os interêsses e ideais estejam em conflito e a respeito dos quais o povo se recuse a entrar em acôrdo.

Ou, generalizando (...), o método democrático estará em situação desvantajosa nas épocas de crise (Ibid: 358-9).

Ou, para recorrer ainda a outra passagem: "não se pode esperar que a democracia funcione satisfatòriamente a menos que a vasta maioria do povo, em tôdas as classes, esteja resolvida a observar as regras do jôgo democrático e que essa observância, por seu turno, signifique que

todos concordam bàsicamente sôbre os princípios fundamentais da estrutura institucional" (Ibid: 365). Sintetizando, parece que a questão é dupla. Há, por um lado, o fato de que é a oferta que produz demanda, que a democracia é apenas um método institucional para que os eleitores exprimam suas preferências entre as que vão sendo colocadas no cenário pelos empresários da política. Nessa lógica, os "cidadãos comuns" não têm razão para participar do jogo. Como Cossío salienta, "la apatía tiene un determinante central cual es la desigual distribuición de poder. No obstante, Shcumpeter diferentemente de sus predecesores realistas (Mosca, Michels y Pareto) no se detiene a estudiar las causas o los mecanismos que expliquen esa distribución de poder" (1996³6: 24). Por outro lado, há a atenção ao jogo de bridge, que não se resume à possibilidade de avaliação comparativa do preço das laranjas, seu tamanho ou formusura. É notável, como visto acima, que a lista de Schumpeter de "coisas que interessam diretamente ao indivíduo" seja ampla o suficiente para abranger "qualquer grupo social de que êle seja membro ativo". A distinção reside pois entre "coisas sob sua observação direta" e aquelas cujos efeitos lhe escapam, aonde estaria condenado à passividade de aceitação das regras institucionais³7, ser mero número, descartável enquanto membro.

Como transportar tal proposta para uma reflexão sobre o espaço do 'nacional', no sentido a que se o referia antes? Um ponto, que Schumpeter refere como que só *en passant*, é

³⁶ COSSÍO, Maurício F. Blanco. 1996, *Schumpeter y la democracia como método*: una revisión de los principales postulados. (Trabalho de curso - IUPERJ). mimeo.

³⁷ Aqui novamente caberia uma analogia com Durkheim e a 'necessidade', na sua construção, dos grupos secundários - espécie de substitutos dos 'tipos segmentares' de que trata particularmente na Divisão do trabalho social -, com sua face corporativa, como elemento garantidor de socialização de 'indivíduos' - dessa latência liberada - que, não fora tais grupos, perderiam seu caráter humano, sua essência, social. Como mencionado em nota anterior, nas Lições de sociologia, o estado, também para Durkheim, é de uma outra 'ordem' da dos grupos secundários. Deve prover tanto controle desses grupos para que não constranjam excessivamente o indíviduo (quando se tornariam em meros tipos segmentares) quanto funcionar como orgão 'autônomo' de reflexão. Nesse sentido, também se coloca para Durkheim o problema da importância de diferenciar unidades sociais, diferença que decorreria, como explicita na Divisão do trabalho social, dos seus diversos "volume e densidade" (migrações jogando um papel menor e mais delicado). Se numa interface mais ou menos seguida os sujeitos estão em 'permanente' socialização (e aqui O suicídio é a obra que ilustra melhor esse ponto da concepção durkheimiana), embora haja sempre o fantasma de que se tornem meros membros da "horda" ideal (pensando-se a horda como contraponto necessário da questão central de Durkheim de como conjugar "indivíduo" com "coesão", sociedade). Os grupos secundários seriam pois, nas sociedades "civilizadas", complexas, nas nações modernas do seu tempo, esse elemento duplo de possibilidade e condição de exercício do valor de individualismo com coesão social, com existência. É claro que o ponto - de partida e de chegada? - de ambos é distinto, na medida inclusive em que Schumpeter não parece estar interessado em tais condições de coesão. Contudo, é como se Durkheim também só endereçasse a questão do 'nacional' - para ele do estado - como contigência. Uma potencialidade de universalismo, de - forçando os termos - 'compreensão' por todos os indivíduos de sua necessária sujeição ao seu ser, social e, portanto, sua latência como 'todos' potenciais, ele situa - diferentemente de Marx - apenas como eterno ponto de fuga. Nesse sentido é que permanecerão presos à necessidade de grupos 'diretos', ainda que pervasivos, como *locus* produtores, ao mesmo tempo, de socialização e de participação, de exercício de diferenca. Ou seja, a solução do 'salto' para unidades do tipo 'nacional' parece ser (não) resolvida, tanto por Durkheim como por Schumpeter, ao modo de postularem, o primeiro uma universalização - que teria que conter o realizar do todo por cada indivíduo -, uma possibilidade inscrita na ordem do humano, e, no caso do segundo, uma independência entre esferas, que se distinguiriam pelos 'sentidos' diversos que os sujeitos têm de diversas ações.

o da eficácia da democracia como ideologia, em particular da formulação clássica de democracia. Schumpeter menciona o caso americano e seria quase que 'descobrir a pólvora' dizer que diferenças na leitura da 'crença' democrática estão ligadas a diferentes experiências nacionais. Isso não impede, pois, que um sistema do tipo do PR-STV e que uma série de atributos que são destacados para sua permanência, seja lido junto com o 'caso' irlandês. Mais, contudo, o PR-STV acaba por ser um elemento 'ativo', tanto de uma 'diferença' como dos modos de processamento democrático do país e - nessa perspectiva -, uma das condições da própria adesão, se se quiser vê-la, à "democracia como método", embora aqui se esteja em terreno alheio a Schumpeter. A referência que faz à representação proporcional vai no sentido da denúncia de sua ineficácia, mas, sobretudo, de sua invalidade de princípio, a partir da teoria de democracia que enuncia:

É (...) óbvio que a representação proporcional dará oportunidades não apenas a todos os tipos de idiossincrasias, mas impedirá que a democracia forme governos eficientes e constituirá um perigo em tempos de crise. (...) Se a aceitação da liderança é a verdadeira função do voto, a defesa da representação proporcional cai por terra (...). O princípio da democracia, então, significa apenas que as rédeas do govêrno devem ser entregues àqueles que contam com maior apoio do que outros indivíduos ou grupos concorrentes. E esta definição, por seu turno, parece assegurar a situação do método democrático' (Ibid: 332).

Dito de outra maneira, a permanência ou não de democracia, ao menos quando pensada da perspectiva de 'nações', dependeria, para ele, de causas inteiramente 'externas'; de algumas das variáveis que lista. A denúncia da ilusão que estaria contida na "doutrina clássica da democracia", ligada ao encontro da "razão real" da política que empreende, como que acaba por pressupor que esta tem que estar 'ausente', ser autonomizada, independer de outras esferas da vida social - no mesmo sentido talvez em que independe dos "cidadãos comuns". Desta forma, como pensar razões ou eficácias 'outras' da democracia (e qual democracia certamente não seria, para ele, nesse sentido, uma questão), se se trata meramente de um método - cujo interesse em termos de produção de governo e ordem não deixa, não obstante, de advogar?

Por outro lado, parece que a linha divisória entre as esferas que estão sob 'observação direta', que os sujeitos julgam poder influenciar, e a que tem que ser lida sob a ótica daquilo 'que é' passa pelo 'nacional'. Como se as 'nações' fossem não apenas base de existência ou não de uma engenharia política democrática mas também exemplo de tudo o que escapa ao vulgo. A persistência da ilusão da voluntariedade vem, assim, junto com a possibilidade de um retorno, da ordem do palpável. Uma espécie de terreno micro seria ainda outorgável aos comuns; aí eles poderiam efetivamente resguardar algum poder, exercer sua racionalidade própria. A existência de um tal lugar torna-se, contudo, tênue se se inverter o raciocínio. O

que se insinua, então, é - embora apenas isso - que só pode influenciar terrenos 'desinteressantes', ainda por cobrir por razões maiores; se é que tais campos terão relevância. De qualquer forma, nessa afirmação da autonomia e da razão da 'política', não há uma sequência entre a 'participação' - ou motivos para tal - dos sujeitos em unidades que podem ser tão alargadas quanto um sindicato, potencialmente portanto abrangendo espaços nacionais, e as que, mesmo que assumindo-se sua forte aleatorieade, têm a 'força' de unidades, distinções, 'nacionais'. Ou seja, ainda que tentando traduzir 'minimamente' pontos de Schumpeter, é como se não houvesse nenhum motivo para distinguir entre o sujeito que participa - e se crê ator - de uma associação de bairro qualquer e o que é membro dessa entidade nação. Não obstante, a divisão parece, para ele, fulcral. Num há uma 'razão' possível de ser divisada, ao passo que a outra é, quando muito, algo curioso. Como é que se poderia, nesses termos, alargar 'fundamentos da política', uma 'paternidade schumpeteriana', ao esforço de reflexão sobre os marcos sobre os quais uma diferença, apontada como 'permanência democrática', se construiu mas, muito mais, parece permanecer 'disputando', 'divertindo-se' com? É claro que Schumpeter permite esclarecer vários pontos, como a falácia de se falar abstratamente em 'democracia', ao modo em que vimos Kee tentar argumentar a respeito da política do Sinn Féinn e de Collins no período da Guerra Anglo-Irlandesa ou do Tratado. As colocações de Kee seriam, por um lado, 'ideológicas', tributárias de uma certa crença clássica. Por outro, a "democracia como método" é sempre, necessariamente, imprópria em tempos de crise. Nesse sentido, também seria possível ler a ascensão de De Valera aos vários papéis que assumiu de liderança - e sua combinação com a prática do método democrático (mas isto só é possível ao custo de se esquecer o PR-STV, o recurso ao referendo, o modo de formação e operação de governo) -, como fruto da saída da Irlanda de uma 'situação de crise', "em que é mais sensato abandonar a liderança competitiva e adotar a monopolista" (Ibid: 359). Ou, até, ler a disputa e o comportamento comparado entre Collins e Dev sob a perspectiva de uma relativa possibilidade de luta de lideranças em tempos de crise, com mera adesão relativa ao método. Mas até isso seria de pouco interesse numa perspectiva schumpeteriana. O ponto principal permanece pois o de que forma ligar o seu 'realismo', essa sua exigência de que a "razão da política" seja considerada como uma esfera àparte, com uma reflexão que incorpore o nacional como algo além de um espaço 'neutro', pré-definido onde o "método democrático" é ou não praticado. Para mais uma vez inverter termos de Schumpeter, será que (uma tal) 'política' não pode ser lida como 'ativa' de um nacional também 'ativo' ou há que vê-la apenas como um metro de razão desapaixonada, des-historicizada, 'despolitizada' - vida esta relegada aos pequenos mundos ilusórios dos cidadãos comuns? Ou, dito de outra maneira, se o nacional é base para a prática ou não do "método democrático", não seria conveniente poder pensar sua relação com essa prática - a cuja afirmação tanta importância é outorgada - e com as características que ganha em cada processo específico, em cada jogo que não pode prescindir de - ao menos alguns - 'cidadãos nacionais' para que uma 'razão', de estado inclusive, em si mesma exista?

Um problema correlato que ficaria é o de por que é que os indivíduos aceitam as regras do jogo do método democrático. Uma vez postulado que não têm influência sobre os resultados, os *outputs* políticos, porque se dariam ao trabalho de exprimir suas preferências, de contribuir minimamente para a escolha desse líder / primeiro-ministro? Se, ainda, as esferas sociais em relação às quais é racional que ajam e 'se interessem' - as únicas, portanto, onde preferências podem ter alguma nitidez e 'força' - estão destacadas do plano do poder, alguma relação entre ambos os níveis teria que existir, ao menos logicamente, para que a própria ideia de "expressão de preferências" seja provida de conteúdo. O argumento de Olson parece endereçar tal problema, numa visão, de certo modo, ainda mais 'desencantada' que a de Schumpeter. Há uma sociologia, implícita - em parte comum à de Schumpeter -, ligada a 'tamanho' - se tal expressão cabe - como quando afirma que os "grupos primários" pequenos exercem atração muito maior do que as "grandes associações" (197138: 20). Nesse sentido, a ação coletiva de larga escala só é possível na medida em que sejam ofertados incentivos seletivos que garantam a adesão, sejam eles de ordem positiva ou negativa, já que 'though all of the members of the group (...) have a common interest in obtaining this collective benefit, they have no common interest in paying the cost of providing that collective good" (Ibid: 21). A 'participação' ou não dá-se, assim, por efeito de um constrangimento, uma coerção. O cidadão comum não é apático porque, queira ele ou não, serão impostas decisões que implicam tanto em em benefícios como em custos. Por outro lado, o caráter das "grandes associações" lhe será em tão mais larga medida estranho, fora de sua esfera de influência, quanto mais vastas elas sejam mas também quanto maior for sua capacidade de imposição. Desta forma, a ideia de que precise existir consenso para o atingimento de metas - e, pode-se pressupor, inclusive no tocante ao "método democrático", expressão que, nessa perspectiva, se vê bastante desprovida de sentido - fica afastada: 'There is, of course, no question that a lack of consensus is inimical to the prospects for group action and group cohesion. But it does not follow that perfect consensus, both about the desire for the collective good and the most efficient means of getting it, will always bring about the achievement of the group goal" (Ibid:

³⁸ OLSON, Mancur. [1965] 1971, *The logic of collective action*: public goods and the theory of groups. Cambridge (Mass.): Harvard University Press.

59). A presença de incentivos seletivos é, pois, o elemento decisivo na consecução de uma ação coletiva e na obtenção de bens coletivos, por grupos grandes ou por grupos latentes. Os incentivos são 'externos', no sentido de que uma possível existência a priori de um interesse comum é irrelevante em termos da própria formação de grupos de ação. Os "grupos esquecidos" seriam os que melhor se prestariam a ilustrar a tese central do livro, "that large or latent groups have no tendency voluntarily to further their common interests" (Ibid: 165). Isso apesar dos "grupos não organizados", "the groups that have no lobbies and exert no pressure", estarem 'among the largest groups in the nation' e de terem "some of the most vital common interests" (Ibid: Ibid). É cabível associar estes "sofredores" (Ibid: 167) aos cidadãos apáticos dos comitês nacionais de Schumpeter. Porém, Olson parece muito menos 'feliz' com as conclusões de sua teoria do que Schumpeter com suas constatações sobre 'o que é'. Assim é que também, para Olson, o 'país' desempenha um papel, tem caráter diverso de ser meramente o plano onde o "método democrático" se desenvolve ou não. O nacionalismo - e seus diferentes recursos - é uma "ideologia"³⁹ que, junto com outras, como democracia ou comunismo, dá sustentação ao estado nacional. O aspecto essencial, todavia, é que esse estado é também uma associação coletiva, "a most important type of organization", que opera sob forma de incentivos seletivos e que detém, na verdade, um dos mais elevados graus de capacidade coercitiva, de 'exterioridade' - inclusive através do véu de tais formulações ideológicas. Nesse sentido é que da nação como mero lugar onde se observa o poder exercendo-se em separado, como esfera que dela independe, como em Schumpeter, passa-se, com Olson, para o estado-nação como melhor exemplo da própria operação do poder, da compulsoriedade ligada à oferta de incentivos seletivos:

Patriotism is probably the strongest non-economic motive for organizational allegiance in modern times. This age is sometimes called the age of nationalism. Many nations draw additional strenght and unity from some powerful ideology, such as democracy or communism, as well as from a common religion, language, or cultural inheritance. The state not only has many such powerful sources of support; it also is very important economically. Almost any government is economically beneficial to its citizens, in that the law and order it provides is a prerequisite of all civilized economic activity. But despite the force of patriotism, the appeal of the national ideology, the bond of a common culture, and the indispensability of the system of law and order, no major state in modern history has been able to support itself through voluntary dues or contributions. Philantropic contributions are not even a significant source of revenue for most countries. Taxes, *compulsory* payments by definition, are needed. Indeed, as the old saying indicates, their necessity is as certain as death itself. (...)

³⁹ Esse caráter 'ideológico', ou, talvez melhor dizendo, histórica e socialmente construído, do nacionalismo é aspecto partilhado por vários trabalhos a respeito do tema desde a década de 1980. Dentre os mais conhecidos, pode-se destacar: ANDERSON, Benedict. 1987, *Imagined communities*: reflections on the origin and spread of nationalism. London / New York: Verso e HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. (orgs). 1984, *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Students of public finance have, however, neglected the fact that the achievement of any common goal or the satisfaction of any common interest means that a public or collective good has been provided for that group. (...) the provision of public or collective goods is the fundamental function of organizations generally. A state is first of all an organization that provides public goods for its members, the citizens; and other types of organizations similarly provide collective goods for their members (Ibid: 13-5; itálico no original).

A existência de interesses comuns, uma base sociológica digamos assim, não é, em si, suficiente para que ocorra ação coletiva, até pelos custos inerentes a sua obtenção fomentarem o *free rider*. De certa forma, quanto mais sujeitos forem potencialmente afetados por um aspecto comum menos se evidenciará a capacidade de agir sobre ele. Os cidadãos comuns de um estado não têm pois possibilidade de endereçar questões nacionalmente relevantes e assemelham-se, enquanto tal, aos membros dos "grupos esquecidos", como quando se trata dos "vast numbers who have a common interest in preventing inflation and depression, but (...) have no organizations to express that interest. Nor can such groups be expected to organize or act simply because the gains from group action would exceed the costs" (Ibid: 166). Se o propósito envolve apenas um grupo pequeno, uma ação concertada é possível, com formação de associações baseadas sobretudo em incentivos positivos. Por outro lado, os incentivos em torno dos quais se pode configurar um "grupo latente", do mesmo modo daqueles em torno dos quais se dá a ação coletiva, são de vária ordem, incluindo a participação como valor moral - mesmo, e talvez até sobretudo, quando não aparece sob a forma do incentivo seletivo que é:

In addition to monetary and social incentives, there are also erotic incentives, psychological incentives, moral incentives, and so on. To the extent that any of these types of incentives leads a latent group to obtain a collective good, it could again only because they are or can be used as 'selective incentives', i.e., because they distinguish between those individuals who support action in the common interest and those who do not. Even in the case where moral attitudes determine whether or not a person will act in a group-oriented way, the crucial factor is that the moral reaction serves as a 'selective incentive'. (...) the point is that moral attitudes could mobilize a latent group only to the extent they provided selective incentives. The adherence to a moral code that demands the sacrifices needed to obtain a collective good there need *not* contradict any of the analysis in this study; indeed, this analysis shows the need for such a moral code or for some other selective incentive.' (Ibid: 61, nota de rodapé; itálico no original).

Olson estaria, pois, como Schumpeter, descrevendo a política, 'como ela é'. O otimismo de Tocqueville, em *A democracia na América*, com relação ao vínculo entre vida associativa e democracia, não teria razão de ser. As vantagens da correlação de interesses públicos e privados não constituem um tópico. Quando se sai de pequenos grupos ou, talvez, de um extremo localismo, a ordem de considerações tem que ser diversa; é quase como se se alterasse o caráter do que está em questão. A existência de uma participação interessada não é condição para nada além de si mesma mas é também a 'razão' que pode ser evidenciada por detrás de qualquer ação coletiva. De qualquer forma, o "comitê nacional" não é uma

associação que represente 'interesses' dos seus membros mas antes uma onde o 'interesse' dos membros é acatá-la, aceitar sua compulsoriedade. A capacidade individual de afetar a produção de bens públicos é inversamente proporcional à quantidade de membros envolvidos e a descrição de Olson é, quanto a esse ponto, em tudo semelhante à de Schumpeter:

When the number of participants is large, the typical participant will know that his own efforts will probably not make much difference to the outcome, and that he will be affected by the meeting's decision in much the same way no matter how much or how little effort he puts into studying the issues. Accordingly, the typical participant may not take the trouble to study the issues as carefully as he would have if he had been able to make the decision by himself. The decisions of the meeting are thus public goods to the participants (and perhaps others), and the contribution that each participant will make toward achieving or improving these public goods will become smaller as the meeting becomes larger (Ibid: 53).

Os pequenos comitês ou associações, pelo contrário, são capazes tanto de 'mobilizar' cada participante individual em termos de seus 'interesses' e opiniões no que toca aos resultados, *outputs*, - de, nesse sentido mínimo, 'representá-lo' -, quanto, na verdade, são os únicos aptos a fazê-lo. É claro que o estado produz bens públicos mas, novamente, porque se constitui numa espécie de pequeno ou pequenos comitês. E aqui Olson parece estar espraiando (talvez que num paralelo possível com as minorias com grande "intensidade de preferências" de Dahl, ainda que pelo viés de sua penetração no governo) os lugares do modo identificado por Schumpeter como do poder e governo; além do foco em que este se detém explicitamente.

Mais uma vez, como transportar Olson para a reflexão esboçada antes sobre o nacional irlandês? Pensar o nacionalismo, o "patriotismo" como uma " ideologia", com seus diferentes apoios, em religião, língua e cultura é terreno assente há já vários anos. Olson talvez deixasse entrever a possibilidade de refletir sobre seus desenvolvimentos concretos, junto com o ideário democrático; uma espécie de caracterização de um estado nacional particular ao modo de uma associação nacional específica - inclusive com seus diversos pequenos grupos de influência. Contudo, ao focar na ação coletiva, 'como ela é', ao partilhar, com Schumpeter, do encontro de uma lógica 'inevitável', tal elaboração teria pouco mais do que um interesse marginal. A nação não é mais 'neutra', torna-se até extremamente 'ativa', mas nem por isso a produção de bens públicos e a oferta de incentivos seletivos ao seu público tem qualquer caráter essencialmente distinto de outras grandes associações - a não ser sua maior compulsoriedade. Talvez se pudesse ler os desenvolvimentos da IRB e, posteriormente, do IRA, sua prática em pequenos comitês, como responsáveis pelo seu relativo sucesso, pela formulação de políticas e ações claras. Nesse sentido, evidentes incentivos negativos se teriam conjugado a incentivos seletivos de tipo moral, no envolvimento da população irlandesa tanto na Guerra Anglo-Irlanda como na Guerra Civil. O rótulo de democracia aposto ao regime que se seguiu - bem como a caracterização moral e católica da sociedade irlandesa e, talvez, o

recurso ao referendo - é coerente com a mobilização da ideologia nacionalista anterior. O tipo de unidade que se construiu e em oposição ao que é questão de ordem semelhante. O PR-STV, na medida em que, ao menos em muitos casos, elege candidatos promovidos por 'associações pequenas' - para as quais é suposto que obtenham benefícios -, poderia, por outro lado, ser encarado como um sistema que provê incentivos seletivos positivos a um certo plano de participação. Forçando um pouco, seria até viável encarar como 'associação pequena', embora os eleitores não saibam exatamente quem são os demais, aqueles que escolhem dar a primeira preferência a um dado candidato naquela constituency, inclusive pela expectativa de obterem 'ganhos' diretos via as *clinics* que os *county councillors* e TDs oferecem. De qualquer modo, o fato relevante permaneceria o da existência de uma associação - talvez um pouco peculiar e nada mais -, um estado nacional, onde a 'inevitável' 'lógica', que regra a possibilidade da existência de sub-produtos coletivos, melhor se exprime; sempre sob o aspecto 'encoberto' que Olson está 'revelando'. Novamente, não se está, assim, muito longe da 'nação' como espaço 'neutro', ao modo de Schumpeter, próprio para pensar uma engenharia preferível a qualquer outra, até porque engenharia do 'que é' e não baseada em qualquer ilusão de 'vontade' ou 'representação'. É como se, para ambos, não importasse muito, de qualquer modo, refletir sobre 'outras razões'. Um mundo é instituído com essa 'ciência'. De regras próprias e como que exigindo crentes, formando objetos. Como se dizia no começo desta seção, talvez se trate apenas de que Schumpeter e Olson sejam 'clássicos' e influentes demais para que ajudem na construção de um objeto que não é mais do que - assim vivo desejando - um pequeno e simples jardim, um certo (des)mundo; será que ele é mesmo tão 'tregiverso' assim no 'campo' da ciência política? Faria sentido atribuir boa parte da 'culpa' por tais dificuldades aos assim chamados elitistas - realistas, à sua insistência em que se teria que abandonar reflexões ligadas ao 'homem' e ao 'bem' genéricos para considerar 'regras' de funcionamento social, onde homens de 'espécies' diferentes se limitam a cumprir papéis - que inevitavelmente escapam até mesmo ao seu controle -, ver lógicas inevitáveis com as quais a massa pouco ou nada tem a ver? Maquiavel certamente postulou o que é o poder e como ele funciona - para retomar os termos de O'Brien - mas dirigia-se a um único homem, que deveria ter por fito mantê-lo, até porque a fortuna é caprichosa. Agora o poder não é alocado nem num único homem nem num homem abstrato - como o membro da indivisível e soberana vontade geral de Rosseau. Poderia dissolver-se, escapar ao controle; e por isso precisa ser apontado para, uma vez mais, retirá-lo da fortuna - agora de massas que pululam, de maiorias, de democracias, de coisas que se rotula de caos, de credos, ideologias, cultura, de falta de uma razão - e controlá-lo; ao menos no que uma arquitetura fechada e com objetos bem (pré-)definidos intenta.

A existência de uma "jaula de ferro" ou, melhor, de uma "casa da servidão", o famoso termo de Weber, aparece na argumentação de Pareto, Michels e Mosca. Para Pareto, "social order (...) is in perpetual motion" (1984b⁴⁰: 26), o que não impede que a história humana possa ser traduzida em termos da ação de duas forças: "Centripetal force encourages the concentration of central power. Centrifugal force fosters the erosion of power" (Ibid: 37). Os homens vulgares são presa de "resíduos", que "correspondem a certos instintos (...) e por isso são desfalcados costumeiramente de precisão, de limitação rigorosa" (1984a⁴¹: 63) e de "derivações", presentes nos "raciocínios pseudo-experimentais, com palavras que movem os sentimentos, com discursos vãos, inconcludentes" (Ibid: 69). "Todo conhecimento humano é subjetivo" (Ibid: 44) mas é importante distinguir dois aspectos de "todo fenômeno social": "como é na realidade e como se apresenta ao espírito de certos homens. O primeiro aspecto será chamado objetivo, e o segundo, subjetivo" (Ibid: Ibid). Uma ciência lógico-experimental, como a que pretende empreender, embora esteja, em última análise, sujeita, quando se trate de fenômenos sociais, a essa inevitável subjetividade⁴², situa-se, contudo, num plano de abstração superior, ao poder, inclusive, caracterizar tais fenômenos; ao afirmar, por exemplo, a importância de se considerar o "instinto das combinações" ou a "persistência dos agregados". Assim, Pareto distingue-se de outros autores, que "empreende[m] o estudo dos fenômenos sociais, fecha[ndo]-se nas manifestações da atividade, isto é, nas derivações, sem remontar às razões da própria atividade, isto é, aos 'resíduos' "; e mostra-se muito além desse 'vulgo', incapaz de procedimentos "lógico-experimentais":

1402. (...) Quem conhece uma derivação, crê que a acolhe ou rejeita por considerações lógico-experimentais, sem perceber que, ao contrário, comumente é impelido por sentimentos e que o acordo - ou oposição - entre duas derivações é acordo - ou oposição - entre resíduos. (...) 1403. (...) Concluindo, as derivações são o material adotado por todos; mas os autores citados dão às derivações valor intrínseco e as consideram como diretamente operantes para determinar o equilíbrio social, enquanto damos a elas somente o valor de manifestações e de

⁴⁰ PARETO, Vilfredo. [1920] 1984b, *The transformation of democracy*. New Brunswick and London: Tansaction Books.

⁴¹ PARETO, Vilfredo. [1919, 1923] 1984a. excertos da versão francesa e italiana do *Tratado de sociologia geral. Vilfredo Pareto*: sociologia. (org. José Albertino Rodrigues). São Paulo: Ática.

⁴² Numa das colocações de caráter epistemológico, Pareto afirma que:

^{69. (...) 4.0)} Partimos dos fatos para formar as teorias e procuramos sempre afastar-nos o menos possível deles. (...) Procuramos as uniformidades apresentadas pelos fatos e lhes damos também o nome de leis. Os fatos, no entanto, não estão submetidos às leis. Pelo contrário. As leis não são 'necessárias; são hipóteses que servem para resumir um número mais ou menos grande de fatos e que permanecem na medida em que não são substituídas por outras melhores.

^{5.0)} Todas as nossas pesquisas são, portanto, contingentes, relativas, e dão resultados que são apenas mais ou menos prováveis, quando muito bastante prováveis (1984b: 41).

índices de outras forças, que são na realidade as que operam para determinar tal equilíbrio. (...) a presente obra é uma tentativa de colocar estas ciências [sociais] no campo lógico-experimental, sem nenhum objetivo de utilidade prática imediata, com o único intento de conhecer a uniformidade dos fatos sociais (Ibid: 69-70).

Do alto da sua posição Pareto pode, assim, postular que "human behaviour reveals uniformities which constitute natural laws" (1966a⁴³: 97; itálico no original) e a necessidade de se "distinguir a utilidade para o indivíduo da utilidade para a espécie" (Ibid: 102). Além disso, afirma que "society has to be considered as a complex whole, as a system, as an organism" (Ibid: 103) e ainda que, embora não exista o "máximo de ofelimidade da coletividade", pode existir o "máximo de ofelimidade para a coletividade, já que é determinada independentemente de quaisquer comparações entre a ofelimidade dos diversos indivíduos" (1984a, op.cit.: 96; itálico no original). O darwinismo biológico transforma-se pois facilmente em darwinismo social, inclusive quando considera que "the social organism resembles a living organism" (1966a: 112) e que, deste modo, a regularidade que se encontra nos fenômenos sociais, independe de seus componentes:

(99) All species of living beings would degenerate without the operation of selection. The human race cannot escape this law. (...) In every race reject-elements are produced which must be eliminated by selection. (...) the price which as to be paid for improvement of the race. This is one of the many cases in which the good of the individual is in opposition to the good of the species. Certain forms of selection may disappear, but they must be replaced by other forms if the race is not to degenerate (1966c: 159).

A tutelagem aparece como outra "lei", paralela à da "seleção: "(662) Within certain limits, tutelage appears indispensable. Where it is utterly absent, it clearly appears that the individual and aggregate perish. (...) As concerns the aggregate, we find from observation that there exists no people, civilised or barbarous, which lacks at least some element of government in its society" (1966a: 108-109).

Na medida em que governo e submissão sempre ocorrem e em que não é possível definir que "organização governamental" garantirá à sociedade a "utilidade máxima" (Ibid: 111), o que se aplica é pois a lei da seleção: a prevalência da "ofelimidade *para* a coletividade', enquanto espécie mais geral, ocorre através da excreção de seus piores elementos; no que se refere à espécie necessariamente mais diminuta de seus 'tutores', do governo, através da 'circulação das elites'. Desta forma, as elites não devem ser estudadas por suas qualidades intrínsecas universais nem tampouco por uma adequação com a sociedade sobre a qual exercem a tutelagem. Constituem-se num campo em si, no qual, novamente, regularidades, 'leis', podem ser encontradas. Há, por outro lado, um mecanismo irrecorrível

⁴³ PARETO, Vilfredo. [1896] 1966a, Excertos do Vol. II do *Cours d'économie politique. Vilfredo Pareto*: sociological writings. (selected and introduced by S. E. Finer). New York / Washington / London: Frederick A. Praeger Publishers.

de competição, luta por posições (bens), na base da seleção - o que inclusive explica "how it comes about that the form of the curve varies little from one country to another" (Ibid: 113) -, responsável também pela "circulação das elites" e pela permanência no poder de certos tipos de elite:

(1026) (...) If the total quantity of wealth is very small, only the most gifted individuals will be able to acquire a notable amount of it. If the total quantity of wealth is very great, it is more easily acquired and individuals who are but moderately gifted will be able to acquire an appreciable amount. (...)

(1027) The rejected elements of each level fall down to the lower level. But what becomes of the rejected elements of the bottom level (...)? Evidently they are removed from society by death. If we consider society as a living organism, then the surface forming the base of the social pyramid (...) represents the organ of excretion. If the production of rejected elements cannot be prevented in any way, then the very life of the whole system requires the elimination of these elements (Ibid: 113-4).

O fenômeno da "circulação de elites" torna-se chave para a leitura do conjunto dos movimentos sociais relevantes:

This phenomenon of new elites which, through an incessant movement of circulation, rise up from the lower strata of society, mount up to the higher strata, flourish there, and then fall into decadence, are annihilated and disappear - this is one of the motive forces of history, and it is essential to give it its due weight if we are to understand great social movements (1966b: 134). Isto não impede, muito pelo contrário, que se busquem regularidades, que se caracterize as elites no poder. Retomando a metáfora de Maquiavel, Pareto destaca que o governo, as elites assumirão o comportamento de leões ou de raposas. A presença de força, como dito, é sempre inquestionável: "2174. O problema de se se deve ou não empregar a força na sociedade não tem sentido, uma vez que se recorre à força tanto por parte de quem quer conservar certas uniformidades quanto por parte de quem deseja transgredi-las" (1984a: 101). Assim é que, por exemplo, "2178. (...) Para impedir a violência ou para resistir a ela, a classe governante utiliza a astúcia, a fraude, a corrupção, e, para dizê-lo em poucas palavras, o governo passa de leão a raposa" (Ibid: 104). Aliás, os dois comportamentos típicos da 'classe governante' acabam por ter correspondência nos dois grupos, ou "plutocracias", cuja combinação resultante normalmente traduz o modo histórico que predominará. Assim é que "sob o nome de capitalistas", "confundiu-se, e se continua a confundir" os "especuladores" - "todas as pessoas que direta ou indiretamente se utilizam da especulação e que, de diversos modos, fazem crescer os rendimentos valendo-se engenhosamente das circunstâncias' (Ibid: 109) - e os "rentistas" - "todas as pessoas que nem direta nem indiretamente se beneficiem com a especulação e que possuam rendimentos fixos, ou quase fixos, ou ao menos poucos variáveis" (Ibid: 107). Pareto é claro a respeito dos efeitos dessa composição: "As diversas proporções em que as categorias (S [especuladores]) e (R [rentistas]) se encontram na classe governante

correspondem a diferentes modos de civilização, e tais proporções estão entre os principais caracteres que devem ser considerados na heterogeneidade social" (Ibid: 111).

Especuladores e rentistas "exercem funções de utilidade diversa na sociedade" e a presença destes últimos pode, por exemplo, minorar os efeitos de uma excessiva predominância dos especuladores, quando a sociedade fica "em estado de equilíbrio instável, que pode ser destruído por um pequeno acidente, no interior ou no exterior" (Ibid: 110). O oposto também é condição para impedir uma sociedade "imóvel, como que cristalizada" (Ibid: Ibid). Por outro lado, ao nível da classe governante, as raposas tendem a ser mais frequentes do que os leões, já que "O predomínio dos interesses, principamente industriais e comerciais, enriquece a classe governante de homens maliciosos, astutos, com muitos instintos de combinações, e a depaupera de homens de caráter forte, altivos, com muitos instintos de persistência dos agregados" (Ibid: 105). É por motivos deste gênero que as aristocracias não duram, que, numa frase célebre, "a história é um cemitério de aristocracias" (Ibid: 81). Aspecto que se coaduna com o da "seleção" e a imperiosidade da "circulação de elites":

2054. Não é somente em número que certas aristocracias decaem, mas também em qualidade, no sentido de que nelas diminui a energia e se modificam as proporções dos resíduos que lhes foram úteis para se apoderar do poder e para conservá-lo (...). A classe governante se restaura não só em número mas, e isto é o que mais interessa, em qualidade pelas famílias que vêm das classes inferiores, que trazem energia e proporções de resíduos necessários para se manterem no poder. Restaura-se também pela perda de seus componentes que mais decaíram.

2055. Onde cessa um desses movimentos, e pior ainda se ambos cessam, a parte governante se

2055. Onde cessa um desses movimentos, e pior ainda se ambos cessam, a parte governante se encaminha para a ruína, que frequentemente traz consigo também a ruína de toda a nação. (...) 2057. As revoluções acontecem porque, seja pelo afrouxamento da circulação da classe eleita, seja por outra causa, se acumulam nos estratos superiores elementos decadentes que não têm mais os resíduos aptos a mantê-los no poder, que evitam o uso da força, enquanto aumentam nos estratos inferiores os elementos de qualidade superior que possuem os resíduos aptos ao exercício do governo, que estão dispostos a utilizar a força (Ibid: 81-2).

A "classe governante" deve, ademais, possuir alguns saberes, ser provida dos conselhos que Pareto - (um certo) Maquiavel - está, a partir de sua posição e conclusões "científicas", "lógico-experimentais", apto a fornecer⁴⁴:

temporal -, esta também o conduz a afirmar a imperiosidade de coerência entre 'moral(ais) social (ais)' e o que denomina "realidade social"; ou, noutros termos, que "leis gerais" têm que permanecer num plano abstrato, sem serem, pois, transformáveis numa espécie de 'ditames' mais ou menos universalmente aplicáveis a terrenos concretos. DURKHEIM, Émile. [1906] [1924] 1994, Sociologia e filosofia - Émile Durkheim. São Paulo: Ícone

44 Muito já foi dito a respeito de semelhanças e diferenças entre Durkheim e Pareto e seria vão presumir

acrescentar algo. De qualquer modo, talvez seja curioso destacar o papel que Durkheim acredita que a "ciência da moral", para ele um ramo da sociologia, poderia desempenhar: "a ciência do real nos coloca na situação de modificar o real e de dirigi-lo. A ciência da opinião moral nos fornece meios para julgar a opinião moral e, se necessário, também para retificá-la" (1994: 91). Mas, mais "não podemos aspirar a outra moral que não aquela que o nosso estado social exige. (...) A razão que julga nesta matéria não é, pois, a razão individual, (...) mas é a razão apoiada no conhecimento - tão metodicamente elaborado como seja possível - de uma dada realidade: a realidade social" (Ibid: 93). Embora a semelhança seja forte, o contraste também o é, na medida inclusive em que Durkheim acredita que, embora uma 'macro-razão', por assim dizer, seja evidenciável - e, nesse sentido, a-

(1843) ... The art of governing lies in finding ways to take advantage of ... sentiments, not in wasting one's energies in futile efforts to destroy them - the sole effect of which, frequently, is simply to strengthen them. The man who can escape the blind domination of his own sentiments is in a position to make use of the sentiments of other people for his own ends...

1864) ... Legislation can be made to work in practice only by influencing interests and sentiments; and it must be stressed that the derivations which will have to be used for this purpose differ entirely from the logico-experimental reasonings employed in determining what legislative measure is best adapted to a given end. (...)

(1866) When the engineer has found the best machine, he has little difficulty in getting it accepted (...). The progress made in the logico-experimental sciences has created a sentiment of reverence for them, and this sentiment has to be satisfied. This, however, is not difficult, for the common man is satisfied with a remote, a very remote, semblance of a logico-experimental element in derivations (1966d⁴⁵: 243-4; ... na edição usada).

A história, como mencionado, também oscila entre períodos de domínio de forças centrípetas e centrífugas. Se as "elites" forem capazes de dar-se conta de que Pareto encontrou a "melhor máquina", de basear-se em suas máximas, inclusive quanto ao uso adequado dos sentimentos, da força, mas sobretudo, quanto ao poder contido no uso adequado de elementos com semelhança remota com o lógico-experimentalismo, poderão contribuir para o afastamento de ameaças à sua Itália e à sua Europa. É claro que Pareto afirma que "If I think I can conclude from historical facts that our bourgeoisie is running toward its ruin, that does not mean that I judge this trend to be 'right' or 'wrong'" (1984b, op.cit: 27). Isso surge apenas, contudo, porque "Maintaining a distinction between what is good for experimental science and what is good for society is fundamental" (id: id). Ou seja, não é Pareto em si mesmo quem realizará, ou - o risco está sempre presente - não o que é "bom para a sociedade"; a cura da tuberculose, como acrescenta petulantemente, não depende dele. Cabelhe manter-se na perspectiva da ciência lógico-experimental, até para poder indicar que um caminho para a ruína, uma 'tuberculose' está em jogo; esse é o papel de conselheiro -'cientista' onde é, inclusive, mais interessante que se mantenha. A ciclicidade, a 'lei de ferro', da história deve, pois, ser relembrada para que, inclusive, algumas regras fundamentais não se percam no suposto mar democrático: "As a general rule, weak people need protection (...), and they seek it from those who have power. They seek it from various lords when centrifugal force prevails and from the central government when centripetal force prevails" (Ibid: 41). É por falhas na percepção das leis imperantes, inclusive no tocante ao que decorre de conflitos internacionais que, por exemplo, a Rússia e Alemanha e Austro-Hungria, se desfizeram enquanto impérios, foram vencidos e neles "Now the demagogic plutocracy is tottering and the whole bourgeois order has been shaken" (Ibid: 42). A dianteira de "interesses

⁴⁵ PARETO, Vilfredo. [1919, 1923] 1966d, II - Constants and variables do *Tratado de sociologia geral. Vilfredo Pareto*: sociological writings. (selected and introduced by S. E. Finer). New York / Washington / London: Frederick A. Praeger Publishers.

-

corporativos" sobre "interesses nacionais" 'seria uma outra manifestação desse estado geral confuso enfrentado pela Europa, mas o mais grave é mesmo o fato de que "Most people fail to recognize that anarchy is on the ascent" (Ibid: 46). O predomínio relativo de forças centrípetas ou centrífugas - a regra em si - estaria assim suscetível de ruptura. Uma (des)ordem não dominável - para a qual, é lógico, Pareto encontra paralelos históricos, exemplos que 'clamaram' pela afirmação de uma razão de estado - poderia entrar em cena. Trata-se, portanto, de uma 'nova elite' - mas que terá que ser não tolstoniana nem composta por seguidores de um Lenin, que não querem dar-se conta da importância "leis" de Pareto -, hábil a substituir o incapaz governo parlamentar e a falhada burguesia:

In Padua, (...) The government failed to intervene. It watched with the same kind of inaction which characterized the response of weak kings to conflict among strong nobles. (...)

Conflict is developing between peasants on one side and workers and government employees on the other side. (...). The form this conflict will ultimately take remains uncertain, but it will have consequence for future inter-union rivalry.

It is useful for those who dominate society to hide the fact that their privileges burden the rest of the population. (...) if we ignore such theories, it becomes clear that those who pay for the privileges of the rich eventually rebell. (...) Such talkers profess Tolstoyan theories (...). This actually means killing oneself in order to avoid being killed.

All this can have some effect on the cowardly and idiotic bourgeoisie. The bourgeoisie is as degenerate as any elite in a state of decay. However, such theories have little effect on energetic members of the new elite. These include, for example, the followers of someone like Lenin (Ibid: 47).

Os diferentes partidos também se vêm revelando incapazes, inclusive de permanecer operando uma "religão de estado" e, assim, de atenuar o efeito das forças centrífugas. Algum movimento deverá pois surgir em sentido centrípeto - até porque as 'leis', no fundo são inquebrantáveis:

Plutocratic interests are powerful forces operating in support of central power. State religion, with its myths and its theology can be viewed from a practical or from an ideal vantage point. Each is reflected in a different set of political parties. (...). But carrying the war to extremes wore the parties down. (...)

If such parties do nothing to promote the power of central government now, centripetal movement will occur in the future. Then the action of such parties, or more accurately the successor to such parties, will be efficacious and striking (Ibid: 51).

A guerra irrompeu e as "elites no poder", as *ruling elites*, foram incapazes de utilizar os sentimentos existentes. Os líderes das plutocracias, embora em muito menor grau os da plutocracia demagógica, tampouco tiveram noção do que deflagravam com a guerra: "World War I could have been very useful for the plutocrats because the art of governing resides in knowing how to take advantage of existing sentiments (...), and patriotic sentiments were very strong. But plutocracies did not know how to stop in time, which is a common defect of such enterprises" (Ibid: 59). No "Apêndice" ao *The transformation of democracy*, Pareto assume sua falsa modéstia, dizendo que seria um "useless exercise to list all of my predictions that

have come true" (Ibid: 73). Afinal, "só o padrão geral é relevante", o que 'enable us to plot the flow of the continuous curve of social history' (ibid: id). E isso é o que Pareto estabeleceria, do alto de sua "ciência lógico-experimental". Para o vulgo, como para o governo em vigor, não há escapatória. Continuam a ser feitas "promessas das mais absurdas e impossíveis" e é pois evidente que "People in search of such a miracle can only entrust their faith to some metaphysical entity like the sacred National Destiny, holy Democracy, holy Progress, or the divine Proletariat", negando toda a "verdade factual" (Ibid: 76). Mais uma vez, porém, Pareto oferece sua prédica, lança o pão da sua ciência, para quem queira (possa) evitar a catástrofe - e/ou ser o motor de um 'novo ciclo':

For several years we have been noticing a series of social changes which have been intensified because of the war. (...) If trends do continue at this velocity in their present direction, we can predict that society will encounter insuperable obstacles. These obstacles include reduced production and increased consumption. Either a new cycle will begin shortly, or a catastrophe will occur forcing a future change (Ibid: 83).

É curioso ver Collins e De Valera como leões ou como raposas, embora o rendimento analítico dessa associação talvez seja um pouco duvidoso. Collins certamente 'comprou' uma perspectiva de luta logo a priori. Contudo, parece ser quando assumiu um comportamento mais de raposa, na negociação do tratado e em seguida, no primeiro governo, que acabou por ser liquidado - literalmente. Uma raposa mais permanente, De Valera, toma seu lugar. Não à toa, Collins de certo modo tornou-se numa figura mais popular e suas ambiguidades, no lugar de denegri-lo, serviram não só a uma extensiva biografia e documentários essencialmente elogiosos, como, inclusive a um filme - talvez o primeiro claramente holliwoodiano - de Neil Jordan, em 1996, com Liam Neeson no papel de Michael Collins e Alan Rickman no de um De Valera bem menor, personagem um tanto ridículo. 46 (Será que Pareto preveria isso?). O biografismo está legitimado. Presa de sentimentos, de resíduos e derivações, o vulgo mostrouse, coerentemente, incapaz de lê-lo como líder de um ciclo (centrípeto?) e, inclusive em torno do filme, sem pudor de anacronismo, põe-se a debater se o uso da violência teve ou não razão de ser, se Collins em algum momento foi democrático, se o filme é 'nacionalista' [o vínculo era aqui, na Irlanda de 1996, com os Provos, o Sinn Féin de Gerry Adams e o IRA] e se não deveria ser 'revisionista' - e, pois, em que 'falhas' históricas incorreu; como se detalhes pudessem ter qualquer relação com "leis gerais". É também divertido pensar (os nacionalistas bem que apreciariam) que a plutocracia demagógica inglesa foi incapaz de se manter como elite governante e que, no fundo, a guerra só fez acelerar o processo de excreção que já há

⁴⁶ Um dos trailers do filme Michael Collins, disponível no You Tube: https://www.youtube.com/watch?v=F1pkbe29910 . Acesso 2017-11-20.

muito devia ter ocorrido. Não havia unidade nenhuma e só permitiram uma circulação de elites incluindo os irlandeses tarde demais. A elite governante inglesa estava pois redondamente enganada ao pensar que os católicos eram um elemento de sua sociedade e aquele a ser excretado. Tanto pior para eles, ou para sua majestade, que perdeu o pé (de parte) da ilha vizinha, por não terem entendido que havia na Irlanda preciosos elementos de reenergização da elite no poder. Acabaram por dar-se conta dessa energia da forma mais evidente possível, na Guerra Anglo-Irlandesa. Depois, a "santa Democracia" foi chamada. Afinal ninguém da nova elite era bobo e é sempre conveniente manter as massas num relativo oblívio das diferenças existentes. E a raposa De Valera também chama a Santíssima Trindade em pessoa para melhor coroar o novo estado, nova elite; um reforço nada desprezível aos resíduos, ao sentimento de homogeneidade que é hábil cultivar, junto com um relativo culto a sua própria pessoa. Não sei se o PR-STV cairia no goto de Pareto mas, ressalvadas diferenças de detalhe, até que poderia ser - ou aparecer como - um mecanismo de recrutamento de membros dos grupos inferiores para a elite. Quase que dá vontade de inverter o tom monocórdico usado a respeito de Schumpeter e Pareto e perguntar se será que líderes da elite governante irlandesa leram Pareto. Se não leram deviam tê-lo feito. Ou, talvez que, mais adequadamente, embora ciente de que isso é menos do que nada para uma "ciência lógicoexperimental": o que será que elites governantes - e o vulgo - têm a dizer a respeito dessa leitura da Irlanda?

A ideia inicial desta seção do trabalho era seguir, numa 'transição lenta e segura', a caminho dos pistaches da Irlanda. Assim passar-se-ia pela "lei de ferro da oligarquia" de Michels, tentando correlacioná-la com o propósito que explicita, por exemplo, no prefácio da edição francesa de *Partidos políticos*, o de medir

la démocratie qu'avec le mètre que la démocratie elle-même, telle que la conçoivent nos socialistes *modernissimes*: tout en admettant l'incompétence des masses et la nécessité d'une direction forte et stable, ces derniers s'obstinent à qualifier un pareil ordre de choses, qui n'est séparé de l'aristocratie que par une nuance, du nom pompeux de 'démocratie' (1971⁴⁷: 19; itálico no original).

Referir-se-ia o caráter necessariamente conservador do poder, na medida inclusive em que a organização é o único meio de construir uma vontade coletiva numa democracia - "La démocratie ne se conçoit pas sans organisation" até porque "l'organisation apparaît comme le seul moyen de créer une volonté collective" (Ibid: 25) -, na dominação dos eleitos sobre os eleitores, com o advento de uma política de massas - tornando-se portanto em sinônimo de oligarquia e implicando numa especialização de funções -, o aspecto de organização militar

⁴⁷ MICHELS, Robert. [1910, 1912, 1914] 1971, *Les partis politiques*: essai sur les tendances oligarchiques des démocraties. Paris: Flammarion.

dos partidos modernos, a necessidade de líderes fortes, capazes de falar em nome das massas, impondo-lhes respeito por sua capacidade oratória, seu prestígio e renome, a incompetência e apatia das massas na base do poder dos chefes - donde a relativa esperança de Michels na possibilidade de 'moldar' ou de 'mudar' os chefes, a quem as massas são mais submissas do que aos governos; para, em suma, apontar a tensão inevitável que marca existir entre "princípios", ideias, e a "inflexibilidade" da prática da democracia, com a incapacidade das massas conduzindo a que a história seja a das "classes políticas", também possuidoras de características distintivas:

L'histoire semble nous apprendre qu'il n'est pas de mouvement populaire, quelque énergique et vigoureux qu'il soit, qui soit capable de provoquer dans l'organisme social du monde civilisé des transformations profondes et permanentes. C'est que les éléments préponderants du mouvement, à savoir les hommes qui le dirigent et l'alimentent, finissent par s'éloigner peu à peu des masses et par être attirés dans l'orbite de la 'classe politique' dominante. Ils apportent peut-être à celle-ci peu d'idées nouvelles', mais en revanche d'autant plus de force créatrice et d'intelligence pratique et lui insufflent ainsi une jeunesse nouvelle.

La 'classe politique', pour nous servir toujours de l'expression de Mosca, possède incontestablement un sentiment très fin de ses possibilités et de ses moyens de défense. Elle déploie une force d'attraction et une capacité d'absorption puissantes et qui restent rarement sans effet, même sur ses adversaires les plus acharnés, et les plus intransigeants (Ibid: 292).

Conflito que marca pois suas melancólicas considerações finais, onde, não obstante, reitera a importância de 'colocar o dedo na ferida' como uma forma que não se pretende apenas 'científica' mas é parte de um furor de Michels, de seu 'estar' nesse mundo de democracia onde há líderes e massas - e falta espaço para os 'indivíduos':

Mais ce serait commettre une grande erreur que de tirer de toutes ces constatations et convictions scientifiques la conclusion qu'il faut renoncer à toute recherche sur les limites des puissances oligarchiques (État, classe dominante, parti, etc.) qui se superposent à l'individu. Et ce serait commettre une erreur non moindre que d'en conclure qu'il faut renoncer à l'entreprise désésperée de trouver un ordre social rendant possible la réalisation complète du concept de souveraineté populaire. (...)

Il nous a seulement paru nécessaire de faire ressortir la solution *pessimiste* que l'histoire nous offre de ce problème; et nous avons voulu rechercher si, et dans quelles limites, la démocratie est un idéal qui n'aura jamais pour l'histoire humaine d'autre valeur que celle d'un critère moral permettant d'apprécier dans ses oscillations et nuances les plus légères le degré d'oligarchie immanente à tout régime social; en d'autres termes si, et dans quelle mesure, la démocratie est un idéal que nous ne pouvons pas nous attendre à voir traduit dans la realité (Ibid: 299; itálico do autor).

Assim é que além de uma "pedagogia social" que se incumba da "grande mission d'élever le niveau des masses, afins de les mettre à même de s'opposer, dans les limites du possible, aux tendances oligarchiques qui les menacent" (Ibid: 301), encontra também razões de esperança em alguns indivíduos, portadores de um 'carisma', análogo ao seu, que sejam capazes de 'carregar' 'ideias' contra a 'lei de ferro', "hommes libres qui, soit par principe, soit par instinct, veulent reviser la base sur laquelle s'appuie l'autorité. Poussés par leurs convictions

ou par leur tempérament, ils ne se lassent pas de répéter l'éternelle question du pourquoi ultime de toutes les institutions humaines" (Ibid: Ibid).

Continuando a 'flexão' de Pareto, nessa aproximação com o mal traçado jardim irlandês, viriam a seguir algumas considerações sobre Gaetano Mosca. Como Bobbio marca, a formulação, hoje tornada "clássica" da teoria das elites está contida nos *Elementi di scienza politica*, de 1896, de Mosca⁴⁸. "A fortuna do termo Elite, porém, remonta a Pareto" (1986⁴⁹: 385). Com efeito, uma afirmação de Mosca em tudo parece ser ecoada numa das "leis" enunciadas por Pareto - muito embora Mosca prescinda do apelo ao "lógico-experimentalismo":

Among the constant facts and tendencies that are to be found in all political organisms, one is so obvious that it is apparent to the most casual eye. In all societies (...) two classes of people appear - a class that rules and a class that is ruled. The first class, always the less numerous, performs all political functions, monopolizes power and enjoys the advantages that power brings, whereas the second, the more numerous class, is directed and controlled by the first 50, (...), and supplies the first (...) with material means of subsistence and with the intrumentalities that are essential to the vitality of the political organism (Mosca 1939, op.cit.: 50).

É a "teoria democrática moderna", sobretudo a vertente de inspiração rousseauneana, onde "the majority of the citizens in any state can participate, aind in fact *ought* to participate, in its political life" (Ibid: 52; itálico do original) que está sendo refutada, substituída pelo fato, geral sempre que se trata de massas, de que "the dominion of an organized minority, obeying a single impulse, over the unorganized majority is inevitable". Trata-se de um problema de tamanho: "the minority is organized for the very reason that it is a minority" (Ibid: 53). Por outro lado, as "minorias dominantes", as *ruling minorities*, normalmente distinguem-se da massa "by qualitities that give them a certain material, intellectual or even moral superiority; (....) some attribute, real or apparent, which is highly esteemed and very influential in the

⁴⁸ MOSCA, Gaetano. [1896, 1923] 1939, *The ruling class*: elementi di scienza politica. (edited and revised, with an introduction by Arthur Livingston). New York / Toronto / London: McGraw-Hill Book Company.

⁴⁹ BOBBIO, Norberto. 1986, Elites, Teoria das. BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. pp. 385-91.

⁵⁰ Vale observar a clareza da antítese entre esta formulação e o que Clastres afirma a respeito da "sociedade primitiva": "A chefia, na sociedade primitiva, é apenas o lugar suposto e aparente do poder. Qual é o lugar real? É o próprio corpo social, que o detém e exerce como unidade indivisa. Este poder não separado da sociedade se exerce em um único sentido e anima um único projeto: manter na indivisão o ser da sociedade, impedir que a desigualdade entre os homens instale a divisão na sociedade" (1982, op.cit.: 110). Por outro lado, Clastres identifica "entre nós", no caso em Étienne de La Boétie, a percepção da "servidão" - e da "História" - como acidente e malecontro - real mas, sobretudo e também, apenas lógico e, portanto, não constitutivo:

Diagnosticando a natureza do mal que gangrena todo corpo social dividido, La Boétie, longe de enunciar os resultados de uma análise comparada das sociedades sem divisão e das sociedades divididas, exprime os efeitos de uma pura oposição lógica. Seu discurso remete à afirmação implícita, mas prévia, de que a divisão não é uma estrutura ontológica da sociedade e de que, por conseqüência, antes do surgimento desencontrado da divisão social, desenvolvia-se uma sociedade sem opressão e sem submissão. Diferentemente de Jean-Jacques Rousseau, La Boétie não diz que uma tal sociedade talvez nunca tenha existido. Mesmo que os homens tenham perdido a lembrança dela, mesmo que ele, La Boétie, não alimente ilusões sobre a possibilidade de seu retorno, o que ele sabe é que, antes do malencontro, este era o modo de existência da sociedade (Ibid: 115).

society in which they live" (Ibid: Ibid). Mudanças processam-se ao nível da "elite dominante", da *ruling class*, inclusive pela transformação nos atributos que são valorizados, como na passagem de um estado feudal a um estado burocrático, quando há uma "evolução", no sentido de que "the protection offered by public authority [becames] (...) considerably more effective than the protection offered by private force" (Ibid: 57) - e certamente o preceito paretiano da necessidade de tutelagem também ecoa aqui. É nesta 'fase' que riqueza torna-se um sinônimo relativo de poder: "In all countries of the world (...) agencies for exerting social influence (...) are always readier of access to the rich than to the poor" (Ibid: 58). Outra regra vulgar é que "every governing class tends to justify its actual exercise of power by resting it on some universal moral principle" (Ibid: 62). Mas o fenômeno mais geral é o da "circulação das elites":

One might say, indeed, that the whole history of civilized mankind comes down to a conflict between the tendency of dominant elements to monopolize political power and transmit possession of it by inheritance, and the tendency toward a dislocation of old forces and an insurgence of new forces; and this conflict produces and unending ferment of endosmosis and exosmosis between the upper classes and certain portions of the lower (Ibid: 65).

Ou seja, embora haja 'regras' gerais, estas não parecem ter aqui ainda o caráter de 'leis' inevitáveis onde tudo - o relevante ao menos - está contido. Uma certa 'história', ainda que traduzível em certas recorrências, regularidades que podem ser apontadas, 'infiltra-se' pertence a relativo imponderável, permite a ideia de 'pontos de fuga', que parece ausente em Pareto. É possível pensar o ocorrido mas não há uma vontade de circunscrição de um campo absorvedor de qualquer acontecimento, um 'furor científico'. Eventos produzem-se em outras esferas afetando a do 'político' - e esta não é pois, um carro-chefe todo poderoso e omnipotente, um dever ser potencialmente definidor do seu próprio mundo -, como quando na "história de uma nação", através de comércio, emigrações, descobertas, guerras, ocorrem novas distribuições de pobreza e riqueza, novos conhecimentos, "infiltrations of new moral, intellectual and religious currents" (Ibid: 67). Mosca não apresenta uma 'esperança desesperada' como a de Michels - quanto ao que aspectos biográficos de ambos talvez tenham relação significativa - e, nesse sentido, inclui transformações históricas no seu esquema explicativo outorgando ao carisma de 'indivíduos' um papel subordinado. Não são indício de possibilidade - ainda que reduzida - outra; embora nem por isso deixem de ser expressão de uma circulação mais intensa de elites, de forças, de novidade que irrompe:

The ruling class may (...) be vanquished and destroyed in whole or in part (...) or (...) it may be driven from power by the advent of new social elements who are strong in fresh political forces. Then, naturally, there comes a period of renovation, or, if one prefers, of revolution, during which individual energies have free play and certain individuals, more passionate,

more energetic, more intrepid or merely shrewder than others, force their way from the bottom of the social ladder to the topmost rungs (Ibid: Ibid).

Aliás, com essa simplicidade descritiva, Mosca parece fornecer uma chave potencial bem mais interessante para entender tanto os líderes que surgiram antes da independência da Irlanda e sua ascensão a postos de destaque quanto a efervescência que se seguiu e as possibilidades aí contidas, bem como - mesmo que do alto de sua cruzada contra a "ilusão da democracia" - sobre elementos que poderiam ter estado na base da manutenção de um sistema formalmente democrático:

Rapid restocking of ruling classes is a frequent and very striking phenomenon in countries that have been recently colonized. When social life begins in such environments, there is no ready-made ruling class, and while such a class is in process of formation, admittance to it is gained very easily. Monopolization of land and other agencies of production is, if not quite impossible, at any rate more difficult than elsewhere. That is why (...) examples of men who started with nothing and have attained fame and wealth are still frequent [in the United States] - all of which helps to foster in the people of that country the illusion that democracy is a fact (Ibid: 68).

É claro, portanto, que a ideia de representatividade não tem curso na 'realidade' dos fatos. Trata-se sempre, "por mais que não pareça", de uma "minoria organizada que impões sua vontade sobre a maioria desorganizada" (Ibid: 154). Numa antecipação das afirmações de Schumpeter, "the representative has himself elected by the voters" ou, como Mosca sofistica, "his friends have him elected". O que está em questão, por outro lado, são sempre "moral, intellectual and material means to force their will upon others, take the lead over the others and command them" (Ibid: Ibid; itálico do original) e que "each voter is forced to limit his choice to a very narrow field, (...) to a choice among two or three persons who have some chance of succeeding; and the only ones who have any chance of succeeding are those whose candidacies are championed by groups, by committees, by organized minorities" (Ibid: Ibid; itálico no original) - aqui certamente adentrando Dahl. A seleção dentro das próprias minorias dá-se com base em "considerations of property and taxation, on common material interests, on ties of family, class, religion, sect or political party". Nesse sentido, num sistema representativo - por tal meio oposto ao 'absoluto', identificado com domínio burocrático - há, recorrentemente, uma espécie de ativação de forças inertes ou submersas:

the representative system results not at all in government by the majority; it results in the participation of a certain number of social values in the guidance of the state, in the fact that many political forces which in an absolute state, a state ruled by a bureaucracy alone, would remain inert and without influence upon government become organized and so exert an influence on government (Ibid: 155).

Nesses termos, "as classes dominantes são obrigadas a levar em conta os sentimentos da massa" (Ibid: 156); e, assim, apesar da afirmação de que "a grande maioria dos eleitores são passivos" (Ibid: 155), eles detêm uma capacidade - que Schumpeter também identifica, mas

ao que parece atribuir somenos importância -, uma "força ativa" ausente em outros atores, até porque obriga os candidatos a "make every effort to flatter, wheedle and obtain the good will of the voters" e, deste modo, "certain sentiments and passions of the 'common herd' come to have their influence on the mental attitudes of the representatives themselves, and echoes of a widely disseminated opinion (...) easily come to be heard in the highest spheres of government (Ibid: Ibid). O "corpo eleitoral" pois tem certo peso na avaliação de Mosca embora, por vezes, "the masses are not (...) any wiser in discerning and protecting their interests than their representatives are" (Ibid: 156) - até porque haveria, na perspectiva dele de evidente 'esclarecimento', medidas cujo valor seria inconteste. Contudo, uma das razões para a crítica que faz ao caráter potencialmente tirânico do parlamento (numa certa analogia, aliás, com colocações de Schmitt⁵¹) - ainda que restrita, como marcado -, está ligada à sua incapacidade de dar fluxo a questões sociais gerais:

The real juridical safeguard in representative governments lies in the public discussion that takes place within representative assemblies. (...) But when, beyond being organs of discussion and publicizing, assemblies come to concentrate all the prestige and power of legitimate authority in their own hands, as regularly happens in parliamentary governments, then (...) the whole administrative and judiciary machine falls prey to the irresponsible and anonymous tyranny of those who win the elections and speak in the name of the people (Ibid: 157).

O governo reside em outro lugar e - embora o referendo possa ser "em alguns sentidos um instrumento bastante eficaz" no que toca à capacidade da 'opinião pública' de "reagir contra comportamentos e ações da minoria no governo" (Ibid: Ibid) - opera como um órgão 'acima' da maioria, ou de qualquer "ideal democrático de governo de maioria". É "a matter of managing the whole military, financial, judiciary and administritive machine, or of influencing those who manage it" (Ibid: Ibid). Noutros termos, a síntese é um tanto sombria: "politically speaking, (...) the state is nothing more than the organization of all social forces that have a political significance" (Ibid: 158).

O "instinto da manada" é, para Mosca, um princípio sociológico geral. O homem é, na sua perspectiva, um "animal social" e, assim, '"the individuals who make up a group are conscious of a special brotherhood and oneness with each other and vent their pugnacious instincts on members of other groups" (Ibid: 163) (Schmitt 1996, op.cit., afirma uma homogeneidade equivalente a esta quanto trata da base inevitável de uma possibilidade 'democrática'). Isto não impede contudo, muito pelo contrário, a reafirmação de que a descoberta das "constant tendencies or laws that regulate the organization of human societies" possa e deva ser feita "através do estudo da história" Ibid: 244). Aliás, Mosca faz

⁵¹ SCHMITT, Carl. [1923, 1926] 1996, A crise da democracia parlamentar. São Paulo: Scritta.

observações relativas a 'ciência' e 'religião' - com analogias significativas com proposituras de Durkheim, retomadas, por exemplo por Herzfeld 1992, op.cit., em trabalhos sobre nacionalismo - que têm certa aplicação no pequeno jardim irlandês, inclusive no que toca à expressa adoção do 'abrigo' sob o universalismo (e, juntamente, particularismo) católico da 'nação' expresso na *Bunreacht na hÉireann*. Não se trata, é claro, das assertivas diretas - e um ponto semelhante baseia a extensão de pensamentos de Durkheim, no lugar de sua avalização *in totum* -, como quando considera que "Scientific thought deals with the human intelligence. Faith has its basis in sentiment". Prossegue afirmando que "Science, necessarily, is accessible only to the small number of individuals who have the ability and the opportunity to lead highly intellectual lives. Religion exerts its influence upon the masses" (Ibid: 250) - e esse postulado talvez se coadune com as repercussões (os eleitos, o público?) almejadas pela prédica de Pareto. A campanha que Mosca move, na versão de 1896, contra o parlamentarismo é, sobretudo - num certo sentido, numa analogia forte com a 'briga' de Michels (com ecos vários também em Weber e Schmitt, guardada a distinção entre ambos) - contra o "absolutismo burocrático":

the defects of parliamentary assemblies (...) are merest trifles as compared with the harm that would inevitably result from abolishing them or stripping them of their influence. Under the conditions that prevail at present in society, the suppression of representative assemblies would inevitably be followed by a type of regime that is commonly called 'absolute'. We believe it might better be termed 'exclusively bureaucratic', since its chief characteristic is that it alienates from public life all political forces, all social values, except such as are represented in the bureaucracy. At the very least, it completely subordinates all other forces and values to the bureaucratic element (Ibid: 256).

Um problema, desse modo, permanece quase que sempre, como quando Mosca o coloca sob forma condicional, o de que "the oligarchy, which would be governing in the name of the people and would never be able wholly to eschew the intrigues and hypocrisies that are inevitable in any parliamentary government, would drift farther and farther away from the sentiments and passions of the people" (Ibid: 261). A realidade dos "governos constitucionais" europeus que presencia fazem-no ir contra o sistema parlamentar. Aí uma "descentralização" traria evidentes - na sua perspectiva de "saúde" do corpo público-político - benefícios e é quanto ao que sugere uma "engenharia" baseada numa 'crença' sociológica de base (uma 'vontade', mesmo que não expressa enquanto tal, tocquevilleana?):

The surest and most effective remedy for the evils of parliamentarism would be extensive and organic decentralization. That would not merely imply shifting prerogatives from central bureaucracies to provincial bureaucracies, and from national parliaments to local assemblies. It would imply transferring many of the functions that are now exercised by bureaucracies and elective bodies to the class of public-spirited citizens. In view of their education and their wealth such people are greatly superior to the average mass in ability, in independence and in social prestige. (...) Only by making constant use of such elements can the evils of

parliamentarism be mitigated and a transition from a parliamentary to a constitutional system be effected without peril to public liberties (Ibid: 265).

Mosca demonstra portanto suas preocupações, seus credos, e não tenta - ao modo de Pareto - situar-se como inatingível, do alto de uma ciência. Visa influir o que ocorre e tampouco - como Michels, poder-se-ia dizer - se crê situado, mesmo que de modo aflito, numa redoma. Tem menos compromissos 'acadêmicos' do que Michels e, talvez por isso, pode re-dissertar com maior facilidade, pode propor, por exemplo, a formação de uma "classe especial", virtuosamente instruída, e que, com base na "human being's natural propensity for social distinctions (...) would soon develop cohesion and group pride, and the member would be willing and eager to devote a part of their time to public business" (Ibid: 266). Arbitrariedade e artificialismo são regra geral. Através desse mecanismo, estar-se-ia apenas dando curso a uma classificação que já prevalece em "nossos hábitos e costumes privados" e, assim, como que 'juntando', garantindo o controle sobre o "ruinoso processo de seleção por baixo" que barra os 'melhores' homens, "que não comprarão, ou não têm como comprar, votos" (Ibid: 268). Mosca estaria, portanto, lutando por que toda uma (nova) 'ilustração' vença "a própria ordem de ideias e paixões onde a democracia se origina"; e "filosofia democrática" que pressupõe que não há ato político legítimo senão nos que "emanam direta ou indiretamente do sufrágio popular" (Ibid: 270). A persistência dessa "ilusão" impede o surgimento da "nova ordem" que deseja e defende. Se não 'traduz' a sociedade inteira - até porque sempre há "inferiores", 'naturalmente' excluídos de qualquer consideração relevante -, a 'boa nova' incluirá, não obstante, uma extensão da "classe dominante", da ruling class, como que magicamente capaz de incorpor o mais significativo da 'nação'. Ter-se-ia aí "a new broad-based aristocracy [who] might be formed of a numerous class that would contain almost all the moral and intellectual energies of a nation, and be the most available counterbalance to bureaucratic, financial and electoral oligarchies" (Ibid: Ibid). Essa formulação de Mosca, como ele explicita na parte de 1923 dos *Elementi*, não é a de um sistema fechado, ao modo, por exemplo, da proposta de Comte. Aqui ele preocupa-se com entender por que é que as 'denúncias' contra a oligarquização inerente à crença democrática ligada ao sufrágio universal não foram suficientes para permitir a emergência dessa melhor "nova ordem". Marx e Engels, que ele citara pouco antes, são chamados junto com uma espécie de lei a respeito da força de ideias políticas - e religiosas - na história: "a new conception in politics or religion cannot have a very great efficacy in practice until the conception that has preceded it in the public consciousness has exhausted all its powers of expansion, or, better still, has carried out, so to say, the historic mission which it was born to fulfill and which explains its more or less rapid success" (Ibid: 334).

Mosca assume aqui claramente seu papel de conselheiro do rei, substituindo-se a Saint Simon e falando para um "soberano" que não é nem apenas um nem todos. Ele é parte desse soberano e quer ser membro ativo dele. Seu papel torna-se o de 'esclarecedor' dos rumos correntes, a forma de melhor identificar os verdadeiros inimigos (novamente uma ponte com Carl Schmitt 1996, op.cit., parece bastante cabível) e, portanto, de garantir uma condução do que não deve ser deixado ao sabor dos 'outros', um mínimo de ordem, de hierarquia, de aristocracia. É neste sentido que afirma, por exemplo, que:

Democratic institutions may be able to endure for some time yet if, in virtue of them, a certain equilibrium between the various elements in the ruling class can be maintained, if our *apparent* democracy is not fatally carried away by logic, its worst enemy, and by the appetites of the lower classes and their leaders, and if it does not attempt to become *real* democracy by combining political equality with economic and cultural equality (Ibid: 335; itálico do original).

Mosca quer-se em 1923 um novo Montesquieu. Está indo além de Michels e da leitura 'científica' que ele propusera em 1896 e que Michels corroborara. Há pois que, como Montesquieu, ir além, e pragmaticamente "point out the values, defects and dangers of this or that form of government" (Ibid: 336). O seu tempo, "a historical moment that may be decisive for the future of our civilization", 'lhe pede' que explique "por que alguns organismos políticos são fortes e outros fracos" e uma engenharia que inclua "formas e mecanismos de prevenir sua decadência e de consertar seus defeitos" (Ibid: 466). Faz-se necessária uma análise mais apurada que prove o que afirma *a priori*, que é "para influência do estrato social intermedário", "o modo como é formado e funciona", que se caracteriza "o tipo ao qual pertence um organismo social e a eficácia de sua ação" (Ibid: 337). Por outro lado, isso é parte da possibilidade de 'conduzir' as mudanças, de situá-las na melhor "estrada civilizacional", já que "only by slow and continuous transformations of their political systems can peoples avoid periods of rapid disintegration accompanied by violent crises that bring untold suffering to the generations that have to undergo them" (Ibid: 477). Contextualmente, começa pois a valer a pena destacar a "superioridade do sistema representativo". Esse sistema permitiu "the establishment of a strong state, which has been able to canalize immense sums of individual energies toward purposes related to the collective interest. At the same time it has not trampled on those energies or supressed them" (Ibid: 475). Qual conselheiro-raposa, é sábio minorar as críticas ao "credo democrático" e à oligarquização, controlá-lo, moderá-lo, para poder centrar fogo na alternativa muito mais perigosa, na sua perspectiva, que vem grassando junto, do sindicalismo e do socialismo, com sua "pernicious and effective

propaganda of destructive hate between the social classes" (Ibid: 479). Todo um edifício, que lhe é caro, ruiria caso essa propaganda fosse eficaz em destruir o 'fato' de que "Never before has the material life of each single individual been so directly dependent upon the perfect functioning of the whole social mechanism" (Ibid: 480). Conflito, desmembramento e desordem são o cenário que há a todo o custo que evitar e - numa linha de argumentação que muito lembra Durkheim (1994, 1974, ops. cits.) - trata-se, portanto, de reafirmar a 'coesão'; de - através de uma propaganda que tem que ser bem mais do que estritamente 'científica' -, no mesmo passo se possível, reafirmar a 'unidade', identificar o inimigo, voltar a tornar 'religiosa' a 'política', carregar uma bandeira:

Unfortunately, one of the major weaknesses of present-day European society - another of the seeds of dissolution in the modern representative system - lies in a relaxation of those forces of moral cohesion which alone are capable of uniting in a consensus of sentiments and ideas all the atoms that make up a people, and which, therefore, constitute the cement without which any political edifice toters and collapses (Ibid: 481).

A bandeira do 'patriotismo' não é, infelizmente, suficiente. Embora tenha sido o "grande obstáculo moral" ao "avanço do socialismo", é anímico demais, carrega um potencial de "sobreexcitação", overexcitation, que pode torná-lo incontrolável, conduzir à Primeira Guerra e, assim, ao aguçamento do lucro de poucos - especuladores, raposas - e do "declínio intelectual e moral" correlato (Ibid: 482-4). Entre as três "soluções possíveis para a natureza radical da atual crise política" - a "ditadura do proletariado", o retorno ao "velho absolutismo burocráticos" e o "sindicalismo" - nenhuma, é evidente, lhe apraz. O próprio "sistema burocrático" seria apenas um "novo cesarismo", que "might even try to find a legal basis for itself in a popular referendum, or plebiscite, as the two Napoleonic Caesarisms did" e onde o "parlamento tem mera função decorativa" (Ibid: 487). Assim, Mosca acaba por defender um modelo parlamentar de governo - num desenho e por 'motivos' relativamente análogos aos de Weber em "Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída"⁵². Para Mosca, "the participation of the elective element is very important in the modern state, and the great superiority and the main strenght of modern political systems lie in the ingenious balacing that they admit of between the liberal principle and the autocratic principle, the former represented by parliaments and local councils, the latter by permanent bureaucracies" (Ibid: Ibid). Um balanço de poderes, um "controle e limitação recíprocos" são condição indispensável para a "liberdade política", a political liberty (Ibid: 488). Montesquieu ficaria feliz com esse indivíduo liberado para cuidar de sua vida privada, garantido contra o

⁵² WEBER, Max. [1917], 1958, 1974. Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída (uma contribuição à crítica política do funcionalismo e da política partidária). ____. Ensaios de sociologia e outros escritos. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores, vol. XXXVII).

despotismo, aqui através da "liberty of the press and, in general, all personal liberties (...), all the safeguards that the citizen has against arbitrary conduct on the part of the public official" (Ibid: Ibid). Sempre havendo que relembrar que "the effectiveness of a given political organ (...) is not related primarily to the legal power which the fundamental constitution confers upon it, but derives from the prestige which it enjoys in public opinion, and especially from the number and efficacy of the social forces, interests, ideas and sentiments which find their expression in it" (Ibid: 489).

É mais a cautela avisada da 'raposa' do que o furor do 'leão' que o conduz. Novamente um pouco ao modo de Weber, trata-se de garantir que o mínimo que ele está vendo como 'necessário' seja percebido, que o inimigo, os males das alternativas que pairam sejam evidenciados. Falando na terceira pessoa, deixa claro que é uma preocupação com a Europa e com a sua Itália que o levam a expressar-se à la Burke - de "urge the rising generation to restore and conserve the political system which it inherited from its fathers" -, a substituir o lado 'juvenil' que o fizera se voltar para "lay bare some of the untruth that lie imbedded in certain assumptions of the representative system, and some of the defects of parliamentarism", por um juízo "mais cauteloso", "mais balanceado" (Ibid: 491). Os "interesses comuns e supremos que há que salvaguardar" devem ser lembrados, uma legislação sobre as "mentes que são, e permanecerão, mentes infantis" da imprensa deve ser baixada, limites precisarão ser impostos à "liberdade de assembleia e associação", que garantam "effective and legal defense against the organization of elements that are opposed to the existing order and aim to suppress the state itself", breves períodos ditatoriais "podem na verdade se mostrar benéficos em alguns países europeus". Mas, sobretudo, trata-se de melhorar a "classe dominante", a ruling class, de "melhorar o níveil de sua competência e compreensão política", condição para que esta "gradualmente volta a ganhar, aos olhos das massas, o prestígio que em parte perdeu" (Ibid: 491-3). Em suma, de compor uma aristocracia capaz de ser uma 'moral' pública, uma meritocracia cujo reconhecimento - inclusive por parte das massas - advirá "naturalmente"; de garantir o acesso ao poder daqueles "individuals [that] make up a small moral and intellectual aristocracy, which keeps humanity from rotting in the slough of selfishness and material appetites". Tal 'missão' só poderá porém ser realizada gaundo as "melhores pessoas", "the 'best' people", tenham uma "clear and definite perception of the needs of their times, and therefore of the means best calculated to achieve social salvation" (Ibid: 494) - papel de 'ilustrador', de conselheiro dos necessários destinos da humanidade, que Mosca se vê realizando.

Weber também está próximo na recusa de uma 'neutralidade'. Não é Pareto, Schumpeter - ou mesmo Olson. Há 'algos', há uma espécie de valores, de propósitos não negados na composição tanto de 'engenharias', como de 'éticas' que 'têm que ser' - mesmo que permaneça uma certa ordem de discurso potencialmente 'científico', generalizável. Só ao modo de fecho desta seção, o tom de Weber sobre as perspectivas para a Alemanha em "Parlamentarismo e governo" (1974, op.cit.) não deixa margem para dúvidas quanto ao que está defendendo. Menos ainda o das páginas finais de "A política como vocação". Política não é apenas o controle da sua desmesura sempre latente; é a realização do inevitável compromisso do humano com o presente que ela encerra:

é profundamente comovente quando um homem *maduro* - não importa se velho ou jovem em anos - tem consciência de uma responsabilidade pelas conseqüências de sua conduta e realmente sente essa responsabilidade no coração e na alma. Age, então, segundo uma ética de responsabilidade e num determinado momento chega ao ponto em que diz: 'Eis-me aqui; não posso fazer de outro modo'. Isso é algo genuinamente humano e comovente. E todos nós que não estamos espiritualmente mortos devemos compreender a possibilidade de encontrar-nos, num determinado momento, nessa posição. Na medida em que isso é válido, uma ética de fins últimos e uma ética de responsabilidade não são contrastes absolutos, mas antes suplementos, que só em uníssono constituem um homem genuíno - um homem que *pode* ter a 'vocação para a política' (1982⁵³; itálico no original).

Como lidar com o fato de que é, quero crer, esse 'comprometimento' de autores com o 'humano' que parece torná-los - e a suas 'teorias'- aproximáveis do 'nacional' e de 'jardins empíricos'? Ou será que fui excessivamente 'alienada' (até a Sigourney Weaver tenho que pedir ajuda?!!!) pela *talkativeness* sem fim - seu peculiar controle sobre o ser? - dos meus pistaches?

Ш

No capítulo, acabou-se, porém, não só por não chegar a tal 'equilíbrio', como por antes propor uma retomada, que é também um interregno, da 'história' irlandesa recente, para tocar no período que se iniciou logo após o fim da Guerra Civil, no qual, em larga medida, se instaurou a dita 'normalidade democrática'. Como que abandonando os autores ainda agora abordados, dá-se entrada numa espécie de terrenos (dos 26 condados) da ilha menos dramáticos, jardim do qual - feliz ou infelizmente - alguns autores 'clássicos' da ciência política parecem gostar de se ocupar. Vamos pois a pistaches da Cunegundes tornada feia para depois lutar na busca de alguns sentidos de Eldorado nos jardins. Ai esses melhores dos mundos...

⁵³ WEBER, Max. [1918] 1946, 1982, A política como vocação. ____. *Ensaios de sociologia*. (org. e introd. de H. H. Gerth e C. Wright Mills). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

Isso já foi referido no capítulo "I - Introdução", mas ganhou dimensão própria no capítulo atual aqui. Durante um período, a ideia de estar com uma 'não-questão' circundou. A Irlanda é listada dentro das democracias de "primeira onda" em A terceira onda, livro de Huntington (1994⁵⁴: 24) que, para o bem ou para o mal, circulou bastante, e entre as que classifica como 'grupo A', ou seja, aquelas que, além disso, perduraram pelas segunda e terceira 'ondas e ondas reversas'. Aparece também em vários momentos de Democracies de Lijphart (1984⁵⁵) e é objeto recorrente das discussões, nem sempre otimistas, que trava a respeito das democracias majoritárias e consensuais. É exemplo do modelo westminteriano de democracia, dentre os regimes parlamentares. Nessa linha, como já comentado, a diferença essencial face ao sistema inglês de governo é ter uma presidência (para a qual o incumbente é eleito a cada sete anos, com recondução essencialmente automática - pode haver contestação, mas nunca ocorreu - por mais sete caso o decida), no lugar de um rei/rainha. Assim, já se referiu, uma hipótese banal que parece razoável para a 'permanência democrática' da Irlanda é a de que o sistema existente já era 'visto' como 'democrático' - tendo sido, inclusive, jogado desse modo pelos líderes; tanto líderes mais 'de antão', como Parnell, como por líderes 'presentes', ao modo de Collins, de Valera, Griffith e os chefes do Free State pós Guerra Civil. O jogo foi, desta forma, aceito porque havia lugar, algum lugar percebido ao menos, para a emergência de 'propostas' - de um lado 'separatistas' e, de outro, mais 'banais' - vistas como 'irlandesas'. É como se a possibilidade de 'representatividade' - não encarada, portanto, como de mero agrupamento de sujeitos - pudesse ser operada através de um sistema democrático, tal qual o existente na Grã-Bretanha. Parnell⁵⁶ é uma figura significativa nesse sentido já que 'aceitou' o jogo representativo, embora supostamente como forma de obter

⁵⁴ HUNTINGTON, Samuel P. 1994, *A terceira onda:* a democratização no final do século XX. São Paulo:

⁵⁵ LIJPHART, Arend. 1984, *Democracies*: patterns of majoritarian and consensus government in twenty-one countries. New Haven and London: Yale University Press.

⁵⁶ Não se entrará numa discussão a respeito do significado de Parnell, afora a breve apresentação feita em "IV -Guerras de histórias", até porque, na Babel da história irlandesa, sua ascensão a um papel de liderança (chegou a ser conhecido como the uncrowned king of Ireland) se mistura quase que 'necessariamente' com a possibilidade de representação da Land League, com a opção, nesse contexto, de Michael Davitt por não adentrar o jogo parlamentar, com "velhos" (vulgarmente representados em Isaac Butt) partilhamentos da 'experiência imperial' como saída para a 'questão irlandesa' etc. A política de obstrução de Parnell em Westminter - a ela conclamando todo o Irish Party -, com significados profundos, inclusive em termos de independentismo, sobretudo no período de Gladstone como Primeiro Ministro, é um capítulo fundamental da história política irlandesa em si. Garvin, p.e., considera que Parnell correspondeu à segunda, das três fases da gestação, de 65 anos, da "revolução irlandesa": "A second, agrarian phase commenced with the agreement of the IRB to ally with Parnell's parliamentarians and Davitt's agrarians in the New Departure. The Fenians supplied manpower for the Land League and its successor the National League and showed signs of evolving a rather vigorous but fundamentally constitutional style. This phase ended in 1891 with the fall of Parnell" (1987: 33). É pois todo um mundo, embora certamente muito próximo, que exigiria um détour especial, até porque então caberia tocar no Irish Parliamentary Party já sob a liderança de Redmond, seu 'eclipsar' pelo Sinn Féinn... GARVIN, Tom. 1987, Nationalist revolutionaries in Ireland, 1858-1928. Oxford: Clarendon Press

'saídas' (no seu caso uma Home Rule) do tipo de englobamento em que a Irlanda estava. Parnell várias vezes usou prerrogativas dos membros de Westminter, como a de 'obstrução', via discursos de mais de uma dezena de horas. O Sinn Féin, a partir da eleição de 1918, 'recusa-se' a 'sentar' em Westminter - mas funda um Dáil, 'idêntico' se quisermos, à Câmara dos Comuns inglesa; embora paralelo e próprio. Nestes termos, a 'representatividade' do modelo permanece como uma base de 'legitimação' importante; em que pese ocorrer junto com o desenvolvimento de uma ação de bastidores, em boa parte de caráter violento, e com, noutro plano, um exercício de 'disputa', processual e 'independentista', que permanece além da ratificação 'pública'.

Parecia assim haver uma questão, embora o parâmetro com que se estivesse tentando trabalhar fosse longe de 'neutro', ou da descritividade genérica própria do texto de Huntington. Na sua aproximação, a Irlanda entra como um daqueles "países que tinham adotado formas democráticas um pouco antes ou um pouco depois da Primeira Guerra Mundial, onde não apenas a democracia era nova, mas também, em muitos casos, a nação era nova" (Ibid: 27). Nesse grupo, dos 17 que adotaram instituições democráticas entre 1910 e 1931, apenas quatro mantiveram-nas ao longo dos anos 20 e 30 (Ibid: Ibid) - e a Irlanda entra como um deles. "Democratização" é a "variável dependente" que considera (p.e., ibid: 43) e postula ainda que as "democracias se consolidam quando as pessoas aprendem que a democracia é uma solução para o problema da tirania, mas não necessariamente para qualquer outro problema" (Ibid: 257). O curioso no caso da Irlanda, no que pode ser semelhante a outras 'ex-colônias' da Inglaterra como ele mesmo chega a apontar, é que a democracia - se considerada de uma perspectiva processual - não foi nem deixou de ser "uma solução para o problema da tirania"; até porque a existência ou não de uma "tirania inglesa" e suas características foi, e é até hoje, objeto de acirrados debates, como em parte já vimos no capítulo IV da tese. A questão, para esse período 'inicial' de formação de um estado 'independente', dos 26 condados agrupados no Free State mas também para o funcionamento sequente, parece pois mais a de 'em que lugar' e com que 'amplitude' exercer a democracia. "Democratização" talvez fosse tema, mas significando antes uma "ocupação do espaço nacional" do que uma mudança processualística. Era pois como se estivesse tentando encarar a 'velha senhora' (pode-se assim também pedir a ajuda de Friedrich Dürrenmatt?!!!) democracia por um viés particular - mas não é ela, ao menos relativamente, sempre encarada assim? -, 'temático'. No lugar de democratização havia um procedimento democrático continuado, só em mínimos aspectos modificado com o novo estatuto de Free State. Tratavase de contorcê-'la' (essas curvaturas do espaço-tempo?!), para tentar começar a pensar como

mudanças fortes, dramaticamente carregadas, permitiram, não obstante, uma - e qual é questão de fundo que atravessa a tese - permanência. Nesse sentido, na verdade talvez 'democracia' houvesse sido 'entendida' na Irlanda ao modo que Huntington deseja e que se tratasse apenas de maior poder de mudar alguns governantes, os membros do parlamento e do executivo em particular, do que anteriormente. Do alto da sua prescritividade: "A democracia não significa que os problemas serão resolvidos; significa que os governantes podem ser removidos; e a essência do comportamento democrático é fazer essa última coisa, porque a primeira é impossível" (Ibid: Ibid). Um ponto que parece ainda aí escapar é que, nos processos, outros problemas e outras expectativas, mesmo que não imediatamente solucionados no jogo democrático, adentram o conjunto da cena; transformam-na, realimentam-na, tornam-se tanto em novos focos de 'desordem' como em retematizadores do esforço ordenatório tentado via democracia.

Numa descrição possível da 'armadura' política, o sistema irlandês é, então, muito semelhante ao da Grã-Bretanha. O Senado talvez não seja uma Câmara dos Lordes inglesa, na medida em que não se trata de velhos *lords*. Mas Margareth Thatcher também esteve na Câmara Alta da Inglaterra! - e a 'fluidez' das fronteiras 'aristocráticas' na Inglaterra é tema antigo⁵⁷. O Seánad tem sessenta membros dos quais onze são indicados pelo Taoiseach (primeiro ministro), após as demais indicações. Dos restantes quarenta e nove, seis são eleitos pelos *graduates* do sistema das National Universities of Ireland (3) e pelo Trinity College (3) e os demais pelos TDs (Teachtaí Dála ou Dáil deputy) e por outros 'representantes públicos' (*county councillors, city councillors, town comissioners*). O governo, nesse sistema de recrutamento, normalmente detém maioria no Senado. Na prática funciona como lugar para TDs que não se reelegeram ou para quem se pretende lançar no processo eleitoral ou, ainda, como lugar de 'aposentadoria' para ex-membros do executivo (na sua vasta maioria anteriormente membros do Dáil). É curioso notar que o Séanad que emergiu da constituição do tratado era diferente. Lyons relata esse processo:

 $^{^{57}}$ Pode-se mencionar algumas passagens clássicas do cap. X do Livro II de O antigo regime e a revolução como exemplo da leitura de Tocqueville a respeito:

Se os ingleses, a partir da Idade Média, tivessem perdido como nós a liberdade política (...), é muito provável que cada uma das diferentes classes que compõem sua aristocracia teria sido colocada à parte (...) e que, juntas, ter-se-iam separado do povo. Mas a liberdade obrigou-as a sempre ficarem ao alcance umas das outras para que pudessem entender-se quando preciso.

É curioso ver como a nobreza inglesa, levada pela ambição, conseguiu, quando achou necessário, misturar-se de maneira familiar com seus inferiores e fingir que os considerava seus iguais. (...)

A aristocracia inglesa era sem dúvida mais altiva que a francesa e menos disposta a familiarizar-se com tudo que vivia debaixo dela, mas as necessidades de sua condição a isto a obrigavam. Estava disposta a tudo para comandar (1979: 110).

TOCQUEVILLE, Alexis de. [1856]1964, 1979, *O antigo regime e a revolução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

The very day the Treaty was signed Arthur Griffith had met three representative Unionists and had, it seems, given them two assurances. One was that proportional representation would be used for elections to the Dáil, and the other was that they should have due representation in the upper house, the Senate. Griffith's proposal (...) was extremely cumbersome and had soon to be simplified. Of more immediate importance was the concession that in the *first* Senate half the sixty members would be elected by the Dáil and half would be nominated by the President of the Executive Council (Prime Minister) 'in a manner calculated to represent minorities or interests no adequately represented in the Dáil' (1985⁵⁸: 473; itálico do original).

O poder principal do Senado era, então como agora, o de postergar a aplicação de leis, de bills. Quando usada até 1937, essa prerrogativa era vulgarmente associada a uma suposta não-Irishness, que seria como que um 'mal de origem' da própria composição do Senado. Como Chubb relata: "When it exercised its right to hold up legislation that had been passed in the Dáil, it was immediately open to the charge not only of thwarting the real representatives of the people but of being un-Irish as well" (1986⁵⁹: 211). De Valera e o Fianna Fáil chegam a aboli-lo em 1936. Na Constituição de 1937, de Valera altera o modo de recrutamento formal dos seus membros, para o modo ainda agora descrito. A operação do Séanad permanece a que era, sua semelhança com a Câmara dos Lordes quase que aumenta, mas desaparece contudo essa perspectivação negativa. É cabível encarar a 'reforma' do Seánad como parte do processo forte de produção de 'homogeneidade' em curso, onde a própria ideia de 'minorias' se torna anacrônica. Não houve mudança na suposição de que os debates do Senado devem lidar com assuntos de foro 'maior', de 'grandes perspectivas' para o país ou sobre política internacional. Manteve-se também a possibilidade do Séanad apresentar leis, bills, embora seguindo uma processualística diferente das apresentadas pelo executivo ao Dáil ou das 'gestadas' no próprio Dáil. Por outro lado, embora mantido, o poder de postergar a entrada em validade de leis passou a ser raramente exercido. Na constituição de 1937 havia a ideia de que os quarenta e três membros indicados por um 'colégio eleitoral' amplo (cerca de 900 membros) seriam um "passo em direção à representação vocacional" (Chubb 1986, op.cit.: 212), no tipo de 'corporativismo' que, num certo plano ao menos, 'substitui' o outro gênero de 'desenho', potencialmente mais mutante e 'incontrolável', que perspectiva a partir de 'minorias'. Seu efeito prático foi pequeno ou nulo:

More serious for genuine vocational representation, the dilution of direct representation of vocational organizations in order to make the system more democratic permitted party domination, which has in fact been complete. (...) Since the Taoiseach's nominees tend also to be party men, the Seanad is composed largely of party politicians not very different from their colleagues in the Dáil and, in the case of many of them, with only tenuous connections with the interests they affect to represent. Usually between one-quarter and one-third of them have been TDs, defeated or retired, and many of the rest are party men who have earned a reward or

⁵⁸ LYONS, F.S. L.. [1963] [1973] 1985, *Ireland since the Famine*. London: Fontana Press.

⁵⁹ CHUBB, Basil. [1970] [1982] 1986, *The government and politics of Ireland* (second edition). London and New York: Longman / Stanford University Press.

consolation prize. In recent years, a few have been aspirant deputies, younger people using the Seanad as a steppingstone to the Dáil (Chubb Ibid: Ibid).

Lee expressa o mesmo ponto de vista, acrescentando que a 'engenharia' de De Valera visava, logo *a priori*, o controle partidário do Seanad, mais em particular pelo seu Fianna Fáil:

the most potentially radical iniative at that time [the late 1930s], the demand for a corporatist (or, in Irish parlance, vocationalist) reorganization of society, was launched by circles closer to Cosgrave than to de Valera. Irish corporatists derived their intellectual stimulus in large measure from Pius XI's 1931 encyclical, *Quadragesimo Anno*. The general ideological thrust of the encyclical, condemning materialistic capitalism as well as materialistic communism, contained much to appeal to de Valera. But the demand of Irish corporatists, however vaguely formulated during the 1930s, for a national vocational council, to either advise or supersed parliament, had one decisive disadvantage from de Valera's viewpoint. It would curb the power of political parties, which in practice meant the power of Fianna Fáil. (...)

De Valera handled the vocationalist threat with consummate skill. He adopted the classic Augustinian posture - 'give me corporatism, but not yet' (1992⁶⁰: 271).

De qualquer forma, o que estava posto em questão não era um "corporativismo moderno", nos moldes analisados por Cawson: "The crucial concept is that of public policy as the outcome of a bargaining process between state agencies and those organised interests whose power in the political marketplace means that their co-operation is indispensable if agreed policies are to be implemented" (1986⁶¹: 35). Num certo sentido, o credo subjacente, em ambos os 'lados', era o oposto. Não há qualquer barganha ou jogo aí senão, antes, a ideia de uma 'expressão' - que vulgarmente não se vê 'construindo' - da sociedade ou de uma busca de meios de poder que - assim parece ter ido a crença de Dev - garantam ordem porque uma 'boa' sociedade 'em construção' lhe dará azo⁶². No que toca ao Seanad, valeria pois mencionar, sintetizando, a 'substituição' de uma ideia de vocalização de 'minorias' por um desenho que mantém analogia com um 'corporativismo' mas onde, não obstante, a questão 'partidária', confundida ou não com o partido hegemônico como foi o caso, acabou por desenhar uma segunda câmara quase que não marcada por 'questão nenhuma', essencialmente 'personalista' e com razoável

⁶⁰ LEE, Joe J. 1992. *Ireland 1912-1985 - politics and society*. Cambridge University Press.

⁶¹ CAWSON, Alan. 1986, *Corporatism and political theory*. London: Basil Blackwell. (chapters 1 and 2: pp. 1-44

⁶² Tenho ciência de que o debate em torno do "corporativismo" é vastíssimo, buscando-se, com frequência, uma 'origem' na apologia de Montesquieu dos "corpos intermediários" na monarquia como expressão de suas vantagens e garantia contra o tipo adverso construído despotismo; além de sua também ligação com correntes "pluralistas". (A respeito, vide, p.e., Bobbio 1994; Bobbio 1986; Incisa 1986). A defesa de Durkheim dos "grupos secundários", de feição corporativa, como condição para que se mantenha "coesão social" junto com "individualismo" - que decorre da preponderância progressiva da "solidariedade orgânica" sobre a "mecânica" -, expresso por exemplo em *Da divisão do trabalho social*, é outro aporte significativo ao tema e a investigações de sua interrelação com pressupostos sobre funcionamento da "unidade" social e política. Um contraste entre "corporativismo" e "sindicalismo" nas formulações de Mosca, seria um investimento curioso nesse sentido. BOBBIO, Norberto. [1976] 1994, *A teoria das formas de governo. (La teoria delle forme di governo nella storia del pensiero político)*. Brasília: Editora Universidade de Brasília; BOBBIO, Norberto. 1986, Pluralismo. BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO. 1986, *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. pp. 287-91.

semelhança com a Câmara dos Lordes inglesa, no seu papel e forma de recrutamento atuais. Paradoxalmente, é como se a vontade de assegurar uma permanência no poder haja feito com que de Valera não optasse por um desenho rígido de sociedade; a 'boa sociedade', católica e familiar em todas as suas formas, prescindindo de qualquer antecipação finalista - mesmo a de um permanente 'ponto de fuga' potencialmente suposto numa modelagem 'corporativista'. Essa ideia a que Dev não deu seguimento corresponderia a uma expressão 'natural' da sociedade na forma 'ampla' de representação nacional do Seanad. Face a esses movimentos, o Senado acabou pois por tornar-se num elemento adicional de um jogo democrático que, assim parecem querer autores atuais, se apresenta como permanentemente fugidio. Como nem mesmo há 'velhas ordens' - *lords* da vida que uma *Anglo-Irish ascendancy* bem que tentou representar - a serem contempladas e pacificadas nessa 'nova' inclusão⁶³, o Senado ficou livre para atuar - ou, sobretudo, ser atuado - apenas um pequeno mundo dentro do jogo político 'democrático' definido.

É curioso notar quanto a este ponto, por último, que a 'retirada' das 'minorias' do desenho do Senado - provavelmente associada ao não desejo de classificação dos 'protestantes' como minoria dentro do que viria a ser a República⁶⁴ - foi compatível com uma 'produção' pública forte dos *gaélgoir* (falantes de *Irish*). O *Irish* ou *gaeilge* é a '*primeira*' língua nacional⁶⁵, junto com o inglês, e torna-se 'incorreto' até mesmo defini-lo como *Irish gaelic* (para distinguir, por exemplo, do *Scottish gaelic*). É difícil precisar quantos seriam os falantes de *gaeilge* à época do tratado. De qualquer forma, num processo que já vinha de antes no 'movimento nacionalista' - e que teve em Yeats um promotor famoso - há esforços de associar o 'novo' país a uma 'nova' língua (com todas as conexões, como 'antiga', 'proibida', língua dos 'mais dominados' etc., cabíveis). Os *gaélgoir* tornam-se então numa espécie de expressão do 'mais irlandês' existente e, mas isso fora de explicitação em quaisquer políticas

 $^{^{63}}$ Talvez valha mencionar, aliás, que, no artigo 40, na seção sobre "Fundamental Rights", a *Bunreacheat na hÉireann* define:

^{2. 10} Titles of nobility shall not be conferred by the sate.

^{2&}lt;sup>o</sup> No title of nobility or of honour may be accepted by any citizen except with the prior approval of the Government" (:126).

⁶⁴ Um poema de Paul Durcan, que já foi citado em outro capítulo da tese, "What is a Protestant, daddy?", é expressivo: "Protestants were Martians / Light years more weird / Than zoological creatures / But soon they would all go away / Soon there would be no more / Protestants..." (*apud* Longley 1996). LONGLEY, Edna. 1996, The Irish Republic: part of the problem / part of the solution. *Times Change*: quarterly political and cultural review. Number 8, Summer/Autumn 1996. Dublin. pp. 9-15.

⁶⁵ O Irish tem, na verdade, um estatuto além de primeira língua nacional. De acordo com a *Bunreacht na hÉireann*, Art. 25, 4. "6º In case of conflict between the text of a law enrolled under this section [que trata do The National Parliament ou An Pharlaimint Náisiúnta] in both the official languages, the text in the national language [Irish] shall prevail" (1990, op.cit.: 72). Por outro lado, mais ainda do que isso e conforme consta antes na constituição, no Art. 8: "1. The Irish language as the national language is the first official language. 2. The English language is recognised as a second official language" (Ibid: 6).

ou ideologias oficiais, num tipo de 'minoria privilegiada'. O Irish não só é língua oficial como seu ensino às crianças é longo e continuado. (Um outro exemplo, nessa linha, é o de que alunos que aceitem fazer as provas finais das high schools - cujas notas em boa parte determinarão a possibilidade ou não de acesso a x cursos e universidades públicas - em Irish automaticamente obtêm cerca de 10% a mais na sua pontuação). Ou seja, não apenas os gaélgoir não são encarados como uma 'minoria' como, nesse processo, é toda a ideia de un pays à batir que é jogada através do Irish. Suprime-se tanto as 'minorias' (com os processos sociológicos que acabaram por ser correlatos) como elege-se uma 'minoria' em símbolo muito embora extraordinariamente mutante ao longo das décadas após a proclamação do Free State - do 'dever ser' nacional; o estatuto de 'minoria' tornando-se, em tudo, objeto de um jogo particular - e parece claro -, subsumível a 'ordens maiores' de questões⁶⁶. É essa ambiguidade que Chubb relata a respeito do Ministro dos Gaéltacht (áreas, mais ou menos definidas pelo governo, onde parcelas significativas da população são gaélgoir e onde o gaéilge é - ou onde há mecanismos incentivando a que se torne - língua corrente), embora assuma as 'minorias' como algo substantivo, (a 'não existência' como que pressupondo o contraponto da possibilidade de uma 'existência em si' e, quiçá, 'para si'), e não esse 'desaparecimento' como fruto de um processo do qual o desenho da 'armadura política' do estado irlandês é tanto 'sintoma' como 'autor': "De Valera's successors in Fianna Fáil seem to have had considerable elbowroom in forming governments. It has been the greater because there are no ethnic, religious, or other divisions in the country to be taken account of, although the Minister for the Gaeltacht (the Irish-speaking areas) needs to have fluent Irish, which many TDs do not have" (Chubb 1986, op.cit.: 184).

O Dáil Éireann, o Parlamento propriamente dito (embora a tradução para Parlamento seja Oireachtas, incluindo pois o Seanad Éireann além do Dáil) gira em torno de 165 membros. É bastante semelhante à Câmara dos Comuns inglesa. O sistema eleitoral é distrital,

-

 $^{^{66}}$ Longley, p.e., no seu tratamento da questão da Irlanda do norte, aponta para o papel que o "minoritarismo" aí joga:

Northern Ireland is sometimes understood as a 'double minority' problem - Catholics in the North, Protestants in Ireland. Yet even so, the effects o sect-arianism [sic] on politics are usually represented as peculiar to the North, and as mainly stemming from Protestant bigotry. (...) Historically, in fact, there has been a treble minority problem, produced by the dissidence of Catholic Ireland within an archipelago controlled from England. This local theatre of a pan-European conflict ultimately created a crisis for Protestant Ireland as a whole. Thus an issue such as past and present discrimination in Northern Ireland is not bounded by the border. Ulster Catholics, so to speak, have not been discriminated against purely on their own account (...) but as representatives of a larger, threatening Catholic constituency. Vice versa, they see themselves as drawing strenght from that constituency, and have awaited in a state of Jacobite suspension for its relieving force - hence their partly symbolic attachment to the Anglo-Irish Agreement. Accordingly, Protestant attitudes in the North cannot be divorced from the exclusionary behaviour of the Free State and the Catholic Church towards Southern Protestants (1996: 9).

contendo redistritamento, e sendo que cada distrito, constituency, elege de três a cinco membros. Não há obrigatoriedade mínima de TDs para que um partido seja reconhecido como tal. Os candidatos podem escolher apresentar-se tanto como representantes de um partido como sob a forma de 'independentes'. Cada candidato é considerado como 'indivíduo' e tem que depositar uma soma, relativamente pequena, para apresentar-se à eleição. Caso não obtenha um mínimo de votos perde o valor desse depósito. O princípio constitucional é, pois, o das candidaturas individuais. Não há prescrições a respeito de partidos. No 'regimento' do Dáil os partidos têm contudo existência 'legal' e financeira. Um mínimo de sete membros entre os TDs é condição para o 'reconhecimento pelo governo' da existência de um partido - o que confere direito a ter staff members e acesso à imprensa / editora do Oireachtas para os membros e, por outro lado, o de apresentar propostas de leis, bills, enquanto membro de um partido; coisa de que os 'independentes' estão excluídos reservado-se-lhes, contudo, o direito, comum a todos os membros do Dáil, de apresentar sugestões de modificação, amendments às bills. Quando membros de um 'partido', mínimo de sete, além de direito de apresentar bills, os TDs participam também na indicação de um whip, permitindo voz do partido na divisão de tempo dos assuntos do Dáil. O governo 'ocupa' a maior parte do tempo do Dáil, deixando pouco para a oposição. A presença, através do whip, garante participação na disputa pela divisão do tempo restante. Garante também que haverá representação em alguns comitês - e o jogo é, aí, duplamente individual e partidário (muito embora os comitês não tenham um papel tão significativo e alongado quanto no sistema ingês). No processo habitual há, inclusive, casos de 'coalizões técnicas', juntando membros eleitos por partidos - existentes para todos os efeitos menos os do regimento do Dáil -, de profissões políticas bastante distintas, visando assegurar tais 'direitos'. Os TDs são, pois, eleitos individualmente e, nesses termos, não há nada que se assemelhe com o 'voto de legenda'. Poderiam mudar de partido a seu bel-prazer. Contudo, como nesse arranjo acaba por haver poucas razões para fazê-lo, tal praticamente não ocorre. Grosso modo, pode-se pois dizer que não houve mudanças significativas entre o regime de indicação de deputados para Westminter e o do Free State para o Dáil, continuado na Constituição de 1937, que permanece em vigor. Por alguns minutos, pensei estar postulando algo original mas isso parece impossível no contexto da permanente talkativeness (também acadêmica) irlandesa. Uma súmula de pontos até agora feitos nesta seção parece estar, por exemplo, em Chubb:

Bunreacht na hÉireann [written and approved, through referendum, in 1937] to a large extent retained what had been in the Irish Free State Constitution or had evolved in practice in the tense, formative years of the state, when the circumstances had seemed to demand strong government, and the system had been put to test. The only major exception was the

arrangements for the senate. (...) the prestige of Seanad Éireann was, and remains, low. (...) Were it to disappear, it would not be missed.

This system of government can justly be described as 'British'; to be more precise, it should be labelled as the 'early twentieth-century Westminster model'. As it happened, British practice at this time tended to emphasise the role and position of the cabinet at the expense of parliament, and it was this model, which the founders of the state adopted from the beginning, that received de Valera's *imprimatur*. It can appropriately be discussed in the present tense for the very good reason that it is still in operation, remarkably unchanged, after more than half a century (1988⁶⁷: 94-5).

Lee faz uma afirmação análoga a respeito do conjunto da Constituição de 1937:

The constitution, for all the reservations that may be expressed from various viewpoints about particular clauses, and despite internal logical contradiction, was a remarkable document. Its importance lay not only in what it changed, but in what it retained, from the constitution of 1922, and indeed from British constitutional practice. In procedural terms, it tidied up the increasingly confused constitutional situation arising from Cosgrave's and de Valera's piecemeal revisions. It was, not least, a significant achievement in a party political sense. (...) De Valera's constitution broadly codified the subjective transition to parliamentary democracy made by Fianna Fáil during the intervening period (1992, op.cit.: 208-9).

Já Gallagher defende que "apesar do elevado nível de continuidade" houve algumas mudanças expressivas. Por um lado, o fato de ter sido apresentada como uma 'nova constituição' e não apenas como "one long amendment to the existing constitution" é em si importante: "it was vital simbolically to seem to make a new beginning, and to have the Irish people confer the new constitution on themselves" (1993⁶⁸: 51). Carrega uma marca 'fundacional', constituindo, simultaneamente, um 'fecho', ainda que não completo ou 'real', do processo anterior - expresso, por exemplo, nos artigos que preveem que o 'território nacional' abrange o conjunto da ilha e o da existência de um Presidente, embora sem explicitar uma República (declarada em 1949, durante o primeiro governo de que o Fiánna Fail estivera ausente desde 1932⁶⁹). Keogh, tratando do papel da igreja católica, assume também essa perspectiva a respeito do

⁶⁷ CHUBB, Basil. 1988, Government and Dáil: constitutional myth and political practice. FARRELL, Brian (ed). 1988, *De Valera's constitution and ours*. (The Thomas Davis Lectures Serires). Dublin: Gill and Macmillan. pp. 93-102.

⁶⁸ GALLAGHER, Michael. 1993, The constitution. COAKLEY, John & GALLAGHER, Michael (eds). 1993, *Politics in the Republic of Ireland*. Dublin and Limerick: Follens and PSAI Press. pp. 49-66.

⁶⁹ A declaração de República foi feita por John Costello, primeiro-ministro, de 1948 a 1951, do Clann na Poblachta, de um governo de maioria Fine Gael. Parte do relato constante na Wikipedia:

During the campaign Clann na Poblachta had promised to repeal the External Relations Act of 1936, but did not make an issue of this when the government was being formed. However, Costello and his Tánaiste, William Norton of the Labour Party, also disliked the act. During the summer of 1948, the Cabinet discussed repealing the act; however, no firm decision was made.

In September 1948, Costello was on an official visit to Canada when a reporter asked him about the possibility of Ireland leaving the British Commonwealth. Costello, for the first time, declared publicly that the Irish government was indeed going to repeal the External Relations Act and declare Ireland a republic. It has been suggested that this was a reaction to offence caused by the Governor General of Canada at the time, the Earl Alexander of Tunis, who was of Northern Irish descent and who allegedly arranged to have placed symbols of Northern Ireland—notably a replica of the famous Roaring Meg cannon used in the Siege of Derry—in front of Costello at an official dinner. Costello made no mention of these aspects on the second reading of the Republic of Ireland Bill on 24 November and, in his memoirs, claimed that Alexander's behaviour had in fact been perfectly civil and could have had no bearing on a decision which had already been made. https://en.wikipedia.org/wiki/John A. Costello . Acesso 2017-11-21.

'papel' que a constituição de 1937 teve. A adesão da hierarquia católica ao 'corporativismo' fora menor do que comumente se pressupõe. Por outro lado, o Fiánna Fail não produzira nenhuma evidente 'união' em torno do 'país como economia'. A constituição que emerge acaba pois por ter a marca da igreja, ao mesmo tempo que o vocacionalismo perde seu papel, nesse simbolismo de um "novo começo" que visa a supressão da divisão da guerra civil e uma afirmação de 'irlancedidade:

The bipolar political world of Treaty and anti-Treaty was never characterised by a wealth of ideological diversity. But the range of political ideas in the mid-1930s offered choices of vocationalism and corporatism to the electorate. The Fianna Fáil economic 'miracle' had been reduced in stature by a trade war with England. (...)

The role of the Catholic Church in any major redefinition of Irish identity - as the introduction of a new constitution was undoubtedly to be - was likely to prove of major importance. The range of largely Mediterranean Catholic political ideas on offer in the 1930s was a complicating factor. Corporatism and vocationalism were seen as the third way, the *via media*, between capitalism and communism. But the attachment of leading members of the Catholic Church to that new political vision may be exaggerated. In fact very few bishops or prominent members of the clergy supported vocationalism. Of far greater importance was the view, held strongly in Irish Catholic circles, that the 1922 Constitution was in some way not a wholly Irish document. It was an 'imposed' document (1988⁷⁰: 107).

O sistema de eleições dos membros do Dáil, bcm como para várias outras instâncias políticas, inclusive county councillors, painéis do Senado e MEPs (members of the European Parliament), é o de representação proporcional - voto único transferível, proportional representantion - single transferable vote, conhecido como PR-STV, que, é consabido, se baseou esboço de Carl Andrae e de Thomas Hare, no final da década de 1850, e teve em John Stuart Mill, como expresso particularmente em Considerations on representative government, de 1861, um de seus mais lídimos defensores. 71 Boa parte dos irlandeses o considera excelente e alguns se dedicam a acompanhar com afinco as contagens de votos em cada eleição. Os referendos que tentaram substituí-lo por outro sistema eleitoral foram derrotados. O mecanismo das transferências é, à primeira vista, complicado, mas há inclusive quem 'visualize' e defina uma estimativa com grande rapidez, pelo que busca ficar ao lado das urnas eleitorais para 'selecionar' quais os papéis de voto que seguirão para a contagem seguinte, para, ainda que num nível mínimo, dar vantagem a candidato(s). No nível básico, os eleitores recebem um papel de voto com o nome de todos os candidatos àquele distrito eleitoral e colocam um número, de 1 a x (o total de candidatos do distrito), na frente de cada um, de acordo com a ordem de sua preferência, mas há muitas formas de 'brincar' com essa marcação. A defesa fundamental do PR-STV é ser o meio eleitoral que melhor expressa

⁷⁰ KEOGH, Dermot. 1988, Church, state and society. FARRELL, Brian (ed). 1988, *De Valera's constitution and ours*. (The Thomas Davis Lectures Series). Dublin: Gill and Macmillan. pp. 103-22.

⁷¹ A respeito vide NICOLAU, Jairo Marconi. 2004, *Sistemas eleitorais* (5a ed). Rio de Janeiro: Editora FGV, particularmente o capítulo 2.

preferências dos eleitores, associado a sua capacidade como vocalizador de minorias, afora as possibilidades que oferece de votar contra. Este exemplo de possibilidade de 'brincar' ocorre ao - num dos tipos de transferência - dar o número 1 a um candidato que tenha alto grau de probabilidade de aparecer entre as primeiras preferências da maioria do eleitorado daquele distrito. Entre os papéis de voto que o colocaram em primeiro lugar, se a cota mínima foi excedida, parte dos papéis de voto segue para a próxima contagem. que excederam a cota mínima. A seleção dos papéis de voto, cada um deles expressando a ordem de preferência atribuída ao conjunto dos candidatos (apesar de que se pode perfeitamente só dar o número 1 e mais nada, caso em que esse papel de voto não servirá para efeitos de transferência), em princípio é feita ao acaso entre o total dos papéis de voto que colocaram o(s) candidato(s) que ultrapassou(aram) a cota mínima como primeira(s) preferência(s), sendo o total dos papéis de voto tirados 'à sorte' correspondendo à percentagem de votos que está sendo transferida (mas nisso entrando aquele 'visualizador' perspicaz ainda agora mencionado). 'Votar contra' seria então dar o número 1 a esse(s) candidato(s) com possibilidade muito elevada de serem eleitos logo na primeira contagem e colocar em último lugar o candidato que não se gostaria que fosse eleito. Também valeria, alternativamente, num meio de ordenar mais linear e de 'menor operação', para buscar aumentar as probabilidades de eleição de um outro candidato, colocar esse com grande probabilidade de ser considerado eleito logo nas primeiras contagens como número 1, e dar o número 2 ao que corresponderia à preferência mais efetiva. Ainda, até porque - através de uma matemática talvez não evidente mas tampouco muito complicada, que leva em conta a cota eleitoral e o número de candidatos que ainda poderão ser eleitos diante do número dos que já entraram e do total de papéis de voto que serão necessário para preencher as demais vagas - os candidatos com menor número de primeiras preferências também vão sendo eliminados e os papéis de voto correspondentes entrando nas transferências, se pode 'brincar' dando o número 1 a um candidato praticamente sem possibilidades de ser eleito e colocando o número 2 diante do candidato que se privilegia. O fato de muitos eleitores apenas indicarem a primeira preferência tampouco seria um problema. Muito pelo contrário, do ponto de vista canônico do sistema, já que minorias que tendessem a se sentir lesadas por um ou mais candidatos, do mesmo modo que grupos ou minorias com grande 'intensidade de preferências', exerceriam mais a sequencialidade, tendo pois maior peso nos resultados. Como cada distrito, constituency, elege de três a cinco candidatos - no lugar de first past the post como na Inglaterra - minorias relativas ou grupos com intensas preferências (inclusive pelo jogo político eleitoral) teriam também a capacidade de eleger candidatos não majoritários; processo que seria pois, além do mais, uma excelente arena para a seleção da capacidade de candidatos de representarem ou não parcelas razoáveis daquele distrito sem impedir de, ao mesmo tempo, serem vocalizadores de 'questões nacionais', até quando se trate de eleições para os *county councils*. 'Interesses' distritais e 'nacionais' estariam representados - e até mesmo o balanço relativo da importância do 'local' face ao 'geral' se expressaria. Nesse sentido, ainda, 'nanicos não excessivamente nanicos' teriam algumas possibilidades de se eleger. Mais, embora os candidatos se apresentem individualmente e fora de legendas partidárias, um voto de fidelidade partidária é possível, bastando apontar os candidatos apoiados pelo partido nos primeiros indíces de preferências. Isto não só não invalidaria 'dar voto' para outros candidatos, colocando-os em terceiro ou quarto lugar, como, em termos gerais estaria 'ajudando' os partidos no seu 'trabalho' de seleção de candidatos. Sinnott coloca que a operação do sistema é, em si, simples:

The bulk of the voters probably have, at best, a hazy notion of the logic of the system and certainly do not understand its 'mechanics'. (...) All that is needed in order to use the system to the full is an understanding of the notion of ranking a set of candidates according to one's preferences. This level of understanding is sufficient to enable loyal party voters to participate in the vote management strategies adopted by some parties in some constituencies (...). For such strategies to work, the party managers need to know the subtleties of the system; the party voter simply needs to know that the party wants him or her to express a particular order of preferences (1993⁷²: 69).

As únicas eleições, dentre as de fórum nacional, que são "estritamente PR-STV", argumenta Sinnott, são as para o Dáil. No caso de *by-elections*, quando há um único lugar a ser preenchido, ou para a presidência, "the single transferable vote in a single-seat contest is known as the alternative vote (AV)" (Ibid: Ibid). É possível tentar ler parte das eleições para o Seanad como derivando do PR-STV, na medida em que do colégio eleitoral composto por uma míriade de representantes que elege 43 senadores a grande maioria é, por sua vez, eleita com base no sistema. O ponto que parece contudo mais significativo é o da transferência do debate da representação de minorias ou de interesses de grupos particulares para o PR-STV em si, retirando-o do Senado. A ideia de 'democracia', no âmbito nacional, é pois alocada no Dáil e nas eleições, como num jogo permanente e fugidio, ao modo já mencionado antes, e não mais em tentativas de desenhar os 'elementos' que comporiam o país num 'corpo', do tipo do Senado. Num certo sentido é, como se a ideia de 'soberania popular' - "This new concept of state (...) [which when] it asserted itself in Europe (...) unleashed political nationalism as a result of the struggles against the forces of the *Ancien Régime* and the rule of

-

⁷² SINNOTT, Richard. 1993, The electoral system. COAKLEY, John & GALLAGHER, Michael (eds). 1993, *Politics in the Republic of Ireland*. Dublin and Limerick: Follens and PSAI Press. pp. 67-85.

Napoleon" (Kinder & Hilgemann 1978⁷³: 11) - tivesse se transferido, em alguma medida, para o das possibilidades representacionais no Parlamento (e no governo). Isto não impediu, antes pelo contrário, que a 'totalidade' nacional fosse também representada na ideia de país católico - sendo que, inclusive, a 'família' e 'mãe' permaneceram longo tempo como unidades objeto não apenas de 'retórica constitucional' mas também de debates e como propiciadoras de políticas públicas⁷⁴. Para Hazelkorn, numa visão que não é tão incomum embora esteja bem distante da seguida na tese, o PR-STV, seja para o Dáil seja para outras esferas representativas, é algo a ser visualizado negativamente, pelo viés do clientelismo, e não como forma de expressão de preferências, como se a existência paralela de uma afirmação de 'unidade', católica, impedisse, por si mesma, a 'diversidade':

Much of the Irish constitution's theoretical construct runs counter to the notion of political society 'as the voluntary product of individuals, who decided in mutual agreement [and respect] to live in society and set up government' (Bobbio, 1989). Instead, it endorses a Christian view which is suspicious of the state and its laws, and replaces citizenship with obedience to God and church. (...)

This absolutism permeates and undermines Irish civil society, replacing citizenship, with its acknowledged rights and responsabilities, with unquestioning obedience to priests and institutions, paralleling clientelist deference to politicians. The confessional state, busying itself with the religious and moral behaviour of its citizens to the extent that it controls opinions, writings, and actions, and restricts dissent, conflicts with the concept that men and women possess rights as human beings independently of being affirmed by the state (1995⁷⁵: 9).

Nessa leitura, a questão que permaneceria seria pois a de em que bases uma unidade do tipo nacional, necessariamente restritiva e ampla ao mesmo tempo, poderia fundar-se e se tais 'princípios' são ou não, em si mesmos, compatíveis com noções e procedimentos 'democráticos'. A 'voluntariedade' que Hazelkorn refere faria sentido apenas como um princípio ideal, concorrente com outros. Nesses termos, a menos que se retire do estado das unidades nacionais o papel de um dos lugares dos exercícios possíveis da 'vontade' - substituindo-se-os por unidades 'maiores', tipo catolicismo, islamismo ou globalização? mas aí talvez nã como não cair num 'absolutismo' quiçá ainda mais radical⁷⁶ -, não parece haver qualquer divergência ontológica entre valores de 'unidade' e 'democracia'. Por outro lado, isso não impede a relevância de se pensar implicações mútuas, certamente existentes, entre

⁷³ KINDER, Hermann & HILGEMANN, Werner. [1966] 1978, *Atlas of world history II*: from the French revolution to the American Bicentennial. New York: Anchor Books (Doubleday).

⁷⁴ En passant, vale notar que Durkheim, em *O suicídio*, ressalta a importância que deve ser atribuída às corporações exatamente pelo "enfraquecimento" das "sociedades" "familiar", "religiosa" e "patriótica" como elementos de "coesão" indivíduo-sociedade.

⁷⁵ HAZELKORN, Ellen. 1995, A new model of radical democracy. *Times Change*: quarterly political and cultural review. *Number 4, Spring 1995*. Dublin. pp. 7-9.

⁷⁶ É evidente que a discussão é antiga e muito longa e sei que estou sendo leviana ao fazer tal colocação. Espero assim que seja apenas entendida como uma espécie de 'desabafo', situacionamento dnum dos 'mares' - não fora eu lusitana - gerais com que se tenta navegar na tese.

'fundacionismos' e as diferentes práticas e credos democráticos dos estados nacionais. Deste modo, pode-se considerar que a faceta essencial do argumento em que Hazelkorn parece basear-se é, efetivamente, a de que os 'indivíduos' existiriam como que de per si, ou então, como noutro momento do texto, que a 'diversidade' - além de antagônica a produções de homogeneidade - ocorreria em função de forças 'diáfanas', no mínimo de uma ordem intangível:

Irish political and civil society runs counter to any definition of pluralism for two key reasons. First, much has been made of Irish constitutional framers' adoption of the 'Westminter model' of government as indicative of their commitment to the parliamentary tradition and for providing immediate stability for the Irish Free State. Yet, its practice here, as in Britain, has resulted in an extraordinary centralisation of power, equivalent to 'elective despotism' or 'democratic elitism'. (...)

Second, the concept of a 'sovereign state' is compatible with democracy only if the people are homogeneous, have one interest and one will. As society becomes increasingly more complex, this position is inherently implausible (Ibid: 8).

O ponto que se quer ressaltar não é a excelência ou não do PR-STV - apesar de que se defenda que, particularmente por sua associação com a oferta de clinics e o canvassing⁷⁷ pelos incumbentes, e candidatos, o que estabelece uma relação muito direta com os eleitores, o sistema de fato seja bem interessante. Tampouco pensar se o modelo westminsteriano equivale a um "elitismo democrático". Ou que a concepção católica' imprimida ao 'ser irlandês' seja sem efeitos. Nem sim nem pelo contrário quanto a todos esse tópicos. O que parece efetivamente importante destacar é que o desenho católico ocorre junto como um sistema eleitoral que é o PR-STV, que tem nas eleições para o Dáil, e no tipo de sistema westminteriano de governo que dele decorre, uma de suas expressões. Poderiam, em abstrato, ter ocorrido independentemente mas esse não foi o caso e crer, por exemplo, que uma maior heterogeneidade ocorre por si mesma ou por efeito de forças 'naturais', 'intangíveis', pode impedir a compreensão da dinâmica efetiva existente entre os diversos planos - ou levar-nos a acreditar em 'novas' (?) ordens, unidades, 'naturais', pré-instituídas e, em consequência, fora

⁷⁷ As *clinics* são uma das práticas fundamentais do funcionamento do sistema político irlandês. Basicamente, os incumbentes - mas também os candidatos, embora se saiba que suas possibilidades de interveniência sejam mais limitadas - definem horários, datas e locais, com frequência pubs, num cronograma semnal mensal, afixado em locais públicos, em que estarão disponíveis para os eleitores de sua constituency. Muitos políticos, sobretudo em cidades do interior, alugam um local ou sala ao longo do ano para oferecer suas clinics. Perto dos períodos eleitorais, costumam proliferar. As clinics incluem ajudar a interpretar legislação e receber demandas por ajuda com a burocracia nos seus diversos níveis até conversas sobre temas de vária ordem, quando os eleitores de certa forma auscultam os políticos - e, em certa medida, estes 'sentem' as posições dos eleitores. Em áreas urbanas, nos últimos anos, candidatos / incumbentes por vezes oferecem seminários ou encontros em hotéis para discutir temas que julgam que serão candentes para seu eleitorado potencial. Como é de esperar, o canvassing ocorre sobretudo em períodos pré-eleitorais. Combina-se, todavia, com as clinics, inclusive em termos de ajudar os candidatos a desenvolver o modo de apresentar-se, senão mesmo aspectos de suas 'agendas'. Em ambos, o que ressalta é a valorização pelos eleitores do 'conhecimento pessoal', da relação face a face, um 'ser ouvido' que, não há muito como escapar, se combina a um sentimento de razoável 'controle' sobre os que pretendem se associar ao exercício do poder, seja em que nível for.

de qualquer compreensão ou exercício de vontade⁷⁸. Um paralelo é assim possível com a afirmação geral de Berelson, quando ele coloca que o indivíduo ideal, provido de todas as virtudes políticas, é não só inexistente como indesejável. O sistema democrático como um todo, para funcionar, não pode basear-se nem em fanáticos nem numa apatia generalizada. Um mínimo de consenso e participação interessada são necessários, até porque são a própria condição para a existência de uma sociedade, que não só partilha como é 'esculpida' - com todos os processos inerentes de mudança - por alguns exercícios democráticos comuns. Particularidades do sistema eleitoral americano dão aos habitantes de Elmira características que certamente seriam diferentes morassem eles em Kabul. De qualquer forma, trata-se de poder ultrapassar uma visão centrada ora na "teoria empírico-analítica" ora na "teoria normativa" (1954⁷⁹: 305); ou, noutros termos, de trazer ordens de fatores diversos para a cena, saindo de suposições de antagonismos ontológicos - como as que o argumento de Hazelkorn pode dar azo a - para, num esforço de compreensão abrangente, por sistemas maiores em cena; a própria 'essência' e significado da 'diferença' como parte e produção do sistema. O ponto em questão pode não ser o mesmo mas parece equivalente:

Individual voters today seem unable to satisfy the requirements for a democratic system of government outlined by political theorists. But the *system of democracy* does meet certain requirements for a going political organization. The individual members may not meet all the standards, but the whole nevertheless survives and grows. This suggests that where the classic theory is defective is in its concentration on the *individual citizen*. What are undervalued are certain collective properties that reside in the electorate as a whole and in the political and social system in which it functions.

⁷⁸ Teria sido talvez possível montar boa parte do argumento em torno das propostas de Carl Schmitt, em particular no que toca à 'necessidade', queira-se ou não (até por que o não reconhecimento tem efeitos dramáticos), de encarar as interações humanas, sempre que - o que essencialmente são - referidas a 'unidades', como providas da possibilidade de beligerância; a essência do 'ser' confundindo-se assim com o 'político'. Na sua crítica ao questionamento, "pelo pluralismo", d' "o estado como forma de unidade política", Schmitt afirma: Toda contraposição religiosa, moral, econômica, étnica ou outra transforma-se numa contraposição política, se tiver força suficiente para agrupar objetivamente os homens em amigos e inimigos. O político não reside na luta em si (...), mas, conforme já dissemos, num comportamento determinado por esta possibilidade real, num claro reconhecimento da própria situação por ela determinada e na tarefa de distinguir claramente entre amigo e inimigo (1992: 63).

Para que algo ganhe sua real dimensão, política, a possibilidade do conflito máximo, mesmo que não se atualize, tem que estar presente: "Político, em todo caso, sempre é o agrupamento que se orienta na perspectiva da eventualidade séria. Por isso, ele é sempre o agrupamento humano determinante, e a unidade política, portanto, se estiver presente, será sempre a unidade normativa e 'soberana', no sentido de que a ela caberá sempre, por definição, resolver o caso decisivo, mesmo que seja um caso excepcional" (id: 64-5).

Assim, seria cabível encarar a parte 'dramática' - das guerras 'ante' - e sua 'permanência' como uma espécie de expressão constante do conflito axiador da 'normalidade democrática' que se segue. Por outro lado, e noutro nível, os processos, disputas e arranjos 'internos' mais especificamente característicos dessa última fase, também endereçam o "político" e a 'unidade política'; embora se os tente 'dissolver' ou, ao menos, tornar menos explícitos. SCHMITT, Carl. [1927] [1932] 1992, *O conceito do político*. Petrópolis: Vozes.

⁷⁹ BERELSON, Bernard R. 1954, 14. Democratic practice and democratic theory. BERELSON; LAZARSFELD; MCPHEE. 1954, *Voting*: a study of opinion formation in a presidential campaign. Chicago and London: The University of Chicago Press. pp. 305-23.

(...) our electoral system calls for apparently incompatible properties - which, altough they cannot all reside in each individual voter, can (and do) reside in a heterogeneous electorate. What seems to be required of the electorate as a whole is a *distribution* of qualities along important dimensions. We need some people who are active in a certain respect, others in the middle, and still others passive. The contradictory things we want from the total require that the parts be different (Berelson Ibid: 312-4; itálico do original).

O PR-STV tem, evidentemente, uma história que, de fato, está associada ao "modelo westminteriano do começo do século XX", no qual Chubb situa o conjunto do sistema democrático irlandês. De certo modo como o resto, estava em efeito ainda sob o 'domínio inglês'. Embora, melhor dizendo, já nos seus estertores, razão por que faz mais sentido percebê-lo como a marca de distinção em que foi constituído, uma particulariedade desse *most distressful country* (para usar o título do primeiro livro da trilogia *The green flag* de Robert Kee). Sinnott reporta a singulariedade e um pouco da história do sistema:

PR-STV is not widely used, Malta being the only other country that employs it to elect the lower house of its national parliament (it is also used, with modifications, in elections to the Australian Senate and in elections in Tasmania and Northern Ireland). How did this relatively uncommon system come to be adopted in Ireland? Developed simultaneously by Carl Andrae in Denmark and by Thomas Hare in England in the late 1850s, PR-STV became the favoured option of electoral system reformers in Britain. In the early years of this century, the problem of minority representation in the event of Home Rule seemed to make PR particularly relevant in Ireland. A Proportional Representation Society was formed, with Arthur Griffith, founder of Sinn Féin, among its first members. An element of PR-STV was inserted in the abortive Home Rule Bill of 1912 and, in 1918, PR-STV was enacted for a single local council (Sligo Corporation); an election was held there under the new provisions in January 1919. The next step was the decision by the British government to introduce PR-STV for the 1920 local elections in Ireland and then for the 1921 election to be held under the Government of Ireland Act.

Thus, by 1921, PR-STV had not only been endorsed by a significant section of the nationalist movement but had actually reached the statute books. It is not surprising, therefore, that when independence negotiations were under way and the issue of representation of minorities being considered, the desirability of PR was common ground. The result was that PR was included in the 1922 Free State constitution. The constitution did not specify the precise form, but it was automatically assumed that his would be PR-STV and this was the system specified in the Electoral Act of 1923 (Sinnott 1993, op.cit.: 68-9).

Não cabe aqui um aprofundamento sobre como o PR-STV evoluiu, enquanto ideia, em outros países - ou mesmo sobre os debates de que pode ter sido objeto na Inglaterra. O fato central é sua mínima generalidade apesar de, aparentemente, ter sido um dos vários sistemas 'ideais' concorrentes a respeito de 'minorias' e 'democracia' e de seus 'melhores pequenos procedimentos'. Nesse sentido, pode-se pensar que a própria manutenção e defesa - inclusive na derrota dos dois referendo que buscaram mudar o sistema eleitoral na República - se constituiu em mais um dos elementos de afirmação de 'excentricidade' e, pois, de 'unidade'; ou, se se quiser, que um certo tipo de 'proceduralismo' democrático tornou-se num bom centro de debate - e exercício - a respeito das características - inevitavelmente sempre mutantes - do 'ser' e da 'vontade' irlandesas.

A indicação de candidato a Presidente é por via eleitoral, normalmente através de um mínimo de 20 TDs ou *senators*. Gallagher explicita melhor: "Any would-be President, other than a current or previous holder of the office, must be nominated by at least twenty members of the Oireachtas or by four county councils. (...) This ensures that no person can even reach the starting-post without the backing of one of the main parties or some combination of the smaller ones" (1988⁸⁰: 79). É eleito por sete anos, podendo ser reconduzido. Seu papel formal é o de ratificar o Táoiseach (primeiro-ministro) e o corpo de ministros e o de dissolver o Dáil em caso de crise - ou, conforme prescrito formalmente, quando uma eleição vai ocorrer -, além de promulgar oficialmente as leis do Parlamento e de receber e nomear embaixadores. Cabe-lhe ainda, a título de "guardião da Constituição", quando considerar o caso, "submit a Bill passed by Parliament to the people in a referendum or refer it to the Supreme Court to decide whether it contravenes the Constitution". Finalmente, "the supreme command of the Armed Forces is vested in the President" (*Facts...* 1978⁸¹: 53).

O 'governo' é constituído pelo Táoiseach, o Primeiro-Ministro - eleito majoritariamente pelo Dáil, normalmente sendo, embora não por regulamento, o líder do partido com maior representação, e por quinze ministros, que são indicados pelo Táoiseach. Todos os ministros têm que ser membros do Oireachtas, correspondendo um máximo de dois a membros do Seanad. Na prática, desde 1932 e até a década de 1990, à excepção de três, todos os ministros foram TD's, como Farrell coloca: "The selection of ministers is a prerogative of the Taoiseach. Constitutionally, the choice is limited to members of the Oireachtas, in practice to TDs (only three senators have served as ministers, all briefly (...). Politically, the selection is always made from the winning side" (199382: 169). Por provisão constitucional, o executivo tem que ser composto por não menos que sete e por um máximo de quinze ministros. Praticamente todos os governos tiveram quinze ministros. Para além disso, essa exigência de máximo faz com que alguns ministros conjuguem mais do que uma pasta ou, mais formalmente, com que os departments of state (que não são fixos mas que têm uma relativa imutabilidade; superior, em média, de qualquer maneira, aos ministros indicados), desde a década de 1970 em torno de 18, fiquem albergados, isoladamente ou em conjunto, sob um ministério. Uma implicação bastante evidente dessa 'prerrogativa' dos departments of state é a da continuidade da burocracia sob as mudanças na composição

-

⁸⁰ GALLAGHER, Michael. 1988, The President, the people and the constitution. FARRELL, Brian. (ed). 1988, *De Valera's constitution and ours*. (The Thomas Davis Lectures Series). Dublin: Gill and Macmillan. pp. 75-92. ⁸¹ FACTS... 1978, *Facts about Ireland*. Dublin: Irish Printers / Department of Foreign Affairs.

⁸² FARRELL, Brian. 1993, The government. COAKLEY, John & GALLAGHER, Michael. (eds). 1993, *Politics in the Republic of Ireland*. Dublin and Limerick: Follens and PSAI Press. pp. 167-89.

governamental ou de governo.83 Por outro lado, em termos de governo propriamente dito, o Taoiseach é a figura-chave, que joga "um papel central e multi-funcional no sistema político", além de ser a pivotal and multi-functional role in the political system' além de ser a "figura básica da política partidária" (Farrell 1993, op.cit.: 176). O autor vai além, considerando que há uma tendência no sentido de identificar seu papel com o de "authoritative voice of government and national leader as symbol of the party" o que, num contexto de "profissionalização crescente da política" poderia, em alguma medida, implicar numa maior partidarização das eleições e, nesse sentido, do próprio PR-STV (Ibid: 187),. De qualquer forma, Farrell defende que "Ministers do matter, even if the Taoiseach matters most. The cabinet remains the arena in which ultimate, and collective, decision making takes place" (Ibid: 188). Assim colocado, o governo acaba por ser, quando visualizado positivamente, em certa medida uma expressão do PR-STV - do que a própria discussão em torno da distribuição dos ministérios, que passa por serem atribuídos a membros eleitos por x ou y constituency, é um bom exemplo. Não há nenhuma implicação evidente de que as bills que apresenta ao Dáil - e cuja discussão ocupa boa parte do tempo das sessões deste - derivem de qualquer 'vontade popular'. Contudo, no sistema de indicação de membros alguma dose de expressão de preferências foi manifestada, na medida em que a escolha dos ministros ocorre entre membros do Dáil (só muito raramente contando com membros do Senado, como visto).

O Tánaiste, vice-primeiro ministro ou *deputy prime minister*, é apontado pelo Taoiseach. O Taoiseach tem seu próprio *departmenof state* ao passo que, até 1993, o Tánaiste não tinha um específico - muito embora o Tánaiste seja também vulgarmente ministro (tendo portanto algum *department of state* sob sua supervisão). Nas últimas décadas ocorreram algumas disputas no sentido de um incremento do poder do Tánaiste. Isto, de qualquer forma, parece estar relacionado aos governos de coalizão, que se tornaram a tônica, quando se pensa que em todas essas ocorrências (com uma única excepção) o Tánaiste foi o líder do segundo maior partido no Dáil; e que, também, a relevância do ministério, ou ministérios, que lhe é atribuído varia com o próprio significado de sua posição, evidentemente maior num governo de coalizão. No caso de governo de minoria, o Tánaiste pode ser do partido no poder. Nessa 'armadura' governamental, não só o Taoiseach como o Tánaiste e o conjunto dos ministros, uma vez que derivam do Dáil, servem como 'mostra' - e seu comportamento serve de legitimação - de uma existência procedural 'democrática', via PR-STV; estando pois tanto no

⁸³ A respeito dos Departments of State e de sua relação com os Ministers of Government e com os Ministers of State (este o termo que, desde 1977, designa os junior (non-cabinet) ministers), vide, p.e.: https://en.wikipedia.org/wiki/Department_of_State_(Ireland). Acesso 2017-11-22.

centro da representação democrática 'interna' como, provavelmente, na raiz da listagem da Irlanda entre os modelos nacionais democráticos a serem estudados, como por exemplo por Lijphart.

Por evidente, a menção a Lijphart foi deliberada. Quer-se tocar, rapidamente, num último ponto da 'armação', o do referendo, de que Lijphart trata especificamente no capítulo 12 do seu livro *Democracies*, para ir no sentido de fechar o capítulo. O referendo é, como mencionado, um mecanismo usado com relativa frequência na Irlanda. Lijphart situa, no "modelo westminteriano", esse "nono elemento" como o que 'unlike the other eight, does not distinguish it from the consensus model, which is also a model of representative democracy" (1984⁸⁴: 197). Antes como agora, na Irlanda teoricamente qualquer mudança constitucional tem que ser submetida a referendo. Alguns autores consideram que uma das razões da constituição de 1937 teria sido mudar as regras de submissão de mudanças a referendo:

Perhaps the most marked contrast between Bunreacht na hÉireann and the 1922 Constitution lies in the matter of amendment. Originally it was intended that the 1922 Constitution could be amended by ordinary legislation for eight years only; thereafter a referendum would be required. But that eight-year period was extended - by ordinary legislation - to sixteen years, and in 1934 that extension was ruled constitutionally valid by the Supreme Court. It follows that for the whole of its lifetime the Constitution was flexible, in the sense that its provisions were subject to alteration by the will of the parliamentary majority. So, necessarily, were the rights declared by the Constitution.

This development robbed the 1922 Constitution of its potential as a check upon the executive and a protection for the citizen. (...)

The framers of the 1937 Constitution avoided this by stipulating that it could be amended by ordinary legislation for three years after the first President took up office. Thereafter a referendum was necessary. (...) So, since 25 June 1941 the Constitution has been a rigid one: amendments to the text require the passage of a bill by the Oireachtas and its subequent approval by the people in a referendum. There is no other process of amendment (Casey 1988⁸⁵: 152-3).

Casey é um professor de direito (político e público), o que fica claro por exemplo na sua preocupação com os *framers* da constituição e com suas 'capacidades'. De qualquer modo, a ideia de referendo é algo fortemente presente no sistema irlandês e desde muito pouco após o fim da guerra civil. É toda uma ideia de 'controle', se não de 'soberania popular', que se jogava nesses 'inícios', fundacionalmente tão pouco claros mas, talvez por isso mesmo, também tão prolíficos em termos de 'vontades normativas'. Não era apenas o x versus não-x ou, noutros termos, uma ratificação de propostas ou candidatos 'cesaristas'. Parece que se tratava antes das próprias possibilidades de 'instaurar', de como lidar com uma, supostamente, inelutável 'vontade' dos 'novos cidadãos'; até por a grande maioria deles,

⁸⁴ LIJPHART, Arend. 1984, *Democracies*: patterns of majoritarian and consensus government in twenty-one countries. New Haven and London: Yale University Press.

⁸⁵ CASEY, James. 1988, Changing the constitution: amendment and judicial review. FARRELL, Brian (ed). 1988, *De Valera's constitution and ours*. (Thomas Davis Lectures). Dublin: Gill and Macmillan. pps. 152-62.

nessa construção, como que tendo adentrado o tumulto que seria marca final da gestação de independência e, portanto, de possibilidades - no início inteiramente abertas mas, por isso mesmo, a serem 'compreendidas' em esquemas de pensamento possíveis 'ordenadores' definidoras. Lyons descreve parte dos pontos que estiveram - e, num certo plano, permaneceram - em jogo em torno do referendo; inclusive a partir do fato de que tais 'grandes prospectivas' quase que de imediato perderam seu poder, sua persuasão enquanto 'magnificência tornada possibilidade'. Esse aspecto esteve, por outro lado, concretamente ligado com as discussões e com o desenho do Seanad, o qual teria, ou deveria ter, a guarda dessa 'excelência' no plano das ideias e máximas 'internacionais' - e, por isso mesmo, de novo - a serem devidamente deglutidas pelo estado por fim formado. É, num certo sentido, como se o referendo se apresentasse como um 'resquício' desses 'tempos' mas, muito além e muito mais, como uma marca, um símbolo da permanência tanto da construção como da necessidade - e, portanto, não evidência, ao menos automática - de sempre reafirmar o todo, ou o 'consenso', através desse mecanismo. O 'dissenso' existe e é reconhecido. Todavia, o referendo como que traria, uma e muitas vezes, à cena presente e densa a afirmação de 'comunidade'; nesses termos, o dissenso aparece como elemento reconhecido e englobado pelo próprio mecanismo. Na sua fala a respeito dos 'momentos iniciais' da prática do referendo e das possibilidades constitucionais de apresentação 'popular' de leis, Lyons generaliza - sem se preocupar com afastar-se do 'concreto' irlandês - e diz que

referendum has sometimes been described as the way in which the people can rectify their representatives' sins of comission. Likewise, the iniative, the power to propose new legislation, can be seen as the people's opportunity to rectify their representatives' sins of omission. But in the light of experience in many countries the tendency has been to regard such 'direct' legislation - whether by referendum or iniative - with diminishing enthusiasm (1973, op.cit.: 477).

Assim é que também corrobora com o desmonte de qualquer 'voluntarismo' que se pudesse imaginar presente nas "petições populares", como a que fora assinada por 96.000 eleitores e apresentada ao Dáil em maio de 1928 e que pedia - não porque isso correspondesse a nenhuma demanda 'popular' para quem o próprio tema estaria mais do que *pra lá de Marrakech* - "the abolition of the parliamentary oath, (...) so presaging a general attack upon the Treaty" (Ibid: 478). Num certo sentido, é como se o *re-statement* do referendo, na constituição de 1937, a *Bunreacht na hÉireann*, tivesse servido, simultaneamente, para apagar a "dialética dos dois partidos", que se tornara "the norm of Irish politics and with the acceptance of that fully fledged cabinet system from which the founders of the state had been struggling to escape" (Ibid: 479) e para garantir, no processo, a ideia de ter-se segurado um princípio, específico - quanto mais não seja na extensão e no significado atribuído a sua

aplicação -, onde a 'essência' da 'soberania', a possibilidade de um 'pertencimento denso', estaria presente. Não é que pelo mecanismo do referendo haja ou deixe de haver 'consenso'. Porém, uma tentativa de resposta, ainda que 'boba', à questão de Lijphart, de porque é que "referendos ocorrem com muito mais frequência em alguns países do que em outros" (1984, op.cit.: 197), que poderia valer ao menos para o caso da Irlanda, é que o mecanismo parece ter sido eleito em capaz de sintetizar, na sua prática mas também nas questões - vulgarmente de ordem 'moral' ou 'fundacional' - que endereça, como que 'deslocar para si', a própria ideia de 'unidade' e, junto, de máximo possível de 'envolvimento' com a 'nação', de 'participação na soberania' como especialmente auferida pelos seus particulares 'sujeitos nacionais'. O estatuto atribuído ao Irish e aos gaelgoir, por seu turno, constitui-se, assim, num paralelo, a 'marca sociológica' da diferença em torno da qual a 'unidade', inclusive como expressa - na também 'marca' - constitucional, é 'ratificada' através do referendo. Dessa forma é que o recurso ao referendo como que vem junto e fecha um desenho, uma 'armação', garantidor da 'normalidade democrática' irlandesa. O PR-STV e o governo, derivado na prática do Dáil, mantêm a ideia de um jogo que contém diversidades e, em algum plano, as leva em linha de conta, a de que o 'governo' não está mais distante, é 'estrangeiro' e que seria, portanto, diferente do 'domínio inglês'. Por outro lado, o Seanad torna-se imagem de lugar de pensamento dos 'destinos' do país - e, por decorrência profundamente acreditada, do mundo e de que papel a 'singularidade nacional' pode e deve jogar nesse 'universal'. O referendo, por seu turno, garante a reafirmação de unidade, da própria necessidade de um consenso para que o mundo seja - não enfrentado mas antes - lidado com; esse pequeno jardim, feio ou bonito, e seus pistaches passando a, no ato mesmo de sua permanente reafirmação, garantir-se como lugar para viajar pelo mundo - desta feita e desta forma não mais desconhecido. Voltamos ainda à luta? Não me abandone Pangloss...!

IV

De qualquer (e qualquer que ela seja) forma, cabe por um ponto final neste capítulo. Não havia pretensão de estender a fala sobre Mosca, mas parecia permitir alguma, ainda que tênue, aproximação das lutas do jardim irlandês. Em certo sentido, esse outro tipo, de luta, de Mosca, reforçando a de Michels, teve um sabor de oásis, sobretudo quando o parâmetro era a, ainda outra, luta com Pareto. Pensava-se talvez chamar Robert Dahl para ajudar a pensar não apenas o "consenso mínimo", as "minorias interessadas", as "intensidades de preferências" e cogitar sobre um paralelo possível entre o "híbrido americano" e o irlandês, de que trata em

Um prefácio à teoria democrática, mas também enquanto advogado explícito da "democracia poliárquica", como expresso, por exemplo, em Polyarchy: participation and opposition e em Democracy and its critics. Caberia indagar, por exemplo, de que forma concebe as "minorias", num certo sentido como que 'antecedendo' a política mas, por outro lado, só na democracia encontrando uma forma de "ativação" (e um contraste com Olson e Schumpeter seria necessário). Valeria ainda recorrer a Coppedge & Reinicke (199086), quando destacam a relevância da variável "contestação" sobre a da "inclusão", para refletir sobre a volição católica homogeneizadora presente na Bunreacht na hÉireann, os travelling people, os gaelgoir e o Gaéilge, o conjunto da Irlanda - e, assim, talvez achar algumas pepitas de Eldorado, alguns 'bons objetos para pensar', núcleos 'fortes' onde a afirmada unidade nacional irlandesa se debate. Nessa miragem, Weber seria um dos grandes pontos de chegada. Iria-se recorrer, como mencionado, além de a "Parlamentarismo e governo..." e "Política como vocação", ao texto sobre "Estruturas do poder" para tentar combinar a reflexões de Weber sobre política e nação. Carl Schmitt uma outra parada muito interessante. Além de contrastá-lo com Weber, boa parte das colocações feitas poderia ter acompanhado sua peroração contra o liberalismo, o sistema parlamentar e o não reconhecimento da distinção "amigo-inimigo", sua argumentação a respeito da formação da vontade. Valeria deter-se, no mínimo com algum detalhe, na maneira radical como encara a 'democracia' como alteridade, numa colocação que pode parecer comum, mas que, bem sabemos, aponta em muitas direções, algumas extremamente delicadas: "Em toda verdadeira democracia está implícito que não só o igual seja tratado igualmente, mas que, como consequência inevitável. o não igual seja tratado de modo diferente" (199687: 10)...

Revejo a enorme quantidade de anotações nos textos de Dahl, de Schmitt e de Weber e consola o fato de que, desde a partir de Michels - desde que possível sair de colocações e autores que se querem 'ausentes' do cenário, certos de objetos, razões e questões que desenham e constituem uma esfera isolada, privada -, os embates estrumam o jardim; que as viagens se mostram longas mas também ricas em peripécias e que, quiçá, alguns pequenos pistaches-pepitas poderão crescer aí no meio. Os monges que cabalam foram muito úteis. Até porque às vezes pode-se cair na ilusão, pior do que a de querer que todos sejam sacerdotes, de supor que todos sejam da mesma opinião e que não temos que lutar com jardins e teorias. O tema de fundo do capítulo de certo modo foi o de uma construção de 'unidade', 'nacional'.

⁸⁶ COPPEDGE, Michael & REINICKE, Wolfgang H. 1990, Measuring polyarchy. *Studies in comparative international development* 25: 1. Spring 1990. Transactions Publishers.

⁸⁷ SCHMITT, Carl. [1923, 1926] 1996, A crise da democracia parlamentar. São Paulo: Scritta.

Curiosamente ou não, pareceu ter que revestir-se de guerras com a 'política', com algumas de suas teorias e seus teóricos. Com cidadãos, sujeitos duais ou apáticos, democracias, lutas e menestréis de variadas feições - esses seres e vontades que parecem gostar de pulular no jardim desenhado pela e na (ainda mais velha que, tão velha quanto, a senhora democracia?) política. Bem sei que não se apresentou um bonito e arrumado jardim. Será que Pangloss ainda assim garantiria que todos os acontecimentos estão encadeados no melhor dos mundos possíveis? Tomara. Aliás: Como é que não viu os moinhos, Pangloss? Corra a chamar Don Quixote e Sancho. Ainda não trouxe o exército de Brancaleone? Ah, Pangloss...

VII - À guisa de conclusão - cem anos e guerras, sujeitos, vozinhas, democracias

They looked like brothers. Claus and Patrick. I sat up in bed and held the two photographs together. Claus was planning a puppet show against the Nazis and Patrick was planning a puppet show against the British. Claus knew that people might laugh at him in Germany and Patrick knew that people would surely laugh at him in Ireland. They both knew that people would say they might as well not have bothered. Patrick said that Ireland unfree shall never be at peace and Claus said long live the real Germany. Before they had to leave, they wondered if there was time to go for a walk down to the sea. Or maybe even a drink in the Eagle House. But they were in a hurry and there was no time to waste. They were not sure their plans would work either, because they were not very good at hating anyone yet. But they were not afraid to lose. They were not afraid of being put up against the wall and executed. And that's what happened to both of them in the end in different countries for the same reason. They met for one last time in my room with the foghorn still going outside. They shook hands and said 'Down your bully belly.' They laughed because they were not afraid to be Irish and not afraid to be German. I told them that Tante Marianne was going to save Jewish people who could not breathe very well and that my father was going to help people who wanted to breathe in Irish. When they were gone and the light was out, I lay back and listened to the foghorn going on and on, saying the same word over and over again until it was hoarse and had no voice any more. (Hugo Hamilton. The speckled people. 2003¹)

Ι

Sexta-feira 26 de fevereiro de 2016, ocorreram eleições para eleger 157 Teachtaí Dála (TDs - membros do Dáil, Parlamento), em quarenta distritos eleitorais, cujos resultados finais saíram dali a dois dias, e formar o 320 Dáil (Câmara Baixa do Oireachtas)², no qual um Taoiseach seria aprovado e, após nomeação pelo presidente da Irlanda, se formalizaria um governo. Esta aprovação do Taoiseach só ocorreu praticamente 70 dias depois, a 06 de maio de 2016. Entretanto, Enda Kenny, Taoiseach do 310 Dáil, que convocara as eleições, permaneceu como Acting Taoiseach e, a 06 de maio, na quarta votação no Dáil, voltou ao cargo de Taoiseach, o primeiro líder do Fine Gael a ser reconduzido ao cargo. Os vais e vens foram muitos³. A formação de um governo de minoria, na quarta votação para Taoiseach, passou por um acordo com o líder do Fianna Fáil e por a votação ter contado com apenas um voto além do que fora estabelecido como mínimo nesse acordo. Durante o período, jornalistas

-

¹ HAMILTON, Hugo. 2009, *The speckled people*. London: Fourth Estate.

² Uma descrição precisa e sucinta do parlamento irlandês é apresentada em McGOWAN SMYTH, John. 1979, *The Houses of the Oireachtas*. Dublin: Institute of Public Administration.

³ Para alguns dos acontecimentos envolvidos no processo ocorrido entre as eleições e a formação de novo governo, com a recondução de Enda Kenny como Taoiseach, vide, p.e.: https://en.wikipedia.org/wiki/2016 Irish government formation . Último acesso 2017-11-24.

políticos especularam bastante a respeito. O próprio presidente, Michael D. Higgins⁴, do Labour Party (embora sua filiação partidária tenha sido abandonada, como previsto, quando assumiu o cargo), acenara com a provisão constitucional de dissolver o Dáil, quando novas eleições deveriam ser convocadas, caso um governo não fosse formado. Uma ex-política que fora Tanáiste, vice primeiro-ministra, e líder de um pequeno partido de direita de curta duração, o Progressive Democrats, Mary Harney, insurgiu-se contra a situação, dizendo que denegria a imagem da Irlanda no exterior. O fato é que nada sério aconteceu e tudo foi 'muito bem, obrigado'.

Uma gama de aspectos poderia ser relatada no que toca à mudança entre esse governo e o anterior, que fora o 29o, para o qual as eleições haviam sido a 25 de fevereiro de 2011, de que resultara uma coalizão majoritária entre o Fine Gael e o Labour Party. Sem dúvida seria curioso analisar as modificações, e as possíveis razões para isso, na composição do Dáil, um tanto contra as expectativas de Enda Kenny, como a grande queda do número de TDs do Fine Gael (que no governo anterior, pela primeira vez, tinha sido o partido com maior número de TDs no Dáil), a 'dizimação' do Labour, que entre as duas eleições gerais cai de 37 para 7 TDs (o mínimo para um partido ter, enquanto tal, privilégios no Dáil)⁵, o Fianna Fáil ter obtido 24

_

Esse declínio do que, desde que Free State foi constituído, são os partidos dominantes - o Sinn Féin só agora de modo razoavelmente significativo retornando à cena política nacional na República, por razões que não se busca analisar aqui e que, pode-se imaginar, estão sobretudo relacionadas à sobrevivência e à identidade do partido face às modificações recentes no Ulster - é ainda mais notável na medida em que a regra foi que novos partidos tiveram sobrevivência bastante curta. Na sua análise da história do Democratic Left, que durou sete anos, durante os quais teve participação no bem sucedido governo da Rainbow Coalition, entre Fine Gael, Labour e Democratic Left, como Rafter, secundando Coakley, pontua, "Outside of Fianna Fáil, Fine Gael and the Labour Party, the shared experience of most political parties in Ireland is failure" (2011; 231). RAFTER, Kevin. Democratic Left: the life and death of an Irish political party. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. A

differences in the next Dáil, but they will not be between Fianna Fáil and Fine Gael".

⁴ A Wikipedia mais uma dessas dimensões em que a fala sobre a Irlanda é prolífica!: vale recorrer para um perfil sobre Michael D. Higginse e sua trajetória: https://en.wikipedia.org/wiki/Michael D. Higgins . Último acesso 2017-11-24.

⁵ Para uma análise e opinião interessantes a respeito, vide, p.e., o artigo, escrito pouco após as eleições, FERRITER, Diarmaid, 2016, There should be no dancing on the Labour Party's grave. The Irish Times, Sunday, https://www.irishtimes.com/news/ireland/irish-news/there-should-be-no-dancing-on-the-labour-2016-02-28. party-s-grave-1.2552543. Acesso 2016-03-06. Ferriter começa o artigo referindo-se ao presidente Michael D. Higgins: "Over the last few years, Higgins has been vocal in his belief that it is unacceptable that society, the economy and politics should be seen as separate spheres. That, he has consistently maintained, is not what citizenship is about". Outra colocação interessante de Ferriter é sobre Eamon Gilmore, que fora líder do Labour - e Tánaiste entre as eleições nacionais de 2011 e as locais de 2014: "During election counts there are still a lot of meaningless sound bites and clichés to be endured, but former party leader Eamon Gilmore was credible when he was asked on Saturday about the belief by some in 2011 that the Labour Party should have stayed in opposition at that time to become even bigger. 'Yes', replied Gilmore, 'but that would have been putting the party before the country' ". Um fato básico que destaca é o da diminuição crescente do peso dos três partidos juntos, Fine Gael, Fianna Fáil e Labour: desde a fundação do estado até o início da década de 1980 correspondia a praticamente 90%, em 1997 esse total era de 78%, ficara em 73% em 2011 e, finalmente, em 2016, caíra para cerca de 56%. Discutia-se na época a possibilidade de uma conciliação entre Fine Gael e Fianna Faíl. Sem querer especular a respeito, Ferriter ainda assim conclui o artigo com "There may well be obvious ideological

lugares a mais do que os 20 (provavelmente o menor número desde 1932) que conseguira nas eleições anteriores, o Sinn Féin ter finalmente assumido um lugar de destaque no Dáil, tornando-se o terceiro partido... Sobretudo, talvez, que nas eleições locais e para o Parlamento Europeu⁶, em 2014, já se haviam verificado oscilações e um quadro partidário análogos...

Seria igualmente interessante acompanhar como Enda Kenny se manteve na liderança do partido - e demorou para sair, com relativa 'leveza' -, apesar da evidente derrota eleitoral que sofrera. Ele entrega o cargo, de líder do Fine Gael e de Taoiseach, para Leo Varadkar, 28 anos mais novo e com perfil pessoal bastante distinto, em meados de junho de 2017. A saída de Enda Kenny esteve ligada a questões envolvendo a Garda Síochána - essencialmente a polícia, que, afora no caso de alguns grupos internos com tarefas especiais, não anda armada. Como Pat Leahy (2017) colocou num artigo elogioso no *The Irish Times*, até nisso Kenny demonstrara a habilidade política de esperar tempo suficiente passar para que sua imagem não ficasse associada ao escândalo - mas antes à da recuperação da Irlanda -, além de ter conseguido, como dissera desejar, ser o Taoiseach do Fine Gael por mais tempo em exercício - mais uma forma de 'registro' na historiografia política da República: "He has been central to our politics for a decade and a half, national leader for six tumultuous years; and yet he never dominated the era or forced his imprint upon the national political counsciousness like many of his predecessors. He was just... always there. Getting on with the job". Ele pode ser apresentado como o exemplo recente de que os representantes da high politics têm significado, um lugar na manutenção da 'unidade' e na garantia da 'estabilidade democrática', ao participarem do jogo, presumindo e garantindo sua manutenção, independentemente de caracteristicas pessoais e de como se comportam nas guerras de bastidores, dentro do Óireachtas, do governo, quando é o caso, e dos próprios partidos.

Por outro lado, os elementos não tão 'evidentemente' políticos das práticas processuais esperadas, ligados a sua saída, também podem ser um exemplo interessante de como, aqui no caso irlandês, a 'política' se mescla com uma série de outras dimensões, em particular a 'moral', que, num 'regime aberto', tem a capacidade de trazer para 'os comuns' temas mais gerais e questões sobre as próprias instituições, que, de outro modo, tenderiam a permanecer 'ocultos'. Ganham então uma 'densidade' que de certa forma demanda que sejam percebidos

referência do texto de Coakley é: COAKLEY, John. 1990, Minor parties in Irish political life, 1922-1989. *Economic and Social Review*, 21, 3. 1990. pp. 269-97.

⁶ Que se costuma buscar juntar, porque as eleições locais despertam um índice elevado de interesse e, assim, ajudam a garantir um comparecimento razoável nas eleições para o Parlamento Europeu.

⁷ LEAHY, Pat. 2017, Politics in a fractured state as Enda Kenny departs. *The Irish Times* - Tuesday, 2017-06-13. https://www.irishtimes.com/news/politics/politics-in-a-fractured-state-as-enda-kenny-departs-1.3118525. Acesso 2017-07-09. 2017.

como expressão de esferas sensíveis que 'lá estavam' - indevidamente deixadas a si próprias. Ainda a respeito, o que talvez corresponda, de novo, a uma certa particulariedade irlandesa, a capacidade de ironia, tanto nos relatos da mídia como nas conversas dos 'comuns', igualmente acena para um não encarar a política como arena sacralizada e intocável, senão antes percebêla como 'o que é', um espaço de guerras, de danças e contradanças, motivadora eventual de discussões acaloradas, capaz de estar na origem de legislação que implique em modificações na condução dos 'negócios cotidianos', mas nem por isso o espaço onde questões de fundo maiores, inclusive a respeito de como a 'vida prática' pode ser melhor, se colocam de modo evidente. A menos que, precisamente, se consiga fazer com que se mescle com arenas 'morais', profusas e diversas, que não precisam ter correlação direta com o que aflorou. Os eleitores, em última análise, se comportarão a partir daí - e os candidatos, no que terá peso sua maior ou menor adesão ao 'credo democrático', sabem disso e vão agir, em parte que seja, nessas direções; do mesmo gênero das para que membros do governo, que foram eleitos, antes tiveram, mesmo que apenas em alguma medida, também sua atenção dirigida. A ironia, mas também a multiplicidade de falas, o burburinho, o alarido são parte desses processos que emanam e repercutem nos 'comuns', nessa diversidade imensa, impossível de nomear e em constante fluxo, que os processos ocorridos, particularmente após 1916 e dos eventos que se lhe seguiram, fizeram albergar sob o manto de uma 'unidade', um certo 'nacional', inclusive como expresso de modo notório na Constituição de 1937.

Há toda uma questão subjacente, e pouco aflorada de modo direto, sobre o estado burocrático irlandês e sua impessoalidade, essa 'casa da servidão' ou 'jaula de ferro' - este último termo talvez mais perto da visão dos 'comuns'. O auge da situação de 'tigre celta' - em associação com o Fianna Fáil de então, que, como mencionado, eleitoralmente depois pagou caro por isso - fez bastante para acentuar a suposta 'evidência' de medidas que não precisariam passar por qualquer crivo, sobre as quais, portanto, nem políticas de governos resultantes de democracia formal incidiriam⁸. Remete, num certo sentido, a um dos primeiros aspectos que

⁸ O processo é, como de esperar, muito mais amplo e prolongado. Num artigo publicado no *The Irish Times*, Mark Paul, reporta como donos de pub o perderam para banco e para a o Revenue (a 'Fazenda' irlandesa). No mesmo sentido para que se quer chamar atenção aqui, o que ele busca destacar é a recusa de 'pessoalidade', de atenção a situações particulares, algumas limite, cuja pregnância, se levada em conta, ao invés de se insistir em dar curso a normas burocrático-administrativas, obtidas em sabe-se lá que supostos 'treinamentos universais', permitiria que muito sofrimento dos 'comuns' fosse evitado. Uma passagem pode ser destacada:

Eileen struggled to mind the kids, her husband, run the pub and negotiate with the banks and tax officials. Emails and documents show Seamus told Revenue of his disability due to brain injury, and asked for help from a Revenue access officer. The officer declined to help him negotiate but he was told he could get documents in braille. He hadn't learned braille – he had a recent brain injury.

They later discovered they had also been put into a Revenue pilot project to monitor how taxpayers reacted to different ways of communicating.

Sheldon Wolin introduz na seção final, "XIV. Fugitive9 democracy", do capítulo XVII, o último da "Parte Dois", toda esta escrita para a edição expandida, publicada em 2004, do seminal *Politics and vision*: "The true question is not whether democracy can govern in the traditional sense, but why it would want to. Governing means manning and accommodating to bureaucratized institutions that, *ipso facto*, are hierarchical in structure and elitist, permanent rather than fugitive - in short, anti-democratic" (2004: 602-3). Wolin prossegue:

What is at stake is not a vapid issue of dissent but the status of democracy as standing opposition and the importance to it of the continuous recreation of political experience. Ongoing opposition is dictated by the *inherently* anti-democratic structure and norms characteristic of the dominant institutions of so-called advanced societies, the contemporary corporation and the Super-power state (: 604; itálico no original).

Assim é que, atualmente, para ele, na perspectiva dos Estados Unidos e assumindo a influência da construção tocquevilleana, a política democrática se faz, é inventada e reinventada pelas pessoas, na existência 'local', no cotidiano:

(...) The power of a democratic politics lies in the multiplicity of modest sites dispersed among local governments and institutions under local control (schools, community health services, police and fire protection, recreation, cultural institutions, property taxes) and in the ingenuity of ordinary people in inventing temporary forms to meet their needs. Multiplicity is an antitotality politics: small politics, small projects, small business, much improvisation, and hence anathema to centralization, whether of the centralized state or of the huge corporation (2004: 603).

Estados Unidos e Irlanda, em que pese toda um elenco de 'proximidades', inclusive como algumas versões historiográficas buscam evidenciar - e em que, de fato, a Proclamação do Levante da Páscoa de 1916 mostre forte inspiração no ideário republicano norte-americano, como Liam de Paor coloca¹⁰ -, têm histórias políticas distintas. Num certo sentido, no que Wolin provavelmente consideraria 'sorte' da Irlanda, o "Super Power" e as próprias corporações (não obstante lugar que ocupam cada vez mais em termos financeiros na economia da República, mas o que tem contudo levantado, para voltar à expressão, alguma 'questão moral' em termos nacionais¹¹) não se tornaram sinônimo do cenário político evidente.

PAUL, Mark. 2017. The human cost of business failure: how a publican lost to banks and Revenue. *The Irish Times*. Friday, 2017-11-24. https://www.irishtimes.com/business/retail-and-services/the-human-cost-of-business-failure-how-a-publican-lost-to-banks-and-revenue-1.3302679. Acesso 2017-11-24.

^{&#}x27;We physically changed under all the pressure,' says Eileen.

⁹ A breve epígrafe que Wolin colocou para a subseção, Fugitive democracy, é perfeita. Impossível não referi-la: "fugitive: evanescent... one who flees from danger, an enemy, justice, or an owner... One who shifts about from place to place. - Oxford English Dictionary" (2004: 601). WOLIN, Sheldon S. 2004, *Politics and vision* - continuity and innovation in Western political thought. Expanded edition. Princeton and Oxford: Princeton University Press.

¹⁰ de PAOR, Liam. 1997, On the Easter Proclamation and other declarations. Dublin: Four Courts Press.

A propósito ver, por exemplo, o artigo, de Fintan O'Toole, de título bem provocativo: O'TOOLE, Fintan. 2017, Bono is a hypocrite - and so is Ireland. *The Irish Times*. Saturday, 2017-11-11. https://www.irishtimes.com/opinion/bono-is-a-hypocrite-and-so-is-ireland-1.3285744. Acesso 2017-11-12. Precisamente, o ponto que O'Toole faz é que não se trata da tomada da 'cena política', transformada em "super power" e controlada pelas grandes corporações, como ocorre no "totalitarismo invertido" de que Wolin trata no

A 'unidade' que se buscou afirmar, com relativo sucesso, manteve-se em grande medida, a tônica 12. Como se viu, isto ocorreu às custa de um 'desaparecimento' da população protestante¹³ bem como da própria Ascendancy enquanto grupo (William e Jack Butler Yeats estão entre os representantes individuais da Ascendancy mais conhecidos). A origem e as carreiras pessoais dos líderes e dos que participaram do Levante de 1916 14 são extraordinariamente diversas - e o mesmo pode ser dito de guase todos os que se lhe seguiram, seja na cena local seja na nacional. (Apesar de valer destacar que, na verdade logo no governo de Free State, 'linhagens' políticas, que, por vezes, correspondem a relações diretas de parentesco - como o Taoiseach Charles Haughey ser genro do seu antecessor Seán Lemass -, ganham significado importante). Por outro lado, pode-se pensar que o 'nós' e o 'outro' mais clássico e arraigado, inclusive em associação direta com a 'história' e as dimensões historiográficas, e num certo concerto das narrativas construídas a respeito, ganhou a roupagem de Irlanda e Inglaterra. A multiplicidade de apropriações, ou, forçando a expressão, de 'historiografias', que se buscou destacar em capítulo anterior, a ausência de uma visão 'dominante' e, mesmo, hegemônica, reforça, aqui num olhar de fora - assumindo uma certa exegese, coisa que tanto se tenta evitar -, aliás, um dos elementos que permitiram que a 'unidade', para além das roupagens de que os líderes da frente de cena a vão revestindo. tivesse ganho força e sentido, fosse democrática. Isto mesmo, e talvez precisamente, quando

seu livro de 2008, senão antes dessa entrada no jogo mundial que está em questão, diante do qual a Irlanda, colocada como que *in totum*, faz de conta ser cega:

WOOLIN, Sheldon S. [2008] 2010, Democracy Incorporated - managed democracy and the specter of inverted totalitarianism. Princeton and Oxford: Princeton University Press.

And this is why it is too easy just to mock Bono for having double standards. Ireland as a whole is increasingly addicted to the tax revenues it gets from multinational corporations and the price it pays for that drug is allowing those same corporations to divert much larger tax revenues away from other countries. This includes in many cases extremely poor countries who are ravaged by the global system of tax avoidance from which we benefit. Ireland's MacPhisto bargain is insidious because we sold our soul but are getting a very good price for it.

¹² Apesar de se dever observar que houve aumento significativo nas desigualdades sócio-econômicas (que não foram diretamente compensadas através de políticas fiscais, como era a tônica mais vulgar na Irlanda, um dos países do mundo onde essa compensação é das mais elevadas), bem como uma relativa mudança no *ethos* mais comum, sobretudo em Dublin, que se acentuou durante o período do 'tigre celta' e que deixou marcas, mesmo tendo voltado a regredir.

¹³ Um artigo de Ciarán d'Arcy de julho de 2017, julho e agosto o período do ano em que se assiste a afirmações potentes na Irlanda do Norte, reporta a situação melancólica da Orange Order e seus lodges no Eire: D'ARCY, Ciarán. 2017, Republic's Orangemen proclaim their identity. *The Irish Times*. Monday, 2017-07-10. https://www.irishtimes.com/culture/heritage/republic-s-orangemen-proclaim-their-identity-1.3148713. Acesso 2017-07-16.

¹⁴ Como mostrado de bela maneira, e com profundidade historiográfica, nas duas séries que o canal de televisão, essencialmente na língua irlandesa, TG4, fez de 14 dos líderes de 1916 executados, sete episódios sob o título geral 1916 Seachtar na Cásca, dedicados aos signatários da Proclamação da República, 1 -Thomas J. Clarke; 2 - Patrick Pearse; 3 - Thomas MacDonagh; 4 - Joseph Plunkett; 5 - Éamonn Ceannt; 6 - Seán Mac Diarmada; 7 - James Connolly; e outros sete sob o título geral 1916 Seachtar Dearmadta - The Forgotten Seven, dedicados a 1 - Michael Mallin; 2 - Con Colbert; 3 - John MacBride; 4 - Sean Heuston; 5 - Michael Ó Hanrahan; 6 - Willie Pearse; 7 - Ned Daly. Houve também episódios dedicados a outras figuras relevantes do Levante, como o próprio Michael Collins, a Condessa Markievicz e Roger Casement.

se percebe que se trata de uma 'guerra' continuada, cuja busca por manter um resultado 'bom' requer 'muitos' - não por acaso o termo que Wolin escolhe empregar em *Politics and vision* - e esforços em variadas instâncias. Assim é que se pode pensar que as 'elites' no sentido mais comum, que em *Politics and vision* Wolin considera que teriam assumido o papel que levou à situação atual no século XVII, tornaram-se, de certo modo, ausentes da Irlanda. Em larga medida, concentraram-se, tanto prática quanto representacionalmente, na Inglaterra. Desta maneira, apesar do estatuto diferencial - e da impunidade, quando foi o caso - atribuído a algumas categorias profissionais e à hierarquia e religiosos católicos, depois da separação entre os dois países, não chegaram a constituir uma oposição aos "muitos". O que Wolin aponta é que

(...) since the seventeenth century elites have self-consciously become the agents of discontinuity, first as modernizers, then even more furiously as postmodernizers. Progress has been determined by elites and suffered by non-elites, while political continuity appears as the choice of those who bear the brunt of the dislocations entailed by discontinuity. The cultural, normative, and psychological losses that appear inseparable from economic, scientific, and technological progress have rarely, if ever, been the stuff of election, much less of widespread public deliberation and choice.

This is a crucial political matter because change is the essence of postmodern societies, yet decisions about the forms of change have been pre-empted by governmental, corporate, and (to a lesser extent) academic elites" (2004, op.cit.: 605).

Isto não impede, como já se observou, que se perceba que há na Irlanda tentativas, de vária ordem, de construir processos de dominação, de 'definir' e 'dirigir' mudanças, e que, em especial, tal possa ser identificado na centralização e no adensamento das normas burocráticas. Contudo, ao menos em parte, é como se o processo tivesse ocorrido 'para além' das 'elites', em parte pela própria ausência de distinções sociais claras entre estas e os 'muitos', ¹⁵ as 'vozinhas'. Pode-se pensar que isto torne o processo mais grave, embora capaz, se a 'unidade' - inclusive como buscada para garantir o funcionamento do sistema político como um todo - atentar para o fenômeno, de servir para resgatar sentidos maiores de pessoalidade e de democracia (no sentido de Wolin, mas também talvez de Edmund Burke). A burocracia de agora provavelmente siga ditames de ordem mais 'global'. Desde os anos iniciais do Free State, como em vários lugares e alertado por tantos autores, pretende-se

_

¹⁵ O ponto não é que se trate de uma sociedade eminentemente igualitária. Vários autores lidam com o tema "classes sociais" na Irlanda e, entre obras conhecidas, pode-se referir: BREEN; HANNAN; ROTTMAN; WHELAN. 1990, *Understanding contemporary Ireland*: state, class and develpment in the Republic of Ireland. Dublin: Gill and Macmillan; e BREEN, Richard and WHELAN, Christopher. 1996, *Social mobility & social class in Ireland*. Dublin: Gill & Macmillan. Na sua dissertação de mestrado, Eoin O'Neill mostrou como o estado irlandês, inclusive através do *welfare state* implementado, fomentou grandes mudanças, de teor sócio-econômico e no *ethos* decorrente, para o que passou a ser em grande medida uma sociedade de "classe média", as quais vieram junto com um processo acelerado de crescimento e urbanização, concentrada sobretudo em Dublin. O'NEILL, Eoin. 1997, *Alguns aspectos do relacionamento entre estado*, welfare state *e classe na sociedade contemporânea da Irlanda*. Dissertação (mestrado em Sociologia). (orientador: Prof. Dr. Renato Boschi). Rio de Janeiro: IUPERJ.

'isenta' e 'acima do bem e do mal', o que do ponto de vista imagístico se coadunava com a crescente concentração em Dublin. Era associada ao ideário de 'modernização', coerente com a 'impessoalidade', ambas visualizadas como positivas, que teriam ganho curso desde 1923, no período inicial do Free State, com certa clareza até 1932, antes mesmo do 'respaldo' que formulações de feição arcana, como Wolin alerta, tivessem ganho rédea livre em várias partes do mundo. Na Irlanda não são poucos os defensores da ideia de que a democracia se consolidou por essa implementação, na década inicial do estado 'independente', de um sistema racional-burocrático¹6. Nada impede, contudo, que se tenha esperança que um olhar para a 'forma' da burocracia, agora tendo claro o antagonismo que representa ao exercício da vida - e da participação nas invenções, nos (des)mundos, nas democracia(s) - da imensa maioria dos irlandeses, para se ficar no 'pretexto', e à certa 'unidade' que ainda 'existe', possa ajudar a reduzir de sobremodo seus tentáculos totalitários.

II

Nesse sentido, a centralização, em Dublin e a diminuição de verbas e poderes para o "local", a que Wolin atribui tanta importância, é um processo que pode ser remontado à separação da Inglaterra, embora, como referido, tenha se acelerado de sobremaneira no final da década de 1950, no processo de 'modernização' movido pelo Estado (O'Neill 1997, op.cit.). Na Irlanda hoje em dia, o "local" encontra defensores claros, como Fintan O'Toole, que o coloca no âmbito, precisamente, da demanda por um olhar sobre a 'realidade', inclusive econômica, e criação de uma narrativa nacional, para o 'todo', mais coerente com os dias atuais e menos 'esquizóide', se é que a expressão cabe, do ponto de vista dos 'muitos. No primeiro de quatro artigos que publicou no *The Irish Times* sob o título "The state of us" (2017a¹⁷):

A sense of common purpose is necessary precisely because it is so difficult. Ireland offers no firm ground, just a set of tensions and contradictions. There is, in the first place, an odd disjunction that results from Ireland's peculiar form of economic development: There are two economies and the dominant one is not the one that most of us inhabit. It is a highly globalised economy, shaped by and for a small number of giant transnational corporations: over half of all value added in the non-financial Irish business economy is created by multinationals. And this multinational economy is highly specialised. (...)

But these immense sectors of the economy are not where the vast majority of Irish people

¹⁶ Apesar de com nuances, essa tese é defendida por Tom Garvin (expressando o que outros autores colocam em 'tons menores', ou como subtexto a seus trabalhos): GARVIN. Tom. 1996, *1922 - the birth of Irish democracy*. Dublin Gill & MacMillan.

¹⁷ O'TOOLE, Fintan. 2017a, The state of us, part 1: Ireland's story doesn't make sense any more. *The Irish Times*. Saturday, 2017-08-19. https://www.irishtimes.com/opinion/the-state-of-us-part-1-ireland-s-story-doesn-t-make-sense-any-more-1.3186301. Acesso 2017-09-07.

work. Ninety per cent of businesses in the Irish economy are classified as micro-enterprises and nearly 70 per cent of jobs are in small and medium sized enterprises.

A essa situação 'econômica' geral se agrega que

(...) there is a profound disconnection between the local and the national. A sense of locality and community is immensely important to the way Irish people think about themselves. But it is entangled in two great contradictions. One is that we are in reality extremely bad at caring for our localities: the toleration for dreadful planning, ugly and inept development and environmental degradation is high. The other is that this sense of the local has very little political or institutional power. Ireland is, politically and administratively, one of the most centralised of all developed societies. Local democracy is weak. As a result TDs function essentially as local councillors while local councils are mere adjuncts to and training grounds for national politics.

A crítica à ausência de uma distribuição 'adequada' de funções aos TDs, os deputados, e aos county councillors é frequente. Nesse sentido, Fintan O'Toole, como vários outros autores, estaria tentando 'definir' como a 'política' deve funcionar. Pode ser que só em parca medida, mas ele, como os demais, talvez no fundo nutra certa desconfiança por deixar o burburinho, a algazarra, a (des)mundaneidade inerente à democracia e ao seu locus - para o que se conta com esse apoio mais do que luxuoso de Woolin - seguir um curso próprio, permanentemente reinventado; o que, em última análise, se advoga. Alguns county councillors, membros do Oireachtas, 18 do governo e até presidentes e Taoisigh (plural de Taoiseach) às vezes tateiam seguir nessa direção, mas é um esforço pequeno, muitas vezes percebido como fátuo. Todavia há, importa destacar, county councillors sobretudo, que aí se mantêm. Não se pretende aqui diminuir a importância que O'Toole considera que se deve atribuir, e o aumento de atenção que se deve dar, inclusive via realocação adequada de fundos, à dimensão local.¹⁹ A questão, quiçá mais simples, mas, sobretudo, de outra ordem, que Wolin dá sustentação para colocar (oh calçadeira maravilhosa!), é que o "local" tem uma fala, é cheio de 'vozinhas' (inclusive aquelas do dono de quinta celibatário e bem caladão, do inglês e do alemão que para lá foram, dos cuja família está na town há pelo menos 10 gerações, dos que se mudaram por uma oferta

¹⁸ Em janeiro de 2014 e de 2015 realizei entrevistas, seguindo um roteiro básico, após contato telefônico ou por email, com quatro *county councillors*, uma senadora, pelo Labour Panel, e três TDs, deputados, todos ligados ao condado de Kerry, em cuja ponta sudoeste temos uma casa. Na verdade, os três TDs eram todos os que tinham sido eleitos pelo que então correspondia ao distrito eleitoral, *constituency*, de South Kerry que, para as eleições de 2016, se fundiu com o de North Kerry (que antes também elegia três), o novo distrito passando a eleger um total de cinco. No projeto original, o capítulo conclusivo seria uma espécie de diálogo imaginário, a partir das gravações / filmagens, com esses políticos e, mais uma vez, suas trajetórias, motivações e 'atitudes' tão diversas a partir dos temas propostos, eles próprios exemplo de uma dimensão de 'vozinhas' com que a 'experiência democrática' conta. Desse universo, apenas um, TD pelo Fine Gael, defendeu mudança no sistema eleitoral, o PR-STV, e se queixou da necessidade de oferecer *clinics*, bem como do próprio *canvassing* antes das eleições. A sua visão, de fato, parecia corresponder à de um desenho normativo da política. Encarava a representatividade 'nacional' não por seu efeito 'interno', mas numa espécie de âmbito das nações, e muito nos moldes dessa outra feição de Edmund Burke tão propalada, que ganhou fama no modo como se expressou no discurso aos eleitores de Bristol.

¹⁹ Para uma apresentação das reformas de 2011, 2012 e 2014, todas no sentido de reduzir o 'poder local', vide, p.e., Local government in the Republic of Ireland na Wikipedia: https://en.wikipedia.org/wiki/Local government in the Republic of Ireland. Acesso 2017-11-21.

de emprego, de um posto de pesquisa, da fotógrafa que trabalha como faxineira na 'alta estação' limpando as casas alugadas à semana, dos que organizam caçada de beagles atrás do 'cheiro da lebre selvagem', do alto funcionário do Revenue que resolveu se aposentar lá, da cabeleireira, do dono do pub, do hotel, guest house ou b&b, o que tem uma quinta, zonas de turfa, pedaços de terra em vários lugares e família grande). Essas 'vozinhas' 'falam', mesmo quando caladas, é claro, e têm muito, muito a colocar, ainda que de forma suave, ainda que, de momento, o que se lhes esteja associando não requeira que assumam a feição mais direta dos "insoumis" que Todorov retratou²⁰.

Um dos outros aspectos interessantes das eleições de 2016 foi que os independentes ganharam 19 lugares no Dáil. Os independentes são uma presença frequente desde o início do estado irlandês, mas a quantidade foi notável. No que toca ao condado de Kerry, de que estou próxima, tinha havido, como mencionado, um redistritamento, substituindo-se as constituencies de North e South Kerry, que elegiam três deputados cada, por uma única por onde se elegeriam cinco deputados. A previsão, segundo o Tallyman's Campaign Handbook, de Noel Whelan, era de que os incumbentes Tom Fleming (independente) e Brendan Griffin (Fine Gael) disputariam o último lugar, enquanto que Michael Healy-Rae, Jimmi Deenhihan e Martin Ferris deveriam ser reconduzidos, bem como John Brassil, candidato do Fianna Fáil. Tom Fleming posteriormente anuncou que não disputaria as eleicões e Danny Healy-Rae, irmão de Michael, colocou seu nome entre os candidatos.²¹ O resultado foi o que consta da tabela abaixo²² (a única de toda a tese que, afinal, é em ciência política...), com Michael Healy-Rae, incumbente, eleito com uma margem altíssima acima da cota e seu irmão, que antes fora county councillor, recebendo grande parte das transferências dele e eleito na segunda contagem:

TODOROV, Tzvetan. 2015, *Insoumis - essai*. Paris: Robert Laffont / Versilio.
 Esses dados aparecem na Wikipedia sob Brendan Griffin, texto muito provavelmente editado pelo próprio. https://en.wikipedia.org/wiki/Brendan Griffin (Kerry politician). Acesso 2017-11-22.

²² Tabela extraída de Kerry (Dáil Éireann Constituency): https://en.wikipedia.org/wiki/Kerry (D%C3%A1il %C3%89ireann constituency). Acesso 2017-07-12.

2016 general election: Kerry													
Party	Candidate	% 1st Pref	Count 1	Count 2	Count 3	Count 4	Count 5	Count 6	Count 7	Count 8	Count 9	Count 10	Count 11
Independent	Michael Healy-Rae	25.7	20,378										
Independent	Danny Healy- Rae	12.6	9,991	13,826									
Fine Gael	Brendan Griffin	12.2	9,674	10,381	10,520	10,608	10,661	10,827	10,999	11,223	11,396	12,545	14,050
Sinn Féin	Martin Ferris	11.9	9,458	10,098	10,214	10,321	10,364	10,418	10,490	10,583	11,722	12,184	12,964
Fianna Fáil	John Brassil	10.3	8,156	8,642	8,719	8,764	8,957	9,005	9,137	9,242	9,495	11,955	12,792
Fine Gael	Jimmy Deenihan	8.2	6,489	6,827	6,872	6,901	6,944	7,168	7,257	7,326	7,630	7,849	9,779
Labour Party	Arthur Spring	6.1	4,813	5,011	5,036	5,067	5,093	5,281	5,356	5,601	5,887	6,139	
Fianna Fáil	Norma Moriarty	5.5	4,348	4,893	5,012	5,032	5,081	5,114	5,172	5,252	5,392		
Independent	Michael O'Gorman	1.6	1,236	1,364	1,380	1,487	1,529	1,536	1,589	1,674			
AAA-PBP	Brian Finucane	1.2	981	1,046	1,058	1,129	1,161	1,169	1,261	1,429			
Green Party	Michael Fitzgerald	1.3	1,011	1,050	1,059	1,085	1,123	1,135	1,222				
Renua Ireland	Donal Corcoran	0.9	716	769	780	801	886	900					
Fine Gael	Grace O'Donnell	1.0	776	817	827	836	854						
Independent	Mary Fitzgibbon	0.8	635	690	707								

Independent	Kevin Murphy	0.6	464	491					
Independent	Henry Gaynor	0.2	147	155					

Electorate: 112,751 Valid: 79,273 Spoilt: 476 (0.6%) Quota: 13,213 Turnout: 79,749 (70.7%)

Os Healy-Rae, como já comentado na tese, configuram uma espécie de 'clã' político, no "Kingdom", nome por vezes usado, inclusive por eles, para designar o condado de Kerry. Parte das idiossincracias irlandesas, a 'linhagem' iniciou-se na geração anterior, com o pai, Jackie Healy-Rae, dos dois que ficaram em primeiro lugar nas preferências de voto nas eleições de fevereiro de 2016 (sendo que dois netos de Jackie são county councillors). Tentam se apresentar, sem pejo, como culchies (grosso modo, caipiras, de um modo geral por oposição aos dublinenses, jackeens), recorrendo a adereços, gestualidade, frases e situações de efeito que os caracterizem como peculiares e distintos do perfil perseguido pela maioria dos políticos de representação nacional²³, e como evidenciaram, por exemplo, na parada para a chegada ao Dáil após as eleições de 2016, do alto de uma decorada Mitsubishi Pajero, de Danny, o que se elegera pela primeira vez, apelidada Black Beauty, o que, como era de esperar, ganhou bastante repercussão na mídia²⁴. Um dos aspectos básicos que buscam colocar, no que são secundados, embora com muito menor espalhafato, pela maioria dos county councillors e por parcela bastante significativa dos Teachta Dála de fora de Dublin ou, de qualquer modo, das zonas de caráter 'urbano moderno' (apesar de mesmo nessas por vezes aparecer, mesmo que sob outros tons), é o do 'ataque' a 'modos de vida' outros, mais ou menos

-

²³ Esse não é o caso da maioria dos *county* e *city councillors*, nem mesmo quando visem, o que não é tão infrequente, conseguir se eleger Teachta Dála num futuro próximo. Os Healy-Rae buscam o contraste, já os *county councilllors* mais 'clássicos' estão interessados sobretudo em estabelecer sua proximidade, inclusive em termos de perfil e comportamento, com os eleitores. Ambos, Healy-Raes e 'clássicos', todavia, não deixarão nunca de enfatizar, afora um que outro item mais 'programático', a disponibilidade para servir e ajudar o eleitorado nas suas demandas, inclusive de ordem prática. Dois exemplos de material de candidatos a *county councillors* que se elegeram em 2014:

Flyer and letter from Dan McCarthy - Independent - South and West Kerry - 2014 Local Elections:

 $https://irishelection literature.com/2014/04/07/flyer-and-letter-from-dan-mccarthy-independent-south-and-west-kerry-2014-local-elections/\ .\ Accesso 2016-01-18.$

Canvass card of Michael Cahill:

https://irishelectionliterature.com/tag/Kerry/page/4/. Acesso 2016-01-18.

Leaflet de Jackie Healy-Rae, o pai dos atuais TDs, quando se lançou candidato independente (o Fianna Fáil recusara indicá-lo), tendo ficado em primeiro lugar na eleição geral de 1997:

https://irishelectionliterature.com/2012/06/11/1997-leaflet-from-jackie-healy-rae-its-time-south-kerry-had-a-voice-to-be-heard-in-dail-eireann/. Acesso 2017-11-25.

²⁴ O'CONNOR, Wayne. 2016, Healy-Raes harness Black Beauty in their victory parade to the Dáil. *Independent*. Friday, 2016-03-11. https://www.independent.ie/irish-news/election-2016/healyraes-harness-black-beauty-in-their-victory-parade-to-the-dil-34530846.html. Acesso 2016-03-14.

consolidados, ataque que seria movido por 'grupos', correspondendo a um certo estereótipo de *jackeens* (precisamente associados ao modelo de 'urbano moderno'), que se recusariam a olhar além de si próprios. No caso dos Healy-Rae, a oposição de certo modo seria entre Dublin, um poder anônimo, impessoal, inflexível, baseado apenas no dinheiro, no fundo bem pouco 'nacional', com a "rural Ireland", que, diga-se de passagem, não buscam definir, senão se apresentar como seus bons representantes, dedicados e defensores da vitalidade íntima que seria a principal característica desse 'país' cada vez mais desertado - e que, assim, se disporia a dar-lhes voto e sustentação.²⁵ Os Healy-Rae bem podem se parecer com "campeões do arcaico", mas, como Wolin coloca, isso não invalida sua relevância:

The political value of such champions of the archaic is not as bearers of truth but as provocateurs whose passionate commitments can arouse self-consciousness in the public, stimulating the latter to become aware of what they believe and of the mixed legacies that compose a collective inheritance. The resulting controversies are crucial to the cause of anti-totality and its vitality (2004, op. cit.: 604). Particularmente, eles não têm pretensão de 'traduzir' o país (talvez o Kingdom of Kerry...). Todavia, junto com outros TDs e talvez muito particularmente a maioria dos *county* e *city councillors* - embora estes se ressentindo da diminuição progressiva no número de representantes que os 'governos' vêm decretando, bem como de verbas e políticas sob seu escrutínio - como que permanecem apontando que 'o rei está nu', que a política nacional não deve, e em grande medida não pode, quanto mais não seja pelos votos que lhes são dados, prescindir de olhar para outros 'sujeitos', outros tipos de 'vozinhas' e estares no mundo, que não correspondem ao mero debate abstrato no âmbito do Dáil, do Oireachtas, e pois que, decisões e slogans que os Taoisigh e demais incumbentes no governo queiram implementar não serão sem consequências, tanto sobre como a partir do 'local'.

Ш

Logo no começo, referiu-se que uma das razões para a saída de Enda Kenny tinha uma dimensão moral ligada à Garda Síochána. Política geral recentíssima, nos últimos dias, o tema voltou com maior intensidade, e as setas dos jornalistas e do público, não tão raro na Irlanda, que acompanha de perto os vaivéns da frente da cena política e seus bastidores imediatos apontam para uma possível queda do governo, eventualmente associada à convocação, no curto prazo, de novas eleições gerais, cujos resultados, segundo sondagens, não serão muito diferentes dos da fevereiro de 2016. Por outro lado, isso pode não ocorrer: o Presidente Michael D. Higgins sugere que talvez se recuse a dissolver o Dáil, os TDs aproveitaram a

²⁵ Um livro que apresenta a trajetória e é também um encômio dos Healy-Rae: HICKEY, Donal.2015, *The Healy-Raes - a twenty-four seven political legacy*. Killarney: Rushy Mountain Books.

sexta e o sábado para ir para suas *constituencies* e os eleitores não se mostraram favoráveis à ideia... Não é que os eleitores neguem relevância à questão, mas, tão somente e tanto, que oferecem indicações fortes de que há que separar as guerras dos 'políticos' do operar das dimensões relevantes, morais e sociais ou, se uma colocação mais direta é permitida, 'eles que arranjem outras espadas para jogar suas danças e contradanças'.

No governo anterior, de coalizão entre o Fine Gael e o Labour, até a derrota nas eleições locais e para o Parlamento Europeu em 2014, o Tánaiste - além de Minister for Foreign Affairs and Trade -, foi Eamon Gilmore (que estivera ligado ao Democratic Left, dissensão do Labour com que o partido acabou por se refundir). Não muito depois de sair do governo, Gilmore publicou suas memórias do tempo como Tánaiste. Para o tema que interessa aqui mais, já perto do fim do livro, trata das controvérsias em torno da Garda Síochána e, na verdade, do processo que ainda se desenrola. Numa postura que, de fato, parece ecoar fortemente a história do Labour irlandês - inclusive quanto à decisão, em 1922, de lançar candidatos próprios, para se situar distante dos lados em disputa em torno do Tratado e do acordo eleitoral que seria suposto seguirem -, Eamon Gilmore descreve:

I saw in this controversy, however, an opportunity to progress a Labour policy objective which Fine Gael had not accepted in the Programme for Government. As Labour Justice spokepersons in opposition, Brendan Howlin and Pat Rabbitte had advanced the case for an independent Garda Authority. The structure and governance of the Gardaí had remained intact since the turbulent days of the Civil War. Labour argued that twenty-first century Ireland needed a reformed police service, governed by an independent authority drawn from civil society. I now pursued the case for it again, and eventually achieved success when the Taoiseach came on board with the idea.

The establishment of an independent Garda Authority is the biggest reform of the Garda Siochána since the foundation of the State, and is one of Labour's most significant achievements in this Government. Yet it has gone almost unnoticed because public and media attention continued to focus on Minister Shatter and Commissioner Callinan, and the manner of their eventual departures $(2016^{26}: 274)$.

Ainda nesse governo de coalizão, depois das eleições locais de 2014, Gilmore foi sucedido por Joan Burton, a nova líder do Labour, como Tanaíste. No governo minoritário posterior, que permanece em vigor, primeiro sob Enda Kenny e depois sob Leo Varadkar, Frances Fitzgerald, do Fine Gael, assumiu a posição de Tánaiste. Quando Varadkar substituiu Kenny, ela tornou-se também Minister for Business, Enterprise and Innovation, mas antes fora Minister for Justice and Equality. A crise atual é um prolongamento da que teria sido um dos motivos para Enda Kenny se afastar como líder do Fine Gael e Taoiseach. Varadakar optou por dar sustentação à Tánaiste, Frances Fitzgerald, inclusive recorrendo a certa retórica feminista, apesar das moções de desconfiança que primeiro o Sinn Féin e depois o Fianna

²⁶ GILMORE, Eamon. 2016, *Inside the room*: the untold story of Ireland's crisis government. Sallins (Co. Kildare): Merrion Press.

Fáil, e vice-versa - até porque tentam forçar posições do outro partido - 'estão em processo de apresentar' (trata-se de política irlandesa...) no plenário do Dáil. No "political digest" do *The Irish Times*, Harry McGee (2017²⁷) é um dos comentadores políticos que dava como muito prováveis novas eleições, até porque, ao nível formal, o acordo de "confidence and supply" com o Fianna Fáil, que esteve na base de garantir que Enda Kenny fosse eleito Taoiseach e o governo minoritário tivesse condições de governabilidade, acabou, pelo menos publicamente...

Trata-se, sem dúvida, de uma situação GUBU, acrônimo que Conor Cruise O'Brien cunhou em 1982, e cujo uso se tornou frequente, a partir de fala do então Taoiseach Charles Haughey, a propósito de terem encontrado um homem que praticara dois homícidos violentos em casa do Attorney General, quem, ainda assim, recebe permissão para viajar de férias! Com a fina ironia de O'Brien:

YOU'VE GOT to hand it to the man, you really have. He is grotesque, unbelievable, bizarre and unprecedented.

Those, remember, are the adjectives that sprang to his own lips, at that press conference of his last Tuesday, to characterise 'the situation which had arisen' in and around the flat of the Attorney General.

No one, I think, would seriously challenge the applicability of these adjectives, emphatic though some of them are, to the situation on which they were bestowed.

(...). It was not the adjectives themselves that were remarkable, but the spirit in which they were introduced by this (here choose your own adjective) Taoiseach of ours, at this surreal press conference. The man poured these words on, exactly as if he were reading out rave reviews of some brilliant performance which he and his all-star cast had just turned in, to general acclaim.²⁸

Gubu passou a representar muito mais do que os termos incluídos no acrônimo. Neste sentido, a situação atual parece de fato ter muito de Gubu. Tem também analogia com acontecimentos anteriores: no caso pensa-se na renúncia de Albert Reynolds em 1994, em associação com o Attorney General, Harry Whelehan, por ele indicado, ter recusado a viagem à Inglaterra para aborto de uma garota de 14 anos que fora estuprada (no que ficou conhecido como X Case). Quando a vaga de presidente da High Court ficou vaga, novamente Reynolds indicou

The confidence-and-supply agreement with Fianna Fail is in tatters. If Frances Fitzgerald remains in place, it means a general election. If the Taoiseach allows her to go, there will be a perception he is weak and had danced to the tune of the Opposition parties, or had sacrificed her in order for him to stay in power.

All week, there has been more commentary on Varadkar's body language than there was in zoologist Desmond Morris's celebrated book on human behaviour, 'The Naked Ape'.

²⁷ McGEE, Harry. 2017, A political digest with Harry McGee. *The Irish Times*. Friday, 2017-11-24. O tom irônico, felizmente, permanece no jornalismo irlandês. O resumo começa com "Good morning, an unexpected political digest, but then we may have an unexpected election. The last 24 hours have unfolded like a high-stakes game of poker". Noutra passagem,

²⁸ O'BRIEN, Conor Cruise. 1982, GUBU. *The Irish Times*. Saturday, 1982-08-24. Reprinted as The creation of 'Gubu', a term that would define the Haughey era. *The Irish Times*. Saturday, 2008-12-20. O artigo GUBU da Wikipedia dá uma boa dimensão do contexto social dublinense por detrás dos acontecimentos: https://en.wikipedia.org/wiki/GUBU. Acesso 2017-11-24.

Whelehan, quando emergiu que este não só se mostrara renitente, inclusive por pressão da hierarquia católica, em julgar o padre Brendan Smyth, acusado de abuso de crianças, como a não dar o encaminhamento adequado a solicitação de extradição da Irlanda do Norte para que fosse julgado por acusações semelhantes.²⁹ Tratava-se também de um governo de coalizão. Fianna Fáil - Labour. A credibilidade política de Reynolds estava seriamente comprometida, de modo que quando o Labour se retira do governo ele renuncia. Ao catolicismo como manto da 'unidade' irlandesa, tão claramente enfatizado por De Valera na Constituição de 1937, correspondeu um preço altíssimo, de controle social e educacional³⁰, bem como de ocultamento, inclusive de toda uma série imensa de abusos de vária ordem, particularmente contra crianças e mulheres³¹. Essa tela, como todas dir-se-ia, nunca foi completa e sua erosão, embora lenta e muito tardia, ocorreu - e ainda está em processo. Assim, pode-se colocar que nesse caso a dimensão 'moral' era sensível para a 'unidade' de tal modo que conduzia a que as 'questões práticas', da ordem das danças e contradanças dos políticos, devessem ter uma repercussão maior, adequamente simbolizada na queda do governo. Noutros termos, sugere-se que há uma relação efetiva entre governo e sociedade que, num primeiro plano, passa pelos laços estreitos e pelo controle dos TDs, mas que, num outro, talvez mais difícil de alocar, acaba por se refletir no aspecto maior do funcionamento da 'política' representante do 'nacional' (de certo modo, infelizmente, como apontado, em conexões bem mais tênues no que se refere ao 'local'). Para recorrer a Todorov, essa 'unidade' Irlanda teria assim conseguido, ao menos em parte, equilíbrios desejáveis para situações democráticas concretas: "La démocratie n'offre pas un accès au souverain bien, elle ne demande pas que les hommes d'état soient des parangons de vertu ou les prophètes d'une utopie, certes; mais il n'est pas vraie que'elle est

²⁹ A carreira política e pessoal pode ser acompanhada no artigo "Albert Reynolds" da Wikipedia: Wikipedia - Albert Reynolds. https://en.wikipedia.org/wiki/Albert_Reynolds. Acesso 2017-11-25. Para uma apresentação detalhada e, pode-se dizer, 'sentida' dos casos de abuso cometidos pelo padre Brendan Smyth, vide, MOORE, Chris. 1995, *Betrayal of trust*: the Father Brendan Smyth affair and the Catholic Church. Dublin: Marino Books (Mercier Press).

⁽Mercier Press). ³⁰ Um livro a respeito que se tornou clássico é INGLIS, Tom. 1987, *Moral monopoly*: the Catholic Church in modern Irish society. Dublin: Gill and Macmillan. Sobre o assunto também é interessantíssima a resenha que Inglis fez do livro *Church, state and social science in Ireland*: knowledge institutions and the rebalancing of power, 1937-73, de Peter Murray e Maria Feeney. Manchester University Press: INGLIS, Tom. 2017, Christian knowledge. *The Dublin Review of Books*. Issue 92, September 2017. Acesso 2017-09-01.

³¹ As denúncias aparecem sob várias formas. Benjamin Black (pseudônimo que John Banville usa para seus romances mais de tipo 'policial') construiu a Quirke Series a partir desse tema, que assola Quirke, o personagem principal, e que está ligado ao que se poderia chamar de 'elite' dublinense, nas décadas de 1940-1950, e à dominação, por vezes impiedosa, de certos homens mais abonados, bem como os limites a que se chega para manter certos aspectos ocultos - o medo da 'verdade', da luz, da vida real e dos 'muitos que romperiam as imagens construídas e corresponderiam a um golpe de morte sobre o(s) poder(es). Dentre o conjunto, talvez se possa destacar: BLACK, Benjamin (John Banville). 2013, *Holy orders*. Oxford: Picador. A BBC produziu uma série de episódios a partir dos livros.

indifférente à leur posture morale" (2015³²: 20). E logo a seguir acrescenta, "Entre la politique soumise à l'utopie ou à la morale et celle qui se contente de gérer les affaires en cours, il y a la place pour une politique qui fait vivre un idéal partageable par tous" (: 21).

O Gubu da situação atual é claro. Além do mais, é complicadíssimo entender seus vais e voltas, que remontam a 2006. Na verdade, para escrever este parágrafo foi preciso ter aberto ao lado o cronograma dos eventos que Harry McGee (2017b³³) gentilmente colocou no seu "The Maurice McCabe affair; how did we reach this point?", que começa com "The saga involving Garda whistlebower Sgt Maurice McCabe had its beginnings over a decade ago. Two garda commissioners and a minister for justice have since departed from office, having been swept up in the controversy. Now a general election looms". O início da história data de janeiro de 2006 e, à primeira vista, tratar-se-ia apenas de um policial um tanto rigoroso que faz denúncias, desde sobre falhas de comportamento de colegas como, depois, de práticas um tanto mais graves, já a nível de áreas maiores da corporação. Um ponto central, como Eamon Gilmore comentava, de fato parece ser a Garda Síochána em parte operar como uma instituição que só responde a si própria. 34 com todas as diferenças cabíveis numa certa analogia com o modo como a igreja católica operou em várias épocas. Logo no início da saga, uma acusação de assédio a criança (movida pela filha de um colega que McCabe denunciara...) revela-se completamente improcedente. McCabe continua no seu papel de denunciador, inclusive através de buscas no Pulse, o sistema de monitoramento da Garda Síochána. Entre 2008 e 2010 elabora dossiê relatando 42 casos de práticas inadequadas, assédio e corrupção em Bailieborough, condado de Cavan. Em 2012 mais queixas, ligadas a multas e pontos nas carteiras de motorista, já então endereçadas à ouvidoria, que fora criada, da corporação. Em 2013, o Assistant Commissioner (o segundo na hierarquia) da Garda conclui que algumas práticas foram inadequadas mas que não houve propriamente crime. Aí o assunto talvez tivesse permanecido no seu fluxo manso, exceto que o Controler and Auditor General (de certo modo equivalente ao que seria no Brasil o Presidente do Tribunal de Contas

-

³² TODOROV, Tzvetan. 2015, *Insoumis* - essai. Paris: Robert Laffont / Versilio.

McGEE, Harry. 2017b, The Maurice McCabe affair: how did we reach this point? *The Irish Times*. 2017-11-24. https://www.irishtimes.com/news/politics/the-maurice-mccabe-affair-how-did-we-reach-this-point-1.3301473. Acesso 2017-11-24.

³⁴ Um livro ilustra esse aspecto, ao retratar as absurdas barreiras enfrentadas por William Geary, um *garda* injustamente acusado e expulso da corporação, para tentar 'limpar seu nome', 'resgatar sua honra', o que era fundamental para ele. Como consta da apresentação, escrita por Conor Brady: "the story told here by Brendon Colvert, himself a distinguised former member of the gardaí, is not merely that of an injustice done in the early years of the Irish state and then consigned to history. It is a moving narrative of official cowardice and obfuscation, maintained over decades, as an ageing man sought to bring out the truth behind the orginal travesty" (2011: 9). COLVERT, Brendon K. 2011, *On my honour*: one man's lifelong struggle to clear his name. Cork: Mercier Press.

da União) resolve produzir um relatório sobre os pontos e multas, que resulta em trocas acerbas no Dáil entre o então Minister for Justice Alan Shatter e dois TDs da oposição. E então o assunto piora, quando o Garda Commissioner (o primeiro na hierarquia), Martin Callinan, diante do Public Accounts Committee, se refere às denúncias e, implicitamente, ao próprio McCabe, como "disgusting". Em fevereiro de 2014, McCabe entrega o dossiê diretamente nas mãos de Micheál Martin, líder do Fianna Fáil, que, por sua vez, o passa ao Taoiseach Enda Kenny (lembre-se que os dois partidos tinham um acordo...). Há mais trocas de farpas, inclusive a nível ministerial, que resultam na renúncia do Garda Commissioner e do ministro. Frances Fitzgerald - aquela lá de cima, a atual Tánaiste... - torna-se Minister for Justice e promove um " 'independent review mechanism' for all the cases raised by whistleblowers", envolvendo seis barristers (advogados sêniores, é tradução possível). Em fevereiro de 2015, o assunto permanece bastante vivo pelo que se estabelece uma comissão de investigação, chefiada pelo Juiz Kevin O'Higgins, para "investigate claims of inaction, corruption and malpractice in the Cavan-Monaghan Division". Começa então um problema efetivo, uma questão que vai muito além do apurar ou não de irregularidades, e das formas mais adequadas de procedimento: a nova Garda commissioner cerca-se de um time de advogados que "discloses an assertive strategy that will question McCabe's integrity. When asked by Judge O'Higgins whether was he attacking McCabe's 'motivation and attacking his character', the counsel replies 'right the way through' ", inclusive sobre as falsas alegações de tentativa de abuso sexual e etc, para o que, inclusive, teriam havido 'deslizes' grosseiros produzidos em pareceres de outras entidades públicas. O relato do que se segue e que está hoje em questão em termos da permanência de Frances Fitzgerald e de se o governo - e eventualmente o Dáil - se dissolve ou não é numa chave bem menor: se ela prestou ou não atenção a um email que lhe foi enviado onde se relatava parte dessa estratégia, bem como o fato dela num momento dizer que não, depois que sim, mas que não prestara atenção - e, talvez mais grave, que, de qualquer maneira, tomara todas as 'medidas adequadas', 'tecnicamente cabíveis'. O 'público', o que os eleitores teriam manifestados aos TDs nas suas constituencies, é que não é adequado realizar eleições agora. Pode-se, contudo, dizer que não por que o tema não seja candente mas porque, precisamente, está sendo usado para os jogos político-partidários, as guerras sempre presentes, e para os esforços de reposicionamento no tabuleiro que um Daíl dividido, como o último, desperta nos contendores. Eles devem, contudo, e nisso o Presidente Michael D. Higgins (que, ainda há pouco, aparecia em público flertando com a ideia de se colocar como interessado no segundo mandato, de sete anos, que lhe é facultado) vem se destacando, pelo menos atentar para a possibilidade que não estão lidando com o assunto como deveriam. O ponto, de fato, parece residir bem pouco nas denúncias. Afinal nada propriamente grave foi provado e McCabe parece (parecia) corresponder ao estereótipo da pessoa rígida, que denuncia tudo o que não seja exatamente conforme à regra. Por isso, se tornou tema grave: a Garda - como a burocracia?, como a Igreja Católica procedeu - colocar-se 'acima do bem e do mal' e capaz de lidar como queira com os que a 'incomodam'. Trata-se de exclusão, de desqualificação - no limite, de viventes -, trata-se de arrogância, trata-se de totalitarismo. O governo, ou um novo que emerja do Dáil atual, pode endereçar esses assuntos, tanto mais quanto perceba, para resgatar sem mais comentários a proposta de Wolin, as dimensões 'locais', para lidar com a diversidade, com os próprios chatos, com as construções presentes e, assim, para encaminhar possibilidades mais encompassadoras e abertas, (des)mundos.

IV

Foi ainda antes da segunda rodada de votação para Taoiseach a que Enda Kenny se submeteu no plenário do Dáil que se realizaram em Dublin as comemorações do centenário do Levante da Páscoa de 1916. No artigo da Wikipedia "2016 Irish government formation": "Negotiations continued over Easter (Easter Day fell on Sunday 27 March in 2016). This period also featured nationwide commemorations of the centenary of the 1916 Easter Rising". Na verdade, conforme a RTÉ (Raidió Teilifís Éireann), "Hundreds of thousands of people lined the streets of Dublin for the largest public spectacle in the history of the State" Importava pouco se havia governo formado ou não. Cabia sim celebrar todos aqueles homens, e mulheres, que foram 'insoumis', que com tantas histórias, origens, razões, sentimentos, trajetórias - próximas e longínquas, se movimentaram em direção a algo que, provavelmente fadado ao fracasso, bem o sabiam, fazia sentido, era parte do exercício do seu estar no mundo, que não precisava, de forma alguma, se restringir a isso. Foi bonito - e como me entristece não ter podido ter estado mais mergulhada na aura desse momento! -, muito bonito, perceber que há um além imenso que pode unir as pessoas, que a 'consideração', que Todorov nos desfiou a propósito de Rousseau, é capaz de juntar tantos nos tantos tempos da humanidade.

Em *Insoumis*, Todorov sugere que o que une os homens e mulheres que aflorou é o amor, "celui des êtres humains et celui de la vérité (les deux n'en faisant parfois qu'un)" (2015, op.cit.: 259). Todos recusam a 'lógica identitária' do amigo-inimigo, a guerra de vinganças e represálias associada, para que Octavio Paz tão belamente chamou atenção como,

³⁵ RTÉ. 2016, Massive crowds line the streets of Dublin for 1916 parade. RTÉ, Monday, 2016-03-28. https://www.rte.ie/news/ireland/2016/0327/777698-easter-rising/. Acesso 2016-03-30.

no fundo, contraditória a nossa "One Earth". Tem frases precisas de Todorov que cabe enunciar aqui: "L'amour de la vérité est ce qui anime l'action des dissidents et ils acceptent d'en payer le prix fort" (: 262); "Les actes personnels de ces individus trouvent leur source dans une exigence morale qu'ils s'addressent à eux-mêmes d'abord, fil rouge qui les conduira dans le monde, à travers une relation d'une grande intensité" (: 263); "les actes qu'ils accomplissent se situent dans l'espace public et acquièrent par là une dimension politique" (: 264-5). A propósito de Snowden, um trecho lindo: "On ne sait pas encore si les révélations de Snowden aideront à modifier la politique de son pays, mais leur action à l'intérieur des consciences en faveur du vrai et du just a déjà commencé. Malgré l'immense disproportion des forces entre l'État et l'individu isolé, la vérité, qui sera toujours le fait de l'homme isolé, peut mettre en échec les folies des États" (: 265). Quero crer que o que os homens e mulheres em Dublin - mas aconteceu também em várias outras partes do país, inclusive, explícito ou não, nos 'locais mais locais', como a minha Valentia Isand - celebraram foi a insubmissão fundamental de todos nós, ali expressa na comunhão com os que se ergueram na Páscoa de 1916, os 'nós e outros', todas as 'vozinhas', que se levantam, em tantos lugares, tempos, formas, por um mundo construído, inventado, divertido, renutrido, por cada um.

ANEXO - Dados relativos às entrevistas feitas com políticos ligados ao condado de Kerry, realizadas em janeiro de 2014 e de 2015

A) LIST OF COUNTY COUNCILLORS, TDs AND SENATOR INTERVIEWED

County councillors:

From the Killorglin electoral district (corresponding to, essentially, Iveragh Peninsula, towns of Killorglin, Glenbeigh, Caherciveen, Waterville, Kenmare):

Paul O'Donoghue, Councillor, FF, lives in Cahirciveen jpodonoghuek@eircom.net

Patrick Connor Scarteen, Councillor, FG, lives in Kenmare pconnorscarteen@gmail.com

Norma Moriarty, FF, lives in Waterville moriartynorma@gmail.com

Dan McCarthy, lives in Kenmare danmccarthy2014@yahoo.com

Teáchta Dála:

Previous Constituency of South Kerry (essentially Killarney and the Iveragh Peninsula):

Brendan Griffin, TD, FG, lives in Castlemaine (clinics in Dingle!) brendan.griffin@oireachtas.ie

Michael Healy Rae, TD, independent, lives in Kilgarvin michaelhealyrae@oireachtas.ie

Tom Fleming, TD, independent, lives in Killarney tom.fleming@oireachtas.ie

Senator:

Labour panel - vocational (by councillors and TDs) (total of 60 senators, 11 appointed the Taoiseach, three by TCD, three by NUI, 43 by the vocational pannels - administrative, agricultural, cultural and educational, industrial, commercial, and labour)

Marie Moloney, Senator, Labour, lives in Killarney marie.moloney@oireachtas.ie

B) LETTER SENT BY EMAIL TO ALL COUNTY COUNCILLORS, TDs AND SENATOR THAT WERE ON THE LIST (PREPARED IN JANUARY 2014)

Irene O'Neill Portela Cooil East, Cool East Valentia Island Email: eoneill@oi.com.br

Skype: eoinirene
Tel.: 085 - 160 1943

Dear ,

My name is Irene O'Neill Portela. I was born in Portugal, have been living in Brazil for quite a while and married an Irishman, Eoin O'Neill (one of the sons of Eileen Evans, from Glenbeigh). We also recently bought a house in Valentia Island.

The reason for this email is because I am doing a doctorate in Politics in Fluminense Federal University (UFF) of Rio de Janeiro State, Brazil. (Please allow me to mention, a very prestigious university in Brazil and South America). The dissertation deals with Irish democracy (and I'm well aware that's far from a novelty), focusing on the uses of historical and political memory, and on the interweaving of 'the universality of the rule of law' (and the regular functioning of state institutions) with room for the local and the personal allowed by Irish political practices; namely the holding of clinics, canvassing processes, personal networks and aspects that influence how politics is done, and its effect on forming the guidelines county councillors and TD's follow in the positions they hold and how they take part in County Council and Oireachtas debates, PR-STV itself, and so forth.

That is why I would be immensely grateful if you could arrange for me to interview you on these subjects, maybe coinciding with some clinics you might be holding in the neighbourhood (near Cahersiveen, Portmagee). If you can spare a bit longer in the conversation I'll be very pleased, but some 20 minutes to half an hour should be enough to cover the subjects I would like to hear your opinion on.

January is summer holiday time in Brazil. My family (Eoin, my husband, and our two adopted children, Joaquim aged 12 and Valentina aged two) and I are currently staying in Valentia Island. Would it be possible to arrange for an interview along the lines just mentioned for sometime within the next couple of weeks? Our email address is eoneill@oi.com.br, our Skype is eoinirene, my mobile number 085 160 1943.

Thanks in advance for your attention.

Kind regards,

C) INTERVIEW TOPICS

Regarding the 'operation' of democracy:

Irish democracy - why it works?

could it be related to the 'personal' handling of 'political' matters? also in the sense that somehow each person matters (and would PR-STV be a very relevant aspect in this?)

what's the importance of clinics?

how does canvassing happen? do you consider it important to get in touch with most of your constituents?

do clinics and canvassing in some way help you to form your opinions and the way you decide to handle matters / the debates in the county council / the Oireachtas?

what importance do you attribute to personal knowledge / networks in the political arena - as a way of fulfilling / defining your representative duties?

can you comment on referenda as a time for raising broad discussions about national subjects?

is the EU inherently too far away from local / daily politics - could it be brought closer?

do you reckon personal / family / history are losing their grip or that they are still important? - both in electoral terms and in defining constituency agendas

Regarding history and political memories:

how much does the Civil War / English domination still plays a role in Irish politics?

Fine Gael / Fianna Fail is no longer the only operative divide in Irish politics - but what role do you reckon it still plays?

some form of coalition government has been and will more than likely be in place for the foreseeable future - will that somehow be connected with the acceptance of the absence of a 'winning side' as a basic democratic characteristic?

the sense of 'belonging' and of 'being' might be perceived as interconnected with the interpretations of history and with one's wishes in terms of being represented politically - can you elaborate/expand on that?

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Regina. 1996, Memória, história e coleção. *Anais* do Museu Histórico Nacional, vol. 28, pp. 37-64.

ADORNO, Theodor. 2009, Dialética negativa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

ANDERSON, Benedict. 1987, *Imagined communities*: reflections on the origin and spread of nationalism. London / New York: Verso.

ARNOLD, Matthew. [1867] 1932, Culture and anarchy. Cambridge University Press.

AUBERT, Jacques. 2013, Joyce avec Lacan (Conferência proferida no IBAM, 2000-05-13, no âmbito de um seminário sobre Joyce promovido pela Escola Letra Freudiana).

BAKEWELL, Sarah. 2012, Como viver ou Uma biografia de Montaigne em uma pergunta e vinte tentativas de resposta. Rio de Janeiro: Objetiva.

BARBOSA, Gustavo Baptista. 2004, A socialidade contra o estado: a antropologia de Pierre Clastres. *Revista de Antropologia*, São Paulo. Jul/Dez 2004, vol. 47, No. 2. pp. 529-76. http://www.scielo.br/pdf/ra/v47n2/a06v47n2.pdf . Acesso 2006-10-12.

BARBOZA FILHO, R. 2001, O sentimento de democracia. Texto apresentado no XXV Encontro da ANPOCS. Caxambu (MG). mimeo.

BARROW, G.W.S. 1956, Feudal Britain. London: Arnold.

BARTH, Thomas Fredrik. (ed), *Ethnic groups and boundaries*: the social organization of culture difference. London: G. Allen & Unwin.

BATESON, Gregory. [1935] 1971, *La cérémonie du Naven*: les problèmes posés par la description sous trois rapports d'une tribu de Nouvelle-Guinée. Paris: Les Éditions de Minuit. (Título Original: *Naven*).

BECKETT, J. C. [1966] 1981. *The making of modern Ireland, 1603-1923*. London, Boston: Faber and Faber.

BENJAMIN, Walter. 1994, O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense. pp. 197-221.

BENNETT, Martyn. 2000, Review of James Scott Wheeler. *Cromwell in Ireland*. H-Net Book Review. Published by H-Albion@-net.msu.edu (August, 2000).

BERELSON, Bernard R. 1954, 14. Democratic practice and democratic theory. BERELSON; LAZARSFELD; MCPHEE. 1954, *Voting:* a study of opinion formation in a presidential campaign. Chicago and London: The University of Chicago Press. pp. 305-23.

BERGER, Peter. [1963] 1998, *Perspectivas sociológicas*: uma visão humanística. Petrópolis: Vozes.

BEW, Paul, HAZELKORN, Ellen, e PATTERSON, Henry. 1989, *The dynamics of Irish politics*. London: Lawrence and Wishart.

BITAR, Karim Emile. 2007, Entretien avec Tzvetan Todorov: Humanisme, libéralisme et esprit des Lumières. http://cyrano.blog.lemonde.fr/2008/04/01/entretien-avec-tzvetan-todorov-humanisme-liberalisme-et-esprit-des-lumieres/. Acesso 2017-06-13.

BLACK, Benjamin (John Banville). 2013, Holy orders. Oxford: Picador.

BLOOM, Harold. 1996, *The Western canon:* the books and school of the ages. London: Papermac (MacMillan).

BOBBIO, Norberto. [1976] 1994, A teoria das formas de governo. (La teoria delle forme di governo nella storia del pensiero político). Brasília: Editora Universidade de Brasília.

BOBBIO, Norberto. 1986, Elites, Teoria das. BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO. 1986, *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. pp. 385-91.

BOBBIO, Norberto. 1986, Pluralismo. BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO. 1986, *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. pp. 928-33.

BOGDANOR, Vernon. 1981, *The people and the party system*: the referendum and electoral reform in British politics. Cambridge: Cambridge University Press.

BOYCE, D. George. 1972, *Englishmen and Irish Troubles*: British public opinion and the making of Irish Policy, 1918-22. London.

BOYCE, D. George and DAY, Alan (eds.). 1996, *The Making of modern Irish history:* revisionism and the revisionist controversy. London and New York: Routledge.

BOYCE, D. George. [1982] 1991, *Nationalism in Ireland* (Second Edition). London: Routledge.

BOYCE, D. George. 1988, *The Irish question and British politics, 1868-1986*. Houndmills and London: The MacMillan Press.

BRADSHAW, Brendan. [1988-89] 1999, Nationalism and historical scholarship in modern Ireland. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 191-211. Publicado inicialmente em *Irish Historical Studies*, vol.xxvi, No 104, 1988-9. pp.329-51.

BRADSHAW, Brendan. 1993, Geoffrey Keating: apologist of Irish Ireland. BRADSHAW, B.; HADFIELD, A.; MALEY, W. (eds). 1993, *Representing Ireland*: literature and the origins of conflict, 1534-1660. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 166-90.

BRADSHAW, Brendan. 1994, Revising Irish history. Ó CEALLAIGH, Daltún (ed). 1994, *Reconsiderations of Irish history and culture*. (Selected Papers from The Desmond Greaves Summer School, 1989-93). Dublin: Léirmheas for The Desmond Greaves Summer School. pp.27-41.

BRADSHAW, Peter. Moonlight Review – a visually ravishing portrait of masculinity. *The Guardian*. 2017-02-16, https://www.theguardian.com/film/2017/feb/16/moonlight-review-masculinity-naomie-harris. Acesso 2017-07-26.

BRADY, Ciaran [1994] 1999, 'Constructive and Instrumental': the dilemma of Ireland's first 'new historians'. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 3-31.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 1986, *Identidade & etnia*: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense.

BRANDÃO, Thadeu de Sousa. Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída: política, governo e partidos em Max Weber. http://cchla.ufrn.br/interlegere/revista/pdf/3/le01.pdf. Acesso 2017-10-09.

BREEN, R.; HANNAN, D.; ROTTMAN, D.; WHELAN, C. 1990, *Understanding contemporary Ireland:* state, class and development in the Republic of Ireland. Dublin: Gill and MacMillan.

BREEN, Richard and WHELAN, Christopher. 1996, Social mobility & social class in Ireland. Dublin: Gill & Macmillan.

BRENNAN, Paul. 1999, Croissance économique et exclusion sociale: éléments du problème". *Études Irlandaises. Irlande: Fins de Siècles*, No. 24-2, Automne 1999, pp. 155-63.

BREWER, J.S. (M.A.) and BULLEN, William (Esq.) (eds). 1869, *Calendar of the Carew Manuscripts*, preserved in the Archiepiscopal Library at Lambeth. 1589-1600. London: Longmans, Green, & Co.

BREWSTER, Scott and CROSSMAN, Virginia. 1999, Re-writing the Famine: witnessing in crisis. BREWSTER; CROSSMAN; BECKET; ALDERSON (eds). 1999, *Ireland in proximity*: history, gender, space. London and New York: Routledge. pp. 42-58.

BRINTON, Crane. [1938] [re1952] 1965, *The anatomy of revolution*. (Revised and expanded edition). New York: Vintage Books.

BROWN, S.J., Stephen J. 1912, What is a nation?. *Studies:* An Irish Quarterly Review of Letters, Philosophy & Science. Vol. I, No. 3, September, 1912. pp. 496-510.

BROWN, Terence. [1981] 1985, *Ireland, a social and cultural history, 1922-1985*. London: Fontana Press.

BROWNE, Noël. 1986, Against the tide. Dublin: Gill and MacMillan.

BRUM, Eliane. 2015, Parabéns, atingimos a burrice máxima - a 'baranga' Simone de Beauvoir e a importância de um livro que ensina a conversar com fascistas. *El País*, 2015-11-09, seção de Opinião. http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/09/opinion/1447075142_888033.html Acesso 2016-11-14.

BULL, Philip. 1996, *Land, politics and nationalism*: a study of the Irish land question. Dublin: Gill & MacMillan.

BULSARA, Hament & KISSANE, Bill. 2009, Arend Lijphart and the transformation of Irish democracy. *Journal of West European Politics*. Volume 32, 2009 - Issue 1. pp. 172-95. http://dx.doi.org/10.1080/01402380802509933. Último acesso 2017-07-31.

BUNREACHT NA hÉIREANN. [1937] 1990, Bunreacht na hÉireann (Constitution of Ireland). Dublin: Government Publications.

BURKE, Edmund. [1790] 1893, *Reflections on the Revolution in France* and on the proceedings in certain societies in London relative to that event. London and New York: Bell & Sons. (Reprint from Vol. II of *Burke's Complete Works* in Bohn's Standard Library). http://press-pubs.uchicago.edu/founders/documents/v1ch13s7.html. Acesso 2017-07-12.

BURKE, Edmund. [1790] 1955, Reflections on the Revolution in France, and on the Proceedings in Certain Societies in London Relative to that Event. (Edited, with an introduction, by Thomas H. D. Mahoney, with an analysis by Oskar Priest). Indianapolis and New York: The Liberal Arts Press, The Bobbs-Merrill Company.

BURKE, Edmund. 1909–14, *Reflections on the French Revolution*. The Harvard Classics. http://www.bartleby.com/24/3/4.html. Acesso 2017-07-09.

BURKE, Peter. 2015, O que é história do conhecimento? São Paulo: Editora Unesp.

CABALL, Marc. 1998, *Poets and politics:* continuity and reaction in Irish poetry, 1558-1625. Cork: Cork University Press (in association with Field Day).

CANETTI, Elias. [1960] 1992, Massa e poder. São Paulo: Companhia das Letras.

CANETTI, Elias. [1980] 1988, *Uma luz em meu ouvido*: história de uma vida, 1921-1931. São Paulo: Companhia das Letras.

CARLIN, Norah. 1993, Extreme or mainstream?: The English Independents and the Cromwellian reconquest of Ireland, 1649-1651. pp.209-26.

CARLSON, Julia (ed). 1990, *Banned in Ireland:* censorship & the Irish writer. London: Routledge.

CARTY, R.K. 1981, *Party and parish pump*: electoral politics in Ireland. Waterloo (Ontario): Wilfrid Laurier University Press.

CASEY, James. 1988, Changing the constitution: amendment and judicial review. FARRELL, Brian (ed). 1988, *De Valera's constitution and ours*. (Thomas Davis Lectures). Dublin: Gill and Macmillan. pps. 152-62.

CAWSON, Alan. 1986, Corporatism and political theory. London: Basil Blackwell.

CHAUÍ, Marilena. 2000, Convite à filosofia. São Paulo: Ática.

CHAUÍ, Marilena. 2011, Apresentação. LEFORT, Claude. *A invenção democrática*: os limites da dominação totalitária. Belo Horizonte: Autêntica Editora. pp. 37-41.

CHEVENIX TRENCH, Charles. 1986, *The Great Dan:* a biography of Daniel O'Connell, the 'Liberator of Ireland'. London: Triad, Grafton Books.

CHUBB, Basil. [1970] [1982] 1986, *The government and politics of Ireland* (second edition). London and New York: Longman / Stanford University Press.

CHUBB, Basil. 1988, Government and Dáil: constitutional myth and political practice. FARRELL, Brian (ed). 1988, *De Valera's constitution and ours*. (The Thomas Davis Lectures Serires). Dublin: Gill and Macmillan. pp. 93-102.

CLARKE, Austin. 1992, The planter's daughter". MacMONAGLE, Niall (ed). 1992, *Lifelines:* letters from famous people about their favourite poem. Dublin: Town House.

CLASTRES, Pierre. [1974] 1978, *A sociedade contra o estado*: pesquisas de antropologia política. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

CLASTRES, Pierre. [1980] 2004, *Arqueologia da violência*. Pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac &Naify.

CLASTRES, Pierre. 1982, *Arqueologia da violência:* ensaios de antropologia política. São Paulo: Brasiliense.

CLIFFORD, James. 1988, *The predicament of culture:* twentieth-century ethnography, literature, and art. Cambridge (Mass) and London: Harvard University Press.

COAKIEY, John. 1990, Minor parties in Irish political life, 1922-1989. *Economic and Social Review*, 21, 3 (1990). pp. 269-97.

COAKLEY, John. 1993, The foundations of statehood. COAKLEY, John and GALLAGHER, Michael (eds.). *Politics in the Republic of Ireland*. Dublin and Limerick: Folens and PSAI Press. pp. 1-24.

COLLINS, Neil. 1994, Parties and elections: recent developments. COLLINS, Neil (ed.), *Political issues in Ireland today*. Manchester and New York: Manchester University Press. pp. 5-25.

COLVERT, Brendon K. 2011, *On my honour*: one man's lifelong struggle to clear his name. Cork: Mercier Press.

COMERFORD, R.V. 1989, Nation, nationalism and the Irish language. HACHEY, Thomas E. & McCAFFREY, Lawrence J. (eds). MAUME, Patrick. 1995, *D. P. Moran*. Dublin: Historical Association of Ireland (printed by Dundalgan Press).

CONNERY, Donald S. 1968, The Irish. London: Eyre & Spottiswoode.

CONNOLLY, S.J. (ed.). 1998, *The Oxford Companion to Irish history*. Oxford: Oxford University Press.

COPPEDGE, Michael & REINICKE, Wolfgang H. 1990, Measuring polyarchy. *Studies in comparative international development* 25: 1. Spring 1990. Transactions Publishers.

CORKERY, Daniel. [1924, 1967] 1989, *The hidden Ireland*: a study of Gaelic Munster in the eighteenth century. Dublin: Gill and MacMillan.

CORKERY, Daniel. 1929, Literature and life. Irish Statesman, 13 July 1929. p. 372.

CORKERY, Daniel. [1931] 1966, Synge and Anglo-Irish literature. Cork: The Mercier Press.

COSSÍO, Maurício F. Blanco. 1996, *Schumpeter y la democracia como método*: una revisión de los principales postulados. Trabalho de curso - IUPERJ. mimeo.

COSTA, Sérgio. 2002, *As cores de Ercília:* esfera pública, democracia e configurações pósnacionais. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

COULTER, Carol. 1997, Labour's Declan Bree has the run of the town in the cockpit of Sligo. *The Irish Times*, 1997-05-27. https://www.irishtimes.com/news/labour-s-declan-bree-has-the-run-of-the-town-in-the-cockpit-of-sligo-1.73483 Acesso 2017-11-17.

CRONIN, Sean. 1980, Irish nationalism: a history of its roots and ideology. Dublin: The Academy Press.

CROWLEY, Tony. 2000, *The politics of language in Ireland, 1366-1922:* a sourcebook. London and New York: Routledge.

CULLEN, L. M. 1968, Irish history without the potato. *Past & Present*. Number 40, July 1968. pp.72-83.

CULLEN, L.M. 1969, Irish economic history: fact and myth. CULLEN, L. M. (ed). 1969, *The formation of the Irish economy*. (The Thomas Davis Lectures). Cork: The Mercier Press. pp.113-24.

CULLEN, Louis M. [1969] 1988, *The Hidden Ireland*: reassessment of a concept. Gigginstown: The Lilliput Press.

CUNNINGHAM, Bernardette. 1987, Seventeenth-century interpretations of the past: the case of Geoffrey Keating. *Irish Historical Studies*. Vol. XXV, 1986-7. Antrim: W. & G. Baird. pp-116-28.

CURTIS JR., L.P. 1994, The Greening of Irish history. *Éire - Ireland*, XXIX:2, Samhradh-Summer 1994, pp. 7-28.

DAHL, Robert A. [1956] 1989, *Um prefácio à teoria democrática*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

DAHL, Robert A. 1971, *Polyarchy*: participation and opposition. New Haven and London: Yale University Press.

DAHL, Robert A. 1989, *Democracy and its critics*. New Haven and London: Yale University Press.

DALY, Mary E. 1985, *Dublin, the deposed capital:* a social and economic history, 1860-1914. Cork: Cork University Press.

D'ANGELO, Martha. 2014, Notas sobre os conceitos de experiência e história em Walter Benjamin. SEMERARO, Giovanni e D'ANGELO, Martha (orgs). *Filosofia da história*. Niterói: Editora da UFF. pp. 75-108.

D'ARCY, Ciarán. 2017, Republic's Orangemen proclaim their identity. The Irish Times. Monday, 2017-07-10. https://www.irishtimes.com/culture/heritage/republic-s-orangemen-proclaim-their-identity-1.3148713. Acesso 2017-07-16.

de PAOR, Liam. 1969, Antiquities. DUDLEY EDWARDS, Owen (ed). 1969, *Conor Cruise O'Brien introduces Ireland*. London: Andre Deutsch. pp. 33-42.

de PAOR, Liam. 1997, On the Easter Proclamation and other declarations. Dublin: Four Courts Press.

DEANE, Seamus. 1985, Edmund Burke and the ideology of Irish liberalism. KEARNEY, Richard (ed). 1995, *The Irish mind:* exploring intellectual traditions. Dublin: Wolfhound Press, pp. 141-56.

DEANE, Seamus. [1991] 1999, Wherever green is read. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 234-45. Publicado inicialmente em Ní DHONNCHADHA, Máirín and DORGAN, Theo (eds). 1991, *Revising the Rising*. Derry: Field Day. pp. 91-105.

DEANE, Seamus. 2005, *Foreign affections:* essays on Edmund Burke. Cork: Cork University Press in association with Field Day.

DEPUTIES of Dáil Eireann (The). 1922, Debate on the Treaty between Great Britain and Ireland, signed in London on the 6th December 1921: Sessions 14 December 1921 to 10 January 1922. https://celt.ucc.ie/published/E900003-00. Acesso 2017-11-14.

DEUTSCH, Karl W. [1966] 1994, (excerto de) *Nationalism and social communication*. 2nd ed. Cambridge (Mass.): MIT Press

DEVEAUX, Monique. 2000, Cultural pluralism and dilemmas of justice. Ithaca (NY): Cornell University Press.

DEVEREUX, Georges. 1980 [1967 para a edição original em inglês] 2012. De l'angoisse à la méthode dans les sciences du comportement. Paris: Flammarion.

DOGAN, Salih. 2014, « Pierre Rosanvallon, *Le Parlement des invisibles* », *Lectures* [En ligne], Les comptes rendus, 2014, mis en ligne le 11 mars 2014, consulté le 10 octobre 2017. URL: http://lectures.revues.org/13865.

DOHERTY, J.E. & HICKEY, D.J.. 1989, *A chronology of Irish history since 1500*. Dublin: Gill and MacMillan.

DOLLEY, Michael. 1972, Anglo-Norman Ireland, c1100-1318. Dublin: Gill and MacMillan.

DONNELLY Jr., James S. 1996, The construction of the memory of the Famine in Ireland and the Irish diaspora, 1850-1900. *Éire-Ireland*. Earrach / Samhrad - Spring / Summer (Double Issue) 1996. pp. 26-61.

DONOGHUE, Denis. 1986, *We Irish:* essays on Irish literature and society. Berkeley and London: University of California Press.

DUDLEY EDWARDS, Owen. 1969, The burden of Irish history. DUDLEY EDWARDS, Owen (ed). 1969, *Conor Cruise O'Brien introduces Ireland*. London: Andre Deutsch. pp. 21-32.

DUDLEY EDWARDS, Robert. [1978-9] 1999, An agenda for Irish history, 1978-2018. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 54-67. Originalmente publicado em *Irish Historical Studies* xxi, 1978-79. pp.3-19.

DUDLEY EDWARDS, Ruth. [1973] 1981, An atlas of Irish history. London and New York: Methuen.

DUDLEY EDWARDS, Ruth. [1977] 1990, *Patrick Pearse:* the triumph of failure. Swords: Poolbeg Press.

DUFFY, Seán. 1997, Ireland in the middle ages. Dublin: Gill & MacMillan.

DUMONT, Louis. 1966, *Homo hierarchicus*: le système des castes et ses implications. Paris: Gallimard (Ed. Tel).

DUMONT, Louis 1967, Homo hierarchicus: essai sur le système des castes. Paris: Gallimard.

DUMONT, Louis. 1970, Religion, politics, and society in the individualistic universe (The Henry Myers Lecture 1970). *Proceedings of The Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland for 1970*.

DUMONT, Louis. 1977, *Homo aequalis I:* genèse et épanouissement de l'idéologie économique. Paris: Gallimard.

DUMONT, Louis. 1985, *O individualismo:* uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco.

DUMONT, Louis. 1991, *Homo aequalis, II:* l'idéologie allemande, France-Allemagne et retour. Paris: Gallimard.

DUNNE, Tom. 1992, New histories: beyond 'revisionism'. *The Irish Review* No. 12, Spring/Summer 1992. pp. 1-12.

DUNPHY, Richard. 1995, *The making of Fianna Fáil power in Ireland, 1923-1948*. Oxford: Clarendon Press.

DURKHEIM, Émile. [1893] 1999, Da divisão do trabalho social. São Paulo: Martins Fontes.

DURKHEIM, Émile. [1897], 1996. *O suicídio:* estudo sociológico. Lisboa: Editorial Presença.

DURKHEIM, Émile. [1906] [1924] 1994, Sociologia e filosofia - Émile Durkheim. São Paulo: Ícone.

DURKHEIM, Émile. [vários, 1950] 1974, *Lecciones de sociologia:* física de las costumbres y del derecho. Buenos Aires: Schapire. (Lecciones Cuarta a Novena; pp. 44-106).

DWYER, T. Ryle. [1998] 2006, *Big fellow, long fellow*: a joint biography of Collins and de Valera. Dublin: Gill & Macmillan.

EAGLETON, Terry. 1994, A postmodern punch. *Irish Studies Review*, No. 6, Spring 1994. pp.2-3.

EAGLETON, Terry. 1997, The ideology of Irish Studies. *Bullán: An Irish Studies Journal*. Vol. 3, Number 1, Spring 1997. pp. 5-14.

EAGLETON, Terry. 1999, The truth about the Irish. Dublin: New Island Books.

EDUCATIONAL COMPANY OF IRELAND. s/d, *The educational history of Ireland, Part II - from A.D. 1603 to modern times.* Baile Átha Cliath & Corcaigh (Dublin & Cork): The Educational Company of Ireland.

ELLIS, Steven [1986] 1999, Nationalist historiography and the English and Gaelic worlds in the late middle ages. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history*: the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp.161-80. Originalmente publicado em *Irish Historical Studies* xxv, 1986-7. pp. 1-18.

ELLIS, Steven G. 1998, *Ireland in the age of the Tudors 1447-1603*: English expansion and the end of Gaelic rule. London and New York: Longman. (Versão original de 1995, *Tudor Ireland: crown, community and the conflict of cultures, 1470-1603*).

ESSLINGER, Pat M. and CARR, Duane R. 1975, Hugh (Blazes) Boylan: the last O'Neill. *Éire - Ireland*, XII, Samhradh-Summer 1975. pp. 32-43.

EVANS-PRITCHARD, E.E. [1940] 1978, *Os Nuer*: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva.

FACTS... 1978, Facts about Ireland. Dublin: Irish Printers / Department of Foreign Affairs.

FAHEY, Tony. 1992, Catholicism in Ireland. in: CLANCY et al (eds). 1992, *Ireland & Poland:* comparative pespectives. Dublin: University College Dublin. pp. 303-13.

FANNING, Ronan. [1988] 1999, 'The Great Enchantment': uses and abuses of modern Irish history. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 146-160. Publicado anteriormente em DOOGE, James (ed). 1988, *Ireland and the contemporary world:* essays in honour of Garrett Fitzgerald. Dublin. pp.131-47.

FANNING, Ronan. 1988, The meaning of revisionism. *The Irish Review*, No. 4, Spring 1988. pp. 15-9. A publicação na *The Irish Review* correspondeu a trabalho apresentado em seminário sobre "Revisionism on Irish history", ocorrido em 24 de setembro de 1987, na University College Dublin.

FANNING, Ronan. 2013, *Fatal path* - British government and Irish Revolution, 1910-1922. Croydon: Faber & Faber.

FANNING, Ronan. 2015, Éamon de Valera: a will to power. London: Faber & Faber.

FARRELL, Brian. 1993, The government. COAKLEY, John & GALLAGHER, Michael. (eds). 1993, *Politics in the Republic of Ireland*. Dublin and Limerick: Follens and PSAI Press. pp. 167-89.

FELDMAN, Ilana. 2017, Não entender: arquivos, documentos e criação no encontro com o Diário de David Perlov. GRINER et al. (coords.). *Arquivos em movimento - Seminário Internacional de Documentário de Arquivo*. Rio de Janeiro: FGV Editora.

FENNELL, Desmond. [1988] 1999, Against revisionism. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 183-90. Publicado originalmente em *The Irish Review*, No. 4, Spring 1988. pp. 20-6.

FERREIRA, Pedro Peixoto. 2015, Prefácio: skatografias - o caso do 'pico'. KOFES, Suely & MANICA, Daniela (orgs). *Vidas & grafias*: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ. pp. 9-15.

FERRITER, Diarmaid. 2016, The Irish Times, Sunday, 2016-02-28. https://www.irishtimes.com/news/ireland/irish-news/there-should-be-no-dancing-on-the-labour-party-s-grave-1.2552543. Acesso 2017-05-11.

FERRITER, Diarmuid. 2007, *Judging Dev*: a reassessment of the life and legacy of Eamon de Valera. Dublin: Royal Irish Academy.

FINLAY, Fergus. 1998, Snakes & ladders. Dublin: New Island Books.

FOLEY, Donal. 1973, Man Bites Dog Vol. 2. Dublin: The Irish Times.

FOLEY, Donal. 1981. Man bites dog, Vol. 10. Dublin: The Irish Times.

FORD, Trowbridge H. 1978, A. V. Dicey and the destruction of Parnell. *Éire-Ireland*, XIII: 2. Samhradh-Summer, 1978. pp.17-45.

FOSTER, Roy. 1986, We are all revisionists now. *The Irish Review*, number one, 1986. pp. 1-5.

FOSTER, Roy. 1989a, Varieties of Irishness (Inaugural lecture). CROZIER, Maurna (ed). *Cultural traditions in Northern Ireland:* Proceedings of the Cultural Traditions Group Conference, 3-4, March, 1989. Belfast: Institute of Irish Studies. pp. 1-24. Republicado em FOSTER, Roy. [1993] 1995, *Paddy & Mr. Punch:* connections in Irish and English history. London: Penguin Books. pp. 21-39.

FOSTER, Roy. 1989b, Modern Ireland, 1600-1972. Harmondsworth: Penguin.

FOSTER, Roy. [1993] 1995a, History and the Irish question. *Paddy & Mr. Punch:* connections in Irish and English history. London: Penguin Books. pp. 1-20. Republicado em BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 122-45.

FOSTER, Roy. [1993] 1995b, Interpretations of Parnell: the importance of locale. in: *Paddy & Mr. Punch:* connections in Irish and English history. London: Penguin Books. pp. 40-61.

FOSTER, Roy. 1995c, *Paddy & Mr. Punch:* connections in Irish and English history. London: Penguin Books. pp. 1-20.

FOUCAULT, Michel. 1994, *História da sexualidade 2*: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal. p. 15.

FREITAS BRANCO, João Maria. 2006, *Agostinho da Silva* - Um perfil filosófico. Lisboa: Zéfiro.

GALLAGHER, Michael. 1988, The President, the people and the constitution. FARRELL, Brian. (ed). 1988, *De Valera's constitution and ours*. (The Thomas Davis Lectures Series). Dublin: Gill and Macmillan. pp. 75-92.

GALLAGHER, Michael. 1993, The constitution. COAKLEY, John and GALLAGHER, Michael (eds.). *Politics in the Republic of Ireland*. Dublin and Limerick: Folens and PSAI Press. pp. 49-66.

GARVIN, Tom. 1976, Local party activists in Dublin: socialization, recruitment and incentives. *British Journal of Political Science*, Vol 6, Part 3, July 1976. pp. 369-82.

GARVIN, Tom. 1982, Change and the political system. LITTON, Frank (ed). *Unequal achievement:* the Irish experience, 1957-1982. Dublin: Institute of Public Administration. pp. 21-40.

GARVIN, Tom. 1987, *Nationalist revolutionaries in Ireland, 1858-1928*. Oxford: Clarendon Press.

GARVIN, Tom. 1991, Collective somnambulance and public policy. *Administration:* Journal of the Institute of Public Administration of Ireland, Vol. 39, No 1, 1991. pp. 42-54.

GARVIN, Tom. 1991b, The rising and Irish democracy. Ní DHONNCHADHA, Máirín and DORGAN, Theo (eds). 1991, *Revising the Rising*. Derry: Field Day. pp. 21-8.

GARVIN, Tom. 1993, Ethnic markers, modern nationalisms and the nightmare of history. KRÜGER, Peter (ed). *Ethnicity and nationalism*. Marbury: Hitzeroth.

GARVIN, Tom. 1994, The Dáil government and Irish local democracy, 1919-22. *Decentralisation of government*: proceedings of the fourth annual Daniel O'Connell workshop. Dublin: Institute of Public Administration.

GARVIN, Tom. 1995, Tell me a story: emotion, myth and political life" (Final Draft). UCD, mimeo.

GARVIN, Tom. 1996, 1922 - The birth of Irish democracy. Dublin: Gill & MacMillan.

GARVIN, Tom. 2004, *Preventing the future:* why was Ireland so poor for so long? Dublin: Gill & Macmillan.

GARVIN, Tom. 2006, National Identity in Ireland. *Studies:* An Irish Quarterly Review. Issue 379, vol. 95, Autumn 06. (Identity and Irish Literature). http://www.studiesirishreview.ie/j/page113. Acesso 2007-08-13.

GAVAN DUFFY, Sir Charles; SIGENSEN, George and HYDE, Douglas. 1894, *The revival of Irish literature*. London.

GEERTZ, Clifford (ed). 1963, *Old societies and new states: the quest for modernity in Asia and Africa*. New York & London: The Free Press of Glencoe & Collier-Macmillan. pp. 105-57. (GEERTZ, Clifford. 1963, The integrative revolution: primordial sentiments and civil politics in the new states. GEERTZ, Clifford (ed). 1963, *Old societies and new states:* the quest for modernity in Asia and Africa. New York: Free Press. pp. 107-13. Texto integral http:// www.iwp.uni-linz.ac.at/lxe/sektktf/GG/HyperGeertz-1960.1969.htm . Acesso 2007-05-15.)

GEERTZ, Clifford. [1963] 1994, Primordial and civic ties. HUTCHINSON, John & SMITH, Anthony D. (eds). 1994, *Nationalism*. Oxford / New York: Oxford University Press. pp. 29-34. (Originalmente publicado 1963, The integrative revolution: primordial sentiments and civil politics in the new states. GEERTZ, Clifford (ed). 1963, *Old societies and new states*: the quest for modernity in Asia and Africa. New York: Free Press. pp. 107-13.)

GEERTZ, Clifford. [1964] 1978, A ideologia como sistema cultural. _____. [1973] 1978, *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. pp. 163-205.

GEERTZ, Clifford. [1973] 1978, A interpretação das culturas. RJ: Zahar Editores.

GEERTZ, Clifford. [1973] 1978, O impacto do conceito de cultura sobre o conceito de homem. _____. [1973] 1978, *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. pp. 45-66.

GEERTZ, Clifford. 1978, A política do significado. _____. [1973] 1978, *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores. pp. 206-22.

GEERTZ, Clifford. 1995, *After the fact*: two countries, four decades, one anthropologist. Cambridge (MA) e London: Harvard University Press.

GEERTZ, Clifford. 1998, 'Do ponto de vista dos nativos': a natureza do entendimento antropológico. _____. 1988, *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes. pp. 85-107.

GEERTZ, Clifford. 2001, O mundo em pedaços: cultura e política no fim do século. _____. 2001, *Nova luz sobre a antropologia*. (tradução de *Available light*: anthropological reflections on philosophical topics). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. pp. 191-228.

GELLNER, Ernst. [1983] 1993, Nations and nationalism. Oxford: Blackwell.

GELLNER, Ernst. 1997, Nationalism. London: Weidenfeld and Nicolson.

GHERARDI, Sophie. 2016, L'esprit des Lumières a encore beaucoup à faire dans le monde d'aujourd'hui. Le Monde, 2016-03-06. http://www.lemonde.fr/culture/article/2006/03/06/tzvetan-todorov-l-esprit-des-lumieres-a-encore-beaucoup-a-faire-dans-le-monde-d-aujourd-hui_747585_3246.html. Acesso para citação 2017-10-28.

GIBBONS, Luke. 1991, 'A Shadowy Narrator': history, art and romantic nationalism in Ireland, 1750-1850. BRADY, Ciaran (ed). *Ideology and the historians*. (Historical Studies XVII). Dublin: The Lilliput Press. pp.99-127.

GIDDENS, Anthony. [1985] 1996, *The nation-state and violence*. Volume two of a contemporary critique of historical materialism. Cambridge: Polity Press.

GIDDENS, Anthony. 1991, As consequências da modernidade. São Paulo: Unesp.

GILLESPIE, Raymond. 1986, The end of an era: Ulster and the outbreak of the 1641 rising. BRADY, Ciaran and GILLESPIE, Raymond (eds). *Natives and newcomers:* essays on the making of Irish colonial society, 1534-1641. Dublin: Irish Academic Press. pp. 191-213.

GILLINGHAM, John. 1993, The English invasion of Ireland. BRADSHAW, B.; HADFIELD, A.; and MALEY, W. (eds). 1993, *Representing Ireland*: literature and the origins of conflict, 1534-1660. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 24-42.

GILMORE, Eamon. 2016, *Inside the room*: the untold story of Ireland's crisis government. Sallins (Co. Kildare): Merrion Press.

GKOTZARIDIS, Evi. 2006, *Trials of Irish history* - genesis and evolution of a reappraisal, 1938-2000. London and New York: Routledge.

GOLDMAN, Márcio. 2011, Pierre Clastres ou uma Antropologia contra o Estado. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2011, v. 54 No. 2, pp. 577-99. http://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/39640/43136. Acesso 2017-06-16.

GOLDRING, Maurice. (1993), *Pleasant the scholar's life:* Irish intellectuals and the construction of the Nation State. London: Serif.

GONÇALVES, José Reginaldo. 1988, Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais". *Estudos históricos*, vol.1, n.2. pp.264-75.

GREENBLAT, Stephen. 1984, *Renaissance self-fashioning:* from More to Shakespeare. Chicago & London: The University of Chicago Press.

GREENE, Thomas. 1968, The flexibility of the self in Renaissance literature. DEMETZ, P.; GREENE, T.; NELSON Jr., L. (eds). *The disciplines of criticism: essays in literary theory, interpretation and history*. New Haven and London: Yale University Press.

GREENE, Thomas. 2005, A flexibilidade do *self* na literatura do Renascimento. *História e perspectivas*, Uberlândia (32/33): 35-63, Jan.Jul./Ago.Dez.2005.

GUERRA, Flavia. Em 'Moonlight', uma longa jornada em busca de si mesmo. *Carta Capital*, 2017-02-25. http://telatela.cartacapital.com.br/em-moonlight-uma-longa-jornada-em-busca-de-si-mesmo/. Acesso 2017-04-21.

HADFIELD, Andrew and MALEY, Willy. 1993, Introduction: Irish representations and English alternatives. BRADSHAW, B.; HADFIELD, A.; MALEY, W. (eds). 1993, *Representing Ireland*: literature and the origins of conflict, 1534-1660. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 1-18.

HAMILTON, Hugo. 2009, *The speckled people*. London: Fourth Estate.

HANDLER, Richard. 1988, *Nationalism and the politics of culture in Quebec*. Madison: The University of Wisconsin Press.

HANSEN-LOVE, Laurence. 2008, Identités: Étrangers à nous mêmes. *Hansen-Love Over-Blog*. 2008-02-21. http://hansenlove.over-blog.com/article-16897089.html . Acesso 2017-05-15.

HARMON, Maurice. [1967] 1984, Sean O'Faolain: a critical introduction. Dublin: Wolfhound Press.

HAYES, Carlton J. H. 1960, Nationalism: a religion. New York: The MacMillan Company.

HAYES, Ingrid. 2016, Législatives en Irlande: des élections porteuses de changement - à terme, *Front de Gauche*, 2016-03-03. https://www.ensemble-fdg.org/content/legislatives-enirlande-des-elections-porteuses-de-changement-terme. Acesso 2016-04.

HAYES, William. 1971, Nationalism: Ireland: a case study. *Thought*, vol. XLVI, No. 181, 1971. pp. 165-98.

HAYES-McCOY, G.A. [1967] 1990, *Irish battles:* a military history of Ireland. Belfast: The Appletree Press.

HAZELKORN, Ellen. 1995, A new model of radical democracy. *Times Change*: quarterly political and cultural review. *Number 4*, *Spring 1995*. Dublin. pp. 7-9.

HEDGES, Chris e WOLIN, Sheldon. Chris Hedges and Sheldon Wolin: Can capitalism and democracy coexist? (Full version). https://www.youtube.com/watch?v=LGc8DMHMyi8. Acesso 2017-04.

HERZFELD, Michael. 1992, *The social production of indifference*: exploring the symbolic roots of Western bureaucracy. Chicago and London: The University of Chicago Press.

HESLINGA, Dr. M. W. 1962, *The Irish border as a cultural divide:* a contribution to the study of regionalism in the British Isles. Utrecht: Assen.

HICKEY, Donal. 2015, *The Healy-Raes*: a twenty-four seven political legacy. Killarney (Co. Kerry): Rushy Mountain Books.

HILL, Jacqueline R. 1988, Popery and protestantism, civil and religious liberty: the disputed lessons of Irish history, 1690-1812. *Past & Present*. Number 118, February 1988. pp. 96-129.

HILLENBRAND, Barry. 1993, Revolt against the I.R.A.: sickened by violence, the public south of the border is calling for peace. *Time*. 1993-04-26. p. 19.

HOBBES, Thomas. [1651] 1979, *Leviatã* ou Matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores).

HOBSBAWN, Eric & RANGER, Terence. (orgs). 1984, *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

HOPEN, K. Theodore. [1989] 1996, *Ireland since 1800*: conflict and conformity. London and New York: Longman.

HUNTINGTON, Samuel P. 1994, *A terceira onda:* a democratização no final do século XX. São Paulo: Ática.

HUTCHINSON, John & SMITH, Anthony D. 1994, Introduction. HUTCHINSON, John & SMITH, Anthony D. (eds). 1994, *Nationalism*. Oxford / New York: Oxford University Press. pp. 3-13.

HUTCHINSON, John and SMITH, Anthony. 1994, *Nationalism*. New York & Oxford: Oxford University Press.

INCISA, Ludovico. 1986, Corporativismo. BOBBIO; MATTEUCCI; PASQUINO. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. pp. 287-91.

INGLIS, Brian. 1960, Moran of *The Leader* and Ryan of the *Irish Peasant*. O'BRIEN, Conor Cruise (ed). 1960, *The shaping of modern Ireland*. London: Routledge & Kegan Paul. pp. 108-23.

INGLIS, Tom. 1987, *Moral monopoly*: the Catholic Church in modern Irish society. Dublin: Gill and MacMillan.

INGLIS, Tom. 2017, Christian knowledge (review of *Church, state and social science in Ireland*: knowledge institutions and the rebalancing of power, 1937-73, by Peter Murray and Maria Feeney, Manchester University Press). *Dublin Review of Books*, Issue 92, September 2017.

JACKSON, Alvin. [1989] 1999, Unionist history. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press, pp. 253-68. Publicado anteriormente em *The Irish Review*. Autumn 1989, pp. 58-65 e Spring 1990, pp. 62-9.

JAMES, Simon. 1999, *The Atlantic Celts:* ancient people or modern invention? London: British Museum Press. p. 46.

JASMIN, Marcelo G. 1998, *Racionalidade e história na teoria política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

JENNINGS, Daniel R. Pelagius: defense of the freedom of the will. Artigo online. http://www.seanmultimedia.com/Pie_Pelagius_Defense_Of_The_Freedom_Of_The_Will.htm 1 Acesso 2016-05-12.

JORNAL DO BRASIL. 2003-06-18. p. A6.

JOYCE, James. [1912] 1959, Gas from a burner. MASON, Ellsworth and ELLMAN, Richard (eds). *The critical writings of James Joyce*. London: Faber and Faber.

JUNG, Carl Gustav. [1959] 1990, *The basic writings of C. G. Jung*. Selected and Introduced by Violet S. de Laszlo. Bollingen Series. Princeton University Press.

KARADY, Victor. 1968, Présentation de l'édition. Marcel MAUSS. *Oeuvres. 1*. Les fonctions sociales du sacré. Paris: Les Éditions de Minuit. pp. I-LIII.

KEARNEY, Hugh. [1989] 1995, *The British Isles:* a history of four nations. Cambridge: Cambridge University Press.

KEARNEY, Richard. 1985, *The Irish mind*: exploring intellectual traditions. Dublin: Wolfhound Press.

KEATING D.D., Geoffrey. [circa 1634] [1902] 1987, Foras Feasa ar Éirinn (The History of Ireland). Part I containing The Introduction and The First Book of the History. (Edited with Translation and Notes by David Comyn). London: Published by the Irish Texts Society.

KEDOURIE, Elie. [1960] 1996, *Nationalism* - Fourth, expanded edition. Oxford and Cambridge (MA): Blackwell.

KEDOURIE, Elie. 1992, *Democracy and Arab political culture*. Washington (DC): The Washington Institute for Near East Policy.

KEE, Robert. [1972] 1989, The green flag, Volume one: The most distressful country. London: Penguin Books.

KEE, Robert. [1972] 1989, *The green flag, volume three: ourselves alone.* Harmondsworth: Penguin.

KENNEDY, Denis. 1994, Constitutional change in the 1990s. COLLINS, Neil (ed). 1994, *Political issues in Ireland today*. Manchester and New York: Manchester University Press. pp. 26-39.

KENNELLY, Brendan. 1990, *A time for voices*: selected poems, 1960-1990. Newcastle upon Tyne: Bloodaxe Books.

KEOGH, Dermot. 1988, Church, state and society. FARRELL, Brian (ed). 1988, *De Valera's constitution and ours*. (The Thomas Davis Lectures Series). Dublin: Gill and Macmillan. pp. 103-22.

KERMOD, Mark. Moonlight Review: a five-star symphony of love. *The Guardian*, 2017-02-19. Acesso 2017-07-26.

KIBERD, Declan. 1991, 'The Elephant of Revolutionary Forgetfulness'. NÍ DHONNCHADHA, Máirín and DORGAN, Theo (eds). *Revising the Rising*. Derry: Field Day. pp. 1-20.

KIBERD, Declan. 1992, Introduction. James JOYCE. *Ulysses*. London: Penguin Books. pp. ix-lxxxix.

KIBERD, Declan. 1994, Post-Colonial Ireland - 'Being different'. Ó CEALLAIGH, Daltún (ed). *Reconsiderations of Irish history and culture*. (Selected Papers from The Desmond Greaves Summer School, 1989-93). Dublin: Léirmheas for The Desmond Greaves Summer School. pp. 94-112.

KIBERD, Declan. 1995, *Inventing Ireland:* the literature of the modern nation. London: Vintage.

KIBERD, Declan. 2006, Bernard Shaw: John Bull's other Irishman. *Blackrock Society*. Proceedings, 2006. Vol. 14. pp. 34-9.

KINDER, Hermann & HILGEMANN, Werner. [1966] 1978, *Atlas of world history II:* from the French revolution to the American Bicentennial. New York: Anchor Books (Doubleday).

KINSELLA, Thomas. 1970, Introduction. *The Tain*. Translated from the Irish epic *Táin Bo Cuailng*e by Thomas Kinsella. Oxford: Oxford University Press. pp. ix-xvi.

KISSANE, Bill. 1995, The not-so amazing case of Irish democracy. *Irish Political Studies*, 10, pp.43-68.

KISSANE, Bill. 2002, Explaining Irish democracy. Dublin: University College Dublin Press.

KOFES, Suely. 2015, Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? KOFES, Suely & MANICA, Daniela (orgs). *Vidas & grafias*: narrativas antropológicas, entre biografia e etnografia. Rio de Janeiro: Lamparina & FAPERJ. pp. 20-39.

KRISTEVA, Julia. 1988, *Étrangers à nous-mêmes*. Paris: Fayard. Versão em PDF: https://archive.org/details/JuliaKristevaEtrangersNousMMmes1988. Versão em word: https://archive.org/stream/JuliaKristevaEtrangersNousMMmes1988/Julia%20Kristeva-Etrangers%20%C3%A0%20nous-m%C3%AAmes%20(1988)_djvu.txt. Ambas acessadas 2017-05-15.

KRISTEVA, Julia. 1993, *Nations without nationalism*. (Translated by Leon S. Roudiez). New York: Columbia University Press.

KRISTEVA, Julia. 2014, Réflexions sur l'étranger. 2014-10-01. http://www.kristeva.fr/reflexions-sur-l-etranger.html . Acesso 2017-05-15.

LA BOÉTIE, Étienne de (1530-1563) [1549], *Le discours de la servitude volontaire ou Le contr'un*. Manuscrit de Mesme. Édition électronique réalisée par Claude Ovtcharenko.http://classiques.uqac.ca/classiques/la_boetie_etienne_de/discours_de_la_servitu de/discours servitude volontaire.pdf. Acesso 2017-06-15.

LAFFAN, Michael. 1991, Insular attitudes: the revisionists and their critics. Ní DHONNCHADHA, Máirín and DORGAN, Theo (eds). 1991, *Revising the Rising*. Derry: Field Day. pp. 106-21.

LARKIN, Emmet. 1973, A reconsideration: Daniel Corkery and his ideas on cultural nationalism. *Éire - Ireland*, VIII: I, Earrach - Spring 1973. pp. 42-51.

LEAHY, Pat. 2017, Politics in a fractured state as Enda Kenny departs. *The Irish Times* - Tuesday, 2017-06-13. https://www.irishtimes.com/news/politics/politics-in-a-fractured-state-as-enda-kenny-departs-1.3118525.Acesso 2017-07-09. 2017.

LEE, Joseph and Ó TUATHAIGH, Gearóid. 1982, *The age of de Valera* (Based on the Television Series). Swords (Co. Dublin): Ward River Press in association with Radio Telefís Éireann.

LEE, Joseph. [1989], 1992. *Ireland, 1912-1985:* politics and society. Cambridge: Cambridge University Press.

LEE, Joseph. [1973] 1989, *The modernisation of Irish society, 1848-1918*. Dublin: Gill and MacMillan.

LEERSSEN, Joep. [1986] 1996, *Mere Irish and Fior-Ghael:* studies in the idea of Irish nationality, its development and literary expression prior to the nineteenth century. Cork: Cork University Press (in association with Field Day).

LEERSSEN, Joep. 1996, Remembrance and imagination: patterns in the historical and literary representation of Ireland in the nineteenth century. Cork: Cork University Press (in association with Field Day).

LEFORT, Claude e ROSANVALLON, Pierre. 2009, Réinventer la légitimité démocratique. Radio France Culture. https://www.youtube.com/watch?v=uXrAsHuZYkE.

LEFORT, Claude. [1979, 1980] 2011, *A invenção democrática*: os limites da dominação totalitária. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

LEFORT, Claude. 1988, *Democracy and political theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

LESSA, Renato. 1989, *Back we went to Cromwell again?*: remote past and recent history in the Irish dilemma. mimeo.

LESSA, Renato. 2011a, Da interpretação à ciência: por uma história filosófica do conhecimento político no Brasil. *Lua Nova*, São Paulo, 82: 17-60, 2011.

LESSA, Renato. 2011b, O campo da ciência política no Brasil: uma aproximação construtivista. *Revista Estudos Hum(e)anos*. Número 2, 2011/01.

LESSA, Renato. 2013, Filosofía política: para quê?. *L(E)H*, UFF: Breviário de Filosofía Pública. No. 88 - 08/2013. pp. 19-22.

LÉVI-STRAUSS, Claude. [1962] 1976, *O pensamento selvagem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

LÉVI-STRAUSS, Claude. [1964] 1978, Mythologiques *: le cru et le cuit. Paris: Librairie Plon.

LIJPHART, Arend. 1977, *Democracy in plural societies*: a comparative exploration. New Haven and London: Yale University Press.

LIJPHART, Arend. 1984, *Democracies*: patterns of majoritarian and consensus government in twenty-one countries. New Haven and London: Yale University Press.

LIMA, Tânia Stolze & GOLDMAN, Márcio. 2003, Prefácio. CLASTRES, Pierre. *A sociedade contra o Estado*: pesquisas de antropologia política. São Paulo: Cosac & Naify. https://www.academia.edu/13330500/Pref%C3%A1cio_a_A_Sociedade_Contra_o_Estado_d e Pierre Clastres. Acesso 2016-06-16.

LIPSET, Seymour Martin. [1960] 1981, *Political man:* the social basis of politics. Baltimore: The John Hopkins University Press.

LONGLEY, Edna. 1996, The Irish Republic: part of the problem / part of the solution. *Times Change*: quarterly political and cultural review. Number 8, Summer/Autumn 1996. Dublin. pp. 9-15.

LOUGHLIN, James. S.J. 1998, Home rule. CONNOLLY, S.J. (ed). 1998, *The Oxford Companion to Irish history*. Oxford: Oxford University Press.

LOVEJOY, Arthur. [1936] 1964, *The Great Chain of Being*: a study of the history of an idea. Harvard University Press.

LYNCH, Patrick. 1953, Ó Faoláin's way. *The Bell:* A Magazine of Ireland To-Day. Vol. XVIII, No. 10, March, 1953. pp. 628-31.

LYONS, F.S.L. 1960, The fall of Parnell, 1890-91. London: Routledge.

LYONS, F.S. L. [1963] [1973] 1985, Ireland since the Famine. London: Fontana Press.

LYONS, F.S.L. [1977] 1991, *Charles Stewart Parnell*. London: Fontana Press (Harper Collins).

LYONS, F.S.L. [1978] 1999, The burden of our history. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press, pp. 87-104. O texto fora anteriormente apresentado como uma palestra: "The W. B. Rankin Memorial Lecture delivered on 4 December 1978 and published by Queen's University of Belfast".

LYONS, F.S.L. 1982, *Culture and anarchy in Ireland, 1890-1939* (The Ford Lectures delivered in the University of Oxford in the Hillary Term of 1978). Oxford and New York: Oxford University Press.

LYSAGHT, Paddy. 1987, How to become a sucessful TD. Dublin: The O'Brien Press.

MAALOUF, Amin. 1998, Les identités meurtrières. Paris: Grasset.

MacANNA, Ferdia. 1994, *The ship inspector*. London: Michael Joseph.

MacAONGHUSA, Proinsias (Compiled and introduced by). 1983, *Quotations from Eamon de Valera* (with a Preface by Charles J. Haughey, TD). Dublin: Mercier Press.

MacDONAGH, Oliver. [1981] 1994, Ambiguity in nationalism: the case of Ireland. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 105-21. Conferência proferida em Adelaide, em maio de 1980, inicialmente publicada em *Historical Studies* (Melbourne) 19. 1981. pp. 337-52.

MacDONAGH, Oliver. [1983] 1992, *States of mind:* two centuries of Anglo-Irish conflict, 1780-1980. London: Pimlico.

MacINTYRE, Angus. 1965, *The Liberator:* Daniel O'Connell and the Irish Party, 1830-1847. London: Hamish Hamilton.

MACKEN, Walter. [1959] 1988, Seek the fair land (1649 - The curse of Black Cromwell).

MACKEN, Walter. [1962] 1988, *The silent people* (Famine and tyranny in the early 19th century).

MACKEN, Walter. [1964] 1976, *The scorching wind* (The blood-drenched years). London and Basingstoke: Pan Books.

MACMANUS, Seumas. [1921] [1945] [1966] 1990, *The story of the Irish race:* a popular history of Ireland. Old Greenwich (Connecticut): The Devin-Adair Company.

MacNAMARA, Brinsley (John Weldon). [1918] 1968, The valley of the squinting windows. Tralee: Anvil Books

MacPHERSON, C. B. [1962] 1979, A teoria política do individualismo possessivo de Hobbes até Locke. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MAIR, Peter. 1998, Conferência por ocasião dos 25 anos do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da University College Dublin. Dublin Castle, 26 de fevereiro de 1998.

MALEY, Willy. 1999, Nationalism and revisionism: ambiviolences and dissensus. BREWSTER; CROSSMAN; BECKET; ALDERSON (eds). 1999, *Ireland in proximity*: history, gender, space. London and New York: Routledge. pp. 12-27.

MANNING, M. 1978, Ireland. BUTLER, D. & RANNEY, A. (eds),. 1978, *Referendums, a comparative study of practice and theory*. Washington (DC): American Enterprise Institute for Public Policy. pp. 193-210.

MAQUIAVEL, Nicolau. [1513] 1990, O principe. São Paulo: Martins Fontes.

MARSH, Michael e WILFORD, Rick. 1995, Irish political data 1994. *Irish Political Studies*, vol. 10, 1995. pp. 262-339.

MARTIN, F.X. [1966] 1994, The Normans: arrival and settlement (1169-c.1300). [1967] [1984] 1994, MOODY, T. W. and MARTIN, F.X. (eds). *The course of Irish history*. Dublin: Mercier Press (in association with Radio Telefis Éireann). pp. 123-43.

MATTOS, Hebe; BESSONE, Tânia; MAMIGONIAN, Beatriz. 2016, *Historiadores pela democracia*: o golpe de 2016 e a força do passado. São Paulo: Alameda.

MAUME, Patrick. 1995, The ancient constitution: Arthur Griffith and his intellectual legacy to Sinn Féin. *Irish Political Studies*, 10, 1995. pp. 123-37.

MAUME, Patrick. 1996, *The rise and fall of Irish Ireland:* D. P. Moran & Daniel Corkery. Ulster Editions & Monographs. Pamphlet Series: 1. Coleraine: University of Ulster.

MAUSS, Marcel. [1950] 1974, *Sociologia e antropologia*. (Com uma Introdução à obra de Marcel Mauss de Claude Lévi-Strauss). Vols. I e II. São Paulo: EPU / EDUSP.

McART, McKENNA & CAMPBELL. 1997, *Irish almanac and yearbook of facts 1998*. Burt (Co. Donegal): ArtCam Publishing. p. 36.

McBRIDE, Ian. 1997, *The siege of Derry in Ulster Protestant mythology*. Dublin: Four Courts Press.

McCAFFREY, Lawrence J. 1989, Components of Irish nationalism. HACHEY, Thomas E. & McCAFFREY, Lawrence J. (eds). 1989, *Perspectives on Irish nationalism*. Lexington: The University Press of Kentucky. pp.1-19.

McCAFFREY, Lawrence J. 1973, Daniel Corkery and Irish cultural nationalism. *Éire - Ireland*, VIII: I, Earrac - Spring 1973. pp. 35-41.

McCANN, May; Ó SÍOCHÁIN, Séamas; RUANE, Joseph. (eds). 1994, *Irish Travellers:* culture and ethnicity. Antrim: The Institute of Irish Studies, The Queen's University of Belfast (for The Anthropological Association of Ireland).

McCARTNEY, Donal. 1987, *The dawning of democracy:* Ireland 1800-1870. Dublin: Helicon.

McCARTNEY, Dónal. 1994, History revisions - good and bad. Ó CEALLAIGH, Daltún (ed). 1994, *Reconsiderations of Irish history and culture*. (Selected Papers from The Desmond Greaves Summer School, 1989-93). Dublin: Léirmheas for The Desmond Greaves Summer School. pp.134-56.

McCORMACK - W.J. 1986, *The battle of the books*: two decades of Irish cultural debate. Gigginstown: The Lilliput Press.

McCRACKEN, J. L. 1971, *The Irish parliament in the eighteenth century*. Dundalk: Published for the Irish Historical Association by Dundalgan Press. (Irish History Series, No. 9).

McDOWELL, R. B. 1993, Burke and Ireland. DICKSON, D.; KEOGH, D.; WHELAN, K. (eds). 1993, *The United Irishmen:* republicanism, radicalism and rebellion. Dublin: The Lilliput Press. pp. 102-14.

McGAHERN, John. [1963] 1983, The barracks. London: Faber and Faber.

McGAHERN, John. [1965] 1983, The dark. London: Faber and Faber.

McGAHERN, John. [1978] 1988, Getting Through. London: Faber and Faber.

McGAHERN, John. 1990, Amongst women. London: Faber and Faber.

McGAHERN, John. 1993, The collected stories. London: Faber and Faber.

McGARRY, C., S.J. & TRODDYN, P.M., S.J. 1972, The canon of Irish history - a challenge: foreword. *Studies* - An Irish Quarterly Review of Letters, Philosophy & Science, LXI, Summer 1972. pp. 113-4.

McGEE, Harry. 2017a, A political digest with Harry McGee. *The Irish Times*. Friday, 2017-11-24.

McGEE, Harry. 2017b, The Maurice McCabe affair: how did we reach this point? *The Irish Times*. 2017-11-24. https://www.irishtimes.com/news/politics/the-maurice-mccabe-affair-how-did-we-reach-this-point-1.3301473. Acesso 2017-11-24.

McGOWAN SMYTH, John. 1979, *The Houses of the Oireachtas*. Dublin: Institute of Public Administration.

McKEOWN, Kieran. 1991, Urbanisation in the Republic of Ireland: a conflict approach. CLANCY et al. (eds). 1991, *Ireland:* a sociological profile. Dublin: Institute of Public Administration. pp. 362-79.

McLOUGHLIN, Michael. 1996, *Great Irish speeches of the twentieth century*. Dublin: Poolbeg Press.

McMENAMIN, Ian. 1997, Mazzini's political thought. (Paper submitted for publication to *History of European Ideas*, September 1997). Department of Politics, UCD. mimeo.

McNALLY, Patrick. 1999, 'The whole people of Ireland': patriotism, national identity and nationalism in eighteenth-century Ireland. BREWSTER; CROSSMAN; BECKET; ALDERSON (eds). 1999, *Ireland in proximity*: history, gender, space. London and New York: Routledge. pp. 28-41.

MICHELS, Robert. [1910, 1912, 1914] 1971, Les partis politiques: essai sur les tendances oligarchiques des démocraties. Paris: Flammarion.

MILLER, Kerby A. 1988, *Emigrants and exiles*: Ireland and the Irish exodus to North America. New York and Oxford: Oxford University Press.

MIRANDOLA, Pico Della. [1487] (1998), *Discurso sobre a dignidade do homem*. (Oratio de Hominis Dignitate). Lisboa: Edições 70.

MITCHEL, John. ed. s/d, circa 1850, *The last conquest of Ireland (perhaps)*. Author's Edition. London: Bruns Oates & Washbourne Limited.

MOATI, Yoram. 200,=0, *Pierre Clastres*: l'anthropologie anarchiste. http://perso.orange.fr/libertaire/archive/2000/228-mai/Clastres.htm. Acesso 2006-10-13.

MONTAIGNE, Michel de. [1580] 19__. *Ensaios*. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Ediouro.

MONTEIRO DO AMARAL PRADO, Gabriela. A criança interior e os seus arquétipos. Portal Educação. www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/psicologia/a-crianca-interior-e-os-seus-arquetipos/51356, Acesso 2017-10-03.

MOODY, T. W. [1968-69] 1999a, A new history of Ireland. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 38-53. Originalmente publicado em *Irish Historical Studies* xvi, 1968-69. pp. 241-57.

MOODY, T. W. [1978] 1999b, Irish history and Irish mythology. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 71-86. Baseado num pronunciamento que fez na Dublin University History Society a 10 de maio de 1977 e publicado inicialmente em 1978, *Hermathena* 124, 1978. pp. 7-24.

MOODY, T. W. and MARTIN, F. X. 1966, Preface to the 1967 edition. [1967] [1984] 1994, MOODY, T. W. and MARTIN, F.X. (eds). *The course of Irish history*. Dublin: Mercier Press (in association with Radio Telefís Éireann).

MOORE Jr., Barrington. [1967] 1975, As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno. Lisboa: Edições Cosmos.

MOORE, Brian. [1962] 1994, An answer from limbo. London: Flamingo (HarperCollins).

MOORE, Brian. [1983] 1995. Cold Heaven. London: Flamingo (HarperCollins).

MOORE, Brian. [1990] 1992, Lies of silence. London: Vintage Paperbacks.

MOORE, Chris. 1995, Betrayal of trust: the Father Brendan Smyth affair and the Catholic Church. Dublin: Marino Books (Mercier Press).

MOREIRA, Marcelo S. 2012, O debate teórico-metodológico na ciência política e o pensamento social e político brasileiro. *Teoria & Pesquisa*: Revista de Ciência Política. Vol. 21, n. 1, p. 73-89, jan/jun.2012;

MORGAN, Hiram. 1988, Writing up early modern Ireland. *The Historical Journal*, 31, 3, 1988. Cambridge University Press. pp.701-7.

MORGAN, Hiram. 2000, O'Faoláin's Great O'Neill. Paper presented at the Sean O'Faolain Centenary Conference at University College Cork on 25th February 2000. http://celt.ucc.ie/OFaolain.pdf. Último acesso 2017-07-10.

MORRISON, Danny. 2006, 1916 and all that... *Daily Ireland* [*The Guardian*] 2006-04. http://dailyireland.televisual.co.uk

http://commentisfree.guardian.co.uk/danny_morrison/2006/04 . Acesso 2006-04-12.

MOSCA, Gaetano. [1896, 1923] 1939, *The ruling class*: elementi di scienza politica. (edited and revised, with an introduction by Arthur Livingston). New York / Toronto / London: McGraw-Hill Book Company.

MUNGER, Frank. 1975, *The legitimacy of opposition:* the change of government in Ireland in 1932. London: Sage Publications.

MURDOCH, Iris. [1971] 2013, A soberania do Bem. São Paulo: Ed. Unesp.

MURPHY, Brian P. 1994, Past events and present politics - Roy Foster's 'Modern Ireland'". Ó CEALLAIGH, Daltún (ed). 1994, *Reconsiderations of Irish history and culture*. (Selected Papers from The Desmond Greaves Summer School, 1989-93). Dublin: Léirmheas for The Desmond Greaves Summer School. pp.72-93.

MURPHY, John A. 1980, The influence of America on Irish nationalism. DOYLE, David N. and DUDLEY EDWARDS, Owen (eds). 1980, *America and Ireland*, 1776-1976: the American identity and the Irish connection. Westport (CT): Greenwood. pp. 105-15.

MURPHY, Maura. 1988, Democracy and society. *The Irish Review*, No 4, Spring 1988. pp.130-1.

MURTAGH, Peter. 2017, Funeral of man who blew up Nelson's Pillar held in Dublin. *The Irish Times*. 2017-11-08. https://www.irishtimes.com/news/ireland/irish-news/funeral-of-man-who-blew-up-nelson-s-pillar-held-in-dublin-

1.3284549?utm_source=morning_digest&utm_medium=email&utm_campaign=news_digest Acesso 2017-11-09.

MUTRAN, Munira H. 2000, Newman by Himself; New Man, by O'Faolain. *ABEI Journal*: The Brazilian Journal of Irish Studies, Number 2, June 2000. pp. 98-106.

MYERS, Kevin. 1998, An Irishman's Diary. *The Irish Times*. 1998-06-12. Email edition.

NEIBURG, Federico e GOLDMAN, Marcio. 1997. Antropologia e Política nos Estudos de Caráter Nacional. *Anuario Antropologico*. http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1997/anuario97_neiburge goldman.pdf . Acesso 2017-10-31.

NEWMAN, Theo. 1987, *Celtic mists*: the amazing Irish history handbook. (A chronicle of woesome happenings & abject failings cunningly arranged for your sympathy). Dublin: Phoenix.

Nic GHIOLLA PHÁDRAIG, Máire. 1991, Religious practice and secularisation. CLANCY et al (eds). 1991, *Ireland*: a sociological profile. Dublin: Institute of Public Administration. pp. 137-54.

NICOLAU, Jairo Marconi. [1999] 2004, Sistemas eleitorais (5a ed). Rio de Janeiro: Editora FGV.

NOGUEIRA, Franco. 1973, *Salazar I:* a mocidade e os princípios (1889-1928): estudo biográfico. Coimbra: Atlântida Editora.

NUTT, Kathleen. 1994, Irish identity and the writing of history. Éire - Ireland, XXIX:2, Samhradh-Summer 1994. pp. 160-72.

O'BRIEN, Conor Cruise. 1952, *Maria Cross:* imaginative patterns in a group of modern Catholic writers.

O'BRIEN, Conor Cruise. [1965] 1976, Writers and politics: essays and criticism. London: Penguin Books.

O'BRIEN, Conor Cruise. 1967, The embers of Easter. DUDLEY EDWARDS, Owen and PYLE, Fergus (eds). 1916: the Easter Rising. London: MacGibbon and Kee.

O'BRIEN, Conor Cruise. 1968, Introduction: 'The manifesto of a counter-revolution'. in *Edmund Burke. Reflections on the Revolution in France*. London: Penguin (Classics). pp. 9-76.

O'BRIEN, Conor Cruise. [1968] [1982] 1986, Introduction. Edmund Burke. *Reflections on the Revolution in France and the Proceedings in Certain Societies in London Relative to that Event.* (Edited with an Introduction by Conor Cruise O'Brien). London: Penguin Books (Classics).

O'BRIEN, Conor Cruise. 1969, Introducing Ireland. DUDLEY EDWARDS, Owen (ed). 1969, *Conor Cruise O'Brien introduces Ireland*. London: Andre Deutsch. pp. 13-20.

O'BRIEN, Conor Cruise. 1972a, An anti-Machiavel: Edmund Burke. _____. *The suspecting glance*. (The T.S. Eliot Memorial Lectures, delivered at Eliot College in the University of Kent, at Canterbury, November, 1969). London: Faber and Faber.

O'BRIEN, Conor Cruise. 1972b, The ferocious wisdom of Machiavelli. _____. 1972, *The suspecting glance*. (The T.S. Eliot Memorial Lectures, delivered at Eliot College in the University of Kent, at Canterbury, November, 1969). London: Faber and Faber. pp. 15-31.

O'BRIEN, Conor Cruise. 1982, GUBU. *The Irish Times*. Saturday, 1982-08-24. Reprinted as The creation of 'Gubu', a term that would define the Haughey era. *The Irish Times*. Saturday, 2008-12-20.

O'BRIEN, Conor Cruise. 1988, *Passion & cunning:* essays on nationalism, terrorism and revolution. New York: Simon and Schuster.

- O'BRIEN, Conor Cruise. 1992, *The great melody:* a thematic biography and commented anthology of Edmund Burke. London: Minerva.
- O'BRIEN, Edna. 1976, Mother Ireland. London: Penguin Books.
- O'BYRNE, John. 1996, O'Machiavelli (or How to survive in Irish politics). Dublin: Leopold Publishing.
- Ó CEALLAIGH, Daltún. 1994, Reconsiderations. Ó CEALLAIGH, Daltún (ed). 1994, *Reconsiderations of Irish history and culture*. (Selected Papers from The Desmond Greaves Summer School, 1989-93). Dublin: Léirmheas for The Desmond Greaves Summer School. pp. 5-26.
- O'CLERY, Connor. 1986, *Phrases make history here:* a century of Irish political quotations, 1886-1986. The O'Brien Press: Dublin.
- O'CONNOR, Fiona. 2017, The writer's calling is now, increasingly, an unremunerated one. *The Irish Times*. 2017-07-07. https://www.irishtimes.com/culture/books/the-writer-s-calling-is-now-increasingly-an-unremunerated-one-1.3210083. Acesso: 2017-09-07.
- O'CONNOR, Frank [O'Donovan, Michael]. [1931] 1979, Guests of the nation. Dublin: Poolbeg Press.
- O'CONNOR, Frank (Michael O'Donovan). [1937] [1965] [1979] 1991, *The big fellow*. Dublin: Poobelg Press.
- O'CONNOR, Frank. [1961] 1993, An only child. Belfast: The Blackstaff Press.
- O'CONNOR, Frank. [1968] 1994, My father's son. Belfast: The Blackstaff Press.
- O'CONNOR, Ulick. [1984] 1991, *Celtic dawn:* a portrait of the Irish literary renaissance. London: Black Swan.
- O'CONNOR, Wayne. 2017, Healy-Raes harness Black Beauty in their victory parade to the Dáil. *Irish Independent*. 2016-11-17. http://www.independent.ie/irish-news/election-2016/healyraes-harness-black-beauty-in-their-victory-parade-to-the-dil-34530846.html. Último acesso 2017-07-31.
- Ó CUÍV, Brian. [1966] 1994, Ireland in the eleventh and twelfth centuries. [1967] [1984] 1994, MOODY, T. W. and MARTIN, F.X. (eds). *The course of Irish history*. Dublin: Mercier Press (in association with Radio Telefis Éireann). pp. 107-22.
- O'DAY, Alan. 1996, Home Rule and the historians. BOYCE, D. George and O'DAY, Alan. 1996, *The making of modern Irish history*: revisionism and the revisionist controversy. London and New York: Routledge. pp. 141-62.
- Ó DRISCEOIL, Donal. 1996, *Censorship in Ireland*, 1939-1945: neutrality, politics and society. Cork: Cork University Press.
- O'FAOLAIN, Sean. 1936, The Dublin Magazine, vol. XI, no. 2. pp. 60-1.
- O'FAOLAIN, Sean. [1938] [1980] 1995, King of the beggars a life of Daniel O'Connell. Dublin: Poolbeg.
- O'FAOLAIN, Sean. [1947] [1969] 1980, The Irish. London: Penguin Books.
- O'FAOLAIN, Sean. [1963] 1965, Vive Moi! an autobiography. London: Rupert Hart-Davis.
- Ó GRÁDA, Cormac. 1988, *Ireland before and after the Famine:* explorations in economic history, 1800-1925. Manchester Univ. Press. Ó GRÁDA, Cormac (ed). 1989, *The Great Irish Famine*. London.

- Ó GRÁDA, Cormac. [1992] 1999, Making history in Ireland in the 1940 and 1950s: the saga of the Great Famine. BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 269-87. Publicado anteriormente em *The Irish Review*, No. 12. Spring/Summer 1992. pp. 87-107.
- O'HALLORAN, Clare. 1989, Irish re-creations of the Gaelic past: the challenge of MacPherson's Ossian. *Past & Present*, Number 124, August 1989. pp. 69-95.
- OKELY, Judith. 1994, An anthropological perspective on Irish Travellers. McCANN, MAY; Ó SÍOCHAÍN, Séamas; RUANE, Joseph. (eds), 1994, *Irish Travellers*: culture and ethnicity. Belfast: Institute of Irish Studies, The Queens's University of Belfast (for The Antrhropological Association of Ireland). pp. 1-19.
- O'LEARY, Brendan. 2008, A Long March: Paul Bew and Ireland's nations. *Dublin Review of Books*, Issue Number 5, Spring 2008. http://www.drb.ie/apr08_issues/a_long_march.htm . Acesso 2008-08-17.
- OLIVEIRA, Richard Romeiro. 2014, Platão e a questão da democracia na *República. Revista Estudos Filosóficos* nº 12/2014 versão eletrônica ISSN 2177-2967. http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos DFIME UFSJ São João del-Rei-MG. pp. 28 47. Acesso 2017-04.
- OLSON, Mancur. [1965] 1971, *The logic of collective action*: public goods and the theory of groups. Cambridge (Mass.): Harvard University Press.
- O'NEILL, Eoin. 1997, *Alguns aspectos do relacionamento entre estado*, welfare state *e classe na sociedade contemporânea da Irlanda*. Dissertação (mestrado em Sociologia). (orientador: Prof. Dr. Renato Boschi). Rio de Janeiro: IUPERJ.
- O'NEILL, Eoin. 2005, O estado que nunca foi: guerra e formação do estado na Irlanda do século XVI. Tese de doutorado (em Sociologia). Rio de Janeiro: IUPERJ. Disponível online em: http://www.iuperj.br/biblioteca/teses/Eoin%20tese.pdf.
- O'NEILL, Eoin. 2008, Guerra, formação do estado e identidade nacional nas franjas do mundo atlântico. *Dados* Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 51, no 1, 2008. pp. 239-60.
- O'NEILL, Eoin. 2013, Cruzando, construindo e atenuando fronteiras: identidades, formação do estado e o fim da Irlanda gaélica. *Anais* do SILEL UFU 2013. Vol. 3, No. 1. Uberlândia: EDUFU.
- O'NEILL, Eoin. 2014, Gloriana: Elizabeth I, responsabilidade e honra na Guerra dos Nove Anos na Irlanda. *Revista Brasileira de História*, Vol. 34 No. 68, Jul-Dez 2014, pp. 193-214.
- O'NEILL, Eoin. 2015, Uma dança de mal-entendidos: religião e conceitos de poder na Irlanda elisabetana. PAVÃO, Eduardo et al. (orgs.), *Anais*. X Semana de História Política: minorias étnicas, de gênero e religiosas. Rio de Janeiro: UERJ. pp. 906-16.
- O'NEILL, Eoin. 2016, Providência divina, guerras, contratos sociais e Crise Geral: a historiografia da luta pela hegemonia europeia no longo século XVII. Projeto de pesquisa para o processo de seleção para professor de História Moderna. Departmento de História, PUC-Rio, dezembro de 2016.
- Ó RÍORDÁIN, Seán. 2014, *Selected poems / Rogha dánta*. Edited by Frank SEWELL. New Haven & London / Indreabhán: Yale University Press / Cló Iar-Chonnacht. pp. 148-9.
- O'SULLIVAN, Maurice. [Irish 1933] [English 1933] [1953] 1992, Twenty years a-growing (Fiche blian ag fás). Oxford University Press.

O'TOOLE, Fintan. 1987, *The ex-isle of Erin*: images of a global Ireland. Dublin: New Island Books.

O'TOOLE, Fintan. 2017a, The state of us, part 1: Ireland's story doesn't make sense any more. *The Irish Times*. Saturday, 2017-08-19. https://www.irishtimes.com/opinion/the-state-of-us-part-1-ireland-s-story-doesn-t-make-sense-any-more-1.3186301. Acesso 2017-09-07.

O'TOOLE, Fintan. 2017b, Bono is a hypocrite - and so is Ireland. *The Irish Times*. Saturday, 2017-11-11. https://www.irishtimes.com/opinion/bono-is-a-hypocrite-and-so-is-ireland-1.3285744. Acesso 2017-11-12.

Ó TUATHAIGH, M.A.G. (1999) [1991], Irish historical 'revisionism': state of the art or ideological project? BRADY, Ciaran (ed). [1994] 1999, *Interpreting Irish history:* the debate on historical revisionism, 1938-1994. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press. pp. 306-26.

OTWAY-RUTHVEN, A. Jocelyn. [1968] 1980, A history of medieval Ireland. New York: Barnes & Noble Books.

PARETO, Vilfredo. [1896] 1966a, Excertos do Vol. II do *Cours d'économie politique*. *Vilfredo Pareto*: sociological writings. (selected and introduced by S. E. Finer). New York / Washington / London: Frederick A. Praeger Publishers.

PARETO, Vilfredo. [1902] 1966b, Excertos do Vol. I do *Les systèmes socialistes*. in: *Vilfredo Pareto*: sociological writings. (selected and introduced by S. E. Finer). New York / Washington / London: Frederick A. Praeger Publishers.

PARETO, Vilfredo. [1906, 1909] 1966c, Excertos da edição francesa (1909) do *Manuel d'économie politique. Vilfredo Pareto*: sociological writings. (selected and introduced by S. E. Finer). New York / Washington / London: Frederick A. Praeger Publishers.

PARETO, Vilfredo. [1919, 1923] 1966d, II - Constants and variables. *Tratado de sociologia geral. Vilfredo Pareto*: sociological writings. (selected and introduced by S. E. Finer). New York / Washington / London: Frederick A. Praeger Publishers.

PARETO, Vilfredo. [1919, 1923] 1984a, Excertos da versão francesa e italiana do *Tratado de sociologia geral. Vilfredo Pareto*: sociologia. (org. José Albertino Rodrigues). São Paulo: Ática.

PARETO, Vilfredo. [1920] 1984b, *The transformation of democracy*. New Brunswick and London: Tansaction Books.

PAUL, Mark. 2017, The human cost of business failure: how a publican lost to banks and Revenue. *The Irish Times*. Friday, 2017-11-24. https://www.irishtimes.com/business/retail-and-services/the-human-cost-of-business-failure-how-a-publican-lost-to-banks-and-revenue-1.3302679. Acesso 2017-11-24.

PAZ, Octavio. [1983] 1992, *One Earth, four or five worlds*: reflections on contemporary history. London: Paladin. Versão em português: 1989, *Uma Terra, quatro ou cinco mundos*: reflexões sobre história contemporânea. Lisboa: Editorial Presença.

PAZ, Octavio. 1993, *Claude Lévi-Strauss ou o novo festim de Esopo*. São Paulo: Editora Perspectiva.

PELBART, Peter Pál. 2014, A potência de não: linguagem e política em Agamben. *Territórios de filosofia*. Blog. https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2014/05/31/a-potencia-de-nao-linguagem-e-política-em-agamben-peter-pal-pelbart/. Acesso 2017-06-25.

PELBART, Peter Pal. 2015, Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... *Saúde Soc.* São Paulo, v.24, supl.1, p. 19-26, 2015. http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24s1/0104-1290-sausoc-24-s1-00019.pdf . Acesso 2017-06-25.

PELE, Antonio. 2016, Examining Human Dignity through a Foucauldian Perspective. Trabalho apresentado a 11 de novembro numa conferência em PennState, Columbia http://blogs.law.columbia.edu/nietzsche1313/antonio-pele. Útimo acesso: 2017-10-03.

PELE, Antonio. 2016 *Human dignity: its genealogy*. Blog online. https://dignitygenealogy.wordpress.com/. Útimo acesso: 2017-10-03.

PINHEIRO, Bernardina. 2000, Ulisses: Um monólogo a três. Comunicação apresentada no IBAM, dia 12 de maio de 2000, no âmbito de seminário sobre Joyce promovido pela Escola Letra Freudiana.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. 2016, Precisamos falar sobre a vaidade na vida acadêmica. *Carta Capital* (Opinião). 2016-02-24. http://www.cartacapital.com.br/sociedade/precisamos-falar-sobre-a-vaidade-na-vida-academica. Acesso 2016-10-11.

PIORSKI, Gandhy. 2016, *Brinquedos do chão*: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis.

PORTELA, Irene. 1992, Dos *brasileiros*, da civilização e de África: um estudo antropológico da identidade nacional portuguesa na segunda metade do século XIX. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). PPGAS / MN / Universidade Federal do Rio de Janeiro.

POWER, Paul F. 1996, Revisionist nationalism's consolidation, republicanism's marginalization, and the Peace Process. *Éire-Ireland*. Earrach / Samhrad - Spring / Summer (Double Issue) 1996. pp. 89-122.

PRAGER, Jeffrey. 1986, Building democracy in Ireland: political order and cultural integration in a newly independent nation. Cambridge: Cambridge University Press.

PREECE, Julian. 2004, The God-monster's version. *The Guardian*. 2004-02-07. https://www.theguardian.com/books/2004/feb/07/featuresreviews.guardianreview25. Acesso 2017-10-27.

PRESTES, Maria Elice. 2010, O whiggismo proposto por Herbert Butterfield. *Boletim de História e Filosofia da Biologia* 4 (3): 2-4, set. 2010. http://www.abfhib.org/Boletim/Boletim-HFB-04-n3-Set-2010.htm. Acesso 2017-07-17.

PULVER, Andrew. 2017, Moonlight Becomes Him: Barry Jenkin's journey from a Miami housing project to the Oscars. *The Guardian*. 2017-02-07. https://www.theguardian.com/film/2017/feb/07/moonlight-barry-jenkins-director-interview. Acesso 2017-07-26.

RAFTER, Kevin. 2011, *Democratic Left*: the life and death of an Irish political party. Dublin / Portland (OR): Irish Academic Press.

RAMOS, Lázaro. 2017, Na minha pele. Rio de Janeiro: Objetiva.

RANCIÈRE, Jacques. [1992] 2014, *Os nomes da história*. Ensaio de poética do saber. São Paulo: Ed. Unesp.

RANCIÈRE, Jacques. [2005] 2014, O ódio à democracia. São Paulo: Boitempo.

RAWLS, John. 1973, A theory of justice. Oxford University Press.

REIS, Elisa P. 1992, Nationalism and citizenship: bringing history back in. *International Forum on Development Problems*: nation, tribe, citizenship - the crisis of the State in contemporary societies. Rome. December 2-4, 1992. Cerfe / Stesam.

RENAN, Ernest. [1882] 1970, Qu'est-ce qu'une nation? [1896]. _____. The poetry of the Celtic races, and other studies by Ernest Renan. Port Washington (NY) / London: Kennikat Press.

REZENDE DE CARVALHO, Maria Alice. 2002, Cultura política, capital social e a questão do déficit democrático no Brasil. WERNECK VIANNA, Luiz (org.). 2002, *A democracia e os três poderes no Brasil*. Belo Horizonte / Rio de Janeiro: Ed. UFMG / IUPERJ-FAPERJ.

REZENDE DE CARVALHO, Maria Alice. 2004, *Sociedade autoritária, cultura cívica e democracia*. Parte de Balanço do século XX, paradigmas do século XXI. Módulo Sociedade pós-tradicional: que sociedade é esta? (Curador Milton Lahuerta). Gravado no dia 2004-06-08, no Espaço Cultural CPFL (Campinas - CPFL Energia). https://vimeo.com/66316758. Acesso inicial 2017-01-12.

RICHARDS, Shaun. 1999, Transcending regressive nostalgia: Declan Kiberd's *Inventing Ireland*. Études *Irlandaises*. *Irlande: Fins de Siècles*, No. 24-2, Automne 1999. pp. 57-66.

ROCHA, André. 2011, Introdução: dialética e democracia. LEFORT, Claude. *A invenção democrática*: os limites da dominação totalitária. Belo Horizonte: Autêntica Editora. pp. 43-55.

ROINN OIDEACHAIS, An. (Department of Education). 1981, *Gearrfhoclóir Gaeilge-Béarla* (Shorter Irish English Dictionary). Baile Átha Cliath (Dublin): Oifig an tSoláthair (Government Publications).

ROSANVALLON, Pierre. 1979, *Le capitalisme utopique*: critique de l'idéologie économique. Paris: Seuil.

ROSANVALLON, Pierre. 1992, *Le sacre du citoyen*. Histoire du suffrage universel en France. Paris: Gallimard.

ROSANVALLON, Pierre. 1998, *Le peuple introuvable*. Histoire de la représentation démocratique en France. Paris: Gallimard.

ROSANVALLON, Pierre. 2000, *La démocratie inachevée*. Histoire de la souveraineté du peuple en France. Paris: Gallimard.

ROSANVALLON, Pierre. 2006, *La contre-démocratie*. La politique à l'âge de la defiance. Paris: Seuil.

ROSANVALLON, Pierre, 2007. L'universalisme démocratique : histoire et problèmes. *La Vie des idées*, 17 décembre 2007. ISSN : 2105-3030. URL : http://www.laviedesidees.fr/L-universalisme-democratique.html. Último acesso: 2017-10-13.

ROSANVALLON, Pierre. 2008, *La légitimité démocratique*. Impartialité, réflexivité, proximité. 2011, *La société des égaux*. Seuil (Paris). http://www.seuil.com/ouvrage/la-legitimite-democratique-pierre-rosanvallon/9782020974622. Acesso 2017-10-13.

ROSANVALLON, Pierre. 2010, À l'épreuve du politique. *La Vie des Idées.fr.* 2010-10-.04 http://www.laviedesidees.fr/A-l-epreuve-du-politique.html. Úlltimo acesso: 2017-10-13.

ROSANVALLON, Pierre. 2014, *Le parlement des invisibles*. Paris: Seuil. (http://www.seuil.com/ouvrage/le-parlement-des-invisibles-pierre-rosanvallon/9782370210166).

RUBEN, Guillermo Raúl. 1987, O que é nacionalidade. São Paulo: Brasiliense.

SACKS, Paul M. 1976, *The Donegal Mafia:* an Irish political machine. New Haven (Conn): Yale University Press.

SAFATLE, Vladimir. 2003, Posfácio: a política do real de Slavoj Žižek. ŽIŽEK, Slavoj. 2003, *Bem vindo ao deserto do Real!*: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo Editorial. pp. 179-91.

SAFATLE, Vladimir. 2016, *O circuito dos afetos*: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

SANTOS, Boaventura de Sousa. 2007, Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social. São Paulo: Boitempo.

SARIS, A. Jamie. 2000, Culture and history in the halfway house: ethnography, tradition and the rural middle class in the West of Ireland. *The Journal of Historical Sociology*. Vol. 13, No. 1. pp. 10-36.

SAYERS, Peig. [1936] [1974] 1983, Peig - The autobiography of Peig Sayers of the Great Blasket Island. (Translated by MacMahon, Bryan). Dublin: The Talbot Press.

SAYERS, Peig. [Irish 1936] [English 1939] [1962] 1989, An old woman's reflections (Machtnamh seana mhná): the life of a Blasket Island storyteller. Oxford University Press.

SCHMITT, Carl. [1923, 1926] 1996, A crise da democracia parlamentar. São Paulo: Scritta.

SCHMITT, Carl. [1927] [1932] 1992, O conceito do político. Petrópolis: Vozes.

SCHMITT, David E. 1973, *The irony of Irish democracy:* the impact of political culture on administrative and democratic political development in Ireland. Lexington (MA), Toronto, London: Lexington Books.

SCHUMPETER, Joseph A. [1942] 1976, Capitalism, socialism and democracy. New York: Harper Torchbooks.

SCOT, A.O. 2017, Review: 'I Am Not Your Negro' will make you rethink race. *The New York Times*. 2017-02-02. https://www.nytimes.com/2017/02/02/movies/review-i-am-not-your-negro-review-james-baldwin.html. Acesso 2017-07-26.

SHAW, S.J., Francis. 1972, The canon of Irish history - a challenge. *Studies* - An Irish Quarterly Review of Letters, Philosophy & Science, LXI, Summer 1972. pp. 113-53.

SILVA, Marta Regina. 2009, Infância, experiência e resistência: o exercício da liberdade como prática na educação com crianças. *Revista Múltiplas Leituras*, v.2, n.2, jul./dez. 2009. pp.133-47.

SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. 2009, *Sociedade da diferença*: formações identitárias, esfera pública e democracia na sociedade global. Rio de Janeiro: Mauad X / FAPERJ.

SINNOTT, Richard. 1993, The electoral system. COAKLEY, John and GALLAGHER, Michael (eds). *Politics in the Republic of Ireland*. Dublin and Limerick: Folens and PSAI Press. pp. 67-85.

SINNOTT, Richard. 1995, *Irish voters decide:* voting behaviour in elections and referendums since 1918. Manchester and New York: Manchester University Press.

SKINNER, Quentin. [1981] 1988, Maquiavel. São Paulo: Brasiliense.

SOARES, Luiz Eduardo Soares. 2017, Judith Butler vem aí, trazendo a peste: bem vinda. *Justificando*, 2017-11-17. http://justificando.cartacapital.com.br/2017/11/01/judith-butler-vem-ai-trazendo-peste-bem-vinda/. Acesso 2017-10-02.

SOUZA, José Crisóstomo de. 1999, Filosofia social, ciências sociais: teoria, progresso cumulativo e verificação empírica no conhecimento da sociedade. *Ideação*, Feira de Santana, n. 4, p. 79-110, jul./dez. 1999. http://www.jstor.org/stable/1955072.

STANLEY, Liz. 2010, To the letter: Thomas and Znaniecki's *The Polish Peasant* and writing a life, sociologically. *Life writing*, Vol. 7, No. 2, August 2010, pp. 139-51. http://www.oliveschreinerletters.ed.ac.uk/ToTheLetter.pdf. Acesso mais recente: 2017-07-09.

STEWART, A.T.Q. [1977] 1997, *The narrow ground, aspects of Ulster, 1609-1969*. Belfast: The Blackstaff Press. pp. 157-85.

STEWART, A.T. Q. 2001, The shape of Irish history. Belfast: The Blackstaff Press.

STOPFORD GREEN, Alice. [1911] 1922, Irish nationality. London: Williams and Norgate.

CURTIS Jr., L.P. 1994, The greening of Irish history. *Éire - Ireland*, XXIX:2, Samhradh-Summer 1994. pp. 7-28.

STUART MILL, John. [1859] 1984, *On liberty*. London / Melbourne: Dent (Everyman's Library). (Edição em português utilizada: 1942, *Sobre a liberdade*. SP / RJ / Porto Alegre: Companhia Editora Nacional).

STUART MILL, John. [1861] 1984, Considerations on representative government. London / Melbourne: Dent (Everyman's Library). (Edição em português utilizada: 1981, Considerações sobre o governo representativo. Brasília: Editora da UnB).

TÁCITO. [98] 1974, Obras menores: Diálogo dos Oradores, Vida de Agrícola, A Germânia. Lisboa: Livros Horizonte.

TAYLOR, Charles. 1997, As fontes do self. São Paulo: Edições Loyola.

THOMAS, W.I. Thomas and ZNANIECKI, Florian. 1971, A Polish peasant family. SHANIN, Teodor (ed). 1971, *Peasants and peasant societies*: selected readings. Harmondsworth: Penguin.

THOMPSON, William Irwin. [1967] 1982, *The imagination of an insurrection, Dublin, Easter 1916*: a study of an ideological movement. West Stockbridge (Mass.): The Lindisfarne Press.

TIBURI, Marcia. 2016, *Como conversar com um fascista* - reflexões sobre o cotidiano autoritário brasileiro. Rio de Janeiro: Record.

TOCQUEVILLE, Alexis de. [1856] 1964, 1979, *O antigo regime e a revolução*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

TODOROV, Tzvetan. [1982] [1993] 2003, *A conquista da América*: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes.

TODOROV, Tzvetan. [1989] 1993. *Nós e os outros*: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

TODOROV, Tzvetan. [1995] 2014, *A vida em comum*: ensaio de Antropologia geral. São Paulo: Editora Unesp.

TODOROV, Tzvetan. 1999, *El jardín imperfecto*: luces y sombras del pensamiento humanista. Barcelona, Buenos Aires, México: Paidós. (Original: 1998, *La pensée humaniste en France*. Paris: Éditions Grasset & Fasquelle).

TODOROV, Tzvetan. 2012, Os inimigos íntimos da democracia. São Paulo: Companhia das Letras.

TODOROV, Tzvetan. 2015, Insoumis - essai. Paris: Robert Laffont / Versilio.

TOIBÍN, Colm. 1996, Playboys of the GPO - *Inventing Ireland*: the literature of the modern nation. *London Review of Books*. 18 April 1996. pp. 14-6.

TOÍBÍN, Colm. 1999, The Irish Famine. London: Profile Books.

UA DUINNÍN, P. 1902, Amhráin Eoghain Ruaidh Uí Shuilleabháin. (2nd ed). Dublin.

UA DUINNÍN, P. 1902, Amhráin Sheaghain Chláraigh Mhic Dhomhanaill. Dublin.

UA DUINNÍN, P. 1906, Filidhe na Máighe. Dublin.

URIS, Leon. [ed.s/d.] 1976, *Trindade*: o romance da Irlanda. Rio de Janeiro: Editora Record.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. [2006] 2011 A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac Naify.

VOEGELIN, E. 2009, *Ordem e História. Vol. III. Platão e Aristóteles*. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola. pp. 183-5.

VOLTAIRE. François-Marie Arouet. [1759, 1771] 1991, *Cândido ou o otimismo*. São Paulo: Martins Fontes.

WALKER, Brian. 1996, *Dancing to history's tune:* history, myth and politics in Ireland. Belfast: The Institute of Irish Studies.

WALZER, Michael. 1965, *The revolution of the saints*. A study in the origins of radical politics. Cambridge: Harvard University Press.

WALZER, Michael. 1994, *Thick and thin*: moral argument at home and abroad. Notre Dame / London: University of Notre Dame Press

WEBER, Max. [1910-1914] [1924] 1974, Estruturas do poder. _____. *Ensaios de sociologia*. (org. e introd. de H. H. Gerth e C. Wright Mills). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

WEBER, Max. [1917], 1958, 1974. Parlamentarismo e governo numa Alemanha reconstruída (uma contribuição à crítica política do funcionalismo e da política partidária). _____. Ensaios de sociologia e outros escritos. São Paulo: Abril Cultural. (Coleção Os Pensadores, vol. XXXVII).

WEBER, Max. [1918] 1946, 1982, A política como vocação. _____. *Ensaios de sociologia*. (org. e introd. de H. H. Gerth e C. Wright Mills). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.

WEBER. Max. *Ensaios de sociologia e outros escritos*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural.

WEINSTEIN, Barbara. 2016, Sou ainda uma Brazilianista? *Revista Brasileira de História*, vol. 36, no 72. pp. 195-217.

WHEATCROFT, Geoffrey. 2006 The evil legacy of the Easter Rising. *The Observer* 2006-04-09. http://politics. guardian.co.uk/comment/story. Acesso 2006-04-10.

WHELAN, Kevin. 1991, Come all you staunch revisionists: towards a post-revisionist agenda for Irish history. *Irish Reporter*. Issue Two, Second Quarter 1991: *1916 and Beyond*. pp.23-6.

WHELAN, Kevin. 1992, The power of place. *The Irish Review* No. 12, Spring/Summer 1992. pp. 13-20.

WHELAN, Kevin. 2001, The colossus of Clonegal. (Entrevista a Tommy Graham). *History Ireland*. Vol. 9, No. 4, Winter 2001. pp. 42-5.

WHYTE, J.H. [1971] 1980, *Church and state in modern Ireland, 1923-1979*. Dublin: Gill and MacMillan.

WOLIN, Sheldon S. 1969, Political theory as a vocation. *The American Political Science Review*, Vol. 63, No. 4 (Dec., 1969), pp. 1062-82. http://www.jstor.org/stable/1955072.

WOLIN, Sheldon S. 2004, *Politics and vision* - continuity and innovation in Western political thought. Expanded edition. Princeton and Oxford: Princeton University Press

WOLIN, Sheldon S. [2008] 2010, *Democracy Incorporated:* managed democracy and the specter of inverted totalitarianism. Princeton and Oxford: Princeton University Press.

WOODHAM-SMITH, Cecil. [1962] 1991, *The Great Hunger: Ireland 1845-1849*. London: Penguin Books,

YATES, Frances A. [1966] 1996, The art of memory. London: Pimlico.

YEATS, William Butler. [July-October 1938] 1996, Man and the Echo. ALBRIGHT, Daniel (ed). 1996, W. B. Yeats - the poems. London: J.M. Dent (Everyman). pp.392-3.

YEATS, William Butler. (1981) [1937], A Vision. London: Papermac.

ŽIŽEK, Slavoj. 2003, *Bem vindo ao deserto do Real!*: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo Editorial.

ARTIGOS NA WIKIPEDIA

Wikipedia - 2016 Irish government formation:

https://en.wikipedia.org/wiki/2016 Irish government formation. Acesso 2017-11-24.

Wikipedia - Albert Reynolds

https://en.wikipedia.org/wiki/Albert Reynolds. Acesso 2017-11-25.

Wikipedia - Brendan Griffin:

https://en.wikipedia.org/wiki/Brendan Griffin (Kerry politician). Acesso 2017-11-20.

Wikipedia - Claude Lefort:

https://fr.wikipedia.org/wiki/Claude Lefort. Último acesso: 2017-10-09.

Wikipedia - Department of State (Ireland):

https://en.wikipedia.org/wiki/Department of State (Ireland). Acesso 2017-11-21.

Wikipedia - Four Courts:

https://en.wikipedia.org/wiki/Four Courts . Acesso 2017-11-19.

Wikipedia - GUBU:

https://en.wikipedia.org/wiki/GUBU. Acesso 2017-11-24.

Wikipedia - Iris Murdoch:

https://en.wikipedia.org/wiki/Iris Murdoch acesso 2016-07-08.

Wikipedia - Irish Boundary Commission:

https://en.wikipedia.org/wiki/Irish Boundary Commission . Acesso 2017-11-19.

Wikipedia - Irish General Election:

https://en.wikipedia.org/wiki/Irish_general_election,_2016. Último acesso 2017-11-09.

Wikipedia - Jackie Healy-Rae:

https://en.wikipedia.org/wiki/Jackie Healy-Rae. Último acesso 2017-07-31.

Wikipedia - John A. Costello:

https://en.wikipedia.org/wiki/John_A._Costello . Acesso 2017-11-21.

Wikipedia - Kerry (Dáil Éireann constituency):

https://en.wikipedia.org/wiki/Kerry_(D%C3%A1il_%C3%89ireann_constituency). Acesso 2017-09-21.

Wikipedia - Local government in the Republic of Ireland:

https://en.wikipedia.org/wiki/Local_government_in_the_Republic_of_Ireland. Acesso 2017-11-21.

Wikipedia – Michael D. Higgins:

https://en.wikipedia.org/wiki/Michael D. Higgins . Último acesso 2017-11-24.

Wikipedia – Michael Healy-Rae

https://en.wikipedia.org/wiki/Michael Healy-Rae. Último acesso: 2017-07-31.

Wikipedia - Nihil novi:

https://en.wikipedia.org/wiki/Nihil novi. Último acesso 2017-05.

Wikipedia – Poujadisme:

https://fr.wikipedia.org/wiki/Poujadisme. Último acesso 2017-10-10.

Wikipedia – Rule 21:

https://en.wikipedia.org/wiki/Rule 21. Último acesso 2017-09-14.

Wikipedia - The Censorship of Publications Board:

https://en.wikipedia.org/wiki/Censorship_of_Publications_Board_(Ireland) . Acesso 2017-11-20.

Wikipedia – Victor Kravchenko:

https://en.wikipedia.org/wiki/Victor Kravchenko (defector). Acesso 2017-10-10.

FONTES AUDIOVISUAIS

ABÚ MEDIA. 1916 Seachtar Dearmadta - The Forgotten Seven (1 - Michael Mallin; 2 - Con Colbert; 3 - John MacBride; 4 - Sean Heuston; 5 - Michael Ó Hanrahan; 6 - Willie Pearse; 7 - Ned Daly). https://www.dailymotion.com/video/x17eupt. http://old.tg4.ie/en/programmes/1916-seachtar-dearmadta/home.html.

ABÚ MEDIA. 1916 Seachtar na Cásca (1 - Thomas J. Clarke; 2 - Patrick Pearse; 3 - Thomas MacDonagh; 4 - Joseph Plunkett; 5 - Éamonn Ceannt; 6 - Seán Mac Diarmada; 7 - James Connolly).

Danny Healy Rae denies climate change. https://www.youtube.com/watch?v=oeiEO6rv97s. Acesso 2016-05-06.

HEDGES, Chris e WOLIN, Sheldon. Chris Hedges and Sheldon Wolin: Can capitalism and democracy coexist? (Full version). https://www.youtube.com/watch?v=LGc8DMHMyi8. Acesso inicial 2017-04.

James Baldwin and America's 'Racial Problem' 1969. https://www.youtube.com/watch?v=hnIjXmfTSYg. Último acesso: 2017-07-26.

LEFORT, Claude e ROSANVALLON, Pierre. 2009, Réinventer la légitimité démocratique. Radio France Culture. https://www.youtube.com/watch?v=uXrAsHuZYkE.

MORRISON, George [1961], 2007, Saoirse? DVD. Gael Linn.

Michael Collins (official trailer). https://www.youtube.com/watch?v=F1pkbe29910 . Acesso 2017-11-20.

PECK, Raul 2017. *I am not your negro* (official trailer). 2017-01-05. https://www.youtube.com/watch?v=rNUYdgIyaPM. Último acesso 2017-07-17.

RAIDIÓ TEILIFÍS ÉIREANN. 2016, 1916: the Irish Rebellion. DVD. RTE/ University of Notre Dame.

RAIDIÓ TEILIFÍS ÉIREANN Massive crowds line the streets of Dublin for 1916 parade. 2016-03-28. https://www.rte.ie/news/ireland/2016/0327/777698-easter-rising/ Acesso 2016-04

RAIDIÓ TEILIFÍS ÉIREANN Taking names from the darkness. http://www.rte.ie/special-reports/taking-names-from-darkness/. Acesso 2017-10-25.

REZENDE DE CARVALHO, Maria Alice. 2004, *Sociedade autoritária, cultura cívica e democracia*. Parte de Balanço do século XX, paradigmas do século XXI. Módulo Sociedade pós-tradicional: que sociedade é esta? (Curador Milton Lahuerta). Gravado 2004-06-08, no Espaço Cultural CPFL (Campinas - CPFL Energia). https://vimeo.com/66316758, acesso 2017-01-12.

SIMPÓSIO

Ireland's modernity. 1997-12-01, Department of Politics, University College Dublin. Com Tom Garvin, Declan Kiberd, Luke Gibbons, Angela Bourke e Attracta Ingram. (Na tese, recurso a excertos de anotações feitas da fala de Declan Kiberd).

MATERIAL ELEITORAL

1997 Leaflet from Jackie Healy-Rae, "It's Time South Kerry Had A Voice To Be Heard in Dail Eireann": https://irishelectionliterature.com/2012/06/11/1997-leaflet-from-jackie-healy-rae-its-time-south-kerry-had-a-voice-to-be-heard-in-dail-eireann/. Acesso 2017-11-25.

Canvass card of Michael Cahill: https://irishelectionliterature.com/tag/Kerry/page/4/ . Acesso 2016-01-18.

Flyer and letter from Dan McCarthy - Independent - South and West Kerry - 2014 Local Elections: https://irishelectionliterature.com/2014/04/07/flyer-and-letter-from-dan-mccarthy-independent-south-and-west-kerry-2014-local-elections/ . Acesso 2016-01-18.